

AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TERRY GOODKIND



A PEDRA DAS LÁGRIMAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Espada da Verdade
A Pedra das Lágrimas

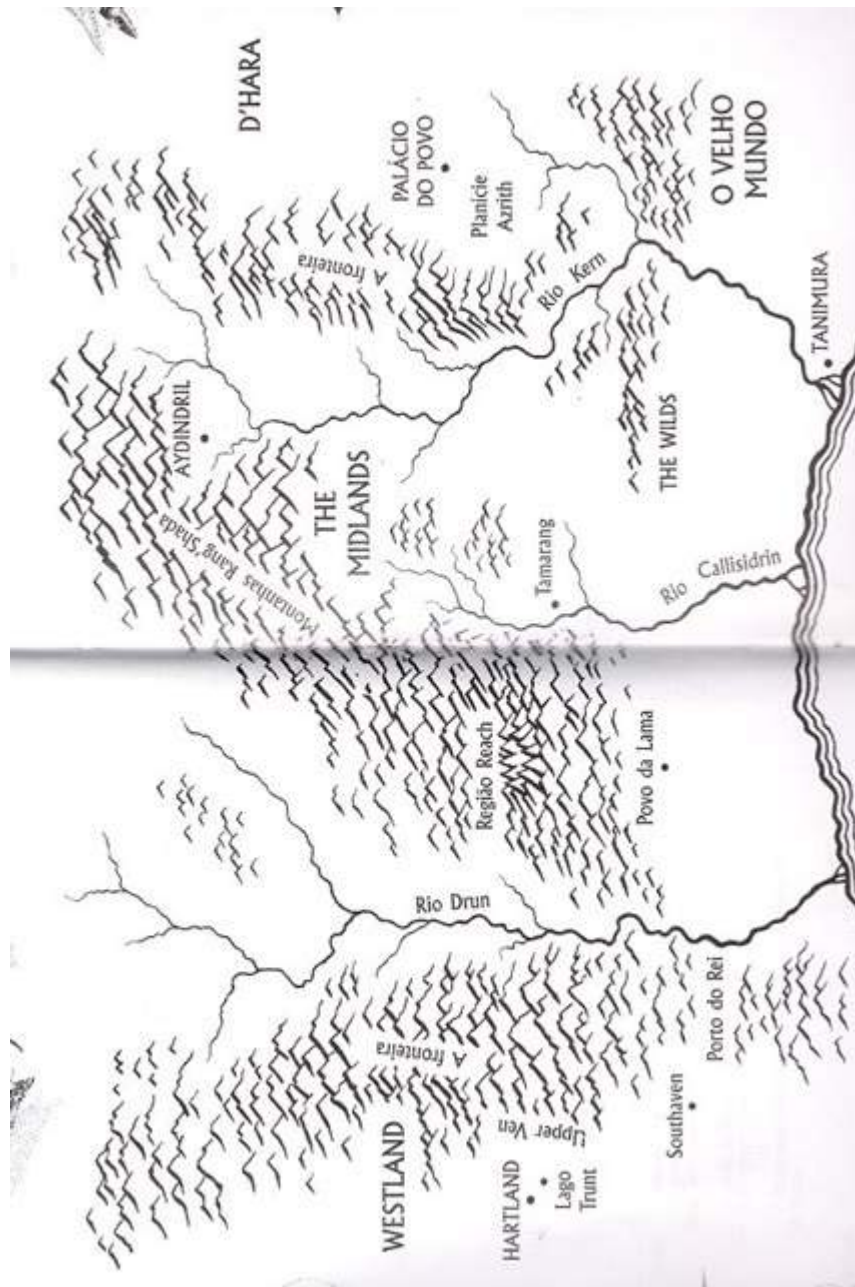


TERRY GOODKIND

Título original:
Stone of Tears

Tradução não oficial:
Eduardo A. Chagas Jr (edujr@ibest.com.br)

Formatação e capa:
LeYtor



“A coisa escura levantou, garras arranhando o topo do pequeno muro. Soltou uma risada baixa que fez calafrios subirem pelos braços dela até a base do pescoço. Kahlan congelou. A respiração presa em sua garganta. A forma era um vazio negro na pálida luz da lua...”

CAPÍTULO 1



Rachel apertou sua boneca com força contra o peito e olhou para a coisa escura observando-a do meio dos arbustos. Pelo menos achou que ela estava observando. Era difícil dizer porque os olhos eram tão escuros quanto o resto dela, a não ser quando a luz incidia diretamente sobre eles; então eles brilhavam com uma cor dourada.

Já tinha visto animais na floresta antes, coelhos, racuns, esquilos e coisas desse tipo, mas esse era maior. Era tão grande quanto ela, talvez maior. Ursos eram escuros. Ela ficou imaginando se não poderia ser um urso.

Mas aqui não era exatamente a floresta, uma vez que ficava do lado de dentro dos muros. Ela nunca esteve em uma floresta interna. Ficou imaginando se uma floresta interna tinha animais como as florestas do lado de fora.

Poderia ter ficado com medo se Chase não estivesse ali com ela. Sabia que estava segura com ele. Chase era o homem mais corajoso que já tinha visto. Mesmo assim, ela estava um pouquinho assustada. Chase havia dito que ela era a garotinha mais valente que ele conhecia. Não queria que ele pensasse que ela estava com medo de algum coelho grande.

Talvez fosse apenas isso, algum coelho grande, sentado em uma pedra ou alguma coisa assim. Mas coelhos tinham orelhas compridas. Talvez realmente fosse um urso. Ela enfiou o pé da boneca na boca.

Ela virou e olhou para o caminho, além das flores bonitas e paredes baixas cobertas de videiras, e além da grama, para onde Chase estava conversando com Zedd, o mago. Eles estavam perto de uma mesa de pedra, olhando para as caixas, e falando sobre o que fazer com elas. Rachel estava feliz que aquilo significasse que

Darken Rahl não tinha capturado eles e que ele nunca mais seria capaz de machucar ninguém de novo. Rachel virou para ter certeza que a coisa escura não estava chegando mais perto dela. A coisa desapareceu. Ela olhou ao redor, mas não a viu em lugar algum.

“Sara, para onde você acha que ela poderia ter ido?” ela sussurrou.

Sua boneca não tinha uma resposta. Rachel mordeu o pé de Sara e começou a andar na direção de Chase. Seus pés queriam correr, mas não queria que Chase pensasse que ela não era valente. Ele falou que ela era valente, e aquilo a fez sentir-se bem. Ela olhou por cima do ombro enquanto caminhava, checando, mas não viu a coisa escura em parte alguma. Talvez morasse em um buraco, e tivesse entrado lá. Os pés dela ainda queriam correr, mas ela não deixou.

Quando Rachel chegou até Chase, ela se encostou e abraçou a perna dele. Ele e Zedd estavam conversando, e ela sabia que era falta de educação interromper, então ela chupou o pé de Sara enquanto esperava.

“Então o que poderia acontecer se você simplesmente fechasse a tampa?” Chase estava perguntando ao mago.

“Qualquer coisa!” Zedd jogou seus braços magros para o ar. Seu cabelo branco ondulado estava penteado mas ainda saltava em alguns lugares. “Como eu poderia saber ? Só porque sei o que as Caixas de Orden são não significa que sei o que fazer com elas agora que Darken Rahl abriu uma. A Magia de Orden o matou por abri-la. Poderia ter destruído o mundo. Poderia me matar por fechá-la. Ou pior.”

Chase suspirou. “Bem, não podemos simplesmente deixá-las por aí, podemos? Não temos que fazer alguma coisa?”

O Mago franziu o rosto e olhou para as caixas enquanto estava pensando. Depois de mais de um minuto quieta, Rachel puxou a manga de Chase. Ele olhou para ela.

“Chase...”

“Chase? Eu te falei as regras.” Ele colocou as mãos nos quadris e virou o rosto para cima, tentando fazer parecer que isso era ruim, até que ela deu um sorriso e abraçou a perna dele com mais força.

“Você é minha filha por algumas poucas semanas, e já está quebrando as regras. Eu falei para você, tem que me chamar *Pai*. Não dou permissão para que nenhuma de minhas crianças me chamem de Chase. Entendeu?”

Rachel deu uma risada e concordou balançando a cabeça. “Sim, Ch... Pai.”

Ele girou os olhos e balançou a cabeça. Então esfregou o cabelo dela. “O que foi?”

“Tem algum animal grande nas árvores. Acho que pode ser um urso, ou pior. Acho que você pode precisar tirar sua espada e ir dar uma olhada.”

Ele riu. “Um urso! Aqui dentro?” Ele riu de novo. “Esse é um jardim interno, Rachel. Não tem ursos em um jardim interno. Talvez fosse uma sombra. A luz faz coisas estranhas aqui dentro.”

Ela balançou a cabeça. “Acho que não, Ch... Pai. Ele estava me olhando.”

Ele sorriu e esfregou o cabelo dela de novo e colocou sua grande mão no lado do rosto dela e encostou a cabeça dela na perna dele. “Então apenas fique perto de mim e ele não vai te incomodar.”

Ela chupou o pé de Sara e balançou a cabeça enquanto ele a segurava encostada em sua perna. Ela não ficou tão assustada agora que a mão dele estava sobre ela, e então olhou para as árvores novamente.

A coisa escura, com a maior parte escondida por uma das paredes cobertas de videiras, correu para mais perto. Rachel mordeu o pé de Sara com mais força e soltou um pequeno choramingo quando olhou para Chase. Ele estava apontando para as caixas.

“E o que exatamente é aquela coisa, aquela pedra, ou jóia ou seja lá o que for? Ela saiu da caixa?”

Zedd assentiu. “Saiu. Mas não quero dizer o que acho que é até ter certeza. Pelo menos não em voz alta.”

“Pai,” Rachel gemeu, “está chegando mais perto.”

Ele olhou para baixo. “Bom. Apenas fique de olho nela para mim.” Ele olhou de volta para o mago. “O que quer dizer com *você*”

não quer dizer? Acha que tem alguma coisa a ver com o que você falou sobre a possibilidade do véu do submundo ser rasgado?"

Zedd franziu o rosto enquanto coçava seu queixo liso com seus dedos magros e olhou para a jóia negra colocada diante da caixa aberta. "É disso que eu tenho medo."

Rachel olhou para a parede para ver onde a coisa escura estava. Ela deu um pulo quando viu as mãos se esticando pela borda da parede. Ela estava muito mais perto.

Mas elas não eram mãos. Eram garras. Longas garras curvadas.

Ela olhou para Chase, para todas as armas dele, só para ter certeza que tinha o bastante. Ele tinha facas, um monte de facas, ao redor da cintura, uma espada amarrada sobre a costa do ombro, um grande machado preso ao cinto, uma outras coisas pequenas que pareciam clavas, com pontas afiadas saindo delas, penduradas em seu cinto também, e uma besta em sua costa. Ela esperava que isso fosse suficiente.

Todas aquelas armas assustavam outros homens, mas elas não pareciam estar assustando a coisa escura que estava chegando mais perto. E o mago não tinha nem ao menos uma faca. Ele só vestia aquele manto liso cor de canela. E ele era tão magricela. Não era grande como Chase. Mas os magos tinham magia. Talvez a magia dele pudesse assustar a coisa escura.

Magia! Rachel lembrou do acendedor de fogo mágico que o Mago Giller deu a ela. Ela procurou em seu bolso e colocou os dedos ao redor dele. Talvez Chase fosse precisar da ajuda dela. Não deixaria aquela coisa machucar o seu novo pai. Ela seria valente.

"É perigosa?"

Zedd olhou para Chase de baixo de suas sobrancelhas. "Se isso é o que eu acho que é, e caísse em mãos erradas, *perigosa* não serviria nem para começar a descrevê-la."

"Então talvez fosse melhor jogá-la em um buraco bem fundo, ou destruí-la."

"Não podemos. Podemos precisar dela."

"E se escondêssemos?"

É nisso que estou pensando. O problema é onde. Temos coisas para levar em consideração. Preciso levar Adie até Aydindril e estudar as profecias com ela antes de saber com certeza o que fazer com a pedra, e o que fazer a respeito das caixas.”

“E até lá? Até você saber com certeza?”

Rachel olhou para a coisa escura. Estava mais perto, tão perto quanto a parede chegava deles. Com suas garras sobre a parte de cima da parede, ela ergueu a cabeça e olhou direto nos olhos dela.

A coisa sorriu para ela, mostrando compridos dentes afiados. A respiração dela ficou presa na garganta. Os ombros da coisa tremeram. A coisa estava rindo. Os olhos de Rachel estavam tão arregalados quanto poderiam ficar. Ela podia escutar as batidas do seu coração fazendo um som pulsante nos ouvidos.

“Pai...” ela gemeu com uma voz baixa.

Ele não olhou para baixo. Apenas fez sinal para ela fazer silêncio. A coisa colocou sua perna por cima da parede e desceu na frente, ainda olhando para ela, ainda rindo. Seus olhos brilhantes olharam para Chase e Zedd. Ela sibilou e então riu quando se agachou.

Rachel puxou a calça de Chase e fez um esforço para que a sua voz funcionasse. “Pai... está vindo.”

“Está certo Rachel. Zedd, eu ainda não sei...”

Com um urro a coisa escura disparou para o espaço aberto. Ela correu como um raio, apenas um borrão negro. Rachel gritou. Chase virou justamente quando ela bateu nele. Garras cortaram através do ar. Chase caiu no chão enquanto a coisa saltou sobre Zedd.

Os braços do mago se agitaram. Raios de luz voaram dos dedos de Zedd, desviou a coisa escura e levantando poeira ou pedra onde eles acertaram. A coisa derrubou Zedd.

Rindo com um alto rugido, ela pulou em Chase enquanto ele estava puxando seu machado do cinto. Rachel gritou de novo quando as garras rasgaram Chase. A coisa era mais rápida do que qualquer animal que ela já tinha visto. Suas garras eram apenas um borrão.

Rachel estava apavorada por Chase estar sendo ferido. Ela arrancou o machado da mão de Chase, soltando aquela risada

horrível. Estava machucando Chase. Rachel tinha o acendedor de fogo na mão.

Ela pulou para frente e colocou o acendedor de fogo na costa dela. Ela gritou as palavras mágicas para fazer o acendedor de fogo funcionar. "Acenda para mim!"

A coisa escura ardeu em chamas. Emitiu um grito terrível quando virou na direção dela. Sua boca escancarou, dentes batendo enquanto as chamas ardiam por cima dela. Ela riu de novo, mas não como pessoas faziam quando pensavam que as coisas eram engraçadas. Sua risada fez a pele dela formigar. A coisa se agachou e começou a andar na direção dela, ainda pegando fogo, enquanto Rachel recuava.

Chase soltou um grunhido quando jogou uma das clavas com os espinhos afiados que saíam dela. A clava bateu nas costas da coisa, e ficou presa no ombro. Ela olhou para Chase e riu quando se esticou para trás e arrancou a clava das costas. Ela correu novamente para cima de Chase.

Zedd estava de pé. Fogo voou de seus dedos, cobrindo a coisa com muito mais chamas. Ela riu para Zedd. O fogo todo apagou. Fumaça subiu dela. Agora o corpo dela parecia estar do mesmo jeito que estava antes de ser queimada. Na verdade, ela parecera como se estivesse escura por ter sido queimada antes mesmo de Rachel ter colocado fogo.

Chase tinha levantado, e havia sangue nele. Rachel derramou lágrimas ao ver isso. Chase tirou a besta de sua costa e num piscar de olhos lançou uma flecha. Ela ficou presa no peito da coisa. Com aquela risada horrível ela arrancou a flecha.

Chase jogou para o lado a besta e puxou a espada por cima do ombro, então correu na direção da coisa, pulando por cima dela enquanto enfiava a espada. A coisa se moveu tão rápido que Chase errou. Zedd fez algo que lançou a coisa rodopiando pela grama. Chase colocou-se na frente de Rachel, empurrando-a para trás com uma das mãos enquanto segurava a espada na outra.

A coisa levantou-se novamente, olhando para cada um deles.

"Andem!" Zedd gritou para eles. "Não corram! Não fiquem parados!"

Chase segurou o pulso de Rachel e começou a andar para trás. Zedd começou a andar para trás também. A coisa escura parou de rir e olhou para cada um deles, piscando. Chase estava respirando pesadamente. Sua camisa de cota de malha e o manto escuro de couro debaixo dela tinham grandes rasgões das garras. Rachel derramou mais lágrimas por causa de todo aquele sangue nele. Sangue estava escorrendo por seu braço descendo até sua mão. Ela não queria que ele se machucasse. Amava ele demais. Segurou Sara e o acendedor de fogo com mais força.

Zedd parou. "Continuem andando," ele falou para Chase.

A coisa escura olhou para Zedd parado ali, e um grande sorriso com dentes afiados surgiu em seu rosto outra vez. Ela soltou aquela risada horrível e arranhou o chão quando correu na direção do mago.

Zedd levantou as mãos. Poeira e vidro voaram no ar em volta da coisa. Ela foi erguida no ar. Raios azuis golpearam-na de todos os lados antes que atingisse o chão. Ela uivou rindo quando bateu no chão, fumaçando.

Mais alguma coisa aconteceu, Rachel não conseguiria dizer o que, e a coisa parou com os braços esticados, como se estivesse tentando correr, mas seus pés estivessem presos. Ela rugiu e se contorceu, mas não conseguia se mover. Os braços de Zedd giraram em círculos e ele os esticou mais uma vez. O chão estremeceu como que atingido por um trovão e houve brilhos de luz acertando a coisa. Ela riu e houve um som de algo quebrando, como o de madeira partindo, e a coisa foi na direção de Zedd.

Zedd começou a andar de novo. A coisa parou e franziu o rosto. Então o mago parou e esticou os braços novamente. Uma terrível bola de fogo disparou pelo ar na direção da coisa quando ela correu até Zedd. A bola de fogo soltou um barulho alto e ficou maior enquanto voava na direção da coisa escura.

O fogo bateu com tanta força que fez o chão tremer. As luzes azul e amarela foram tão brilhantes que Rachel teve que virar os olhos enquanto recuava. A bola de fogo ficou naquele mesmo lugar enquanto queimava e soltava um rugido alto.

Fumegando, a coisa escura saiu do meio do fogo, seus ombros balançando enquanto ria. As chamas se transformaram em pequenas centelhas que voaram pelo ar.

“Danação,” disse o mago enquanto começava a caminhar para trás.

Rachel não sabia o que significava “danação”, mas Chase tinha falado para Zedd não dizer isso na frente de pequenos ouvidos. Ela também não sabia o que isso queria dizer. O cabelo branco ondulante do mago estava todo desarrumado e esticado.

Rachel e Chase estavam no caminho através das árvores, quase na porta. Zedd estava recuando na direção deles enquanto a coisa escura observava. Zedd parou e a coisa começou a se aproximar de novo.

Paredes de fogo se ergueram diante dela. O ar ficou com cheiro de fumaça e rugiu fazendo muito barulho. A coisa andou através da parede de fogo. Zedd fez outra, e ela passou por essa também.

Quando o mago começou a andar novamente, ela parou perto de uma pequena parede coberta de videiras, observando. Vinhas grossas saltaram da parede e repentinamente ficaram mais longas. Elas se enrolaram na coisa escura enquanto ela estava parada ali, envolvendo-a completamente. Zedd estava quase chegando junto deles.

“Para onde estamos indo?” Chase perguntou a ele.

Zedd virou. Ele parecia cansado. “Vamos ver se conseguimos trancá-la aqui dentro.”

A coisa rasgou as vinhas quando elas a puxaram para o chão, e estava abrindo caminho por elas com suas garras afiadas quando os três passaram pelo grande portal. Chase e Zedd, cada um deles pegou uma das portas de metal douradas e fechou.

Do outro lado surgiu um rugido, e então um barulho alto. Um grande amassado projetou-se na porta, lançando Zedd ao chão. Chase colocou uma das mãos em cada porta e jogou todo o seu peso contra elas quando a coisa golpeou do outro lado.

Chiados horríveis ecoaram através do metal enquanto a coisa arranhava a porta. Chase estava coberto de suor e sangue. Zedd

levantou-se com um salto e ajudou Chase a manter as portas fechadas.

Uma garra cravou-se entre as duas portas e desceu deslizando; então outra veio por baixo. Através da porta, Rachel podia ouvir a coisa rindo. Chase rosnou enquanto empurrava. As portas rangeram.

O mago se afastou e esticou os braços, com os dedos erguidos, como se estivesse fazendo pressão contra o ar. O rangido parou. A coisa rugiu mais alto.

Zedd agarrou a manga de Chase. "Caíam fora daqui."

Chase se afastou das portas. "Isso vai segurá-la?"

"Acho que não. Se ela for na sua direção, ande. Correr ou ficar parado atrai sua atenção. Diga isso a qualquer um que encontrar."

"Zedd, o que é aquela coisa?"

Houve mais outro barulho alto e outro amassado saltou na porta. As pontas de garras atravessaram o metal e fizeram rasgões na porta. O barulho que isso causou fez com que Rachel sentisse dor nos ouvidos.

"Vão! Agora!"

Chase agarrou-a com um braço pela cintura e começou a correr descendo o corredor.

CAPÍTULO 2



Zedd remexeu distraidamente a pedra no tecido áspero de sua manta, onde ela estava aninhada em um bolso interno, enquanto olhava as garras sendo recolhidas através dos rasgões no metal. Ele virou e observou o guarda da fronteira descer o corredor carregando Rachel. Eles não tinham se afastados mais do que uns doze passos quando uma das portas voou arrancada de suas dobradiças com um terrível buum. As fortes dobradiças despedaçaram como se fossem feitas de argila.

Zedd mergulhou para sair do caminho, a porta de ferro coberta por uma camada dourada passou raspando por ele enquanto voou pelo corredor e bateu na parede polida de granito, lançando pedaços de metal e pó de pedras pelo corredor. Zedd rolou ficando de pé e correu.

A criatura saltou para fora do Jardim da Vida e entrou no corredor. Seu corpo não era mais do que um esqueleto coberto com uma fina camada de enegrecida de pele enrugada. Como um cadáver que tivesse secado sob o sol por anos.

Ossos brancos emergiam em lugares onde a pele, pendurada em tiras aqui e ali, tinha sido despedaçadas na luta, mas isso não pareceu incomodar a criatura; era uma coisa do submundo, e não era afetada por todas as fragilidades da vida. Não havia sangue.

Se ela pudesse ser ferida o bastante, ou feita em pedaços, talvez pudesse ser detida, mas era terrivelmente rápida. E magia certamente não estava lhe causando muitos danos. Era uma criatura da Magia Subtrativa; Magia Aditiva estava apenas sendo absorvida por ela como uma esponja.

Talvez ela pudesse ser ferida com Magia Subtrativa, mas Zedd não tinha nada daquela parte do dom. Nenhum mago nos últimos

milhares de anos tivera. Alguns poderiam ter possuído a vocação para a Subtrativa - Darken Rahl era prova disso - mas ninguém tivera o dom para isso.

Não, sua magia não conseguiria parar essa coisa. Pelo menos, o mago pensou, não diretamente. Mas talvez indiretamente?

Zedd caminhou recuando enquanto a coisa observava com olhos confusos. Agora, ele pensou, enquanto ela está parada.

Concentrando-se, Zedd reuniu o ar, tornando-o denso, denso o bastante para erguer a pesada porta. Ele estava cansado; isso exigiu esforço. Ele empurrou o ar com um gemido mental, batendo a porta nas costas da criatura. Poeira subiu e espalhou pelo corredor quando a porta esmagou a criatura contra o chão. Ela rugiu. Zedd ficou imaginando se ela estava rugindo de dor, ou raiva.

A porta levantou, lascas de pedras caindo. A criatura segurou a pesada porta levantada com uma das patas enquanto ria, um tentáculo com o qual a videira havia tentado estrangular a coisa ainda estava enrolado em seu pescoço.

"Danação," Zedd resmungou. "Nada é fácil."

Zedd continuou recuando. A porta bateu no chão quando a criatura saiu debaixo dela e o seguiu. Ela estava começando a aprender que as pessoas que caminhavam eram as mesmas que corria e ficavam paradas.

Esse era um mundo estranho para ela. Zedd tinha que pensar em alguma coisa antes que ela aprendesse mais. Se ao menos ele não estivesse tão cansado.

Chase desceu uma larga escadaria de mármore. Zedd o seguiu caminhando rapidamente. Se ele tivesse certeza de que não era atrás de Chase ou Rachel que a criatura estava, ele teria seguido por um caminho diferente, levando para longe deles o perigo, mas ela poderia simplesmente ir atrás deles, e ele não queria deixar que Chase lutasse sozinho.

Um homem e uma mulher, os dois com mantos brancos, estavam subindo as escadas. Chase tentou fazer eles darem meia volta mas eles passaram por ele.

"Andem!" Zedd gritou para eles. "Não corram! Voltem ou serão mortos!" Confusos, eles franziram o rosto para ele.

A coisa estava se arrastando na direção dos degraus, suas garras estalando e arranhando o chão de mármore. Zedd podia ouvir ela ofegando com aquela inquietante risada.

As duas pessoas viram a coisa escura e congelaram, seus olhos azuis ficando arregalados. Zedd os empurrou, virando-os, e os forçou a voltar descendo as escadas. Subitamente os dois começaram a correr, pulando três degraus de cada vez, os cabelos loiros e os mantos brancos voando.

“Não corram!” Zedd e Chase gritaram ao mesmo tempo.

A criatura levantou suas patas com garras, atraída pelo movimento repentino. Ela soltou uma risada e correu para os degraus. Zedd lançou um punho de ar, golpeando-a no peito, fazendo com que recuasse um passo. Ela mal notou. Olhou por cima da grade entalhada em pedra no topo e viu as pessoas correndo.

Com um gorgolejo, ela agarrou a grade e saltou por cima, caindo cerca de vinte pés em cima das duas figuras com mantos brancos que corriam. Chase colocou o rosto de Rachel no ombro imediatamente e reverteu a direção, começando a subir as escadas. Ele sabia o que aconteceria, e não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Zedd esperou no topo das escadas. “Rápido, enquanto ela está distraída.”

Houve uma luta muito breve, e os gritos também foram muito breves. Uma risada alta ecoou na escadaria. Sangue ficou espalhado em um arco sobre o mármore branco, quase chegando ao local onde Chase estava subindo os degraus. Rachel escondeu o rosto e abraçou o pescoço dele com força, mas não fez som algum.

Zedd estava impressionado com ela. Nunca tinha visto alguém tão jovem usar sua cabeça tão bem quanto ela. Ela era esperta. Esperta e corajosa. Ele entendeu porque Giller tinha usado ela para tentar manter a última Caixa de Orden longe de Darken Rahl. O costume dos magos, Zedd pensou - usar pessoas para fazer o que deve ser feito.

Os três correram pelo corredor até que a criatura apareceu no topo da escadaria; então eles reduziram a velocidade passando a caminhar para trás. A coisa riu com dentes vermelhos de sangue,

seus olhos negros momentaneamente refletindo dourados sob a luz do sol que entrava por uma alta janela estreita. Ela se encolheu com a luz, lambeu o sangue de suas garras, e então seguiu atrás deles. Eles desceram a escadaria seguinte. A criatura seguiu, às vezes parando confusa por um momento, parecendo não ter certeza se era atrás deles que ela estava.

Chase segurava Rachel em um braço e uma espada em sua outra mão. Zedd ficava entre eles e a criatura enquanto recuavam em um pequeno corredor. A criatura escalou as paredes, arranhando a pedra lisa, e correu pelas tapeçarias, rasgando-as com suas garras enquanto seguia os três.

Mesas polidas de nogueira, cada com três pernas ornadas com formas de vinhas e pontilhadas de flores douradas, caíram pelo corredor quando a criatura as empurrou com uma garra, rindo com o som de vasos de vidro despedaçando no chão de pedra. Água e flores espalharam-se sobre tapetes. A criatura saltou e rasgou um caríssimo tapete Tanimurano azul e amarelo enquanto rugia e ria e então subiu pela parede até o teto.

Ela avançou pelo teto como uma aranha, cabeça pendurada, observando-os.

“Como ela pode fazer aquilo?” Chase sussurrou.

Zedd apenas balançou a cabeça enquanto eles recuavam até os imensos corredores centrais do Palácio do Povo. Aqui o teto tinha cerca de cinquenta pés de altura, uma coleção de quatro arcos erguidos por uma coluna no canto de cada arco.

Subitamente a coisa correu pelo teto do pequeno corredor e saltou neles.

Zedd soltou um jato de fogo enquanto a criatura voou pelo ar. Ele errou, o fogo ardeu na parede de granito, deixando um rastro de fuligem negra antes que desaparecesse.

Pela primeira vez, Chase não errou. Com um sólido golpe a sua espada cortou um dos braços da criatura. Pela primeira vez a criatura rugiu de dor. Ela rolou pelo chão e correu para trás de uma coluna de mármore com listras verdes. O braço cortado ficou no chão de pedra, agitando-se e tremendo.

Soldados vieram correndo pelo vasto corredor, suas espadas nas mãos, o barulho de suas armaduras e armas reverberando pelos tetos abobadados lá em cima, as batidas de suas botas ecoando nos azulejos em volta da piscina da devoção enquanto eles passavam por ela. Soldados D'Haran eram um grupo feroz, e eles pareciam muito mais ao descobrir que havia um invasor no Palácio.

Zedd sentiu um estranho tipo de apreensão ao vê-los. Poucos dias atrás eles o teriam arrastado até o antigo Mestre Rahl para ser morto; agora eles eram os leais seguidores do novo Mestre Rahl, o neto de Zedd, Richard.

Quando Zedd viu os soldados chegando, percebeu que os corredores estavam cheios de pessoas. A devoção da tarde acabara de terminar. Mesmo se a criatura tivesse apenas um braço, isso poderia ser um banho de sangue. A coisa poderia matar uma dúzia deles antes mesmo que tivessem pensado em correr. E então ela mataria mais quando corresse. Eles tinham que levar todas essas pessoas para longe.

Os soldados correram em volta do mago, olhos firmes, procurando, preparados, buscando a causa da comoção. Zedd virou para o comandante, um homem musculoso vestindo couro e uma armadura com a letra R em alto relevo: o símbolo da Casa de Rahl. As cicatrizes do seu posto estavam gravadas nos braços cobertos apenas com grosseiras mangas de malha. Olhos azuis intensos olharam com firmeza sob o seu elmo cintilante.

“O que está acontecendo aqui?” ele perguntou. “O que é isso?”

“Tire essas pessoas desse corredor. Todas estão em perigo.”

O rosto do comandante ficou vermelho por trás das placas laterais de seu elmo. “Sou um soldado, não um maldito pastor!”

Zedd cerrou os dentes. “E a primeira obrigação de um soldado é proteger as pessoas. Se não tirar as pessoas desses corredor, Comandante, vou providenciar para que você vire um pastor!”

O punho do comandante bateu no peito em saudação, sua voz subitamente controlada ao perceber com quem estava discutindo. “Ao seu comando, Mago Zorander.” Ao invés disso ele virou sua raiva contra seus homens. “levem todos de volta! Agora mesmo! Espalhem-se! Varram o corredor!”

Os soldados saíram rapidamente, empurrando uma onda de pessoas assustadas na frente deles. Zedd torceu para que eles conseguissem tirar todos, e então talvez, com a ajuda dos soldados, eles poderiam dominar a criatura e rasgá-la em pedaços.

Mas então a criatura lançou-se de trás da coluna, uma faixa negra disparando pelo chão. Ela se jogou em um grupo de observadores que os soldados estavam conduzindo de volta, derrubando muitos, uns por cima dos outros. Gritos, lamentos e a risada horrível da coisa irrompeu pelo corredor.

Soldados caíram sobre a criatura e foram lançados de volta, ensangüentados, enquanto mais vinham ajudá-los. No amontoado de pessoas em pânico, os soldados não conseguiam balançar uma espada ou machado enquanto a criatura abria um caminho sangrento através dos corpos. Ela não tinha maior cuidado com os soldados armados do que tinha com inocentes desarmados. Simplesmente fazia em pedaços qualquer um que chegasse perto o bastante.

“Danação!” Zedd praguejou. Ele virou para Chase. “Fique perto de mim. Temos que afastá-la.” Ele olhou ao redor.

“Bem ali. A piscina da devoção.”

Eles correram até a piscina quadrada que estava situada sob uma abertura no teto. A luz do sol descia, refletindo em padrões ondulantes na coluna em um dos seus cantos. Um sino estava em cima de uma pedra escura que repousava dentro da água. Peixes cor de laranja deslizavam através da piscina rasa, sem mostrar preocupação alguma com a confusão.

Zedd estava formulando uma idéia. Certamente o fogo não incomodava a criatura; o máximo que ela fazia quando era atingida por ele era soltar um pouco de vapor. Ele ignorou os sons da dor e morte e esticou as mãos sobre a água, reunindo seu calor, preparando-a para o que faria. Ele podia ver ondas cintilantes de calor logo acima da superfície da água. Ele manteve o calor que aumentava naquele ponto, logo abaixo da ignição.

“Quando ela vier,” ele falou para Chase, “temos que colocá-la na água.”

Chase assentiu. Zedd estava feliz que o guarda da fronteira não era alguém que sempre precisava ter as coisas explicadas, e que Chase sabia que não deveria desperdiçar preciosos segundos com perguntas. Chase colocou Rachel no chão. "Fique atrás de mim," ele falou para ela.

Ela, também, não fez perguntas. Balançou a cabeça e abraçou sua boneca. Zedd viu que ela estava segurando o acendedor de fogo na outra mão. Corajosa com certeza. Ele virou para o barulho pelo corredor, levantou uma das mãos, e mandou línguas de fogo na coisa escura descontrolada que estava lá no meio. Os soldados recuaram.

A coisa se esticou, virando, deixando cair um braço que estava em seus dentes quando o fez. Vapor subiu no lugar onde as chamas atingiram. Ela soltou uma risada sibilante para o mago parado sob a luz do sol perto da piscina.

Os soldados estavam empurrando as pessoas restantes descendo os corredores, embora eles não precisassem mais de encorajamento. Zedd lançou bolas de fogo pelo chão. A criatura as desviou tirando-as do caminho e elas se apagaram. Zedd sabia que o fogo não a machucaria; ele só queria chamar sua atenção. Funcionou.

"Não esqueça," ele falou para Chase, "dentro da água."

"Você não se importa se ela estiver morta quando entrar, não é?"

"Melhor ainda."

Com um barulho de garras contra pedra, a criatura correu pelo corredor. As pontas das garras arranharam o chão, jogando pequenos jatos de poeira para trás junto com fragmentos e lascas. Zedd golpeou-a com ar compactado, esmagando-a, atraindo sua atenção, tentando atrasá-la o bastante para que eles pudessem lidar com ela. A cada vez ela ficava de pé mais rápido, seguindo em frente. Chase preparou-se agachando um pouco, agora segurando uma maça com seis lâminas em seu punho ao invés da espada.

A coisa deu um salto impossível pelo ar na direção do mago, aterrissando sobre ele com um rugido antes que ele tivesse chance de se esquivar. Quando foi lançado ao chão, Zedd fez teias de ar

para manter as garras afastadas. Dentes batiam violentamente perto de sua garganta.

Homem e fera rolaram uma vez, e quando a criatura ficou por cima, Chase girou a maça mirando sua cabeça, aplicando um rápido golpe. Ela virou para ele e ele atingiu-a no peito, derrubando o mago. Zedd conseguiu ouvir ossos estalando com o golpe. A criatura mal pareceu notar.

O único braço dela girou, puxando as pernas de Chase debaixo dele, e então saltou sobre o peito dele quando ele bateu no chão soltando um grunhido. Zedd lutou para se recompor. Rachel encostou o acendedor de fogo nas costas da criatura, e as chamas explodiram. Zedd empurrou-a com ar, tentando jogá-la na água, mas a criatura agarrou em Chase de modo persistente. Olhos negros furiosos observaram por trás do fogo. Os lábios se curvaram em um rosnado.

Chase levantou a maça com as duas mãos, atingindo a poderosa criatura nas costas. O impacto jogou a coisa dentro da piscina. Vapor sibilante subiu com o contato das chamas com a água.

Instantaneamente, Zedd incendiou o ar acima da água, usando o calor na água para alimentá-lo. O fogo do mago sugou todo o calor da água. A piscina toda congelou virando um sólido bloco de gelo. A criatura estava presa. O fogo apagou quando o calor que o alimentava acabou. Houve uma súbita calma, exceto pelos lamentos dos feridos pelo corredor.

Rachel caiu sobre Chase, sua voz sufocada por lágrimas. "Chase, Chase, você está bem?"

Ele colocou um braço em volta dela enquanto levantava, ficando em uma posição sentado. "Eu estou, pequenina."

Zedd podia ver que aquilo não era totalmente verdade. "Chase, vá sentar naquele banco. Tenho que ajudar aquelas pessoas, e não quero que olhos pequenos vejam o que está logo ali."

Ele sabia que esse recurso funcionaria melhor do que dizer a Chase que não queria ele andando por aí com seus ferimentos até que eles pudessem ser verificados. Mesmo assim, Zedd ficou um pouco surpreso quando Chase concordou sem protestar.

O comandante e oito de seus homens levantaram depressa. Alguns deles estavam ensangüentados; um tinha cortes fito por garras através do metal de sua armadura. Todos eles lançaram um olhar para a criatura congelada na piscina. "Belo trabalho, Mago Zorander." O comandante balançou a cabeça levemente e sorriu mostrando admiração. Tem alguns ali que ainda estão vivos. Tem alguma coisa que você possa fazer por eles?"

"Vou dar uma olhada. Comandante, certifique-se de que seus homens usem seus machados para fazer aquela coisa em pedaços antes que ela descubra como derreter o gelo."

Os olhos dele ficaram arregalados. "Quer dizer que ela ainda está viva?"

Zedd grunhiu para indicar que era isso mesmo. "Quanto mais cedo melhor, Comandante."

Os homens já estavam seus machados soltos dos cintos, esperando pela ordem. O comandante balançou a cabeça e eles correram para cima do gelo, balançando antes de conseguirem parar.

Ele baixou a voz. "Mago Zorander, o que é aquela coisa?"

Zedd olhou do rosto do homem para Chase, que estava escutando atentamente. Ele encarou o olhar do guarda da fronteira. "É um screeling." Chase não mostrou qualquer reação; o guarda da fronteira raramente mostrava. Zedd virou novamente para o comandante.

Os olhos azuis do grande homem estavam arregalados. "Os screelings estão soltos?" ele sussurrou. "Mago Zorander... não pode estar falando sério."

Zedd estudou o rosto do homem vendo cicatrizes que não tinha visto antes, cicatrizes obtidas em batalhas até a morte. Para um soldado D'Haran raramente havia outro tipo de batalha. Esse era um homem que não estava acostumado a mostrar o medo em seus olhos. Mesmo diante da morte.

Zedd suspirou. Ele não tinha dormido por muitos dias. Depois que os quads tentaram capturar Kahlan, e ela pensou que Richard estava morto, ela havia entrado no Con Dar, a Raiva de Sangue, matando os atacantes. Ela, Chase, e Zedd caminharam durante três

dias e noites para chegar ao Palácio, para que ela conseguisse a vingança.

Não havia como parar uma Confessora envolvida no Con Dar, aquela antiga mistura de magias. Então eles foram capturados, e descobriram que Richard estava vivo. Isso aconteceu ontem, mas parecia fazer uma eternidade.

Darken Rahl trabalho a noite toda desenhando a Magia de Orden das três caixas enquanto eles observaram, impotentes, e só esta manhã ele foi morto por abrir a caixa errada. Morto pela Primeira Regra do Mago, usada por Richard. Prova de que Richard tinha o dom, mesmo que Richard não acreditasse, pois apenas um que tivesse o dom poderia usar a Primeira Regra do Mago em um mago com o talento de Darken Rahl.

Zedd olhou momentaneamente para os homens atacando o criatura no gelo. "Qual é o seu nome, Comandante?"

O homem ficou rígido de orgulho pela atenção. "Comandante General Trimack, Primeira Fileira da Guarda do Palácio."

"Primeira Fileira? O que eles são?"

O orgulho enrijeceu o queixo do homem mais ainda. "Nós somos o círculo de aço ao redor do próprio Lorde Rahl, Mago Zorander. Os dois mil melhores homens. Nós morreremos até o último homem antes que algum dano possa acontecer a Lorde Rahl."

Zedd acenou com a cabeça. "Comandante General Trimack, um homem na sua posição sabe que uma das responsabilidades do posto é carregar o fardo do conhecimento em silêncio e solidão."

"Eu sei."

"Seu conhecimento de que essa criatura é um screeling é um desses fardos. Pelo menos por enquanto."

Trimack soltou um pesado suspiro. "Eu entendo." Ele olhou para as pessoas no chão pelo corredor.

"E quanto aos feridos, Mago Zorander?"

Zedd tinha respeito por um soldado que se preocupava com inocentes feridos. Sua indiferença anterior havia sido parte de sua obrigação, não crueldade. Seu instinto estava concentrado em encontrar o atacante.

Zedd caminhou pelo corredor com Trimack ao seu lado. "Você sabe que Darken Rahl está morto?"

"Sim. Eu estava no grande pátio hoje cedo. Eu vi o novo Lorde Rahl antes que ele partisse voando no dragão vermelho."

"E você servirá Richard com tanta lealdade como serviu no passado?"

"Ele é um Rahl, não é?"

"Ele é um Rahl."

"E ele tem o dom?"

"Tem."

Trimack assentiu. "Até o último homem. Antes que algum dano possa acontecer a ele."

Zedd deu uma olhada. "Não será fácil servir a esse homem. Ele é cabeça dura."

"Ele é um Rahl. Isso significa a mesma coisa."

Zedd sorriu, apesar de tudo. "Ele também é meu neto, embora ele ainda não saiba disso. Para dizer a verdade, ele ainda nem sabe que é um Rahl. Ou o Lorde Rahl. Richard pode não receber muito bem a posição na qual se encontra. Mas algum dia, ele vai precisar de você. Eu consideraria isso como um favor particular, Comandante General Trimack, se você fosse um pouco compreensivo com ele."

Os olhos de Trimack inspecionaram a área, sempre prontos para qualquer novo perigo. "Eu daria a ele minha vida."

"Acredito que compreensão serviria melhor a ele no começo. Ele vê a si mesmo como nada mais do que um guia da floresta. Ele é um líder por natureza e nascimento, mas não por sua própria avaliação. Ele não vai querer ter nada a ver com isso, mas isso veio atrás dele de qualquer modo."

Finalmente um sorriso apareceu no rosto de Trimack. "Feito." Ele parou e virou para o mago.

"I sou um soldado D'Haran. Eu sirvo a Lorde Rahl. Mas Lorde Rahl também deve nos servir. Eu sou o aço contra o aço. Ele deve ser a magia contra a magia. Sem o aço, ele ainda pode sobreviver, mas sem a magia, nós não sobreviveremos. Agora me diga o que um screeling está fazendo fora do submundo."

Zedd suspirou e finalmente assentiu. "Seu Lorde Rahl anterior estava interferindo com magia perigosa. Magia do Submundo. Ele rasgou o véu entre esse mundo e o submundo."

"Tolo maldito. Ele deveria nos servir, não nos jogar dentro da noite eterna. Alguém deveria ter morto ele."

"Alguém o fez. Richard."

Trimack grunhiu. "Então Lorde Rahl já está nos servindo."

"Alguns dias atrás, alguns teriam visto isso como traição."

"É uma traição maior entregar os vivos aos mortos."

"Ontem você teria morto Richard para impedir que ele ferisse Darken Rahl."

"E ontem ele me mataria para chegar até seu inimigo. Mas agora servimos um ao outro. Apenas um tolo caminha para dentro do futuro olhando para trás."

Zedd balançou a cabeça e ofereceu um leve, mas caloroso, sorriso de respeito, mas então seus olhos se estreitaram quando ele se inclinou chegando mais perto. "Se o véu não for fechado, Comandante, e o Guardiã ficar solto no mundo, todos compartilharão o mesmo destino. Não será apenas D'Hara, mas todo o mundo que será consumido. Pelo que eu ouvi das profecias, Richard pode ser o único que conseguirá fechar o véu. Apenas lembre disso, se algo ruim tentar chegar perto de Richard."

Os olhos de Trimack estavam frios como gelo. "Aço contra aço, que ele possa ser a magia contra a magia."

"Bom. Você entendeu muito bem."

CAPÍTULO 3



Zedd avaliou os mortos e os moribundos enquanto se aproximava. Era impossível evitar andar através do sangue.

Seu coração doeu ao ver os feridos. Só um screeling. E se viessem mais?

“Comandante, mande buscar alguns curandeiros. Tem mais gente aqui do que eu posso tratar.”

“Já está feito, Mago Zorander.”

Zedd assentiu e começou a checar os vivos. Soldados da Primeira Fila estavam espalhados entre os corpos, arrastando os mortos, muitos do quais faziam parte do grupo deles, para fora do caminho, e confortando os feridos. Zedd colocou seus dedos nos lados das testas para sentir os ferimentos, para sentir o que um curandeiro poderia tratar e o que exigia mais.

Ele tocou um jovem soldado que lutava para respirar em meio a um gargarejar de sangue. Zedd grunhiu por causa do que sentiu. Ele baixou o olhar e viu ossos da costela saindo através de um buraco do tamanho de um punho em sua armadura. O estômago de Zedd queria saltar pela boca. Trimack se ajoelhou do outro lado do jovem. Os olhos do mago tremeram levemente para o comandante, e o outro balançou a cabeça mostrando que entendia. Os jovens restantes que davam suspiros de vida não chegavam a uma dúzia.

“Vá em frente,” o comandante falou com uma voz calma, “Eu ficarei com o garoto.”

Zedd seguiu em frente enquanto Trimack segurou as mãos do jovem e começou a dizer uma mentira confortante.

Três mulheres usando longas saias marrons costuradas com fileiras de bolsos apareceram apressadas. Seus rostos maduros observaram a cena sem mostrar surpresa.

Com bandagens e curativos retirados de seus grandes bolsos, as três mulheres se aproximaram dos feridos e começaram a dar pontos e administrar poções. A maioria dos ferimentos estavam dentro das capacidades de cura das mulheres, ou por outro lado além das habilidades do mago. Zedd pediu a uma das três, aquela que menos propensa a prestar atenção em protestos, que fosse dar uma olhada em Chase.

Zedd podia vê-lo sentado no banco do outro lado do corredor, seu queixo encostado no peito, Rachel sentada no chão com seus braços enrolados na perna dele.

Zedd e as outras duas curandeiras moveram-se entre as pessoas no chão, ajudando onde podiam, seguindo adiante onde não podiam. Uma das curandeiras o chamou. Ela estava inclinada sobre uma mulher de meia-idade que estava tentando mandá-la embora.

“Por favor,” ela estava dizendo com uma voz fraca, “ajude os outros. Eu estou bem. Só preciso descansar. Por favor. Ajude os outros.”

Zedd sentiu a umidade do manto molhado de sangue contra os seus joelhos quando ajoelhou ao lado dela. Ela afastou as mãos dele com uma das mãos. A outra impedia que as suas tripas saltassem por um corte em seu abdômen.

“Por favor. Tem outros que devem receber ajuda.”

Zedd levantou uma sobancelha para o rosto pálido dela. Uma fina corrente de ouro através do cabelo dela sustentava uma pedra azul contra a sua testa. A pedra azul combinava tão bem com os olhos dela, que quase fazia parecer que ela possuía três olhos.

The wizard thought he recognized the stone, and wondered if it could be true, or only a bauble bought on a whim. Ele não tinha visto alguém usando a Pedra como se tivesse uma vocação fazia muito tempo. Com certeza alguém jovem assim não poderia saber o que ela proclamava.

“Eu sou o mago Zeddicus Zu'l Zorander. E quem é você, criança, para me dar ordens?”

O rosto dela ficou mais pálido ainda. “Me perdoe, mago...”

Ela se acalmou quando Zedd tocou os dedos na testa dela. A dor tirou o seu fôlego com tanta violência que ele afastou os dedos rapidamente. Ele teve que fazer um grande esforço para impedir que as lágrimas de dor fossem visíveis.

Agora ele sabia sem dúvida: ela usava a Pedra como se tivesse vocação. A Pedra, que combinava com a cor dos olhos dela, e era usada sobre a testa, como se fosse o olho da mente, era um talismã para proclamar a visão interior que ela possuía.

Uma mão agarrou na parte de trás do manto dele, puxando.

“Mago!” surgiu uma voz azeda lá atrás. “Você cuidará de mim primeiro!” Zedd virou para encontrar um rosto que combinava com a voz, e talvez até a excedesse um pouco. “Eu sou a Senhora Ordith Condatith de Dackidvich, da Casa dos Burgalass. Essa moça não é nada mais do que minha serva. Se tivesse sido tão rápida quanto deveria, eu não estaria sofrendo tanto! Eu poderia ter sido morta, tão lenta quanto ela foi! Você cuidará de mim primeiro! Eu poderia morrer a qualquer momento!”

Zedd podia dizer sem tocá-la que os ferimentos dela eram menores. “Me perdoe, minha Senhora.” Ele fez uma encenação colocando os dedos na cabeça dela. Enquanto pensou: uma forte escoriação nas costelas, algumas menores nas pernas, e um pequeno corte no braço, exigindo no máximo um ponto ou dois.

“Bem?” Ela tocou nos cabelos prateados no pescoço. “Magos,” ela resmungou. “Quase inúteis se você quiser saber a verdade. E esses guardas! Acho que estavam dormindo em seus postos! Lorde Rahl vai ouvir sobre isso!”

“Bem? E quanto aos meus ferimentos?”

“Minha senhora, Não estou certo se tem alguma coisa que eu possa fazer por você.”

“O quê!” Ela agarrou a gola do manto dele e deu um puxão. “É melhor ter certeza de que tem, ou me certificarei de que Lorde Rahl receba sua cabeça em uma lança! Vamos ver que bem a sua magia preguiçosa fará então!”

“É claro, minha senhora. Vou me esforçar para fazer o melhor.” Ele rasgou o pequeno corte no tecido de cetim marrom escuro da manga, transformando-a em uma grande faixa pendurada, então

colocou uma das mãos de volta no ombro da mulher com a pedra azul. Ela resmungou quando ele bloqueou parte da dor dela e lhe deu força. Sua respiração irregular se estabilizou. Ele manteve a mão sobre ela, lançando uma pequena magia de confiança e conforto. A Senhora Ordith gritou.

“Meu vestido! Você arruinou ele!”

“Sinto muito, minha senhora, mas não podemos arriscar que o ferimento piore. Acho que seria preferível perder o vestido do que perder o braço. Você não concorda?”

“Bem, sim, eu acho...”

“Dez ou quinze pontos devem ser o bastante,” ele falou para a curandeira curvada entre as duas mulheres no chão. Os olhos cinza-azulados dela observaram o pequeno ferimento e então retornaram para o mago.

“Tenho certeza de que você saberia o que é melhor, Mago Zorander,” ela falou com uma voz firme, confessando a ele apenas com o olhar que entendeu a verdadeira intenção dele.

“O que! Você vai deixar essa parteira fazer o seu trabalho por você?”

“Minha senhora, sou um homem velho. Nunca tive qualquer talento para a costura, e minhas mãos tremem de um modo terrível. Eu temo que causaria mais danos do que poderia reparar, mas se você insiste, tentarei fazer o melhor que puder.”

“Não,” ela fungou. “Deixe que a parteira faça.”

“Muito bem.” Ele olhou para a curandeira. Nenhuma emoção aparecia nos traços de seu rosto, mas manchas vermelhas marcavam as bochechas dela. “Eu temo que só tem uma esperança para os outros ferimentos dela, considerando a dor que ela está sentindo. Você tem um pouco de raiz de acácia nesses seus bolsos grandes?”

Ela franziu o rosto de surpresa. “Sim, mas...”

“Bom,” ele interrompeu. “Acho que dois cubos devem ser suficientes.”

A sobancelha dela levantou. “Dois?”

“Não tente ser mesquinha comigo!” A senhora Ordith gritou. “Se não tiver o bastante, então alguém de menor importância

simplesmente terá que receber menos! Você vai me dar a dose completa!”

“Muito bem.” Zedd olhou para a curandeira. “Dê a ela a dose completa. Três cubos. Triturados, não inteiros.”

Os olhos da curandeira arregalaram um pouco mais, e ela disse incrédula, “triturados!” Zedd entortou os olhos e confirmou sua insistência. Os cantos da boca dela se curvaram em um forte sorriso.

Raiz de acácia eliminaria a dor dos ferimentos menores, mas só era preciso engolir ele inteiro. Um pequeno cubo era tudo que era necessário. Triturado, e naquela grande quantidade, deixaria a Senhora Ordith pegando fogo.

A boa senhora passaria a melhor parte da semana seguinte no banheiro.

“Qual é o seu nome, minha querida?” ele perguntou para a curandeira.

“Kelley Hallick.”

Zedd soltou um suspiro cansado. “Kelley, tem outras pessoas que estejam além de seus consideráveis talentos?”

“Não, senhor. Middea e Annalee estão terminando de atender os últimos.”

Então você faria o favor de levar a Senhora Ordith para algum lugar onde ela não... onde ela ficará mais confortável enquanto cuida dela.”

Kelley olhou para a mulher sobre a qual Zedd tinha uma mão confortadora, para o corte no abdômen dela, e de volta para os olhos dele. “É claro, Mago Zorander. Você parece estar muito cansado. Se você me procurar mais tarde, eu farei um chá de *stenadine* para você.” O leve sorriso tocou os cantos da boca dela novamente.

Zedd não conseguiu impedir que um sorriso surgisse em seu próprio rosto. Além de restaurar a concentração, chá de *stenadine* também era usado para fornecer vigor aos amantes. Pelo brilho nos olhos dela, ele julgou que ela deveria ter uma boa experiência em preparar chá de *stenadine*.

Ele piscou para Kelley. “Talvez eu procure.” Em qualquer outra época ele teria considerado isso seriamente - Kelley era uma mulher

bonita - mas nesse momento essa era a coisa mais distante da sua mente.

“Senhora Ordith, qual é o nome da sua serva?”

“Jebra Bevinvier. E ela é uma garota inútil também. Preguiçosa e insolente.”

“Bem, você não será mais sobrecarregada com o serviço inadequado dela. Ela vai precisar de um longo tempo para se recuperar, e você deixará o Palácio em breve.”

“Deixarei? O que você quer dizer com deixarei?” Ela levantou o nariz. “Não tenho intenção alguma de partir.”

O Palácio não é mais seguro para uma senhora de sua importância. Você terá que partir para sua própria proteção. Como você mesma disse, os guardas estão dormindo metade do tempo. Você terá que seguir seu caminho.”

“Bem, eu simplesmente não tenho intenção alguma de...”

“Kelley” - ele lançou para ela um olhar firme - “por favor leve a Senhora Ordith para um lugar onde possa cuidar dela.”

Kelley estava arrastando a Senhora Ordith como um saco cheio de roupas para lavar antes que ela tivesse chance de causar mais problemas. Zedd virou com um sorriso caloroso para Jebra e afastou um pouco do cabelo cor de areia do rosto dela.

Ela mantinha um braço em cima do grave ferimento. Zedd tinha conseguido estancar a maior parte do sangramento, mas aquilo não a salvaria; o que estava do lado de fora deveria ser colocado de volta em seu lugar lá dentro.

“Obrigada, senhor. Estou me sentindo muito melhor agora. Se puder me ajudar a ficar em pé, vou sair do seu caminho.”

“Fique parada, criança,” ele falou suavemente. “Temos que conversar.”

Com um olhar duro, ele fez os observadores recuarem. Os soldados da Primeira Fila só tiveram que ver aquele breve olhar e já estavam afastando as pessoas.

O lábio dela tremeu quando o peito dela levantou e baixou mais rapidamente. Com esforço ela acenou com a cabeça. “Eu vou morrer, não vou?”

“Não vou mentir para você, criança. Sua ferida está no limite de meus talentos se eu estivesse descansado. Você não tem tempo para que eu descanse. Se eu não fizer alguma coisa, você morrerá. Se eu tentar, posso apressar o fim.”

“Quanto tempo?”

“Se eu não fizer nada, talvez horas. Talvez até o anoitecer. Eu poderia aliviar a dor o bastante para ao menos fazer com que ela seja tolerável.”

Ela fechou os olhos e lágrimas gotejaram dos cantos. “Nunca pensei que me importava com a vida.”

“Por causa da Pedra dos Videntes que você carrega?”

Os olhos dela abriram rapidamente. “Você sabe? Você reconhece a Pedra? Você sabe o que eu sou?”

“Sei. Há muito se passou o tempo quando as pessoas reconheciam uma Vidente pela Pedra, mas eu estou velho. Já vi esse tipo de coisa.

“Foi por isso que não queria que eu ajudasse? Você temia o que o toque poderia fazer comigo?”

Ela balançou a cabeça levemente. “Mas de repente descobri que eu me importo em viver.”

Zedd tocou no ombro dela. “Isso é o que eu queria saber, criança. Não se preocupe comigo. Eu sou um mago da Primeira Ordem, não algum novato.”

“Primeira Ordem?” ela sussurrou, de olhos arregalados. “Eu não sabia que havia sobrado um. Por favor, senhor, não se arrisque por minha causa.”

Zedd sorriu. “Não é tanto risco assim, só um pouquinho de dor. E meu nome é Zedd.”

Ela pensou por um momento; então a sua mão livre agarrou o braço dele. “Zedd... se eu tiver uma escolha... eu escolho tentar viver.”

Zedd sorriu um pouco e acariciou a testa fria e úmida dela. “Então prometo dar a você o meu esforço mais forte.” Ela assentiu enquanto segurava o braço dele, segurava sua única chance. “Tem alguma coisa que você possa fazer, Jebra, para manter afastada a dor das visões?”

Ela mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça enquanto lágrimas rolavam novamente. "Sinto muito," ela sussurrou, quase inaudível.

"Talvez você não devesse..."

"Calma, criança," ele a confortou.

Zedd deu um suspiro profundo e colocou uma das mãos sobre o braço que segurava suas tripas. Ele colocou a palma da sua outra mão sobre os olhos dela gentilmente. Isso não era algo que ele pudesse concertar pelo lado de fora. Tinha que ser reparado por dentro, com a ajuda da própria mente dela. Isso poderia matá-la. E a ele.

Ele se preparou e liberou a barreira em sua mente. O impacto da dor tirou o ar de seus pulmões. Ele não ousou poupar a energia para dar um suspiro. Cerrou os dentes e lutou com os músculos enrijecidos como pedra pelo esforço. E ele ainda não tinha nem tocado a dor da ferida. Ele teve que lidar com a dor das visões dela, passar por elas, antes que pudesse tratar daquele problema.

Agonia arrastou sua mente dentro de um rio de escuridão. Espectros das visões dela passaram girando. Ele só podia imaginar o significado deles, mas a dor da realidade deles era vívida demais. Lágrimas escorreram dos olhos apertados dele; todo o seu corpo tremeu enquanto ele lutava para abrir caminho através da torrente de angústia. Ele sabia que não poderia permitir ser levado junto com ela, ou ficaria perdido, consumido.

As emoções das visões dela o golpeavam enquanto ele deslizava mais e mais fundo dentro da mente dela. Pensamentos sombrios logo além da superfície da percepção agarravam-se em sua força de vontade, tentando arrastá-lo para as profundezas do abandono sem esperança. As próprias memórias dolorosas dele emergiam na superfície da sua consciência para juntarem-se com a vida de tristeza de Jebra em uma convergência de terrível agonia e loucura. Somente a sua experiência e determinação impediu que a sua sanidade, seu livre arbítrio, fossem arrastados para as profundezas sem fim das águas da amargura e sofrimento.

Finalmente, ele irrompeu pela calma luz branca no centro do ser dela. Zedd sentiu alegria na comparativamente suave dor do

ferimento que ameaçava aquela vida. Raramente a realidade podia ser comparada com a imaginação, e na imaginação, a dor era real.

Ao redor do centro de calma, a fria escuridão da noite eterna ecoava no calor e luz decrescentes da vida dela, impaciente para envolver para sempre o espírito de Jebra. Zedd afastou aquela mortalha, para deixar que a luz de seu dom aquecesse o espírito dela com vida e vitalidade. As sombras recuaram diante do poder de sua Magia Aditiva.

A força daquela magia, sua exigência pelo bem estar da vida, puxou os órgãos expostos de volta para o lugar onde o Criador planejou que eles estivessem. Zedd ainda não ousava economizar nem um pouco de energia para bloquear o sofrimento dela. As costas de Jebra se arquearam.

Ela chorou de dor. Ele, também, sentiu a dor dela. Seu próprio abdômen ardeu com a mesma agonia que ela sentiu. Ele estremeceu com a abrasadora agudeza dela.

Quando o pior, que estava além de sua compreensão, havia terminado, ele finalmente reservou uma porção da magia para bloquear a dor dela. Jebra desceu ao chão com um gemido de alívio. Ele sentiu o alívio em seu próprio corpo.

Direcionando o fluxo da magia, Zedd terminou o processo de cura. Ele usou seu poder para fechar o ferimento dela, fazendo com que tecido se unisse a tecido, carne com carne, camada sobre camada, subindo até a superfície da pele, juntando-se como se nunca tivessem sido partidos.

Finalmente acabando, Zedd só tinha que escapar da mente dela. Isso era tão perigoso quanto entrar, e sua força estava quase no fim; ele havia entregue muito a ela. Ao invés de gastar mais tempo se preocupando com isso, ele atirou-se dentro do fluxo de agonia.

Quase uma hora depois que tinha começado, ele encontrava-se de joelhos, curvado, chorando de modo incontrolável.

Jebra estava sentada, com os braços em volta dele, segurando sua cabeça no ombro dela. Logo que estava consciente de que estava de volta, ele fez um esforço para manter o controle e se ajeitar. Ele olhou pelo corredor.

Todos tinham sido empurrados para trás uma boa distância, além do alcance dos ouvidos. Ninguém tinha interesse algum em estar perto de um mago quando ele estava usando magia que deixava pessoas gritando como Jebra tinha feito.

“Pronto,” ele disse, finalmente, com um pouquinho da dignidade recuperada, “não foi tão ruim. Acredito que agora tudo está bem.”

Jebra soltou uma leve risada e o abraçou apertado. “Fui ensinada que um mago não poderia curar uma Vidente.”

Zedd conseguiu levantar um dedo magro no ar. “Nenhum mago comum pode, minha querida. Mas eu sou Zeddicus Zu'l Zorander, mago da Primeira Ordem.”

Jebra enxugou uma lágrima da bochecha. “Não tenho nada de valor para lhe oferecer em pagamento, a não ser isso.” Ela soltou a corrente dourada que corria através do cabelo dela e abaixou-a, colocando na mão dele. “Por favor, aceite essa humilde oferenda.”

Zedd olhou para a corrente com a pedra azul. “Isso é muita gentileza sua, Jebra Bevinvier. Estou encantado.”

Zedd sentiu uma pontada de culpa por ter plantado o impulso na mente dela. “É uma bela corrente, e eu aceitarei com humilde gratidão.” Ele usou uma pequena parcela de poder para separar a pedra de seu suporte. Ele devolveu a Pedra; só precisava da corrente. “Mas a corrente é pagamento suficiente. Guarde sua pedra; ela é sua por direito.”

Ela fechou os dedos ao redor da Pedra com um aceno de cabeça e lhe deu um beijo na bochecha. Ele aceitou com um sorriso.

“E agora, minha querida, você precisará descansar. Eu usei uma boa parte de sua energia para acertar as coisas. Talvez alguns dias de descanso na cama, e você estará novinha em folha.”

“Eu temo que você não tenha me deixado apenas curada, mas também sem emprego. Eu preciso encontrar trabalho para me alimentar.”

Ela olhou para o rasgão ensangüentado no seu vestido verde. “E para me vestir.”

“Porque você estava usando a Pedra, se era serva da Senhora Ordith?”

“Não são muitos os que sabem o que a Pedra significa. A Senhora Ordith não sabia. O marido dela, o duque, sabia. Ele queria meus serviços, mas sua esposa jamais teria permitido uma mulher nesse emprego, então ele me colocou como serva dela.”

“Sei que essa não é a coisa mais honrada para uma Vidente, manter-se em segredo, mas há muita fome em Burgalass. Minha família sabia da minha habilidade e fecharam as portas para mim, com medo das visões que eu pudesse ter deles. Antes que minha avó morresse, ela colocou a Pedra na minha mão, dizendo que se eu a usasse ela ficaria honrada.”

Jebra apertou o punho com a Pedra na bochecha. “Obrigada,” ela sussurrou, “por não aceitá-la. Por entender.”

Zedd sentiu uma pontada de culpa renovada. “E então esse duque providenciou que você entrasse e usou você para realizar seus próprios objetivos?”

“Sim. Talvez uns doze anos atrás. Porque eu era serva pessoal da Senhora Ordith, eu estava quase sempre presente em qualquer reunião ou função. Mais tarde o duque vinha até mim e eu lhe dizia o que tinha visto sobre os seus adversários.”

“Com minha ajuda, ele conseguiu a maior parte de seu poder e riqueza.”

“Virtualmente ninguém mais sabe da Pedra de uma Vidente. Ele desprezava pessoas que ignoravam o antigo conhecimento. Ele zombava da ignorância de seus oponentes ao fazer com que eu usasse a minha Pedra abertamente.”

“Ele também fazia com que eu ficasse de olho na Senhora Ordith. Isso evitava que ela tivesse sucesso em transformar-se em uma viúva. Então agora ela se contenta em ficar ausente da casa do duque sempre que pode. Ela não ficará descontente em se livrar de mim; o duque usou suas amarras de poder para me manter empregada quando a Senhora Ordith teria desejado o contrário.”

“Porque ela ficaria descontente com o seu serviço?” Ele deu uma risada. “Você é preguiçosa e rude, como ela afirma?”

Jebra sorriu em retorno, as leves rugas nos cantos dos seus olhos se aprofundando. “Não. São as visões. Às vezes quando eu as tenho, bem, você sentiu um pouco da dor quando me curou, embora

não seja tão ruim assim para mim, eu acho. Mas às vezes a dor me afasta do serviço por algum tempo.”

Zedd esfregou o queixo. “Bem, uma vez que você está sem emprego, será uma convidada aqui no Palácio do Povo até que esteja recuperada. Eu tenho alguma influência por aqui.” Ele ficou surpreso com a súbita verdade daquilo, e tirou uma bolsa do seu manto. Ele deu uma balançada nela. “Para suas despesas, e pagamento, se eu puder convencê-la a aceitar um novo patrão.”

Ela levantou a bolsa na palma da mão, testando seu peso. “Se isso for cobre, é insuficiente para qualquer outra pessoa a não ser para você.” Ela sorriu e se inclinou chegando um pouco mais perto, seus olhos mostrando alegria e censura ao mesmo tempo. “E se for prata, é demais.”

Zedd lançou uma expressão séria. “É ouro.” Assustada, ela piscou. “Mas será para mim, principalmente, para quem você trabalhará.”

Ela olhou para a bolsa com ouro em sua mão, então olhou para ele novamente. “Para quem então?”

“Richard. O novo Lorde Rahl.”

Jebra ficou pálida e balançou a cabeça vigorosamente, seus ombros encolhendo. Ela enfiou a bolsa de volta nas mãos de Zedd. “Não.” Mais pálida ainda, ela balançou a cabeça de novo. “Não. Sinto muito. Não quero trabalhar para ele. Não.”

Zedd franziu o rosto. “Ele não é uma pessoa má. Na verdade, ele tem um coração muito bom.”

“Eu sei disso.”

“Você sabe quem é ele?”

Ela olhou para o colo e assentiu. “Eu sei. Eu o vi ontem. O primeiro dia do inverno.”

“E você teve uma visão quando viu ele?”

A voz dela estava fraca e cheia de medo. “Sim.”

“Jebra, diga o que você viu. Cada parte. Por favor? É importante.”

Ela olhou para ele debaixo de suas sobrancelhas por um longo momento, e então baixou o olhar novamente para o colo enquanto mordida o lábio inferior.

“Foi na devoção da manhã, ontem. Quando o sino tocou, eu fui até a praça, e ele estava parado ali, olhando dentro da piscina. Eu o notei porque estava com a espada do Seeker. E porque ele era alto e bonito. E ele não estava se ajoelhando como os outros. Ele ficou ali de pé, observando a reunião de pessoas, e quando eu me aproximei, seus olhos passaram no meu campo de visão. Só por um instante. O poder que vinha dele tirou o meu fôlego.

“Uma Vidente pode sentir certos tipos de poder, como o dom, emanando de uma pessoa.” Ela levantou os olhos para Zedd. “Eu já vi aqueles que possuem o dom antes. Eu vi as auras deles. Todas elas eram como a sua; há uma sensação calorosa nelas, uma suavidade. Sua aura é linda. A dele era diferente. A dele tinha isso, mas também tinha mais.”

“Violência,” Zedd falou com uma voz suave. “Ele é o Seeker.”

Ela concordou balançando a cabeça. “Poderia ser. Eu não sei; nunca vi uma coisa assim antes. Mas posso dizer qual a sensação. Parecia como se meu rosto fosse empurrado dentro de uma bacia de água gelada antes que eu tivesse chance de tomar fôlego.

“Às vezes eu não consigo uma visão vinda de uma pessoa. Às vezes eu consigo. Eu nunca posso dizer quando ela virá.”

“Às vezes quando uma pessoa está sofrendo, elas liberam auras e visões com mais força. Ele estava emitindo auras como relâmpagos em uma tempestade. Ele estava em grande dor emocional. Como um animal em uma armadilha tentando arrancar sua própria perna. Ele sentia o horror de ter que trair seus amigos para salvá-los. Eu não entendi aquilo. Não fazia o menor sentido.”

“Havia a imagem de uma mulher, uma linda mulher com cabelo longo. Talvez uma Confessora, embora eu não saiba como poderia ser. A aura ardia com uma angústia por ela tão forte que eu senti no meu rosto, ficando com medo de perceber que minha pele estivesse queimada. Se eu não estivesse na devoção, mesmo assim cairia de joelhos com a agonia das auras.”

“Eu quase corri até ele, para confortá-lo, quando a Mord-Sith se aproximou, e notou que ele estava de pé, e não ajoelhado. Ele não sentiu medo algum, mas se ajoelhou de qualquer modo, aceitando a terrível traição na qual tinha sido forçado a se envolver.

Eu fiquei aliviada quando ele ajoelhou; pensei que esse seria o fim daquilo. Eu estava agradecida por ter visto apenas as auras, na maior parte, e não visões de verdade. Eu não queria ter nenhuma visão vinda daquele homem." Ela ficou com um olhar vazio, parecendo perdida com aquela lembrança.

"Mas esse não foi o fim?"

Os olhos dela retornaram para onde ele estava. "Não. Pensei que o pior tinha acabado, mas o que eu tinha visto não chegou nem perto do que estava por vir."

Jebra esfregou as mãos por um momento. "Nós estávamos fazendo um canto para o Pai Rahl, e de repente ele levantou. Tinha um sorriso em seu rosto. Tinha solucionado o quebra cabeças que o aprisionava. A última peça tinha se encaixado no lugar. O rosto da mulher e o seu amor por ela encheram a aura."

Ela balançou a cabeça. "Tenho pena das pessoas que algum dia colocarem um dedo entre aqueles dois. Eles perderão o dedo, talvez a mão, e talvez o braço todo antes que tenham tempo de pensar em retirá-lo."

"O nome dela é Kahlan," Zedd falou com um pequeno sorriso. "E então o que aconteceu?"

Jebra cruzou os braços pelo abdômen dela. "Então as visões começaram. Eu o vi matando um homem, mas não consegui entender como. Não derramando sangue, mas matando do mesmo jeito. E então eu vi o homem que ele mataria: Darken Rahl. E então eu vi que ele era o pai dele, mas ele não sabia. Foi quando eu soube quem ele era: o filho de Darken Rahl, o que em breve seria o novo Mestre Rahl. A aura estava brilhando em terríveis conflitos. De um plebeu para um rei."

Zedd colocou uma das mãos no ombro dela. "Darken Rahl queria governar o mundo com uma magia terrível. Ao detê-lo, Richard salvou muitos da tortura ou morte. Mesmo que matar seja horrível, fazendo isso ele salvou a vida de muitos mais. Certamente você não ficaria com medo de Richard por causa disso."

Ela balançou a cabeça. "Não. Foi por causa do que aconteceu em seguida. As duas Mord-Sith levantaram, porque ele queria deixar a devoção. Uma levantou o Agiel dela, ameaçando ele. Eu estava

surpresa de ver que ele usava um no pescoço, vermelho, igualzinho aos delas. Ele o levantou no seu punho. Disse que se elas não o deixassem passar, ele as mataria. A aura de violência em volta dele me deixou sem ar. Ele queria que elas tentassem. Elas sentiram isso e o deixaram passar.”

“Quando ele virou para ir embora... foi quando eu tive as outras visões.” Ela colocou uma das mãos sobre o coração enquanto lágrimas desciam pelo rosto dela. “Zedd... nem sempre as minhas visões são claras. Às vezes eu não sei o que elas significam. Uma vez eu tive a visão de um fazendeiro. Pássaros estavam bicando no estômago dele e nos da sua família. Eu não sabia o que isso queria dizer. Aconteceu que um grupo de aves negras surgiram e comeram as sementes que ele tinha acabado de plantar. Ele conseguiu replantar, e proteger o campo. Mas ele e a sua família poderiam ter passado fome se não conseguisse.”

Ela esfregou os dedos nas lágrimas em suas bochechas. “Às vezes não consigo dizer o que as visões significam, ou se elas vão se realizar; nem todas se realizam.” Ela mexeu no cabelo. “Mas às vezes elas acontecem exatamente do jeito que eu as vejo. Posso dizer quando elas são verdadeiras, e que acontecerão sem dúvida.”

Zedd bateu levemente no ombro dela. “Eu entendo, Jebra. Visões são uma forma de profecia, e sei o quanto as profecias podem ser confusas. Que tipo de visão você teve de Richard? O tipo confusa, ou aquelas que são claras?”

Ela lançou um olhar profundo. “Eu vi todos os tipos. Eu vi todos os tipos de visões que já tinha visto, desde as confusas até as claras; desde as possíveis até as certas. Elas surgiram em um turbilhão. Elas nunca fizeram isso antes.”

“Geralmente eu tenho apenas uma visão, e eu sei o que ela significa e que é verdadeira, ou não entendo e não consigo dizer se ela vai se realizar. As visões desse homem vieram em uma torrente. Elas passaram correndo como chuva conduzida pelo vento. Mas cada uma delas tinha dor, mágoa e perigo.”

“Aqueles que ficaram por mais tempo, e que eu sabia que eram verdadeiras, foram as piores. Uma era sobre alguma coisa ao redor do pescoço dele. Eu não consegui ver o que era, mas era algo que

lhe causaria grande dor, e o afastaria da mulher... Kahlan, você disse que era o nome dela... o afastaria de todos que ele ama. O aprisionaria longe."

"Richard foi capturado por uma Mord-Sith, e torturado por ela. Talvez tenha sido isso que você viu," Zedd sugeriu.

Jebra balançou a cabeça veementemente. "Não era o que aconteceu: era o que aconteceria. E não a dor de uma Mord-Sith. Era diferente. Tenho certeza disso."

Zedd assentiu pensativo. "O que mais?"

"Eu o vi em um relógio de areia. Ele estava de joelhos na parte inferior, chorando de angústia, a areia caindo ao redor dele, mas nenhum grão o tocava. As lápides de todos aqueles que ele amava estavam na parte superior, onde ele não podia alcançar lutando contra a queda da areia.

"Eu vi uma faca no coração dele, uma faca assassina, segura nas próprias mãos trêmulas dele. Antes que eu pudesse ver o que aconteceria, surgiu outra visão - nem sempre elas estão na ordem correta dos eventos. Ele estava usando o casaco vermelho dele, um com botões de ouro e enfeitado com bordados. Ele estava com o rosto abaixado... uma faca na costa. Estava morto, mas ao mesmo tempo, não estava. Sua próprias mãos se esticaram para fazê-lo rolar, mas antes que eu visse o seu rosto morto, veio outra visão."

"Foi a pior. A mais forte." As lágrimas rolaram novamente, e ela começou a soluçar suavemente. Zedd apertou o ombro dela para encorajá-la a continuar. "Eu vi a carne dele queimando." Ela enxugou as lágrimas e balançou para frente e para trás um pouco enquanto chorava. "Ele estava gritando. Eu podia até sentir o cheiro da pele queimando. Então, fosse lá o que fosse que estava queimando ele - eu não conseguia dizer o que era - quando aquilo afastou, ele estava inconsciente, e havia uma marca nele. Uma marca queimada nele."

Zedd mexeu a língua dentro da boca, tentando umedecê-la. "Você conseguiu ver que marca era?"

"Não, não o que ela parecia. Mas eu reconheci o que era com tanta certeza quanto reconheço o sol quando o vejo. Era a marca

dos mortos, a marca do Guardiã do submundo. O Guardiã o tinha marcado para que ele o possuísse.”

Zedd fez um esforço para estabilizar a respiração, suas mãos trêmulas. “Teve mais visões?”

“Sim, mas não tão fortes e eu não as entendi. Elas passaram tão rápido que não consegui captar suas formas, somente a dor. Então ele foi embora.”

“Enquanto as Mord-Sith estavam viradas, olhando ele ir, eu voltei correndo para o meu quarto e me tranquei. Deitei na cama por horas, chorando incontrolavelmente com a dor do que eu tinha visto. A Senhora Ordith bateu na minha porta, me chamando, mas eu gritei para ela que estava doente e ela finalmente foi embora bufando de raiva. Chorei até que minhas entranhas derretessem. Eu vi virtude naquele homem, e chorei de medo por causa do mal que eu vi tentando agarrá-lo.

“Embora as visões fosse todas diferentes, elas eram as mesmas. Todas tinham a mesma sensação: perigo. O perigo pressionava ao redor daquele homem com tanta força quanto a água faz pressão ao redor de um peixe.” Ela recuperou um pouca da compostura quando Zedd sentou em silêncio observando-a. “É por isso que não trabalharei para ele. Que os bons espíritos me protejam, eu não quero ter nada a ver com o perigo ao redor daquele homem. Com o submundo.”

“Talvez você pudesse ajudá-lo, com seu talento, ajudá-lo a evitar o perigo. De qualquer modo era isso que eu estava esperando,” Zedd falou com uma voz suave.

Jebra secou suas bochechas com a costa da manga. “Nem por todo o ouro e poder do duque eu iria querer estar no rastro de Lorde Rahl. Não sou covarde, mas não sou nenhuma heroína de uma canção, e também não sou tola. Eu não queria que minhas tripas fossem colocadas no lugar para tê-las arrancadas novamente, e dessa vez junto com a minha alma.”

Zedd a observou assoando o nariz e retomando o autocontrole, afastando as visões assustadoras. Ela inspirou profundamente e suspirou. Seus olhos azuis finalmente olharam nos dele.

“Richard é meu neto,” ele disse simplesmente.

Os olhos dela se fecharam com força. “Oh, que bons espíritos me perdoem.” A mão dela cobriu a boca por um longo momento; então os olhos dela abriram, suas sobrancelhas franziram de horror. “Zedd... eu sinto tanto por falar o que eu vi. Me perdoe. Se eu soubesse, nunca teria dito.” As mãos dela tremeram. “Me perdoe. Oh, por favor, me perdoe.”

“Verdade é a verdade. Eu não sou um daqueles que fecharia uma porta no seu rosto por ver isso. Jebra, eu sou um mago; eu já sei do perigo no qual ele está envolvido. Foi por isso que pedi a sua ajuda. O véu para o submundo está rasgado. Aquela coisa que cortou você escapou para o mundo dos vivos através da abertura. Se o véu rasgar o bastante, o Guardião escapará. Richard tem feito coisas que, segundo dizem as profecias, o marcam como talvez o único capaz de fechar a abertura.”

Ele ergueu a bolsa com ouro e a colocou lentamente no colo dela, os olhos dela a seguiram. Ele retirou sua mão vazia. O olhar dela ficou grudado na bolsa como se ela fosse uma fera que pudesse morder.

“Isso seria muito perigoso?” ela finalmente perguntou com uma voz fraca.

Zedd sorriu quando os olhos dela levantaram. “Não mais perigoso do que sair à tarde para um passeio em uma fortificação de um castelo.”

Com um movimento por reflexo, a mão dela agarrou o abdômen no local onde o ferimento estivera. Os olhos dela se ergueram para observar os resplandecentes e largos corredores, como se procurasse por uma rota e fuga, ou talvez temesse um ataque. Ela falou sem olhar para ele.

“Minha avó era uma Vidente, e minha única guia. Uma vez ela disse que as visões trariam uma vida de sofrimento, e que não haveria nada que eu pudesse fazer para impedir. Ela falou que se algum dia eu tivesse a oportunidade de usar as visões para o bem, eu deveria arriscar, e isso iria aliviar uma parte do fardo. Foi nesse dia que ela colocou a Pedra dela na minha mão.”

Jebra ergueu a bolsa e a colocou no colo de Zedd. "Não farei isso por todo o ouro em D'Hara. Mas farei por você."

Zedd sorriu e tocou suavemente a bochecha dela. "Obrigado, criança." Ele colocou o ouro de volta no colo dela, as moedas fazendo um barulho abafado. "Você vai precisar disso. Você terá despesas. O que sobrar é seu. É assim que eu desejo."

Ela assentiu resignadamente. "O que eu devo fazer?"

"Bem, primeiro nós dois temos que tirar uma boa noite de sono. Você precisará descansar por alguns dias para recuperar sua força."

"E então você terá que fazer uma pequena viagem, Senhorita Bevinvier." Ele sorriu ao ver o modo como as sobrancelhas dela levantaram.

"Nesse momento nós dois estamos muito cansados. Amanhã, depois que eu tiver descansado, tenho que sair para tratar de negócios importantes. Antes de partir, procurarei você e conversaremos mais sobre isso. Mas começando agora mesmo, eu pediria que não usasse a Pedra onde ela possa ser vista. Nada de bom pode surgir ao declarar seu talento para olhos nas sombras."

"Então meu novo patrão vai me usar em segredo também? Não é uma coisa das mais honrosas."

"Agora aqueles que a reconhecerão não estão lutando por ouro. Eles servem ao Guardião. Querem muito mais do que ouro. Se eles a descobrirem, vai desejar que eu não a tivesse salvo hoje."

Ela se encolheu antes de balançar a cabeça concordando.

CAPÍTULO 4



Zedd ficou de pé com ajuda de uma das mãos no joelho. Ele ajudou Jebra a levantar. Como ele esperava, ela não era capaz de ficar em pé sem apoiar-se pesadamente sobre ele. Ela pediu desculpas pelo peso. Ele a fez sorrir ao dizer que usaria qualquer desculpa para ter seu braço em volta da cintura de uma bela moça.

As pessoas estavam começando a voltar aos seus negócios, engajados em conversas apressadas enquanto seus olhos dardejavam para todos os lados do subitamente não tão seguro Palácio. Aqueles que estavam feridos receberam ajuda para se afastar, e os mortos foram carregados.

Serviçais com pesadas saias trabalhavam chorosamente na limpeza do sangue, enfiando esfregões em baldes com água avermelhada. Soldados da Primeira Fila estavam espalhados por toda parte. Zedd fez um sinal para o Comandante Trimack através do corredor.

“De qualquer modo, ficarei feliz em me afastar desse lugar,” Jebra disse. “Eu tenho visto auras aqui que me fazem suar durante o sono.”

Quando o oficial começou a seguir na direção deles, Zedd perguntou, “Você vê alguma coisa desse homem que vem se aproximando de nós?”

Ela o estudou por um momento enquanto ele caminhava na direção deles, conferindo a localização dos homens dele. “Uma leve aura. Obrigação.” Ela franziu o rosto enquanto observava. “Isso sempre foi um fardo para ele. Ele ousa ter esperança de que talvez agora encontrará orgulho nela. Isso ajuda você em alguma coisa?”

Zedd sorriu um pouco. “Sim, ajuda. Alguma visão?”

“Não. Só a leve aura.”

O mago assentiu pensativo, então seu rosto se iluminou. “A propósito, porque uma mulher tão adorável como você não encontrou um marido?”

Ela lançou um olhar com o canto dos olhos para ele. “Três pediram. Enquanto cada um deles se ajoelhou na minha frente, eu tive uma visão deles deitados com outra mulher.”

Zedd sorriu. “Eles perguntaram porque você disse não?”

“Eu não disse não. Apenas bati neles com tanta força que as cabeças deles balançaram como um sino.”

Zedd riu até que ela começou a rir também. Trimack finalmente parou diante deles. Comandante General Trimack, posso apresentar a Senhorita Bevinvier.” Trimack fez uma leve reverência. “Assim como você, como eu, essa senhorita é alguém que tem a tarefa de evitar que qualquer mal chegue perto de Lorde Rahl. Eu gostaria que ela tivesse uma guarda o tempo todo enquanto ela está no Palácio. Lorde Rahl precisa da ajuda dela, e não quero que a vida dela fique em risco novamente como esteve hoje.”

“Enquanto estiver no Palácio ela estará tão segura quanto um bebê nos braços da mãe. Pela minha honra.” Ele virou e, como um código, deu uma batida no ombro. Umás duas dúzias de homens da Primeira Fila vieram correndo, parando e ficando imóveis em atenção, nem ao menos respirando com muito esforço. “Essa é a Senhorita Bevinvier. Cada uma das vidas de vocês antes da vida dela.”

Com um golpe forte, cada punho bateu sobre um coração protegido por armadura. Dois deles retiraram o peso de Jebra de Zedd.

Ela manteve uma das mãos bem fechada em volta da Pedra. A bolsa com ouro dentro de um bolso em sua longa saia verde. A maior parte dela estava coberta por sangue coagulado.

Zedd dirigiu-se aos homens que a seguravam. “Ela precisará de um quarto adequado, e refeições sejam servidas. Por favor providenciem para que ela não seja incomodada por ninguém a não ser eu.” Ele olhou para os cansados olhos azuis dela e tocou o seu braço suavemente.

“Descanse bem, criança. Visitarei você de manhã.”

Ela mostrou um sorriso fraco. "Obrigada, Zedd." Quando os guardas ajudaram para que ela se afastasse, o mago desviou sua atenção para Trimack. "Tem uma mulher que está no Palácio, uma Senhora Ordith Condatith de Dackidvich. Lorde Rahl já vai ter bastante problema sem alguém do tipo dela por perto. Quero ela fora daqui antes que o dia termine. Se ela se recusar a partir, ofereça a ela a escolha entre uma carruagem ou um laço de força."

Trimack sorriu maldosamente. "Cuidarei disso pessoalmente."

"Se houver no Palácio quaisquer outros que você conheça, que tenham o mesmo temperamento dela, sintam-se livres para fazer a eles a mesma oferta. Novo governo traz mudança." Zedd não podia ver auras, mas tinha certeza de que se Jebra estivesse ali, ela teria visto o brilho da aura de Trimack.

"Alguns estão desconfortáveis com mudança, Mago Zorander." O homem tinha falado mais do que suas simples palavras.

"Tem alguém acima de você no comando no Palácio? Outro além de Lorde Rahl?"

Trimack cruzou as mãos por trás das costas enquanto seus olhos varreram o corredor. Tem um chamado Demmin Nass, comandante dos quads, que dá ordens a todos a não ser Darken Rahl."

Zedd soltou um pesado suspiro com a lembrança. "Ele está morto."

Trimack assentiu com o que deve ter sido alívio. "Abaixo do Palácio, dispostos nas câmaras do planalto, talvez estejam uns trinta mil homens do exército. Os generais deles possuíam nível superior a mim no campo de batalha, mas no Palácio a palavra do comandante geral da Primeira Fila é lei. Alguns deles que conheço receberão bem a mudança. Alguns não."

"Richard terá bastante dificuldade sendo a magia contra a magia - magia do submundo - sem ter problemas com o aço. Você tem carta branca, Comandante, para fazer o que achar melhor para protegê-lo. Superando até mesmo o lado da obrigação."

Trimack grunhiu seu reconhecimento, então prosseguiu. "O Palácio do Povo, embora possa ter apenas um teto, é uma cidade."

“Milhares vivem aqui. Mercadores e fornecedores, grupos de carroças de vendedores ambulantes, entram e saem em uma cadeia infinita em todas as direções a não ser para leste, pelas Planícies de Azrith. As estradas internas são as artérias que alimentam o coração de D'Hara - o Palácio do Povo.

O interior do planalto está dividido com o dobro do número de salas do Palácio acima. Como qualquer cidade desse tamanho, os motivos pelos quais as multidões surgem aqui estão além de nossa capacidade de julgar com absoluta certeza.

“Providenciarei para que as grandes portas internas sejam fechadas e que o Palácio acima fique selado. Isso é algo que não tem sido feito em algumas centenas de anos, e isso causará preocupação entre o povo de D'Hara, mas eu arriscaria a conversa preocupada. O único caminho para o próprio Palácio, se não for pelas entradas internas, é subindo pela estrada do penhasco no lado leste. Mantereí a ponte erguida.”

“Isso ainda nos deixa com os milhares no Palácio. Qualquer um deles poderia ter planos que não sejam de nosso agrado.”

“Pior, tem milhares de soldados acostumados com batalhas no ventre do Palácio, muitos conduzidos por homens que eu não iria querer direcionando um olhar para Lorde Rahl. Tenho uma sensação de que o novo Lorde Rahl não é o tipo de Rahl com o qual eles estão acostumados, e eles não vão gostar da mudança.”

“D'Hara é um vasto império, as rotas de suprimentos longas. Talvez seja hora de mandar algumas dessas divisões para cuidar da segurança dessas rotas, especialmente daquelas ao sul, perto das florestas, onde ouvi rumor de que existe inquietação e problema. E talvez com as fileiras daqueles em que confio, o tamanho da Primeira Fila pudesse ser ampliada umas três vezes.”

Zedd estudou o rosto de Trimack enquanto o homem continuou a observar o corredor fazendo uma varredura. “Não sou um soldado, mas suas idéias fazem sentido. O Palácio deve ficar tão seguro quanto possível. Como vai fazer isso depende de você.”

“Então lhe entregarei uma lista, de manhã, dos generais em quem confiar e daqueles com os quais se preocupar.”

“Porque eu precisaria de tal lista?”

O olhar intenso de Trimack estava firme. "Porque ordens como essas devem vir de alguém com o dom."

Zedd balançou a cabeça, resmungando, "Magos não deveriam governar pessoas. Não está certo."

"É desse jeito em D'Hara. Magia e aço. Quero proteger Lorde Rahl. Isso é o que eu acho que precisa ser feito."

Zedd ficou olhando ao longe, sentindo a dor da exaustão em seus ossos. "Você sabe, Trimack, que eu lutei e matei magos que queriam assumir o controle para que eles mesmos governassem?"

Quando uma resposta não veio, Zedd virou na direção do oficial. Trimack estava analisando ele. "Dada a escolha, Mago Zorander, eu escolheria servir alguém que carrega o comando como uma obrigação, ao invés daquele que carrega o manto como um direito."

Zedd suspirou e assentiu. "De manhã, então. Tem um outro assunto, o mais importante de todos: Quero o Jardim da Vida sob guarda. Foi ali que o screeling atacou primeiro. Não sei se haverá mais."

"Tem uma porta lá em cima que deverá ser consertada. Coloque um anel de aço em volta do jardim. Homens o bastante para que eles só tenham espaço para balançar um machado. Ninguém, ninguém mesmo, pode entrar exceto eu mesmo ou Richard, ou por nossa ordem."

"Qualquer um que tentar entrar naquela sala deve ser visto como um perigo tentando se aproximar de Lorde Rahl. Até mesmo alguém que diga que está lá apenas para arrancar ervas daninhas. E pode apostar a honra de sua mãe que qualquer coisa tentando sair é perigo tentando mais do que se aproximar."

Trimack bateu seu punho no peito de armadura. "Até o último homem, Mago Zorander."

"Bom. Lorde Rahl pode precisar do que tem naquela sala. Eu não ousa mexer naquelas coisas por enquanto. Elas são extremamente perigosas. Considere a guarda daquela sala com extrema seriedade, Comandante. Mais screelings podem aparecer. Ou pior."

"Daqui a quanto tempo?"

“Eu não teria pensado que teríamos visto o primeiro pelo prazo de um ano ou mais. Pelo menos meses. Que o Guardião possa ter liberado um de seus assassinos tão cedo é uma grande preocupação. Eu não sei atrás de quem ele foi enviado. É possível que ele tenha sido enviado simplesmente para matar qualquer um que estivesse por perto. O Guardião não precisa de razão alguma para matar. Tenho que deixar o Palácio amanhã para aprender o que eu puder antes que sejamos surpreendidos novamente.”

Trimack ponderou isso com olhos preocupados. “Você sabe quando Lorde Rahl vai retornar?”

Zedd balançou a cabeça. “Não. Pensei que teria tempo para ensinar a ele um pouco do que ele deve saber, mas agora eu devo mandar avisá-lo imediatamente para me encontrar em Aydindril e ver se descobrimos o que deve ser feito. Ele está em grande perigo e não sabe nada sobre isso. Os eventos passaram na minha frente. Não tenho a mínima idéia do que o Guardião vai fazer a seguir, mas agora eu temo o quão profundos suas raízes podem ser. Que eles estivessem em volta de Darken Rahl até mesmo antes que o véu fosse rasgado significa que eu já fui um tolo ignorante nesse assunto.”

“Se acontecer de Richard voltar inesperadamente, ou se qualquer coisa acontecer comigo... ajude-o. Ele vê a si mesmo como um guia florestal, não o Lorde Rahl. Ele ficará desconfiado. Diga a ele que eu falei para confiar em você.”

“Se ele estiver desconfiado, como o convencerei a confiar em mim?” Zedd sorriu. “Diga a ele que eu disse que essa é a verdade. Tão verdadeira quanto sapos assados.”

Os olhos de Trimack se arregalaram de incredulidade. “Você quer que o Comandante Geral da Primeira Fila diga tal coisa infantil para Lorde Rahl?”

Zedd levantou o rosto e limpou sua garganta. “É um código, Comandante. Ele vai entender.”

Trimack assentiu, mas pareceu cético. “É melhor dar uma olhada no Jardim da Vida, e no resto. Sem querer faltar com o respeito, mas parece que você precisa descansar um pouco.” Ele inclinou a cabeça na direção onde as serviçais ainda estavam

limpando o sangue do chão de mármore. “Toda aquela cura que fez parece ter cansado você.”

“Cansou. Obrigado, Comandante Trimack. Vou aceitar seu conselho.”

O punho de Trimack bateu no coração, a saudação suavizada pelo indício de um sorriso. Ele começou a virar, mas hesitou. Seus intensos olhos azuis olharam novamente para o mago.

“Posso dizer, Mago Zorander, que é um prazer, finalmente, ter alguém no Palácio com o dom que está mais preocupado em colocar as tripas das pessoas de volta para dentro, do que em retirá-las. Nunca tinha visto algo assim.”

Zedd não sorriu. Sua voz estava calma. “Sinto muito, Comandante, que eu não pude fazer nada por aquele rapaz.”

Trimack balançou a cabeça com tristeza. “Eu sei que essa é a verdade, Mago Zorander. Tão verdadeira quanto sapos assados.”

Zedd observou o comandante andar pelo corredor, arrastando homens de armadura até ele como um enorme ímã. O mago levantou a mão, olhando para a corrente de ouro enrolada sobre os seus dedos magros. Ele soltou um doloroso suspiro. “Negócios de mago - usar pessoas. E agora a pior parte.” Ele tirou a pedra negra em forma de lágrima de um bolso fundo em seu manto. *Que os espíritos sejam amaldiçoados, ele pensou, pelas coisas que um mago deve fazer.*

Ele segurou o suporte onde a Pedra azul estivera, e pressionou a ponta da pedra negra lisa nele.

Poder elemental fluiu de seus dedos de cada mão, juntando-se no centro, soldando a pedra no suporte.

Tendo esperança de que estivesse enganado, Zedd trouxe uma dolorosa lembrança de sua esposa morta. Com o modo como a mente de Jebra tinha quebrado suas barreiras, não foi difícil. Quando uma lágrima correu por sua bochecha, ele molhou seu polegar com ela, e isolou a lembrança afastando-a com o maior dos esforços. Ele sorriu um pouco com a ironia de que magos tinham que usar até a si mesmos, que a horrível lembrança ao menos trouxe com ela um pouco de prazer para compensar.

Segurando a pedra negra na palma de uma das mãos, ele esfregou sua superfície com o polegar umedecido pela lágrima. A pedra assumiu uma cor âmbar enquanto ele a esfregava com o polegar. Seu coração murchou um pouco. Agora não havia dúvida sobre o que isso era.

Resignado com o que deveria ser feito, Zedd lançou uma teia de mago em volta da pedra. O feitiço esconderia de todos a verdadeira natureza da pedra, exceto Richard. Mais importante, a teia chamaria a atenção de Richard para a pedra. Se ele a visse, a atração seria plantada com firmeza em sua mente.

Ele olhou para Chase, que estava deitado esticado em um banco de mármore no corredor. Um pé estava plantado no chão, e Rachel estava sentada no chão, com um braço em volta da panturrilha dele, a cabeça dela encostada no joelho dele. O outro pé dele estava em cima do banco. Um antebraço enfaixado repousando sobre a testa.

Zedd suspirou e caminhou pelo chão de mármore polido. Por um momento ele ficou imaginando o que o guarda da fronteira guardaria, agora que não havia mais fronteira. Ele parou, ficando de pé acima deles.

Sem tirar o antebraço dos olhos, Chase falou. "Zedd, meu velho amigo, se algum dia você fizer uma bruxa curandeira tão forte e violenta, derramar uma mistura que tem um maldito gosto pavoroso na minha garganta outra vez, vou torcer o seu pescoço e você terá que andar para trás para enxergar para onde vai."

Zedd sorriu. Agora ele sabia que tinha escolhido a mulher certa para o serviço.

"O remédio realmente tinha gosto horrível, Chase?" Rachel perguntou.

Ele levantou o braço um pouco, mantendo-o erguido sobre os olhos enquanto olhava para ela. "Se você me chamar de Chase de novo, pode acabar descobrindo."

"Sim, Pai." Ela soltou uma risada. "Sinto muito que ela fez você beber aquele remédio horrível." O rosto dela ficou sério. "Mas fiquei assustada de verdade ao ver sangue em você." Ele grunhiu.

Ela olhou para ele. "Talvez da próxima vez, se você tirar sua espada quando eu disser para tirar, você não vai ficar coberto de sangue e não terá que beber o remédio horrível."

Zedd ficou admirado com a inocência infantil da repreensão perfeitamente colocada. Chase levantou um pouco a cabeça do banco, com seu braço congelado no ar a várias polegadas dos olhos, enquanto olhava fixamente para a pequena garota. Zedd nunca tinha visto um homem fazer tanto esforço para não rir. O nariz de Rachel franziu e ela riu da cara que ele estava fazendo.

"Que os bons espíritos sejam piedosamente gentis com o seu futuro marido," Chase disse, "e pelo menos concedam a ele alguns anos de paz até que você ponha os seus olhos em cima do pobre coitado." Ela franziu o rosto. "O que isso quer dizer?" Chase baixou a perna e sentou. Ele a carregou e colocou no joelho. "Vou dizer o que isso quer dizer. Quer dizer que tem uma nova regra. E essa é melhor você não quebrar."

"Não, Pai, não vou quebrar. Qual é?"

"De agora em diante," ele disse fazendo uma careta, seu rosto bem perto do dela, "se você precisar dizer alguma coisa importante, e eu não te escutar, você vai me chutar. O mais forte que puder. E vai continuar me chutando até que eu escute. Entendeu?"

Ela sorriu. "Sim, Pai."

"Não estou brincando. Falo sério."

Ela balançou a cabeça. "Eu prometo, Chase."

O grande homem girou os olhos e levou-a até o peito com um braço, abraçando-a do jeito que ela abraçava a boneca dela. Zedd engoliu o nó em sua garganta. Naquele momento, ele não gostava muito de si mesmo, e ele não gostava das alternativas menos ainda.

O mago se abaixou sobre um dos joelhos diante dela. O sangue seco fez com que seu manto ficasse rígido nos joelhos. "Rachel. Tenho que pedir que você faça uma coisa para mim."

Ela assentiu. "O que é, Zedd?"

Ele levantou o braço, a corrente de ouro pendurada em seus dedos. A pedra balançando para frente e para trás sob a sua mão. "Isso pertence a uma outra pessoa. Você usaria ela por enquanto? Manteria em segurança? Algum dia Richard pode vir pegar com

você, para levar para o lugar ao qual ela pertence, mas não sei quando isso vai acontecer.”

Os olhos ferozes de Chase, semelhantes aos de um falcão, pareciam o que Zedd imaginou que um rato deveria ver um instante antes do fim.

“É muito bonita, Zedd. Eu nunca usarei uma coisa bonita assim.”

“Também é muito importante. Tão importante quanto a caixa que o Mago Giller lhe deu para tomar conta.”

“Mas Darken Rahl está morto. Você disse. Ele não pode mais nos machucar.”

“Eu sei, criança, mas isso ainda é importante. Você fez um trabalho tão bom e corajoso com a caixa que eu pensei que você seria a melhor pessoa para usar esse colar até que aquele ao qual ele pertence venha buscá-lo. Você deve usar ele sempre até que isso aconteça. Não deixe ninguém mais usar ele nem por brincadeira. Isso não é uma coisa para brincar.”

A expressão dela ficou séria com a menção da caixa. “Vou cuidar muito bem dele, Zedd, se você diz que é importante.”

“Zedd,” Chase sibilou quando puxou a cabeça de Rachel, colocando as mãos sobre os ouvidos dela para que ela não pudesse escutar, “o que pensa que está fazendo? Isso é o que eu penso que é?”

Zedd lançou um olhar sombrio para ele. “Estou tentando evitar que todas as crianças do mundo tenham pesadelos terríveis. Pela eternidade.”

Chase cerrou os dentes. “Zedd, eu não quero...”

Zedd o interrompeu. “Chase, a quanto tempo você me conhece?” Chase observou, mas não respondeu. “Em todo o tempo que me conhece, você já ficou sabendo que eu causei mal para outra pessoa, especialmente uma criança? Você já soube que eu coloquei outra pessoa em risco por alguma coisa tola?”

“Não,” Chase falou com uma voz áspera como pedra. “E não quero ver você começar agora.”

Zedd manteve sua própria voz firme. “Você vai ter que confiar que eu sei o que estou fazendo.” Seus olhos desviaram para o local

onde o screeling matou as pessoas. "O que aconteceu hoje não mostra nem ao menos uma pequena parte do que está por vir. Se o véu não for fechado, o sofrimento e a morte serão além de sua compreensão. Estou fazendo o que devo fazer, como um mago. Como um mago, eu reconheço essa pequenina, exatamente como Giller a reconheceu. Ela é uma onda no lago. Ela está destinada a fazer coisas importantes.

"Quando estávamos na tumba de Panis Rahl, mais cedo, verificando para garantir que eles a estavam emparedando adequadamente, eu estudei algumas das runas nas paredes. Elas ainda não estavam completamente derretidas. Elas estavam em Alto D'Haran, e eu não entendi muito, mas entendi o bastante. Eram instruções sobre como ir para o submundo. Você lembra daquela mesa de pedra no Jardim da Vida? É um altar de sacrifício. Darken Rahl usava ele para ir para o submundo, para viajar sob as fronteiras."

"Mas ele está morto. O que..."

"Ele matou crianças, e ofereceu suas almas puras como presente para o Guardião do submundo para ganhar passagem. Você entende o que estou dizendo? Ele fez pactos com o Guardião."

"Isso significa que o Guardião esteve usando pessoas nesse mundo. Onde ele usou um, com certeza usou mais. E agora o véu está rasgado. Que um screeling esteve aqui é prova disso sem questão."

"Muitas das antigas profecias, eu acredito, são sobre o que está começando a acontecer agora, e sobre Richard."

"Seja quem for que as tenha escrito tencionava enviar ajuda para ele através do tempo. Acredito que elas estejam destinadas a ajudar ele na luta contra o Guardião. Mas muito coisa aconteceu nos últimos milhares de anos para distorcer aquelas palavras. Eu temo que seja o paciente trabalho do Guardião que tem ofuscado o significado das profecias."

"Ele não tem uma habilidade mais importante do que a paciência. Ele tem uma eternidade dela. Provavelmente ele tem enviado seus tentáculos cuidadosamente para esse mundo procurando influenciar pessoas, magos, como Darken Rahl, seguirem

o seu comando. O fato de que agora precisamos tanto das profecias, e de que não sobrou nenhum mago que as entenda, não pode ser coincidência. Não faço idéia de onde os olhos do Guardião espreitam, ou o que ele pretende fazer em seguida.”

Os olhos de Chase ainda tinham fogo dentro deles, mas era diferente do tipo que estivera ali antes. “Diga co mo eu posso ajudar. O que gostaria que eu fizesse?”

Zedd sorriu com tristeza e bateu no ombro do grande homem. “Eu gostaria que você ensinasse essa criança a ser como você. Sei que ela é esperta. Faça isso florescer nela. Torne-a sua aluna. Ensine-a como usar cada arma que você conhece. Ensine-a a ser forte, e rápida.”

Chase suspirou e fez um sinal balançando a cabeça. “Um tipo de pequena guerreira.”

“De manhã, eu tenho que partir para buscar Adie e levá-la para Aydindril. Eu gostaria que você fosse até o Povo da Lama.”

“Cavalgue com vontade, tão rápido quanto puder. Richard, Kahlan e Siddin estarão com o dragão essa noite, e amanhã ela os levará até lá. Você precisará de semanas para alcançá-lo. Não podemos arriscar perder tempo.”

“Diga a Richard e Kahlan para encontrar comigo em Aydindril depressa. Fale para eles sobre o perigo do jeito que eu falei para você. Então talvez você deva levar essa criança para um lugar seguro. Se existir tal coisa.”

“Não tem qualquer outra coisa mais que eu possa fazer?”

“A coisa mais importante é chegar até Richard. Eu fui um tolo ao pensar que teríamos tempo. Nunca deveria ter deixado ele fora da minha vista.” Zedd esfregou o queixo por um momento, pensativo. “Talvez você pudesse dizer a ele que sou o avô dele, e que Darken Rahl era o pai dele. Talvez isso desse tempo para que a raiva dele esfrie antes que ele me alcance.”

Zedd levantou uma sobrancelha e sorriu. “Você sabe do que o Povo da Lama o chama? Eles o chamam *Richard, o Esquentado*. Imagine só. Richard entre todas as pessoas. Ele é uma das pessoas mais gentis que eu já conheci. Mas eu temo que a Espada da Verdade tenha feito brotar o seu outro lado.”

Chase lançou um raro olhar confortador. "Ele não vai ficar com raiva por saber que você é avô dele. Ele te ama."

Zedd suspirou. "Talvez, mas não acho que ele ficará feliz em saber quem realmente é o pai dele. E que eu escondi esse conhecimento dele. George Cypher o criou e eles amaram um ao outro profundamente."

"Essa é a verdade, e isso não muda assim."

Zedd assentiu. Ele levantou o colar. "Você vai confiar em mim?"

Chase avaliou o mago por um momento, então segurou Rachel no seu joelho. "Deixe que eu coloque para você."

Depois que Chase pendurou-a no pescoço dela, Rachel levantou a pedra âmbar em suas pequenas mãos, inclinando o rosto para observá-la. "Vou tomar conta dela com muito carinho para você, Zedd."

O mago esfregou o cabelo dela. "Tenho certeza que vai." Ele colocou um dedo em cada lado da testa dela, deixando a magia fluir dentro dela, e transmitiu a ela o pensamento de como o colar era importante, de que não deveria falar com as pessoas sobre ele ou onde o conseguiu, e que ela deveria protegê-lo como tinha feito com a Caixa de Orden.

Ele removeu os dedos, e ela abriu os olhos e sorriu. Chase levantou-a com uma das mãos em cada um dos lados da cintura dela e colocou-a no banco perto dele. Ele procurou no arsenal de facas em sua cintura e encontrou a correia da menor. Ele desamarrou a correia de couro e tirou a lâmina da bainha. Ele a segurou na frente do rosto dela.

"Uma vez que agora você é minha filha, você usará uma faca, assim como eu. Mas não quero que você a puxe até que eu a ensine. Você poderia se cortar. Vou ensinar como usá-la de um modo seguro. Vou ensinar a você como se proteger para que fique segura. Está bem?"

Rachel se iluminou. "Você vai me ensinar a ser como você? Eu gostaria muito disso, Chase."

Chase grunhiu enquanto amarrava a correia de couro na cintura dela. "Não sei se vou ser tão bom em ensinar você. Parece que não consigo nem ensinar a me chamar de Pai."

Ela riu com timidez. "Chase e Pai significam a mesma coisa para mim."

Chase balançou a cabeça, um sorriso conformado no rosto dele. Zedd ficou de pé e endireitou seu manto.

"Chase, se você precisar de alguma coisa, o Comandante Geral Trimack providenciará. Leve tantos homens quanto quiser."

"Eu não levaria nenhum. Estou com pressa, não preciso de bagagem extra para tomar conta, e além disso, acho que um homem e sua filha chamariam menos atenção. Não é essa a idéia?" Ele olhou sutilmente para a pedra em volta do pescoço de Rachel.

Zedd sorriu, admirando a mente aguçada do guarda da fronteira. Aqueles dois vão formar uma bela dupla. "Eu viajarei com você, até chegar na rota que segue na direção de Adie. Tenho que fazer algumas coisas de manhã, e então poderemos partir."

"Bom. Parece que você precisa descansar um pouco antes que comecemos."

"Acho que você tem razão."

De repente Zedd percebeu porque estava tão cansado. Ele tinha pensado que era porque fazia dias que não dormia, mas não era por isso. Era porque ele havia se esforçado durante meses para deter Darken Rahl, e justamente quando achou que tinha acabado, que eles finalmente tinham vencido, agora ele sabia que tinha apenas começado. E não era apenas contra um mago perigoso que eles estavam lutando; era contra o Guardião do submundo.

Com Darken Rahl ele soubera a maioria das regras, como as Caixas de Orden funcionavam, quanto tempo eles tinham. Agora ele não sabia quase nada. O Guardião poderia vencer nos próximos cinco minutos. Zedd sentiu-se desesperançosamente ignorante. Suspirou silenciosamente. Achava que sabia algumas coisas; ele teria que se apoiar nesse conhecimento.

"A propósito," Chase disse enquanto arrumava a faca na cintura de Rachel, "uma das outras curandeiras - Kelley, ela disse que era o seu nome - deixou uma mensagem para você." Ele se inclinou para trás e procurou no bolso com dois dedos grandes, tirando um pequeno pedaço de papel. Ele o entregou para o mago.

“O que é isso?” No papel estava escrito *West Rim, North Highland Way, Third Tier*.

Chase apontou para o papel quando Zedd o pegou, lendo. “Ela disse que é onde você pode encontrá-la. Disse para falar que ela pensava que você precisava descansar, e que você encontrasse com ela, ela prepararia um chá de *stenadine*, e que ela o prepararia fraco pois assim você dormiria bem. Isso faz algum sentido para você?”

Zedd sorriu consigo mesmo enquanto dobrava o bilhete em sua mão. “Um pouco.” Ele bateu com o dedo em seu lábio inferior de modo pensativo. “Vá descansar um pouco. Se achar que a dor dos ferimentos o impedirá de dormir, eu poderia pedir que uma das curandeiras prepare para você um pouco...”

Chase levantou uma das mãos. “Não! Vou dormir bem.”

“Muito bem.” Ele bateu no braço de Rachel e no ombro de Chase e começou a se afastar. Um pensamento lhe ocorreu e ele deu meia volta. “Você já viu Richard usando um casaco vermelho? Um casaco vermelho com botões de ouro e bordados?”

Chase soltou uma risada. “Richard? Zedd, você praticamente criou ele. Deveria saber melhor do que eu que Richard não tem um casaco vermelho assim. Ele tem um casaco para festas que é marrom. Richard é um guia florestal. Ele prefere as cores da terra. Nunca vi ele usar uma camisa vermelha. Porque?”

Zedd ignorou a pergunta. “Quando você encontrar com ele, diga a ele para não usar um casaco vermelho.” Ele balançou um dedo para Chase. “Jamais! É muito importante, não esqueça. Nenhum casaco vermelho.”

Chase balançou a cabeça. “Feito.” Ele sabia quando não deveria pressionar o velho.

Zedd deu um sorriso para Rachel e um rápido abraço antes de caminhar descendo o corredor. Ele ficou imaginando se conseguiria lembrar onde ficava uma sala de jantar. A hora do jantar já deveria quase ter passado.

Um pensamento lhe ocorreu: não sabia para onde estava indo. Ele não tinha feito nada para encontrar para si mesmo um lugar para dormir. Bem, não importa, ele pensou, o Palácio tinha quartos

para visitantes. Ele tinha falado sobre eles para Chase. Poderia ir para lá também.

Ele abriu o pedaço de papel dobrado em sua mão e olhou para ele. Um distinto homem com uma barba cinzenta bem aparada e vestido com manto oficial dourado estava passando. Zedd o segurou gentilmente.

“Com licença, mas você poderia dizer onde...” Ele olhou para o papel. “Onde fica *Extremidade Oeste, Caminho Norte de Highland, Terceira Fila?*”

O homem barbado fez uma polida reverência com sua cabeça. “É claro, senhor. Esses são os aposentos dos curandeiros. Não fica longe.”

“Permita que eu o guie pela metade do caminho, e lhe darei a direção para o restante.”

Zedd abriu um sorriso. De repente ele não sentiu-se tão cansado. “Obrigado. É muita gentileza sua.”

CAPÍTULO 5



Quando a Irmã Margaret fazia a curva no topo dos degraus de pedra, uma velha serviçal carregando um esfregão e um balde avistou-a e caiu de joelhos. A Irmã fez uma pausa momentânea para tocar a parte superior da cabeça abaixada da mulher idosa.

“As bênçãos do Criador sobre a Sua criança.”

A mulher olhou para cima, seu rosto franzindo em um caloroso sorriso desdentado. “Agradecimentos a você, Irmã, e bênçãos para você em Seu trabalho.”

Margaret sorriu de volta e observou enquanto a mulher carregava seu pesado balde pelo corredor. Pobre mulher, ela pensou, tendo que trabalhar no meio da noite. Mas então, aqui estava ela mesma, de pé no meio da noite.

O ombro do vestido dela puxou desconfortavelmente. Ela olhou para baixo e viu que em sua pressa tinha desalinhado os três botões superiores. Ela os abotoou novamente antes de abrir a pesada porta de carvalho para dentro da escuridão.

Um guarda que marchava a viu e se aproximou correndo. Ela segurou o livro sobre a boca para esconder o bocejo. Ele parou.

“Irmã! Onde está a Prelada? Ele esteve gritando por ela. Faz subir calafrios pela minha espinha. Onde ela está?”

Irmã Margaret olhou de cara feia para o guarda até que ele lembrou de sua educação e fez uma rápida reverência. Quando ele se levantou ela começou a descer a plataforma com o homem nos calcanhares dela.

“A Prelada não aparece simplesmente porque o Profeta grita.”

“Mas ele chamou especificamente por ela.”

Ela parou e pousou a mão por cima da outra que segurava o livro. “E você gostaria de ser aquele a bater na porta do quarto da

Prelada no meio da noite e acordá-la, simplesmente porque o Profeta grita por ela?”

O rosto dele ficou pálido sob a luz do luar. “Não, Irmã.”

“Já é o bastante que a Irmã deva ser arrancada da cama por causa da bobagem dele.”

“Mas você não sabe o que ele estava dizendo, Irmã. Ele estava gritando que...”

“Chega,” ela avisou com um tom baixo. “Preciso lembrar que se uma palavra que ele disser alguma vez tocar a sua língua, você perderá sua cabeça?”

A mão dele foi até a garganta. “Não, Irmã. Eu nunca falaria uma só palavra. A não ser para uma Irmã.”

“Nem mesmo para uma Irmã. Isso jamais deve tocar a sua língua.”

“Perdão, Irmã.” O tom dele virou um pedido de desculpas. “É que eu nunca tinha ouvido ele gritar tanto. Nunca tinha escutado a voz dele a não ser para chamar uma Irmã. As coisas que ele disse me assustaram. Nunca ouvi ele falar coisas assim.”

“Ele tentava fazer sua voz atravessar nossos escudos. Isso já aconteceu antes. Às vezes ele consegue.”

“É por isso que os guardas dele fizeram um juramento de jamais repetir qualquer coisa que por acaso eles escutem. Seja lá o que tenha escutado, é melhor esquecer antes que essa conversa esteja terminada, a não ser que você queira que lhe ajudemos a esquecer.”

Ele balançou a cabeça, assustado demais para falar. Ela não gostou de assustar o homem, mas eles não poderiam deixar que ele soltasse a língua em cima de uma caneca de bebida com os colegas dele. Profecias não eram para o conhecimento de mentes comuns.

Ela pousou uma mão gentil no ombro dele.

“Qual é o seu nome?”

“Sou o Espadachim Kevin Andellmere, Irmã.”

“Se me der sua palavra, Espadachim Andellmere, de que pode segurar sua língua a respeito de qualquer coisa que ouviu, até o túmulo, vou providenciar para que você seja transferido. Obviamente você não é feito para esse tipo de obrigação.”

Ele abaixou em um joelho. "Que você seja louvada, Irmã. Eu preferiria encarar uma centena de bárbaros das florestas do que ter que ouvir a voz do Profeta. Você tem meu juramento, por minha vida."

"Então, que assim seja. Volte ao seu posto. No final de suas obrigações, diga ao capitão dos guardas que Irmã Margaret ordenou que você fosse transferido." Ela tocou na cabeça dele. O Criador abençoa Sua criança." "Obrigado por sua gentileza, Irmã." Ela continuou andando, pela plataforma, até a pequena colunata no final dela, descendo as escadas curvas, e entrando em um corredor iluminado por tochas diante da porta dos aposentos do Profeta. Dois guardas com lanças ladeavam a porta. Eles fizeram reverência juntos.

"Ouvi dizer que o Profeta esteve falando, através do escudo."

Olhos escuros frios olharam de volta para ela. "Verdade? Não ouvi nada." Ele falou para o outro guarda enquanto encarava o olhar da Irmã. "Você escutou alguma coisa?"

O outro guarda apoiou seu peso em sua lança e virou a cabeça enquanto cuspiu. Ele enxergou o queixo com a costa da mão. "Nadinha. Esteve quieto como um túmulo."

"Aquele garoto lá em cima das escadas esteve soltando a língua?" o primeiro perguntou.

"Faz muito tempo desde que o Profeta encontrou um jeito de fazer qualquer coisa atravessar nossos escudos além de chamar pela Irmã. Ele nunca ouviu o Profeta falar antes, só isso."

"Você quer que nós façamos algo para que ele não escute nada outra vez? Ou fale?"

"Isso não será necessário. Eu tenho o juramento dele, e ordenei que ele fosse transferido."

"Juramento." O homem fez uma careta ao falar a palavra. "Um juramento não é nada mais do que o balbuciar de algumas palavras. Um juramento com a lâmina é mais verdadeiro."

"É mesmo? Devo assumir que seu juramento de silêncio não é nada mais do que *o balbuciar de algumas palavras* também? Deveríamos providenciar para que seu silêncio seja mais

verdadeiro?" A Irmã Margaret manteve firme o seu olhar sombrio até que finalmente ele baixou os olhos.

"Não, Irmã. Meu juramento é bastante verdadeiro."

Ela assentiu. "Alguém esteve nas redondezas para ouvir ele gritando?"

"Não, Irmã. Logo que ele começou a chamar pela Prelada, nós checamos a área, para ter certeza de que não havia nenhum dos serviçais, ou qualquer outro, por perto. Quando vimos que estava tudo limpo, coloquei guardas em todas as entradas mais afastadas e mandei buscar uma Irmã. Ele nunca tinha chamado pela Prelada, só por uma Irmã. Pensei que dependeria de uma Irmã, não de mim, decidir se a Prelada deveria ser acordada no meio da noite."

"Bem pensado."

"Agora que você está aqui, Irmã, deveríamos ir checar os outros." Sua expressão escureceu de novo. "Para ter certeza de que ninguém ouviu qualquer coisa."

Ela balançou a cabeça. "E é melhor torcer para que o Espadachim Andellmere seja cuidadoso e não caia de uma parede e quebre o pescoço, ou virei procurar por você." Ele soltou um grunhido irritado. "Mas se você ouvir ele repetir ao menos uma palavra do que ele ouviu essa noite, encontre uma Irmã antes de parar para tomar fôlego."

Passando pela porta e a meio caminho descendo o corredor interno, ela parou e sentiu os escudos. Ela apertou o livro contra o peito com os dois braços enquanto se concentrou, procurando pela brecha. Ela sorriu quando a encontrou: uma leve distorção no trançado. Provavelmente ele esteve trabalhando nela durante anos. Ela fechou os olhos e fechou a brecha, selando-a com um fio de poder que o impediria se tentasse a mesma coisa novamente. Ela estava tristemente impressionada com a ingenuidade dele, e sua persistência. Bem, ela suspirou, o que mais ele tinha para fazer?"

Dentro de seu espaçoso aposento as lamparinas estavam acesas. Tapeçarias penduradas em uma das paredes, e o chão estava generosamente coberto com os coloridos carpetes locais azul e amarelo. As prateleiras estavam vazias até a metade.

Livros que pertenciam a elas jaziam abertos em toda parte; alguns nas cadeiras e poltronas, alguns virados para baixo no chão, e alguns amontoados em pilhas desalinhadas perto da sua cadeira favorita ao lado da fria lareira.

A Irmã Margaret foi até a elegante mesa polida de madeira marrom no lado da sala. Ela sentou na cadeira acolchoada e, abrindo o livro em cima da mesa, folheou até chegar em uma página limpa no final. Ela não viu o Profeta em lugar algum. Provavelmente ele estava no jardim. As portas duplas de acesso ao pequeno jardim estavam abertas, deixando entrar uma suave brisa de ar quente. De uma gaveta na mesa ela pegou um vidro de tinta, caneta, e uma pequena caixa com um pouco de areia fina, colocando tudo ao lado do livro de profecias aberto.

Quando ela levantou os olhos, ele estava de pé na meia luz no portal para o jardim, observando-a. Ele vestia manto negro com o capuz cobrindo a cabeça. Ele ficou imóvel, suas mãos dentro nas mangas opostas. Ele enchia o portal não apenas com o seu tamanho, mas com sua presença.

Ela girou a tampa do vidro de tinta. "Boa noite, Nathan."

Ele deu três passos fortes e lentos para fora das sombras e entrando na luz da lamparina, puxando para trás o capuz negro para descobrir sua cabeça de longos cabelos brancos lisos que tocava os ombros largos. A parte superior do colarinho aparecia malmente na gola de seu manto. Os músculos em sua forte mandíbula barbeada se contraíram.

Sobrancelhas brancas cobriam seus olhos azul celeste profundos e escuros. De um modo rude, ele era um homem belo, independente de ser o homem mais velho que ela tenha conhecido.

E ele era bastante louco. Ou era bastante inteligente, e queria que todos pensassem que era louco. Ela não tinha certeza de qual das opções era verdadeira. Ninguém tinha.

De qualquer modo, provavelmente ele era o mais perigoso homem vivo.

"Onde está a Prelada?" ele perguntou com uma forte voz ameaçadora.

Ela pegou a caneta. "Estamos no meio da noite, Nathan. Não vamos acordar a Prelada simplesmente porque você teve um ataque, exigindo que ela apareça. Qualquer Irmã pode anotar uma profecia. Porque não senta e assim podemos começar."

Ele se aproximou da mesa, do lado oposto, crescendo diante dela. "Não me teste, Irmã Margaret. Isso é importante."

Ela olhou para ele irritada. "E não me teste, Nathan. Preciso lembrar que você vai perder? Agora que me tirou da minha cama no meio da noite, vamos acabar com isso para que eu possa voltar e tentar salvar uma parte da minha noite de sono."

"Eu chamei a Prelada. Isso é importante."

"Nathan, ainda temos que decifrar profecias que você nos deu anos atrás. Provavelmente não fará qualquer diferença se você passar essa para mim e ela ver isso de manhã, ou na semana que vem, ou no ano que vem."

"Não tenho profecia alguma para dar."

A raiva dela aumentou. "Você me tirou da cama só para ter companhia?"

Um largo sorriso abriu nos lábios dele. "Você faria objeção ? É uma linda noite. Você é uma mulher muito bonita, imagino que um pouco machucada." Ele inclinou a cabeça para o lado. "Não? Bem, já que você veio, e eu devo ter uma profecia, gostaria que eu falasse sobre a sua morte?"

"O Criador me levará quando ele escolher. Deixarei isso para Ele."

Ele assentiu, olhando por cima da cabeça dela. "Irmã Margaret, você conseguiria mandar uma mulher para me visitar? Acho que estou um pouco solitário."

"Não é tarefa das Irmãs procurar prostitutas para você."

"Mas elas providenciaram uma cortesã para mim no passado, quando eu forneci profecias."

Com deliberado cuidado, ela pousou a caneta na mesa. "E a última partiu antes que pudéssemos falar com ela. Ela correu seminua e meio enlouquecida. Como ela passou pelos guardas, ainda não sabemos."

“Você prometeu não falar profecias para ela. Você prometeu, Nathan. Antes que pudéssemos encontrá-la ela repetiu o que você disse. Isso espalhou como fogo. Começou uma guerra civil. Quase seis mil pessoas morreram por causa do que você falou para aquela jovem.”

Sua preocupadas sobrancelhas brancas se ergueram. “Verdade ? Eu não sabia.”

Ela deu um profundo suspiro e falou com uma voz suave para controlar a raiva. “Nathan, eu mesma disse isso a você três vezes.”

Ele olhou para baixo com olhos tristes. “Sinto muito, Margaret.”

“Irmã Margaret.”

“Irmã ? Você? Você é atraente e jovem demais para ser uma Irmã. Com certeza você não é mais do que uma noviça.”

Ela levantou. “Boa noite, Nathan.” Fechou a capa do livro e começou a levantá-lo.

“Sente-se, Irmã Margaret,” surgiu a voz dele, novamente cheia de poder e ameaça.

“Você não tem nada para me dizer. Estou voltando para minha cama.”

“Eu não disse que não tinha nada para dizer. Eu disse que não tinha profecia para dar.”

“Se você não teve nenhuma visão e não tem profecia alguma, o que você poderia ter para me dizer?”

Ele retirou as mãos das mangas e colocou os nós dos dedos sobre a mesa, inclinando-se para aproximar do rosto dela. “Sente-se ou não vou contar.”

Margaret considerou usar seu poder, mas decidiu que era mais fácil, e mais rápido, simplesmente deixá-lo feliz e sentar. “Está bem, estou sentando. O que é?”

Ele se inclinou mais ainda, seus olhos arregalando. “Houve uma ramificação nas profecias,” ele sussurrou.

Ele sentiu que estava levantando da cadeira. “Quando?”

“Hoje. Hoje mesmo.”

“Então porque você me chamou no meio da noite?”

“Eu chamei tão logo ela veio até mim.”

“E porque não esperou até de manhã para nos contar? Já aconteceram ramificações antes.”

Ele balançou a cabeça lentamente enquanto sorria. “Não como essa.”

Ela não ficou feliz em contar isso aos outros. Ninguém ficaria feliz com isso. Quer dizer, ninguém a não ser Warren. Ele ficaria em um estado de exultação em ter uma peça para colocar no quebra cabeça das profecias. Os outros, porém, não ficariam alegres. Isso significava anos de trabalho.

Algumas profecias eram do tipo *se e então*, ramificando em muitas possibilidades. Havia profecias que seguiam cada galho, profecias para prever eventos de cada ramificação, uma vez que nem mesmo as profecias sabiam quais eventos aconteceriam.

Uma vez que um desses tipos de profecias acontecesse e definisse qual ramificação era verdadeira, e uma das alternativas tomasse lugar, uma profecia tinha ramificado, como isso era chamado. Todas as profecias que seguiam pelo caminho que havia sido anulado agora tornavam-se falsas profecias. Essas mesmas multiplicavam-se, como os galhos de uma árvore, obscurecendo as profecias sagradas com informações confusas, contraditórias e falsas. Uma vez que uma ramificação tinha ocorrido, as profecias que agora eles reconheciam como falsas tinham que ser seguidas tanto quanto pudessem ser traçadas, e removidas.

Essa era uma tarefa formidável. Quanto mais distante um evento em questão estava da ramificação, mas difícil era saber se esse era da ramificação falsa, ou da verdadeira. Pior, era difícil saber se duas profecias, uma seguindo a outra, estavam próximas ou se aconteceriam com um espaço de milhares de anos. Às vezes os próprios eventos ajudavam a decifrar onde eles deveriam ser colocados cronologicamente, mas apenas às vezes. Quanto mais longe da ramificação no tempo, mas difícil era a tarefa de relacioná-los.

O esforço consumiria anos, e ainda assim, só poderiam ter certeza de completar uma parte. Até os dias atuais, eles não podiam saber com certeza se estavam lendo uma profecia verdadeira, ou uma ramificação de uma falsa ramificação no passado. Por essa

razão, alguns consideravam as profecias duvidosas na melhor das hipóteses, inúteis na pior. Mas se agora eles soubessem de uma ramificação, e mais importante, soubessem as ramificações verdadeira e falsa, teriam uma referência guia valiosa.

Ela mergulhou de novo na cadeira. "Qual a importância da profecia que ramificou?"

"É uma profecia núcleo. Não poderia haver nenhuma outra mais importante."

Décadas. Não levaria anos, levaria décadas. Uma profecia núcleo tocava quase tudo. As entranhas dela sacudiram. Isso era como ficar cega. Até que a fruta estragada da falsa ramificação pudesse ser removida, eles não poderiam confiar em nada.

Ela olhou dentro dos olhos dele. "Você sabe qual foi que ramificou?"

Ele sorriu orgulhosamente. "Eu sei qual é a ramificação falsa, e a verdadeira. Eu sei o que vai acontecer."

Bem, pelo menos isso. Ela sentiu uma onda de excitação. Se Nathan pudesse lhe dizer qual ramificação era verdadeira, e qual era falsa, e a natureza de cada ramificação, com certeza seria uma informação valiosa. Uma vez que as profecias não estavam em ordem cronológica, não havia jeito de simplesmente seguir uma ramificação, mas esse seria um ponto de partida muito bom: eles saberiam exatamente onde começar. Melhor ainda, eles teriam aprendido como ela acontecia, e não anos depois.

"Você fez muito bem, Nathan." Ele sorriu como uma criança que agradeceu sua mãe. "Traga uma cadeira para mais perto, e fale sobre a ramificação."

Nathan pareceu mergulhado em excitação quando puxou uma cadeira para o lado da mesa. Ele sentou nela bruscamente, inquieto como um cãozinho com um bastão. Ela esperava não ter que machucá-lo para tirar o bastão da boca dele.

"Nathan, pode me dizer a profecia que ramificou?"

Os olhos dele cintilaram de forma travessa. "Tem que certeza de que quer saber, Irmã Margaret? Profecias são perigosas. Da última vez que eu falei uma para uma bela dama, milhares morreram. Você mesma disse."

“Nathan, por favor. Está tarde. Isso é muito importante.”

A alegria abandonou o rosto dele. “Não lembro das palavras, exatamente.”

Ela duvidou da verdade daquilo; quando as profecias surgiam, a mente de Nathan via as palavras como se estivessem escritas em uma placa de pedra. Ela colocou uma das mãos no ombro dele para confortá-lo. “Isso pode ser entendido. Sei que é difícil lembrar cada palavra. Fale da melhor maneira que puder.”

“Bem, vamos ver.” Ele olhou para o teto enquanto tocava no queixo com a ponta dos dedos. “É aquela que diz alguma coisa sobre aquele de D'Hara que lançaria as trevas no mundo ao contar sombras.”

“Isso é muito bom, Nathan. Pode lembrar mais?” Ela sabia que ele provavelmente lembrava palavra por palavra, mas ele gostava de ser persuadido. “Seria uma tremenda ajuda para mim.” Ele a observou por um momento e então assentiu.

“Com o suspiro do inverno, as sombras contadas irão florescer. Se o herdeiro da vingança de D'Hara contar as sombras corretamente, sua sombra irá escurecer o mundo. Se ele contar errado, então sua vida estará perdida.”

“Certamente uma profecia ramificada. Esse foi o primeiro dia da estação do inverno.” Ela não sabia o que a profecia significava, mas sabia dela. Essa foi questão de muito estudo e debate lá embaixo nas câmaras, e preocupação sobre em que ano essa profecia deveria acontecer. “E que ramificação a profecia tomou?”

O rosto dele ficou amargo. “A pior delas.” Seus dedos remexeram em um botão. “Nós vamos cair sob a sombra dessa pessoa de D'Hara?”

“Você deveria estudar as profecias mais de perto, Irmã. A profecia seguinte continua dizendo: *Caso as forças da perdição sejam liberadas, o mundo cairá nas sombras de cobiça ainda mais sombria através daquilo que foi rasgado. Então, a esperança de salvação será tão fina quanto a lâmina branca daquele nascido verdadeiro.*” Ele se inclinou e sussurrou, “O único de cobiça mais sombria, Irmã Margaret, seria o Lorde da Anarquia.”

Ela sussurrou uma prece. "Que o Criador nos proteja em sua luz."

O sorriso dele era zombador. "A profecia não diz nada sobre o Criador vindo nos ajudar, Irmã. Se é proteção que você procura, é melhor seguir a ramificação verdadeira. É naquele caminho que Ele ofereceu um vislumbre de esperança para defesa contra o que acontecerá."

Ela alisou as dobras do vestido no colo. "Nathan, não sei o que essa profecia significa. Não podemos seguir a ramificação verdadeira e falsa se não sabemos o que ela significa. Você disse que conhecia aquelas ramificações. Pode me dizer? Pode me dizer uma profecia em cada ramificação, uma que conduza por cada caminho, para que possamos seguir o caminho delas?"

"Vingança sob o Mestre irá extinguir cada adversário. Terror, desalento e desespero reinarão livres." Ele olhou para ela atentamente com um olho. Essa conduz pela ramificação falsa."

Ela ficou imaginando como era possível que a profecia verdadeira fosse pior. "E a da ramificação verdadeira?"

"Uma profecia próxima logo depois da ramificação verdadeira diz: *De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva quando a ameaça da sombra se erguer. Então surgirá a escuridão maior dos mortos. Pois para que exista uma chance para o laço da vida, essa de branco deve ser oferecida para o povo dela, para gerar a alegria deles.*"

Margaret ponderou essas duas profecias. Ela não lembrava de nenhuma delas. A primeira pareceu simples o bastante para entender. Eles poderiam seguir a ramificação falsa, por certos caminhos, a partir dessa. A segunda era mais oblíqua, mas parecia que ela poderia ser decifrada com um pouco de estudo. Ela a reconhecia como sendo uma profecia sobre uma Confessora. A referência *aquela de branco* significava a Madre Confessora.

"Obrigada Nathan. Isso vai tornar a ramificação falsa mais fácil de seguir. A outra, a ramificação verdadeira, será um pouco mais difícil, mas com essa profecia para guiar o caminho, deveremos ser capazes de solucioná-la. Só teremos que procurar por profecias que levem para longe desse evento. De algum modo ela trará alegria

para o seu povo." Isso fez surgir um pequeno sorriso nos lábios dela. "Parece que ela vai se casar, ou algo dessa natureza."

O Profeta piscou para ela, então jogou a cabeça para trás e riu. Ele ficou de pé, rindo com força até que tossiu e engasgou. Ele virou para ela, seu rosto vermelho.

"Suas tolas arrogantes! O modo como vocês Irmãs andam pomposas como se o que fazem fosse significativo, como se soubessem o que estão fazendo! Você faz eu lembrar de uma terreno cheio de galinhas, cacarejando umas para as outras como se pensassem que entendem matemática avançada! Eu jogo o grão da profecia aos seus pés, e vocês cacarejam e arranham na sujeira, e então bicam em pedrinhas!"

Pela primeira vez desde que ela tornou-se uma Irmã, ela sentiu-se pequena e ignorante. "Nathan, isso será o bastante."

"Idiotas," ele sibilou.

Ele inclinou na direção dela tão rapidamente que assustou-a. Antes que ela percebesse, tinha liberado um raio de poder. Isso fez ele cair de joelhos. Ele agarrou o peito enquanto arfava. Margaret recolheu seu poder quase instantaneamente, arrependida por ter reagido dessa maneira: por medo.

"Peço desculpas, Nathan. Você me assustou. Você está bem?"

Ele agarrou na cadeira, arrastando-se para sentar enquanto suspirava. Ele assentiu. Ela ficou sentada imóvel, pouco à vontade, esperando que ele se recuperasse.

Um sorriso amargo surgiu nos lábios dele. "Assustei você, eu assustei? Você gostaria de ficar assustada de verdade? Gostaria que eu lhe mostrasse uma profecia? Não dizer as palavras, mas mostrá-la a você? Mostrá-la a você do jeito que ela deveria acontecer? Nunca mostrei a uma Irmã. Todas vocês as estudam e acham que podem decifrar o significado delas a partir das palavras, mas vocês não entendem. Esse não é o verdadeiro modo que elas funcionam."

Ela se inclinou para frente. "O que quer dizer com não é o modo como elas funcionam? Elas devem fazer previsões, e é isso que elas fazem."

Ele balançou a cabeça. "Apenas parcialmente. Elas são passadas adiante por aqueles com o dom, aqueles como eu:

profetas. Elas devem ser lidas e entendidas através do dom, por aqueles com o dom, aqueles como eu, não ser colhidas por aqueles com o seu poder.”

Enquanto ele se ajeitava, lançando uma aura de autoridade ao redor de si novamente, ela estudou o rosto dele. Ela nunca tinha ouvido tal coisa. Não estava certa se ele dizia a verdade, ou apenas falava com raiva. Mas se fosse verdade...

“Nathan, tudo que puder me dizer, ou mostrar, seria de grande ajuda. Todos nós estamos lutando no lado do Criador. Sua causa deve prevalecer. As forças do Sem Nome sempre se esforçam para nos silenciar. “Sim, eu gostaria que mostrasse uma profecia do jeito que ela deve ser acontecer, se você puder.”

Ele se levantou, olhando para ela com ardente intensidade. Finalmente ele falou suavemente. “Muito bem, Irmã Margaret.”

Ele se inclinou na direção dela, sua expressão tão séria que quase a deixou sem fôlego.

“Olhe dentro de meus olhos,” ele sussurrou. “Perca-se dentro de meus olhos.”

Seu olhar a envolveu, a profunda cor azul-celeste espalhando-se na visão dela até que pareceu que ela estava olhando para dentro de um céu claro. Ela sentiu como se ele estivesse sugando todo o ar dela.

“Vou lhe dizer a profecia da ramificação verdadeira novamente, mas dessa vez, mostrarei a você da forma como deveria ser mostrada.” Ela flutuou enquanto ouvia. *“De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva...”*

As palavras desapareceram, e ao invés delas, ela viu a profecia como se estivesse tendo uma visão. Ela foi lançada dentro dela. Não estava mais no Palácio, mas na própria visão.

Ela viu uma bela mulher de cabelo longo, usando um vestido branco de cetim: a Madre Confessora. Margaret viu as outras Confessoras sendo mortas por quads enviados de D'Hara e sentiu o horror cegante que isso causou. Ela viu o melhor amigo da mulher e a irmã Confessora morrerem nos braços dela. Ela sentiu a tristeza da Madre Confessora.

Então, Margaret viu a Madre Confessora diante daquele de D'Hara que tinha enviado os quads para matar as outras Confessoras. O homem bonito de branco estava diante de três caixas. Para a surpresa de Margaret, cada uma das caixas lançava um diferente número de sombras. O homem de manto branco realizou rituais, lançou feitiços malignos, feitiços do submundo, tarde da noite, durante a noite toda, até que o sol levantou. Enquanto o dia clareou, de algum modo Margaret soube que era esse dia. Ela estava vendo o que aconteceu no dia de hoje.

O homem de branco tinha acabado os preparativos. Ele ficou parado na frente das caixas. Sorrindo, esticou-se e abriu a do centro, aquela que lançava duas sombras. No início, luz de dentro da caixa o banhava em seu brilho, mas então em um forte clarão de poder, a magia da caixa girou ao redor dele e absorveu sua vida.

Ele escolheu errado; perdeu sua vida para a magia que procurava reivindicar.

Ela viu a Madre Confessora com um homem. Um homem que ela amava. Sentiu a felicidade dela. Era uma alegria que a mulher jamais experimentou. O coração de Margaret encheu-se com a felicidade que a Madre Confessora sentia ao lado desse homem. Era uma visão do que estava acontecendo nesse exato momento.

E então a mente de Margaret saltou adiante em um turbilhão. Ela viu guerra e morte espalhando-se pela terra. Viu a morte trazida pelo Guardiã do submundo, para o mundo dos vivos com um prazer maligno que a fez estremecer de horror.

Novamente a profecia arrastou-a adiante até uma grande multidão. No centro estava a Madre Confessora, de pé em uma plataforma. O povo estava excitado e em um clima de celebração.

Esse era o evento mais alegre que a ramificação da profecia traria, uma das ramificações que deveria acontecer de forma correta para salvar o mundo da escuridão que lançava-se sobre ele. Ela foi envolvida no clima festivo da multidão. Ela sentiu uma formigação de esperança excitante, imaginando se o homem que a Madre Confessora amava era aquele com quem ela casaria, e se esse era o evento feliz que do qual a Profecia falava que traria alegria ao povo. Seu coração desejou ardentemente que assim fosse.

Mas algo não estava certo. O prazer caloroso de Margaret esfriou até que sua carne formigou com calafrios.

Com uma onda de preocupação, Margaret viu que as mãos da Madre Confessora estavam atadas, e perto dela estava um homem, não o homem que ela amava, mas um homem com um capuz negro. Ele segurava um grande machado. A preocupação de Margaret transformou-se em horror.

Uma mão forçou a Madre Confessora a cair de joelhos, agarrou seu cabelo e baixou seu rosto até o bloco. Agora seu cabelo estava curto, não longo como estivera antes, mas era a mesma mulher. Lágrimas gotejavam dos olhos fechados da Madre Confessora. Seu vestido branco cintilou sob a luz do sol. Margaret não conseguia respirar.

O grande machado crescente subiu no ar. Brilhou como um raio através da luz do sol, batendo solidamente no bloco.

Margaret arfou. A cabeça da Madre Confessora caiu no cesto. A multidão gritou satisfeita.

Sangue jorrou e se espalhou descendo pelo vestido enquanto o cadáver sem cabeça caiu no chão de madeira. Uma poça de sangue escorreu sob o corpo, deixando o vestido branco vermelho. Tanto sangue. A multidão rugiu de euforia.

Um gemido de horror escapou da garganta de Margaret. Ela pensou que poderia vomitar. Nathan a segurou quando ela caiu para frente, chorando e gemendo. Ele a segurou como um pai faria com uma criança assustada.

"Ah, Nathan, é esse o evento que vai trazer alegria para o povo? É isso que deve acontecer para que o mundo dos vivos seja salvo?"

"É," ele disse suavemente. Quase toda profecia abaixo dessa ramificação é uma ramificação. Para que o mundo dos vivos seja salvo do Guardião do submundo, então cada evento deve tomar a ramificação correta. Nessa profecia, o povo deve alegrar-se ao ver a Madre Confessora morrer, pois na outra ramificação jaz a escuridão eterna do submundo. Não sei porque é assim."

Margaret chorou no manto dele enquanto seus braços fortes a seguravam com firmeza. "Oh, querido Criador," ela choramingou,

“tenha piedade de sua pobre criança. Dê força a ela.”

“Não há piedade quando enfrentamos o Guardião.”

“Ah, Nathan, eu li profecias de pessoas morrendo, mas eram apenas palavras. Ver isso de modo real feriu minha alma.”

Ele bateu levemente nas costas dela enquanto a segurava. “Eu sei. Eu sei muito bem.”

Margaret levantou, enxugando as lágrimas do rosto. “Essa é a verdadeira profecia que está além daquela que ramificou hoje?”

“É.”

E esse é o modo como elas deveriam ser vistas?”

“Sim. Esse é o modo como elas se apresentam a mim. Eu lhe mostrei o jeito como eu as vejo. As palavras, também, aparecem com a profecia, e essas são as que devem ser escritas, então aqueles que não enxergam as profecias não as verão como elas realmente são, mas aqueles que enxergam verão quando lerem as palavras. Eu nunca tinha mostrado uma profecia para alguém.”

“Então, porque mostrou para mim?”

Seus olhos tristes a observaram por um momento. “Margaret, estamos em uma batalha contra o Guardião. Você tem que saber o perigo em que estamos envolvidos.”

“Sempre estamos em uma batalha contra o Guardião.”

“Eu acho, que talvez, essa seja diferente.”

“Tenho que falar para os outros. Tenho que dizer o que você pode mostrar para eles. Devemos ter a sua ajuda para entender as profecias.”

“Não. Não mostrarei a ninguém mais o que mostrei a você. Não importa a dor que eles pensem em infligir em mim, não vou cooperar. Nunca mais farei isso para você, ou qualquer outra Irmã.”

“Mas porque não?”

“Você não deveria vê-las. Apenas ler.”

“Mas isso não pode ser...”

“Tem que ser; caso contrário, seu dom trabalharia para bloqueá-las. Você não deve vê-las, assim como você sempre diz que outros com mentes comuns não devem ouvi-las.”

“Mas elas poderiam nos ajudar.”

“Elas não vão ajudá-la mais do que aquela que eu disse para aquela garota lhe ajudou, ou aqueles milhares que morreram. Assim como você me mantém prisioneiro aqui, para que outros não possam ouvir o que não devem ouvir, eu devo manter todos a não ser outro profeta prisioneiros de sua ignorância. Essa é a vontade Dele que deu o dom, e tudo mais. Se Ele desejasse que você a tivesse, teria dado a você a chave junto com seu dom, mas Ele não quis.”

“Nathan, tem outros que te machucariam até que você revelasse a eles.”

“Não revelarei a eles, não importa o quanto me machuquem. Eles vão me matar antes que o faça.” Ele inclinou a cabeça na direção dela. “E eles não tentarão, a não ser que você diga a eles.”

Ela o observou, vendo ele de modo diferente do que tinha visto antes. Ninguém antes havia sido tão tortuoso quanto ele. Ele era o único em quem nunca puderam confiar. Todos os outros disseram a verdade sobre os dons deles e suas capacidades, mas elas sabiam que Nathan mentiu, sabiam que ele não estava dizendo tudo que era capaz de fazer.

Ela ficou imaginando o que ele sabia, do que ele era capaz.

“Irei para o meu túmulo com o que você mostrou, Nathan.”

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. “Obrigado, criança.”

Havia outras Irmãs que o teriam machucado por falar assim com uma Irmã. Ela não era uma delas. Ficou de pé e ajeitou seu vestido.

“De manhã, direi para aqueles nas câmaras sobre a profecia que ramificou, e sobre aquelas na ramificação falsa e nas ramificações verdadeiras. Eles terão que decifrá-las da melhor maneira que puderem, usando o que o Criador lhes deu.”

“É desse jeito que deve ser.”

Ela colocou de volta a tinta, a caneta, e o secador de tinta na gaveta da mesa. “Nathan, porque você queria que a Prelada viesse? Não lembro de você ter chamado ela antes.”

Quando ela levantou o olhar, ele a estava estudando com fria indiferença.

“Isso, também, Irmã Margaret, você não deve saber. Você deseja causar dor, para tentar fazer com que eu diga?”

Ela recolheu o livro de profecia da mesa. “Não, Nathan, não farei isso.”

“Então, você entregará uma mensagem para a Prelada para mim?” Ela assentiu, retendo as lágrimas que ainda ardiam em seus olhos. “O que você quer que eu diga a ela?”

“Você também levará isso para o túmulo e não dirá a mais ninguém além da Prelada?”

“Se você quiser, embora eu não entenda porque. Você pode confiar nas Irmãs.”

“Não. Margaret, quero que você me escute. Quando é contra o Guardiã que você está lutando, não deve confiar em ninguém. Estou correndo um perigoso risco ao confiar em você, e na Prelada. Não confie em ninguém.” Suas sobrancelhas dobradas forneciam a ele uma aparência assustadora. “Só aqueles em quem confia podem trair você.”

“Está certo, Nathan. Qual é a mensagem?”

Ele olhou para ela atentamente. Finalmente suas palavras surgiram em um sussurro. Diga a ela que a *pedra* está no *lago*.”

Margaret piscou para ele. “O que isso significa?”

“Você já ficou assustada o bastante, criança. Não teste sua resistência novamente.”

“Irmã Margaret, Nathan,” ela falou suavemente. “Não sou nenhuma *criança*, e sim Irmã Margaret. Por favor trate-me com o devido respeito.”

Ele sorriu. “Perdoe-me, Irmã Margaret.” Às vezes seus olhos causavam arrepios na espinha dela. “Mais uma coisa, Irmã Margaret.”

“O que é?”

Ele se esticou e enxugou uma lágrima da bochecha dela. “Na verdade eu não sei sobre a sua morte.” Ela suspirou de alívio. “Mas sei de algo mais relacionado a você que tem importância. Que tem importância na batalha com o Guardiã.”

“Se isso vai me ajudar a trazer a luz do Criador sobre o mundo, então diga.”

Ele pareceu voltar-se para o seu interior, olhando para ela como que de uma grande distância. “Um tempo virá, em breve, quando você tropeçará em algo, e terá necessidade de saber a resposta para uma pergunta. Eu não sei a pergunta, mas quando tiver a necessidade de encontrar a resposta, venha até mim, e isso, eu saberei. Isso você também não deve revelar a ninguém mais.”

“Obrigada, Nathan.” Ela se esticou e tocou a mão dele. “Eua as Bênçãos do Criador recaiam sobre Sua criança.”

“Não, obrigado, Irmã. Eu não desejo mais nada do Criador.”

Ela olhou para ele surpresa. “Porque mantemos você trancado aqui dentro?”

O leve sorriso dele retornou. “Há muitos tipos diferentes de prisões, Irmã. Tanto quanto posso me preocupar, as bênçãos Dele são deturpadas. A única coisa pior do que ser tocado pelo Criador é ser tocado pelo Guardião. E até mesmo disso, eu ainda não tenho certeza.”

Ela puxou a mão. “Ainda assim rezarei por você, Nathan.”

“Se você se importa tanto comigo, então liberte-me.”

“Sinto muito, não posso fazer isso.”

“Quer dizer, você não fará isso.”

“Entenda como quiser, mas você deve permanecer aqui.”

Finalmente ele se afastou dela. Ela andou na direção da porta.

“Irmã? Você mandaria uma mulher para me visitar? Para passar uma ou duas noites comigo?”

A dor em sua voz quase a fez chorar. “Pensei que você estaria além dessa idade.”

Ele virou lentamente para ela. “Você tem um amante, Irmã Margaret.”

Ela ficou surpresa com isso. Como ele poderia saber? Ele não sabia; estava chutando. Ela era jovem, e pensava ser atraente para alguns. É claro que estaria interessada em homens. Ele estava apenas fazendo uma suposição. Mas até então, nenhuma das Irmãs sabia o que ele era capaz de fazer.

Ele era o único mago que não podiam confiar ser verdadeiro sobre os seus poderes.

“Você dá ouvidos para fofocas, Nathan?”

Ele sorriu. "Diga-me, Irmã Margaret, você tem o dia planejado, quando você estiver velha demais para o amor, mesmo se for apenas por um tempo fugaz como uma noite? Em qual idade exatamente, Irmã, perdemos a necessidade de amar?"

Ela ficou em silêncio, envergonhada, por um tempo. "Eu mesma irei, Nathan, até a cidade, e vou trazer uma mulher para visitá-lo por algum tempo. Mesmo se eu tiver que pagar o preço dela eu mesma. Não posso prometer que ela será bonita para seus olhos, uma vez que não sei o que os seus olhos desejam, mas posso jurar que ela não terá uma cabeça vazia, como acredito que você valoriza mais do que poderá admitir."

Ela viu uma lágrima cair do canto do olho dele. "Obrigado, Irmã Margaret."

"Mas Nathan, tem que me prometer que não vai dizer a ela nenhuma profecia."

Ele inclinou a cabeça levemente. "É claro, Irmã. Eu juro por minha palavra como um mago."

"Eu falo sério, Nathan. Não quero tomar parte em ser responsável pela morte de pessoas. Não foram apenas homens que morreram naquelas batalhas, mas mulheres também. Não poderia suportar ter participação nisso."

As sobrancelhas dele se erguera. "Nem mesmo, Irmã Margaret, se uma daquelas mulheres pudesse carregar, se tivesse vivido, um filho que cresceria tornando-se um tirano brutal que aplicasse tortura e matasse dezenas de milhares sobre dezenas de milhares de pessoas inocentes, entre elas mulheres e crianças? Nem mesmo, Irmã, se você tivesse uma chance de eliminar essa ramificação de uma profecia terrível?"

Ela ficou impressionada, congelada. Finalmente ela piscou. "Nathan," ela sussurrou, "você está dizendo..."

"Boa noite, Irmã Margaret." Ele se virou e caminhou até a solidão do seu pequeno jardim, levantando seu capuz negro enquanto seguia.

CAPÍTULO 6



O vento chicoteou nela, puxando suas roupas e fazendo bater as pontas soltas. Depois de toda a confusão de ontem, Kahlan pelo menos estava feliz em ter pensado em amarrar seu cabelo. Ela se agarrava em Richard por amor à vida, pressionando o lado de seu rosto contra a costa dele enquanto ela fechava os olhos com força.

Estava acontecendo de novo - a forte sensação de peso crescente que fez o nó na boca do estômago dela mover-se como que por vontade própria. Ela pensou que ficaria doente. Teve medo de abrir os olhos; ela sabia o que sempre acontecia quando ela sentia que estava pesada desse jeito. Richard gritou para que ela olhasse.

Ela abriu os olhos só um pouquinho, espiando através de brechas estreitas. Como ela suspeitava, o mundo estava inclinado em um ângulo louco. A cabeça dela girou de modo estonteante. Porque o dragão tinha que inclinar sempre que fazia uma curva? Ela podia sentir que era pressionada contra as escamas vermelhas. Não conseguia entender porque não estava caindo.

Richard havia dito a ela que tinha descoberto que era do mesmo modo como você balançava um balde com água em cima da cabeça e a água não caía. Ela nunca balançou um balde com água em cima da cabeça dela e não tinha certeza se ele estava falando a verdade sobre a água não cair. Ela olhou para o chão ansiosa e viu para o que Richard estava apontando - a vila do Povo da Lama.

Siddin gritou de alegria do colo de Richard enquanto as asas enormes de Scarlet capturavam o ar e os lançavam em uma veloz espiral. Quando o dragão vermelho aprumou em direção ao chão, o nó do estômago de Kahlan pareceu estar subindo em sua garganta. Ela não entendia como eles podiam gostar de fazer isso. Eles

adoravam. Realmente adoravam! Braços levantados no ar, os dois estavam rindo de prazer, agindo como garotinhos. Bem, um deles era um garotinho, e ela achava que ele tinha o direito.

De repente ela sorriu e ela mesma riu. Não de voar em um dragão, mas por ver o quanto Richard estava feliz. Ela voaria em um dragão todos os dias só para ver ele rindo e feliz. Ela se esticou e beijou atrás do pescoço dele. Ele abaixou as mãos e esfregou as pernas dela. Ela apertou as pernas com mais força em volta dele e esqueceu um pouco a sensação de estar doente.

Richard gritou pedindo que Scarlet pousasse em um campo aberto no centro do vilarejo. O sol estava quase desaparecendo, fazendo com que as construções feitas com lama no círculo do vilarejo se destacassem na luz suave. Kahlan podia sentir o cheiro da fumaça doce das fogueiras que usavam para cozinhar. As grandes sombras cobriam as pessoas que corriam buscando abrigo. Mulheres que cozinham em abrigos e homens que estavam fazendo armas, todos gritavam e chamavam.

Ela esperava que eles não ficassem assustados demais. Da última vez que Scarlet tinha vindo aqui ela carregava Darken Rahl, e quando não encontrou Richard ele matou pessoas. Essas pessoas não sabiam que Rahl tinha forçado Scarlet a voar com ele depois que roubou o ovo dela. É claro, mesmo sem Darken Rahl voando nela, ninguém jamais pensou em um dragão vermelho como nada além de uma ameaça mortal. Ela mesma teria corrido para salvar sua vida ao ver um dragão vermelho. Os vermelhos eram os mais temidos entre todos os dragões, e ninguém imaginaria fazer nada com um dragão vermelho a não ser tentar matá-lo, ou correr para salvar a vida.

Quer dizer, ninguém a não ser Richard. Quem mais além de Richard pensaria em ser amigo de um? Ele arriscou sua vida para libertar o ovo dela do controle de Rahl para que ela o ajudasse, e no processo tinha feito uma amiga para toda a vida, ainda que Scarlet ainda declarasse sua intenção de devorar ele algum dia. Kahlan suspeitou que isso era algum tipo de piada particular entre os dois, pois Richard ria sempre que ela falava isso. Pelo menos Kahlan esperava que fosse apenas uma piada - ela não estava bem certa.

Kahlan olhou para o vilarejo e desejou que os caçadores não começassem a atirar flechas envenenadas antes que vissem quem estava voando no dragão vermelho.

De repente reconheceu sua casa. Ele apontou excitado, e falou com Richard na língua do Povo da Lama. Richard não conseguiu entender uma só palavra mas sorriu, balançou a cabeça e esfregou o cabelo de Siddin. Os dois agarraram os espinhos na costa de Scarlet quando ela interrompeu a descida. Poeira girou ao redor deles, levantada pelo bater das asas enormes de Scarlet quando ela tocou o chão.

Richard segurou Siddin e sentou o garotinho em seus ombros largos, então ficou de pé na costa de Scarlet. A forte brisa fria afastou a poeira para revelar um tenso grupo de caçadores, seus arcos preparados, árvores envenenadas apontando para os três. Kahlan prendeu a respiração.

Rindo, Siddin balançou as duas mãos acima da cabeça, como Richard havia dito para ele. Scarlet manteve sua cabeça abaixada para que o Povo da Lama pudesse ter uma visão clara de quem estava sobre ela. As caçadores, surpresos, baixaram cautelosamente seus arcos. Kahlan suspirou quando viu a tensão das cordas dos arcos desaparecer.

Uma figura usando calças de pele e manto caminhou através do cordão de caçadores. Longos cabelos prateados espalhavam-se sobre os seus ombros. Era o Homem Pássaro, seu rosto queimado de sol era uma imagem de choque.

“Sou eu, Richard! Eu voltei! Com a sua ajuda, nós derrotamos Darken Rahl. E, nós trouxemos Savidlin e o filho de Weselan de volta.”

O Homem Pássaro olhou para Kahlan enquanto ela traduzia. Um brilhante sorriso abriu-se em seu rosto. “Nós damos boas-vindas a vocês dois que voltam para seu povo de braços abertos.”

Mulheres e crianças estavam se reunindo entre o anel de caçadores, os cabelos melados de lama deles emoldurando rostos espantados. Scarlet baixou seu corpo volumoso até o chão e Richard escorregou pelo ombro dela, tocando o chão fazendo barulho com suas botas. Ele segurava Siddin em um braço quando esticou o outro

e ajudou Kahlan a descer. Ela estava bastante feliz em ter seus pés no chão outra vez.

Weselan abriu caminho pela multidão, correndo até eles, Savidlin logo em seu calcanhar. Ela chamou o nome do filho chorando.

Siddin manteve os braços esticados alegremente e praticamente pulou nos braços dela. Weselan alternou entre o choro e o riso enquanto tentava abraçar seu filho, Richard e Kahlan ao mesmo tempo. Savidlin esfregou a costa de seu garoto e olhou para ela e Richard com olhos úmidos.

“Ele foi corajoso como qualquer caçador,” Kahlan disse para ele.

Ele balançou a cabeça de modo firme e cheio de orgulho. Avaliou ela por um momento e então chegou mais perto, dando nela uma suave tapa. “Força para a Professora Kahlan.”

Kahlan devolveu a tapa e a saudação, e então ele jogou os braços em volta dela e a espremeu retirando quase todo o ar dela. Quando terminou de abraçá-la, ele arrumou sua pele de coite de ancião nos ombros e olhou para Richard. Balançou a cabeça de admiração. E então deu em Richard um golpe poderoso no queixo, uma demonstração de seu profundo respeito pela força de Richard.

“Força para Richard, o Esquentado,.”

Kahlan desejou que ele não tivesse feito aquilo. Ela podia dizer pelos olhos de Richard que ele estava com dor de cabeça. Ele estivera assim desde ontem, e ela teve esperança de que ele estaria melhor depois de uma boa noite de sono na caverna de Scarlet.

Siddin tinha brincado com o pequeno dragão vermelho até ficar cansado, e então aconchegou-se entre eles e dormiu.

Não tendo dormido por dias, ela pensou que não teria problemas em dormir, mas ela descobriu que não queria parar de olhar para Richard. Finalmente ela havia colocado a cabeça no ombro dele, segurado suas mãos nas dela, e adormecido sorrindo. Todos eles precisavam descansar. Pesadelos fizeram Richard acordar muitas vezes suando frio, e mesmo que ele não tivesse dito nada, ela podia ver em seus olhos que ele ainda estava com a dor de cabeça. Entretanto, Richard não deixou que isso o incomodasse, e devolveu a tapa de Savidlin.

“Força para Savidlin. Meu amigo.”

Adequadamente cumprimentados, de almas protegidas, Savidlin deixou soltos os sorrisos e tapinhas nas costas. Depois que trocaram saudações com o Homem Pássaro, Richard dirigiu-se à multidão.

“Esse bravo e nobre dragão, Scarlet,” ele gritou para que todos pudessem ouvir, embora eles não pudessem entender as palavras, “me ajudou a matar Darken Rahl e vingou nosso povo assassinado. Ela nos trouxe aqui de modo que foi possível devolver Siddin antes que seus pais pudessem temer por ele mais uma noite. Ela é minha amiga, uma amiga do Povo da Lama.”

Todos estavam chocados quando Kahlan traduziu. Os caçadores, pelo menos, estufaram os peitos ao ouvir que um inimigo do Povo da Lama tinha sido morto por um deles - mesmo se ele fosse um deles por proclamação e não por nascimento. O Povo da Lama honrava a força, e para eles matar alguém que feriu seu povo significava força.

A cabeça de Scarlet abaixou, as orelhas dela balançando. Um olho amarelo observou Richard. “Amiga! Dragões vermelhos não são amigos de pessoa alguma! Somos temidos por todos!”

“Você é minha amiga.” Richard sorriu. “Eu sou uma pessoa.”

Scarlet bufou um pouco de fumaça nele. “Baah. Ainda vou devorar você.”

O sorriso de Richard aumentou. Ele apontou para o Homem Pássaro. “Vê esse homem? Ele me deu o apito que eu usei para salvar o seu ovo. Se não fosse aquele apito, os gars poderiam ter devorado o seu pequenino.” Ele colocou uma das mãos no focinho vermelho. “E ele é um lindo pequenino.”

Scarlet inclinou a cabeça, piscando um grande olho amarelo para o Homem Pássaro. “Acho que ele seria uma refeição magra demais.”

Ela olhou para Richard, uma risada trovejando em sua garganta. “Todo o vilarejo não daria uma refeição decente. Mais trabalho do que valeria a pena.” Ela aproximou a cabeça dele. “Se eles são seus amigos, Richard Cypher, eles são meus amigos também.”

“E Scarlet, esse aqui é chamado de Homem Pássaro porque ele adora criaturas que voam.”

As sobancelhas escamosas de Scarlet levantaram. “Verdade?” Ela balançou a cabeça aproximando-se do Homem Pássaro, analisando-o mais uma vez.

A proximidade da grande cabeça de Scarlet fez com que alguns que estavam perto dele se afastassem um passo ou dois. O Homem Pássaro manteve sua posição. “Obrigada, Homem Pássaro, por ajudar Richard. Ele salvou o meu pequenino. O Povo da Lama não tem nada a temer de mim. Pela minha honra de dragão.”

O Homem Pássaro olhou para Kahlan quando ela traduziu, sorriu para Scarlet, e então virou para seu povo. “Como Richard, o Esquentado, diz, esse nobre dragão, Scarlet, é uma amiga do Povo da Lama. Ela pode caçar em nossa terra, e não causaremos mal algum para ela, nem ela para nós.”

Aclamações irromperam da multidão. Para o povo, ter um dragão como amigo era considerado uma honra para sua força. Todos pareciam estar gritando de excitação. Eles balançavam os braços no ar e batiam os pés fazendo pequenas danças. Scarlet compartilhou a felicidade jogando a cabeça para trás e lançando uma coluna de fogo para o céu. O povo gritou mais alto.

Kahlan notou que Richard olhava para o lado. Ela acompanhou a direção do olhar dele até um pequeno grupo de caçadores reunido. Nenhum deles estava comemorando. Ela reconheceu o líder deles. Era aquele que havia culpado Richard por trazer problemas ao vilarejo - culpado Richard pelas mortes do Povo da Lama nas mãos de Darken Rahl.

Enquanto o burburinho e gritaria prosseguiu, Richard fez um sinal para que Scarlet se aproximasse. Quando ela baixou a cabeça, ele colocou o rosto bem perto do ouvido dela. Ela escutou seja lá o que fosse que ele estava dizendo e então afastou a cabeça, observando-o com um grande olho amarelo. Ela assentiu.

Richard segurou o apito de osso entalhado pendurado por uma correia de couro em seu pescoço quando virou para o Homem Pássaro. “Você me deu isso como um presente, mas disse que ele jamais me ajudaria porque eu só poderia chamar todos pássaros de

uma só vez. Acho que talvez os bons espíritos desejassem que fosse desse jeito. Esse presente me ajudou a salvar todos de Darken Rahl. Ele me ajudou a salvar Kahlan. Obrigado.”

O Homem Pássaro sorriu com a tradução. Richard sussurrou no ouvido de Kahlan que ele voltaria logo, e então subiu em Scarlet.

“Honrado ancião, Scarlet e eu gostaríamos de dar a você um pequeno presente. Gostaríamos de levá-lo lá em cima no ar, então você poderá ver onde os seus amados pássaros voam.” Ele esticou uma das mãos para o Homem Pássaro.

O ancião, ao ouvir a tradução, olhou para Scarlet desconfiado. Sua escamas vermelhas vibrantes estavam brilhantes sob o sol da tarde, ondulando com a respiração dela. A cauda dela chegava quase até as casas feitas de lama atravessando o campo. O dragão abriu as asas e as esticou preguiçosamente. Ele olhou para Richard, que ainda estava oferecendo a mão para ele. Um sorriso de um garotinho surgiu no rosto do ancião. Isso fez Kahlan rir. Ele agarrou o braço de Richard e subiu.

Savidlin caminhou e ficou ao lado de Kahlan quando o dragão se ergueu no ar. As pessoas gritaram com alegria enquanto observavam o dragão carregando seu honrado ancião no ar. Kahlan não estava vendo o dragão. Ela via apenas Richard. Podia ouvir o Homem Pássaro rindo enquanto Scarlet os carregava para cima. Ela esperava que ele ainda estivesse rindo depois que Scarlet fizesse uma curva.

Savidlin olhou para ela. “Ele é uma pessoa rara, Richard, o Esquentado.”

Ela sorriu e concordou balançando a cabeça. O olhar dela desviou para o homem que não estava comemorando ou feliz. “Savidlin, quem é aquele homem?”

“Chandalen. Ele culpa Richard por Darken Rahl vir aqui e matar pessoas.”

A Primeira Regra do Mago veio até a mente dela: As pessoas vão acreditar em qualquer coisa. “Se não fosse por causa de Richard, agora Darken Rahl governaria a todos nós, o mesmo Darken Rahl que matou aquelas pessoas.” Savidlin encolheu os ombros. “Nem todos que possuem olhos podem ver. Lembra do

ancião que você matou? Toffalar? Aquele era o tio dele.” Ela balançou a cabeça distraidamente.”

“Espere aqui.”

Kahlan andou pelo campo, soltando o cabelo enquanto caminhava. Ela ainda estava maravilhada por saber que Richard a amava e que ele não poderia ser ferido pela magia dela. Dificilmente seria possível acreditar que ela, uma Confessora, alguma vez pudesse experimentar o amor. Isso ia contra tudo que haviam lhe ensinado.

Ela só queria levar Richard para algum lugar, beijá-lo e abraçá-lo até que eles ficassem velhos.

Ela não permitiria de modo algum que esse homem, Chandalen, causasse algum mal a Richard. Agora que ela e o homem que amava poderiam de alguma forma, magicamente, ficar juntos, não permitiria que nada colocasse isso em risco.

O mero pensamento de alguém ferindo Richard fazia a Raiva de Sangue, o Con Dar, ferver dentro dela.

Ela nunca soube a respeito do Con Dar, nunca soube que isso era uma parte da magia dela, até que ela o fez emergir quando pensou que Richard tinha sido morto. Desde então, ela o sentia em seu interior, do mesmo jeito como sempre sentiu o resto da magia de Confessora.

Com os braços cruzados sobre o peito, Chandalen observou ela se aproximar. Seus caçadores ficaram atrás dele, apoiando-se em lanças plantadas no chão. Aparentemente, eles tinham acabado de voltar de uma caçada; seus corpos magros ainda estavam sujos de lama. Eles estavam relaxados, mas alertas. Arcos estavam pendurados nos ombros e aljavas em um lado dos cintos deles, longas facas no outro lado. Havia manchas de sangue em alguns dos homens. Grama presa em faixas na parte de cima dos braços e ao redor das cabeças deles ajudavam a torná-los invisíveis nas áreas verdes ao redor quando eles queriam. Kahlan parou na frente de Chandalen, olhando dentro de seus olhos escuros. Ela deu um tapa nele. “Força para Chandalen.” Ele desviou o olhar dela, braços ainda cruzados, virou a cabeça, e cuspiu. Seu olhos ferozes voltaram a encarar os dela. “O que você quer, Confessora?”

Os rostos com faixas de lama dos caçadores exibiram leves sorrisos. A terra do Povo da Lama provavelmente era o único lugar onde era um insulto não receber uma tapa. “Richard, o Esquentado, sacrificou mais do que você jamais saberá para salvar nosso povo de Darken Rahl. Porque você o odeia?”

“Vocês dois trouxeram problemas para meu povo. Você vai trazer de novo.”

“Nosso povo,” ela corrigiu. Kahlan desabotoou o punho da blusa dela e puxou a manga até o ombro.

Ela empurrou o braço na frente do rosto dele. “Toffalar me cortou. Essa é a cicatriz que ele deixou quando tentou me matar.

Isso foi antes que eu o matasse. Não depois. Ele matou a si mesmo ao me atacar. Eu não fui atrás dele.”

Sem emoção o olhar de Chandalen levantou da cicatriz para os olhos dela. “O tio nunca foi muito bom com uma faca.”

“Pena.”

A mandíbula de Kahlan ficou rígida. Ela não podia recuar agora.

Ela beijou a ponta dos dedos enquanto encarava o olhar dele. Esticando-se, tocou os dedos na bochecha dele onde deu a tapa nele. Os caçadores começaram a sussurrar furiosos, arrancando suas lanças do chão. O rosto de Chandalen se contorceu de raiva.

Esse era o pior insulto que você poderia dirigir a um caçador. Ele havia mostrado um leve desrespeito ao não dar uma tapa nela. Isso não indicava que ele não tinha respeito algum pela força dela, só que ele não queria mostrar se ele tivesse. Ao colocar um beijo onde ela havia oferecido um tapa de respeito, ela retirou seu respeito pela força dele. O toque do beijo disse que ela não tinha respeito algum pela força dele e o considerava como se não fosse mais do que uma criança tola. Havia cuspidido publicamente na honra dele.

Enquanto fazer isso era uma coisa perigosa, entre o Povo da Lama era mais perigoso ainda mostrar fraqueza para um inimigo. Isso seria um convite para ser assassinado durante o sono. Mostrar fraqueza negava o direito de encarar um adversário sob a luz. A honra exigia que a força fosse desafiada abertamente. Uma vez que

ela fez isso com ele na frente dos outros, a honra pedia que qualquer desafio dele fosse da mesma forma.

“De agora em diante,” ela disse, “se quiser meu respeito, terá que conquistá-lo.”

O punho de Chandalen recuou até a sua orelha, preparando-se para golpeá-la.

Kahlan esticou o queixo para ele. “Então você decidiu mostrar seu respeito por minha força?”

O olhar dele desviou para alguma coisa atrás dela. Seus caçadores hesitaram e de forma relutante enterraram as suas lanças no chão. Kahlan virou e viu cerca de cinquenta homens com os arcos esticados. Cada uma das flechas estava direcionada para Chandalen ou um dos seus nove homens.

“Então,” Chandalen zombou, “você não é tão forte. Você tem que pedir proteção para outros.”

“Baixem suas armas,” ela gritou para os homens. “Ninguém deve erguer uma arma para esses homens por mim. Ninguém. Isso é apenas entre Chandalen e eu.”

Relutantes, todos os arcos baixaram, e as flechas voltaram para dentro das aljavas.

Chandalen cruzou os braços mais uma vez. “Você não é tão forte. Também vai se esconder atrás da espada do Seeker.”

Kahlan bateu com a mão no antebraço dele e segurou com força. Os olhos de Chandalen arregalaram um pouco enquanto ele congelou. Pois uma Confessora colocar sua mão em alguém dessa maneira era uma ameaça visível, e ele reconheceu isso. Audacioso ou não, ele sabia que era melhor não mover um só músculo; não poderia se mover tão rápido quanto o pensamento dela, e isso era tudo que ela precisava.

A voz dela estava baixa e sibilante. “No último ano, eu matei mais homens do que você falsamente se gaba ter feito em toda a sua vida. Se alguma vez tentar ferir Richard, vou matar você.” Ela chegou mais perto. “Se você ao menos ousar expressar o pensamento em voz alta, e isso chegar aos meus ouvidos - vou matar você.”

Ela incluiu os caçadores com um deliberado movimento de seu olhar. “Minha mão sempre estará estendida para cada um de você em amizade. Se qualquer mão se estender para mim com uma faca, matarei como matei Toffalar. Eu sou a Madre Confessora - não pensem que não posso fazê-lo. Ou que não farei.”

Ela sustentou o olhar de cada um dos caçadores até que eles balançaram as cabeças em reconhecimento. Finalmente seus olhos frios seguiram para Chandalen. O a orça do aperto dela aumentou. Ele engoliu em seco. Finalmente ele também assentiu.

“Essa é uma questão entre nós sobre a qual não falarei para o Homem Pássaro.” Ela tirou a mão do braço dele. Ao longe, o dragão rugiu indicando seu retorno. “Estamos do mesmo lado, Chandalen. Nós dois lutamos para que o Povo da Lama sobreviva. Essa parte de você, eu respeito.”

Ela aplicou nele um tapa bem leve. Não lhe ofereceu oportunidade de retribuir, ou desprezá-la, e ao invés disso virou as costas para ele. A tapa havia dado a ele de volta um pouco do seu respeito aos olhos de seus homens, e faria ele parecer tolo e fraco se ele escolhesse fazer pressão e atacasse agora. Era uma pequena oferenda, mas isso tinha mostrado que ela agiu honradamente. Ela deixaria por conta de seus homens decidir se ele tinha feito isso. Intimidar uma mulher não trazia honra alguma.

Mas realmente, ela não era uma simples mulher; era uma Confessora. Kahlan soltou um forte suspiro quando voltou para perto de Savidlin e virou para ver o dragão pousar. Weselan ficou perto dele, ainda abraçando Siddin com força. Da parte dele, Siddin não parecia querer nada mais no mundo além de ser embalado nos braços de sua mãe. Kahlan estremeceu só de pensar no que poderia ter acontecido com ele.

Savidlin virou para ela e levantou uma sobrancelha. “Você poderia ser uma boa anciã, Madre Confessora. Poderia dar lições sobre honra, e liderança.”

“Eu preferia que as lições não fossem necessárias.” Savidlin grunhiu concordando. Poeira e vento lançados pelas asas do dragão passaram em um turbilhão que balançou a capa dela. Kahlan estava abotoando o punho quando os dois homens desceram de Scarlet.

O Homem Pássaro parecia um pouco verde, mas estava sorrindo de orelha a orelha. Ele tocou em uma escama vermelha respeitosamente e sorriu para o olho amarelo que o observava. Kahlan se aproximou, e o Homem Pássaro pediu que ela traduzisse uma mensagem para Scarlet.

Ela sorriu e olhou para a cabeça enorme do dragão, para os ouvidos, que agora estavam virando na direção dela. O Homem Pássaro gostaria que você soubesse que esse foi um das maiores honras da vida dele. Ele diz que você deu a ele o presente de uma nova visão. Ele diz que desse dia em diante, se você ou sua jovem cria algum dia precisarem de refúgio, sempre serão bem-vindos e estarão seguros nessa terra.”

O focinho de Scarlet se contorceu em um tipo de sorriso de dragão. “Obrigada, Homem Pássaro. Estou lisonjeada.” Ela baixou a cabeça para falar com Richard. “Agora devo partir. Minha jovem cria ficou bastante tempo sozinha, e ficará faminta.”

Richard sorriu enquanto esfregou uma escama vermelha. “Obrigado, Scarlet. Por tudo. Obrigado por nos mostrar seu pequenino. Ele é ainda mais bonito do que você. Tome conta de vocês dois. Vivam livres.”

Scarlet abriu suas mandíbulas e enfiou uma pata em sua boca. Houve o som de algo partindo, e ela retirou um pedaço de um dente, seguro em suas garras negras. Era apenas um pedaço, mas tinha cerca de seis polegadas de comprimento.

“Dragões possuem magia,” ela disse a ele. “Estenda sua mão.” Ela largou a ponta do dente na palma de Richard.

“Você parece ter um talento especial para se envolver em problemas. Guarde bem isso. Se alguma vez tiver grande necessidade, me chame com ele, e eu virei. Tenha certeza, pois isso só funcionará uma vez.”

“Mas como posso chamá-la com isso?”

A cabeça dela chegou mais perto dele. “Você tem o dom, Richard Cypher. Apenas segure ele em sua mão e chame por mim. Eu escutarei. Lembre, grande necessidade.”

“Obrigado Scarlet, mas eu não tenho o dom.”

Scarlet jogou sua cabeça para trás e riu fazendo grande barulho. O chão estremeceu. As escamas na garganta dela vibraram.

Quando o som da risada dela diminuiu desaparecendo, ela virou a cabeça para olhar para ele com um grande olho amarelo. “Se você não tem o dom, então ninguém tem. Viva livre, Richard Cypher.”

Todos no vilarejo observaram em silêncio quando o dragão vermelho foi diminuindo no céu dourado. Richard colocou um braço em volta da cintura de Kahlan, puxando-a contra ele.

“Espero que finalmente tenha escutado pela última vez essa besteira sobre eu ter o dom,” ele resmungou para si mesmo. “Eu vi você lá do alto.” Ele apontou para a clareira com o queixo. “Quer me dizer o que foi aquilo com o nosso amigo ali?”

Chandalen estava se esforçando para não olhar para ela. “Não. Isso não é importante.”

“Será que nunca conseguiremos ficar sozinhos?” Kahlan perguntou com um sorriso tímido. “Logo vou ter que começar a beijar você na frente de todas essas pessoas.”

O por do sol estava lançando uma aconchegante meia luz sobre o banquete improvisado. Richard olhou ao redor pelo abrigo com teto gramado, para os anciãos em suas peles de coiote. Eles estavam cheios de sorrisos e cochichos. Suas esposas e algumas crianças tinham se juntado ao grupo. Pessoas estavam parando no abrigo para dar as boas vindas aos dois, sorrindo e trocando tapas gentis.

Pequenas crianças pelo caminho estavam perseguindo galinhas marrons que não queriam nada mais além de encontrar um lugar para se empoleirar durante a noite. As galinhas guinchavam enquanto fugiam batendo as asas. Ela não conseguia entender como as crianças conseguiam suportar ficarem nuas, frio do jeito que estava. Mulheres usando vestidos claros estavam trazendo bandejas trançadas com pão de tava e tigelas de cerâmica lustrosas com pimenta assada, bolos de arroz, longos feijões cozidos, queijo, e carnes assadas.

“Você realmente acha que eles vão nos deixar escapar antes de contar toda a história sobre a nossa grande aventura?”

“Que grande aventura? Tudo o que me lembro é de estar mortalmente assustada o tempo todo e de estar em mais problemas do que eu sabia como sair. As entranhas dela se contorciam ao lembrar de saber que ele tinha sido capturado por uma Mord-Sith. “E de achar que você estava morto.”

Ele sorriu. “Você não sabia ? É isso que é uma aventura: se meter em problemas.”

“Tive aventura bastante para durar pelo resto de minha vida.”

Os olhos cinzentos de Richard pareceram distantes. “Eu, também.” O olhar dela dirigiu-se para o bastão de couro, o Agiel, que estava pendurado em uma corrente de ouro em volta do pescoço dele. Ela se esticou e pegou um pedaço de queijo de uma bandeja. O rosto dela se iluminou. Ela colocou o queijo na boca dele. “Talvez possamos apenas inventar uma história que pareça com uma aventura de verdade. Uma aventura curta.”

“Por mim, tudo bem,” ele disse, e então mordeu um pedaço do queijo enquanto ela o segurava na sua boca.

Imediatamente, ele cuspiu o queijo na mão e fez uma careta. “Isso é horrível!” ele sussurrou.

“Verdade?” Ela cheirou o pedaço que ainda segurava. Deu uma pequena mordida. “Bem, eu não gosto de queijo, mas ele não parece estar com gosto pior do que o normal para mim. Não acho que ele esteja estragado.” Ele ainda estava fazendo a careta. “Para mim ele estragou.” Kahlan pensou um minuto, e então franziu o rosto. “Ontem, no Palácio do Povo, você também não gostou do queijo de lá. E Zedd falou que não tinha nada de errado com ele.”

“Nada de errado com ele! Tinha gosto podre! Eu deveria conhecer, adoro queijo. Eu como o tempo todo. Sei reconhecer queijo ruim quando como.”

“Bem, odeio queijo. Talvez você esteja apenas adquirindo meus costumes.”

Ele enrolou uma pimenta assada em um pedaço de pão de tava e sorriu. “Eu poderia pensar em um destino pior.”

Quando ela retornou o sorriso, viu dois caçadores se aproximando. A costa dela endureceu. Richard notou a reação dela e sentou mais ereto. “Esses são dois homens de Chandalen. Não sei o

que eles querem." Ela deu uma piscada para ele. "Vai ser um bom garoto? Não vamos ter uma aventura."

Sem sorrir ou responder, ele virou e observou os dois que chegavam. Os caçadores pararam na frente dela na beira da plataforma. Eles enfiaram as pontas de suas lanças com firmeza no chão, apoiando-se nelas com as duas mãos. Os dois avaliaram ela com os olhos levemente fechados e pequenos sorrisos que não eram completamente não amigáveis. O que estava mais perto empurrou seu arco um pouco mais para cima no ombro e então esticou uma das mãos aberta para ela, com a palma para cima.

Ela olhou para a mão. Sabia o que significava - uma mão aberta oferecida sem uma arma nela. Olhou para ele confusa. "Chandalen aprova isso?"

"Somos homens de Chandalen. Não suas crianças." Ele manteve a mão esticada.

Kahlan olhou para ela por um momento e então colocou sua palma sobre a dele. O sorriso dele alargou um pouco e ele deu uma tapa suave nela.

"Força para a Confessora Kahlan. Eu sou Prindin. Esse é meu irmão, Tossidin."

Ela deu uma tapa em Prindin e desejou força para ele. Tossidin manteve sua palma aberta para ela. Ela tocou na mão dele com a dela. Ele deu uma tapa nela e adicionou o desejo de força para ela. Tinha um belo sorriso que combinava com o do irmão. Surpresa com sua amizade, ela devolveu sua tapa e a saudação. Kahlan olhou para Richard. Os irmãos notaram o olhar, e em resposta ambos deram em Richard uma tapa e fizeram uma saudação.

"Queremos dizer que você falou com força e honra hoje," Prindin falou. "Chandalen é um homem duro, e um homem duro para se conhecer, mas ele não é um homem mau. Ele se preocupa muito com nosso povo e só quer protegê-los do mal. É isso que fazemos - protegemos nosso povo."

Kahlan assentiu. "Richard e eu somos Povo da Lama, também." Os irmãos sorriram. "Os anciãos proclamaram isso para que todos soubessem. Nós protegeremos vocês dois, do mesmo jeito que qualquer outro de nosso povo."

“Chandalen protegerá?”

Os dois sorriram, mas nenhum deles respondeu. Eles levantaram suas lanças, preparando-se para partir.

“Diga a eles que eu falei que eles possuem ótimos arcos,” Richard disse. Ela olhou de lado para ver ele observando os dois. Ela transmitiu as palavras dele a Prindin.

Eles sorriram enquanto assentiam. “Somos muito bons com eles.”

O olhar inexpressivo de Richard continuou sobre os dois irmãos. “Diga a eles que acho que as flechas deles parecem ser muito bem feitas. Pergunte se eu posso ver uma.”

Kahlan franziu o rosto para ele antes de traduzir para os caçadores. Os irmãos sorriram com orgulho. Prindin tirou uma flecha de sua aljava e entregou a Richard. Kahlan notou que todos os anciãos estavam quietos. Richard girou a flecha em seus dedos. Não mostrando emoção alguma, olhou para o corte e então virou-a e olhou para a ponta de metal plana. Devolveu a flecha. “Um trabalho muito bom.” Enquanto Prindin recolocava a flecha em sua aljava, Kahlan disse a ele o que Richard havia falado. Ele deslizou uma das mãos subindo meio caminho em sua lança e apoiou um pouco do seu peso nela. “Se você souber como atirar com um arco, nós o convidamos para vir junto amanhã.” Antes que ela pudesse traduzir, Savidlin falou para ela. “Richard me falou antes, quando vocês estiveram aqui da última vez, que ele teve que deixar seu arco para trás em Westland, e que ele sentia falta dele. Como uma surpresa, eu fiz um para ele, para quando vocês dois voltassem.

É um presente para ele por me ensinar como fazer telhados que não pingam. Está em minha casa. Eu entregaria para ele amanhã. Diga para ele, e diga para ele que se ele concordar, eu gostaria de levar alguns de meus caçadores e ir com ele amanhã”. Ele sorriu. “Veremos se ele atira tão bem quanto nossos caçadores.”

Os irmãos riram e balançaram as cabeças mostrando seu entusiasmo. Eles pareciam estar confiantes no resultado da competição.

Kahlan falou para Richard o que Savidlin havia dito.

Richard ficou surpreso, e pareceu estar comovido com o que Savidlin tinha feito. "O Povo da Lama faz alguns dos melhores arcos que eu já vi. Estou honrado, Savidlin. Aquilo era veneno, o resultado de uma magia maligna.

Eles não sabiam que em Westland, de onde Richard era, você poderia comer coisas vermelhas como maçãs. Eles tinham visto ele comer uma maçã uma vez, quando ele os enganou para que não lhe obrigassem a aceitar uma esposa do vilarejo ao convencê-los que o que ele havia comido poderia tornar sua semente venenosa para sua noiva, mas eles suaram quando viram os dois fazendo isso de novo.

"O que você está fazendo?" Kahlan perguntou a ele.

"Apenas coma sua maçã e então traduza para mim."

Quando eles terminaram, Richard ficou de pé, levantando-a perto dele. "Honrados anciãos, eu voltei depois de impedir a ameaça contra nosso povo. Agora que isso acabou, gostaria de pedir sua permissão para uma coisa.

Espero que vocês me considerem digno. Eu gostaria de pedir sua permissão para tomar uma Mulher da Lama como minha esposa. Como podem ver, eu ensinei Kahlan a comer essas coisas como eu. Ela não será afetada por isso, ou por mim, e do mesmo modo, embora ela seja uma Confessora, eu não serei afetado por ela. Nós gostaríamos de ficar juntos, e gostaríamos de casar entre nosso povo."

Kahlan mal conseguiu fazer com que as últimas palavras passassem pelo nó em sua garganta, e quase não conseguiu conter o impulso de lançar os braços em volta dele. Ela podia sentir os olhos queimando e cheios de lágrimas, e teve que limpar a garganta para terminar as palavras. Colocou seu braço ao redor da cintura de Richard para se apoiar.

De repente os anciãos ficaram alegres com a surpresa. O Homem Pássaro abriu um largo sorriso. "Acho que finalmente vocês estão aprendendo a ser Povo da Lama," ele disse. "Nada poderia nos alegrar mais do que vocês dois casando."

Richard não esperou pela tradução, e deu um beijo nela que lhe tirou o fôlego. Os anciãos e suas esposas aplaudiram.

Para ela era mais especial ainda que eles casassem perante o Povo da Lama. Kahlan sentia-se em casa aqui. Quando eles vieram antes, buscando ajuda em sua luta para deter Rahl, Richard tinha mostrado ao Povo da Lama como fazer telhados que não pingavam. Eles tinham feito amigos, tinham lutado batalhas juntos, com vidas salvas, e perdidas. No processo, os dois haviam criado laços com essas pessoas. Em honra ao sacrifício deles, o Homem Pássaro os tinha proclamado Povo da Lama.

O Homem Pássaro ficou de pé e deu um abraço paternal em Kahlan que pareceu como se estivesse dizendo que entendia tudo pelo que ela passou e que estava feliz que ela tivesse finalmente encontrado a felicidade. Ela derramou algumas lágrimas no ombro dele enquanto ele a abraçava em seus braços fortes. A aventura deles, uma longa provação, havia levado ela das profundezas da dor e desespero até as alturas da alegria. A luta havia terminado apenas ontem. Não parecia ser possível que finalmente tivesse acabado.

Enquanto seguiam com a festa, Kahlan desejou mais do que nunca que terminasse logo para que pudesse ficar sozinha com Richard. Ele tinha ficado prisioneiro por mais de um mês, e só havia reencontrado com ela no dia anterior. Ela nem mesmo teve a chance de conversar com ele. Ou abraçar ele o bastante.

Crianças dançavam e brincavam em volta da pequena fogueira enquanto os adultos reuniam-se em volta de tochas, comendo, conversando e rindo. Weselan chegou perto dela, abraçou-a, e disse que faria para ela um vestido de casamento adequado. Savidlin beijou a bochecha dela e deu tapinhas nas costas de Richard. Ela achou difícil afastar o olhar dos olhos cinzentos de Richard. Ela não queria. Jamais.

Os caçadores que estiveram nas planícies no dia em que o Homem Pássaro havia tentado ensinar Richard como chamar aves específicas com o apito especial que tinha dado a Richard como um presente, vagavam pela plataforma dos anciãos. Tudo que Richard conseguiu fazer naquele dia foi emitir um som que chamou todos os pássaros de uma só vez, e não diferentes espécies individualmente. Os caçadores riram sem parar naquele dia.

Agora enquanto eles escutavam, Savidlin fazia Richard mostrar o apito e dizer novamente como tinha usado ele para chamar todos os pássaros que estavam empoleirados no vale cheio de gars. Os milhares de pássaros famintos comeram as moscas de sangue dos gars, criando pânico. A distração tinha permitido que Richard resgatasse o ovo de Scarlet.

O Homem Pássaro riu, mesmo que agora já tivesse escutado a história três vezes. Savidlin riu e deu tapas na costa de Richard. Os caçadores riram e bateram com as palmas nas coxas. Richard riu enquanto observava a reação deles com a tradução de Kahlan.

Kahlan riu ao ver Richard rindo. "Acho que encontramos uma aventura que satisfaz eles." Ela pensou a respeito disso e franziu o rosto. "Como Scarlet deixou você próximo o bastante do ovo sem que vocês fossem vistos pelos gars?"

Richard olhou para longe e ficou em silêncio por um momento. "Ela me deixou no vale do outro lado das colinas, ao redor de Fire Spring. Passei através das cavernas."

Ele não olhou para ela. Kahlan prendeu um pouco do cabelo atrás de uma orelha. "E tinha mesmo uma besta na caverna? Um Shadrin?"

Ele soltou um profundo suspiro enquanto olhava pela área aberta. "Tinha isso. E mais." Quando ela colocou uma das mãos no ombro dele, ele a segurou e beijou a costa dela, ainda com o olhar distante. "Pensei que morreria ali, sozinho. Pensei que jamais voltaria a vê-la de novo." Ele pareceu se desfazer da lembrança e se apoiou em um cotovelo, olhando para ela com um sorriso torto no rosto.

"O Shadrin deixou algumas cicatrizes que ainda não estão curadas. Mas eu precisaria tirar minhas calças para mostrá-las a você."

"Verdade?" Kahlan deu uma risada rouca. "Acho que é melhor eu dar uma olhada... para ver se está tudo bem."

Enquanto olhava bem fundo nos olhos dele, de repente ela percebeu que a maioria dos anciãos estavam observando eles. De repente ela sentiu o rosto esquentar. Ela pegou um pedaço de bolo de arroz e deu uma mordida rápida, aliviada em saber que eles não

podiam entender as palavras. Esperava que outros não pudessem entender o que os olhos deles mostravam. Ela disse a si mesma para prestar mais atenção ao local onde estava. Richard sentou novamente. Kahlan pegou uma pequena tigela de costelas assadas que pareciam ser de porco selvagem, e colocou-a no colo dele.

“Aqui. Coma um pouco disso.”

Ela olhou para um grupo de esposas. Levantou o bolo de arroz e sorriu. “Esses estão muito bons.” Elas assentiram mostrando satisfação. Olhou de volta para Richard. Ele estava observando a tigela com carne. Seu rosto estava branco.

“Afaste essa coisa,” ele sussurrou.

Kahlan franziu o rosto e tirou a tigela do colo dele, colocando-a atrás dela. Ela chegou mais perto dele. “Richard, qual é o problema?”

Ele ainda estava olhando para o colo, como se a tigela ainda estivesse ali. “Não sei. Olhei para a carne, e então senti o cheiro. Isso fez eu me sentir mal. Para mim ela pareceu apenas um animal morto. Como se eu estivesse prestes a comer algum animal morto que estivesse caído na minha frente. Como alguém poderia simplesmente comer algum animal morto que estivesse caído?”

Kahlan não sabia o que dizer. Ele não parecia bem. “Acho que sei o que você quer dizer. Uma vez eu fiquei doente e me deram um pouco de queijo para comer. Cuspi tudo de volta. Pensaram que seria bom para mim, e todo dia eles me davam mais, e eu botava tudo para fora, até que fiquei boa de novo. É por isso, que até hoje, eu não gosto de queijo. Talvez seja alguma coisa assim, porque você teve uma dor de cabeça.”

“Talvez,” ele falou com uma voz fraca. “eu tenha passado muito tempo no Palácio do Povo. Ali eles não comem carne. Darken Rahl não come - não comia - carne, então nenhuma carne era servida no Palácio. Talvez eu apenas tenha me acostumado a não comer carne.”

Ela esfregou as costas dele enquanto ele colocava a cabeça em suas mãos, passando os dedos pelos cabelos. Primeiro queijo, e agora carne. Os hábitos alimentares dele estavam ficando tão peculiares quanto os de... um mago.

“Kahlan... Sinto muito, mas preciso ir para algum lugar onde esteja quieto. Minha cabeça está doendo de verdade.”

Ela colocou a mão na testa dele. A pele dele estava fria e úmida. Parecia que ele estava a ponto de cair. Ela sentiu em seu interior uma agitação por causa da preocupação.

Kahlan agachou-se na frente do Homem Pássaro. “Richard não está sentindo-se bem. Precisa ir para algum lugar tranqüilo. Está tudo bem?”

No início ele achou que sabia porque eles queriam se afastar. Seu sorriso desapareceu quando viu a ansiedade no rosto dela.

“Leve ele para a casa dos espíritos. Lá é calmo. Ninguém vai incomodar ele. Chame Nissel se achar que precisa.”

Um pouco do sorriso dele voltou. “Talvez ele tenha passado tempo demais em cima do dragão. Agradeço aos espíritos que meu presente do vôo foi breve.”

Ela assentiu, incapaz de mostrar um sorriso, e falou um rápido boa noite para os outros. Pegando as duas mochilas deles, colocou uma das mãos debaixo do braço de Richard e ajudou-o a se levantar. Os olhos dele estavam fechados, as sobrancelhas curvadas de dor. A dor pareceu passar um pouco, e ele abriu os olhos, deu um suspiro profundo, e começou a andar com ela pela área aberta.

As sombras estavam espessas entre as casas, mas a lua estava alta, fornecendo a eles luz suficiente para ver o caminho. Os sons da festa desapareceram ao fundo, deixando apenas o lento arrastar das botas de Richard no chão seco.

Ele endireitou um pouco o corpo. “Acho que diminuiu um pouco.”

“Você tem dores de cabeça com frequência?”

Ele sorriu para ela sob a luz da lua. “Sou famoso por minhas dores de cabeça. Meu pai me disse que minha mãe costumava ter dores de cabeça como as que eu tenho, onde você fica ruim do estômago porque sua cabeça dói tanto. Mas essa é diferente. Nunca tive uma como essa. É como se alguma coisa dentro da minha cabeça estivesse tentando sair.” Ele pegou a bolsa dele que estava com ela e pendurou no ombro. “Essa machuca mais do que as minhas outras dores de cabeça.”

Eles passaram de uma passagem estreita para o largo espaço ao redor da casa dos espíritos. Ela estava vazia, a luz da lua refletindo no telhado que Richard tinha ajudado o Povo da Lama a construir. Fumaça subia da chaminé.

De um lado dela, perto da porta, uma fila de galinhas estava empoleirada em um muro baixo. Elas observaram quando ela abriu a porta para ele, ficando um pouco assustadas com o ranger das dobradiças, e se acalmando assim que os dois entraram.

Richard desabou na frente da lareira. Kahlan tirou um cobertor e o fez deitar de costas, dobrando o cobertor debaixo da cabeça dele. Ele repousou a costa do seu pulso sobre os olhos quando ela sentou, de pernas cruzadas, perto dele.

Kahlan sentiu-se impotente. "Acho que eu deveria chamar Nissel. Talvez uma curandeira possa fazer alguma coisa por você."

Ela balançou a cabeça. "Vou ficar bem. Só preciso ficar longe de todo o barulho." Ele sorriu, seu braço ainda sobre os olhos. "Alguma vez você já percebeu como ficamos mal em festas? Sempre que estamos em uma festa alguma coisa acontece."

Kahlan lembrou de cada reunião em que eles estiveram juntos. "Acho que você tem razão." Ela esfregou uma das mãos no peito dele. "Acho que a única solução para nós é ficarmos sozinhos."

Richard beijou a mão dela. "Eu gostaria disso."

Ela segurou as grandes mãos dele, desejando sentir o calor dele enquanto observava ele descansar. Estava muito quieto na casa dos espíritos, a não ser pelo lento estalar do fogo. Ela escutou a respiração lenta e firme dele.

Depois de algum tempo, ele afastou as mãos, e olhou para ela. A luz do fogo refletida nos olhos dele. Tinha alguma coisa no rosto dele, seus olhos; alguma coisa que a mente dela estava tentando lhe dizer. Ele parecia com alguém que ela havia encontrado, mas quem? Um nome sussurrou no fundo dos pensamentos dela, mas ela não conseguiu ouvir direito. Ela afastou o cabelo da testa dele. A pele dele não pareceu tão fria.

Ele sentou. "Acabei de pensar uma coisa. Pedi permissão aos anciãos para casar com você, mas na verdade não pedi a você."

Kahlan sorriu. "Não, não pediu."

De repente ele pareceu envergonhado e inseguro.

Seus olhos vagaram um pouco. "Aquilo realmente foi estúpido. Sinto muito. Aquele não foi o jeito certo de fazer isso. Espero que não esteja zangada. Acho que não sou muito bom nisso. Eu nunca fiz isso."

"Nem eu."

"E acho que esse não é o lugar mais romântico para fazer isso. Deveria ser em algum lugar bonito."

"Onde quer que você esteja é o lugar mais romântico do mundo para mim."

"E acho que devo parecer muito idiota fazendo um pedindo desses quando estou deitado aqui com uma dor de cabeça."

"Se você não me pedir logo, Richard Cypher," ela sussurrou, "vou arrancar de você."

Os olhos dele finalmente encontraram os dela, encontraram os dela com tanta intensidade que isso quase tirou o fôlego dela. "Kahlan Amnell, você casa comigo?"

De modo inesperado, ela percebeu que não conseguia falar. Ela fechou os olhos e beijou os lábios dele enquanto uma lágrima descia pelo rosto dela. Seus braços a envolveram, abraçando-a apertado contra o calor dele. Ela se afastou quase sem ar. Sua voz finalmente retornou. "Sim." Ela beijou ele de novo. "Por favor, sim."

Kahlan encostou a cabeça no ombro dele. Richard acariciou gentilmente o cabelo dela enquanto ela escutava a respiração dele e o estalar do fogo. Ele abraçou-a com ternura e beijou a cabeça dela, não houve necessidade alguma de palavras. Ela sentia-se segura nos braços dele.

Kahlan liberou sua dor: a dor de amar ele mais do que a própria vida e de pensar que ele tinha sido torturado pela Mord-Sith antes que pudesse lhe dizer o quanto o amava; a dor de ter o pensamento de que jamais poderia tê-lo porque era uma Confessora e o seu poder o destruiria; a dor do quanto ela precisava dele, do quão incontrolavelmente ela o amava.

Quando a angústia dela se desfez, foi substituída pela alegria do que estava adiante: toda uma vida, juntos. Essa excitação

sufocante invadiu-a. Ela se agarrou nele, desejando desfazer-se dentro dele, desejando unir-se a ele.

Kahlan sorriu. Isso era o que estar casada com ele seria: ficar intimamente ligada a ele, como Zedd havia dito uma vez - como encontrar a outra metade dela mesma.

Quando ela finalmente levantou o olhar, havia uma lágrima em seu rosto. Ela enxugou as lágrimas das bochechas, e ele fez o mesmo. Ela esperava que as lágrimas dele significassem que ele tinha se livrado de seus demônios também.

"Eu te amo," ela sussurrou.

Richard apertou-a com força contra ele. Seus dedos desceram deslizando pela espinha dela.

"Me sinto tão frustrado que não exista palavras melhores do que *Eu te amo*, ele disse. "Não parece ser o suficiente para o modo como me sinto sobre você. Sinto muito que não exista quaisquer palavras melhores para dizer a você."

"Essas palavras são o bastante para mim."

"Então, eu te amo, Kahlan. Um milhão de vezes, um milhão de vezes, eu te amo. Para sempre."

Ela escutou o barulho do fogo estalando, e do coração dele batendo. Com a batida do próprio coração dela. Ele a embalou gentilmente. Ela quis ficar ali nos braços dele para sempre. De repente o mundo pareceu um lugar maravilhoso.

Richard segurou os ombros delas e afastou-a para vê-la melhor. Um sorriso maravilhoso surgiu no rosto dele. "Não consigo acreditar no quanto você é bonita. Nunca vi uma pessoa tão bonita quanto você." Ele passou uma das mãos no cabelo dela. "Estou tão feliz por não ter cortado seu cabelo daquela vez. Você tem um cabelo lindo. Nunca mude ele."

"Sou uma Confessora, lembra? Meu cabelo é um símbolo do meu poder. Além disso, não posso cortá-lo. Somente outra pessoa pode fazer isso."

"Bom. Eu jamais cortaria ele. Eu te amo do jeito que você é, com poder e tudo. Nunca deixe ninguém cortar ele. Gostei de seu cabelo longo desde o primeiro dia em que a vi, nas Florestas de Hartland."

Ela sorriu quando lembrou daquele dia. Richard tinha lhe oferecido ajuda para ajudar a escapar dos quads. Ele salvou sua vida. "Parece que faz tanto tempo. Você vai sentir falta daquela vida? De ser um simples e despreocupado guia florestal?" Ela sorriu de modo faceiro. "E solteiro?"

Richard riu. "Solteiro? Não com você como minha esposa. Mas um guia florestal? Talvez um pouco." Ele olhou para o fogo. "Acho que seja bom ou ruim, eu sou o verdadeiro Seeker. Eu empunho a Espada da Verdade, e as responsabilidades que acompanham ela, quaisquer que sejam. Você acha que pode ser feliz sendo a esposa do Seeker?"

"Eu seria feliz morando em um pedaço de tronco de árvore, se você estivesse lá comigo. Mas Richard, eu temo que ainda seja a Madre Confessora. Eu também tenho responsabilidades."

"Bem, você me disse o que significa ser uma Confessora, como quando você toca alguém com seu poder isso destrói quem eles eram, substituindo por absoluta devoção mágica a você, aos seus desejos, e desse jeito você pode fazer com que eles confessem a verdade de seus crimes, ou da mesma forma pode fazer com que eles façam qualquer coisa que desejar, mas que outras responsabilidades você tem?"

"Acho que nunca disse a você sobre tudo mais que significa ser uma Madre Confessora. Naquele momento não era importante; não pensei que um dia poderíamos ficar juntos. Pensei que morreríamos, ou que mesmo se de algum modo conseguíssemos vencer, você iria para casa em Westland e jamais o veria novamente."

"Quer dizer aquela parte sobre você ser mais do que uma Rainha?"

Ela assentiu. "O Conselho Central de Midlands em Aydindril é formado por representantes das terras mais importantes de Midlands. Juntos, o Conselho Central de certa forma governa Midlands. Mesmo que as terras sejam independentes, eles ainda se curvam perante a palavra do Conselho Central. Dessa maneira, através da Confederação de Terras, objetivos comuns são protegidos e a paz é mantida. Isso mantém as pessoas dialogando ao invés de lutando. Se uma das terras atacasse outra, isso seria considerado

como um ataque contra a unidade, contra todos, e todos derrubariam o agressor. Reis, Rainhas, governantes, oficiais, comerciantes, e outros vão até o Conselho Central para pedir o que eles desejam: acordos comerciais, tratados de fronteiras, acordos tratando com magia - uma lista infinita de necessidades e desejos.”

“Entendo. Em Westland é mais ou menos assim. Na maior parte o Conselho governa do mesmo jeito. Embora Westland não seja grande o bastante para ter reinos, tem distritos que governam a si mesmos, mas são representados por conselheiros em Hartland.

“Uma vez que meu irmão foi um conselheiro, e então Primeiro Conselheiro, eu estive perto de assuntos do governo. Eu vi os conselheiros vindo de diferentes lugares para pedir coisas. Sendo um guia, eu sempre estava conduzindo eles para e de Hartland. Aprendi muito sobre isso conversando com eles.”

Richard cruzou os braços. “Então qual é a participação da Madre Confessora nisso?”

“Bem, o Conselho Central governa Midlands...” Ela limpou a garganta enquanto olhava para as mãos dela no colo. “... e a Madre Confessora governa o Conselho Central.”

Os braços dele descruzaram. “Quer dizer que você governa todos os reis e Rainhas? Todas as terras? Você governa Midlands?”

“Bem... sim, de certo modo, eu acho. Você sabe, nem todas as terras estão representadas no Conselho Central. Algumas são pequenas demais, como a Tamarang da Rainha Milena, e o Povo da Lama, e algumas outras são terras de magia, a terra dos fogos fátuos, por exemplo. A Madre Confessora é a mediadora para essas terras menores. Se fosse deixado por suas próprias vontades, o Conselho decidiria esfaquear essas terras menores. E eles tem os exércitos para fazer isso facilmente. Apenas a Madre Confessora luta por aqueles que não possuem voz.

“O outro problema é que essas terras estão em constante desentendimento. Algumas tem sido adversárias por tanto tempo quanto qualquer um pode lembrar. O Conselho fica constantemente em um impasse quando governantes de cada um dos seus representantes teimam em fazer exigências para satisfazer seus próprios desejos, em detrimento dos interesses maiores de Midlands.

A Madre Confessora não tem interesse algum a não ser o bem de Midlands.

“Sem liderança as diferentes terras, através do Conselho Central, só estariam interessadas em competir por poder. A Madre Confessora reage a esses interesses de visão limitada com uma visão mais ampla, com direcionamento e liderança.

“Exatamente enquanto a Madre Confessora é o árbitro final da verdade através da magia dela, ela também é o árbitro final do poder. A palavra da Madre Confessora é lei.”

“Então é você quem diz a todos os reis e Rainhas, todas as terras, o que fazer?”

Ela pegou uma das mãos dele e a segurou. “Eu, e a maioria das Madres Confessoras antes de mim, deixamos o Conselho Central decidir por eles mesmos o que desejarem, como eles querem governar Midlands. Mas quando eles falham em entrar em entendimento, ou em apenas um acordo, é para a desvantagem daqueles não representados. Somente então eu entro e digo a eles como deveria ser feito.”

“E eles sempre fazem como você diz?”

“Sempre.”

“Porque?”

Ela respirou profundamente. “Bem, eles sabem que se não aceitarem a liderança da Madre Confessora, estarão sozinhos e vulneráveis a qualquer vizinho mais forte que desejar poder. Haveria guerra até que o mais forte entre eles esmagasse todo o resto, como o pai de Darken Rahl, Panis Rahl, fez em D'Hara. Eles sabem que no final das contas é do próprio interesse dele ter um líder independente do Conselho, que não assume partido por terra alguma.”

“Mas não é do melhor interesse do mais forte. Alguma outra coisa além de um bom coração ou bom senso tem que manter a mais forte dessas terras na linha.”

Ela assentiu com um sorriso. “Você entende bem os jogos de poder. Você está certo. Eles sabem que se fossem ousados o bastante para deixar suas ambições livre de rédeas, eu, ou qualquer uma das Confessoras, poderia dominar o governante deles com

nossa magia. Mas tem mais. Os magos dão apoio para a Madre Confessora.”

“Pensei que os magos não queriam se envolver com o poder.”

“Não querem, exatamente. A ameaça da intervenção deles faz com que isso seja desnecessário. Os magos chamam isso de paradoxo do poder: se você tem poder, e está pronto, capaz, e disposto a usá-lo, você não precisa exercer seu poder.”

“As terras sabem que se não trabalharem juntas, e usarem a liderança imparcial da Madre Confessora, então os magos sempre estão na retaguarda, prontos para ensinar as desvantagens de ser irracional ou mesquinho.”

“A coisa toda é um relacionamento entrelaçado muito complexo, mas tudo isso se resume no fato de que eu governo o Conselho Central, e se eu não estiver lá para fazê-lo, o fraco, o indefeso, e o pacífico eventualmente será invadido, e o restante será arrastado para dentro de uma guerra até que todos, a não ser o mais forte, sejam destruídos.”

Richard recuou um pouco para ponderar sobre isso com um leve franzido no rosto. Ela observou a luz do fogo dançar nos traços dele. Podia sentir o que ele estava pensando: estava lembrando do modo como ela havia, com apenas um gesto de sua mão, ordenado que a Rainha Milena ajoelhasse, beijasse a mão da Madre Confessora, e jurasse lealdade. Ela queria que não tivesse sido obrigada a mostrar a ele o poder que detinha, e o quanto era temida, mas o que ela fez tinha sido necessário. Alguns cedem apenas ao poder. Quando necessário, um líder tinha que mostrar aquele poder, ou ser derrubado.

Quando finalmente ele levantou o olhar, seu rosto estava sério. “Vai ter problema. Todos os magos estão mortos; eles cometeram suicídio quando enviaram você atrás de Zedd. A ameaça que apoiava a Madre Confessora se foi. As outras Confessoras estão todas mortas, mortas por Darken Rahl. Você é a última. Não tem aliado algum. Não tem ninguém para tomar o seu lugar se alguma coisa acontecer com você. Zedd nos disse para encontrar com ele em Aydindril, ele deve saber disso também.”

“Pelo que eu tenho visto de pessoas poderosas, de conselheiros em minha terra natal, até mesmo meu próprio irmão, de Rainhas aqui, de Darken Rahl, eles enxergarão você como um obstáculo solitário no caminho deles. Se é necessário evitar que Midlands seja feita em pedaços, a Madre Confessora deve governar, e você vai precisar de ajuda. Você e eu devemos servir à verdade. Vou ajudar você.”

Um sorriso travesso partiu os lábios dele. “Se aqueles conselheiros tinham medo de conspirar contra a Madre Confessora, ou lhe causar problema, por causa dos magos, espere até que eles conheçam o Seeker.”

Kahlan encostou os dedos no rosto dele. “Você é uma pessoa rara, Richard Cypher. Está com a pessoa mais poderosa de Midlands. E ainda assim você me faz sentir como se eu estivesse tentando ganhar um pouco do crédito pela sua grandeza.”

“Não sou nada mais além daquele que te ama com todo meu coração. Essa é toda a grandeza com a qual eu quero viver.” Richard suspirou. “Parecia muito mais simples quando estávamos apenas você e eu, sozinhos na floresta, e eu cozinhei um jantar para você em um galho sobre o fogo.” Ele lançou um olhar de lado para ela. “Você ainda vai deixar que eu prepare jantar para você, não vai, Madre Confessora?”

“Não acho que a Senhora Sanderholt gostaria disso. Ela não gosta de ninguém nas cozinhas dela.”

“Você tem uma cozinheira?”

“Bem, pensando nisso, nunca vi ela cozinhar nada. Geralmente ela fica perambulando por aí, governando seu domínio com uma colher de madeira que ela empunha como um cetro, provando comida e dando bronca em cozinheiras, assistentes, e ajudantes. Ela é a cozinheira chefe.”

“Ela fica realmente muito nervosa quando eu desço até as cozinhas para cozinhar. A Senhora Sanderholt me implora para escolher outro interesse. Ela diz que eu assusto o povo dela. Diz que eles tremem durante o resto do dia sempre que eu vou até as cozinhas e peço panelas. Então eu tento não fazer isso com frequência. Mas eu gosto muito de cozinhar.”

Kahlan sorriu com a lembrança da Senhora Sanderholt. Fazia longos meses desde que ela estivera em casa.

“Cozinheiras,” Richard murmurou para si mesmo. “Nunca tive ninguém cozinhando para mim. Sempre cozinhei para mim.” O sorriso dele voltou. “Bem, acho que a Senhora Sanderholt poderá abrir um pouco de espaço para mim se eu quiser preparar alguma coisa especial para você.”

“Eu apostaria que logo você conseguiria que ela fizesse qualquer coisa que desejasse.”

Ele apertou a mão dela. “Você vai me prometer uma coisa ? Prometa que um dia deixará que eu te leve de volta a Westland e mostre alguns dos belos lugares nas florestas de Hartland, lugares que apenas eu conheço. Estive sonhando em levar você até eles.”

“Eu gostaria disso,” Kahlan sussurrou. Richard se inclinou para frente, para beijá-la. Antes que os lábios dele tocassem os dela, antes que os seus braços pudessem abraçá-la, ele se contorceu de dor. Sua cabeça abaixou encostando no ombro dela enquanto gemia. Kahlan agarrou ele com medo, então o fez deitar enquanto ele apertava os braços contra a cabeça, incapaz de respirar. O pânico tomou conta dela. Ele levantou os joelhos até o peito enquanto rolava para o lado.

Ela colocou a mão no ombro dele enquanto se inclinava sobre ele. “Vou chamar Nissel. Irei o mais rápido que puder.”

Ele só conseguiu balançar a cabeça enquanto tremia.

Kahlan correu até a porta, abrindo-a, mergulhando na noite silenciosa. Ela podia ver sua respiração irregular no ar frio quando fechou a porta. Seus olhos passaram rapidamente sobre o muro baixo. A luz da lua lançava uma luz prateada sobre ele.

As galinhas desapareceram.

Uma forma escura estava agachada, imóvel, atrás do muro.

Ela se moveu um pouco sob a luz da lua, e houve um rápido flash de brilhantes olhos dourados.

CAPÍTULO 7



A coisa escura levantou, garras arranhando o topo do pequeno muro. Soltou uma risada baixa que fez calafrios subirem pelos braços dela até a base do pescoço. Kahlan congelou. A respiração presa em sua garganta. A forma era um vazio negro na pálida luz da lua. Após um breve cintilar, os olhos tinham desaparecido dentro da noite.

A mente dela acelerou, tentando combinar o que ela conhecia com o que estava vendo. Queria correr, mas não sabia para que lado. Na direção de Richard, ou para longe?

Embora não conseguisse ver os olhos, podia sentir eles, como a fria morte. O mais leve dos sons saiu de sua garganta. Soltando uma risada parecida com um rugido, a forma escura saltou para cima da parede.

A pesada porta abriu-se de repente atrás dela, batendo contra a parede da casa dos espíritos. Ao mesmo tempo, ela ouviu o inconfundível som da Espada da Verdade sendo desembainhada com fúria. A cabeça negra virou na direção de Richard, os olhos novamente brilhando dourados na luz da lua. Richard se esticou, segurando-a pelo braço, e empurrou-a de volta através da porta. Quando a porta voltou após ter batido na parede, ele a chutou fechando-a atrás de si.

De trás da porta, Kahlan ouviu um uivo, e então houve uma batida contra a porta. Ela ficou de pé, sacando sua faca. Através da porta ela podia ouvir o assobio da espada, e corpos batendo contra a parede da casa dos espíritos. Podia escutar os uivos parecidos com risadas.

Kahlan jogou o ombro contra a porta e rolou para fora no meio da noite. Assim que levantou ela viu uma pequena forma escura

movendo-se na direção dela. Ela golpeou com sua faca e errou.

Ela atacou de novo, mas antes que estivesse sobre ela, Richard chutou-a, fazendo com que ela batesse contra a pequena parede. Sob a luz do luar a Espada da Verdade cintilou na direção da sombra. A lâmina pegou apenas a parede. Uma chuva de fragmentos de gesso e tijolos feitos com argila explodiu no ar. A coisa rugiu.

Richard puxou-a no momento em que a forma escura passou voando. Ela acertou a coisa com sua lâmina, rasgando e atingindo algo duro - osso duro. Uma garra passou perto do rosto dela como um raio, a espada logo em seguida, errando.

Ela podia ouvir Richard ofegando enquanto procurava na escuridão. A sombra saiu do nada e derrubou-o no chão. Formas escuras rolaram na poeira. Ela não conseguia definir qual era Richard e qual era o atacante. Garras lançaram terra para o ar enquanto batiam nele.

Com um grunhido, Richard levantou-a sobre a parede. Instantaneamente ela saltou para o topo, e ficou ali, os olhos brilhando dourados sob a luz da lua, emitindo aquela risada horrível enquanto os dois se afastavam. Ela ficou em silêncio enquanto observava eles recuando.

De repente o ar ganhou vida com o som de flechas. Dentro do espaço de uma batida de um coração, uma dúzia atingiu o corpo negro. Nenhuma errou. Logo em seguida um número igual seguiu. A coisa ofegou, rindo. Ficou imóvel na parede parecendo uma alfineteira negra.

O queixo de Kahlan caiu ao ver ela arrancar um punhado de flechas que estavam enterradas no seu peito. A coisa rosnou para eles soltando uma risada estridente, então piscou enquanto observava eles se afastarem. Ela não conseguia entender porque ela apenas ficava ali parada. Outro monte de flechas penetrou no corpo negro. Ela não deu atenção, mas pulou da parede para o chão.

Uma figura escura correu adiante, lança na mão. Da sombra da parede, a coisa disparou para o corredor. O caçador deixou a lança voar. Com velocidade impossível, a forma negra esquivou para o lado e com os dentes arrancou a lança do ar. Rindo, ela partiu a lança ao

meio. O caçador que havia lançado ela se afastou, e a coisa pareceu perder o interesse, virando novamente para olhar para ela e Richard.

“Que diabos ela está fazendo?” Richard sussurrou. “Porque ela parou? Porque só fica nos observando?”

Com um choque frio, ela soube.

“É um screeling,” Kahlan sussurrou mais para ela mesma do que para ele. “Oh, queridos espíritos nos protejam, é um screeling.”

Ela e Richard estavam agarrando as mangas um do outro enquanto caminhavam para trás, olhando para o screeling.

“Afastem-se!” ela gritou para os caçadores. “Andem! Não corram!”

Eles responderam com outro punhado inútil de flechas.

“Por aqui,” Richard disse. “Entre as casas, onde está escuro.”

“Richard, aquela coisa pode ver melhor no escuro do que nós podemos na luz. Ela é do submundo.”

Ele manteve os olhos no screeling parado em campo aberto, na luz da lua. “Estou escutando. O que mais podemos fazer?”

Ela balançou a cabeça. “Não sei. Mas não corra, e não fique parado. Isso atrai a atenção dela. Acho que o único jeito de matar isso deve ser cortá-la em pedaços.”

Ele olhou para ela, seus olhos furiosos na luz do luar. “O que você acha que eu estava tentando fazer?”

Kahlan olhou para a pequena passagem na qual eles estavam entrando. “Talvez seja melhor passar por aqui afinal de contas. Talvez ela fique ali e podemos conseguir ir embora. Se não, pelo menos podemos levá-la para longe dos outros.”

O screeling observou eles recuando, e então começou a saltar atrás deles, soltando uma risada maligna.

“Nada é fácil,” Richard resmungou.

Eles recuaram através da estreita passagem de paredes engessadas lisas, o screeling indo atrás. Kahlan podia ver o escuro grupo de caçadores seguindo ela para dentro, podia sentir o bater de seu coração.

“Queria que você ficasse dentro da casa dos espíritos. Porque não ficou lá onde você estava segura?”

Ela reconheceu o tom de fúria da magia da espada. A mão dela que segurava a manga da camisa dele ficou úmida e quente.

Ela olhou e viu sangue descendo pelo braço dele, sobre a mão dela. "Porque eu te amo, seu cabeça dura. E não ouse fazer alguma coisa como aquilo de novo."

"Se nós conseguirmos sair dessa vivos, Vou te colocar em cima dos meus joelhos."

Eles continuaram recuando pela passagem sinuosa. "Se nós sairmos dessa vivos, eu vou deixar. O que aconteceu com sua dor de cabeça?"

Richard balançou a cabeça. "Não sei. Num segundo eu mal podia respirar, e no outro, ela sumiu. Logo que ela desapareceu, eu consegui sentir aquela coisa do outro lado da porta, e eu escutei ela soltar aquela risada horrível."

"Talvez você apenas tenha pensado que podia sentir porque escutou ela."

"Não sei. Pode ser. Mas foi a sensação mais estranha."

Ela o puxou pela manga para uma passagem lateral. Essa era mais escura. A luz da lua caiu alta sobre uma parede à esquerda deles. Com um sobressalto, ela viu a forma escura do screeling rastejando pela parede iluminada pela lua, como algum tipo de besouro negro enorme. Kahlan teve que se esforçar para respirar.

"Como ela pode fazer isso?" Richard sussurrou.

Ela não tinha resposta. Atrás deles, tochas surgiram. Caçadores estavam fechando o cerco ao redor deles, tentando conter o atacante.

Richard olhou ao redor. "Se essas pessoas tentarem pegar essa coisa, ela vai matar um monte deles." Eles entraram em uma interseção iluminada da passagem. "Kahlan, não posso deixar isso acontecer." Ele olhou para a direita, na direção de um grupo de caçadores vindo com tochas. "Vá até aqueles homens. Fique atrás deles."

"Richard, não vou deixar..."

Ele a empurrou. "Faça o que eu digo! Agora!"

Seu tom fez ela dar um pulo. Involuntariamente, ela se afastou. Richard ficou parado sob a luz da lua, segurando a espada

com as duas mãos, a ponta repousando o chão. Ele olhou para o screeling pendurada na parede. Ela rugiu soltando uma risada, como se de repente reconhecesse a figura parada diante dela.

O screeling soltou suas garras, caindo direto, pousando na escuridão com um baque.

Kahlan podia ver a contração de ira na mandíbula de Richard enquanto ele olhava para o borrão correndo na direção dele, lançando uma nuvem de poeira. A ponta da espada continuou no chão.

Isso não pode estar acontecendo, ela pensou, simplesmente não pode. Não quando finalmente tudo está certo. Essa coisa poderia matar ele. Realmente poderia matar ele. Poderia ser o fim de tudo. O pensamento tirou seu fôlego. A sua Raiva de Sangue de Confessora emergiu até a superfície. A carne dela formigou.

O screeling saltou no ar na direção de Richard. A ponta da espada levantou, empalando a forma escura que se debatia. Ela podia ver uma grande extensão de aço saindo da costa dela, cintilando sob a luz do luar. O screeling rugiu novamente emitindo sua risada terrível. Ela segurou a espada com as garras, puxando a si mesma pela lâmina na direção de Richard. Ela cortou alguns de seus próprios dedos quando agarrou a lâmina, debatendo-se. Richard deu um forte giro com a espada. O screeling deslizou, batendo contra a parede.

Sem fazer pausa ela correu para cima dele de novo. Richard já estava girando a espada. Kahlan sentiu um turbilhão de raiva e pânico. Sem ao menos perceber o que estava fazendo, ela estava com o braço levantado, seu punho na direção da coisa tentando matar Richard, o homem que ela amava; o único homem que ela sempre amaria.

O screeling estava quase em cima dele, a espada completando o seu giro. Kahlan sentiu a onda de poder através dela em uma explosão sufocante. Ela liberou-a. Uma estranha luz azul explodiu do punho dela, rasgando a noite com um brilho cegante de luz azul.

A espada e o rio de luz azul atingiram o screeling ao mesmo tempo. O screeling explodiu em uma chuva de pedaços negros sem

sangue. Kahlan tinha visto a Espada da Verdade fazer a mesma coisa com a carne viva.

Ela não sabia se foi a espada ou o raio azul que tinha feito isso dessa vez.

O estalar do trovão emitido pelo raio deixou os ouvidos dela zunindo com o súbito silêncio.

Ela correu até Richard e jogou os braços em volta dele enquanto ele se curvava, ofegando. "Você está bem?"

Ele abraçou-a com sua mão livre, assentindo. Ela o segurou por um longo tempo enquanto caçadores que gritavam com tochas circulavam ao redor deles. Richard enfiou a espada de volta em sua bainha. Na luz da tocha, ela conseguiu ver um corte irregular na parte superior do braço dele. Ela rasgou uma tira da manga dele e amarrou ao redor da ferida sangrenta.

Ela olhou para os caçadores em volta, todos seguravam flechas nos arcos ou lanças. "Todos estão bem?"

Chandalen entrou na luz da tocha e falou para Kahlan. "Eu sabia que você iria trazer problema."

Ela olhou séria para o rosto dele, então meramente agradeceu a ele e aos seus homens por tentarem aj udar.

"Kahlan, o que era aquela coisa? E o que diabos você fez?" Richard estava desmoronando.

Ela passou o braço ao redor da cintura dele. "Acho que é chamada de screeling. E não estou bem certa do que eu fiz."

"Um screeling? O que é um..."

As mãos dele subiram até os lados da cabeça enquanto seus olhos fecharam com força. Ele caiu de joelhos. Kahlan não foi capaz de segurar o peso dele. Savidlin estava lá e se esticou até ele, mas antes que pudesse colocar um braço em volta dele, Richard caiu para frente batendo o rosto. Ele gritou na terra.

"Savidlin, me ajude a levar ele de volta para a casa dos espíritos, e mande alguém buscar Nissel. Por favor, diga para se apressarem."

Savidlin gritou para um de seus homens para ir correndo buscar a curandeira. Ele e alguns dos outros levantaram Richard. Apoiando-se em sua lança, Chandalen apenas observou.

Uma procissão iluminada por tochas seguiu seu caminho de volta até a casa dos espíritos. Savidlin e os homens carregando Richard entraram com Kahlan. Eles colocaram Richard na frente do fogo, baixando a cabeça dele no cobertor. Savidlin mandou seus homens saírem, mas ficou com ela.

Kahlan ajoelhou perto de Richard e com mãos trêmulas sentiu a testa dele. Ele estava frio como gelo e molhado de suor. Parecia estar quase inconsciente. Ela mordeu o lábio e tentou não chorar.

“Nissel vai fazer ele ficar bom,” Savidlin falou. “Você vai ver. Ela é uma boa curandeira. Ela saberá o que fazer.”

Kahlan só conseguiu assentir. Richard resmungou de modo incoerente quando sua cabeça balançou, como se procurasse alguma posição que não causasse dor.

Eles ficaram sentados em silêncio até que Savidlin perguntou, “Madre Confessora, o que foi que você fez? Como você fez o raio?”

“Não tenho certeza de como eu fiz isso. Mas é parte da magia das Confessoras. É chamado de Con Dar.”

Savidlin estudou ela por um momento enquanto ele se agachava sobre os pés com seus braços fortes em volta dos joelhos. “Nunca conheci uma Confessora que pudesse invocar o raio.”

Ela deu uma olhada. “Eu mesma só conheci durante poucos dias.”

“E o que era a coisa escura?”

“Acho que podia ser uma criatura do submundo.”

“Do lugar de onde as sombras vieram, antes?” Kahlan assentiu. “Porque ela viria agora?”

“Sinto muito, Savidlin; não tenho uma resposta. Mas se mais alguma vier, diga ao povo para andar para longe delas. Não ficar parados, e não correr. Apenas andar para longe, e vir me chamar.”

Em silêncio ele ponderou o que ela havia dito. Finalmente a porta se abriu rangendo e uma figura curvada ladeada por dois homens com tochas entrou.

Kahlan levantou depressa e correu até ela, pegando a mão dela. “Nissel, obrigada por vir.”

Nissel sorriu e tocou no ombro dela. “Como está o braço, Madre Confessora?”

“Curado, graças a você. Nissel, tem alguma coisa errada com Richard. Ele tem dores de cabeça terríveis.”

Nissel sorriu. “Sim, criança. Vamos dar uma olhada nele.”

Um dos homens com Nissel entregou a ela uma sacola de pano enquanto ela ajoelhava ao lado de Richard. Os objetos na sacola ressoaram uns nos outros quando ela colocou-a no chão. Ela disse ao homem para aproximar a tocha. Ela retirou a bandagem ensangüentada e, com os polegares, pressionou abrindo a ferida. Nissel olhou para o rosto de Richard para ver se ele sentia. Ele não sentiu.

“Vou cuidar primeiro da ferida, enquanto ele dorme.”

Ela limpou corte e costurou-o enquanto Kahlan e os três homens observavam em silêncio. As tochas estalavam e chiavam, iluminando o interior da quase vazia casa dos espíritos com uma forte luz bruxuleante. Na prateleira, os crânios dos ancestrais observavam em seu descanso.

Às vezes falando consigo mesma enquanto trabalhava, Nissel acabou a costura, cobriu a ferida com um curativo que cheirava a piche, e enrolou o braço com uma bandagem limpa. Procurando em sua sacola, ela disse aos homens que eles podiam ir embora. Quando passava, Savidlin tocou o ombro de Kahlan de modo solidário e disse a ela que os veria de manhã.

Depois que eles se foram, Nissel parou de remexer na sacola e olhou para Kahlan. “Ouvi dizer que você vai se unir a esse aqui.” Kahlan assentiu. “Pensei que não pudesse ter um amor, porque você é uma Confessora, que o seu poder o possuiria... quando fizessem bebês.”

Kahlan sorriu olhando de Richard para a mulher idosa. “Richard é especial. Ele possui magia que o protege do meu poder.” Os dois tinham prometido a Zedd que jamais revelariam a verdade - que era o amor dele por ela que o protegia.

Nissel sorriu, e a mão castigada pelo tempo dela tocou o braço de Kahlan. “Estou feliz por você, criança.” Ela voltou para a sacola e finalmente retirou a mão cheia de pequenas garrafas de argila tampadas com rolhas. “Ele tem essas dores de cabeça com frequência?”

“Ele disse que tem fortes dores de cabeça às vezes, mas que essa é diferente, que essa dói mais, como se alguma coisa estivesse tentando sair da cabeça dele. Disse que nunca teve uma como essa. Acha que pode ajudar ele?”

“Veremos.” Tirando rolhas, ela balançou as garrafas uma de cada vez debaixo do nariz dele. Finalmente uma delas fez Richard acordar. Nissel cheirou a garrafa para verificar o que era. Ela assentiu, resmungou e voltou para a sacola dela.

“O que está acontecendo?” Richard grunhiu. Kahlan se curvou e beijou a testa dele. “Nissel vai preparar alguma coisa para suas dores de cabeça. Fique parado.”

As costas de Richard se arquearam enquanto ele fechava os olhos por causa da dor. Ele colocou os punhos trêmulos nos lados da cabeça.

A curandeira baixou o queixo dele fazendo pressão com os dedos, forçando sua boca a se abrir, e com a outra mão enfiou nela algumas pequenas folhas. “Diga a ele para mastigar. Continue mastigando.”

“Ela diz para mastigar as folhas; elas vão ajudar.” Richard assentiu e virou para o lado em agonia enquanto mastigava. Kahlan passou os dedos no cabelo dele, sentindo-se impotente, desejando que pudesse fazer mais. Ver ele sentindo dor lhe aterrorizava.

Nissel derramou um líquido de um cantil dentro de uma grande vasilha e misturou nele pós de outros recipientes. Ela e Kahlan ajudaram Richard a sentar para beber a mistura. Quando terminou, ele caiu pesadamente, respirando com dificuldade, mas ainda mastigando as folhas.

Nissel levantou. “A bebida vai ajudar ele a dormir.” Kahlan ficou de pé e Nissel entregou a ela uma pequena sacola.

“Faça ele mastigar mais dessas folhas quando ele precisar. Elas ajudarão com a dor.”

Kahlan se inclinou um pouco, para não ficar muito mais alta em relação a mulher. “Nissel, você sabe o que está errado?” Nissel tirou a rolha da pequena garrafa e cheirou-a, então segurou ela debaixo do nariz de Kahlan.

Tinha cheiro de lilases e alcaçuz. “Espírito,” ela falou simplesmente. “Espírito? O que você quer dizer?”

“É uma doença do espírito dele. Não do sangue, não do seu equilíbrio, não do ar dele. Espírito.”

Kahlan não sabia o que significava qualquer coisa daquilo, mas não era isso que ela realmente queria saber. “Ele vai ficar bem? O remédio, e as folhas, vão curar ele?” Nissel sorriu e esfregou o braço de Kahlan. “Eu gostaria muito de estar lá quando vocês casarem. Não vou desistir. Se isso não funcionar, tem outras coisas para tentar.”

Kahlan segurou o braço dela e andou com ela até a porta. “Obrigada, Nissel.” Kahlan viu Chandalen parado perto do pequeno muro. Alguns de seus homens estavam mais afastados na escuridão. Prindin estava perto, encostado na casa dos espíritos.

Ela foi até ele. “Você poderia escoltar Nissel até a casa, por favor?”

“É claro.” Ele pegou o braço da curandeira respeitosamente e guiou-a dentro da noite.

Kahlan trocou um longo olhar com Chandalen, e então foi até ele. “Fico agradecida que você e seus homens estejam nos protegendo. Obrigada.”

Ele olhou para ela sem emoção. “Não estou montando guarda por vocês. Estou protegendo nosso povo de vocês. Do que você poder trazer a seguir.”

Kahlan limpou a poeira dos ombros. “De qualquer modo, se alguma coisa mais aparecer, não tente matar ela sozinho. Não quero que ninguém do Povo da Lama morra. Isso inclui você. Se alguma coisa vier, você não deve ficar parado, ou correr. Se fizer isso, ela vai matá-lo. Você tem que andar. Venha me chamar. Não tentem lutar com ela sozinho. Entendeu? Venha me chamar.”

Ele ainda não mostrou emoção alguma. “E você vai chamar mais raios?”

Ela olhou para ele de modo frio. “Se eu tiver que chamar.” Ela ficou imaginando se conseguiria; não tinha idéia alguma de como tinha feito aquilo.

“Richard, o Esquentado, não está bem. Talvez ele não consiga lançar flechas com você e seus homens amanhã.”

Ele pareceu contente. “Imaginei que ele pensaria em uma desculpa para recuar.”

Kahlan deu um forte suspiro através dos dentes cerrados. Ela não queria ficar aqui e trocar insultos com esse tolo. Queria voltar para dentro para ficar com Richard. “Boa noite, Chandalen.”

Richard ainda estava deitado de costas, mastigando as folhas. Ela sentou ao lado dele, animada em ver que ele parecia mais alerta.

“Essas coisas estão começando a ficar com um gosto melhor.”

Kahlan tocou na testa dele. “Como você está?”

“Um pouco melhor. A dor vem e vai. Acho que essas folhas estão ajudando. A não ser pelo fato de que elas fazem minha cabeça girar.”

“Mas é melhor girar do que rachar?”

“Sim.” Ele colocou a mão no braço dela e fechou os olhos. “Com quem você estava falando?”

Aquele tolo, Chandalen. Ele está guardando a casa dos espíritos. Acha que podemos trazer mais problemas.”

“Talvez ele não seja tão tolo. Não acho que aquela coisa estaria aqui sem nós. Como você chama?”

“Um screeling.”

“E o que é um screeling?”

“Não tenho certeza. Ninguém que eu conheça já tinha visto um, mas ouvi descrições sobre eles. Supostamente eles são do submundo.”

Richard parou de mastigar e abriu os olhos para olhar para ela. O submundo? O que você sabe sobre essa coisa?”

“Não muito.” Ela franziu o rosto. “Você já viu Zedd bêbado alguma vez?”

“Zedd? Nunca. Ele não gosta de vinho. Só de comida. Ele diz que beber interfere o pensamento, e não há nada mais importante do que pensar.” Richard sorriu. “Diz que quanto pior um homem é em pensar, melhor ele é em beber.”

“Bem, magos podem ficar bastante assustadores quando estão bêbados. Uma vez quando eu era pequena, estava no Castelo,

estudando línguas. Eles tem livros de línguas lá. De qualquer modo, eu estava estudando, e quatro dos magos estavam lendo um livro de profecias juntos. Era um livro que eu nunca tinha visto.”

“Eles estavam debruçados sobre ele, e todos começaram a ficar agitados. Estavam falando em tons apressados. Podia afirmar que eles estavam assustados. Naquele momento era mais divertido observar os magos do que ler meus livros.”

“Eu levantei o olhar e todos tinham ficado brancos como neve. Todos se levantaram ao mesmo tempo, e fecharam a capa. Lembro que ela bateu e me fez dar um pulo. Todos ficaram ali parados, quietos por um tempo, e então um foi embora e voltou com uma garrafa. Sem dizer uma palavra, ele entregou copos e serviu a bebida. Todos beberam de um gole só. Ele colocou mais e eles fizeram a mesma coisa novamente. Eles sentaram em bancos em volta da mesa sobre a qual o grande livro estava e continuaram bebendo até que a garrafa estivesse vazia. Naquela hora eles estavam bem felizes. E bêbados. Estavam rindo e cantando. Pensei que isso era tremendamente interessante. Nunca tinha visto nada como isso.

Finalmente eles me viram observando, e me chamaram. Na verdade eu não queria ir, mas eles eram magos, e eu os conhecia muito bem, então não tive medo e me aproximei deles. Um me colocou no joelho dele e perguntou se eu queria cantar com eles. Eu disse que não sabia qual era a canção que eles estavam cantando. Eles olharam uns para os outros e então disseram que me ensinariam. Então ficamos sentados ali por um bom tempo e eles me ensinaram a canção.”

“Então, você lembra dela?”

Kahlan assentiu. “Nunca esqueci aquela canção.” Ela se preparou um pouco e então cantou para ele.

Os screelings estão soltos e o Guardiã deve vencer.

Seus assassinos vieram arrancar sua pele.

Olhos dourados o verão se tentar correr.

Os screelings vão te pegar e rir como se fosse divertido.

Se afaste devagar ou eles te farão em pedaços, e vão rir o dia todo enquanto arrancam seu coração.

*Olhos dourados o verão se tentar ficar parado.
Os screelings vão te pegar, para o Guardiã eles matam.
Corte, retalhe, faça-os em pedaços, ou eles vão te pegar
enquanto ficam rindo.*

*Se os screelings não te pegarem o Guardiã vai tentar, se
esticar e tocá-lo, sua pele ele vai fritar.*

Sua mente ele vai destroçar, sua alma ele vai tomar.

Você dormirá com os mortos, pois sua vida vai abandonar.

Você morrerá com o Guardiã até o fim dos tempos.

Ele odeia que você viva, sua vida é o crime.

Os screelings devem te pegar, diz no texto.

*Se screelings não te pegarem o Guardiã é o próximo, a não
ser que ele, que nasceu verdadeiro, possa lutar pelo elo da vida.*

E esse está marcado; ele é a pequena pedra no lago.

Richard ficou olhando para ela quando terminou. "Bela canção pavorosa para ensinar a uma criança." Finalmente, ele voltou a mastigar as folhas.

Kahlan assentiu com um suspiro. Naquela noite, eu tive terríveis pesadelos. Minha mãe foi ao meu quarto e sentou na minha cama. Ela me abraçou e perguntou sobre o que eram os meus pesadelos. Eu cantei a canção que os magos tinham me ensinado. Ela subiu na minha cama e ficou comigo naquela noite.

No dia seguinte ela foi ver os magos. Nunca fiquei sabendo o que ela fez ou disse para eles, mas nos meses seguintes, sempre que viam ela chegando eles viravam e seguiam depressa para o outro lado. E por um bom tempo eles me evitaram como se eu fosse a própria morte."

Richard pegou outra folha da pequena sacola e colocou na boca. "Os screelings são enviados pelo Guardiã?"

"O Guardiã do submundo?"

"É isso que a canção diz. Deve ser verdade. Como poderia qualquer coisa desse mundo receber tantas flechas e simplesmente rir?"

Richard pensou em silêncio por um momento. "O que é a *pequena pedra na lagoa?*"

Kahlan encolheu os ombros. "Nunca ouvi falar disso."

“E quanto ao raio azulado? Como você fez aquilo?”

“Tem alguma coisa a ver com o Con Dar. Fiz isso antes quando ele tomou conta de mim pela primeira vez.” Ela deu uma respirada profunda com a lembrança. “Quando pensei que você estava morto. Nunca senti o Con Dar antes, mas agora eu sinto isso ali o tempo todo, assim como sempre posso sentir a magia das Confessoras. Os dois estão ligados de algum modo. Eu devo ter despertado ele. Acho que foi sobre isso que Adie me avisou naquele momento em que estivemos com ela. Mas Richard, não sei como eu fiz isso.”

Richard sorriu. “Você nunca falha em me surpreender. Se eu acabasse de descobrir que podia invocar raios, não acho que ficaria sentado de maneira tão calma.”

“Bem, você acabou de lembrar o que eu posso fazer,” ela avisou, “se alguma garota bonita arrastar as asas para você.”

Ele pegou a mão dela. Não tem nenhuma outra garota bonita.”

Os dedos da outra mão dela deslizaram pelo cabelo dele. “Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?”

“Sim,” ele sussurrou. “Deite perto de mim. Quero você perto. Estou com medo de não acordar, e quero estar perto de você.”

“Você vai acordar,” ela prometeu alegremente.

Ela tirou outro cobertor e puxou sobre os dois. Ela aconchegou-se mais perto, a cabeça dela no ombro dele e um braço sobre o peito dele, e tentou não se preocupar com o que ele tinha falado.

CAPÍTULO 8



Quando ela acordou, sua costa estava encostada no calor dele. Luz estava penetrando ao redor das bordas da porta. Ela sentou, esfregou o sono dos olhos, e olhou para Richard.

Ele ficou deitado sobre as costas, olhando para o teto, respirando lenta e suavemente. Ela sorriu com o prazer familiar do rosto dele. Ele era tão bonito que fazia ela sentir dor.

De repente ela percebeu com um sobressalto o que havia nele que lhe parecia tão familiar. Richard parecia com Darken Rahl. Não o mesmo tipo de perfeição impossível - a perfeição suave dos traços ininterruptos que eram tão exatamente corretos, como alguma estátua precisamente perfeita - mas um pouco mais forte, mais rústico; mais real.

Antes que eles tivessem derrotado Rahl, quando Shota, a feiticeira, tinha aparecido para eles como a mãe de Richard, Kahlan tinha visto traços dela no nariz e na boca de Richard. Foi como se Richard tivesse o rosto de Darken Rahl com alguns traços da mãe dele tornando-o melhor do que a perfeição cruel de Rahl. O cabelo de Rahl era delicado, liso, e loiro, enquanto o de Richard era mais rude e escuro. E os olhos de Richard eram cinzentos ao invés do azul de Rahl, mas ambos possuíam a mesma intensidade penetrante - o mesmo tipo de olhar de um predador que parecia poder cortar o aço.

Embora ela não soubesse como isso poderia ser possível, sabia que Richard tinha o sangue de Rahl. Mas Darken Rahl era de D'Hara, e Richard de Westland; que era quase tão longe quanto você poderia chegar. Deveria ser, ela finalmente decidiu, uma conexão no passado distante.

Richard ainda estava olhando para o teto. Ela colocou a mão no ombro dele, dando um aperto. "Como está sua cabeça?"

Richard deu um pulo. Olhou em volta e piscou para ela. Esfregou os olhos. "O quê? ... eu estava dormindo."

"O que você disse?"

Kahlan franziu o rosto. "Você não estava dormindo."

"Sim, eu estava. Dormindo profundamente."

Kahlan sentiu um tremor de apreensão. "Seus olhos estavam bem abertos. Eu estava observando você." Ela não disse que pelo que ela sabia, apenas magos dormiam de olhos abertos.

"Verdade?" Ele olhou ao redor. "Onde estão aquelas folhas?"

"Aqui. Ainda está doendo muito?"

"Sim." Ele sentou. "Mas estava pior." Ele colocou algumas das folhas na boca e passou os dedos pelo cabelo. "Pelo menos eu consigo falar." Ele sorriu para ela. "E posso sorrir sem parecer que meu rosto vai partir."

"Talvez você não deva atirar flechas hoje se não sentir - se bem o bastante."

"Savidlin disse que eu não poderia voltar atrás. Não vou deixar ele na mão. Além disso, realmente quero ver esse arco que ele fez para mim. Já faz... bem, nem lembro quanto tempo faz desde que eu usei um arco."

Depois dele mastigar algumas das folhas de Nissel por um tempo, eles enrolaram os cobertores e foram procurar Savidlin. Eles o encontraram na casa dele, escutando Siddin contar histórias sobre como era montar em um dragão.

Savidlin gostava de ouvir histórias. Mesmo que fosse um garotinho contando, ele escutava com o mesmo interesse que daria a um caçador voltando de uma jornada. Kahlan notou com orgulho que o garotinho estava fazendo uma interpretação bastante apurada, sem adicionar enfeites fantásticos.

Siddin queria saber se ele poderia ter um dragão como bicho de estimação. Savidlin disse a ele que o dragão vermelho não era um bicho de estimação, mas um amigo do seu povo. Falou a ele para encontrar uma galinha vermelha, e poderia ficar com ela.

Weselan estava cozinhando uma tigela de algum tipo de mingau com ovos. Ela pediu a Richard e Kahlan para j untarem-se a eles e deu a cada um uma tigela enquanto eles sentavam em uma pele no chão. Ela deu a eles pão de tava achatado para dobrar e usar como uma concha para o mingau.

Richard pediu que ela perguntasse a Savidlin se ele tinha alguma coisa que furasse. Savidlin se inclinou, e com um dedo e o polegar tirou uma varinha fina de uma sacola que estava debaixo de um banco. Ele entregou a vara para Richard, que havia tirado o dente do dragão. Richard girou a varinha com um olhar confuso, colocou-a na base do dente, e girou-a de modo experimental.

Savidlin riu. "Quer fazer um buraco nisso?" Richard assentiu. Savidlin estendeu a mão. "Entregue para mim. Vou te mostrar como se faz."

Savidlin usou a ponta da sua faca para abrir um pequeno buraco e então segurou o dente entre os pés quando sentou no chão. Ele colocou alguns grãos de areia no buraco, e em seguida a varinha. Ele cuspiu nas mãos e então girou a varinha para frente e para trás rapidamente entre suas mãos, parando ocasionalmente para colocar mais alguns grãos de areia no buraco e passar um pouco de saliva dentro da abertura. Em pouco tempo, ele tinha furado através do dente.

Ele usou sua faca para limpar as rebarbas do local onde a vara atravessou do outro lado do dente, e então ergueu ele, sorrindo, mostrando o buraco. Richard riu e agradeceu enquanto ele enfiava uma tira de couro no dente. Ele o pendurou em volta do pescoço com o apito do Homem Pássaro e o Agiel da Mord-Sith.

Ele estava formando uma coleção. De algumas dessas coisas ela não gostava.

Limpando sua tigela de mingau com um pedaço de pão de tava, Savidlin perguntou, "Sua cabeça está melhor?"

"Está melhor, mas ainda dói bastante. As folhas de Nissel ajudam. Tenho vergonha por ter sido carregado noite passada."

Savidlin riu. "Uma vez, eu tive um ferimento, aqui." Ele apontou para uma cicatriz redonda no lado do corpo. "Fui carregado para casa por mulheres." Ele se inclinou chegando mais perto e levantou

uma sobancelha. "Mulheres!" Weselan lançou um olhar desaprovador na direção dele. Ele fez de conta que não percebeu. "Quando meus homens descobriram que eu fui carregado para casa por mulheres, eles riram bastante disso." Ele colocou o último pão de tava na boca e mastigou por alguns minutos. "Então eu falei para eles que mulheres tinham me carregado para casa, e eles pararam de rir e queriam saber como ter um ferimento como o meu para que eles também pudessem ser carregados para casa por aquelas mulheres."

"Savidlin!" Weselan censurou com um tom escandalizado. Ela virou para eles. "Se ele ainda não tivesse um ferimento, eu teria feito um nele. Um belo ferimento."

"Então como você conseguiu esse ferimento?" Richard perguntou.

Savidlin encolheu os ombros. "Como eu falei para meus homens: foi fácil. Você apenas fica parado ali como um coelho surpreso enquanto um invasor enfia uma lança em você."

"E porque ele não acabou com você?"

"Porque eu coloquei algumas flechas dez passos nele." Ele apontou para a garganta. "Aqui."

"O que é uma flecha dez passos?"

Savidlin se esticou para o lado e tirou uma fina flecha pontuda de sua aljava. "Uma dessas. Vê a mancha escura? Veneno. Veneno dez passos. Quando ele gruda em você, você só dá dez passos, e então está morto." Ele riu. "Meus homens decidiram pensar em um modo diferente de fazer aquelas mulheres carregarem eles."

Weselan se inclinou e enfiou o resto do pão de tava dela na boca do marido. Ela virou para Kahlan.

"Homens adoram contar as histórias mais horríveis." Ela abriu um sorriso tímido. "Mas fiquei preocupada com ele até que ficasse bom."

"Fiquei sabendo que ele estava bom quando chegou perto de mim e fez Siddin. Então não me preocupei mais."

Kahlan percebeu que havia traduzido antes de prestar atenção no significado das palavras. Ela sentiu as orelhas queimarem. Ao

invés de olhar para Richard, concentrou-se em tomar o mingau. Estava feliz que ao menos o cabelo dela cobria suas orelhas.

Savidlin lançou um olhar de macho maltratado para Richard. "Você vai descobrir que mulheres, também, gostam de contar histórias."

Kahlan tentou desesperadamente pensar em uma nova direção para a conversa. Ela não conseguia. Felizmente, Savidlin o fez. Ele se inclinou para trás, olhando para a porta.

"Logo vai ser hora de ir."

"Como sabe que horas temos que ir?"

Savidlin encolheu os ombros. "Eu estou aqui, você está aqui, alguns dos homens estão aqui. Quando todos estiverem aqui, essa é a hora de ir."

Savidlin foi até o canto e pegou um arco que era maior do que aquele que Kahlan tinha visto ele usar antes. Maior para Richard. Com ajuda do pé dele, Savidlin esticou a corda do arco.

Richard tinha um grande sorriso no rosto. Falou para Savidlin que esse era o melhor arco que já tinha visto. Savidlin ficou orgulhoso e entregou a ele uma aljava cheia de flechas.

Richard testou o peso da corda. "Como você sabia quanto deveria esticar? Está perfeito."

Savidlin apontou para o queixo dele. "Lembrei do quanto era forte seu respeito por minha força quando nos encontramos pela primeira vez. É pesado demais para mim, mas calculei que ficaria bom para você."

Kahlan levantou chegando perto de Richard. "Tem certeza que quer ir? Como está sua cabeça?"

Terrível. Mas eu tenho as folhas; elas ajudam um pouco. Acho que vou ficar bem. Savidlin está ansioso por isso. Não quero desapontar ele."

Ela esfregou a mão no ombro dele. "Eu deveria ir com você?"

Richard beijou a testa dela. "Não acho que vou precisar de alguém para traduzir e me dizer o quanto estou sendo derrotado."

"E não acho que vou querer dar aos homens de Chandalen qualquer desculpa para me humilhar mais do que eles já vão fazer."

“Zedd falou que você era muito bom. Na verdade, ele me disse que você era mais do que muito bom.”

Richard deu uma olhada para Savidlin, que estava preparando o próprio arco. “Faz muito tempo desde que eu usei um arco.”

“Zedd estava apenas tentando apenas fazer provocação, eu aposto.”

Ele roubou um beijo dela enquanto Savidlin estava terminando e então saiu pela porta com ele. Kahlan se encostou no portal, ainda sentindo o toque dos lábios dele nos dela enquanto observava ele se afastar.

Sem mostrar emoção, Chandalen, que estava verificando uma de suas flechas, levantou os olhos. Prindin e Tossidin mostraram sorrisos manhosos. Eles estavam ansiosos por isso. Richard olhou ao redor, encontrando os olhos de todos os homens enquanto passava. Eles seguiram atrás dele. Ele era uma cabeça mais alto do que qualquer um deles. Eles pareciam um grupo de crianças seguindo um adulto. Mas essas crianças tinham flechas envenenadas, e alguns deles não guardavam nenhuma simpatia por Richard. De repente ela não gostou nem um pouco disso.

Weselan ficou parada perto dela, olhando os homens partirem. “Savidlin disse que vai tomar conta de Richard. Não fique preocupada, Chandalen não faria nenhuma tolice.”

“Eu me preocupo com o que Chandalen considera tolice.”

Weselan passou as mãos em um pano, virando para manter um olho atento em Siddin. Siddin queria sair, e estava sentado, enfiando um dedo no chão, parecendo triste porque sua mãe tinha falado que queria que ele ficasse lá dentro. Weselan ficou em cima dele por um longo tempo observando. Ele olhou para cima, o queixo apoiado em uma palma das mãos. Ela bateu suavemente nele com o pano.

“Vá lá fora brincar.” Weselan suspirou quando correu pela porta com um grito de alegria. Ela balançou a cabeça. “Os jovens não sabem como a vida é valiosa. Ou como é frágil.”

“Talvez seja por isso que todos nós desejamos ser jovens de novo.”

Weselan assentiu. "Talvez." Um belo sorriso surgiu no rosto bronzeado dela. Os olhos escuros brilharam. "Que cor você gostaria de vestir quando casar com seu homem?"

Com as duas mãos, Kahlan puxou o longo cabelo para trás, por cima dos ombros, e pensou por um minuto. Um sorriso apareceu. "Richard gosta de azul."

Weselan cruzou os dedos. "Oh, então isso seria perfeito. Eu tenho a coisa certa. Estava guardando para um momento especial."

Ela entrou no pequeno quarto dela e voltou com um pacote. Sentando em um banco perto de Kahlan, cuidadosamente ela o desembalou no colo. A roupa era muito bem tecida, um azul profundo com uma estampa de flores azuis claras espalhadas nele. Kahlan imaginou que daria um belo vestido.

Ela testou o tecido entre os dedos. "É lindo. Onde conseguiu isso?"

"Fiz uma troca por ele." Ela passou a mão na cabeça. "Com pessoas do norte. Eles gostam das tigelas que eu faço. Eu troquei com eles."

Kahlan conhecia um tecido bom quando via. Weselan tinha que ter feito muitas tigelas por esse tecido. "Eu não me sentiria bem usando isso, Weselan. Você trabalhou duro por isso. É seu."

Weselan levantou as pontas do tecido azul, fazendo uma avaliação crítica dele. "Bobagem. Vocês dois vieram aqui e ensinaram nosso povo como fazer telhados que não pingam. Vocês salvaram Siddin daquelas coisas sombrias, e no processo nos livraram de um velho tolo e assim Savidlin conseguiu ser um dos seis anciãos. Ele nunca esteve tão feliz. Quando Siddin foi levado, vocês encontraram ele e trouxeram de volta para nós. Vocês destruíram o homem que teria nos escravizado. Vocês dois são guardiões para nosso povo. O que é um pedaço de pano?"

"Ficarei orgulhosa que a Madre Confessora de toda Midlands case com um vestido que eu faço. Eu, apenas uma simples mulher. Para você, minha amiga, de todos aqueles lugares distante, com todas aquelas grandes coisas que não posso nem imaginar. Você não estaria tirando alguma coisa de mim. Estaria dando alguma coisa."

Os olhos de Kahlan se encheram de lágrimas. O lábio inferior dela tremeu. “Não pode imaginar a alegria que você me dá, Weselan.”

“Ser uma Confessora é ser temida. Minha vida toda, pessoas tiveram medo de mim e me evitaram. Ninguém nunca me tratou apenas como uma mulher, conversou comigo como uma mulher. Apenas como uma Confessora. Ninguém antes de Richard nem ao menos me viu como uma pessoa. Nenhuma mulher antes de você jamais me acolheu em sua casa. Nenhuma mulher deixou que eu segurasse sua criança.” Ela enxugou parte das lágrimas. “Será o mais belo vestido que eu já usei, o vestido mais valioso que eu terei. Vou usá-lo, orgulhosa que uma amiga o fez para mim.”

Weselan deu uma olhada de lado para ela. “Quando seu homem ver você nesse vestido, ele vai fazer com você uma criança só de vocês.”

Kahlan riu, chorou e abraçou-a. Ela nunca tinha ousado sonhar que todas essas coisas poderiam acontecer na vida dela, que ela poderia ser tratada como qualquer coisa além de uma Confessora.

Kahlan e Weselan passaram a melhor parte da manhã começando a cuidar do vestido. Weselan parecia tão excitada em fazer o vestido quanto Kahlan estava em usá-lo. As costureiras em Aydindril não estavam acima de Weselan com suas finas agulhas de osso. Elas trabalharam sobre um design simples um pouco semelhante ao de uma túnica.

Elas fizeram um leve lanche com pão de tava e sopa de galinha. Weselan disse que trabalharia no vestido mais tarde, e perguntou o que Kahlan queria fazer durante a tarde. Kahlan falou que realmente gostaria de cozinhar alguma coisa.

Kahlan nunca comeu carne quando esteve aqui antes em assuntos oficiais porque sabia que o Povo da Lama comia carne humana, comiam seus inimigos para ganhar o conhecimento deles. Para evitar ofendê-los, sempre tinha usado a desculpa de que não comia carne. Na noite anterior, Richard tinha reagido de forma estranha para comer carne, então Kahlan não falou nada sobre mudar o cardápio quando Weselan sugeriu uma refeição vegetal.

As duas cortaram tava, algumas outras raízes cor de ferrugem que Kahlan não reconheceu, pimentas, feijões, algumas nozes secas, e então colocaram verduras e cogumelos secos dentro da grande panela de ferro pendurada sobre uma pequena fogueira. Weselan enfiou algumas varas de madeira no fogo quando falou para Kahlan que provavelmente os homens não voltariam até escurecer. Ela sugeriu que fossem para a área comum junto com as outras mulheres e cozinhassem um pouco de pão de tava nos fornos.

“Eu gostaria disso,” Kahlan falou.

“Falaremos com elas sobre o casamento. Falar sobre casamentos sempre é uma boa conversa.” Ela sorriu. “Especialmente quando não tem nenhum homem por perto.”

Kahlan estava feliz em ver que agora as mulheres jovens falavam com ela. Nos passado elas sempre foram tímidas demais. As mulheres mais velhas queriam conversar sobre o matrimônio. As mulheres mais jovens queriam conversar sobre lugares distantes. Elas queriam saber se era mesmo verdade que homens seguiam as ordens dela, que eles faziam o que ela dizia.

Os olhos delas ficaram arregalados quando Kahlan lhes falou sobre o Conselho Central e como ela protegia os interesses de pessoas como o Povo da Lama da ameaça de invasão por terras mais poderosas de modo que o Povo da Lama e outros em pequenas comunidades pudessem viver como desejassem. Ela explicou que embora fosse capaz de comandar pessoas, ela o fazia apenas porque servia a todas as pessoas. Quando elas perguntaram se ela comandava exércitos de homens em batalha, Kahlan que não era desse jeito; que o que ela fazia era tentar ajudar a diferentes terras a trabalhar juntas para que não houvesse briga. Elas quiseram saber quantos servos e que tipos de vestidos fabulosos ela possuía. As perguntas estavam começando a deixar as mulheres mais velhas nervosas, e a frustrar Kahlan.

Ela bateu uma bola de massa de farinha na mesa, levantando uma pequena nuvem de farinha. Olhou para as mulheres mais jovens nos olhos.

“O vestido mais bonito que terei será o que Weselan está fazendo para mim, porque ela está fazendo ele por amizade, e não

porque mandei ela fazer. Não há nenhuma posse que se compare com a amizade. Eu desistiria de tudo que tenho, viveria em trapos, e cavaria raízes, só para ter um amigo.”

Aquilo pareceu aquietar as garotas, e acalmar as mulheres mais velhas. A conversa voltou para o assunto do casamento, e Kahlan estava feliz com isso. Ela tentou ficar de fora, deixar as mulheres mais velhas conduzirem a conversa.

Perto do final da tarde, Kahlan viu uma comoção pelo campo. Viu uma figura mais alta, Richard, dando passos largos na direção da casa de Savidlin e Weselan. Mesma a distância, ela podia dizer que ele estava com raiva.

Um grupo de caçadores seguia no rastro dele, às vezes trotando para acompanhar o passo.

Kahlan limpou as mãos cobertas de farinha em um pano. Jogou o pano em uma mesa enquanto saía do chão de madeira do abrigo e andou rapidamente até os homens. Ela os alcançou quando seguiam por uma larga passagem.

Abrindo caminho através dos caçadores, finalmente ela alcançou Richard pouco antes que ele chegasse na porta de Savidlin.

Chandalen estava logo atrás dele, junto com Savidlin. Chandalen tinha sangue no ombro, com algum tipo de curativo sobre um ferimento. Ele parecia estar com péssimo humor.

Ela agarrou a manga de Richard. Ele virou com uma expressão de raiva que aliviou um pouco quando viu eu era ela. Ele tirou a mão do punho da espada.

“Richard, qual é o problema?”

Ele olhou para os homens ao redor, a maioria de Chandalen, então pousou o olhar nela de novo. “Preciso que você traduza.”

“Nós tivemos uma pequena... *aventura*... esta tarde. Eu não consegui fazer eles entenderem o que aconteceu.”

“Quero saber como ele conseguiu ousar tentar me matar!” Chandalen estava dizendo por cima das palavras de Richard.

“Do que ele está falando ? Ele quer saber porque você tentou matar ele.”

“Matar ele! Eu salvei a vida desse tolo. Não me pergunte porque! Eu deveria ter deixado ele ser morto! Da próxima vez vou

deixar!" Ele passou os dedos no cabelo. "Minha cabeça está me matando."

Chandalen apontou furioso para o ferimento no ombro dele. "Você fez isso de propósito! Eu vi como você atirou! Não poderia ter sido um acidente!"

Richard jogou as mão para o ar. "Idiota!" ele falou para o céu. Baixou o olhar para os olhos ferozes de Chandalen.

"Sim, você me viu atirar! Você tem alguma dúvida de que se eu quisesse te matar, agora você não estaria respirando! É claro que fiz de propósito! Era o único jeito de salvar você!" Ele se esticou por cima do ombro dela, colocando sua mão perto do rosto de Chandalen, mantendo o dedo indicador e o polegar afastados cerca de uma polegada. Esse foi todo o espaço que eu tive! No máximo! Se eu não aproveitasse, você estaria morto!"

"O que você quer dizer?" Chandalen perguntou.

Kahlan colocou uma das mãos no braço dele. "Calma, Richard. Apenas diga o que aconteceu."

"Ele não conseguia me entender. Nenhum deles conseguia. Eu não consegui explicar a eles." Ele olhou para ela frustrado.

"Matei um homem hoje."

"O que!" ela sussurrou. "Você matou um dos homens de Chandalen?"

"Não! Não é por isso que eles estão com raiva. Estão felizes que eu o matei. Estava salvando a vida de Chandalen! Mas eles acham..."

Ela se acalmou. "Apenas tenha calma. Vou explicar suas palavras para eles."

Richard assentiu e esfregou os olhos com a costa das mãos. Olhou para o chão enquanto enfiava os dedos das duas mãos pelo cabelo. Levantou o olhar novamente. "Só vou explicar isso uma vez, Chandalen. Se não conseguir enfiar isso na sua cabeça dura, então vamos ficar em lados opostos do vilarejo e disparar flechas um no outro até que não possamos discutir mais. E eu só vou precisar de uma flecha."

Chandalen levantou uma sobrancelha e cruzou seus braços musculosos. "Então explique."

Richard respirou profundamente. "Você estava parado bem longe. Por alguma razão, eu sabia que ele estava lá, atrás de você. Eu dei um giro. Tudo que eu consegui ver dele... aqui, desse jeito." Ele segurou Kahlan pelos ombros e virou-a, de frente para Chandalen. Segurou os ombros dela e se agachou atrás dela. "Assim mesmo. Não consegui ver nada dele a não ser a parte de cima da cabeça. Ele estava com a lança pronta. Em um segundo ou mais, teria enfiado ela nas suas costas. Eu só tinha uma chance de impedir que ele matasse você. Só uma chance. Não pude ver o bastante dele; não tinha mais nada no que atirar de onde eu estava. Apenas o topo da cabeça dele."

"A parte de cima da testa dele inclinou. Se eu acertasse ela muito alto, a flecha teria desviado, e ele mataria você. O único jeito de parar ele, de matar ele, era deixar a flecha cortar o topo do seu ombro."

Ele manteve o dedo indicador e o polegar afastados meia polegada de novo. "Isso foi tudo que eu tive. Se eu atirasse a flecha muito baixo, seu osso teria desviado, e ele pegaria você. Se eu atirasse um pouco mais alto, apenas o bastante para não cortar você, ele viveria, e você estaria morto. Eu sabia que a flecha com lâmina de Savidlin poderia passar através de um pouco da sua carne e permitir que eu matasse ele. Não havia tempo para mais nada. Eu tinha que atirar imediatamente. Acho que uma dúzia de costuras é um pequeno preço a pagar por sua vida."

Os olhos de Chandalen pareceram ter um pouco menos de certeza. "Como sei que está dizendo a verdade?"

Richard balançou a cabeça, resmungando. De repente ele pensou em algo. Pegou um saco de pano de um dos homens de Chandalen. Enfiou a mão no saco e tirou uma cabeça, levantando-a pelo cabelo ensopado de sangue.

Kahlan arfou. Colocou uma das mãos sobre a boca enquanto virava para se afastar. Mas antes que ela o fizesse, viu uma flecha projetando-se do centro da testa, a parte com a lâmina saindo por trás da cabeça.

Richard segurou a cabeça por trás do ombro de Chandalen e colocou as penas da flecha sobre o ombro dele, perto da ferida.

“Isso foi tudo que eu vi. Se não fosse como eu digo, se ele estivesse parado de pé, e eu atirasse a flecha onde eu atirei, ela não teria tocado em você.”

Todos os caçadores começaram a balançar as cabeças e sussurrar. Chandalen olhou para a ponta da flecha sobre o ombro dele. Olhou de volta para a cabeça. Pensou por um minuto e então descruzou os braços e pegou a cabeça, enfiando-a de volta no saco.

“Já fui costurado antes. Mais um pouco não vai me ferir. Vou aceitar suas palavras como verdadeiras. Dessa vez.”

Richard colocou os punhos nos lábios enquanto observou Chandalen e seus homens se afastando. “De nada,” ele gritou para eles.

Kahlan não traduziu aquilo. “Porque eles tem aquela cabeça?”

“Não pergunte para mim. Não foi idéia minha. E você não vai querer saber o que eles fizeram com o resto dele.”

“Richard, aquele pareceu um tiro muito arriscado para mim. A que distância você estava quando atirou aquela flecha?”

O calor sumiu da voz dele. “Não foi arriscado de modo algum, acredite em mim. E eu estava a pelo menos cem passos.”

“Você consegue atirar uma flecha com tanta precisão a cem passos?”

Ele suspirou. “Eu temo que poderia ter feito isso a duas vezes aquela distância. Três vezes aquela distância.” Ele olhou para o sangue nas mãos dele. “Tenho que lavar isso. Kahlan, em cerca de dois minutos minha cabeça vai explodir. Tenho que sentar. Você poderia chamar Nissel, por favor? Gritar para aquele idiota foi a única coisa que me segurou em pé.”

Ela colocou uma das mãos no braço dele. “É claro. Vá para dentro, eu vou chamar ela.”

“Acho que Savidlin também está com raiva de mim. Por favor, diga a ele que sinto muito por ter arruinado tantas flechas dele.”

Ela franziu o rosto quando Richard entrou, fechando a porta. Savidlin dava a impressão de que estava prestes a falar com ela.

Ela o segurou pelo braço.

“Richard precisa de Nissel. Venha comigo, e diga o que aconteceu.”

Savidlin olhou por cima do ombro para a porta da casa enquanto eles se afastavam rapidamente. "Richard, o Esquentado, parece estar começando a aceitar seu nome."

"Ele está inquieto porque matou um homem. Essa é uma coisa com a qual não é fácil conviver."

"Ele não contou para você toda a história. Tinha mais coisas."

"Então conte."

Ele observou com uma expressão séria. "Nós estávamos atirando. Chandalen estava com raiva, por causa dos tiros que Richard estava fazendo. Disse que Richard era um demônio, se afastou e ficou parado na grama alta sozinho. O resto de nós estava afastado para o outro lado, vendo Richard atirar. As coisas que ele estava fazendo não pareciam possíveis. Ele preparou uma flecha. De repente, ele virou na direção de Chandalen. Antes que nós pudéssemos ao menos gritar, Richard atirou uma flecha em Chandalen enquanto ele estava parado ali de braços cruzados. Ele não tinha nenhuma arma na mão."

"Nenhum de nós poderia acreditar que Richard faria isso."

"Enquanto a flecha ainda estava voando na direção de Chandalen, dois dos homens dele, que tinham flechas preparadas, esticaram seus arcos."

"O primeiro atirou uma flecha dez passos em Richard antes mesmo que a própria flecha dele chegasse em Chandalen."

Kahlan não estava acreditando. "Ele atirou em Richard, e errou? Os homens de Chandalen não erram."

A voz de Savidlin estava baixa, e tremeu levemente. "Ele não erraria. Mas Richard girou, puxando sua última flecha da aljava, uma flecha com lâmina, e atirou. Eu nunca vi ninguém fazer uma coisa assim tão rápido." Ele hesitou, como se não achasse que ela acreditaria nele. "A flecha com lâmina de Richard encontrou a outra no ar e partiu ela no meio. Cada metade passou de um lado de Richard."

Kahlan fez Savidlin parar colocando uma das mãos no braço dele. "Richard acertou a outra flecha enquanto ela estava no ar?"

Ele assentiu lentamente. "E então o outro homem atirou. Richard não tinha mais flechas. Ele ficou parado, seu arco em uma

das mãos, e esperou. Essa também era uma flecha dez passos. Eu podia escutar o som dela no ar.”

Savidlin olhou ao redor, como se não quisesse que ninguém mais escutasse. “Richard arrancou ela do ar com a mão. Ele segurou ela pelo meio. Colocou a flecha do homem em seu próprio arco e atirou ela nos homens de Chandalen. Ele estava gritando para eles. Não dava para entender suas palavras, mas eles largaram os arcos no chão e esticaram os braços para os lados, para mostrar para ele as mãos vazias. Nós todos pensamos que Richard, o Esquentado, tinha ficado louco. Pensamos que ele poderia matar todos nós. Todos nós ficamos com muito medo.”

“Então Prindin gritou. Ele encontrou o homem atrás de Chandalen. Então todos nós vimos, que Richard matou um invasor que estava armado com uma lança. Percebemos que Richard estava tentando matar o invasor, não Chandalen. Chandalen, entretanto, não tinha tanta certeza. Pensou que Richard cortou ele com sua flecha de propósito.”

“Chandalen ficou com mais raiva ainda quando todos os seus homens foram até Richard e lhe deram tapas de respeito.”

Kahlan olhou atentamente para ele. Não conseguia acreditar nas coisas que estava ouvindo. A maior parte parecia impossível.

“Richard queria que falasse a você que ele sente muito por ter arruinado suas flechas. Do que ele estava falando?”

“Você sabe o que é um tiro na flecha?”

Kahlan assentiu. “É quando você faz uma flecha atravessa outra que já está no centro do alvo, e parte a flecha do primeiro atirador. A Guarda Doméstica em Aydindril dá faixas para quem faz isso. Eu vi poucos homens com meia dúzia de faixas. Conheci um com dez.”

Savidlin se esticou e tirou um embrulho volumoso da aljava dele. Cada uma das flechas estava partida. “Seria mais fácil dar a Richard, o Esquentado, uma faixa se ele errasse alguma vez. Ele não ganharia nenhuma. Ele destruiu mais de cem flechas hoje. Leva tempo para fazer flechas. Elas não devem ser desperdiçadas, mas os homens continuavam querendo que ele fizesse de novo, porque

nunca tinham visto nada assim. Uma vez, ele colocou seis flechas através da primeira, uma em cima da outra.”

“Nós caçamos coelhos, e assamos eles em cima do fogo. Richard sentou junto, e então quando começamos a comer, ele não comia junto. Ele parecia doente, se afastou e atirou flechas sozinho até que nós terminamos. Mais tarde, depois que comemos, foi que ele matou o homem.”

Ela assentiu. “É melhor nos apressarmos e chamar Nissel.” Ela olhou em volta enquanto eles andavam. “Savidlin, porque aqueles homens tinham aquela cabeça? Como eles podem ser tão horríveis?”

“Você viu que tinha pintura preta por cima dos olhos do homem morto? Aquilo era para esconder ele dos nossos espíritos, para que ele pudesse se aproximar de nós de modo sorrateiro. Um homem que entra na nossa terra com pintura preta por cima dos olhos vem apenas por uma razão: para matar. Os homens de Chandalen colocam as cabeças de homens como aquele em estacas na margem de nossa terra para avisar outros que pintariam de preto por cima dos olhos deles.”

“Pode parecer horrível para você, mas no fim isso faz muito menos matança. Não pense mal dos homens de Chandalen por pegar a cabeça. Eles fazem isso hoje não porque gostam, mas para que tenha menos matança amanhã.”

De repente Kahlan sentiu-se tola. “Acho que, assim como Chandalen, sou culpada por julgar rápido demais. Me perdoe, Ancião Savidlin, por pensar coisas erradas sobre o seu povo.”

Ele deu um abraço em volta dos ombros dela com apenas um dos braços.

Quando voltaram com a curandeira, encontraram Richard enrolado em um canto, seus dedos cruzados por cima da cabeça. A pele dele estava branca, fria, e úmida. Nissel deu a ele alguma coisa para beber. Depois de alguns minutos, deu um pequeno cubo de algo para ele engolir. Richard sorriu quando viu aquilo. Ele devia saber o que era. Nissel sentou no chão perto dele e sentiu seu pulso por um longo tempo. Quando um pouco da sua cor retornou, ela fez ele colocar a cabeça para trás e abrir a boca. Ela torceu um pedaço

de alguma coisa em cima da boca dele, derramando o suco dentro dela. Ele fez uma careta. Nissel sorriu com aquilo sem dizer nada.

Ela virou para Kahlan. "Acho que essas coisas vão ajudar ele. Diga para ele continuar mastigando as folhas. Vá me chamar se ele precisar de mim."

"Nissel, ele vai ficar melhor logo? Ele não deveria estar melhorando?"

A velha curvada olhou para Richard. "O espírito tem sua própria mente. Nem sempre ele escuta. Acho que o dele não quer escutar." De repente ela suavizou ao ver a expressão de espanto no rosto de Kahlan.

"Não se preocupe, criança. Posso fazer até mesmo o espírito escutar."

Kahlan assentiu. Nissel mostrou a ela um sorriso caloroso e lhe deu um tapinha no braço antes de seguir o caminho dela.

Richard olhou para Kahlan e Savidlin. "Você falou para ele? Falou para ele que sinto muito por ter arruinado todas as flechas dele?"

Kahlan sorriu um pouco para Savidlin. "Ele está preocupado por ter arruinado tantas flechas."

Savidlin grunhiu. "A culpa é minha. Fiz o seu arco bom demais." Richard ensaiou uma risada. "Weselan está fora fazendo pão. Tenho que ir ver algumas coisas. Descanse bem. Voltaremos quando for hora de comer. Comeremos juntos. Pelo cheiro parece que minha esposa fez alguma comida boa."

Depois que Savidlin saiu, Kahlan dentou no chão, bem encostada nele.

"Richard, o que aconteceu hoje? Savidlin me contou como você atirou flechas hoje. Você nunca foi tão bom assim, foi?"

Ele enxugou suor da testa com a costa da mão. "Não. Já parti flechas antes, mas nunca mais do que uma dúzia em um dia."

"Você já atirou tantas em um dia?"

Ele assentiu. "Em um dia bom, quando eu podia sentir o alvo. Mas hoje foi diferente."

"Como?"

“Bem, nós fomos para a planície, e minha cabeça estava começando a doer pra valer. Os homens colocaram alvos feitos com montes de grama. Eu achava que não conseguiria nem acertar um alvo, porque minha cabeça estava doendo tanto. Mas não queria desapontar Savidlin, então tentei de qualquer jeito. Quando atirei, chamei o alvo para mim.”

“O que quer dizer com, você chamou o alvo?”

Richard encolheu os ombros. “Não sei como. Eu costumava pensar que todo mundo fazia isso quando atiravam. Mas Zedd disse que não.”

“Eu olho para o alvo, e meio que puxo ele até mim. Quando estou fazendo direito, isso bloqueia todo o resto. Sou apenas eu e o alvo, como se ele chegasse mais perto. De algum modo, eu sei exatamente como a flecha deve ser empunhada para acertar o alvo. Quando estou fazendo direito, posso sentir que a flecha está no lugar certo antes de soltar a corda do arco.”

“Quando aprendi que sempre acertava o alvo quando tinha aquela certa sensação, parei de atirar flechas. Eu só precisava mirar, tentando fazer surgir a sensação correta. Sabia que quando conseguisse eu não erraria, então eu não me preocupava em atirar. Eu acertaria outra flecha e buscaria pela sensação de novo. Com o passar do tempo, aprendi como fazer com mais frequência.”

“Como hoje foi diferente?”

“Bem, como eu disse, minha cabeça estava doendo muito. Observei alguns dos outros homens atirando. Eram muito bons. Savidlin começou a bater nas minhas costas, então eu sabia que era minha vez. Percebi que poderia acabar logo com aquilo. Parecia que minha cabeça iria partir. Preparei o arco, e chamei o alvo para mim.”

Richard passou os dedos pelo cabelo. “Não sei como explicar. Chamei o alvo, e imediatamente, minha dor de cabeça tinha sumido. Nenhuma dor. O alvo veio até mim como nunca tinha vindo. Parecia que havia um ponto no ar onde eu precisava apenas apoiar a flecha. Nunca tinha sentido isso com tanta força. Era como se o alvo fosse enorme. Eu sabia que seria impossível errar.

“Depois de um tempo, só para variar, ao invés de partir as flechas que já estavam ali, eu só arrancava a parte vermelha das

penas delas. Quando fiz isso, os homens pensaram que eu tinha errado ao tentar cortar a flecha. Eles não tinham idéia de que eu estava fazendo uma coisa muito mais difícil.”

“E a sua dor de cabeça tinha sumido completamente?” Ele assentiu. “Você tem alguma idéia de porque tudo isso estava acontecendo?”

Richard levantou os joelhos e colocou os antebraços sobre eles. Olhou para longe do rosto dela. “Eu temo que sim.”

“Era magia.”

“Magia?” Kahlan sussurrou. “O que você quer dizer?”

Os olhos dele voltaram para ela. “Kahlan, não sei qual é a sensação da sua magia dentro de você, mas eu tenho sentido magia.”

“Toda vez que eu desembainho a Espada da Verdade, magia flui dentro de mim, torna-se parte de mim. Eu sei qual é a sensação daquela magia. tenho sentido com bastante freqüência, e de jeitos diferentes, dependendo de como eu uso. Mas por eu ter me unido com a espada, posso sentir a magia dela, mesmo quando ela repousa em sua bainha na minha cintura. Agora posso invocar a magia dela sem nem ao menos ter que sacar a espada. Posso senti-la, como um cão no meu calcanhar, pronto para pular em cima de mim.”

“Hoje, quando estico o arco e chamo o alvo, eu também chamo algo mais: magia.”

“Quando Zedd me tocou antes, para me curar, e quando você me tocou quando estava no Con Dar, eu senti a magia. Isso foi alguma coisa como aquilo. Eu sabia que era magia. Senti que era diferente da sua e de Zedd, mas reconheci a textura da magia. Podia sentir a vida dela, como uma segunda respiração. Viva.” Richard colocou um punho no meio do peito. “Podia sentir ela vindo de dentro de mim, acumulando até que eu a liberei para chamar o alvo.”

Kahlan reconheceu em si mesma as sensações que ele estava descrevendo. “Talvez tenha alguma coisa a ver coma espada.”

Ele balançou a cabeça. “Não sei. Acho que poderia ser. Mas eu não consegui controlar. Depois de um tempo, ela simplesmente foi

embora, como uma vela apagada pelo vento. Pareceu como estar repentinamente na escuridão, como se de repente eu estivesse cego.”

“E a dor de cabeça voltou.”

“Não consegui acertar o alvo, e não consegui chamar ele para mim, então simplesmente deixei os outros atirarem. A magia ia e vinha. Nunca conseguia dizer quando iria acontecer. Então quando os homens começaram a comer carne, eu me senti doente, e tive que me afastar deles. Atirei flechas enquanto eles comiam, e às vezes consegui invocar a magia e a dor de cabeça desaparecia.”

“E quando você pegou a flecha no ar?”

Ele deu uma olhada de lado para ela. “Savidlin falou disso, não falou?” Ela assentiu. Richard soltou um grande suspiro. “Aquilo foi o mais estranho de tudo. Não sei como explicar. De algum modo, eu fiz o ar ficar mais denso.”

Ela se inclinou chegando mais perto, estudando o rosto dele. “Fez o ar ficar mais denso?”

Ele assentiu novamente. “Eu sabia que precisava diminuir a velocidade da flecha, e a única coisa que pude pensar foi que se o ar fosse mais denso, como era algumas vezes com a espada, quando o ar ficava denso e parava a espada, então talvez eu tivesse uma chance. Caso contrário, eu morreria. Tudo isso simplesmente surgiu na minha cabeça de uma vez só, a idéia, e o fazer.”

“Instantaneamente.”

“Não faço idéia do que eu fiz. Eu só tive o pensamento e vi minha mão agarrar a flecha no ar.”

Ele ficou em silêncio. Kahlan esfregou o polegar no lado do calcanhar da bota. Ela não sabia o que dizer. O medo estava mordiscando a mente dela. Ela levantou os olhos para observar ele. Ele estava olhando para o vazio.”

“Richard,” ela sussurrou, “Eu te amo.”

A resposta dele demorou a surgir. “Eu te amo também.” Ele virou para ela. “Kahlan, estou com medo.”

“De quê?”

“Alguma coisa está acontecendo. Um screeling aparece, eu tenho essas dores de cabeça, você chama um raio, eu faço o que fiz

hoje. A única coisa que eu penso em fazer é ir para Aydindril e encontrar Zedd. Todas essas coisas têm alguma coisa a ver com magia.”

Ela não achava que ele estivesse necessariamente errado, mas de qualquer modo deu algumas outras respostas para aquelas coisas. “Eu ter chamado o raio tem a ver com minha magia. Não você. Embora eu não saiba como fiz isso, eu fiz para proteger você. O screeling, eu acho, é do submundo. Aquilo não tem nada a ver conosco. Simplesmente é alguma coisa maligna. A magia com você hoje... bem, aquilo poderia ter alguma coisa a ver com a magia da espada. Simplesmente não sei.”

“E as dores de cabeça?”

“Não sei,” ela admitiu finalmente.

“Kahlan, as dores de cabeça podem me matar. Não entendo como sei isso, mas sei que é verdade. Não é apenas uma simples dor de cabeça. É mais alguma coisa. Não sei o que.”

“Richard, por favor, não diga isso. Está me assustando.”

“Isso me assusta também. Uma razão porque eu estava com raiva de Chandalen era porque tenho medo que ele possa estar certo sobre mim. Que eu trago problemas.”

“Talvez fosse melhor nós começarmos a pensar em cair fora daqui. Encontrar Zedd.”

“E quanto as dores de cabeça? A maior parte do tempo, não consigo nem ficar de pé. Não posso parar a cada dez passos para atirar uma flecha.”

Ela engoliu um nó que estava em sua garganta. “Talvez Nissel possa encontrar uma resposta.”

Ele balançou a cabeça. “Ela pode ajudar só um pouco, e apenas por um tempo. Em breve, acho que ela não vai conseguir fazer nada. Estou com medo que eu possa morrer.”

Kahlan começou a chorar. Richard se inclinou contra a parede, colocou o braço em volta dos ombros dela, e puxou-a para si. Começou a dizer mais alguma coisa, mas ela colocou os dedos sobre os lábios dele. Apertou o rosto contra ele enquanto chorava, agarrando a camisa dele. Parecia como se tudo estivesse lentamente começando a se desenrolar.

Ele abraçou-a e deixou que ela chorasse.

Kahlan começou a perceber que estava sendo egoísta. Era com ele que essas coisas estavam acontecendo. Era ele que sentia a dor, que estava em perigo. Ela deveria estar confortando ele, não o contrário.

“Richard Cypher, se acha que isso vai impedir você de casar comigo, é melhor pensar direito.”

“Kahlan, eu não... eu juro.”

Ela sorriu e tocou o rosto dele suavemente quando o beijou. “Eu sei. Richard, nós resolvemos problemas muito maiores do que esse. Vamos resolver. Eu prometo. Temos que resolver; Weselan já começou a fazer meu vestido.”

Richard colocou na boca algumas das folhas de Nissel. “Verdade? Aposto que você vai ficar linda nele.”

“Bem, se quiser descobrir, simplesmente vai ter que casar comigo.”

“Sim, senhora.”

Savidlin, Weselan e Siddin voltaram um pouco mais tarde. Richard tinha fechado os olhos e repousado enquanto mastigava as folhas, e disse que sua cabeça parecia um pouco melhor. Siddin estava excitado. Ele era uma celebridade local, por ter voado em um dragão. Havia passado a maior parte do dia contando a outras crianças como tinha sido. Agora ele queria sentar no colo de Kahlan e contar a ela sobre como ele tinha sido o centro das atenções.

Ela escutou com um sorriso enquanto todos comiam cozido e pão de tava. Como ela, Richard não quis comer queijo.

Savidlin ofereceu a ele um pedaço de carne defumada. Richard recusou educadamente.

Assim que eles estavam terminando sua refeição, um Homem Pássaro de rosto sério, cercado por homens com lanças, apareceu na porta.

Todos baixaram suas tigelas e ficaram de pé. Kahlan não gostou da expressão no rosto dele.

Richard deu um passo em frente. “O que foi ? O que aconteceu?”

O Homem Pássaro dirigiu-se a todos com um movimento rápido dos olhos. “Três mulheres, estranhas, vieram em cavalos.”

Kahlan ficou imaginando porque três mulheres trariam homens com lanças em volta do Homem Pássaro. “O que elas querem?”

“É difícil entender elas. Elas só um pouco de nossa língua. Acredito que elas querem Richard. Elas pareciam dizer que querem Richard e querem ver os pais dele.”

“Meus pais! Tem certeza?”

“Acho que era isso que elas estavam tentando dizer. Elas disseram para você não tentar mais correr. Que elas vieram buscar você, e você não deve correr. Elas me disseram que eu não devo interferir.”

Inconscientemente Richard soltou sua espada na bainha, sua sobancelha assumindo uma forma parecida com a de um falcão. “Onde elas estão?”

“Deixei elas esperando na casa dos espíritos.”

Kahlan passou um pouco do cabelo para trás da orelha. “Elas disseram quem são?”

O logo cabelo prateado do Homem Pássaro brilhou sob a luz do sol poente que surgia atrás dele. “Elas chamaram a si mesmas de Irmãs da Luz.”

A respiração de Kahlan ficou presa na garganta; arrepios percorreram seus braços. Suas entranhas pareciam como se tivessem sido torcidas em um nó gelado.

Ela não conseguiu fazer seus olhos piscarem.

CAPÍTULO 9



Richard franziu o rosto. “Bem ? Quem são elas? O que ele disse?”

Ela ainda não conseguia fazer os olhos piscarem. Só conseguia emitir um sussurro. “Ele disse que elas são as Irmãs da Luz.”

Ele olhou para ela por um longo momento. “Quem são as Irmãs da Luz ?”

Finalmente, ela piscou e olhou para ele. “Eu não sei muito sobre elas. Ninguém sabe. Richard, acho que deveríamos ir embora.” Kahlan apertou as duas mãos no braço dele. “Por favor ? Vamos. Agora mesmo.”

O olhar de Richard passou pelos homens com lanças, parando no Homem Pássaro. “Agradeça ele por vir até nós. Diga a ele que vamos tomar conta disso.”

Depois que o Homem Pássaro assentiu e partiu junto com seus homens, e depois que eles disseram a Savidlin que iriam sozinhos, Richard levou-a para fora pelo braço. Eles dobraram em algumas esquinas e ele empurrou-a gentilmente contra uma parede, segurando-a pelos braços.

“Muito bem, você pode não saber muito sobre elas, mas sabe de alguma coisa. Me diga o que é. Não preciso ser um leitor de mentes para dizer que você sabe alguma coisa, e está com medo.”

“Elas tem alguma coisa a ver com magos. Com aqueles que possuem o dom.”

“O que você quer dizer?”

Kahlan colocou as mãos nos braços dele do jeito que ele tinha feito com ela. “Uma vez quando eu estava viajando com o Mago Giller, nós ficamos sentados conversando. Você sabe, sobre a vida, sonhos, coisas assim. Giller era um mago por vocação. Ele não tinha

o dom, apenas a vocação. Ser um mago tinha sido sua ambição durante toda sua vida, sua vocação.

Zedd tinha ensinado ele a ser um mago. Apenas, por causa da teia de mago que Zedd lançou sobre todos quando partiu de Midlands, Giller não lembrava de Zedd. Ninguém lembrava. Ninguém nem ao menos lembrava o nome dele.

De qualquer jeito, perguntei a ele se algum dia ele já tinha desejado ter mais do que a vocação. Se ele desejou que tivesse o dom. Ele sorriu e sonhou acordado com isso por um minuto. Então o sorriso dele desapareceu. Seu rosto ficou branco, e ele disse não, ele não havia desejado que tivesse o dom.

“Fiquei surpresa com a expressão de medo no rosto dele. Magos não costumam ficar com uma aparência daquela por causa de uma simples pergunta.”

“Perguntei a ele porque ele não iria querer ter o dom. Ele disse que era porque se tivesse o dom, ele teria que encarar as Irmãs da Luz.

“Perguntei a ele quem eram elas, ma ele não me contaria nada sobre elas. Ele disse que era melhor nem mencionar o nome delas em voz alta. Ele me implorou para não lhe perguntar mais sobre esse assunto. Ainda lembro o quanto a aparência do rosto dele me assustou.”

“Você sabe de onde elas são?”

“Estive quase em toda parte de Midlands. Nunca ouvi falar delas terem sido vistas em lugar algum. E eu perguntei.”

Richard soltou-a e colocou um punho no quadril. Com a outra mão, ele apertou seu lábio inferior enquanto pensava. Finalmente ele cruzou os braços e se virou. “O dom. Então estamos de volta ao dom. Pensei que essa besteira tinha acabado. Eu não tenho o dom!”

Ela entrelaçou os dedos. “Richard, por favor, apenas vamos embora. Se um mago estava com medo das Irmãs da Luz... Vamos simplesmente cair fora daqui.”

“E se elas nos seguirem? E se elas nos alcançarem quando a dor de cabeça tiver me derrubado, quando eu estiver indefeso?”

“Richard, eu não sei nada sobre elas. Mas se um mago fica com tanto medo delas... E se estivermos indefesos agora mesmo?”

“Eu sou o Seeker. Não estou indefeso. Mas posso estar mais tarde. Melhor encontrar com elas nos meus termos do que nos delas.”

“E estou cansado de ouvir sobre o dom! Eu não tenho ele e vou colocar um fim nessa bobagem agora mesmo.”

Ela suspirou profundamente e assentiu. “Está certo. Acho que o Seeker e a Madre Confessora não estão sem defesas.”

Ele lançou para ela um olhar severo. “Você não vai comigo.”

“Você tem uma corda?”

Richard franziu o rosto. “Não. Porque?”

Ela ergueu uma sobrancelha. “Vai ser muito difícil me impedir se não tiver uma corda para me amarrar.”

“Kahlan, não vou deixar você...”

“E eu não vou lhe dar uma chance de olhar para uma mulher que você pode gostar mais do que eu, sem que eu esteja lá para dar uma bofetada nela.”

Ele a observou com uma expressão exasperada, e então se inclinou e beijou-a. “Está bem. Mas não vamos ter uma *aventura*?”

Ela sorriu. “Só vamos dizer para essas três que você não tem o dom, mandar seguirem o caminho delas, e então eu vou te dar um beijo de verdade.”

O céu estava escurecendo em um azul profundo quando eles chegaram até a casa dos espíritos. Três cavalos robustos estavam amarrados a uma curta distância. As celas deles eram diferentes de qualquer uma que ela já tinha visto, com patilhas e cabeçotes de selas altos. Quando eles pararam na frente da porta, o ar estava frio o bastante para mostrar a respiração deles.

Richard e Kahlan sorriram um para o outro e um apertaram as mãos. Richard verificou que a espada estivesse livre em sua bainha. Deu um forte suspiro e abriu a porta. Kahlan estava usando o seu rosto de Confessora, como a mãe dela tinha lhe ensinado.

O interior da casa dos espíritos estava iluminado por um fogo pequeno e duas tochas em suportes, uma de cada lado da lareira. As sacolas deles ainda estavam encostados em um lado. O ar tinha cheiro de piche e das varetas de bálsamo que sempre eram queimadas na casa dos espíritos para que os espíritos dos ancestrais

fossem bem-vindos. A luz das tochas bruxuleava nos crânios dos ancestrais que repousavam em uma prateleira. O chão poeirento estava seco, desde que Richard tinha usado a casa dos espíritos para ensinar o Povo da Lama a fazer telhados que não pingavam.

As três mulheres estavam eretas e altivas no centro da construção sem janelas. Suas pesadas capas marrons de lã pendiam quase chegando ao chão. Os capuzes estavam levantados, escurecendo parcialmente seus rostos.

Elas vestiam longas saias partidas para cavalgada de diferentes cores escuras, e blusas brancas simples.

Elas puxaram os capuzes para trás. A que estava no meio, um pouco mais alta do que as outras duas, mas não tão alta quanto Kahlan, tinha cabelo castanho um pouco encaracolado. A que estava do lado direito dela tinha cabelo negro liso, chegando até o ombro, e o da outra era cacheado, curto e escuro, com listras cinzentas. Cada uma delas tinha as mãos cruzadas e relaxadas diante de si.

Era a única coisa relaxada nelas. Seus rostos maduros mostravam expressões que faziam Kahlan lembrar da chefe das empregadas em Aydindril. Era um semblante de autoridade que elas pareciam ter guardado por tanto tempo que tinha criado marcas permanentes. Kahlan deu uma segunda olhada para as mãos delas para ver se estavam vazias; elas poderiam estar carregando algo. Os olhos delas observavam, como se estivessem preparadas para silenciar qualquer imprudência.

A mulher do meio falou. "Vocês dois são os pais de Richard?" A voz dela não era tão dura quanto Kahlan esperava, mas ainda carregava um claro tom de autoridade.

Richard lançou um olhar furioso para elas, parecendo como se apenas o seu olhar pudesse fazer as três recuarem um passo. Ele esperou até que as três piscassem, antes de falar. "Não. Eu sou Richard. Meus pais estão mortos. Minha mãe desde que eu era pequeno, e meu pai desde o fim do verão."

As três trocaram olhares entre si.

Kahlan viu a raiva nos olhos dele. Estava liberando magia da espada sem ao menos empunhá-la. Ela podia dizer que a espada estava apenas a um piscar de olhos de ser puxada. Ela podia ver

pelo olhar em seus olhos que ele não hesitaria se essas mulheres fizessem alguma coisa errada.

“Isso não é possível,” a mais alta no centro disse. “Você é... velho.”

“Não tão velho quanto você,” Richard disparou.

Os rostos delas ficaram vermelhos. Os olhos da mulher brilharam com uma expressão de raiva, mas ela rapidamente suavizou. “Não queríamos dizer que você é velho, queríamos dizer que você é mais velho do que nós esperávamos. Eu sou a Irmã Verna Sauventreen.”

A mulher de cabelo preto à direita dela falou. “Eu sou a Irmã Grace Rendall.”

“Eu sou a Irmã Elizabeth Myric,” disse a terceira.

A Irmã Verna virou sua expressão severa para Kahlan. “E quem seria você criança, criança.”

Kahlan não sabia se era a atitude de Richard que estava causando isso, mas ela também sentiu o sangue dela esquentando. Ela cerrou os dentes. “Não sou sua *criança*. Sou a Madre Confessora.” O tom de Kahlan também podia carregar autoridade, quando ela queria.

Foi quase imperceptível, mas as três hesitaram. Juntas, elas baixaram as cabeças levemente.

“Perdoe-nos, Madre Confessora.”

O ar de ameaça na casa dos espíritos ainda era palpável. Kahlan percebeu que as mãos dela estavam fechadas com força. Lhe ocorreu que estava sentindo-se desse jeito porque elas eram uma ameaça para Richard. Ela decidiu que era hora de agir como a Madre Confessora.

“De onde vocês três são?” ela perguntou com uma voz gelada.

“Nós somos... de longe.”

O olhar de Kahlan estava começando a se igualar ao de Richard. “Em Midlands, uma reverência para a Madre Confessora é feita em pelo menos um joelho.” Era um costume que ela quase nunca tivera qualquer interesse em aplicar, mas agora ela sentia a necessidade.

As três recuaram juntas, ficando mais eretas. O franzido de indignação no rosto delas se aprofundou.

Foi o bastante para sacar a espada.

O som inconfundível do aço no ar. Richard não falou nada; simplesmente ficou imóvel segurando a espada com as duas mãos. Kahlan podia ver os músculos dele preparados. A magia da Espada da Verdade dançou perigosamente nos olhos dele. Ela estava feliz que o olhar dele não estava direcionado para ela; era assustador. As três não pareceram ficar tão assustadas com isso quanto ela teria esperado, mas elas viraram na direção dela, e juntas, curvaram-se sobre um joelho, inclinando as cabeças novamente.

“Perdoe-nos, Madre Confessora,” Falou a Irmã Grace. “Não estamos familiarizadas com seus costumes. Não pretendíamos causar ofensa.” Elas mantiveram as cabeças abaixadas.

Kahlan esperou o tempo adequado, e então adicionou depois de alguns segundos. “Levantem, minhas crianças.”

Quando elas ficaram de pé, cruzaram as mãos novamente.

A Irmã Verna deu um profundo suspiro impaciente. “Não estamos aqui para assustar você, Richard. Estamos aqui para ajudá-lo. Baixe sua espada.” A última frase carregou um leve toque de comando.

Richard não se mexeu. “Fui informado que vocês disseram que vieram atrás de mim, seja lá o que isso queira dizer, e que eu não devo correr. Não estive correndo. Eu sou o Seeker. Eu decido quando baixar a espada.”

“O Se...” Irmã Elizabeth quase gritou. “Você é o Seeker?”

As três trocaram olhares de novo.

“Declarem seu assunto,” Richard falou. “Agora.”

Dessa vez foi a Irmã Grace quem deu um suspiro impaciente. “Richard, não estamos aqui para feri-lo. Você tem tanto medo assim de três mulheres?”

“Até mesmo uma mulher é motivo bastante para temer. Eu aprendi essa lição do modo mais difícil. Não guardo mais tolas inibições sobre matar mulheres. Pela última vez: declare seu assunto, ou essa conversa está encerrada.”

Ela olhou para o Agiel em volta do pescoço dele. "Sim, podemos ver que você aprendeu algumas lições." O rosto dela suavizou um pouco. "Richard, você precisa de nossa ajuda. Viemos porque você possui o dom."

Richard olhou para cada uma delas antes que falasse outra vez. "Vocês estão seriamente mal informadas. Não tenho o dom e não quero ter nada a ver com isso."

Ele enfiou a espada de volta na bainha. "Sinto muito que vocês tenham vindo um longo caminho por nada." Ele pegou o braço de Kahlan. "O Povo da Lama não gosta de pessoas de fora. As armas deles estão com veneno nas pontas, e eles não tem vergonha de usá-las. Direi a eles para garantirem passagem segura para fora da terra deles. Aviso a você para testarem o autocontrole deles."

Richard conduziu Kahlan pelo braço na direção da porta. Ela podia sentir a fúria irradiando dele, podia ver a raiva nos olhos dele, e algo mais também: sua dor de cabeça. Podia ver a dor que ele sofria.

"As dores de cabeça vão matá - lo." A Irmã Grace falou suavemente.

Richard congelou no meio do caminho, seu peito arfando enquanto ele olhava adiante, para o vazio. "Eu tive dores de cabeça durante toda minha vida."

"Estou acostumado com elas."

"Não como essas," pressionou a Irmã Grace. "Podemos ver isso em seus olhos. Nós reconhecemos as dores de cabeça do dom."

"É nosso trabalho."

"Tem uma curandeira aqui que está cuidando delas. Ela é muito boa. Ela já me ajudou, e estou confiante de que em breve ela vai me curar."

"Ela não pode. Ninguém além de nós pode. Se não deixar que ajudemos, as dores de cabeça vão matar você. É por isso que estamos aqui; para ajudar, não para lhe fazer mal."

A mão de Richard se esticou até o trinco. "Vocês não precisam se preocupar comigo. Não estou amaldiçoado com o dom. Tudo está sob controle. Tenham uma jornada segura, senhoras."

Kahlan colocou uma das mãos no braço dele gentilmente, evitando que chegasse até o trinco. "Richard," ela sussurrou.

"Talvez devêssemos pelo menos escutá-las. Que mal pode haver em escutá-las? Talvez você possa aprender alguma coisa útil para ajudar com as dores de cabeça."

"Eu não tenho o dom! Não quero ter nada a ver com magia! Magia não me deu nada a não ser problemas, nada a não ser dor. Não tenho o dom e não quero." Ele dirigiu-se até o trinco de novo.

"E suponho que você vai nos dizer que os seus hábitos alimentares não mudaram, de repente," falou a Irmã Grace. "Eu diria que faz apenas poucos dias."

Richard congelou outra vez. "Todo mundo muda de idéia a respeito do que deseja comer."

"Alguém observou você dormindo?"

"O quê?"

"Se alguém observou você dormindo, teria notado que agora você dorme com os olhos abertos."

Kahlan sentiu uma onda fria de calafrios. Tudo estava começando a se encaixar. Todos os Magos possuem estranhos hábitos específicos de alimentação, e todos dormem com os olhos abertos, às vezes; até aqueles sem o dom. Naqueles com o dom, como Zedd, isso era mais freqüente.

"Eu não durmo com meus olhos abertos. Você está errada."

"Richard," Kahlan sussurrou, "talvez devêssemos escutar. Ouvir o que ela tem a dizer."

Ele olhou para ela, como se implorasse por ajuda para escapar disso. implorando pela ajuda dela. "Eu não durmo com meus olhos abertos."

"Sim, você dorme." Ela colocou uma das mãos no braço dele. "Eu vi você dormir durante meses enquanto estávamos tentando deter Rahl. Quando eu montava guarda, quase sempre via você dormir. Apenas desde que nós deixamos D'Hara eu vi você dormir com seus olhos abertos, exatamente como Zedd."

Richard ainda estava de costas para as três mulheres. "O que vocês querem? Como podem me ajudar com as dores de cabeça?" ele falou para elas.

“Se vamos discutir isso, não vamos falar com a parte de trás de sua cabeça.” O tom da Irmã Verna foi como um tom usado quando se falava com uma criança teimosa. “Você falará conosco de modo adequado.”

Era o tom errado para ser usado com Richard naquele momento. Ele abriu a porta e bateu-a quando saiu.

Kahlan pensou que a porta poderia cair das dobradiças, mas não caiu. Ela ficou sentindo-se deprimida como que tinha falado para ele. Ele queria que ela ficasse do lado dele; ele não estava com humor para ouvir a verdade.

Ela estava confusa com a atitude dele. Richard não era alguém que evitava a verdade. Mas ele estava com medo mortal de alguma coisa. Ela virou e olhou para as três mulheres.

A Irmã Grace separou as mãos e deixou-as penduradas nos lados do corpo. “Isso não é um jogo, Madre Confessora. Se ele não receber nossa ajuda, ela vai morrer. Ele não tem muito tempo.”

Kahlan assentiu, sua raiva havia desaparecido, substituída por um vazio de tristeza. “Vou falar com ele,” ela disse com uma voz baixa que quase se perdeu no grande ambiente. “Por favor, esperem aqui. Vou trazer ele de volta.”

Richard estava sentado no chão, encostado no muro baixo, logo abaixo de onde sua espada tinha cortado um pedaço na noite anterior, quando o screeling tinha surgido. Os cotovelos estavam sobre os joelhos, suas mãos sobre a cabeça, os dedos cruzados. Ele não olhou para cima. Kahlan sentou bem junto dele.

“Agora sua cabeça está doendo bastante, não está?”

Ele assentiu. Ela arrancou o talo seco de uma planta e segurou entre as mãos enquanto repousava os antebraços nos joelhos. Como se o que ela havia dito fizesse ele lembrar, ele tirou algumas folhas do bolso de sua camisa e colocou-as na boca.

Kahlan tirou uma pequena folha do talo. “Richard, diga, do que você tem medo?”

Ele mastigou as folhas por um momento, e então levantou a cabeça, inclinando para trás. “Você lembra quando o screeling veio, e eu disse que senti ele, e você falou que talvez eu tivesse apenas escutado?” Ela assentiu. “Quando matei aquele homem hoje, eu

senti ele também, exatamente como o screeling. Foi do mesmo jeito. Perigo. Eu não sabia qual era, mas senti o perigo. Sabia que havia problema, mas não sabia de que tipo.”

“O que isso tem a ver com as três lá dentro?”

“Antes que entrássemos na casa dos espíritos, para ver aquelas mulheres, tive a mesma sensação: perigo. Não sei o que isso significa, mas é a mesma sensação. De algum modo, eu sei que aquelas mulheres vão ficar entre nós.”

“Richard, você não sabe disso. Elas disseram apenas que querem ajudá-lo.”

“Eu sei. Assim como sabia que o screeling estava ali, e o homem com a lança. De algum modo essas mulheres são um perigo para mim.”

Kahlan sentiu um nó crescendo em sua garganta. “Você também disse que sabe que as dores de cabeça podem matá-lo. Richard, estou com medo por você.”

“E eu estou com medo da magia. Odeio magia. Odeio a magia da espada. Gostaria de poder me livrar disso. Você não pode imaginar as coisas que tenho que fazer com isso. Não sabe o que é preciso para fazer a lâmina ficar branca. A magia de Darken Rahl matou meu pai, e tirou meu irmão. Feriu muitas pessoas.” Ele soltou um suspiro profundo. “Odeio magia.”

“Eu tenho magia,” ela falou suavemente.

“E isso quase nos separou para sempre.”

“Mas não separou. Você descobriu como fazer funcionar. Sem minha magia, eu nunca teria encontrado você.” Ela esfregou o braço dele. “A magia também devolveu o pé de Adie, e ajudou muitos outros. Zedd é um mago; ele tem o dom. Você diria que isso é ruim? Zedd sempre usou seu dom para ajudar pessoas.”

“Richard, você também tem magia. Você tem o dom. Você mesmo admitiu isso. Usou para sentir o screeling. Você me salvou. Usou para sentir o homem que mataria Chandalen. Você salvou ele.”

“Não quero ter magia.”

“Para mim, parece que você está pensando no problema, e não na solução. Não é isso que você sempre diz: pense na solução, não no problema?”

Richard encostou a cabeça na parede novamente e fechou os olhos. Ele soltou um suspiro exasperado. "É desse jeito que vai ser estar casado com você? Pelo resto da minha vida, você sempre me dizendo quando estou sendo estúpido?"

Ela sorriu. "Você acharia melhor que eu deixasse você ficar se iludindo?"

Ele passou as mãos no rosto. "Acho que não. Minha cabeça dói tanto, que acho que está me impedindo de pensar direito."

"Então vamos fazer alguma coisa a respeito? Vamos entrar e pelo menos conversar com as Irmãs, e escutar o que elas tem a dizer?"

"Elas disseram que querem ajudar."

Ele lançou um olhar sombrio para ela. "Darken Rahl também disse."

"Fugir não é a solução. Você não fugiu de Darken Rahl."

Ele olhou para ela por um longo tempo e então assentiu. "Vou escutar."

As três estavam onde Kahlan as deixou. Deram a ela leves sorrisos de apreciação, aparentemente satisfeitas por ela ter trazido ele de volta. Richard e Kahlan ficaram bem próximos na frente das três mulheres.

"Nós vamos escutar - escutar - o que você tem a dizer sobre as minhas dores de cabeça."

A Irmã Grace olhou para Kahlan. "Obrigada por sua ajuda, Madre Confessora, mas agora falaremos com Richard sozinho."

A raiva de Richard ardeu novamente, mas ele manteve seu tom sob controle. "Kahlan e eu vamos nos casar." As três lançaram olhares entre si de novo. Foi um pouco mais sério dessa vez. "O que você tem a dizer para mim, afeta ela também. "

"Se quiserem falar comigo, ela ficará e vai escutar também. Nós dois, ou nenhum. Escolham."

Os olhares ainda passavam entre as três. Finalmente a Irmã Grace falou.

"Muito bem."

"E a primeira coisa que vocês devem saber é que eu não gosto de magia, e não estou convencido que tenho o dom. Se eu tiver, não

estou feliz com isso, e só quero me livrar dele.”

“Não estamos aqui para agradar você; estamos aqui para salvar sua vida. Para fazer o que devemos fazer para ensinar a usar o dom. Se não aprender como controlar ele, ele o matará.”

“Entendo. Tive um problema parecido com a Espada da Verdade.”

A primeira coisa que você deve aprender,” disse a Irmã Verna, “é que assim como a Madre Confessora deve ser tratada com deferência, nós também. Trabalhos muito tempo e arduamente para nos tornarmos Irmãs da Luz, e esperamos ser tratadas com o devido respeito. Eu sou a Irmã Verna, essa é a Irmã Grace, e essa é a Irmã Elizabeth.”

Richard olhou para elas. Finalmente, ele inclinou a cabeça. “Como quiser. Irmã Verna.” Ele cumprimentou cada uma.

“E quem são as Irmãs da Luz?”

“Nós somos aquelas que treinam magos, aqueles com o dom.”

“De onde as Irmãs da Luz são?”

“Nós todas vivemos e trabalhamos no Palácio dos Profetas.”

Kahlan franziu o rosto. “Irmã Verna, nunca ouvi falar do Palácio dos Profetas. Onde fica?”

“Na cidade de Tanimura.”

O expressão no rosto de Kahlan se aprofundou. “Conheço cada uma das cidades em Midlands. Nunca ouvi falar de Tanimura.”

A Irmã Verna encarou o olhar de Kahlan por um momento. “Apesar disso, é de lá que nós somos.”

“Porque ficaram surpresas quando descobriram que estou velho?”

“Porque,” falou a Irmã Grace, “quase não ouvimos que alguém com o dom não tenha chamado nossa atenção quando ele ainda é jovem.”

“Jovem quanto?”

“Na maioria, com um terço da sua idade.”

“E porque vocês acham que eu não chamei sua atenção?”

“Obviamente, você esteve escondido de nós, de algum modo.”

Kahlan reconheceu que Richard estava fazendo sua tarefa como Seeker, buscando respostas para suas perguntas antes de dar

qualquer coisa que elas desejassem.

“Vocês treinaram Zedd?”

“Quem?”

“Zeddicus Zu'l Zorander, mago da Primeira Ordem.”

Elas trocaram olhares novamente. “Não conhecemos o Primeiro Mago Zorander.”

“Pensei que era o trabalho de vocês conhecer aqueles com o dom. Irmã Verna?”

Elas ficaram tensas. “Você conhece esse mago da Primeira Ordem?”

“Conheço. Porque vocês não?”

“Ele é velho?” Richard assentiu. “Talvez ele seja anterior ao nosso tempo.”

“Talvez.” Richard, com um punho no quadril, caminhou afastando-se um pouco e parou com as costas para elas. “Como vocês sabem sobre mim ? Irmã Elizabeth.”

“É nossa tarefa saber sobre aqueles que possuem o dom: magos. Embora você obviamente estivesse escondido de nós, quando disparou o dom, nós soubemos.”

“E se eu não quiser ser um mago?”

“Esse é assunto seu. O nosso é ensiná-lo a controlar a magia. Não estamos aqui para forçá-lo a ser um mago, apenas ajudar você a controlar a magia para que você viva. Então poderá ser o que quiser.”

Richard marchou de volta e colocou o rosto perto da Irmã Verna. “Como vocês sabem que eu tenho o dom?”

“Nós somos as Irmãs da Luz. É nosso trabalho saber.”

“Vocês pensaram que eu seria jovem. Pensaram que eu estaria com meus pais. Não sabiam que eu era o Seeker. ”

“Não sabem quem é o Primeiro Mago. Parecem estar falhando em seu trabalho. Além desses erros, talvez também estejam erradas sobre eu ter o dom, Irmã Verna? Seus enganos não inspiram confiança. A sua posição de respeito tolera tais enganos?”

O rosto de cada uma das mulheres estava vermelho. A Irmã Verna controlou a voz com esforço. “Richard, nosso trabalho, nossa vocação, é ajudar aqueles que possuem o dom. Devotamos nossas

vidas a isso. Nós somos de longe. O que nós aprendemos foi feito a uma grande distância. Não temos todas as respostas. Os assuntos de que você fala não são importantes. O que é importante é que você tem o dom, e que se não nos deixar ajudar, você vai morrer.”

“Uma razão pela qual nós ajudamos aqueles que possuem o dom quando são jovens, e queríamos ver os seus pais, é por causa da enorme dificuldade que estamos tendo agora. Se pudermos falar com os pais, podemos ajudá-los a ver o que é melhor para o filho deles. Os pais estão mais interessados no bem estar das crianças deles do que alguém de sua idade fica consigo mesmo. Ensinar alguém da sua idade vai ser difícil. As pessoas são ensinadas com mais facilidade quando são jovens.”

“Antes que eles sejam capazes de pensar por si próprios, Irmã Verna?” Ela estava em silêncio. “Vou perguntar de novo. Como vocês sabem que eu tenho o dom?”

Irmã Grace passou a mão no cabelo preto liso dela. “Quando alguém nasce com o dom, ele jaz adormecido, e está inofensivo. Nós tentamos encontrar esses garotos quando estão jovens. Temos um certo número de maneiras de saber quem são eles. Acontece que alguém com o dom faz coisas que dispara seu crescimento, sua evolução. Quando isso acontece, ele se transforma em uma ameaça para eles. Como você conseguiu escapar de nosso conhecimento é algo que não podemos responder.”

“Uma vez ativado, o poder começa a evoluir. Não pode ser detido. Deve ser dominado ou você morrerá. É isso que está acontecendo com você. É extremamente raro que aconteça dessa maneira. Para ser honesta, embora tenham nos ensinado que isso já aconteceu, nenhuma de nós tem conhecimento pessoal disso.”

“Lá no Palácio dos Profetas teremos antigos registros disso em outros, e vamos verificar eles. Mas isso não muda o que importa: você tem o dom, ele foi liberado, e a evolução começou.”

“Nunca tivemos que ensinar alguém com sua idade antes. Estou com medo do problema que isso vai causar no Palácio.”

“Ensinar o dom requer disciplina. Alguém com sua idade obviamente tem dificuldade com isso.”

Richard suavizou o tom, mas seu olhar endureceu. "Irmã Grace, vou perguntar pela última vez. Como vocês sabem que eu tenho o dom?"

Ela ficou um pouco mais ereta e soltou um forte suspiro. Lançou um olhar para Irmã Verna. "Diga para ele."

Irmã Verna assentiu resignada e tirou um pequeno livro negro de trás do cinto dela. Com um franzir do rosto, ela começou a folhear. "Aqueles com o dom usam ele de algum modo através de sua vida, de pequenas maneiras, embora ele esteja dormente. Talvez você tenha percebido como podia fazer algumas coisas que outros não conseguiam, sim?"

"A evolução do dom é disparada pelo uso específico da magia. Uma vez liberada, não pode ser desfeita."

"Foi isso que você fez."

Ela continuou virando páginas, passando os dedos nelas. "Ah. Aqui está." Ela abaixou o livro e levantou os olhos. "Há tem coisas que devem ser feitas, de um modo específico, para liberar o dom. Não entendemos a natureza precisa dessas coisas, ma entendemos os princípios gerais. Você fez essas três coisas. Primeiro, você deve usar o dom para salvar outra pessoa. Segundo, deve usar o dom para salvar a si mesmo. Terceiro, deve usar o dom para matar outro que tenha o dom. Talvez você consiga ver a dificuldade em fazer essas coisas e porque não vimos isso antes?"

"E o que está sobre mim naquele livro?"

Ela olhou para o livro mais uma vez, então levantou os olhos, erguendo uma sobrancelha, para ter certeza de que ele estava prestando atenção antes de consultar as páginas enquanto ela falava. "Primeiro, você usou o dom para salvar a vida de uma pessoa que estava sendo arrastada para dentro do submundo. Não fisicamente, mas através da mente dela. Você a trouxe de volta. Sem você, ela estaria perdida." Ela olhou por debaixo das sobrancelhas. "Você entende, sim?"

Kahlan olhou para Richard. Os dois entendiam. Ela era a pessoa que ele tinha salvo. "Dentro do pinheiro," ela disse, "na primeira noite que nos conhecemos. Quando você impediu que o submundo me levasse."

Richard assentiu para Irmã Verna. "Sim, eu entendo."

Irmã Verna colocou o dedo de volta no livro. "Quanto a salvar a si mesmo com o dom... vamos ver... eu vi isso aqui um minuto... ah! Sim, aqui está." Ela olhou por debaixo das sobancelhas novamente. "Segundo, você usou o dom para salvar a própria vida." Ela bateu no livro com um dedo. "Você particionou sua mente. Você entende, sim?"

Os olhos de Richard fecharam. "Sim, eu entendo," ele falou com uma voz fraca. Kahlan não entendeu essa.

Irmã Verna voltou ao livro. "Terceiro, você usou o dom para matar um mago. Seu nome era Darken Rahl. Você entende, sim?"

"Sim." Ele abriu os olhos. "Como vocês sabem essas coisas?"

"As coisas que você tem feito usaram magia, magia específica, que deixa uma essência por cause de quem você é, porque não está treinado. Se fosse treinado, não deixaria essa essência, e nós não saberíamos. Temos alguns no Palácio dos Profetas que são sensitivos a tais eventos."

Richard olhou para ela. "Vocês violaram minha privacidade, ficaram me espionando. E quanto a essa terceira das suas três coisas, eu não matei Darken Rahl exatamente. Não tecnicamente."

"Posso entender como você se sente," Irmã Grace falou suavemente. "Mas isso só é feito para lhe ajudar. Se você quiser ficar parado aqui e discutir conosco se essas três coisas se qualificam ou não como os três gatilhos, vou acalmar suas dúvidas. Uma vez que elas são feitas, você começa o processo de tornar-se um mago. Pode não acreditar, ou escolher não ser um mago, mas não há dúvida de que isso aconteceu. Não colocamos esse fardo sobre você. Estamos aqui apenas para ajudá-lo a lidar com ele."

"Mas..."

"Mas nada. Quando a magia é disparada, pelo menos três mudanças acontecem. Primeiro, você começa a ter fetiches com a comida. Pode ser coisas que você deseja, ou coisas que você sempre comeu que agora se recusa a comer.

Nós temos estudado isso, e não entendemos sua causa, mas tem alguma coisa a ver com influências no momento em que o dom ganha vida.

“Segundo, você começa a dormir, pelo menos alguma parte do tempo, com seus olhos abertos. Todos os magos fazem isso, até aqueles que só possuem a vocação. Tem alguma coisa a ver com aprender a usar a magia. Se você tem o dom, ele faz isso acontecer quando você usa ele para fazer essas três coisas. Se você tiver apenas a vocação, o aprendizado faz isso.

“Terceiro, as dores de cabeça aparecem. As dores de cabeça são letais. Não há cura para elas a não ser aprender a controlar a magia. Se não aprender, mais cedo ou mais tarde, elas vão te matar.”

“Quanto tempo? Quanto tempo eu tenho se eu recusar sua ajuda?”

Kahlan colocou uma das mãos no braço dele. “Richard ...”

“Quanto tempo!”

A Irmã Elizabeth falou. “Dizem que um viveu com as dores de cabeça por alguns anos antes de morrer. Também dizem que outro morreu dentro de vários meses. Acreditamos que o tempo que você tem depende do quão forte é o seu poder; quanto mais forte o poder, mais fortes as dores de cabeça, e menor o tempo. Mas possivelmente dentro de menos de um mês elas começarão a ficar fortes o bastante para deixar você inconsciente às vezes.”

Richard olhou de lado para ela. “Elas já ficaram fortes assim.”

Os olhos das três Irmãs ficaram arregalados, e elas trocaram aquele olhar novamente.

“Nós começamos a procurar por você antes que você fizesse essas três coisas. Desde que deixamos o Palácio, você fez as três,” Irmã Verna falou. “Esse livro é mágico. Quando mensagens são escritas no livro similar que fica no Palácio, elas aparecem para nós aqui. É assim que sabemos que você as fez. Quanto tempo faz que você fez a terceira - desde que você matou esse Darken Rahl?”

“Três dias. Mas eu estava inconsciente na segunda noite depois que matei ele.”

“Na segunda...!” Mais uma vez elas trocaram aquele olhar.

A irritação dele estava de volta. “Porque vocês ficam se olhando desse jeito?”

A voz da Irmã Verna saiu em um tom suave. "Porque você é uma pessoa muito rara, Richard. De muitas maneiras. Nunca encontramos tantas coisas inesperadas em uma só pessoa."

Kahlan passou um braço em volta da cintura dele. "Você está certa; ele é uma pessoa rara. Uma pessoa rara que eu amo. O que vocês podem fazer para ajudá-lo?" Ela estava preocupada que ele as estivesse assustando e que por isso elas não quisessem ajudar.

Tem regras específicas que devemos seguir. Nós todos devemos; elas são invioláveis. Não há espaço para negociação. Ele deve colocar-se em nossas mãos e deve vir conosco até o Palácio dos Profetas." os olhos da Irmã Grace estavam tristes quando ela disse, "Sozinho."

"Por quanto tempo?" Richard perguntou. "Quanto tempo vai levar?"

O cabelo negro da Irmã Grace brilhou sob a luz das tochas quando ela virou a cabeça para ele. "Depende do quão rápido você aprender. Leva quanto tempo for necessário. Você tem que ficar até que esteja terminado."

Kahlan sentiu um aperto no peito quando Richard colocou o braço em volta da cintura dela. "Posso visitar ele?"

A Irmã Grace balançou a cabeça lentamente. "Não. E tem mais." os olhos dela desviaram para o Agiel por um instante. Ela enfiou a mão na capa e tirou alguma coisa. Era um anel de metal, pouco maior do que uma mão.

Embora ele parecesse inteiro, Irmã Grace fez alguma coisa e ele destravou, abrindo-se em semi-círculos articulados. Sua cor prateada refletiu a luz do fogo. Ela segurou ele na frente de Richard. "Isso é chamado Rada'Han. É uma coleira. Você deve usá-la."

Richard deu um passo para trás, sua mão se afastando da cintura de Kahlan e indo para sua garganta. O rosto dele ficou pálido e os olhos dele arregalaram. "Porque?" ele perguntou com um sussurro.

"As regras começaram. A discussão acabou." Irmã Verna e Irmã Elizabeth se moveram por trás de Irmã Grace enquanto ela falava, ficando com as mãos nos lados delas enquanto a mulher de cabelo negro segurava a coleira.

“Isso não é um jogo. De agora em diante, só pode continuar pelas regras. Ouça com atenção, Richard.”

“Serão oferecidas a você três chances de aceitar o Rada'Han; três chances de aceitar nossa ajuda, uma Irmã para cada chance. Há três razões para o Rada'Han, uma Irmã para revelar cada uma. Antes de cada oferta, e chance de recusar, uma Irmã diferente vai lhe dar uma das razões. Depois de cada razão, serão oferecidas a você três chances de aceitar ou recusar.”

“Após a terceira recusa, como eu espero que você nunca aprenda, não há mais chances. Você não receberá mais ajuda das Irmãs da Luz. Você morrerá com o poder do dom.”

A mão de Richard ainda estava em sua garganta. Sua voz ainda era malmente mais do que um sussurro. “Porque eu tenho que usar uma coleira?”

A Irmã Grace endureceu o corpo com autoridade. “Sem discussão. Você vai escutar. Você mesmo deve colocar o Rada'Han em volta do seu pescoço, por sua própria vontade. Uma vez que esteja com ele, você não será capaz de removê-lo. Ele só pode ser removido por uma Irmã da Luz. Ele permanecerá até que digamos para ele sair. Só vamos dizer quando você estiver treinado. Não antes.”

O peito de Richard saltava com cada esforço para respirar. Seu olhar estava fixo na coleira. Seus olhos tinham uma estranha aparência assustada que Kahlan nunca tinha visto. Ela estava congelada ao ver o terror dele, com o próprio terror dela.

A Irmã Grace encarou os olhos dele com firmeza quando ele olhou para ela. “Sua primeira oferta está ao seu alcance. Cada oferta é feita por uma Irmã diferente. A primeira oferta é minha.”

“Eu, Irmã da Luz, Grace Rendall, dou a primeira razão para o Rada'Han, dou a primeira chance para receber ajuda. A primeira razão para o Rada'Han é controlar as dores de cabeça e abrir sua mente para que você possa ser ensinado a usar o dom.”

“Agora você tem a chance de aceitar ou recusar. Aconselho fortemente que você aceite a primeira oferta de nossa ajuda.”

“Por favor, acredite em mim, vai ser muito mais difícil para você aceitar na segunda vez, e pior ainda na terceira.”

“Por favor, Richard, aceite a oferta agora, na primeira das três razões. Sua vida depende disso.”

Ela ficou imóvel, esperando. O olhar dele voltou para a coleira de prata. Ele parecia estar no limite do pânico. A sala estava mortalmente silenciosa a não ser pelo lento estalar do fogo e o suave chiado das tochas.

Ele levantou o olhar, e sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu enquanto ele contemplava sem piscar o intenso olhar dela.

Finalmente ele piscou e falou em um sussurro rouco. “Não vou usar uma coleira. Nunca mais vou usar uma coleira. Por ninguém. Por razão alguma. Jamais.”

Ela se esticou um pouco, baixando o colar, parecendo genuinamente surpresa. “Você recusa a oferta e o Rada'Han?”

“Eu recuso.”

A Irmã Grace ficou parada um instante, olhando com o que pareceu ser uma mistura de tristeza e preocupação. Pálida, ela virou para as duas Irmãs atrás dela. “Perdoem - me, Irmãs, eu falhei.” Ela entregou o Rada'Han para a Irmã Elizabeth. “Agora depende de você.”

“A Luz perdoa você,” a Irmã Elizabeth sussurrou enquanto beijou Irmã Grace em cada uma das bochechas brancas.

“A Luz perdoa você,” a Irmã Verna sussurrou, dando os mesmos beijos.

A Irmã Grace virou de novo para Richard, a voz dela menos firme. “Que a Luz abrace você sempre com mãos gentis. Que algum dia você encontre o caminho.”

Encarando o olhar de Richard, ela levantou a mão, girando-a. Uma faca apareceu da manga dela. Mas ao invés de uma lâmina, ela possuía o que parecia ser uma vara arredondada pontuda saindo do cabo de prata.

Richard deu um pulo para trás, sacando a espada com um ligeiro movimento. O som característico dela ecoou no ar.

Com habilidade, Irmã Grace girou a faca na mão de modo que ela parou apontando não para Richard, mas para ela mesma. Ela

empunhou-a com graciosa experiência, sem tirar os olhos de Richard.

E então enfiou a faca entre os seios.

Houve um flash de luz que pareceu vir do interior dos olhos dela, e ela desabou no chão, morta.

Richard e Kahlan deram um passo para trás com os olhos arregalados de choque e horror. A Irmã Verna se curvou e arrancou a faca da mulher morta. Ela ficou imóvel e olhou para Richard.

“Como falamos: isso não é um jogo.” Ela enfiou a faca de prata dentro da capa. “Você mesmo deve enterrar o corpo dela. Se deixar que outro faça isso para você, você terá pesadelos pelo resto de sua vida; pesadelos causados por magia. Não há cura para eles. Não esqueça, você mesmo deve enterrá-la.” As duas Irmãs levantaram o capuz. “Foi oferecida a você a primeira de três chances, e recusou. Nós voltaremos.”

As duas Irmãs deslizaram até a porta e desapareceram.

A ponta da espada encostou no chão lentamente. Richard olhou para a mulher morta, lágrimas descendo pelo rosto.

“Não vou usar uma coleira de novo,” ele sussurrou para si mesmo. “Por ninguém.”

Com movimentos feitos com esforço, ele pegou uma pequena pá e um cabo de sua sacola, e pendurou no cinto. Então virou a Irmã Grace sobre as costas dela, cruzou as mãos dela em cima do corpo, e ergueu sua forma sem vida nos braços. Um braço escorregou do lugar, solto, balançando. Sua cabeça pendurada, frouxa. Os olhos mortos vidrados.

O cabelo negro caindo. Havia uma pequena mancha de sangue na frente da blusa branca dela.

Os olhos aflitos de Richard avistaram Kahlan. “Vou enterrá-la. Eu gostaria de ir sozinho.”

Kahlan assentiu e observou ele abrir a porta com o ombro. Depois que a porta fechou, ela caiu no chão e começou a chorar.

CAPÍTULO 10



Ela estava sentada, olhando para o fogo, quando Richard voltou. Ele esteve fora por um longo tempo. Depois que Kahlan tinha parado de chorar, tinha ido contar a Savidlin e Weselan o que aconteceu, e então voltou para a casa dos espíritos para esperar por Richard. Eles disseram a ela para chamá-los se precisasse de alguma coisa.

Richard sentou perto dela e colocou os braços em volta dela, a cabeça dele em seu ombro. Ela passou os dedos pelo cabelo dele e o abraçou com força. Ela queria dizer algo, mas estava com medo de dizer qualquer coisa, então apenas o abraçou.

“Odeio magia,” ele sussurrou finalmente. “Ela vai ficar entre nós de novo.”

“Não vamos deixar. Simplesmente não vamos. Pensaremos em alguma coisa.”

“Porque ela teve que se matar?”

“Não sei,” Kahlan sussurrou.

Richard afastou os braços e tirou algumas das folhas de Nissel do bolso da camisa. Ele sentou mastigando-as enquanto olhava para o fogo, com uma leve expressão de dor em seu rosto.

“Sinto vontade de fugir, mas não sei para onde ir. Como você foge de alguma coisa dentro de você?”

Kahlan esfregou os dedos para frente e para trás nas pernas. “Richard, sei que escutar isso é difícil para você, mas por favor escute. A magia não é ruim.” Ele não fez objeção, então ela continuou. “Como as pessoas usam ela é que às vezes é ruim. Como o modo que Darken Rahl usava. Eu tive magia durante toda minha vida. Tive que aprender a viver com quem eu sou. Você me odeia porque eu tenho magia?”

“É claro que não.”

“Você me ama de modo independente da minha magia?”

Ele pensou um minuto. “Não. Eu amo tudo em você, e sua magia é uma parte de você. Foi assim que eu passei pela magia das Confessoras. Se eu tivesse amado você de modo independente de seu poder, eu não estaria aceitando você por quem você é. Sua magia teria me destruído.”

“Então você entende? A magia não é toda ruim. As duas pessoas que você mais ama no mundo possuem magia. Zedd e me.”

“Por favor, escute. Você tem o dom. É chamado de dom, não maldição. É uma coisa rara maravilhosa. Poderia ser algo usado para ajudar os outros. Você já usou para ajudar outros. Talvez devesse tentar pensar nisso desse jeito, ao invés de tentar combater algo contra o qual não se pode lutar.”

Ele olhou fixamente para o fogo por um longo tempo enquanto ela esfregava a perna dele. Ela mal conseguiu escutar quando ele finalmente falou.

“Não vou usar uma coleira de novo.”

O olhar de Kahlan desviou para o Agiel. O cilindro de couro vermelho pendurado em uma corrente de ouro no pescoço dele, balançando levemente com a sua respiração. Ela sabia que o Agiel era usado para torturar pessoas, mas não sabia como. Ela só sabia que não gostava que ele usasse aquilo.

Kahlan engoliu em seco. “A Mord-Sith fez você usar uma coleira?”

Ele ficou olhando para o fogo sem piscar. “O nome dela era Denna.”

Ela virou para ele, mas ele não respondeu. “Ela fez... Denna fez você usar uma coleira?”

“Sim.” Uma lágrima desceu pelo seu rosto. “Ela usou para me ferir. Tinha uma corrente nela. Ela prendeu a corrente no cinto dela e me arrastava com aquela coleira como um animal. Quando ela prendia a corrente em algum lugar para descansar, eu não podia movê-la. Ela controlava a magia que me causa dor quando eu uso a espada para matar. Ela podia amplificar a magia, a dor. Ela evitava que eu aplicasse qualquer tensão na corrente. Eu tentei. Eu tentei

muito. Não pode imaginar o quanto doeu. Denna fez com que eu colocasse a coleira em volta do meu próprio pescoço. Ela me obrigou a fazer um monte de coisas.”

“Mas as dores de cabeça vão matar você. As Irmãs disseram que a coleira vai parar as dores de cabeça e ajudar a controlar o dor.”

“Elas disseram que essa era uma das razões. Também disseram que tem mais outras duas razões para essa coleira. Não sei quais são essas outras duas razões. Kahlan, sei que você acha estou sendo tolo. Eu também acho que estou sendo tolo. Minha cabeça me diz as mesmas coisas que você está dizendo. Mas o meu interior me diz algo completamente diferente.”

Kahlan se esticou e pegou o Agiel em seus dedos, girando o para trás e para frente. “Por cause disso? Por causa do que Denna fez?” Ele assentiu, ainda olhando para o fogo.

“Richard, o que isso faz?”

Richard finalmente olhou para ela. Ele segurou o Agiel. “Toque na minha mão. Não toque no Agiel, só na minha mão.”

Kahlan se esticou e colocou os dedos no punho dele.

Ela deu um pulo para trás com um grito de dor. Ela balançou o pulso, tentando aliviar a dor. “Porqu e não me feriu quando eu toquei nele antes?”

“Porque ele nunca foi usado para treinar você.”

“Então porque não está ferindo você enquanto segura ele?”

Richard ainda tinha o punho em volta do centro do cilindro de couro vermelho. “Ele está. Machuca sempre que eu seguro ele.”

Os olhos de Kahlan ficaram arregalados. “Quer dizer que está ferindo você nesse momento, como quando eu toquei na sua mão?”

A dor da dor de cabeça estava nos olhos dele. “Não. Minha mão estava protegendo você da verdadeira sensação.”

Ela se esticou novamente. “Eu quero saber.”

Ele largou o Agiel. “Não. Não quero que ele machuque você assim. Não quero que nada jamais machuque você desse jeito.”

“Richard, por favor? Eu quero saber. Eu quero entender.”

Richard olhou dentro dos olhos dela, e então soltou um suspiro. “Existe alguma coisa que você peça que eu não faria?” Ele

segurou o Agiel de novo. "Não segure; talvez você não seja capaz de largar rápido o bastante. Apenas toque. Prenda a respiração e mantenha os dentes juntos para não morder sua língua. Contraia os músculos do seu estômago."

O coração de Kahlan bateu mais forte enquanto sua mão se aproximava do Agiel. Ela não queria sentir a dor; tinha machucado bastante só tocar na mão dele, mas ela queria saber porque agora isso era parte de quem ele era. Ela queria saber tudo sobre ele. Até as coisas que machucavam.

Pareceu como se tocasse em um raio.

A dor disparou subindo pelo braço dela, explodindo no ombro. Ela gritou quando o choque jogou-a de costas.

Ela rolou sobre o rosto, agarrando o ombro com a outra mão. Não conseguia mover seu braço. A mão dela formigou e tremeu. Ela estava chocada e assustada com o total poder da dor. Ela chorou na poeira enquanto a mão de Richard tocava a costa dela de modo solidário. Ela também chorou porque agora entendia, só um pouco, o que ela havia feito com ele.

Quando ela finalmente foi capaz de sentar, ele ainda estava observando, ainda segurando o Agiel. "Segurar ele machuca você desse jeito?"

"Sim."

Ela bateu com o punho no ombro dele. "Largue isso!" ela gritou. "Pare com isso!"

Ele largou o Agiel, deixando ele pendurado de novo. "Às vezes, tocar nele ajuda a me distrair das dores de cabeça."

"Acredite ou não, isso ajuda."

"Você quer dizer que a dor de cabeça machuca mais do que isso?"

Ele assentiu. "Se não fosse o que Denna me ensinou sobre dor, eu estaria inconsciente agora mesmo. Denna me ensinou como controlar a dor, como tolerar ela, assim ela podia me causar mais dor."

Ela tentou segurar as lágrimas. "Richard, eu..."

"O que você sentiu foi o mínimo que o Agiel pode fazer." Ele o segurou novamente e tocou a ponta dele na parte interna do outro

antebraço. Sangue brotou debaixo do Agiel. Ele o afastou. "Ele pode arrancar fora a sua carne."

"Po de quebrar seus ossos. Denna gostava de usar ele para partir minhas costelas. Ela pressionava ele em mim e podia escutar o osso estalar. Elas ainda não estão curadas; deitar ainda dói, ou quando você me abraça com bastante força. Ele também pode fazer um monte de outras coisas. Pode até matar com um toque."

Ele olhou para o fogo. "Denna acorrentou meus pulsos, e depois prendeu meus braços para trás, e me pendurou com uma corda no teto. Ela usou o Agiel em mim por horas de uma só vez. Eu implorava para que ela parasse até ficar rouco. Ela nunca parou. Nenhuma vez."

"Para mim não havia como lutar, nada que eu pudesse fazer para que ela parasse. Ela me treinou, me ensinou, até que às vezes eu pensava que não tinha sangue ou fôlego sobrando. Implorei para que ela me matasse, para acabar com a dor. Eu mesmo teria feito isso, mas ela usou magia para evitar. Ela me fez ajoelhar na frente dela e implorar para que ela usasse o Agiel. Eu teria feito qualquer coisa que ela mandasse. Ela também tinha uma amiga que aparecia às vezes, então elas podiam compartilhar a... diversão."

Kahlan sentou congelada, malmente conseguindo respirar. "Richard, eu..."

"Todo dia, ela me levava pela coleira até um lugar onde ela podia me pendurar com uma corda, uma sala onde ela podia usar o Agiel em mim sem distração, onde não importava muito se meu sangue estivesse por toda parte. "

"Às vezes ela fazia isso desde o começo da manhã até a noite. E então a noite..."

"É isso que significa papa mim usar uma coleira. Você pode falar sobre quanto sentido faz, sobre como isso vai me ajudar, e sobre como eu não tenho escolha, mas para mim, é isso que significa usar uma coleira."

"Eu sei exatamente como está o seu ombro agora. Parece que a pele foi queimada, e que o músculo foi retorcido, e o osso está quebrado. Essa é a sensação de usar uma coleira de uma Mord-Sith. Só que em toda parte do seu corpo ao mesmo tempo, e durante o

dia todo. Some a isso o pensamento de que você é incapaz de para com isso, que você nunca pode escapar, de que você jamais verá novamente a única pessoa que ama.”

“Eu acharia melhor morrer do que usar uma coleira em volta do meu pescoço de novo.”

Kahlan esfregou o ombro dela. Parecia exatamente como ele havia descrito. Ela não conseguia pensar em nada para dizer. Estava machucada demais, por dentro, para dizer qualquer coisa. Então ela sentou e observou ele olhar para o fogo enquanto lágrimas desciam pelo rosto dela.

Ela sofria por ele.

E então ela ouviu a si mesma perguntando algo que tinha prometido que nunca perguntaria. “Denna escolheu você como parceiro dela, não foi?” Ela desejou poder retirar as palavras, e ao mesmo tempo, não.

Richard não hesitou. “Sim,” ele sussurrou enquanto observava o fogo. Outra lágrima rolou descendo pela bochecha dele. “Como você sabia?”

“Demmin Nass trouxe dois quads para me capturar. Ele tinha uma teia de feitiço de Darken Rahl para protegê-lo da magia de Zedd. Da minha também. Zedd não podia fazer nada; ele estava congelado por uma teia. Demmin Nass me falou o que tinha acontecido com você. Ele disse que você estava morto. Foi nessa hora que eu invoquei o Con Dar e o matei.”

Os olhos de Richard se fecharam quando outra lágrima desceu. “Eu não tinha como detê-la. Eu juro, Kahlan... eu tentei. Você não pode imaginar o que Denna fez comigo por tentar impedir. Eu não tinha como lutar contra isso.”

“Ela podia fazer qualquer coisa que quisesse. Para ela não era o bastante me ferir apenas durante o dia. Ela queria me ferir a noite também.”

“Como alguém pode ser tão má?”

Richard olhou para o Agiel quando agarrou ele lentamente outra vez. “Ela foi capturada quando tinha doze anos. Eles a treinaram com esse Agiel. Esse aqui mesmo. Tudo que ela fez comigo, eles tinham feito com ela. Repetidas e repetidas vezes.

Durante anos. Eles torturaram os pais dela até a morte na frente dela. Não havia ninguém para ajudá-la.”

“Ela cresceu tornando-se mulher sob o domínio desse Agiel, cercada apenas por pessoas que desejavam machucá-la. Não havia ninguém para dar a ela uma simples palavra de esperança, de conforto, de amor.”

“Você consegue imaginar o terror dela? Eles deram a ela uma vida de dor sem fim. Eles estupraram seu corpo e seu espírito. Eles a dobraram. Transformaram ela em um deles. Darken Rahl, pessoalmente, transformou-a em um deles.”

“Durante o tempo todo em que ela usou esse Agiel em mim, isso a feria. Do mesmo jeito que segurar ele agora me fere. Aqui está um pouco de magia para você.”

“Um dia, Darken Rahl bateu nela, durante horas, porque ele achou que ela não estava me ferindo bastante. Ele rasgou a pele da costa dela.”

A cabeça de Richard estava pendurada enquanto ele chorava. “E então no final de tudo aquilo, no final de uma vida de dor e loucura, eu apareci, fiz a Espada da Verdade ficar branca, e enfiei nela. A única coisa que ela me pediu antes que eu a matasse foi que usasse o Agiel dela e lembrasse dela. Eu fui o único que entendeu a dor dela. Era a única coisa que ela queria: que alguém que entendesse lembrasse dela.”

“Eu prometi, e ela pendurou ele em volta do meu pescoço. E então ela simplesmente ficou sentada ali enquanto eu empurrava minha espada através do coração dela. Ela estava esperando que eu fosse aquele com o poder para matá-la.”

“É assim que alguém pode ser tão má. Se eu tivesse o poder, traria Darken Rahl de volta a vida para que pudesse matar ele de novo.”

Kahlan ficou sentada atordoada, incapaz de se mover, presa em um turbilhão de emoções conflitantes. Ela odiava essa Denna por ter machucado Richard, de forma inexplicável ela estava com inveja dela, e ao mesmo tempo, sentia uma inesperada tristeza profunda por ela. Finalmente, ela se afastou um pouco e enxugou as lágrimas do rosto.

“Richard, porque eles não venceram? Porque Denna não conseguiu dobrar você? Como você manteve a sanidade?”

“Porque, como a Irmã disse, eu particionei minha mente. Não sei como explicar isso. Eu nem sei exatamente o que era que eu estava fazendo, mas foi assim que me salvei. Coloquei a parte central de mim mesmo longe e sacrifiquei o resto. Deixei que ela fizesse o que faria. Darken Rahl disse que eu tenho o dom porque fiz aquilo. Foi quando ouvi a palavra pela primeira vez - particionei.”

Richard deitou, descansando seu braço sobre os olhos. Kahlan puxou um cobertor e dobrou-o debaixo da cabeça dele.

“Sinto muito, Richard,” ela sussurrou.

“Acabou. É isso que importa.” Ele tirou o braço dos olhos e finalmente sorriu para ela. “Acabou e estamos juntos. De algumas maneiras, isso foi bom. Se ela não tivesse me ensinado, eu não seria capaz de lidar com essa dor de cabeça. Talvez Denna tenha me ajudado. Talvez eu possa usar o que sei para sair dessa.”

Ela concordou sendo solidária. “Agora ela está mesmo muito ruim?”

Ele balançou um pouco cabeça. “Mas vou morrer antes de colocar uma coleira em volta do meu pescoço de novo.”

Agora ela entendia, embora desejasse não entender. Ela ficou deitada encostada nele. O fogo era um borrão parecido com água.

CAPÍTULO 11



No dia seguinte o céu estava de um cinza frio e o vento gelado quando os dois se aíram para a campina.

Richard queria ficar longe das pessoas, longe das casas. Queria ver o céu e a terra, ele disse. A grama marrom se curvava sob as rajadas de vento que sopravam e puxavam as capas deles enquanto caminhavam em silêncio. Richard queria usar o arco para fazer a dor de cabeça desaparecer por um tempo. Kahlan só queria ficar com ele.

Pareceu que a eternidade, que alguns dias atrás tinha parecido pertencer a eles, estava escapulindo através dos dedos dela. Ela queria lutar contra isso, mas não sabia como. Tudo que era tão certo de repente estava ficando errado.

Ela acreditava que Richard não colocaria o Rada'Han, a coleira, não importa o que as Irmãs falassem. Ele poderia aceitar aprender a usar o dom, mas ela não achava que usaria uma coleira. E se não usasse, ele morreria. Depois do que ele tinha falado para ela - e pior, das coisas que ela sabia que não tinha falado - como poderia esperar que ele usasse? Ou pedir a ele para usar?

De qualquer modo, parecia mesmo bom, estar longe da vila, longe das pessoas e longe dos olhos de Chandalen que os seguiam por toda parte. Como ela poderia culpá-lo? Realmente parecia que os dois continuavam atraindo problemas, mas o que fazia com que ela ficasse irritada é que ele agia como se eles fizessem isso de propósito. Ela estava cansada de problemas. Parecia como se isso nunca fosse acabar. Bem, ela decidiu, pelo menos por hoje, que eles ficariam longe de problemas, e simplesmente aproveitariam estar juntos.

Kahlan havia dito a ele que ela costumava usar um arco. Ela não poderia esticar o dele porque era pesado demais, então Richard encorajou-a a pegar emprestado um assim ele poderia ensiná-la a atirar melhor. Eles encontraram os alvos de grama empacotada que os homens tinham preparado, colocados como um grupo de espantalhos em guarda sobre o pasto vasto e plano. Alguns até tinham grama em forma de bola como cabeças. Cada um tinha um X feito de grama como um alvo. Os alvos com cabeças também tinham um X nelas. Richard achou que os X eram grandes demais, então ele os retirou e fez alguns de talos de grama.

Eles estavam a uma grande distância; na verdade, tão longe, que ela mal podia ver a grama empacotada, muito menos os X.

Richard colocou uma simples proteção de couro que Savidlin tinha feito para ele junto com o arco, e atirou flechas até que sua dor de cabeça desaparecesse.

Richard era uma imagem de quietude, de suavidade; ele e o arco eram um. Ela sorriu por ele parecer tão bem, e por ele estar com ela. Ver os olhos cinzentos dele brilharem sem a dor neles fazia o coração dela doer de tanta alegria. Eles chegaram mais perto para que ela pudesse atirar.

“Não quer ir checar onde as suas flechas acertaram?”

Ele sorriu. “Sei onde elas acertaram. Agora você atira.”

Ela atirou algumas flechas, pegando o jeito novamente. Ele colocou uma ponta do seu arco no chão, repousou as duas mãos sobre a outra ponta, e observou-a. Ela era uma criança da última vez que usou um arco. Richard observou ela atirar mais algumas vezes, e então se aproximou e ficou ao lado dela. Seus braços a envolveram, ele ajustou a mão dela no arco e colocou os dedos dele na corda.

“Aqui. Faça isso. Você não pode conseguir força ou estabilidade suficiente segurando a flecha com o polegar e a articulação do seu dedo indicador desse jeito. Segure a corda do arco com os seus primeiros três dedos, assim, repousando a flecha entre os dois primeiros. E puxe com o sem ombro também. Você não precisa puxar a flecha, apenas se concentrar em manter a corda esticada. A

flecha vai tomar conta de si mesma. Está vendo? Assim não é melhor?”

Ela deu uma risada. “É melhor com os seus braços em mim.”

“Preste atenção no que está fazendo,” ele a repreendeu.

Kahlan mirou e atirou. Ele disse que estava melhor e pediu que ela tentasse de novo. Ela atirou mais algumas flechas, e pensou que podia até ter acertado o pacote de grama uma vez. Ela esticou a corda do arco novamente, tentando manter o arco estável. De repente, ele fez cócegas no estômago dela. Ela se curvou dando gritinhos e rindo, tentando afastar os dedos dele.

“Pare com isso!” Ela riu sem fôlego, tentando se livrar dele. “Pare! Richard! Não consigo atirar com você fazendo isso!”

Ele colocou os punhos nos quadris dela. “Você tem que conseguir.”

Ela franziu o rosto para ele enquanto ofegava. “O que você quer dizer?”

“Além de conseguir acertar o que quer acertar, você tem que ser capaz de atirar não importa o que esteja acontecendo. Se não consegue atirar quando está rindo, como pode atirar quando estiver com medo? Só você e o arco, é tudo que existe. Nada mais importa. Você tem que ser capaz de bloquear todo o resto.”

“Se um porco selvagem estiver atacando, você não pode pensar no quanto está com medo, ou no que vai acontecer se errar. Tem que ser capaz de atirar sob pressão. Ou então ter uma árvore na qual consiga subir por perto.”

“Mas, Richard, você consegue fazer isso porque tem o dom. Eu não consigo.”

“Besteira. O dom não tem nada a ver com isso. É simples concentração. Aqui, eu vou conduzir você. Prepare uma flecha.”

Ele ficou atrás dela de novo, afastando o cabelo do pescoço dela, chegando bem perto, olhando por cima do ombro dela, e sussurrando no ouvido dela enquanto ela puxava a corda do arco. Ele sussurrou que ela deveria sentir, como deveria respirar, para onde deveria olhar, o que deveria ver. Ele falou de um jeito que fez com que as palavras desaparecessem, e ao invés disso surgissem

imagens na cabeça dela. Só havia três coisa: a flecha, o alvo, e as palavras dele. Ela estava em um mundo de silêncio.

Quando tudo mais estava encoberto, o alvo pareceu ficar maior na visão dela, direcionando a flecha para ele. As palavras dele fizeram ela sentir isso, fizeram ela fazer coisas sem entendê-las. Ela relaxou e expirou, mantendo-se imóvel sem respirar de novo. Ela podia sentir, sentir o alvo. Ela soube quando era hora, quando era o momento certo.

Suavemente, como um sopro de ar, a flecha partiu por sua própria vontade, como se ela mesma tivesse decidido seguir em frente. No silêncio, ela conseguiu ver as penas saírem do arco, sentiu a corda atingir a braçadeira; conseguiu ver o alvo atraindo a flecha, conseguiu ouvir a flecha atingir o X. Ela sentiu o ar entrar depressa em seus pulmões.

Foi quase como a maneira quando ela liberava o poder de Confessora. Foi magia, a magia de Richard. As palavras dele foram magia. Foi como ter uma nova visão.

Ela sentiu como se estivesse despertando de um sonho. o mundo retornou. Ela quase caiu contra ele.

Kahlan virou e jogou os braços em volta do pescoço dele, ainda segurando o arco em uma das mãos. "Richard, isso foi maravilhoso. O alvo veio até mim!"

"Está vendo ? Eu disse que você podia fazer."

Ela beijou o nariz dele. "Eu não fiz, você fez. Eu apenas estava segurando o arco ao invés de você."

Ele sorriu. "Não. Você fez. Eu só mostrei para sua mente como fazer. Ensinar é isso. Eu estava apenas ensinado você."

"Faça de novo."

Kahlan tinha vivido ao redor de magos por toda sua vida. Ela conhecia o modo como magos faziam coisas. Foi desse jeito que Richard tinha feito. Ele falou com ela do jeito que magos falam. Foi o dom falando, ela sabia, mesmo que ele não admitisse.

Quando ela atirou mais flechas, ele falou menos. Sem as palavras dele guiando-a, foi mais difícil conseguir, mas de vez em quando ela o fez. Podia perceber quando ela mesma estava fazendo, sem ele. Parecia ser como ele disse, como concentração intensa.

Assim que ela começou a aprender a bloquear o mundo enquanto mirava, ele começou a fazer coisas para tentar distraí-la. Primeiro ele apenas esfregou o estômago dela. Isso fez ela sorrir até que ele falou para ela parar de pensar no que ele estava fazendo e pensar apenas no que deveria fazer. Depois de algumas horas, ela conseguia atirar enquanto ele fazia cócegas nela. Às vezes.

Era uma sensação revigorante ser capaz de sentir onde a flecha precisava estar. Ela não conseguiu fazer isso com muita frequência, mas quando acontecia era uma sensação maravilhosa. Viciante.

“É magia,” ela falou para ele. “É isso que você está fazendo. Magia.”

“Não, não é. Todo mundo pode fazer isso. Os homens de Chandalen está fazendo isso quando atiram. Todo mundo que fica bom o bastante faz isso. É a sua própria mente fazendo. Eu só ajudei ao mostrar a você. Se tivesse praticado bastante tempo, teria aprendido sozinha antes. Só porque você não sabe como uma coisa é feita isso não a transforma em magia.”

Ela deu uma olhada de lado para ele. “Não tenho tanta certeza. Você atira. Deixe que eu faço cócegas enquanto tenta atirar.”

“Depois que comermos alguma coisa. E você praticar um pouco mais.”

Eles amassaram um círculo de grama, como um ninho, e deitaram sobre as costas, observando os pássaros girando no céu enquanto comiam pão de tava enrolado em folhas, e punhados de kuru, e bebiam água de um cantil. A grama em volta deles os protegia um pouco, então o vento não parecia tão frio. Ela encostou a cabeça no ombro dele enquanto eles olhavam o céu em silêncio. Ela sabia que ambos estavam pensando no que iriam fazer.

“Talvez,” Richard falou finalmente, “Eu poderia particionar minha mente de novo, para controlar as dores de cabeça. Darken Rahl disse que foi isso que eu tinha feito.”

“Você falou com ele? Você conversou com Darken Rahl?”

“Sim. Na verdade, ele falou a maior parte do tempo. Eu mais escutei. Ele falou um monte de coisas. Não acredito em todas elas. Ele disse que George Cypher não era meu pai. Disse que eu tinha

particionado minha mente, e que eu tenho o dom. Disse que eu tinha sido traído. Por causa do que Shota falou - que você e Zedd usariam sua magia contra mim - pensei que um de vocês tinha nos traído. Nunca pensei no meu irmão."

"Se eu pudesse descobrir como particionar minha mente de novo, talvez eu conseguisse controlar as dores de cabeça e assim elas não me matariam. Talvez seja isso que as Irmãs ensinam. Já fiz isso uma vez, então se eu pudesse fazer de novo, poderia ser capaz de me salvar sem..."

Ele colocou um braço em cima dos olhos, não querendo concluir o pensamento em voz alta. "Kahlan, talvez eu não tenha o dom. Poderia apenas ser a Primeira Regra do Mago."

"O que você quer dizer?"

"Zedd nos falou que muito do que as pessoas acreditam é errado. A Primeira Regra pode fazer você acreditar que algo é verdade seja porque você quer acreditar que é verdade, ou porque tem medo da possibilidade de que seja. Tenho medo de ter o dom, e esse medo me faz aceitar a possibilidade de que o que a Irmã diz seja verdade. Poderia ser que houvesse outras razões pelas quais as Irmãs queiram que eu pense ter dom, e que isso não seja verdade. Talvez eu não tenha."

"Richard, você realmente acha que pode descartar todas as outras coisas que aconteceram? Zedd disse que você tem o dom, Darken Rahl disse que você tem o dom, as Irmãs dizem que você tem o dom, até mesmo Scarlet diz que você tem o dom."

"Scarlet não sabe do que está falando, eu não confio nas Irmãs, e você acha que eu acreditaria em qualquer coisa que Darken Rahl disse?"

"E quanto a Zedd? Acha que Zedd está mentindo? Ou que ele não sabe do que está falando? Você me falou que acha que ele é o homem mais inteligente que conhece. Além disso, ele é um mago da Primeira Ordem. Realmente acha que um mago da Primeira Ordem não conheceria o dom quando visse?"

"Zedd poderia estar errado. Só porque ele é inteligente, não significa que ele sabe tudo."

Kahlan pensou um pouco na relutância dele em aceitar que tinha o dom. Ela desejava, pelo bem dele, que as coisas pudessem ser do jeito que ele queria, mas ela sabia a verdade.

“Richard, no Palácio do Povo, quando toquei você com meu poder, e todos pensamos que isso tinha dominado você, e não sabíamos que tinha descoberto como não ser consumido pela magia, você recitou o Livro das Sombras Contadas para Darken Rahl, não foi?” Ele assentiu. “Não pude acreditar que tinha feito aquilo. Como você sabia?”

“Onde você aprendeu sobre o livro?”

Richard suspirou. “Quando eu era criança, meu pai me levou a um lugar onde ele o escondeu. Disse que ele era protegido por uma besta enviada por mãos ambiciosas, para tomar conta dele, até que aquela pessoa pudesse voltar para buscar o livro. Então ele o resgatou. Agora eu sei que eram as mãos de Darken Rahl, mas naquele momento não sabíamos disso; meu pai disse que teve que pegá-lo porque se não o fizesse ele seria roubado por aquelas mãos.”

“Ele temeu que aquela pessoa eventualmente pudesse encontrá-lo, então ele me fez memorizar. Todo ele. Ele disse que eu tinha que saber cada palavra, para que algum dia eu pudesse devolver o conhecimento para o guardião do livro. Ele não sabia que Zedd era o guardião do livro. Levou anos para que eu memorizasse cada palavra do livro. Ele nunca olhou dentro dele, disse que só eu deveria. Depois que eu tinha aprendido tudo perfeitamente, nós queimamos o livro. Nunca vou esquecer aquele dia. Luz, som e formas estranhas surgiram enquanto o livro queimava.”

“Magia,” ela sussurrou, deliberadamente.

Ele assentiu enquanto descansava o pulso sobre os olhos novamente. “Meu pai morreu guardando o livro de Darken Rahl.”

“Ele foi um herói. Ele salvou todos nós com suas ações.”

Kahlan tentou imaginar como colocar em palavras o que estava pensando, as coisas que ela sabia. “Zedd nos falou que o Livro das Sombras Contadas estava guardado no castelo dele. Como seu pai o pegou?”

“Isso ele nunca me contou.”

“Richard, eu nasci e fui criada em Aydindril. Passei uma boa parte de minha vida no Castelo do Mago. É uma grane fortaleza. Em épocas passadas, centenas de magos viveram ali. Quando eu cresci, havia apenas os seis, e nenhum era mago de Primeira Ordem.”

“Não é um lugar fácil de entrar. Eu consegui porque sou uma Confessora, e precisava aprender de livros guardados lá. Todas as Confessoras tinham acesso ao castelo. Mas ele era protegido, por magia, de qualquer outro que tentasse entrar.”

“Se está perguntando, eu não sei como meu pai fez isso. Ele era um homem bastante esperto; deve ter encontrado um jeito.”

“Se o livro estava no próprio Castelo, talvez. Havia magos e Confessoras indo e vindo, e às vezes outros tinham permissão para entrar. Talvez alguém pudesse ter descoberto uma maneira de entrar despercebido. Uma vez lá dentro, tem áreas protegidas por magia com mais força. Áreas nas quais nem mesmo eu podia entrar.”

“Mas Zedd falou que o Livro das Sombras Contadas era um livro de magia importante, muito importante. Ele disse que o guardava em sua fortaleza: a fortaleza do mago de Primeira Ordem. Isso é totalmente diferente. É separada do restante, parte da Fortaleza maior, mas instalada separadamente.”

“Eu caminhei nas longas muralhas até a Fortaleza do Primeiro Mago. De lá é possível ter uma vista linda de Aydindril.”

“Só de andar pelas muralhas, eu podia sentir o incrível poder dos feitiços que protegiam aquele lugar. Isso fez a minha pele se arrepiar. Se você chegasse perto bastante, o poder dos feitiços de proteção fazia o cabelo levantar dos seus ombros e espalhar-se em todas as direções, pulando e tremendo com pequenas fagulhas. Se chegasse mais perto ainda, os feitiços enchiam você com uma sensação de terror tão forte que não conseguia forçar seu pé a dar outro passo, ou seus pulmões a respirar.”

“Dede que Zedd deixou Midlands, antes que nós tivéssemos nascido, ninguém tinha entrado na Fortaleza do Primeiro Mago. Os outros magos tentaram. Para entrar, tem uma placa que você deve tocar. Dizem que tocar na placa é como tocar o coração gelado do próprio Guardião. Se a magia não o reconhecer como alguém com permissão para entrar, você não consegue liberação. Tocar a placa

sem ter ao menos a proteção de sua própria magia, ou até mesmo chegar perto o bastante dos feitiços, pode significar morte.”

“Desde que eu era criança, e entrei na Fortaleza pela primeira vez para aprender dos livros, os magos estiveram tentando entrar.”

“Eles queriam saber o que estava lá dentro. O Primeiro Mago se foi, e eles acharam que deveriam fazer um inventário, pensaram que deveriam pelo menos saber o que tinha lá dentro.”

“Eles nunca tiveram sucesso. Nenhum deles jamais foi capaz de ao menos colocar uma das mãos na placa de acesso. Richard, se os cinco magos da Terceira Ordem, e um da Segunda, não conseguiram entrar, como o seu pai conseguiu?”

Ele suspirou. “Gostaria de ter uma resposta para você, Kahlan, mas não tenho.”

Ela não queria derrubar as esperanças dele, dar vida indiscutível aos medos dele, mas tinha que fazer isso. A verdade era a verdade.

Ele tinha que saber a verdade sobre si mesmo.

“Richard, o Livro das Sombras Contadas era um livro de instruções para magia. Ele era magia.”

“Não tenho dúvida disso. Eu sei o que vi quando queimamos ele.”

Ela acariciou a costa da mão dele com o dedo. “havia outros livros de instruções para magia na Fortaleza: alguns menos importantes. Os magos deixaram que eu desse uma olhada neles. Quando eu os lia, eu chegava em um ponto nos livros, e uma coisa estranha acontecia, às vezes depois de apenas algumas palavras, às vezes depois de algumas páginas:

Eu esquecia o que tinha acabado de ler. Não conseguia lembrar nenhuma palavra. Nenhuma simples palavra. Eu voltava e lia de novo, e a mesma coisa acontecia.

“Os magos me observavam sorrindo, e então começavam a rir. Depois de algum tempo tentando ler os livros, e não sabendo o que tinha acabado de ler, eu finalmente fiquei frustrada e perguntei o que estava acontecendo. Eles disseram que os livros de instruções para magia são protegidos por feitiços poderosos invocados em certas palavras nos livros.”

“Disseram que ninguém a não ser alguém com o dom poderia ler um livro de instrução mágica e lembrar uma simples palavra. Aqueles sei magos eram magos por vocação, não pelo dom. Até mesmo eles não conseguiam ler todos os livros e saber o que eles diziam, apenas os menos importantes, e somente por causa do treinamento deles.”

“Zedd nos disse que o Livro das Sombras Contadas era um dos mais importantes livros na Fortaleza, tão importante que era mantido no enclave do Primeiro Mago.”

“Richard, você nunca teria sido capaz de memorizar ele se não tivesse o dom. Não tem outro jeito.”

“De algum modo, seu pai devia saber, foi por isso que ele escolheu você para aprender o conteúdo dele.”

A cabeça dela ainda estava repousando no ombro dele, e ela sentiu a respiração dele parar por um momento quando percebeu o significado do que ela havia dito a ele. “Richard, você ainda lembra do livro?”

A voz dele veio lenta e distante. “Cada palavra.”

Embora eu tenha escutado você recitá-lo, e saiba que você falou ele todo, não consigo lembrar de uma palavra que você disse. A magia de certas palavras apagou tudo de minha mente. Não sei como você usou ele para derrotar Darken Rahl.”

O começo do livro dizia que se as palavras fossem ditas para aquele que controlasse as Caixas de Orden, e não por aquela pessoa, então o único modo para que aquela pessoa pudesse saber se as palavras eram verdadeiras era com o uso de uma Confessora. Rahl pensou que você havia me tocado com seu poder, e então ele achou que eu estava falando todas as palavras verdadeiras. Eu realmente falei as palavras verdadeiras, mas deixei de fora uma parte importante no final para que ele escolhesse a caixa que o mataria.”

“Está vendo? Você ainda lembra das palavras. Não poderia fazer isso se não tivesse o dom; a magia impediria. Richard, se vamos sair dessa, pelo menos temos que encarar a verdade, e então pensar no que fazer a respeito.”

“Meu amor, você tem o dom. Você tem magia. Sinto muito, mas essa é a verdade.”

Ele soltou um suspiro exasperado. “Acho que eu simplesmente não quis aceitar isso de maneira tão forte que estive tentando convencer a mim mesmo para ficar longe de tudo isso. Mas as coisas não funcionam dessa maneira. Espero que não ache que eu sou um tolo. Obrigado por me amar o bastante para fazer com que eu veja a verdade.”

“Você não é tolo. É meu amor. Vamos pensar em alguma coisa.” Ela beijou a costa da mão dele e eles observaram o céu em silêncio. Ele estava cinza escuro e frio, um reflexo do humor dela.

“Gostaria que você tivesse conhecido meu pai. Ele era uma pessoa especial. Acho que até mesmo eu nunca fiquei sabendo o quanto. Sinto falta dele.” Ele ficou absorvido por seus próprios pensamentos. “E quanto ao seu pai?”

Kahlan enrolou uma trança do cabelo dela em volta do dedo. “Meu pai foi companheiro para minha mãe; companheiro para uma Confessora. Ele não foi um pai do jeito que um homem é um pai para outras crianças. Ele tinha sido possuído pelo poder dela, e não havia nada nele além da devoção a ela. Ele prestava atenção em mim só para agradar minha mãe, só porque eu nasci para ela. Ele não me enxergava como eu mesma, mas apenas uma parte da Confessora com a qual ele estava ligado.”

Richard arrancou um pedaço comprido de grama e esmagou aponta dele entre os dentes da frente enquanto pensou, finalmente perguntando, “Quem ele era antes que ela o tocasse com a magia?”

“Ele era Wyborn Amnell. Rei de Galea.”

Richard ergueu-se em um cotovelo, olhando para ela com surpresa. “Rei! Seu pai era um rei?”

Sem perceber o que estava fazendo, a expressão dela mudou para o calmo exterior que não mostrava nada: um rosto de Confessora.

“Meu pai foi companheiro para uma Confessora. Isso era tudo que havia nele. Quando minha mãe estava morrendo de uma terrível doença, ele ficou em um constante estado de pânico. Um dia o mago e o curandeiro que estavam cuidando dela vieram até nós e

disseram que não havia mais nada que pudessem fazer, que os espíritos em breve a levaria para ficar com eles, que logo ela faria a passagem.”

“Com um grito de angústia como nenhum que eu já tinha escutado, meu pai colocou as mãos no peito e caiu no chão, morto.”

Richard olhou dentro dos olhos dela. “Sinto muito, Kahlan.” Ele se curvou e beijou a testa dela. “Sinto muito,” ele sussurrou.

Ele deitou sobre as costas novamente e colocou o talo de grama de volta entre os dentes.

“Isso faz muito tempo.”

“Então, o que isso faz de você? Você é uma princesa, ou uma Rainha, ou algo assim?”

Ela riu um pouco com a pergunta, por causa do quanto isso deveria parecer estranho para ele. Ele ainda sabia pouco da vida dela, do mundo dela. “Não. Eu sou a Madre Confessora. A filha de uma Confessora é uma Confessora, não filha do pai dela.” Ela sentiu-se desconfortável ao parecer menosprezar o pai dela. Não foi culpa dele que a mãe dela o tivesse escolhido e tocado. “Você quer saber sobre ele?”

Ele encolheu os ombros. “Com certeza. Você é parte dele também. Adoro saber tudo sobre você.”

Ela pensou por um momento sobre qual seria a reação dele. “Bem, ele foi o marido da Rainha Bernadine quando minha mãe o escolheu como companheiro dela.”

“Sua mãe escolheu um homem que já estava casado?”

Ela sentiu os olhos de Richard sobre ela. “Não é bem como deve parecer para você. O casamento entre ele e a Rainha foi arranjado. Ele era um guerreiro, um grande comandante. O casamento uniu seu reino com as terras governadas pela Rainha Bernadine, criando a terra de Galea. Ele fez isso pelo seu povo, para criar uma terra unida sob uma coroa que pudesse resistir contra vizinhos hostis.”

“A Rainha era uma líder sábia e respeitada. Ela casou com meu pai pelo bem de Galea, não dela mesma.”

“Ela e meu pai não tinham amor um pelo outro. Ele deu a ela, deu ao povo de Galea, uma bela e forte filha, Cyrilla, e então um

filho, Harold.”

“Então você tem uma meia-irmã e um meio-irmão.”

Ela encolheu os ombros. “De certo modo. Mas não do jeito que você pensa. Eu sou uma Confessora, não um nó na linha da realeza. Eu encontrei os dois, Cyrilla e Harold. Eles são boas pessoas. Agora Cyrilla é a Rainha de Galea. A mãe dela morreu faz alguns anos. O Príncipe Harold é o comandante do exército, como foi seu pai. Eles não me consideram como parente, nem eu a eles. Eu sou das Confessoras; da magia.”

“E quanto a sua mãe? Quando ela entrou nisso tudo?”

“Na época ela havia se tornado a Madre Confessora recentemente. Ela queria um companheiro forte, um que lhe desse uma filha com força. Tinha ouvido falar que a Rainha não estava feliz em seu casamento, e foi falar com ela. A Rainha Bernadine disse para minha mãe que não amava o marido dela, que ele era um homem traído. Mesmo que ela amasse outro, ela respeitava Wyborn como um homem forte, como um líder, como um guerreiro astuto, e não perdoaria minha mãe por tocá-lo com o poder dela.”

“Enquanto minha mãe estava pensando no que faria, Wyborn pegou a Rainha na cama daquele amante. Ele quase a matou. Quando minha mãe ficou sabendo disso, retornou a Galea e resolveu os problemas de todos antes que ele somasse o assassinato do amante com o espancamento que tinha aplicado em sua esposa.”

“Embora uma Confessora tenha muitas coisas a temer, ficar presa ao seu marido não é uma delas.”

“Deve ser difícil ter que escolher um companheiro sem amá-lo.”

Ela sorriu e pressionou a cabeça dela contra ele. “Em toda minha vida, jamais pensei que conseguiria ter alguém que amo. Gostaria que minha mãe pudesse ter conhecido essa alegria.”

“Como foi ter ele como seu pai?”

Ela cruzou os dedos em cima do estômago. “Ele era como um estranho para mim. Não tinha nenhuma emoção a não ser por minha mãe, nenhum sentimento verdadeiro, exceto por devoção para minha mãe. Ela desejou que ele passasse tempo comigo, que me ensinasse as coisas que sabia, então ele estava extremamente feliz em fazer isso, mas pelo bem dela, não meu.”

“Ele passou tempo me ensinando o que ele conhecia: guerra. Me ensinou as táticas dos inimigos dele, como roubar a vitória de uma força muito maior e confiante, e o mais importante, como sobreviver, e triunfar, usando a cabeça ao invés de regras. Às vezes minha mão sentava e observava enquanto ele me ensinava. Ele olhava para ela e perguntava se ele estava me ensinando corretamente. Ela disse a ele que estava; disse para me ensinar de modo que eu pudesse saber as habilidades de guerra que ele sabia, na esperança de que eu nunca precisasse delas, e se precisasse, que eu pudesse sobreviver.”

“Ele me ensinou que a qualidade mais importante em um guerreiro é a crueldade. Disse que ele venceu muitas vezes sendo cruel. Ele disse que o terror poderia subjugar a razão, e era o trabalho de um líder causar esse tipo de terror ao inimigo.”

“As coisas que ele ensinou me ajudaram a sobreviver quando outras Confessoras morreram. Por causa do que ele me ensinou, fui capaz de matar quando houve necessidade. Ele me ensinou a não ter medo de fazer as coisas que devem ser feitas para sobreviver.”

“Pelas coisas que me ensinou, eu amei, e odiei ele.”

“Bem, adoro ele, por ter ensinado você como sobreviver, para que pudesse estar comigo agora.”

Kahlan balançou a cabeça lentamente enquanto observava uma pequena ave afugentando um corvo. As coisas que ele sabia não eram o horror; aqueles que te obrigam a fazer elas para sobreviver são. Ele nunca fez guerra com outros de forma errada. Eu não deveria culpá-lo por saber como triunfar quando era forçado a travar uma guerra. Richard, talvez agora devêssemos começar a pensar em sobreviver.”

“Você está certa,” ele disse, passando um braço em volta dela. “Sabe de uma coisa, eu estava pensando, estamos sentados aqui como aqueles alvos; apenas sentados aqui esperando que uma flecha venha e nos acerte, esperando para ver o que acontece conosco.”

“O que acha que deveríamos fazer?”

Ele encolheu os ombros. “Não sei. Mas se continuarmos sentados aqui, mais cedo ou mais tarde vão nos acertar. Mais cedo

ou mais tarde as Irmãs voltarão. Porque apenas esperamos que elas venham até nós? Eu não tenho as respostas, mas não consigo ver como ficar sentados aqui vai ajudar.”

Ela cruzou os braços debaixo dos seios, enterrando suas mãos para aquecê-las.

“Zedd?”

Richard assentiu. “Zedd saberia o que fazer, se alguém souber. Acho que precisamos falar com ele.”

“E as dores de cabeça? E se você tiver elas quando estivermos viajando? Se elas ficarem piores, e você não tiver nem mesmo Nissel para ajudar?”

“Não sei.” Ele suspirou. “Mas acho que temos que tentar. Caso contrário, não tenho uma chance.”

“Então vamos partir logo, antes que elas piorem. Não vamos esperar que aconteça mais nada.”

“Ele apertou os ombros dela. “Logo. Mas temos que fazer uma coisa primeiro. Uma coisa importante.”

Kahlan virou a cabeça, olhando para ele. “O quê?”

Ele sorriu para ela. “Temos que nos casar,” ele sussurrou. “Não vou embora até conseguir ver esse vestido do qual fico ouvindo falarem tanto.”

Ela virou e abraçou ele. “Oh, Richard, vai ser tão lindo. Weselan sorri o tempo todo enquanto costura ele. Mal posso esperar para que você me veja nele. Sei que você vai adorar.”

“Disso, minha futura esposa, não tenho dúvida.”

“Todos estão ansiosos por isso. Uma cerimônia de casamento entre o Povo da Lama é uma grande festa. Dança, música, atores. A vila toda participa. Weselan disse que vai levar aproximadamente uma semana para preparar tudo, assim que dermos a ordem para começar.”

Ele puxou-a mais perto. “A ordem foi dada.”

Ela estava com os olhos fechados quando o beijou, mas ainda assim, podia dizer que a dor de cabeça dele tinha voltado.

“Vamos lá,” ela disse, recuperando o fôlego, “vamos atirar algumas flechas para que sua cabeça pare de doer.”

Eles se alternaram por algum tempo. Kahlan gritou de alegria quando foram pegar de volta as suas flechas e ela descobriu que tinha atravessado uma flecha dele com uma das suas.

“Espere até a Guarda Doméstica escutar essa! Eles vão ficar verdes, por ter que dar uma faixa para a Madre Confessora por acertar um tiro na flecha. Eles podem até ficar verdes só de me ver com um arco nas minhas mãos!”

Richard riu enquanto arrancava flechas dos alvos. “Bem, é melhor você continuar praticando. Eles podem não acreditar em você, e pode ter que provar a eles. E eu não vou levar a culpa por essa com Savidlin.”

Ele virou para ela de repente. “O que você disse ? O que você disse, antes, noite passada, sobre o quad? Rahl os enviou com um feitiço para que Zedd não pudesse detê-los?”

Kahlan estava um pouco surpresa com a súbita mudança de assunto dele. “Sim, a magia dele não funcionaria contra eles.”

“É porque Zedd só tem Magia Aditiva. É tudo que qualquer mago com o dom tem: só a Aditiva.”

“Darken Rahl tinha o dom para Aditiva mas de algum jeito ele aprendeu a usar Subtrativa. Zedd não tinha defesa alguma contra Magia Subtrativa. Nem você. Magos criaram a magia das Confessoras, e magoa só possuem Magia Aditiva.” Franzindo o rosto, ela assentiu pedindo que ele continuasse. “Então como você os matou ?”

“Eu entrei no Con Dar.” Ela encolheu os ombros. “É parte da magia das Confessoras, mas eu nunca soube como usar. Tinha alguma coisa a ver com minha raiva. Ele significa *Raiva de Sangue*.”

“Kahlan, você percebe o que está dizendo? Você teve que usar Magia Subtrativa. Caso contrário, como poderia ter vencido eles? A magia de Zedd não funcionou, e sua magia normal não funcionou, porque aqueles homens estavam protegidos pela Magia Aditiva. Você deve ter Magia Subtrativa. Mas se magos de muito tempo atrás criaram sua magia de Confessora, como pode ter um elemento de Subtrativa nela?”

Ela ficou olhando para ele. “Não sei. Nunca pensei nisso, mas deve ser como você diz. Talvez Zedd possa explicar isso, quando

chegarmos em Aydindril.”

Franzindo o rosto, ele arrancou outra flecha da grama empacotada. “Talvez. Mas porque Confessoras teriam Magia Subtrativa?” O rosto dele franziu mais ainda. “Fico imaginando se foi isso que você fez com o raio.”

Richard com o dom, e ela com Magia Subtrativa.

Dois pensamentos assustadores. Ela tremeu, mas não por causa do frio.

Eles atiraram flechas durante o resto da tarde, até que o dia começasse a escurecer. Os ombros e braços dela estavam cansados de puxar a corda do arco. Ela falou para ele que não poderia atirar outra flecha se a vida dela dependesse disso, e falou para ele atirar algumas flechas antes que eles voltassem, e assim sua dor de cabeça desapareceria por algum tempo. Enquanto ela o observava, lhe ocorreu que não tinha tentado distrair ele enquanto ele atirava, e ele tinha prometido que ela poderia tentar.

Kahlan chegou perto por trás dele. “Está na hora de ver se você realmente é tão bom quanto pensa que é.”

Quando ele esticou a corda do arco, ela fez cócegas nas costelas dele. Ele não se mexeu; atirou do mesmo jeito de antes. Mas riu e se contorceu depois que a flecha estava longe. Ela continuou tentando enquanto ele atirava, mas não conseguiu distraí-lo.

Ela ficou mais determinada. Se fazer cócegas não funcionaria, ela simplesmente teria que tentar outra coisa.

Kahlan se encostou nas costas dele enquanto ele se concentrava em mirar, e suavemente desabotoou os três botões de cima da camisa dele. Ela enfiou a mão dentro e passou no peito dele. A pele dele era firme sobre os músculos duros. Ele parecia bom. Quente. Forte. Duro.

Ela desabotoou mais botões para aumentar o seu alcance. Passou os dedos de uma das mãos pelo cabelo na nuca dele enquanto a outra deslizou pelo seu estômago. Richard continuou atirando.

Ela começou a esquecer sobre distrair ele enquanto beijava a costa do pescoço dele. Ele deu uma risadinha e encolheu os ombros

depois que a flecha estava longe. Ele preparou outra flecha. Finalmente, ela havia desabotoado todos os botões e estava sentindo toda a frente do torso dele, descendo até o cinto. Kahlan tirou a parte debaixo da camisa dele das calças e passou ambas as mãos pelo seu corpo, uma para de cima, uma para debaixo. Isso não impediu ele de acertar o alvo. Ela não conseguia quebrar sua concentração. A respiração dela acelerou.

Ela decidiu que ganharia esse jogo. Sorriu enquanto apertava ele com mais força e ia mais longe.

“Kahlan!” ele arfou. “Kahlan... isso não é justo!” Ele ainda estava com a corda do arco esticada, mas a sua mira estava começando a desviar. Ele se esforçou para mantê-la.

Ela mordeu suavemente o lóbulo da orelha dele e beijou-a. “Você disse que tem de ser capaz de atirar não importa o que esteja acontecendo,” ela sussurrou enquanto conduzia as mãos mais longe.

“Kahlan...” A voz dele estava alta e excitada. Isso não é justo... isso é trapaça!”

“Não importa o que aconteça. Essas foram suas exatas palavras. Você tem que conseguir atirar sob pressão.” Ela enfiou a língua na orelha dele. “Isso é pressão suficiente, meu amor? Consegue fazer isso? Consegue atirar?”

“Kahlan...” ele suspirou. “Você está trapaceando.”

Ela deu uma risada e apertou. Ele gemeu e soltou a corda do arco. Pelo vôo dela, ela sabia que aquela era uma flecha que eles jamais encontrariam.

“Acho que você errou,” ela suspirou no ouvido dele.

Ele deu um giro nos braços dela, largando o arco. O rosto dele estava vermelho quando ele apertou-a nos braços.

Ele beijou a orelha dela. “Não é justo,” ele sussurrou, sua respiração quente. “Você trapaceou.” O toque dos lábios dele na orelha dela a fez arfar.

Ela agüentou firme quando ele afastou o cabelo dela e colocou a boca quente no pescoço dela. Isso fez ela estremecer. Ela encolheu o ombro contra o rosto dele e grunhiu rindo, enquanto o mundo girou e ela percebeu que estava no chão, debaixo dele. Ela conseguiu dizer “Eu te amo” antes que os lábios dele cobrissem os

dela e ela jogasse os braços em volta do pescoço dele. Ela não conseguiu recuperar o fôlego. Ela não queria.

Justo quando ela estava começando a imaginar quando as mãos dele iriam dar a resposta ao que ela havia feito, Richard ficou de pé com um salto.

Ele sacou sua espada rapidamente.

A paixão nos olhos dele tinha sido substituída por fúria. A fúria da Espada da Verdade brilhou no rosto dele. O som do aço foi carregado para longe pelo vento. Ele ficou imóvel com sua camisa aberta, seu peito exposto e arfando de fúria. Ela levantou-se apoiada nos cotovelos.

“Richard, o que foi?”

“Tem alguma coisa vindo. Fique atrás de mim. Agora!”

Kahlan levantou rapidamente, agarrou o arco dela, e preparou uma flecha. “Alguma coisa!”

Um pouco adiante, ela viu a grama se movendo, e não era o vento.

CAPÍTULO 12



Uma cabeça cinzenta manchada balançou na direção deles através da grama alta. O que quer que fosse, não era muito alto. Kahlan imaginou se poderia ser outro screeling. Com esse pensamento, puxou a corda do arco até que a ponta da flecha estivesse próxima do arco e a corda encostando no rosto dela. Ela se preocupou freneticamente se conseguiria atirar se aquilo se aproximasse deles. Entretanto, pelo que já tinha visto de um screeling, uma flecha, ela percebeu, não adiantaria nada. Imaginou se conseguiria chamar o raio outra vez.

Richard levantou o braço na frente dela. “Espere.” Uma figura careca agachada, com braços longos e grandes pés, vestindo apenas calças seguras por alças, saiu da grama na frente deles. Olhos amarelos piscantes observaram ela apontando a flecha entre eles. Um sorriso com dentes pontudos surgiu em seu rosto. “Moça bonita.” Era o companheiro da feiticeira Shota. “Samuel!” Richard rosnou. “O que está fazendo aqui?” A criatura bestial sibilou e se esticou até a espada. “Minha! Me dá!”

Richard brandiu a lâmina ameaçadoramente e Samuel, esticando o beijo, afastou o braço. Richard encostou a ponta da espada nas dobras cinzentas de pele no pescoço de Samuel. “Eu perguntei, o que está fazendo aqui?”

Olhos cheios de ódio levantaram. “A Senhora quer você.”

“Bem, você pode voltar para casa sozinho. Não vamos para Agaden Reach.”

Ele observou Richard com um olho amarelo. “A Senhora não está em Reach.” Ele virou, esticando-se nas pontas dos dedos para olhar por cima da grama, e apontou um fino dedo comprido na direção da vila do Povo da Lama. “A Senhora espera por você ali.

Onde aquelas pessoas vivem juntas.” Olhou de novo para Richard. “Ela disse que se você não for, ela matará eles, e Samuel pode cozinhar eles em fogo baixo.” O sorriso dele voltou.

Richard cerrou os dentes. “Se ela tiver machucado alguém...”

“Ela disse que não machucará eles... se você for até ela.”

“O que ela quer?”

“Você.”

“O que ela quer comigo?”

“A Senhora não diz para Samuel. Só diz para levar você.”

Kahlan tinha relaxado metade da tensão na corda do arco. “Richard, Shota disse que mataria você se o visse novamente.”

Ele manteve os olhos em Samuel enquanto falou. “Não. Ela disse que me mataria se eu voltasse para Agaden Reach. Ela não está em Reach.”

“Mas...”

“Se eu não for, ela disse que matará pessoas. Você duvida dela?”

“Não... mas ela ainda pode matar você.”

Ele grunhiu e então sorriu. “Me matar ? Acho que não. Ela gosta de mim. Salvei a vida dela. Pelo menos indiretamente.”

Kahlan ficou arrepiada. Uma vez Shota tinha tentado enfeitiçá-lo, e ela não gostou daquilo nem um pouco. Tirando as Irmãs da Luz, a feiticeira era justamente a última pessoa que Kahlan queria ver de novo. “Não gosto disso.”

Richard lançou um rápido olhar para ela. “Se você tem uma idéia melhor, pode falar.”

Kahlan deu um suspiro zangado. “Acho que não temos escolha. Mas mantenha as mãos dela longe de você.”

Richard olhou para ela assustado, então virou para o companheiro da feiticeira. “Você mostra o caminho, Samuel, e não se esqueça de quem está carregando a espada. E lembre do que eu disse da última vez. Ainda posso comer um pouco de cozido de Samuel se você fizer qualquer coisa para nos ferir.”

Samuel observou a lâmina por um momento. Sem dizer outra palavra ele virou e começou a andar, olhando por cima do ombro para ter certeza de que eles o seguiam. Richard continuou com a

espada na mão, pendurou o arco no ombro, e colocou-se entre Kahlan e Samuel. A fúria da magia da espada ardia em seus olhos. Samuel trotou através da grama na frente deles, virando-se ocasionalmente para sibilar para eles.

Kahlan ficou bem perto, logo atrás de Richard. “É melhor ela não colocar cobras em cima de mim de novo. Nenhuma cobra!” ela falou enfaticamente. “E estou falando sério.”

“Como se tivéssemos uma escolha,” Richard murmurou.

Estava quase escuro na hora que eles chegaram ao vilarejo. Entraram vindo pelo leste, e notaram imediatamente que toda a população da vila estava amontoada no lado sul em campo aberto, protegida por caçadores armados que ficavam ombro a ombro. Kahlan sabia que o Povo da Lama tinha medo mortal da feiticeira. Eles nem mesmo falariam o nome dela em voz alto.

Na verdade, todo mundo que ela conheceu tinha medo mortal da feiticeira - incluindo ela. Ela teria sido morta por Shota da última vez se Richard não tivesse usado um desejo que Shota lhe concedera, para salvá-la. Ela não achava que Shota concederia a Richard mais qualquer outro desejo.

Samuel os conduziu através das estreitas passagens, na direção da casa dos espíritos, andando como tivesse vivido aqui toda sua vida. Ele gargarejou soltando sua risada estranha enquanto saltitava, lançando um olhar ocasional para eles. Ele deu uma risada com lábios sem sangue, como se ele soubesse alguma coisa que eles não sabiam. Quando a risada dele mostrou dentes demais e Richard o espetou com a espada, Samuel rosnou e sibilou, seus olhos amarelos brilhando na luz fraca.

Samuel colocou sua mão com dedos compridos no trinco da casa dos espíritos. “Moça bonita espera aqui. Comigo. A Senhora só quer o Seeker.”

“Richard, vou entrar também,” Kahlan disse com firmeza.

Ele deu uma olhada de lado para ela e então olhou para Samuel. “Abra a porta.”

Um braço poderoso puxou a porta, enquanto olhos amarelos brilhantes cintilaram olhando para ele. Richard apontou com a espada, indicando que ele queria que ela entrasse. A porta fechou

guinchando atrás deles, com um Samuel de rosto irritado do outro lado.

No centro da sala estava um trono alto e elegante. Luzes de tochas dançaram e reluziram nas vinhas com folhas douradas, serpentes, gatos e outras bestas entalhadas que cobriam cada polegada da estrutura suntuosa. Uma liteira guarnecida com bordados vermelhos e enfeitada com franjas douradas destacava-se no alto. O trono propriamente dito ficava no topo de três plataformas de mármore branco quadradas que serviam como degraus. A coisa toda era grandiosa e imponente. Veludo vermelho estofado cobria o assento, a parte de trás e as partes de cima dos braços. Kahlan não conseguiu imaginar como aquilo poderia ter passado pela porta. Ou quantos homens provavelmente foram necessários para carregá-lo.

Shota sentava majestosa, seus impassíveis olhos amêndoa observando Richard. Ela reclinou levemente, contra o veludo vermelho, uma perna cruzada sobre a outra, seus braços repousando nos altos braços largos da cadeira, com mãos dispostas arrogantemente sobre gárgulas de ouro. Os gárgulas lamberam os pulsos dela enquanto ela estalava uma comprida unha laqueada na unha de um dedo polegar. Um cabelo castanho exuberante descia em cascata sobre os ombros dela.

Shota redirecionou seus olhos para Kahlan. Pareceu que o longo demorado olhar sólido como rocha havia paralisado ela, penetrado nela. Uma cobra listrada vermelha, branca e preta desceu de liteira, ficando pendurada. Ela balançou a língua para Kahlan, sibilando, e então caiu no colo de Shota, enrolando-se como um gato satisfeito.

Foi uma mensagem para dizer que ela não tinha sido convidada, e agora estava sendo avisada do que aconteceria se Shota ficasse descontente. Kahlan engoliu em seco, tentando não deixar isso visível. Depois do que pareceu uma eternidade, e depois que a feiticeira pareceu estar satisfeita de que a mensagem fora compreendida, ela virou seus olhos para Richard sem piscar.

“Guarde sua espada, Richard.” a voz de Shota soou como veludo suave esfregado do modo certo. Kahlan achou que não era

justo que alguém tão bela também fosse agraciada com uma voz que podia derreter manteiga, ou o coração de um homem.

“Pela impressão que você deixou quando nos afastamos, eu temo que você possa tentar me matar.” A voz dele também soou irritantemente suave.

“Se eu decidir matar você, meu querido rapaz, e eu posso, sua espada não vai te ajudar.” De repente Richard gritou e largou a espada como se ela fosse um carvão em brasa. Ele olhou para a espada enquanto esfregava a mão. “Agora, guarde isso.” Dessa vez a qualidade da voz dela estava mais para veludo sendo esfregado do modo errado.

Por debaixo das sobrancelhas dele, Richard olhou para Shota no trono dela, antes de se curvar para pegar a espada dele e enfiar de volta em sua bainha.

Um sorriso satisfeito espalhou-se nos lábios de Shota. Ela ergueu a cobra do colo e colocou de lado. Shota observou Richard por um momento mais demorado e então levantou, inclinando-se para frente o bastante no processo para oferecer aos seios dela a oportunidade de cair do delicado e decotado vestido verde variegado. Como eles não conseguiram fazer isso, Kahlan não sabia. Uma pequena garrafa com rolha saltou de seu abrigo macio entre os seios dela e balançou em uma fina corrente de prata.

O rosto de Kahlan ardeu quando Shota desceu graciosamente as três plataformas, jamais tirando os olhos de Richard. As pontas soltas do vestido esvoaçaram suavemente, como que em uma leve brisa. Mas não havia brisa alguma dentro da casa dos espíritos.

O tecido, Kahlan decidiu, era definitivamente fino demais para um vestido. Ela imaginou como ficaria dentro dele, e ficou vermelha com a imagem em sua mente.

Uma vez que estava no chão, Shota virou e arrancou a rolha da pequena garrafa. O trono todo ondulou, como algo visto através de ondas de calor. Abruptamente ele se transformou em fumaça cinzenta e rodopiou em um círculo, diminuindo seu tamanho o tempo todo, e comprimiu-se em uma fina linha que entrou dentro da pequena garrafa. Shota colocou a rolha, botou a garrafa de volta

entre os seios dela, e com um dedo, enfiou tão fundo que ela não podia mais ser vista. Kahlan deu um suspiro profundo e ruidoso.

O olhar de Shota desviou dos olhos de Richard e parou na camisa aberta dele com uma expressão que poderia ter sido de diversão.

Ou satisfação. O rosto de Richard ficou vermelho.

O sorriso de Shota aumentou. "Prazerosamente indecente." Deslizou uma de suas compridas unhas vermelhas descendo pelo peito dele até o umbigo, e então deu uma palmada suave no estômago. "Aboto e sua camisa, Richard, ou posso esquecer porque estou aqui."

O rosto dele ficou mais vermelho ainda. Propositalmente Kahlan chegou mais perto, ficando ao lado dele, quando ele começou a abotoar os botões.

"Shota," ele disse enquanto enfiava as pontas da camisa nas calças, "tenho que lhe agradecer. Você pode não saber, mas você realmente me ajudou antes. Me ajudou a descobrir."

"Era minha intenção ajudar você."

"Você não entende. Quero dizer que você me ajudou a descobrir como ficar com Kahlan. Me ajudou a descobrir como poderíamos ficar juntos. Como amá-la." Ele sorriu. "Nós vamos nos casar."

Houve um momento de gélido silêncio.

"Está certo," Kahlan falou, levantando o queixo, "nós nos amamos... e agora podemos ficar juntos... para sempre."

Ela odiava o modo como Shota fazia com que sentisse que eram necessárias explicações, e o jeito como ela mexia com eles.

O olhar intenso de Shota dirigiu-se para ela e o sorriso dela evaporou lentamente, fazendo Kahlan engolir em seco de novo.

"Suas crianças ignorantes," Shota sussurrou enquanto balançou a cabeça lentamente. "Suas crianças tolas e ignorantes."

A expressão de Richard estava se transformando em raiva. "podemos ser ignorantes, mas não somos crianças, e amamos um ao outro. E vamos nos casar. Eu tinha esperança de que você ficasse feliz por nós, Shota, uma vez que teve uma pequena participação nisso."

“O que falei para você, querido rapaz, foi que precisava matá-la.”

“Mas aquilo tudo acabou,” Kahlan protestou. O problema foi resolvido. Agora está tudo bem para nós. Está tudo bem.”

Kahlan arfou quando sentiu os pés dela serem tirados do chão. Os dois, ela e Richard foram lançados através da sala e para cima, contra a parede. O impacto tirou o ar dos pulmões dela. Pequenos pontos de luz flutuaram e dançaram diante dos olhos dela. Ela olhou para baixo, tentando clarear a visão.

Ela e Richard estavam imprensados contra a parede de tijolos de argila, cerca de três pés acima do chão. Ela mal conseguia respirar. A única coisa que conseguia mover era a cabeça. Até mesmo as roupas dela estavam sendo pressionadas. Sua capa colada na parede como ela fosse o chão. Richard estava tão indefeso quanto ela. Os dois lutaram, virando as cabeças, mas era inútil; estavam bem presos.

Shota deslizou pela sala na direção deles, os olhos dela ardentes e perigosos. Parou diante de Kahlan. “Ele não precisou matar você? E agora tudo está bem, não é mesmo, Madre Confessora?”

“Sim,” Kahlan disse com esforço, tentando soar confiante enquanto estava pendurada indefesa.

“Alguma vez já lhe ocorreu, Madre Confessora, que talvez exista razões por trás do que eu digo?”

“Sim, mas isso tudo...”

“Alguma vez já lhe ocorreu, Madre Confessora, que existe uma razão pela qual Confessoras não devam amar os companheiros delas? E talvez outra razão pela qual ele deveria ter morto você?”

Kahlan não conseguiu responder. Sua mente era um turbilhão de pensamentos frenéticos.

“Do que você está falando?” Richard perguntou.

Shota ignorou ele. “Já, Madre Confessora?”

A garganta de Kahlan estava seca, teve que engolir duas vezes antes que pudesse falar. “O que você quer dizer? Que razão?”

“Você deitou com esse homem que ama? Já fez isso, Madre Confessora?”

Foi a vez de Kahlan de ficar vermelha. “Que tipo de pergunta é essa para fazer a alguém!”

“Responda a pergunta, Madre Confessora,” Shota sibilou, “ou arrancarei sua pele agora mesmo e usarei ela para fazer alguma coisa bonita para mim. De qualquer modo, estou mesmo com vontade de fazer isso. É melhor você nem mesmo pensar em mentir para mim.”

“Eu... Nós... Não! E afinal de contas qual é o seu assunto!”

Shota chegou mais perto. Seus olhos enviaram um calafrio silencioso através de Kahlan. “Talvez seja melhor pensar duas vezes antes de fazer isso, Madre Confessora.”

“O que você quer dizer?” ela suspirou, de olhos arregalados.

Shota cruzou os braços pelos seios. A voz dela tornou-se mais ameaçadora. “Confessoras não devem amar os companheiros delas, porque se elas carregarem uma criança macho, ela tem que pedir ao marido para matar o bebê. O marido deve ter sido tomado pelo poder da Confessora, para que ele faça qualquer coisa que ela pedir.”

“Sem questionar.”

“Mas...”

Shota chegou mais perto ainda, seus olhos cheios de fúria. “Se você o ama, como poderia pedir isso a ele! Como poderia pedir a Richard para matar o filho dele? Acha que ele mataria? Você faria isso? Mataria o filho do homem que ama? Mataria, Madre Confessora?”

As palavras de Shota apunhalaram o coração e a alma de Kahlan, malmente permitindo que ela fosse capaz de sussurrar a resposta. “Não.”

Ela sentiu suas esperanças e alegrias desmoronando. Na alegria de descobrir que poderia ficar com Richard, ela não tinha pensado nem um pouco no futuro. Nas conseqüências. Nas crianças. Tinha pensado apenas em Richard e ela ficando juntos.

Shota estava gritando com ela. “E depois o quê, Madre Confessora! Vai criar ele? E vai colocar no mundo um Confessor? Um Confessor!” Ela descruzou os braços, seus punhos de articulações brancas caindo para o lados. “Você lançará o mundo nos tempos de

escuridão de novo! Nos tempos de escuridão! Por sua causa! Porque você ama esse homem! Alguma vez já pensou nisso, sua criança ignorante?”

O bolo na garganta de Kahlan ameaçou sufocá-la. Ela queria correr de Shota, mas não conseguia se mover.

“Nem todos os Confessores são daquele jeito.”

“Quase todos são! Quase todos!” Ela apontou um dedo para Richard sem olhar para ele. “Você vai arriscar o mundo, porque ama esse homem? Vai arriscar mandar todo mundo para o terror dos tempos de escuridão, só porque você desejaria, de modo egoísta, que o filho desse homem vivesse?”

“Shota,” A voz de Richard estava surpreendentemente calma. “A maioria das Confessoras carregam garotas. Você está se preocupando com algo que provavelmente não vai nem acontecer. Podemos nem mesmo ter crianças. Nem todos os casais concebem. Você está estendendo suas preocupações por um monte de ramificações na estrada.”

De repente Richard escorregou descendo pela parede, aterrissando com um grunhido. Em fúria, Shota agarrou a camisa dele e o levantou, batendo ele contra a parede, expulsando o ar de seus pulmões. “Acha que eu sou tão estúpida quanto você ? Conheço o fluxo do tempo! Sou uma feiticeira! Falei isso antes, eu sei como certos eventos fluem e se desenrolam! Se você deitar com essa mulher, ela vai ter uma criança macho! Ela é uma Confessora! Toda Confessora carrega uma criança Confessora! Sempre! Se você der a ela uma criança, será um menino!”

Ela bateu ele contra a parede de novo. Kahlan se encolheu com o som da cabeça dele batendo na parede. O comportamento de Shota era assustador, e pareceu fora e sua natureza. Ela havia impressionado Kahlan antes sendo ameaçadora ao extremo, mas também pareceu inteligente e racional. Pelo menos em uma certa medida. Agora ela pareceu diferente, instável.

Richard não tentou retirar as mãos dela, mas Kahlan podia ver que ele estava ficando furioso. “Shota...”

Ela bateu ele contra a parede outra vez. “Mantenha sua língua quieta ou cortarei ela fora!”

A raiva de Richard pareceu estar ao mesmo nível da raiva de Shota. "Você estava errada, Shota! Errada! Tem muitas maneiras para que os eventos fluam adiante no tempo. Se eu tivesse escutado você da última vez, e morto Kahlan quando você queria que eu fizesse, Darken Rahl governaria todos nós agora! E teria sido porque eu segui seu conselho estúpido! Foi através dela que eu derrotei Darken Rahl! Se eu tivesse feito como você desejava, nós teríamos perdido!"

O peito dele arfava enquanto olhava para ela. "Se você fez esse caminho todo para nos intimidar com alguma ameaça que sentiu, perdeu seu tempo. Não fiz do seu jeito da última vez, e não vou fazer agora! Não irei matá-la nem desistirei dela por causa da sua palavra! Por causa de ninguém!"

Shota olhou para ele por um momento e então tirou as mãos da camisa dele. "Eu não vim aqui por causa de alguma *ameaça* que senti no futuro," ela sussurrou. "Não vim aqui para discutir com você sobre fazer bebês com Confessoras, Richard Rahl."

Richard sacudiu com o choque. "Eu não..."

"Eu vim aqui, porque posso querer matar você pelo que fez, Richard Rahl. Que vocês dois, crianças ignorantes, queiram fazer bebês é uma pulga na costa do monstro que já criaram."

"Porque está me chamando assim?" Richard sussurrou.

Shota analisou o rosto pálido dele. "Porque é isso que você é."

"Eu sou Richard Cypher. George Cypher era meu pai."

"Você foi criado por um homem chamado Cypher. Você foi gerado por um chamado Darken Rahl. Ele estuprou sua mãe."

O rosto de Richard ficou ainda mais pálido. Kahlan sofreu por ele. Agora ela entendia, sabia que era verdade. Isso era o que tinha visto nele; tinha visto o rosto do pai dele, Darken Rahl. Ela tentou desesperadamente se libertar, para ir até ele, mas não conseguiu.

Richard balançou a cabeça. "Não. Isso não é verdade. Simplesmente não é possível."

"Verdade," Shota disparou. "Seu pai foi Darken Rahl. Seu avô é Zeddicus Zu'l Zorander."

"Zedd?" ele sussurrou. "Zedd é meu avô?" Ele endireitou o corpo. "Darken Rahl... Não, não pode ser. Não é verdade."

Ele virou e olhou para Kahlan. Viu isso no rosto dela, viu que ela sabia que era verdade. Ele virou de volta para Shota. "Zedd teria falaria para mim. Ele falaria. Não acredito em você."

"Não me importo," ela disse com um tom frio. "Não me importo em que você acredita. Eu sei a verdade." A emoção dela retornou.

"E a verdade é que você é o filho bastardo de um filho bastardo de um filho bastardo! E cada um daqueles filhos bastardos, voltando atrás todo o caminho, tinha o dom. Pior, Zedd tem o dom. Você tem o dom, mas ele vem de duas linhas sanguíneas de magos." Ela observou os olhos arregalados dele. "Você é uma pessoa muito perigosa, Richard Rahl." Pareceu que Richard poderia desmoronar. "Você tem o dom. Nesse caso, eu ficaria mais inclinada a chamar de maldição."

"Eu concordaria com você nisso," Richard sussurrou.

"Você sabe que tem o dom? Não vamos ter nenhuma discussão a respeito disso?" Richard só conseguiu assentir. "Eu não poderia me importar menos com o resto. Você é filho de Darken Rahl, e por outro lado, neto de Zeddicus Zu'l Zorander. Ele é pai de sua mãe. Se escolher ignorar a verdade disso, eu não me importo."

"Acredite se quiser. Engane a si mesmo se desejar. Não estou aqui para discutir sua ancestralidade."

Richard recuou até que a parede o deteve. Passou os dedos pelo cabelo. "Vá embora, Shota. Por favor, vá embora." Sua voz soou como se toda a vida tivesse desaparecido dele. "Não quero ouvir mais nada que você tem para dizer. Apenas vá embora. Me deixe em paz."

"Estou desapontada com você, Richard."

"Não me importo."

"Não sabia que você era tão estúpido assim."

"Não me importo."

"Pensei que George Cypher significasse alguma coisa para você. Pensei que você tivesse algum tipo de honra."

A cabeça dele levantou. "O que você quer dizer?"

"George Cypher criou você. Deu a você o tempo dele, seu amor. Ele te ensinou, se preocupou com você, cuidou de você."

“Modelou você. E você jogaria fora isso porque alguém estuprou sua mãe? É isso que é importante para você?”

Os olhos de Richard arderam com um fogo. Sua mãos começaram a subir. Kahlan pensou que ele tentaria estrangular Shota, mas então as mãos dele voltaram para os lados do corpo. “Mas... se Darken Rahl é meu pai...”

Shota jogou os braços dela para o ar. “O quê? De repente você vai começar a agir como ele? Vai começar espontaneamente a fazer coisas vis porque agora você sabe? Tem medo de que vá sair e matar pessoas inocentes porque aprendeu que seu verdadeiro pai é Darken Rahl? Vai ignorar as coisas que aprendeu com George Cypher porque descobre que seu nome é Rahl? E você chama a si mesmo de Seeker. Estou desapontada com você, Richard. Pensei que fosse você mesmo. Não o reflexo das impressões dos outros de seus ancestrais.”

Richard ficou de cabeça baixa enquanto Shota fazia cara de raiva e observava ele em silêncio. Finalmente ele deu um suspiro profundo.

“Sinto muito, Shota. Obrigado por não deixar que eu seja mais estúpido do que já sou.” Os olhos dele estavam úmidos quando virou para Kahlan. “Por favor, Shota, solte ela.”

Kahlan sentiu a pressão subir, e ela deslizou descendo pela parede, suas botas bateram no chão. O olhar que Shota lançou para ela fez com que ficasse onde estava, mesmo que ela desejasse correr até Richard. Ele ficou olhando para os pés.

Shota colocou os dedos debaixo do queixo dele e levantou a cabeça dele. “Você deveria ficar feliz; seu pai não era feio.”

“Alguns de seus traços são a única coisa dele que você tem. Isso, e um pouco do temperamento dele. E o dom.”

Richard afastou o queixo dos dedos dela. “O dom. Não quero o dom. Não quero nada que tenha relação com isso. Não chamaria de um dom nada que ganhei de Darken Rahl. Eu odeio isso! Odeio magia!”

“Isso também vem de Zedd,” Shota falou com surpreendente compaixão. “De ambos os lados. É desse jeito que você ganha o dom; ele é passado adiante, às vezes pulando alguém, ou até

mesmo muitas gerações. Às vezes não. Você recebeu isso de ambos os lados. Em você, é mais do que uma simples dimensão. É uma mistura muito perigosa.”

“Passado adiante. Como qualquer outra deformidade.”

Com um olhar de desprezo, Shota agarrou o rosto dele em seus dedos longos. “Lembre disso antes de deitar com ela. De Kahlan, o garoto seria um Confessor. De você - ele teria o dom. Consegue entender o perigo disso? Consegue imaginar um Confessor com o dom? Um Confessor? Duvido que consiga. Deveria ter acabado com ela quando eu falei, sua criança ignorante, antes que descobrisse um jeito de ficar com ela. Deveria ter acabado com ela.”

Richard olhou para ela. “Já ouvi o bastante dessa conversa. Não pretendo ouvir mais nada. Já disse antes; foi através de Kahlan que eu derrotei Darken Rahl. Se eu tivesse acabado com ela, ele teria vencido. Espero que não tenha desperdiçado sua viagem até aqui apenas para repetir essa besteira.”

“Não,” Shota disse tranquilamente. “Nenhuma dessas coisas tem importância. Não é por isso que estou aqui. Eu vim por causa do que você fez, não por causa do que poderá fazer algum dia. O que você já fez, Richard, é pior do que qualquer coisa que você poderia fazer com essa mulher. Nenhum monstro que você conceber com ela poderia se igualar ao monstro que você já criou.”

Richard franziu o rosto. “Eu impedi que Darken Rahl governasse o mundo. Eu matei ele. Não criei nenhum monstro.”

Ela balançou a cabeça lentamente. A Magia de Orden matou ele. Eu falei para você; ele não deveria abrir uma caixa. Você não matou ele, deixou ele abrir uma das caixas de Orden. A Magia de Orden o matou. Você deveria matar ele antes que abrisse uma das caixas.”

“Eu não consegui! Aquele foi o único jeito! Não havia outra maneira de matar ele! E de qualquer modo, que diferença isso faz? Ele está morto!”

“Teria sido melhor se tivesse deixado ele vencer do que deixar ele abrir a caixa errada.”

“Você está louca! O que poderia ser pior do que Darken Rahl ganhar o poder da Magia de Orden e governar o mundo sem oposição!”

A sobrançelha dela levantou. “O Guardiã,” ela sussurrou. “Teria sido melhor deixar Darken Rahl nos governar, ou nos decapitar, ou até mesmo nos torturar até a morte, do que aquilo que você permitiu que acontecesse.”

“Do que você está falando?”

O Guardiã do submundo fica preso em seu lugar, afastado do mundo dos vivos, pelo véu. O véu mantém ele e os seus servos. Mantém o submundo afastado. Ele afasta os mortos dos vivos. O que você fez despedaçou esse véu. Alguns dos assassinos do Guardiã já foram soltos.”

“Os screeelings...” Richard sussurrou.

Shota assentiu. “Sim. Ao libertar a Magia de Orden, você permitiu que de algum modo sua magia rasgasse o véu para o submundo. Se ele rasgar o bastante, o Guardiã estará livre. Você não pode nem imaginar o que isso significa.”

Shota levantou o Agiel no pescoço dele. “Vai fazer o que fizeram a você com isso parecer o beijo de uma amante comparado com o que ele vai fazer. Para todos. Teria sido melhor ter deixado Darken Rahl vencer, do que ter permitido isso acontecer. Você condenou todos a um destino além do horror.”

Ela segurou o Agiel. “Eu deveria matá-lo pelo que fez. Deveria fazer você sofrer de forma indescritível em palavras. Tem alguma idéia do quanto o Guardiã gostaria de colocar os olhos sobre alguém com o dom? Tem alguma idéia do quanto ele quer aqueles que possuem o dom? Ou o quanto ele quer mulheres bruxas?”

Kahlan viu lágrimas rolares pelo rosto de Shota. Com um fluxo de compreensão que enviou um onda gelada de pânico através dela, Kahlan percebeu que Shota não estava com raiva. Estava com medo.

Era por isso que ela estava aqui: não porque estava com raiva por Kahlan estar viva, ou por eles terem uma criança.

Estava aqui porque estava aterrorizada. A idéia de Shota, uma feiticeira, estar com medo era pior do que qualquer coisa que sua mente pudesse conceber.

Richard olhou para ela, seus olhos arregalados. "Mas... deve haver alguma coisa que possamos fazer, alguma maneira de impedir isso."

"Nós?" ela gritou, enfiando o dedo no peito dele. "Você! Só você, Richard Rahl! Só você! Só você pode consertar isso!"

"Eu! Porque eu?"

"Não sei," ela gritou através dos dentes cerrados. "Mas você é o único com o poder." Ela bateu com o punho no peito dele. "Você!" Ela ficou batendo no peito dele enquanto ele permaneceu ali parado. "Você é o único que tem uma chance! Não sei porque, mas só você pode consertar. Só você pode reparar o rasgo no véu." Agora Shota estava chorando. "Só você, sua criança estúpida e tola."

Kahlan estava impressionada com a magnitude do que estava acontecendo. A idéia do Guardiã ficar solto era além da compreensão. Os mortos no mundo dos vivos; ela não conseguia imaginar esse horror, mas ver o medo de Shota colocava uma dimensão ao terror.

"Shota... não sei nada sobre isso. Não tenho a mínima idéia de como.

Shota ainda estava batendo no peito dele enquanto chorava. "Você deve. Deve encontrar um jeito. Não tem idéia do que o Guardiã faria comigo, o que ele faria com uma feiticeira. Se não fizer isso por mim, faça por você mesmo. Ele não seria menos terrível com você do que seria comigo. E se não fizer por você mesmo, faça por Kahlan. Ele faria com que ela enfrentasse uma eternidade de dor apenas pelo fato de você amá-la. Faria isso com só para que fosse pior ainda para você."

"Todos nós seremos mantidos na extremidade entre a vida e a morte por toda a eternidade, nos contorcendo em agonia." Agora ela estava chorando incontrolavelmente. "Nossas almas serão arrancadas de nós... Ele ficará com nossas almas... para sempre."

Shota bateu no peito de Richard de novo. Ele colocou os braços em volta dela e puxou-a contra ele, confortando-a enquanto ela chorava. "Para sempre, Richard. Mentas sem almas aprisionadas pelos mortos. Uma eternidade de tormento. Você é estúpido demais

até mesmo para compreender. Jamais conseguiria imaginar o horror disso, até que aconteça.”

Kahlan ficou perto de Richard, colocando sua mão de modo tranquilizador no ombro dele. Não sentiu raiva alguma ao ver ele confortar Shota. Podia ver o quanto a feiticeira estava aterrorizada. Kahlan não podia compartilhar o mesmo nível de terror, porque não sabia a coisas que Shota sabia. Mas de certa maneira, ver a reação de Shota era saber o bastante.

“Screelings entraram em Reach,” ela gritou.

Richard olhou para ela. “Screelings! Em Agaden Reach?”

“Screelings, e um mago. Um mago particularmente detestável. Samuel e eu escapamos com pouco mais do que nossas vidas.”

“Um mago!” Com as mãos nos ombros dela, Richard afastou-a. “O que quer dizer com um mago? Não existe nenhum outro mago.”

“Tem um em Reach. Os Screelings e o mago estão em Agaden Reach agora. Estão em minha casa.”

“Minha casa!”

Kahlan não conseguiu conter a língua. “Shota, tem certeza de que era um mago? Poderia ser alguém fingindo ser um mago? Não tem mais nenhum mago. A não ser Zedd. Todos estão mortos.”

Shota franziu o rosto cheio de lágrimas. “Você acha que alguém poderia me enganar a respeito de possuir magia? Conheço um mago quando vejo um, e conheço um mago com o dom. Eu conheço o fogo do mago. Esse é um mago com o dom, jovem, mas ele é. Não sei de onde ele veio, ou porque ninguém sabia a respeito dele. Mas ele estava com screelings. Screelings!”

“Isso só pode significar uma coisa. Esse mago se entregou ao Guardiã. Ele está obedecendo as ordens do Guardiã. Está trabalhando para rasgar o restante do véu para o Guardiã. Significa que o Guardiã tem agentes nesse mundo. Provavelmente Darken Rahl era um deles. Era por isso que ele era capaz de usar Magia Subtrativa.”

Shota virou para Richard. “Que o Guardiã esteja usando magos significa que deve ser necessário um mago para rasgar o véu.”

“Você tem o dom. Você é um mago. Um mago estúpido, mas um mago apesar de tudo. Não sei porque, mas você é o único que tem uma chance de fechar a ruptura.”

Richard enxugou uma lágrima do rosto de Shota. “O que você vai fazer?”

O fogo retornou aos olhos de Shota. Seus dentes cerraram. “Voltarei para Reach. Vou pegar de volta minha casa.”

“Mas eles expulsaram você.”

“Eles me pegaram de surpresa,” ela disparou. “Só vim aqui para dizer o quanto você é estúpido. E que deve fazer alguma coisa a respeito. Você deve fechar a ruptura, ou estamos todos...”

Shota virou as costas para eles. “Estou voltando para Reach. O Guardiã vai soltar seu agente. Vou arrancar o dom dele. Você sabe como remover o dom de um mago?”

“Não.” Richard pareceu interessado. “Não sabia que isso poderia ser feito.”

“Oh, sim, pode ser feito.” Ela virou e arqueou uma sobrancelha. “Se você arrancar a pele deles, a magia sangra deles. Esse é o único modo de remover o dom de um mago. Vou pendurar ele pelos dedos, e então vou arrancar a pele dele, com ele vivo. De cada pedaço dele. Então usarei a pele dele para cobrir meu trono.”

“Então sentarei em meu trono, sobre a pele dele, e verei ele gritar até a morte enquanto a magia sangra dele.” Ela cerrou o punho. “Ou vou morrer tentando.”

“Shota, preciso de ajuda. Não sei nada sobre essa coisa toda.”

Shota observou flexionando os punhos. Finalmente suas mãos relaxaram e abriram. “Não há nada que eu possa dizer que o ajude.”

“Você quer dizer que tem alguma coisa que pode me dizer, mas isso não vai ajudar.” Shota assentiu. Richard suspirou. “O que é?”

Ela cruzou os braços sobre o estômago. Seus olhos ficaram úmidos novamente. “Você ficará preso no tempo. Não pergunte o que isso significa, porque eu não sei. Não terá chance alguma de fechar o véu a não ser que escape da armadilha. Ela o manterá trancado, e o Guardiã escapará a não ser que você consiga se

libertar. A não ser que aprenda algo sobre o dom, você não tem chance alguma de fazer essas duas coisas.”

Richard caminhou até a parte mais distante da sala. Ficou de costas para elas, uma das mãos no quadril, a outra passando pelo cabelo. Kahlan não olhou para Shota. Não queria encarar o olhar da feiticeira se não tivesse que fazê-lo.

“Tem mais alguma coisa?” Richard falou por cima do ombro. “Qualquer coisa que possa me dizer? Qualquer coisa?”

“Não. E acredite, se houvesse eu estaria mais do que ansiosa para oferecer. Não quero encontrar com o Guardiã.”

Richard pensou por um tempo. Finalmente, ele voltou e ficou diante de Shota. “Estou com dores de cabeça. Terríveis dores de cabeça.”

Shota assentiu. “O dom.”

“Três mulheres vieram. Elas chamam a si mesmas de as Irmãs da Luz. Disseram que eu tenho que ir com elas para aprender a usar o dom, ou as dores de cabeça vão me matar.” Richard estudou o rosto dela. “O que você sabe sobre elas?”

“Eu sou uma feiticeira. Não sei muito sobre magos. Mas as Irmãs da Luz tem alguma coisa a ver com magos. Com o treinamento deles. Isso é tudo que sei. Nem mesmo sei de onde elas são. Elas aparecem uma vez após muito tempo, quando descobrem que alguém nasceu com o dom.”

“E se eu não for com elas? Eu morrerei, como elas dizem?”

“Se não aprender a controlar o dom, as dores de cabeça vão matá-lo. Isso eu sei.”

“Mas elas são o único jeito?”

Shota encolheu os ombros. “Não sei. Mas sei que você deve aprender a usar o dom, ou não escapará da armadilha, ou não será capaz de fechar o véu - ou nem mesmo sobreviverá com as dores de cabeça.”

“Então está dizendo que acha que eu deveria ir?”

“Não. Eu disse que deve aprender a usar o dom. Pode haver outro jeito.”

“Que jeito?”

“Não sei, Richard. Nem mesmo sei se há outro jeito. Sinto muito, mas não posso ajudar nisso. Simplesmente não sei. Apenas uma tola daria conselho em algo que não entende. Não posso dar nenhum conselho sobre isso.”

“Shota,” Richard implorou, “Estou perdido. Não sei o que fazer. Não entendo nada disso, as Irmãs, o dom, ou o Guardiã. Não tem nada que possa me dizer para me ajudar?”

“Eu disse tudo que sei. Me sinto tão perdida quanto você. Pior. Não tenho habilidade alguma de influenciar no que vai acontecer. Pelo menos você tem isso. Mesmo que a chance seja fraca.” Os olhos de Shota brilharam. “Eu temo que olharei dentro dos olhos mortos do Guardiã. Para sempre. Não consegui dormir desde que descobri essas coisas. Se eu soubesse qualquer coisa, eu ajudaria. Simplesmente não sei nada sobre o mundo dos mortos. Isso ainda não é algo que os vivos já tenham encarado.”

Richard ficou olhando para o chão. “Shota,” ele sussurrou. “Não tenho a mínima idéia do que fazer. Estou com medo. Estou com muito medo.”

Ela assentiu. “Eu também.” Ela se esticou e tocou no rosto dele. “Adeus, Richard Rahl. Não lute contra o que você é. Use isso.” Ela virou para Kahlan. “Não sei se você pode ajudar ele, mas se houver um jeito, sei que vai fazer o melhor que puder.”

Kahlan assentiu. “Isso eu farei, Shota. Espero que consiga sua casa de volta.”

Shota deu um leve sorriso para ela. “Obrigada, Madre Confessora.”

Ela virou e deslizou até a porta, seu vestido fino flutuando. Abriu a porta. Samuel estava esperando do outro lado, seus olhos amarelos brilhando. Shota parou na porta e ficou rígida.

“Richard, se de alguma forma acontecer de você conseguir fechar o véu, e me salvar do Guardiã, salvar a todos do Guardiã, ficarei eternamente grata a você.”

“Obrigado, Shota.”

Ela ainda estava de costas para eles. “Mas saiba disso: se você der uma criança para a Madre Confessora, será um menino. Será um Confessor. Nenhum de vocês terá a força para matá-lo, mesmo que

saibam das conseqüências.” Ela fez uma pausa. “Minha mão viveu nos tempos de escuridão.” A voz dela pareceu gelo. “Eu tenho a força. E, usarei ela. Vocês tem minha palavra nisso. Mas saibam que não será nada pessoal.”

A dor fechou rangendo atrás dela. De repente a casa dos espíritos pareceu vazia. Muito quieta.

Kahlan sentiu-se entorpecida. Ela olhou para as mãos. Estavam tremendo. Queria que Richard lhe desse um abraço, mas ele não fez isso. Ele estava olhando para a porta. Seu rosto estava branco como neve.

“Não acredito nisso,” ele sussurrou. Ele ainda olhava para a porta. “Como isso pode estar acontecendo? Estou sonhando tudo isso?”

Kahlan sentiu como se os seus joelhos estivessem prestes a dobrar. “Richard, o que vamos fazer?”

Richard virou para ela, seus olhos distantes. Estavam cheios de lágrimas. “Isso tem que ser um pesadelo.”

“Se for, eu estou tendo o mesmo. Richard, o que vamos fazer?”

“Porque todo mundo me pergunta isso? Porque todo mundo sempre pergunta para mim? O que faz todos pensarem que eu sou aquele que sabe?”

Kahlan ficou inexpressiva, tentando fazer a mente trabalhar.

Parecia que ela conseguia formar um pensamento coerente. “Porque você é Richard. Você é o Seeker.”

“Não sei nada sobre o submundo, o Guardiã. O mundo dos mortos.”

“Shota diz que ninguém vivo sabe.”

Richard pareceu sair de seu estado distante. Repentinamente ele agarrou os ombros dela. “Então devemos perguntar aos mortos.”

“O quê?”

“Os espíritos dos ancestrais são mortos. Podemos falar com eles. Posso pedir uma reunião e fazer perguntas para eles. Podemos aprender com eles. Talvez possamos descobrir como fechar o véu. Talvez eu consiga descobrir como para as dores de cabeça, como usar o dom.” Ele segurou o braço dela. “Vamos lá.”

Kahlan quase sorriu. Ele realmente era o Seeker. Richard puxou-a através das passagens, correndo quando eles podiam ver bem o bastante. Nuvens esconderam a lua e estava escuro entre as casas. O ar era como gelo no rosto dela, fazendo lágrimas descenderem do canto dos olhos dela.

Quando eles chegaram em campo aberto, havia luz. Tochas iluminavam as pessoas reunidas ali. Eles ainda estavam amontoados com caçadores protegendo todos; eles não sabiam que a feiticeira tinha ido embora. A vila toda observou em silêncio enquanto os dois cruzavam o terreno, os caçadores abriram caminho para eles quando se aproximaram do Homem Pássaro e dos outros seis anciãos. Chandalen estava ao lado deles.

"Todos estão seguros," Kahlan acalmou eles. "A feiticeira foi embora."

Houve um suspiro de alívio coletivo. Chandalen bateu a parte inferior da lança no chão. "Mais uma vez vocês trazem problema!"

Richard o ignorou e pediu que ela traduzisse. Ele se aproximou dos anciãos e deixou o seu olhar pousar sobre o Homem Pássaro. "Honrado ancião. A feiticeira não estava aqui para ferir ninguém. Estava aqui para me avisar sobre um grande perigo."

"Você diz," Chandalen disparou. "Não sabemos se isso é verdade."

Kahlan sabia que Richard estava se esforçando para permanecer calmo. "Duvida que se ela quisesse enviar você para o mundo dos espíritos, ela poderia ter feito?" Chandalen respondeu apenas com um olhar. O Homem Pássaro lançou para Chandalen um olhar que pareceu fazer com que ele encolhesse algumas polegadas. Olhou para Richard. "Que perigo?"

"Ela diz que estamos sob o perigo de que os mortos invadam o mundo dos vivos."

"Eles não podem entrar no mundo dos vivos. O véu mantém eles afastados."

"Você sabe sobre o véu?"

"Sim. Cada nível dos mortos, o submundo, como você chama, está selado com um véu. Quando nós fazemos uma reunião,

convidamos os espíritos dos nossos ancestrais para nos visitar, e eles conseguem atravessar o véu por algum tempo.”

Richard estudou o rosto do homem pássaro por um momento. “O que mais você pode me falar sobre o véu?”

O outro encolheu os ombros. “Nada. Sabemos só o que os espíritos de nossos ancestrais falaram para nós: que eles devem passar através dele para vir até nós quando chamamos, e que ele os afasta o resto do tempo. Eles dizem que tem muitos níveis do submundo, os mortos, e que eles estão no nível mais alto, e então eles podem vir. Aqueles que não são honrados estão em níveis menores, e não podem vir. Os espíritos deles estão presos para sempre.”

Richard encarou os olhos de todos os anciãos. “O véu está rasgado. Se ele não for selado novamente, o mundo dos mortos irá engolir todos nós.” Suspiros se espalharam pelo povo reunido. Sussurros temerosos irromperam. O olhar de Richard voltou para o Homem Pássaro. “Por favor, honrado ancião, eu peço uma reunião. Tenho que conseguir ajuda dos espíritos dos nossos ancestrais. Devo encontrar um jeito de selar o véu antes que o Guardião dos mortos escape. Os espíritos dos ancestrais devem ser capazes de ajudar. Tenho que saber se eles podem ajudar.”

Chandalen bateu sua lança. “Mentiras! Você traz para nós as mentiras de uma feiticeira. Não devemos chamar os honrados espíritos de nossos ancestrais por causa das palavras de uma feiticeira! Os espíritos de nossos ancestrais são chamados apenas para o nosso povo, não uma feiticeira! Eles vão matar todo nosso povo por essa blasfêmia!”

Richard olhou para ele. “Eles não estão sendo chamados para uma feiticeira. Sou eu quem faz o pedido, e eu faço parte do Povo da Lama. Eu peço a reunião para me ajudar a evitar que nosso povo seja ferido.”

“Você traz a morte para nós. Você traz estranhos. Você traz a feiticeira. Você só quer ajudar você mesmo. Como esse véu foi rasgado?”

Richard desabotoou sua manga e puxou-a subindo no braço. Puxou lentamente a Espada da Verdade. Encarando o olhar de

Chandalen, ele passou a espada pelo antebraço, virando-a para esfregar os dois lados no sangue. Ele enterrou a ponta no chão e repousou as duas mãos sobre o punho da espada.

“Kahlan, quero que você traduza uma coisa. Não deixe de fora nenhuma simples palavra.” Richard olhou de novo para Chandalen. A voz dele estava calma, quase gentil, mas seus olhos brilhavam com um objetivo letal. “Chandalen, se eu escutar mais uma palavra de você esta noite, mesmo que seja para concordar comigo e oferecer sua ajuda, vou te matar. Algumas das coisas que a feiticeira disse me deixaram com a vontade de matar. Se me der qualquer outra razão - será você quem eu matarei.”

Os olhos de todos os anciãos ficaram arregalados. Chandalen abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ao ver o olhar no rosto de Richard, fechou a boca e cruzou os braços. Seu olhar era feroz, mas não era páreo para o de Richard.

Finalmente ele olhou para o chão.

Richard falou de novo com o Homem Pássaro. “Honrado ancião, você conhece meu coração. Sabe que eu não faria nada para ferir nosso povo. Não pediria isso se não fosse importante, ou se eu tivesse qualquer outra escolha. Por favor, posso ter uma reunião para que eu possa perguntar aos espíritos dos nossos ancestrais como posso impedir essa ameaça para nosso povo?”

O Homem Pássaro virou para os outros anciãos. Cada um deles assentiu. Kahlan sabia que eles concordariam; era apenas uma formalidade. Savidlin era amigo deles, e os outros já haviam lidado com Richard antes; não havia nenhum deles que desejasse desafiá-lo. A verdadeira decisão era do Homem Pássaro. Ele observou cada ancião balançar a cabeça, e então virou para Richard.

“Isso é coisa ruim. Não gosto de chamar os ancestrais para perguntar sobre o mundo deles. É com o nosso mundo que eles vem nos ajudar. Eles podem ficar descontentes. Podem ficar com raiva. Podem dizer não.” Ele observou Richard por um momento. “Mas conheço seu coração. Sei que é um salvador para nosso povo, e não pediria se tivesse outra escolha.” Ele colocou uma firme mão no ombro de Richard. Concedido.”

Kahlan suspirou de alívio. Richard mostrou seu agradecimento. Kahlan sabia que ele não estava ansioso para encontrar novamente com os espíritos ancestrais. A última vez tinha sido devastadora para ele.

De repente, houve uma agitação de uma sombra no ar. Kahlan levantou as mãos para se proteger. Richard foi empurrado um passo para trás quando algo atingiu ele na cabeça. Pessoas gritaram no meio da confusão. Uma forma escura bateu no chão entre Richard e o Homem Pássaro. Richard endireitou o corpo, colocando os dedos na cabeça.

Sangue desceu pela sua testa.

O Homem Pássaro se agachou sobre uma forma escura, e então levantou. Ele estava com uma coruja morta em suas mãos. A cabeça flácida pendurada para um lado. As asas abriram. Todos os anciãos olharam uns para os outros.

O rosto de Chandalen franziu mais ainda, mas ele não disse nada.

Richard inspecionou o sangue nos seus dedos. "Porque diabos uma coruja bateria em mim desse jeito? E o que foi que matou ela?"

O Homem Pássaro alisou suavemente as penas da ave morta. "Pássaros vivem no ar, um nível diferente do nosso. Eles vivem em dois níveis - terra e ar. Eles podem viajar entre o nível deles e o nosso. Pássaros estão fortemente conectados com o mundo espiritual. Com os espíritos. As corujas mais do que a maioria dos pássaros. Elas enxergam durante a noite, onde nós ficamos cegos, justamente como ficamos cegos para o mundo espiritual. Eu sou um guia espiritual para o meu povo. Só um Homem Pássaro pode ser um guia espiritual, porque ele pode entender coisas assim."

Ele segurou o pássaro morto um pouco mais alto. "Isso é um aviso. Eu nunca tinha visto uma coruja trazendo uma mensagem espiritual. Essa ave deu sua vida para avisar você. Richard, por favor reconsidere seu pedido para uma reunião.

Esse aviso significa que a reunião vai ser perigosa, bastante perigosa para que os espíritos enviem essa mensagem."

Richard olhou do rosto do Homem Pássaro para a coruja. Ele se esticou e acariciou suas penas. Ninguém emitiu som algum.

“Perigosa para mim, ou para os anciãos?”

“Para você. Você é quem está chamando para a reunião. A coruja trouxe a mensagem para você. O aviso foi para você.” Ele olhou para a testa de Richard. “Um aviso de sangue. Um dos piores tipos. A única coisa pior do que uma coruja, teria sido se um corvo tivesse trazido a mensagem. Isso significaria morte certa.”

Richard retirou a mão e esfregou os dedos na camisa. Olhou para a coruja morta. “Eu não tenho escolha,” ele sussurrou. “Se eu não fizer alguma coisa, o véu será destruído, e o Guardião dos mortos escapará. Nosso povo, todos, serão mergulhados no mundo dos mortos. Tenho que aprender como impedir isso. Tenho que tentar.”

O Homem Pássaro assentiu. “Como quiser. Vai levar três dias para preparar.” Richard levantou o olhar. “Antes você fez em dois dias. Não podemos desperdiçar tempo algum,”

O ancião respirou profundamente e suspirou. “Dois dias.”

“Obrigado, honrado ancião.” Richard virou para ela, seus olhos estavam cheios de dor. “Kahlan, por favor, ache Nissel, e traga ela? Eu vou para a casa dos espíritos. Peça a ela para trazer alguma coisa mais forte?”

Ela apertou o braço dele. “É claro. Vou correndo.”

Richard balançou a cabeça. Arrancou sua espada do chão e saiu caminhando dentro da escuridão.

CAPÍTULO 13



Causa da morte. Ela olhou para cima pensativa, pressionando a ponta arredondada da pena lisa com punho de madeira no lábio inferior. O pequeno quarto modesto estava fracamente iluminado por velas colocadas entre, e em cima de pilhas desarrumadas de papel sobre a mesa dela. Pergaminhos estavam pendurados precariamente em pilhas entre livros gordos. A escura pátina da mesa só era visível em uma pequena área na frente dela, emoldurando o relatório que esperava.

Estranhos objetos de magia estavam espremidos juntando poeira nas prateleiras atrás dela. A equipe de limpeza sempre presente e diligente não tinha permissão de tocar neles, e então a tarefa de remover a poeira deles era deixada para ela, mas nunca havia tempo suficiente, ou vontade. Além disso, eles pareciam menos importantes para os olhos curiosos quando estavam cobertos com uma máscara de poeira.

Pesadas cortinas estavam destacadas contra a noite. O único sinal de cor no quarto era um dos tapetes azul e amarelo locais que ela havia colocado do outro lado da mesa. Os visitantes geralmente passavam o tempo no escritório dela olhando para ele.

Causa da morte. Relatórios eram uma chatice. Ela suspirou. Mas uma chatice necessária. Ao menos, nesse momento. O Palácio dos Profetas exigia resmas de relatórios. Havia Irmãs que passavam todas as suas vidas nas bibliotecas, catalogando relatórios, cuidando deles, mantendo registro de cada palavra inútil que achavam que algum dia poderia ser importante.

Bem, não havia nada a não ser pensar em uma causa da morte adequada. A verdade nunca serviria. As Irmãs dela precisariam ter

uma explicação satisfatória para a causa da morte. Elas davam alto valor para aqueles que tinham o dom. Tolas.

Acidente de treinamento? Ela sorriu. Sim, um acidente de treinamento. Não tinha usado aquela em muitos anos. Franziu os lábios enquanto mergulhava a caneta no vidro de tinta e começou a escrever. A causa da morte foi um acidente de treinamento com o Rada'Han. Um galho, como sempre avisei para as outras Irmãs, não importa o quão jovem e delicado, quebrará se for curvado demais.

Quem poderia questionar? Deixe que elas imaginem onde estava a falha entre elas. Isso impediria que cavassem fundo demais, para que a culpa não caísse sobre eles. Enquanto ela riscava o papel, houve uma leve batida na porta.

"Um momento, por favor." Ela encostou a ponta da carta do garoto na chama da vela e, quando estava quase consumida, jogou na lareira fria. O selo partido derreteu formando uma poça vermelha. Ele não escreveria mais nenhuma carta. "Entre."

A pesada porta com o topo arredondado abriu o bastante para deixar passar uma cabeça.

"Irmã, sou eu," surgiu um sussurro vindo da sombra.

"Não fique parado aí como uma noviça, entre e feche a porta."

A mulher entrou, fechando a porta suavemente, depois de colocar a cabeça para o lado de fora para checar o corredor. Ela não olhou para o carpete. "Irmã..."

Com um dedo sobre os lábios, e um olhar furioso, ela foi silenciada. "Sem nomes quando estivermos sozinhas. Eu já falei."

A outra olhou para as paredes, como se esperasse que alguém saltasse delas. "Mas certamente você protegeu a sua sala."

"É claro que ela está protegida. Mas sempre é possível que a brisa pudesse levar palavras para os ouvidos certos. Se alguma vez acontecesse aquilo, não iríamos querer nossos nomes levados junto com as palavras, não é mesmo?"

Os olhos da outra deslizaram pelas paredes novamente. "Claro que não. Claro que você está certa." Ela esfregou as mãos. "Um dia isso não será necessário. Odeio termos que ficar escondidas. Um dia poderemos..."

"O que você descobriu?"

Ela observou enquanto a mulher esticava o vestido nos quadris e então colocou os dedos na mesa, inclinando-se um pouco. Seus olhos tinham uma intensidade feroz. Eram olhos estranhos, pálidos, azul claros, com manchas escuras violeta.

Ela sempre achou difícil não ficar olhando para aqueles olhos.

Ela se inclinou chegando mais perto, e sussurrou. "Encontraram ele."

"Você viu o livro?"

Ela assentiu lentamente. "Eu vi. Na hora do jantar. Esperei até que os outros estivessem no jantar." Ela mostrou um olhar surpreso.

"Ele recusou a primeira oferta."

Ela bateu a mão na mesa. "O quê! Você tem certeza?"

"Foi isso que o livro disse. E não apenas isso, tinha mais. Ele está crescendo. É um homem crescendo."

"Crescido!" Ela soltou um pesado suspiro enquanto observava a Irmã parada diante dela. "Qual foi a Irmã?"

"Que diferença faz? Todas elas são nossas."

"Não, elas não eram. Não consegui enviar três das nossas. Apenas duas. Uma é uma Irmã da Luz."

Os olhos da outra arregalaram. "Como você deixou isso acontecer? Alguma coisa tão importante como isso..."

Ela bateu a mão na mesa de novo. "Silêncio!"

A outra endireitou o corpo, entrelaçando os dedos. Um pequeno beijo surgiu no rosto dela. "Foi a Irmã Grace."

Ela fechou os olhos e encostou-se na cadeira. "Irmã Grace era uma das nossas," ela sussurrou.

A outra se inclinou por cima da mesa novamente. "Então, apenas uma das duas que restaram é nossa. Quem é? Irmã Elizabeth, ou Irmã Verna?"

"Isso você não deve saber."

"Porque não? Odeio nunca saber. Odeio não saber se a Irmã com quem estou falando é uma Irmã da Luz, ou uma de nós, uma Irmã do Escuro..."

Ela bateu a mão na mesa e cerrou os dentes. "Nunca mais diga isso em voz alta de novo," ela sibilou, "ou mandarei você para o Sem Nome em pedaços."

Dessa vez a outra olhou para o tapete no chão quando seu rosto empalideceu. "Perdoe-me," ela sussurrou.

"Não existe uma Irmã da Luz viva que acredite que somos algo mais do que um mito. Se esse nome algum dia chegar aos ouvidos delas, poderiam começar a imaginar. Esse nome não deve ser dito em voz alta por você nunca, nunca! Se as Irmãs descobrissem você, ou a quem você serve, elas colocariam um Rada'Han em volta do seu pescoço antes que você tivesse chance de gritar."

As mãos da outra seguiram para a garganta quando ela soltou um pequeno suspiro. "Mas eu..."

"Você arrancaria seus próprios olhos, com medo de ver elas virem questionar você todos os dias. É por isso que você não deve saber os nomes das outras: assim não pode entregá-las. É por isso que elas não sabem o seu nome: assim elas não podem entregar você. Isso é para proteger nós todas, assim podemos servir. O único nome que você sabe é o meu."

"Mas Irmã... eu arrancaria minha própria língua antes de entregar o seu nome para elas."

"Pode dizer isso agora. Mas se tivesse um Rada'Han no seu pescoço, estaria implorando para me entregar só para que tirassem ele... E não é o meu perdão que importa. Se você falhar conosco, o Sem Nome não vai perdoar."

"Quando encarar os olhos dele, vai fazer seja lá o que for que pudesse ter sido feito a você com o Rada'Han enquanto estava viva parecer uma agradável hora do chá."

"Mas eu sirvo... Estou comprometida... Eu fiz o juramento."

Aqueles que servem bem serão recompensados quando o Sem Nome estiver livre do véu. Aqueles que falham com ele, ou lutam com ele, terão uma eternidade para se arrepender do seu erro."

"É claro, Irmã." Agora ela estava olhando fixamente para o tapete. "Eu vivo apenas para servir." Cruzou os dedos de novo. "Não vou falhar com nosso Mestre. Pelo meu juramento."

"Pela sua alma."

Os desafiadores olhos manchados de violeta levantaram. "Eu fiz meu juramento."

Ela assentiu enquanto inclinava para trás encostando na cadeira. "Assim como nós todas, Irmã. Assim como nós todas." Ela observou os olhos da outra por um momento. "O livro disse mais alguma coisa?"

"Não tive tempo de procurar detalhadamente, mas peguei algumas outras coisas. Ele está com a Madre Confessora. Ele está prometido como companheiro dela."

Ela franziu o rosto. "A Madre Confessora." Ela balançou a mão. "Isso não é problema. O que mais."

"Ele é o Seeker."

Ela bateu a mão na mesa. "Maldita seja a Luz!" Ela soltou um suspiro. "O Seeker. Bem, podemos lidar com isso. Mais alguma coisa?"

A outra assentiu lentamente, chegando mais perto. "Ele é forte, e crescido, apenas dois dias depois que ele disparou o dom as dores de cabeça o deixaram inconsciente."

Ela levantou lentamente da cadeira. Dessa vez foram os olhos dela que ficaram arregalados. "Dois dias," ela sussurrou. "Tem certeza? Dois dias?"

A outra encolheu os ombros. "Só estou falando o que o livro disse. Tenho certeza do que ele disse. Não tenho certeza se é verdade. Não imagino como poderia ser."

Ela afundou na cadeira. "Dois dias." Ficou olhando para a mesa dela. "Quanto mais cedo colocarmos um Rada'Han no pescoço dele, melhor."

"Até mesmo as Irmãs da Luz concordariam com você a respeito disso. Havia uma mensagem enviada de volta. Da Prelada."

Ela levantou uma sobrancelha. "A Prelada em pessoa enviou ordens?"

A outra assentiu. "Sim." Respirando pesado, ela completou, "Gostaria de saber se ela estava conosco, ou contra nós."

Ela ignorou o comentário. "O que ela disse?"

"Que se ele recusar a terceira oferta, a própria Irmã Verna deve matá-lo. Você já ouviu uma ordem desse tipo? Se ele realmente for tão forte, e recusar na terceira vez, ele estaria morto

em poucas semanas de qualquer modo. Porque ela daria uma ordem assim?"

"Você já ouviu falar de alguém recusar a primeira oferta?"

"Bem, não, acho que não."

"É uma das regras. Se alguém com o dom recusar todas as três ofertas, deve ser morto, para lhe poupar o sofrimento no final, a loucura. Você nunca ouviu uma ordem assim porque nunca ouviu falar que alguém recusou a primeira oferta."

"Eu passei tempo nos arquivos, procurando nas profecias. Foi ali que eu vi referência para a regra."

"A Prelada conhece todas as regras obscuras, as regras antigas. E ela está com medo; ela também leu as profecias."

"Com medo?" ela perguntou, de olhos arregalados. "A Prelada? Nunca a vi com medo de nada."

Ela balançou a cabeça para a mulher. "Agora ela está com medo. De um modo ou de outro isso se encaixa em nossos objetivos. Se ele usar a coleira, ou se estiver morto. Se ele estiver com a coleira, vamos cuidar dele, do nosso jeito, como sempre fizemos. Se ele estiver morto, não precisaremos. Talvez fosse melhor se ele estivesse morto. Talvez fosse melhor se ele estivesse morto antes que as Irmãs da Luz descubram o que ele é, se elas ainda não souberem."

A outra curvou sobre a mesa de novo, baixando a voz. "Se elas souberem, ou descobrirem, tem algumas entre as Irmãs da Luz que o matariam."

Ela estudou as manchas violetas por um momento. "Com certeza." Um sorriso espalhou-se pelo rosto dela. "Que dilema perigoso para elas. Que oportunidade gloriosa para nós." O sorriso dela desapareceu. "E quanto ao outro assunto?"

A mulher se endireitou. "Ranson e Weber estão esperando onde você queria." Ela cruzou os braços debaixo dos seios. Eles estavam bastante arrogantes, porque passaram em todos os testes, e amanhã serão soltos." Um sorriso sádico surgiu nos lábios finos dela. "Dei a eles um pequeno lembrete de que ainda usam a coleira. Estou surpresa que não possamos ouvir os joelhos deles batendo por todo o caminho subindo até aqui."

Ela ignorou o sorriso da outra. "Tenho que dar lições. Você irá no meu lugar. Diga a elas que tenho de trabalhar em relatórios. Eu verei nossos dois amigos. Eles podem ter passado em todos os testes da Prelada, mas ainda não passaram em todos os meus. Um tem que fazer um juramento. E o outro..."

Ela se inclinou meio caminho sobre a mesa, com ansiedade em seus olhos manchados. "Qual deles ? Qual deles você vai..."

"Oh, eu gostaria tanto de poder ver. Ou ajudar. Prometa que vai me contar tudo?"

Ela sorriu com o entusiasmo da outra. "Tudo. Eu prometo. Do início ao fim. Cada último grito. Agora vá cuidar das minhas lições para mim."

A mulher saiu dançando pela porta como uma colegial. Ela estava ansiosa demais. Aquele tipo de ansiedade era perigosa. Aquele tipo de prazer faz alguém esquecer de tomar cuidado, faz alguém se arriscar. Tirou uma faca de uma gaveta, e fez uma nota mental de usá-la menos no futuro, e manter um olho nela.

Ela testou o gume cuidadosamente com um polegar e, satisfeita de que ela estivesse bem afiada, enfiou a faca na manga, a manga sem a Dacra. Ela pegou uma pequena estátua empoeirada da prateleira e colocou dentro de um bolso.

Antes que tivesse dado a volta na mesa e passado pela porta, lembrou de mais um item, e fez meia volta para pegar um bastão robusto que estava encostado no lado da mesa.

Era tarde, e os corredores estavam tranquilos e a maioria vazios. Independente do calor, ela apertou sua curta e fina capa azul de algodão nos ombros. Pensamentos sobre essa nova pessoa com o dom lhe causaram um calafrio. Crescido. Um homem.

Ela balançou a cabeça enquanto caminhava silenciosamente sobre os tapetes compridos, passando por lamparinas colocadas nas paredes em suportes centralizados nos painéis cor de cereja, passando por mesas com flores secas, e por janelas com pesadas cortinas que ofereciam uma vista por cima do muro e do pátio lá embaixo. Luzes da cidade ao longe piscavam como um tapete de estrelas. Uma leve corrente de ar passava pelas janelas. A maré baixa deve estar próxima, ela pensou.

A equipe de limpeza, polindo uma cadeira aqui, ou um corrimão ali, abaixaram fazendo reverências quando ela passou. Ela mal notou eles, e certamente não responderia. Eles estavam abaixo da atenção dela.

Crescido. Transformado em homem.

O rosto esquentou de raiva com o pensamento. Como poderia ser? Alguém tinha cometido um sério engano. Um engano. Em equívoco. Tinha que ser isso.

Uma empregada que estava de quatro, concentrada em esfregar um pedaço de um tapete, olhou para cima bem a tempo de saltar para trás, saindo do caminho com um "Me perdoe, Irmã." De quatro, ela encostou a cabeça no chão fazendo mais um pedido de desculpas.

Crescido. Já seria bastante difícil dobrar esse se ele ainda fosse um garoto. Mas um homem? Ela balançou a cabeça de novo. Crescido. Ela bateu com o bastão na coxa por causa da frustração. Duas empregadas ali perto pularam com o som e caíram de joelhos, enterrando os olhos bem fechados por trás de mãos suplicantes.

Bem, crescido ou não, ele teria um Rada'Han no pescoço, e todo um Palácio cheio de Irmãs para tomar conta dele. Mas mesmo usando um Rada'Han, ele ainda era um homem crescido. E o Seeker. Poderia ser difícil de controlar. Perigosamente difícil.

Se necessário, ela achava, ele sempre poderia sofrer um *acidente de treinamento*. Se não, certamente haveria outros perigos para alguém com o dom, perigos que poderiam deixar um homem pior do que morto. Mas se ela pudesse dobrar ele, ou usá-lo, isso faria todo o problema valer a pena.

Ela virou em um corredor que inicialmente pensou estar vazio, então notou uma mulher jovem parada nas sombras entre lamparinas, olhando por uma janela. Pensou ter reconhecido ela. Uma das noviças. Ela parou atrás da jovem e cruzou os braços. A noviça encostou a ponta dos pés no tapete quando se inclinou sobre os cotovelos pela janela aberta, olhando para os portões abaixo.

Ela limpou a garganta. A jovem girou, assustada, e mergulhou fazendo uma reverência.

“Perdoe-me, Irmã, não escutei você chegando. Uma boa noite para você.”

Quando os grandes olhos castanhos levantaram, ela colocou a ponta da vara debaixo do queixo da jovem e levantou ele um pouco mais. “Pasha, não é?”

“Sim, Irmã. Pasha Maes. Noviça, terceiro nível. Próxima na fila a ser nomeada.”

“Próxima na fila,” ela fungou. “Presunção, minha querida, não combina com uma Irmã, e muito ainda com uma noviça. Até mesmo uma do terceiro nível.”

Pasha baixou os olhos e fez uma reverência, tão bem quanto podia com a vara ainda debaixo do queixo. “Sim, Irmã. Perdoe-me.”

“O que você está fazendo aqui?”

“Apenas observando, Irmã. Observando a noite.”

“Observando a noite. Eu diria que você estava observando os portões. Estou errada, noviça?”

Pasha tentou olhar para baixo, mas a vara levantou o queixo dela, mantendo seus olhos em sua superior. “Não, Irmã,” ela admitiu, “você não está errada. Eu estava observando os portões.” Ela lambeu os lábios várias vezes.

Finalmente ela soltou as palavras. “Ouvi a conversa, a conversa entre as garotas. Elas dizem, bem, elas dizem que três das Irmãs saíram a bastante tempo, e que isso só podia significar que estão trazendo junto alguém com o dom. Um novo dotado. Em todos os anos que estive aqui, nunca vi um novo dotado entrar.” Ela lambeu os lábios de novo. “Bem, Eu sou... quer dizer... Espero ser a próxima na fila. E se eu for nomeada, deverei ter um novo dotado designado.” Ela cruzou os dedos. “Eu quero mesmo ser nomeada uma Irmã. Tenho estudado bastante, trabalhado duro. Esperei e esperei. E nenhum novo dotado apareceu ainda. Perdoe-me Irmã, mas simplesmente não consigo evitar ficar excitada, e esperançosa, de que serei digna. Então... sim, eu estava observando o portão, esperando conseguir ver ele entrando.”

“E acha que é forte o bastante para dar conta do trabalho? Para dar conta de um novo dotado?”

“Sim, Irmã. Eu estudo e pratico minhas formas todos os dias.”

Ela olhou para a noviça. "É mesmo? Mostre."

Enquanto elas olhavam uma para a outra, ela sentiu seus pés erguerem do chão algumas polegadas. Uma sólida garra de ar, forte. Nada mau. Ela imaginou se a noviça poderia lidar com interferência. Com aquele pensamento, fogo acendeu nas duas extremidades do corredor, deslizando com um rugido na direção das duas mulheres. Pasha não mostrou medo. O fogo atingiu uma parede de ar antes de chegar até elas. Ar não era o melhor contra o fogo. Um pequeno erro que Pasha corrigiu rapidamente. Antes que o fogo atravessasse, o ar ficou úmido, pingando. O fogo apagou assobiando.

Embora ela não tivesse tentado se mover, sabia que não conseguiria. Podia sentir que a garra segurava firme. Ela fez com que ficasse fria, frágil, com gelo, e quebrou-a. Quando estava livre, ela ergueu Pasha do chão. Teias defensivas da garota contorceram-se através do ataque dela, mas falharam em quebrar o aperto. Os pés dela se ergueram de novo.

Impressionante - a garota conseguiu reagir mesmo quando estava presa.

Feitiços se entrelaçaram, em conflito, lutando, formando nós. Cada um deles se emparelhando e sendo defendido, contra atacando em qualquer oportunidade. A silenciosa batalha imóvel explodiu por algum tempo, as duas penduradas a polegadas do chão.

Finalmente, ela cansou do esporte e libertou-se das teias, enrolando-as na garota, unindo-as. Ela desceu suavemente ao chão, e deixou Pasha com todo o peso da carga para equilibrar. Uma fuga simples, se não desonesta: fazer com que o oponente tenha que lidar não apenas com os feitiços de ataque, mas também lançar de volta os dele.

Pasha não estava esperando por isso, e não foi capaz de se defender; esse não foi o jeito que tinham lhe ensinado.

Suor desceu pelo rosto da noviça enquanto ela fazia caretas levemente. A força irradiando através do corredor fez tapetes enrolarem nas pontas. Lamparinas tremeram em seus suportes. Pasha estava ficando com raiva. Sua testa franziu. Com um alto estalo que quebrou um espelho a uma certa distância descendo o

corredor, ela quebrou os feitiços. Seus pés com chinelas encostaram no chão.

Pasha respirou profundamente algumas vezes. "Ainda não tinha visto isso ser feito, Irmã. Iso não... segue as regras."

Ela colocou a vara de volta embaixo do queixo da outra. "Regras são p ara jogos de crianças. Você não é mais uma criança."

"Quando é uma Irmã completa, deve lidar com situações onde não há regras. Você deve estar preparada para isso. Se ficar sempre seguindo as *regras* de alguém, você pode acabar ficando na ponta de uma faca bem afiada, presa por uma mão que não conhece suas *regras*."

Pasha não se encolheu. "Sim, Irmã. Obrigada por me mostrar."

Ela sorriu por dentro, mas não mostrou isso no rosto. Essa tinha coragem, mesmo que fosse pequena. Uma coisa rara em uma noviça, mesmo em uma do terceiro nível.

Deixou seus olhos pousarem sobre Pasha novamente: cabelo castanho macio que acabara de tocar os ombros dela, grandes olhos castanhos, características atraentes, lábios do tipo para os quais os homens olham, orgulhosa, ombros levantados, e um conjunto de curvas que até o vestido de uma noviça falhava em ocultar.

Ela deixou a vara deslizar do queixo de Pasha, descendo pelo pescoço, descendo pelo coração até o espaço exposto entre os seios dela.

Crescido como homem.

"E desde quando, Pasha," ela falou com uma voz calma que poderia ter sido considerada ameaçadora, ou gentil, "noviças recebem permissão para usar seus vestidos desabotoados desse jeito?"

Pasha ficou vermelha. "Perdoe-me, Irmã. É uma noite quente. Eu estava sozinha... não achei que tivesse alguém por perto. Só queria deixar a brisa esfriar minha pele." O rosto dela ficou mais vermelho ainda. "Eu suei tanto. Nunca quis ofender ninguém. Estou tão envergonhada. Perdoe-me."

As mãos de Pasha seguiram rapidamente para os botões. Com a vara, ela afastou gentilmente as mãos do volume do seio da jovem.

“O Criador fez você desse jeito. Não deveria ter vergonha do que Ele escolheu, em sua sabedoria, conceder a você. Nunca deveria ficar envergonhada, Pasha, daquilo com o que Ele agraciou você. Apenas aqueles de lealdade questionável ao Criador a tratariam com desprezo por ficar orgulhosa em mostrar a mão do Criador em toda a sua grandeza.”

“Porque... obrigado, Irmã. Eu nunca olhei para isso dessa maneira.” A testa dela franziu. “O que você quer dizer com, *lealdade questionável?*”

Ela afastou a vara e levantou uma sobrancelha. “Aqueles que adoram o Sem Nome não se escondem nas sombras, minha querida. Eles poderiam estar em qualquer lugar. Porque, até você poderia ser uma deles. Até eu.”

Pasha caiu sobre um joelho, baixando a cabeça. “Oh, por favor, Irmã,” ela implorou, “não diga tal coisa de você mesma, nem brincando. Você é uma Irmã da Luz, e nós estamos no Palácio dos Profetas, a salvo, eu rezo, dos sussurros do Sem Nome.”

“A salvo?” Com a vara, ela fez sinal para que a noviça levantasse. Depois que ela estava de pé, lançou um olhar sério para ela. “Só uma tola assume que ela está a salvo, mesmo aqui. Irmãs da Luz não são tolas. Até mesmo elas devem estar sempre alertas aos sussurros do escuro.”

“Sim, Irmã. Vou lembrar disso.”

“Lembre, toda vez que alguém fizer você sentir vergonha de como o Criador lhe criou. Pergunte a si mesma porque eles ficam ruborizados ao ver a mão do Criador. Vermelhos, assim como o Sem Nome ficaria.”

“Sim, Irmã... Obrigada,” ela gaguejou. “Você me deu coisas para pensar. Nunca pensei sobre o Criador desse jeito.”

“Ele tem razões para as coisas que Ele faz. Isso não é verdade?”

“O que você quer dizer?”

“Bem, quando Ele dá uma costa forte a um homem, o que aquele diz?”

“Todos sabem disso. Ele recebeu a costa forte para usar. Significa que o Criador deu a ele a costa forte para que ele pudesse

trabalhar para alimentar sua família. Trabalhar para fazer seu caminho. Trabalhar para deixar o Criador orgulhoso. E não desperdiçar o presente do Criador sendo preguiçoso.”

Ela moveu a vara para cima e para baixo na frente de Pasha. “E o que você acha que o Criador tinha em mente quando Ele deu a você esse corpo?”

“Eu... não sei... exatamente. Para que eu pudesse usá-lo para... deixar o Criador orgulhoso do trabalho Dele... de algum jeito?”

Ela assentiu. “Pense nisso. Pense na sua razão para estar aqui. Estar aqui nesse momento. Todos nós estamos aqui por uma razão. As Irmãs da Luz estão aqui por uma razão, não estão?”

“Oh, sim, Irmã. Estamos aqui para ensinar os dotados, ensinar eles a usar isso, e guiá-los para que eles não escutem os sussurros do Sem Nome, para que eles possam ouvir apenas o Criador.”

“E como podemos fazer isso?”

“Recebemos o dom de ser feiticeiras, para que passamos ser capazes de guiá-los em seu dom.”

“E se o Criador foi sábio o bastante para dar a você esse dom, o dom de ser uma feiticeira, não acha que Ele pode ter dado a você sua aparência por uma razão também? Talvez para que seja uma parte de sua vocação como uma Irmã da Luz?”

“Para usar sua aparência para servir a Ele?”

Pasha olhou fixamente. “Porque, nunca pensei nisso desse modo. De que jeito minha aparência pode ajudar?”

Ela encolheu os ombros. “Não podemos saber sempre o que o Criador pretendia. Quando Ele desejar, isso será revelado.”

“Sim, Irmã.” A voz dela estava incerta.

“Pasha, quando você vê um homem que o Criador agraciou com boa aparência, um corpo bem feito, o que você pensa? O que você sente?”

Pasha ficou vermelha. “Eu... às vezes... faz meu coração disparar. Eu acho. Faz com que eu me sinta... bem. Sinta desejos.”

Finalmente ela se permitiu um pequeno sorriso. “Não precisa ficar vermelha, minha querida. É um desejo de tocar o que a mão do Criador moldou. Você não acha que agrada ao Criador o fato de você

apreciar o trabalho Dele? Não acha que Ele quer que você goste do que Ele fez? Que aproveite isso? Exatamente como você deve saber que os homens adoram testemunhar sua beleza e desejam tocar o trabalho da mão do Criador. Seria um crime contra o Criador não usar, em seu serviço para Ele, o que Ele deu a você.”

Pasha sorriu timidamente. “Nunca pensei nisso dessa maneira. Você me deu novos olhos, Irmã. Quanto mais eu aprendo, mais parece que não sei. Espero que um dia eu seja uma Irmã da Luz com a metade da sua sabedoria.”

“Conhecimento surge quando ele deseja, Pasha. As lições da vida aparecem nos momentos mais surpreendentes. Como esta noite.” Ela balançou a vara na direção da janela. “Aqui está você, olhando por uma janela, esperando aprender uma coisa, e aprendeu algo mais importante.”

Pasha tocou o braço dela. “Oh, obrigada, Irmã, por aproveitar o tempo para me ensinar. Nenhuma Irmã falou tão francamente comigo antes.”

“Essa é uma lição, Pasha, que está fora do currículo do Palácio. É uma lição que o Sem Nome teria raiva que você aprendesse, então guarde isso para si mesma. Enquanto pensar no que eu falei para você, e a mão do Criador for revelada, entenderá melhor como é trabalhar para Ele. E se precisar de mais compreensão, estarei sempre aqui para ajudar a guiá-la. Mas guarde nossa conversa em segredo. Como eu falei, nunca podemos saber quem escuta os sussurros do Sem Nome.”

Pasha fez uma reverência. “Guardarei, Irmã. Obrigada.”

“Uma noviça recebe muitos testes. Testes criados pelo Palácio.”

“Eles possuem regras. O teste final para ser nomeada uma Irmã da Luz é ser desafiada com um novato. Nisso, o teste final, nem sempre há regras. Novatos podem ser difíceis de controlar. Mas isso não significa que eles sejam maus.”

“Difíceis?”

“É claro. Eles chegam aqui, arrancados da única vida que conheciam, e são lançados em um lugar novo, com novas exigências que não entendem. Eles podem ser rebeldes, difíceis de controlar. É porque estão com medo. Devemos ter paciência.”

“Com medo...? Das Irmãs? E do Palácio?”

“Você não estava com medo, quando veio aqui pela primeira vez? Só um pouquinho?”

“Bem, talvez só um pouquinho. Mas era meu sonho vir. Queria isso mais do que tudo.”

“Para os novatos, nem sempre é o sonho deles. Estão confusos com o poder deles. Com você, isso cresceu enquanto você cresceu. Estava acostumada com isso; era parte de você. Com eles, às vezes isso é repentino, inesperado.”

“Não o que eles planejavam ou queriam. O Rada'Han pode liberar o poder, e isso é algo novo para eles. Pode ser assustador. Esse medo faz eles lutarem, às vezes. Lutarem contra nós.”

“Seu trabalho, a responsabilidade de uma noviça do terceiro nível, é controlá-los, para o próprio bem deles, até que eles possam ser ensinados pelas Irmãs. Em todas as suas outras lições, houve regras. Nessa, às vezes não tem nenhuma. Os novatos ainda não conhecem nossas regras. Podem ser difíceis de controlar se você seguir apenas as regras que conhece. Às vezes a coleira não é o bastante. Você deve usar tudo que o Criador lhe deu. Deve ser capaz de fazer o que for necessário para controlar a vontade desses magos destreinados. Essa é a verdade, e o teste final para ser uma Irmã. Noviças já falharam nesse teste final, e foram colocadas para fora do Palácio.”

Os olhos de Pasha estavam arregalados. “Nunca ouvi falar de coisas assim.”

Ela encolheu os ombros. “Então fui de grande ajuda para você. Estou feliz que o Criador tenha me escolhido para ajudar. Talvez outras não desejassem tanto que você tivesse sucesso, e guardaram isso. Talvez você fizesse bem em trazer para mim suas perguntas sobre qualquer novato para o qual você for designada.”

“Oh, sim. Obrigada por sua ajuda, Irmã. Tenho que admitir que me preocupa saber que novatos podem ser difíceis. Acho que sempre imaginei que eles estariam ansiosos em aprender, e que seria uma alegria mostrar a eles e ajudar a ensiná-los.”

“Eles são todos diferentes. Alguns são tão fáceis quanto um bebê em um berço. Vamos torcer para que você receba um como

esses. Alguns vão testar sua inteligência. Porque, tenho visto até antigos registros que falam de alguns que liberaram o dom antes que pudéssemos chegar até eles, antes que pudéssemos colocar um Rada'Han neles e ajudá-los."

"Não... Isso deve ser assustador para eles - ter o poder despertado sem a nossa orientação."

"Realmente. E o medo pode fazer com que eles causem problemas, como eu disse. Eu vi um antigo relatório de um que recusou a coleira na primeira oferta."

Os dedos de Pasha cobriram sua boca quando ela arfou. Ela os afastou. "Mas... isso significa que... uma das Irmãs..."

Ela assentiu de modo solene. "É um preço que nós todas estamos preparadas a pagar. Carregamos uma pesada responsabilidade."

"Mas porque os pais não fariam ele aceitar a oferta?"

Ela se inclinou chegando mais perto, baixando a voz. No relatório que eu vi, aquele com o dom era crescido. Um homem."

Pasha olhou com grande descrença. "Um homem...?" ela sussurrou. "Se um garoto pode ser difícil de controlar... o que dizer de um homem crescido?"

Ela lançou um olhar sério para a noviça. "Estamos aqui para servir ao trabalho do Criador. Nunca podemos dizer o que o Criador tem no plano Dele, porque você recebeu o que tem. Uma noviça encarregada de um novato deve usar qualquer coisa que o Criador lhe deu. A coleira nem sempre é o bastante. Nunca podemos dizer o que precisaremos fazer. As regras nem sempre funcionam."

"Você ainda quer ser uma Irmã da Luz? Mesmo sabendo que pode receber um novato que poderia ser mais difícil do que qualquer outra noviça já recebeu?"

"Oh, sim! Sim, Irmã! Se o novato for difícil, sei que é um teste do próprio Criador, para ver se eu sou realmente digna. Não vou falhar. Farei qualquer coisa que deva ser feita. Vou usar tudo que aprendi, tudo que o Criador me deu. Estarei atenta para o fato de que seja de uma terra estranha, ou tenha costumes estranhos, e esteja com medo, cause problema, ou seja difícil. E que eu possa ter que fazer minhas próprias regras para ter sucesso." Ela hesitou.

“E se você for tão gentil para fazer o que disse a respeito de me ajudar, então sei que terei sua sabedoria para me apoiar, e não vou falhar.”

Ela assentiu com um sorriso. “Eu dei minha palavra. Ela está mantida, não importa a dificuldade.” Ela franziu o rosto, pensativa.

“Talvez, poderia ser que você seja agraciada com sua aparência para que um novato possa ver a beleza do Criador através de você, através do trabalho dele. Talvez, seja assim que você vai mostrar o caminho para um novato.”

“Seria uma honra, de qualquer jeito, mostrar a um novato a luz da mão do Criador.”

“Nisso você está certa, minha querida.” Ela endireitou o corpo, batendo as mãos. “Agora. Quero que você vá até a Senhora das noviças, e diga a ela que você tem tempo livre demais, e que começando amanhã, você precisa receber algumas tarefas. Diga a ela que tem passado tempo demais olhando por janelas.”

Pasha abaixou a cabeça e fez uma reverência de novo. “Sim, Irmã,” ela disse obedientemente.

Ela sorriu quando a noviça olhou para cima. “Eu também ouvi falar que três das Irmãs estão procurando por alguém com o dom. Acho que vai levar algum tempo antes que elas voltem com ele, mas quando elas voltarem, e se trouxerem ele, vou lembrar a Prelada que você é a próxima na fila, e está pronta para a tarefa.”

“Oh, obrigada, Irmã! Obrigada!”

“Você é uma ótima jovem, Pasha. O Criador realmente mostrou a beleza de seu trabalho em você.”

“Obrigada, Irmã,” ela falou sem corar.

“Agradeça ao Criador.”

“Agradecerei, Irmã. Irmã? Antes que tragam o novato, você poderia me ensinar mais sobre o que o Criador planejou para mim? Me ajudar a entender?”

“Se você quer.”

“Oh, eu quero. Quero mesmo.”

Ela deu um tapinha na bochecha de Pasha. “É claro, minha querida. É claro.” Ela ficou com o corpo ereto. “Agora, vá até a Senhora das noviças. Não quero aquelas que estão prestes a se

tornar Irmãs sem nada melhor para fazer do que ficar olhando por janelas.”

“Sim, Irmã.” Pasha fez reverência com um sorriso e saiu depressa descendo o corredor. Ela parou e virou. “Irmã... Acho que não sei seu nome.”

“Vá!”

Pasha se encolheu. “Sim, Irmã.”

Ela observou o volume dos quadris de Pasha balançar enquanto ela andava rapidamente descendo pelo corredor, chutando as pontas enroladas dos tapetes enquanto seguia. A garota tinha belos tornozelos.

“Crescido como homem.”

Ela controlou seus pensamentos e começou a andar de novo, descendo os corredores e escadas. Enquanto descia, os degraus de madeira mudaram para pedra. O calor diminuiu, embora não o abafamento, ou o cheiro de terra umedecida pela maré. O caloroso brilho de lamparinas foi substituído pelas sombras dançantes das tochas largamente espaçadas. A equipe do Palácio que trabalhava curvada diminuiu em número até que ela não viu mais nenhum deles. Continuou descendo para os andares mais baixos, sob depósitos empoeirados, descendo abaixo das dependências dos servos e oficinas. As tochas tornaram-se mais espaçadas até que não tinha mais nenhuma. Ela acendeu uma bola de chamas em sua palma, e manteve ela erguida para enxergar enquanto prosseguia.

Quando chegou até a porta certa, ela lançou a chama em uma tocha fria presa em um suporte perto da porta.

A sala com paredes de pedra era pequena, algum tipo de cela abandonada, vazia a não ser por palha mofada no chão, uma tocha acesa, e os dois magos. O cheiro era desagradável: piche queimado e bolor úmido.

Com a entrada dela, os dois ficaram de pé, balançando levemente. Ambos vestiam os mantos simples característicos do alto nível deles. Cada um deles tinha um sorriso estúpido no rosto. Não eram arrogantes, ela percebeu; estiveram bebendo. Provavelmente comemorando sua última noite no Palácio dos Profetas. Sua última noite com as Irmãs da Luz. Sua última noite usando o Rada'Han.

Os dois homens tinham sido amigos desde que foram trazidos para o Palácio como garotos, quase ao mesmo tempo.

Sam Weber era um homem simples de altura média, com cabelo crespo castanho claro e uma mandíbula muito bem barbeada que parecia grande demais para o resto de seu rosto delicado. Neville Ranson era um pouco mais alto, com cabelo preto liso curto e bem penteado. Ele usava uma curta barba bem tratada que estava começando a mostrar traços grisalhos. Seus olhos eram quase tão escuros quanto seu cabelo. Seus traços pareciam muito mais definidos, parado ao lado de seu amigo delicado.

Ela sempre achou que ele havia se tornado um homem bonito. Ela o conhecera desde que ele tinha vindo para o Palácio como um pequeno garoto. Era uma noviça naquela época, e ele tinha sido designado para ela, colocado aos seus cuidados; o teste final dela antes de se tornar uma Irmã da Luz. Isso tinha sido a um longo tempo atrás.

O mago Ranson deslizou o braço pela barriga e fez uma dramática, embora cambaleante, reverência. Ele levantou com um sorriso mais largo. Seu sorriso sempre pareceu deixar seu rosto com aparência jovial, independente de seus anos e do começo dos fios grisalhos.

“Uma boa noite para você, Irmã...”

Tão forte quanto podia, ela bateu no rosto dele com a vara. Conseguiu sentir o osso dele partir.

Ele caiu no chão soltando um grito.

“Eu já falei para você,” ela disse através dos dentes cerrados, “nunca use meu nome quando estamos a sós. Estar bêbado não isenta da ordem.”

O mago Weber ficou imóvel como pedra, seus olhos arregalados, seu rosto pálido, seu sorriso tinha sumido. Ranson rolou pelo chão com as mãos no rosto, deixando sangue na palha.

A cor retornou ao rosto de Weber com um tom avermelhado. “Como ousa fazer isso? Passamos em todos os testes!”

“Nós somos magos!”

Ela enviou uma corda de poder para dentro do Rada'Han. O impacto jogou ele para trás, contra a parede, onde a coleira grudou

na rocha como um prego em um ímã. “Passaram nos testes!” ela gritou. “Passaram nos testes! Vocês não passaram nos meus testes!” Ela manteve a dor até que Weber estava sufocando em agonia. “É desse jeito que você se dirige a uma Irmã! É desse jeito que você mostra respeito!”

Ela removeu a corda e ele caiu no chão, grunhindo quando bateu. Ele ficou de joelhos com esforço.

“Perdoe-me, Irmã,” ele disse com uma voz rouca, cheia de dor. “Imploro que perdoe nosso desrespeito.” Os olhos dele levantaram cautelosamente para encontrar com os dela. “Foi só a bebida falando. Perdoe-nos? Por favor?”

Com os punhos nos quadris, ela ficou observando ele. Ela apontou com a vara para o que estava rolando e gemendo no chão. “Cure ele. Não tenho tempo para essa besteira. Eu vim dar a vocês dois o seu teste, não para ver ele chorar e se queixar de um pequeno tapa.”

Weber curvou-se sobre o seu amigo, virando gentilmente, colocando-o deitado sobre as costas. “Neville, está tudo bem. Vou te ajudar. Fique parado.”

Ele afastou as mãos trêmulas do homem e no lugar delas colocou as dele. Começou a falar e curar. Ela esperou impacientemente com os braços cruzados. Não demorou muito; Weber era talentoso em curar. Weber ajudou seu amigo a sentar e, com uma das mãos cheia de palha, enxugou o sangue da ferida curada.

Ranson levantou. Seus olhos mostravam raiva, mas ele escondeu qualquer sinal disso de sua voz.

“Perdoe-me, Irmã. O que você deseja?”

Weber ficou ao lado dele. “Por favor, Irmã, nós fizemos tudo que as Irmãs pediram. Nós terminamos.”

“Terminaram? Terminaram? Eu acho que não. Vocês esqueceram as nossas conversas? Esqueceram o que eu disse a vocês? Pensaram que eu esqueceria? Simplesmente deixaria vocês dois saírem dançando daqui? Livres como passarinhos? Nenhum homem sai daqui sem ver a mim ou uma das minhas. Isso é questão de um juramento.”

Os dois olharam um para o outro, recuando meio passo.

“Se você apenas nos deixar ir,” Weber fez a proposta, “nós lhe daremos nosso juramento.”

Ela os observou por um momento, sua foz finalmente ficando calma. “Meu juramento? Não é um juramento para mim, rapazes. É um juramento para o Guardiã. Vocês sabem disso.” Os dois empalideceram um pouco. “E o juramento acontece só depois que tiverem passado no teste. Só um de vocês tem que fazer o juramento.”

“Um de nós?” Ranson perguntou. Ele engoliu em seco. “Só um de nós tem que fazer o juramento, Irmã? Porque só um de nós?”

“Porque,” ela sussurrou, “o outro não vai precisar fazer um juramento. Ele vai morrer.”

Os dois arfaram e se aproximaram.

“Que teste é esse?” Weber perguntou.

Tirem seus mantos, e vamos começar.”

Eles olharam um para o outro. Ranson levantou um pouco a mão. “Noss os mantos, Irmã? Agora? Aqui?”

Ela olhou para cada um deles. “Não fiquem envergonhados, rapazes. Eu vi vocês dois nadando nus no lago desde que eram desse tamanho.” Ela posicionou a mão logo abaixo de sua cintura.

“Mas isso quando nós éramos garotos,” Weber reclamou. “Não desde que crescemos nos tornando homens.”

Ela olhou com raiva para eles. “Não me façam dizer outra vez. Da próxima vez, vou queimar eles nos seus corpos.”

Os dois se encolheram e começaram a puxar os mantos por cima da cabeça. Propositalmente, ela os olhou da cabeça aos pés, apenas para mostrar seu desgosto com a reclamação deles. O rosto de cada um dos homens ficou vermelho na luz da tocha.

Com um giro de seu pulso, ela colocou a faca na mão. “De pé contra a parede. Os dois.”

Quando eles não se moveram rápido o bastante, ela usou as coleiras para jogá-los contra a parede. Com uma leve corrente de poder para cada Rada'Han, ela os imobilizou encostados na rocha. Eles estavam colados na parede e incapazes de levantar um dedo.

“Por favor, Irmã,” Ranson sussurrou, “não nos mate. Vamos fazer qualquer coisa. Qualquer coisa.”

O olhar frio dela pousou nos olhos escuros dele. “Sim, vocês farão. Pelo menos um de vocês. Mas ainda não chegamos no juramento. Agora mantenha sua língua quieta ou farei isso para você.”

Enquanto os dois estavam indefesos, ela se aproximou primeiro de Weber. Colocando a faca na parte superior do peito dele, deslizou descendo com ela lentamente, cortando cuidadosamente a pele e nada mais. Suor desceu do rosto de Weber enquanto ele cerrava os dentes. Seu queixo tremeu. Depois que tinha feito um corte, aproximadamente com o comprimento de um antebraço, ela voltou para onde havia começado e fez outro perto desse, assim os dois cortes estavam separados cerca de um dedo de distância. Sons agudos escaparam da garganta do homem enquanto ela movia a faca. As pontas das linhas se juntavam em um ponto. Pequenas gotas de sangue desceram pelo seu peito. Ela moveu a ponta da faca na parte superior, entre os cortes, separando a pele dele até que havia um generoso pedaço dela pendurada.

Ela foi até Ranson e fez os mesmos cortes gêmeos, com um pedaço de pele pendurado em cima. Lágrimas desceram pelo rosto dele junto com o suor, mas ele não falou nada. Tinha aprendido muito bem. Quando terminou, ela endireitou o corpo e inspecionou o trabalho. Eles pareciam iguais. “Bom.” Ela enfiou a faca na manga novamente.

“Um de vocês vai ter o Rada'Han retirado amanhã, e estará livre para ir. Pelo menos, como as Irmãs da Luz se preocupam com isso. Não que eu, e mais importante ainda, o Guardiã, estejamos preocupados com isso. Será o começo de seu serviço para ele. Se você servir bem, será recompensado quando ele estiver livre do véu. Se falhar em suas tarefas... bem, não iria querer saber o que aconteceria caso falhasse com ele.”

“Irmã,” Ranson perguntou com uma voz trêmula, “porque só um de nós? Nós dois poderíamos fazer o juramento. Nós dois poderíamos servir.”

O olhar súbito de Weber virou para seu amigo. Ele não gostava que falassem por ele. Ele sempre tinha sido rebelde.

“O juramento é um juramento de sangue. Um de vocês terá que passar em meu teste para ganhar o privilégio de fazê-lo. O outro vai perder o dom esta noite, perder sua magia. Vocês sabem como um mago perde o dom?”

Os dois balançaram as cabeças.

“Quando a pele deles é arrancada, a magia sangra deles.” Ela disse isso como se estivesse falando sobre descascar uma pêra.

“Sangra até que desapareça completamente.”

Weber olhou para ela, seu rosto ficou pálido. Ranson fechou os olhos escuros e tremeu.

Ao mesmo tempo, ela enrolou o pedaço de pele de cada homem em volta dos primeiros dedos dela. “Vou pedir um voluntário. Isso é só uma pequena demonstração do que está guardado para aquele que for voluntário. Não quero que vocês dois pensem que morrer será a maneira mais fácil de sair.” Ela deu um sorriso caloroso para eles. “Vocês tem minha permissão para gritar, rapazes. Acredito que isso vai doer.”

Ela puxou arrancando as tiras de pele do peito deles. Ela esperou pacientemente que os gritos parassem, e até um pouco mais enquanto eles choravam. Sempre era bom deixar uma lição bem entendida.

“Por favor, Irmã, nós servimos ao Criador, como as Irmãs nos ensinaram,” Weber gritou. “Nós servimos ao Criador, não ao Guardião.”

Ela olhou para ele friamente. “Uma vez que você é tão leal ao Criador, Sam, vou dar primeiro a escolha a você. Você quer ser aquele que vive, ou que morre esta noite?”

“Porque ele?” Ranson reclamou. “Porque ele pode escolher primeiro?”

“Mantenha sua língua quieta, Neville. Você falará quando eu disser para falar.” Ela desviou seu olhar de volta para Weber. Levantou o queixo dele com um dedo. “Bem, Sam? Quem morre, você ou seu melhor amigo?” Ela cruzou os braços nos seios.

Ele olhou para ela com olhos vazios. A pele dele estava pálida. Ele não olhou para seu amigo. Sua voz surgiu em um leve sussurro.

“Eu. Me mate. Deixe Neville viver. Não farei um juramento para o Guardião. Eu preferiria morrer.”

Ela observou os olhos vazios dele por um momento e então virou para Ranson. “E o que você tem a dizer, Neville? Quem vive? Quem morre? Você, ou seu melhor amigo no mundo. Quem faz seu juramento ao Guardião?”

Ele olhou para Weber, que não olhou de volta. Lambeu os lábios. Seus olhos escuros voltaram para ela.

“Você ouviu ele. Ele escolhe morrer. Se ele quer morrer, deixe que morra. Eu escolho viver. Entregarei meu juramento ao Guardião.”

“Sua alma.”

Ele assentiu lentamente, seus olhos brilhando com feroz determinação. “Minha alma.”

“Muit o bem, então” - ela sorriu - “parece que os dois amigos entraram em acordo. Todos estão felizes. Então, que assim seja.”

“Estou feliz, Neville, que seja você a ficar conosco. Você me deixou orgulhosa.”

“Eu tenho que ficar aqui?” Ranson perguntou. “Tenho que ver isso?”

“Ver?” Ela ergueu uma sobrancelha. “Você tem que fazer.”

Ele engoliu em seco, mas o olhar duro permaneceu em seus olhos. Ela sempre soube que seria ele. Oh, não que não houvesse dúvidas, mas ela sabia. Havia ensinado ele muito bem. Tinha passado bastante tempo com ele, dobrando ele do jeito dela.

“Posso ter um pedido atendido?” Weber sussurrou. “A coleira pode ser retirada antes que eu morra?”

“Para que possa fazer o Fogo da Vida do Mago e tirar sua própria vida antes que tenhamos a chance de tirá-la? Acha que sou estúpida? Uma estúpida mulher gentil?” Ela balançou a cabeça. “Negado.”

Ela soltou os dois Rada'Han da parede. Weber caiu de joelhos, sua cabeça pendurada. Ele estava sozinho na sala, e sabia disso.

Ranson ficou de pé e ajeitou os ombros. Ele apontou para a ferida ensangüentada descendo por seu peito. "E quanto a isso?"

Ela virou o olhar para Weber. "Sam. Levante." Weber ficou de pé, seus olhos ficaram voltados para o chão. "Seu bom amigo tem um ferimento. Cure ele."

Sem uma palavra, Weber finalmente virou e colocou as mãos no peito de Ranson, e começou a curar. Ranson ficou imóvel, esperando que a dor fosse retirada. Ela caminhou até a porta e encostou as costas contra ela, observando Weber fazer seu trabalho. Seu último trabalho.

Quando ele terminou, não olhou para ela nem para Ranson, mas foi até a parede mais afastada e deslizou com as costas até sentar no chão. Enterrou sua cabeça entre os joelhos e cruzou os braços em volta deles.

O mago curado mais ainda nu caminhou se aproximando dela e parou, esperando. "O que eu tenho que fazer?"

Ela girou o punho, trazendo a faca até a mão mais uma vez. Jogou ela rapidamente no ar, apanhando-a pela lâmina. Ofereceu o cabo para ele.

"Você vai arrancar a pele dele. Vivo."

Ela empurrou o cabo contra ele até que sua mão levantou e segurou.

Os olhos de Ranson desviaram do olhar dela. Ele olhou para a faca em sua mão. "Vivo," ele repetiu.

Ela enfiou a mão em um bolso e tirou o pequeno item que havia trazido: uma figura de estanho de um homem sobre um joelho, segurando um cristal sobre a cabeça. Seu pequeno rosto barbado estava virado para cima, olhando maravilhado para o cristal. O cristal era levemente alongado, com pontas facetadas. Substâncias flutuavam congeladas lá dentro, como um céu de constelações. Ela tirou a poeira com a ponta da capa e estendeu a pequena estátua para Ranson.

"Isso é mágico, e um receptáculo de magia. O cristal é chamado quillion. Ele absorverá a magia enquanto ela sangra de seu amigo, depois que a pele dele for arrancada. Quando, e apenas quando, toda a magia dele sangrar para dentro do quillion, ele vai

emitir um brilho laranja. Você vai trazer o cristal para mim para provar que fez o trabalho.”

Ranson engoliu em seco. “Sim, Irmã.”

“Antes que eu vá embora esta noite, você fará seu juramento.” Ela empurrou a figura com o cristal na direção dele até que ele o pegou. “Essa será sua primeira tarefa depois de fazer o juramento. Falhe, ou falhe em qualquer uma das tarefas seguintes, e vai desejar que pudesse trocar de lugar com seu amigo. Vai desejar isso por toda a eternidade.”

Ele ficou parado segurando a faca em uma das mãos e a pequena figura na outra. “Sim, Irmã.” Ele lançou um rápido olhar por cima do ombro para o homem agachado no chão encostado na parede. Ele abaixou a voz. “Irmã, você poderia... poderia imobilizar a língua dele. Não sei se poderia suportar ele falando enquanto faço isso.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Você tem uma faca, Neville. Se as palavras incomodarem, corte fora a língua dele.”

Ele engoliu em seco e fechou os olhos por um momento. Eles abriram. “E se ele morrer antes que a magia toda tenha sangrado?”

“Com o quillion presente, ele viverá tanto tempo quanto houver qualquer traço dela nele. Depois que ela estiver toda no cristal, ele vai começar a brilhar. Desse jeito você saberá que está acabado. Depois disso, não me importa o que vai fazer com ele. Se quiser, pode acabar com ele rapidamente.”

“E se ele tentar impedir o que eu faço?” Ele se curvou chegando mais perto. “Com a magia dele.”

Ela sorriu de modo indulgente. “Isso eu vou impedir, com a coleira dele. Ele não será capaz de parar você. Depois que ele estiver morto, não haverá mais força de vida alguma para segurar o Rada'Han nele. Ela vai abrir. Traga ela com você e entregue para mim quando trouxer o cristal.”

“E quanto ao corpo?”

Ela lançou um olhar duro para ele. “Você sabe muito bem como usar a Subtrativa. Passei bastante tempo ensinando a você, assim como outros.” Olhou para Weber. “Use-a. Livre-se do corpo com Magia Subtrativa. De cada pedacinho dele. De cada gota de sangue.”

Ranson ajeitou um pouco o corpo e assentiu. "Está certo."

"Depois que acabar aqui, e antes de vir até mim ao amanhecer, tem mais uma tarefa que você executará essa noite."

Ranson deu um suspiro profundo, soltando o ar lentamente. "Outra tarefa? Eu tenho que fazer outra tarefa essa noite?"

Ela sorriu e deu um tapinha na bochecha dele. "Dessa segunda tarefa você vai gostar. É uma recompensa por fazer um bom trabalho com a primeira. Servir bem o Guardião tem suas recompensas, como vai descobrir. Falhar com ele tem suas punições, como espero que você nunca descubra."

Ele pareceu desconfiado. "E qual é essa segunda tarefa?"

"Você conhece uma novata chamada Pasha?"

Ele soltou um grunhido. Não tem um homem no Palácio que não saiba quem é Pasha Maes."

"E quanto esses homens a *conhecem*?"

Ranson encolheu os ombros. "Ela gosta de dar um beijo e um abraço em um canto."

"Algo mais do que um *beijo e um abraço*?"

"Sei de alguns homens que enfiaram a mão por baixo da saia dela. Ouvei eles falando sobre as pernas bonitas que ela tem, como eles desistiriam do dom só para ter aquelas pernas em volta deles. Mas não acho que algum deles conseguiu. Alguns dos homens tomam conta dela, como se ela fosse uma gatinha indefesa. Um em particular, o jovem Warren, fica sempre de olho nela."

"Warren é um dos homens que ela gosta de beijar e abraçar?"

"Acho que ela não o conheceria se ele estivesse parado na frente dela." Ele riu levemente. "Se pelo menos ele conseguisse reunir bastante coragem para tirar o nariz dos arquivos e olhar no rosto dela." Ele franziu o rosto. "Então, qual é a tarefa?"

"Quando tiver acabado aqui, quero que vá até o quarto dela. Diga a ela como você vai ser liberado amanhã, e que quando passou em todos os seus testes, o Criador apareceu para você em uma visão. Diga que o Criador falou a você nessa visão que deveria ensiná-la como usar o glorioso dom da aparência que Ele deu a ela, como ela estava destinada a usar esse dom para agradar os

homens, para que no momento em que a tarefa especial que Ele tem para ela for revelada, ela esteja preparada.”

“Diga que o Criador falou que isso era para ajudá-la a lidar com o novato, uma vez que ele seria o mais difícil que qualquer noviça já recebeu. Diga que o Criador revelou a você que Ele fez essa noite quente, para que ela suasse entre os seios, sobre o coração dela, para despertá-la para os desejos Dele.” Ela deu um leve sorriso.

“Então, quero que você a ensine como agradar um homem.”

Ele ficou olhando para ela incrédulo. “O que faz você achar que ela vai acreditar em qualquer uma dessas coisas, ou que vai cooperar?”

O sorriso dela aumentou. “Diga a ela o que falei para dizer, Neville, e terá muito mais do que sua mão por baixo da saia dela. Provavelmente ela estará com as pernas em volta de você antes que acabe de falar.”

Ele assentiu. “Está certo.”

Ela olhou para ele, baixando os olhos de propósito. “Estou feliz em ver que você é... apto para a tarefa.” Olhou de volta para os olhos dele. “Ensine a ela tudo que puder pensar para agradar um homem. Pelo menos tudo que puder ensinar até o amanhecer. Ensine-a bem. Quero que ela saiba como deixar um homem feliz, e fazer ele voltar para ter mais.”

Ele sorriu. “Sim, Irmã.”

Ela colocou a ponta da vara debaixo do queixo dele, levantando um pouco. “Seja gentil com ela, Neville. Não quero que a machuque de modo algum. Quero que isso seja uma experiência muito agradável para ela. Quero que ela aproveite.” Ela olhou para baixo novamente. “Bem, faça o melhor que puder com o que você tem.”

“Nunca recebi nenhuma reclamação,” ele disparou.

“Idiota. Mulheres não reclamam a respeito disso na cara dos homens; elas reclamam pelas costas deles. Não ouse pular em cima dela, fique satisfeito, então durma. Você tem até o amanhecer. Não quero você dormindo essa noite.”

“Certifique-se de que esta seja uma experiência que ela lembre com carinho. Ensine-a bem. Tudo que sabe.”

Ela levantou a vara um pouco mais. "Essa pode ser uma tarefa agradável, mas é uma tarefa para o Guardião do mesmo jeito. Falhe nisso, como em qualquer outra, e o seu serviço vai terminar de forma repentina. Mas sua dor vai continuar e continuar. Fique alerta quando estiver com ela. De manhã, espero um relatório detalhado de tudo que você ensinou a ela. Você vai relatar cada detalhe. Preciso saber o que ela sabe para que eu possa guiá-la."

"Sim, Irmã."

Ela olhou para o homem encostado na parede. "Quanto mais cedo você acabar aqui, mais cedo pode ficar com Pasha, e mais tempo terá para ensiná-la."

Ele assentiu com um sorriso. "Sim, Irmã."

Ela afastou a vara e ele soltou um suspiro. Com um gesto, ela fez o manto dele voar até a mão dela. Ela jogou-o para ele.

"Coloque isso. Está envergonhando a si mesmo." Observou enquanto ele pegava o manto e colocava por cima da cabeça. "Amanhã o trabalho de verdade, a verdadeira tarefa, começa."

A cabeça dele passou através do manto, seus braços em seguida, um de cada vez. "Que trabalho? Que tarefa?"

"Depois que você for liberado, você deve partir imediatamente, a serviço de sua terra natal. Você lembra da sua terra natal, não lembra? Você vai para Aydindril, como conselheiro do Alto Príncipe Fyren. Você tem coisas a fazer lá. Coisas importantes."

"Como o quê?"

"Vamos conversar sobre isso de manhã. Mas agora, antes que possa realizar a primeira tarefa, e a segunda, e o restante, você tem um juramento a fazer. Isso é de sua própria vontade, Neville?"

Ela observou os olhos dele. Eles se moveram brevemente para o seu amigo encolhido contra a parede. Então ele virou para olhar para a faca e o quillion. Ela viu os olhos escuros dele perderem o foco, e soube que ele estava pensando em Pasha. Ele respondeu com um sussurro.

"Sim, Irmã."

Ela assentiu. "Muito bem, Neville. Ajoelhe-se. A hora do juramento chegou."

Quando ele se ajoelhou, ela levantou a mão. A chama da tocha apagou, deixando a sala em total escuridão.

“O juramento para o Guardiã,” ela sussurrou, “é feito na escuridão, que é sua terra natal.”

CAPÍTULO 14



Suavemente, Kahlan abriu a porta. Ele estava acordado e sentado diante do fogo. Quando a porta fechou, ela abafou um pouco do som assustador das marimbas e dos tambores que vinham do centro da vila. Ela ficou perto dele, encostou sua cabeça na perna dela e então passou os dedos pelo cabelo dele.

“Como está sua dor de cabeça?”

“Está tudo bem. O descanso e a última bebida que Nissel me deu ajudaram.” Ele não olhou para cima. “Eles querem que eu vá lá fora, não querem?”

Kahlan se abaixou para sentar no chão perto dele. “Sim. Está na hora.” Ela esfregou o ombro dele. “Tem certeza que quer comer a carne, agora que sabe o que ela é?”

“Eu tenho que comer.”

“Mas ainda é carne. Vai conseguir comer?”

“Se eu quero a reunião, tenho que comer. O costume é o costume. Vou comer.”

“Richard, estou preocupada com essa reunião. Não tenho tanta certeza de que você deveria seguir em frente com isso. Talvez tenha outra maneira. O Homem Pássaro também está preocupado com você. Talvez não devesse fazer isso.”

“Tenho que fazer.”

“Porquê?”

Ele ficou olhando para o fogo. “Porque isso tudo é culpa minha. Eu sou responsável. É minha culpa que o véu esteja rasgado. Foi isso que Shota disse. Minha culpa. Eu causei isso.”

“Darken Rahl causou isso... de algum modo.”

“Eu sou um Rahl,” ele sussurrou.

Kahlan ficou olhando para ele, mas ele não olhou de volta. "Os crimes do pai, passados para o filho?"

Ele deu um leve sorriso. "Não acredito nessa antiga frase. Mas talvez tenha um pouco de verdade nisso." Seus olhos viraram para ela. "Lembra do que Shota disse? Que só eu poderia restaurar o véu? Talvez porque Darken Rahl rasgou ele através da Magia de Orden, e minha intervenção, tenho que consertar isso."

Ela observou a luz do fogo dançar nos olhos dele. "Então você acha... o quê? Que talvez desde que um Rahl o rasgou, seja necessário um Rahl para fechar?"

Ele encolheu os ombros. "Talvez. Isso poderia explicar porque só eu posso fechar ele. Essa pode não ser a razão, mas é a única que consigo pensar." Ele sorriu. "Estou de feliz de casar com uma mulher inteligente."

Ela sorriu. Ela ficava feliz em ver ele sorrir. "Bem, essa mulher inteligente não consegue ver como essa poderia ser a razão."

"Pode não ser, mas é uma possibilidade que tenho de considerar."

"Então porque tem que continuar com a reunião?"

Os olhos dele brilharam de entusiasmo enquanto lançou um sorriso jovial. "Porque eu descobri. Descobri o que vamos fazer."

Ele se ajeitou, virando na direção dela e cruzando as pernas. "Amanhã de noite, teremos a reunião e descobriremos o que pudermos para nos ajudar, então, na manhã seguinte quando ela terminar..." Ele levantou o dente do dragão e ficou mostrando para ela enquanto o sorriso no seu rosto aumentava. "Então chamarei Scarlet - com isso."

"É assim que chegaremos até Zedd. É assim que podemos chegar em Aydindril sem que as dores de cabeça me façam parar em uma longa jornada por terra. Scarlet voa com magia; a magia dela permite que cubra vastas distâncias em pouco tempo."

"Partiremos antes que as Irmãs possam nos deter, e vai levar bastante tempo para que elas nos sigam. Não terei que rejeitá-las, por enquanto; Posso chegar até Zedd primeiro. Ele saberá o que fazer. Quer dizer, sobre as dores de cabeça. Depois da reunião, chamarei Scarlet. Provavelmente vai levar a maior parte do dia até

que ela chegue.” Ele se inclinou na direção dela e lhe deu um rápido beijo. “Enquanto esperamos, estaremos casados.” O coração dela deu um pulo. “Casados ?”

“Sim, casados. Tudo no mesmo dia. Depois de amanhã. Faremos tudo isso e estaremos longe antes que o dia termine.”

“Oh, Richard... eu gostaria disso. Mas, vamos fazer isso agora. Chame Scarlet agora. Poderemos estar casados de manhã quando ela chegar aqui. Eu sei que o Povo da Lama faria isso rapidamente para nós. Podemos chegar até Zedd e ele saberá o que fazer e você não terá que se arriscar em uma reunião.”

Ele balançou a cabeça. “Temos que fazer a reunião. Shota disse que apenas eu poderia fechar o véu. Não Zedd. E se ele não tiver nenhuma idéia do que fazer? Ele disse que não sabe muita coisa sobre o submundo. Ninguém sabe. Ninguém sabe a respeito do mundo dos mortos.”

“Mas os espíritos dos ancestrais sabem. Tenho que descobrir o que eu puder para aj udar. Não podemos perder tempo indo até Zedd, só para descobrir que ele não sabe o que fazer. Primeiro tenho que descobrir o que eu puder, então irei até Zedd. Shota disse que só eu poderia fechar o véu. Talvez seja porque sou o Seeker. Tenho que fazer meu trabalho e encontrar as respostas. Mesmo se elas tiverem pouco significado para mim, podem ser importantes para Zedd, e então ele poderá saber o que fazer, saber o que eu posso fazer.”

“E se chegarmos até Aydindril antes de Zedd? Se viajarmos em Scarlet, ela vai nos levar até lá em um dia; Zedd poderá não estar lá ainda.”

“Se não estiver lá, sabemos que estará indo para lá, e encontraremos ele. Ele conseguirá ver Scarlet.”

Ela ficou olhando para ele por um momento. “Sua mente está decidida a respeito disso, não está?”

Ele encolheu os ombros. “Se alguém pudesse achar falhas na minha idéia, seria você. Tem alguma idéia melhor?”

Finalmente ela balançou a cabeça. “Gostaria de ter, mas não tenho. Concordo com tudo menos com a reunião.”

O rosto de Richard suavizou com um leve sorriso. "Eu realmente gostaria de ver você no vestido de casamento que Weselan está fazendo. Ela consegue aprontar ele tão cedo? Poderíamos passar nossa noite de casamento em Aydindril, em sua casa."

Kahlan não conseguiu segurar o sorriso. "Ela consegue. E não precisa ter uma grande festa de casamento. De qualquer jeito, não há tempo para preparar, com o banquete para a reunião acontecendo. Mas o Homem Pássaro ficará feliz em nos casar sem isso." Olhou para ele timidamente. "Nós teríamos uma cama de verdade, em Aydindril. Uma cama grande e confortável."

O braço dele passou em volta da cintura dela e puxou-a contra ele. Ele deu um beijo suave nos lábios dela. Ela não queria que isso terminasse, mas empurrou ele para trás gentilmente e olhou para longe.

"Richard... e quanto as outras coisas que Shota falou? Sobre uma criança?"

"Shota estava errada antes, sobre um monte de coisas. Até mesmo as coisas sobre as quais estava certa não aconteceram como esperávamos. Não vou desistir de você por causa do que ela fala. Lembra do que você me disse uma vez? Sobre nunca deixar uma mulher bonita escolher o caminho quando tivesse um homem em seu campo de visão? E além disso, vamos conseguir falar com Zedd primeiro. Confessoras e o dom são coisas sobre as quais ele sabe muito."

Ela passou o dedo pelo peito dele. "Você parece ter uma resposta para tudo. Como ficou tão esperto?"

Ele a puxou e beijou novamente, com mais força dessa vez.

"Encontrarei uma resposta para tudo que tentar me afastar de você e sua cama grande e confortável. Eu iria até o submundo e lutaria com o próprio Guardião para ficar com você."

Ela se encostou no ombro dele. Parecia uma eternidade desde que ele tinha encontrado com ela em Westland, sendo perseguida por um quad. Parecia uma vida toda, não apenas alguns meses. Eles tinham passado por tanta coisa. Ela estava tão cansada de ficar com

medo, e de ser perseguida, caçada. Não era justo que logo quando tinha acabado, estava começando de novo.

Ela deu um balanço em si mesma com a mente. Esse era o modo errado de ver as coisas. Era o problema, não a solução. Forçou a si mesma a olhar para o novo problema em sua própria luz, e não lançando sobre ele cores do que tinha acontecido no passado.

“Talvez não seja tão difícil dessa vez. Talvez possamos fazer como você diz, e descobrir o que precisa ser feito, e acabar com isso.” Ela beijou o queixo dele. “É melhor irmos lá fora; eles estão esperando. E além disso, se eu ficar aqui com você mais tempo, não vamos chegar até a minha cama grande e confortável.”

Eles deixaram a calma da casa dos espíritos e andaram de mãos dadas pelas passagens escuras entre as casas da vila. Ela sentia-se segura segurando a mão dele. Desde o primeiro dia quando eles se conheceram, e ele ofereceu sua mão para ajudá-la a levantar, ela gostava de ficar com a mão dela na dele. Ninguém tinha feito aquilo antes; as pessoas tinham medo de Confessoras. Ela queria que isso acabasse, para que assim eles pudessem ficar juntos e viver em paz. Para que pudessem dar as mãos sempre que desejassem, e nunca mais ter que correr.

O som das pessoas, da dança, da conversação, e das crianças foi crescendo até que os dois entraram no campo iluminado. Músicos estavam em plataformas com telhado de grama, balançando enquanto eles moviam palhetas para cima e para baixo nos entalhes arredondados das marimbas, espalhando a melodia por todo terreno nas redondezas. Os braços eram um borrão, homens batiam em tambores, lançando batidas frenéticas ecoando pela vila até outros que respondiam ou entravam no ritmo. Dançarinos com fantasias seguiam uns aos outros em círculos, parando e virando enquanto um, saltando e batendo os pés, contava histórias com movimentos para os adultos e crianças felizes que se amontoavam em volta deles. Fogueiras com comida sendo preparada cospiam fumaça de cheiro doce e aromas maravilhosos flutuavam até eles.

Enquanto eles passavam, grandes fogueiras rugiam e estalavam no centro do campo, aquecendo um dos lados dela com seu calor. Homens vestiam orgulhosamente suas melhores peles, e

mulheres seus vestidos mais alegres. Todos tinham os cabelos lisos com lama viscosa. Bandejas trançadas com pão de tava, pimentas assadas, cebolas, feijões compridos, repolho, pepino e beterrabas, vasilhas de carne cozida, peixe, e galinha, assim como pratos de porco do mato e carne de veado, eram carregados por mulheres jovens direto do fogo para pessoas reunidas em diversos abrigos. A vila toda estava em alegre celebração para dar as boas vindas para os espíritos dos ancestrais.

Savidlin ficou de pé quando eles se aproximaram, recebendo eles dentro da plataforma dos anciãos. Ele parecia ilustre com sua pele de coiole oficial em volta dos ombros. O Homem Pássaro e os outros anciãos lançaram sorrisos e sinais com as cabeças para eles. Logo que ela e Richard sentaram de pernas cruzadas, as jovens trouxeram bandejas trançadas e pratos de comida. Os dois pegaram pedaços de pão de tava e enrolaram em volta de pimentas, colocando na boca cuidadosamente somente com a mão direita. Um garoto trouxe canecas de cerâmica e um jarro de água com leve sabor de condimentos.

Quando teve certeza de que eles estavam instalados confortavelmente, o Homem Pássaro fez sinal com a cabeça para um grupo de mulheres em um abrigo ali perto. Kahlan sabia o que isso significava. As mulheres eram cozinheiras especiais, as únicas que tinham permissão de preparar as especialidades do banquete. Os olhos de Richard observaram enquanto uma delas veio com uma bandeja trançada cheia de carne seca, cuidadosamente arrumada em um padrão circular. Ele não mostrou sinal do que estava sentindo.

Não haveria reunião se ele não comesse essa carne. Pior, isso não era simplesmente qualquer carne. Ela sabia, porém, que ele estava determinado, e comeria.

A mulher baixou a cabeça, oferecendo a bandeja para o Homem Pássaro, e então para os outros anciãos. Depois que cada um pegou um pouco, ela ofereceu para as mulheres dos anciãos. Algumas pegaram um pedaço. Ela virou e ofereceu a bandeja para Richard. Ele olhou por um momento, e então se esticou e pegou um

dos pedaços maiores. Ficou segurando, olhando para ele enquanto a mulher partiu depois que Kahlan recusou a oferta.

“Sei que é difícil para você,” o Homem Pássaro falou para Richard, “mas é preciso para que tenha o conhecimento de nossos inimigos.”

Richard arrancou um grande pedaço com os dentes. “O costume é o costume.” Ele mastigou e engoliu sem mostrar qualquer emoção. Ele ficou olhando para o vazio. “Quem é?”

O Homem Pássaro observou ele por um momento depois que Richard olhou de volta para ele. “É o homem que você matou.”

“Entendo.”

Ele arrancou outro pedaço. Tinha pego um grande pedaço, e estava comendo a coisa toda para mostrar a eles sua determinação em ter a reunião, para mostrar a eles que independente do aviso dos espíritos, estava decidido a seguir adiante com isso. Observou os dançarinos enquanto mastigava, empurrando o que engolia com um gole de sua caneca. A plataforma dos anciãos era uma ilha isolada de quietude no meio do barulho e atividade.

De repente Richard parou de mastigar. Seus olhos se arregalaram. Ele ficou ereto. Sua cabeça girou ao redor olhando para os anciãos.

“Onde está Chandalen?”

Eles olharam uns para os outros depois de estudar o rosto dele por um momento.

Richard levantou rapidamente. “Onde está Chandalen!”

“Ele está aqui, em algum lugar,” o Homem Pássaro falou.

“Encontrem ele! Agora mesmo! Tragam ele aqui!”

O Homem Pássaro mandou um dos caçadores que estava ali perto para procurar. Richard desceu da plataforma sem dizer uma palavra e foi até o abrigo com as cozinheiras do banquete. Ele encontrou a mulher com a bandeja de carne e pegou um pedaço.

Kahlan virou para o Homem Pássaro. “Você tem alguma idéia do que está acontecendo?”

Ele assentiu seriamente. “Ele teve uma visão; uma visão coma carne de nossos inimigos. Às vezes isso acontece. É por isso que

fazemos isso - para saber o que está no coração de nossos inimigos.”

Richard voltou e ficou andando para frente e para trás na frente da plataforma dos anciãos, esperando.

“Richard, o que foi? O que você viu?”

Ele parou de andar. A expressão em seu rosto estava agitada. “Problema.” Ele voltou a andar outra vez. Ela perguntou que tipo de problema, mas ele pareceu nem ao menos ter ouvido a pergunta.

Finalmente o caçador voltou com Chandalen e os homens dele..

“O que faria Richard, o Esquentado, chamar por mim?”

Richard empurrou o pedaço de carne para ele. “Coma isso. Diga-me o que vê.”

Chandalen olhou nos olhos de Richard enquanto comia a tira de carne seca. Richard voltou a fazer sua caminhada impaciente, arrancando outro pedaço com seus dentes. Ele mastigou e andou.

Finalmente ele não conseguiu mais esperar. “Bem ? O que você vê?”

Chandalen olhou cautelosamente. “Um ini migo.”

Richard soltou um suspiro exasperado. “Quem era esse homem ? De que povo?”

“Ele era Bantak, do leste.”

Kahlan levantou num pulo. “Bantak!” Ela pulou da plataforma e ficou perto de Richard. “Os Bantak são pacíficos. Eles nunca atacariam ninguém. É contra os costumes deles.”

“Ele era um Bantak,” Chandalen repetiu. “Ele tinha pintado os olhos de preto. Ele nos atacou.” Redirecionou o olhar para Richard. “Pelo menos, isso é o que Richard, o Esquentado, fala.”

Richard voltou a andar de um lado para outro. “Eles estão vindo,” ele murmurou. Ele parou e agarrou Chandalen pelos ombros. “Estão vindo! Estão vindo atacar o Povo da Lama!”

Chandalen franziu o rosto. “Os Bantak não são guerreiros. É como a Madre Confessora diz, eles são pacíficos.”

“Eles fazem plantações, pastoreiam cabras e ovelhas. Nós fazemos trocas com eles. Esse que nos atacou devia estar doente da

cabeça. Os Bantak sabem que o Povo da Lama é mais forte do que eles. Eles não iriam nos atacar.”

Richard mal ouviu a tradução. “Reúna os seus homens. Chame mais homens. Temos que impedir eles.”

Chandalen analisou ele. “Não temos que temer nada dos Bantak. Eles não iriam nos atacar.”

Richard quase explodiu. “Chandalen, você está encarregado de proteger nosso povo! Estou dizendo que tem uma ameaça para eles! Você não deve me ignorar nesse assunto!”

Ele passou os dedos pelo cabelo, tentando se acalmar. “Chandalen, você não acha um pouco estranho que um homem só atacou todos nós? Você, tão bravo quanto é, iria para campo aberto e atacaria tantos homens, sozinho? Você, apenas com sua lança, e eles com arcos?”

Chandalen apenas olhou com raiva. O Homem Pássaro conduziu os outros anciãos descendo da plataforma e ficou perto de Chandalen, encarando Richard. “Diga o que nosso inimigo revelou para você. Diga o que viu.”

“Esse homem...” Richard segurou o pedaço de carne na frente do rosto do Homem Pássaro. “Esse homem era o filho do guia espiritual deles.”

Os anciãos começaram a sussurrar preocupados. O Homem Pássaro não tirou os olhos de Richard. “Tem certeza disso? Matar o filho de um guia espiritual é uma grave ofensa. Mesmo em defesa própria. Seria o mesmo que alguém matasse minha criança, se eu tivesse uma.” Ele levantou uma sobrancelha. “Grave o bastante para começar uma guerra.”

Richard assentiu apressado. “Eu sei. Foi isso que eles planejaram. Por alguma razão, eles pensaram que o Povo da Lama subitamente era um perigo para eles. Para ter certeza, eles mandaram o filho do guia espiritual deles, sabendo que se matássemos ele, seria um sinal de nossas intenções hostis. Eles planejavam procurar pela cabeça dele em um poste, para ver se estavam certos. Se ele não voltasse, e eles encontrassem a cabeça, eles atacariam.”

Ele balançou a carne na frente dos anciãos de novo. “Esse homem, por alguma razão, tinha amargura em seu coração. Ele queria que tivesse uma guerra. Ele nos atacou, sabendo que seria morto, querendo isso, assim começaria a guerra, e seu povo poderia matar todo o Povo da Lama. Não estão vendo? Com o banquete acontecendo, eles escutariam o som bem longe pela planície. Saberiam que não estaríamos preparados para nos defender, que estamos distraídos. Eles estão vindo! Agora!”

Todos os anciãos recuaram um pouco. O Homem Pássaro virou para Chandalen.

“Richard, o Esquentado, teve uma visão de nosso inimigo. Faça cada um dos seus homens reunir dez outros. Não devemos permitir que os Bantak machuquem nosso povo. Você vai parar eles antes que cheguem até a vila.”

Os olhos de Chandalen dispararam na direção de Richard, e então de volta para o Homem Pássaro. “Veremos se a visão dele é verdadeira. Vou levar meus homens para o leste. Se eles estiverem vindo, vamos parar eles.”

“Não!” Richard gritou quando Kahlan traduziu. “Eles virão do norte!”

“Norte!” Chandalen olhou com raiva para ele. “Os Bantak moram no leste, não norte. Eles virão do leste.”

“Eles esperam que você defenda o leste. Acham que o Povo da Lama quer matar eles. Estão esperando por isso. Eles irão flanquear você e virão do norte!”

Chandalen cruzou os braços. “Os Bantak não são guerreiros. Eles não conhecem esses tipos de táticas. Se eles vão nos atacar, como você diz, eles simplesmente vão entrar direto. Como você disse, eles vão ouvir o banquete; saberão que estaremos despreparados. Eles não tem razão nenhuma para dar toda a volta e vir do norte. Isso só iria atrasar eles por razão alguma.”

Richard olhou furioso para ele. “Eles estão vindo do norte.”

“Isso foi parte da sua visão?” o Homem Pássaro perguntou. “Viu isso também, comendo a carne?”

Richard deu um suspiro forçado e olhou para baixo. “Não. Não vi isso com o resto da visão.” Passou os dedos pelo cabelo. “Mas sei

que é verdade. Não sei como, mas eu sei. Eles estão vindo do norte.”

O Homem Pássaro virou para Chandalen. “Talvez você pudesse dividir os homens. Levar alguns para leste, e alguns para o norte.”

Chandalen balançou a cabeça. “Não. Se a previsão provar estar certa, vamos precisar de todos os nossos homens juntos. Um ataque, de surpresa, com todos os nossos homens, e com sorte, vamos terminar com isso. Se tiver bastante deles, como ele parece pensar, então eles podem derrotar um número tão pequeno, e então eles estariam sobre nosso povo antes que pudéssemos fazer eles voltarem. Muitas mulheres e crianças iriam morrer. A vila toda poderia cair. É perigoso demais.”

O Homem Pássaro assentiu. “Chandalen, uma visão foi apresentada para nós. É o seu trabalho manter nosso povo seguro.

Já que a visão não disse por qual caminho eles poderiam vir, só que eles viriam, deixo com você a decisão para nos proteger como achar melhor. Você é o guerreiro mais esperto entre nós, vou confiar no seu julgamento de luta.”

Ele franziu o rosto e chegou mais perto dos homens. “Mas saiba que é melhor ser um julgamento de batalha, e não pessoal.”

Chandalen não mostrou emoção alguma. “É minha opinião que os Bantak nos atacariam do leste.” Ele olhou para Richard. “Se eles vierem mesmo.”

Richard colocou uma das mãos nos braços cruzados de Chandalen. “Chandalen, por favor me escute.” Sua voz estava baixa e preocupada. “Sei que não gosta de mim. Talvez tenha justificativa para os seus sentimentos. Talvez esteja certo que eu trouxe problema para nosso povo. Mas problema está vindo agora, e está vindo do norte. Por favor, eu imploro, acredite em mim. As vidas de todo o nosso povo depende disso. Me odeie o quanto quiser, mas não deixe nenhum deles morrer por causa desse ódio.”

Richard sacou a Espada da Verdade e ofereceu o cabo. “Vou lhe dar minha espada. Vá para o norte. Se eles vierem pelo leste, e eu estiver errado, pode me matar com ela.”

Chandalen olhou para a espada, e de volta para o rosto de Richard. Um leve sorriso se abriu no rosto dele. “Não vou deixar

você me enganar. Não vou deixar nosso povo ser devastado, só pela chance de matar você. Eu preferia deixar você viver entre nós, do que deixar meu povo ser morto. Vou para o leste.” Ele virou e saiu andando, gritando instruções para seus homens.

Richard ficou olhando ele ir embora, então enfiou a espada de volta na bainha.

“Aquele homem é um tolo,” disse Kahlan.

Richard balançou a cabeça. “Só está fazendo o que acha ser o melhor. Quer proteger seu povo mais do que me matar. Se eu tivesse que escolher um homem para lutar ao meu lado, tanto quanto me odeia, seria ele. Eu sou o tolo, por não conseguir fazer ele ver a verdade.” Ele virou para ela. “Tenho que ir para o norte. Tenho que deter eles.”

Kahlan olhou em volta. “Tem alguns outros homens aqui. Vamos reunir todos que pudermos e...”

Ele balançou a cabeça, interrompendo ela. “Não. Não haveria suficiente. Além disso, precisamos de cada homem capaz de segurar um arco ou lança aqui, para defender a vila se eu falhar. Os anciãos devem continuar com o banquete. Temos que fazer a reunião. Isso é o mais importante. Eu vou sozinho. Eu sou o Seeker. Talvez eu possa deter eles. Talvez escutem um homem, talvez vejam que ele não é uma grande ameaça.”

“Muito bem. Espere aqui. Voltarei rápido.”

“Porque?”

“Tenho que colocar meu vestido de Confessora.”

“Você não vai!”

“Tenho que ir. Você pode falar a língua deles.”

“Kahlan, eu não quero...”

“Richard!” Ela agarrou a camisa dele. “Eu sou a Madre Confessora! Não vai ter nenhuma guerra debaixo do meu nariz enquanto eu puder dizer alguma coisa a respeito ! Você vai esperar aqui!”

Ela soltou a camisa dele e partiu. A Madre Confessora não esperou por respostas para as instruções dela; ela esperava que elas fossem cumpridas. De repente ela se arrependeu de gritar com

Richard, mas ela estava furiosa com Chandalen por ele não ter escutado.

Ela também estava furiosa com os Bantak. Ela estivera na vila deles e sempre viu que eles eram pessoas gentis. Quaisquer que fossem as razões deles, enquanto ela estivesse por perto não haveria guerra. A Madre Confessora deveria impedir guerras, não sentar e observar elas começarem. Essa guerra era responsabilidade dela, seu trabalho, não de Richard.

Na casa de Savidlin e Weselan, no escuro com todo o barulho do lado de fora, ela se enfiou no vestido Branco de Confessora. Todas as Confessoras usavam vestidos cortados do mesmo jeito, corte quadrados no pescoço, longos, simples, livre de enfeites, e liso acetinado, mas de tecido preto.

Só o da Madre Confessora era branco. Era um manto de poder. no vestido, ela não era Kahlan Amnell; era a Madre Confessora, um símbolo do poder da verdade. Agora com todas as outras Confessoras mortas, o peso de defender Midlands, aqueles sem poder, estava sobre os ombros dela.

Agora isso fez ela sentir-se diferente ao colocar o vestido. Antes, fazer isso havia sido uma coisa normal. Agora, desde que tinha conhecido Richard, parecia uma responsabilidade com maior peso. Antes, ela sempre se sentiu sozinha em seu trabalho, mas agora, com ele, ela sentia uma conexão maior com as pessoas de Midlands, muito mais uma delas, mais responsável por elas. Agora sabia o que era amar alguém, e ter medo por ele. Ela não permitiria que ninguém começasse uma guerra, não enquanto ela fosse a Madre Confessora. Ela pegou as pesadas capas deles e voltou para as festividades através das passagens.

Os anciãos estavam parados na frente da plataforma deles, onde ela havia deixado eles. Richard ainda estava esperando. Ela jogou a capa para ele e se dirigiu aos anciãos.

“Amanhã a noite é a reunião. Ela deve continuar. Estaremos de volta antes.” Ela virou para as esposas. “Weselan, queremos estar casados no dia seguinte. Sinto muito que não tenha mais tempo para preparar, mas temos que partir logo que o casamento termine.

Temos que ir para Aydindril. Temos que impedir a ameaça ao Povo da Lama e a todos.”

Weselan sorriu. “Seu vestido estará pronto. Gostaria que pudéssemos dar a você uma grande festa de casamento, mas nós entendemos.”

O Homem Pássaro colocou uma das mãos no ombro dela. “Se Chandalen estiver errado... Tenha cuidado. Os Bantak são pacíficos, mas talvez as coisas tenham mudado. Diga a eles que não desejamos mal algum para o povo deles. Não queremos guerra com eles.”

Kahlan assentiu e passou a capa em volta dos ombros quando saiu andando. “Vamos lá.”

CAPÍTULO 15



Richard seguiu ao lado dela sem objeção. Sem falar, eles deixaram a vila e foram para o norte, para dentro de campo plano e aberto. Enquanto eles caminhavam, os sons das pessoas, marimbas e tambores foi desaparecendo dentro da noite. A lua não estava cheia, mas fornecia luz bastante para que eles enxergassem enquanto caminhavam através da grama seca da altura da cintura. Ela esperava que estivesse escuro o bastante para que eles fossem alvos ruins.

Richard finalmente olhou para ela. "Kahlan, sinto muito."

"Pelo quê?"

"Por esquecer quem você é. Que você é a Madre Confessora, e que esse é o seu trabalho. Eu só estava preocupado com você."

Ela estava surpresa com o pedido de desculpas dele. "Sinto muito ter gritado com você. Não deveria ter feito aquilo. Eu só não quero que aconteça nenhuma briga. Eu devo impedir que o povo de Midlands brigue. Fico furiosa quando eles insistem em matar uns aos outros. Richard, estou tão cansada de ver pessoas mortas. Pensei que isso tinha acabado. Não consigo suportar mais. Juro que não consigo."

Ele colocou um braço em volta dela. "Eu sei. Eu, também." Ele apertou o ombro dela enquanto caminhavam. "A Madre Confessora vai por um fim nisso." Ele olhou para ela. Ela pensou que ele estivesse franzindo o rosto, mas estava escuro demais para ter certeza.

"Com minha ajuda."

Ela sorriu. "Com sua ajuda." Ela encostou a cabeça nele por um instante. "De agora em diante, sempre com sua ajuda."

Eles andaram um longo caminho desde a vila sem ver qualquer coisa a não ser o chão negro e o céu iluminado pelas estrelas.

Richard parava de vez em quando para olhar ao redor do campo e para tirar algumas folhas de Nissel para mastigar. Passando um pouco da meia noite eles chegaram em uma leve depressão no terreno. Ele olhou ao redor novamente e então decidiu que deveriam esperar onde estavam. Seria melhor que os Bantak viessem até eles, ele disse, do que os dois terem uma surpresa.

Richard amassou uma pequena área de grama e eles sentaram para esperar. Cada um deles montava guarda tirando pequenas sonecas enquanto o outro vigiava o norte. Com a mão dela sobre a dele, ela observou ele dormir e estudou o horizonte, e pensou em todas as vezes que eles tinham feito isso, um ficava vigiando, e o outro dormindo.

Ela sentia saudade dos dias em que eles podiam apenas dormir, e não tinham que vigiar. Dormir juntos. Isso aconteceria, ela decidiu, muito em breve. Richard descobriria como fechar o véu, e então estaria acabado. Eles poderiam ficar em paz.

Kahlan dormiu aninhada contra ele com sua capa enrolada bem apertado para combater o frio. O calor dele fez ela ficar ainda mais sonolenta. Ela começou a imaginar se ele estava certo, se os Bantak viriam do norte. Se eles viessem do leste, haveria muita matança. Chandalen não mostraria piedade. Ela não queria que o Povo da Lama fosse ferido, mas também não queria que os Bantak fossem feridos. Eles também eram o povo dela. Ela mergulhou em um sono inquieto, seus últimos pensamentos foram em Richard.

Ele acordou-a, apertando seu braço em volta dela e sua mão sobre a sua boca. O céu estava começando a se iluminar à direita deles, ao leste. Leves fios de escuras nuvens púrpuras se acumulavam no horizonte, como se tentassem mascarar o nascer do sol com seu tom escuro. Richard estava olhando para o norte. Ela estava mais baixo do que ele, e não conseguia ver nada, mas sabia pela tensão nos músculos dele que alguém estava se aproximando.

Eles ficaram imóveis, próximos do chão, esperando. Brisas suaves balançaram a grama seca em volta deles. Kahlan tirou a cama dos ombros lentamente, silenciosamente. Não queria que

houvesse nenhum engano sobre quem ela era. Os Bantak reconheceriam seu longo cabelo, mas ela queria que eles vissem também o seu vestido de Confessora. Não queria que houvesse nenhuma dúvida sobre quem ela era e que ela estava aqui como a Madre Confessora. Richard tirou a capa dos ombros. Sombras deslizaram pela grama ao redor deles.

Quando parecia haver homens por todo lado, os dois levantaram. Homens com lanças e arcos que estavam mais perto pularam e soltaram gritos de surpresa. Os Bantak estavam espalhados em uma comprida fila, avançando na direção da vila do Povo da Lama.

Houve gritos excitados. Homens saíram da fila, alguns cercando eles, a maioria aglomerada na frente.

Kahlan ficou atenta, sua mão para os lados. Estava usando o rosto da Confessora, uma calma que não mostrava nada, como sua mão tinha lhe ensinado. Richard estava tenso ao seu lado, sua mão no punho de sua espada. A maioria dos homens, em simples roupas de pele cheias de grama, levantaram as armas para os dois. Estavam claramente nervosos por fazer isso.

“Vocês ousariam ameaçar a Madre Confessora?” ela gritou. “Abaixem suas armas.

Agora.”

Olhos observaram ao redor, procurando ver se os dois estavam sozinhos. Os homens pareceram ter menos certeza sobre apontar lanças e flechas para a Madre Confessora; estavam fazendo algo do qual nunca ouviram falar, e sabiam disso. Parecia que eles não conseguiam decidir se continuavam fazendo o que estavam fazendo, ou se largavam suas armas e caíam de joelhos. Alguns deles se abaixaram, fazendo leve reverência.

Kahlan deu um passo agressivo na direção deles. “Agora!”

Os homens se encolheram, recuando um pouco. As pontas de todas as armas se moveram dela - para Richard. Eles pareceram esperar que isso seria uma solução aceitável. Não foi o que ela esperava.

Ela entrou na frente de Richard. Todas as armas estavam apontadas para ela mais uma vez.

“O que você pensa que está fazendo,” ele sussurrou por trás da cabeça dela.

“Apenas fique quieto. Deixe eu tentar fazer isso. Não temos chance se não conseguirmos fazer eles baixarem as armas e conversar.”

“Por que eles estão fazendo isso? Pensei que todos tinham medo da Madre Confessora.”

“Eles estão com medo, mas estão acostumados a ver um mago comigo. Eles podem estar mais ousados porque não estão vendo um agora. Caso contrário, não estariam fazendo isso.” Ela deu outro passo adiante. “Quem fala pelos Bantak? Quem entre vocês assume a responsabilidade por permitir que os Bantak intimidem a Madre Confessora?”

Não conseguindo apontar suas armas para Richard com ela no caminho, os Bantak perderam um pouco de sua confiança e baixaram as pontas um pouco. Não totalmente, mas um pouco.

Finalmente, um velho se aproximou, abrindo caminho, parando diante dela. Ele vestia roupas simples de pele como os outros homens, mas em volta de seu pescoço estava pendurado um medalhão de ouro trabalhado com símbolos Bantak. Ela o conhecia. Ele era Ma Ban Grid, o guia espiritual Bantak. Seu olhar de raiva fez sua pele solta bastante enrugada parecer ainda mais enrugada do que ela lembrava. Ela também não lembrava dele com um olhar como esse; lembrava apenas de seu grande sorriso.

“Eu falo pelos Bantak,” Ma Ban Grid disse. Ele tinha apenas dois dentes inferiores na frente. Sua mandíbula balançava com as palavras difíceis de pronunciar dos Bantak. Olhou para Richard. “Quem é esse?”

Kahlan devolveu o olhar raivoso de Ma Ban Grid. “Agora Ma Ban Grid questionaria a Madre Confessora antes que ela receba boas vindas diante dos olhos deles?”

Os homens Bantak arrastaram os pés de modo inquieto. Ma Ban Grid não. Seu olhar era sólido e inabalável.

“Esses não são tempos certos. Essas não são nossas terras. Não estamos aqui para dar boas vindas diante dos olhos dos Bantak. Nós viemos para matar o Povo da Lama.”

“Porque?”

Ma Ban Grid baixou o nariz olhando para ela. “Eles chamaram a guerra, como nossos irmãos espíritos tinham nos avisado que eles fariam. Eles provaram isso matando um dos meus. Devemos matar eles antes que eles consigam matar todos nós.”

“Não have rá gue rra al guma ! Não hav e rá matanç a ! Eu sou a Madre Confessora e não vou permitir isso! Os Bantak sofrerão pela minha mão se fizerem isso!”

O grupo de homens começou a soltar sussurros preocupados e recuaram um passo. O guia espiritual manteve sua posição.

“Os irmãos espíritos também me disseram que a Madre Confessora não tem mais o comando sobre o povo de Midlands. Disseram que como prova, ela perdeu a companhia de um mago.” Ele lançou um olhar presunçoso para ela. “Não vejo nenhum mago. Como sempre, os espíritos falam a verdade para Ma Ban Grid.”

Kahlan ficou muda olhando para o velho.

Richard se inclinou na direção dela. “O que eles estão dizendo?” Kahlan falou para ele o que Ma Ban Grid havia dito. Ele deu um passo aproximando-se dela. “Quero falar com eles. Traduza para mim?”

Kahlan assentiu. “Querem saber quem é você. Não falei para eles.”

Os olhos de Richard ficaram frios de hostilidade. “Vou mostrar para eles quem eu sou.” Sua voz assumiu a mesma qualidade fria de seus olhos. “E eles não vão gostar.”

Ele virou seu olhar semelhante ao de um falcão para os homens, ignorando deliberadamente Ma Ban Grid, e ela viu naqueles olhos a fúria da magia da espada. Ele estava invocando a magia mesmo quando a espada estava em sua bainha. “Vocês estão seguindo um velho tolo, um velho tolo com o nome de Ma Ban Grid, que não é sábio o bastante para diferenciar verdadeiros espíritos de falsos.” Os homens ficaram surpresos com o insulto. Richard virou seu olhar penetrante para Ma Ban Grid.

“Isso não é verdade, velho tolo?”

Ma Ban Grid gaguejou de raiva por um momento antes de conseguir soltar qualquer palavra. “Quem é você para ousar me

insultar desse jeito!”

Richard olhou para ele. “Seus falsos espíritos disseram a você que o Povo da Lama matou um dos seus. Os falsos espíritos mentiram para você, e você, em sua tolice, acreditou neles.”

“Mentira! Nós encontramos a cabeça dele! O Povo da Lama matou ele! Eles querem guerra! Vamos matar todos eles. Cada um deles! Eles mataram um dos meus!”

“Estou ficando cansado de conversar com alguém tão estúpido como você, velho. Os Bantak são um povo tolo se colocam alguém como você encarregado de falar com os irmãos espíritos.”

“Richard, o que você está fazendo?” ela sussurrou.

“Traduza.”

Quando ela traduziu, o rosto de Ma Ban Grid ficou cada vez mais vermelho a cada palavra. Ele parecia prestes a explodir em chamas.

Richard chegou mais perto dele. “O Povo da Lama não matou aquele que era um dos seus. Eu matei.”

“Richard! Não posso dizer isso para eles. Eles vão nos matar.”

Ele continuou olhando para Ma Ban Grid enquanto falava suavemente com ela. “Alguma coisa está assustando esse povo para que eles façam isso. Eles vão nos matar e então vão matar vários do Povo da Lama a não ser que eu consiga deixar eles com muito mais medo de nós. Traduza.”

Ela soltou um suspiro para ele e então disse aos Bantak o que Richard havia falado. As armas levantaram de novo.

“Você! Você matou um dos meus!”

Richard encolheu os ombros. “Sim.” Ele apontou para sua testa. “Coloquei uma flecha bem aqui. Uma flecha. Bem aqui. Bem na cabeça dele, quando ele estava prestes a colocar sua lança nas costas de um homem. Um homem que não tinha ódio algum pelos Bantak em seu coração. Matei ele como mataria um coioote que espreitava para roubar um dos meus cordeiros. Alguém que tiraria uma vida com tanta covardia merece morrer. Alguém que escutaria falsos espíritos, e enviaria um dos seus para fazer algo assim, não merece liderar um povo.”

“Vamos matar você!”

“Verdade? Talvez vocês tentem, mas não podem me matar.” Richard virou suas costas para o velho e caminhou cerca de vinte passos, os homens abriram caminho para deixar ele passar. Ele se virou. “Usei uma flecha para matar um dos seus. Use uma flecha para tentar me matar, e veremos quem os bons espíritos protegem. Escolha qualquer homem que desejar.”

“Diga para ele fazer comigo o que eu fiz com o seu. Atirar uma flecha em mim.” Ele apontou com raiva para sua testa de novo.

“Bem aqui, onde eu acertei o covarde que mataria por falsos espíritos!”

“Richard! Você ficou maluco? Não vou dizer para eles atirarem em você.”

“Kahlan, eu consigo fazer isso. Posso sentir.”

“Fez isso uma vez. E se não funcionar dessa vez? Não vou ficar parada aqui e deixar você ser morto.”

“Kahlan, se não impedirmos esse povo, aqui, agora, nós dois vamos ser mortos, e então o Guardiã vai escapar. Essa noite é a reunião; isso é o que importa. Estou usando a Primeira Regra do Mago; o primeiro passo para acreditar é querer acreditar que alguma coisa é verdade, ou ter medo de que seja. Até agora, eles estiveram acreditando em alguma coisa porque quiseram acreditar. Tenho que fazer eles ficarem com medo de que o que vou dizer seja verdade.”

“O que você vai dizer?”

“Depressa. Traduza antes que eu perca o interesse deles e eles decidam nos matar e depois ir atrás do Povo da Lama.”

Ela virou de volta para Ma Ban Grid e, relutante, traduziu. Todos os homens começaram a gritar que queriam atirar a flecha. Os olhos de Ma Ban Grid se moveram entre eles enquanto gritavam e balançavam os braços.

Ele sorriu. “Todos vocês podem atirar nesse demônio que matou um dos meus. Todos! Atirem nele!”

Os arcos levantaram. Richard olhou furioso. “Covarde! Vocês estão vendo o quanto esse velho é tolo? Ele sabe que escuta falsos espíritos! Ele faria vocês escutarem também! Ele sabe que os bons espíritos me protegem em meu desafio. Ele tem medo que vocês vejam que ele é um tolo. Isso é a prova!”

A mandíbula de Ma Ban Grid ficou tensa. Ele levantou o braço para que seus homens parassem. Finalmente ele virou para um homem com um arco e arrancou ele das suas mãos. “Vou mostrar que os espíritos que eu escuto são verdadeiros! Você vai morrer por matar um dos meus!”

“Por dizer que nossos irmãos espíritos são falsos espíritos!”

Ele puxou uma flecha envenenada no arco e num piscar de olhos atirou contra Richard. Os homens soltaram gritos de satisfação. A respiração de Kahlan ficou presa. Ela ficou gelada de medo.

Richard arrancou a flecha do ar bem na frente de seu rosto.

Os homens arfaram e então ficaram em silêncio enquanto Richard marchou de volta até o guia espiritual, a flecha em sua mão, e fogo nos olhos. Parou diante de Ma Ban Grid e quebrou a flecha na frente do rosto dele ao som de murmúrios temerosos.

Sua voz estava mortal. “Os bons espíritos me protegem, velho tolo. Você escuta falsos espíritos.”

“Quem é você?” Ma Ban Grid sussurrou, de olhos arregalados.

Richard sacou a Espada da Verdade lentamente. O som suave do aço encheu a madrugada. Ele colocou a ponta da espada na garganta de Ma Ban Grid.

“Eu sou Richard, o Seeker. Companheiro da Madre Confessora.” Sussurros preocupados se espalharam pelo ar frio. “E, eu sou um mago. O mago dela.”

Os olhos que ela conseguia ver, ficaram arregalados. Queixos caíram. O rosto de Ma Ban Grid relaxou um pouco. Ele olhou para a espada.

“Mago? Você?”

“Mago!” O olhar furioso de Richard percorreu todos os homens reunidos. “Mago. Eu comando a magia. O dom. Parece, velho tolo, que seus falsos espíritos mentiram para você. Eles disseram que a Madre Confessora não tinha mago.”

“Eles enviaram um dos seus para começar uma guerra que o Povo da Lama não quer. Eles usaram você para os seus próprios propósitos. Talvez um guia espiritual sábio tivesse percebido isso, talvez um velho tolo não.” Resmungos surgiram entre os homens.

“Se você insistir nisso, se desobedecer a Madre Confessora, vou usar minha magia para destruir você. Vou usar magia terrível para queimar a terra dos Bantak até cinzas e colocarei uma praga sobre ela para sempre.”

“Cada um dos Bantak terá uma morte horrível; uma morte por magia. Vou matar até o último Bantak. Jovem, e velho.” Seus frios olhos cinzentos voltaram para Ma Ban Grid. “Mas começarei com os velhos.”

“Magia?” Ma Ban Grid sussurrou. “Você nos mataria com magia?”

Richard se inclinou chegando mais perto. “Se vocês desobedecerem a Madre Confessora, vou matar todos vocês com magia mais assustadora do que qualquer coisa que possam imaginar.” Enquanto os homens observavam com bastante atenção a tradução dela, Richard recitou uma longa lista de horrores que ele lançaria sobre eles. A maioria das coisas ela lembrava de Zedd falando para uma multidão que foi matar ele quando pensaram que ele era uma bruxa. Agora Richard estava usando as mesmas coisas para assustar os Bantak. Quanto mais ele falou, maiores ficavam os olhos deles.

O olhar de Ma Ban Grid deixou a espada e voltou para o rosto de Richard. Ele parecia menos seguro de si, mas não estava inteiramente pronto para ceder. “Os espíritos me disseram que não tinha nenhum mago com a Madre Confessora. Porque eu deveria acreditar que você é um mago?”

Toda a raiva deixou o rosto de Richard. Ela nunca tinha visto ele segurar a espada sem a fúria da magia dela em seus olhos. Parecia haver algo em seus olhos, mas não era ódio, ou fúria; ele parecia em paz. De algum modo, isso era mais assustador do que a raiva. Era a paz de um homem comprometido com uma rota a seguir.

Na suave luz do amanhecer, a lamina da espada de Richard mudou. Começou a emitir um brilho branco. Um branco quente de magia. Brilhou cada vez mais até que todos pudessem ver a forte luminosidade branca.

Richard estava usando a única magia que conhecia e na qual podia confiar. A magia da espada.

Isso foi o suficiente. O medo se espalhou pela multidão. Homens caíram de joelhos, largando suas armas, implorando por perdão, implorando aos espíritos para protegê-los. Outros ficaram congelados, sem saber o que fazer.

“Perdoe-me, velho,” Richard sussurrou, “mas preciso matar você para salvar muitas outras vidas. Saiba que eu perdôo você, e sinto muito pelo que eu devo fazer.”

Quando traduziu, Kahlan colocou uma das mãos no braço de Richard para impedir ele de fazer qualquer coisa. “Richard, espere.”

“Por favor, me dê uma chance?”

Ele assentiu levemente. “Uma chance. Falhe, e eu mato ele.”

Ela sabia que ele estava tentando assustar os Bantak, quebrar o feitiço sob o qual eles pareciam estar, mas também estava assustando ela. Ele estava além da fúria da espada, era algo pior. Ela olhou de volta para o guia espiritual.

“Ma Ban Grid, Richard vai matar você. Ele não mente sobre isso. Pedi a ele que espere, para que eu possa dar a você o meu perdão, se você enxergar a verdade do que falamos. Posso pedir a ele para não matar você, e ele fará como eu pedir.”

“Mas só uma vez. Depois disso, não terei controle algum sobre ele. Se você não for sincero em sua mudança de coração, haverá muita morte e sofrimento. Richard é um homem de palavra. Ele fez uma promessa a você, e se tentar enganar ele com sua resposta, ele manterá sua promessa.”

Eu lhe dou essa única chance de ouvir a verdade. Ainda não é tarde demais. A Madre Confessora não quer que nenhum do povo dela morra. Cada vida em Midlands tem grande valor em meu coração. Mas às vezes, tenho que deixar alguns perderem suas vidas, para que muitos outros possam viver. Vou escutar sua resposta.”

Todos os homens ficaram abaixados e imóveis. Eles pareciam ter se envolvido em alguma coisa que não queriam mais. Os Bantak eram um povo pacífico e eles pareceram estar arrependidos do

ataque deles, pareceram até mesmo confusos. Richard teve sucesso em dar a eles um medo maior do que aquele que os levou até isso.

A brisa agitou a grama seca e com sua passagem lançou uma mecha de cabelo solto no rosto dela. Kahlan levantou a mão e colocou-a de volta enquanto esperava. Com olhos que pareciam ter ficado vazios de vontade, Ma Ban Grid observou o rosto dela. O feitiço tinha sido quebrado.

A voz dele surgiu suave e sincera. "Ouvi os espíritos falarem. Pensei que estavam falando a verdade. É como ele diz. Eu sou um velho tolo." Ele olhou para seus homens silenciosos ao redor. "Os Bantak nunca antes procuraram levar morte para outros. Não vamos começar agora."

Ele abaixou a cabeça e passou o seu medalhão por cima do fino cabelo cinzento. Ele o levantou com as duas mãos, oferecendo para ela. "Por favor, Madre Confessora, entregue isso ao Povo da Lama. Diga a eles que isso é dado em paz. Não vamos começar nenhuma guerra com eles." Lançou um rápido olhar. Richard colocou a espada de volta na bainha. Ma Ban Grid olhou de novo para ela. "Obrigado por nos impedir, por me impedir, de escutar falsos espíritos e fazer uma coisa terrível."

Kahlan abaixou a cabeça para o velho. "Estou agradecida por conseguir servir a tempo de evitar que alguém se ferisse."

Richard olhou para ela. "Pergunte a ele como os espíritos o convenceram a fazer algo que é contra a natureza de seu povo."

"Ma Ban Grid, como os espíritos colocaram o prazer pela guerra em seu coração? O prazer de matar?"

Ele ficou olhando, inseguro. "Os sussurros deles vieram para mim durante a noite. Fizeram eu sentir a necessidade. Eu já senti um impulso de violência, mas nunca fiz isso. Dessa vez, pareceu que eu não conseguia segurar. Nunca senti essa necessidade com tanta força."

"O véu para o submundo, o mundo espiritual, está rasgado." Sussurros se espalharam entre os homens quando ela falou para eles as palavras de Richard. "Falsos espíritos podem tentar falar com você de novo. Fique alerta contra eles. Eu entendo como você foi enganado, e não guardarei raiva contra você por causa disso. Mas

espero que você seja mais cuidadoso agora que aprendeu a verdade e foi avisado.”

“Obrigado, mago.” Ma Ban Grid assentiu. “Vou fazer assim.”

“As vozes dos espíritos disseram mais alguma coisa?”

O velho franziu o rosto, pensativo. “Realmente não lembro das vozes deles me dizendo o que deveria ser feito. Foi mais como uma sensação que me encheu com a necessidade. Meu filho” - ele levantou o olhar - “aquele que morreu... ele estava comigo, e também ouviu eles. Senti que os espíritos falaram diferente com ele, de algum jeito. Seus olhos estavam arregalados de ódio.”

“Até mesmo mais do que os meus. Ele partiu logo que foi visitado pelos espíritos.” Seu olhar virou para o chão.

Richard analisou o guia espiritual por um momento. Sua voz saiu suave. “Sinto muito, Ma Ban Grid, por eu ter que matar seu filho. Machuca meu coração ter feito isso. Saiba que se tivesse outro caminho, eu o teria seguido.”

O velho assentiu, mas não conseguiu dizer as palavras. Olhou para seus homens ao redor. De repente ele pareceu envergonhado. “Não sei o que estamos fazendo aqui,” ele sussurrou. “Esse não é o costume dos Bantak.”

“É culpa dos falsos espíritos. Estou feliz que estivemos aqui para ajudar você a enxergar a verdade nisso,” Richard falou.

Ele assentiu novamente e virou para os seus homens, observando todos, e então saiu andando na direção da terra natal deles.

Kahlan soltou um forte suspiro. Richard observou cautelosamente enquanto os Bantak partiram ao nascer do sol, arrastando as lanças.

“O que você acha disso?” ela perguntou quando ele finalmente virou para ela.

Ele descansou a mão no cabo da espada e virou para olhar os Bantak. “O Guardiã está ficando na nossa frente.” Olhou de volta para os olhos dela. “Ele se esforçou para desacreditar você. Para desacreditar a Madre Confessora.”

“Está colocando armadilhas para nós. Ele tem planos, e eu não tenho a mínima idéia de quais são eles.”

“O que vamos fazer?”

“O que planejamos fazer. Hoje a noite temos a reunião, e amanhã nos casamos e partimos para Aydindril.”

Ela estudou o rosto dele. “Você realmente é um mago,” ela falou suavemente. “Usou magia para quebrar o feitiço do Guardião.”

A expressão dele não mudou. “Não, eu não sou. Foi apenas um pequeno truque que Zedd me ensinou. Uma vez ele disse que as pessoas estão com mais medo de morrer por magia do que por qualquer outra coisa, como se de algum modo eles ficassem mais mortos. Usei esse medo e a Primeira Regra do Mago para fazer eles acreditarem. Foi um medo mais forte do que aquele que os espíritos deram a eles.”

“E quanto a deixar a lâmina da Espada da Verdade branca?”

Ele observou-a por um momento. “Lembra quando Zedd nos mostrou como a espada funciona? Como ela não poderia ferir ninguém que você considere inocente?” Ela assentiu. “Bem, ele estava errado. Quando ela fica branca, você pode matar qualquer um. Qualquer um. Até mesmo alguém que você sabe que é inocente. Até mesmo alguém que você ama.” Seus olhos endureceram. “Odeio magia.”

“Richard, o dom acabou de ajudar a salvar as vidas de muitas pessoas.”

“E a que custo?” ele sussurrou. “Sempre que eu penso em deixar a espada branca, tudo que consigo lembrar é como fiz isso com você, como eu quase matei você com ela.”

“Mas não matou. O *quase* não faz o pão crescer.”

“Isso não faz passar a dor disso. Ou de ter matado com a magia branca da espada, e de saber do que eu sou capaz. Faz eu me sentir como um Rahl.” Ele deu um forte suspiro e mudou de assunto. “Acho que é melhor termos muito cuidado na reunião essa noite.”

“Richard... isso lança uma nova luz sobre as coisas. Agora fomos avisados duas vezes do perigo de mexer com espíritos. Não vai reconsiderar a reunião?”

Ele afastou o olhar. “Que escolha eu tenho? O Guardião parece estar na nossa frente. Os eventos estão acontecendo depressa.”

“Quando mais descobrimos, mais percebemos que não sabemos. Temos que aprender o que pudermos.”

“Mas talvez os espíritos dos ancestrais não consigam nos ajudar.”

“Então teremos aprendido alguma coisa. Não podemos perder a chance; tem coisa demais em risco. Temos que tentar.” Ele pegou a mão dela gentilmente. “Kahlan... não posso permitir a mim mesmo ser responsável por isso. Saber que é minha culpa.”

Ela esperou até que os olhos dele levantassem. “Porque? Porque Darken Rahl é seu pai? Acha que é responsável porque é um Rahl?”

“Talvez. Mas Rahl ou não, não posso ser responsável pelo Guardiã dominar a todos. Dominar você. Tenho que encontrar um jeito de impedir isso. Darken Rahl está me assombrando de seu túmulo. De algum modo eu causei isso. Não sei como, mas é culpa minha. Tenho que fazer o que for necessário para impedir isso, ou todos irão sofrer. E o Guardiã terá você, para sempre.”

“Esse pensamento me assusta mais do que qualquer coisa em minha vida já me assustou. Faz eu acordar com pesadelos.”

“Não há nada que eu não faria para impedir ele de pegar você. Não vou arriscar perder qualquer coisa, não importa qual seja o perigo. Tenho que participar da reunião.” O olhar dele enfrentou o dela. “Mesmo que eu tenha medo que isso possa ser uma armadilha, tenho que tentar.”

“Uma armadilha?... Você acha que pode ser uma armadilha?”

“Poderia ser. Nós fomos avisados. Pelo menos podemos ficar alertas.” Ele olhou para a mão dela sobre a dele. “Não terei a espada durante a reunião. Você acha que pode invocar o raio se tiver que fazer isso?”

Kahlan balançou a cabeça. “Não sei, Richard. Não sei como eu fiz isso. Simplesmente aconteceu. Não sei como controlar.”

Ele assentiu enquanto esfregava a costa da mão dela com os dedos. “Bem, talvez não seja preciso você tentar. Talvez os espíritos dos ancestrais consigam nos ajudar. Eles nos ajudaram antes.”

Richard levantou a mão e segurou o Agiel. Seus olhos cinzentos estavam cheios de dor por causa da dor de cabeça. Ele se

abaixou e colocou a cabeça nas mãos enquanto ela sentava perto dele. "Tenho que descansar um pouco antes de voltarmos. Essa dor de cabeça está me matando."

Ela temeu que ele estivesse certo, que a dor de cabeça realmente estivesse matando ele. Ficou ansiosa pelo dia seguinte, quando poderiam ir até Zedd, conseguir ajuda.

Já era tarde quando eles voltaram para a celebração, para o banquete. A cabeça de Richard estava um pouco melhor, mas ainda machucava ele o bastante para deixar a dor em seus olhos. Os anciãos levantaram quando os dois se aproximaram do abrigo aberto. O Homem Pássaro deu um passo a frente.

"E os Bantak? Vocês viram eles? Não recebemos notícia de Chandalen."

Kahlan segurou o medalhão na direção dele e deixou cair na mão dele quando ela levantou.

"Nós encontramos eles, ao norte, como Richard disse. Ma Ban Grid mandou isso como um presente para dizer ao Povo da Lama que os Bantak não farão guerra com eles. Eles cometeram um erro, e sentem muito. Fizemos eles enxergarem que o Povo da Lama não lhes deseja nenhum mal. Chandalen também cometeu um erro."

O Homem Pássaro assentiu de modo sério, e virou para um caçador que estava ali perto, dizendo a ele para trazer de volta Chandalen e seus homens. Kahlan não achou que ele parecia tão satisfeito quanto pensou que ele ficaria.

"Honrado ancião, tem alguma coisa errada?"

Seus olhos castanhos pareceram pesados. Olhou para Richard e de volta para ela. "Duas das Irmãs da Luz voltaram. Elas esperam na casa dos espíritos."

O coração de Kahlan pulou. Ela esperava que elas não voltassem tão cedo. Quanto tempo fazia, apenas alguns dias?

Ela virou para Richard.

"As Irmãs da Luz estão esperando na casa dos espíritos."

Richard suspirou. "Nada é fácil." Ele se dirigiu ao Homem Pássaro. "Esta noite é a reunião. Vocês estarão prontos?"

"Esta noite os espíritos estarão conosco. Estaremos prontos."

“Tenha cuidado. Não acredite em nada. Todas as nossas vidas dependem disso.” Ele segurou o braço dela. “Vamos ver se conseguimos colocar um fim nisso.”

Eles andaram juntos pelo campo, passando pelo barulho das fogueiras. Pessoas ainda estavam por toda parte, comendo, dançando, tocando as marimbas e tambores. Havia poucas crianças por perto. Algumas estavam afastadas cochilando, mas algumas ainda conseguiam dançar e brincar.

“Três dias,” ele murmurou.

“O quê?”

“Faz três dias, quase, desde que elas estiveram aqui pela última vez. Vou mandar elas embora, e amanhã, teremos partido. Quando elas voltarem daqui a mais três dias, estaremos em Aydindril por dois.”

Ela ficou olhando para frente enquanto caminhavam. “Isso se elas mantiverem a mesma programação. Quem pode dizer que elas não vão aparecer pela terceira vez depois de apenas um dia. Ou uma hora.”

Ela podia sentir os olhos dele sobre ela, mas não olhou quando ele falou. “Você está tentando dizer alguma coisa?”

“Você só tem três chances, Richard. Estou com medo por você. Estou com medo das dores de cabeça.”

“Dessa vez, ela olhou, mas ele não. “Não vou usar uma coleira. Por razão alguma. Por ninguém.”

“Eu sei,” ela sussurrou.

Ele abriu a porta e caminhou para dentro da casa dos espíritos. Sua mandíbula estava tensa de determinação. Seus olhos fixos nas duas mulheres paradas no centro da sala pouco iluminada enquanto marchava até elas. As duas usavam suas capas com o capuz puxado para trás. Seus rostos, levemente franzidos, pareciam quase calmos.

Richard parou na frente das duas. “Eu tenho perguntas, e quero respostas.”

“Estamos felizes em ver que você ainda está bem, Richard,” Irmã Verna falou. “Ainda está vivo.”

“Porque a Irmã Grace cometeu suicídio? Porque vocês permitiram isso?”

A Irmã Elizabeth deu um passo na frente da Irmã Verna. Levantou a coleira aberta em suas mãos. "Nós falamos para você, a discussão acabou. Agora estamos seguindo as regras."

"Eu também tenho regras." Com os punhos nos quadris, ele olhou para cada uma das mulheres. "Minha primeira regra é que nenhuma de vocês vai se suicidar hoje."

Elas ignoraram ele. "Você vai escutar. Eu, Irmã da Luz, Elizabeth Myric, dou a segunda razão para o Rada'Han, dou a segunda chance de receber ajuda. A primeira das três razões para o Rada'Han é controlar as dores de cabeça e abrir sua mente para que possa ser ensinado a usar o dom. Você recusou a primeira chance de receber ajuda. Eu trago a segunda razão e segunda oferta."

Ela observou os olhos dele como se procurasse certificar-se de que tinha toda sua atenção. A segunda razão para o Rada'Han é que assim podemos controlar você."

Richard olhou sério para ela. "Me controlar? O que isso significa, me controlar?"

"Significa o que diz."

"Não vou colocar uma coleira no meu pescoço para que vocês possam me *controlar*." Ele se inclinou chegando um pouco mais perto. "Ou por qualquer outra razão."

A Irmã Elizabeth levantou a coleira. "Como falamos antes, é mais difícil para você aceitar a segunda oferta. Por favor acredite em nós, você está em grande perigo. Seu tempo está esgotando. Por favor Richard, aceite a segunda oferta agora, na segunda das três razões e ofertas. vai ser muito mais difícil aceitar na terceira das três razões."

Havia algo nos olhos dele que Kahlan já tinha visto uma vez - na última vez em que a coleira foi oferecida. Algo estranho, algo assustador. Isso fez ela sentir um calafrio. Arrepios percorreram seus braços. A raiva sumiu da voz dele.

"Eu falei para vocês antes," ele sussurrou. "Não vou usar uma coleira. Por ninguém. Por razão alguma. Se querem me ensinar a usar o dom, a controlar isso, podemos conversar a respeito. Tem coisas acontecendo sobre as quais vocês não sabem nada, coisas perigosas. Eu tenho responsabilidades como o Seeker. Não sou uma

criança como as que vocês estão acostumadas. Sou um adulto. Podemos conversar sobre isso.”

Irmã Elizabeth olhou para ele com feroz intensidade. Richard recuou meio passo. Seus olhos fechados, e ele tremeu levemente. Finalmente, ele endireitou o corpo. Seus olhos abriram enquanto ele deu um forte suspiro. Voltou a encarar o olhar da Irmã. Alguma coisa aconteceu, e Kahlan não tinha idéia do que tinha sido.

A força nos olhos da Irmã Elizabeth diminuiu. Suas mãos baixaram a coleira. Sua voz surgiu em um sussurro temeroso. “Você aceitará a oferta e o Rada'Han?”

Richard ficou olhando para ela. O poder estava de volta em sua voz. “Eu re cuso.”

A Irmã Elizabeth ficou pálida enquanto olhou de volta por um momento antes de virar para a mulher atrás dela.

“Perdoe-me, Irmã, eu falhei.” Colocou o Rada'Han na mão estendida da Irmã Verna. Sua voz saiu como um sussurro. “Agora depende de você.”

A Irmã Verna beijou-a em cada lado do rosto. “A Luz pe rdoa você, Irmã.”

A Irmã Elizabeth virou de volta para Richard, seu rosto ficou frouxo. “Que a Luz abrace você sempre com mãos gentis. Que algum dia você encontre o caminho.”

Richard ficou imóvel com as mãos nos quadris enquanto observava os olhos dela. Ela levantou o queixo. Como a Irmã Grace tinha feito, ela levantou o braço e com um giro do pulso pegou a faca de punho prateado.

Richard continuou olhando para ela enquanto ela virava a faca em sua própria direção. Kahlan observou, segurando a respiração, assustada, enquanto a mulher se preparou para cometer suicídio. O silêncio pareceu espesso. Durante o tempo de uma batida do coração, todos estavam imóveis como pedra.

No instante em que a faca começou a se mover, Richard também se moveu. Sua velocidade foi assustadora. Antes que a Irmã Elizabeth percebesse o que tinha acontecido, Richard tinha segurado o pulso dela. Sua outra mão levantou e começou a

arrancar a estranha faca dos dedos dela enquanto ela lutava para segurá-la. Ela não podia superar a força dele.

“Falei para vocês a minha regra. Vocês não podem cometer suicídio hoje.”

O rosto dela se torceu com esforço inútil. “Por favor! Largue...”

O corpo dela dobrou. Sua cabeça foi lançada para trás. Houve um flash de luz que pareceu vir de dentro dela, de dentro dos olhos dela. A Irmã Elizabeth se curvou até o chão, a Irmã Verna arrancando sua própria faca das costas da mulher quando ela caiu.

O olhar da Irmã Verna levantou da mulher morta para Richard. “Você mesmo deve enterrar o corpo dela. Se deixar que outro faça isso para você, você terá pesadelos pelo resto de sua vida; pesadelos causados por magia. Não há cura para eles.”

“Você a matou! Assassinou ela! Qual é o problema com você! Como foi capaz de matá-la!”

Ela enfiou a faca na manga enquanto olhava para ele. Ela se esticou, arrancou a faca prateada da mão dele, e enfiou em sua capa.

“Você a matou,” Irmã Verna sussurrou.

“Suas mãos estão com o sangue!”

“Assim como o machado do carrasco, mas ele não se move sozinho.”

Richard foi direto para a garganta dela. Ela não se moveu; simplesmente continuou a olhar para ele. Suas mãos pararam antes de chegarem nela. Richard tremeu, lutando contra uma barreira invisível enquanto ela olhava para ele.

Naquele instante, Kahlan soube quem eram as Irmãs.

Richard aliviou a pressão contra a barreira. Afastou as mãos para trás um pouco. Ele relaxou visivelmente.

Lentamente, seu rosto ficou calmo, esticou uma das mãos na direção de Irmã Verna. Seus dedos se fecharam em volta da garganta dela. Os olhos dela ficaram arregalados de surpresa.

“Richard,” ela sussurrou furiosamente, “tire sua mão de mim.”

“Como você disse, isso não é um jogo. Porque você a matou?”

Seu peso desapareceu dos pés. Richard flutuou algumas polegadas no ar. Ele apertou a garganta dela com mais força.

Quando ele não soltou, fogo surgiu ao redor deles, ganhando vida, uma espiral de chamas se fechando em volta dele.

“Eu disse, tire sua mão de mim.”

Em mais um momento, o fogo consumiria Richard. Antes que percebesse o que estava fazendo, Kahlan estava com o punho levantado na direção da Irmã. Luz azul estalou no punho e na mão dela. Pequenas faixas de raios azuis escapavam pelos lados enquanto ela se esforçava para se conter e não liberar o raio de poder. Centelhas de fogo azul chiaram, por toda parte na casa dos espíritos, subindo as paredes, pelo teto e pelo chão, em todo lugar exceto onde os outros dois estavam. Ela estremeceu com a tensão de segurar o poder.

“Pare!” As faixas de raios azuis sugaram o fogo. “Não vai haver mais matança hoje.” A luz azul apagou.

O silêncio encheu a sala novamente enquanto a Irmã Verna olhava para Kahlan. Um leve brilho de raiva surgiu nos olhos dela.

Richard desceu até o chão e tirou sua mão da garganta da mulher.

“Eu não teria ferido ele. Só pretendia assustá-lo para que ele me soltasse.” Ela virou o olhar para Richard.

“Quem ensinou você a romper uma teia?”

“Ninguém me ensinou. Aprendi sozinho. Porque você matou a Irmã Elizabeth!”

“Aprendeu sozinho,” ela zombou. “Eu falei. Isso não é um jogo. Tenho que seguir as regras.” Sua voz perdeu sua força. “Eu a conheci por muitos anos. Se alguma vez já fez aquela sua espada ficar branca, entenderia o quanto me custou fazer o que fiz.”

Richard não falou para ela que tinha feito a espada ficar branca. “Você poderia esperar que eu me colocasse em suas mãos, depois do que você fez?”

“Seu tempo está se esgotando, Richard. Depois do que vi hoje, eu ficaria surpresa se as dores de cabeça não matarem você em breve. Não sei porque a dor ainda não o derrubou. Seja lá o que esteja protegendo você, não vai durar muito mais tempo. Sei que não gosta de ver ninguém morrer. Nós também não, mas por favor acredite que o que está sendo feito é por você, para salvar você.”

Ela virou para Kahlan. "Tenha cuidado com esse poder seu, Madre Confessora. duvido que tenha a mais leve idéia do quanto ele é perigoso." A Irmã Verna levantou o capuz enquanto seus olhos castanhos viraram para Richard.

"Foram oferecidas a primeira e a segunda de três chances, e você recusou. Eu voltarei." Ela chegou um pouco mais perto. "Você só tem mais uma chance. Se recusar, vai morrer. Pense nisso cuidadosamente, Richard."

Depois que a porta se fechou atrás da Irmã Verna, Richard se agachou perto da Irmã morta. "Ela estava fazendo alguma coisa comigo. Magia. Eu pude sentir."

"Qual foi a sensação?"

Richard balançou um pouco sua cabeça. "Da primeira vez que elas estiveram aqui, pensei ter sentido alguma coisa me induzindo a aceitar a oferta delas, mas eu estava com tanto medo da coleira, que não prestei atenção. Dessa vez, foi muito mais forte. Era magia. A magia estava tentando me forçar a dizer sim, aceitar a oferta das Irmãs. Eu só pensei na coleira até que a força sumiu e eu consegui dizer não."

Ele olhou para ela. "Você tem alguma idéia do que está acontecendo? O que ela estava fazendo, e o que a Irmã Verna fez, com o fogo, e o resto?"

A mão de Kahlan ainda formigava por causa do raio azul. "Sim. As Irmãs são feiticeiras."

Richard levantou devagar. "Feiticeiras." Ele observou os olhos dela por um momento. "Porque elas se matariam quando eu digo não?"

"Acho que é para transferir o poder delas para a Irmã seguinte, para fazer ela ficar mais forte para quando tentarem de novo."

Ele olhou para o corpo. "Porque eu seria tão importante para que elas se matassem para me pegar?"

"Talvez seja como elas dizem. Para ajudar você."

Ele olhou para ela com o canto do olho. "Elas não querem que um homem, um estranho, morra, e ainda assim duas delas já morreram tentando me fazer aceitar sua ajuda para que uma vida não fosse perdida? Como isso pode ser melhor?"

“Não sei, Richard, mas estou com tanto medo que dói. Tenho medo que elas pudessem estar dizendo a verdade: que você não tem muito tempo, e que as dores de cabeça estejam matando você. Tenho medo que você não consiga controlar elas por muito tempo.” A voz dela saiu fraca de emoção. “Não quero perder você.”

Richard passou os braços em volta dela. “Vai ficar tudo bem. Vou enterrar ela. A reunião será em algumas horas.”

“Amanhã estaremos em Aydindril e então estarei seguro. Zedd saberá o que fazer.”

Ela só conseguiu balançar a cabeça encostada no ombro dele.

CAPÍTULO 16



Kahlan sentou nua no círculo com oito homens nus. Richard estava do lado esquerdo dela, pintado, como ela e os anciãos, com a lama preta e branca a não ser em um pequeno círculo no meio do peito dele. Na luz fraca que vinha da pequena fogueira atrás dela, ela podia ver a louca mistura de linhas e redemoinhos espalhando-se diagonalmente pelo rosto dele. Todos usavam a mesma máscara, para que os espíritos dos ancestrais pudessem vê-los. Ela imaginou se parecia tão selvagem para ele quanto ele parecia para ela. O estranho cheiro acre do fogo fez o nariz dela coçar. Nenhum dos anciãos coçou o nariz; eles apenas olhavam fixamente para o vazio e entoavam palavras sagradas para os espíritos.

A porta bateu fechando sozinha, fazendo ela dar um pulo.

Os olhos distantes do Homem Pássaro levantaram. "A partir de agora, até que terminemos, perto da madrugada, ninguém pode sair, ninguém pode entrar. A porta está bloqueada pelos espíritos."

Kahlan não gostou da idéia de que, como Richard tinha falado, isso poderia ser uma armadilha. Ela apertou a mão dele com mais força. Ele devolveu o aperto. Finalmente, ela pensou, ela estava com ele. Esperava que pudesse protegê-lo.

Ela esperava conseguir invocar o raio se tivesse que fazê-lo.

O Homem Pássaro pegou uma rã e então passou a cesta para o ancião seguinte. Kahlan olhou para os crânios arrumados em um círculo no centro enquanto cada ancião pegou uma rã e começou a esfregar sua costa contra o círculo de pele livre no seu peito. Quando fizeram isso, cada um deles jogou a cabeça para trás e recitou palavras diferentes.

Sem olhar para o lado, Savidlin passou a cesta para ela.

Fechando os olhos, ela enfiou a mão dentro e finalmente pegou uma rã de espírito que chutava e se contorcia. Sua pele lisa e viscosa era nojenta. Engolindo em seco, e fazendo um esforço mental com seu poder de Confessora para tentar evitar soltar involuntariamente, ela pressionou a costa da rã na pele entre os seios quando passou a cesta para Richard.

Uma rigidez com formigamento se espalhou na pele dela. Ela soltou a rã e segurou a mão de Richard mais uma vez enquanto as paredes começaram a ondular, como se fossem enxergadas através do calor e fumaça. A mente dela tentou em vão segurar as imagens da casa dos espíritos em volta dela. Elas foram arrastadas para longe enquanto ela sentiu que estava girando em volta dos crânios.

Sensações suaves acariciaram sua pele. Luz dançou da caveira no centro e encheu os olhos dela. Sons de marimbas e tambores e cantos encheram seus ouvidos. O cheiro pungente do fogo encheu os pulmões dela. Como antes, a luz do centro brilhou com mais intensidade, envolvendo eles dentro dela, dentro do vácuo, fazendo eles rodopiarem.

E então havia formas ao redor deles. Kahlan também lembrou delas, de antes: os espíritos dos ancestrais. Ela sentiu um toque suave no ombro: uma mão; a mão de um espírito.

A boca do Homem Pássaro se moveu, mas não era a voz dele. Era a voz unida dos espíritos dos ancestrais, lenta, assustadora, morta.

“Quem convoca esta reunião?”

Kahlan se inclinou na direção de Richard, e sussurrou, “Eles querem saber quem convoca essa reunião.”

Ele assentiu. “Eu convoco. Eu convoco essa reunião.”

O toque deixou o ombro dela e todos os espíritos flutuaram de trás deles para o centro do círculo.

“Diga seu nome.” O eco das suas vozes causaram ondas de dor pela pele dos braços dela. “Seu nome completo e verdadeiro. Se tem certeza de que deseja essa reunião, independente do perigo, faça seu pedido depois de seu nome. Você tem apenas esse aviso.”

Richard olhou para ela durante a tradução. “Richard, por favor...”

“Eu preciso.” Olhou de volta para os espíritos no centro e deu um forte suspiro. “Eu sou Richard...” Ele engoliu em seco e fechou os olhos por um momento. “Eu sou Richard Rahl, e eu convoco esta reunião.”

“Que assim seja,” surgiram os sussurros.

A porta para a casa dos espíritos abriu batendo com força.

Kahlan pulou soltando um leve grito. Sentiu a mão de Richard tremer também. A porta ficou aberta, uma boca negra na luz suave ao redor deles. Todos os anciãos levantaram o olhar, seus olhos não apresentavam mais a visão distante.

Pareciam confusos, surpresos.

As vozes dos espíritos surgiram novamente, dessa vez não através dos anciãos, mas do centro, dos próprios espíritos. O som dela foi ainda mais doloroso do que antes.

“Todos a não ser aquele que chama os espíritos dos ancestrais devem partir. Partam enquanto ainda podem. Prestem atenção ao nosso aviso.”

“Aqueles que ficarem para trás com ele arriscam perder suas almas.” Eles viraram para Richard. Suas vozes eram um sibilar. “Você não deve partir.”

Os olhos assustados dos anciãos viraram uns para os outros enquanto ela traduziu para Richard. Kahlan sabia: isso nunca tinha acontecido.

“Saíam todos,” Richard sussurrou. “Faça todos saírem. Não quero que se machuquem.”

Kahlan olhou para os olhos preocupados do Homem Pássaro. “Por favor. Todos vocês, vão agora. Enquanto podem. Não queremos que nada de mal aconteça a nenhum de vocês.”

Todos os anciãos olharam para o Homem Pássaro. Ele ficou olhando para ela um momento, olhou para Richard, e então de volta para ela.

“Não posso oferecer nenhuma orientação, criança. Isso nunca aconteceu. Não sei o que isso significa.”

Kahlan assentiu. “Eu entendo. Vão agora, antes que seja tarde demais.”

Savidlin tocou o ombro dela, e então os anciãos desapareceram quando caminharam através do vácuo negro da porta. Ela sentou junto a Richard; com os espíritos.

“Kahlan, quero você fora daqui também. Vá. Agora.” Sua voz estava calma, quase fria. O medo dançava nos olhos dele.

E magia.

Ela observou o rosto dele enquanto ele olhava para os espíritos.

“Não,” ela sussurrou. Ela virou para o centro mais uma vez. “Não vou deixar você. Por razão alguma. Ainda que nenhuma palavra tenha sido dita sobre nós, estamos unidos em nossos corações, pela minha magia. Nós somos um. O que acontece com um, acontece com os dois. Eu fico.”

Richard não olhou para ela. Continuou a olhar fixamente para os espíritos enquanto eles flutuavam no centro da sala, acima dos crânios. Ela pensou que ele gritaria para ela ir embora. Ele não gritou. Sua voz foi suave e gentil.

“Obrigad o. Eu te amo, Kahlan Amnell. Juntos, então.”

A porta bateu fechando.

Kahlan pulou, e um leve som escapou da garganta dela antes que pudesse evitar. O coração dela bateu forte em seus ouvidos. Tentou diminuir a velocidade da respiração, mas não conseguiu. Ao invés disso, engoliu em seco.

A imagem dos espíritos ficou turva. “O que você invocou, Richard Rahl, não podemos ficar para testemunhar. Sentimos muito.”

As formas deles pareceram evaporar enquanto ela observava. Quando desapareceram, a luz foi com eles, até que os dois foram deixados em total escuridão. Ela podia ouvir o leve estalar do fogo mais além daquela escuridão, a respiração acelerada de Richard, sua própria respiração, e nada mais. A mão de Richard encontrou a dela. Nas trevas, eles ficaram sentados juntos, sozinhos, nus.

Quando Kahlan começou a achar, a ter esperança, que nada fosse acontecer, ela percebeu uma leve claridade diante dela. Havia luz começando a brilhar.

Luz verde.

Um tom de luz verde que tinha visto em apenas um lugar.

O submundo.

A respiração dela ficou irregular. A luz verde ficou mais clara, e com ela, lamentos distantes.

Do ar ao redor surgiu um estalo ensurdecedor, como um trovão, súbito, forte, doloroso. O chão tremeu com o impacto.

Do centro da luz verde, foi aparecendo um brilho branco, que começou a ganhar forma e ficou diante deles. A respiração dela ficou presa. O cabelo da sua nuca ficou eriçado.

A forma branca deu um passo chegando mais perto. Ela percebeu que o aperto de Richard estava machucando.

Kahlan conhecia o manto branco, o cabelo louro comprido, o belo rosto que estava na frente deles, mostrando aquele leve sorriso pavoroso.

“Queridos espíritos nos protejam,” ela sussurrou.

Era Darken Rahl.

Como se fossem um, ela e Richard levantaram lentamente. Os olhos azuis brilhantes observaram eles. Relaxado, sem pressa, Darken Rahl levantou uma das mãos e lambeu a ponta dos dedos.

“Obrigado, Richard, por me chamar de volta.” Seu sorriso cruel cresceu. “Que gentileza sua.”

“Eu... não chamei você de volta,” Richard sussurrou.

Darken Rahl deu uma leve risada. “Mais uma vez, você cometeu um erro. Você me chamou de volta. Você convocou uma reunião. Uma reunião dos espíritos ancestrais. Eu sou seu ancestral. Só você poderia me trazer de volta, através do véu. Só você.”

“Eu condeno você.”

“Condene o quanto desejar.” Ele estendeu seus braços, na luz branca em volta dele. “Eu ainda estou aqui.”

“Mas eu matei você.”

A forma de manto branco luminoso, cintilante, riu novamente. “Me matou ? Assim você o fez. E, usou magia para me enviar a um lugar diferente. Um lugar onde eu sou conhecido. Um lugar onde eu tenho... amigos. E agora você me chamou de volta. De novo com magia. Não apenas me chamou de volta, Richard, mas rasgou o véu mais ainda ao fazer isso.” Ele balançou a cabeça lentamente. “A sua estupidez não tem fim?”

Darken Rahl pareceu flutuar, e ao mesmo tempo caminhar, na direção de Richard. Richard soltou a mão de Kahlan enquanto se afastava. Ela não conseguiu fazer suas pernas se moverem para ir junto com ele.

Os olhos de Richard estavam arregalados. “Eu matei você. Eu derrotei você. Eu venci. Você perdeu.”

A cabeça loura assentiu lentamente. “Venceu uma pequena batalha, em uma guerra infinita, usando o dom, e a Primeira Regra do Mago. Mas em sua ignorância, violou a Segunda Regra do Mago, e fazendo isso, perdeu tudo.” Seu lento sorriso malvado voltou. “Que pena. Ninguém nunca falou para você? Magia é perigosa. Eu poderia ter ensinado. Poderia ter compartilhado tudo isso com você.” Ele encolheu os ombros. “Mas não importa. Você me ajudou a vencer mesmo sem ter sido ensinado. Eu não poderia estar mais orgulhoso de você.”

“Qual é a Segunda Regra do Mago ? O que eu fiz!”

As sobrancelhas de Rahl levantaram quando ele deu outro passo chegando mais perto.

“Porque, Richard, você não sabe? Deveria saber,” ele sussurrou. “Você a quebrou pela segunda vez, hoje. E ao violar ela pela segunda vez, você rasgou o véu mais uma vez, uma segunda vez, e me trouxe aqui, e assim eu posso rasgar o resto dele e libertar o Guardiã.” O sorriso zombeteiro dele voltou. “Sozinho” Ele soltou uma risada. “Meu filho. nunca deveria ter se intrometido em coisa que não entende.”

“O que você quer!”

Rahl chegou mais perto. “Você, meu filho. Você.” Sua mão começou a levantar na direção de Richard. “Você me enviou para outro mundo, e agora, em retorno, vou mandar você para lá. Para o Guardiã. Ele quer você. Você é dele.”

Sem ao menos perceber, a mão de Kahlan estava levantada, o Con Dar teve início nas profundezas do seu ser. A fúria explodiu através dela, e um raio azul irrompeu de seu punho. O vácuo escuro em volta deles desapareceu em uma fúria de luz e som que tremeu o chão sob os pés dela. A casa dos espíritos estava de volta,

iluminada pelo raio azul enquanto ele correu na direção de Darken Rahl.

Com facilidade, a mão dele levantou, desviando o ataque. O raio dividiu. Uma parte atravessou o teto, para dentro do céu negro, causando uma chuva de fragmentos do telhado. A outra parte atingiu o chão, lançando poeira por toda parte.

Os olhos de Darken Rahl encontraram os dela. Seu olhar queimou a própria alma dela. Ele mostrou o sorriso mais terrível que ela já tinha visto. Pareceu causar dor em cada fibra do seu ser. Ela tentou invocar o poder de novo, mas nada aconteceu. Ele tinha feito alguma coisa. Kahlan tentou, mas não podia mover um músculo. Richard pareceu tão paralisado quanto ela.

O mundo dela estava desmoronando em uma velocidade assustadora. Richard, ela gritou em sua mente. Meu Richard. Oh, queridos espíritos, não deixem isso acontecer.

Os olhos dele ardiavam de fúria, Richard tentou dar um passo adiante, mas Darken Rahl colocou sua mão no lado esquerdo do peito dele, acima do coração, fazendo ele ficar imóvel como pedra.

“Eu marco você, Richard. Para o Guardiã. Com a marca do Guardiã. Você é dele.”

Richard jogou a cabeça para trás. O grito dele pareceu rasgar o próprio ar, e partir o coração e a alma dela com seu desespero. Kahlan sentiu como se tivesse morrido mil vezes naquele instante.

Enquanto Darken Rahl manteve a mão no peito de Richard, pequenas tiras de fumaça rodopiavam. As narinas de Kahlan ficaram cheias do cheiro forte de carne queimada.

Darken Rahl retirou a mão. “O preço da ignorância, Richard. Você está marcado. Agora você é do Guardiã. Agora, e para sempre. A jornada começa.”

Richard desabou como um fantoche cujas cordas tivessem sido cortadas. Kahlan não sabia se ele estava inconsciente, ou morto. Alguma coisa mantinha ela de pé, mas não era suas pernas. Eram as cordas que Darken Rahl segurava.

Ele deslizou se aproximando dela. Ele cresceu acima dela, esmagando-a em meio ao brilho cegante. Kahlan queria se encolher, fechar os olhos, mas não podia.

Finalmente, ela recuperou a voz. "Mate-me também," ela sussurrou. "Me envie para onde mandou ele. Por favor."

A mão brilhante dele se esticou na direção dela. A agonia no coração dela estilhaçou os sentidos da mente dela. Os dedos dele se abriram. Seu toque na carne dela lançou fogo e gelo através dela em uma onda de choque.

A mão se afastou.

"Não." O sorriso cruel de Darken Rahl apareceu outra vez. "Não. Isso seria fácil demais. Melhor deixar ele ver o que acontece com você. Melhor deixar ele observar, indefeso." O sorriso mostrou os dentes pela primeira vez. "Melhor deixar ele sofrer com isso." Seus olhos tinham uma intensidade que pareciam perfurar ela. Era o mesmo olhar assustador que Richard tinha herdado.

"Você vive, por enquanto. Muito em breve, você vai se contorcer com um novo tipo de dor, viva, e morta," ele sussurrou em um calculado tom impiedoso. "Ele vai observar. Para sempre. Eu vou observar. Para sempre. O Guardião vai observar. Para sempre."

"Por favor," ela gritou, "me envie com ele."

Um dedo se esticou e tocou uma lágrima. A dor do toque fez ela se encolher. "Já que você ama ele tanto, vou dar a você um presente." Ele virou e moveu o braço suavemente pelo ar na direção de Richard. Seus assustadores olhos azuis voltaram para ela. "Vou deixar ele viver um pouco mais. Tempo bastante para você observar enquanto o Guardião suga a vida dele. Suga a alma dele. O tempo não é nada. O Guardião o terá. Dou a você essa centelha de tempo em assistir para sempre aquele que você ama morrer."

Ele se inclinou na direção dela. Ela se esforçou para se afastar, mas não podia. Os lábios dele deixaram um beijo no rosto dela. A dor lançou um grito silencioso através dela e encheu a mente dela com uma visão de ser estuprada. Dedos luminosos levantaram o cabelo dela do pescoço. A boca dele estava perto do ouvido dela.

"Aproveite meu presente," ele sussurrou de modo íntimo. "Com o tempo, terei você também. Para sempre. Entre a vida e a morte.

Para sempre. Gostaria de dizer a você o quanto vai sofrer, mas acho que não seria capaz de compreender. Muito em breve, vou

mostrar.” Ele deu uma risada no ouvido dela. “Depois que eu tiver rasgado o resto do véu, e liberado o Guardiã.”

Enquanto ela ficou parada, impotente, ele deu outro beijo no pescoço dela. O horror das visões que isso espalhou em sua mente fez com que ela se sentisse suja além de qualquer limite que tinha pensado ser possível. “Só uma pequena amostra. Adeus, por enquanto, Madre Confessora.”

Quando ele virou as costas, ela conseguiu se mover outra vez. Ela buscou desesperadamente pelo poder. Ele não viria. Gritou e tremeu enquanto observou ele deslizar pela porta da casa dos espíritos e desaparecer.

E então ela desabou no chão com um gemido de agonia. Convulsionando em soluços irregulares, ela rastejou na terra até Richard.

Ele estava deitado de lado, afastado dela. Ela virou ele deitando-o sobre as costas. Os braços dele caíram para os lados, flácidos. Sua cabeça virou na direção dela. Ele parecia sem cor, morto. Em seu peito estava queimada a marca de uma mão - a marca do Guardiã.

A pele enegrecida estava rachada e sangrando. A vida dele, sua alma, estava se esvaindo.

Ela caiu sobre ele, agarrou-se a ele, enquanto chorava e tremia incontrolavelmente.

Kahlan segurou o cabelo dele e encostou o rosto dela contra a bochecha fria dele. “Por favor, Richard,” ela chorou soluçando, “por favor não me deixe. Faria qualquer coisa por você. Morreria no seu lugar. Não morra. Não me deixe. Por favor, Richard. Não morra.”

Ela se encolheu junto a ele, seu mundo terminando. Morrendo. Não conseguia pensar em nada para fazer, a não ser gritar que o amava. Ele estava morrendo, e não podia fazer nada para impedir. Podia sentir sua respiração lenta.

Ela desejou morrer com ele, mas a morte não viria. Perdeu todo o senso de tempo. Não sabia se estivera ali alguns minutos, ou algumas horas. Não sabia mais o que era real. Tudo parecia um pesadelo. Com dedos trêmulos, ela tocou no rosto dele. Sua pele estava mortalmente fria.

“Você seria Kahlan.”

Ela virou, sentando, ao escutar o som da voz de mulher atrás dela. A porta da casa dos espíritos estava fechada novamente. Na escuridão, um brilho branco parecido com o de um espírito erguia-se acima dela. Parecia ser um espírito, uma mulher, com as mãos cruzadas. Ela observou com um sorriso agradável. O cabelo dela, tanto quanto Kahlan podia perceber, formava uma trança.

“Quem é você?”

A figura se abaixou para sentar diante dela. O espírito não tinha roupa alguma que Kahlan pudesse distinguir, mas também não aparentava estar nu. A mulher olhou para Richard. Uma expressão tanto de saudade quanto de angústia surgiu em seu rosto. O espírito virou para Kahlan.

“Eu sou Denna.”

O susto com o nome, e a proximidade dela de Richard, fez o punho de Kahlan levantar rapidamente. O raio gritou para ser liberado. Antes que Kahlan pudesse fazê-lo, Denna falou novamente.

“Ele está morrendo. Precisa de nós. De nós duas.”

Kahlan hesitou. “Você pode ajudar ele?”

“Nós duas podemos, talvez. Se você o amar bastante.”

As esperanças de Kahlan renasceram. “Faria qualquer coisa. Qualquer coisa.”

Denna assentiu. “Espero que sim.”

Denna olhou de volta para Richard e tocou o peito dele suavemente. Kahlan estava a prestes a liberar o poder. Não sabia se Denna estava tentando machucar ele, ou ajudar. Ela se agarrava na esperança. Essa era a única chance dela para salvar Richard. Richard soltou um suspiro profundo. O coração de Kahlan deu um pulo.

Denna recolheu sua mão e sorriu. “Ele ainda está com você.”

Kahlan baixou um pouco a mão, e enxugou lágrimas do rosto com os dedos da outra mão. Não gostou do modo saudoso que Denna mostrava enquanto olhava para Richard. Nem um pouco. “Como chegou aqui? Richard não poderia ter chamado você; você não é ancestral dele.”

Denna virou, seu leve sorriso sonhador desaparecendo. “Seria impossível relatar isso a você de forma precisa, mas talvez eu

pudesse explicar o bastante para ajudar você a entender. Eu estava em um lugar de escuridão e paz. Ele foi perturbado quando Darken Rahl atravessou. Sua travessia é algo que não deveria acontecer. Quando ele se aproximava, eu senti que Richard tinha chamado ele de algum modo, e permitido que ele saísse de onde estava, preso pelo véu, e viesse aqui.”

“Conheço Darken Rahl muito bem, então eu segui ele. Eu nunca seria capaz de atravessar meu próprio véu, mas colando nele, eu consegui passar também, seguindo em seu rastro. Eu vim porque sabia o que Darken Rahl faria com Richard. Não sei como explicar melhor.”

Kahlan assentiu. Não estava vendo um espírito; estava vendo uma mulher que havia tomado Richard como seu companheiro.

O poder ferveu com fúria dentro dela. Ela lutou para contê-lo, dizendo a si mesma que era para salvar Richard. Não conhecia outra maneira; tinha que deixar Denna ajudar, se ela pudesse. Kahlan disse que faria qualquer coisa, e falou sério. Mesmo se isso fosse não tentar matar alguém que já estava morta. Alguém que ela queria matar mil vezes e então outras mil.

“Consegue aj udar ele? Consegue salvá-lo?”

“A marca do Guardiã foi colocada sobre ele. A marca levará o portador para o Guardiã. Se a mão de outra pessoa for colocada sobre a marca, ela será transferida, e ao invés disso levará essa pessoa, no lugar dele. Então Richard não será lançado até o Guardiã. Ele viverá.”

Naquele instante Kahlan soube o que deveria fazer. Sem hesitação, ela se inclinou sobre Richard, estendendo sua mão. “Então pegarei a marca. Irei no lugar dele para que ele viva.” Ela abriu os dedos para combinar com a marca negra. Sua estava apenas uma polegada sobre ela.

“Kahlan, não faça isso.”

Ela olhou por cima do ombro. “Porque ? Se isso vai salvar ele, então estou disposta a ir no lugar dele.”

“Sei que está, mas não é tão simples. Primeiro temos que conversar. Não vai ser fácil, para nós duas. Ajudar ele vai nos machucar de verdade.”

Kahlan sentou relutante e assentiu. Ela concordaria com qualquer coisa, pagaria qualquer preço, até mesmo conversar com essa... mulher. Colocou uma das mãos de modo protetor em Richard enquanto sentou encarando Denna. "Como sabe quem eu sou?"

Denna sorriu, quase riu. "Conhecer Richard é saber quem é Kahlan."

"Ele falou para você sobre mim?"

O sorriso de Denna sumiu. "De certo modo. Ouvei seu nome incontáveis vezes. Quando machuquei ele até que estivesse delirando, ele gritou seu nome. Nunca outro. Não o da mãe dele, nem o do pai. Só o seu. Machuquei ele até que não soubesse seu próprio nome, mas ele sempre lembrava do seu. Eu sabia que ele encontraria um jeito de ficar com você independente do seu poder de Confessora." Um pouco do sorriso dela voltou. "Acho que Richard poderia descobrir um jeito de fazer o sol nascer à meia-noite."

"Porque está me dizendo isso?"

"Porque vou pedir que ajude ele, e quero que entenda exatamente o quanto estará ferindo ele antes de concordar com isso. Deve entender o que terá que fazer para salvar ele. Não vou enganá-la para que faça isso. Deve ser feito com todo o seu conhecimento. Somente assim você saberá como salvá-lo. Se não entender, pode falhar."

"Ele está em perigo por causa de muito mais do que essa marca. Ele está doente com uma loucura, loucura que eu coloquei ali. Isso matará ele tão certamente quanto a marca do Guardião."

"Provavelmente Richard é a pessoa mais sã que conheço. Ele não tem loucura nenhuma. É a marca que temos de remover."

"Ele está marcado de outras maneiras: ele tem o dom. Eu soube a partir do momento em que ele veio para me matar. Posso ver isso nele agora, a aura disso. Sei que está matando ele, e sei que o tempo dele é muito curto. Não sei quanto, apenas que não resta muito tempo. Não podemos salvar ele do Guardião só para que ele morra de qualquer modo por causa do dom."

Kahlan assentiu enquanto esfregava o nariz com a costa da mão. "As Irmãs da Luz dizem que podem salvar ele. Elas dizem que ele deve usar uma coleira para se salvar. Richard não vai colocar

isso. Ele me contou o que você fez com ele, porque ele não usará uma coleira. Mas Richard não está louco. No final ele verá o que deve ser feito, e fará. Ele é desse jeito. Ele verá a verdade.”

Denna balançou a cabeça. “O que ele falou não chega nem perto da superfície. Não pode imaginar o que ele não disse. Conheço a loucura dele. Ele não vai contar o resto para você. Eu devo.”

A raiva de Kahlan ferveu. “Não acho que seria sábio de sua parte contar isso. Se ele não quer me falar, então acho que eu não deveria saber.”

“Você deve. Deve entender ele se quer ajudá-lo. De alguns modos, eu entendo ele melhor do que você.”

“Levei ele até o limite da loucura, e além. Eu vi ele em uma terra devastada de insanidade.”

“Eu estive com ele lá e ajudei ele.”

Kahlan observou zangada. Ela reconheceu a expressão nos olhos de Denna quando ela olhava para Richard. Não confiava nela.

“Você ama ele.”

Denna olhou para ela. “Ele ama você. Usei esse amor para ferir ele. Levei ele até o limiar da morte e prendi ele lá, bem na margem. Outros levariam um homem até o limite mas depressa, mas não conseguiriam segurar ele ali. Eles sempre vão um passo longe demais, rápido demais, e o matariam, terminando antes que pudessem extrair a mais bela dor, infligir a insanidade mais crua. Darken Rahl me escolheu porque eu tinha o talento para manter eles vivos e causar aquela dor, e então mais, e então mais ainda. O próprio Darken Rahl me ensinou.”

“Às vezes, eu tinha que sentar durante horas, e esperar, sabendo que se eu tocasse nele com o Agiel só mais um pouco, seria um toque longe demais; isso mataria ele. Enquanto eu sentava, esperando que ele se recuperasse o bastante para que eu pudesse ferir ele mais, ele sussurrava seu nome, de novo e de novo, durante horas. Ele nem estava consciente de que fazia isso.”

“Você foi a linha que manteve ele vivo. Era a única linha que permitia que eu desse a ele aquela dor extra.”

“Que permitia levar ele mais longe na direção da morte, mais fundo na loucura. Usei seu amor por você para punir ele além de

qualquer coisa que de outra forma não seria possível.”

“Enquanto eu sentava ali, escutando ele sussurrar seu nome, desejei que uma vez, ao menos uma vez, tivesse sido meu nome que ele chamava. Nunca foi. Machuquei ele mais por isso do que por qualquer outra coisa.”

Lágrimas desceram pelas bochechas de Kahlan, caindo de seu rosto. “Por favor, Denna, não quero ouvir mais. Não consigo suportar mais - saber que tornei possível você fazer o que fez.”

“Você deve. Ainda nem comecei a dizer o que você precisa ouvir se quer ajudar ele. Tem que entender como eu usei magia contra ele; porque ele odeia a magia dentro dele mesmo. Eu entendo, porque o que eu fiz com ele também foi feito comigo, por Darken Rahl.”

Enquanto Kahlan ficou sentada tremendo, olhando para o vazio, quase em transe, Denna começou a contar o que tinha feito com Richard. Como usou o Agiel. Ela se encolheu com a descrição de cada tipo de toque, de tudo que ele podia fazer.

Kahlan lembrava bem demais qual era a sensação desse toque, a dor enlouquecedora. Aprendeu que o que ela sentiu foi o poder mínimo.

Ela chorou quando Denna como Richard ficou pendurado em grilhões enquanto ela puxava a cabeça dele para trás e fazia ele ficar completamente imóvel enquanto enfiava o Agiel no ouvido dele, ou arriscaria causar danos dentro da sua cabeça. E como ele tinha conseguido fazer isso por causa de seu amor por Kahlan. Ela tremeu, quando ouviu a terrível descrição do que isso fez com ele, do que a magia fez com ele; do que sua própria magia fez com ele. Ela não conseguia olhar para Denna enquanto a outra falava. Não conseguia encarar seu olhos. E aquilo foi apenas o começo.

Ela segurou o estômago e manteve uma mão trêmula na boca para evitar vomitar quando Denna relatou um ato indescritível após o outro. Kahlan não conseguia parar de chorar. Ficou passando mal enquanto fechava os olhos com força.

Enquanto escutava, rezou para os deuses espíritos que Denna não diria a única coisa que sabia não conseguir suportar ouvir.

Mas então Denna falou para ela. Falou para ela o que uma Mord-Sith fazia com o companheiro dela, falou porque os companheiros delas não viviam muito tempo. Cada detalhe íntimo. E o que ela havia feito com Richard que não tinha feito com nenhum outro companheiro.

Com um gemido, Kahlan se afastou, rastejou uma curta distância, e começou a levantar. Apoiando-se com uma das mãos, e a outra no estômago, ela chorou, arfou e vomitou. As mãos de Denna estavam ali, segurando o cabelo dela para trás enquanto Kahlan esvaziava o conteúdo de seu estômago na terra. Ela vomitou até que suas entranhas estivessem secas.

Sentiu o caloroso toque de Denna que causava formigamento em suas costas. Desejou invocar o raio, mas estava fraca demais para encontrar o poder. Ela estava dividida entre querer se jogar sobre Richard e confortá-lo, e fazer essa mulher em pedaços com a magia do Con Dar, a Raiva de Sangue.

Depois de vomitar, arfar e chorar, Kahlan conseguiu soltar as palavras. "Tire... suas mãos... de mim." A mão que segurava o cabelo dela se afastou. A que estava em suas costas levantou. O estômago dela tremeu novamente em uma convulsão. "Quantas vezes você fez aquilo com ele?"

"O bastante. Não importa."

Kahlan virou com raiva, cerrando os punhos quando gritou. "Quantas vezes!"

A voz de Denna estava suave e calma. "Sinto muito, Kahlan, eu não sei. Eu não fiquei contando. Mas ele ficou comigo muito tempo. Muito mais tempo do que qualquer outro companheiro. Fiz isso quase toda noite. As coisas que fiz, não fiz com nenhum outro, porque nenhum tinha a força que Richard teve, a força do seu amor por você. Os outros teriam morrido na primeira vez."

"Ele lutou contra mim, por um longo tempo. Fiz o bastante, isso é tudo. Bastante."

"Bastante! Bastante para quê!"

"Bastante para deixar louc a uma parte dele."

"Ele não está louco! Não está! Não está!"

Denna observou enquanto Kahlan balançou ele com dor e raiva. "Kahlan, me escute. Qualquer outro teria sua vontade quebrada pelo que eu fiz. Richard salvou a si mesmo dividindo sua mente. Ele trancou o seu núcleo bem longe onde eu não poderia alcançá-lo, onde a magia não poderia alcançar. Ele usou o dom para fazer aquilo. Isso salvou o núcleo dele da insanidade. Mas nos cantos mais escuros de sua mente a loucura espreita. Usei sua magia contra ele, para deixar ele insano. Ele não poderia proteger todas as partes das coisas que eu fiz."

"Contei a você o que fiz para que pudesse ver a verdade da loucura dele. Ele teve sacrificar aquela parte para salvar o resto."

"Salvar o resto para você. Gostaria de ter conseguido fazer o mesmo quando isso foi feito comigo."

Kahlan segurou as mãos de Richard e levantou-as, encostando as costas delas em seu coração. "Como foi capaz de fazer aquelas coisas?" ela gritou. "Oh, meu pobre Richard. Como foi capaz? Como foi capaz de fazer isso com alguém?"

"Todos nós temos nossos pequenos pedaços de insanidade. Alguns mais do que outros. Minha vida foi uma escuridão cheia disso."

"Então como foi capaz! Como foi capaz, sabendo como era!"

Denna observou-a de modo sério. "Você também fez coisas terríveis. Usou seu poder para ferir pessoas."

"Mas eram pessoas culpadas de crimes horríveis!"

"Todos eles?" ela perguntou tranqüilamente. "Cada um?"

A respiração de Kahlan ficou presa com a lembrança de ter usado seu poder contra Brophy.

"Não," ela sussurrou. "Mas não fiz isso por querer. Eu tive que fazer. É meu trabalho. Quem seu sou. O que eu sou."

"Mas você fez. E quanto a Demmin Nass?"

As palavras atravessaram ela. Sua mente inundou com a lembrança, a doce lembrança, de castrar aquela besta humana. Ela se inclinou para frente com um gemido. "Oh, queridos espíritos, eu não sou melhor do que você?"

"Fazemos o que devemos fazer, quaisquer que sejam as razões." Os dedos cintilantes translúcidos dela levantaram o queixo

de Kahlan. "Não digo essas coisas para ferir você, Kahlan. Falar delas me machuca mais do que você pode imaginar. Falo para você porque quero salvar Richard, para que ele não morra antes de seu tempo certo, e para que o Guardião não escape."

Kahlan apertou a mão de Richard contra os seios com mais força enquanto chorava. "Sinto muito, Denna... mas não tenho nada em mim que me faça perdoar você. Sei que Richard perdoa... mas eu não. Eu te odeio."

"Eu não poderia esperar que me perdoasse. Só quero que entenda a verdade do que estou dizendo, a verdade da loucura de Richard."

"Porque! Com que objetivo!"

"Para que entenda o que deve fazer. Usar uma coleira é o centro dessa insanidade. Simboliza tudo que eu fiz com ele. Em sua mente, magia é loucura, tortura. Uma coleira é loucura, tortura. Insanidade."

O pensamento de ter uma coleira em volta do pescoço dele invoca essa loucura dos cantos mais escuros de seu ser, traz à tona seus medos mais profundos. Ele não está exagerando quando diz que preferia morrer do que colocar uma coleira em seu pescoço. Não fará isso para salvar a si mesmo. Se não fizer, ele vai morrer. Só existe uma coisa no mundo que fará ele usar a coleira."

A cabeça de Kahlan levantou. Seus olhos estavam arregalados. "Quer que eu peça a ele para usar uma coleira em seu pescoço?"

Ela ficou fraca de medo. "Você pediria que eu fizesse isso com ele ? Depois do que me falou?"

Denna assentiu. "Ele fará isso se disser para ele fazer. Não fará por nenhuma outra razão. Nenhuma."

O braço mole de Richard escorregou das mãos trêmulas de Kahlan. Seus dedos cobriram a boca. Denna estava certa.

Depois do que ela sabia agora, do que tinha ouvido, sabia que Denna estava certa.

Agora sabia o que tinha visto nos olhos de Richard quando ele olhou para a coleira que a Irmã segurava. Tinha sido loucura. Richard jamais colocaria uma coleira em volta do pescoço dele por sua própria vontade.

Nunca. Agora ela sabia disso. Sabia com certeza.

Um grito baixo escapou de sua garganta. "Se eu fizer ele usar a coleira, ele vai pensar que eu o enganei. Eu sua loucura, vai pensar que eu quero machucar ele." A dor fluiu dentro dela, e ela começou a chorar novamente.

"Ele vai me odiar."

A voz de Denna saiu em um leve sussurro. "Sint o muito, Kahlan. Essa poderia ser a verdade. Não podemos saber com certeza, mas ele pode muito bem ver dessa maneira. Não sei com que força a loucura vai surgir quando ele souber que deve usar a coleira, quando você disser que ele precisa. Mas ele ama você mais do que a própria vida, e não vai usar por nenhuma outra razão."

"Denna, eu não sei se poderia fazer isso com ele. Não depois do que você contou."

"Você deve, ou ele vai morrer. Se ama ele o bastante, tem que fazer isso. Deve ser forte o bastante em seu amor por ele para forçar ele a fazer isso, sabendo a dor que isso vai lhe causar. Você pode ter que agir como eu agiria, assustar ele o suficiente para fazer como você diz. Pode ter que fazer a loucura florescer totalmente, fazer ele pensar do jeito que pensava quando estava comigo, quando teria feito qualquer coisa que eu mandasse."

"Pode perder seu amor. Ele pode odiar você para sempre. Mas se ama ele de verdade, verá que você é a única que pode ajudar ele; a única que pode salvar ele."

Kahlan procurou desesperadamente por uma saída. "Mas de manhã, iremos até Zedd, um mago, que pode ser capaz de ajudar ele a controlar o dom. Richard acha que Zedd saberá o que fazer; que ele poderá ajudar."

"Isso pode ser verdade. Sinto muito, Kahlan, não sei a resposta para isso. Pode funcionar. Mas sei que as Irmãs da Luz possuem o poder para salvá-lo. Se elas vierem, e ele recusar pela terceira vez, ele vai perder para sempre a oportunidade de conseguir a ajuda delas. Se acontecer desse mago não conseguir ajudar Richard, então ele morrerá. O tempo dele é curto, dias, no máximo.

"Você entende o que isso significa, Kahlan? Ele não vai apenas morrer; o Guardiã terá ele, terá todos."

“Richard é o único que pode fechar o véu.”

“Como ? Você sabe como ele pode fechar?”

“Sinto muito, eu não sei. Apenas sei que o resto dele deve ser rasgado desse lado. É por isso que o Guardião tem agentes desse lado. Foi por isso que Darken Rahl veio até aqui. De algum modo, Richard é o único que pode deter eles, e também o único com o poder para reparar o que foi rompido.”

“Se ele recusar as Irmãs, e esse mago não puder ajudá-lo, então ele morre, em breve, e será como se a própria marca o levasse para o Guardião. Se ele puder chegar até esse mago antes de recusar as Irmãs pela terceira vez, pode aprender se pode receber a vida sem elas... sem a coleira. Mas se elas vierem antes que ele consiga chegar até Zedd, eu devo ter a sua promessa de que fará o que deve ser feito para salvar ele.”

“Ainda há tempo. As Irmãs não voltarão por alguns dias pelo menos. Podemos chegar até Zedd primeiro. Ainda há tempo!”

“Espero que esteja certa, realmente espero. Tenho certeza de que não vai acreditar em mim, mas não quero que Richard tenha que usar uma coleira, que encare aquela loucura novamente. Mas se não conseguir chegar até Zedd, então deve prometer que não vai permitir que ele perca a chance de vida que as Irmãs oferecem.”

Lágrimas rolaram dos olhos ardentes de Kahlan. Richard odiaria ela se fizesse ele usar a coleira; sabia que odiaria. Pensaria que ela o enganara.

“Mas e quanto a marca ? Ele ainda tem a marca.”

Denna observou ela por um longo tempo. A voz dela saiu tão suave que Kahlan mal podia ouvir. “Eu vou tirar a marca.”

“Irei para o Guardião no lugar dele.” Uma lágrima cintilante desceu pelo rosto dela. “Mas só farei isso, só vou entregar minha alma, se eu souber que isso vai dar a ele uma chance.”

Kahlan olhou para ela incrédula. “Faria isso por ele?” ela sussurrou. “Porque?”

“Porque depois de tudo que fiz com ele, ele se preocupou com minha dor. Ele é o único que fez alguma coisa para acabar com ela. Quando Darken Rahl bateu em mim, ele chorou, e fez uma poção para afastar minha dor, ainda que eu não tenha parado de torturar

ele nunca, nem uma vez, não importava o quanto ele implorasse. Nem uma vez.”

“E depois de todas as coisas que fiz com ele que falei para você, ele me perdoou. Entendeu o que eu tinha sofrido. Ele pegou meu Agiel para usar no pescoço e prometeu lembrar de mim, lembrar que eu fui mais do que uma Mord-Sith; lembrar que uma vez eu fui apenas Denna.”

Outra lágrima cintilante desceu. “E porque eu o amo. Mesmo na morte, eu o amo. Ainda que eu saiba que meu amor jamais será recompensado, ainda amo.”

Kahlan olhou para Richard enquanto ele ficava deitado sobre as costas, inconsciente, indefeso, com a marca do Guardião, negra e sangrando, sobre o peito dele. A lama preta e branca pintada por toda parte nele fazia ele parecer feroz, selvagem, mas ele não era; era a pessoa mais gentil que já conhecera. Então ela percebeu que faria qualquer coisa para salvá-lo. Qualquer coisa.

“Eu farei,” ela sussurrou. “Eu prometo. Se não conseguirmos encontrar Zedd antes que as Irmãs voltem pela terceira vez, farei ele usar a coleira, não importa o que seja necessário. Mesmo se isso fizer ele me odiar. Mesmo se isso me matar.”

A mão de Denna se esticou até ela. “Um juramento então, entre os vivos e os mortos, de fazer o que deve ser feito para salvá-lo.”

Kahlan olhou para a mão diante dela. “Ainda não consigo perdoar você. Não vou perdoar.”

A mão ficou onde estava, esperando. “O único perdão que eu preciso já foi concedido.”

Kahlan olhou para a mão, e então segurou-a. “Então, um pacto, para salvar aquele que amamos.”

Elas apertaram as mãos, e compartilharam uma união silenciosa.

Denna afastou a mão. “O tempo é curto para ele. Deve ser agora.” Kahlan assentiu. “Quando isso estiver feito, consiga ajuda para ele. Embora a conexão da marca seja removida, a ferida continuará, e essa é uma ferida séria.”

Kahlan assentiu. “Tem uma curandeira aqui. Ela vai ajudar ele.”

Os olhos de Denna estavam cheios de compaixão. “Obrigada, Kahlan, por amar ele o bastante para ajudá-lo. Que os bons espíritos fiquem com vocês dois.” Ela deu um leve sorriso assustado. “Para onde estou indo, nunca verei nenhum deles, ou enviaria eles para ajudar vocês.”

Kahlan tocou a costa da mão da outra, oferecendo uma prece silenciosa de força.

Denna devolveu o gesto tocando o rosto de Kahlan, e então ajoelhou-se perto de Richard. Sua mão foi até a marca, cobrindo-a, dissolvendo dentro dela. O peito de Richard levantou.

O rosto de Denna se contorceu de dor. Ela jogou a cabeça para trás com um grito agudo que atingiu Kahlan.

E então ela simplesmente havia desaparecido.

Richard grunhiu. Kahlan se curvou sobre ele, acariciando ele. Chorando.

“Kahlan?” ele resmungou. “Kahlan, o que aconteceu? Está doendo. Está doendo...”

“Fique parado, meu amor. Está tudo bem. Você está seguro, comigo. Vou buscar ajuda.”

Ele assentiu e ela correu até a porta, abrindo-a. Os anciãos estavam sentados em um pequeno círculo no escuro, perto da porta. Eles olharam ansiosos.

“Ajudem!” ela gritou. “Carreguem ele até Nissel! Não há tempo para ir chamá-la!”

CAPÍTULO 17



Quando ele se mexeu, Kahlan levantou a cabeça.

Os olhos cinzentos dele piscaram e procuraram pelo pequeno quarto até que encontraram o rosto dela. "Onde estamos?"

Ela deu um leve aperto no ombro dele. "Na casa de Nissel. Ela cuidou da sua queimadura."

Sua mão direita levantou e tocou o curativo coberto por ataduras. Ele tremeu. "Quanto tempo... Que horas são?"

Kahlan olhou de onde ela estava agachada no chão perto dele, esfregou os olhos, e deu uma olhada para a luz cinzenta através da porta parcialmente aberta. "Apareceu luz faz uma ou duas horas. Nissel está no quarto dos fundos, dormindo. Ela ficou de pé a maior parte da noite, cuidando da sua ferida. Todos os anciãos estão do lado de fora, tomando conta de você."

"Eles não saíram desde que trouxemos você para cá."

"Quando? Quando me trouxeram aqui?"

"No meio da noite."

Richard olhou ao redor de novo. "O que aconteceu? Darken Rahl esteve aqui." Sua mão grande agarrou o braço dela. "Ele me tocou. Ele... me marcou. Para onde ele foi? O que aconteceu depois que ele me tocou?"

Ela balançou a cabeça. "Eu não sei. Ele apenas foi embora."

A mão dele apertou o braço dela dolorosamente. Seus olhos estavam agitados. "O que você quer dizer com ele foi embora! Ele voltou para dentro da luz verde? Voltou para o submundo?"

Ela puxou os dedos dele. "Richard! Está me machucando."

Ele soltou. "Sinto muito." Ele encostou a cabeça dela no seu ombro bom. "Sinto muito. Eu não queria. Sinto muito." Ele soltou um suspiro. "Não consigo acreditar o quanto sou estúpido."

Ela beijou o pescoço dele. "Não machucou tanto assim."

"Não era isso que eu queria dizer. Quero dizer que não consigo acreditar o quanto fui estúpido por chamar ele de volta do submundo. Não consigo acreditar que fiz algo tão estúpido. Eu fui avisado. Deveria ter pensado. Deveria ter percebido. Eu me concentrei em uma coisa com tanta força que não olhei ao redor e não vi o que estava vindo de uma direção diferente. Eu devo estar louco para ter feito isso."

"Não diga isso," ela sussurrou. "Você não está louco." Ela levantou e olhou para ele. "Nunca mais diga isso de si mesmo."

Ele piscou, então levantou para sentar encarando ela. Ele gemeu quando tocou a bandagem de novo. Ele se esticou para passar a mão no rosto dela, pelos seus cabelos. Deu aquele sorriso que fazia o coração dela derreter.

Olhou nos olhos dela. "Você é a mulher mais bonita do mundo. Eu já disse isso para você?"

"O tempo todo."

"Bem, você é. Adoro seus olhos verdes, seu cabelo. Você tem o cabelo mais bonito que eu já vi. Kahlan, eu te amo mais do tudo no mundo."

Ela se esforçou para conter as lágrimas. "Eu te amo mais do que tudo também. Por favor, Richard, prometa que nunca vai duvidar de meu amor. Prometa que não importa o que acontecer, nunca vai duvidar do quanto eu te amo."

Ele colocou as mãos nas bochechas dela. "Eu prometo. Prometo que nunca vou duvidar de seu amor. Não importa o que aconteça. Está bem? Qual é o problema?"

Ela se encostou nele, colocou a cabeça no seu ombro, e passou os braços em volta dele cuidadosamente para não machucá-lo. "Darken Rahl me assustou, só isso. Estava com tanto medo quando ele queimou você com a mão dele. Pensei que você estivesse morto."

Ele tocou no ombro dela. "Então o que aconteceu? Lembro dele falando como chegou aqui, porque eu o chamei, e ele era meu ancestral, e então ele disse alguma coisa sobre me marcar para o Guardião. Então não lembro de mais nada. O que aconteceu?"

A mente de Kahlan acelerou. “Bem... ele disse que marcaria você, mataria você, que a marca enviaria você para o Guardiã. Ele disse que estava aqui para rasgar o resto do véu. Ele encostou a mão em você. Queimou você. Mas antes que pudesse fazer o bastante, antes que pudesse matar você, eu invoquei o raio, o Con Dar.”

Ele soltou um suspiro. “Não imagino que poderíamos ter sorte bastante para que isso matasse ele, ou destruísse, ou seja lá o que possa ser feito com um espírito.”

Ela balançou a cabeça. “Não. Isso não destruiu ele. Ele conseguiu bloquear, pelo menos parcialmente. Mas acho que assustou ele. Ele foi embora. Não de volta para a luz verde, mas pela porta. Antes que pudesse terminar o que faria com você. Simplesmente foi embora, isso é tudo.”

Ele sorriu e abraçou-a com mais força. “Minha heroína. Você me salvou.” Ele ficou quieto um momento. “Aqui para rasgar o véu,” ele sussurrou para si mesmo. Sua testa estava franzida de modo pensativo. “E então o que aconteceu?”

Kahlan estava preparada para a mentira da omissão. Mas não conseguia suportar o olhar examinador dele. Encostou o rosto no ombro dele, tentando freneticamente pensar em um jeito de fazer ele abandonar o assunto. “E então os anciãos e eu carregamos você até aqui, para que Nissel pudesse tratar da sua queimadura. Ela disse que é grave, mas que o curativo vai fazer ficar tudo bem. Tem que deixar ele por alguns dias, até ela começar a curar o bastante.”

Ela balançou um dedo para ele com uma expressão de raiva. “Conheço você. Vai querer tirar antes. Você sempre acha que sabe mais. Bem, não sabe. Você vai continuar com ele como eu digo, Richard Cypher.”

O sorriso dele diminuiu um pouco. “Richard Rahl.”

Ela ficou olhando para ele. “Sinto muito,” ela sussurrou. “Richard Rahl.” Ela forçou um sorriso. “Meu Richard. Talvez possa mudar quando estivermos casados. Você poderia ser Richard Amnell. Companheiros de Confessoras às vezes recebem o nome da família das suas esposas.”

Ele sorriu. "Eu gostaria disso. Richard Amnell. Marido da Madre Confessora. Devotado marido. Adorado marido."

A expressão de assombro voltou aos seus olhos. "Às vezes tenho medo de não saber quem, ou o que, eu sou. Às vezes eu acho..."

"Você é uma parte de mim, e eu sou uma parte de você. Isso é tudo que importa."

Ele assentiu distraidamente, seus olhos brilhando com as lágrimas. "Eu queria ajudar, com uma reunião. Queria encontrar um jeito de parar tudo isso. Ao invés disso, como Darken Rahl disse, só fiz ficar pior. Ele estava certo; eu sou estúpido. Vai ser culpa minha..."

"Richard, pare com isso. Você foi ferido. Apenas está exausto. Quando estiver descansado, vai entender tudo. Saberá o que fazer."

Ele deu uma sacudida mental em si mesmo. Tirou o cobertor e olhou para baixo. "Quem tirou a lama de mim e me vestiu?"

"Os anciãos lavaram a lama. Nissel e eu colocaríamos a roupa em você," ela falou, enquanto seu rosto ficou vermelho, "mas você era grande demais e pesado para nós. Os anciãos fizeram isso também. Eles levaram bastante tempo nisso. Foi preciso todos eles."

Ele assentiu distraidamente; tinha parado de escutar. Levou a mão até o lugar em seu peito onde o apito, o dente de Scarlet, e o Agiel costumavam ficar pendurados, mas não os encontrou. "Temos que dar o fora daqui. Temos que chegar até Zedd. Agora mesmo, antes que aconteça mais alguma coisa. Preciso da ajuda de Zedd. Onde está o dente de Scarlet? Tenho que chamar ela. Onde está minha espada?"

"Todas as suas coisas estão na casa dos espíritos."

Ele esfregou as mãos no rosto, pensando, então passou os dedos pelo cabelo. "Está certo." Seu olhar sólido encontrou com os olhos dela. "Vou pegar o dente e chamar Scarlet, e juntar as nossas coisas, preparar tudo para irmos embora." Ele apertou gentilmente o braço dela. "Você vai até Weselan, e coloca seu vestido de casamento. Enquanto esperamos Scarlet chegar, podemos nos casar. Partiremos quando Scarlet chegar aqui." Ele beijou a bochecha dela.

“Estaremos casados, e estaremos em Aydindril com Zedd antes de escurecer. Vai ficar tudo bem, você vai ver.”

“Vai ficar tudo bem. Vou descobrir o que fiz de errado, e consertar. Eu prometo.”

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele. “Nós vamos consertar,” ela corrigiu. “Juntos. Sempre juntos.”

Ele riu suavemente no ouvido dela. “Juntos. Preciso de você. Você ilumina meu caminho.”

Ela se afastou dele, e olhou para ele com seriedade. “Bem, eu tenho instruções para você, e você vai fazer como eu disser. Vai esperar aqui até que Nissel diga que pode levantar. Ela falou que quando você acordar, tinha que trocar o curativo, a bandagem e dar remédio a você. Você vai ficar aqui até que ela termine. Entendeu? Não quero você ficando doente e morrendo agora, não depois de tudo que passei para salvar você; e do grande problema que foi.”

“Vou encontrar com Weselan para que ela possa terminar de ajustar meu vestido. Quando Nissel tiver acabado com você, então” - ela balançou um dedo para ele - “e só então, você poderá sair para chamar Scarlet. Quando tiver terminado aqui com Nissel, e quando tiver chamado Scarlet e reunido nossas coisas, venha me buscar, e casarei com você.” Ela beijou a ponta do nariz dele. “Se você também prometer me amar para sempre.”

“Sempre,” ele disse com um sorriso.

Ela descansou os pulsos nos ombros dele, um de cada lado do seu pescoço forte, e cruzou os dedos por trás da cabeça dele. “Vou acordar Nissel, e pedir que ela que trabalhe rápido com você. Mas por favor, Richard, não desperdice tempo depois disso. Chame Scarlet depressa, o mais rápido que puder. Quero ir embora daqui. Quero ir embora antes mesmo que a Irmã Verna se aproxime. Não quero arriscar, mesmo que ela só deva retornar depois de alguns dias. Quero que estejamos longe daqui. Longe das Irmãs da Luz. Quero levar você até Zedd para que ele possa ajudar com as dores de cabeça antes que elas possam ficar piores.”

Ele lançou um sorriso jovial para ela. “E quanto aquela sua cama grande em Aydindril? Não quer chegar nela depressa também?”

Com um dedo, ela apertou suavemente o nariz dele. "Nunca tive ninguém na minha cama grande. Espero não desapontar você."

Ele apertou a cintura dela em suas mãos fortes e puxou-a contra ele com força suficiente para fazer ela gemer. Afastou o cabelo do pescoço dela e deu um beijo suave - bem onde os lábios de Darken Rahl estiveram. "Me desapontar? Isso, meu amor, é a única coisa no mundo que seria impossível você fazer." Ele deu mais um beijo no pescoço dela. "Agora, vá chamar Nissel. Estamos desperdiçando tempo."

Kahlan puxou o tecido, tentando levantar o máximo que pudesse. "Nunca usei nada cortado tão baixo."

"Você não acha que ele... mostra demais?"

Weselan olhou para cima, do chão onde estava mexendo na bainha do vestido azul. Tirou a fina agulha de osso da boca enquanto levantava para apreciar o ajuste de sua cliente. Ela observou a extensão de carne durante um momento.

"Você não acha que ele vai gostar?"

Kahlan sentiu o rosto dela corar. "Bem, acho que vai. Espero que sim, mas..."

Weselan chegou um pouco mais perto. "Se está preocupada que ele veja tanto, talvez seja melhor reconsiderar isso."

Kahlan levantou uma sobrancelha. "Ele não é o único que estará olhando. Nunca usei nada como isso. Estou... preocupada em não fazer justiça a ele."

Weselan sorriu e tocou no braço de Kahlan. "Você fica muito bem nele. Parece lindo em você. Está perfeito."

Kahlan ainda pareceu preocupada enquanto olhava para baixo, para si mesma. "Verdade? Tem certeza? Eu fico bem nele?"

O sorriso de Weselan cresceu. "Verdade. Você seios maravilhosos. Todos falam isso."

Kahlan sentiu o rosto ficar vermelho. Tinha certeza sobre a sinceridade da declaração casual. Entre o Povo da Lama, fazer bons comentários sobre os seios de uma mulher, em público, não era mais estranho do que um homem em qualquer outro lugar falar a uma mulher que ela possui um belo sorriso. Essa era uma atitude desinibida que mais de uma vez havia pego ela de guarda baixa.

Kahlan segurou a saia nos lados. "Esse é o vestido mais bonito que já usei, Weselan. Obrigada por todo o seu trabalho duro. Vou guardar ele sempre com muita estima."

"Talvez um dia, se você tiver uma filha, ela use quando casar."

Kahlan sorriu e assentiu. Por favor, queridos espíritos, ela estava pensando, se uma criança vier, permita que seja uma filha e não um filho. Ela se esticou e tocou o delicado colar que ela usava, seus dedos girando a pequena cadeia de ossos arredondados entre algumas contas vermelhas e amarelas.

Adie, a mulher do osso, havia entregue a ela o colar para protegê-la das bestas que habitavam a passagem através da fronteira que naquele momento tinha separado Westland de Midlands. A velha tinha falado para ela que ele ajudaria a proteger sua criança um dia.

Kahlan adorou o colar. Era parecido com aquele que sua mãe tinha recebido de Adie, e tinha, em seguida, entregue a Kahlan. Kahlan havia enterrado ele com sua amiga de infância mais próxima, Dennee. Desde a morte de Dennee ela sentira falta do colar de sua mãe.

Esse era ainda mais especial porque na noite antes que eles cruzassem a passagem, Richard tinha adicionado seu juramento sobre o colar, para proteger qualquer futura criança que ela pudesse ter. Nem ela, nem Richard tinha suspeitado naquele momento que de algum modo aquela criança pudesse ser dele.

"Espero que sim. Weselan, você vai ficar comigo?"

"Ficar com você?"

Kahlan jogou um pouco do seu cabelo sobre o seu peito semi-exposto. "De onde eu venho, é costume ter um amigo ao seu lado quando se casa. Para ficar como representante dos bons espíritos zelando pela união. Richard gostaria que Savidlin ficasse ao lado dele. Eu gostaria se você ficasse ao meu lado."

"Esse parece um costume estranho. Os bons espíritos sempre cuidam de nós. Mas se é o seu costume, eu ficaria honrada em ser aquela a ficar ao seu lado."

Kahlan sorriu. "Obrigada."

"Agora fique parada. Estou quase acabando."

Weselan curvou-se novamente voltando para sua tarefa na batinha. Kahlan tentou ficar com a costa ereta. Ela estava doendo por sentar no chão perto de Richard na última metade da noite. Ela queria poder sentar, ou deitar, ela estava com sono.

Mas na maior parte, sua costa estava doendo.

De repente, ela ficou imaginando o quanto Denna estava sofrendo agora mesmo.

Ela não se importava, disse para si mesma. Seja lá o que estivesse acontecendo com ela, nunca seria o bastante, depois do que tinha feito com Richard. O estômago dela revirava com a lembrança do que Denna tinha contado.

Kahlan ainda podia sentir o lugar em seu pescoço onde Darken Rahl tinha colocado os lábios. Um calafrio subiu pela sua espinha com a lembrança.

Lembrou da máscara de agonia no rosto de Denna no instante antes que ela desaparecesse. Não importava: ela mereceu.

Poderia ter sido Richard, porém. Se não fosse por Denna, poderia ter sido Richard.

“Não tenha medo, Kahlan.”

“O quê?” Ela focalizou os olhos. Weselan estava na frente dela, sorrindo. “Sinto muito. O que você disse?”

Weselan se aproximou e enxugou uma lágrima da bochecha de Kahlan. “Eu falei para não ter medo. Richard é um homem bom.”

“Você terá uma vida feliz com ele. É natural ter medo de casar, mas não se preocupe. Vai ficar tudo bem, você vai ver. Eu também chorei, antes de casar com meu Savidlin. Não pensei que faria isso, porque eu queria ele tanto, mas quando percebi estava chorando, assim como você.” Ela piscou. “Nunca tive razão para chorar de novo. Às vezes encontro razão para reclamar, mas nunca para chorar.”

Kahlan enxugou a outra bochecha. Qual era o problema com ela? Ela não se importava com o que estava acontecendo com Denna; não se importava. Nem um pouco.

Ela balançou a cabeça para Weselan e forçou um sorriso. “Essa seria minha maior esperança na vida. Nunca chorar de novo.”

“Não, não estou...”

Savidlin entrou correndo pela porta. Ele estava suando e ofegando. Kahlan ficou gelada com a expressão de medo no rosto dele. Ela começou a tremer mesmo antes que as palavras dele viessem.

“Quando Nissel terminou com Richard, fui até ele na casa dos espíritos, como você disse para fazer, para que ele pudesse chamar o dragão. A Irmã da Luz veio atrás dele. Ela está lá, com ele. Não entendi as palavras dele, mas entendi o significado, e seu nome. Ele queria que eu visse buscar você. Depressa.”

“Nãoooo!” Kahlan gritou, quando correu passando por ele e saiu pela porta.

Enquanto correu, levantou a bainha do vestido para não tropeçar nela. Ela nunca correu tão rápido. A respiração dela não conseguia manter o ritmo enquanto correu descendo as passagens estreitas. O cabelo levantou atrás dela enquanto corria. O ar do inverno estava frio na pele dela. O som de Savidlin correndo atrás dela desapareceu.

Ela não conseguiu formar um pensamento, a não ser o de que deveria chegar até Richard. Isso não poderia estar acontecendo. Era cedo demais. A Irmã não deveria estar aqui. Os dois estavam partindo, quase tinham ido. Não era justo de modo algum. Richard.

Grandes flocos de neve caíam; não grandes o bastante para deixar o chão branco, mas o suficiente para trazer um presságio gelado do inverno que estava vindo - o inverno que estava aqui. Os flocos úmidos derretiam instantaneamente quando tocavam a pele quente dela. Alguns ficavam nos cílios dela até que ela piscasse. Uma leve brisa fez curva em uma esquina, rodopiando em uma cortina branca. Kahlan passou através dela e desceu por uma passagem.

Ela parou derrapando para olhar ao redor. Era o caminho errado. Ela correu de volta e pegou a curva certa.

Lágrimas desciam pelo rosto dela junto com os flocos de neve derretidos. Isso era demais. Não poderia ser verdade.

Ofegante e desesperada, ela saiu do meio das casas, para uma clareira perto da casa dos espíritos. Os cavalos da Irmã estavam

amarrados do outro lado do muro baixo, o muro com a rachadura de quando Richard havia tentado matar o screeling.

Pessoas estavam paradas ali perto, mas ela não as viu. Tudo a não ser a porta para a casa dos espíritos estava nublada em sua visão. Ela correu desesperadamente até a porta.

Demorou uma eternidade, como se ela estivesse correndo em um sonho e não conseguisse fazer nenhum progresso. As pernas dela estavam doendo com o esforço. Sua mão se esticou até o trinco. O coração dela pulsava em seus ouvidos.

“Por favor, queridos espíritos,” ela implorou, “não permita que seja tarde demais.”

Grunhindo através dos dentes cerrados, ela abriu a porta e pulou através dela.

Kahlan parou com um solavanco. Engoliu ar. Richard estava diante da Irmã Verna, debaixo do buraco aberto no teto pelo raio. Os dois estavam em uma coluna de luz cinza, no meio dos flocos de neve que desciam flutuando suavemente. O resto da sala mergulhava na escuridão ao redor deles. Na cintura dele, a espada de Richard brilhava na luz. Ele não tinha o dente, apito, ou Agiel no pescoço. Ainda não tivera tempo de chamar Scarlet.

Em uma das mãos, Irmã Verna estava segurando a coleira para ele. O olhar dela desviou para Kahlan por um momento em um aviso silencioso, e então retornou para Richard. “Você ouviu as três razões para o Rada'Han. Essa é a sua última chance de receber ajudar, Richard. Vai aceitar a oferta?”

Richard deixou o olhar firme da Irmã, e virou lentamente na direção de Kahlan, na direção onde ela estava ofegando. Seus olhos cinzentos desceram observando o vestido e subiram de volta para o rosto dela. Sua voz estava suave, reverente.

“Kahlan... esse vestido... é lindo. Lindo.”

Kahlan não conseguiu encontrar sua voz. O coração dela estava batendo forte, partindo. Irmã Verna falou o nome dele com um tom de séria advertência.

Pela primeira vez, Kahlan viu que a Irmã Verna estava segurando alguma coisa em sua outra mão. Era a faca prateada. Mas não estava apontando ela para si mesma; estava na direção de

Richard. Kahlan sabia: se ele não aceitasse, ela pretendia matá-lo. Ele não pareceu ter percebido a faca quando ela brilhou na luz fraca. Kahlan imaginou se ela teria usado um feitiço para bloquear ela da visão dele.

Richard virou para a Irmã. "Você fez o melhor que podia. Você tentou de verdade. Não é o bastante. Eu disse antes, não vou..."

„Richard!“ Kahlan deu outro passo na direção dele quando ele virou para o som do grito. Seus olhos encontraram com os dele. "Richard," ela sussurrou quando deu outro passo. Sua voz falhou. "Aceite a oferta. Aceite a coleira."

"Por favor."

A Irmã Verna não se moveu. Ela observou tranqüilamente.

Richard franziu um pouco o rosto. "O quê ? Kahlan... você não entende. Eu falei para você, não vou..."

"Richard!" Ele ficou em silêncio enquanto olhava para ela, confuso. Ela olhou para a Irmã que continuava imóvel, a faca ainda em sua mão. Ela observou enquanto Kahlan chegou mais perto. Os olhos delas se encontraram. Kahlan soube: a outra esperaria para ver o que aconteceria. Havia uma dureza naqueles olhos que falavam do que ela estava preparada para fazer se Kahlan não mudasse a opinião de Richard. "Richard, me escute com atenção. Quero que aceite a oferta."

O rosto dele franziu mais ainda. "O que...?"

"Aceite a coleira."

Os olhos dele brilharam de raiva. "Eu já falei para você. Não vou..."

"Você disse que me amava!"

"Kahlan, qual é o problema com você? Sabe que eu amo..."

Ela interrompeu ele. "Então vai aceitar a oferta. Se realmente me ama, vai aceitar a coleira e colocá-la. Por mim."

Ele ficou olhando para ela sem acreditar. "Por você...? Kahlan, não posso... não vou..."

"Você vai!" Ela estava sendo gentil demais, e sabia disso. Isso só estava confundindo ele. Tinha que ser mais forte. Tinha que agir mais como Denna se pretendia salvar ele. Queridos espíritos, ela

implorou em sua mente, por favor me forneçam a força para fazer isso, para salvá-lo.

“Kahlan, não sei o que deu em você. Podemos conversar sobre isso mais tarde. Você sabe o quanto eu te amo, mas não vou...”

Ela cerrou os punhos e gritou com ele. “Se me ama, você vai! Não fique para aí dizendo que me ama se não está disposto a provar! Você me dá nojo!”

Ele piscou, surpreso. O modo como a voz dele soou fez ela sentir dor. “Kahlan...”

“Você não é digno do meu amor se não está disposto a provar! Como ousa dizer que me ama!”

Os olhos dele estavam tremendo com as lágrimas.

Com a loucura.

Com a lembrança do que Denna tinha feito com ele.

Ele caiu de joelhos lentamente. “Kahlan... por favor.”

Ela se curvou sobre ele enquanto mostrava os punhos cerrados. “Não ouse responder para mim!” Os braços dele levantaram, cobrindo sua cabeça. Ele pensou que ela fosse bater nele. Realmente pensou que ela fosse bater nele.

Parecia que o coração dela estava rasgando. Lágrimas desceram pelo seu rosto quando ela soltou a raiva. “Eu disse para aceitar a coleira! Como ousa responder para mim! Se você me ama vai aceitar!”

“Kahlan, por favor,” ele gritou. “Não faça isso. Você não entende. Não me peça para...”

“Eu entendo muito bem!” ela gritou. “Entendo que você diz que me ama! Mas não acredito em você! Não acredito em você! Está mentindo para mim! Seu amor por mim é uma mentira se não aceitar a coleira! Uma mentira! Uma mentira horrível!”

Ele não conseguiu olhar para ela, olhar para ela enquanto ela ficava diante dele no vestido azul com o qual ela casaria com ele. Ele se esforçou para soltar as palavras enquanto mantinha os olhos fixos no chão. “Não é... não é uma mentira. Por favor, Kahlan, eu te amo. Você significa mais para mim do que qualquer coisa no mundo. Por favor acredite em mim. Eu faria qualquer coisa por você.”

“Mas por favor...”

Morrendo por dentro, ela agarrou o cabelo dele e levantou sua cabeça, fazendo ele olhar para ela. A loucura dançou em seus olhos. Ele estava longe. Mas apenas nesse momento, ela rezou. Por favor queridos espíritos, apenas nesse momento.

“Palavras! Isso é tudo que você me oferece! Não amor! Não uma prova! Só palavras! Palavras sem valor!”

Enquanto segurava ele pelo cabelo, levou a outra mão para trás para bater nele. Os olhos dele fecharam. Ela não conseguia fazer isso; não conseguia bater nele. Tudo que conseguiu fazer foi ficar firme, não cair de joelhos e jogar os braços em volta dele e dizer o quanto o amava, que tudo estava bem.

Mas não estava tudo bem. Se ela não fizesse isso, ele morreria.

Ela era a única que poderia salvar ele. Mesmo se isso a matasse.

“Não me bata mais,” ele sussurrou. “Por favor, Denna... Não.”

Kahlan engoliu o gemido que tentou escapar da garganta dela e se esforçou para falar. “Olhe para mim.” Ele fez como ela ordenou. “Não vou dizer de novo, Richard. Se você me ama, vai aceitar a oferta e colocar a coleira. Se não, vou fazer você se arrepender de me desobedecer mais do que já tenha se arrependido em sua vida. Faça isso agora, ou está acabado. Tudo está acabado.” Os olhos dele hesitaram. Ela cerrou os dentes. “Não vou falar de novo, meu bichinho. Coloque a coleira. Agora!”

Kahlan sabia, sabia que “meu bichinho” era do que Denna tinha chamado ele. Denna falou para ela junto com o resto. Ela sabia o que aquelas duas palavras significavam para ele. Ela esperou não ter que usá-las. Qualquer conexão que ele tivesse com a sanidade dissolveu naquele instante. Ela viu nos olhos dele: a coisa que ela temia mais do que a morte.

Traição.

Ela soltou o cabelo dele quando ele virou para a Irmã Verna. Ela ergueu um pouco a coleira, oferecendo para ele. Parecia sombria, cinzenta, morta na luz fria. Richard ficou olhando para ela. Flocos de neve caíam na luz suave. Inexpressiva, a Irmã Verna observou ele.

“Muito bem,” ele sussurrou. Suas mãos trêmulas seguiram na direção da coleira. Seus dedos a tocaram, fecharam-se em volta dela. “Eu aceito a oferta. Aceito a coleira.”

“Então coloque-a no pescoço,” Irmã Verna disse com uma voz suave, “e feche-a.”

Ele virou para Kahlan. “Faria qualquer coisa por você,” ele sussurrou.

Kahlan queria morrer.

As mãos dele tremeram tanto que ela pensou que ele podia derrubar a coleira quando pegou da mão da Irmã Verna. Ele a segurou, olhando fixamente para ela.

Mas então suas mãos pararam de tremer. Ele deu um suspiro profundo e colocou a coleira em volta do pescoço. Ela fechou com um estalo, e a emenda desapareceu, deixando um liso anel de metal.

A coluna de luz escureceu como se estivesse no crepúsculo mesmo que ainda fosse dia. Um trovão forte e ameaçador retumbou em todas as direções pelas campos. Não soou como qualquer trovão que Kahlan já tivesse ouvido.

Ela conseguiu sentir no chão sob os seus pés. Pensou que talvez tivesse alguma coisa a ver com a magia da coleira, alguma coisa a ver com as Irmãs.

Ela soube, quando olhou para Irmã Verna e viu os olhos dela vasculhando ao redor, que não tinha.

Richard levantou devagar diante da Irmã. “Você pode descobrir, Irmã Verna, que segurar a correia dessa coleira é pior do que usá-la.” Ele cerrou os dentes. “Muito pior.”

A voz da Irmã Verna continuou calma. “Só queremos ajudar você, Richard.”

Ele assentiu levemente. “Não acredito em nada. Você terá que provar.”

De repente, um súbito pensamento surgiu em Kahlan. “Qual é a terceira razão? Qual é a terceira razão para usar a coleira?”

Richard virou para ela com um olhar que até mesmo seu pai poderia não conseguir igualar. Por um momento, ela esqueceu como respirar.

“A primeira razão é controlar as dores de cabeça e abrir minha mente para que eu possa ser ensinado a usar o dom. A segunda razão é me controlar.” A mão dele levantou e agarrou ela pela garganta. Seus olhos atravessaram ela. “A terceira razão é me causar dor.”

Ela fechou os olhos com um gemido. “Não! Queridos espíritos, não!”

Ele soltou a garganta dela. Sua expressão ficou distante, perdida. “Espero ter provado meu amor por você, Kahlan. Espero que acredite em mim agora. Dei tudo a você. Espero que isso seja o bastante; Não tenho mais nada para oferecer.”

“Nada.”

“Você tem. Mais do que pode imaginar. Eu te amo mais do que tudo no mundo,
Richard.”

Ela se esticou para tocar o rosto dele. Ele afastou a mão dela. Seus olhos diziam tudo; ela havia traído ele.

Ela tentou engolir o doloroso volume ardente que estava em sua garganta. “Você prometeu que nunca duvidaria do meu amor.”

Ele assentiu lentamente. “E assim eu fiz.”

Se pudesse fazer o relâmpago descer sobre ela mesma, ela teria feito. “Richard... eu sei que não entende agora, mas só fiz o que eu tinha de fazer - para aj udar você a viver. Para impedir que você fosse morto pelas dores de cabeça, pelo dom. Espero que um dia você entenda. Estarei sempre esperando por você; te amo com todo o meu coração.”

Ele assentiu de forma triste. “Se isso é verdade, então encontre Zedd. Conte a ele o que você fez. Conte a ele.”

A voz da Irmã Verna interrompeu. “Richard, pegue as suas coisa e vá esperar com os cavalos.”

Olhando de volta para ela, ele assentiu. Foi até o canto mais distante e pegou sua capa, arco, e mochila.

Remexendo lá dentro, ele tirou as três tiras de couro, uma com o apito do Homem Pássaro, uma com o dente de Scarlet, e a outra com o Agiel de Denna. Enquanto Kahlan observava ele pendurar as

três no pescoço, ela desejou ter alguma coisa para dar a ele. Ela tentou desesperadamente pensar em alguma coisa.

Quando ele passava, ela colocou uma das mãos no braço dele e fez ele parar. "Espere." Kahlan tirou a faca do cinto dele.

Ela segurou um longo punhado de cabelo e o cortou com a faca. Ela nem ao menos pensou no que estava fazendo, no que acontecia quando Confessoras cortavam seu próprio cabelo.

Com um grito de dor, ela estava no chão. A magia ardeu através dela, queimando cada nervo em sua passagem. Ela lutou para ficar consciente enquanto buscava por ar. Lutou contra a dor lancinante.

Tinha que permanecer consciente, ou Richard poderia ir embora antes que ela pudesse entregar a ele. Ela pensou apenas nisso, e levantou com esforço. Quando fez isso, a dor finalmente reduziu.

Ainda ofegante, Kahlan puxou uma pequena fita azul da cintura do vestido, cortou-a também, e depois de enrolar a longa mecha de cabelo, amarrou-a no meio com a fita. Enquanto ele observava, ela colocou a faca de volta em sua bainha no cinto dele e colocou o tufo de cabelo no bolso da camisa dele.

"Para lembrar sempre que o meu coração está com você... que eu te amo."

Inexpressivo, ele olhou para ela por um momento. "Encontre Zedd," foi tudo que ele disse antes de virar e sair pela porta.

Kahlan ficou imóvel, olhando para a porta depois que ele tinha ido embora. Ela sentiu-se anestesiada, vazia, perdida.

A Irmã Verna parou perto dela, observando a porta junto com ela. "Esse provavelmente foi o ato mais corajoso que eu já testemunhei," ela disse suavemente. "Os povos de Midlands são afortunados por terem você como a Madre Confessora deles."

Kahlan continuou olhando para a porta. "Ele acha que eu o traí." Ela virou e olhou para a Irmã, lágrimas brotando em seus olhos. "Ele acha que eu o traí."

A Irmã estudou o rosto dela por um tempo. "Você não traiu. Prometo que com o tempo ajudarei ele a enxergar a verdade do que você fez nesse dia."

“Por favor,” ela implorou, “não machuque ele.”

A Irmã Verna cruzou as mãos na frente de si mesma e deu um profundo suspiro. “Você acabou de machucar ele para salvar sua vida. Esperaria que eu fizesse menos do que isso?”

Uma lágrima desceu pela bochecha dela. “Acho que não. E duvido que você pudesse fazer qualquer coisa tão cruel quanto o que acabei de fazer.”

Irmã Verna assentiu. “Temo que você esteja certa. Mas darei minha promessa a você de que tomarei conta dele pessoalmente, e vou garantir que será feito apenas o que for necessário. Prometo que não deixarei passar nenhum um pouco além disso. Nem um pouquinho. Dou minha palavra como Irmã da Luz.”

“Obrigada.” Ela olhou para a faca na mão da outra. A Irmã enfiou ela de volta na manga. “Você mataria ele. Se ele falasse não, você mataria ele.”

Ela assentiu. “Se ele falasse não, a dor e a loucura no final teriam sido grotescas. Eu teria poupado ele disso. Mas agora não importa. Você salvou a vida dele. Obrigada, Madre Confessora... Kahlan.”

A Irmã Verna caminhou na direção da porta. “Irmã ? Quanto tempo? Quanto tempo você ficará com ele? Quanto tempo terei que esperar?”

A Irmã não se virou. “Sinto muito, não posso dizer. Leva o tempo que for necessário. Muito disso depende dele. Depende do quão rápido ele aprender.”

Kahlan sorriu pela primeira vez. “Acho que você ficará surpresa pelo modo como Richard aprende rápido.”

Irmã Verna assentiu. “Isso é o que mais temo. Conhecimento antes da sabedoria. Isso me assusta mais do que qualquer outra coisa.”

“Também acho, que a sabedoria de Richard pode surpreender você.”

“Rezo para que esteja certa. Adeus, Kahlan. Não tente nos seguir, ou ele morrerá.”

“Irmã, mais uma coisa.” A fria ameaça na sua própria voz a surpreendeu. “Se estiver mentindo para mim sobre qualquer dessas

coisas, se matar ele, vou caçar cada uma das Irmãs da Luz. Matarei cada uma. Mas não antes de cada uma de vocês implorar infinitamente para morrer.”

A Irmã ficou imóvel como pedra por um momento antes de balançar a cabeça e então seguir seu caminho.

Kahlan a seguiu e ficou junto com o povo do lado de fora enquanto observava a Irmã montar em seu cavalo.

Richard já sentava em um grande baio. Sua costa estava voltada para ela enquanto esperava.

O coração de Kahlan estava partindo. Ela queria ver o rosto dele mais uma vez, mas ele não virou enquanto os dois se afastaram.

Kahlan caiu de joelhos. “Richard,” ela gritou. “Eu te amo.”

Ele pareceu não escutar enquanto ele e Irmã Verna desapareceram dentro dos campos nevados. Kahlan sentou no chão, em seu vestido de casamento, sua cabeça abaixada, chorando. Weselan colocou um braço em volta dela, confortando-a.

Kahlan lembrou o que ele havia dito: Encontre Zedd. Ela fez um esforço para levantar. Todos os anciãos estavam ali.

Ela olhou para todos eles.

“Devo partir imediatamente. Tenho que chegar a Aydindril. Preciso de alguns homens para ir junto comigo, para me ajudar, para ter certeza que eu vou conseguir.”

Savidlin se aproximou dela. “Eu vou. E tantos de meus homens quanto você quiser. Todos eles, se quiser. Levaremos cem.”

Kahlan colocou uma das mãos no ombro dele e deu um pequeno sorriso. “Não quero que seja você, meu amigo, ou seus caçadores. Levarei apenas três homens.” Todos começaram a resmungar em confusão. “Mais do que isso chamaria atenção, talvez chamasse problema. Com três será mais fácil passar despercebida. Vai levar menos tempo desse jeito.”

Kahlan afastou a mão e apontou para um homem que estava parado observando, irritado. “Escolho você, Chandalen.”

Os dois irmãos estavam ao lado dele. “E você, Prindin e Tossidin.”

Chandalen deu um passo em frente. "Eu! Porque você iria querer a mim!"

"Porque não devo falhar. Sei que se levasse Savidlin, ele se esforçaria ao máximo, mas se ele falhasse, o Povo da Lama saberia que ele fez o melhor. Você é o melhor caçador dos homens. Uma vez Richard falou que se tivesse de escolher um homem para lutar ao lado dele, seria você, ainda que você o odeie.

"Para onde vamos, homens são o perigo. Se eu não conseguir, se você falhar comigo, todos pensarão que é porque você não tentou fazer o melhor. Eles sempre pensarão que você me deixou morrer - deixou outra pessoa do Povo da Lama morrer - porque você odeia a mim e Richard. Se permitir que eu seja morta, nunca mais será bem-vindo entre o Povo da Lama. O seu povo."

Prindin deu um passo em frente, seu irmão junto com dele. "Eu vou. Meu irmão também. Vamos ajudar você."

Chandalen olhou zangado. "Eu não vou! Eu não vou!"

Kahlan olhou para o Homem Pássaro. Os olhos castanhos dele encontraram com os dela, e então ele lançou um olhar de aço para Chandalen.

"Kahlan é uma Pessoa da Lama. Você é o guerreiro mais valente, mais esperto entre nós. É sua responsabilidade nos proteger. Todos nós. Você vai fazer isso. Você vai com ela. Seguirá as ordens dela e levará ela em segurança para onde ela quiser ir. Ou, vai partir agora, e nunca mais voltará. E Chandalen, se ela for morta, não volte. Se voltar, nós vamos matar você como mataríamos qualquer estranho com tinta preta nos olhos."

Chandalen tremeu de raiva. Ele jogou sua lança no chão. Agitado, ele colocou os punhos nos quadris. "Se eu vou deixar nossa terra haverá uma cerimônia para chamar os espíritos para nos proteger em nossa jornada. Vai levar até amanhã. Então partiremos."

Todos os olhos seguiram para Kahlan. "Partirei em uma hora. Você estará comigo. Você tem esse tempo para se preparar."

Kahlan foi para a casa dos espíritos para trocar o seu vestido de casamento, pelas suas roupas de viagem, e para buscar suas coisas. Ela aceitou agradecida a oferta de ajuda de Weselan.

CAPÍTULO 18



Flocos de neve gordos e úmidos caíram, às vezes com mais força, reunindo-se em rajadas e rodopiando em cortinas brancas. Richard cavalgou em uma neblina, atrás da Irmã Verna, o terceiro cavalo amarrado ao dele e trotando logo atrás. Quando a neve desceu em densas rajadas, a Irmã não era mais do que uma forma cinzenta na frente dele.

Nunca lhe ocorreu imaginar para onde estavam indo, ou fechar sua capa para combater o vento frio e cortante.

Não importava; nada importava.

Seus pensamentos pareceram flutuar e dançar com a neve, incapazes de assentar. Ele nunca tinha amado nada em sua vida do jeito que amou Kahlan. Ela havia se tornado sua vida.

E tinha mandado ele embora.

Ele estava machucado demais para pensar em qualquer outra coisa. Ele estava surpreso que ela tivesse duvidado de seu amor, que ela mandasse ele embora. Porque ela mandaria ele embora?

A mente dele flutuou entrando e saindo de pensamentos desesperados. Não conseguia entender como ela poderia pedir a ele para colocar uma coleira para provar seu amor. Tinha falado para ela o que significava para ele usar uma coleira. Talvez devesse ter contado tudo a ela. Talvez então ela tivesse entendido.

O peito dele estava doendo onde Darken Rahl tinha queimado. Quando ele levantou a mão e tocou na bandagem, finalmente percebeu que os flocos de neve tinham parado. As nuvens baixas que deslizavam estavam partidas em alguns pontos, deixando colunas de raios solares brilharem através delas. Os campos estavam com uma cor castanha morta e as nuvens, com um sombrio cinza morto.

A paisagem era uma extensão vazia sem cor.

Pelo ângulo do sol ele percebeu que o entardecer já estava avançado. Eles estiveram cavalgando por um longo tempo, em silêncio; Irmã Verna não havia dito nada para ele.

Ele levantou a mão e pela primeira vez tocou a coleira de modo experimental. Era lisa, sem emenda, fria. Ele dissera que jamais usaria uma coleira novamente. Tinha prometido para si mesmo. Ainda assim aqui estava ele usando uma.

Pior, ele mesmo tinha colocado, colocado porque Kahlan pediu para ele. Porque ela duvidou dele.

Pela primeira vez desde que havia colocado isso, ele fez um esforço para pensar em alguma outra coisa. Não conseguia mais pensar em Kahlan, não conseguia suportar a dor. Ele era o Seeker; tinha outras coisas em que pensar, coisas importantes. Com um leve aperto das pernas na cintura do cavalo, ele o fez andar mais depressa, colocando-o perto ao lado do alazão da Irmã.

Richard tentou puxar o capuz de sua capa para trás, e percebeu que ele nem estava levantado, então ao invés disso passou os dedos pelo cabelo molhado. Olhou para a Irmã Verna.

“Tem algumas coisas sobre as quais precisamos conversar. Coisas importantes que você não sabe.”

Ela olhou sem emoção. A beira de seu capuz bloqueando parcialmente seu rosto. “E quais seriam essas coisa?”

“Eu sou o Seeker.”

Ela olhou para longe, voltando os olhos para a direção em que estiveram. “Isso é uma coisa que dificilmente eu não sei.”

Sua atitude calma, despreocupada, deixou ele inquieto. “Eu tenho responsabilidades. Falei para você antes: tem coisas importantes acontecendo sobre as quais você não sabe nada. Coisas perigosas.” Ela não respondeu. Foi como se ele não tivesse falado. Ele decidiu ir direto ao ponto. “O Guardiã está tentando escapar do submundo.”

“Nós não falamos o nome dele. Você não deve falar ele como acabou de fazer. Isso chama a atenção dele. Quando temos que falar dele, ele é chamado de Sem Nome.”

Ela estava falando com ele como se ele fosse uma criança. A vida de Kahlan estava em perigo e essa mulher estava tratando ele como uma criança. “Não me importa como você chama ele, ele está tentando sair. E garanto a você, eu já tenho sua atenção.”

Finalmente ela olhou, indiferente. O Sem Nome está sempre tentando sair.”

Richard deu um suspiro profundo e tentou de novo. O véu para o submundo está rasgado. Ele vai sair.”

A Irmã Verna virou para ele mais uma vez, dessa vez puxando a ponta do capuz para trás para ter uma visão melhor. Cabelo castanho ondulado surgiu na borda do pesado capuz escuro. Ela mostrava uma expressão estranha. Uma expressão de divertimento.

Houve uma leve curvatura nos cantos da sua boca.

O próprio Criador colocou o Sem Nome onde ele está. O próprio Criador colocou o véu com a mão Dele para manter ele ali.” O sorriso dela aumentou um pouco enquanto as sobrancelhas se aproximaram, enrugando sua testa. O Sem Nome não pode escapar da prisão na qual o Criador o colocou. Não tenha medo, criança.”

Explodindo de fúria, Richard virou sua égua na direção da Irmã. Os dois cavalos se encostaram, relinchando e balançando as cabeças. Richard segurou as rédeas do cavalo assustado da Irmã para evitar que ele empinasse, ou corresse.

Ele se inclinou na direção dela, seu peito pulsando de raiva. “Não serei chamado por apelidos! Não receberei apelidos porque uso uma coleira! Eu sou Richard! Richard Rahl!”

A Irmã Verna não mostrou medo. Sua voz permaneceu calma e suave. “Sinto muito, Richard. Foi apenas força do hábito. Estou acostumada a lidar com outros muito mais jovens do que você. Não tive intenção de ofendê-lo.”

O modo como ela olhou para ele fez com que de repente ele se sentisse tolo, envergonhado. Fez ele sentir-se como uma criança. Ele soltou as rédeas. “Peço desculpas por gritar. Não estou com humor muito bom.”

Ela franziu o rosto novamente. “Pensei que o seu nome fosse Cypher.”

Ele puxou sua capa por cima do peito onde a bandagem cobria sua queimadura. “É uma longa história. George Cypher me criou como seu filho. Só descobri a pouco tempo que na verdade sou o filho de Darken Rahl.”

A expressão de preocupação dela aumentou. “Darken Rahl. Aquele com o dom que você matou? Você matou seu pai?”

“Não olhe para mim desse jeito. Você não conheceu ele. Não tem idéia do tipo de homem que ele era. Ele aprisionou, torturou e matou mais pessoas do que você ou eu poderíamos imaginar. A ideia dele ter ficado com minha mãe me deixa doente. Mas essa é a verdade. Sou o filho dele. Se espera que eu me arrependa por matar ele, vai ter que esperar mais do que a eternidade.”

Irmã Verna balançou a cabeça com o que pareceu genuína preocupação. “Sinto muito, Richard. Às vezes o Criador tece um caminho emaranhado para nossas vidas, e só nos resta imaginar o porque. Mas tenho certeza de uma coisa: Ele tem razões para o que Ele faz.”

Bobagem. Ele estava escutando um monte de bobagens dessa mulher. Ele fez o cavalo dele virar e olhou para ela novamente. “Estou dizendo, o véu está rasgado, e o Guardiã vai sair.”

A voz dela baixou perigosamente. “O Sem Nome.”

Ele lançou um olhar, aborrecido. Tenso. “O Sem Nome. Eu não poderia me importar menos pelo nome que deseja chamar ele, mas ele vai sair. Estamos todos em grande perigo.”

Kahlan estava em grande perigo.

Ele não se importava se essa Irmã feiticeira transformasse ele em cinzas; sua vida não significava mais nada para ele. Sua única preocupação era com a segurança de Kahlan.

A expressão estranha e o sorriso da Irmã Verna voltou. “Quem falou tal coisa para você?”

“Shota, uma feiticeira, ela me falou que o véu estava rasgado.” Ele deixou de fora que Shota também tinha falado que foi ele quem o rasgou. “Ela disse que ele estava rasgado e que se não fosse consertado, o Gua... - o Sem Nome escaparia.”

Irmã Verna sorriu. Os olhos dela brilharam. “Uma feiticeira.” Ela riu um pouco. “E acreditou nela? Você acreditou em uma feiticeira?”

Você acha que feiticeira falam a verdade de uma forma tão simples?”

Zangado, Richard olhou para ela com o canto do olho. “Para mim ela pareceu estar bastante certa disso. Ela não mentiria a respeito de uma coisa tão importante. Acredito nela.”

Irmã Verna pareceu achar divertida a coisa toda. “Se alguma vez você tivesse a chance de lidar com uma feiticeira antes, Richard, saberia que elas possuem uma visão estranha da verdade. Algumas vezes elas podem ser bem intencionadas, mas feiticeiras falam com palavras que raramente acontecem do jeito que elas soam.”

A verdade daquilo tirou um pouco da raiva dele. A Irmã Verna certamente pareceu conhecer bastante sobre as feiticeiras. De fato, pareceu compartilhar a própria visão dele a respeito delas. “Ela pareceu ter bastante certeza do que estava falando. Estava com medo.”

“Tenho certeza de que ela estava. Uma pessoa sábia está sempre com medo do Sem Nome. Mas eu não colocaria muita fé no que ela diz.”

“Não é apenas o que ela diz. Também aconteceram outras coisas.”

Ela olhou para ele curiosa. “Como o quê?”

“Um screeling.”

Ela colocou seus calmos olhos castanhos de volta para frente. “Um screeling. Você viu um screeling, não foi?”

“Vi! Ele me atacou! Screelings são do submundo. São enviados pelo Sem Nome. Ele foi enviado através de uma fissura no véu, para me matar!”

O sorriso dela voltou. “Você tem muita imaginação, Richard. Você escutou músicas infantis demais.”

Ele conteve sua raiva renovada. “O que você quer dizer?”

“Screelings certamente são do submundo, como são outras bestas. Os Sabujos do Coração, por exemplo. Mas eles não são *enviados*. Eles simplesmente escapam. Vivemos em um mundo que jaz entre o bem e o mal; entre a luz e o escuro. O Criador não planejou que esse fosse um mundo perfeito, protegido de todo mal. Não podemos entender Suas razões, sempre, mas Ele as tem, e Ele

é perfeito. Talvez os Screeelings estejam destinados a nos mostrar o lado escuro. Eu não sei. Mas sei que eles são simplesmente algo maligno que simplesmente aparece. Eu vi isso acontecer antes com aqueles que possuem o dom. É possível que o dom os crie. Um teste talvez. Um aviso, talvez, do mal terrível que aguarda aqueles que se afastam da luz.”

“Mas... tem profecias que dizem que eles são enviados quando o véu é rasgado, enviados pelo Sem Nome.”

“Como poderia ser, Richard? O véu já foi rasgado antes?”

“Como eu poderia saber?” Ele pensou um minuto. “Mas não vejo como poderia ter sido. Se fosse, como poderia ter sido consertado? E isso não teria passado despercebido. Aonde você quer chegar?”

“Bem, se o véu nunca foi rasgado, como os screeelings poderiam ter sido enviados antes? Como saberíamos o que eles eram? Como eles já teriam recebido um nome?”

Foi a vez de Richard franzir o rosto. “Talvez só conheçamos eles como screeelings porque eles receberam esse nome na profecia.”

“Você leu essa profecia?”

“Bem, não. Kahlan contou para mim.”

“E ela mesma leu, com os próprios olhos, não foi?”

“Não. Ela aprendeu quando era pequena.” A expressão irritada de Richard se aprofundou. “Em uma canção. Ela aprendeu ela com magos.”

“Em uma canção.” Irmã Verna não olhou para ele, mas o sorriso dela cresceu. “Richard, não pretendo menosprezar seus medos, mas coisas repetidas, de novo e de novo, especialmente em uma canção, passam por uma certa transformação.”

“Quanto às profecias, bem, elas são mais difíceis de entender do que uma feiticeira. Nós temos salas cheias delas no Palácio. Como parte de seus estudos, talvez receba permissão para trabalhar com elas. Eu li todas as que nós temos, e posso dizer a você que elas estão além das mentes da maioria. Se não for cuidadoso, pode encontrar uma profecia que dirá qualquer coisa que você queira ouvir. Ou pelo menos você pensará que é isso que deseja ouvir. Alguns magos devotam suas vidas ao estudo delas, e ainda assim

até mesmo eles entendem somente uma pequena fração da verdade delas.”

“Esse é um perigo que não deve ser considerado de modo tão despreocupado.”

“Você acha que o véu está simplesmente rasgado? tenha fé, Richard. O Criador colocou o véu. Tenha fé Nele.”

Richard cavalgou em silêncio por algum tempo. O que Irmã Verna disse realmente pareceu fazer sentido. Ele sentiu como se a sua compreensão do mundo estivesse oscilando.

Mas para ele era difícil pensar demais no assunto; Kahlan ficava retornando em sua mente. A angústia dele por ela querer que ele colocasse uma coleira para provar seu amor, sabendo que isso o afastaria dela, despedaçava seu coração. A traição queimava dolorosamente em seu peito.

Ele balançou as rédeas com o polegar. Finalmente ele virou mais uma vez para a Irmã. “Isso não é tudo. Não falei a pior parte.”

Ela deu um sorriso maternal. “Tem mais ? Então fale. Talvez eu possa acalmar seus medos.”

Richard soltou um profundo suspiro, tentando liberar pelo menos uma parte da dor com ele. “O homem que eu matei, Darken Rahl, meu pai, bem, quando ele morreu, ele foi enviado para o submundo. Para o Gua... o Sem Nome. Noite passada, ele escapou. Escapou através da fenda no véu. Ele está de volta a esse mundo, de volta para acabar de rasgar o véu.”

“E você sabe que ele foi enviado para o Sem Nome. Você esteve no submundo para ver ele chegar lá, do lado do Sem Nome, não foi?”

A mulher tinha uma incrível capacidade de fazer o humor dele esquentar. Ele tentou ignorar a dor do golpe. “Falei com ele quando voltou para este mundo. Ele me contou. Falou que estava aqui para rasgar o resto do véu. Disse que o Guardião dominaria todos nós. Um homem morto, voltando para este mundo. Você entende? O único modo para que o espírito dele pudesse estar aqui é se tivesse vindo através do véu.”

“Você apenas estava sentado ali, e esse homem morto caminhou e falou com você, não foi?”

Richard fez uma careta, mas ela não olhou para ver. "Foi em uma reunião, com o Povo da Lama."

"Eu estava tentando falar com os espíritos dos ancestrais deles, tentando descobrir como fechar o véu, e ele apareceu."

"Ahhh." Ela balançou a cabeça de satisfação. "Entendo."

"O que isso quer dizer!"

O rosto da Irmã Verna assumiu uma expressão de tolerância, nascida de explicar coisas para crianças. "O Povo da Lama fez você beber ou comer alguma poção sagrada antes de ver esse espírito?"

"Não!"

"Você apenas sentou com eles e viu espíritos, não foi?"

"Bem, não exatamente. Primeiro tem um banquete. Por uns dois dias. Os anciãos comem e bebem coisas especiais. Mas eu nunca fiz isso. Então fomos pintados com lama, e então entrei na casa dos espíritos com os sete anciãos. Sentamos em um círculo, e eles cantaram por algum tempo. Então passaram adiante uma cesta e tiramos dela uma rã do espírito, e esfregamos a secreção viscosa da costas dela em nossas peles..."

"Rãs." Irmã Verna olhou para ele. "Rãs vermelhas, não é?"

"Sim. Rãs de espírito vermelhas."

Com um sorriso ela olhou de novo para frente. "Conheço elas. E isso fez sua pele formigar, não foi? E foi quando você viu espíritos?"

Essa é uma versão bastante simplista, mas acho que você poderia resumir dessa forma. O que você está tentando dizer?"

"Você já viajou por Midlands com frequência? Já viu muitos dos povos dela?"

"Não. Sou de Westland. Não sei muito sobre os povos de Midlands."

Ela assentiu para si mesma novamente. "Tem muitos povos em Midlands, descrentes, que não sabem da luz do Criador. Eles cultuam todos os tipos de coisas. Ídolos, espíritos e coisas assim. Eles são selvagens que se apegam a costumes de culto centrado em torno dessas falsas crenças. Em sua maioria eles possuem uma coisa em comum. Usam comida ou bebida sagrada para ajudar a *ver* seus *espíritos protetores*."

Ela olhou para ter certeza que ele estava prestando atenção. O Povo da Lama aparentemente usa a substância nas rãs vermelhas para ajudar a ter essas visões do que eles desejam ver.”

“Visões?”

“O Criador colocou muitas plantas e animais em nosso mundo para usarmos. O poder dessas coisas trabalham de maneiras invisíveis. Um chá, por exemplo, da casca de salgueiro pode ajudar a reduzir uma febre. Não conseguimos ver ela trabalhando, mas sabemos que ela faz isso. Tem muita coisas que, se forem comidas, nos deixarão doentes, até mesmo nos mataria. o Criador nos deu mentes para aprendermos a diferença. Tem algumas coisas que, se forem comidas, ou no caso das rãs vermelhas, esfregadas em nossa pele, nos farão ver coisas, do mesmo jeito que vemos coisas quando sonhamos.

“Selvagens que não pensam duas vezes em achar qu e as coisas que estão vendo são reais. Foi isso que aconteceu com você. Esfregou a secreção viscosa de uma rã vermelha na pele e isso lhe deu visões. Seu medo do Sem Nome fez tudo isso parecer mais real. Se esses *espíritos* fossem reais, porque precisaria usar alguma planta, comida ou bebida especial, ou nessa caso, rãs vermelhas, para ver e conversar com eles?”

“Por favor, não pense que estou zombando de você, Richard. As visões podem parecer muito reais. Quando está sob a influência delas, elas podem parecer tão reais quanto qualquer coisa. Mas não são.”

Richard estava relutante em acreditar na explicação da Irmã, mas entendeu do que ela estava falando.

Desde uma idade bem jovem, Zedd tinha levado ele para dentro das florestas para encontrar plantas especiais para ajudar pessoas: aum para acabar com a dor e ajudar pequenas feridas a curar mais rápido, e raiz de acácia para aliviar a dor de feridas profundas. Zedd havia mostrado outras plantas que ajudariam com febres, digestão, dores do parto, feitiços atordoantes, e ele também tinha falado sobre plantas para evitar, plantas que eram perigosas, e plantas que fariam pessoas enxergarem coisas que não estavam lá: visões.

Mas ele não achou que tinha imaginado Darken Rahl. “Ele me queimou.” Richard tocou na camisa onde estava a bandagem. “Eu não poderia estar presenciando visões. Darken Rahl estava lá, ele levantou a mão e me tocou, e isso queimou minha pele. Não estou imaginando isso.”

A Irmã balançou os ombros levemente. “Poderia ser uma entre duas coisas. Depois que esfregou a mão na sua pele, você não conseguiu ver a sala onde estava, conseguiu?”

“Não. Ela pareceu ter desaparecido em um vácuo negro.”

“Bem, vendo ou não, ela ainda estava lá. E tenho certeza de que os selvagens teriam uma fogueira queimando quando participou dessa reunião. E quando você foi queimado, não estava sentado no mesmo lugar, mas estava em pé, se movendo, não estava?”

“Sim,” ele admitiu relutante.

Ela franziu os lábios. “No estado de ilusão em que estava, provavelmente você caiu, se queimou na fogueira e imaginou que fosse o espírito fazendo a queimadura.”

Richard estava começando a se sentir decididamente tolo. A Irmã poderia estar certa? Tudo isso era tão simples assim? Ele realmente era tão ingênuo?

“Você disse que poderia ser duas coisas. Qual é a outra?”

A Irmã cavalgou em silêncio por um momento. Quando a voz dela surgiu, ela saiu mais baixa, sombria, do que antes.

“O Sem Nome sempre procura nos ter ao lado dele. Embora ele esteja trancado por trás do véu, seus tentáculos ainda podem alcançar dentro desse mundo. Ele ainda pode nos machucar. Ele é perigoso. O lado escuro é perigoso.”

“Quando pessoas ignorantes se envolvem em coisas obscuras, elas podem atrair mais perigo, atrair mais atenção do Sem Nome ou de seus servos. É possível que você realmente tenha sido tocado, queimado, por um dos seres do mal.” Ela olhou para ele. “Tem coisas perigosas que as pessoas são tolas demais para evitar. Às vezes, essas coisas podem matar.”

A voz dela suavizou um pouco. “Esse é um dos nossos trabalhos; tentar ensinar para aqueles que ainda não viram a luz do

Criador a seguir na direção da luz, e ficar longe das coisas obscuras, e perigosas.”

Richard não conseguiu pensar em nada para rebater as explicações da Irmã sobre os eventos. As coisas que ela falou fizeram sentido. Se ela estivesse certa, isso significaria que Kahlan não estava realmente em perigo; que Kahlan estava segura. Ele queria acreditar nisso. Queria desesperadamente acreditar nisso. Mas ainda assim...

“Vou admitir que você pode estar certa, mas não tenho certeza. Parece ter mais nisso do que eu posso colocar em palavras.”

“Eu entendo, Richard. É difícil admitir que estivemos errados. Ninguém quer admitir que foi enganado, ou que pareceu um tolo. Essa visão de nós mesmos machuca. Mas parte do crescer, aprender, é ser capaz de suportar a verdade acima de tudo, mesmo quando isso significa que devemos admitir ter mantido ideias tolas.”

“Por favor, acredite em mim, Richard, não vejo você com um tolo por ter acreditado como fez. Seu medo era compreensível. A marca da pessoa sábia é ser capaz de ir além em busca da verdade, de admitir que pode aprender mais do que já sabe.”

“Mas todas essas coisas estão conectadas...”

“Elas estão? Uma pessoa sábia não une as contas de eventos não relacionados em um colar simplesmente para ter alguma coisa que deseja ver. Uma pessoa sábia enxerga a verdade mesmo se ela for algo inesperado. Esse é o melhor colar para usar - a verdade.”

“A verdade,” ele murmurou para si mesmo. Ele era o Seeker. A verdade era tudo que definia o Seeker. Isso estava gravado em ouro no cabo da espada: a Espada da Verdade. Algo sobre as coisas que tinham acontecido era mais do que ele poderia colocar para ela em palavras. Poderia ser como ela falou? Ele poderia estar simplesmente enganando a si mesmo?

Ele lembrou da Primeira Regra do Mago: as pessoas acreditarão em qualquer coisa, seja porque querem que isso seja verdade, ou porque tem medo que possa ser. Ele sabia por experiência que era suscetível a isso como qualquer outro. Ele não estava acima do ato de acreditar em uma mentira.

Tinha acreditado que Kahlan o amava. Tinha acreditado que ela nunca faria nada para machucá-lo. E ela mandou ele embora. Richard sentiu o nó subindo em sua garganta novamente.

“Estou dizendo a verdade, Richard. Estou aqui para ajudá-lo.” Ele não respondeu. Não acreditava nela. Como que em resposta aos pensamentos dele, ela perguntou, “Como estão suas dores de cabeça?”

A pergunta deixou ele surpreso. Não tanto a pergunta quanto o que percebeu. “Elas... sumiram. As dores de cabeça sumiram completamente.”

Irmã Verna sorriu e balançou a cabeça satisfeita. “Como prometi a você, que o Rada'Han acabaria com a dor de cabeça. Só queremos ajudá-lo, Richard.”

Seus olhos viraram para observá-la. “Você também disse que a coleira é para me controlar.”

“Para que assim possamos ensiná-lo, Richard. Você deve ter a atenção de uma pessoa para poder ensiná-la. Isso é tudo para que ela serve.”

“E para me ferir. Você disse que ela vai me causar dor.”

Ela encolheu os ombros, abrindo as palmas das mãos para o céu, as rédeas enroladas nos dedos. “Acabei de lhe causar dor. Mostrei a você como estava acreditando em algo tolo. Isso não lhe causa dor? Não machuca você aprender que estava errado? Mas não é melhor saber a verdade do que acreditar em uma mentira? Mesmo se isso machucar?”

Ele olhou para longe, pensando na verdade de Kahlan fazendo ele colocar uma coleira, mandando ele embora. Aquela verdade machucava mais do que qualquer coisa: a verdade de que ele não era bom o bastante para ela. “Acho que sim. Mas não gosto de usar uma coleira. Nem um pouco.”

Ele estava cansado de conversar. Seu peito estava doendo. Seus músculos estavam todos rígidos. Ele estava cansado. Sentia falta de Kahlan. Mas Kahlan tinha feito ele colocar uma coleira e mandado ele embora. Deixou seu cavalo e aquele que estava amarrado em sua sela ficarem para trás para seguir atrás do cavalo

da Irmã mais uma vez enquanto lágrimas desciam pelo seu rosto, parecendo gelo em sua pele.

Ele cavalgou em silêncio. Seu cavalo arrancou tufos de grama e mastigou enquanto caminhava lentamente. Normalmente, Richard não teria deixado seu cavalo comer enquanto estivesse com um freio na boca. Ele não conseguiria mastigar direito com o freio, e podia acabar tendo cólica. Você poderia perder um bom cavalo para a cólica. Ao invés de impedir ele, Richard tocou no pescoço dele e deu tapinhas tranquilizadores.

Era bom ter companhia que não dizia que ele era estúpido; companhia que não o julgava ou fazia exigências.

Ele não sentiu estar fazendo o mesmo com o cavalo. Melhor ser um cavalo do que um homem, ele pensou. Andar, virar, parar.

Nada mais. Melhor ser qualquer coisa do que o que ele era.

Independente do que Irmã Verna disse, ele sabia que não era nada além de um cativo. Nada que ela falasse poderia mudar isso.

Se esperava algum dia ser libertado, teria que aprender a controlar o dom. Uma vez que as Irmãs estivessem satisfeitas que ele pudesse controlar o dom, talvez elas o libertassem. Se Kahlan não o queria, pelo menos ele seria livre.

Isso era o que faria, ele decidiu. Aprender como usar o dom tão rápido quanto pudesse, para que pudesse retirar a coleira e ficar livre. Zedd sempre havia dito que ele aprendia rápido. Aprenderia tudo. Além disso, sempre gostou de aprender. Sempre quis saber mais. Nunca era o bastante para ele. Ele se alegrou um pouco com a idéia. Gostava de aprender coisas novas. Talvez isso não fosse tão ruim. Poderia fazer isso. Além do mais, o que mais poderia fazer?

Pensou no modo como Denna o treinou, o ensinou.

Seu humor caiu. Estava apenas iludindo a si mesmo. Elas nunca o libertariam. Ele não aprenderia porque queria aprender, ou o que queria; ele aprenderia o que as Irmãs da Luz queriam que ele aprendesse, e ele não acreditava necessariamente que aquilo que elas ensinavam fosse a verdade. Elas o ensinariam a respeito da dor. Isso era desanimador.

Cavalgou com seus pensamentos sombrios. Ele era o Seeker. O que traz a morte.

Toda vez que matava alguém com a Espada da Verdade, sabia que era o que ele era. Que era o que o Seeker fazia, o que o Seeker era: o que traz a morte.

Enquanto o céu começou a exibir rosas, amarelos, e dourados, ele notou faixas brancas ao longe adiante. Não era neve; a neve não tinha acumulado. Além disso, essas coisas se moviam. Irmã Verna não disse nada sobre elas; simplesmente continuou cavalgando. O sol nas costas deles lançavam sombras longas em frente a eles. Pela primeira vez, Richard percebeu que estavam viajando para leste.

Quando estavam mais perto, ele reconheceu as formas brancas espalhadas pelo caminho deles, rosadas sob os últimos raios de sol. Era um pequeno grupo de ovelhas. Quando passaram entre elas, Richard viu que as pessoas cuidando dos animais eram Bantak. Reconheceu sua maneira de vestir.

Os homens Bantak se aproximaram do lado de Richard, ignorando Irmã Verna. Eles murmuraram alguma coisa que ele não entendeu, mas as palavras e rostos deles pareciam mostrar uma certa reverência. Os três se ajoelharam e curvaram-se, esticando os braços, suas mãos no chão na direção dele. Richard reduziu o passo do seu cavalo enquanto olhava para eles. Eles ergueram o corpo, continuando de joelhos, falando com ele, mas ele não entendeu as palavras.

Richard levantou sua mão em saudação. Isso pareceu agradar eles. Os três abriram sorrisos e se curvaram mais algumas vezes enquanto ele passou. Ele levantaram e trotaram perto do cavalo dele, tentando empurrar coisas nas mãos dele: pão, frutas, tiras de carne seca, um tecido de lã, lenço sujo, colares feitos de dentes, ossos e contas, até seus bordões de pastor.

Richard forçou um sorriso e, com sinais que pensou que eles entenderiam, tentou recusar as ofertas sem ofender os homens. Um dos três foi particularmente insistente para que ele aceitasse um melão, oferecendo repetidas vezes. Richard não queria problemas, então pegou o melão e curvou a cabeça várias vezes. Eles pareceram orgulhosos, assentindo e fazendo reverência enquanto ele seguiu cavalgando. Ele baixou a cabeça para eles uma última vez

de sua sela enquanto passava, e enfiou o melão dentro do alforje na sela.

Irmã Verna estava com o cavalo virado na direção dele, esperando que ele se aproximasse. Ela olhou com raiva enquanto esperava.

Richard não apressou seu cavalo; simplesmente deixou ele seguir em seu próprio passo. E agora, pensou ele.

Quando finalmente alcançou-a, ela se inclinou na direção dele. "Porque eles estão dizendo aquelas coisas!"

"Que coisas? Não entendo a língua deles."

Ela cerrou os dentes. "Eles pensam que você é um mago. Porque eles pensariam isso? Porque!"

Richard balançou os ombros. "Eu suspeitaria que é por que eu falei isso para eles."

"O quê!" Ela puxou o capuz para trás. "Você não é um mago! Não tem direito algum de falar para eles que você é! Você mentiu!"

Richard cruzou os pulsos por cima da parte mais alta da sela. "Você está certa. Não sou um mago. Sim, falei uma mentira para eles."

"Mentir é um crime contra o Criador!"

Richard soltou um suspiro cansado. "Não fiz isso para brincar de ser um mago. Fiz para deter uma guerra. Foi o único jeito para que eu pudesse evitar que muitas pessoas morressem. Funcionou e ninguém foi ferido. Faria a mesma coisa de novo se isso evitasse matança."

"Mentir é errado! O Criador odeia mentiras!"

"Esse seu Criador acha que a matança é melhor?"

Irmã Verna pareceu estar prestes a cospir fogo nele. "Ele é o Criador de todos. Não apenas o meu Criador."

"E Ele odeia mentiras."

Richard avaliou tranqüilamente a expressão irritada dela. "Ele mesmo falou isso para você, não foi? Aparece, senta perto de você e diz *Irmã Verna, quero que saiba que eu odeio mentiras?*"

Ela apertou os dentes e rosnou as palavras. "É claro que não. Está escrito. Escrito em livros."

“Ahh.” Richard assentiu. “Então, muito bem, é claro que é verdade. Se está escrito em livros, então deve ser verdade.”

“Todo mundo sabe que se alguma coisa está escrita e creditada, então deve ser verdade.”

Os olhos dela estavam pegando fogo. “Você trata as palavras do Criador de modo leviano.”

Ele se inclinou na direção dela, com um pouco de sua própria raiva transparecendo. “E você, Irmã Verna, trata de modo leviano as vidas de pessoas que considera selvagens.”

Ela fez uma pausa e com esforço acalmou-se um pouco. “Richard, você deve aprender que mentir é errado. Muito errado. É contra o Criador. Contra aquilo que ensinamos. Você tão mago quanto uma criança é um idoso. Chamar a si mesmo de mago quando não é, é uma mentira. Uma mentira horrível. É uma profanação. Você não é um mago.”

“Irmã Verna, sei muito bem que mentir é errado. Não tenho o hábito de sair por aí contando mentiras, mas no meu ponto de vista, considero que é preferível isso do que pessoas serem mortas. Foi o único jeito.”

Ela suspirou profundamente e assentiu, fazendo os cachos em seu cabelo castanho balançarem para cima e para baixo levemente.

“Talvez você tenha razão. Enquanto souber que mentir é errado. Não faça disso um hábito. Você não é um mago.”

Richard olhou fixamente para ela enquanto apertava com mais força as rédeas. “Sei que não sou um mago, Irmã Verna. Sei exatamente o que sou.” Deu um parto com as pernas no cavalo, fazendo-o seguir adiante. “Sou aquele que traz a morte.”

A mão dela disparou e segurou a manga da camisa dele, fazendo ele virar na sela. Ele puxou as rédeas para trás quando foi agarrado, dando meia volta e encarando os olhos arregalados dela.

A voz dela era um sussurro apressado. “O que você disse ? Do que chamou a si mesmo?”

Ele lançou um olhar atravessado para ela. “Eu sou aquele que traz a morte.”

“Quem o chamou assim?”

Richard estudou o rosto pálido dela. “Eu sei o que significa usar essa espada. Sei como é empunhar ela. Sei melhor do que qualquer Seeker antes de mim sabia. Ela é parte de mim, eu sou parte dela. Usei sua magia para matar a última pessoa que colocou uma coleira em meu pescoço. Sei o que isso faz de mim. Menti para os Bantak porque não queria que pessoas fossem mortas. Mas tem outra razão. Os Bantak são um povo pacífico. Não queria que eles aprendessem o que significa o horror de matar. Aprendi bem demais essa lição. Você matou Irmã Elizabeth; talvez você saiba também.”

“Quem o chamou de *aquele que traz a morte*?” ela insistiu.

“Ninguém. Dei o nome a mim mesmo, porque é isso que eu faço, o que eu sou. Sou aquele que traz a morte.”

Ela soltou a camisa dele. “Entendo.”

Quando ela começou a virar o nariz, ele chamou o nome dela em um tom de comando. Isso fez ela parar imediatamente. “Por que? Por que você quer saber quem me deu esse nome? Porque isso é tão importante?”

A raiva dela pareceu ter evaporado, e deixado uma sombra de medo em sua passagem. “Falei que li todas as profecias no Palácio. Há um fragmento de uma que contém aquelas palavras. *Ele é aquele que traz a morte, e assim ele nomeará a si mesmo.*”

Richard estreitou os olhos. “E o que o resto da profecia diz? Ela também diz que matarei você, e qualquer um que for necessário, para tirar essa coleira?”

Ela afastou os olhos. “Profecias não são para os olhos ou ouvidos dos destreinados.”

Com um forte chute, ela surpreendeu seu cavalo e fez ele correr em frente. Enquanto seguiu logo atrás, Richard decidiu deixar o assunto encerrado. Ele não se importava com profecias. Tanto quanto ele sabia, elas não eram mais do que enigmas, e ele odiava enigmas. Se algo fosse importante o bastante para precisar ser dito, porque falar em enigmas? Enigmas eram jogos estúpidos, e não eram importantes.

Enquanto cavalgava, pensou em quantas pessoas ele teria que matar para conseguir tirar a coleira. Uma, ou uma centena, não importava. Sua raiva ferveu com o pensamento de ser conduzido

pelo Rada'Han. Cerrou os dentes ao pensar nisso. os músculos de sua mandíbula flexionaram pensando nisso. Os punhos dele apertaram com força as rédeas.

Aquele que traz a morte. Ele mataria tantos quanto fosse necessário. Ele removeria a coleira, ou morreria tentando. A fúria, a necessidade de matar, fluiu através de cada fibra do seu ser.

Com um sobressalto, percebeu que estava invocando a magia da espada, mesmo enquanto ela estava na bainha. Não precisava mais segurar a espada para fazer isso. Podia sentir a fúria dela pulsando através dele. Com esforço, ele colocou isso de lado e se acalmou.

Além da fúria do ódio da espada, ele também sabia como invocar seu lado oposto, sua magia branca.

As Irmãs não sabiam que ele podia fazer isso. Ele esperava não ter razão alguma para ensinar isso a elas. Mas se tivesse que fazer, ele faria. Ele removeria a coleira. Usaria um dos lados da magia da espada, ou ambos, para que a coleira fosse removida de seu pescoço. Quando a hora chegasse. Quando a hora chegasse.

No violeta do pôr-do-sol, Irmã Verna fez com que eles parassem para passar a noite. Ela não tinha falado mais nada para ele. Ele não sabia se ela ainda estava zangada, mas realmente não se importava.

Richard levou os cavalos por uma curta distância até uma fila de pequenos salgueiros na beira de um riacho e retirou as rédeas, e os amarrou com cordas. A égua dele balançou a cabeça, feliz em ter o freio retirado de sua boca.

Richard viu que era um agressivo *spade bit*. Poucos tipos de freios eram mais cruéis.

Pessoas que os usavam, para ele, eram pessoas que pensavam que cavalos não eram nada mais do que bestas que humanos tinham que conquistar e controlar. Ele pensou que talvez eles devessem ter um freio nas bocas para ver se gostariam disso. Treinados adequadamente, um cavalo não precisava de nada mais do que um bridão articulado. Se treinado adequadamente, e recebesse um pouco de compreensão, ele nem precisava de um

freio. Ele achava que algumas pessoas preferiam a punição ao invés da paciência.

De modo experimental, ele levou a mão para tocar na orelha de ponta negra do cavalo. Ele levantou a cabeça para longe da mão dele. "Então," ele falou, "eles também gostam de torcer a sua orelha." Ele acariciou o pescoço do cavalo. "Não vou fazer isso com você, minha amiga." O cavalo inclinou o pescoço, encostando na mão dele.

Richard apanhou água em um cantil feito de lona e deixou cada cavalo beber apenas alguns goles, enquanto não tivessem esfriado os corpos. Em um dos alforjes, ele encontrou escovas, e aproveitou o tempo para esfregar o pelo de cada um deles e limpar os cascos. Levou mais tempo do que o necessário porque, porque preferia a companhia deles do que a da Irmã.

Depois que terminou, cortou um pouco da casca do melão que o Bantak lhe deu, e deu um pedaço para cada um dos cavalos. Cavalos adoravam poucas coisas na vida tanto quanto casca de melão. Cada um deles mostrou afeição pela oferta. Foi o primeiro entusiasmo que qualquer um deles tinha mostrado. Depois de ver os *spade bits*, ele sabia porque.

Quando decidiu que seu peito estava doendo demais para ficar ali por mais tempo, ele seguiu até o local onde a Irmã Verna estava sentada em cima de um pequeno cobertor e colocou o cobertor dele no chão do lado oposto a ela. Cruzou as pernas quando sentou e pegou um pedaço do pão de tava de sua mochila, mais para ter algo a fazer do que por estar com fome.

Ela aceitou um pedaço que ele ofereceu. Ele cortou o melão e colocou a casca que sobrou de lado, guardando-a para mais tarde.

Richard ofereceu um pedaço do melão para Irmã Verna.

Ela olhou para o melão friamente enquanto ele o segurava. "Isso foi dado com falsas intenções."

"Foi dado como agradecimento por evitar uma guerra."

Finalmente ela pegou, mas não com entusiasmo. "Talvez."

"Vou pegar o primeiro turno, se você quiser," ele ofereceu.

"Não há necessidade de montar guarda."

Ele avaliou ela na quase escuridão enquanto mastigava um pedaço suculento de melão. “Tem Sabujos do Coração em Midlands. Outras coisas também. Eu poderia imaginar outro screeling. Acho que seria sábio montar guarda.”

Ela arrancou um pedaço do pão de tava se olhar para ele. “Você está seguro comigo. Não há necessidade de montar guarda.”

A voz dela estava séria. Não estava com raiva, mas também não estava longe disso. Ele comeu em silêncio por algum tempo, e então decidiu tentar aliviar os ânimos. Tentou fazer sua voz soar alegre, muito embora não sentisse alegria alguma.

“Estou aqui, você está aqui, estou usando o Rada'Han, que tal se você começar a me ensinar a usar o dom?”

Ela olhou por debaixo das sobrancelhas enquanto mastigava. “Haverá bastante tempo para ensiná-lo quando chegarmos ao Palácio dos Profetas.”

Pareceu que o ar tinha esfriado de repente. Sua raiva ardeu. A fúria da espada pediu para ser liberada.

Richard a conteve. “Como quiser.”

Irmã Verna deitou no seu cobertor, enrolando-se bem em sua capa. “Está frio. Faça uma fogueira.”

Ele colocou o último pedaço de pão de tava na boca e esperou até que tivesse engolido antes de falar suavemente. Os olhos dela observaram ele.

“Estou surpresa que você não saiba mais sobre magia, Irmã Verna. Há uma frase que é mágica. Ela pode fazer mais do que você pode imaginar. talvez tenha escutado ela antes. É a frase *por favor*.” Ele ficou de pé. “Não estou com frio. Se quer uma fogueira, faça você mesma. Eu vou montar guarda. Falei para você, não vou confiar em nada. Se formos mortos durante a noite, não será sem aviso durante minha guarda.”

Ele virou as costas para ela sem esperar uma resposta. Não queria escutar nada que ela tivesse para dizer.

Caminhando uma boa distância pela grama seca, ele encontrou um monte de terra em volta de um buraco de marmota e se agachou em cima dele para montar guarda. Para pensar.

A lua estava alta. Ela observava ele e lançava uma pálida luz prateada sobre as terras vazias nas redondezas, luz suficiente para permitir que ele enxergasse sem qualquer problema. Ele olhou para os campos desertos, refletindo. Quanto mais tentava pensar em outras coisas, isso não ajudava em nada. Ele só conseguia pensar em uma coisa: Kahlan.

Ele levantou os joelhos e passou os braços em volta deles, depois que tinha enxugado algumas lágrimas do rosto. Ficou imaginando o que ela estava fazendo, onde ela estava, se ela chegaria até Zedd. Pensou se ela ainda se importava o bastante com ele para procurar Zedd.

A lua se movia lentamente pelo céu enquanto olhava para ele. O que ele iria fazer? Sentiu-se perdido.

Desenhou o rosto de Kahlan em sua mente. Teria conquistado o mundo para ver ela sorrir para ele. Para se aquecer no calor do amor dela. Richard estudou o rosto dela em sua mente. Ele formou a imagem do olhos azuis dela, do cabelo longo.

O lindo cabelo dela.

Com aquele pensamento, lembrou do tufo de cabelo que ela havia colocado no bolso dele. Ele tirou e olhou para ele na luz do luar. Era um círculo que ela uniu e amarrou no meio com a fita do vestido de casamento dela, de modo que lembrava um número oito torcido, enquanto ele o segurava. Curvado desse jeito, ele também era o símbolo para infinito.

Richard girou o tufo de cabelo entre os dedos, observando enquanto ele girava. Kahlan deu isso a ele para lembrar dela. Algo para lembrar dela. Porque jamais a veria novamente. Uma tristeza profunda sufocou a respiração dele.

Ele agarrou o Agiel tão forte quanto podia, até que seu punho tremeu com o esforço. A dor do Agiel, e sua angústia se uniram em uma agonia ardente. Ele deixou que isso distorcesse sua percepção até que não pudesse mais suportar, e então deixou continuar por mais tempo ainda, deixou continuar até que desabou na base do monte de terra, malmente consciente.

Ele arfou buscando ar. A dor havia varrido todos os pensamentos de sua mente. Pelo menos por alguns minutos, sua

mente ficou livre da angústia. Ficou deitado no chão por um longo tempo, se recuperando.

Quando finalmente foi capaz de sentar mais uma vez, encontrou o tufo de cabelo ainda em suas mãos. Olhou para ele na luz do luar, lembrando do que Irmã Verna havia dito para ele, que ele tinha falado uma mentira aos Bantak. Uma mentira horrível.

Aquelas tinham sido as palavras de Kahlan. Ela dissera que o amor dele por ela era uma *mentira horrível*. Aquelas palavras machucavam mais do que o Agiel.

“Não é uma mentira,” ele sussurrou. “Faria qualquer coisa por você, Kahlan.”

Mas isso não era bom o bastante. Colocar a coleira não era bom o bastante. Ele não era bom o bastante. Filho de um monstro. Ele sabia o que ela queria. O que ela realmente queria. Queria ficar livre dele.

Queria que ele colocasse a coleira para que ele fosse levado para longe. Assim ela ficaria livre. “Faria qualquer coisa por você, Kahlan,” ele gritou. Ficou de pé e olhou pelos campos vazios. O horizonte escuro ondulou em um borrão úmido. “Qualquer coisa. Até mesmo isso. Eu te liberto, meu amor.” Richard jogou o tufo do cabelo de Kahlan dentro da noite tão longe quanto podia.

Ficou de joelhos e caiu com o rosto voltado para o chão, gemendo. Ele chorou até não conseguir mais. Continuou deitado no chão frio, grunhindo de agonia até perceber que estava segurando o Agiel novamente. Largou ele e finalmente sentou, caindo exausto para trás no monte de terra. Estava acabado, terminado. Sentiu-se vazio. Morto. Depois de algum tempo ele ficou de pé. Ficou parado por um momento, e então sacou a Espada da Verdade lentamente.

O som dela era uma música suave no ar frio. A raiva surgiu com o aço, e ele deixou que ela preenchesse o vazio nele, a fúria fluiu livremente através dele. Ele deu boas-vindas para a raiva dentro dele mesmo, permitindo que ela o preenchesse até que estivesse submerso em sua ira. O peito dele pulsou com necessidade letal.

Os olhos dele seguiram na direção onde a Irmã estava dormindo. Podia ver o volume escuro do corpo dela enquanto ele se

aproximava silenciosamente. Ele era um guia florestal; sabia como se aproximar sem fazer barulho. Era bom nisso.

Seus olhos observaram o chão cuidadosamente enquanto ele se movia fluidamente, observou a forma adormecida da Irmã Verna enquanto encurtava a distância. Não teve pressa. Não havia necessidade de se apressar. Tinha o tempo que precisava. Tentou respirar mais devagar para evitar fazer barulho. Ela estava quase ofegante com toda a fúria que o consumia.

O pensamento de usar uma coleira de novo alimentou o fogo dentro dele, forneceu combustível para as chamas.

A fúria da magia da espada espalhou através dele como metal derretido. Richard reconhecia muito bem a sensação, e entregou-se a ela. Estava além da razão, além de ponto de ser impedido. Agora nada que não tivesse sangue satisfaria aquele que traz a morte.

As articulações da mão no cabo estavam brancas. Seus músculos saltavam com a necessidade contida implorando para ser liberada. Mas eles não ficariam contidos por muito tempo. A magia da Espada da Verdade gritou para executar o comando dele.

Richard ficou parado, uma sombra silenciosa, sobre a Irmã Verna, olhando para ela. A fúria pulsava em sua cabeça. Deslizou a espada pela parte interna de seu antebraço, esfregando ambos os lados no sangue, dando uma pequena prova dele para o aço.

A mancha escura desceu pelo sulco da espada, pingando da ponta. Correu úmida e quente descendo pelo seu braço. O peito dele inchou quando segurou novamente o cabo com as duas mãos.

Ele sentiu o peso da coleira em volta do pescoço; a lâmina levantou, cintilando sob a luz do luar.

Observou a Irmã adormecida aos seus pés. Ela estava enrolada quase formando uma bola. Estava com frio, e ela tremia enquanto dormia.

Ele ficou parado com a lâmina erguida, olhando para ela enquanto cerrava os dentes e estremeceu com a necessidade extrema. Kahlan não queria ele. Filho de um monstro.

Não. Apenas monstro. Ele viu a si mesmo parado sobre a mulher adormecida, sua espada no ar, pronta para matar.

Ele era o monstro.

Foi isso que Kahlan viu. E tinha mandado ele para longe com uma coleira para ser torturado. Porque ele era um monstro que precisava receber uma coleira, uma besta.

Lágrimas desceram pelo seu rosto. A espada desceu lentamente até que a ponta tocou no chão. Ele ficou olhando para a Irmã enquanto ela dormia, tremendo com o frio. Ficou imóvel por um longo tempo, observando.

Finalmente Richard enfiou a espada silenciosamente de volta na bainha. Pegou seu cobertor e colocou sobre Irmã Verna, dobrando-o cuidadosamente em volta dela, com suavidade para não acordá-la. Sentou e observou até que ela parou de tremer e então ele deitou, enrolando-se em sua capa.

Ele estava exausto, e seu corpo todo estava doendo, mas ele não conseguiu dormir. Sabia que elas o machucariam. Que era para isso que a coleira servia. Quando ela o levasse até o Palácio, elas machucariam ele.

Que diferença fazia?

Lembranças dançaram e disparavam através da mente dele, lembranças do que Denna tinha feito com ele. Lembrou da dor, da agonia, do sangue: o sangue dele.

As visões continuaram e continuaram. Pelo tempo que vivesse ele jamais conseguiria esquecer delas. Tinha terminado recentemente, e agora estava começando tudo de novo. Isso nunca teria fim.

Só havia um pensamento que o confortava no meio de todo o turbilhão em sua mente. Aprendeu com Irmã Verna que estava errado sobre o Guardião estar escapando. Isso significava que Kahlan estava segura. Ela estava segura, e isso era tudo que realmente importava. Ele tentou manter tudo mais bem longe e pensar apenas nisso. Esse pensamento permitiu que ele mergulhasse, finalmente, no sono.

CAPÍTULO 19



Seus olhos abriram. O sol estava surgindo no horizonte. Quando ele sentou, a dor da sua queimadura tirou o seu fôlego. Colocou a mão em cima da camisa, onde estava a bandagem, e manteve ela ali até que a dor diminuísse. Os efeitos residuais do Agiel deixou ele sentindo como se tivesse apanhado com um porrete.

Estava doendo em toda parte. lembrou do tempo em que Denna tinha *treinado* ele usando o Agiel, sentindo-se muito pior quando acordava, só para que ela começasse a usar o Agiel nele de novo.

Irmã Verna estava sentada sobre o cobertor dela, suas pernas cruzadas debaixo dela, observando ele enquanto ela mastigava alguma coisa. Ela estava com a capa em volta dos ombros com o capuz abaixado. Seu cabelo castanho parecia ter sido penteado recentemente.

Tinha dobrado o cobertor de Richard cuidadosamente, e colocado ele de volta perto e onde ele havia dormido. Ela não falou nada a respeito disso. Richard ficou de pé, esperando um momento para se equilibrar e esticar seus músculos doloridos. O céu estava azul profundo e frio. A grama cheirava doce e úmida de orvalho. O vapor da respiração dele espalhava-se preguiçosamente no ar frio.

“vou colocar as selas nos cavalos, e podemos seguir nosso caminho.”

“Não alguma coisa para comer?”

Ele balançou a cabeça. “Não estou com fome.”

“O que aconteceu com o seu braço?” ela perguntou sem olhar.

Havia sangue coagulado escuro descendo pelo braço e pela mão dele. “Estava polindo minha espada. Estava escuro. Eu me

cortei.”

“Não é nada.”

“Entendo.” Ela olhou enquanto ele coçava o pelo no seu rosto. “Espero que seja mais cuidadoso quando fizer a barba.”

Richard decidiu naquele instante que enquanto fosse mantido cativo na coleira, não faria a barba. Seria sua maneira de proclamar a elas que uma coleira era injusta, que sabia que não era mais do que prisioneiro delas, e que não acreditaria nas falsas alegações delas em contrário. Não poderia haver justificativa para uma coleira, e não haveria negação daquela verdade básica - nenhuma, jamais.

Richard olhou fixamente para a Irmã. “Prisioneiros não se barbeiam.” Ele virou na direção dos cavalos.

“Richard.” Ele olhou por cima do ombro. “Sente-se.” A voz dela foi gentil, mas apesar de tudo ele olhou zangado. Ela fez um gesto apontando para um lugar na frente dela. “Sente-se. Estava pensando no que você disse. Você está aqui; Eu estou aqui. Sente-se e começarei a ensinar como controlar o dom.”

Ele foi pego de surpresa. “Agora ? Aqui?”

“Sim. Venha e sente.”

Ele realmente não se importava em usar o dom; odiava magia. Só tinha feito esse pedido antes porque estava tentando aliviar a tensão. Seus olhos viraram de um lado para outro antes que finalmente sentasse e cruzasse as pernas, imitando o modo como ela estava sentada.

“O que quer que eu faça?”

“Tem muita coisa para ensinar a você sobre usar o dom. Aprenderá sobre o equilíbrio em todas as coisas, especialmente na magia.”

“Deve prestar atenção em todos os nossos avisos, e seguir o que dissermos. Há perigos no uso da magia. Talvez você já saiba disso por usar a Espada da Verdade, não sabe?” Richard não se moveu. Ela continuou. Há grande perigo ao usar o dom. Isso pode ter resultados imprevistos. Resultados que podem ser desastrosos.”

“Eu já usei o dom. Você disse que usei de três formas específicas.”

Ela se inclinou para frente um pouco. “E veja o que aconteceu. Trouxe um resultado inesperado. Resultou em você ter essa coleira em volta do pescoço.”

Surpreso, Richard olhou para ela. “Isso não foi resultado do meu uso do dom. Vocês já estavam procurando por mim; vocês disseram isso. Se eu não tivesse usado o dom, o resultado teria sido o mesmo.”

Irmã Verna balançou a cabeça lentamente; os olhos dela continuaram encarando os dele. “Estivemos procurando por você durante anos.”

“Alguma coisa escondeu você de nós. Se não tivesse usado o dom das maneiras que usou, duvido que tivéssemos encontrado você. Usar o dom colocou essa coleira em seu pescoço.”

Anos. Elas estiveram procurando por ele durante anos. Todo aquele tempo que ele viveu tranqüilamente em Westland, primeiro com seu irmão, pai e Zedd, e então sozinho como um guia florestal, elas estiveram procurando por ele, e ele nunca soube. O pensamento causou um calafrio nele. Ele trouxe isso para si mesmo, ao usar magia. Ele odiava magia.

“Embora eu concorde que isso é desastroso, para mim, como poderia ser para você? Isso é o que você quer.”

“É o que temos de fazer. Mas você ameaçou minha vida. Você ameaçou a vida de todos que mantiverem essa coleira no seu pescoço. Isso significa todas as Irmãs da Luz. Eu nunca considero as ameaças de magos, mesmo de magos destreinados, levianamente. O seu uso do dom, nos permitindo encontrar você, poderia acabar sendo um desastre para todos nós.”

Ele não sentiu satisfação alguma que suas ameaças não tivessem passado despercebidas. Ele não sentiu nada. “Então porque está fazendo isso?” ele sussurrou. “Me obrigando a usar isso?”

“Para ajudá-lo. Caso contrário você morreria.”

“Você já me ajudou. As dores de cabeça sumiram. Você tem meu agradecimento. Porque não pode deixar eu ir agora?”

“Se a coleira for removida cedo demais, antes que aprenda o bastante para controlar o dom, elas voltarão. Você vai morrer.”

“Então me ensine, para que eu possa tirar isso.”

“Devemos ser cautelosos ao ensinar magia. Deve ter paciência em seus estudos. Nós somos cuidadosas em nosso treinamento porque sabemos mais sobre os perigos da magia do que você, e não queremos que se machuque através da ignorância. Mas isso não é um problema para esse momento, porque levará tempo antes que você esteja avançado o bastante para realmente fazer uso do dom e se arriscar com esses perigos, tão logo aceite o que dizemos. Você consegue ter paciência, não é?”

“Não tenho desej o algum de usar magia; acho que isso poderia ser interpretado como paciência.”

“Está bom o bastante, por enquanto. Começaremos então.” Ela se contorceu um pouco, ajeitando as pernas. “Existe uma força dentro todos nós. É a força da vida. Nós a chamamos de Han.” Richard franziu o rosto. “Levante seu braço.” Ele fez como ela pediu. “Essa é a força da vida, dada a nós pelo Criador. Está enclausurada dentro de você. Você acabou de usar Han. Aqueles que possuem o dom podem estender essa força para fora de si mesmos. Esse tipo de força externa é chamada de teia. Aqueles com o dom, como você, possuem a habilidade para lançar uma teia.”

“Com a teia, você consegue fazer coisas fora do seu corpo, de modo semelhante como a força da vida consegue fazer dentro do seu corpo.”

“Como isso é possível?”

Irmã Verna segurou uma pequena pedra nos dedos. “Aqui, minha mente está usando Han para fazer minha mão erguer a pedra. minha mão não está fazendo isso por vontade própria, ao invés disso, minha mente está direcionando a força da vida para usar minha mão para realizar o que minha mente deseja que seja feito.” Ela colocou a pedra de volta no chão e cruzou as mãos sobre o colo. A pedra flutuou no ar e ficou suspensa no ar entre eles. “Acabei de fazer a mesma coisa, só que dessa vez fiz projetando a força da vida para o lado de fora do meu corpo. Isso é o dom.”

“Você pode fazer o que um mago pode?”

“Não. Apenas uma parte. É por isso que somos capazes de ensinar o seu uso. Nós entendemos a sensação disso. As Irmãs

possuem algum controle da força da vida, e o dom, mas nada semelhante a um mago que sabe como controlar seu Han.”

“Como você faz essa força da vida sair do seu corpo?”

“Isso não pode começar a ser explicado até que você aprenda a reconhecer a força dentro de você mesmo, aprenda a tocar o Han.”

“Porque?”

“Porque cada pessoa é diferente. Cada pessoa usa a força de modo diferente. Ela não é usada do mesmo jeito por duas pessoas. O Amor é uma forma de Han sendo projetada para fora de uma pessoa, para dentro de outra. Entretanto, essa é uma forma muito suave, fraca. Embora o Amor seja universal, ele é usado e sentido de modo diferente por todos. Alguns usam isso para colocar para fora o melhor do Han em outro. Alguns usam para colocar para fora o melhor em si mesmos. Alguns usam para controlar, para dominar outro. Pode curar ou ferir.”

“Uma vez que possamos entender como o dom trabalha dentro de você, como você usa ele, podemos guiá-lo através de exercícios chamados formas. As formas são métodos de praticar que ajudarão você a aprender a controlar o poder tão logo ele esteja livre do seu corpo. Mas por enquanto, isso não é importante. Primeiro você deve aprender a sentir o Han dentro de si mesmo, antes que possa projetar ele em qualquer lugar fora de seu corpo.”

“Depois que estiver capaz de tocar o Han, então temos que descobrir o que você pode fazer com ele. Cada mago é diferente, e usa o Han de maneiras diferentes. Alguns podem usá-lo apenas através do uso da mente, como magos que estudam as profecias. O uso do Han deles para entender profecias é o principal modo como o dom se manifesta dentro deles. É o único talento deles. Alguns só conseguem usar seu Han para criar objetos lindos, inspiradores. Alguns usam seu Han para criar coisas cheias de magia. É o talento exclusivo deles, como podem expressar o Han.”

“Alguns são capazes de usar seus pensamentos para influenciar o mundo próximo a eles, como mostrei a você quando levantei a pedra. Alguns conseguem fazer outras coisas com o Han. Alguns são capazes de fazer um pouco de tudo.”

Ela franziu o rosto novamente. "A verdade é de suprema importância nisso, Richard. Deve ser completamente sincero ao nos dizer qual a sensação do Han dentro de você. Mentir causará graves dificuldades." Ela relaxou um pouco. "Mas primeiro, você deve ser capaz de invocar o seu Han antes que possamos descobrir que tipo de mago você é."

"Falei para você: Não quero ser um mago. Só quero aprender a controlar o dom para conseguir parar as dores de cabeça e tirar essa coleira do meu pescoço. Você disse que eu não tinha que ser um mago."

"Controlar o Han, com o dom, é o que significa ser um mago. Quando aprender a controlar isso, será um mago. Essa é a essência de um mago. Mas mago é apenas uma palavra. Não deveria temer uma palavra. Se escolher não usar o dom, isso é assunto seu, não podemos forçar você, mas um mago você será."

"Ensine o que preciso saber, mas não serei um mago."

"Isso não é algo ruim, Richard. Significa apenas aprender a conhecer a si mesmo, do que você é capaz, quais são os seus talentos."

Richard suspirou. "Muito bem. Então, como eu controlo isso?"

"Ensinar o controle do dom é um processo conduzido em passos. Não posso explicar para você tudo de uma só vez pois você não conseguiria entender passos mais adiantados. Cada passo deve ser dominado antes que você possa seguir para o próximo."

"Antes que possamos mostrar a você como projetar o Han para fora de si mesmo, primeiro deve reconhecê-lo, e então ser capaz de tocá-lo, unir-se a ele dentro de você mesmo. Deve saber o que ele é. Deve ser capaz de sentir ele. Deve ser capaz de buscar por ele, tocá-lo, de acordo com sua vontade. Você entende o que estou dizendo, não é?"

Richard assentiu. "Um pouco, eu acho. Então o que é isso? Como vou reconhecer ele? Com é conhecer isso, tocá-lo?"

Os olhos da Irmã Verna ficaram distantes, parecendo sair de foco. "Você o reconhecerá," ela suspirou. "É como enxergar a luz emitida pelo Criador. É quase como unir-se a Ele."

Richard observou a expressão vidrada dela. Ela pareceu fascinada pelo que estava enxergando dentro de si mesma.

“Então como encontro isso?” ele perguntou finalmente.

Os olhos dela focaram nele. “Deve procurar por ele, dentro de você mesmo.”

“Como?”

“Você simplesmente senta, e busca em seu interior. Coloca todas as outras coisas de lado, e procura a quietude, a calma, dentro de você mesmo. No começo, ajuda se fechar os olhos, respirar lentamente, suavemente, e deixar a si mesmo encontrar a paz do nada. No início, focar em alguma coisa, com objetivo de excluir todos os pensamentos que causam distração.”

“Alguma coisa? Como o quê?”

Ela encolheu os ombros. “O que você deseja. É apenas um artifício para ajudar a alcançar o fim, não o fim propriamente dito.”

“Todos são diferentes. Alguns usam uma simples palavra, repetindo-a de novo e de novo excluindo todo o resto. Alguns usam uma imagem mental de um objeto, usando-o para colocar sua mente em foco. Eventualmente, depois que aprender a reconhecer o poder, a tocá-lo e tornar-se um só com ele, não precisará focar em nada antes. Você conhecerá a natureza do Han, e conseguirá chegar diretamente até ele. Isso vai se tornar uma segunda natureza para você. Sei que isso soa estranho e difícil para você agora, Richard, mas na hora certa você encontrará isso tão facilmente quanto invoca a magia da sua espada.”

Richard teve a inquietante sensação de que já sabia sobre o que ela estava falando. Podia quase entender o que ela estava dizendo. As palavras pareceram estranhas, mas descreviam algo que de algum modo era familiar, e ainda assim diferente.

“Então, você quer apenas que eu sente, feche os olhos e procure a calma interior?”

Ela assentiu. “Sim.” Irmã Verna puxou apertando mais sua capa nos ombros. “Você pode começar.”

Richard soltou um suspiro. “Tudo bem.”

Ele fechou os olhos. Pareceu que seus pensamentos estavam se espalhando em todas as direções de uma só vez. Tentou afastá-

los. Tentou pensar em uma palavra ou imagem na qual focar. Pensou no nome de Kahlan antes de qualquer outra coisa.

Deixou isso fluir como líquido através de sua mente. Kahlan. Ele rejeitou a idéia. Ele odiava sua magia, e não queria associá-la com qualquer coisa que odiasse. Além disso, o pensamento nela só trouxe dor, a dor de amá-la o bastante para dar a ela o que ela queria, de ter deixado ela livre.

Pensou em palavras simples, objetos, mas nenhum deles era interessante para ele. Acalmou sua mente e relaxou a respiração. Procurou a paz dentro de si mesmo, um centro calmo, do modo como sempre tinha feito quando precisava pensar em uma solução para um problema. Na quietude, ele tentou pensar em uma imagem que pudesse usar. Ela pipocou em sua mente, quase que por vontade própria.

A Espada da Verdade.

Ela já era mágica, e então não estaria corrompendo ela. Era uma imagem simples. Pareceu se encaixar com os requisitos. Estava resolvido. Seria a Espada da Verdade.

Richard imaginou-a flutuando sozinha em um campo negro. Estudou os detalhes que conhecia tão bem: a lâmina polida com o sulco descendo ao longo dela, o guarda mão curvado agressivo, o cabo coberto por finos fios de prata entrelaçados com fios de ouro formando em alto relevo as letras da palavra Verdade.

Enquanto ele visualizava, fixando-a em sua mente, flutuando em um fundo negro, alguma coisa lutou contra ele. Era o fundo, não a espada. Em volta da borda negra estava branco, transformando o fundo negro em um quadrado.

Richard lembrou disso.

Era uma das instruções no Livro das Sombras Contadas, o livro que ele tinha memorizado quando era um garoto. Limpando sua mente de todo pensamento, e em seu lugar colocando nada a não ser a imagem branca com um quadrado negro no centro. Era parte das instruções para remover as tampas das caixas de Orden e usar a magia do livro. Ele tinha usado aquela magia para mostrar a Darken Rahl como remover a tampa da caixa para provar a ele que realmente conhecia o livro. Mas porque isso estaria em sua mente

agora? Apenas uma memória aleatória forçando seu caminho até a superfície, ele decidiu.

Era um bom pano de fundo como qualquer outro para colocar a espada. Afinal de contas, ele estava tentando usar magia. Se a sua mente queria usar isso, não fazia diferença para ele; ele deixaria assim. Com esse pensamento, a imagem da espada e um fundo negro quadrado com branco em volta solidificou-se e ficou imóvel.

Richard concentrou-se na imagem mental da espada contra o quadrado negro com a borda branca. Concentrou-se com toda força que podia. Alguma coisa começou a acontecer.

A espada, o quadrado negro, e a borda branca começaram a tremular como se fossem enxergados através de ondas de calor. A forma sólida da espada suavizou. Tornou-se transparente, e então sumiu. O fundo dissolveu.

Estava olhando para um lugar que conhecia.

O Jardim da Vida, no Palácio do Povo.

Richard achou estranho, e de certa forma perturbador, que ele não tivesse conseguido manter sua concentração o bastante para manter a imagem da espada em sua mente. A lembrança do lugar onde ele matou Darken Rahl deve ter sido tão forte que forçou caminho em sua mente enquanto ele estava relaxado.

Ele estava prestes a tentar forçar que a imagem da espada voltasse quando sentiu o cheiro de algo. Carne queimada.

O cheiro forte fez as narinas dele arderem. Ele quase vomitou. Seu estômago contorceu.

Ele observou a imagem do Jardim da Vida. Era como olhar através de uma vidraça suja. Havia corpos jogados sobre os muros baixos, caídos, parcialmente escondidos, em arbustos, e espalhados na grama. Todos estavam horrivelmente queimados. Alguns seguravam armas, espadas ou machados de batalha, em punhos carbonizados. Outros jaziam de mãos abertas, suas armas repousando onde elas foram lançadas quando seus donos caíram mortos. Uma apreensão sufocante percorreu o peito de Richard.

Richard viu a costa de uma figura branca cintilante parada diante do altar de pedra, diante das três caixas de Orden. Uma das

caixas estava aberta, como Richard lembrou. A figura branca com longo cabelo louro ergueu o rosto para longe das caixas.

Darken Rahl virou e olhou dentro dos olhos de Richard. Seus olhos azuis brilharam. Um sorriso abriu lentamente em seus lábios. Pareceu como se Richard fosse puxado para mais perto. Para mais perto do rosto sorridente.

Darken Rahl levantou uma das mãos até a boca e lambeu as pontas dos dedos. "Richard," ele sibilou. "Estou esperando por você. Venha observar enquanto eu rasgo o véu."

Incapaz de dar um suspiro, Richard lançou imagem da espada de volta em sua mente, como se batesse uma porta.

Manteve ela ali, rigidamente, sem o fundo, enquanto tentava respirar.

Era apenas uma lembrança desgarrada, e o seu medo, fazendo ele ver a imagem, disse para si mesmo. Concentrou-se na espada quando finalmente decidiu que aquilo que ele tinha visto não era real, mas talvez uma manifestação de sua tristeza por causa de Kahlan, e da falta de uma boa noite de sono.

Era isso que tinha de ser. Não poderia ter sido real. Aquilo seria impossível. Ele teria que estar insano para acreditar que tinha sido real.

Abriu os olhos. Irmã Verna estava sentada tranqüilamente observando ele. Ela soltou um pesado suspiro - ele pensou que talvez de desagrado.

Richard engoliu em seco. "Sinto muito. Nada aconteceu."

"Não fique desanimado, Richard. Eu não esperava que nada acontecesse. Leva um longo tempo para aprender a tocar o Han. Acontecerá quando acontecer. Não tem jeito de apressar isso. Não faz bem algum ir com força demais; ele aparece ao encontrar a paz interior e não pela força. Isso já é o bastante por hoje."

"Alguns minutos? Isso é tudo que espera que eu tente?"

Ela levantou uma sobrancelha. "Você ficou com os olhos fechados por mais de uma hora."

Ele ficou olhando para ela, e então observou o sol. Ele pareceu ter pulado no céu. Mais de uma hora. Como isso era possível? Uma leve preocupação se espalhou através dele.

Ela inclinou a cabeça para um lado. "Pareceu apenas alguns minutos para você?"

Richard ficou de pé. Ele não gostou da expressão no rosto dela. "Eu não sei. Não estava prestando atenção. Acho que pareceu mesmo uma hora."

Ele começou a colocar na mochila as coisas que havia tirado. Quanto mais pensou sobre o que tinha visto, mais irreal pareceu. Começou a sentir como acordar após um sonho, o medo, as formas rígidas, a realidade, desaparecendo. Começou a sentir-se tolo por ficar tão assustado por causa de um sonho.

Um sonho? Ele não estivera dormindo. Como poderia estar sonhando quando estava acordado?

Talvez ele não estivesse acordado. Ele estava bastante cansado. Talvez, enquanto estivesse sentado ali concentrando-se na espada, tivesse caído no sono. Era assim que ele dormia, às vezes: concentrando-se em algo até que era levado. Aquela era a única explicação para o tempo passar tão rápido. Ele estava adormecido, e o resto tinha sido um sonho.

Ele deu um forte suspiro. Sentiu-se estúpido por ter ficado tão assustado, mas sentiu-se aliviado também. Quando virou, Irmã Verna ainda estava observando ele.

"Quer fazer a barba agora? Agora que mostrei que só quero ajudar."

Richard endireitou o corpo. "Eu já disse: prisioneiros não fazem a barba."

"Você não é um prisioneiro, Richard."

Ele enfiou o cobertor em sua mochila, empurrando as pontas para fazer ele caber. "Você vai tirar a coleira?"

A resposta dela saiu lenta, mas firme. "Não. Só quando chegar a hora."

"Posso partir, e ir para onde eu quiser?"

Ela suspirou impaciente. "Não. Você deve ir comigo."

"E se eu não for, se eu tentar abandonar você?"

Os olhos dela estreitaram um pouco. "Então eu seria forçada a impedir. Você descobriria que não gostaria nem um pouso disso."

Richard assentiu, sério. "Isso se encaixa na minha definição de um prisioneiro. Enquanto eu for um prisioneiro, não farei a barba."

Os cavalos relincharam com a aproximação dele, suas orelhas virando na direção dele. Irmã Verna olhou para eles desconfiada.

Ele respondeu a saudação com palavras gentis e uma forte coçadela no lado do pescoço de cada um dos cavalos. Tirando as escovas, ele passou rapidamente em cada um, prestando especial atenção com as costas deles.

Irmã Verna cruzou os braços. "Porque está fazendo isso ? Você escovou eles ontem à noite."

"Porque cavalos gostam de rolar na terra. Eles poderiam ter alguma coisa no local onde as selas são colocadas. É uma sensação parecida com a de andar por aí com uma pedra na sua bota, só que pior; poderia causar uma ferida, e então poderíamos cavalgar neles. Então, gosto de verificar antes de colocar as selas neles."

Quando ele terminou, limpou as escovas esfregando-as uma na outra. "Quais são os nomes deles?"

Irmã Verna fez uma careta irritada. "Eles não possuem nomes. São apenas cavalos. Não damos nomes para animais estúpidos."

Ele apontou com a escova para o alazão. "Você não deu nome nem para o seu?"

"Ele não é meu. Todos eles pertencem às Irmãs da Luz. Eu cavalgo em qualquer um que esteja disponível. A baia que você cavalgou ontem é aquela que eu cavalguei antes que você viesse comigo, mas não faz diferença. Simplesmente cavalgo naquele que estiver disponível."

"Bem, de agora em diante, eles terão nomes. Evita confusão. O seu é o alazão, e ele será Jessup, minha baia será Bonnie, e o outro baio será Geraldine."

"Jessup, Bonnie, e Geraldine," ela bufou. "Sem dúvida por causa de *As Aventuras de Bonnie Day*."

"Estou feliz em ouvir que você lê alguma coisa além de profecias, Irmã Verna."

"Como falei para você, aqueles com o dom que chegam ao Palácio são trazidos quando são jovens. Um garoto trouxe com ele *As Aventuras de Bonnie Day*. Eu li para ver se era apropriado para

mentes jovens, e para ver se continha boas lições de moral. Descobri que era uma história absurda de três pessoas que não teriam tido nenhum problema se um deles tivesse sido abençoado com cérebro.”

Richard deu um leve sorriso. “Então, estes são nomes perfeitos para *animais estúpidos*.”

Ela olhou de cara feia para ele. “Era um livro sem valor intelectual. Sem valor de nenhum tipo. Eu destruí ele.”

O sorriso de Richard tentou desaparecer, mas ele não deixou. “Meu pai... bem, o homem que me criou como seu filho, e que eu considero como meu pai, George Cypher, bem, ele viajava com frequência. Uma vez, quando voltou para casa, ele trouxe para mim *As Aventuras de Bonnie Day*, como um presente por aprender a ler. Foi o primeiro livro que eu tive. Li ele muitas vezes. Ele me deu prazer, e me fez pensar, toda vez que eu lia. Eu, também, pensei que os três heróis fizeram coisas imprudentes, e sempre jurei não repetir os mesmos erros que eles cometeram. Você pode não ter visto nenhum valor nisso, mas ele me ensinou coisas. Coisas de valor. Me fez pensar. Talvez, Irmã Verna, isso seja algo que você não goste que seus estudantes façam?”

Ele se afastou dela e começou a soltar as rédeas. “Meu verdadeiro pai, Darken Rahl, foi até minha casa, nesse outono, procurando por mim. Ele queria cortar minha barriga e ler minhas tripas - me matar.”

“Do mesmo jeito que matou George Cypher.” Ele lançou um rápido olhar por cima do ombro. “De qualquer modo, eu não estava em casa, e enquanto ele estava esperando por mim, ele despedaçou o livro e jogou as páginas por toda parte.”

“Talvez ele não desejasse que eu aprendesse qualquer uma das lições dele ou que pensasse por mim mesmo também.”

Irmã Verna não disse nada, mas ele podia sentir os olhos dela observando ele tirar o bridão, as testeiras e rédeas dos freios. Depois que retirou tudo, ele embrulhou as testeiras e jogou as rédeas por cima do ombro.

Conseguiu ouvir ela soltar um leve suspiro de raiva. “Não vou chamar cavalos por nomes.”

Richard empilhou os três *spade bits* um em cima do outro na terra, onde os cavalos tinham batido o chão com as patas. "Você pode querer reconsiderar a sabedoria disso, Irmã Verna."

Ela andou para o lado dele, onde ele podia vê-la, apontando para o chão. "O que você está fazendo?"

"Porque você tirou os bridões? O que está fazendo com esses freios?"

Richard sacou a espada. Seu ruído característico encheu o ar frio. A fúria da magia fluiu através dele instantaneamente. "Estou destruindo eles, Irmã."

Com um grito de raiva, e antes que ela pudesse fazer um movimento, ele desceu a espada com um giro poderoso. A ponta assobiou através do ar. A lâmina despedaçou os três freios em estilhaços de metal quente eu voaram.

Ela se aproximou depressa, sua capa esvoaçando. "Qual é o problema com você! Você perdeu o juízo! Precisamos desses freios para controlar os cavalos!"

"*Spade bits* podem ser cruéis. Não vou permitir que usem eles."

"Cruéis! Eles são apenas bestas estúpidas! Bestas que precisam ser controladas!"

"Bestas," ele murmurou, balançando a cabeça e enfiando a espada de volta em sua bainha. Ele ajeitou o bridão em Bonnie e começou a atar as rédeas aos anéis laterais. "Você não precisa de um freio para controlar um cavalo. Vou ensinar como fazer. Além disso, sem um freio nas bocas eles podem comer enquanto viajamos. Eles ficarão mais felizes desse jeito."

"Isso é perigoso! *Spade bits* dão a você o controle sobre uma fera teimosa."

Ele curvou uma sobrancelha. "Com cavalos, assim como muitas outras coisas, Irmã, você geralmente recebe o que espera receber."

"Sem freios, você não tem controle algum."

"Bobagem. Se cavalgar direito, você controla com suas pernas e corpo. Só precisa ensinar o cavalo a prestar atenção e confiar em você."

Ela se aproximou, exigindo a atenção dele. "Isso é uma tolice! E é perigoso! Tem perigos aqui fora. Se estiver em uma situação de perigo, e o cavalo estiver assustado, ele poderia sair correndo. Sem um *spade bit* você não será capaz de parar um cavalo em fuga."

Ele parou o que estava fazendo e olhou para os intensos olhos castanhos dela. "Às vezes, Irmã, conseguimos o oposto do que pretendemos. Se realmente estivermos em uma situação de perigo, e você ficar muito aflita, e puxar com força demais no *spade bit*, você poderia rasgar a boca do cavalo. Se fizer isso, a dor, o terror, e a raiva pode ser tão intensa que ele não vai responder a nada que você faça. Ele não vai entender. Só vai saber que você o feriu, e que está ferindo mais a cada puxão nas rédeas. Você será a ameaça. Ele jogará você num piscar de olhos."

"Então, se ele estiver simplesmente assustado, vai correr. Pior, ele poderia ficar com raiva. Cavalos raivosos são perigosos. Ao tentar evitar o perigo com um *spade bit*, estará trazendo isso para você mesma." Ele encarou os olhos assustados dela. "Se chegarmos a uma cidade ou algo assim, e conseguirmos encontrar um *snaffle bit* articulado, permitirei que use ele. Mas não vou deixar você colocar um *spade bit* na boca de qualquer cavalo enquanto eu estiver com você."

Ela soltou um suspiro forte, soltando cuidadosamente enquanto cruzava os braços de novo. "Richard, não podemos controlar eles sem um freio. É simples assim."

Ele abriu um sorriso com o canto da boca. "Claro que podemos. Vou ensinar você. A pior coisa que pode acontecer sem um freio é ele sair correndo com você, e você levará um tempo para fazer ele parar, mas cedo ou tarde, você vai conseguir."

"Do seu jeito, você e o cavalo poderiam se ferir, ou morrer."

Ele virou e coçou o pescoço de Bonnie. "A primeira coisa que você tem que fazer é ficar amiga deles. Eles devem confiar que você não vai ferir, ou deixar que qualquer coisa aconteça com eles, embora você esteja no comando. Se você for a melhor amiga deles, eles não permitirão que nada aconteça a você. Eles farão o que você pedir."

“É surpreendentemente fácil; tudo que deve fazer é mostrar um pouco de respeito ou gentileza com uma mão firme. Se eles vão ser seus amigos, precisam de nomes, para chamar atenção deles, e assim eles saberão quando está falando com eles.”

Ele coçou um pouco mais forte, o cavalo se inclinou. “Não está certo, Bonnie? Você é uma boa garota, não é?”

“Com certeza você é.” Olhou para a Irmã por cima do ombro. “Jessup gosta quando você coça embaixo do queixo dele.”

“Experimente, mostre para ele que você quer fazer amizade.” Ele deu uma risada forçada. “Gostando ou não, Irmã, não temos mais os freios. Precisa aprender um novo jeito.”

Irmã Verna olhou para ele com um olhar frio. Finalmente ela descruzou os braços e se aproximou do alazão. Ela ficou parada na frente dele por um momento e então esticou o braço e tocou no lado da cabeça dele, finalmente movendo a mão por baixo da mandíbula dele para coçar. “Aqui está um bom garoto,” ela disse em um tom frio.

“Você pode achar que cavalos são estúpidos, Irmã Verna, porque eles não entendem a maioria das suas palavras, mas eles entendem o tom da sua voz. Se quer que eles acreditem, seria melhor pelo menos fingir que está sendo sincera.”

Ela moveu a mão para cima e coçou o pescoço dele. “Você é uma besta estúpida,” ela falou com uma voz doce.

“Feliz?” ela disparou por cima do ombro.

“Enquanto você for gentil com ele. Precisa ganhar a confiança dele. Cavalos não são tão estúpidos quanto você pensa. Olhe para o modo como ele está posicionado; ele não confia em você. De agora em diante, estou designando você para Jessup. Você cuidará de todas as necessidades dele. Ele deve passar a depender de você, a confiar em você. Vou tomar conta de Bonnie e Geraldine. Você será a única a escovar Jessup, e fará isso logo depois que ele for montado, e antes de montar nele na manhã seguinte.”

“Eu! Certamente que não! Eu estou no comando. Você é bastante capaz de escovar os três, e fará isso.”

“Isso não tem nada a ver com quem está no comando. Entre outras coisas, escovar ajuda a construir uma ligação entre você e o

cavalo. Eu já disse: os freios se foram, precisa aprender um novo jeito. Preciso ensinar a você como fazer, para sua própria segurança." Ele ofereceu a ela um conjunto de rédeas. Aperte o bridão e prenda estas nesse anel, aqui."

Enquanto ela estava fazendo isso, ele cortou a sobra da casca de melão em pequenos pedaços. "Converse com ele. Chame ele pelo nome, e permita que ele saiba que gosta dele. Não importa o que você diz, pode descrever o que está fazendo se quiser, mas faça parecer que ele é importante para você. Se for preciso, finja; trate ele como se fosse um dos seus garotinhos."

Ela olhou para ele por cima do ombro, então voltou a colocar as rédeas. Ela começou a falar, suavemente, de modo que Richard não conseguia ouvir, mas ele podia perceber que era com gentileza. Quando ela terminou, ele entregou a ela alguns dos pedaços da casca de melão.

"Cavalos adoram isso. Dê um pedaço para ele, diga a ele como ele é um bom garoto. A idéia é mudar a sensação dele com relação a usar as rédeas. Deixe ele saber que vai ser agradável, ao invés daquele freio que ele odeia."

"Agradável," ela repetiu em um tom sem emoção.

"Claro. Não precisa mostrar a ele o quanto pode ferir para fazer com que ele atenda o seu desejo. Isso é contraprodutivo. Apenas seja firme mas gentil. A idéia é tentar vencê-lo com gentileza e compreensão, mesmo se isso não for sincero, e não usando a força."

O sorriso de Richard desapareceu, e ele deixou sua expressão transformar-se com um olhar penetrante. Ele se inclinou na direção dela enquanto ela estava olhando para ele. "Deveria ser capaz de fazer isso, Irmã Verna; você parece muito boa nisso. Simplesmente trate ele como você trata a mim."

A expressão surpresa dela endureceu. "Jurei pela minha vida levar você até o Palácio dos Profetas. Quando finalmente virem você, temo que eu possa ser pendurada por cumprir com minha responsabilidade."

Ela virou e deu a casca de melão para o cavalo ansioso, acariciando seu pescoço e encorajando-o com leves tapinhas. "Aqui

est á um bom sujeito. Bom garoto. Você gosta disso, Jessup? Bom garoto.”

A voz dela estava pesada de compaixão e ternura. O cavalo gostou. Richard sabia que faltava sinceridade naquilo.

Não confiava nela, e queria que ela soubesse disso. Não gostava que as pessoas pensassem que estavam enganando ele tão facilmente. Ficou pensando se a atitude dela com ele mudaria, agora que fez com que ela soubesse que não tinha engolido a farsa dela.

Kahlan havia dito a ele que Irmã Verna era uma feiticeira. Ele não tinha idéia do que ela era capaz, mas havia sentido a teia que ela lançou em volta dele na casa dos espíritos. Tinha visto o fogo que ela fez surgir com um pensamento.

Ela poderia ter iniciado um fogo facilmente na noite anterior, sem falar para ele que fizesse isso. Ele tinha a forte sensação de que ela poderia partir ele no meio com o Han dela, se assim ela escolhesse.

Ela estava apenas tentando treinar ele; fazer ele se acostumar a fazer o que ela dizia, sem pensar. Simplesmente como estivesse treinando um cavalo.

Ou uma *besta*, como ela havia chamado. Ele duvidou que ela tivesse mais respeito por ele do que tinha pelos cavalos dela.

Mas ao invés de usar um *spade bit* para controlar ele, tinha o Rada'Han em volta do pescoço dele, e isso era muito pior. Mas ele iria tirar isso, quando a hora chegasse. Mesmo se Kahlan não o quisesse e tivesse mandado ele embora, iria tirar isso.

Enquanto Irmã Verna estava fazendo amizade com Jessup, Richard começou a selar os cavalos. “Qual a distância até o Palácio dos Profetas?”

“É um caminho longo para o sudeste. Um caminho longo e difícil.”

“Bem, então teremos bastante tempo para ensinar você como controlar Jessup sem um freio. Não vai ser tão difícil quanto você pensa. Ele vai submeter-se e seguir Bonnie. Bonnie é o cavalo dominante.”

“O macho é dominante.”

Richard ergueu a sela sobre Bonnie. “Uma égua está sempre no topo da hierarquia. Éguas ensinam e protegem as crias; a influência delas dura uma vida inteira. Não há um garanhão que uma égua não consiga intimidar e afugentar. Éguas podem colocar para correr qualquer garanhão não desejado. Um garanhão pode afastar um predador do bando, mas uma égua perseguirá e tentará matá-lo. Um cavalo macho sempre estará sujeito pela autoridade da égua líder. Bonnie é a égua líder. Jessup e Geraldine seguirão ela e farão o que ela fizer, então eu tomarei a liderança. Apenas me siga, e não terá nenhum problema.”

Ela subiu na sela. “O feixe de luz no corredor central. É o mais alto. Todos poderão ver.”

“Do que você está falando?”

Lançou um olhar sério para ele. “O feixe de luz no corredor central. Provavelmente é dali que eles irão me pendurar.”

Richard subiu na sela dele. “A escolha é sua, Irmã. Você não tem que me levar até lá.”

Ela suspirou. “Sim, eu tenho.” Ela olhou para ele do modo mais gentil e preocupado. Ele pensou que isso quase foi convincente, um tanto quanto tenso. “Richard, só quero ajudar você. Quero ser sua amiga. Acho que você precisa de uma amiga nesse momento.”

“Muito.”

Richard se enfureceu. “Essa é uma oferta gentil, Irmã Verna. Mas eu dispenso. Você parece um pouco rápida demais em colocar aquela faca que guarda em sua manga nas costas dos seus amigos. Você sentiu alguma coisa, Irmã Verna, ao roubar a vida da Irmã Elizabeth, uma amiga e companheira? Pareceu que não. Eu me recuso a oferecer a você minha amizade, Irmã. Ou minhas costas.”

“Se deseja sinceramente ser minha amiga, então eu diria a você para se comprometer com isso de verdade antes que eu lhe peça para provar. Quando a hora chegar, você só vai ter uma chance. Não há tons de cinza nessa questão. Apenas amigos e inimigos. Amigos não mantêm um amigo em uma coleira, e o transformam em prisioneiro. Eu pretendo tirar essa coleira. Quando eu decidir que chegou a hora, qualquer amigo vai me ajudar.

Aqueles que tentarem me impedir não serão meus amigos; serão inimigos mortos.”

Irmã Verna balançou a cabeça e apressou Jessup para seguir atrás dele quando ele começou a se afastar. “O feixe de luz no corredor central. Tenho certeza.”

CAPÍTULO 20



O som do coração dela pulsou nos ouvidos dela. Esforçando-se para controlar o pânico em sua respiração, ela se agachou atrás do grosso tronco de um velho pinheiro, se espremendo contra a casca áspera. Se as Irmãs tivessem descoberto que ela estava seguindo eles...

O escuro ar úmido encheu os pulmões dela com uma respiração irregular. Os lábios dela se moveram sem emitir som com orações ao Criador suplicando proteção. Com olhos tão grandes quanto peças de ouro, ela observou dentro da escuridão e engoliu em seco, tentando molhar a garganta.

A forma escura deslizou silenciosamente mais próxima. Ela só conseguiu vê-la quando ela espreitou pela borda da árvore. Ela conteve a vontade de gritar, de correr, e preparou-se para lutar. Buscou pela doce luz; abraçou o Han dela.

A sombra deslizou chegando mais perto, hesitando, procurando. Mais um passo, só mais um, e ela saltaria. Teria que fazer isso direito - ter certeza de que não houvesse chance de emitir um alarme. Tinha que ser rápido, e isso exigiria diferentes tipos de teias, todas lançadas de uma só vez, mas se ela conseguisse ser precisa e rápida, não haveria chance alguma de soltar um grito, nenhum alarme, e ela saberia com certeza quem era. Ela prendeu a respiração.

A forma escura finalmente deu outro passo. Girando de trás da árvore, ela lançou as teias. Cordas de ar, fortes como as cordas de amarras em um cais, chicotearam em volta da forma. Quando a boca se abriu, ela sentiu a pressão de um sólido nó de ar, amordaçando-a, antes que tivesse chance de gritar.

Ela se curvou um pouco de alívio quando nenhum som escapou, mas o coração dela ainda batia fora de controle enquanto ela lutava por ar. Com esforço, ela conseguiu trazer a calma de volta para sua mente, embora mantivesse uma pressão firme com seu Han, temendo deixar sua cautela escapular; poderia haver outros por perto. Ela deu um suspiro profundo e se aproximou da forma imobilizada. Quando ela estava perto o bastante para sentir a respiração dela no seu rosto, ela estendeu a palma para cima, e no meio dela liberou um filete de fogo, para acender uma pequena chama, apenas o bastante para ver o rosto.

“Jedidiah!” ela sussurrou. Pressionou a mão na costa do pescoço dele, os dedos dela sentindo o liso metal frio do Rada'Han, e encostou sua testa contra a dele enquanto fechava os olhos dela. Lágrimas desceram pelas bochechas dela. “Oh, Jedidiah. Você me deu um grande susto.”

Ela abriu os olhos e olhou para o rosto aterrorizado dele, iluminado pela pequena chama ondulante. “Vou libertar você,” ela sussurrou suavemente, “mas você tem que ficar bem quieto. Promete?”

Ele assentiu, tanto quanto podia, considerando o quão apertado ela o estava prendendo. Ela retirou as teias, soltando a mordada de ar. Jedidiah tremeu de alívio.

“Irmã Margaret,” ele sussurrou com uma voz trêmula, “você quase me fez sujar as calças.”

Ela riu em silêncio. “Sinto muito, Jedidiah, mas você quase fez o mesmo comigo.”

Ela cortou a fina linha de fogo do Han alimentando a pequena chama e os dois desceram ao chão, encostando um contra o outro, recuperando-se do susto. Jedidiah, muitos anos mais jovem, era maior do que ela, um belo jovem. Dolorosamente belo, ela pensou.

Havia sido designada para ele quando ele veio ao Palácio e ela ainda era uma novilha. Ele estivera ansioso para aprender, e tinha estudado bastante. Ele tinha sido um prazer desde o primeiro dia. Ela sabia que outros tinham sido difíceis, mas não Jedidiah. Ele tinha feito tudo que ela pediu. Ela só tinha que pedir, e ele se jogava nisso.

Outros pensaram que ele estava mais ansioso para agradá-la do que agradar a si mesmo no que fazia, mas ninguém podia negar que ele era um estudando melhor do que qualquer outro, e estava se tornando um mago melhor, e isso era tudo que importava. Essa era uma área na qual os resultados eram o que contavam, não o método, e ela rapidamente havia conquistado seu lugar na Irmandade pelo modo como o conduziu.

Jedidiah ficou mais orgulhoso dela do que ela mesma quando havia sido nomeada uma Irmã da Luz. Ela também estava orgulhosa dele; provavelmente ele era o mago mais poderoso que o Palácio tinha visto em mil anos.

“Margaret,” ele sussurrou, “o que você está fazendo aqui fora?”

“Irmã Margaret,” ela corrigiu.

“Não tem ninguém por perto.” Ele beijou a orelha dela.

“Pare com isso,” ela o repreendeu. O arrepio causado pelo beijo desceu pela espinha dela; ele havia adicionado um leve toque de magia no beijo. Às vezes ela desejava não ter ensinado aquilo para ele. Mas outras vezes ela queria ardentemente que ele fizesse isso. “Jedidiah, o que está fazendo aqui? Você não tem nada para fazer me seguindo, seguindo uma Irmã, fora do Palácio.”

“Você está envolvida em alguma coisa, sei que está, e não tente dizer que não. Alguma coisa perigosa. No início, eu só estava um pouco preocupado, mas quando percebi que estava se dirigindo para dentro da Floresta Hagen, eu tive medo por você. Não vou deixar você ficar perambulando por um lugar perigoso como esse. Não sozinha, pelo menos. Não sem ir junto para protegê-la.”

“Me proteger!” ela sussurrou duramente. “Devo lembrá-lo do que acabou de acontecer? Você estava indefeso num piscar de olhos. Você não foi capaz de remover nem ao menos uma das minhas teias. Não consegui partir uma delas. Você malmente consegue tocar o seu Han, muito menos usá-lo efetivamente. Tem muito o que aprender antes de ser mago o bastante para sair por aí protegendo alguém. É tudo que pode fazer nesse ponto para evitar pisar no próprio pé!”

A censura o silenciou. Ela não gostava de repreender ele de modo tão áspero, mas isso era perigoso demais para que ele

estivesse envolvido, se o que ela suspeitava fosse verdade. Ela temia por ele, e não queria que ele se ferisse.

Porém, as coisas que ela havia dito não eram inteiramente verdadeiras. Ele já era mais poderoso do que qualquer Irmã, quando ele conseguia juntar tudo adequadamente, muito embora isso não ocorresse com frequência. Já havia Irmãs que tinham medo de forçá-lo demais. Ela conseguiu sentir ele distanciar o olhar.

“Sinto muito, Margaret,” ele sussurrou. “Fiquei com medo por você.”

O coração dela sofreu com a dor na voz dele. Ela manteve a cabeça perto da dele para que pudessem falar em suaves sussurros.

“Sei que ficou, Jedidiah, e agradeço sua preocupação, de verdade. Mas esse é um assunto de Irmã.”

“Margaret, a Floresta Hagen é um lugar perigoso. Tem coisas aqui dentro que poderiam matar você. Não quero você aqui dentro.”

A Floresta Hagen realmente era perigosa. Foi por milhares de anos, e foi deixada desse jeito por decreto do Palácio. Como se eles pudessem fazer qualquer coisa a respeito disso.

Diziam que a Floresta Hagen era campo de treinamento para um tipo muito especial de mago. Esse tipo de mago não era enviado, mas entrava por sua escolha. Porque ele queria. Desejava... precisava entrar.

Mas isso era apenas o que diziam. Ela não sabia de nenhum mago que tivesse passado algum tempo na Floresta Hagen, pelo menos não durante os últimos mil anos. Se realmente era verdade que algum tenha feito isso. As histórias diziam que em tempos antigos havia magos daquele tipo, com tanto poder, e que eles entraram na Floresta Hagen. Poucos conseguiram sair, também era dito. Mas havia regras, mesmo nesse lugar.

“O sol não desceu enquanto estive aqui. Vim depois de escurecer. Se você não deixar o sol descer quando estiver dentro da Floresta Hagen, você consegue partir, e não pretendo ficar tempo o bastante até o próximo pôr-do-sol. É bastante seguro.”

“Para mim, de qualquer modo. Quero que você vá para casa. Agora mesmo.”

“O que é tão importante que faria você entrar aqui? O que está fazendo? Espero uma resposta, Margaret. Uma resposta sincera. Não serei deixado de fora. Tem perigo para você nisso e não serei deixado de fora.”

Ela tocou na refinada flor de ouro trabalhada que mantinha em uma corrente em seu pescoço. O próprio Jedidiah tinha feito para ela, não com magia, mas com suas mãos. Tinha sido uma manhã de glória, com objetivo de representar o despertar da consciência sobre o dom dele, uma consciência que ela ajudou a florescer. Aquela pequena flor de ouro significava mais para ela do que qualquer outra coisa que ela possuía.

Ela segurou a mão dele e se encostou nele. “Tudo bem, Jedidiah, vou contar a você. Mas não posso contar tudo. É perigoso demais para você saber tudo.”

“O quê é tão perigoso? O que você não pode me contar?”

“Fique quieto e escute, ou mandarei você de volta agora mesmo. E sabe que posso fazer isso.”

A outra mão dele foi até a coleira. “Margaret, não faria isso. Diga que não faria isso, não desde que nós...”

“Cale a boca!” Ele ficou em silêncio. Ela esperou um momento para ter certeza de que ele ficaria calado antes de prosseguir. “Eu suspeitei por algum tempo que alguns daqueles com o dom que foram embora, ou morreram, não fizeram exatamente como nos disseram. Acho que eles foram assassinados.”

“O quê!”

“Mantenha sua voz baixa!” ela sussurrou zangada. “Quer que sejamos mortos também?” Ele ficou em silêncio mais uma vez. “Acho que alguma coisa terrível está acontecendo no Palácio dos Profetas. Acho que algumas das Irmãs assassinaram eles.”

Ele olhou fixamente para ela na escuridão. “Assassinados? Por Irmãs? Margaret, você deve estar louca para ao menos sugerir tal coisa.”

“Bem, não estou. Mas todos pensariam que eu estaria louca se falasse esse tipo de coisa em voz alta dentro das paredes do Palácio. Tenho que encontrar um jeito de provar.”

Ele pensou por um momento. “Bem, conheço você melhor do que ninguém, e se diz que é verdade, então acredito em você. Vou ajudar. Talvez pudéssemos desenterrar os corpos, encontrar algo que vá contra o que foi dito sobre as mortes deles, encontrar alguém que viu alguma coisa. Poderíamos questionar cuidadosamente os empregados. Tem alguns que eu conheço que...”

“Jedidiah, isso não é o pior.”

Ela segurou a flor de ouro na dobra de um dedo e esfregou o dedão nela. A voz dela saiu ainda mais baixa do que antes. “Tem Irmãs do Escuro no Palácio.”

Mesmo estando incapaz de enxergar ele na escuridão, ela sabia que calafrios estavam subindo pelos braços dele. Os insetos noturnos zumbiram em volta deles enquanto ela observou a forma escura do rosto dele. “Margaret... Irmãs do... não pode ser. Não existe uma coisa assim. Isso é apenas um mito... uma fábula.”

“Não é um mito. Existe Irmãs do Escuro no Palácio.”

“Margaret, por favor não continue falando isso. Poderia ser condenada a morte por fazer uma acusação como essa. Se acusar uma Irmã disso, e você não puder provar, seria condenada a morte. E não pode provar porque isso não é possível. Não existe tal coisa como uma Irmã do...”

Ele não conseguiu nem dizer as palavras. O pensamento o assustava tanto, que não conseguia nem dizer em voz alta.

Ela conhecia o medo dele. Ela mesma havia sentido isso até que acontecessem coisas que não podia mais ignorar. Ela gostaria de não ter ido ver o Profeta naquela noite, ou pelo menos não ter escutado ele.

A Prelada tinha ficado furiosa com o fato de Margaret não ter entregue a mensagem do Profeta para um dos assistentes dela. Quando ela finalmente havia conseguido uma audiência, a Prelada só tinha olhado para ela de modo vazio e perguntado o que era *pedra no lago*. Margaret não sabia. A Prelada repreendeu-a severamente por incomodá-la com as bobagens de Nathan. Margaret tinha ficado furiosa com Nathan quando ele tinha negado lembrar de entregar qualquer mensagem assim para a Prelada.

“Queria que fosse como você diz, mas não é. Elas são reais. Estão entre nós. Estão no Palácio.” Observou a sombra escura dele um momento. “É por isso que estou aqui fora. Para conseguir a prova.”

“Como você vai fazer isso?”

“Elas estão aqui. Eu as segui. Elas entraram na Floresta Hagen para fazer alguma coisa. Vou descobrir o quê.”

A cabeça dele virou de um lado para outro, vasculhando a escuridão. “Quem? Quais Irmãs? Você sabe quais são?”

“Eu sei. Pelo menos algumas delas.”

“Quais são?”

“Jedidiah, Não posso falar para você. Se você soubesse, e cometesse o mais leve erro... não seria capaz de defender a si mesmo. Se eu estiver certa e elas realmente forem Irmãs do Escuro, matariam você por saber disso. Não consigo suportar o pensamento de que você seja ferido. Não contarei a você até que eu vá ao escritório da Prelada com a prova.”

“Como sabe que elas são Irmãs do... E que prova você tem? Que prova poderia conseguir?”

Ela procurou na escuridão por qualquer sinal de perigo. “Uma das Irmãs tem algo. Uma coisa mágica. Uma coisa de magia negra. Vi isso no escritório dela. É uma pequena estátua. Notei ela uma vez porque ela tem uma quantidade de coisas, coisas antigas que todo mundo pensa são apenas curiosidades. Eu já vi antes, e gostei do resto todo das coisas, estava coberta de poeira.”

“Mas dessa vez, depois que um dos garotos morreu, fui ao escritório dela falar sobre isso, sobre o relatório dela. Aquela pequena estátua estava enfiada em um canto, com um livro encostado nela, escondendo-a, e ela não estava coberta de poeira. Estava limpa.”

“É isso! Essa Irmã limpou uma estátua, e você acha...”

“Não. Ninguém sabe o que aquela estátua é. Depois que vi que ela havia limpo, eu tive motivo para perguntar o que era. Eu tinha que ser cuidadosa, não deixar ninguém saber o que eu pretendia, mas finalmente descobri o que ela é.”

“Como? Como você descobriu?”

Ela lembrou de sua visita a Nathan, e de seu juramento de nunca revelar com havia descoberto o que era aquela estátua. "Não se preocupe. Você não deve saber isso."

"Margaret, como você poderia..."

Ela o interrompeu. "Eu disse que não vou falar para você. E de qualquer modo isso não é importante. O importante é o que a estátua é, não como eu descobri isso. É um homem segurando um cristal. O cristal é quillion."

"O que é quillion?"

"É um cristal mágico incrivelmente raro. Ele tem o poder de sugar a magia de um mago."

A surpresa deixou ele mudo por um momento. "Como sabe que é quillion, se é tão raro? Com você seria capaz de reconhecê-lo? Talvez seja apenas um outro cristal parecido."

"Isso poderia ser verdade se ele não tivesse sido usado. Quando quillion é usado para sugar a magia de um mago, ele emite um brilho laranja por causa do dom dele, do seu Han. Por apenas um segundo quando deixei o escritório dela, eu vi aquela estátua, toda limpa, escondida atrás daquele livro. O quillion estava com um brilho laranja. Mas isso foi antes que eu soubesse o que era."

"Depois que descobri, voltei, para levar ela até a Prelada, como prova, mas ele não estava mais brilhando."

"O que isso poderia significar?" ele sussurrou com uma voz assustada.

"Significa que o poder do mago foi transferido do cristal, para alguém. Um hospedeiro. O quillion é apenas um recipiente para o dom até que ele possa ser colocado dentro de outra pessoa. Jedidiah, acho que as Irmãs estão matando aqueles com o dom, e roubando isso para elas mesmas. Acho que elas mesmas estão absorvendo o poder."

A voz dele tremeu. "Além do que elas já são? Agora possuem o poder do dom de um mago?"

Ela assentiu. "Sim. Isso as torna mais perigosas do que poderíamos imaginar, mais poderosas do que podemos imaginar. Isso é o que me assusta mais, não ser condenada a morte por fazer a acusação, mas ser descoberta por essas Irmãs. Se elas realmente

estão lançando o poder dentro delas mesmas, não sei como podemos detê-las. Nenhum de nós pode se igualar a elas.”

“Preciso de prova, para que a Prelada acredite em mim. Talvez ela saiba o que fazer. Eu certamente não sei.”

“O que não consigo entender é como as Irmãs estão absorvendo o dom do quillion. O dom de um mago, seu Han, é masculino. As Irmãs são fêmeas. Uma fêmea não pode simplesmente absorver o Han masculino. Não é tão simples; caso contrário elas simplesmente teriam transferido o Han para dentro de si mesmas quando o mataram. Se elas realmente estão lançando o Han masculino dentro delas mesmas, não sei como estão fazendo.”

“Então, o que está fazendo aqui fora ?”

Ela cruzou os braços tentando combater um calafrio interior, mesmo que o ar estivesse quente. “Você lembra outro dia, quando Sam Weber e Neville Ranson tinham completado todos os testes e teriam suas coleiras removidas e deixariam o Palácio?”

Ele assentiu no escuro. “Sim. eu estava realmente desapontado porque Sam tinha prometido vir dizer adeus, e me mostrar que havia tirado o seu Rada'Han. Eu queria dar os parabéns a ele depois que ele fosse um verdadeiro mago. Ele nunca veio.”

“Disseram que ele tinha partido durante a noite, porque não queria nenhuma despedida triste; mas Sam era meu amigo, era uma pessoa gentil, um curandeiro, e simplesmente não era do feitio dele partir daquela maneira, sem dizer adeus.”

“Simplesmente não era. Fiquei triste por ele não aparecer. Realmente queria dar os parabéns a ele.”

“Elas o mataram.”

“O quê?” Ele se encolheu um pouco. “Oh, querido Criador, não.” Sua voz foi cortada por lágrimas. “Tem certeza ? Como sabe?”

Ela colocou uma das mãos no ombro dele. “No dia após a suposta partida dele desse jeito estranho, eu suspeitei que algo terrível tinha acontecido. Fui verificar se o quillion estava brilhando de novo, mas a porta estava protegida.”

“Isso não prova nada. Às vezes Irmãs protegem seus quartos ou escritórios. Você mesma faz isso quando não quer ser incomodada, como quando estamos juntos.”

“Eu sei. Mas eu queria ver o quillion, então esperei em um canto, até que a Irmã fosse para seu escritório. Eu saí de onde estava esperando, medindo o tempo para calcular quando ela estaria passando, estaria entrando. Quando passei, e um pouco antes que ela fechasse a porta atrás dela, olhei dentro do escritório escuro dela. E vi a estátua atrás do livro na prateleira. Estava com o brilho laranja. Sinto muito, Jedidiah.”

A voz dele baixou de tanta raiva. “Quem foi? Qual Irmã?”

“Não vou contar para você, Jedidiah. Não até que eu possa levar uma prova para a Prelada. É perigoso demais.”

Ele pensou um momento. “Se o cristal realmente é um quillion, e isso provaria o que ela é, porque ela não esconderia melhor?”

“Talvez porque não pensasse que pudesse haver uma chance de alguém saber o que era. Talvez porque ela não tem medo e não desperdiça tempo sendo mais cuidadosa do que ela acha necessário.”

“Então vamos voltar, quebrar a proteção, pegar a coisa amaldiçoada e levar para a Prelada. Posso quebrar a proteção, sei que posso.”

“Eu mesma iria fazer isso. Voltei para fazer isso essa noite, mas a sala não estava mais protegida. Entrei para pegar a estátua, mas ela tinha sumido. Foi quando eu a vi saindo do Palácio, e vi outras partindo também. Eu as segui até aqui.”

“Se eu puder roubar o quillion enquanto ele estiver brilhando, posso provar que elas são Irmãs do Escuro. Tenho que impedir elas antes que possam sugar a vida de mais alguém. Jedidiah, elas estão assassinando pessoas, mas pior do que isso, tenho medo da razão para estarem fazendo isso.”

Ele soltou um leve suspiro. “Está certo. Mas vou com você.”

Ela cerrou os dentes. “Não, você vai voltar.”

“Margaret, eu te amo, e se você me mandar de volta para ficar sozinho e preocupado, nunca vou te perdoar. Eu mesmo irei até a Prelada e farei a acusação, para trazer ajuda. Embora eu possa ser condenado a morte por fazer a acusação, sei que isso levantaria suspeitas, e talvez um alarme. Esse é o único outro jeito que poderei proteger você.”

Ou vou com você, ou irei até a Prelada; prometo que irei.”

Ela sabia que ele estava dizendo a verdade. Jedidiah sempre manteve suas promessas. Magos poderosos sempre mantinham. Levantando sobre os joelhos, ela se inclinou e colocou os braços em volta do pescoço dele. “Eu também te amo, Jedidiah.”

Ela o beijou profundamente quando ele ficou de joelhos para ficar no mesmo nível dela. As mãos dele desceram pelas costas do vestido dela e ele agarrou o traseiro dela, apertando-a contra ele. A sensação das mãos dele na carne dela fez ela gemer suavemente. Os lábios quentes dele beijaram o pescoço dela e então a orelha, enviando calafrios de magia pulsando através dela. O joelho dele afastou as pernas dela, dando acesso para as mãos dele. Ela arfou com o contato.

“Venha comigo agora,” ele sussurrou no ouvido dela. “Vamos voltar, e você pode proteger seu quarto e lhe darei mais até você gritar. Você poderá gritar o quanto quiser e ninguém vai ouvir.”

Ela se afastou e tirou as mãos dele debaixo do vestido dela. Ele estava derrubando a resistência dela. Ela percebeu que teve de fazer esforço para fazer ele parar. Ele estava usando sua magia para seduzi-la para longe do perigo, tentando salvá-la arrastando-a para longe. Ela sabia que se deixasse isso continuar por mais um segundo, funcionaria.

“Jedidiah,” ela ofegou em um sussurro rouco, “por favor não me obrigue a ter que usar a coleira para fazê-lo parar. Isso é importante demais. Vidas estão em jogo.” Ele tentou alcançá-la mais uma vez, mas ela enviou uma corda de poder através das mãos até os pulsos dele para fazer ele parar. Ela manteve as mãos dele afastadas com firmeza.

“Eu sei, Margaret. Sua vida é uma delas. Não quero que nada machuque você. Eu te amo mais do que tudo no mundo.”

“Jedidiah, isso é mais importante do que minha vida. Isso tem a ver com as vidas de todos. Acho que tem a ver com o Sem Nome.”

Ele ficou imóvel. “Não pode estar falando sério.”

“Porque você acha que essas Irmãs querem esse poder? Porque precisam dele? Porque estariam dispostas a matar por ele?”

Com que finalidade? Você acha que as Irmãs do Escuro servem a quem?"

"Querido Criador," ele sussurrou lentamente, "não permita que ela esteja certa." As mãos dele subiram e seguraram ela pelos ombros. "Margaret, quem mais sabe dessas coisas? Para quem você contou?"

"Só você, Jedidiah. Eu sei quem são quatro, talvez cinco, das Irmãs do Escuro. Mas tem outras, e não sei quem são. Não sei em quem posso confiar. Havia onze que eu segui até aqui esta noite, mas poderia facilmente haver mais."

"E quanto a Prelada? Talvez não devesse ir até ela, poderia estar com elas."

Ela balançou a cabeça com um suspiro. "Você pode estar certo, mas é a única chance que nós temos. Não tem mais ninguém que possa me ajudar em quem eu consiga pensar. Tenho que falar com ela." Ela tocou o rosto dele com a ponta dos dedos. "Jedidiah, volte, por favor. Se alguma coisa acontecesse comigo, então você poderia fazer alguma coisa. Haveria alguém que saberia."

"Não. Eu não vou deixar você. Se fizer eu voltar, vou falar com a Prelada. Eu te amo. Eu preferia morrer do que viver sem você."

"Mas há outros em quem pensar. Outras vidas em risco."

"Não me importo com mais ninguém. Por favor, Margaret, não me peça para deixar você nesse perigo."

"Às vezes você consegue ser irritante, meu amor." Ela segurou as mãos dele. "Jedidiah, se formos pegos..."

"Se estivermos juntos, então eu aceito o risco."

Ela enfiou os dedos nos dele. "Então seja meu marido? Como conversamos? Se eu morrer esta noite, quero que seja como sua esposa."

Ele colocou uma das mãos por trás da cabeça dela e puxou-a. Afastando o cabelo dela do ouvido ele sussurrou suavemente. "Isso me faria o homem mais feliz do mundo. Eu te amo tanto, Margaret. Mas como podemos casar aqui, agora?"

"Podemos dizer as palavras. Nosso amor é tudo que conta, não alguma outra pessoa dizendo as palavras por nós. Palavras vindo de

nossos corações irão nos unir melhor do que qualquer pessoa poderia fazer.”

Ele apertou-a com força. “Esse é o momento mais feliz em minha vida.” Ele se afastou, levantando as mãos dela novamente.

Eles olharam um para o outro na escuridão. “Eu, Jedidiah, prometo ser o seu marido, na vida e no morte. Ofereço a você minha vida, meu amor, e minha eterna devoção. Que fiquemos unidos aos olhos e coração do Criador, e aos nossos próprios.”

Ela sussurrou as palavras para ele enquanto lágrimas desciam pelas suas bochechas. Nunca estivera com tanto medo e tão feliz em toda sua vida. Ela estremeceu ao sentir necessidade dele. Quando terminaram as palavras, eles se beijaram. Foi o mais carinhoso beijo de amor que ele já havia dado nela. As lágrimas continuaram a descer pelo rosto dela enquanto se apertava contra ele, contra os lábios dele. Suas mãos agarraram a parte de trás dos largos ombros dele, apertando-o. Os braços dele em volta dela fizeram ela sentir-se mais segura e mais amada do que já tinha sentido. Finalmente, eles se afastaram.

Ela lutou para recuperar o fôlego. “Eu te amo, meu marido.”

“Eu te amo, minha esposa, sempre e eternamente.”

Ela sorriu. Embora ela não conseguisse ver no escuro, sabia que ele estava sorrindo também. “Vamos ver se conseguimos alguma prova. Vamos ver se conseguimos impedir as Irmãs do Escuro. Vamos fazer o Criador focar orgulhoso das Irmãs da Luz, e de um futuro mago.”

Ele apertou a mão dela. “Prometa que não vai fazer nenhuma tolice. Prometa que não vai tentar fazer nada que possa te matar. Quero passar algum tempo com você na cama, não na floresta.”

“Preciso ver o que elas pretendem. Ver se consigo achar um jeito de provar tudo isso para a Prelada. Mas elas são mais poderosas do que eu, sem mencionar o fato de que tem pelo menos onze delas. Além disso, se elas realmente são Irmãs do Escuro, são capazes de usar Magia Subtrativa. Não temos nenhuma defesa contra isso.”

“Não sei como vamos conseguir afastar o quillion delas. Talvez vejamos alguma coisa mais que nos ajude. Se apenas ficarmos de

olhos abertos, e deixar que o Criador nos guie, talvez Ele revele o que nós podemos fazer.”

“Mas não quero nenhum de nós arriscando mais do que for necessário. Não devemos ser descobertos.”

Ele assentiu. “Bom. É desse jeito que eu quero também.”

“Mas Jedidiah, sou uma Irmã da Luz. Isso significa que tenho responsabilidades, responsabilidades com o Criador, e todas as suas crianças. Embora agora sejamos marido e esposa, ainda é minha responsabilidade guiar você. Nesse ponto, não somos iguais. Eu estou no comando, e só vou deixar você ir comigo se prometer obedecer isso. Você ainda não é um mago completo. Se eu disser algo, você deve obedecer. Ainda sou melhor com meu Han do que você com o seu.”

“Eu sei, Margaret. Uma razão pela qual eu quis ser o seu marido é que respeito você. Eu não iria querer uma esposa fraca. Você sempre me guiou, e isso não vai mudar agora. Você me deu tudo que tenho. Sempre seguirei você.”

Com um sorriso, ela balançou a cabeça. “Você é uma maravilha, meu marido. Uma maravilha do melhor tipo. Será um mago extraordinário. Realmente extraordinário. Nunca disse a você, porque sempre tive medo que deixasse o conhecimento a respeito disso virar sua cabeça, mas algumas das Irmãs dizem que acham que você pode provar ser o mago mais poderoso em mil anos.”

Ele não falou, e ela não conseguia ver o seu rosto, mas tinha certeza de que ele estava ficando vermelho. “Margaret, os seus olhos são os únicos que preciso ver cheios de orgulho.”

Ela beijou o rosto dele, e então segurou sua mão. “Vamos ver como podemos dar um fim nisso.”

“Como sabe para onde elas foram ? Como podemos segui-las? Está escuro como breu nessa floresta. As árvores escondem a lua.”

Ela beliscou a bochecha dele. “Um truque que minha mãe me ensinou. Nunca mostrei isso para ninguém. Quando eu as vi deixando o Palácio, lancei uma poça do meu Han aos pés delas. Elas passaram pela poça. Isso deixou rastros do meu próprio Han. Só eu posso ver. As pegadas delas são tão brilhantes quanto o sol em um lago para mim, mas para mais ninguém.”

“Você tem que me ensinar esse truque.”

“Algum dia, eu prometo. Vamos lá.”

Ela guiou ele pela mão enquanto seguiu o brilho das pegadas das Irmãs através da floresta densa. Pássaros noturnos distantes gritaram com vozes fantasmagóricas, corujas assoviaram, e outras criaturas emitiram gritos baixos e estalos. O chão era irregular, cheio de raízes e arbustos, mas as pegadas brilhantes ajudaram a enxergar o caminho.

O calor úmido fez ela suar, colando o vestido dela em sua pele. Quando chegasse em casa, ela protegeria o quarto e tomaria um banho. Um longo banho. Com Jedidiah. Então ela deixaria ele usar sua magia nela, e usaria a sua nele.

Eles seguiram mais fundo na Floresta Hagen, mais fundo do que ela já tinha ido. Vapor espalhando-se de áreas pantanosas carregava o penetrante cheiro forte de vegetação apodrecida. Eles passaram através de valas escuras cobertas de raízes penduradas e musgo que esfregava no rosto e braços dela, fazendo com que ela se encolhesse com o contato inesperado. As pegadas conduziam subindo e acima de montanhas rochosas com poucas árvores.

No topo de uma, de pé em meio ao ar úmido, ela olhou para trás, pela paisagem melancólica. Bem ao longe, ela podia ver as luzes ondulantes de Tanimura, e entre as luzes, erguendo-se na luz prateada do luar, o Palácio dos Profetas, sua forma escura bloqueando as luzes da cidade além.

Ela desejou estar de volta ali, estar em casa, mas isso era algo que tinha de ser feito. Não havia mais ninguém para fazer. As vidas de todos dependiam dela. O Criador estava dependendo dela. Imóvel, ela desejou estar em casa, e segura.

Mas o seu lar já não era mais seguro. Era tão perigoso quanto a Floresta Hagen, se realmente houvesse Irmãs do Escuro. Mesmo com tudo que ela sabia, era difícil para ela aceitar a ideia. A Prelada tinha que acreditar nela, simplesmente tinha que acreditar. Não havia mais ninguém com quem ela pudesse buscar ajuda. Ela queria que houvesse ao menos uma Irmã em quem pudesse confiar, compartilhar, mas ela não ousava confiar em ninguém. Nathan tinha avisado para não confiar em ninguém.

Embora ela desejasse que Jedidiah estivesse em casa, e a salvo, estava feliz em ter ele ao seu lado. Sabia que não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar, mas ainda assim era bom ter ele para compartilhar isso. Seu marido. Ela sorriu com o pensamento. Nunca perdoaria a si mesma se algo acontecesse com ele. Ela o protegeria com sua vida, se tivesse que fazer isso.

O chão inclinou fazendo uma descida. Através de aberturas nas árvores, ela conseguiu ver que estavam descendo dentro de um buraco profundo na terra. As bordas eram íngremes e eles tiveram que se mover lentamente para não fazer alguma pedra rolar para dentro da floresta. Uma começou a escorregar quando o pé dela tocou-a, e ela rapidamente usou uma rajada de ar para segurá-la, e então pressionou ela no chão com firmeza. Ela suspirou aliviada.

Jedidiah seguiu-a, uma sombra silenciosa e confortadora. A tensão dela relaxou um pouco quando eles passaram pela pedra solta, de volta para dentro da floresta mais densa onde o chão estava coberto de musgo e silencioso para pisar.

O leve som de um canto chegou até eles através da floresta espessa, carregado por um pesado ar fétido. Tons guturais, baixos, rítmicos, de palavras que ela não conseguiu entender ressonou no peito dela. Mesmo sem entender as palavras, ela sentiu náusea ao escutá-las, como se elas tornassem o ar fedorento.

Jedidiah segurou o braço dela, fazendo-a parar. Colocou a boca perto do ouvido dela. "Margaret, por favor," ele sussurrou, "vamos voltar agora, antes que seja tarde demais. Estou com medo."

"Jedidiah!" ela rosou quando se esticou e segurou ele pela coleira. "Isso é importante! Sou uma Irmã da Luz. Você é um mago. Para o quê acha que estive treinando você? Para ficar parado em uma rua no mercado e fazer truques? Para que as pessoas atirem moedas para você? Nós servimos ao Criador. Ele nos deu tudo que temos para que possamos usar para ajudar outros. Outros estão em perigo. Devemos ajudar. Você é um mago."

"Procure agir como um!"

Ela só conseguiu ver os olhos arregalados dele na luz fraca. Ele se encolheu levemente quando a tensão deixou seus músculos.

“Sinto muito. Você está certa. Me perdoe. Farei o que devo, eu prometo.”

A raiva dela diminuiu. “Também estou com medo. Toque o seu Han, segure-o com firmeza, mas não com força demais. Segure de modo que possa liberá-lo em um instante, como eu ensinei. Se alguma coisa acontecer, não hesite. Não tenha medo do quanto pode ferir elas. Se precisar do seu poder, qualquer coisa menos do que todo ele não será o bastante. Se mantiver cabeça concentrada, será forte o bastante para se defender. Você consegue, Jedidiah. Tenha fé no que ensinei, no que todas as Irmãs ensinaram. Tenha fé no Criador, no que Ele deu a você. Você tem isso por uma razão, todos nós temos. Essa pode ser a razão. Esta noite poder ser aquilo para o que você foi destinado.”

Ele assentiu de novo e ela virou para as pegadas cintilantes, seguindo-as para dentro da floresta fechada. Eles andaram através das árvores na direção do centro do buraco, na direção da qual o canto estava vindo. Quanto mais eles se aproximavam, mas as vozes causavam arrepios na pele dela. As vozes eram de Irmãs. Ela pensou ter reconhecido algumas delas.

Querido Criador, ela rezou, dê-me forças para fazer o que devo fazer para ajudá-lo. Dê forças a Jedidiah também.

Ajude-nos a servi-lo, a ajudar outros.

Pequenas luzes bruxuleantes surgiram através das folhas. Eles rastejaram mais perto. As árvores em volta dela eram imensas. Os dois deslizaram de um tronco para outro, não seguindo mais as pegadas. Agora eles conseguiam ver de relance alguma coisa pelas aberturas nos arbustos. lentamente, eles andaram na ponta dos pés pelo chão aberto da floresta debaixo de grandes abetos. As folhas que pisavam eram macias e silenciosas. Ombro com ombro, eles deslizaram por trás de arbustos baixos na margem da floresta. Isso era o mais próximo que podiam ir. Mais além, havia uma plana área circular aberta.

Pelo menos cem velas estavam no chão dispostas em um anel, como uma cerca, ou fronteira, como se mantivessem a floresta escura afastada. Dentro, estava um círculo desenhado no chão. Pareceu ser feito de areia branca que cintilava com pequenos pontos

de luz prismática. Parecia com a descrição da areia de feiticeira que ela ouvira falar, embora na verdade ela nunca tivesse visto. Ela destacava-se claramente na luz das velas, e na luz da luz logo acima.

Símbolos estavam desenhados com a mesma areia branca. Estavam dentro do círculo, as pontas deles tocando a borda exterior do círculo em intervalos irregulares. Margaret nunca tinha visto os símbolos, mas conhecia alguns dos elementos deles de um velho livro. Eles estavam relacionados com o submundo.

Dentro, a cerca de meio caminho desde a linha de areia branca externa com as velas, onze Irmãs sentavam em um círculo. Margaret olhou com atenção, tentando ver na fraca luz ondulante. Parecia que cada uma tinha um capuz sobre a cabeça, com buracos feitos para os olhos. Elas cantavam em harmonia. Sombras das Irmãs projetavam-se internamente até um ponto no centro.

No centro estava uma mulher, nua, com um capuz como as outras. Ela estava deitada sobre as costas, suas mãos cruzadas sobre os seios, as pernas bem unidas.

Doze. Com aquela no centro, que somava doze. Ela procurou no círculo das Irmãs novamente. Mesmo com as velas, ainda estava escuro, e as velas estavam por trás das costas das Irmãs.

Seus olhos pararam em uma forma no lado oposto ao círculo. A respiração dela ficou presa. Aquela forma era maior do que as outras. Estava agachada, sua cabeça baixa, e sem capuz. Ela estava sentada em uma convergência de linhas nos símbolos.

Não era uma Irmã. Com assombro, ela viu o leve brilho laranja. A estátua com o quillion estava no colo dela.

Ela e Jedidiah se encolheram, congelados, observando o círculo de Irmãs enquanto elas cantavam. Após algum tempo, uma delas, ao lado da forma agachada, levantou. O canto parou. Ela falou curtas palavras em uma língua que Margaret não conhecia. Em alguns pontos durante a fala, sua mão se moveu no ar, lançando poeira cintilante sobre a mulher nua no centro. A poeira incendiou, banhando as Irmãs encapuzadas com uma breve luz. Com o flash, todas responderam com estranhas palavras em rima. Ela e Jedidiah

trocaram olhares, os próprios sentimentos confusos dela estavam refletidos nos olhos dele.

A Irmã de pé jogou as duas mãos para cima, pronunciando uma lista de estranhas palavras. Ela foi até a mulher nua, parou perto da cabeça dela, e jogou os braços para cima novamente. A poeira cintilante pegou fogo mais uma vez. Dessa vez, o cintilar laranja do quillion brilhou com mais força.

A cabeça da forma agachada levantou lentamente. Margaret deu um suspiro silencioso quando viu o rosto da besta. Sua boca cheia de dentes aberta com um rosnado baixo. A Irmã puxou de sua capa um delicado cetro trabalhado em prata, e balançou-o enquanto cantava de novo, espirrando água sobre a mulher deitada.

Algo estava acontecendo com o quillion. Ele brilhou, e então o brilho foi enfraquecendo. Os olhos escuros da besta olhou para a mulher nua. Margaret observou, de olhos arregalados. O coração dela bateu com tanta força que pareceu estar prestes a abrir um buraco em seu peito.

Enquanto o brilho do quillion diminuiu, os olhos da besta começaram a emitir um brilho laranja - a mesma cor laranja do quillion. Enquanto o quillion esmaeceu, o brilho nos olhos da besta intensificou, até que a pequena estátua estava escura, e os olhos da coisa brilharam intensamente.

Mais duas Irmãs levantaram. Elas se moveram uma para cada lado da primeira.

A primeira ajoelhou. Sua cabeça encapuzada abaixada, olhando para a mulher nua. "Chegou a hora, se você tiver certeza. Sabe o que deve ser feito; o mesmo que tem sido feito conosco. Você é a última para a qual o dom será oferecido. Deseja aceitá-lo?"

"Sim! Fui designada. Ele é meu. Eu quero."

Margaret pensou conhecer as duas vozes, mas não tinha certeza porque os capuzes abafaram as palavras delas.

"Então ele será seu, Irmã." As outras duas ajoelharam ao lado dela enquanto ela puxou um pano da capa, enrolando entre os punhos. "Você deve passar por esse teste de dor para ganhar o dom. Não podemos tocá-la com nossa magia enquanto isso está sendo feito, mas ajudaremos o melhor que pudermos."

“Farei qualquer coisa. Ele é meu. Que seja feito.”

A mulher nua abriu os braços. As Irmãs de cada lado curvaram-se jogando todo seu peso nos pulsos dela.

A Irmã perto da cabeça dela segurou o pano enrolado sobre o rosto encapuzado. “Abra sua boca, e morda isso.” Ela colocou o pano entre os dentes da mulher. “Agora, abra suas pernas. Deve manter elas abertas. Se tentar fechá-las, vai ser uma rejeição do que está sendo oferecido, e perderá a chance. Para sempre.”

A mulher nua fixamente para o vazio. Ela estava ofegando de medo, os seios dela pulsavam. Lentamente, ela abriu as pernas.

A besta se moveu, soltando um grunhido baixo.

Margaret agarrou o antebraço de Jedidiah, seus dedos enterrando nele.

A besta farejou o ar. Quando ela se desenrolou lentamente, Margaret viu que ela era maior do que havia parecido quando estava curvada. Tinha uma constituição poderosa, parecendo com um homem na maior parte. A luz trêmula das velas refletiu nos músculos definidos molhados de suor de seus braços e do peito. Pelos finos começava nos quadris estreitos, ficando mais espessos descendo pelas pernas, até os tornozelos, onde ele era mais comprido, grosso. Mas a cabeça era uma coisa diferente da cabeça de um homem. Era um horror de raiva e dentes.

Uma língua fina, comprida, projetou-se para fora, provando o ar. Os olhos brilharam com a cor laranja na luz fraca, laranja com o poder do dom absorvido do quillion.

Enquanto ela se esticou sobre as mãos e joelhos na direção da mulher nua, Margaret quase gemeu bem alto; ela reconheceu a besta. Tinha visto um desenho dela em um livro antigo. O mesmo livro onde tinha visto desenhos de algumas partes dos feitiços que estavam diante dela. Ela quis gritar.

Era um *namble*. Um dos servos do Sem Nome.

Oh, querido Criador, ela rezou fervorosamente, por favor nos proteja.

Rosnando em um grunhido baixo, seus músculos poderosos flexionando, seus olhos assustadores brilhando alaranjados, o *namble* moveu-se como um gato enorme na direção da mulher no

chão. Cabeça baixa, ele rastejou entre as pernas dela. Em um estado de pavor, a mulher ainda olhava para o nada.

O *namble* farejou entre as pernas dela. Sua língua comprida saltou, correndo por cima dela. Ela se encolheu, emitindo um leve som com o pano entre os dentes, mas continuou com as pernas abertas. Os olhos dela não se moveram. Ela não olhou para o *namble*. As Irmãs no círculo iniciaram um leve canto. O *namble* lambeu-a de novo, mais devagar, dessa vez grunhindo quando o fez. Ela soltou um grito abafado pelo pano. Gotas de suor cintilaram na carne dela. Ela manteve as pernas afastadas.

Erguendo-se sobre os joelhos, a besta soltou um rugido para o céu negro. Seu pênis pontudo ereto, peludo, projetou-se, sua silhueta contornada pela luz das velas. Músculos inflaram em ondulações por seus braços e ombros quando o *namble* curvou-se para frente, colocando um punho de cada lado da mulher. Sua língua deslizou pela garganta dela enquanto soltou um rosnado vibrante, e então abaixou, cobrindo-a com sua forma massiva.

Seus quadris curvaram para frente. Os olhos da mulher fecharam quando ela gritou no pano em seus dentes.

O *namble* deu uma rápida e poderosa estocada e os olhos dela abriram mostrando o pânico causado pela dor. Mesmo com o pano enfiado entre os dentes, os gritos dela podiam ser ouvidos acima do canto cada vez que a besta arrancava o ar dos pulmões dela, colocando mais força nos berros.

Margaret teve que fazer esforço para respirar enquanto observava. Odiava essas mulheres; elas se entregaram para algo indescritivelmente maligno. Mesmo assim, eram Irmãs dela, e mal podia suportar ver uma sendo ferida. Ela percebeu que estava tremendo. Apertou a flor de ouro no pescoço dela com uma das mãos e o braço de Jedidiah com a outra enquanto lágrimas rolavam pelo seu rosto.

A besta continuou dando estocadas na Irmã que estava no chão enquanto as três Irmãs a seguravam. Seus gritos abafados de tormento partiram o coração de Margaret.

A Irmã segurando o pano finalmente falou. "Se quer o dom, deve encorajar ele a entregá-lo a você. Ele não vai entregá-lo a não

ser que você supere o controle dele - a não ser que tire isso dele. Deve ganhar isso dele.”

“Você entendeu?”

Chorando, os olhos dela fecharam bem apertados, a mulher assentiu.

A Irmã retirou o pano. “Então agora ele é seu. Pegue o dom, se estiver disposta a isso.”

As outras duas soltaram os braços dela e as três voltaram para seus lugares no círculo, entoando o canto com as outras. A mulher soltou um grito que congelou o sangue de Margaret. Fez os ouvidos dela doerem.

A mulher colocou os braços e pernas em volta do *namble*, agarrando-se a ele, movendo-se junto com ele, movendo-se com o canto. Os gritos dela ecoaram enquanto ela ofegou com o esforço.

Margaret não conseguiu mais olhar. Fechou os olhos e conteve um grito que tentou forçar a saída de sua garganta. Mas mesmo com os olhos fechados, isso não melhorou. Ainda podia ouvir. Por favor, querido Criador, ela implorou em sua mente, acabe com isso. Por favor, acabe com isso.

E então, com um grunhido rouco, acabou. Margaret abriu os olhos para ver o *namble* imóvel, sua costa curvada. Ele estremeceu, e então lentamente ficou mole. A mulher lutou para respirar debaixo do peso dele.

Com força que pareceu impossível, ela finalmente empurrou o *namble* de cima dela. O peito arfando, ele rolou ficando sobre as mãos e joelhos e seguiu lentamente de volta para seu lugar no círculo, enrolando-se em uma massa escura. O canto tinha parado. A mulher ficou deitada no chão por algum tempo, ofegante, recuperando-se. Ela estava coberta com um suor brilhante que refletiu a luz amarela das chamas das velas.

Dando um último suspiro profundo, a mulher ficou de pé lentamente. Uma escura mancha de sangue desceu pelas suas pernas. Com uma tranqüila consciência que fez um calafrio subir a espinha de Margaret e tirou o seu fôlego, a mulher virou na direção dela, baixando o capuz.

O brilho laranja ameaçador nos olhos dela desapareceu, e eles voltaram a apresentar o pálido azul com manchas violeta que Margaret conhecia tão bem.

“Irmã Margaret.” O tom dela era tão zombeteiro quanto o sorriso em seus lábios finos. “Você gosta de observar? Achei que gostasse.”

De olhos arregalados, Margaret ficou de pé lentamente. Do outro lado do círculo, a Irmã que segurou o pano também levantou, e baixou o capuz. “Margaret querida, que gentileza de sua parte mostrar tamanho interesse em nosso pequeno grupo. Não sabia que era tão estúpida. Acha que deixei você ver o quillion em meu escritório por acidente? Que eu não estava ciente de que alguém tinha interesse? Eu tinha que saber quem estava espreitando, metendo o nariz em coisas que não lhe dizem respeito. Deixei você ver. Não tinha certeza, até que você nos seguiu.” O sorriso dela congelou a respiração de Margaret. “Acha que somos tolas? Eu vi a poça de Han que você lançou para nós. Eu a induzi. Que pena. Para você.”

A mão de Margaret estava bem apertada na flor de ouro em seu pescoço, as unhas enterrando em sua palma. Como elas poderiam ter visto a poça de Han dela? A resposta era tragicamente simples: tinha subestimado elas. Subestimado o que poderiam fazer com o dom. O erro dela custaria sua vida.

Mas apenas a dela. Apenas a dela. Por favor, querido Criador, apenas a dela. Podia sentir Jedidiah perto, ao lado dela.

“Jedidiah,” ela sussurrou, “corra. Tentarei segurar elas enquanto você escapa. Corra, meu amor. Corra para salvar sua vida.”

Sua mão poderosa segurou no braço dela. “Acho que não, *meu amor*.” Os olhos dela foram capturados pela expressão cruelmente vazia dele. “Tentei salvar você, Margaret. Tentei fazer você voltar. Mas você não escutou.” Ele olhou para a Irmã do outro lado da clareira. “Se eu tiver o juramento dela, não poderíamos apenas...” A Irmã olhou para ele furiosa. Ele suspirou. “Não, suponho que não poderíamos.”

Ele deu um forte empurrão nela para dentro da clareira. Ela parou tropeçando perto das velas. Havia ficado em choque. Sua

mente recusava-se a funcionar. Sua voz recusava-se a funcionar.

As Irmãs no círculo juntaram as mãos, olhando para Jedidiah. “Ela falou para mais alguém?”

“Não. Só para mim. Ela estava procurando provas antes de pedir ajuda a alguém.” Os olhos dele retornaram para ela.

“Não é isso, meu amor?” Ele balançou a cabeça outra vez, o princípio de um sorriso tocando seus lábios. Lábios que ela havia beijado. Ela ficou doente. Sentiu-se como a maior tola que o Criador já tinha visto. “Que pena.”

“Você fez muito bem, Jedidiah. Será recompensado. E quanto a você, Margaret... bem, amanhã Jedidiah vai relatar que depois de tentar evitar as insistentes investidas de uma mulher mais velha, ele finalmente havia rejeitado você com firmeza, e você fugiu por causa da vergonha e da humilhação. Se vierem aqui e encontrarem seus ossos, isso confirmará os temores delas de que você escolheu acabar com sua vida porque sentiu que não merecia mais viver como uma Irmã da Luz.”

Os escuros olhos manchados voltaram para Margaret. “Permitam que eu cuide dela. Deixem que eu teste meu novo dom. Deixem que eu prove o sabor dele.”

Aqueles olhos mantiveram Margaret congelada, sua mão ainda segurando a flor de ouro no pescoço dela. Ela mal conseguiu respirar com a agonia entorpecente de saber que Jedidiah havia lhe traído.

Ela havia rezado ao Criador para que desse forças a Jedidiah, força para ajudar outros. Não tinha idéia alguma de quem seriam esses outros. O Criador tinha atendido suas preces, mesmo que elas tivessem sido tão tolas.

Quando a Irmã concordou, os lábios finos abriram um sorriso ávido. Margaret sentiu-se nua, impotente, sob o olhar penetrante daqueles olhos manchados.

Finalmente, Margaret fez sua mente funcionar. Seus pensamentos dispararam em uma busca apavorada por um jeito de escapar. Só conseguiu pensar em uma coisa a fazer, antes que fosse tarde demais. Com pânico impulsivo, ela deixou seu Han explodir

através de cada fibra do seu ser, e fez surgir um escudo; o escudo mais poderoso que ela conhecia - um escudo de ar.

Ela o fez duro como aço. Impenetrável. Colocou nele sua mágoa e ódio.

O leve sorriso não desapareceu. Os olhos manchados não se moveram. "Ar, então é isso? Com o dom, agora posso ver isso. Devo mostrar o que posso fazer com ar? O que o dom pode fazer com ele?"

"O poder do Criador vai me proteger," Margaret falou.

O sorriso transformou-se em desprezo. "Você acha mesmo? Permita que eu mostre a impotência do Criador."

A mão dela levantou. Margaret esperou por uma bola de Fogo do Mago. Não foi isso; foi uma bola de ar tão densa que ela podia ver, ver ela chegando. Era tão densa que distorcia o que era visto através dela. Margaret conseguiu ouvir o som da aproximação dela, o som de seu poder. Atravessou o escudo dela como piche em chamas através de papel.

Ela não deveria ser capaz de fazer aquilo; o escudo dela era de ar. Ar não deveria conseguir atravessar um escudo de ar, não um escudo tão forte quanto o que ela havia feito. Mas esse não era ar feito por uma mera Irmã, e sim por alguém com o dom.

O dom de um mago.

Confusa, Margaret percebeu que estava deitada no chão, olhando para as estrelas, lindas estrelas: as estrelas do Criador. Ela não conseguiu suspiro. Simplesmente não conseguiu.

Ela pensou que isso foi estanho; não lembrava do ar lhe atingindo. Apenas do ar sendo arrancado violentamente de seus pulmões. Sentiu frio, mas havia algo quente encostado em seu rosto. Quente e úmido. Era um conforto.

As pernas dela pareceram não funcionar. Não importa o quanto tentasse, não conseguiu fazer elas se moverem. Com grande esforço, ela conseguiu levantar a cabeça dela um pouco. As Irmãs não tinham se movido, mas agora, de algum modo, estavam a uma distância maior.

Todas a observavam. Margaret olhou para a parte inferior de seu corpo.

Algo estava terrivelmente errado.

Abaixo de suas costelas, não havia mais nada. Apenas os restos das suas entranhas despedaçadas, e em seguida mais nada. Onde o resto do corpo dela deveria estar, não havia nada. Para onde foram as pernas dela? Elas deveriam estar em algum lugar. Tinham que estar em algum lugar.

Ali estavam elas. Jaziam a uma certa distância, onde ela estivera parada.

Então. Era por isso que não conseguia respirar. Ar não deveria ter sido capaz de fazer aquilo. Era impossível. Pelo menos o ar usado por uma Irmã não deveria ter sido capaz de fazer. Era uma coisa assombrosa.

Querido Criador, porque não me ajudou? Eu estava fazendo seu trabalho. Porque deixou isso ser feito!

Deveria doer, não deveria? Não deveria doer ser rasgada ao meio? Mas não doeu. Não doeu nem um pouco.

Frio. Ela sentiu somente frio. Mas o calor acolhedor das suas tripas encostadas em seu rosto pareceu bom. Quente. Sentiu conforto com o calor.

Talvez não doesse porque o Criador a estava ajudando. Devia ser isso. O Criador havia removido sua dor.

Querido Criador, obrigada. Eu fiz o melhor que pude. Sinto muito se falhei com você. Envie outra pessoa.

Botas estavam perto: Jedidiah. Marido Jedidiah; monstro Jedidiah.

“Tentei avi sar você, Margaret. Tentei manter você longe. Não pode dizer que não tentei.”

Os braços dela estavam espalhados para os lados. Na sua mão direita podia sentir a pequena flor de ouro. Não havia largado ela. Mesmo quando ela foi cortada ao meio, não largou. Tentou agora, mas não conseguiu fazer sua mão abrir. Desejou ter o poder para abrir a mão. Não queria morrer com aquilo em sua mão. Mas simplesmente não conseguia abrir seus dedos.

Querido Criador, falhei nisso também.

Uma vez que não conseguiu largar, ela fez a única outra coisa em que conseguiu pensar. Enviou o restante de seu poder para

dentro dela. Talvez alguém a visse, e fizesse a pergunta certa.

Cansada. Ela estava tão cansada.

Tentou fechar os olhos, mas eles não fechavam. Como uma pessoa poderia morrer, se não conseguisse fechar seus olhos?

Havia um monte de estrelas. Lindas estrelas. Parecia haver menos do que ela lembrava. Meramente algumas.

Pensou que sua mãe uma vez falou quantas havia. Mas não conseguiu lembrar.

Bem, simplesmente teria que contar.

Uma... duas...

CAPÍTULO 21



“^Quanto tempo?” Chase perguntou.

Os sete homens de aparência feroz que estavam agachados em um semi-círculo diante dela e de Chase apenas olharam para ele e piscaram. Nenhum dos sete tinha qualquer arma a não ser facas nos cintos, e um deles nem isso tinha. Mas havia um monte de outros homens em pé atrás deles, e todos eles tinham arcos ou lanças, ou as duas coisas.

Rachel apertou sua capa grossa de lã marrom e mudando de posição o seu peso enquanto ficava agachada, balançando os dedos, desejando que os seus pés não estivessem tão frios. Eles estavam começando a formigar. Ela passou os dedos em cima da grande pedra âmbar pendurada em uma corrente no pescoço. Sua lisa forma de gota pareceu quente em seus dedos.

Chase resmungou alguma coisa que Rachel não conseguiu entender enquanto ele colocava a pesada capa negra sobre os ombros dele e então apontou com uma vara para as duas pessoas desenhadas na terra. Todas as tiras de couro das armas dele rangeram quando ele se inclinou para frente em botas grandes o bastante para que qualquer um dos outros homens colocassem os dois pés em um lado dela apenas. Ele bateu de novo com sua vara no chão, então virou e moveu sua mão na direção do campo.

“Quanto tempo?” Ele apontou para o desenho e moveu sua mão mais algumas vezes. “Quanto tempo desde que eles partiram?”

Eles conversaram alguma coisa que Chase e ela não conseguiram entender, e então o homem de longo cabelo prateado caindo em volta do rosto queimado pelo sol, aquele que não tinha pele de coio nos ombros e usava apenas roupas simples de pele de veado, desenhou outra imagem na terra. Dessa vez ela podia

dizer facilmente o que era. Era o sol. Ele fez marcas debaixo dele. Chase observou enquanto o homem desenhava três filas de marcas debaixo da figura do sol. Ele parou.

Chase ficou olhando para a figura. "Três semanas." Olhou para o homem de cabelo comprido. "Três semanas?" Ele apontou para o sol no chão e levantou a maioria dos dedos três vezes. Eles saíram faz três semanas?"

O homem assentiu e falou mais algumas daquelas palavras engraçadas.

Siddin entregou a ela outro pedaço de pão com mel. Tinha um gosto maravilhoso. Ela tentou comer devagar, mas ele desapareceu antes que ela percebesse. Havia provado mel apenas uma vez, quando morava no Palácio como a companheira de brincadeiras da Princesa. A Princesa nunca deixava ela comer mel, dizia que não era para os do tipo dela, mas uma das cozinheiras deu um pouco para ela uma vez.

O estômago dela revirou com a lembrança de como a Princesa tinha sido malvada com ela. Nunca mais queria morar em um castelo de novo. Agora que era filha de Chase, nunca mais teria que morar em um castelo. Toda noite ela deitava em seus cobertores, antes de dormir, e ficava imaginando como era o resto de sua nova família.

Chase disse que ela teria irmãs e irmãos. E uma mãe de verdade. Disse que ela teria que prestar atenção em sua nova mãe. Ela poderia fazer isso. Era fácil prestar atenção quando alguém te amava.

Chase a amava. Na verdade ele nunca falou isso, mas era fácil perceber. Ele colocava seu braço forte em volta dela, e esfregava seu cabelo, quando ela estava com medo dos sons no escuro.

Siddin sorriu para ela enquanto lambia o mel de seus dedos. Era bom ver ele de novo. Quando eles vieram aqui pela primeira vez ela pensou que haveria problema. Homens assustadores, todos pintados com lama, e com grama espalhada sobre todos eles, aproximaram-se quando eles estavam no campo. Ela nem viu de onde eles vieram. Eles simplesmente estavam ali de repente.

No início Rachel estava com medo, porque os homens apontaram flechas para eles, e suas vozes soaram assustadoras e

ela não conseguiu entender o que eles falavam, mas Chase apenas saltou do cavalo e segurou-a em seus braços enquanto observava eles. Ele nem puxou sua espada ou alguma coisa assim. Ela não imaginou que alguma coisa pudesse assustar ele. Ele era o homem mais corajoso que ela já tinha visto. Os homens olharam para ela enquanto ela olhava para eles, e Chase passou a mão no cabelo dela e disse para que não tivesse medo. Os homens pararam de apontar as flechas para eles, e os levaram para a vila.

Quando chegaram aqui, ela viu Siddin. Siddin conhecia ela e Chase, de antes quando Kahlan tinha salvo ele da Rainha Milena lá no Palácio. Zedd, Kahlan, Chase, Siddin, e ela estavam todos juntos quando estavam fugindo com a caixa. Ela não podia falar a língua de Siddin, mas ele os conhecia, e falou para o pai dele quem eles eram. Depois disso, todo mundo foi muito bom com eles.

Chase apontou com um dedo para uma das figuras de uma pessoa, o dedo de sua outra mão para a outra figura, e então juntou os dedos e apontou para longe, movendo suas mãos como se elas estivessem passando sobre colinas. "Richard e Kahlan partiram três semanas atrás, e foram para o norte? Para Aydindril?"

Todos os homens balançaram as cabeças e começaram a tagarelar de novo. O pai de Siddin levantou a mão pedindo silêncio. Ele apontou para si mesmo e para os outros homens e levantou três dedos, então apontou para a figura no chão que tinha um vestido e disse o nome de Kahlan, e então apontou para o norte.

Chase apontou para a figura do sol, e em seguida para a figura de Kahlan, para os homens, mantendo três dedos erguidos, e então para o norte. "Três semanas atrás, Kahlan e três dos seus homens foram para o norte, para Aydindril?"

Todos os homens assentiram e disseram "Kahlan" e "Aydindril."

Chase colocou um dos joelhos no chão quando se curvou para frente, tocando na figura da outra pessoa. "Mas Richard também foi." Ele apontou novamente para o norte. "Richard também foi para Aydindril. Com Kahlan."

Todos os homens viraram na direção do homem de longo cabelo prateado. Ele olhou para Chase e então balançou a cabeça. O pedaço de osso entalhado pendurado por uma tira de couro em

volta do pescoço dele balançou para frente e para trás. Ele apontou para a figura do homem com uma espada, e então apontou em uma direção diferente.

Chase olhou para o homem por um longo tempo; então ele franziu o rosto, como se não entendesse. O homem se inclinou com a vara e desenhou mais três pessoas, cada uma com um vestido. Ele olhou para cima por baixo das sobrancelhas como se desejasse ter certeza de que Chase estava prestando atenção, e então desenhou um X por cima de duas das figuras. Seus olhos voltaram para Chase novamente enquanto cruzou os braços sobre os joelhos, esperando.

“O que isso significa? Mortas? É isso que você quer dizer, elas estão mortas?” O homem ficou olhando, sem se mover. Chase passou um dedo, como uma faca, pela garganta dele. “Mortas?”

O homem com o cabelo prateado assentiu e falou “mortas,” mas isso soou um pouco engraçado, o modo como ele fez a palavra parecer mais longa do que deveria ser. Ele apontou com a vara para a figura do sol, então para a figura de Kahlan, e então apontou por cima do ombro para o caminho por onde eles foram. Ele apontou para o sol outra vez, e então para a figura de Richard, então para a figura da mulher sem o X, então apontou para uma direção diferente.

Chase levantou. Seu peito se inflou e depois murchou quando ele deu um suspiro profundo. Ele era muito alto. Olhou na direção em que o homem com o cabelo prateado disse que Richard tinha seguido. “Leste. Isso é mais fundo nas terras selvagens,” ele sussurrou para si mesmo. “Porque ele não está com Kahlan?” Ele coçou o queixo. Rachel achou que ele pareceu preocupado. Ele não poderia parecer assustado. Nada assustava Chase. “Queridos espíritos, porque Richard seguiria mais fundo dentro das terras selvagens? O que poderia ter feito Kahlan deixar o rapaz ir para dentro das terras selvagens? E quem está com ele?” Todos os homens olharam uns para os outros, como se estivessem imaginando porque Chase estava falando com o ar.

Chase se agachou outra vez, o couro todo rangendo, apontou para o desenho da terceira mulher, franziu o rosto e balançou os ombros para os homens. Apontou para a figura de Richard e da

mulher e apontou para o leste novamente. Manteve as palmas das mãos erguidas na altura dos ombros que balançava enquanto fazia caretas para mostrar que não entendeu.

O homem com o longo cabelo prateado lançou um olhar triste para Chase enquanto soltava um longo suspiro. Apontou para a terceira mulher, aquela sem o X, e então virou e pegou uma corda de um homem atrás dele. Enrolou a corda no próprio pescoço. Olhou para o rosto de Chase e então apontou para a figura de Richard. Quando Chase olhou para cima e seus olhos se encontraram, o homem esticou a corda com um puxão. Apontou para leste. Ele encostou a vara na figura de Kahlan e então passou os dedos pelas bochechas, começando desde o canto do seu olho, como lágrimas, e então apontou para o norte.

Chase ficou de pé. Foi quase um pulo. Seu rosto ficou pálido. “Ela levou ele,” ele sussurrou. “Essa mulher capturou Richard, e levou ele para dentro das terras selvagens.”

Rachel ficou perto dele. “O que isso significa, Chase? Porque Kahlan não foi com ele?”

Ele olhou para ela. Seu rosto tinha uma aparência estranha que fez o estômago dela dar um nó. “Ela foi buscar ajuda.”

Ela foi para Aydindril. Encontrar Zedd.”

Ninguém emitiu som algum. Ele olhou para leste outra vez enquanto enfiava um polegar por trás da grande fivela prateada de seu cinto.

“Queridos espíritos,” ele sussurrou para si mesmo, “se Richard realmente entrou nas terras selvagens, faça ele virar para o norte. Não deixe que vá para o sul, ou nem mesmo Zedd será capaz de ajudá-lo.”

Rachel abraçou sua boneca bem apertado. “O que são as terras selvagens?”

“Um lugar muito ruim, pequenina.” Ele ficou olhando sem piscar na direção do céu que escurecia. “Um lugar muito ruim.”

O jeito como ele falou isso, com tanta calma, fez ela sentir arrepios.

* * *

Zedd conseguiu sentir os músculos nas costas do cavalo flexionarem debaixo dele quando ele desviou de um galho enquanto fazia o animal diminuir a velocidade. Zedd preferia cavalgar sem usar sela. Se precisasse montar em um cavalo, ele preferia deixar o animal sentir o mais livre possível. Ele achava que isso era justo. A maioria parecia apreciar sua consideração, especialmente essa aqui. Ela se esforçou mais do que jamais se esforçaria debaixo de uma sela, e ele tinha aceito tudo que ela podia dar.

Ele ofereceu sua sela e o resto da comida para um homem chamado Haff. Haff tinha as maiores orelhas que Zedd já tinha visto. Como um homem com orelhas como aquelas tinha encontrado uma esposa era um espanto. Mas ele tinha uma esposa, e quatro crianças também, e ele pareceu ter mais necessidade da comida do que Zedd. Não para cavalgar, é claro, mas para vender. Suas colheitas e provisões tinham sido levadas por soldados do exército D'Haran.

Isso era o mínimo que Zedd podia fazer. Afinal de contas, Rachel estava ensopada até os ossos, e Haff ofereceu a eles um lugar seco para dormir, mesmo que fosse em um pequeno celeiro decadente, e sua esposa ofereceu a eles uma sopa de repolho, mesmo que fosse rala, sem pedir nada em troca. Apenas ver o rosto de Chase quando Zedd falou que não estava com fome valia o preço de uma sela.

O grande homem comia por três homens, entretanto, e ele deveria saber muito bem disso. Haveria muito mais fome nesse inverno. A colheita não iria compensar, não com a fome se espalhando como um vento forte antes da tempestade, mas traria alguma coisa, talvez o bastante para aliviar a parte mais dura do inverno.

Zedd viu Chase colocar uma moeda em cada um dos bolsos das quatro crianças, quando pensou que ninguém estava olhando, rosnando para eles em um tom que teria feito um adulto empalidecer, mas que por alguma estranha razão apenas fez as crianças sorrirem, para que não olhassem nos bolsos até que ele fosse embora. Ele esperava que não fosse ouro. Os guardas da fronteira podiam sentir o cheiro de um ladrão abrindo uma j anela

na próxima cidade e provavelmente dizer o nome dele também, mas ele não tinha juízo quando estava perto de crianças.

Com suspeitas, Haff desejou saber o que tinha que fazer em troca da comida. Zedd disse a ele que tinha de jurar sua lealdade eterna para a Madre Confessora, e o novo Lorde Rahl de D'Hara, os dois que tinham colocado um fim em coisas como o que tinha sido feito com ele. O homem tinha olhado para ele, suas grandes orelhas projetando-se por debaixo daquele ridículo chapéu de tricô com uma curvatura de cada lado só servia para chamar atenção para onde não era necessário, e tinha falado, "Feito," balançando a cabeça com firmeza.

Um pequeno começo: uma pessoa fiel, pelo preço de uma sela. Tudo seria bastante fácil. Mas isso foi a uma semana atrás. Agora, ele estava sozinho.

O doce cheiro de uma fogueira de bétula chegou até ele através da floresta densa, a égua levantando o nariz enquanto caminhava cuidadosamente pelo caminho estreito. No ar parado, a escuridão que se acumulava lançou profundas sombras através do caminho. Mesmo antes que a pequena casa pudesse ser avistada, ele conseguiu ouvir a barulheira: o som de mobília sendo derrubada, panelas e potes quebrados, e demônios sendo amaldiçoados. As orelhas da égua tremeram na direção da comoção quando eles cavalgavam descendo pela trilha ondulada. Zedd passou a mão no pescoço dela para acalmá-la.

A pequena casa, com paredes de madeira escurecidas pelo tempo, e um telhado com grossas camadas de samambaias e folhas secas de pinheiro, estava enfiada nas árvores, aninhada entre ásperos troncos escuros no final do dia. Ele desmontou ao lado das samambaias marrons mortas que se espalhavam como um jardim na frente da casa. A égua virou os olhos na direção dele quando ele deu a volta para coçar debaixo da mandíbula dela.

"Seja uma boa garota e encontre alguma coisa para você comer." Ele colocou um dedo debaixo do queixo da égua, forçando a cabeça dela a levantar. "Mas fique por perto?" A égua relinchou. Com um sorriso, Zedd acariciou seu nariz cinzento. "Boa garota."

De dentro da casa surgiu um rosnado baixo intercalado com estalos raivosos. Alguma coisa pesada bateu no chão, acompanhado por uma praga em uma língua estrangeira.

“Saia daí debaixo, sua besta odiosa!”

Zedd sorriu com o som da voz áspera familiar. Ele observou a égua se afastar caminhando lentamente para pastar em grama seca, levantando sua cabeça, enquanto mastigava, para olhar na direção da casa a cada som de batida.

Zedd subiu o caminho curvado na direção da casa. Fez uma pausa, virando-se para olhar em volta duas vezes para admirar a beleza da floresta que o cercava. Realmente era uma maravilha, tranqüilidade e paz em um lugar que tinha sido uma passagem através de um dos pontos mais perigosos do mundo: a fronteira. Mas agora a fronteira havia desaparecido.

Ainda assim, a floresta era um refúgio sereno, imbuído de uma tranqüilidade quase palpável que Zedd sabia não ser natural. Tinha recebido aquelas qualidades através das mãos habilidosas da mulher que naquele exato momento estava lançando pragas ousadas o bastante para fazer corar um lanceiro Sandariano endurecido pela batalha.

E ele tinha visto um deles amaldiçoar sua própria Rainha em voz baixa. Aquilo, é claro, só tinha garantido ao homem a corda. O sujeito também tivera algumas coisas para dizer ao carrasco, o que não lhe rendeu em retorno uma queda suave, mas ofereceu a ele a oportunidade de soltar a última eloqüente, se não vulgar, praga. Os outros lanceiros pareceram achar que a troca valeu o preço que foi pago.

Da parte dela, a Rainha pareceu jamais recuperar completamente seu ar delicado, e desde então sempre exibia no rosto um vermelho fabuloso com a simples visão de um de seus lanceiros, precisando ser abanada furiosamente por seus criados para conseguir permanecer consciente. Provavelmente ela teria enforcado todos se eles não tivessem salvo o seu trono, para não falar de seu delicado pescoço, em mais de uma ocasião. Mas aquilo foi há muito tempo, em outra guerra.

Juntando as mãos atrás dele, Zedd inalou profundamente, saboreando o ar limpo. Curvando-se, ele arrancou uma rosa murcha seca, e com um toque de magia transformou-a em uma recém desabrochada. As pétalas amarelas se abriram e cresceram com nova vitalidade. Fechando os olhos, ele cheirou a flor profundamente e então enfiou-a lentamente em seu manto, próxima ao peito. Ele não estava com pressa alguma.

Não era sábio interromper uma feiticeira zangada.

Através da porta aberta veio uma praga mais séria quando o objeto da ira da feiticeira finalmente foi encontrado. Com o golpe da parte cega de um machado, a coisa foi lançada voando pela porta. A pequena criatura blindada pousou de costas aos pés de Zedd. Tremendo, ela estalou e rosnou enquanto golpeava o ar com suas garras, tentando colocar-se na posição correta. Ela não pareceu ter sofrido com o golpe do machado, ou com o seu curto vôo e brusca aterrissagem.

Maldito sugador. Foi um sugador que tinha se agarrado ao tornozelo de Adie. Uma vez que ele grudava em você, virtualmente não havia maneira de removê-lo. Ele segurava com aquelas garras e enfiava os dentes em você, até o osso, sugando o seu sangue com a boca enrugada cheia de dentes. Eles não largavam enquanto houvesse sangue do qual se alimentar, e aquela couraça o protegia de qualquer contra-ataque.

Adie tinha usado um machado para cortar o seu pé onde o sugador estava agarrado, cortou fora seu próprio pé para salvar sua vida. Pensar nisso fez o estômago dele revirar. Observou a besta aos seus pés por um momento, então deu um chute nela, atirando-a a uma boa distância. Aterrissando de costa para cima, ela rastejou para dentro da floresta em busca de uma presa mais fácil.

Zedd olhou para a figura parada na porta, olhando de cara feia para ele com seus olhos completamente brancos, seu peito ainda pulsando. Ela usava manto de tecido grosseiro da mesma cor que a dele, mas com um diferencial, o dela estava decorado no pescoço com faixas amarelas e vermelhas costuradas nos símbolos antigos da sua profissão. Ela colocou os punhos nos quadris. O olhar furioso

dominava seus traços, não que isso diminuísse o quanto eles eram belos.

Porém, ela ainda segurava o machado em uma das mãos, um sinal preocupante. Melhor não incomodá-la rápido demais com o que ele queria.

Zedd sorriu. "Você realmente não deveria brincar com sugadores, Adie. Foi desse jeito que perdeu seu pé da última vez, você sabe." Arrancou a flor amarela do lugar em seu peito. Seus lábios finos puxaram mais as bochechas enrugadas dele enquanto seu sorriso aumentou. "Tem alguma coisa para cozer? Estou faminto."

Ela observou ele silenciosamente sem se mover por um momento, então colocou a cabeça do machado no chão e encostou o cabo contra a parede bem perto da porta. "O que está fazendo aqui, mago?"

Zedd entrou na pequena varanda e fez uma dramática reverência. Quando levantou, ofereceu a ela a flor como se fosse uma jóia de enorme valor. "Apenas não consegui ficar longe do seu abraço adorável, querida." Mostrou seu sorriso mais irresistível.

Adie avaliou ele por um momento com aqueles olhos brancos. "Isso ser mentira."

Zedd limpou a garganta e aproximou a flor. Pensou que talvez precisasse praticar o seu sorriso. "Isso é cheiro de carne cozida?"

Sem desviar os olhos dele, ela aceitou a flor, enfiando-a em seu cabelo liso preto e cinza que chegava até o queixo. Ela realmente era bonita. "Isso é carne cozida."

As mãos suaves e finas dela seguraram as dele. Um leve sorriso surgiu no belo rosto dela, e ela assentiu lentamente. "É bom ver você novamente, Zedd. Por algum tempo, eu temi que jamais o veria. Passei a maior parte das noites preocupada, sabendo o que aconteceria se você tivesse falhado. Quando o inverno chegou e a Magia de Orden não se espalhou pelas terras, percebi que você teve sucesso."

Zedd estava feliz que seu melhor sorriso não tinha sido desperdiçado afinal de contas, mas foi cuidadoso com a resposta dele.

“Darken Rahl foi derrotado.”

“E quanto a Richard e Kahlan? Eles estão a salvo?”

Zedd inflou o peito de orgulho. “Sim. Na verdade, foi Richard quem derrotou Darken Rahl.”

Ela assentiu novamente. “Acho que deve ter mais coisa nessa história.”

Ele encolheu os ombros, tentando fazer isso parecer menos importante do que era. “Uma pequena parte.”

Embora o leve sorriso ainda estivesse no rosto dela, seus olhos brancos pareceram estar esmagando a alma dele. “E há uma razão para você estar aqui. Uma razão que, eu temo, não irei gostar.”

Ele tirou as mãos dele das mãos dela e afastou para trás um pouco do seu cabelo branco rebelde enquanto franzia o rosto. “Danação, mulher, você vai me servir um pouco daquela carne cozida ou não?”

Finalmente Adie desviou seus olhos brancos dele e virou para dentro da casa. “Acho que deve ter bastante carne cozida, até mesmo para você. Entre e feche a porta. Não quero ver outro sugador esta noite.”

Convidado para entrar. Bem, as coisas estavam seguindo tranqüilamente. Ele ficou imaginando o quanto ele teria que contar a ela. Não tudo, ele esperava. O trabalho de mago: usar pessoas. O pior disso era usar pessoas de quem ele gostava. Especialmente pessoas de quem ele gostava profundamente.

Enquanto Zedd ajudava ela a arrumar as cadeiras e as mesas, e pegava as panelas e os pratos espalhados pelo chão, ele começou a contar as coisas que tinham acontecido desde que estivera com ela pela última vez. começou com a angustiante história sobre cruzar a passagem, protegido, de certa forma, pelo osso que ela havia dado para escondê-lo das bestas. Ele ainda estava com o osso em uma fina tira de couro no pescoço, não vendo necessidade de se livrar dele depois que havia atravessado em segurança.

Ela escutou sem fazer comentários enquanto ele contava a história, e quando falou da captura de Richard pela Mord-Sith, ela não virou para mostrar o rosto, mas ele viu os músculos nos ombros dela tensos por um momento.

Com bastante ênfase para contar o que desejava, ele relatou como Darken Rahl pegou a pedra da noite de Richard, a pedra da noite que ela entregou a ele para que pudesse atravessar a passagem em segurança.

Ele olhou de cara feia para as costas dela enquanto ela pegava um prato no chão. “Eu quase fui morto por aquela pedra. Darken Rahl usou-a para me aprisionar no submundo. Escapei por um fio de cabelo. Você quase me matou, entregando aquela coisa para Richard.”

“Não seja um tolo desmiolado,” ela zombou dele. “Você ser esperto bastante para salvar a si mesmo. Se eu não desse a pedra da noite para Richard, ele morria na passagem, e então Darken Rahl venceria, e agora mesmo sem dúvida estaria torturando você. Em breve você estaria morto. Entregando a pedra para Richard, eu salvei sua vida.”

Ele balançou um osso de perna de algum tipo quando ela olhou para ele por cima do ombro. “Aquela coisa era perigosa. Não deveria sair por aí entregando coisas perigosas como se fossem uma varinha ou um doce. De qualquer modo, não sem avisar as pessoas.” Ele tinha o direito de estar indignado. Foi ele quem tinha sido sugado para dentro do submundo por aquela pedra miserável. A mulher poderia ao menos fingir estar arrependida.

Zedd continuou com a história sobre como Richard escapou, embora tivesse uma teia em volta dele escondendo sua identidade, e como os quads tinham atacado Chase, Kahlan, e ele mesmo. Teve que se esforçar para controlar sua voz ao contar o que quase aconteceu com Kahlan, e como ela havia liberado o Con Dar e morto seus atacantes. Ele finalizou com o modo que Richard tinha enganado Darken Rahl para abrir a caixa errada.

Ele contou como a Magia de Orden tinha levado Darken Rahl pelo seu erro. Zedd sorriu para si mesmo quando chegou ao fim de sua história, contando que Richard de alguma forma tinha conseguido resistir ao poder de Kahlan, que eles estavam livres para amar um ao outro - ele não contaria a ela como, porque isso ninguém deveria saber - e como agora estavam felizes juntos.

Ele estava contente por ter conseguido contar a história sem ter que aprofundar-se demais em alguns dos eventos mais dolorosos. Não queria ter que revisitar aqueles sofrimentos. Ela não fez pergunta alguma, mas se aproximou e colocou uma das mãos no ombro dele, dizendo que estava aliviada que todos eles tivessem sobrevivido, e vencido.

Zedd ficou em silêncio depois de contar, pelo menos tanto quanto queria, a história. Ele começou a amontoar a pilha de ossos soltos em um canto ao qual ela disse que eles pertenciam. Pelo modo como eles estavam espalhados, o sugador deve ter buscado refúgio no meio deles. Um triste erro.

Aquelas pessoas chamarem Adie de mulher do osso não era surpresa; a casa tinha pouca coisa dentro dela além disso. A vida dela parecia ser devotada aos ossos. Uma feiticeira devotada aos ossos era um conceito perturbador. Ele viu poucas evidências de poções, pós, ou os tipos comuns de encantos, qualquer uma das coisas típicas que ele sabia que deveria esperar de uma mulher com os talentos dela. Ele sabia o que ela estava pesquisando, só não sabia porque.

Feiticeiras geralmente concentravam suas preocupações em coisas vivas. Ela era uma pesquisadora de coisas obscuras e perigosas. Coisas mortas. Infelizmente, aquilo era o que ele estava fazendo também. Se você quer saber sobre o fogo, tem que estudá-lo, ele imaginava. É claro, esse era um bom jeito de se queimar. Ele soube que não gostava da analogia no momento em que ela surgiu em sua mente.

Ele olhou tirou os olhos da pilha de ossos enquanto colocava o último deles. “Se não quer sugadores na sua casa, Adie, você deveria manter sua porta fechada.”

Sua perfeita expressão de raiva foi desperdiçada, quando ela não virou, não deixando sua tarefa de empilhar a lenha de volta em sua caixa ao lado da lareira. “A porta ficar fechada. E trancada,” ela falou com sua voz seca, em um tom que parecia tentar aliviar a expressão dele. “Essa ser a terceira vez.”

Juntando um osso que estava escondido por trás de um pedaço de lenha, ela endireitou o corpo e carregou-o até ele.

“Antes, os sugadores nunca chegar perto da minha casa.” Sua voz diminuiu como se estivesse ameaçada por ouvidos invisíveis. “Eu me certificava disso.” Ela entregou o espesso osso branco de costela, olhando para baixo enquanto ele se agachava perto da pilha de ossos. “Agora, desde o inverno, eles chegar mais perto. Parece que os ossos não afastam mais eles. A razão para isso ser um mistério para mim.”

Adie tinha vivido nessa passagem por muito tempo. Ninguém conhecia seus perigos tão bem quanto ela, suas particularidades, seus caprichos. Ninguém sabia melhor do ela o que era necessário para ficar segura aqui, para viver no limiar entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, na margem do submundo. É claro, agora a fronteira havia desaparecido. Agora deveria ser seguro aqui.

Ele ficou imaginando o que mais estava acontecendo que ela não estava dizendo; feiticeiras nunca diziam tudo que sabiam. O que ela estava fazendo ainda morando aqui com coisas estranhas e perigosas acontecendo? Mulheres teimosas, feiticeiras, todas elas.

Adie mancou levemente quando andou pela sala iluminada apenas pelo fogo. “Acende a lamparina?”

Seguindo logo atrás, Zedd moveu uma das mãos na direção da mesa. A lamparina acendeu, adicionando um suave brilho ao do fogo na grande lareira feita de pedras lisas do rio, e ajudou a iluminar as paredes escuras da sala. Cada uma das paredes guardava ossos brancos. Prateleiras corriam por uma parede, e estavam abarrotadas de crânios de bestas perigosas. Muitos dos ossos tinham sido transformados em objetos cerimoniais, alguns haviam sido transformados em colares, decorados com penas e contas, e alguns tinham sido gravados com símbolos antigos. Alguns tinham feitiços escritos na parede em volta deles. Essa era a coleção mais estranha que ele já tinha visto.

Zedd apontou um dedo ossudo para o pé dela. “Porque você está mancando?”

Adie olhou de lado para ele quando parou e levantou uma colher de um gancho que estava no lado da lareira. “O pé novo que você fez crescer ser curto demais.”

Zedd ficou parado com uma das mãos no quadril, e os dedos finos da outra mão segurando seu queixo liso enquanto olhava para o pé dela. Ele não havia notado que ele não era longo o bastante quando o fez crescer; precisou partir pouco depois que tinha feito isso. "Talvez eu pudesse fazer crescer um pouco o tornozelo," ele pensou em voz alta. Tirou a mão do queixo e sacudiu no ar. "Fazer com que os dois fiquem no mesmo nível."

Adie olhou por cima do ombro enquanto mexia o cozido. "Não, obrigada."

Zedd curvou uma sobrancelha. "Você não gostaria que eles ficassem uniformes?"

"Gostei que você fez meu pé crescer. A vida fica mais fácil com os dois. Eu não percebi o quanto odiava aquela muleta. Mas o pé está bom do jeito que está." Ela levantou a colher de cabo longo até os lábios, soprando o cozido quente.

"Seria mais fácil se eles estivessem uniformes."

"Eu disse não." Ela provou o cozido.

"Danação, mulher, porque não?"

Adie limpou a colher batendo com ela na beira da panela de ferro e pendurou-a de volta em seu gancho, então ergueu uma lata dentada do lado da lareira, desenroscando a tampa. Sua voz estava calma, seu tom áspero mais suave. "Não desejo sentir aquela dor novamente. Se eu soubesse como seria, teria escolhido viver o resto da minha vida sem o pé." Enfiando a mão dentro da lata, ela tirou uma pitada de tempero e jogou dentro do cozido.

Zedd esfregou sua orelha. Talvez ela estivesse certa. Fazer o pé crescer novamente quase a matou. Ele não esperava o que aconteceu, a reação dela para tanta magia que ele usou. Ainda assim, ele teve sucesso, e conseguiu a dor das memórias, embora ele ainda não soubesse do que elas se tratavam. Mas deveria ter levado em conta que ela poderia ter memórias que guardavam tanta dor assim.

Ele deveria ter levado em conta a Segunda Regra do Mago, mas estava concentrado em fazer alguma coisa boa para ela. Era assim que funcionava a Segunda Regra; geralmente era difícil dizer se você estava violando ela.

“Você conhece o preço da magia, Adie, quase tão bem quanto um mago. E além disso, fiz isso para você. Quer dizer, por isso sentiu a dor.” Ele sabia que não seria preciso tanta magia para fazer o tornozelo ficar mais longo quanto foi preciso para fazer o pé crescer, mas depois do que ela havia sofrido, podia entender sua relutância. “Talvez você tenha razão. Talvez eu tenha feito o bastante.”

Os olhos brancos dela pousaram sobre ele novamente. “Porque você está aqui, mago?”

Lançou um sorriso travesso para ela. “Queria ver você. Você é uma mulher difícil de esquecer. E queria contar sobre Darken Rahl sendo derrotado, por Richard. Que nós vencemos.” Ele franziu o rosto sob o olhar fixo dela. “Porque acha que os sugadores estão vindo aqui?”

Ela balançou a cabeça soltando um suspiro. “Você fala do mesmo modo que homem bêbado anda: em todas as direções, menos naquela para a qual sua cabeça está direcionada.” Balançou um dedo na direção da mesa, indicando que queria que ele pegasse as tigelas. “Eu já sabi a que nós vencemos. O primeiro dia do inverno veio e passou. Se Rahl tivesse vencido, as coisas não estariam tão tranquilas como estão. Embora eu estar feliz de ver seus ossos outra vez.”

A voz dela baixou, tornou-se ainda mais áspera. “Porque você está aqui, mago?”

Ele andou até a mesa, feliz de evitar o escrutínio daqueles olhos por um momento. “Você não respondeu minha pergunta. Porque acha que os sugadores estão vindo até aqui?”

A voz dela baixou até um som mais profundo, aproximando-se da raiva. “Acho que os sugadores estão aqui pelo mesmo motivo que você: para causar problemas para uma mulher velha.”

Zedd sorriu enquanto voltava com tigelas. “Meus olhos não estão vendo uma mulher velha. Eles enxergam apenas uma bela mulher.”

Ela respondeu ao sorriso dele com um leve balanço da cabeça. “Eu temo que sua língua ser mais perigosa do que um sugador.”

Ele entregou uma tigela para ela. “Os sugadores já tinham vindo aqui antes?”

“Não.” Ela virou e começou colocar o cozido dentro da tigela. “Quando a fronteira estava no lugar, os sugadores ficavam na passagem, com outras bestas. Depois que a fronteira caiu, não os vi por algum tempo, mas quando o inverno veio, os sugadores também vieram. Isso não está certo. Acho que tem alguma coisa errada.”

Ele trocou a tigela vazia pela cheia, segurando-a perto do nariz e inalando o aroma. “Talvez quando a fronteira finalmente falhou, não houvesse mais qualquer coisa que os segurasse, e eles simplesmente saíram da passagem.”

“Talvez. Quando a fronteira falhou, a maioria das bestas foi com ela, de volta para o submundo. Algumas ficaram livres de seus vínculos e escaparam para as terras nas redondezas. Nunca vi nenhum sugador até que o inverno chegou, quase um mês atrás. Eu temo que mais alguma coisa tenha acontecido, para que eles estejam aqui.”

Zedd sabia muito bem o que tinha acontecido, mas não falou. Ao invés disso, ele perguntou, “Adie, porque você não vai embora?”

“Venha comigo. Para Aydindril. Seria...”

“Não!” A boca dela fechou rapidamente. Ela pareceu quase surpresa com sua própria voz. Alisou o manto com uma das mãos, permitindo que a raiva deixasse o seu rosto e então tirou a colher da mão com a tigela e voltou a servir o cozido. “Não. Esse é o meu lar.”

Zedd observou silenciosamente enquanto ela trabalhou sobre a panela. Quando terminou, levou sua tigela para a mesa, colocou-a sobre ela, e pegou pão por cima do balcão, de uma prateleira por trás de uma cortina listrada azul e branca. Ela apontou com o pão para a outra cadeira vazia. Zedd colocou sua tigela na mesa e sentou, puxando seu manto enquanto dobrava as pernas por baixo de si mesmo. Adie sentou na cadeira oposta a ele e cortou um pedaço de pão, usando a ponta da faca para empurrá-lo pela mesa antes de olhar para encontrar com os olhos dele.

“Por favor, Zedd, não me peça para deixar minha casa.”

“Só estou preocupado com você, Adie.”

Adie mergulhou um pedaço de pão em seu cozido. “Isso ser mentira.”

Ele observou por baixo das sobrancelhas dele enquanto pegava seu pão. "Não é mentira."

Ela comeu sem levantar a cabeça. "*Apenas* ser uma mentira."

Zedd voltou ao seu cozido e comeu, sério. "Humm. Isso está maravilhoso," ele resmungou com um pedaço quente de carne na boca. Ela assentiu mostrando sua gratidão pelo elogio. Ele comeu até que sua tigela estivesse vazia, então levou-a até a lareira e encheu-a mais uma vez.

Em seu caminho de volta até a mesa, ele balançou a mão pela sala, apontando com sua colher. "Você tem uma casa adorável, Adie. Bastante adorável." Sentou e pegou o pão que ela ofereceu para ele. Colocou os cotovelos na mesa, suas mangas escorregando pelos antebraços enquanto partia o pão ao meio. "Mas não acho que deveria estar morando aqui, sozinha. Não com os sugadores e tudo isso." Ele fez um gesto com o pão na direção norte. "Porque você não vem comigo para Aydindril? É um lugar adorável também. Você gostaria de lá. Tem bastante espaço. Kahlan poderia providenciar para que você escolhesse o lugar para morar. Você poderia até mesmo ficar na Fortaleza, se preferisse."

Os olhos brancos dela continuaram sobre a comida. "Não."

"Porque não? Poderíamos viver bons tempos ali. Uma feiticeira poderia ter uma boa vida na Fortaleza. Tem livros e..."

"Eu disse não."

Ele ficou observando enquanto ela voltou a comer o cozido. Puxou as mangas um pouco mais e fez o mesmo. Não poderia comer por muito tempo. Colocou a colher na tigela e levantou os olhos.

"Adie, tem mais nessa história, mais coisas que eu não contei."

Ela levantou uma sobrancelha. "Imagino que você não deve esperar que eu pareça surpresa. Não ser boa em fingir." Ela se curvou de novo sobre a tigela.

"Adie, o véu está rasgado."

A mão dela parou com a colher a meio caminho da boca. Ela não levantou os olhos. "Bah. O que você sabe sobre o véu. Não sabe do que está falando." A colher completou seu caminho.

"Sei que ele está rasgado."

Ela tirou o último pedaço de batata da tigela. “Você fala de coisas que não ser possíveis, mago.”

“O véu não está rasgado.” Ela ficou de pé, pegando sua tigela vazia. “Fique calmo, velho, se o véu estivesse rasgado, teríamos muito mais sugadores com os quais nos preocupar. Mas não temos.”

Zedd virou, colocando uma das mãos atrás da sua cadeira, observando ela mancar na direção da panela pendurada no suporte móvel da lareira. “A Pedra das Lágrimas está nesse mundo,” ele falou com uma voz tranqüila.

Adie parou. Sua tigela caiu no chão, fazendo barulho em meio ao silêncio, e saiu rolando. As mãos dela estavam levantadas como se ainda a estivesse segurando. A costa dela estava rígida. “Não diga tal coisa em voz alta,” ela sussurrou, “a não ser que não tenha dúvida alguma. A não ser que tenha certeza de sua honra como Primeiro Mago. A não ser que esteja disposto a oferecer sua alma para o Guardião se estiver mentindo.”

Os olhos castanhos penetrantes de Zedd observaram as costas dela. “Eu ofereço minha alma para o Guardião se estou mentindo para você. Que ele me leve nesse instante. A Pedra das Lágrimas está nesse mundo. Eu a vi.”

“Queridos espíritos, nos protejam,” ela sussurrou bem fraco. Ainda continuava imóvel. “Diga-me que coisa tola você fez, mago.”

“Adie, venha e sente-se. Primeiro, quero que me diga o que está fazendo morando aqui, na passagem, ou no que costumava ser a passagem. O que você esteve fazendo morando na margem do submundo, e porque não vai partir.”

Ela virou para encarar ele, uma das mãos segurando na beira do manto dela. “Isso ser assunto meu.”

Com sua mão na costa da cadeira, Zedd levantou-se. “Adie, eu tenho que saber. Isso é importante. Devo saber o que você esteve fazendo, para que eu possa saber se posso aj udar.”

“Conheço muito bem a dor com a qual você vive. Eu vi, lembra? Não sei o que a causou, mas sei o quanto ela é profunda. Eu pediria que você compartilhasse a história comigo. Peço a você para confiar em mim como amigo. Por favor, não me faça pedir como Primeiro Mago.”

Os olhos dela levantaram para encontrar os dele quando ele falou a última parte. O brilho de raiva desapareceu e ela assentiu. "Muito bem."

"Talvez eu tenha guardado isso comigo tempo demais. Talvez fosse um alívio contar para alguém... um amigo. Talvez você não querer minha ajuda, depois do que escutar. Se ainda quiser, espero que me conte tudo que aconteceu." Ela apontou um dedo na direção dele. "Tudo."

Zedd lançou para ela um pequeno sorriso de encorajamento. "É claro."

Ela mancou até a cadeira. Assim que ela sentou, o maior crânio das prateleiras bateu no chão de repente.

Os dois se assustaram. Zedd caminhou e o segurou com as duas mãos. Seus dedos finos tocaram dentes curvados tão longos quanto a sua mão. O crânio era plano na parte inferior; não deveria ser capaz de rolar da prateleira.

Ele o colocou de volta com firmeza enquanto Adie observou.

"Parece," ela disse com sua voz áspera, "que ultimamente os ossos querem ficar no chão. Eles ficam caindo."

Zedd voltou para sua cadeira depois de um último olhar para o crânio. "Fale sobre os ossos, porque você tem eles, o que faz com eles; tudo. Comece do início."

"Tudo." Ela cruzou os braços no colo, por um breve momento parecendo querer correr para a porta. "Essa ser uma história dolorosa para contar."

"Nenhuma palavra dela jamais sairá de meus lábios, Adie."

CAPÍTULO 22



Adie soltou um longo suspiro. “Eu na scer na cidade de Choorá, na terra de Nicobarese. Minha mãe não tinha o dom da feitiçaria. Ela foi pulada, como isso é chamado. Minha avó Lindel ser aquela antes de mim que tem. Minha mãe ficou agradecida aos bons espíritos por ter sido pulada, mas triste com eles porque eu recebi o dom.”

“Em Nicobarese, aqueles que possuem o dom são odiados e alvo de suspeita. Acredita-se que o dom esteja associado aos fluxos de poder não apenas do Criador, mas também do Guardião. Mesmo aqueles que usam o dom para o bem são suspeitos de ser um baneling. Você sabe a respeito dos banelings, não sabe?”

Zedd arrancou um pedaço de pão. “Sim. Aqueles que desviaram para o lado do Guardião. Fizeram juramento para ele. Eles se escondem na luz, bem como nas sombras, servindo aos desejos dele, trabalhando para os objetivos dele. Podem ser qualquer um. Alguns trabalham para o bem por anos, escondidos, esperando serem chamados. Mas quando são chamados, obedecem as ordens do Guardião.”

“Eles também são chamados por nomes diferentes, mas são todos agentes do Guardião. Alguns livros os chamam assim: agentes. Alguns são pessoas importantes, como Darken Rahl, usado para tarefas importantes. Alguns são pessoas comuns, usadas para pequenos trabalhos sujos. Aqueles com o dom, como Darken Rahl, são mais difíceis para o Guardião seduzir.”

“Aqueles sem, são mais fáceis, mas até mesmo eles são raros.”

Os olhos de Adie arregalaram. “Darken Rahl era baneling?”

Zedd levantou uma sobrancelha quando assentiu. “Ele mesmo admitiu isso para mim. Disse que era um agente, mas é a mesma

coisa, qualquer que seja a palavra, e eu já ouvi muitas. Todos servem ao Guardiãõ.”

“Essas não notícias perigosas.”

Zedd ensopou o pedaço de pão com um pouco de cozido. “Trago muito poucas de qualquer outro tipo. Você estava falando sobre a sua avó Lindel?”

“Nos tempos da juventude da avó Lindel, feiticeiras ser condenadas à morte por qualquer coisa que o destino trazia: doenças, acidentes, nascimento de crianças mortas. Condenadas à morte, injustamente, por ser banelings. Algumas das dotadas reagir ao ser perseguidas injustamente. Elas lutaram bem. Isso aprofundou o ódio, e apenas servir para confirmar os medos de muitas das pessoas de Nicobarese.”

“Finalmente, houve uma trégua. Líderes de Nicobarese concordaram em deixar em paz as mulheres dotadas, se elas fizessem um juramento de alma, como maneira de provar que não eram banelings, um juramento de não usar seus poderes a não ser que fosse dada permissão por um corpo governante, o círculo dos Reis da cidade deles, por exemplo. Era juramento para o povo. Juramento de não usar o dom para não chamar a atenção do Guardiãõ.”

Zedd engoliu um bocado de cozido. “Porque as pessoas pensariam que feiticeiras eram banelings?”

“Porque era mais fácil culpar uma mulher pelos problemas deles do que admitir a verdade, e mais satisfatório acusar do que amaldiçoar o desconhecido. Aqueles com o dom usar o poder que pode ajudar as pessoas, mas que também pode ser usado para machucá-las. Porque ele poder ser usado para ferir, acredita-se que o poder deve ter sido fornecido, pelo menos em parte, pelo Guardiãõ.”

“Baboseira supersticiosa,” ele rosnou.

“Como você bem sabe, superstição não precisar ter base na verdade, mas uma vez enraizada, ela crescer forte através das árvores retorcidas.”

Ele grunhiu assentindo. “Então nenhuma feiticeira usava seu poder?”

Adie balançou a cabeça. “Não. A não ser que fosse por um bem comum, e elas fossem primeiro perante o círculo dos reis da cidade delas e pedir permissão. Cada uma das feiticeiras apresentava-se perante o círculo da cidade ou distrito delas e fazia juramento ao povo, juramento pela sua alma, de obedecer os desejos do povo. Fazia juramento solene de não usar o poder dela em, ou para outro, a não ser que assim fosse solicitado pelo consenso do círculo.”

Zedd baixou sua colher com desgosto. “Mas elas tinham o dom. Como poderiam não usar?”

“Elas usavam, mas apenas em particular. Nunca onde alguém pudesse ver, e nunca em outra pessoa.”

Zedd se inclinou para trás em sua cadeira, balançando sua cabeça com silenciosa admiração da Primeira Regra do Mago, com as coisas nas quais as pessoas acreditariam, enquanto Adie continuou.

“Avó Lindel era uma mulher idosa severa que morava sozinha. Ela nunca quer ter alguma coisa a ver com me ensinar sobre usar o dom. Ela falar apenas para deixar isso de lado. E minha mãe, é claro, não podia me ensinar nada. Então aprendi sozinha enquanto crescia, enquanto o dom crescia, mas eu saber muito bem a perversidade de usá-lo. Isso me foi ensinado quase todos os dias. Usar o dom de uma maneira não permitida ser considerado como tocar a corrupção do próprio Guardião, e eu acreditava nisso. Tinha muito medo de ir contra o que era ensinado. Eu era um fruto da árvore daquela superstição.”

“Um dia, quando eu tinha oito ou nove, estava na praça da cidade com minha mãe e meu pai, em um dia de mercado, e do outro lado da praça, uma casa pegou fogo. Havia uma garota, aproximadamente da minha idade, no segundo andar, encurralada pelas chamas. Ela gritou por aj uda. Ninguém podia alcançá-la porque o fogo estar por todo o primeiro andar. Os gritos de terror dele queimaram cada nervo em mim. Comecei a chorar. Queria ajudar. Não conseguia suportar os gritos.”

“Adie cruzou as mãos sobre o colo e baixou o olhar, para a mesa. “Eu fiz o fogo apagar. A garota foi salva.”

Zedd observou a expressão plácida dela enquanto ela olhava para a mesa. "Imagino que ninguém, a não ser a garota e seus pais, estavam felizes?"

Adie balançou a cabeça. "Todos sabiam que eu tinha o dom. Sabiam que ser eu quem tinha feito aquilo. Minha mão ficou imóvel e chorou. Meu pai só ficou olhando para o outro lado. Ele não olhou para mim, para uma agente do mal do Guardiã." "Ela bateu na garota! Porque?"

"Por deixar o Guardiã usá-la para causar o uso do dom." Adie suspirou. "A garota e eu nos conhecíamos, ser amigas, de um certo modo. Ela nunca mais falou comigo de novo."

Adie cruzou os braços sobre o estômago. "E então avó Lindel me deixou nua na frente daqueles homens, e me bateu até que eu estivesse coberta de marcas e sangue. Eu gritei mais do que a garota tinha gritado no fogo. Então ela me levou, nua e sangrando, através da cidade, até a casa dela. A humilhação foi pior do que as pancadas."

"Quando chegamos na casa dela, perguntei como ela poderia ficar tão indiferente. E então ela falou, *Embora você seja selvagem de espírito, criança, você trabalhou para controlar isso. As pessoas pediram seu juramento, e você deu a eles. Que eu não viva para ver você quebrá-lo. Você não possui nenhuma dívida além dessa. Vou cuidar do círculo e falar com Mathrin Galliene. Você vai casar com Pell.* Eu chorei na bacia do vestido dela."

Adie ficou em silêncio, olhando para o fogo, perdida nas lembranças. Zedd levantou uma sobrancelha. "Bem, você casou com seu amor?"

"Sim," ela sussurrou com leve voz rouca. Tirou a colher de seu gancho e serviu o cozido enquanto Zedd a observou. Finalmente, ela pendurou-a de volta em seu lugar. "Por três meses, pensei que a vida estava além da felicidade."

Sua boca se moveu sem emitir som enquanto ela olhava para o vazio. Zedd colocou um braço em volta do ombro dela e conduziu-a gentilmente de volta até a mesa. "Sente, Adie. Deixe que eu traga uma xícara de chá para você."

Ela ainda estava sentada, suas mãos cruzadas sobre a mesa, olhando fixamente, quando ele voltou com as xícaras fumegantes. Colocou uma nas mãos finas dela enquanto ele sentava do lado oposto a ela. Ele não pressionou-a para continuar antes que estivesse pronta.

Finalmente, ela continuou. "Um dia, no dia do meu aniversário e quando eu tinha dezenove anos, Pell e eu fazer uma caminhada no campo."

"Eu estar com uma criança." Ela levantou a xícara com as duas mãos e deu um gole. "Passamos o dia caminhando passando por fazendas, pensando em nomes para nossa criança, de mãos dadas, e... bem, você conhece a tolice do amor naquela idade."

"Em nossa caminho de volta, tivemos que passar pelo moinho de Choorá, logo do lado de fora da cidade. Achar estranho que não tivesse ninguém lá. Sempre ter alguém no moinho." Adie fechou os olhos por um momento e então tomou outro gole de chá."

"Como acabou acontecendo, tinha pessoas lá. O Sangue da Congregação. Eles estar esperando por nós."

Zedd sabia deles. Nas maiores cidades de Nicobarese, o Sangue da Congregação era uma divisão organizada de homens que caçavam banelings; extraíam o mal, quando eles o viam. Em outras terras, havia homens como eles, que atendiam por outros nomes, mas eram a mesma coisa. Nenhum deles era especialmente preocupado em mostrar provas. Um cadáver era a única prova do trabalho bem feito deles que precisavam mostrar. Se dissessem que o corpo era de um baneling, então ele era. Em suas cidades menores, o Sangue geralmente era formada por brutamontes agressivos auto-proclamados. O Sangue da Congregação era amplamente temido."

"Por uma boa razão."

"Eles nos colocaram..." A voz dela falhou, mas uma vez.... "para dentro de salas separadas no fundo do moinho. Era escuro, e

tinha o cheiro das paredes de pedra úmida e pó de grãos. Não saber o que fizeram com Pell. Eu estar quase aterrorizada demais até para respirar.”

“Mathrin Galliene disse que Pell e eu éramos banelings. Falou que eu não casaria como deveria fazer pois eu queria atrair a atenção do Guardiã para Choorá. Houve uma doença, uma febre, no campo naquele verão, e isso trazer morte para muitas famílias. Mathrin Galliene disse que eu e Pell trazer a doença. Eu neguei, e falar o juramento para mostrar a prova.” Adie girou a xícara nos dedos enquanto olhava fixamente para ela.

Zedd tocou na mão dela. “Beba, Adie. Isso vai ajudar.” Ele colocou uma pitada de folhas no chá dela, para aj udá-la a relaxar.

Ela tomou um longo gole. “Mathrin Galliene dizer que Pell e eu ser banelings, e que o cemitério estar cheio de provas disso. Disse que só queria que Pell e eu falar a verdade, confessar. Os outros homens da Congregação ficaram rosnando como cães de caça em volta de um coelho, prontos para nos fazer em pedaços. Tive muito medo por Pell.”

“Enquanto eles me batiam, sabia que fariam muito pior com ele, para fazer ele dizer que eu era baneling. Não ter nada melhor para a Congregação do que fazer alguém acusar uma pessoa amada de ser baneling. Eles não escutariam quando eu negasse.” Ela olhou dentro dos olhos dele. “Eles não escutariam.”

“Qualquer coisa que você falasse,” Zedd ofereceu conforto, “não teria feito diferença, Adie. Não teria importado.”

“Quando você está com a perna presa em uma armadilha, argumentar com o aço não adianta nada.”

Ela assentiu. “Eu sei.” O rosto dela era uma máscara tranqüila sobre uma tempestade. “Eu poderia ter impedido, se tivesse usado o dom, mas isso era contra tudo que me foi ensinado, em que acreditava. Era como se usar o dom provasse a mim mesma que aquilo que os homens disseram era verdade. Senti que seria blasfêmia contra o Criador. Enquanto os homens batiam em mim fiquei tão indefesa quanto se não tivesse o dom.”

Ela bebeu todo o chá da xícara. “Mesmo enquanto eu gritava, podia ouvir os gritos de Pell ecoando na outra sala.”

Zedd foi até o fogo e trouxe o bule de volta, enchendo a xícara dela novamente. "Não foi culpa sua, Adie. Não culpe a si mesma."

Ela lançou um olhar para ele quando ele servia outra xícara para si mesmo. "Eles queriam que eu falasse que Pell era um baneling. Disse para eles que não faria isso, que poderiam me matar, mas que não conseguiriam fazer com que eu falasse isso."

"Mathrin se curvou perto de mim, colocou o rosto nem perto do meu. Em minha cabeça, ainda consigo ver o sorriso dele. Ele disse, *acredito em você, garota. Mas isso não importa, pois não é de você que queremos obter o nome do baneling. Queremos que Pell diga o nome do baneling. Queremos que Pell diga o seu nome. Você será baneling.*"

Então os homens me seguraram. Mathrin tentou derramar alguma coisa pela minha garganta. Aquilo queimar minha boca. Ele segurou meu nariz. Seria engolir ou sufocar. Eu queria sufocar, mas engoli sem querer. Queimar minha língua como se engolissem fogo. Não consegui falar. Não consegui soltar um som. Não consegui nem gritar. Não havia som algum ali. Apenas a dor ardente. Mais dor do que eu já ter sentido." Ela bebeu um gole de chá, como se tentasse aliviar a garganta.

"Então os homens me levaram para a sala onde está Pell e me amarraram em uma cadeira na frente dele. Mathrin me segurou pelo cabelo para que eu não pudesse me mover. Partiu meu coração ver o que eles fizeram com meu Pell. O rosto dele está branco como neve."

"Cortaram a maioria dos dedos dele, um de cada vez." Os dedos dela apertaram a xícara enquanto ela visualizava a cena.

"Mathrin disse a Pell que eu teria confessado que Pell era baneling. Os olhos de Pell ficaram arregalados, voltados para mim. Tentei gritar que não era verdade, mas nenhum som veio. Tentei balançar minha cabeça indicando que não era verdade, mas Mathrin estava me segurando então não consegui."

"Pell disse não acreditar neles. Eles cortaram outro dedo. Disseram a ele que só faziam isso porque eu falei o nome dele. Só faziam isso por causa da minha palavra. Pell manteve os olhos em mim enquanto tremia, e continuou dizendo que não acreditava

neles. Disseram a Pell que eu tinha falado que eu queria que ele fosse morto porque era um baneling. Ainda assim Pell disse não acreditar neles. Disse que me amava.”

“Então ele falou para Pell que eu tinha nomeado ele como baneling, e que se não fosse assim, eu poderia negar e eles nos deixariam livres. Ele falou para Pell que eu tinha prometido não negar porque ele era um baneling, e que eu queria que ele morresse por causa disso. Pell gritou para eu falar para eles. Gritou para eu negar. Gritou meu nome, gritou para eu falar alguma coisa.”

“Eu tentei, mas não consegui dizer nada. Minha garganta estava em chamas. Minha voz não funcionou. Mathrin me segurou pelo cabelo; não consegui me mover. Os olhos de Pell ficaram arregalados enquanto olhava para mim. Enquanto eu ficava em silêncio.”

“Então Pell falou comigo. *Como você conseguiu fazer isso comigo, Adie? Como você conseguiu me chamar de baneling?* Então ele chorou.”

“Mathrin pediu que ele falasse que eu era baneling. Disse que se ele fizesse isso, acreditariam nele ao invés de mim, porque eu tinha o dom, e ele estaria livre. Pell sussurrou, *não falarei isso dela para salvar minha vida. Mesmo que ela tenha me traído.* Aquelas palavras partiram meu coração.”

Enquanto ela olhava fixamente para o nada, Zedd percebeu que uma vela no balcão atrás dela derreteu formando uma poça. Podia sentir as ondas de poder irradiando dela. Percebeu que estava prendendo a respiração. Procurou relaxar soltando um suspiro.

“Mathrin cortou a garganta de Pell,” ela falou simplesmente. “Ele decepou a cabeça de Pell e segurou-a na minha frente. Disse que queria que eu visse o que seguir o Guardiã tinha feito a Pell. Disse que era a última coisa que desejava que eu visse. Os homens mantiveram minha cabeça para trás e abriram meus olhos. Mathrin derramou neles o líquido ardente.”

“Eu fiquei cega.”

“Naquele momento, alguma coisa aconteceu dentro de mim. Meu Pell se foi, morreu pensando que eu tinha traído ele, minha vida estava prestes a terminar. De repente eu percebi como isso tinha

vido minha própria culpa, por ficar presa a um juramento. A vida do meu amor, por causa de um juramento ignorante, por causa de uma superstição tola. Nada mais importava; tudo tinha acabado para mim.”

“Eu liberei o dom, liberei a fúria. Quebrei meu juramento de não usar o dom para ferir outra pessoa. Não pude ver, mas eu pude ouvir; pude ouvir o sangue deles bater nas paredes de pedra. Eu ataquei loucamente. Fiz em pedaços cada coisa viva que estava naquela sala, fosse um homem ou um rato. Não podia enxergar, então simplesmente ataquei qualquer vida que eu podia sentir. Não podia dizer se alguém escapou. De certo modo, estava contente por estar cega, ou se estivesse vendo o que estava fazendo, poderia ter parado antes de terminar.”

“Quando tudo estava quieto, morto, segui meu caminho tateando pela sala, contando os corpos. Um estava faltando.”

“Engatinhei até a casa de minha avó Lindel. Como encontrei o caminho, não consigo imaginar, a não ser que o dom tenha me guiado. Quando ela me viu, ficou furiosa. Fez com que eu ficasse de pé e exigiu saber se eu tinha quebrado meu juramento.”

Zedd se curvou para frente. “Mas você não conseguia falar. Como respondeu?”

Adie abriu um leve sorriso frio. “Segurei ela pela garganta, com o poder do dom, e joguei ela contra a parede. Caminhei até ela e balancei minha cabeça. Apertei a garganta dela com raiva. Ela lutou comigo.”

“Lutou comigo com todo o poder dela. Mas eu sou mais forte, muito mais forte. Nunca saber até aquele momento que o dom era diferente para cada pessoa. Ela está tão indefesa quanto uma boneca.”

“Mas eu não podia machucá-la, não importa o quanto eu desejasse por ela ter feito aquela pergunta. Eu soltar e ela cair no chão; não conseguia mais suportar. Ela se aproximou de mim e começou a tratar de meus ferimentos. Ela falou que eu tinha errado, ao quebrar meu juramento, mas que o que fizeram comigo era um erro pior.”

“Nunca mais tive medo da avó Lindel. Não porque ela estava me ajudando, mas porque eu ter quebrado o juramento, eu estava além das leis que me foram ensinadas, e porque eu saber que era mais forte do que ela. Daquele dia em diante, ela ficar com medo de mim. Acho que ela me ajudar porque queria que eu ficasse bem, para que eu pudesse ir embora.”

“Alguns dias depois, avó Lindel foi em casa para dizer que foi chamada perante o círculo do Rei e interrogada. Disse que todos os homens no moinho, todos do Sangue da Congregação, estavam mortos, a não ser Mathrin. Ele havia escapado. Ela falar para o círculo que não me viu. Eles acreditaram nela, ou disseram que acreditavam porque não querer confrontá-la e adicionalmente uma feiticeira que havia destruído todos aqueles homens de uma maneira tão chocante, então eles deixar ela cuidar de seus assuntos.”

Um pouco da tensão pareceu deixar os ombros dela. Ela estudou a xícara de chá por um momento e então tomou outro gole. Ela esticou a xícara para que ele a esquentasse. Zedd colocou mais um pouco de chá. Ele desejou ter colocado um pouco das folhas no seu próprio chá. Ele não achava que aquele era o fim da história.

“Perdi minha criança,” Adie falou em um sussurro.

Zedd levantou os olhos. “Sinto muito, Adie.”

Ela encontrou o olhar dele. “Eu sei.” Ela segurou uma das mãos dele nas duas mãos depois que ele baixou a chaleira.

“Eu sei.” Ela afastou as mãos. “Minha garganta sarou.” Encostou os dedos levemente na garganta, então juntou as mãos cruzando os dedos. “Mas isso me deixou com voz parecida com ferro arrastado em uma pedra.”

Ele sorriu para ela. “Gosto da sua voz. Ferro combina com o resto de você.”

A sombra de um sorriso cruzou o rosto dela. “Porém, meus olhos não ficar melhores. Fiquei cega. Avó Lindel não ser tão forte quanto eu, mas ser velha, e ter visto muitos truques com o dom. Me ensinou a ver sem meus olhos. Me ensinou a enxergar com o dom. Não ser a mesma coisa que os olhos, ser melhor. De certos maneiras, eu vejo mais.”

“Depois que eu estava curada, avó Lindel quer que eu fosse embora. Ela não gostava de viver com alguém que quebrar o juramento, mesmo que eu fosse do sangue dela. Ela estava com medo que eu causasse problemas. Por causa do Guardiã, por quebrar meu juramento, ou com o Sangue da Congregação, ela não saber, mas estava com medo que surgissem problemas por minha causa.”

Zedd se encostou em sua cadeira, esticando um pouco seus músculos tensos. “E os problemas apareceram?”

“Oh, sim,” Adie sibilou, levantando as sobrancelhas enquanto se inclinava para frente. “Problemas vieram. Mathrin Galliene trouxe eles: vinte homens do Sangue da Congregação. Pagos pela Coroa. Profissionais. Homens endurecidos por batalhas; homens grandes, de rostos cruéis, homens selvagens, todos elegantes montados em cavalos dispostos em alinhamento com espadas, escudos, e estandartes, cada uma das lanças seguras no mesmo ângulo. Todos em suas cotas de malha de ferro e armaduras polidas brilhando com o símbolo da Coroa, e todos usar elmos com plumas vermelhas que ondulavam enquanto eles cavalgavam. Cada um dos cavalos ser branco.”

“Fiquei de pé na varanda e observei com os olhos do dom enquanto eles se espalhavam alinhados perante na minha frente com precisão perfeita, como se estivessem em formação para o próprio Rei. Cada cavalo com a pata na mesma posição, parando em uma linha ao levantar de um dedo do comandante. Eles estar espalhados diante de mim, prontos, ansiosos, para cumprir sua terrível obrigação. Mathrin aguardou atrás deles sobre o cavalo dele, observando. O comandante gritou para mim, *você estar presa como baneling, e vai ser executada como tal.*”

Adie levantou a cabeça do meio dos fantasmas de sua memória, os olhos dela encontrando os de Zedd. “Pensei em Pell. Meu Pell.”

A expressão dela endureceu transformando-se em uma máscara de ferro. “Nenhuma espada deixou sua bainha, nenhuma lança foi posicionada, nenhum pé tocou o chão, antes que eles morressem. Eu varri a linha, da esquerda para a direita, um homem

de cada vez, com tudo que eu tinha, em cada movimento, rápida como um pensamento. Tum, tum, tum. Cada um deles, a não ser o comandante. Ele ficou sentado imóvel e com o rosto duro como pedra em cima do cavalo branco dele enquanto homens de armadura caíam no chão de cada lado dele.”

“Quando estava acabado, quando o último escudo havia silenciado, encontrei os olhos dele. *Armadura*, eu falei para ele, *não tem utilidade alguma contra um verdadeiro baneling. Ou uma feiticeira. Serve apenas contra pessoas inocentes.* Então falei para ele que deveria entregar uma mensagem ao Rei por mim, de uma feiticeira chamada Adie. Com uma voz firme e calma, ele perguntou qual a mensagem. Eu disse, *Diga que se ele mandar outro do Sangue da Congregação para me capturar, será a última ordem que ele dará em vida.* Ele olhou para mim por um momento sem mostrar emoção em seus olhos frios, e então virou o cavalo e se afastou sem olhar para trás.”

O olhar dela mergulhou na direção da mesa. “Minha avó virou as costas para mim. Disse para deixar o abrigo do teto dela e nunca mais voltar.”

Um leve tremor tocou o rosto de Zedd antes que ele percebesse, ao pensar em uma feiticeira com bastante poder para matar homens daquele jeito. Era incrivelmente raro para uma feiticeira ser tão forte com o dom daquela maneira. “E quanto a Mathrin?”

“Você não matou ele?”

Ela balançou a cabeça. Um sorriso sinistro surgiu nos lábios dela.

“Não. Eu levei ele comigo.”

“Levou ele com você?”

“Eu liguei ele a mim. Liguei sua vida com a minha. Liguei de modo que ele sempre soubesse onde eu estava, e para que a cada lua nova ele fosse compelido a me seguir, não importa onde eu estivesse, não importa o que ele desejasse fazer. Tinha que me seguir, pelo menos perto o bastante para que pudesse vir até mim a cada lua nova.”

Franzindo o rosto, Zedd estudou os resíduos em sua xícara de chá. "Uma vez encontrei um homem, em Winstead, a capital e trono da Coroa de Kelton. Seu nome era Mathrin. Era um mendigo, sem os dedos em uma das mãos, se eu me lembro. Ele era cego. Seus olhos tinham sido..." Os olhos de Zedd subitamente fixaram-se nos dela. Ela o estava observando. "Os olhos dele tinham sido arrancados."

Adie assentiu. "Realmente eles foram arrancados." O rosto dela estava como ferro novamente.

"A cada lua nova, ele veio até mim, e eu arrancava alguma coisa dele, permitindo que seus gritos tentassem preencher o vazio em mim."

Zedd encostou na cadeira, suas mãos pressionadas sobre a mesa. Ferro com certeza. "Então você construiu um novo lar em Kelton?"

"Não. Não construir lar algum. Eu viajei, procurando mulheres com o dom, aquelas que poderiam me ajudar em meus estudos."

"Nenhuma saber muita coisa sobre o que eu procurava, mas cada uma saber pelo menos um pouco do que outras não saber."

"Mathrin seguiu atrás, e a cada lua nova ele vir até mim, e eu arrancava mais alguma coisa dele. Queria que ele vivesse para sempre, para sofrer eternamente. Ele foi aquele que me bateu, ali embaixo, com seus punhos, então eu perderia a criança de Pell. Foi ele que matou Pell. Foi ele que me deixou cega."

Os olhos brancos dela brilharam avermelhados sob a luz da lamparina enquanto ela olhava fixamente de novo. "Foi ele que fez Pell acreditar que eu o tinha traído. Queria que Mathrin Galliene sofresse eternamente."

Zedd fez um gesto vago com a mão. "Quanto tempo ele... durou?"

Adie suspirou. "Não o bastante, e tempo demais." Zedd fez uma careta. "Um dia, um pensamento me ocorreu: Nunca tinha usado o dom para evitar que Mathrin cometesse suicídio. Porque ele ainda vinha até mim? Porque permitia que eu o fizesse sofrer como eu fazia? Porque ele simplesmente não acabava com isso? Então, na próxima vez que ele veio, e eu arranquei mais alguma coisa, eu também cortei a ligação. Cortei sua necessidade de vir na próxima

vez. Mas fiz isso de um modo que ele não perceberia, então poderia simplesmente esquecer de mim, se desejasse.”

“Então aquela foi a última vez que viu ele ?”

Ela balançou a cabeça com desgosto. “Não. Pensei que seria assim, mas ele voltou com a lua nova seguinte.”

“Voltou quando não precisava fazer isso. Isso fez o meu sangue gelar, fez com que eu ficasse imaginando porque. Decidi que era hora dele pagar com sua vida pelo que tinha feito comigo, e Pell, e todos os outros. Mas eu decidi que antes dele entregar sua vida, ele daria a resposta.”

“Em minhas viagens, eu tinha aprendido muitas coisas. Coisas para as quais pensei que jamais encontraria utilidade. Naquela noite encontrei utilidade. Eu as usei para aprender que tortura Mathrin temia acima de todas as outras. O truque era usado para aprender os medos, mas era inútil para aprender outros segredos. Contra a vontade dele, as palavras escaparam, seus medos foram expostos.”

“Deixei ele suando por toda aquela noite e por todo o dia seguinte enquanto eu procurava as coisas que precisava: as coisas que ele mais temia. Quando finalmente retornei com elas, ele estava quase insano de pavor. Seus medos estavam bem enraizados. Pedi a ele para confessar seu segredo. Ele disse não.”

“Esvaziei o saco, coloquei as pequenas gaiolas e as outras coisas na frente dele enquanto estava sentado nu e indefeso no chão. Peguei cada uma, segurei diante de seu rosto cego, e descrevi, disse a ele o que estava em cada pequena gaiola, cesta ou jarra. Pedi a ele novamente para confessar. Ele estava suando, ofegando e tremendo, mas ele disse não. Mathrin pensou que eu estava blefando, que eu não tinha a coragem. Mathrin estava errado.”

“Fiquei firme como aço, e fiz seus piores pesadelos ganharem vida.”

A testa de Zedd franziu. A curiosidade superou o temor. “O que você fez ?”

Ela levantou a cabeça para olhar dentro dos olhos dele. “Isso será a única coisa que não vou contar para você. De qualquer modo, isso não é importante.”

“Mathrin não falaria, e sofreu tanto que eu quase parei muitas vezes. Toda vez que eu queria parar, pensei na última coisa que meus olhos tinham visto antes que ele me cegasse: a cabeça de Pell na mão de Mathrin bem na minha frente.” Adie engoliu em seco, sua voz tão baixa que Zedd mal podia ouvir. “E lembrei das últimas palavras de Pell: *Não falarei isso dela para salvar minha vida. Mesmo que ela tenha me traído.*”

Ela fechou os olhos por um momento. Eles abriram e ela continuou. “Mathrin estava à beira da morte. Pensei que não contaria porque veio até mim. Mas pouco antes de morrer, ele ficou imóvel, independente do que estava sendo feito com ele. E então disse que contaria, porque estava quase para morrer, porque isso também tinha sido planejado. Perguntei a ele novamente porque tinha voltado.”

“Ele se curvou na minha direção. *Você não sabe, Adie?* ele perguntou. *Não sabe o que eu sou? Eu sou um baneling. Estive escondido bem debaixo do seu nariz todo esse tempo. Você me obrigou a ficar perto de você todo esse tempo, e o Guardiã sabia exatamente onde você estava. O Guardiã deseja aqueles com o dom acima de tudo.* Tinha pensado que aquilo era verdade, que ele era um baneling. Falei para ele que ele tinha falhado, que aquilo não fez bem algum para ele, pois estava prestes a morrer por seus crimes.

“Ele sorriu para mim.” Ela chegou mais perto. “Sorriu! E ele disse, *você está errada Adie. Eu não falhei. Fiz a vontade do Guardiã. Completei minha tarefa. Perfeitamente. Tudo isso foi planejado. Induzi você a fazer exatamente como ele queria. Serei recompensado. Sou aquele que deu início ao fogo quando você era pequena. Sou aquele que fez aquelas coisas com Pell. Não porque pensava que ele ou você fosse baneling. Eu sou o baneling. Fiz isso para que você quebrasse o seu juramento. Para fazer você permitir que o ódio do Guardiã entrasse em seu coração.*”

“Quebrar seu juramento era o primeiro passo, e veja o que você fez desde então. Veja o que está fazendo nesse momento. Veja o quanto deslizou na direção dele. Você está nas garras dele agora. Pode não ter feito a ele seu juramento, mas faz a vontade dele.

Transformou-se no que você odeia. Transformou-se em mim; você é baneling. O Guardiã sorri para você, Adie, e agradece por recebê-lo em seu coração. Mathrin curvou, e caiu para trás, morto.

Adie dissolveu-se em lágrimas, sua cabeça mergulhada nas mãos. Zedd destravou suas articulações e deu a volta na mesa, puxando-a para junto dele enquanto ficava de pé, perto dela, segurando a cabeça dela contra o seu estômago, passando a mão em seus cabelos, confortando-a enquanto ela chorava.

“Nem tanto, minha querida. Nem é bem assim.”

Ela chorou no manto dele, balançando a cabeça. “Você acha que ser tão esperto, mago? Não ser tão esperto quanto acha que ser. Está errado sobre isso.”

Zedd ajoelhou ao lado da cadeira dela, segurando as mãos dela nas dele, olhando para o rosto abatido dela. “Sou esperto o bastante para saber que o Guardiã, ou um dos seus servos, não deixaria você ter a satisfação de saber que tinha vencido uma batalha contra ele.”

“Mas eu...”

“Você revidou. Atacou por causa da sua dor, não por ter prazer nas coisas que fez. Não por querer ajudar o Guardiã.”

A testa dela franziu com o esforço para conter as lágrimas. “Você tem mesmo certeza? Bastante certeza para confiar em alguém como eu?”

Zedd sorriu. “Tenho certeza. Posso não saber tudo, mas sei que você não é nenhum baneling. Você é a vítima, não a criminosa.”

Ela balançou a cabeça. “Não tenho tanta certeza quanto você.”

Depois que Mathrin morreu, você continuou matando? Buscando vingança contra qualquer inocente?”

“Não, é claro que não.”

“Se você fosse uma agente, teria se entregado para o Guardiã, aos desejos dele, e machucaria aqueles que lutam contra ele. Você não é baneling, querida. Meu coração sofre pelas coisas que o Guardiã tirou de você, mas ele não tirou sua alma, essa ainda é sua. Coloque esses medos de lado.”

Ele segurou as mãos delas e apertou suavemente algumas vezes. Ela não tentou tirar as mãos, deixou que ficassem nas dele,

como que para absorver o conforto enquanto elas tremiam.

Adie enxugou as lágrimas do rosto. "Pode me servir mais um pouco de chá ? Mas não coloque mais as folhas, ou dormirei antes que possa terminar a história."

Zedd curvou uma sobrancelha. Ela sabia o que ele tinha feito. Ele bateu suavemente no ombro dela enquanto levantava.

Colocou o chá dela e então puxou sua cadeira para frente e sentou novamente enquanto ela bebia.

Depois que ela bebeu metade da xícara, ela pareceu ter reconquistado seu controle. "A guerra com D'Hara estava fervendo, mas estava perto do fim. Eu senti a fronteira se erguer. Senti ela entrar nesse mundo."

"Então você veio para cá logo depois que a fronteira se ergueu?"

"Não. Primeiro estudei com poucas mulheres. Algumas me ensinaram um pouco sobre ossos." Ela tirou um pequeno colar debaixo do manto. Ela tocou no pequeno osso arredondado, com listras vermelhas e amarelas de cada lado. Era parecido com aquele que ela havia entregue a ele para ajudá-lo a cruzar a passagem. Ele ainda o carregava no pescoço. "Esse é um osso da base de um crânio como aquele na prateleira logo ali; aquele que caiu no chão. A besta é chamada de skrin. Skrin são bestas guardiãs do submundo, algo parecido com os Sabujos do Coração, a não ser que eles montam guarda em ambas as direções. A melhor maneira de explicar isso é que eles são parte do véu, embora isso não seja exato. Nesse mundo eles são sólidos, possuem forma, mas no outro, são apenas uma força."

Zedd franziu o rosto. "Força?"

Adie estendeu sua colher e deixou-a cair na mesa. "Força. Não podemos ver, mas a força está ali. Ela faz a colher cair, e evita que ela voe no ar. Não pode ser vista, mas está ali. É alguma coisa assim com o skrin.

"Em raras ocasiões, em sua obrigação de repelir todos da extremidade onde o mundo dos vivos e o mundo dos mortos se tocam, eles são lançados dentro desse mundo. Poucas pessoas sabem deles porque isso acontece muito raramente." Zedd estava

com o rosto franzido. “Isso é muito complexo. Explicarei melhor outra hora. A coisa importante é que esse osso do skrin o esconde deles.”

Adie tomou um gole do chá enquanto Zedd tirava o colar de seu manto, para dar mais uma olhada nele. “E ele também deve esconder você de outras bestas, para atravessar a passagem?” Ela assentiu. “Como você sabe sobre a passagem? Eu ergui a fronteira, e não sabia que a passagem existia.”

Ela girou e girou a xícara de chá nos dedos. “Depois que deixei minha avó, procurei mulheres com o dom, mulheres que pudessem me ensinar coisas sobre o mundo dos mortos. Depois que Mathrin morreu, estudei com mais vontade, com mais urgência. Cada uma das mulheres conseguiu dizer apenas o pequeno pedaço que conhecia, mas geralmente elas conheciam uma que sabia mais. Viajei por Midlands, seguindo entre elas, reunindo conhecimento. Reuni todos aqueles pedaços de conhecimento, juntando eles. Dessa maneira, aprendi um pouco sobre como os mundos interagem.”

“Levantar uma fronteira através de partes desse mundo, é um pouquinho como tampar uma chaleira com uma rolha e então colocá-la no fogo. Sem um respiradouro, alguma coisa vai estourar. Eu sabia que se houvesse magia inteligente o bastante para saber como trazer o submundo para dentro desse mundo, ela deveria ter um jeito de equalizar cada lado da fronteira. Algum tipo de respiradouro. Uma passagem.”

Zedd levantou uma sobrancelha, concentrado em seus pensamentos, enquanto esfregava os dedos no queixo. “É claro. Isso faz sentido. Equilíbrio. Toda força, toda magia, deve ser equilibrada.” Ele concentrou os olhos nela. “Quando eu ergui a fronteira, estava usando magia que não entendia completamente. Estava em um livro antigo, de antigos magos, que possuíam mais poder do que eu posso compreender. Usar as instruções deles para levantar a fronteira foi um ato de desespero.”

“É difícil para mim imaginar você ficando desesperado.”

“Às vezes, isso é tudo que a vida é: um ato desesperado atrás do outro.”

Adie assentiu. "Talvez você esteja certo. Eu estava desesperada para me esconder do Guardiã. Lembrei do que Mathrin disse: ele estava se escondendo bem debaixo do meu nariz. Decidi que o lugar mais seguro para me esconder do Guardiã seria onde ele não olharia: bem debaixo do nariz dele, bem na margem de seu mundo. Então vim para a passagem."

"A passagem não é desse mundo, e também não é do submundo. É uma mistura de ambos. Um lugar onde os dois mundos estão um pouco interligados. Com os ossos, consigo me esconder do Guardiã. Ele e as bestas do mundo dele não conseguem me ver."

"Esconder?" A mulher tinha mais fero nela do que a chaleira pendurada no fogo. Se ele conhecia Adie, tinha mais coisa nisso tudo. Zedd lançou um olhar severo para ela. "Você veio até aqui, apenas para se esconder?"

Ela evitou os olhos dele enquanto tocava no pequeno osso arredondado em seu colar, e então finalmente enfiou ele de volta em seu manto. "Tem outra razão. Eu fiz um juramento. Para mim mesma. Jurei que encontraria um jeito de entrar em contato com meu Pell, de dizer a ele que eu não o traí." Ela tomou um longo gole de chá. "Passei a maior parte da vida aqui, na passagem, tentando encontrar um jeito de entrar no mundo dos mortos, para dizer a ele. A passagem faz parte daquele mundo."

Zedd empurrou sua xícara com um dedo. "A fronteira, a passagem, se foi, Adie. Preciso da sua ajuda nesse mundo."

Ela colocou os braços sobre a mesa. "Quando fez crescer meu pé, isso trouxe de volta tudo que aconteceu, deixou isso fresco, como se eu estivesse revivendo. Fez com que eu lembrasse de algumas coisas que tinha esquecido por muito tempo. Fez lembrar as dores que ainda estão ali, embora o tempo as tenha ofuscado."

"Sinto muito, Adie," ele sussurrou. "Eu deveria ter levado o seu passado em consideração, mas não suspeitei que você tinha passado por tanta dor. Me perdoe."

"Não há nada a perder. Você me deu um presente ao devolver o meu pé. Não sabia das coisas que eu fiz. Não foi culpa sua que eu as tenha feito. Você não sabia que eu sou baneling."

Ele lançou um olhar duro para ela. "Você acha que por ter lutado contra a maldade, você tornou-se má?"

"Eu fiz coisa pior do que um homem como você pode entender."

Zedd assentiu lentamente. "Está bem. Permita que eu conte uma pequena história. Uma vez eu tive um amor, como o seu Pell. O nome dela era Erilyn. O tempo que passei com ela foi como o seu tempo com Pell." Um leve sorriso surgiu em seus lábios, quando sua memória tocou a lembrança daqueles tempos agradáveis. O sorriso murchou. "Até que Panis Rahl mandou um quad atrás dela."

Adie se esticou e colocou uma das mãos sobre a dele. "Zedd, não precisa..."

Zedd desceu o outro punho sobre a mesa, fazendo as xícaras pularem. "Você não pode imaginar o que os quatro fizeram com ela." Ele se inclinou para frente, seu rosto ficando vermelho em contraste com seu cabelo branco. Ele cerrou os dentes. "Eu os cacei. O que eu fiz com cada um deles faria qualquer coisa que você tenha feito com Mathrin parecer brincadeira. Fui atrás de Panis Rahl, mas não consegui chegar até ele, então fui atrás dos exércitos dele. Para cada homem que você matou, Adie, eu matei mil. Mesmo os que estavam do meu lado tinham medo de mim. Eu era o vento da morte. Fiz o que era preciso para deter Panis Rahl. E talvez mais."

Ele jogou o seu peso de volta na cadeira. "Se existe uma coisa como um homem de virtude, você não está sentado com ele agora."

"Você fez apenas o que tinha de fazer. Isso não reduz a sua virtude."

Ele curvou uma sobrancelha. "Palavras sábias, ditas por uma mulher sábia. Talvez devesse escutá-las." Ela ficou em silêncio. Ele colocou os cotovelos na mesa e pegou a xícara lentamente, girando-a nas mãos enquanto continuava. "De certo modo, eu tive mais sorte do que você. Tive mais tempo com minha Erilyn. E não perdi minha filha."

"Panis Rahl não tentou matar sua filha também?"

"Sim. Realmente, ele pensou que matou. Eu... lancei um feitiço da morte. Para fazer eles pensarem que tinham visto a morte dela.

Era o único jeito de protegê-la, de impedir que eles tentassem até conseguir.”

“Um feitiço da morte...” Adie sussurrou uma oração em sua língua nativa. “Essa é uma teia perigosa. Eu não criticaria você por fazer tal coisa, teve um motivo, mas esse tipo de coisa não passa despercebida pelos espíritos.”

“Teve sorte que isso funcionou, e salvou ela. Você foi muito afortunado que os bons espíritos estivessem com você naquele dia.”

“Às vezes eu acho que é difícil dizer para qual dos lados da sorte você está olhando. Criei ela sem uma mãe. Ela havia se tornado uma bela jovem quando isso aconteceu.”

“Darken Rahl estava perto do pai dele quando enviei o Fogo do Mago através da fronteira. Estava perto do pai dele quando meu fogo o encontrou. Parte dele queimou Darken Rahl. Enquanto crescia, ele passou os anos aprendendo, para que pudesse terminar o que seu pai havia começado, e conseguisse a sua vingança. Ele aprendeu como cruzar a fronteira; ele estava vindo para Midlands, e eu não sabia.”

“Ele estuprou minha filha.”

“Ele não sabia que ela era - todos pensavam que minha filha estava morta - ou ele a mataria com certeza.”

“Mas ele a feriu.” Ele apertou a xícara entre as mãos. Ela quebrou. Virou as mãos para cima, para ver se elas estavam cortadas, e ficou um pouco surpreso pois elas não estavam. Adie não falou nada.”

“Depois disso, eu a levei para Westland, para escondê-la, para protegê-la. Nunca soube se foi mais por má sorte, ou se de algum modo a maldade a encontrou, mas ela morreu. Queimada em sua própria casa. Embora eu sempre tenha suspeitado que a ironia foi mais do que coincidência, nunca encontrei provas disso. Talvez, depois de tudo, os bons espíritos não estivessem comigo no dia que eu lancei o feitiço da morte.”

“Sinto muito, Zedd,” Adie falou suavemente.

Ele afastou a pena dela com um movimento da mão. “Eu ainda tinha o garoto dela.” Com o lado do dedo, ele juntou os fragmentos da xícara em uma pequena pilha no centro da mesa da madeira. “O

filho de Darken Rahl. É a semente de um agente do Guardiã. Mas o filho de minha filha também é, e meu neto. Inocente dos crimes que resultaram em sua existência. Um bom garoto.”

Ele olhou para ela por baixo das grossas sobrancelhas. “Acredito que você conhece ele. Seu nome é Richard.”

Adie inclinou na cadeira. “Richard! Richard é seu...” Ela se encostou, balançando a cabeça. “Magos e seus segredos.” Ela fez cara feia, mas então suavizou sua expressão. “Talvez você tenha um bom motivo para um segredo como esse. Richard tem o dom?”

Zedd ergueu as sobrancelhas enquanto balançava a cabeça confirmando. “Realmente ele tem. Essa foi uma razão para que eu o escondesse em Westland. Eu temia que ele tivesse o dom, embora não tivesse certeza, e queria que ele estivesse protegido do perigo. Como você disse, o Guardiã deseja aqueles que possuem o dom mais do que quaisquer outros. Eu sabia que se começasse a ensinar ele, se eu mesmo usasse muita magia, o olhar do perigo estaria sobre ele.”

“Queria deixar ele crescer, tornar-se forte de caráter, antes de testá-lo, e se ele tivesse o dom, ensiná-lo. Sempre suspeitei que ele tinha o dom. Às vezes, desejei que não tivesse. Mas agora sei que ele tem. Ele usou para deter Darken Rahl. Usou magia.”

Ele se curvou para frente. “Suspeito que ele herdou o dom tanto de seu avô quanto de seu pai. De duas linhagens diferentes de magos.”

“Entendo,” foi tudo que ela disse.

“Mas agora temos coisas mais importantes para nos preocupar. Darken Rahl usou as caixas da Orden. Abriu uma, a errada, para ele, pelo menos. Mas talvez a errada para nós também. Tem livros na Fortaleza que falam sobre isso. Eles avisam que se as caixas forem usadas, se a Magia de Orden for usada, e até mesmo se a pessoa que ativar elas cometer um erro e isso o matar, ainda poderá rasgar o véu.”

“Adie, não sei tanto sobre o submundo quanto você. Você estudou isso a maior parte de sua vida. Preciso de sua ajuda. Preciso que venha comigo até Aydindril para estudar os livros e ver o que pode ser feito. Eu li vários e não entendo muito do significado

deles. Talvez você entenda. Mesmo se enxergar apenas uma coisa que eu deixei passar, poderia ser importante.”

Ela olhou para a mesa com uma expressão triste. “Sou uma mulher velha. Sou uma mulher velha que recebeu o Guardiã dentro de meu coração.”

Zedd observou-a, mas ela não encarou os olhos dele. Ele empurrou a cadeira para trás e levantou. “Uma mulher velha? Não. Uma mulher tola, talvez.” Ela não respondeu. Seu olhar continuou voltado para a mesa.

Zedd caminhou pela sala e inspecionou os ossos pendurados na parede. Juntou as mãos por trás das costas enquanto estudava os talismãs dos mortos.

“Talvez então eu seja apenas um homem velho. Hum? Um homem velho tolo. Talvez eu deva deixar um jovem fazer esse trabalho.”

Ele olhou por cima dos ombros. Ela o estava observando. “Mas se um jovem é bom, então um mais jovem ainda fosse melhor. Na verdade, porque não deixar uma criança fazer isso? Isso seria melhor ainda. Talvez tenha um garoto de dez anos em algum lugar que estará disposto a fazer alguma coisa para impedir os mortos de engolir os vivos.”

Ele jogou as mãos para o ar. “De acordo com você, poderia parecer, que o conhecimento não tem utilidade alguma, só a juventude.”

“Agora você está sendo tolo, velho. Sabe o que eu quero dizer?”

Zedd andou de volta até a mesa e balançou seus ombros magros. “Se você apenas sentar aqui nessa casa ao invés de ajudar com o que você sabe, então poderá mesmo ser a coisa que você mais teme: uma agente do Guardiã.”

Ele colocou as articulações dos dedos na mesa e olhou fixamente para ela. “Se não lutar contra ele, então você o ajuda. Esse tem sido o plano dele o tempo todo. Não levar você para o lado dele, mas fazer você ter medo de impedir ele.”

Ela olhou dentro dos olhos dele, a inquietação tomando conta de sua expressão. “O que você quer dizer?”

“Ele já fez tudo que precisava, Adie. Fez você ter medo de si mesma. O Guardião tem uma eternidade de paciência. Ele não precisa que você trabalhe para ele. É preciso esforço para conquistar alguém com o dom. Você não valia esse esforço. Ele só precisava que você não trabalhasse contra ele. Ele fez tudo que era necessário. Não desperdiçou um esforço para fazer mais.”

“De algumas maneiras ele é tão cego em relação a esse mundo quanto nós somos com o dele. Ele tem apenas muita influência aqui; deve escolher suas tarefas com cuidado. Ele não gasta o poder que tem aqui de modo frívolo.”

A percepção tomou o lugar da inquietação. “Talvez você não seja um velho tão tolo.”

Zedd sorriu enquanto empurrou a cadeira para frente e sentou. “Essa sempre foi minha opinião.”

Com as mãos pousadas no colo, Adie observou o tampo da mesa como se estivesse esperando que isso lhe ajudasse. A casa estava silenciosa, a não ser pelo leve estalar do fogo na lareira. “Todos esses anos, a verdade estava escondida bem debaixo do meu nariz.” Ela levantou a cabeça, mostrando uma expressão de confusão no rosto. “Como você ficou tão sábio?”

Zedd encolheu os ombros. “Uma das vantagens de ter vivido por tanto tempo. Você vê a si mesma apenas como uma mulher velha.”

“Eu vejo uma pessoa impressionante que aprendeu muito em seu tempo nesse mundo, e ganhou sabedoria com o que viu.”

Ele tirou a rosa amarela do cabelo dela e segurou-a diante dela. “Sua delicadeza não é uma máscara, cobrindo um núcleo ruim. Ela floresce da beleza interior.”

Ela tirou a flor dos dedos dele e colocou sobre a mesa. “Sua língua esperta não pode encobrir o fato de que eu desperdicei minha vida...”

Zedd balançou a cabeça, interrompendo-a. “Não. Você não desperdiçou nada. Simplesmente ainda não viu o outro lado das coisas. Na magia, em todas as coisas, há um equilíbrio se procurarmos por ele. O Guardião fez o que fez, enviando até você um baneling, para impedir você de interferir no trabalho dele, e para

plantar uma semente da dúvida em você que talvez um dia fizesse você virar para o lado dele.”

“Mas até nisso, também havia algo para equilibrar o que ele fez. Você veio até aqui para aprender sobre o mundo dos mortos para entrar em contato com seu Pell. Não percebe, Adie? Você foi manipulada para evitar que interferisse nos planos do Guardiã, mas ao fazer isso, o equilíbrio é que você aprendeu coisas que podem ajudar a impedir ele. Não deve se render ao que ele fez com você; deve revidar com o que ele deu a você inadvertidamente.”

Os olhos dela brilharam enquanto ela olhava pela casa, observando a pilha de ossos, as paredes cobertas com talismãs dos mortos que ela havia coletado através dos anos, e para as prateleiras que guardavam mais ainda. “Mas o meu juramento... meu Pell. Eu tenho que alcançar ele, contar para ele. Ele morreu pensando eu o traí. Se eu não conseguir me redimir aos olhos dele, então estarei perdida, meu coração estará perdido. Se eu estiver perdida, então o Guardiã vai me encontrar.”

“Pell está morto, Adie. Ele se foi. A fronteira, a passagem, se foram. Você saberia melhor do que eu se isso tivesse qualquer utilidade no que você queria fazer, mas em todos esses anos, não encontrou um meio de fazer isso. Se deseja continuar a perseguir seu juramento, não encontrará ajuda alguma aqui. Talvez em Aydindril, você encontre.”

“Ajudar a deter o Guardiã não significa que eu devo quebrar o juramento que fiz para si mesma. Se o meu conhecimento e auxílio puderem ser de qualquer ajuda no que você busca, eu ofereço alegremente. Assim como você conhece coisas que eu não conheço, sei de coisas que você não sabe.”

“Afinal de contas, eu sou o Primeiro Mago. Talvez o que eu sei possa ajudá-la. Pell não gostaria que levasse até ele a mensagem de que não o traiu, se isso significasse que deverá trair todos os outros.”

Adie pegou a flor amarela, girando-a entre o indicador e o polegar por um momento antes de colocar na mesa novamente. Segurando nas bordas da mesa, ele levantou. Ficou parada por um

momento, e então levantou a cabeça para olhar pela sala mais uma vez com seus olhos brancos.

Alisando seu manto nos quadris, como que para ficar apresentável, ela mancou ao redor da mesa para ficar atrás da cadeira dele. Zedd sentiu as mãos dela repousando nos ombros dele. Inesperadamente, ela se curvou e beijou a parte de cima da cabeça dele e alisou o cabelo rebelde dele com dedos suaves. Zedd estava aliviado que os dedos não desceram até sua garganta. Ele pensou que isso poderia acontecer, depois de algumas das coisas que tinha falado.”

“Obrigada, meu amigo, por escutar minha história, e por ajudar a encontrar o um sentido nela. Meu Pell teria gostado de você. Vocês dois são homens de honra. Aceito sua palavra de que vai me ajudar a falar com meu Pell.”

Zedd girou na cadeira e levantou o rosto na direção do sorriso suave e dos olhos gentis dela. “Farei o que eu puder para ajudá-la a manter seu juramento. Você tem meu juramento nisso.”

O sorriso dela aumentou enquanto ela ajustava um tufo desgarrado do cabelo branco dele. “Agora. Fale sobre a Pedra das Lágrimas.”

“Temos que decidir o que deve ser feito com ela.”

CAPÍTULO 23



“A Pedra das Lágrimas? Bem, ela está escondida.”

Ela assentiu apenas uma vez, com firmeza. “Bom. Isso não é uma coisa que deva ficar solta nesse mundo.” A testa dela franziu um pouco. “Ela está bem escondida? Está segura?”

Zedd se encolheu um pouco. Ele não queria falar para ela, sabia o que ela diria, mas tinha prometido. “Coloquei em uma corrente. Coloquei em uma corrente e pendurei no pescoço de uma garotinha. Não sei... exatamente... onde ela está nesse momento.”

“Você a tocou!” Os olhos de Adie arregalaram. “A Pedra das Lágrimas? Você a tocou, e pendurou ela no pescoço de uma garotinha!”

Ela agarrou com firmeza o queixo dele em seus dedos repentinamente poderosos e aproximou-se do rosto dele. “Você pendurou a Pedra das Lágrimas, a Pedra que dizem ter sido pendurada pelo próprio Criador no pescoço do Guardião para aprisioná-lo no submundo... você pendurou ela no pescoço de uma garotinha? E deixou ela perambular por aí!”

Zedd fez uma careta tentando se defender. “Bem, eu tinha que fazer alguma coisa com ela. Não podia simplesmente deixar ela encostada em algum lugar.”

Adie bateu com a palma da mão na testa. “Justamente quando ele me faz acreditar que é um sábio, ele mostra que na verdade é mesmo um tolo. Queridos espíritos, salvem-me das mãos nas quais vocês me colocaram.”

Zedd ficou de pé rapidamente. “E o que você teria feito com ela!”

“Bem, certamente teria pensado a respeito disso mais do que você parece ter feito. E não teria tocado nela! É uma coisa de outro

mundo!” Ela virou as costas para ele, balançando a cabeça e sussurrando coisas em sua língua estrangeira.

Zedd ajustou seu manto, esticando-a com um puxão firme. “Eu não tive o luxo do tempo para pensar mais nisso. Nós fomos atacados por um screeling. Se eu tivesse deixado ela ali...”

Adie deu meia volta. “Um screeling! Você está cheio de boas notícias, velho.” Ela enfiou um dedo no peito dele.

“Isso ainda não é uma boa desculpa. Ainda não deveria ter...”

“Não deveria ter o quê? Não ter recolhido ela? Ao invés disso eu deveria ter deixado o screeling pegar?”

“Screelings são assassinos. Eles não estavam ali para pegar a Pedra.”

Zedd apontou um dedo para ela. “Você sabe disso? Tem certeza? Estaria disposta a arriscar tudo nisso? E se estivesse errada, deixaria o Guardião pegar a Pedra para fazer o que ele desejasse com ela?”

“Tem tanta certeza assim, Adie?”

A mão dela abaixou enquanto olhava para a careta dele. “Não. Acho que não. Poderia ser como você diz. Há uma chance de que o screeling pudesse ter pego ela. Talvez você tenha feito a única coisa que poderia.” Ela balançou o dedo para ele. “Mas pendurar ela no pescoço de uma garotinha...!”

“E onde queria que eu guardasse ela? Em meu bolso? No bolso de um mago? No bolso de alguém com o dom, onde o Guardião certamente iria procurar? Ou talvez você pense que eu deveria ter escondido, em um lugar que só eu conheço, e se um baneling colocasse as mãos em mim e de algum modo me obrigasse a falar, eu pudesse dizer a ele onde seria, então ele poderia ir até lá e pegar?”

Adie cruzou os braços murmurando uma praga. Finalmente a expressão dela relaxou. “Bem... talvez...”

“Talvez nada. Eu não tive escolha. Foi um ato de desespero. Fiz a única coisa que poderia fazer, dadas as circunstâncias.”

Ela soltou um suspiro cansado, então assentiu. “Você está certo, mago. Fez o melhor que poderia ter feito.” Ela tocou no ombro

dele. "Não importa o quanto foi tolo," ela adicionou baixinho. A mão dela deu um suave empurrão."

"Sente. Permita que eu mostre uma coisa."

Zedd sentou enquanto observava ela mancar pela sala na direção das prateleiras. "Eu preferia ter feito outra coisa, Adie," ele disse com pesar, "do que o que eu tive de fazer."

Ela assentiu enquanto caminhava. "Eu sei...." Ela parou e virou. Um screeling, você diz?" Zedd confirmou. "Tem certeza que era um screeling?" Ele curvou uma sobrancelha. "Sim, é claro que tem certeza." Ela ficou pensativa, franzindo a testa.

"Screelings são os assassinos do Guardiã. Eles são decididos, e extremamente perigosos, mas não são muito espertos. Eles precisam de algo para lhes mostrar aquele que estão perseguindo, uma maneira de encontrá-lo. Não são bons em procurar nesse mundo. Como o Guardiã saberia onde você está? Como o screeling saberia como encontrá-lo? Como saberia que era atrás de você que deveria ir?"

Zedd encolheu os ombros. "Não sei. Eu estava onde as caixas foram abertas. Mas fazia algum tempo desde que isso tinha acontecido. Não haveria jeito de saber que eu ainda estava lá."

"E você destruiu o screeling?"

"Sim."

"Isso é bom. O Guardiã não vai desperdiçar o esforço para enviar outro, não depois de você provou ser capaz de derrotá-lo."

Zedd jogou as mãos para cima. "Oh, sim, isso é maravilhoso. Screelings são enviados para eliminar uma ameaça ao Guardiã. Provavelmente ele foi enviado para livrar o Guardiã da minha intromissão, do mesmo modo como o Guardiã enviou um baneling para se livrar da sua interferência. Você está certa: ele não vai mandar outro screeling, agora que provei que posso derrotá-lo. Vai mandar algo pior."

"Se ele realmente foi enviado atrás de você." Ela encostou um dedo no lábio inferior enquanto resmungava para si mesma. "Onde estava a Pedra quando você a encontrou?"

"Perto da caixa que tinha sido aberta."

"E onde apareceu o screeling?"

“Na mesma sala das caixas, na mesma da Pedra.”

Ela balançou a cabeça confusa. “Talvez pudesse ser como você diz, que ele veio pegar a Pedra, mas não faz sentido algum para um screeling vir atrás da Pedra. Fico imaginando como ele encontrou você.” Ela mancou na direção das prateleiras. “Alguma coisa tinha de guiar ele.”

Equilibrando-se na ponta dos dedos, ela olhou no fundo de uma prateleira, empurrando cuidadosamente para o lado diversos objetos, finalmente trazendo o que procurava. Segurando a coisa em uma das mãos, ela mancou de volta e colocou-a devagar sobre a mesa. Era um pouco maior do que um ovo de galinha, arredondada, e escurecida pelo tempo com uma pátina profunda que era marrom escura em suas ranhuras. Era habilmente entalhada na forma de uma besta maligna, toda redonda, mas que observava com olhos que pareciam acompanhar você não importa em que posição ela estivesse. Parecia ser de osso, e muito antiga.

Zedd segurou-a, testando seu peso. Era muito mais pesada do que ele pensava que deveria ser. “O que é isso?”

“Uma mulher, uma feiticeira, deu isso a mim quando fui até ela, para aprender. Ela estava em seu leito de morte. Ela perguntou se eu sabia do skrin. Falei para ela o que eu sabia. Ela suspirou aliviada, e então disse algo que fez minha pele formigar. Ela falou que esteve esperando por mim, como as profecias disseram que ela fizesse. Ela colocou isso na minha mão, dizendo que era feita do osso de um skrin.”

Adie balançou a mão na direção das paredes, e então na direção da pilha de ossos. “Eu tenho um skrin inteiro aqui, entre os ossos. Uma vez eu lutei com um, na passagem. Os ossos dele estão aqui. O crânio dele está na prateleira. Foi aquele que caiu no chão.”

Ela colocou um dedo fino na esfera de osso entalhada na mão de Zedd enquanto inclinava na direção dele e baixava sua voz. “Isso, a velha falou, deve ser guardado, por alguém que entende. Disse que isso era da magia antiga, feito por antigos magos, possivelmente com suas mãos guiadas pelo próprio Criador. Feito por causa das profecias.”

“Ela disse que essa pode ser a coisa de magia mais importante que eu tocara. Que isso possui mais poder do que ela ou eu jamais entenderíamos. Falou que é feita de osso do skrin, e da força do skrin, que é um talismã importante caso o véu esteja em perigo.”

“Perguntei como deveria ser usado, como a magia funcionava, e como tinha chegado nas mãos dela. Ela estava bastante cansada por causa da excitação que eu causei ao encontrar com ela, e disse que precisava descansar. Pedi que eu voltasse de manhã e ela contaria tudo que sabia. Quando eu voltei, ela estava morta.” Adie lançou um olhar expressivo para ele. “A morte dela foi um pouco oportuna demais para o meu gosto.”

Zedd havia formulado o mesmo pensamento. “Mas você não tem ideia alguma do que é isso, ou como deve ser usado?”

“Não.”

Zedd já estava usando magia para erguê-lo em um colchão de ar, fazendo ele flutuar no espaço, observando ele girar lentamente. O tempo todo os olhos finamente entalhados da besta olhavam de volta enquanto a bola girava diante dele. “Você já tentou usar alguma magia nele?”

“Tive medo de tentar.”

Zedd manteve suas mãos uma de cada lado do objeto flutuante, sondando suavemente com diferentes tipos de força, diferentes tipos de magia, fazendo-as virar e deslizar sobre o osso arredondado, testando, procurando cuidadosamente por uma fenda, uma proteção, um gatilho.

A coisa causava a sensação mais estranha. A magia refletia como se não tivesse tocado nada, como se a coisa não estivesse ali. Talvez pudesse ser um escudo que ele nunca tinha visto. Aumentou a força. Ela deslizou no objeto como um novo sapato de couro sobre o gelo.

Adie apertou as mãos. “Acho que você não deveria.”

A chama da lamparina apagou. Uma fina linha de fumaça oleosa subiu girando do pavio morto repentinamente. A sala foi deixada nas sombras bruxuleantes lançadas pelo fogo na lareira. Zedd fez uma careta para a lamparina escura.

Um barulho repentino fez os dois moverem as cabeças de um lado para outro. O crânio rolou pelo chão na direção em que eles estavam sentados. A meio caminho, ele balançou e parou, com a parte superior voltada para cima. As aberturas dos olhos vazias voltadas para os dois. Presas compridas repousando no chão de madeira.

A bola de osso entalhado bateu na mesa, saltando duas vezes, enquanto Zedd e Adie levantaram depressa.

“Que coisa tola você fez, velho?”

Zedd olhava fixamente para o crânio. “Não fiz coisa alguma.”

Mais ossos caíram das prateleiras. Ossos que estavam pendurados nas paredes foram ao chão, alguns pulando e girando no ar enquanto batiam.

Zedd e Adie viraram para olhar uma agitação atrás deles. A pilha de ossos espalhou, ossos caindo e rolando uns por cima dos outros enquanto a pilha se abria. Alguns dos ossos, como se estivessem vivos, deslizaram ou rolaram pelo chão, na direção do crânio. Dançando pelo chão, um osso de costela encostou na perna de uma cadeira e deu um giro, mas continuou em frente.

Zedd virou para Adie, mas ela estava correndo até a prateleira acima do balcão atrás da mesa, aquele que estava coberto pela toalha com listras azuis e amarelas.

“Adie, o que você está fazendo? O que está acontecendo?”

Ossos reuniram-se em um número crescente ao redor do crânio.

Ela puxou a toalha, arrancando-a dos ganchos. “Saia! Antes que seja tarde demais!”

“O que está acontecendo!”

Jarras e latas chocaram-se quando ela empurrou-as para o lado. Ela enfiou a mão por uma prateleira, os dedos procurando cegamente. Caixas bateram no chão. Uma jarra virou, despedaçando-se na beira do balcão, lançando estilhaços cintilantes de vidro em cima da mesa e das cadeiras. Da jarra, uma massa espessa, escura, gotejou pela borda do balcão, carregando pedaços de vidro com ela, fazendo ela parecer nada mais do que um ouriço que derretia.

“Faça como eu digo, mago! Saia! Agora!”

Zedd correu na direção dela, vidro sendo triturado sob os seus pés. Ele parou repentinamente quando olhou por cima do ombro na direção do crânio.

Estava ao nível dos olhos dele, ossos reunindo-se e conectando-se enquanto aquilo se erguia no ar. Alguns ossos de costela formaram fila, vértebras se alinharam, apareceram garras pontudas, ossos de pernas levantaram de cada lado. A mandíbula encaixou no lugar enquanto o crânio subia em direção ao teto.

Zedd girou na direção de Adie, segurou-a pelo braço, puxando-a na direção dele. Ela se afastou do balcão segurando uma pequena lata na outra mão.

“Adie, o que está acontecendo!”

A cabeça dela levantou depressa na direção do crânio que se aproximava do teto. “O que você vê?”

“O que eu vejo! Danação, mulher! Vejo um monte de ossos ganhando vida!”

Os ombros do skrin curvaram enquanto a coisa cresceu com a adição de mais ossos. Mais ainda estavam deslizando pelo chão na direção dele.

Adie olhou para ele assustada. “Eu não vejo ossos. Vejo carne.”

“Carne! Danação! Pensei que tinha falado que matou aquela coisa.”

“Eu disse que lutei com um. Não sei se um skrin pode ser morto. Não acho que eles estejam vivos. Você está certo sobre uma coisa, mago: uma vez que você foi capaz de derrotar um screeling, o Guardião mandou algo pior.”

“Como ele sabia onde nós estávamos? Como o skrin sabe onde estamos? Todos esses ossos deveriam nos esconder!”

“Não sei. Não consigo entender como...”

Um braço esquelético moveu-se na direção deles. Zedd recuou, puxando-a com ele. Mais ossos se uniram.

Adie estava abrindo a lata freneticamente enquanto ele arrastava ela em volta da mesa. A tampa saiu, caindo no chão, girando como um pião. O skrin deu um bote, baixando um braço. Com um estalo alto, a mesa fragmentou-se em lascas.

A bola entalhada pulou pelo chão. Zedd tentou agarrá-la com magia, mas foi como tentar pegar uma semente de abóbora com os dedos cheios de óleo. Ele tentou segurá-la com ar comprimido em volta dela, mas ela escapuliu e rolou para o canto.

O esqueleto do skrin saltou neles. Os dois se agacharam enquanto ele a puxava para trás. Zedd levantou-a enquanto ela enfiava a mão na pequena lata. O skrin estava tendo dificuldade para se mover rapidamente; tinha ficado muito grande para ficar debaixo do teto.

As mandíbulas da besta abriram, como que para rugir. Nenhum som foi emitido, mas Zedd sentiu uma rajada de ar. Isso fez o manto dele balançar e voar como se estivesse ao vento.

A mão de Adie saiu da lata, atirando areia branca cintilante na besta.

Areia de feiticeira. A mulher tola tinha areia de feiticeira.

O skrin recuou um passo, assustado, balançando a cabeça. Ele se recuperou em um instante, lançando-se para frente outra vez. Zedd liberou uma bola de fogo. Ela passou entre os ossos para espalhar líquido flamejante contra a parede. As línguas de fogo apagaram, deixando para trás uma mancha de fuligem. Zedd tentou ar, já que fogo não funcionou. Não teve efeito algum.

Os dois andaram para o lado pela sala quando a besta girou para atacar novamente. Zedd tentou diferentes elementos de magia enquanto arrastava Adie junto com ele. Ela ignorou o perigo enquanto derramava na mão o resto da areia de feiticeira. Quando o skrin deu outro rugido silencioso, ela jogou a areia com um encantamento estranho. O jato de ar do rugido morreu quando ela falou as palavras. O skrin pareceu inalar, absorvendo a areia cintilante. As mandíbulas fecharam quando a cabeça recuou.

“Isso é tudo que eu tenho,” ela falou. “Espero que seja suficiente.”

O skrin balançou a cabeça, então cuspiu a areia em uma nuvem de fagulhas. Tentou alcançá-los novamente, mas quando tocou na manga dela ela afastou o braço. Zedd tentou jogar lenha e cadeiras voando na besta de ossos, tentando distraí-la enquanto ela corria dando a volta por trás dela. Elas simplesmente ricochetearam.

Enfiando uma das mãos dentro de um bolso, ele tirou um punhado de sua própria areia cintilante. Com um movimento rápido, atirou-a no meio da coleção de ossos diante dele.

Isso não teve mais efeito do que teve a areia de feiticeira de Adie. Nada que ele pudesse fazer parecia causar muita distração, e logo ela virou sua atenção para Adie. Ela estava retirando um osso antigo da parede. Penas balançavam em uma ponta, tiras de contas vermelhas e amarelas na outra.

Zedd agarrou um osso do braço, mas a besta jogou ele longe.

Enquanto o skrin cambaleou na direção dela, ela balançou o osso para a coisa, lançando feitiços em sua própria língua. O skrin tentou morder. Ela recolheu a mão bem na hora para salvá-la, mas não o talismã de osso. Ele foi partido ao meio.

Era isso. Ele não tinha a menor ideia de como lutar com a coisa, e Adie não estava obtendo nenhum sucesso. Ele mergulhou por baixo da cabeça na direção dela, rolando e ficando em pé.

“Vamos lá! Temos que dar o fora daqui!”

“Não posso ir. Tem coisas de grande valor aqui.”

“Pegue o que puder, estamos partindo.”

“Pegue o osso arredondado que mostrei a você.”

Zedd tentou se esquivar e seguir até o canto, mas o skrin mordeu e lançou as patas com garras para ele.

Ele revidou com disparos de todo tipo de magia que tinha. Antes que percebesse, estava perdendo terreno, e não tinha mais lugar algum para recuar.

“Adie, temos que sair agora!”

“Não podemos deixar aquele osso! Ele é importante para o véu!”

Ela correu até o canto. Zedd tentou segurá-la mas errou. O skrin também quase conseguiu. Tocou nela com uma garra, abrindo um corte no braço dela. Ela gritou enquanto se jogou contra a parede, ricocheteando para esparramar-se no chão. Mais ossos caíram ao redor dela.

Zedd agarrou a bainha do manto, arrastando-a de volta enquanto garras raspavam na parede, errando por pouco a cabeça

dele. Adie colocou as mãos no chão, tentando se afastar dele, tentando alcançar o osso redondo no canto.

O skrin ergueu-se sobre as patas traseiras com um rugido silencioso. O teto rasgou e abriu quando a besta ficou em sua altura total. Lascas e grandes pedaços de madeira choveram. Garras atacaram loucamente, despedaçando a madeira das paredes. Presas rasgaram o telhado. Zedd puxou Adie na direção da porta enquanto ela lutava com ele.

“Tem coisas aqui que eu devo pegar! Coisas importantes! Levou uma vida para encontrá-las!”

“Não há tempo, Adie! Não podemos salvá-las agora!”

Ela escapou das mãos dele, atirando-se na direção dos talismãs de osso na parede. O skrin foi atrás dela. Zedd usou magia para puxá-la de volta. Agarrou-a com os dois braços e caiu para trás com ela através da porta no momento exato em que uma garra a fez em pedaços.

Eles levantaram. Zedd correndo aos tropeções, arrastando-a enquanto ela lutava contra ele. Ela tentou usar magia nele, mas ele se protegeu contra ela. O ar da noite estava gelado. Nuvens criadas pela respiração deles espalhavam-se com o vento frio enquanto corriam e lutavam um contra o outro.

Adie chorou como uma mãe vendo sua criança sendo massacrada. Os braços dela, um deles ensopado de sangue, esticaram-se na direção da casa. “Por favor! Minhas coisas! Não posso deixar elas! Você não entende! Elas são magia importante!”

O skrin rasgou as paredes para sair, para alcançar os dois.

“Adie!” Ele puxou o rosto dela bem perto do rosto dele. “Elas não servem para nada com você morta. Voltaremos para pegá-las, depois que escaparmos daquela coisa.”

O peito dela pulsava. Lágrimas rolaram em seus olhos. “Por favor, Zedd. Por favor, meus ossos. Você não entende.”

“Eles são importantes. Eles possuem magia. Podem nos ajudar a fechar o véu. Se eles caírem nas mãos erradas...”

Zedd assobiou chamando o cavalo. Ele estava se movendo novamente, arrastando-a com ele. Ela protestou a cada passo do caminho.

“Zedd, Por favor! Não faça isso! Não deixe eles!”

“Adie! Se nós morrermos, não poderemos ajudar ninguém!”

A égua chegou galopando, parou derrapando. Os olhos arregalados dela giraram quase em pânico quando ela viu a coisa saindo através das paredes da casa, despedaçando e mordendo tábuas e vigas. Ela relinchou assustada, mas manteve terreno enquanto Zedd segurou sua crina e atirou-se em sua costa, ajudando Adie a subir atrás dele.

“Vá! Voe como o vento, garota!”

Cascos lançaram fragmentos de terra e musgo no ar quando a égua saltou, presas mordendo ao lado dela.

Zedd inclinou-se para frente, Adie agarrou na cintura dele enquanto eles galopavam dentro da escuridão. O skrin estava a menos de dez passos atrás deles, e parecia ser tão veloz quanto a égua. Pelo menos não era mais rápido. Zedd podia ouvir os dentes mordendo. A égua relinchava quando ele fazia isso, esforçando-se para correr com tudo que tinha. Ele imaginou quem poderia correr por mais tempo, a égua ou o skrin, e estava com medo de saber a resposta.

CAPÍTULO 24



Irmã Verna estava sentada do outro lado da pequena fogueira, escrevendo no pequeno livro que ela guardava enfiado por trás do cinto. Ela observou por baixo das sobancelhas. “Você tocou o seu Han, não foi?”

“Não,” ele admitiu. As pernas dele estavam doendo. Ele devia estar sentado sem se mover por pelo menos uma hora. “Mas estou dizendo, acho que está vindo alguém.”

Eles fizeram isso todas as noites, e dessa vez não foi diferente. Ele sentava e imaginava a espada, em um fundo branco, e tentava alcançar o lugar dentro de si mesmo que ela disse que estava lá, mas ele não conseguia achar, enquanto ela observava, ou escrevia em seu pequeno livro, ou tocava o próprio Han dela. Ele não tinha visualizado a espada em um quadrado negro com uma borda branca desde a primeira noite. Não tinha desejo algum de visitar aquele pesadelo.

“Estou começando a pensar que não sou capaz de tocar o meu Han. Estou tentando o melhor que posso, mas simplesmente não está funcionando.”

Ela aproximou o livro do rosto sob a luz da lua e voltou a escrever. “Já falei para você, Richard, isso é algo que leva tempo. Você ainda não começou a ter prática o bastante. Não fique desanimado.”

“Isso acontece quando acontece.”

“Irmã Verna, estou dizendo, está vindo alguém.”

Ela continuou escrevendo. “E se não consegue tocar o seu Han, Richard, como saberia isso? Humm?”

“Não sei.” Ele passou os dedos pelo cabelo. “Passei muito tempo sozinho na floresta. Às vezes eu simplesmente podia sentir

quando tinha alguém perto. Você nunca sabe quando alguém está perto? Nunca sentiu os olhos de alguém sobre você?"

"Somente com ajuda do meu Han," ela falou enquanto escrevia.

Ele observou enquanto a luz do fogo ondulou pelo rosto desapassionado dela. "Irmã Verna, você disse que estávamos em terras perigosas. Estou dizendo, alguém está vindo."

Ela folheou pelo livro, olhando rapidamente enquanto lia na luz fraca. "E a quanto tempo você sabe disso, Richard?"

"Eu falei logo que tive a sensação, faz apenas um momento."

Ela colocou o livro no colo e levantou os olhos. "Mas você diz que não tocou o seu Han? Não sentiu nada dentro de si mesmo? Não sentiu poder algum? Não viu nenhuma luz? Não sentiu o Criador?" Os olhos dela estreitaram. "É melhor que não esteja mentindo para mim, Richard. É melhor nunca mentir para mim sobre tocar o seu Han."

"Irmã Verna, você não está escutando! Tem alguém vindo!"

Ela fechou o livro. "Richard, eu sabia que alguém se aproximava desde que você começou a praticar."

Ele olhou para ela surpreso. Então porque estamos apenas sentados aqui?"

"Não estamos apenas sentados aqui. Você está praticando tentando alcançar o seu Han, e eu estou cuidando dos meus assuntos."

"Porque não falou nada ? Você disse que essa terra é perigosa."

Irmã Verna suspirou e começou a enfiar o livro de volta atrás do seu cinto largo. "Porque eles ainda estavam longe. Não havia mais nada para fazer a não ser continuar. Você precisa da prática. Deve continuar tentando até que seja capaz de tocar o seu Han." Ela balançou a cabeça com resignação. "Mas suponho que agora você esteja agitado demais para continuar. Eles ainda estão a dez ou quinze minutos de distância; podemos começar a arrumar nossas coisas."

"Porque agora? Porque não partimos logo que você sentiu a presença deles?"

“Porque nós fomos localizados. Uma vez que fomos descobertos, não tem jeito de escapar dessas pessoas.”

“Essa é a terra deles; não conseguiríamos correr mais rápido que eles. Provavelmente foi uma sentinela que nos encontrou.”

“Então porque agora você quer arrumar as coisas para ir embora?”

Ela observou ele como se ele fosse irremediavelmente estúpido. “Porque não podemos passar a noite aqui depois que matarmos eles.”

Richard ficou em pé dando um pulo. “Matar eles! Você nem sabe quem está vindo, e já planeja matar eles?”

Irmã Verna levantou, arrumando-se, e olhou nos olhos dele. “Richard, fiz o melhor que pude para evitar isso. Nós vimos mais alguém antes de agora? Não. Mesmo que essas pessoas cubram essa terra como um enxame de formigas raivosas, não vimos ninguém. Eu nos conduzi entre qualquer um que eu pudesse sentir com meu Han, no esforço de evitar contato. Fiz o melhor para evitar problema. Às vezes, mesmo quando você faz o melhor, o problema não pode ser evitado. Não quero matar essas pessoas, mas eles estão com a intenção de nos matar.”

Certamente isso explicava porque estiveram viajando em uma rota tão peculiar. Embora estivessem seguindo firmemente para sudeste durante semanas, tinham feito isso de uma forma estranha. Sem jamais explicar, ela os tinha direcionado primeiro por um caminho, então por outro, retrocedendo ocasionalmente, mas sempre, de modo inflexível, para sudeste.

A terra pobre havia ficado progressivamente mais rochosa e mais desolada. Ele não tinha se preocupado em perguntar sobre a rota deles porque não achava que ela diria, e porque não se importava. Para todo lugar que fossem, ele ainda era um prisioneiro.

Richard coçou sua nova barba enquanto começava a chutar terra sobre o fogo. Era uma noite quente, como a maioria havia sido ultimamente. Ficou imaginando o que tinha acontecido com o inverno. “Ainda nem sabemos quem são eles. Não pode simplesmente sair matando qualquer um que aparecer.”

“Richard.” Ela juntou as mãos. “Nem todas as Irmãs que tentam voltar conseguem ter sucesso. Muitas são mortas tentando cruzar essas terras. Em cada um dos casos, havia três Irmãs. Sou apenas uma. As chances não são boas.”

Os cavalos relincharam e começaram a ficar agitados, balançando as cabeças e batendo os cascos. Richard amarrou o baldrié no ombro. Certificou-se de que a espada estava bem posicionada em sua bainha.

“Você estava errada, Irmã, em não tentar fugir logo que soube. Se você tiver que lutar, deveria ser porque não tem outro jeito. Você nem tentou.”

Com as mãos ainda unidas, ela ficou olhando para ele. Sua voz foi suave mas firme. “Essas pessoas estão com intenção de nos matar, Richard. Nós dois. Se tivéssemos tentado fugir, esse teria alertado os outros, e trariam centenas, milhares, para nos derrubar. Não fugi para incentivar esse a tentar fazer o serviço ele mesmo, então poderemos acabar com a ameaça.”

“Não vou matar pessoas por você, Irmã Verna.”

Enquanto olhavam um para o outro, escutaram um grito: um grito de mulher. Ele ficou olhando fixamente dentro da noite, tentando ver nas sombras dos cones rochosos, tentando ver de onde o grito veio. Não conseguiu ver ninguém, mas os gritos e o choro estavam se aproximando.

Richard chutou terra sobre as últimas chamas e correu até os cavalos, acalmando-os com palavras tranquilizadoras e toques gentis. Ele não se importava com o que ela falou, não mataria pessoas por causa das palavras dela. A mulher estava louca para não tentar escapar.

Provavelmente ela queria uma luta, só para ver o que ele faria. Estava sempre observando ele como se ele fosse um inseto em uma caixa. Ela o questionava toda vez que ele praticava tentando tocar o Han. Seja lá o que fosse o Han, não tinha conseguido senti-lo, muito menos tocá-lo ou invocar ele. Tanto quanto ele se preocupava, achava melhor assim.

Richard estava seguindo na direção dos alforjes, para juntar o resto das coisas deles, quando uma mulher saiu correndo do meio

da noite. A capa esvoaçando atrás dela, e chorando de terror, ela correu precipitando-se no acampamento deles. Ela soltou um gemido e correu até ele desesperadamente.

“Por favor!” ela gritou. “Por favor, me ajude! Por favor, não deixe eles me pegarem!”

O cabelo solto dela esvoaçava enquanto ela corria. O pavor em seu rosto fez subir um calafrio na espinha de Richard. Ela tropeçou quando chegou perto dele. Richard segurou nos braços a forma frágil dela. O rosto sujo dela estava com listras formadas pelo suor e pelas lágrimas.

“Por favor, senhor,” ela soluçou, olhando para ele com olhos escuros, “por favor, não deixe eles me pegarem. Não sabe o que aqueles homens farão comigo.”

A mente de Richard encheu-se com o medo de lembrar de Kahlan sendo perseguida pelos quads. Lembrou de como ela ficou aterrorizada com aqueles homens, e como ela havia falado quase as mesmas palavras: Não sabe o que aqueles homens farão comigo.

“Ninguém vai pegar você. Está segura agora.”

Os braços da mulher saíram debaixo da capa dela, deslizando em volta dele. Os olhos escuros dela continuaram nos dele enquanto ele segurava o peso dela.

Ela abriu a boca como se fosse falar, mas ao invés disso soltou um leve gemido e tremeu. Luz pareceu brilhar dentro dos olhos dela. Ela ficou mole e pesada nos braços dele.

Richard observou o olhar determinado da Irmã Verna quando ela arrancou a faca prateada das costas da mulher. Richard sentiu que deixava o peso morto da mulher deslizar até o chão. A mulher desabou e rolou ficando deitada de costas.

O ar da noite foi cortado pelo som do aço quando Richard sacou a espada.

“Qual é problema com você?” ele sibilou. “Acabou de assassinar essa mulher.”

Irmã Verna devolveu o olhar raivoso dele. “Pensei que tinha falado que não possuía tolas restrições contra matar mulheres.”

A ira da magia da espada pulsou através dele, implorando para ser liberada. “Você está louca.” Ele estava correndo na direção de

um precipício mortal. A ponta da espada se ergueu em fúria.

“Antes de pensar em me matar,” Irmã Verna disse em um tom medido, “é melhor ter certeza de que não está cometendo um erro.” Richard não respondeu. Estava incapaz de falar através da fúria. “Olhe na mão dela, Richard.”

Ele olhou para o corpo sem vida. As mãos dela estavam cobertas pela pesada capa de lã. Usando a espada, ele afastou a capa do braço dela para revelar um faca ainda segura em seu punho morto. A ponta tinha uma mancha escura.

“Ela arranhou você com a faca?”

O peito de Richard ainda pulsava de raiva. “Não. Porque?”

“A faca dela está coberta de veneno. Tudo que seria preciso era um arranhão.”

“O que faz você pensar que era para mim! Provavelmente esperava se defender dos homens que estavam perseguindo ela!”

“Não tem homem algum perseguindo ela. Ela é uma sentinela. Você está sempre me dizendo para deixar de tratá-lo como uma criança, Richard. Pare de agir como uma. Conheço a respeito dessas pessoas, como fazem as coisas. Ela pretendia nos matar.”

Ele conseguiu sentir os músculos da mandíbula dele flexionarem enquanto cerrava os dentes. “Poderíamos ter tentado fugir quando ela nos localizou.”

Ela assentiu. “Sim, e teríamos morrido. Estou dizendo, Richard, conheço essas pessoas. As terras selvagens possuem camadas com diferentes pessoas como uma cebola, todas elas, nos matarão se nos encontrarem. Se tivéssemos deixado ela chegar até os da espécie dela, eles teriam nos capturado e nos matariam.”

“Não deixe que a raiva da espada feche os seus olhos. Ela tem uma faca envenenada na mão, estava com ela nas suas costas, e ela caiu nos seus braços para conseguir chegar perto o bastante para usá-la. Tolamente você permitiu que ela se aproximasse.” Ela virou um pouco e apontou um braço para trás. “Onde estão os que estão perseguindo ela ?” Ela baixou o braço.

“Não tem mais ninguém. Eu poderia sentir eles com meu Han se tivesse. Ela estava sozinha. Acabei de salvar sua vida.”

Ele enfiou a Espada da Verdade de volta em sua bainha. "Você não me fez nenhum grande favor, Irmã Verna."

Não sabia no que acreditar. Sabia apenas que estava cansado de magia, e cansado da morte. "Que faca é essa que você guarda na manga ? O que é a luz nos olhos deles quando você os mata com ela?"

"Ela é chamada Dacra. Acho que poderia ser comparada com a lâmina envenenada que ela estava carregando. Com a Dacra não é a própria ferida que mata; a Dacra apaga a centelha da vida." Os olhos dela baixaram. "É uma coisa dolorosa roubar uma vida. Às vezes, é o único jeito. Esse, esta noite, foi o único jeito de salvar nossas vidas, quer você escolha acreditar ou não."

"Tudo que sei, Irmã Verna, é que você usa isso sem hesitar, e que nem tentou alguma outra coisa." Ele começou a se afastar. "Vou enterrá-la."

"Richard." Ela alisou a saia. "Espero que entenda, e que não interprete mal nossas ações, mas quando chegarmos ao Palácio, talvez seja necessário tirar a Espada da Verdade de você. Para o seu próprio bem."

"Porque? Como poderia ser para o meu próprio bem?"

Ela juntou as mãos outra vez. "A profecia que você invocou, aquela que diz *Ele é aquele que traz a morte, e assim ele deve chamar a si mesmo*, é uma profecia muito perigosa. Ela continua dizendo que aquele que empunha a espada é capaz de invocar a morte, trazer o passado ao presente."

"O que isso significa?"

"Não sabemos."

"Profecias," ele murmurou. "Profecias são apenas enigmas estúpidos, Irmã. Você investe preocupação demais nelas."

"Admite que não as entende, e ainda assim tenta seguir elas. Apenas um tolo segue o que ele não entende cegamente. Se isso fosse verdade, eu invocaria a morte e daria a vida de volta a essa mulher."

"Sabemos muito mais sobre elas do que você pensa. Acredito que seria melhor nós ficarmos com a espada, só por segurança, até entendermos melhor a profecia."

“Irmãs Verna, se alguém tirar a Dacra de você, você ainda seria uma Irmã?”

“É claro. A Dacra é simplesmente uma ferramenta para nos ajudar em nosso trabalho. Ela não nos transforma em quem somos.”

Ele mostrou um sorriso frio. “É o mesmo com a espada. Com ou sem ela, ainda sou o Seeker. Eu não seria menos perigoso para você. Tirar ela de mim não vai salvar você.”

Ela fechou os punhos com força. “Não é a mesma coisa.”

“Você não vai pegar a espada,” ele falou sem rodeios. “Nunca poderia entender o quanto eu odeio essa espada, odeio sua magia, e o quanto quero ficar livre dela, mas ela foi entregue a mim quando eu fui nomeado Seeker. Foi entregue a mim para que fosse minha pelo tempo que eu quiser empunhá-la. Eu sou o Seeker, e eu, não você, ou qualquer outra pessoa, decidirá quando vou desistir disso.”

Os olhos dela se estreitaram. “Nomeado Seeker? Você não encontrou a espada? Ou a comprou? Ela foi entregue por um mago?”

“Você foi nomeado Seeker? Um verdadeiro Seeker? Por um mago?”

“Fui.”

“Quem foi esse mago?”

“Aquele sobre o qual eu falei para você antes: Zeddicus Zu'l Zorander.”

“Você encontrou com ele só dessa vez, quando ele deu a espada?”

“Não. Passei minha vida toda com ele. Ele praticamente me criou. Ele é meu avô.”

Houve um longo tempo de silêncio. “E nomeou você Seeker, porque ele se recusou a ensiná-lo a controlar o dom? A ser um mago?”

“Recusou! Quando ele percebeu que eu tinha o dom, ele praticamente implorou para me ensinar a ser um mago.”

“Ele ofereceu?” ela sussurrou.

“Isso mesmo. Eu falei para ele que não queria ser um mago.” Alguma coisa estava errada. Ela pareceu perturbada com essas notícias. “Ele disse que a oferta ainda está de pé. Porque?”

Ela esfregou as mãos distraidamente. "Isso é... incomum, só isso. Muitas coisas a seu respeito são incomuns."

Richard não sabia se acreditava nela. Ficou imaginando se talvez ele não precisasse da coleira, se Zedd poderia ter ajudado ele sem ela.

Mas Kahlan quis que ele usasse. Ela quis que ele fosse levado embora. As entranhas dele contorceram com aquela dor.

A espada era a única coisa de Zedd que ele tinha. Foi entregue a ele quando ainda estava em Westland, quando estava em casa. Sentia falta da sua casa, da sua floresta. A espada era a única coisa deixada de Zedd, e de casa.

"Irmã, eu fui nomeado Seeker, e recebi a espada, pelo tempo que eu quiser ficar com ela e ser o Seeker. Serei eu quem decidirá quando chegou a hora de desistir disso. Se quer tirar ela de mim, então tente fazer isso agora."

"Se tentar, um de nós vai morrer na luta. Nesse momento, eu não me importo muito com qual dos dois será. Mas pretendo lutar até a morte. Ela é minha por direito, e não vai tirá-la enquanto houver um sopro de vida em mim."

Ele escutou o uivo distante de um animal sofrendo uma morte súbita, violenta, e então o longo e vazio silêncio que veio em seguida.

"Uma vez que recebeu a espada, e não achou ela simplesmente, ou comprou, pode ficar com ela. Não vou tirá-la de você. Não posso falar pelas outras, mas tentarei cuidar para que este seu desejo seja atendido. É com o dom que devemos lidar. É essa magia que devemos ensiná-lo a controlar."

Ela se levantou e olhou para ele com uma expressão de um perigo tão frio que fez ele lutar contra o desejo de se encolher. "Mas se puxar essa espada contra mim de novo, farei com que se arrependa do dia em que o Criador permitiu que desse o seu primeiro suspiro." Os músculos da mandíbula dela enrijeceram. "Estamos entendidos?"

"O que tem de tão importante em mim que faria você matar para me capturar?"

A tranqüilidade fria dela era mais assustadora do que se ela gritasse com ele. "Nosso trabalho é ajudar aqueles que possuem o dom, porque o dom é dado pelo Criador. Nós servimos ao Criador. É por ele que morremos. Perdi duas das minhas amigas mais antigas por sua causa. Chorei de tristeza por elas até dormir. Tive que matar essa mulher esta noite, e talvez tenha que matar outros antes de chegarmos ao Palácio."

Richard teve a sensação de que seria melhor ficar quieto, mas não conseguiu. Ela possuía uma capacidade de fazer as brasas de sua raiva pegarem fogo. "Não tente aliviar sua culpa pelo que você fez às minhas custas, Irmã."

O rosto dela esquentou com uma cor que ele podia ver, até mesmo sob a luz do luar. "Tentei ser paciente com você, Richard. Dei espaço a você porque foi arrancado da única vida que conheceu, e então lançado em uma situação da qual tem medo e não entende, mas a minha paciência está chegando ao fim."

"Tentei o melhor que pude não ver os corpos sem vida das minhas amigas quando olho em seus olhos. Ou quando você diz que não tenho coração. Tentei não pensar em você sendo aquele a estar no enterro delas, não eu, e sobre as coisas que eu teria dito sobre os túmulos frescos delas. Tem coisas acontecendo que estão além do meu conhecimento, além das minhas expectativas, além do que eu fui levada a acreditar. Se eu tivesse escolha, eu estaria decidida a garantir o seu desejo e remover o seu Rada'Han, e deixar você morrer na loucura e dor."

"Mas não depende de mim. É o trabalho do Criador que eu faço."

Embora as chamas do seu temperamento não tivessem sido apagadas, elas tinham esfriado. "Irmã Verna, sinto muito." Ela queria que ela tivesse gritado com ele. Isso seria melhor do que a raiva tranqüila dela, o sereno desgosto dela.

"Você ficou com raiva porque acha que o tratei como uma criança, e não como um homem, e ainda assim não me deu razão alguma para que eu agisse de outra forma. Sei onde você está apoiado, em suas habilidades, e para onde ainda tem que viajar.

Nessa jornada você não é mais do que um bebê que chora para ficar solto no mundo, e ainda não consegue nem caminhar.

A coleira que você usa é capaz de controlar você. Ela também pode causar dor. Muita dor. Até agora, eu tenho evitado usá-la, e ao invés disso tentei encorajá-lo de outras maneiras a aceitar o que deve ser feito. Mas se for preciso, usarei ela. O Criador sabe que tentei todas as alternativas.

“Em breve estaremos em uma terra muito mais perigosa do que essa. Teremos que lidar com as pessoas para conseguir atravessar. As Irmãs possuem acordos com eles, para ter permissão de passar. Você fará o que eu disser, o que eles disserem. Fará as coisas que mandarem, ou haverá muito problema.”

As suspeitas de Richard surgiram novamente. “Que coisas?”

Ela lançou um olhar zangado para ele. “Não continue me testando esta noite,
Richard.”

“Enquanto você entender que não vai pegar minha espada sem luta.”

“Estamos apenas tentando ajudá-lo, Richard, mas se puxar uma arma para mim novamente, vou garantir que se arrependa muito disso.” Ela olhou para o Agiel pendurado no pescoço dele. “As Mord-Sith não possuem exclusividade em causar dor.”

Uma fria confirmação das suspeitas dele cruzaram suas entranhas. Elas pretendiam treiná-lo do modo como uma Mord-Sith o treinou. Aquela era a verdadeira razão para a coleira. Era daquele jeito que pretendiam ensiná-lo: com dor. Pela primeira vez, ele sentiu como se ela tivesse inadvertidamente mostrado a ele o cerne das intenções dela.

Ela puxou o pequeno livro do cinto. “Tenho um pouco de trabalho para fazer antes de partirmos. Vá enterrá-la. E esconda bem seu corpo; se ele for encontrado, vai dizer a eles o que aconteceu, e eles estarão atrás de nós, e então terei morto ela por nada.”

Ela sentou na frente do resto de lenha frio. Com um suave balanço da mão dela sobre a madeira escura, ela pegou fogo. “Depois que tiver enterrado ela, quero que dê uma caminhada e

deixe sua cabeça esfriar. Não volte até que tenha feito isso. Se tentar ir embora, ou se não colocar um pouco de juízo dentro dessa sua cabeça dura até a hora que estiver pronta para partir, vou trazer você de volta usando a coleira.” Ela mostrou um olhar ameaçador para ele. “Você não vai gostar se eu tiver que fazer isso. Eu prometo, não vai gostar nem um pouco.”

A mulher morta era leve, e uma carga pequena. Ele mal notou o peso quando andava para longe do acampamento dentro das baixas colinas rochosas. A lua estava alta e o caminho fácil de enxergar. Sua mente girava com seus pensamentos sombrios enquanto ele caminhava, ocasionalmente chutando uma pedra.

Richard estava surpreso com sua angústia por Irmã Verna. Ela nunca tinha revelado o quanto estava sofrendo com as mortes da Irmãs Grace e Elizabeth. Ele tinha pensado aquilo porque ela não disse nada, ela estava insensível. Agora ele sentia muito por ela, triste pela angústia dela. Queria que ela não tivesse mostrado isso a ele. Era mais fácil enfrentar a situação dele quando pensava que ela não tinha coração.

Ele percebeu que estava longe do acampamento deles, no topo de um monte de terra, com paredes rochosas e pináculos erguendo-se ao redor dele. Sua mente deixou os pensamentos tumultuados e retornou para o corpo que carregava nas costas. Embora a ferida da facada da Dacra possa não ter sido o que a matou, apesar de tudo o sangue tinha escorrido na costa dela, atingido o cabelo dela e ensopado o ombro dele. De repente ele sentiu repulsa em carregar uma mulher morta em suas costas.

Ele colocou o corpo no chão rochoso suavemente e olhou em volta, procurando por um lugar para colocá-la para descansar. Ele tinha uma pequena pá presa no cinto, mas não parecia ser fácil cavar em parte alguma. Talvez ele pudesse enfiá-la em uma das fendas rochosas.

Enquanto olhava dentro das valas sombrias, ele esfregou distraidamente a queimadura ainda dolorida em seu peito. Nissel, a curandeira, tinha dado a ele um tipo de pasta, e todos os dias ele espalhava sobre a ferida antes de cobri-la mais uma vez com um

curativo. Ele não gostava de olhar para ela. Não gostava de ver a cicatriz de uma marca de mão queimada em sua carne.

Irmã Verna falou que ele poderia ter queimado a si mesmo na lareira da casa dos espíritos, ou que na verdade eles tinham invocado os servos do Sem Nome. Obviamente essa não era uma queimadura causada pelo fogo; era a marca do submundo. De Darken Rahl.

De certa forma ele estava envergonhado dela, e nunca deixou Irmã Verna ver. A cicatriz era uma lembrança constante da verdadeira identidade do pai dele. Parecia uma afronta a George Cypher, o homem que pensou ser o seu pai, o homem que tinha criado ele, confiado e ensinado ele, que lhe deu amor, e que ele amou em retorno.

A marca também era uma lembrança constante do monstro que ele era realmente - o monstro que Kahlan quis na coleira e que fosse mandado embora.

Richard esmagou um inseto que zunia perto do rosto dele. Olhou para baixo. Também estavam zunindo em volta da mulher morta. Ele ficou gelado com o choque do medo mesmo antes de sentir a picada em seu pescoço.

Moscas de sangue.

Ele sacou sua espada rapidamente quando a grande forma escura saltou de trás da rocha. O som do aço foi abafado por um rugido. Asas se abriram, o gar mergulhou na direção dele. Por um instante, ele pensou ter visto um segundo, agachado nas sombras atrás do primeiro, mas sua atenção foi atraída imediatamente por uma coisa imensa descendo sobre ele, com os olhos verdes brilhantes ferozes concentrados nele.

Era grande demais para ser um gar de cauda longa, e pelo modo como antecipou e evitou seu primeiro ataque, era esperto demais. Teria que ser um gar de cauda curta, ele praguejou silenciosamente. Era mais magro do que os gars de cauda curta que tinha visto antes, provavelmente o resultado da caça pobre nessa terra desolada, mas sendo magro ou não, ainda era grande, erguia-se mais alto do que ele.

Richard tropeçou e caiu por cima da mulher morta quando recuou para escapar do golpe de uma garra poderosa.

Levantou balançando a espada com fúria, deixando a raiva da magia da espada fluir através dele. A ponta da espada abriu um corte através do estômago rosado liso. O gar rugiu de fúria quando correu para cima dele novamente, derrubando-o no chão inesperadamente com uma asa semelhante a couro.

Richard rolou e ficou de pé, girando a espada quando levantou. A lâmina brilhou sob a luz do luar, arrancando uma ponta de asa com um jato de sangue. Isso apenas enfureceu o gar fazendo com que pulasse na direção dele. Compridas presas molhadas rasgaram o ar noturno. Seus olhos brilhavam com um furioso brilho verde. O forte rugido machucou os ouvidos dele. Garras deslizaram em cada um dos flancos dele.

A magia pulsou através dele, pedindo sangue. Ao invés de esquivar-se do avanço, Richard agachou. Deu um salto, levando a espada através do peito da enorme besta peluda. Ele girou a lâmina arrancando-a em meio ao som de um grito de dor mortal.

Richard levou a espada para trás, preparado para decepar a cabeça abominável com um poderoso golpe, mas o gar não partiu para cima dele. Com as patas encostadas na ferida sangrenta no peito, ele balançou por um momento, e então caiu pesadamente sobre as costas, os ossos em suas asas quebrando quando caiu por cima deles.

Um grito surgiu das sombras. Richard recuou alguns passos. Uma pequena forma escura correu pelo chão, até o monstro derrotado, caindo em cima dele. Pequenas asas enroladas em volta do peito.

Richard observou incrédulo. Era um bebê gar.

A besta ferida levantou uma pata trêmula para tocar na forma que chorava. Ela soltou um suspiro que ergueu o pequeno gar em seu peito. O braço caiu para o lado. Olhos verdes que brilhavam fracamente observaram seu pequenino, e então olharam para Richard com uma dor suplicante. Uma espuma de sangue borbulhou quando ela soltou seu último suspiro. O brilho nos seus olhos

apagou, e então ela ficou imóvel. Com gritos tristonhos, a pequena criatura agarrou pequenos tufo de pêlo.

Pequeno ou não, Richard pensou, isso ainda é um gar. Ele se aproximou. Tenha que matá-lo. A fúria pulsou através dele. Levantou a espada sobre a cabeça.

O pequeno gar levantou uma pequena asa trêmula sobre a cabeça enquanto se encolhia. Não importava o quanto estivesse assustado, ele não deixaria sua mão. Ele chorou de angústia e medo.

Um pequeno rosto aterrorizado espiou por cima da asa trêmula. Grandes olhos verdes úmidos piscaram para ele. Lágrimas desceram pelas dobras em seu rosto enquanto gemia em agonia com um choro baixo.

“Queridos espíritos,” Richard sussurrou, enquanto ficava paralisado, “Não posso fazer isso.”

O pequeno gar tremeu enquanto observava a ponta da espada descer até o chão. Richard virou as costas e fechou os olhos. Estava sentindo-se mal, por causa da magia da espada, que lhe infligia a dor do inimigo derrotado, e por causa da terrível possibilidade do que ele estivera pronto a fazer.

Enquanto embainhava a espada, deu um profundo suspiro para se recompor, então ergueu a mulher morta sobre o ombro e começou a se afastar. Podia ouvir os gemidos do pequeno gar enquanto se agarrava com sua mãe. Não conseguiria matá-lo. Simplesmente não conseguiria. Além disso, ele disse a si mesmo, a espada não permitiria. A magia só funcionava contra uma ameaça. Ela não permitiria que ele matasse o pequeno gar. Sabia que não permitiria.

É claro, funcionaria se ele fizesse a espada ficar branca, mas não poderia suportar aquela dor. Não iria sujeitar-se a essa agonia, não por um pro propósito que não fosse maior do que matar um filhote indefeso. Ele carregou o corpo da mulher morta na direção da elevação seguinte enquanto escutava os gemidos enfraquecendo. Baixando o corpo novamente, sentou para recuperar o fôlego. Só conseguiu ver a grande besta sob a luz da lua, uma mancha escura contra a rocha de cor suave, e a pequena forma em cima dela. Podia

ouvir os sons lentos de angústia e confusão. Richard ficou sentado por um bom tempo, observando, escutando.

“Queridos espíritos, o que eu fiz?”

Os espíritos, como de costume, não tinham nada para dizer.

Pelo canto do olho, movimento chamou sua atenção. Duas silhuetas distantes passaram na frente da grande lua brilhante. Elas mergulharam fazendo uma curva lenta, e começaram a descer. Dois gars.

Richard ficou de pé. Talvez eles vissem o bebê e o ajudassem. Percebeu que estava alegre por causa deles, e imaginou o quanto era absurdo desejar que um gar vivesse. Mas ele estava começando a sentir uma estranha simpatia por monstros.

Richard se abaixou. Os dois gars acima passaram perto dele quando deslizaram em um círculo amplo em volta da cena na colina seguinte. A espiral deles diminuiu.

O pequeno gar ficou em silêncio.

As formas escuras mergulharam, pousando um pouco afastadas com um bater de asas. Eles se moveram cautelosamente em volta do gar morto e seu rebento. Asas abertas, de repente ele saltaram na direção do pequeno bebê gar. Ele quebrou o silêncio com um grito. Houve uma confusão de asas batendo, rugido ferozes, e gritos aterrorizados.

Richard levantou. Muitos animais comem os filhotes de outros de sua própria espécie. Especialmente machos, e especialmente se a comida for escassa. Eles não iriam salvá-lo; pretendiam devorá-lo.

Antes mesmo que ele percebesse o que estava fazendo, Richard estava descendo a colina. Ele correu sem pensar na tolice que faria. Sacou a espada enquanto corria pela colina até o pequeno gar. Os gritos apavorados dele o fizeram ir mais rápido. Os rugidos selvagens de seus atacantes dispararam a fúria da magia da espada.

Com o aço na frente, ele correu para dentro do emaranhado de pêlo, garras e asas. Os dois gars eram maiores do que aquele que ele matou, confirmando suas suspeitas de que eles eram machos. Sua lâmina acertou apenas o ar quando eles saltaram para trás, mas um deles largou o pequeno gar. Ele correu pelo chão e agarrou o pêlo da mãe dele. Os outros dois circularam em volta dele,

ameaçando, saltando e agitando suas garras. Richard balançou e golpeou com a espada. Um deles pegou o bebê. Richard puxou ele com seu braço livre e recuou rapidamente uns doze passos.

Eles caíram sobre o gar morto. Com um grito, o bebê esticou os braços na direção de sua mãe, suas asas batendo contra o rosto dele em um esforço de se libertar. Em um frenesi, os dois gars rasgaram a carcaça.

Richard tomou uma decisão calculada. Enquanto o gar morto estivesse ali o filhote não o deixaria; o filhote teria uma chance de sobrevivência melhor se não tivesse nada que o segurasse nesse lugar. Ele se contorcia no braço dele.

Embora tivesse quase a metade do tamanho dele, pelo menos era mais leve do que ele tinha pensado.

Ele fingiu que atacaria para afastar os dois. Eles tentaram mordê-lo, famintos demais para que ficassem assustados e para que fossem embora sem uma refeição. Eles lutaram um contra o outro. Garras cortaram e puxaram, rasgando o corpo em pedaços. Richard atacou novamente quando o pequeno gar ficou livre recorrendo na frente dele e soltando um grito. Os dois saltaram para o ar, cada um com um pedaço do prêmio. Em um momento eles se foram.

O pequeno gar ficou parado onde a mãe dele estivera, chorando enquanto observava os dois desaparecerem no céu escuro.

Ofegante e cansado, Richard colocou de volta sua espada na bainha e então desabou em uma pequena prateleira, tentando recuperar o fôlego. A cabeça dele mergulhou nas mãos enquanto lágrimas rolaram. Ele devia estar ficando louco.

O que diabos ele estava fazendo? Estava arriscando sua vida por nada. Não, não por nada.

Levantou a cabeça. O pequeno gar estava parado no sangue onde estivera sua mãe, suas asas trêmulas esticadas frouxas, seus ombros caídos, e suas orelhas peludas murchas. Grandes olhos verdes observavam ele. Eles olharam um para o outro por algum tempo.

“Sinto muito, pequenino,” ele sussurrou.

O gar deu um passo incerto na direção dele. Lágrimas desciam pelo rosto do gar. Lágrimas desciam pelo rosto dele. Deu mais outro

pequeno passo trêmulo.

Richard estendeu os braços. Ele observou, e então com um grito triste, caiu neles.

Ele passou os longos braços finos em volta dele. Asas quentes envolveram os ombros dele. Richard o abraçou com força.

Passando a mão gentilmente no pêlo grosso, ele o acalmou com sussurros de conforto. Richard raramente tinha visto uma criatura com tamanho sofrimento, uma criatura com tanta necessidade de consolo que aceitaria isso até mesmo daquele que havia causado sua dor. Talvez, ele pensou, só estivesse reconhecendo ele como aquele que o salvou de ser devorado por dois monstros enormes. Talvez, por causa da escolha terrível, preferiu vê-lo como um salvador. Talvez a última impressão, por ter sido salvo de ser comido, simplesmente fosse a mais forte.

O pequeno gar não parecia mais do que um saco de ossos peludo. Ele estava enfraquecido pela fome. Podia ouvir o estômago dele roncando. O leve odor almiscarado dele, embora não fosse agradável, também não era repulsivo. Ele reconheceu um pedido de ajuda quando o choramingo da coisa ficou mais lento.

Quando ele finalmente se acalmou com um suspiro pesado e cansado, Richard ficou de pé. Pequenas garras afiadas agarraram na perna dele enquanto a coisa olhava para cima, para o rosto dele. Gostaria de ter um pouco de comida para deixar com o filhote, mas não trouxe sua mochila e não tinha nada a oferecer.

Ele tirou as garras das calças dele. "Tenho que ir. Aqueles dois não voltarão agora. Tente encontrar um coelho ou alguma coisa assim. Agora terá que fazer o melhor que puder sozinho. Vai."

Piscou para ele, suas asas e uma perna esticando lentamente enquanto ele bocejava. Richard virou e começou a andar. Olhou por cima do ombro. O pequeno gar seguia logo atrás.

Richard parou. "Não pode vir comigo." Ele esticou os braços e o enxotou. "Vai. Vá embora." Ele começou a andar para trás. O gar o seguiu. Ele parou de novo e enxotou-o com mais firmeza.

"Vai! Não pode vir comigo! Vai!"

As asas murcharam novamente. Deu alguns passos trêmulos para trás enquanto Richard começou a andar outra vez. Dessa vez

ficou parado no lugar enquanto ele seguiu seu caminho.

Richard tinha o corpo morto da mulher para enterra, e precisava voltar para o acampamento antes que Irmã Verna decidisse usar a coleira para levar ele de volta. Não tinha desejo algum de fornecer a ela uma desculpa para isso; sabia que em breve ela acharia alguma. Olhou para trás para ter certeza de que o gar não tinha seguido. Estava sozinho.

Encontrou o corpo, deitado de costas, onde havia deixado. Notou com alívio que não tinha nenhuma mosca de sangue por perto. Tinha que encontrar uma área com solo macio o bastante para cavar um buraco ou então algum tipo de fenda profunda para esconder o corpo. Irmã Verna tinha sido explícita sobre esconder ele bem.

Enquanto estava avaliando o cenário, houve um suave bater de asas e o pequeno gar pousou perto dali. Ele murmurou um lamento enquanto a criatura enrolou as asas e agachou-se confortavelmente na frente dele, olhando para cima com grandes olhos verdes.

Richard tentou enxotá-lo novamente. Ele não se moveu. Colocou as mãos nos quadris.

“Não pode vir comigo. Vá embora!”

Ele cambaleou na direção dele e agarrou em suas pernas. O que ele faria? Não poderia ter um gar seguindo ele.

“Onde estão suas moscas? Você não tem nem moscas de sangue. Como espera conseguir o seu jantar sem as suas moscas de sangue?” Balançou a cabeça com tristeza. “Bem, isso não é da minha conta.”

O pequeno rosto enrugado olhou em volta das pernas dele. Um rosnado baixo saiu de sua garganta enquanto os lábios se afastaram para revelar pequenas presas afiadas. Richard olhou ao redor. Ele estava rosnando para a mulher morta. Fechou os olhos com um gemido. O filhote estava faminto. Se enterrasse o corpo, o gar cavaría.

Richard observou quando o gar saltou até o corpo, tocando nele enquanto seu rosnados ficaram mais altos. Richard tentou aliviar a secura em sua garganta, ou talvez as coisas que estava pensando.

Irmã Verna tinha falado para ele se livrar do corpo. Eles não deveriam saber como a mulher tinha morrido, ela disse. Não podia suportar o pensamento dos restos sendo comidos. Mas mesmo se ele a enterrasse, ela seria devorada de qualquer jeito - pelos vermes. Porque os vermes seriam melhores do que um gar? Outro pensamento medonho lhe ocorreu: quem ele era para julgar - ele tinha comido carne humana. Porque isso seria diferente? Ele seria melhor?

E além disso, se o filhote estivesse ocupado comendo, ele poderia se afastar, e eles teriam partido antes que ele tivesse tempo de ir atrás. Então ele ficaria por sua própria conta. Estaria livre dele.

Richard observou enquanto o pequeno gar inspecionou o corpo cautelosamente. Puxou um dos braços com os dentes de modo experimental. O filhote não tinha experiência bastante para saber o que fazer com um cadáver. Ele rosnou mais alto. Aquela visão deixou Richard doente.

Os dentes soltaram o braço e o gar olhou para ele, como se pedisse ajuda. As assas bateram com excitação. Ele estava faminto.

Dois problemas de uma vez.

Que diferença fazia? Ela estava morta. O espírito dela havia deixado o corpo e não sentiria falta dele. Isso resolveria dois problemas de uma só vez. Cerrando os dentes por causa da tarefa na mente, ele sacou a espada.

Afastando o gar faminto com uma perna, Richard deu um giro poderoso, abrindo um grande corte. O pequeno atacou.

Richard se afastou rapidamente sem olhar para trás. Os sons reviraram seu estômago. Quem era ele para julgar?

Aturdido, ele foi trotando de volta até o acampamento. Suor ensopou sua camisa. A espada nunca pareceu tão pesada em sua cintura. Tentou tirar todo o incidente de sua cabeça. Pensou nas Florestas de Hartland e desejou estar em casa. Desejou que ainda pudesse ser quem ele foi uma vez.

Irmã Verna tinha acabado de arrumar Jessup e estava erguendo a sela dele. Olhou para ele com um olhar atravessado antes de seguir na direção da cabeça do cavalo dela, falando suavemente com ele enquanto coçava o queixo dele.

Richard pegou a escova e esfregou rapidamente nas costas de Geraldine, avisando a ela para ficar imóvel e parar de virar de um lado para o outro. Ele queria estar longe bem rápido.

“Certificou-se de que eles não encontrarão o corpo?”

A mão com a escova congelou no flanco de Geraldine. “Se encontrarem o que restou, não saberão o que aconteceu.”

“Fui atacado por gars. Eles pegaram o corpo.”

Ela penou nisso silenciosamente por um momento. “Pensei ter ouvido gars. Bem, acho que isso vai servir.” Ele voltou a escovar quando ela falou novamente. “Você matou eles?”

“Matei um.” Ele pensou em não dizer a ela, mas decidiu que isso não importava. “Havia um bebê gar. Não matei ele.”

“Gars são bestas assassinas. Deveria ter acabado com ele. Talvez devesse voltar e matar ele.”

“Não posso. Ele... não vai deixar que eu chegue perto o bastante.”

Com um pequeno grunhido ela apertou a correia do cinturão. “Você tem um arco.”

“Que diferença faz? Vamos embora. De qualquer jeito, sozinho, provavelmente ele vai morrer.”

Ela se curvou, verificando que a correia não estivesse machucando o cavalo. “Talvez tenha razão. Seria melhor se estivéssemos longe daqui.”

“Irmã? Porque os gars não nos incomodaram antes?”

“Porque eu criei uma proteção contra eles com o meu Han. Você estava longe demais, além da minha proteção, e então eles foram atrás de você.”

“Então essa proteção vai manter todos os gars longe e nós?”

“Sim.”

Bem, pelo menos tinha uma coisa para a qual o Han era bom.

“Não é preciso muito poder? Gars são grandes bestas. Não é difícil?”

A pergunta fez surgir um leve sorriso aos lábios dela. “Sim, gars são grandes, e também tem outras bestas contra as quais eu devo nos proteger. Tudo isso tomaria muito poder. Você deve sempre buscar um jeito de realizar a tarefa usando o mínimo de Han.”

Ela acariciou o pescoço do cavalo dela enquanto continuava. "Mantenho os gars longe não repelindo as bestas em si, mas nos protegendo contra as moscas de sangue deles. É muito mais fácil. Se as moscas não podem atravessar a proteção, os gars não imaginam que tem alguma coisa que valha à pena e então também não virão atrás de nós. Desse modo eu uso pouco da minha força, e mesmo assim alcanço meu objetivo."

"Porque não usou essa proteção contra as pessoas aqui? Contra a mulher essa noite?"

"Algumas das pessoas nas terras selvagens possuem encantos contra nosso poder. É por isso que muitas Irmãs morrem tentando atravessar. Se nós soubéssemos como esses encantos ou feitiços funcionam, poderíamos conseguir lutar contra eles, mas não sabemos. É um mistério para nós."

Richard acabou de selar Geraldine e Bonnie em silêncio. A Irmã esperou pacientemente. Ele pensou que ela tivesse mais a dizer, sobre a discussão deles antes que ele tivesse se afastado para enterrar a mulher, mas ela permaneceu em silêncio. Ele decidiu falar primeiro, e acabar com isso.

"Irmã Verna, sinto muito sobre as Irmãs Grace e Elizabeth." Ele bateu distraidamente no ombro de Bonnie enquanto ele estudava o chão. " Fiz uma oração sobre os túmulos delas. Só queria que soubesse disso. Uma oração para que os bons espíritos tomem conta delas e as tratem bem. Eu não queria que elas morressem. Você pode pensar o contrário, mas não quero que ninguém morra. Estou cansado da morte. Nem consigo mais comer carne porque não posso suportar o pensamento de alguma coisa ter que morrer só para me alimentar."

"Obrigada pela oração, Richard, mas deve aprender que é apenas para o Criador que devemos orar. É a luz Dele que nos guia. Rezar para os espíritos é paganismo." Ela pareceu pensar melhor a respeito do tom rígido dela, e suavizou um pouco. "Mas você não tem instrução, e não saberia disso. Não posso culpá-lo por fazer o melhor que podia. Tenho certeza de que o Criador ouviu sua oração, e entendeu sua intenção benevolente."

Richard não gostou da atitude de mente estreita dela. Pensou que talvez ele soubesse mais sobre espíritos do que ela. Ele não sabia muito sobre esse Criador dela, mas tinha visto espíritos antes, tanto bons quanto maus. Ele sabia que você os ignorava por seu próprio risco.

Os dogmas dela pareciam tão tolos para ele quanto as superstições das pessoas do campo que ele conheceu quando foi um guia. Elas tinham sido cheias de histórias de como as pessoas surgiram. Cada área remota que visitou tinha sua própria versão do homem criado desse ou daquele animal ou planta. Richard gostou de ouvir as histórias. Elas estavam cheias de maravilhas e magia. Mas eram apenas histórias, enraizadas na necessidade de entender como o contador se encaixa dentro do mundo. Ele não aceitaria com fé as coisas que a Irmã falou.

Ele não achava que o Criador fosse como algum tipo de rei, sentado em um trono, escutando cada oraçõzinha que seguia na direção dele. Uma vez os espíritos estiveram vivos, e entendiam as necessidades dos mortais, entendiam as exigências da carne e do sangue dos vivos.

Zedd o ensinou que o Criador era simplesmente outro nome para a força de equilíbrio em todas as coisas, e não algum homem sábio que julgava sentado.

Mas que importância isso tinha? Ele sabia que pessoas se apegavam com fervor às suas doutrinas e ficavam de mente fechada a respeito disso. Irmã Verna acreditava naquilo que acreditava e ele não mudaria isso. Ele nunca tinha culpado pessoas pelas crenças que possuíam; não começaria agora. Tais crenças, verdadeiras ou não, poderiam ser um alívio.

Ele tirou o boldrié com a espada passando-o por cima da cabeça e ofereceu para ela. "Pensei sobre as coisas que você falou antes. Decidi que não quero mais a espada."

As mãos dela levantaram e ele depositou o peso da espada, bainha, e boldrié nelas.

Ela não demonstrou emoção alguma. "Realmente está falando sério?"

Ele assentiu. "Sim. Estou farto disso. Agora a espada é sua."

Ele virou para checar a sela. Mesmo sem a espada na cintura, ainda podia sentir o formigar da magia dela. Poderia entregar a espada, mas a magia ainda estava dentro dele; ele era o verdadeiro Seeker, e não conseguiria se livrar disso. Pelo menos poderia se livrar da lâmina, e com isso das coisas que fez com ela.

“Você é um homem muito perigoso, Richard,” ela sussurrou.

Ele olhou para trás, por cima do ombro. “É por isso que estou entregando a espada. Não quero ela mais, e você quer, então ela é sua. Agora veremos como você vai gostar de matar com ela.”

Ele enfiou a ponta da correia do cinturão através da fivela e apertou bem. Deu um leve tapinha em Bonnie antes de virar. Irmã Verna ainda estava segurando a espada.

“Até agora eu não tinha idéia alguma de como você é perigoso.”

“Não sou mais. Agora você tem a espada.”

“Não posso aceitá-la,” ela sussurrou. “Era minha obrigação tomar a espada quando você retornasse - para testá-lo. Só havia uma coisa que poderia ter feito para evitar perdê-la. E você fez isso.” Ela levantou a espada para ele. “Não há homem algum mais perigoso do que aquele que é imprevisível. Não há como prever o que você fará quando for pressionado. Isso vai ser um grande problema. Para você. Para nós.”

Richard não sabia do que ela estava falando. “Não havia nada imprevisível nisso. Você queria a espada, e eu estou cansado das coisas que faço com ela, então entreguei ela a você.”

“Você entende, porque é desse jeito que pensa. Outros não pensam dessa maneira. Você é um enigma. Pior, seu comportamento inexplicável surge nos momentos que você mais precisa. Isso é o dom trabalhando. Está usando o seu Han sem entender o que está fazendo. Isso é perigoso.”

“Uma razão para a coleira é abrir minha mente para o dom. Foi isso que você falou. Se estou usando o dom, que é o que você quer que eu faça, e se isso é o que eu preciso, então não vejo como isso é perigoso.”

“O que você precisa e o que é certo não são necessariamente a mesma coisa. Só porque você quer algo, isso não o torna certo.” Ela

balançou a cabeça para a espada. “Pegue de volta. Agora não posso aceitá-la. Deve ficar com ela.”

“Eu disse, não quero.”

“Então jogue ela no fogo. Não posso aceitá-la. Ela está corrompida.”

Richard tirou-a das mãos dela. “Não vou jogar no fogo.” Colocou a cabeça através do boldrié e endireitou a bainha em sua cintura. “Acho que você é supersticiosa demais, Irmã. Isso é apenas uma espada. Ela não está corrompida.”

Ela estava errada. Era a magia que estava corrompida, e ele não tinha oferecido isso para ela. Mesmo se desejasse ficar livre dessa magia, de toda magia, ele não poderia. Era parte dele. Kahlan tinha visto isso, e ela mesma tinha se livrado disso. Se livrado dele.

Ela virou e montou em Jessup. A voz dela soou fria e distante. “Devemos seguir nosso caminho.”

Richard subiu em sua sela e seguiu logo atrás. Ele teve esperança de que o pequeno gar tivesse uma chance de viver, depois da refeição de que precisava. Disse adeus para ele silenciosamente enquanto cavalgava dentro da noite atrás da Irmã Verna.

Embora tivesse falado sério sobre entregar a ela a espada, sentiu-se estranhamente aliviado em tê-la de volta. Ela pertencia a ele, e de algum modo tornava-o completo. Zedd deu para ele; isso era o que tinha transformado ele, mas também era tudo que tinha para lembrar de seu amigo e de seu lar.

CAPÍTULO 25



A égua estava exausta, mas ainda corria com impulso louco. Adie segurava bem firme na cintura de Zedd enquanto ele se inclinava sobre a égua, agarrando em sua crina. Músculos dobravam e flexionavam ritmadamente sob ele. Árvores na floresta densa passavam num flash de um borrão sem fim. A égua saltava sobre rochas e toras sem pausa.

O skrin estava logo atrás. Sendo mais alto do que a égua, ele batia em galhos enquanto corria. Zedd podia escutar eles batendo e estilhaçando. Ele havia tentado derrubar árvores pelo caminho atrás deles, mas isso não reduziu a velocidade da besta de ossos. Tentou truques, feitiços e encantos de todos os tipos. Nenhum tinha funcionado, mas ele se recusava a admitir a derrota. Admitir a derrota estabelecia um estado mental de resignação que a tornaria certa.

“Eu temo que dessa vez o Guardiã nos pegue,” Adie gritou atrás dele.

“Ele ainda não pegou! Como ele nos encontrou? Os ossos do skrin estavam em sua casa, escondendo você, durante anos! Se eles estavam escondendo você, então como ele nos encontrou?”

Ela não teve resposta.

Eles estavam correndo pelo caminho onde a fronteira estivera, seguindo na direção de Midlands. Zedd estava agradecido que as paredes da fronteira não estivessem mais ali, ou agora mesmo eles poderiam correr inadvertidamente para dentro do submundo.

Com ou sem fronteira, isso não poderia continuar por muito mais tempo, e então o skrin os pegaria. Com ou sem fronteira, o submundo os pegaria. O Guardiã os pegaria.

Pense, ele ordenou a si mesmo.

Zedd estava usando magia para enviar força e resistência para a égua, mas assim mesmo, coração, pulmões e tendões não poderiam agüentar muito tempo além de seus limites naturais. Ele estava quase tão cansado quanto o animal assustado. Isso não poderia continuar por muito tempo.

Tinha que parar de tentar atrasar o skrin, e concentrar sua mente na solução do problema. Mas essa poderia ser uma mudança de tática perigosa. Poderia ser que embora o que ele estava fazendo não parasse o skrin, isso estivesse mantendo ele afastado deles.

Ele pensou ter visto um flash de luz verde à esquerda. Uma tonalidade de verde que tinha visto apenas de um lugar: da fronteira. Do submundo. Impossível, ele pensou. Os cascos da égua continuaram trovejando.

“Adie! Tem alguma coisa com você que o skrin reconheceria?”

“Como o quê?”

“Não sei! Qualquer coisa! Ele deve ter nos encontrado através de alguma coisa. Alguma coisa que nos conecta com o submundo.”

“Não tenho nada. Deve ter nos encontrado por causa dos ossos na minha casa.”

“Mas eram os ossos que estavam escondendo você!”

Dessa vez não houve dúvida sobre o flash de luz verde. Estava à direita. Outro surgiu à esquerda.

“Zedd! Acho que o skrin está erguendo o submundo, para nos forçar a entrar nele!”

Ossos.

“Ele pode fazer isso?”

A voz dela não foi tão alta dessa vez. “Sim.”

“Danação,” ele resmungou dentro do vento frio em seu rosto.

Uma estranha luz verde tremulou entre as árvores. Estava mais perto. Se não pensasse em alguma coisa, eles morreriam.

Pense.

De repente a luz verde pareceu transformar-se em uma parede sólida de cada um dos lados. Ela causou um impacto que ele conseguiu sentir fundo em seu peito quando ela chegou, completamente, nesse mundo. A égua galopou descendo pelo caminho entre elas. O caminho entre as paredes estava estreitando.

Ossos.

Ossos de Skrin.

“Adie! Me dê o colar que está no seu pescoço!”

As paredes verdes luminosas da fronteira fechavam de cada um dos lados. Eles estavam ficando sem tempo. Estavam ficando sem opções.

Adie arrancou o colar e colocou o braço em volta dele de novo, segurando o colar de ossos. A mão dela estava manchada de sangue. Zedd passou o seu próprio colar por cima da cabeça e agarrou o dela com a mesma mão.

“Se isso não funcionar, sinto muito, Adie. Só queria que você soubesse que adorei passar um tempo com você.”

“O que você vai fazer?”

“Segure firme!”

As paredes verdes da fronteira fecharam-se na frente deles. Zedd segurou a égua com firmeza e deu um comando silencioso para ela.

Ela enterrou os cascos e deu meia volta parando pouco antes do fim da trilha em uma parede do submundo.

Zedd lançou os dois colares feitos com ossos de skrin dentro da luz verde, entre uma grande abertura nas árvores.

O skrin estava sobre eles. Sem pausa, ele seguiu os colares enquanto eles navegavam dentro da fronteira, dentro da luz verde. Houve um flash, é um forte estalo, como o de um raio, quando o skrin atravessou.

A luz verde, e o skrin, tremularam e desapareceram. A floresta escura estava em silêncio a não ser pelas respirações irregulares.

Adie encostou a cabeça contra a costa dele. “Você estava certo, velho. A sua vida é um ato de desespero após o outro.”

Zedd bateu levemente no joelho dela antes de sair deslizando da égua suada. O pobre animal estava tão exausto que estava à beira da morte. Zedd segurou a cabeça dela entre as mãos e deu a ela uma dose de força, e seus sinceros agradecimentos.

Encostou o lado do rosto contra o nariz dela enquanto fechava os olhos dele e dava tapinhas nas bochechas dela por um momento antes de verificar Adie.

Sangue ainda gotejava do ferimento no braço dela. O tamanho da égua fez Adie parecer menor do que realmente era. Os ombros caídos e a cabeça pendurada não ajudavam a diminuir a ilusão. Ela não admitiu qualquer dor enquanto Zedd inspecionava a ferida.

“Eu sou uma tola,” ela disse. “O tempo todo pensei que estava escondida debaixo do nariz do Guardião, ele estava escondido debaixo do meu. Ele sabia onde eu estava o tempo todo. Todos esses anos.”

“Podemos ter consolo no fato de que isso não deu a ele nenhum lucro. Ele desperdiçou seu investimento. Agora fique parada. Devo tratar dessa ferida.”

“Não há tempo para isso. Temos que voltar para minha casa. Tenho que pegar meus ossos.”

“Eu diss e fique parada.”

“Temos que nos apressar.”

Zedd olhou de cara feia para ela. “Voltaremos quando eu terminar, mas a égua está exausta; ela deve ser conduzida a pé. Vou caminhar e deixar você cavalgar, se não me der mais problemas. Agora fique parada ou ficaremos aqui a noite toda discutindo.”

Na hora que eles chegaram na casa de Adie, estava amanhecendo, oferecendo uma luz fria e fraca. Era uma visão triste.

O skrin tinha feito o lugar em pedaços. Adie ignorou as paredes inclinadas, furadas, quando correu para dentro, pisando em cima de detritos, recolhendo ossos, segurando-os na dobra do outro braço, enquanto seguia caminho até o canto onde tinham visto pela última vez o osso arredondado entalhado.

Zedd estava inspecionando o chão do lado de fora quando ouviu ela chamar por ele.

“Venha me ajudar a encontrar o osso arredondado, mago.”

Ele passou por cima de uma viga. “Não espero que você o encontre.”

Ela empurrou para o lado uma tábuia. “Ele está por aqui em algum lugar.” Ela parou, olhando para trás por cima do ombro. “O que você quer dizer com, não espero que você o encontre?”

“Alguém esteve aqui.”

Ela olhou ao redor das ruínas. “Tem certeza?”

Zedd balançou o braço na direção onde ele estivera estudando o chão. "Eu vi uma pegada, bem ali. Não é nossa."

Ela deixou cair no chão os ossos que estavam no braço. "Quem?". Ele pousou a mão em uma viga que pendia do teto, sua ponta encostada no chão. "Não sei, mas alguém esteve aqui. Parece ser uma bota de mulher, mas não é sua. Eu suspeitei que ela tivesse levado o osso arredondado."

Adie revirou através do entulho no canto, procurando. Finalmente ela parou. "Você tem razão, velho. O osso desapareceu." Ela virou, parecendo inspecionar o próprio ar com seus olhos brancos. "Banelings," ela sibilou. "Você estava errado sobre o Guardiã ter desperdiçado os esforços dele."

"Eu temo que você tenha razão." Zedd limpou a mão no lado da perna dele. "Seria melhor irmos embora daqui."

"Para bem longe."

Adie se inclinou na direção dele, sua voz baixa mas firme. "Zedd, devemos ter aquele osso. É importante para o véu."

"Ela cobriu os rastros dela com magia. Não tenho ideia alguma para onde ela foi. Só vi uma pegada. Temos que ir embora daqui; o Guardiã poderia estar esperando que voltássemos. Vou cobrir nosso rastro, assim ninguém saberá para onde estamos indo."

"Tem certeza disso ? O Guardiã parece saber onde nós estamos, e envia os servos dele."

"Ele nos rastreou pelos colares que estávamos usando. Ele ficará cego a nosso respeito por enquanto. Mas temos que ir embora daqui. Ele pode ter olhos vigiando, os mesmos olhos que pegaram o osso."

A cabeça dela baixou enquanto fechava os olhos. "Perdoe-me, Zedd, por colocar você em perigo. Por ser uma tola."

"Besteira. Ninguém sabe tudo. Você não pode esperar caminhar pela vida sem pisar na lama de vez em quando. A coisa importante é manter os pés firmes quando fizer isso, e não cair de cara e fazer ficar pior."

"Mas aquele osso é importante!"

"Ele se foi. Não podemos fazer nada a respeito agora. Pelo menos deixamos o Guardiã frustrado; ele não nos pegou. Mas

devemos nos afastar daqui.”

Adie se curvou para juntar os ossos que tinha derrubado. “Vou me apressar.”

“Não podemos levar tudo, Adie,” ele falou suavemente.

Ela endireitou o corpo. “Tenho que pegar meus ossos. Alguns deles são importantes. Alguns possuem magia poderosa.”

Zedd segurou a mão dela. “Adie, o Guardiã sabia onde nós estávamos através de um dos ossos. Ele esteve observando você. Não podemos saber se ele reconheceria qualquer um desses também. Temos que deixar eles, mas não podemos arriscar que alguém mais os pegue; eles devem ser destruídos.”

A boca dela se moveu por um momento antes que ela encontrasse as palavras. “Não vou deixar eles. São importantes. Foram extremamente difíceis de obter. Levou anos para encontrar alguns deles. O Guardiã não poderia ter marcado eles. Ele não poderia saber os problemas que passei.”

Zedd tocou a mão dela. Adie, ele não colocaria um que ele desejasse que você tivesse, para marcá-la, bem no seu caminho. Teria feito você lutar por ele, para que assim você o valorizasse e mantivesse ele sempre perto.”

Ela afastou a mão. “Então ele poderia ter marcado qualquer um!” Ela afirmou. “Como você sabe se essa égua não foi dada por um baneling?”

Zedd lançou um olhar sério para ela. “Porque essa não foi aquela que foi oferecida. Eu peguei outra.”

Lágrimas brotaram nos olhos dela. “Por favor, Zedd,” ele sussurrou. “Eles são meus. É com eles que eu alcançaria meu Pell.”

“Vou ajudar a levar sua mensagem até o seu Pell. Dei minha palavra a você, mas esse não é o modo de fazer isso; isso ainda não funcionou. Vou ajudar a encontrar um novo jeito.”

Ela mancou chegando mais perto dele um passo. “Como?”

Ele observou o rosto tenso dela com simpatia. “Eu tenho uma maneira de trazer espíritos através do véu por um curto tempo, para falar com eles. Mesmo que eu não consiga trazer Pell, posso conseguir enviar uma mensagem para ele. Mas Adie, você tem que

me escutar; não podemos fazer isso agora. Temos que esperar até que o véu esteja fechado.”

Os dedos trêmulos dela tocaram o braço dele. “Como? Como uma coisa dessas pode ser feita?”

“Pode ser feito. Isso é tudo que você deve saber.”

“Diga.” Os dedos dela apertaram no braço dele. “Preciso saber que você fala a verdade. Preciso saber que pode ser feito.”

Ele pesou a decisão por um momento. Tinha usado a pedra do mago que seu pai lhe deu para chamar os espíritos de seu pai e de sua mãe, mas eles disseram a ele explicitamente para não chamá-los novamente até que isso estivesse terminado, ou eles arriscariam despedaçar o véu. Usar a pedra para tal finalidade era perigoso mesmo no melhor dos tempos, e ele tinha sido avisado para não fazer isso a não ser nas circunstâncias mais graves.

Abrir um caminho para os espíritos sempre foi um grande risco. Você nunca sabia o que poderia deixar passar, acidentalmente. Bastante coisas escuras estavam atravessando sem que ele ajudasse.

Mesmo que Adie fosse uma feiticeira, esse uso da pedra do mago não era para o conhecimento dela. Era um segredo, como muitos outros, que os magos deveriam guardar. O coração dele pareceu pesado com aquela responsabilidade.

“Você terá que confiar na minha palavra de que isso pode ser feito. Dei minha palavra de que ajudarei, e quando for seguro, eu tentarei.”

Os dedos dela ainda mergulhavam no braço dele. “Como pode ser uma coisa dessas? Tem certeza? Como você pode saber tal coisa?”

Ele endireitou os ombros. “Sou um mago da Primeira Ordem.”

“Mas você tem certeza?”

“Adie, você deve aceitar minha palavra. Não ofereço ela de modo leviano. Não tenho certeza de que vai funcionar, mas acredito que pode dar certo. Nesse momento a coisa mais importante é usar o que sabemos, o que eu e você sabemos, para impedir que o Guardiã rasgue o véu. Seria errado usar o que eu sei por razões egoístas e assim colocar em risco a segurança de todos os outros.”

Manter o véu requer um delicado equilíbrio de forças; isso poderia perturbá-las. Fazer uso disso talvez pudesse até mesmo despedaçar o véu.”

Ela tirou a mão do braço dele e afastou uma mecha de cabelo cinzento. “Me perdoe, Zedd. Você tem razão. Estive estudando o limite entre os mundos pela maior parte da minha vida. Eu deveria saber. Me perdoe.”

Ele sorriu e abraçou os ombros dela. “Fico satisfeito em ver que você considera tão importantes os seus juramentos.”

“Significa que você é uma pessoa de honra. Não existe melhor aliado do que uma pessoa honrada.”

Ela olhou em volta da casa despedaçada dela. “É que... eu passei minha vida reunindo essas coisas. Fui protetora deles por tanto tempo. Outros confiaram eles a mim.”

Zedd conduziu-a para fora dos destroços. “Outros investiram a confiança deles em você para que usasse o dom que recebeu para proteger aqueles sem poder. São aqueles que escreveram as profecias. Você foi trazida até esse ponto por uma razão. Essa é a confiança que deve manter.”

Ela assentiu, esfregando uma das mãos finas nas costas dele enquanto caminhavam para longe dos restos da casa.

“Zedd, acho que também estão faltando muitos outros ossos.”

“Eu sei.”

“Eles são perigosos nas mãos erradas.”

“Também sei disso.”

“Então o que você planeja fazer a respeito disso?”

“Planejo fazer o que as profecias dizem ser a única coisa que nos dá uma chance de fechar o véu.”

“E o que seria isso, velho?”

“Ajudar Richard. Devemos encontrar um jeito de ajudá-lo, pois as profecias dizem que ele é o único que pode fechar o véu.”

Nenhum dos dois olhou para trás quando o fogo rugiu ganhando vida, agitando-se e correndo através das ruínas, dançando nos ossos.

CAPÍTULO 26



A Rainha Cyrilla manteve a cabeça erguida. Se recusava a admitir o quanto os dedos rudes dos brutos que a seguravam estavam machucando seus braços. Ela não resistiu enquanto eles a conduziam descendo o corredor imundo. De qualquer jeito, resistir era inútil, e não traria nenhuma ajuda para ela. Agora ela se comportaria como de costume: com dignidade.

Era a Rainha de Galea. Suportaria com dignidade o que estava por vir. Não mostraria seu pavor.

Além disso, não era o que estava sendo feito com ela que importava. Era o que aconteceria com o povo Galeano que lhe afligia.

E o que já tinha acontecido.

Quase uma centena da guarda Galeana tinha sido assassinada diante dos olhos dela. Quem poderia ter previsto que eles passariam por isso, de todos os lugares: em terreno neutro? Que alguns tivessem escapado não era consolo. Eles também provavelmente seriam caçados e mortos.

Ela esperava que o irmão dela, Príncipe Harold, estivesse entre aqueles que escaparam. Se ele tivesse conseguido fugir, talvez pudesse reunir uma defesa contra o massacre maior que ainda viria.

As mãos brutais em seu braço fizeram com que ela parasse perto de uma tocha que chiava em um suporte enferrujado.

Os dedos foram torcidos tão dolorosamente que um leve grito escapou dos lábios dela independente da sua vontade de sufocá-lo.

“Meus homens estão ferindo você, minha lady?” surgiu uma voz zombeteira atrás dela.

Ela negou friamente ao Príncipe Fyren a satisfação de uma resposta.

Um guarda enfiou a chave em uma fechadura enferrujada, enviando um agudo som metálico ecoando pelo corredor de pedra quando o ferrolho finalmente deslizou. A pesada porta rangeu em suas dobradiças quando foi aberta. As mãos semelhantes a um torno forçaram ela a entrar, passando pela porta e descendo por outra passagem comprida e baixa.

Ela podia ouvir o assobio das saias de cetim dela, e aos lados e atrás, as botas dos homens no chão de pedra, ocasionalmente pisando em água parada com odor desagradável. O ar úmido estava frio nos ombros dela, que estavam desacostumados a ficar descobertos.

O coração dela ameaçou disparar fora de controle quando pensou para onde estava sendo levada. Ela rezou aos queridos espíritos que não houvesse ratos. Tinha pavor de ratos, dos dentes afiados deles, das suas garras, e de seus olhos negros. Quando era pequena teve pesadelos com ratos, e acordava gritando.

Em um esforço para deixar o coração sobre controle, tentou pensar em outras coisas. Pensou na estranha mulher que tinha solicitado uma audiência com ela. Cyrilla não tinha certeza sobre porque a concedeu, mas agora desejava ter prestado mais atenção na mulher insistente.

Qual era o nome dela? Lady alguma coisa. Um rápido vislumbre do cabelo por baixo do véu dela havia mostrado que era curto demais para alguém com sua postura. Lady... Bevinvier. Sim, era isso: Lady Bevinvier. Lady Bevinvier de... algum lugar. Não conseguia convencer sua mente a lembrar. De qualquer modo isso não importava; não era a origem da mulher, mas o que ela havia dito, que importava.

Saia de Aydindril, Lady Bevinvier avisou. Saia imediatamente.

Mas Cyrilla não tinha viajado todo esse caminho, independente do inverno, para ir embora antes que o Conselho de Midlands tivesse escutado sua reclamação, e agido a respeito dela. Viera pedir que o Conselho cumprisse sua obrigação de colocar fim nas transgressões contra sua terra e seu povo imediatamente.

Cidades foram saqueadas, fazendas queimadas, e pessoas assassinadas. Os exércitos de Kelton estavam se reunindo para

atacar.

Uma invasão era iminente, se já não estivesse em andamento. E para quê? Nada além de pura conquista. Contra um aliado! Isso era um ultraje!

Era obrigação do Conselho vir em defesa de qualquer terra sendo atacada, não importa por quem. A finalidade do Conselho de Midlands era justamente impedir esse tipo de traição. Era obrigação deles fazer com que todas as terras fossem em auxílio de Galea, e acabar com a agressão.

Embora Galea fosse uma terra poderosa, havia sido gravemente enfraquecida por defender Midlands contra D'Hara, e não estava preparada para outra guerra. Kelton havia sido poupada da maior parte da conquista D'Haran, e tinha reservas abundantes. Galea tinha pago o preço da resistência em seu lugar.

Na noite anterior, Lady Beinvier veio até ela, e implorou que partisse imediatamente. Disse que Cyrilla não encontraria ajuda alguma para Galea com o Conselho. A Lady Beinvier disse que se a Rainha ficasse, estaria em grande perigo pessoal. No início, quando pressionada, Lady Beinvier recusou-se a dar explicações.

Cyrilla agradeceu mas disse que não se afastaria de sua obrigação com seu povo, e seguiria perante o Conselho, como planejado. Lady Beinvier começou a chorar, implorando que a Rainha prestasse atenção em suas palavras.

Finalmente ela confessou que teve uma visão.

Cyrilla tentou obter a natureza da visão da mulher, mas ela falou que estava incompleta, que não sabia quaisquer detalhes, apenas que se a Rainha não partisse imediatamente, algo terrível aconteceria. Ainda que Cyrilla confiasse nos poderes da magia, tinha pouca fé em adivinhas. A maioria eram farsantes, buscando apenas engordar suas bolsas com o esperto distorcer de uma frase, ou uma dica vaga de perigo a ser evitado.

Rainha Cyrilla ficou tocada pela aparente sinceridade da mulher, embora tenha concluído que deveria ser apenas fingimento, na tentativa de enganá-la para ganhar uma moeda. Uma artimanha para obter dinheiro pareceu estranho vindo de uma mulher que aparentava tamanha riqueza, mas os tempos estavam difíceis, e ela

sabia que a riqueza não estava imune a perdas. Afinal de contas, se ouro e bens tinham que ser conquistados, só fazia sentido procurá-los com aqueles que os possuíam. Cyrilla conhecia muitos que trabalharam duro a vida toda, apenas para perder tudo na guerra com D'Hara. Talvez o cabelo curto de Lady Bevinvier fosse o resultado daquela perda.

Ela agradeceu a mulher, mas disse que a missão era importante demais para ser colocada de lado. Colocou uma peça de ouro na mão da mulher, só para que Lady Bevinvier jogasse a moeda através da sala antes de correr em lágrimas.

Cyrilla tinha ficado chocada com aquilo. Uma charlatã não recusa ouro. A não ser, é claro, que ela estivesse em busca de algo mais.

Ou a mulher estivera falando a verdade, ou estava trabalhando em favor de Kelton, tentando evitar que o Conselho escutasse sobre a agressão.

Em ambos os casos, isso não importava; Cyrilla estava decidida. Além disso, era influente no Conselho. Galea era respeitada por defender Midlands. Quando Aydindril tinha caído, membros do Conselho que tinham recusado jurar a lealdade de suas terras a D'Hara foram condenados a morte e substituídos por marionetes. Aqueles membros do Conselho que tinham colaborado tiveram permissão de manter suas posições. O leal embaixador de Galea no Conselho foi executado.

Como a guerra tinha acabado era um mistério; as forças D'Haran receberam a notícia de que Darken Rahl estava morto e todas as hostilidades cessaram. Um novo Lorde Rahl tinha assumido, e as tropas simplesmente foram chamadas de volta para casa, ou receberam ordens de ajudar aqueles que tinham conquistado. Cyrilla suspeitou que Darken Rahl foi assassinado.

Seja lá o que tenha acontecido foi bom para ela; agora o Conselho estava de volta nas mãos do povo de Midlands. Aqueles que colaboraram, e as marionetes, foram presos. Disseram que as coisas voltariam ao modo como eram antes do ditador. Ela esperava que o Conselho ajudasse Galea.

Rainha Cyrilla também tinha um aliado no Conselho, o aliado mais poderoso que havia: a Madre Confessora.

Embora Kahlan fosse a sua meia-irmã, não foi isso que forjou sua aliança. Cyrilla sempre apoiou a soberania das várias terras, enquanto também reconhecia a necessidade fundamental de paz entre elas. A Madre Confessora respeitou aquela estabilidade, e foi esse respeito que a transformou em aliada de Galea.

Kahlan nunca tinha mostrado nenhum favoritismo a Cyrilla, e assim era como deveria ser; favoritismo teria enfraquecido a Madre Confessora, ameaçando a aliança do Conselho, e desse modo a paz. Ela respeitou Kahlan por colocar a unidade de Midlands acima de quaisquer jogos de poder. De qualquer jeito, esses tipos de jogos eram um lamaçal em movimento; no final alguém sempre ficava em melhor situação quando isso era negociado de modo justo, ao invés de com favoritismo.

Cyrilla sempre foi secretamente orgulhosa de sua meia-irmã. Kahlan era doze anos mais jovem, esperta, forte, e, independente de sua idade jovem, uma líder astuta. Ainda que estivessem ligadas pelo sangue, elas quase nunca falavam disso. Kahlan era uma Confessora, e tinha magia. Não era apenas uma irmã que compartilhava o sangue de um pai, mas uma Confessora, e a Madre Confessora de Midlands. Confessoras não eram ligadas por sangue com ninguém a não ser Confessoras.

Mesmo assim, não tendo sua própria família, a não ser seu adorado irmão, Harold, desejou com freqüência ter Kahlan nos braços como parente, como uma irmãzinha, e falar das coisas que elas compartilhavam. Mas isso não foi possível. Cyrilla era a Rainha de Galea, e Kahlan era a Madre Confessora; duas mulheres que eram estranhas virtuais que não dividiam nada além do sangue e respeito mútuo. A obrigação vinha antes do coração. Galea era a família de Cyrilla; as Confessoras, eram a de Kahlan.

Ainda que houvesse aqueles que mostrassem ressentimento pela mãe de Kahlan ter tomado Wyborn como um companheiro, Cyrilla não estava entre eles. Sua mãe, Rainha Bernadine, tinha ensinado a ela e Harold sobre a necessidade das Confessoras, a necessidade delas de sangue forte naquela linha de magia, e como

isso servia aos maiores interesses de Midlands em manter a paz. A irmã dela nunca tinha falado com amargura sobre perder o marido para as Confessoras, mas ao invés disso explicou a honra que Cyrilla e Harold tinham em compartilhar o sangue com as Confessoras, mesmo que isso geralmente não fosse pronunciado. Sim, ela estava orgulhosa de Kahlan.

Orgulhosa, mas talvez também um pouco desconfiada. Os costumes das Confessoras eram um mistério para ela. Desde o nascimento elas eram treinadas em Aydindril, treinadas por outras Confessoras, e por magos. A magia delas, seu poder, era algo com o qual nasciam, e de certo modo eram escravas dele. De alguns modos era a mesma coisa com ela; nascida para ser Rainha, sem muita escolha. Embora não tivesse magia alguma, ela entendia o peso do direito por nascimento.

Desde o nascimento até que o treinamento delas estivesse completo, Confessoras eram mantidas enclausuradas, como sacerdotisas, em um mundo isolado. Diziam que a disciplina delas era rigorosa. Mesmo que Cyrilla soubesse que elas deveriam ter emoções como qualquer pessoa, Confessoras eram treinadas para escondê-las. O compromisso com seu poder era tudo. Isso não lhes deixava opção na vida, a não ser a de escolher um companheiro, e até mesmo isso não era por amor mas por obrigação.

Cyrilla sempre desejou poder trazer um pouco do amor de uma irmã para Kahlan. Talvez, também desejasse que Kahlan pudesse ter fornecido um pouco desse amor para ela também. Mas isso jamais poderia acontecer. Talvez Kahlan tivesse lhe amado de longe, como Cyrilla tinha amado Kahlan. Talvez Kahlan também estivesse orgulhosa dela, da sua própria maneira. Ela sempre esperou que fosse assim.

A coisa que mais lhe causava dor era que embora as duas servissem a Midlands, ela era amada pelo seu povo por cumprir sua obrigação, mas Kahlan era temida e odiada por causa disso. Ela queria que Kahlan pudesse conhecer o amor das pessoas; isso era um conforto que em parte compensava o sacrifício. Mas uma Confessora jamais poderia ter isso. Talvez, ela pensou, fosse por isso que elas eram ensinadas a conter suas emoções e necessidades.

Kahlan também havia tentado avisá-la sobre o perigo de Kelton.

Foi no festival do solstício de verão, muitos anos atrás, no primeiro verão após a morte da mãe de Cyrilla. No primeiro verão em que Cyrilla foi Rainha. Também no primeiro verão desde que Kahlan tinha sido elevada a Madre Confessora.

O fato de Kahlan ter se tornado a Madre Confessora em uma idade tão jovem mostrava tanto a força de seu poder quanto a do seu caráter. E talvez uma necessidade. Uma vez que a seleção era feita em segredo, Cyrilla sabia pouco sobre a sucessão das Confessoras, exceto que isso era feito sem ressentimento ou rivalidade, e tinha a ver com a força do poder pesado contra a idade e treinamento.

Para o povo de Midlands, a idade era irrelevante. Eles temiam as Confessoras em geral, independente da idade, e em particular a Madre Confessora. Eles sabiam que ela era a mais poderosa das Confessoras. Diferente da maioria das pessoas, entretanto, Cyrilla sabia que o poder em si não era necessariamente algo a temer, e Kahlan sempre foi justa. Nunca tinha procurado nada além da paz.

Naquele dia as ruas de Ebinissia, a Coroa de Galea, ficou cheia de festividades de todos os tipos. Nem mesmo o mais baixo garoto de estábulo tinha falhado em encontrar boa recepção nas mesas da feira, ou nos jogos, ou perto dos músicos, acrobatas, e malabaristas.

Cyrilla, como Rainha, presidia as competições, e dava faixas para os vitoriosos. Nunca tinha visto tantos rostos sorridentes, tantas pessoas felizes. Nunca sentiu-se tão contente pelo povo dela, ou tão amada por eles.

Naquela noite houve um baile real no Palácio. O grande salão ficou lotado por quase quatrocentas pessoas. Era deslumbrante ver todos em suas roupas mais elegantes. Comida e vinho foram dispostas em compridas mesas em variedade abundante e impressionante - apenas combinando com o dia mais importante do ano. Foi grandioso além de qualquer baile que tinha acontecido antes, pois havia muito pelo quê estar agradecido. Era um tempo de paz e prosperidade, desenvolvimento e promessa, de nova vida e recompensa.

A música ecoava em notas discordantes, e o zumbido alto da reunião de repente silenciou quando a Madre Confessora entrou no salão de forma decidida, o mago dela em seus calcanhares, o manto prateado dele esvoaçando. O vestido branco de aparência real dela destacava-se entre a confusão de cores como a lua cheia entre as estrelas. Vestidos coloridos e enfeitados jamais pareceram tão inesperadamente triviais. Todos fizeram reverência durante a passagem dela. Cyrilla esperou com seus conselheiros ao lado da mesa na qual estava uma grande jarra de vidro com vinho.

Kahlan atravessou a sala silenciosa, seguida por cada olho, e parou diante da Rainha, fazendo uma leve reverência com a cabeça. Sua expressão estava fria como gelo. Ela não esperou pela formalidade de seu cargo de que a reverência fosse respondida.

“Rainha Cyrilla. Você tem um conselheiro chamado Drefan Tross?”

Cyrilla manteve sua mão aberta voltada para o lado. Esse é ele.”

O olhar sem emoção de Kahlan moveu-se para Drefan. “Falarei com você em particular.”

“Drefan Tross é um conselheiro de confiança,” Cyrilla interrompeu. Ele era mais do que aquilo. Era um homem que ela apreciava muito, um homem pelo qual ela estava começando a se apaixonar. “Você pode falar com ele em minha presença.” Ela não sabia do que se tratava, mas pensou que seria melhor se estivesse a par disso. Confessoras não interrompiam banquetes a não ser por causa de problemas. “Essa não é a hora nem o local para conduzir um assunto desse tipo, Madre Confessora, mas se não pode esperar, então que seja feito e terminado aqui e agora.”

Ela pensou que colocaria isso em suspenso até uma hora mais apropriada. Sem mostrar emoção, a Madre Confessora considerou isso por um momento. O mago atrás dela podia ser qualquer coisa menos inexpressivo. Na verdade, ele parecia bastante agitado.

Ele se curvou na direção de Kahlan para falar, mas ela levantou a mão para silenciá-lo antes que ele pudesse começar.

“Como queira. Sinto muito, Rainha Cyrilla, mas não posso esperar.” Ela voltou sua atenção para Drefan. “Acabei de tomar a

confissão de um assassino. Em sua confissão, ele também revelou ser um cúmplice de um assassino. Ele disse que você é esse assassino, e que seu alvo é a Rainha Cyrilla.”

Houve sussurros de espanto daqueles que estavam perto o bastante para escutar. O rosto de Drefan ficou vermelho. Os sussurros morreram em um leve silêncio.

Cyrilla malmente conseguiu acompanhar o que aconteceu em seguida. Um piscar de olhos e isso teria sido perdido. Num instante Drefan estava parado como estivera, com sua mão em seu casaco dourado e azul escuro, e no outro estava levando uma faca na direção da Madre Confessora. Altiva, ela moveu apenas o braço, segurando o pulso dele. Aparentemente ao mesmo tempo, houve um violento impacto no ar - um trovão, mas nenhum som. A jarra de vidro despedaçou, derramando vinho vermelho sobre a mesa e no chão. Cyrilla encolheu-se com o súbito flash de dor percorrendo cada junta de seu corpo. A faca bateu no chão. Os olhos de Drefan ficaram arregalados, sua mandíbula frouxa.

“Senhora,” ele sussurrou com reverência.

Cyrilla estava entorpecida com o choque de ver uma Confessora usar seu poder. Ela conhecia apenas o resultado, mas nunca tinha visto ele sendo usado. Poucos viram. A magia ainda pareceu pairar no ar por um momento.

A multidão se aproximou. Um olhar de aviso do mago transformou a curiosidade deles em timidez, e eles recuaram.

Kahlan pareceu esgotada, mas sua voz não mostrou fraqueza alguma. “Você pretendia assassinar a Rainha?”

“Sim, minha Senhora,” ele falou apaixonadamente, lambendo os lábios.

“Quando?”

“Esta noite. Na confusão quando os convidados estivessem saindo.” Drefan parecia estar atormentado. Lágrimas brotaram e desceram pelas bochechas dele. “Por favor, Senhora, ordene. Diga-me o que deseja. Permita que eu atenda seu comando.”

Cyrilla ainda estava em choque. Isso era o que tinha sido feito com seu pai. Foi assim que ele foi tomado como companheiro para

uma Confessora. Primeiro seu pai, e agora um homem que ela estimava.

“Aguarde em silêncio,” Kahlan ordenou. As mãos penduradas ao lado, ela virou para Cyrilla, agora seus olhos jovens estavam pesados de tristeza. “Me perdoe por perturbar sua celebração, Rainha Cyrilla, mas eu temia os resultados da demora.”

Com seu rosto queimando, Cyrilla virou para encarar Drefan. Ele estava parado observando Kahlan. “Quem ordenou isso, Drefan! Quem ordenou que você me matasse!”

Ele nem pareceu perceber que ela falou.

“Ele não vai responder a você, Rainha Cyrilla,” Kahlan disse. “Responderá apenas a mim.”

“Então você pergunta!”

“Isso não seria prudente,” o mago falou suavemente.

Cyrilla sentiu-se uma tola. Todos sabiam de sua afeição por Drefan. Agora todos viram que ela foi enganada.

Ninguém esqueceria jamais esse festival do solstício de verão.

“Não ouse me aconselhar!”

Kahlan inclinou-se chegando mais perto e falou lentamente. “Cyrilla, nós acreditamos que ele possa estar protegido por um feitiço. Quando fiz essa pergunta ao cúmplice dele, ele morreu antes que pudesse responder. Mas acredito que sei a resposta. Há meios indiretos de obter a informação que podem possivelmente driblar o feitiço. Se eu pudesse levar ele para algum lugar sozinha e perguntar a ele do meu próprio jeito, podemos ser capazes de conseguir a resposta.”

Cyrilla estava quase chorando de raiva. “Eu confiei nele! Ele era próximo a mim! Ele me traiu! A mim, não você! Vou saber quem mandou ele! Vou escutar isso dos próprios lábios dele! Você está no meu reino, em minha casa! Pergunte a ele!”

Kahlan endireitou o corpo, seu rosto assumindo novamente a calma máscara que não mostrava nada. “Como queira.” Ela dirigiu sua atenção para Drefan. “O que você pretendia fazer com a Rainha era de sua própria vontade?”

Ele esfregou as mãos com ansiosa expectativa de agradar a Madre Confessora. “Não, Senhora. Eu fui enviado.”

Se isso era possível, o rosto de Kahlan pareceu tornar-se ainda mais sereno. “Quem o enviou?”

Uma das mãos levantou, e sua boca abriu, como que em uma tentativa de atender ao comando dela. Tudo que saiu de sua garganta foi uma golfada de sangue antes que ele desmoronasse.

O mago soltou um grunhido. “Como eu pensei: a mesma coisa do outro.”

Kahlan pegou a faca e ofereceu o cabo dela para Cyrilla. “Acreditamos que há uma conspiração de grande magnitude em andamento. Se esse homem era ou não parte dela eu não sei, mas ele foi enviado por Kelton.”

“Kelton! Me recuso a acreditar nisso.”

Kahlan balançou a cabeça na direção da faca que estava na mão de Cyrilla. “A faca é Kelteana.”

“Muitas pessoas carregam armas forjadas em Kelton. Elas são algumas das melhores. Isso dificilmente é prova suficiente para tal acusação.”

Kahlan ficou imóvel. Cyrilla estava transtornada demais naquele momento para imaginar que pensamentos poderiam estar por trás daqueles olhos verdes. A voz de Kahlan finalmente saiu sem emoção. “Meu pai me ensinou que os Kelteanos só atacarão por duas razões. Primeira por inveja, e segunda quando forem tentados pela fraqueza. Ele disse que de um jeito ou de outro, sempre farão primeiro um teste tentando matar aquele que tiver a mais alta posição e força entre os seus oponentes. Agora Galea é a mais forte, graças a você, e o festival do solstício de verão é a marca dessa força. Você é a causa dessa inveja, e um símbolo dessa força.”

“Meu pai também disse que você deve sempre manter um olho nos Kelteanos, e nunca oferecer a eles suas costas. Disse que se você frustrar eles na primeira tentativa, isso aprofundará a fome deles pelo seu sangue, e sempre vão ficar esperando por qualquer fraqueza para que possam atacar.”

A fúria ardente de Cyrilla por ter sido enganada por Drefan fez ela explodir sem considerar suas palavras. “Eu não saberia o que nosso pai disse. Nunca tive o benefício das lições dele. Ele foi levado de nós por uma Confessora.”

O rosto de Kahlan transformou-se do calmo e frio vazio de uma Confessora para uma expressão de sábia benevolência sem idade que pareceu muito além de seus anos.

“Talvez, Rainha Cyrilla, os bons espíritos tenham escolhido poupar você das coisas que ele teria ensinado, e fizeram com que ele me ensinasse ao invés disso. Fique agradecida que eles tenham olhado para você com bondade. Duvido que as coisas que ele me ensinou trariam qualquer alegria a você. Não me trouxeram nenhuma, a não ser talvez a de que elas me ajudaram a preservar sua vida esta noite. Por favor não fique triste. Fique em paz consigo mesma, e dê valor ao que você tem: o amor do seu povo. Eles são sua família, a única.”

Kahlan começou a se afastar, mas Cyrilla segurou seu braço gentilmente e levou-a para o lado enquanto homens se curvavam para carregar o corpo do salão .

“Kahlan, me perdoe.” Os dedos dela remexeram em uma fita na sua cintura. “Direcionei minha raiva por Drefan para você.”

“Eu entendo, Cyrilla. Em seu lugar, provavelmente eu teria reagido da mesma maneira. Pude ver os seus sentimentos por Drefan em seus olhos. Eu não poderia esperar que ficasse feliz com o que acabei de fazer. Perdoe-me por trazer angústia para sua casa em um dia que deveria ser apenas de alegria, mas tive muito medo dos resultados do atraso.”

Kahlan tinha feito ela sentir-se como a irmã mais nova. Pareceu jovem outra vez no corpo da linda mulher jovem parada diante dela. Kahlan estava na idade de escolher um companheiro. Talvez já tivesse escolhido, pelo que sabia. A mãe dela devia estar mais ou menos com essa idade quando tomou o pai de Cyrilla. Tão jovem.

Olhando dentro daqueles profundos olhos verdes, Cyrilla perdeu um pouco da sua raiva por Drefan. Essa jovem mulher, sua irmã, acabou de salvar sua vida, sabendo muito bem que isso não traria agradecimento algum, e provavelmente receberia apenas um medo mais forte, e possivelmente um ódio imortal, de sua meia-irmã. Tão jovem. Cyrilla sentiu vergonha de seu próprio egoísmo.

Ela sorriu para Kahlan pela primeira vez. “Certamente, as coisas que Wyborn ensinou não foram todas ruins?”

“Ele só me ensinou a matar. Quem matar, quando matar, e como matar. Fique agradecida por não receber mais essas lições, e por nunca ter precisado do que ele ensinou. Eu precisei, e temo que apenas tenha começado a usar o que ele me ensinou.”

Cyrilla franziu o rosto. Kahlan era uma Confessora, não uma assassina. “Porque você diz uma coisa assim?”

“Acreditamos que descobrimos uma conspiração. Não falarei sobre isso até que eu conheça sua natureza, e tenha prova, mas acredito que isso poderá trazer uma tempestade muito além de qualquer uma que eu ou você já vimos.”

Cyrilla tocou o rosto de sua irmã, a única fez em sua vida que tinha feito isso. “Kahlan, fique, por favor? Aproveite ao meu lado o que restou do festival? Adoraria ter você comigo.”

O rosto de Kahlan mostrou novamente a calma máscara de uma Confessora. “Não posso. Minha presença apenas apagaria a luz no coração do seu povo. Obrigada pela oferta, mas você deve conseguir aproveitar o seu dia com o seu povo, sem que eu estrague as coisas.”

“Bobagem. Não estragaria nada.”

“Não há nada que eu gostaria mais do que se fosse assim, mas não é. Lembre do que nosso pai disse: mantenha um olho nos Kelteanos. Tenho que partir. Tem problema acumulando e devo providenciar que as Confessoras encontrem sua causa.”

“Antes que eu volte para Aydindril farei uma visita a Kelton e apresentarei minhas suspeitas, e um aviso de que o que aconteceu não vai se repetir. Informarei ao Conselho sobre o problema de hoje, para que todos os olhos estejam sobre os Kelteanos.”

“O que eles ensinam em Aydindril que poderia transformar o que parecia ser porcelana em ferro?”

“Obrigada, Madre Confessora” foi tudo que ela conseguiu dizer, para oferecer a sua irmã a honra de seu cargo, enquanto observava ela se afastar, com seu mago a reboque.

Aquela foi a conversa mais íntima que ela já teve com sua meia-irmã. O festival do solstício de verão não guardou muita alegria para ela depois que Kahlan foi embora. Tão jovem, e ainda assim tão madura.

No Conselho de hoje, Cyrilla ficou surpresa em descobrir que a Madre Confessora não estava presidindo. Ninguém sabia onde ela estava. Era de se esperar que ela estivesse ausente quando Aydindril caiu; freqüentemente ela estava fora em sua posição como uma Confessora, e provavelmente estivera fazendo o que podia para deter a ameaça de D'Hara. Todas as Confessoras tinham combatido ferozmente as hordas de D'Hara. Ela estava certa de que Kahlan não faria menos, usando em parte o que seu pai havia lhe ensinado.

Mas que não tivesse retornado a Aydindril imediatamente quando D'Hara recuou era preocupante. Talvez ela ainda não tivesse tempo de voltar. Cyrilla temeu que Kahlan pudesse ter morrido nas mãos de um quad. D'Hara tinha sentenciado todas as Confessoras à morte, e caçado-as implacavelmente. Galea tinha oferecido refúgio para as Confessoras, mas os quads, implacáveis, e sem piedade, as encontrou de qualquer jeito.

Pior, sem a Madre Confessora, não havia um mago supervisionando o encontro do Conselho. A carne de Cyrilla formigou de apreensão quando ela não avistar mago algum. Percebeu que a ausência de uma Confessora e de um mago criava um perigoso vácuo na sala do Conselho.

Mas quando viu quem presidia a sessão do Conselho, sua apreensão transformou-se em terror. Sentado na primeira cadeira estava o Alto Príncipe Fyren, de Kelton. O próprio homem que ela vinha buscar liberação para colocar em julgamento. Ver ele sentado na cadeira que sempre pertenceu apenas a Madre Confessora era assustador.

O Conselho, pelo que poderia parecer, não tinha sido recomposto do jeito que deveria ter sido.

Apesar de tudo, ela o ignorou e ao invés disso colocou seus pedidos para o restante do Conselho. Em resposta, Príncipe Fyren ficou de pé e acusou-a de traição contra Midlands. Ele teve absoluta ousadia de acusá-la da coisa pela qual ele era culpado.

Depois, Príncipe Fyren assegurou ao Conselho que Kelton não estava cometendo agressão alguma mas estava agindo apenas em auto-defesa contra um vizinho ganancioso. Em um discurso, ele falou sobre as maldades das mulheres em posições de poder. O

Conselho aceitou sua palavra com relação a tudo. Eles não permitiram que ela apresentasse nenhuma evidência.

Ela ficou estupefata e sem voz quando o Conselho ouviu as acusações de Fyren, e sem fazer pausa considerou-a culpada, sentenciando-a a ser degolada.

Onde estava Kahlan? Onde estavam os magos?

A visão de Lady Bevinvier provou ser verdadeira. Cyrilla deveria ter escutado, ou pelo menos tomado alguma precaução.

O aviso de Kahlan também, provou ser verdadeiro; Kelton primeiro tentou atacar por inveja, e agora, anos mais tarde, eles tinham renovado seu ataque quando viram uma fraqueza tentadora.

A guarda Galeana ficou no grande pátio, pronta para escoltar Cyrilla para casa imediatamente. Ela precisava falar sobre preparar as defesas de Galea até que as forças que esperavam ser enviadas pelo Conselho pudessem chegar. Mas isso não aconteceria.

Durante o pronunciamento da sentença, ela escutou os gritos terríveis de batalha do lado de fora. Batalha, ela pensou com tristeza. Não era uma batalha, mas um massacre. As tropas dela esperavam no grande pátio sem as suas armas, como um sinal de respeito e deferência, um gesto aberto de submissão para com a regra do Conselho de Midlands.

Rainha Cyrilla ficou parada na janela, um guarda em cada braço, tremendo de horror enquanto observava o massacre. Alguns de seus homens conseguiram tomar armas ao superar seus atacantes, e fizeram um corajoso esforço, mas não tinham chance alguma. Estavam em inferioridade numérica de cinco para um, e estavam em sua maior parte sem meios para defender a si mesmos. Ela não podia afirmar se no meio do caos algum deles escapou. Esperava que sim. Rezou para que Harold tivesse escapado.

A neve branca que jazia sobre o chão foi transformada em um mar vermelho. Ela estava horrorizada com a carnificina. Só houve piedade em sua rapidez.

Fizeram Cyrilla ajoelhar perante o Conselho enquanto Príncipe Fyren segurava seu longo cabelo, e com sua própria espada o cortou. Ela ajoelhou-se em silêncio, sua cabeça erguida com orgulho em honra ao seu povo, em honra aos homens que tinha acabado de

ver assassinados, enquanto ele cortava seu cabelo deixando-o tão curto quanto o da mais baixa aj udante de cozinha.

O que uma hora antes parecia ser a proximidade do fim para o suplício de seu povo ao invés disso tornara-se o simples começo.

Os dedos poderosos no braço dela fizeram ela parar diante de uma pequena porta de ferro. Ela se encolheu de dor. Uma escada rude com duas vezes a altura dela estava ao lado dela encostada na parede no lado oposto do corredor.

Outra vez o guarda com as chaves se adiantou para abrir a fechadura. Ele amaldiçoou o mecanismo, reclamando que sua falta de uso deixou-a endurecida. Todos os guardas pareciam ser Kelteanos. Ela não tinha visto ninguém da Guarda de Defesa de Aydindril. A maioria, ela sabia, tinha sido morta na queda de Aydindril para D'Hara.

Finalmente o homem abriu a porta para revelar um buraco escuro. As pernas dela pareciam querer virar líquido. Apenas as mãos segurando seus braços a mantinham de pé. Ele a colocariam naquele buraco escuro. Junto com os ratos.

Ela se esforçou para firmar as pernas. Era a Rainha. Mas a velocidade da pulsação dela não diminuiu.

“Como ousa colocar uma lady em um buraco infestado de ratos!”

Príncipe Fyren se aproximou da bocarra negra. Uma das mãos na cintura mantinha para trás seu casaco azul desabotoado.

Com sua outra mão ele tirou uma tocha do suporte.

“Ratos? É isso que preocupa você, minha lady? Ratos?” Ele lançou um sorriso sarcástico para ela. Ele era jovem demais para ser tão bem treinado na insolência. Se os braços dela estivessem livres ela teria esbofeteado ele. “Permita-me aliviar seus medos, Rainha Cyrilla.”

Ele atirou a tocha dentro da escuridão. Quando ela caiu, iluminou rostos. Um punho agarrou a tocha.

Havia homens no buraco. Pelo menos seis, talvez dez.

Príncipe Fyren inclinou-se no portal, sua voz ecoando dentro do buraco. “A Rainha está preocupada que possa haver ratos aí dentro.”

“Ratos?” surgiu uma voz grossa vindo do buraco. “Não tem rato nenhum aqui. Não tem mais. Nós comemos todos.”

Uma mão com folhos brancos no pulso ainda repousava na cintura do Príncipe Fyren. Sua voz zombeteira com preocupação fingida. “Pronto, está vendo? O homem diz que não tem ratos. Isso alivia sua preocupação, minha lady?”

Os olhos dela dispararam entre a luz bruxuleante da tocha e Fyren. “Quem são aqueles homens?”

“Ora, apenas alguns assassinos e estupradores aguardando sua decapitação, assim como você. Animais totalmente desprezíveis, na verdade.”

“Com todos os assuntos que tenho para cuidar, não tive tempo de ver as sentenças deles. Eu temo que ficar no buraco por tanto tempo faça eles ficarem com uma disposição terrível.” O sorriso dele voltou, “Mas tenho certeza que ter uma Rainha entre eles vai aliviar seus humores.”

Cyrilla teve que fazer esforço para sua voz sair. “Exijo minha própria cela.”

O sorriso desapareceu. Uma sobrancelha levantou. “Exige? Você exige?” De repente ele bateu no rosto dela.

“Você não exige nada! Não é nada além de uma criminosa comum, uma repugnante assassina do meu povo! Você foi julgada e condenada!”

A bochecha dela ardia com a marca da mão dele.

“Não pode me colocar ali dentro - com eles.” O sussurro suplicante dela era inútil, ela sabia, mas não conseguiu evitar que saísse de seus lábios.

Fyren girou os ombros, ajeitando suas costas e o casaco enquanto recuperava sua postura. Sua voz aumentou dirigindo-se aos homens lá dentro. “Vocês não maculariam uma lady, maculariam?”

Suaves risadas ecoaram do buraco. “Nossa, claro que não. Não vamos querer ser degolados duas vezes.” A voz rouca assumiu um tom de fria ameaça. “Vamos tratá-la muito bem.”

Cyrilla podia sentir o gosto quente e salgado do sangue no canto de sua boca. “Fyren, não pode fazer isso. Exijo ser degolada

imediatamente.”

“Lá vem você outra vez: exigindo.”

“Porque isso não pode ser feito agora! Que seja feito agora!”

Ele afastou a mão para bater nela de novo, mas então baixou quando seu sorriso afetado retornou. “Está vendo? Primeiro você proclama sua inocência, e não quer ser executada, mas agora você já está reconsiderando. Depois de alguns dias lá embaixo, com eles, estará implorando para ser degolada. Vai confessar avidamente sua traição diante de todos aqueles reunidos para testemunhar sua punição. Além disso, tenho outros assuntos para tratar. Não posso ser perturbado nesse momento. Você será enviada para a morte quando eu considerar que tenho tempo.”

Com terror crescente, só agora ela estava começando a captar toda a extensão do destino que lhe aguardava no buraco.

Lágrimas queimavam seus olhos.

“Por favor... não faça isso comigo. Estou implorando.”

O Príncipe Fyren alisou os folhos brancos em sua garganta e falou suavemente. “Tentei facilitar para você, Cyrilla, porque você é uma mulher. A faca de Drefan teria sido algo rápido. Teria sofrido pouco daquele jeito. Eu nunca teria permitido a um homem que estivesse em seu lugar tal misericórdia. Mas você não aceitaria do modo fácil. Permitiu que a Madre Confessora interferisse. Permitiu ainda que outra mulher desrespeitasse o domínio dos homens!”

“Mulheres não possuem estômago para governar. São mal adaptadas para a tarefa. Nunca deveriam receber permissão para comandar exércitos ou para meter o nariz nos assuntos de nações. As coisas devem ser corrigidas. Drefan morreu tentando fazer isso do jeito fácil. Agora faremos do outro jeito.”

Ele balançou a cabeça para um homem atrás dele. O guarda arrastou a escada até a porta para colocar uma ponta dentro do buraco enquanto as mãos nos braços dela levaram-na para a beira. Os outros homens sacaram espadas, aparentemente para evitar que alguém no buraco tivesse o pensamento de subir a escada.

Cyrilla não conseguia pensar em modo algum para impedir isso. Ela fez um protesto, sabendo que isso era tolice, mas foi

incapaz de conter o seu pânico. “Eu sou uma Rainha, uma lady, não serei forçada a descer em uma escada grosseira.”

Príncipe Fyren piscou em resposta para sua objeção ridícula, mas então fez um movimento com sua mão para que o homem puxasse a escada de volta.

Ele fez uma reverência zombeteira. “Como queira, minha lady.”

Ele levantou, fazendo um leve aceno com a cabeça para os homens que seguravam os braços dela. Eles a soltaram. Antes que ela pensasse em mover um músculo, ele bateu com a mão no peito dela, entre os seios.

O golpe doloroso tirou o equilíbrio dela. Ela caiu para trás através da abertura. Descendo no buraco.

Enquanto mergulhava, esperou atingir o chão de pedra e morrer. Conformou-se com isso com um último suspiro enquanto o fluxo fútil de sua glória passada passou como um turbilhão em sua mente. Tudo tinha acabado assim? Tudo foi em vão?

Seu crânio quebraria como um ovo que caiu de uma mesa para o chão?

Mas algumas mãos a seguraram. Mãos estavam em toda parte sobre ela, inesperadamente sobre os lugares mais indecentes. Os olhos dela se abriram para ver a luz da porta ficar escura com um som alto e reverberante.

Rostos estavam por toda parte ao redor dela sob a assustadora luz bruxuleante da tocha. Rostos barbudos sujos. Rostos feios, suados e maus. Ávidos olhos negros a observaram. Sorrisos famintos exibiam dentes pontudos tortos.

Tantos dentes. A garganta dela se fechou, prendendo sua respiração nos pulmões. Sua mente recusava-se a funcionar, e foi invadida por imagens confusas inúteis.

Ela foi pressionada contra o chão. A pedra estava fria e dolorosamente áspera em suas costas. Grunhidos e gritos baixos vinham de todos os lados. Homens estavam amontoados em cima dela. Contra os esforços dela, seus membros foram empurrados e puxados enquanto os homens gemiam.

Agarrando com força, mãos parecidas com garras rasgaram seu delicado vestido e tocaram brutalmente a carne subitamente

exposta.

E então Cyrilla fez algo que não tinha feito desde que era uma garotinha.

Ela gritou.

CAPÍTULO 27



Anão ser pelo seu dedão e o dedo indicador girando distraidamente o osso liso arredondado em seu colar, Kahlan permanecia imóvel enquanto estudava a cidade. As ladeiras pedregosas ao redor pareciam embalar suavemente as construções que enchiam quase o comprimento e a largura do vale. Telhados inclinados pontilhavam a terra com a faixa de muros, com os picos mais altos do Palácio no lado norte, mas não era mais do que um filete de fumaça que subia das centenas de chaminés de pedra. Ela não viu movimento algum. A estrada reta ao sul conduzindo até o portão principal, as estradas sinuosas menores que ramificavam no final dos portões inferiores, e aquelas que ultrapassavam completamente as paredes externas para levar até o norte, estavam desertas.

A campina de montanhas inclinadas diante dela jazia enterrada debaixo de um cobertor branco do inverno. Uma leve brisa retirava o peso da neve do galho curvado de um pinheiro próximo, liberando uma nuvem cintilante que rodopiava. A mesma brisa agitava o pêlo branco de lobo do espesso manto encostado na bochecha dela, mas ela mal notava isso.

Prindin e Tossidin fizeram o manto para ela, para mantê-la aquecida em seu caminho na direção nordeste através das tempestades de inverno que varriam a terra gelada na qual eles tinham viajado. Lobos tinham medo das pessoas, e raramente eram vistos, então ela sabia pouco a respeito dos hábitos deles. As flechas dos irmãos tinham encontrado o rastro deles onde ela não via coisa alguma. Se não tivesse visto Richard atirar, teria pensado que aqueles tiros eram impossíveis. Os irmãos eram quase tão bons quanto ele.

Embora sempre tivesse guardado uma vaga inimizade por lobos, na verdade ela nunca tinha sido perturbada por eles. Desde que Richard falou a ela sobre os seus grupos familiares, passou a sentir uma certa afeição por eles. Ela não queria que os dois irmãos matassem os lobos para fazer a capa, mas eles insistiram que era necessário e, no final, ela havia concordado.

Ela sentiu-se doente ao ver as peles serem retiradas das carcaças, revelando os músculos vermelhos, ossos e tendões brancos, a essência que era tão elegante quando preenchida de vida e espírito, e que repentinamente tornava-se mórbida quando privada dessas duas coisas.

Quando os irmãos cuidavam dessa tarefa medonha, ela só conseguiu pensar em Brophy, o homem que tinha tocado com seu poder, apenas para provar que ele era inocente. Ele foi transformado em um lobo pelo mago dela, Giller, para libertá-lo da magia da Confessora, para que assim pudesse começar de novo em uma nova vida. Ela imaginou o quanto as famílias desses lobos devem ter ficado tristes quando eles não retornaram, da mesma forma como sabia que a companheira de Brophy e seu grupo devem ter ficado quando ele foi morto.

Tinha visto tanta matança. Ela estava cansada disso quase ao ponto de chorar, por causa do jeito como isso parecia continuar sem ter um fim à vista. Pelo menos os três homens não sentiram orgulho ou alegria alguma por matar os magníficos animais, e tinham feito uma oração aos espíritos dos irmãos lobos, como eles haviam chamado.

“Não deveríamos estar fazendo isso,” Chandalen resmungou.

Ele estava apoiado em sua lança, observando-a, ela sabia, mas não tirou os olhos da cidade silenciosa lá embaixo, da cena que estava parada demais. Seu tom não foi tão rude como de costume. Isso entregava sua inquietação ao ver uma cidade do tamanho de Ebinissia.

Ele nunca esteve longe das terras do Povo da Lama, e nunca tinha visto tantas construções, especialmente nenhuma de tão grane escala. Quando tinha percebido pela primeira vez o tamanho, seus olhos castanhos ficaram vidrados em silenciosa admiração que não

conseguiu esconder, e sua língua ácida, dessa vez, tinha lhe abandonado. Tendo vivido toda sua vida na vila nas planícies, deveria parecer que ele estava enxergando o resultado de magia, não do mero esforço humano.

Ela sentiu uma leve pontada de tristeza por ele e pelos dois irmãos, que a sua visão simples do mundo exterior tivesse que ser destruída. Bem, eles veriam mais, antes que essa jornada estivesse terminada, que os surpreenderia mais adiante.

“Chandalen, tenho feito um grande esforço, em quase todo momento que estou acordada, ensinando você, Prindin e Tossidin a falar minha língua. Ninguém onde estamos indo falará a de vocês. É pelo próprio bem de vocês que eu faço isso. Você é livre para acreditar que estou sendo vingativa, ou que estou fazendo como estou dizendo: sendo cuidadosa por sua segurança fora de sua terra, mas de um jeito ou de outro, você falará comigo na língua que eu ensinei.”

O tom dele endureceu, mas ainda não conseguia disfarçar o quanto ele estava sentindo-se pequeno ao ver a grande cidade pela primeira vez. Aquilo estava muito além da maior que ele imaginava que veria. Talvez isso também mostrasse algo que ela nunca tinha sentido nele: medo.

“Eu devo levar você para Aydindril, não para esse lugar. Não deveríamos estar usando nosso tempo nesse lugar.” Sua inflexão implicava que ele considerava que um lugar como esse só poderia ser maligno.

Forçando os olhos sobre a neve branca debaixo do sol cegante, ela viu as duas figuras, longe lá embaixo, começando a subir a ladeira. Ela deixou o osso arredondado escorregar dos dedos. “Eu sou a Madre Confessora. É meu dever proteger todas as pessoas de Midlands, do mesmo jeito que trabalho para proteger o Povo da Lama.”

“Você não traz ajuda nenhuma para meu povo, só problema.”

Os protestos dele pareceram mais por costume do que firme desafio. Ela respondeu em um murmúrio suave e cansado. “Chega, Chandalen.”

Felizmente, ele não insistiu no assunto, mas direcionou sua raiva para outro lugar. “Prindin e Tossidin não deveriam subir a colina em campo aberto desse jeito. Ensinei a eles para não serem tão estúpidos. Se eles fossem garotos, Bateria nas bundas deles. Todo mundo pode ver para onde eles vão. Você vai fazer como eu digo, e sair do campo aberto agora mesmo?”

Ela permitiu que ele a conduzisse de volta para dentro do cobertor de árvores, não porque achou que era necessário, mas porque procurava mostrar a ele que respeitava seus esforços em protegê-la. Independente de sua hostilidade por ser forçado a seguir nessa jornada, ele cumpria sua obrigação, tomando conta dela constantemente, como os dois irmãos, eles com sorrisos e preocupação, ele com um olhar de raiva e suspeita. Todos eles faziam com que ela tivesse a sensação de ser uma carga preciosa, frágil, que deveria receber cuidados o tempo todo. Os irmãos, ela sabia, eram sinceros. Chandalen, ela estava certa, via sua missão apenas como uma tarefa que deveria ser executada, não importa o quanto fosse onerosa.

“Deveríamos sair daqui rápido,” ele pressionou, outra vez.

Kahlan tirou uma das mãos debaixo do manto peludo e afastou do rosto um punhado de seu longo cabelo. “É minha obrigação saber o que aconteceu aqui.”

“Você disse que sua obrigação era ir para Aydindril, quando Richard, o Esquentado, pediu.”

Kahlan se afastou sem responder, seguindo mais fundo entre as árvores cobertas de neve. Sentia falta de Richard mais do que podia suportar. Toda vez que fechava seus olhos, via o rosto dele com a expressão que mostrava quando havia pensado que ela o traiu. Ela queria cair de joelhos e soltar o grito que parecia estar sempre ali, aprisionado logo abaixo da superfície, tentando encontrar um jeito de atravessar o controle dela, um grito que nasceu do seu horror pelo que tinha feito.

Mas o que mais ela poderia ter feito? Se o que descobriu fosse verdade, e o véu para o submundo estivesse rasgado e Richard realmente fosse o único que poderia fechá-lo, e se a coleira fosse a única coisa que poderia salvar a vida dele e lhe dar a chance de

fechar o véu, então ela não teria outra escolha. Como poderia ter tomado outra decisão? Como Richard poderia respeitá-la se não encarasse suas responsabilidades com o bem maior? O Richard que ela amava eventualmente perceberia isso. Tinha que perceber.

Mas se alguma dessas coisas não fosse verdade, então ela teria lançado o homem que amava dentro do pior pesadelo dele, por nada.

Ficou imaginando novamente se Richard olhava para o tufo de cabelo que ela havia dado a ele, e pensava nela.

Ela esperava que ele pudesse enxergar isso dentro de si mesmo para entender e perdoar. Queria tanto dizer a ele o quanto o amava. Desejava ardentemente abraçá-lo. Queria apenas chegar até Aydindril, até Zedd, para conseguir ajuda.

Mas precisava saber o que tinha acontecido aqui. Endireitou as costas com determinação. Era a Madre Confessora.

Ela pretendia evitar Ebinissia, mas durante os últimos dois dias eles passaram pelos cadáveres congelados de mulheres. Nunca um homem, apenas mulheres, das jovens até as velhas, de crianças até avós. A maioria estava semi-nuas, algumas sem roupa alguma. E no pico do inverno. Enquanto a maioria estava sozinha, algumas estavam juntas, agrupadas na morte congelada, exaustas demais, assustadas demais, ou desorientadas demais para ter buscado abrigo. Tinham corrido de Ebinissia não com pressa desordenada, mas em pânico, preferindo congelar até a morte do que ficar.

A maioria delas também tinha sido abusadas antes que fossem espalhadas em todas as direções dentro do campo montanhoso. Kahlan sabia o que havia feito com elas, o que tinha feito com que elas tomassem a decisão que tomaram. Os três homens também sabiam, mas nenhum deles diria isso em voz alta.

Ela apertou mais o seu manto quente. Essa atrocidade não poderia ter acontecido pelas mãos dos exércitos de D'Hara; era recente demais. As tropas de D'Hara haviam sido chamadas de volta para casa. Certamente, não teriam feito isso depois que receberam a notícia de que a guerra tinha acabado.

Incapaz de ficar parada mais um momento sem saber o que havia acontecido com Ebinissia, ela empurrou o arco levantando-o

um pouco mais no ombro e começou a descer a colina. Os músculos das pernas dela foram usados fazia muito tempo para andar com os passos largos necessários para caminhar com os calçados largos adaptados para neve, que os homens tinham feito com madeira e pele. Chandalen seguiu atrás dela.

“Você não deveria descer ali. Poderia ser perigoso.”

“Perigo,” ela corrigiu enquanto levantava um pouco mais sua mochila. “Se houvesse perigo, Prindin e Tossidin não estariam em campo aberto. Você pode vir, ou pode esperar aqui, mas eu vou descer.”

Discutir era inútil, ele foi atrás em um raro momento de silêncio. O claro sol da tarde não trazia calor algum ao dia amargo dia frio. Geralmente tinha vento na periferia das Montanhas Rang'Shada, mas felizmente havia pouco nesse dia, para uma mudança no tempo. Tinha nevado por vários dias, e eles conseguiram seguir mais rápido com o tempo limpo. Mesmo assim, a cada respiração, o ar parecia estar transformando o interior do nariz dela em gelo.

Ela interceptou Prindin e Tossidin a meio caminho da descida da ladeira. Eles pararam diante dela, apoiando-se nas suas lanças, respirando pesadamente, o que era incomum para eles pois nada parecia cansá-los, mas eles não estavam acostumados com a altitude. Os rostos deles estavam pálidos, e os belos sorrisos gêmeos deles haviam desaparecido.

“Por favor, Madre Confessora,” Prindin falou, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego da subida árdua, “você não deve ir até aquele lugar. Os espíritos ancestrais daquelas pessoas abandonaram eles.”

Kahlan soltou um cantil de sua cintura e tirou debaixo de seu manto, onde o calor de seu corpo impedia que a água congelasse. Ofereceu a Prindin, encorajando-o a tomar um gole antes de questioná-lo.

“O que vocês viram ? Não entraram na cidade, entraram? Falei para não entrarem.”

Prindin passou o cantil para seu irmão ofegante. “Não.”

“Ficamos escondidos, como você falou. Não entramos, mas não precisamos.” Ele lambeu uma gota de água do seu lábio inferior. “Podemos vemos o bastante do lado de fora.”

Ela pegou de volta o cantil quando Tossidin terminou, e colocou a tampa novamente. “Vocês viram alguma pessoa?”

Tossidin deu uma rápida olhada por cima do ombro, descendo a colina. “Vimos muitas pessoas.”

Prindin enxugou o nariz com a costa da mão enquanto olhava de seu irmão para ela. “Pessoas mortas.”

“Quantas ? Mortas de quê?”

Tossidin afrouxou a tira de couro que segurava sua manta de pele apertada no pescoço. “Mortas por lutar. A maioria são homens com armas: espadas, lanças e arcos. Tem mais do que as palavras que eu conheço para contar. Nunca vi tantos homens. Em toda minha vida, nunca vi tantos homens assim. Aconteceu uma guerra aqui. Guerra, e matança daqueles derrotados.”

Kahlan ficou olhando para eles por um momento enquanto o horror ameaçava tirar o seu fôlego. Esperava que de alguma forma o povo de Ebinissia tivesse escapado, que tivessem fugido.

Uma guerra. As forças D'Haran tinham feito isso depois que a guerra havia terminado? Ou foi alguma outra coisa?

Os músculos dela finalmente destravaram e ela começou a descer a colina, o manto ondulando, esvoaçando no ar gelado.

O coração dela pulsava de temor pelo que havia acontecido ao povo de Ebinissia. “Tenho que descer para ver o que aconteceu.”

“Por favor, Madre Confessora, não vá,” Prindin gritou atrás dela. “è ruim para ver.”

Os três homens trotaram para ir atrás enquanto ela marchava descendo a colina, a ladeira acelerando seu esforço. “Eu já vi pessoas mortas antes.”

Eles começaram a encontrar os cadáveres esparramados - aparentemente os locais de combates - a uma boa distância dos muros da cidade. A neve tinha avançado sobre eles, cobrindo-os parcialmente. Em um lugar, uma das mãos brotava da neve, como se o homem lá embaixo estivesse se afogando, e procurasse por ar. A maioria não havia sido tocada por animais ou aves, havendo uma

grande abundância de animais que se alimentavam de carniça. Todos eram soldados do exército Galeano, congelados durante a morte onde tombaram, as roupas ensopadas de sangue congeladas neles como rocha, horríveis ferimentos abertos.

Na parede sul, onde enormes portas de carvalho com robustas faixas de ferro cruzadas haviam resistido, havia um grande buraco através da rocha, suas bordas derretidas e enegrecidas. Kahlan ficou olhando para a rocha derretida como cera de uma vela que tivesse gotejado. Ela só conhecia um poder que poderia fazer aquilo: fogo de mago.

Sua mente lutou para entender o que estava vendo. Ela sabia como parecia o resultado do fogo de mago, mas não havia mais nenhum mago. A não ser Zedd e, ela acreditava, Richard. Mas isso não seria algo feito por Zedd.

Do lado de fora das paredes, para cada um dos lados, cadáveres sem cabeças estavam amontoados em enormes montes congelados. Cabeças observavam de suas próprias pilhas menos arrumadas. Espadas, escudos e lanças foram descartadas em montes separados, parecendo grandes porcos-espinho de aço mortos. Isso foi uma execução em massa, realizada em uma quantidade de locais ao mesmo tempo para cuidar dos números com mais eficiência. Todos eram soldados Galeanos.

Enquanto ela olhava fixamente em choque para os membros jogados sobre os corpos, Kahlan falou suavemente com os três homens atrás dela. "A palavra que vocês não conheciam para contar tudo isso é mil. Talvez tenha cinco mil homens mortos aqui."

Gentilmente, Prindin colocou a parte inferior de sua lança na neve, girando-a com inquietação. "Não sabia que precisava ter uma palavra para contar todos esses homens." Os punhos dele giraram a lança outra vez, e sua voz tornou-se um sussurro. "Esse vai ser um lugar ruim quando o tempo quente vier."

"É um lugar ruim agora," seu irmão murmurou para si mesmo em sua própria língua.

Kahlan sabia que esta era a menor quantidade de mortos. Conhecia as táticas de defesa para Ebinissia. Os muros não eram fortificações seguras, do modo que haviam sido em épocas atrás.

Quando a cidade cresceu na prosperidade da aliança de Midlands, os muros fortificados mais antigos, mais resistentes foram derrubados, e a rocha foi usada para construir esses novos muros externos mais abrangentes. Mas foram construídos menos seguros do que no passado. Eram mais um símbolo do tamanho e do orgulho da Coroa da cidade do que um forte perímetro defensor.

Sob ataque, os portões seriam fechados, com as tropas mais fortes e experientes do lado de fora para impedir os atacantes antes que tivessem a chance de chegar até os muros. A verdadeira defesa de Ebinissia eram as montanhas que a cercavam, cujas passagens estreitas evitavam um ataque em larga escala.

Seguindo ordem de Darken Rahl, forças D'Haran fizeram cerco a Ebinissia por dois meses, mas os defensores do lado de fora dos muros conseguiram conter eles nas passagens ao redor, espetá-los, e enfraquecê-los implacavelmente até que os atacantes finalmente recuaram, lambendo suas feridas, em busca de caça mais fácil. Ainda que os Ebinissianos tivessem vencido, foi a um grande custo de vidas dos defensores. Se Darken Rahl estivesse menos concentrado em encontrar as caixas, poderia ter enviado números maiores e talvez superasse os defensores nas passagens, mas ele não fez isso. Dessa vez, algum outro tinha feito.

Os homens sem cabeças eram uma parte daquele anel defensivo. Com as costas contras os muros, eles foram derrotados e capturados, e então executados antes que os muros fossem rompidos - aparentemente como uma demonstração para aqueles ainda ali dentro, para aterrorizá-los, para que entrassem em pânico com uma defesa ineficaz. Ela sabia que o que estava do lado de dentro dos muros seria pior. As mulheres mortas que eles tinham encontrado lhe diziam isso.

Por força do hábito, e sem ao menos perceber, ela estava com o rosto tranqüilo que não mostrava nada: o rosto de uma Confessora, como sua mãe havia lhe ensinado.

"Prindin, Tossidin, quero que vocês dois sigam pelo lado de fora dos muros. Quero saber o que mais está do lado de fora. Quero saber tudo sobre o que aconteceu aqui. Quero saber quando foi feito, de onde os atacantes vieram, e para onde foram quando

terminaram. Chandalen e eu vamos entrar. Nos encontrem lá atrás quando acabarem.”

Os irmãos seguiram a orientação dela rapidamente, suas cabeças próximas enquanto sussurravam um para o outro apontando, examinando trilhas e sinais que eles entendiam com pouco mais do que um olhar. Chandalen caminhou silenciosamente ao lado dela, seu arco, com uma flecha e a corda esticada, preparado enquanto ela pisava sobre pedregulhos e se movia através do buraco.

Nenhum dos três homens tinha reclamado das instruções dela. Eles estavam, ela sabia, admirados com o tamanho da cidade, muito mais do que isso, estavam estupefatos com a enormidade do que acontecera aqui; eles respeitavam o compromisso dela com os mortos.

Os olhos de Chandalen ignoraram os corpos que estavam jogados por toda parte e, ao invés disso, observaram as aberturas sombrias e vielas entre as pequenas casas manchadas, que eram residências de fazendeiros e pastores que trabalhavam a terra mais próxima da cidade. Não havia nenhuma marca fresca na neve; nada vivo estivera aqui recentemente.

Kahlan escolheu as ruas adequadas e Chandalen ficou perto do ombro direito dela, meio passo atrás. Ela não parou para inspecionar os mortos deitados em todo lugar. Todos pareciam ter morrido do mesmo jeito: mortos em uma violenta batalha.

“Essas pessoas foram derrotadas por grande números,” Chandalen falou com um tom calmo. “Muitos milhares, como você diz. Não tiveram chance de vencer.”

“Porque você diz isso?”

“Eles estão amontoados entre as casas. Esse é um lugar ruim para ter que lutar, mas em um lugar fechado como esse, é o único jeito. É desse jeito que eu tentaria me defender contra um grande número - impedindo que o inimigo se espalhe por trás de mim para me cercar. Grandes números não adiantariam muito nas pequenas passagens. Eu tentaria impedir o inimigo de se espalhar, e partiria para cima deles por todos os lados para que eles não pudessem atacar quando quisessem, e ficassem sempre com medo de onde eu

estaria em seguida. Você não deve encontrar com o inimigo quando eles querem, especialmente quando eles estão em maior número.”

“Tem homens velhos, e garotos, entre os soldados. Garotos e velhos não lutariam ao lado de Chandalen a não ser que percebessem que era uma luta até a morte e eu estivesse em número muito menor. Para que esses homens ficassem e lutassem contra números muito maiores, eles devem ter sido muito corajosos. Velhos e garotos não viriam ajudar homens tão bravos se o inimigo não fosse realmente grande.”

Ela sabia que Chandalen estava certo. Todos tinham visto ou escutado as execuções do lado de fora dos muros. Eles sabiam que a derrota significava a morte.

Os corpos estavam caídos como juncos diante de um vento forte. Enquanto eles subiam até a elevação onde os muros da velha cidade estiveram, os mortos eram mais numerosos. Parecia que eles tinham recuado, tentando montar resistência em terreno mais alto. Isso não adiantou nada; eles tinham sido superados.

Todos os mortos eram defensores; nenhum deles eram corpos de atacantes. Kahlan sabia que alguns acreditavam que deixar os mortos onde caíam ao enfrentar um inimigo significava má sorte em batalhas futuras, e mais tarde, que isso entregava os espíritos deles em troca dos espíritos daqueles que foram derrotados. Da mesma forma, eles acreditavam que se deixassem os seus mortos no local de uma derrota, os espíritos de seus colegas caídos continuariam existindo para atormentar seus inimigos.

Quem quer que tenha feito isso deveria acreditar nisso, e arrastou seus próprios mortos para longe dos corpos daqueles que tinham vencido. Kahlan conhecia muitos povos que acreditavam que o ato de morrer em batalha poderia causar esse tipo de coisa. Uma nação, acima de todas, estava no topo de sua lista.

Quando eles deram a volta em uma carroça derrubada, sua carga de lenha derramada formando um monte, Chandalen parou debaixo de uma pequena placa de madeira entalhada com uma planta coberta de folhas perto de um pote e um pilão. Com uma das mãos, eles protegeu os olhos da luz do sol e olhou dentro da loja

comprida e estreita que ficava a poucos passos das casas para ambos os lados.

“Que lugar é esse?”

Kahlan passou por ele, atravessando o portal despedaçado. “É uma loja de ervas.” O balcão estava coberto com jarras de vidro quebradas e ervas secas, todas espalhadas em uma bagunça imprestável. Apenas duas tampas de vidro permaneceram inteiras entre os pálidos restos verdes. “É onde as pessoas vão para conseguir ervas e remédios.”

Atrás do balcão, o armário da parede, que ia do chão até o teto e ocupava quase todo o comprimento da estreita loja, havia guardado centenas de pequenas gavetas de madeira, sua pintura estava escurecida pelos incontáveis toques de dedos. Aquelas que ainda estavam no lugar foram esmagadas com uma maça. As gavetas e seus conteúdos nos chão foram esmagados. Chandalen agachou e abriu algumas gavetas na parte inferior que ficaram intocadas, inspecionando-as rapidamente antes de fechar cada uma delas novamente.

“Nissel ficaria... como você diz *admirada*?”

“Admirada,” Kahlan respondeu.

“Ela ficaria admirada, ao ver tantas plantas de cura. Isso é um crime, destruir coisas que ajudam as pessoas.”

Observou ele abrir gavetas e então fechá-las. “Um crime, ela concordou.

Ele abriu outra gaveta, e engasgou. Agachou, ficando imóvel, por um momento, antes de erguer de modo reverente um punhado de plantas em miniatura, amarradas pelas seus talos com um pedaço de fio. As pequenas folhas secas mostravam uma cor castanho esverdeada com veias avermelhadas.

Um leve assobio saiu entre os seus dentes. “*Quassin doe*,” ele sussurrou.

Kahlan olhou para o fundo escuro da loja enquanto sua visão se acostumava com a escuridão. Não viu nenhum corpo.

O dono deve ter fugido antes de ser morto, ou talvez fosse um dos que havia ficado com o exército na luta contra os invasores. “O que é *Quassin doe*?”

Chandalen virou o pacote em sua palma, seus olhos fixos nele sem piscar. "*Quassin doe* pode salvar sua vida se você tomar o veneno dez passos por engano, ou, se você for rápido o bastante, quando for atingido por uma flecha com o veneno."

"Como você pode tomar ele por engano?"

"Muitas folhas *bandu* venenosas devem ser mastigadas, por um longo tempo, e ficar molhadas em sua boca, antes de serem cozidas até que virem uma pasta grossa. Às vezes, se você engolir um pouco desse líquido que está em sua boca por acidente, ou mastigar por tempo demais, pode ficar doente."

Ele abriu uma bolsa de pele na cintura e mostrou a ela uma pequena caixa de osso entalhada tampada. Dentro estava uma pasta escura. "Isso é veneno dez passos que colocamos em nossas flechas. Fazemos ele da *bandu*. Se você comesse um pouquinho disso, ficaria doente. Se comesse mais um pouco levaria um longo tempo para morrer. Se comesse mais, morreria rapidamente. Mas ninguém comeria depois que ela é preparada e colocada aqui dentro." Ele enfiou a caixa com veneno de volta em sua bolsa.

"Então você poderia comer um pouco de *quassin doe*, e isso faria você ficar bem se engolissemos acidentalmente um pouco da *bandu* quando estiver mastigando suas folhas para fazer o veneno?" Ele assentiu respondendo a pergunta dela.

"Mas se você fosse atingido por uma flecha dez passos, não morreria antes de conseguir comer a *quassin doe*?"

Chandalen girou o monte de plantas em seus dedos. "Talvez. Às vezes, um homem se arranha com sua própria flecha dez passos, sem querer, e ele pode comer a *quassin doe*, e ficará bem de novo. Se for atingido por uma flecha envenenada, algumas vezes você tem tempo de salvar a si mesmo. Flechas dez passos só funcionam depressa se você for atingido no pescoço."

Então você não tem tempo de comer a *quassin doe*, você morrerá rápido demais. Mas se for atingido em outro lugar, talvez sua perna, o veneno leva mais tempo para agir, e você tem tempo para comer o *quassin doe*."

"E se não estiver perto de Nissel, para que ela possa dar isso a você? Você morreria se estivesse lá fora no campo caçando e se

arranhasse acidentalmente com uma flecha envenenada.”

“Todos os caçadores costumavam carregar algumas folhas, para que pudessem comer se arranhassem a si mesmos, ou fossem atingidos por uma flecha e tivessem tempo. Se não tiver muito veneno na flecha, como não tem muito se ela for usada para caçar pequenos animais, você tem mais tempo. Em outras épocas, quando havia guerra, nossos homens engoliriam *quassin doe* pouco antes da batalha, e assim as flechas dez passos do inimigo não envenenariam eles.”

Ele balançou a cabeça com tristeza. “Mas conseguir isso traz muito problema. Da última vez que fizemos troca por uma quantidade assim, cada homem na vila teve que fazer três arcos, e dois punhados de flechas, e todas as mulheres tiveram que fazer tigelas. Agora ela se foi, faz muito tempo. Anos. O povo com quem nós fizemos troca não conseguiram encontrar mais. Dois homens morreram desde que ficamos sem elas. Meu povo trocaria muita coisa para ter uma quantidade assim de novo.”

Kahlan ficou perto dele, observando ele colocar de volta na gaveta delicadamente. “Pegue, Chandalen. Dê para seu povo. Eles precisam disso.”

Ele fechou a gaveta lentamente. “Não posso. Seria errado tirar de outro povo, mesmo se eles estão mortos. Não pertence ao meu povo, pertence ao povo daqui.”

Kahlan agachou ao lado dele, abriu a gaveta, e tirou o pequeno pacote. Ela encontrou um pedaço de pano jogado no chão ali perto, usado para embrulhar compras e enrolou as plantas *quassin doe*. “Pegue.” Ela empurrou o pacote na mão dele. “Conheço o povo dessa cidade. Pagarei a eles pelo que eu peguei. Já que vou pagar por isso, agora pertence a mim. Pegue. É meu presente pelo problema que causei ao seu povo.”

Ele observou o pequeno embrulho em sua mão. “Isso é valioso demais para um presente. Um presente de tão grande valor nos obrigaria a ter um compromisso com você.”

“Então não é um presente, mas o meu pagamento, para você, Prindin e Tossidin, por me protegerem nessa jornada. Vocês três estão arriscando suas vidas para me proteger. Essa é uma dívida que

tenho com vocês que é maior do que esse pagamento. Vocês não ficarão me devendo nenhum compromisso.”

Fazendo uma careta, ele estudou o pacote por um momento, e então balançou ele duas vezes em sua mão antes de enfiá-lo na bolsa de pele em sua cintura. Ele fechou a bolsa amarrando sua tira de couro e levantou. “Então isso é em troca do que fazemos. Não devemos a você nenhum compromisso além dessa jornada.”

“Nenhum,” ela falou, selando a barganha.

Os dois caminharam pelas ruas silenciosas, passando por lojas e hospedarias do quarteirão da velha cidade. Cada porta, cada janela, estava quebrada. Estilhaços de vidro brilhavam sob a luz do sol, lágrimas cintilantes para os mortos. A horda invasora tinha passado por cada uma das construções, procurando por qualquer coisa viva.

“Como essas pessoas, todas vivendo nesse mesmo lugar, encontravam terra para alimentar suas famílias? Não poderia ter espaço bastante para caçar, ou campos para todos plantarem.”

Kahlan tentou ver a cidade através dos olhos dele. Deveria ser um grande quebra-cabeça para ele. “Eles não caçavam, ou plantavam a terra. O povo que viveu aqui era especializado.”

“Especializado? O que é isso?”

“Significa que diferentes pessoas tinham trabalhos diferentes. Eles trabalhavam com uma coisa. Usavam prata ou ouro para comprar as coisas que precisavam que eles mesmos não plantavam ou faziam.”

“Onde eles conseguiam prata ou ouro?”

“As pessoas que queriam as coisas nas quais eles eram especializados pagavam por isso com prata ou ouro.”

“E onde essas outras pessoas conseguiam essa prata ou ouro?”

“Conseguiam com pessoas que pagavam por coisas que eles fazem.”

Chandalen olhou para ela desconfiado. “Porque eles não trocam? Seria mais fácil trocar.”

“Bem, de certo modo, é uma troca. Muitas vezes, a pessoa que deseja o que você tem não tem nada que você queira, então elas dão dinheiro - prata ou ouro transformados em discos achatados

arredondados chamados moedas -ao invés disso. Então você pode usar o dinheiro para comprar as coisas que precisa.”

“Comprar.” Chandalen pareceu testar a estranha palavra com sua língua enquanto olhava para uma rua uma rua a direita deles e balançava sua cabeça com descrença. “Então porque as pessoas trabalhariam?”

“Porque eles simplesmente não pegam esse dinheiro de prata ou ouro?”

“Alguns fazem isso. Eles caçam prata e ouro. Mas isso também é um trabalho duro. Ouro é difícil de achar e tirar do chão. É por isso que ele é usado como dinheiro: porque é raro. Se fosse fácil de encontrar, como grãos de areia, então ninguém aceitaria em troca. Se fosse fácil conseguir dinheiro, ou fazer, ele ficaria sem valor, e então no final o sistema de troca, com dinheiro sem valor, falharia, e todos passariam fome.”

Ele parou franzindo a testa. “Do que esse dinheiro é feito ? O que é essa prata ou ouro que você fala?”

Ela não parou com ele, e ele teve que dar alguns passos largos para alcançá-la. “Ouro é... O medalhão, o colar, que os Bantak deram como um presente para o Povo da Lama, para mostrar que não queriam fazer guerra, aquilo é feito de ouro.” Chandalen assentiu soltando um grunhido. Dessa vez Kahlan parou. “Você sabe onde os Bantak conseguem tanto ouro?”

Chandalen moveu seu olhar por cima dos telhados. “É claro. Eles conseguem de nós.”

Kahlan agarrou o braço dele coberto com o manto e fez ele virar. “O que você quer dizer com, eles conseguem de vocês?”

Ele ficou tenso com o toque dela. Não gostava da mão dela - a mão de uma Confessora - encostando nele. O fato do manto de pele que separar o contato entre a carne não tinha importância; a carne deles estava perto o bastante. Se ela relaxasse o controle do poder, aquele fino pedaço de pele não seria obstáculo; Kahlan já tinha liberado seu poder através de armadura. Ela soltou e ele relaxou visivelmente. “Chandalen, onde o Povo da Lama pega tanto ouro?”

Ele olhou para ela como se ela fosse uma criança perguntando onde poderia encontrar terra. “Dos buracos no chão. Em nossa terra,

ao norte onde é rochoso e nada cresce ou vive, tem buracos no chão. Eles tem esse ouro dentro. É um lugar ruim. O ar é quente e ruim. Dizem que homens morrem se ficarem muito tempo dentro do chão. O metal amarelo está dentro desses buracos fundos. É mole demais para fazer boas armas, então não tem utilidade.”

Ele ignorou a importância disso com um balanço da mão. “Mas os Bantak dizem que os espíritos dos ancestrais deles gostam da aparência do metal amarelo, então deixamos eles entrarem em nossa terra e descer nos buracos para buscar isso e fazer coisas que os espíritos dos ancestrais deles gostem de olhar quando entram nesse mundo.”

“Chandalen, outros sabem desses buracos no chão, do ouro que tem neles?”

Ele encolheu os ombros. “Não deixamos estranhos entrar na nossa terra. Mas eu falei, é mole demais para fazer armas, então não tem utilidade. Isso agrada os Bantak, e eles são bons trocadores com nosso povo, então deixamos eles pegarem o que quiserem. De qualquer jeito, eles não pegam muito, porque é um lugar ruim para entrar. Ninguém iria querer entrar lá, a não ser os Bantak, para agradar os espíritos ancestrais deles.”

Como ela poderia explicar isso para ele? Ele não entendia os costumes do mundo exterior. “Chandalen, você nunca deve usar esse ouro.” Ele fez uma cara que dizia que já tinha explicado o quanto ele era inútil, e que ninguém iria querer aquilo. “Você pode achar que é inútil, mas outros matariam para pegar isso. Se pessoas soubessem que você tinha ouro em sua terra, eles passariam por cima de você para pegar. A paixão pelo ouro deixa os homens loucos, e fariam qualquer coisa para pegá-lo. Eles matariam o Povo da Lama.”

Chandalen ajeitou o corpo mostrando uma expressão orgulhosa. Tirou a mão da corda do arco e bateu no peito.

“Eu, e meus homens, protegemos nosso povo. Manteríamos os estranhos longe.”

Kahlan moveu o braço, indicando as centenas sobre centenas de mortos ao redor dela. “Enfrentariam tantos assim? Enfrentariam milhares?” Chandalen nunca tinha visto tantas pessoas. Ele entendia

pouco dos números que viviam fora das terras dele. “Milhares que nunca iriam parar até que derrubassem vocês?”

Os olhos dele seguiram o arco que o braço dela tinha feito. Sua testa franziu com uma preocupação que não era familiar para ele, sua arrogância evaporando enquanto observava os mortos. “Os espíritos de nossos ancestrais nos avisaram para não falar dos buracos no chão com o ar ruim. Só deixamos os Bantak descer lá, ninguém mais.”

“Garanta que continue desse jeito,” ela disse. “Ou eles virão e roubarão.”

“Isso seria errado, roubar de um povo.” Ele colocou tensão renovada na corda do arco enquanto soltava um barulhento suspiro de frustração. “Se eu fizer um arco para trocar, todos sabem que é o trabalho de Chandalen, porque é um arco muito bom. Se alguém roubar ele, todos sabem o que ele é e de onde veio, e o ladrão seria pego, e seria obrigado a devolver. Talvez ele fosse enviado para longe de seu povo. Como essas pessoas dizem de quem é o dinheiro, se ele for levado por um ladrão?”

A mente de Kahlan rodopiou com o esforço de tentar explicar tais coisas a Chandalen. Pelo menos isso estava impedindo que tivesse de pensar nos mortos ao redor dela. Ela começou a andar pela neve outra vez, tendo que pisar nas costas de um homem porque não havia como dar a volta, eles caíram perto demais.

“É difícil. Por causa disso, as pessoas guardam seu dinheiro. Se alguém é pego roubando, a punição é severa, para desencorajar o roubo.”

“Como os ladrões são punidos?”

“Se não roubarem muito, e tiverem sorte, podem ser trancados em um pequeno quarto até que sua família possa fazer reparação pelo que ele roubou.”

“Trancados? O que é isso?”

“Uma tranca é uma maneira de barrar uma porta. Os quartos de pedra onde os ladrões são colocados tem uma porta que eles não conseguem abrir pelo lado de dentro. Ela tem uma tranca, e você deve ter uma chave, a chave certa, para abri-la, então eles não podem sair.”

Chandalen checou a estrada lateral que ficava logo após uma loja de um artesão de prata enquanto eles continuavam subindo a estrada principal. “Eu prefiro ser condenado a morte do que ser trancado em um quarto.”

“Se o ladrão roubou da pessoa errada, ou não tiver sorte, isso é o que acontece com ele.”

Chandalen grunhiu. Ela não achou que estava fazendo um trabalho muito bom ao explicar as coisas. Parecia que ele estava considerando todo o esquema impraticável.

“Nosso jeito é melhor. Fazemos o que queremos. Todos fazem o que precisam. Esse jeito especializado não é como o nosso. Nós trocamos apenas por algumas coisas. Nosso jeito é melhor.”

“Você faz do mesmo jeito que essas pessoas, Chandalen. Pode não perceber, mas faz.”

“Não. Cada pessoa conhece muitas coisas. Nós ensinamos nossas crianças para saber como fazer tudo que eles precisam.”

“Você especializa. Você é um caçador, e mais do que isso, é um protetor do seu povo.” Ela balançou a cabeça mais uma vez para os mortos em volta dela. Alguns olhavam de volta com olhos vazios. “Esses homens eram soldados. Eram especializados em proteger o povo deles. Deram suas vidas tentando proteger o povo deles. Você é o mesmo que eles: um soldado. É forte, é bom com um arco e uma lança, e você é bom em descobrir e impedir as várias maneiras com que outros tentariam machucar seu povo.”

Chandalen pensou nisso por um momento quando parou rapidamente para tirar um pesado monte de neve dos seus sapatos de neve. “Mas sou apenas eu. Porque sou forte, e sábio. Outros do meu povo não especializam.”

“Todo mundo especializa, Chandalen. Nissel, a curandeira, ela especializa ao ajudar pessoas doentes ou feridas. Ela passa a maior parte do tempo dela ajudando os outros. Como ela se alimenta?”

“Aqueles que ela ajuda dão o que ela precisa, e se não tiver ninguém para ajudar para que ela possa receber a comida oferecida por eles, então outros que possuem o bastante oferecem um pouco para que Nissel fique bem alimentada e pronta para nos ajudar.”

“Está vendo? Aqueles que ela ajuda pagam com pão de tava, mas é quase a mesma coisa que eles fazem aqui com o dinheiro. Porque ela especializa em um serviço para a vila, todos ajudam um pouco então ela estará lá para a vila quando precisarem dela. Aqui, isso é chamado de imposto, quando todos pagam um pouco para o bem do grupo, para ajudar a manter aqueles que trabalham pelo povo todo.”

“É assim que você consegue sua comida? O povo todo dá para você, como fazemos quando você vem trazer problema para nós?”

Ela estava aliviada porque ele, pela primeira vez, não falou isso com inimizade.

“Sim.”

Chandalen olhou janelas vazias no segundo andar enquanto eles continuavam andando entre casas que estavam ficando maiores e mais enfeitadas. As portas duplas com faixas de ferro cruzadas de uma hospedaria que estava a esquerda deles estavam quebradas, e mesas, cadeiras, potes, pratos, e uma toalha de mesa bordada com rosas vermelhas - aparentemente para ecoar o nome da hospedaria, a Rosa Vermelha - tinham sido jogados na rua, onde estavam parcialmente cobertos pela neve. Através do portal vazio ela podia ver o corpo de um garoto com um avental esparramado no chão, seus olhos voltados para o teto, congelados pelo terror de sua última visão. Ele não podia ter mais de doze anos.

“Mas isso é só com os caçadores, e Nissel,” Chandalen adicionou, depois de pensar um pouco. “Outros de nós não fazem essa especialização.”

“Todo mundo faz, em certos níveis. As mulheres cozinham o pão de tava, os homens fazem as armas. A natureza também é desse jeito. Algumas plantas crescem onde é úmido, algumas onde é seco. Alguns animais comem grama, alguns folhas, alguns besouros, e alguns outros animais. Cada coisa faz sua parte. Mulheres tem os bebês, e os homens...”

Ela parou, os punhos abaixados para os lados, olhando fixamente para os incontáveis corpos caídos ao redor dela. Ela esticou o braço.

“E os homens, pelo que pode parecer, estão aqui para matar tudo. Está vendo, Chandalen? A especialidade das mulheres é trazer a vida, e a dos homens é tirá-la.”

Kahlan apertou a mão contra o estômago. Ela estava perigosamente perto de perder sua compostura. A náusea fluíu através dela. Sua cabeça rodopiou.

Chandalen olhou para ela com o canto do olho. “O Homem Pássaro falaria para não julgar todos pelo que alguns fazem. E as mulheres não criam a vida sozinhas. Homens também são parte disso.”

Kahlan engoliu ar frio. Com esforço, ela começou a andar novamente, arrastando seus sapatos de neve. Chandalen deixou ela impor um ritmo mais rápido enquanto caminhava ao seu lado. Ela virou levando eles por uma rua ladeada por belas lojas. Enquanto ela subia e então descia um monte de neve, ele apontou com seu arco, parecendo buscar uma desculpa para mudar de assunto.

“Porque eles tem pessoas de madeira aqui?”

Um manequim sem cabeça repousava em ângulo contra o peitoril de uma janela, com a metade para fora de uma loja. O elaborado vestido azul que o manequim vestia estava adornado com contas em camadas espalhadas em camadas na cintura. Feliz por ter uma distração dos pensamentos que giravam em sua cabeça, Kahlan mudou de direção um pouco, seguindo até o manequim no vestido azul.

“Essa é uma loja de costura. Os donos dessa loja são especializados em fazer roupas. Essa pessoa de madeira é simplesmente uma forma de mostrar o que eles fazem, então outros podem conhecer o ótimo trabalho que eles fazem. É uma mostra de orgulho no trabalho deles.”

Ela parou diante de uma grande janela. Todas as vidraças estavam quebradas. Algumas das barras amarelas de madeira estavam penduradas na parte de cima da moldura. O tom de azul do belo vestido fez Kahlan lembrar de seu vestido de casamento. Ela conseguiu sentir o sangue pulsando nas veias do pescoço quando engoliu o choro. Chandalen observou nas duas direções subindo e

descendo a rua enquanto a mão dela se esticava para tocar o tecido azul congelado.

A visão dela focou além do manequim, dentro da loja, onde um quadrado de luz atingia um chão sujo pela neve e subia passando por cima de um balcão baixo. A mão dela tremeu. Um homem morto com uma cabeça pendurada estava preso na parede por uma lança através de seu peito. Uma mulher jazia com o rosto para baixo sobre o balcão, seu vestido dobrado levantado até a altura da cintura, expondo a carne azulada. Uma tesoura enfiada em suas costas.

Na escuridão do outro lado da sala estava outro manequim, com um belo casaco masculino. A frente do casaco escuro estava retalhada por centenas de pequenos cortes. Evidentemente os soldados tinham usado o manequim como alvo para arremesso de facas enquanto esperavam por sua vez com a mulher. Aparentemente, quando terminaram com ela, golpearam-na com sua tesoura até a morte.

Kahlan desviou o olhar da loja para encontrar-se cara-a-cara com Chandalen. O rosto dele estava vermelho. Havia ameaça em seus olhos.

“Nem todos os homens são iguais. Eu cortaria a garganta de qualquer um de meus homens se ele fizesse uma coisa assim.”

Kahlan não teve resposta para dar a ela, e de repente não estava com humor para conversar. Quando começou a andar novamente, ela afrouxou o manto no pescoço, precisando sentir o ar frio.

No silêncio, a não ser pela baixo gemido da brisa que passava entre as casas, eles avançaram pesadamente passando por estábulos com cavalos, suas gargantas todas cortas, e passando por hospedarias e grandes casas, suas cornijas bem alto escondendo eles dos raios de sol. Colunas de madeira de cada lado de uma porta foram cortadas por uma espada, aparentemente sem propósito algum a não ser o de desfigurar a elegância da casa.

Estava ainda mais frio na sombra, mas ela não se importava. Eles passaram por cima de cadáveres deitados com o rosto para baixo na neve com feridas em suas costas, e ao redor de carroças

viradas, carruagens, cavalos e cães mortos. Tudo isso mesclado em uma destruição louca sem sentido.

Com os olhos voltados para o chão adiante, ela andou com dificuldade pela neve. O ar frio beliscava sua carne, e ela apertou o manto outra vez. O frio não estava drenando apenas o calor, mas também sua força. Com forte determinação ela colocou um pé na frente do outro, continuando na direção de seu destino, esperando que, de alguma forma, nunca o alcançar.

Com os mortos congelados de Ebinissia por toda parte, ela preencheu sua esmagadora solidão com uma oração silenciosa.

Por favor, queridos espíritos, mantenham Richard aquecido.

CAPÍTULO 28



Nu sob a fúria do sol, o árido terreno espalhava-se infinitamente diante deles, a distância fazendo imagens cintilantes ondular e dançar no brilho de fornalha do sol, como reféns fantasmas submissos a um adversário onipotente. Por trás, os montes fraturados terminavam em um banco de pedregulhos. O silêncio era tão opressivo quanto o calor.

Richard enxugou suor de sua testa com a parte de trás da manga. O couro de sua sela rangia quando ele distribuía seu peso enquanto esperava. Bonnie e os outros dois cavalos também esperavam, suas orelhas apontando para frente, enquanto ocasionalmente batiam os cascos na terra seca rachada e soltavam bufadas apreensivas.

Irmã Verna sentava imóvel sobre Jessup, investigando o nada ao longe como se estivesse enxergando um evento de grande importância. A não ser pelo fato de seus cabelos castanhos ondulados estarem caídos, ela não parecia ser afetada pelo calor.

“Não entendo esse clima. É inverno; nunca ouvi falar que fosse tão quente assim no inverno.”

“O clima é diferente em lugares diferentes,” ela murmurou.

“Não, não é. Quando é inverno, é frio. Só fica quente desse jeito no período mais alto do verão.”

“Alguma vez você já viu neve no topo das montanhas no verão?”

Richard trocou a posição de suas mãos repousando no cabecote da sela. “Sim. Mas só no topo das montanhas.”

“O ar é mais frio lá em cima. Não estamos no topo de uma montanha.”

Ela ainda não se moveu. “Não são apenas os topos das montanhas que possuem clima diferente. No sul o clima não é tão frio quanto é no norte. Mas esse lugar ainda é diferente. É como um poço de calor inesgotável.”

“E que lugar é esse?”

“O Vale dos Perdidos,” ela sussurrou.

“Quem se perdeu nele?”

“Aqueles que o criaram, e qualquer um que entrar nele.” Finalmente ela virou um pouco para olhar para ele. “Esse é o fim do mundo.”

“Do seu mundo, pelo menos.”

Ele trocou o peso do corpo para o outro lado quando Bonnie fez o mesmo. “Se é o fim do mundo, porque estamos aqui?”

Irmã Verna levantou a mão para a terra logo atrás. “Logo ali fica Westland, onde você nasceu, separada de Midlands, e Midlands de D'Hara, então, aquelas terras também estão separadas do que jaz no lado mais afastado desse lugar.”

Richard franziu o rosto. “E o que tem do outro lado daqui?”

Ela virou novamente para a extensão diante deles. “Você vivia no Mundo Novo. Do outro lado desse vale fica o Mundo Antigo.”

“O Mundo Antigo? Nunca ouvi falar do Mundo Antigo.”

“Poucos no Mundo Novo ouviram. Ele esteve isolado e esquecido. Esse vale, o Vale dos Perdidos, os separa, de forma semelhante como a fronteira costumava separar as três terras do Mundo Novo. A última parte da região que estivemos cruzando era hostil, um deserto devastado. Qualquer um que se aventura através dela e dentro desse vale nunca retorna. As pessoas acham que não tem nada depois, que este é o fim mais ao sul de Midlands e D'Hara, sem nada além a não ser o que você vê aqui: um deserto sem fim, onde alguém poderia morrer de sede e fome e poderia ter os ossos cozidos pelo calor do sol.”

Richard colocou Bonnie perto da Irmã. “Então, o que tem depois? E porque ninguém consegue atravessar? E se ninguém consegue atravessar, como nós conseguimos?”

Ela olhou com o canto do olho. “Perguntas simples, mas que não são respondidas de modo simples.” Ela relaxou um pouco na

sela. "A terra entre o mundo Novo e o Antigo estreita um pouco, com o mar de cada lado."

"O mar?"

"Você nunca viu o oceano?"

Richard balançou a cabeça. "Em Westland, ele fica longe seguindo para o sul, e as pessoas não vivem lá. Ou, pelo menos assim me disseram. Ouvei outros falarem do oceano, mas eu nunca vi. Dizem que é maior do que qualquer lago que se possa imaginar."

Irmã Verna lançou para ele um leve sorriso. "Eles falam a verdade." Ela virou para frente, apontando para a direita. "A uma certa distância naquela direção fica o mar." Apontou para a esquerda, para sudeste. "O mar também está mais longe ainda naquela direção. Embora a terra seja vasta entre elas, ainda é o lugar mais estreito entre o Mundo Novo e o Antigo. Por causa disso, aqui foi travada uma guerra. Uma guerra entre magos."

Richard endireitou o corpo na sela. "Magos? Que guerra?"

"Sim, magos. Foi a eras atrás, quando havia muitos magos. O que você vê na sua frente é o resultado daquela guerra. É tudo que restou, como um lembrete, do que os magos que possuem mais poder do que sabedoria podem conjurar."

Ele não gostou do olhar acusador que ela dirigiu a ele. "Quem venceu?"

Finalmente ela cruzou as mãos sobre o cabeçote da sela e deixou os ombros relaxarem um pouco. "Ninguém. Os dois lados foram separados por essa terra entre o mares. Embora a terra tenha parado, ninguém prevaleceu."

Richard se inclinou para pegar um cantil. "Que tal um uma bebida?"

Com um leve sorriso, ela pegou o cantil que ele oferecia e deu um longo gole. "Esse vale é um exemplo do que pode acontecer quando seu coração, ao invés de sua cabeça, comanda sua magia." O sorriso dela evaporou.

"Por causa do que eles fizeram, os povos dos dois mundos estão separados para sempre. Essa é uma razão para que as Irmãs da Luz trabalhem para ensinar aqueles que possuem o dom - assim eles não farão tolices."

“Porque eles estavam lutando?”

“Porque os magos sempre lutam? Lutaram para ver quais magos governariam.”

“Ouvi falar sobre uma guerra de magos para decidir se os magos deveriam ou não governar.”

Ela devolveu o cantil e enxugou os lábios com um dedo. “Aquela foi uma guerra diferente, ainda que fosse parte da mesma. Depois que esse lugar separou os dois lados, alguns de cada campo ficaram presos no lado do Mundo Novo.”

“Ambos os grupos tentaram forçar sua autoridade sobre aqueles que viajaram para viver no Mundo Novo, e sobre aqueles que sempre viveram ali.”

“Logo que ficou preso, um lado se escondeu durante séculos e trabalhou para construir sua força antes que tentassem assumir o poder sobre todo o Mundo Novo. A guerra que tinha queimado muito tempo atrás acendeu novamente, até que a força deles foi derrotada, a não ser por alguns que fugiram para a fortaleza deles em D'Hara.” Ela levantou uma sobancelha para ele.

“Seus parentes, eu creio.”

Richard olhou para ela por um longo tempo antes de finalmente tomar um gole da água quente. Ele pingou um pouco em uma tira de pano - algo que Kahlan tinha ensinado para ele - e amarrou em volta da cabeça, tanto para esfriar sua testa quanto para segurar seu cabelo comprido. Richard amarrou o cantil em sua sela. “Então o que aconteceu aqui?”

Ela balançou a mão uma vez do sudeste para o sudoeste. “Onde a terra era mais estreita, aqui, lutaram não apenas exércitos mas também magos, e tentaram impedir uns aos outros de avançar. Os magos lançaram feitiços, invocando todo tipo de magia, na tentativa de derrotar seus oponentes. Ambos os lados, de modo semelhante, liberaram crueldades de horror e perigo indescritíveis. Isso é o que está adiante.”

Richard observou a expressão vidrada dela. “Você está querendo dizer que a magia deles, os feitiços deles, ainda estão ali?”

“Constantemente.”

“Como pode ser? Eles não enfraqueceriam? Desaparecendo?”

“Talvez.” Ela suspirou. “Mas eles fizeram mais. Para manter o poder de seus feitiços eles construíram estruturas para prolongar a força.”

“Que estruturas poderiam fazer isso?”

Irmã Verna ainda olhava para o nada, ou talvez, para coisas que ele não conseguia ver. “As Torres da Perdição,” ela sussurrou.

Richard acariciou o pescoço de Bonnie e esperou. Finalmente, Irmã Verna pareceu afastar seus pensamentos particulares com um forte suspiro e continuou.

“De um mar ao outro, ambos os lados construíram linhas opostas dessas torres, cobertas de seus poderes e magia. Elas começaram no mar, e se juntaram aqui, nesse vale. Mas por causa da força das torres que cada lado construiu, nenhum dos lados conseguiu chegar perto o bastante para completar a última torre em sua própria linha.”

“O que eles tinham feito terminou em um beco sem saída, com cada um dos lados sendo impedido de completar sua última torre. Isso permitiu o surgimento de um lugar com a magia enfraquecida. Uma brecha.”

Richard se moveu na sela inquieto. “Se existe uma brecha, então porque as pessoas não conseguem atravessar?”

“É apenas uma redução na força total da linha. Para cada um dos lados, todo o caminho através das colinas e montanhas, até o fim da terra, e além, entrando no mar onde ela diminui em algum lugar, a linha da Perdição é impenetrável.”

“Entrar é ser reivindicado pelas tempestades de feitiços, pela magia. Qualquer um que entrasse seria morto, ou pior - poderiam vagar na bruma para sempre.”

“Aqui, nesse vale, a encruzilhada evitou a conclusão da última torre de cada lado que teria selado a linha. Mas os feitiços vagam e fluem entre a brecha, como nuvens de tempestade deslizando ao vento, chocando-se e unindo-se em alguns lugares. Por causa do enfraquecimento nesse lugar, existe um labirinto que pode ser cruzado por aqueles que possuem o dom. As passagens estão sempre mudando de lugar, e os feitiços nem sempre podem ser vistos. Devem ser sentidos, com o dom. Mesmo assim, não é fácil.”

“Então é por isso que as Irmãs da Luz conseguem atravessar? Porque elas possuem o dom?”

“Sim. Mas no máximo apenas duas vezes. A magia aprende a encontrar você. Muito tempo atrás, Irmãs que atravessaram para o Mundo Novo e voltaram foram enviadas novamente, mas nenhuma delas voltou uma segunda vez.” O olhar dela desviou do olhar dele, procurando o vazio distante. “Elas estão ali dentro, para nunca serem encontradas, ou salvas. As Torres da Perdição e suas tempestades de magia reivindicaram elas.”

Richard esperou até que os olhos dela voltaram para ele. “Talvez, Irmã, elas tenham ficado insatisfeitas, e escolheram não retornar. Como você poderia saber?”

A expressão dela ficou sombria. “Nós sabemos. Algumas que atravessaram as viram” - ela inclinou a cabeça na direção da distância cintilante - “ali dentro. Eu mesma, vi muitas.”

“Sinto muito, Irmã Verna.” Richard pensou em Zedd. Kahlan deveria encontrá-lo, e contar a ele o que tinha acontecido. Ele teve que afastar a dolorosa lembrança de Kahlan. “Então, um mago conseguiria atravessar.”

“Não um mago com seu pleno poder. Depois que ensinamos aqueles com o dom a controlá-lo, temos que permitir que eles voltem antes que seu poder esteja totalmente desenvolvido. O propósito da linha é impedir que magos atravessem. O poder totalmente desenvolvido de um mago atrairia os feitiços como um ímã atrai partículas de ferro. São eles que a magia busca; foi por causa deles que as torres foram construídas. Eles estariam perdidos, assim como qualquer um que não tivesse algum uso do dom para sentir as brechas nos feitiços. Muito pouco, ou demais, e você está perdido.”

“Foi por isso que aqueles que criaram a linha não conseguiram completá-la; o domínio dos feitiços do outro lado impedia que eles entrassem. A criação deles terminou em um impasse.”

Richard sentiu suas esperanças afundarem. Se Kahlan atendesse seu pedido de procurar o velho amigo dele, Zedd não poderia fazer nada para ajudá-lo. Engolindo a entorpecente perda de esperança, ele levantou a mão e sentiu o dente do dragão

pendurado na tira de couro em seu peito. "E quanto a ir por cima? Alguma coisa poderia voar por cima?"

Ela balançou a cabeça. "Os feitiços seguem dentro do ar, assim como dentro do mar. Qualquer coisa que possa voar não consegue voar alto o bastante."

"Que tal pelo mar? Seria possível navegar longe o bastante para contornar?"

Irmã Verna encolheu os ombros. "Ouvi dizerem que poucas vezes através das eras isso foi feito. Durante minha vida eu vi navios partirem para tentar, mas nunca vi nenhum retornar."

Richard olhou por cima do ombro, mas não viu nada. "Alguém poderia... seguir você?"

"Um ou dois, se ficassem bem perto, como você deve fazer. Grandes números certamente seriam perdidos. Os espaços entre os feitiços não são grandes o bastante para permitir que muitos seguissem."

Richard pensou em silêncio, perguntando finalmente, "Porque ninguém destruiu as torres, para que os feitiços pudessem dissipar?"

"Nós tentamos. Isso não pode ser feito."

"Só porque vocês não encontraram um jeito, Irmã, não significa que não possa ser feito."

Ela lançou um olhar sério para ele. "As torres, e os feitiços, foram criados com ajuda não apenas de Magia Aditiva mas também com Magia Subtrativa."

"Magia Subtrativa! Como os magos da antiguidade poderiam ter aprendido a usar Magia Subtrativa? Os magos não possuem o domínio da Magia Subtrativa. Mas Darken Rahl tinha." Richard acalmou o seu tom. "Como as torres impedem que os feitiços dissipem?"

Irmã Verna moveu os dedos nas rédeas. "Cada uma das torres tem força da vida de mago."

Independente do calor, Richard sentiu um calafrio. "Quer dizer que um mago deu sua força da vida para ser colocada dentro das torres?"

"Pior. Cada uma das torres contém a força da vida de muitos magos."

Richard olhou em choque com o pensamento de magos desistindo de suas vidas para que as torres recebessem suas forças da vida. “Qual a distância entre as torres?”

“Dizem que algumas estão a milhas de distância, algumas apenas jardas. Elas estão espaçadas de acordo com o tecido das linhas de poder dentro da própria terra. Nós não entendemos o senso desse alinhamento. Uma vez que entrar na linha para descobrir significaria a morte, não sabemos nem qual é a quantidade de torres. Conhecemos apenas algumas nesse vale.”

Richard contorceu em sua sela. “Veremos alguma das torres quando atravessarmos?”

“Não há como dizer. As brechas mudam constantemente. Ocasionalmente, durante o caminho, as aberturas levam você perto de uma torre. Eu vi uma em minha primeira jornada. Algumas Irmãs nunca viram uma. Espero nunca ver outra.”

Richard percebeu que estava segurando o cabo de sua espada com a mão esquerda. As letras em relevo da palavra VERDADE marcando sua carne. Ele relaxou a mão, soltando o cabo.

“Então, o que podemos esperar ver?”

Irmã Verna interrompeu a sua contemplação da distância e redirecionou o olhar para ele. “Há feitiços de todos os tipos. Alguns são feitiços de desespero. Ser capturado por um deles é ter sua alma vagando em desespero pela eternidade. Alguns são feitiços de alegria e deleite, nos quais alguém se perde em encantamento para sempre. Alguns são pura destruição, e deixarão você em pedaços. Alguns mostrarão coisas que você teme, para fazer você correr para dentro das garras de coisas que espreitam logo atrás. Alguns são tentações com coisas que você quer. Se você se entregar ao desejo...” Ela se inclinou chegando mais perto dele. “Você deve ficar perto de mim, seguir em frente. Deve ignorar qualquer vontade que tiver, seja por medo ou necessidade, de fazer o contrário. Entendeu?”

Finalmente Richard assentiu. Irmã Verna voltou o olhar para as formas reluzentes. Ela sentava imóvel, observando. Na distância, além da luz ondulante, ele pensou ter visto nuvens carregadas, escuras e ameaçadoras, deslizando pelo horizonte. Sentiu o trovão

delas mais do que ouviu. De algum modo, ele sabia que não eram nuvens, e sim magia. Quando Bonnie balançou a cabeça, Richard a confortou tocando no pescoço dela.

Depois de observar algum tempo, ele olhou para a Irmã. Ela estava sentada imóvel e tensa.

“O que você está esperando, Irmã? Coragem?”

Ela respondeu sem se mover. “Exatamente. Estou esperando por coragem, criança.”

Dessa vez ele não sentiu raiva por ela o ter chamado de *criança*, pois aquela poderia ser uma definição apropriada, enquanto suas habilidades estivessem envolvidas.

Com um sussurro, e ainda sem afastar o olhar do inferno cozido pelo sol adiante, ela continuou. “Você ainda estava usando fraldas quando eu apareci, mas lembro de cada detalhe como se tivesse acontecido ontem. Sim, eu estou esperando por coragem.”

Ele apertou Bonnie com as pernas, fazendo ela seguir em frente. “Quanto mais cedo começarmos, mas cedo terminamos.”

“Ou perdemos.” Ela fez seu cavalo andar atrás dele. “Está tão ansioso para se perder, Richard?”

“Já estou perdido, Irmã.”

CAPÍTULO 29



Eles foram confrontados por degraus, com vinte passos de largura, que mostravam o que realmente eram apenas na direita, onde o vento havia se concentrado descendo perto da extensa balaustrada de mármore rosa e mantinha a neve longe. Fazendo uma pausa apenas durante um momento quando ela percebeu que eles tinham chegado ao destino, Kahlan plantou seus sapatos de neve com firmeza dentro do monte de neve que cobria os degraus, e subiu até o pórtico, a ponta do telhado decorada com uma coluna de estátuas com faixas esculpidas na pedra que imitavam o enrolado de tecido tão bem, que pareciam ser capazes de se mover na brisa suave. Dez colunas brancas de cada lado seguravam a massiva plataforma a uma altura vertiginosa sobre a entrada arqueada. Corpos caídos em uma batalha desesperada estavam espalhados uns por cima dos outros sobre os gramados cobertos de neve, e sentados como que em repouso encostados nas paredes do salão de entrada exterior.

As portas ornadas, exibindo delicadas gravuras de escudos reais da Casa de Amnell, elevados por leões da montanha gêmeos, jaziam em pedaços no chão do vestíbulo. Flanqueando o arco de pedra no lado mais afastado estavam estátuas em tamanho real da Rainha Bernadine e do Rei Wyborn, cada um deles segurando uma lança e um escudo em uma das mãos, a Rainha um feixe de trigo na outra, e o rei um cordeiro. Os seios da Rainha estavam quebrados; fragmentos de pedra e poeira cobriam os ladrilhos de mármore coloridos. As duas estátuas estavam sem as cabeças.

Com dedos quase dormentes, Kahlan desamarrou os sapatos de neve e colocou-os encostados na estátua da Rainha. Chandalen seguiu o exemplo dela antes de ir atrás dentro do salão de recepção

cheio de espelhos quebrados e tapeçarias rasgadas. Ela apertou o seu manto enquanto nuvens da respiração deles subiam preguiçosamente no ar parado morto que de algum modo estava muito mais frio do que o do lado de fora.

“Para que esse lugar é usado?” Chandalen perguntou em um sussurro, como se tivesse medo de poder acordar os espíritos dos mortos.

Ela teve que se esforçar para não sussurrar. “Essa é a casa da Rainha dessa terra. Seu nome é Cyrilla.”

Sua voz hesitante ecoou pelo salão de pedra. “Uma pessoa vive em um lugar desses?”

“Muitas pessoas vivem aqui. Há conselheiros, muito parecidos com os anciãos entre o seu povo, e outros que são responsáveis por governar as necessidades da terra, e pessoas que cuidam de suas necessidades para que eles possam cumprir suas obrigações. Muitas pessoas chamam isso de seu lar, mas a Rainha é a cabeça da casa, assim como é cabeça da terra dela. Ela está acima de todos eles.”

Chandalen seguiu silenciosamente enquanto ela procurava pelo Palácio. Os olhos dele deslizaram de um objeto maravilhoso para outro; da mobília elaboradamente entalhada que agora estava por toda parte em pedaços, até as pesadas cortinas vermelhas, azuis, douradas ou verdes que adornavam as grandes janelas com dez pés de altura, agora todas quebradas.

Ela desceu um lance de escadas até as salas inferiores, os pisos de carvalho rangendo no frio a cada passo. Ele insistiu em entrar em cada uma das salas primeiro, abrindo portas com um pé e deslizando para dentro atrás de uma flecha dez passos pronta para ser atirada, antes de permitir que ela procurasse lá dentro.

Eles encontraram apenas os mortos. Em algumas das salas encontraram alguns dos criados, que foram alinhados contra uma parede e crivados de flechas. Nas cozinhas parecia que depois de executar os cozinheiros, ajudantes, especialistas em vinhos, assistentes, lavadores de pratos, garçons e ajudantes de cozinha, os vasos sentaram e beberam fazendo festa. Os barris de cerveja e vinho estavam vazios. Parecia que tinham jogado mais comida na parede do que comido.

Enquanto Chandalen verificava a despensa saqueada, os olhos de Kahlan foram atraídos pelos corpos de duas mulheres jovens, ajudantes de cozinha, no chão por trás de um longo bloco de cortar carne. Uma estava completamente nua, e a outra tinha uma meia de lã marrom, embolada em volta de seu tornozelo fino. A primeira suposição dela estava errada. Nem todos os ajudantes foram mortos antes da festa.

O rosto dela estava tão impassível quanto os das mulheres mortas, ela virou e saiu da cozinha e começou a subir as escadas dos servos para checar os andares superiores. O barulho feito por Chandalen aumentou logo atrás quando ele deu três passos rapidamente para alcançá-la.

Ela sabia que ele não gostava que ela partisse sem ele, mas ele não falou isso. “Tem carne salgada. Talvez pudéssemos pegar um pouco? Não penso que esse povo acharia errado que fizéssemos isso. Eles não negariam um pouco de comida.”

Kahlan colocou a mão no corrimão enquanto subia com um ritmo firme, mas então colocou a mão de volta dentro de seu manto, porque a madeira polida estava tão fria ao toque que machucava seus dedos. “Se comer a carne, você morrerá. Eles a envenenaram, para o caso de algum dos compatriotas dos mortos voltar a esse lugar e comer um pouco da comida aqui, assim eles também morrerão.”

Encontraram o andar principal livre de corpos. Parecia ter sido usado como um quartel general para os exércitos. Barris de vinho e rum vazios estavam jogados pelo chão do salão de bailes. Restos de comida, canecas e taças, pratos quebrados, cinzas de cachimbo, ataduras ensangüentadas, farrapos sujos de óleo, espadas quebradas ou tortas, lanças e maças, fragmentos de madeira escura de uma perna de mesa de noqueira que alguém tinha cortado até que ela não fosse nada além de um toco, bacias de água congelada, linho sujo, panos de cama rasgadas em tiras, e colchas de todas as cores imundas jogadas no chão acarpetado.

Manchas de sangue estavam por toda parte, até nos tampos das mesas. Pelos arranhões circulares, parecia que homens tinham dançado em cima delas.

Chandalen caminhou no meio do entulho, inspecionando vários pedaços. “Eles estiveram aqui a dois, talvez três dias.”

Ela assentiu enquanto seus olhos varriam o local. “Parece desse jeito.”

Ele rolou um barril de vinho para frente e para trás com seu pé, testando se ele estava vazio. Estava. “Fico imaginando porque eles ficaram por tanto tempo? Apenas para beber, e dançar?”

Kahlan suspirou. “Não sei. Talvez estivessem descansando e cuidando de seus feridos. Talvez eles estivessem apenas fazendo uma festa para comemorar sua vitória sobre essas pessoas.”

Ele olhou com seriedade. “Matar não é uma coisa para comemorar.”

“É sim, para o povo que fez essa matança.”

Relutantemente, Kahlan finalmente subiu as escadas para o andar superior. Ela não queria olhar lá em cima. Era onde ficavam os dormitórios.

Eles verificaram primeiro a ala oeste: os quartos dos homens. Pareciam ter sido usados pelas tropas como locais para dormir. Com um exército com tantos homens como esse tinha que ser formado, eles teriam muitos homens graduados. Os oficiais provavelmente ficaram aqui, nos melhores quartos. Os soldados sob o seu comando teriam usado as hospedarias e casas mais simples.

Com um suspiro profundo para fortalecer sua decisão, ela cerrou os dentes e cruzou o salão central, com sua sacada que fornecia uma ampla vista da grandiosa escadaria, até os quartos da ala leste. Chandalen, nos calcanhares dela, queria abrir as portas para ela e verificar primeiro, mas aqui ela não permitiria. A mão dela parou por um momento na maçaneta da porta, então finalmente abriu a primeira porta. Ficou parada por um tempo, olhando para a cena lá dentro. Foi até a porta seguinte e abriu, e então para a próxima.

Todos os quartos estavam ocupados. Cada quarto tinha uma mulher, nenhuma com roupas. Quarto após quarto era a mesma coisa. Pela condição de sujeira dos carpetes, parecia ter havido um fluxo constante.

Fragmentos de madeira jaziam em pequenas pilhas pelo chão, onde um homem havia passado o tempo cortando o que estivesse ao alcance da mão enquanto esperava sua vez.

“Agora sabemos porque eles passaram vários dias aqui,” Kahlan falou sem encarar os olhos de Chandalen. Ele ficou em silêncio. Ela não conseguiu soltar mais do que um sussurro. “Para que pudessem fazer isso.”

Aqueles poucos dias sem dúvida foram os mais longos das vidas dessas mulheres. Kahlan rezou para que seus espíritos estivessem em paz agora.

Ela chegou até a porta no final, a porta para o quarto que as mulheres mais jovens compartilhavam. Lentamente, ela abriu, e ficou parada olhando, Chandalen bem perto, logo atrás, olhando pelo ombro dela.

Sufocando um gemido, ela virou e colocou uma das mãos no peito. “Por favor, Chandalen, espere aqui.”

Ele assentiu enquanto olhava para os pés.

Kahlan fechou a porta atrás de si e ficou com a costa nela por algum tempo. Com uma das mãos para o lado, e a outra cobrindo sua boca, ela contornou um guarda roupa destruído que estava virado, e caminhou pelo quarto frio, entre as fileiras de camas, olhando de um lado para o outro. Os preciosos espelhos de mão, escovas, pentes, e prendedores que uma vez tinham sido arrumados com carinho em mesas entre as camas que agora estavam jogadas pelo chão. As cortinas moiré azuis balançavam levemente no ar gelado que passava através das janelas quebradas.

Essas eram as damas de companhia da Rainha. Mulheres jovens de quatorze, quinze e dezesseis anos, algumas um pouco mais velhas.

Esses não eram apenas cadáveres sem nome; Kahlan conhecia muitas dessas jovens.

A Rainha as levou com ela quando tinha viajado até Aydindril para falar perante o Conselho. Kahlan não conseguiu deixar de notá-las, suas vitalidades, seus olhos arregalados de excitação por estar em Aydindril. Ver o esplendor de Aydindril através dos jovens olhos delas deu a Kahlan uma nova visão das coisas ao seu redor, e fez

surgir um sorriso em seus lábios. Ela desejou dar a elas uma excursão, pessoalmente, mas estar com a Madre Confessora as teria assustado, e então ela não fez isso. Mas tinha admirado elas de longe, e invejado suas vidas cheias de possibilidades.

Kahlan parou em várias camas, sua costa ereta, sua cabeça erguida, sua mandíbula rígida, enquanto dirigia os olhos dela com relutância para rostos que conhecia. Juliana, uma das mais jovens, sempre foi auto-confiante e lutadora.

Ela sabia o que queria e não possuía timidez ao seguir atrás disso. Ela sempre tivera uma queda por homens jovens de uniforme: soldados. Uma vez, isso havia lhe causado problemas com sua acompanhante, Senhora Nelda. Kahlan tinha intercedido em favor dela secretamente, informando a Senhora Nelda que independente dos namoricos de Juliana, toda a Guarda de Defesa de Aydindril era formada por homens de honra impecável, e jamais encostariam um dedo em uma dama da Rainha.

Agora os pulsos dela estavam amarrados na cama, e pelo jeito como sangraram, pareciam ter ficado desse jeito durante todo o martírio dela. Kahlan amaldiçoou silenciosamente os espíritos pelo humor cruel deles ao dar para a jovem inocente o que ela pensou que queria.

A pequena Elswyth estava na cama ensopada de sangue seguinte. Os seios dela foram apunhalados incontáveis vezes, e sua garganta cortada, como muitas das outras, como porcos abatidos. No fim do quarto, Kahlan parou perto da última cama. Ashley, uma das adolescentes mais velhas, tinha cada um dos tornozelos amarrado em um dos pés da cama. Foi estrangulada com uma fita de amarrar cortina. O pai dela era um dos assistentes Galeanos do embaixador em Aydindril. A mãe dela tinha se desfeito em lágrimas quando a Rainha Cyrilla concordou em levar Ashley como uma das suas damas de companhia.

Como ela encontraria palavras para dizer ao pai e a mãe de Ashley o que tinha acontecido com sua pequena garotinha enquanto estava ao serviço da Rainha deles?

Enquanto Kahlan refazia seus passos através do quarto, lançando um último olhar para cada um dos corpos mortos, para

cada rosto congelado de horror em submissão vazia, ela ficava imaginando porque não estava chorando. Ela não deveria chorar?

Não deveria cair de joelhos, gritar de angústia, bater com os punhos, e chorar até se afogar em lágrimas? Mas ela não fez isso. Sentiu como se houvesse lágrimas para que tivesse feito.

Talvez fosse um número grande demais. Talvez tivesse visto tantos corpos nesse dia que aquilo simplesmente deixou-a anestesiada.

De modo semelhante a quando você entra em uma banheira para tomar um banho, e no começo sente que a água está quente demais para suportar, que certamente você está sendo fervida, mas após alguns minutos ela parece apenas morna.

Ela fechou a porta suavemente. Chandalen estava exatamente no mesmo lugar que ela o deixara. As articulações de seus dedos estavam brancas no arco. Kahlan passou por ele caminhando, esperando que ele a seguisse. Ele não seguiu.

"A maioria das mulheres choraria," ele falou enquanto olhava fixamente para a porta.

Ela sentiu uma onda de calor em suas bochechas. "Eu não sou a maioria das mulheres."

Chandalen não tirou os olhos da porta. "Não, você não é."

Os olhos dele finalmente deixaram a porta para olhar para o seu arco. A tensão deixou seus ombros quando ele soltou um suspiro profundo, como se fosse o primeiro em algum tempo. "Gostaria de contar a você uma história."

Kahlan esperou a alguns passos de distância. "Não quero ouvir uma história nesse momento, Chandalen. Talvez mais tarde."

Ele virou seus ferozes olhos castanhos para ela. "Eu gostaria de contar a você uma história," ele repetiu, um pouco mais alto dessa vez.

Ela suspirou. "Se é importante para você, então conte."

Encarando o olhar dela, ele diminuiu a distância entre eles. Ele era um pouco menor do que ela, mas naquela hora ele pareceu mais alto para ela. "Quando meu avô era jovem, e forte" - ele bateu no peito estufado - "como eu sou agora, ele já tinha uma esposa, e dois filhos. Muitas pessoas foram até nossa vila para fazer trocas.

Deixamos todos entrar. Não mantivemos ninguém afastado. Todos eram bem-vindos. Os Jocopos eram um desses povos que vieram fazer trocas.”

“Quem eram os Jocopos?” Kahlan conhecia cada povo em Midlands, mas nunca tinha ouvido falar desse.

“Pessoas que viviam no oeste, perto de onde a fronteira estava.”

Kahlan franziu a testa enquanto sua mente procurava em um mapa mental. “Ninguém vive a oeste do Povo da Lama. Aquela terra é deserta.”

Chandalen observou-a por baixo das sobrancelhas. “Os Jocopos eram um povo grande.” Ele levantou a mão uma cabeça acima dele, antes de deixar que ela caísse para o seu flanco. “Mas eles sempre foram pacíficos. Como os Bantaks. Como nosso povo. Então eles fizeram guerra sobre nós. Não sabemos ao motivo. Mas nosso povo estava com muito medo. Eles tremiam durante a noite, com medo de que os Jocopos pudessem vir de novo no dia seguinte. Eles viriam até nossa vila, e cortariam as gargantas dos homens, e levariam as mulheres, e fariam essas coisas com elas.” Ele balançou a mão na direção da porta.

“Estupro,” ela falou com um tom vazio. “Isso é chamado estupro.”

Ele assentiu. “Os Jocopos faziam isso com nossas mulheres. Eles roubaram muitas mulheres, e fizeram esse estupro com elas.”

Olhou para a porta novamente. “Do jeito que foi feito com essas mulheres. Você entendeu?”

“Elas foram estupradas por muitos homens, torturadas e assassinadas.”

Ele assentiu, aliviado por não ter que explicar. “O Povo da Lama não tinha guerreiros, como temos agora, como eu.” O peito dele inchou novamente, e o queixo dele levantou. Finalmente, o ar saiu de seus pulmões. “Nunca tivemos que lutar com ninguém. Nenhum de nosso povo queria lutar com outros. Achavam que isso era errado. Mas os Jocopos nos fizeram querer lutar.”

“Eles roubaram minha avó. A mulher de meu avô. A mãe do meu pai. Meu avô fez um juramento de mandar os Jocopos para o

mundo dos espíritos. Ele reuniu os homens, homens que tiveram suas mulheres, ou irmãs, ou mães, levadas e..." Ele esfregou a testa como se estivesse suando, mas no frio ele não estava.

Kahlan colocou uma das mãos no braço dele. Dessa vez ele não se encolheu. "Eu entendo, Chandalen."

"Meu avô convocou uma reunião, e foi visitado pelos espíritos de nossos ancestrais. Ele chorou por sua mulher na frente dos espíritos, e perguntou se os espíritos ancestrais ensinariam como deter os Jocopos. Eles falaram que primeiro ele deveria parar de chorar até que a guerra estivesse terminada."

Kahlan tirou a mão e distraidamente tocou a pele em seu pescoço. "Meu pai me ensinou algo muito parecido com isso. Ele falou, *Não derrame lágrimas por aqueles que já estão no chão, até que tenha feito vingança sobre aqueles que os colocaram ali. Então, haverá bastante tempo.*"

Chandalen olhou para ela mostrando aprovação. "Então o seu pai foi um homem sábio."

Kahlan esperou silenciosamente até que ele finalmente pareceu reunir as lembranças da história, e continuou.

"Os espíritos ancestrais vieram até meu avô todas as noites em uma reunião. Ensinaram para ele o que deveria fazer, como matar. Ele ensinou a esses homens o que aprendeu. Ensinou eles como colocar a lama, e amarrar a grama neles, para que não fossem vistos. Nossos homens ficaram como as sombras. Os Jocopos não conseguiam ver eles mesmo se ficassem tão perto como estamos agora."

"Meu avô e seus homens fizeram guerra com os Jocopos. Não guerra do jeito que os Jocopos faziam, mas do jeito que os espíritos ensinaram. Os Jocopos faziam guerra de dia, porque eram muitos, e não tinham medo de nós. Os espíritos falaram para o avô que ele não deveria lutar com os Jocopos do jeito que eles queriam, e sim fazer eles temerem a noite, e o campo vazio, e cada som de uma ave, sapo ou inseto."

"Para cada um do Povo da Lama, tinha cinco Jocopos. No começo, eles não tinham medo de nós, por causa dos números deles. Nós matamos Jocopos quando eles caçavam a comida, quando

cuidavam de suas plantações, quando tratavam dos animais, quando buscavam água, quando dormiam. Qualquer Jocopo. Todo Jocopo. Não tentamos lutar com eles; apenas matamos eles. Até que não tivesse mais nenhum Jocopo nesse mundo, só no mundo dos espíritos.”

Por um momento ela imaginou se ele queria dizer que mataram as crianças também, mas sabia a resposta; não havia mais nenhum Jocopo. Outra coisa que seu pai tinha ensinado surgiu em sua mente: Se a guerra for trazida até você, então a obrigação de não mostrar misericórdia é sua. Certamente não mostrarão nenhuma com você, e você será um traidor para seu povo e tão bom quanto o inimigo deles se deixar qualquer ato de clemência passar desse limite, pois seu povo pagará por seu erro com as vidas deles.

“Eu entendo, Chandalen. Seu povo fez a única coisa que podia. Seu avô fez o que era necessário para proteger o povo dele. Meu pai também me ensinou, *Se a guerra for trazida até você, então que seja feita guerra como seu inimigo jamais imaginou nos seus piores pesadelos. Qualquer coisa menos do que isso, e você entrega a vitória para seu adversário.*”

“Seu pai também devia conhecer os espíritos dos ancestrais dele. Ele fez bem ao ensinar a você as lições deles.” A voz dele baixou mostrando simpatia. “Mas sei que elas podem ser duras lições para viver, e podem fazer você olhar com dureza para os outros.”

“Conheço a verdade disso. Seu avô trouxe honra ao Povo da Lama, Chandalen. Tenho certeza de que quando isso foi feito, ele derramou muitas lágrimas por aqueles do povo dele que foram mortos.”

Chandalen desamarrou a tira de couro em seu pescoço e jogou sua manta para trás, deixando-a cair no chão. Ele vestia um pesado manto de pele e calças. Em cada ombro, amarrada com uma faixa de algodão entrelaçado em volta de seu braço, havia uma faca de osso. A parte inferior estava afiada formando uma ponta, e a outra ponta estava coberta com o mesmo algodão entrelaçado para dar uma pegada melhor. Penas negras estavam penduradas na parte superior.

Ele tocou em um dos ossos. "Isso é do meu avô." Tocou no outro. "Isso é do meu pai. Um dia, quando eu tiver um filho forte, ele carregará um meu, e do meu pai, e o do meu avô vai ser colocado para descansar no chão."

Quando Kahlan tinha visto as facas de osso pela primeira vez, quando deixaram a vila do Povo da Lama, pensou que elas fossem cerimoniais. Com terrível certeza, agora ela sabia que não eram. Eram armas de verdade: armas dos espíritos.

"O que são as penas?"

Ele tocou nas penas lustrosas na faca em seu ombro direito. O Homem Pássaro que nós tínhamos naquela época, quando essa foi feita, colocou elas." Tocou nas do ombro esquerdo. O Homem Pássaro que temos agora colocou essas. Elas são de corvo."

O corvo era um espírito poderoso para o Povo da Lama. Sua imagem invocava a morte. Enquanto ela pensava que a idéia de usar uma faca feita de osso do braço do avô e do pai era horrível, sabia que era uma honra para Chandalen, e então não falou nada para não insultar suas crenças. "É uma honra para mim, Chandalen, que você traga os espíritos de seus ancestrais para me proteger."

Ele não pareceu feliz. "O Homem Pássaro diz que você também é do Povo da Lama, e deve ser protegida, então eu uso essas facas."

"É minha obrigação."

Ele tocou no osso do avô novamente. "Meu avô ensinou meu pai, e meu tio, Toffalar, o homem que você matou, a ser protetor do nosso povo." Ele tocou no osso do pai.

"Meu pai me ensinou. Eu vou ensinar meu filho, quando ele vier, e algum dia ele vai carregar meu espírito com ele enquanto proteger nosso povo.

"Desde o tempo em que matamos os Jocopos, não deixamos muitos entrarem em nossa terra. Os espíritos dos nossos ancestrais ensinaram que convidar outros para vir quando quiserem é convidar a morte. Os espíritos falam a verdade. Você trouxe Richard, O Esquentado para nós, e por causa dele, Darken Rahl veio e matou muitos do nosso povo."

Então chegou nesse ponto. Chandalen deveria ser um protetor do seu povo, mas eles foram mortos e ele não conseguiu impedir

isso. “Os espíritos dos ancestrais nos ajudaram a salvar o Povo da Lama, Chandalen, e incontáveis outros. Eles viram que o coração de Richard era verdadeiro, que ele estava arriscando sua vida, do mesmo modo como você, para salvar outros que não queriam guerra.”

“Ele ficou dentro da casa dos espíritos enquanto Darken Rahl matou nosso povo. Não tentou impedir ele. Não lutou.”

“Deixou nosso povo morrer.”

“Você sabe porque?” Ela esperou enquanto ele ficou com o rosto duro como pedra, mas quando ele não respondeu, ela continuou. “Os espíritos disseram a ele que se lutasse com Darken Rahl, ele estaria lutando do jeito que Darken Rahl lutava, e Richard morreria, para nunca ajudar ninguém. Disseram que se ele queria derrotar Darken Rahl e salvar o resto do Povo da Lama, não deveria lutar do jeito que Darken Rahl lutava, mas esperar e lutar do seu próprio jeito, mais tarde, do mesmo jeito que os espíritos disseram a seu avô.”

Ele observou-a desconfiado. “Isso é história de ele.”

“Eu estava lá, Chandalen. Ouvi eles falarem isso. Richard queria lutar. Chorou de frustração quando os espíritos disseram que ele não devia. Não havia nada que pudesse ser feito para deter Rahl naquele momento. Não foi culpa de Richard, nem culpa sua. Você não poderia ter feito nada para impedir, do mesmo jeito que Richard não poderia. Se ele tivesse tentado, morreria, e Darken Rahl teria vencido.”

Ele se inclinou chegando um pouco mais perto. “Se você não tivesse trazido ele, isso não teria acontecido. Darken Rahl não teria vindo procurar por ele.”

Ela endireitou o corpo. “Chandalen, você sabe o que eu faço? Qual é minha especialidade?”

“Sim. Como todas as Confessoras, deixa as pessoas com medo de você, então pode dizer para eles o que fazer, e porque estão com medo, eles fazem como você manda.”

“De certo modo. Eu guio o Conselho de Midlands. Represento todas as pessoas e protejo seus direitos. Eu torno possível para aqueles como o Povo da Lama viver como desejarem.”

“Nós protegemos a nós mesmos.”

Ela balançou a cabeça para ele levemente. “Você acha ? Para cada um do Povo da Lama, havia cinco Jocoço. Seu avô era corajoso, e derrotou um inimigo que estava em maior número. Mas para cada homem, mulher, e criança do Povo da Lama, tem mais de cem soldados mortos aqui, e essa é apenas uma das cidades dessa terra. Foram derrotados como se não fossem nada. Cem guerreiros para cada um do Povo da Lama, e eles lutaram bravamente, você falou isso. Que chance acha que vocês teriam contra um exército que poderia derrotar tantos assim? Contra um exército com a metade desse tamanho?”

Chandalen se moveu sem responder.

“Existe terras, Chandalen, que não possuem voz, como o Povo da Lama, e os Bantak. Eles não estão representados no Conselho. As terras maiores, como essa, e aquela que os derrotou, são muito poderosas, mesmo assim Darken Rahl os conquistou. Eu falo pelas terras que não possuem voz no Conselho. Eu protejo seu desejo de ser deixado em paz, e proibir outros de entrar em suas terras.

“Sem mim para deixar eles com medo, e dizer o que devem fazer, eles tomariam suas terras. Você viu a terra por onde nós viajamos. Grande parte dela é difícil de plantar. As pessoas tomariam suas terras para montar fazendas, e para criar animais. Seus campos sagrados seriam queimados, divididos e cultivados para fazer troca com ouro.”

“Não importa o quanto vocês são corajosos e fortes, não conseguiriam proteger seu povo. Esses invasores deixariam suas terras negras com seus números. Só porque você é corajoso, e forte, não significa que vai vencer.”

“os soldados aqui eram corajosos, e fortes, e cem vezes o seu número, e veja o que aconteceu com eles. E esta é apenas uma cidade. Tem outras muito maiores.”

“Ser corajoso não significa que você deve ser estúpido, Chandalen. Você viu o que foi feito aqui. Quanto tempo você acha que conseguiria lutar contra um exército como esse que fez isso? Mesmo se cada um dos seus homens matasse cinquenta, eles mal

notariam. Vocês acabariam como os Jocopos. Mortos. Cada um de vocês.”

Kahlan colocou um dedo no próprio peito. “Sou eu quem diz a eles que não devem fazer isso. Eles não temem você, mas eles temem a mim, e a aliança que eu represento. Tem boas pessoas em Midlands, pessoas que estão dispostas a lutar para proteger outros que são menos poderosas. Os mortos aqui são algumas dessas pessoas. Eles são alguns dos que sempre me apoiaram quando eu falei que nenhuma terra deveria atacar outra para conquistar terreno.”

“Eu encabeço o Conselho de Midlands e mantenho unidas as terras que desejam a paz. Sob meu controle elas lutariam contra qualquer uma que desejasse fazer guerra com outras. Sim, eu deixo as pessoas com medo, para que façam o que mando. Mas não para ter a glória do poder. Eu guardo o poder para manter o povo de Midlands - incluindo o Povo da Lama - livre da opressão. Essas pessoas aqui lutaram antes para manter todas as pessoas Midlands livres para viver como quiserem. Eles lutaram por vocês, pelos seus direitos, embora vocês nunca soubessem do sangue que eles derramaram em seu benefício.”

Ela apertou um pouco mais o manto. “Você nunca teve que lutar por eles, até que Darken Rahl ameaçou a todos. Eu vim até o Povo da Lama, com Richard, para buscar ajuda. Os espíritos de seus ancestrais enxergaram a verdade de nossa luta, e nos ajudaram para que o Povo da Lama, e todos os outros, pudessem viver livres. Pela primeira vez, o Povo da Lama teve que derramar sangue por Midlands. Os espíritos de seus ancestrais viram a verdade disso, e eles nos ajudaram.”

“O povo de Midlands tem uma dívida com o Povo da Lama, uma dívida pelo seu sacrifício, mas vocês também devem a eles.”

“Richard, o Esquentado, colocou a vida dele em risco pelo seu povo. Perdeu pessoas amadas na luta, do mesmo jeito que você. Sofreu coisas que você jamais conseguiria entender. Não pode imaginar o que Darken Rahl fez com ele antes que Richard o matasse.”

Kahlan estava furiosa, nuvens de sua respiração subindo no ar frio.

“Faço as pessoas ficarem com medo de mim para que você possa continuar cego e teimoso. Richard e eu temos lutado para evitar que todos os povos de Midlands, incluindo o Povo da Lama, sejam assassinados, do mesmo jeito que os Jocopos assassinaram o Povo da Lama, mesmo que você negue a sua ajuda, ou simples gratidão.”

O silêncio ecoou ao redor deles.

Chandalen caminhou lentamente até o corrimão, deslizando um dedo distraidamente por sua superfície polida. Ela observou cada uma das nuvens da respiração dele desaparecer, sendo seguida por outra logo depois. Ele falou suavemente. “Você me vê como teimoso. Também vejo você como teimosa. Talvez nossos pais também deveriam ter ensinado a ver que às vezes as pessoas fazem o que fazem, não porque são teimosas, mas porque temem por aqueles que protegem. Talvez você e eu pudéssemos enxergar um ao outro de modo não tão severo, mas como se estivéssemos fazendo o melhor que podemos, para manter nosso povo seguro.”

Um leve sorriso surgiu inesperadamente nos lábios de Kahlan. “Talvez, Chandalen não seja tão cego quanto eu pensei. Eu mesma vou tentar, enxergar melhor, enxergar o homem de honra que você é.”

Ele assentiu, e mostrou um leve sorriso. “Richard, o Esquentado, não é um homem estúpido.” Ele colocou as mãos no corrimão, olhando por cima dele para o primeiro andar. “Ele disse que se tivesse que escolher um homem para lutar ao lado dele, ele escolheria Chandalen.”

“Você fala a verdade,” ela falou suavemente. “Ele não é um homem estúpido.”

“Richard também se sacrificou como seu companheiro. Ele salvou nossos homens de serem escolhidos, já que certamente você escolheria um de nós, porque somos fortes tão fortes.” A voz dele aumentou com orgulho. “Provavelmente você me escolheria, para que pudesse ter o companheiro mais forte. Richard me salvou.”

Kahlan sorriu para si mesma novamente enquanto ele olhava por cima do corrimão. "Sinto muito se você acha a tarefa de ser meu companheiro uma coisa tão onerosa."

Chandalen voltou a olhar para ela. Ele ficou parado um momento, estudando os olhos dela, e então começou a desamarrar a faixa no seu braço direito. Ele tirou a faixa e a faca de osso, segurando na frente dela.

"O avô ficaria orgulhoso de proteger você, um dos seus, um do Povo da Lama." Ele levantou o manto dela jogando-o por cima do ombro esquerdo dela.

"Chandalen, não posso aceitar isso. Ela guarda o espírito de seu avô."

Ele ignorou as palavras dela e amarrou a faixa no braço esquerdo. "Eu tenho o espírito de meu pai comigo, e eu sou forte. Você luta para proteger nosso povo. O avô iria querer estar com você em sua luta. Você faz para ele uma honra."

Ela manteve o queixo erguido quando ele enfiou a faca de osso na faixa. "Então estou honrada, por ter o espírito de seu avô comigo."

"Isso é bom. Agora você tem a obrigação de lutar como meu avô lutou para proteger seu povo. Todos os seus povos." Ele levantou a mão direita dela e colocou-a sobre a faca de osso. "Jure carregar essa obrigação no seu coração."

"Eu já jurei proteger o Povo da Lama, e os outros de Midlands. Já lutei e continuarei lutando por todos vocês."

Ele apertou a mão dela contra o osso. "Jure para Chandalen."

Ela estudou a expressão sombria dele por um momento. "Você tem meu juramento, Chandalen. Juro diante de você."

Ele sorriu quando puxou o manto de volta sobre o ombro dela, sobre a faca de osso. "Chandalen agradecerá a Richard, o Esquentado, quando encontrar ele de novo, por me salvar de ser escolhido como o companheiro da Madre Confessora. Não desejarei a ele nenhum destino ruim. Ele também luta pelo Povo da Lama, com o Homem Pássaro nos falou."

Kahlan se curvou para pegar o manto dele. "Aqui. Coloque isso, não quero que você congele. Você ainda tem que me levar até

Aydindril.”

Ele assentiu, ainda exibindo o leve sorriso, quando jogou o manto por cima dos ombros. O sorriso morreu quando ele olhou para as portas. “Alguém esteve aqui desde que isso foi feito.”

“Porque você fechou as portas depois que olhou?”

“Em respeito aos mortos.”

“Quando viemos até elas, elas estavam fechadas. Aqueles que fizeram esse estupro não tinham respeito. Não fechariam todas as portas. Queriam que todos que vissem o que eles fizeram. Mais alguém esteve aqui, e fechou as portas.”

Kahlan olhou para as portas, percebendo o sentido do que ele disse. “Acho que você está certo.” Ela balançou a cabeça.

“Aqueles que fizeram isso não teriam fechado as portas.”

Chandalen inclinou sobre o corrimão outra vez, olhando para as largas escadarias. “Porque estamos aqui?”

“Porque eu tinha que saber o que aconteceu com esse povo.”

“Você viu do lado de fora. Porque estamos aqui, dentro dessa casa?”

Kahlan olhou para os degraus que conduziam ao andar superior. “Porque eu precisava saber se a Rainha foi morta também.”

Ele olhou na direção dela por cima do ombro. “Ela significa alguma coisa para você?”

De repente Kahlan percebeu como o seu coração pulsava forte. “Sim. Lembra das estátuas perto da porta por onde entramos?”

“Uma mulher, e um homem.”

Ela assentiu. “A estátua da mulher é uma estátua da mãe dela. Minha mãe era uma Confessora. A estátua do homem é uma estátua do pai dela. Rei Wyborn. Ele também era meu pai.”

Chandalen levantou uma sobrancelha. “Você é irmã dessa Rainha?”

“Meia-irmã.” Reunindo coragem, ela começou a andar até as escadas. “Vamos ver se ela está aqui, e então podemos seguir nosso caminho para Aydindril.”

O coração de Kahlan ainda estava batendo forte quando ela parou diante da porta do quarto da Rainha. Ela não conseguia abrir. O cheiro no corredor era horrível, mas ela mal notou.

“Não quer que eu olhe para você?”

“Não,” ela falou. “Tenho que ver com meus próprios olhos.”

Ela girou a maçaneta. A porta estava trancada, a chave ainda no lugar. ela tocou a fria placa de metal. Isso é uma fechadura, a coisa que falei para você antes,” ela explicou enquanto tirava a chave e mostrava para ele. “Isso é uma chave.”

Colocando a chave de volta, ela girou com dedos trêmulos. “Se você tiver uma chave, pode abrir a fechadura, e então a porta.”

Obviamente alguém tinha trancado a porta, por respeito com a Rainha.

As janelas estavam intactas, assim como a mobília. O quarto estava tão frio quanto o resto do Palácio, mas o cheiro fez eles enjoarem subitamente e prender a respiração.

Excremento humano cobria tudo na sala de estar. Os dois observaram em choque. Pilhas escuras salpicavam os tapetes e cobriam escrivaninha e mesa. O carpete azul das cadeiras e os estofados estavam ensopados com urina amarela congelada. Alguém tinha até mesmo se agachado e defecado na lareira.

Segurando os mantos sobre o nariz, eles caminharam pela sala cuidadosamente até a porta fechada seguinte.

O quarto da Rainha estava pior. Mal havia lugar para colocar os pés sem pisar na sujeira. Mas independente do quanto o chão estava coberto, o pior era a cama; estava cheia e fezes. Cenas florais delicadamente pintadas nas paredes estavam manchadas por elas. Se tudo não estivesse solidamente congelado, eles sairiam correndo do quarto por causa do fedor. Do jeito que estava, era malmente tolerável.

Felizmente, não havia corpos. A Rainha não estava aqui.

Os nomes na lista mental de Kahlan de quem poderia ter feito tudo isso desapareceu, e apenas uma nação restou.

Aqueles que estiveram no topo da lista anteriormente.

“Kelteanos,” ela murmurou para si mesma.

Chandalen estava chocada. “Porque esses homens fariam isso? Eles seriam crianças que não sabiam o que estavam fazendo?”

Depois de uma última olhada ao redor, Kahlan conduziu-os de volta ao corredor, fechando a porta mais uma vez, finalmente

conseguindo respirar direito. “É uma mensagem. Para mostrar o desrespeito pelo povo que viveu aqui. Dia que eles não sentem nada além de desprezo por essas pessoas, e por qualquer coisa que seja delas. Eles sujaram a honra de seus inimigos de todas as maneiras que puderam imaginar.”

“Pelo menos a sua meia - irmã não está aqui.”

Kahlan apertou mais as tiras do seu manto no pescoço. “Pelo menos isso.”

Ela desceu os degraus, parando para olhar mais uma vez para as portas fechadas no segundo andar. Chandalen ficou observando ela depois que ele também deu uma olhada nas duas fileiras de portas.

Ela tentou preencher o silêncio. “Temos que encontrar Prindin e Tossidin.”

O rosto dele estava marcado pela raiva. “Isso não deixa você furiosa?”

Apenas nesse momento ela percebeu que estava exibindo seu rosto de Confessora. “Não faria bem algum mostrar minha raiva agora. Quando a hora chegar, você vai saber exatamente o quanto estou furiosa.”

CAPÍTULO 30



Em uma casa apertada coberta de barro e vime perto do buraco na parede da cidade, Kahlan observou enquanto Chandalen fez uma pequena fogueira para ela. Os dois irmãos não podiam ser vistos em lugar algum.

“Se aqueça,” ele disse. “Verei se Prindin e Tossidin estão perto, e falarei para eles onde nós esperamos.”

Depois que ele saiu, ela tirou o manto, muito embora ela soubesse que não era uma boa idéia ficar acostumada com o calor porque isso apenas faria o frio parecer pior mais tarde. Atraída pela prazer do fogo, ela se agachou chegando mais perto, esfregando as mãos sobre as chamas, tremendo quando o calor penetrou em seus ossos.

A pequena sala era uma de apenas duas que havia sido uma grande parte do mundo de alguma família. A mesa estava quebrada mas o banco rude encostada na parede não. Algumas peças de roupas estavam espalhadas por toda parte, junto com pratos de metal retorcidos e uma roca quebrada. Três bobinas estavam esmagadas no chão sujo.

Kahlan tirou uma panela do meio do entulho, decidindo que era mais fácil usá-la do que tirar uma da sua mochila. Ela encheu-a de neve que estava do lado de fora da porta, colocou a panela sobre três pedras no fogo, então esquentou os dedos gelados novamente, finalmente pressionando-os contra a carne fria do rosto. havia chá em uma caixa que brada em um canto, mas ao invés de usar aquele, pegou um pouco do seu próprio chá da mochila enquanto esperava a neve derreter, e os homens voltarem.

Não importa o quanto tentasse, não conseguia tirar os rostos das jovens mortas da sua mente.

Muitas vezes, ela colocou mais neve quando aquela dentro da panela derretia. Quando a água estava começando a ferver, Prindin entrou pela porta. Ele encostou o arco na parede e com um suspiro desmoronou pesadamente no banco.

Kahlan levantou e olhou para a porta vazia. "Onde está o seu irmão?"

"Ele estará aqui logo. Pegamos caminhos diferentes na volta, para conseguir olhar mais rastros." Ele levantou o pescoço, olhando para a porta na segunda sala. "Onde está Chandalen?"

"Foi enc ontrar você e Tossidin."

"Então ele vai voltar logo. Meu irmão não está longe."

"O que você encontrou?"

"Mais pessoas mortas."

Ele não pareceu querer falar sobre isso no momento, então ela decidiu esperar até Chandalen retornar com Tossidin antes de fazer perguntas a ele.

"Eu estava esquentando água. Vamos tomar um pouco de chá quente."

Ele assentiu, exibindo para ela seu belo sorriso. "Seria bom tomar chá quente."

Kahlan curvou-se sobre a panela, derramando chá de uma bolsa de couro com uma das mãos, e mantendo o longo cabelo afastado do rosto com a outra.

"Você tem uma bunda muito bonita," saiu a voz dele atrás dela.

Prindin apontou para o corpo dela. "Eu disse que você tem uma bunda muito bonita. Tem um bom formato."

Kahlan havia aprendido a não ficar assustada ou ofendida pelos estranhos costumes de diferentes povos de Midlands. Entre o Povo da Lama, por exemplo, um homem elogiar os seios de uma mulher era o mesmo que dizer que ela poderia ser uma saudável e adequada mãe, capaz de cuidar das futuras crianças dela.

Era um elogio que gerava sorrisos de orgulho para a família da mulher, e uma maneira garantida de um pretendente fazer amizade com o pai dela. Ao mesmo tempo, pedir para ver uma mulher com a lama de seu cabelo lavada era como não fazer bons arcos - era equivalente a pedir para a jovem favores impróprios.

O Povo da Lama tratava questões relacionadas ao sexo de uma maneira especialmente casual. Mais de uma vez Kahlan ficou ruborizada com as inesperadas descrições de Weselan sobre o modo como ela copulava com o marido dela.

Pior, ela não se importava em falar sobre isso na presença dele.

Enquanto olhava para Prindin, as visões dos rostos da jovens também flutuavam diante dos olhos dela.

Embora Prindin não tivesse elogiado os seios dela, parecia que os quadris de uma mulher poderiam ser considerados do mesmo modo por mostrar a mesma tendência maternal. Ela sabia que ele não pretendia desrespeitá-la, mas ainda assim, o sorriso luminoso dele fez os cabelos nos braços dela ficarem em pé. Talvez fosse apenas o momento inapropriado, com todos os mortos ao redor, que a deixava inquieta. Mas ele não tinha visto as jovens mortas.

O sorriso de Prindin reduziu um pouco enquanto a testa dele franzia. "Você parece surpresa. Richard, o Esquentado, nunca disse como sua bunda é bonita?"

Kahlan procurou pelas palavras, sem ter certeza de como colocar um fim honroso no assunto. "Ele nunca mencionou isso, especificamente."

"Outros homens devem ter falado isso. É bom demais para que eles não vejam. O formato de seu corpo é muito bom de olhar. Me deixa cheio de vontade de..." Ele franziu o rosto parecendo confuso. "Não sei qual é a sua palavra para..."

O sangue subiu para o rosto dela deixando-o vermelho enquanto ela deu um passo na direção dele. "Prindin!" Ela relaxou os punhos e assumiu novamente o controle da voz. "Prindin. Eu sou a Madre Confessora."

Ele assentiu, seu sorriso retornando, mas não tão confiante. "Sim, mas você também é uma mulher, e o seu formato..."

"Prindin!" Ele piscou para ela quando ela cerrou os dentes. "Em sua terra pode ser apropriado falar desse jeito com uma mulher, mas em outros lugares de Midlands, não é. Em outros lugares, falar desse jeito é ofensivo. Muito ofensivo. Mais do que isso, eu sou a Madre Confessora, é não é adequado falar comigo desse modo."

O sorriso dele desapareceu. "Mas agora você é do Povo da Lama."

"Isso pode ser verdade, mas ainda sou a Madre Confessora."

O rosto dele ficou pálido. "Eu ofendi você." Ele pulou do banco e caiu de joelhos na frente dela.

"Me perdoe, por favor. Não queria desrespeitar. Só queria mostrar minha gentileza para você."

O rosto vermelho dela brilhou de constrangimento. Agora tinha feito aquilo; tinha humilhado ele.

"Eu entendo, Prindin. Sei que suas palavras são inofensivas, mas não deve falar desse jeito fora de sua terra."

"Outros não entenderiam seus costumes e ficariam muito ofendidos."

Ele estava quase chorando. "Eu não sabia. Por favor diga que perdoa Prindin." Ele segurou nas calças dela, e agarrou as coxas dela com seus dedos poderosos.

"Sim... é claro... Sei que não pretendia fazer mal." Ela segurou nos pulsos dele, afastando-os gentilmente de suas pernas. "Eu perdôo você...."

Chandalen entrou pela porta, seu rosto com uma expressão de raiva. Olhou rapidamente para Prindin antes de olhar nos olhos dela.

"O que é isso?"

"Nada." Ela ajudou Prindin a ficar de pé rapidamente enquanto o irmão dele entrava na sala. "Mas teremos que conversar sobre a maneira adequada de falar com garotas em Midlands. Tem coisas que devem ser ensinadas a vocês três, para evitar que se metam em problemas." Ela alisou as calças e a marca onde os dedos fortes de Prindin estiveram, e então endireitou o corpo. "Diga-me o que você encontrou."

Chandalen lançou um olhar seco para Prindin. "O que você fez?"

Prindin deu meio passo para trás, desviando os olhos. "Não sabia que era erra. Falei para ela que tinha uma bonita..."

"Eu disse que não foi nada," Kahlan falou, interrompendo ele. "Foi apenas um pequeno mal entendido. Esqueça isso." Ela virou para o fogo. "Eu fiz chá quente. Pegue algumas xícaras - tem

algumas no chão bem ali que podemos usar - e tomaremos um pouco de chá enquanto conta o que encontrou.”

Tossidin foi buscar as xícaras, batendo atrás da cabeça de seu irmão pelo caminho, sussurrando uma reprimenda. Chandalen jogou o manto para trás e agachou na frente do fogo, aquecendo suas mãos. Os irmãos trouxeram as xícaras, Prindin esfregando a parte de trás da cabeça, e entregaram aos outros.

Na tentativa de fazer todos eles entenderem que Prindin não tinha perdido qualquer honra aos olhos dela, Kahlan direcionou sua atenção para ele e fez a primeira pergunta. “Diga o que você encontrou.”

Prindin olhou rapidamente para os outros dois antes de colocar uma expressão séria no rosto. “Dez, talvez doze dias atrás, fizeram essa matança. A maior parte dos inimigos vieram do leste, mas havia muitos, e alguns vieram de mais longe do norte e do sul. Eles fizeram guerra nos lugares estreitos nas montanhas com homens dessa cidade. Os homens da cidade que não morreram fugiram quando foram superados e se reuniram aqui, e tentaram resistir. Enquanto corriam até aqui, eram perseguidos por seus inimigos, lutando e morrendo enquanto corriam.”

“Mais e mais dos invasores entraram pelas passagens, deslizando para o sul, aqui, onde tiveram uma batalha. Depois que derrotaram aqueles homens, e mataram os que capturaram, o inimigo entrou pelo muro. Quando terminaram nessa cidade, todos eles, juntos, foram para leste novamente.”

Tossidin se inclinou um pouco. “Antes de ir embora, tiraram seus mortos da cidade. Usaram carroças; tem muitas marcas das rodas. Levou talvez dois dias para tirar todos os mortos deles daqui. Muitos milhares. O povo daqui deve ter lutado como espíritos demônios. Aqueles que fizeram isso perderam mais homens do que mataram.”

“Onde estão os corpos?” ela perguntou.

“Em um buraco na passagens para leste,” falou Prindin. “As carroças levaram os mortos pela estrada, e então eles foram jogados dentro do lugar baixo. Eles estão empilhados tão fundo que não sabemos o quanto o chão é baixo ali.”

“Como eles pareciam?” Ela tomou um gole de chá, segurando a xícara de metal com as duas mãos em volta dela, absorvendo o calor. “Como eles estavam vestidos?”

Prindin enfiou a mão debaixo da camisa e tirou um pano enrolado. Ele entregou a ela o pacote da cor de sangue. “Tinha postes, com isso neles. Muitos dos homens vestiam roupas com os mesmos símbolos, mas não queríamos pegar as roupas dos mortos.”

Kahlan desenrolou a bandeira e ficou olhando assustada para o longo triângulo vermelho aberto sobre as suas mãos. No centro havia um escudo negro com uma letra prateada enfeitada sobre ele. A letra R. Era uma bandeira de guerra, com o escudo e o símbolo da Casa de Rahl.

“Soldados D'Haran,” ela sussurrou. “Como seria possível?” Levantou os olhos. “Também havia Kelteanos?”

Os três homens olharam uns para os outros. Eles não entenderam. Não conheciam os Kelteanos.

“Tinha alguns com outras roupas,” Prindin falou. “Mas a maioria tinha esse símbolo nelas, ou nos escudos.”

“E eles foram para leste?”

Tossidin assentiu. “Não sei como dizer os números deles, mas tinha tantos que se você ficasse no mesmo lugar na estrada larga que eles tomaram, ficaria ali o dia todo observando eles passarem.”

“Também,” Prindin falou, “enquanto eles seguiam, outros se juntavam a eles, do norte onde estavam esperando, e seguiram com eles.”

Os olhos de Kahlan estreitaram enquanto ela pensava. “Eles tinham muitas carroças? Carroças grandes?”

Prindin soltou uma risada. “Eles devem ter centenas. Aqueles homens não carregam nada. Usam carroças.”

“Eles conseguem a vitória, porque são muitos, mas eles são preguiçosos. Andam em carroças, ou usam elas para carregar as coisas deles.”

“Elas levam um monte de suprimentos,” ela disse, “para manter um exército tão grande. E se eles andam em carroças isso mantém eles descansados para lutar.”

“Também deixa eles fracos,” Chandalen falou audaciosamente. “Se você carrega o que precisa, como nós, então você cresce forte. Se anda sem carregar o que precisa, ou anda em carroças, ou cavalos, então você cresce fraco.”

“Esses homens não são fortes, como nós.”

“Eles foram fortes o bastante para esmagar essa cidade,” Kahlan falou, olhando por baixo das sobrancelhas. “Eles foram fortes o bastante para vencer a batalha e destruir os oponentes.”

“Só porque são muitos,” Chandalen argumentou, “como os Jocopo, não porque são fortes, ou bons guerreiros.”

“Grandes números,” ela falou, tranqüilamente, “tem uma força própria.”

Nenhum dos três homens discordou daquilo.

Prindin bebeu o último gole de chá antes de falar. “Agora todos os números dele s foram embora. Eles ficaram juntos indo para leste.”

“Leste.” Ela pensou por um momento enquanto os três esperavam. “Eles seguiram por uma passagem que tem uma fina ponte de cordas esticada sobre ela? Uma ponte que só pode ser atravessada por uma pessoa de cada vez, a pé?”

Os irmãos assentiram.

Kahlan levantou. “Passagem Jara,” ela sussurrou para si mesma quando virou para olhar fixamente através da porta. “É uma das poucas largas o bastante para suas carroças.”

“Tem mais,” Tossidin falou quando ficou de pé também. “Talvez cinco dias depois que eles foram embora, mais homens vieram aqui.” Ele levantou os dedos esticados das duas mãos. “Essa quantidade fez a matança aqui.” Ele baixou todos a não ser um pequeno dedo da sua mão direita. “Essa quantidade veio aqui depois que fizeram isso.”

Kahlan olhou para Chandalen. “Aqueles que fecharam as portas.”

Ele concordou balançando a cabeça enquanto os dois irmãos franziam a testa.

“Eles procuraram pela cidade,” Tossidin continuou. “Não havia mais ninguém aqui para matar, então eles seguiram os rastros,

seguiram aqueles que seguiram para leste, para se juntar a eles.”

“Não,” Kahlan disse. “Eles não eram aliados daqueles que fizeram isso. Não foram se juntar a eles. Foram atrás deles.”

Prindin considerou por um momento. “Então se alcançarem aqueles que fizeram isso, eles também vão morrer. Eles não tem números como o daqueles que perseguem. Vão ser como pulgas tentando comer um cão.”

Kahlan pegou o manto dela e jogou sobre os ombros. “Vamos embora. A Passagem Jara é larga e muito boa para grandes carroças, mas também é muito longa e sinuosa. Conheço pequenas passagens - como uma que pega aquela ponte de cordas sobre a Jara, e então sobe através da Fenda das Harpias - pela quais um exército não pode viajar, mas nós podemos, e é muito mais curta. O que eles viajam em três ou quatro dias, nós podemos fazer em um.”

Chandalen levantou, mas fez isso de maneira calma. “Madre Confessora, seguir esses homens não vai nos levar até Aydindril.”

“Temos que seguir por uma das passagens para chegar até Aydindril. A Harpias é tão boa quanto qualquer outra.”

Chandalen ainda não fez nenhum movimento para pegar seu manto. “Mas por aquele caminho tem um exército de milhares. Você queria chegar até Aydindril com a menor quantidade de problema possível. Por aquele caminho tem problema.”

Kahlan agachou colocando a bota sobre um sapato de neve, e começou a amarrar os laços. Os rostos das jovens mortas dançaram diante dos olhos dela. “Eu sou a Madre Confessora. Não permitirei que isso aconteça em Midlands. É minha responsabilidade.”

Os homens olharam inquietos uns para os outros. Os irmãos se moveram para buscar os sapatos de neve. Chandalen não.

“Você falou que sua responsabilidade era ir até Aydindril como Richard, o Esquentado, pediu. Você disse que precisava fazer como ele pediu.”

Kahlan fez uma pausa na tarefa de amarrar o segundo sapato de neve. Angústia fluiu através dela. Ela considerou as palavras de Chandalen, mas apenas por um momento.

“Não estou abandonando essa responsabilidade.” Ela terminou de amarrar e levantou. “Mas nós somos Povo da Lama. Também

temos outras responsabilidades.”

“Outras responsabilidades?”

Kahlan tocou na faca de osso que estava amarrada no seu braço, sob o manto. “Com os espíritos. Os Jocopos, os Bantaks, e agora esses homens, escutaram espíritos que fariam com que eles fizessem coisas ruins - espíritos que passam através da fenda no véu. Temos responsabilidades com os espíritos de nossos ancestrais, e com os descendentes vivos deles.”

Ela sabia que para fechar o véu, precisava alcançar Zedd, para conseguir ajuda para Richard. Era possível que Richard fosse o único que poderia fechar o véu. Chandalen estava certo; eles deveriam chegar até Aydindril.

Mas os rostos das jovens ainda enchiam a mente dela. O horror do que tinha sido feito com elas ainda fluía através dela.

Os dois irmãos estavam sentados no banco colocando seus sapatos de neve. Chandalen caminhou aproximando dela e baixou a voz.

“Quem bem vi rá quando alcançarmos esse exército? Isso está errado.”

Ela olhou dentro dos olhos castanhos dele. Eles não estavam cheios de rebeldia como no passado, mas sim com preocupação genuína.

“Chandalen, os homens que fizeram essa matança, e foram para leste, talvez sejam cinqüenta mil. Aqueles que fecharam as portas no Palácio e estão perseguindo aquele exército talvez sejam cinco mil. Eles estão cheios de ódio, mas se alcançarem aqueles que estão perseguindo, eles vão ser massacrados também. Se eu tiver uma chance de evitar que cinco mil homens morram, então tenho que arriscar.”

Ele levantou uma sobrancelha. “E se você morrer nisso, então que mal maior vai ser liberado?”

“Isso é o que vocês três devem evitar - que eu seja morta.”

Ela começou a andar na direção da porta. Chandalen segurou o braço dela gentilmente e fez ela parar. Ele falou tranquilamente.

“Vai ficar escuro logo. Podemos descansar aqui esta noite, e preparar comida. Podemos partir de manhã depois que

descansarmos.”

“Em breve a lua estará alta para iluminar nosso caminho. Não temos tempo a perder.” Ela se inclinou na direção dele. “Estou saindo, agora. Se vocês são tão fortes quanto você diz, vocês irão comigo. Se não forem, podem descansar aqui.”

Chandalen colocou as mãos na cintura. Seus lábios apertados quando soltou um suspiro profundo. Ele avaliou com frustração.

“Você não pode caminhar mais do que Chandalen. Nós vamos também.”

Kahlan lançou para ele um rápido sorriso, e passou pela porta. Os irmãos pegaram seus arcos e pularam para seguir atrás dela enquanto Chandalen se abaixou para colocar os sapatos de neve.

CAPÍTULO 31



Richard observou os cavalos comendo grama que não estava ali, e coçou a sua barba. A superfície do vale estava queimada pelo sol e árida, mas os cavalos pareciam contentes pastando, como se houvesse grama verde exuberante debaixo de suas patas. Ilusão, parecia, enganava e seduzia até os cavalos. Ele imaginou o que não estava ali que ele veria.

Irmã Verna finalmente se moveu, puxando a corda guia de Jessup, afastando ele do seu pasto. "Por aqui."

Nuvens escuras ameaçadoras envolviam o chão em frente, fervendo como se estivessem vivas e esperando por eles ansiosamente. Richard fez os outros dois cavalos seguirem adiante, indo atrás da Irmã. Ela havia falado que eles deveriam andar os cavalos poderiam ficar assustados com coisa invisíveis e carregar eles, impotentes, para dentro de um feitiço.

Irmã Verna alterou o curso abruptamente pelo chão sem marcas, levando-os um pouco para a direita. A nuvem escura de poeira e sujeira subia e descia, conduzida pelas rajadas de vento, que até o momento, não havia tocado neles. Irmã Verna olhou por cima do ombro, sua expressão tão sombria quanto a nuvem.

"Seja lá o que você enxergar, ignore. Seja lá o que for, não é real. Apenas ignore. Você entendeu?"

"O que eu vou enxergar?"

Ela redirecionou sua atenção para o caminho em frente. Sua blusa branca estava molhada de suor, assim como a camisa dele. "Não posso dizer a você. Os feitiços procuram essas coisas em sua mente que você teme ou deseja, então todos enxergam coisas diferentes. Ainda assim algumas visões são as mesmas. Alguns medos são os mesmos em todos nós. Algumas das magias que

veremos não são visões, mas reais. Como aquelas nuvens de poeira.”

“E o que você temia tanto que viu da última vez?”

Ela caminhou em silêncio por algum tempo. “Alguém que amei.”

“Se ela era alguém que amava, porque teria medo de vê-la?”

“Porque ele tentou me matar.”

Richard piscou com o suor ardente nos olhos. “Ele? Você tem um homem que ama,

Irmã?”

Ela observava o chão enquanto caminhava. “Não amo mais.” A voz dela estava suave de tristeza. Olhou para ele por um momento, antes de varrer o chão mais uma vez com os olhos. “Quando eu era jovem, eu tive um amor.”

“Jedidiah.”

Ela ficou em silêncio, então ele perguntou. “Ele não é mais o seu amor?” Ela balançou a cabeça. “Porque não?”

Parando apenas um momento, ela esfregou a testa com um dedo antes de seguir em frente. “Eu era jovem, talvez mais jovem do que você, quando deixei o Palácio dos Profetas. Deixei para encontrar você. Nós não sabíamos se você já tinha nascido.”

“Sabíamos que se não tivesse nascido, você nasceria, mas não sabíamos quando, então três Irmãs foram enviadas.”

“Mas isso foi muitos anos atrás. Eu passei mais da metade da minha vida longe do Palácio. De Jedidiah.” Ela parou outra vez, olhando primeiro para a direita, então para a esquerda, antes de seguir em frente mais uma vez. “Ele teria me esquecido, e encontrado outra.”

“Se ele realmente amava você, Irmã, não teria esquecido e encontrado outra. Você não esqueceu dele.”

Ela puxou a corda do cavalo, afastando-o de alguma coisa que ele queria investigar. “Anos demais se passaram. Nós envelhecemos afastados. Eu envelheci. Não somos mais as mesmas pessoas que éramos. Ele tornou-se um com o dom, e tem sua própria vida. Ela não poderia me incluir.”

“Você não está tão velha, Irmã. Se vocês realmente se amam, o tempo não deveria ter importância.” Ele ficou imaginando se estava falando dela, ou de si mesmo.

Irmã Verna soltou uma leve risada. “Jovens. Jovens guardam muita esperança, mas não muita sabedoria. Conheço os costumes das pessoas. Dos homens. Ele esteve tempo demais longe da minha saia. Ele teria procurado outra faz muito tempo.”

Richard sentiu que estava ficando ruborizado sob o calor. “O amor é mais do que isso.”

“Ah, então você conhece tanto do amor, não é? Você também logo estará procurando pelos encantos de um novo par de belas pernas.”

Richard estava prestes a mostrar uma raiva repentina quando a Irmã Verna parou. Ela olhou para cima. A nuvem escura girava, aproximando-se deles.

Vindo de algum lugar, Richard escutou o fraco som de alguém gritando seu nome.

“Tem alguma coisa errada,” Irmã Verna sussurrou para si mesma.

“O que é isso?”

Ela ignorou ele, virando Jessup para a esquerda. “Por aqui.”

Raios iluminaram o ar perto deles. Um raio cegante atingiu o chão logo a frente, lançando uma chuva de terra para o céu. O chão tremeu com o impacto. Cada músculo contraiu com a proximidade do golpe.

Quando o raio abriu a parede escura por um instante, Richard viu Kahlan. Ela estava de pé, observando ele. E então ela sumiu.

“Kahlan?”

Irmã Verna mudou o curso. “Por aqui. Agora! Richard, eu falei, isso não é real. Seja lá o que você enxergar, deve ignorar.”

Ele sabia que era uma ilusão, mas a visão causou uma forte dor dentro dele. Ele gemeu internamente. Porque a magia tinha que atraí-lo com visões dela? Sua própria mente, Irmã Verna tinha falado, invocaria as coisas que ele temia, ou aquelas que ele desejava. O que era isso, ela imaginou, medo ou desejo?

“O raio é real?”

“Real o bastante para nos matar. Mas não é um raio da maneira que você conhece. Essa é uma tempestade de feitiços que estão lutando entre si. O raio é uma descarga do poder deles enquanto eles lutam uns contra os outros. Ao mesmo tempo, isso também procura destruir qualquer intruso. O nosso caminho está entre as brechas na batalha deles.”

Novamente, ele ouviu o grito distante de seu nome, mas não era a voz de Kahlan. Era a voz de um homem.

Outro raio caiu diretamente na frente deles. Ele e a Irmã levantaram um braço na frente do rosto de modo defensivo. Os cavalos não se moveram. Deveria ser como a Irmã falou; os cavalos entrariam em pânico se fosse um raio de verdade.

Enquanto a terra lançada pelo raio descia ao redor deles, Irmã Verna virou e segurou ele pela manga da camisa.

“Richard, escute. Tem alguma coisa errada. O caminho está mudando de posição rápido demais. Não estou conseguindo sentir ele como eu deveria.”

“Porque isso aconteceria? Você já passou por aqui antes. Conseguiu fazer isso antes.”

“Não sei. Não sabemos muito sobre esse lugar. Está cheio de magia que não entendemos completamente. Pode ser que a magia tenha aprendido a me reconhecer, de quando estive aqui antes. Atravessar mais do que duas vezes não é possível. Dizem que atravessar pela segunda vez é mais difícil do que a primeira. Poderia ser apenas isso. Mas pode ser alguma outra coisa.”

“Que outra coisa? Quer dizer, eu?”

Os olhos dela observaram além dele, para coisas que ela estava vendo, mas que ele sabia que não estavam lá. Ela focou novamente o olhar nele. “Não, não você. Se fosse você, eu ainda conseguiria sentir a passagem como fiz antes, mas não consigo. Só consigo sentir por uma fração de tempo. Acho que é por causa do que aconteceu com Irmãs Elizabeth e Grace.”

“O que elas tem a ver com isso?”

Agora a tempestade escura estava ao redor deles, girando e rugindo. As roupas deles ondulavam nas rajadas de vento. Ele teve que fechar um pouco os olhos por causa da poeira.

“Com suas mortes, elas passaram em frente o dom. Esse é o motivo pelo qual elas entregaram suas vidas quando você recusou a oferta, para entregar seu dom para a seguinte, para torná-la mais forte e assim ela poderia ter sucesso na tentativa seguinte.”

Foi por isso que ele tinha sentido a pressão para aceitar a coleira mais forte a cada oferta que era feita.

Kahlan havia dito que esse poderia ter sido o motivo pelo qual elas se matavam quando ele recusava - para somar seus poderes, torná-las mais fortes.

“Quer dizer que você tem o poder, o Han, das outras Irmãs?”

Ela assentiu enquanto seus olhos dardejavam em todas as direções. “Iss o me dá o poder das três.” Os olhos dela voltaram aos dele. “Pode ser que eu tenha poder demais para conseguir atravessar.” Ela segurou a camisa dele com mais força e puxou-o para mais perto do rosto. “Se eu não conseguir, você deve continuar sozinho, tente fazer isso você mesmo.”

“O quê! Não sei como fazer para atravessar. Não sinto nada dos feitiços ao nosso redor.”

“Não discuta comigo! Você sentiu o raio. Você sentiu isso muito bem. Alguém sem o dom não sentiria isso até que fosse tarde demais. Você deve tentar.”

“Irmã, você vai ficar bem. Vai sentir o caminho.”

“Mas se eu não sentir, você deve tentar. Ignore qualquer coisa que enxergar que seja uma tentação. Richard, se eu morrer, você deve tentar atravessar, até o Palácio dos Profetas.”

“Se qualquer coisa acontecer com você, vou tentar voltar para Midlands. É mais perto.”

Ela deu um forte puxão na camisa dele. “Não! Você sempre tem que desafiar o que eu digo?” Ela olhou de cara feia para ele por um momento antes de relaxar sua expressão. “Richard, se você não tiver uma Irmã para ensiná-lo a controlar o dom, você vai morrer. A coleira sozinha não vai salvá-lo. Você deve ter uma Irmã para que o Rada'Han tenha utilidade.”

“Sem uma Irmã, seria como ter pulmões, mas nenhum ar para encher eles. Nós somos o ar. Algumas de nós já deram nossas vidas para ajudar você. Não permita que elas morram em vão.”

Ele tirou a mão dela da camisa dele e deu um leve aperto. “Você vai conseguir. Eu prometo, você vai conseguir. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, eu tentarei. Não tenha medo. Ignore o que você está vendo. Não foi isso que você disse?”

Ela soltou um suspiro exasperado e então afastou a mão, virando. “Você não sabe as coisas que eu vejo.” Ela olhou por cima do ombro, olhando de lado para ele. “Não me teste, Richard, não estou com humor para isso. Faça o que eu digo.”

Richard ouviu o trovejar dos cascos do cavalo quando Irmã Verna rapidamente os conduziu adiante. A escuridão rodopiou em volta deles enquanto raios estalavam através dela. Ele achou difícil aceitar a tranquilidade dos cavalos. Poderia ser que ele realmente estivesse usando o dom para sentir?

Para a esquerda, a parede de poeira levantou. Luz além dela brilhou atravessando-a. Richard ficou observando a visão. Era a Floresta de Hartland, a floresta para a qual ele sabia, queria voltar. Estava aqui diante dele. Tinha apenas que entrar. A paz do lugar para onde ele olhava fixamente fez ele sentir dor de tanto desejo, como se entrar ali fosse a sua salvação.

Mas ele sabia que era uma ilusão, um feitiço de desejo ardente pretendia capturá-lo, e fazer ele vagar eternamente no encantamento. Ele ficou imaginando o que seria tão ruim naquilo, mesmo se não fosse real. Se fosse um lugar que ele amava, e estaria feliz ali, o que poderia ser tão ruim?

Ele ouviu seu nome sendo chamado de novo, outra vez em um grito. Os cascos de cavalos estavam quase sobre ele. Ele virou, percebendo que era a voz de Chase gritando seu nome.

“Ignore, Richard,” surgiu o rugido da Irmã. “Continue andando.”

Richard sentia falta de seu amigo tanto quanto sentia da Floresta de Hartland. Ele caminhou para trás, observando.

Chase estava cavalgando a toda velocidade, sua capa negra voando, suas armas cintilando sob a luz do sol inclemente. O cavalo estava cheio de espuma. Alguém mais estava com ele, em seu colo. Richard estava forçando os olhos, tentando enxergar melhor, e percebeu que era Rachel. Isso era normal; Rachel estaria com

Chase. Rachel também estava gritando o nome dele. Richard observou a ilusão enquanto ela se aproximava dele.

Alguma coisa em Rachel chamou sua atenção. Alguma coisa nela deu a Richard a forte sensação da presença de Zedd. Os olhos dele estavam encantados com uma pedra âmbar pendurada em uma corrente de ouro no pescoço dela. A visão da pedra atraiu o interesse de Richard como se fosse o próprio Zedd chamando por ele.

“Richard!” Chase estava gritando. “Não entre ali! Não entre ali! Zedd precisa de você! O véu está rasgado!”

“Richard!”

De repente Chase fez o cavalo parar derrapando. Richard deu lentos passos para trás enquanto observava a ilusão. Chase tinha ficado calmo, e não estava mais gritando. Com Rachel em seus braços ele desmontou, olhando surpreso ao redor. A poeira estava passando entre eles novamente, e Richard estava tendo dificuldade em ver seu velho amigo. Chase colocou Rachel no chão e segurou a mão dela enquanto os dois viravam, olhando para o nada. Richard achou que aquilo era uma coisa estranha para uma visão, mas então decidiu que deveria ser apenas um jeito de tentar convencê-lo a ir ver para o que eles estavam olhando.

Richard virou para a Irmã quando ela chamou o nome dele. “Vamos lá, ou farei desejar que tivesse deixado você aqui! Não deve parar!” Ela inspecionou cada lado enquanto se movia em frente. “Essa abertura está fechando ao nosso redor. Rápido, antes que fiquemos presos.”

Richard olhou para trás. A visão estava desaparecendo além da escuridão ondulante. Chase e Rachel pareciam estar caminhando na direção de alguma coisa. As nuvens agitadas passaram entre Richard e a visão de seus amigos, e eles desapareceram.

Richard trotou para alcançar Irmã Verna. Ele ficou pensando na razão para uma visão tão estranha. Porque a magia escolheria aqueles dois em sua mente para tentá-lo? Eles pareceram tão reais. Pareceu como se ele pudesse ter se esticado e tocado os dois. Talvez a magia estivesse tentando seduzir ele fazendo com que seguisse

alguém a quem ele confiava sua própria vida. Mas pareceu tão real; Chase pareceu tão desesperado.

Ele se esforçou para prestar atenção. É claro que parecia real para ele. Esse era o principal objetivo da magia: parecer real para enganá-lo, para arrastá-lo para dentro. Não seria magia muito eficiente se não parecesse real.

Richard colocou uma das mãos no lado de Jessup enquanto ele vinha atrás dele, para que soubesse que ele estava ali e evitar assustá-lo. Ele passou a mão pelo corpo musculoso do cavalo enquanto trotava, puxando Bonnie e Geraldine por suas cordas na outra mão.

Richard deu um tapinha no pescoço de Jessup quando passou. Jessup baixou a cabeça e mais uma vez pastou em grama que não estava ali, sua corda guia arrastando no chão. Subitamente Richard congelou.

Irmã Verna sumiu.

Raios explodiram em todas as direções com barulho ensurdecedor. Um raio atingiu o chão aos seus pés. Ele saltou para o lado para evitar o seguinte. Seu cabelo pareceu ficar em pé quando o raio golpeou. Conseguiu sentir o calor ardente. Sua visão estava confusa com as imagens azuis e brancas dos flashes irregulares.

Richard gritou o nome da Irmã quando juntou as cordas guia, puxando os cavalos adiante enquanto vasculhava freneticamente ao redor. O raio parecia estar seguindo ele, atingindo o chão repetidamente onde ele estivera segundos antes.

Bolhas de fogo surgiram no ar, estalando quando se desfaziam. Parecia que o próprio ar queimava. O som do fogo estava em toda parte. Richard correu na direção de brechas deixadas depois que cada um deles dissipava, desviando dos raios e das chamas, cobrindo sua cabeça com uma das mãos, mesmo que soubesse que se a magia o acertasse, aquela mão não o salvaria. A cacofonia pareceu o bastante para deixar uma pessoa louca. As nuvens escuras de poeira impediam que enxergasse qualquer coisa, se realmente havia alguma coisa para ver. Ele continuou correndo, sem ter cuidado com a direção, apenas tentando evitar os raios azuis e as chamas amarelas.

De repente, o canto de paredes de mármore polidas surgiu diante dele. Parando rapidamente, ofegante, ele olhou para cima, mas não conseguiu ver o topo; ele desapareceu dentro da nuvem escura acima. Um raio que acertou perto demais para deixá-lo confortável fez ele começar a correr novamente, puxando os três cavalos. O meio da parede tinha uma abertura arqueada. Dobrando a esquina, ele descobriu que aquela parede também tinha uma abertura arqueada.

Enquanto corria, ele contou. Cada um dos cinco lados da estrutura tinha cerca de trinta passos. No centro de cada parede estava uma abertura arqueada com seis passos de largura, e quase da mesma altura. Ele parou, recuperando o fôlego, do lado de fora de uma das aberturas. Ela estava vazia por dentro, e pela abertura ele podia enxergar cada um dos arcos nas outras paredes.

Raios martelaram o chão, jogando terra no ar. Ele levantou as mãos na frente do rosto. Os golpes marcharam na direção dele, o som deles trovejando em seus ouvidos. Ele não tinha para onde ir. Ele largou os cavalos e mergulhou através do arco, rolando pelo chão arenoso lá dentro.

O silêncio ecoou em seus ouvidos quando ele sentou, apoiando-se sobre as mãos. Do lado de dentro a estrutura estava vazia.

O ar não estava abafado, como estivera do lado de fora, parecia mais frio em comparação, e tinha um cheiro doce, como um campo cheio de grama.

Pelas aberturas arqueadas ele conseguia ver as nuvens negras agitadas que cobriam o chão. Os raios dançavam violentamente, mas o som era apenas um rugido baixo. Os cavalos vagavam lentamente, comendo a grama que não estava ali.

Essa deve ser uma das Torres da Perdição sobre as quais Irmã Verna falou. O interior das paredes mergulhavam na escuridão nas alturas, e estavam negras com o resultado do Fogo da Vida do Mago. Richard passou um dedo pela marca negra e provou. Ele se encolheu com o gosto amargo que ficou em sua língua. O mago que morreu entregando sua vida a esse fogo não tinha feito isso de boa

vontade; tinha feito isso para escapar da tortura do que pretendiam fazer com ele, ou talvez que estivessem fazendo com ele.

O chão estava coberto com a areia branca que brilhava com luz multicolorida. Estava acumulada nos cantos, como neve. Richard lembrou de ter visto areia como essa antes. Foi no Palácio do Povo, no Jardim da Vida, em um círculo no centro da sala. Darken Rahl tinha desenhado feitiços naquela areia branca cintilante quando estava tentando abrir as caixas de Orden.

Richard caminhou de um lado para outro dentro da torre, tentando decidir o que fazer. Parecia seguro nesse lugar, mas por quanto tempo? Certamente, mais cedo ou mais tarde, a magia o encontraria.

Talvez a aparente segurança desse lugar fosse apenas um encantamento feito para aprisioná-lo, mantê-lo aqui o tempo todo, com medo de se aventurar lá fora.

Ele não poderia ficar. Tinha que encontrar a Irmã. Ela precisava de sua ajuda. Ela estava com medo. Ele falou que ela conseguiria.

Mas porque ele deveria querer ajudá-la? Ela mantinha ele como prisioneiro. Se deixasse ela aqui, ele estaria livre. Mas livre para fazer o quê? Se ela não o ajudasse a aprender como controlar o dom, ele morreria. Ou pelo menos assim ela falou.

Richard virou para um som atrás dele. Kahlan saiu da escuridão de um dos arcos. Os cabelos longos dela não se espalhavam sobre os ombros, estavam amarrados para trás em uma trança. Ao invés do vestido branco de Confessora, ela vestia a roupa de couro vermelho de uma Mord-Sith.

Richard ficou rígido, seu peito pulsando. "Kahlan, eu me recuso a pensar em você desse jeito, mesmo em uma ilusão tirada de minha mente."

Ela levantou uma sobrancelha. "Mas não é isso que você mais teme?"

"Mude, ou desapareça."

O couro vermelho brilhou e transformou-se no vestido branco de Confessora que ele conhecia tão bem. A trança se desfez.

"Melhor, meu amor? Eu temo que isso ainda não salve você. Eu vim para matá-lo. Morra com honra. Defenda-se."

Richard sacou a Espada da Verdade. O som inconfundível do aço ecoou através da torre. Ódio fluiu através dele quando a magia foi liberada. Ele suportou com grande pesar a sensação da necessidade assassina enquanto olhava para o rosto da única pessoa que fazia sua vida valer a pena ser vivida.

Os seus dedos apertaram com força no cabo com fios entrelaçados, no alto relevo da palavra Verdade. Os músculos de sua mandíbula flexionaram enquanto ele cerrava os dentes. Sentiu uma repentina compreensão de como os magos poderiam ter usado o Fogo da Vida, e entregado a si mesmos, ao invés de suportar o que seria feito com eles. Algumas coisas eram piores do que a morte.

Richard jogou a espada no chão aos pés de Kahlan.

“Nem mesmo em uma ilusão, Kahlan. Eu prefiro morrer.”

Os olhos verdes dela brilharam com uma triste expressão de sabedoria. “Seria melhor se você tivesse morrido, meu amor, para que não visse o que eu vim mostrar. Isso vai lhe causar mais dor do que a morte.”

Os olhos dela fecharam quando ela caiu de joelhos, inclinando para frente, curvando em uma grande reverência. Durante o tempo em que ela estava caindo para frente, o cabelo dela ficou mais curto. No momento em que a cabeça dela tocou a areia branca cintilante, seu cabelo parecia como se tivesse sido cortado, bem próximo da nuca.

“Deve ser assim, ou o Guardião escapará. Impedir isso ajudará ele, e ele terá todos nós. Diga essas palavras se tiver que dizer, mas não fale sobre essa visão.” Sem levantar o olhar, ela falou de maneira automática.

“De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva quando a ameaça da sombra se erguer. Então surgirá a escuridão maior dos mortos. Pois para que exista uma chance para o laço da vida, essa de branco deve ser oferecida para o povo dela, para gerar a alegria deles.”

Enquanto Richard ficava olhando fixamente para a ilusão, por trás da cabeça dela, um anel de sangue espalhou-se em volta do pescoço dela.

A respiração de Richard parou. Como se tivesse sido cortada, a cabeça de Kahlan caiu. O corpo dela caiu para o lado, sangue jorrando, espalhando-se em uma poça debaixo dele, deixando a areia branca e o vestido branco vermelhos.

Richard deu um forte suspiro.

“Nãoooo!”

O peito dele pulsou. Sentiu as unhas enterrando nas palmas das mãos. Seus dedos comprimindo dentro das botas.

Isso é uma ilusão, ele falou para si mesmo enquanto tremia. Uma ilusão. Nada mais. Uma ilusão para aterrorizá-lo.

Kahlan olhou para ele com olhos verdes mortos. Embora ele soubesse que isso foi uma ilusão, de qualquer modo estava funcionando. O pânico paralisou suas pernas; o medo correu loucamente através de sua mente.

A imagem de Kahlan ondulou e então desapareceu repentinamente quando Irmã Verna cruzou um arco ao lado.

“Richard!” ela gritou furiosa. “O que está fazendo aqui dentro! Falei para ficar comigo! Não consegue seguir a mais simples das instruções? Será que tem que agir sempre como uma criança!”

Ela deu dois passos para frente, o rosto dela estava vermelho de fúria.

O coração dele pulsou violentamente com a dor do que tinha acabado de ver. Ele piscou para Irmã Verna. Ele estava com mau humor para tolerar o lado rude dela. “Você desapareceu. Não consegui encontrá-la. Eu procurei mas...”

“Não responda para mim!” Os cachos dela balançavam subindo e descendo enquanto gritava. “Já ouvi tudo de você que eu podia digerir. Eu disse que não estava de bom humor. Minha paciência está no fim, Richard.”

Ele abriu a boca para falar, mas a coleira o empurrou para trás, seus pés saindo do chão. Parecia que tinha sido puxado por uma corda em seu pescoço. Com um grunhido ele bateu na parede. O impacto tirou o ar de seus pulmões e confundiu sua cabeça. Ficou pendurado, os pés acima do chão, preso na parede pelo Rada'Han. A coleira estava sufocando ele. Ele tentou focar os olhos, mas sua visão apenas ficava borrada.

“Está na hora de você receber uma lição que eu deveria ter ensinado há muito tempo,” a Irmã falou grunhindo enquanto se aproximava dele. “Já sofri o bastante com sua desobediência. Não vou mais agüentar isso.”

Richard lutou para respirar. Cada respirar queimava quando passava pela constrição em seu pescoço. A visão dele clareou e finalmente focou no rosto da Irmã Verna. A raiva dele incendiou.

“Irmã... não...”

A dor roubou suas palavras. Ela disparou em seu peito com uma força tão intensa que fez latejar os dedos dele. Ele não conseguiu fôlego para gritar.

“Já tive o bastante de suas palavras. Não vou escutar mais. Nenhuma de suas desculpas, seus argumentos, seus julgamentos severos. De agora em diante, você vai fazer o que eu digo, quando eu mandar, e não vai mais oferecer a sua insolência.”

Ela deu mais um passo na direção dele. A expressão dela estava distorcida de ameaça. “Nós estamos entendidos!”

De algum modo ela tornou a coisa pior. Ele tremeu com a dor esmagadora em seu peito. Lágrimas escorreram de seus olhos arregalados.

“Fiz a você uma pergunta! Nós estamos entendidos!”

O ar entrou rapidamente nos pulmões dele. “Irmã Verna... estou avisando... não faça isso ou...”

“Você está me avisando! Você está me avisando!”

Uma dor alucinante surgiu seu peito, ficando mais forte a cada respiração. Um grito saiu rasgando de seus pulmões.

Os piores medos dele estavam ganhando vida. Isso era o que usar uma coleira havia causado, novamente. Isso era o que as Irmãs tinham em mente para ele. Esse era seu destino, se ele permitisse.

Richard chamou a magia da espada.

Invocado por seu mestre, o poder fluiu dentro dele, ardente com a promessa, ardente de fúria, ardente de necessidade. Richard o recebeu com prazer, abraçando-o, deixando sua própria ira juntar-se com a ira da espada e formar uma espiral através dele. A fúria dele consumiu a dor, usando-a para extrair poder.

“Não ouse lutar contra mim, ou farei você se arrepender do dia em que nasceu!”

Chamas de agonia surgiram novamente. Richard sugou-as com a fúria. Embora não estivesse tocando a espada, ele não precisava. Ele estava unido com a magia, e agora invocava toda sua força.

“Pare com isso,” ele ameaçou através dos dentes cerrados. “Ou eu vou parar.”

Irmã Verna, com os punhos para o lado, chegou mais perto.

“Agora você me ameaça ? Eu avisei sobre me ameaçar. Você cometeu o seu último erro, Richard.”

Anda que estivesse quase cego pela dor que ela lançou repentinamente dentro dele , ele conseguia ver uma coisa.

A Espada da Verdade. Ela estava na areia, perto da Irmã.

O Seeker focou a magia da espada no poder que o prendia na parede. Com um estalo alto, a conexão se partiu e ele caiu da parede, rolando pela areia.

Sua mãos encontraram a espada.

Irmã Verna avançou na direção dele. Ele levantou girando a espada formando um arco. O desejo pelo sangue dela espalhou-se em sua alma, além do ponto de recuo. Nada mais importava.

Aquele que traz a morte.

Ele não tentou direcionar a lâmina, mas apenas focalizou sua necessidade de matar no poder do seu movimento.

A ponta da espada assobiou pelo ar.

Aquele que traz a morte.

A lâmina explodiu através do ombro da Irmã. O ar frio recebeu um jato de sangue quente, o cheiro enchendo as narinas dele enquanto a visão enchia os olhos. A cabeça dela e parte do ombro saltaram no ar quando a lâmina cortou-a em duas. Sangue e ossos atingiram as paredes. A parte inferior do corpo dela caiu no chão. Sangue manchou a areia branca, espalhando debaixo dela. O que restou do ombro e da cabeça dela bateu no chão a cerca de dez pés de distância, espirrando um j ato de areia branca. As entranhas dela cintilaram formando uma linha saindo do corpo.

Richard caiu de joelhos, ofegando, a dor finalmente desapareceu. Tinha falado para si mesmo que não permitiria que

isso fosse feito com ele de novo. Falou sério.

Como uma lembrança distante, sentia internamente a dor pelo que acabara de fazer. Tudo aconteceu tão rápido, antes que ele tivesse tempo para pensar. Tinha usado a magia da espada para tirar uma vida, e a magia cobraria seu preço.

Ele não se importava. Isso não era nada comparado com a dor do que ela estava fazendo com ele, do que teria feito. Enquanto ele se concentrou na fúria, a dor evaporou e sumiu.

Mas o que ele faria agora? Precisava das Irmãs para ensiná-lo como impedir que o dom o matasse.

Morreria sem a ajuda da Irmã Verna. Como poderia pedir ajuda para as outras Irmãs agora?

Teria sentenciado a si mesmo à morte também?

Mas ele não deixaria mais que elas o machucassem. Não deixaria.

Ele ajoelhou, recuperando-se, descansando sobre os calcanhares, tentando pensar. Na frente dele, perto do lado do corpo da Irmã Verna, estava o pequeno livro que ela guardava enfiado atrás do cinto. Era o pequeno livro no qual ela estava sempre escrevendo.

Richard pegou ele e folheou as páginas. Ele estava em branco. Não, não completamente. Perto da parte de trás, havia duas páginas com escritas.

Eu sou a Irmã encarregada por esse rapaz. Essas diretrizes estão além da razão se não forem absurdas. Exijo saber o significado dessas instruções. Exijo saber sob que autoridade elas são dadas.

-Em serviço da Luz, Sua Irmã Verna Sauventreen.

Richard refletiu no fato de Irmã Verna ter sido temperamental até mesmo em sua escrita. Olhou na página seguinte. Estava com uma escrita feita por outra mão.

Você fará como foi instruída, ou sofrerá as conseqüências. Não pense em questionar as ordens do Palácio novamente.

De minha própria mão, a Prelada.

Bem, parecia que Irmã Verna tinha conseguido levantar a ira de alguém mais além dele. Jogou o livro de volta ao chão perto dela.

Sentou olhando para o corpo dela, para o que tinha feito. O que ele faria agora?

Ele ouviu um suspiro, e levantou a cabeça para ver Kahlan, em seu vestido branco de Confessora, de pé outra vez em um dos arcos. Com uma expressão triste, ela balançou a cabeça lentamente.

“E ficou imaginando porque eu mandaria você embora.”

“Kahlan, você não entende. Não sabe o que ela iria...”

Uma leve risada atraiu sua atenção para o outro lado da sala. Darken Rahl estava em outro arco, seu manto branco brilhando.

Richard sentiu a cicatriz da mão de seu pai em seu peito formigar e arder com o calor.

“O Guardião lhe dá as boas vindas, Richard.” O sorriso cruel de Darken Rahl aumentou. “Você me deixou orgulhoso, meu filho.”

Com um grito, Richard correu pela areia, a fúria surgiu outra vez. Com a espada na frente, atirou-se em Darken Rahl.

A forma brilhante evaporou enquanto Richard voou através do arco. Uma risada ecoou e então sumiu.

Do lado de fora da torre, os raios ficaram loucos. Três deles dispararam pela escuridão na direção dele.

Instintivamente, ele levantou a espada usando-a como um escudo. O raio atingiu a espada, brilhando e contorcendo como uma serpente em uma armadilha. Trovão chiou no chão aos pés dele.

Richard se encolheu por causa da luz cegante. Cerrou os dentes com o esforço de mover a espada para baixo, desviando as linhas de fogo com ela. Elas enfraqueceram e reduziram quando seguiram para o chão, onde chiaram com se estivessem morrendo, até que finalmente desapareceram.

“Já chega dessas visões.”

Richard colocou sua espada na bainha e tirou os cavalo de seu pasto. Ele não sabia para onde iria, mas ficaria bem longe dessa torre, bem longe da Irmã morta. Bem longe daquilo que tinha feito.

CAPÍTULO 32



O raio não apareceu mais. As nuvens ainda girava ao redor dele, mas o raio não apareceu. Ele andou sem pensar para onde estava indo. Quando sentia um perigo inexplicável, ele o contornava. Aos lados dele, visões o convidavam a olhar, mas ele as ignorou de modo imperturbável.

Quase sem enxergar, no início, por causa das nuvens escuras, ele se aproximou de outra torre. Parecia com a primeira, a não ser que era negra e lustrosa. Quando pensou em evitá-la em um primeiro momento, ele percebeu que estava caminhando até um dos arcos e olhou lá dentro. O chão lá dentro estava coberto com areia que acumulada nos cantos, do mesmo jeito que na última torre, mas era preta ao invés de branca. Brilhava com a mesma luz multicolorida que a areia branca.

A curiosidade superou a cautela e ele entrou, passando um dedo pela substância negra que cobria as paredes.

Tinha gosto doce.

O mago que deu sua vida nesse fogo fez isso para salvar outro, não para salvar a si mesmo da tortura. Esse mago tinha sido altruísta, o outro ignóbil.

Se ter o dom significava que ele era um mago, Richard ficou imaginando de que tipo. Ele gostaria de pensar em si mesmo como uma pessoa nobre, mas acabara de matar outra pessoa para escapar da tortura. Mas ele não tinha o direito de matar para proteger sua vida? Ele deveria morrer de modo injusto para ser honrado?

Quem era ele para julgar qual desses magos havia sido mais sábio, ou qual tinha feito o que estava dentro dos seus direitos?

A areia negra brilhante o fascinava. Parecia sugar luz de lugar algum e refletir pelo interior da torre em cores cintilantes. Richard pegou uma lata de tempero vazia e encheu com a areia negra. Enfiou a lata de volta em sua mochila pendurada na sela de Geraldine enquanto assobiava chamando Bonnie - ela estava pastando novamente.

As orelhas dela giraram na direção dele quando sua cabeça levantou. Obediente, ela trotou e uniu-se a ele e aos outros dois cavalos, encostando a cabeça no ombro dele na esperança de ganhar uma coçadinha no pescoço. Enquanto eles deixavam a torre para trás, ele deu o que ela queria.

A camisa dele ficou molhada de suor enquanto ele caminhava rapidamente pelo terreno árido. Ele queria sair desse vale e ficar longe da magia, dos feitiços e das visões. Suor deslizava de sua testa enquanto ele andava, tentando ignorar vozes familiares que o chamavam. Ele sofria com o desejo de ver os rostos das pessoas queridas que chamavam seu nome, mas ele não olhou. Outras vozes sibilaram com tom de intimidação e ameaça, mas ele continuou andando. Às vezes, os feitiços beliscavam sua carne, queimando com picadas de calor, frio ou dor, e ele se afastava deles mais rápido ainda.

Quando tirava o suor dos olhos, eles focaram na terra queimada adiante e ele viu rastros. Os dele mesmo.

Percebeu que ao tentar evitar as sensações de perigo, as visões, e as vozes, deveria estar caminhando em círculos, se as pegadas fossem mesmo reais.

Começou a ter a preocupante sensação de que a magia o estava encurralando. Talvez durante todo esse tempo em que esteve caminhando, ele não estivera fazendo nenhum progresso para sair do Vale dos Perdidos. Talvez ele, também, estivesse perdido. Como encontraria uma saída? Ele puxou os cavalos e continuou andando, mas com um crescente sentimento de pânico.

Inesperadamente, saindo de dentro da névoa diante dele, apareceu uma visão que o assustou fazendo ele parar. Era Irmã Verna. Ela estava vagando sem rumo, suas mãos unidas em oração,

seus olhos voltados para o céu, e com um sorriso feliz em seus lábios.

Richard seguiu na direção dela. "Desapareça! Já tive o suficiente desses fantasmas! Me deixe em paz!" Ela pareceu não escutar. Isso era impossível; ela estava perto o bastante para ouvir. Ele chegou mais perto, o ar parecendo abruptamente mais espesso e cintilante ao redor dele, até que ele pareceu caminhar além dele. "Você ouviu? Escute! Eu disse desapareça!"

Olhos castanhos distantes focaram nele. Ela esticou o braço, sua mão erguida de modo proibitivo. "Me deixe. Eu encontrei o que procurava. Me deixe com a minha paz, minha alegria."

Quando ela virou, Richard sentiu uma sensação preocupante da cabeça até os pés. Ela não estava tentando atrair ele, como as outras visões.

O cabelo dele começou a ficar eriçado.

"Irmã Verna?"

Poderia ser verdade? Ela poderia estar viva? Talvez ele não a tivesse realmente assassinado. Talvez fosse tudo uma visão.

"Irmã Verna, se for você realmente, fale comigo."

Ela olhou para ele com uma expressão confusa. "Richard?"

"É claro que sou Richard."

"Vá," ela sussurrou quando seus olhos levantaram mais uma vez. "Eu estou com Ele."

"Ele? Ele quem?"

"Por favor, Richard, você está corrompido. Vá embora."

"Se você for uma visão, então você vai embora."

Ela observou ele de forma suplicante. "Por favor, Richard. Você está perturbando Ele. Não estrague o que eu encontrei."

"O que você encontrou? É Jedidiah?"

"O Criador," ela falou com um tom sacrificado.

Richard olhou para o céu. "Não vejo ninguém."

Ela virou as costas para ele e se afastou. "Me deixe com Ele."

Richard não sabia se essa era a verdadeira Irmã Verna, ou uma ilusão. Ou talvez o espírito da Irmã morta. O que era verdade? Como ele poderia saber?

Tinha prometido para a verdadeira Irmã que ela conseguiria atravessar, que ele ajudaria. Ele seguiu atrás dela antes que ela desaparecesse dentro da névoa escura.

“Qual é a aparência do Criador, Irmã Verna? Ele é jovem? Velho? Tem cabelo comprido? Curto? Ele tem todos os dentes?”

Ela virou furiosa. “Me deixe!”

A ameaça na expressão dela fez ele congelar.

“Não. Escute, Irmã Verna. Você vem comigo. Não vou deixar você presa nesse feitiço. Isso é tudo que você vê: um feitiço de fascínio.”

Concluiu que se ela fosse um fantasma, e ele a levasse, desapareceria quando eles deixassem para trás a magia do vale. Se fosse real, bem, então ele a estaria salvando. Ela estaria viva. Embora ele desejasse ficar livre dela, ele desejava mais ainda que ela estivesse viva, e que ela não fizesse de verdade o que tinha feito com ele lá na torre. Ele não queria que aquela fosse a verdadeira Irmã Verna. Começou a andar na direção dela de novo.

A mão dela levantou, como que para empurrar ele, mesmo que ele estivesse a cerca de dez passos. A força do impacto o jogou no chão. Ele rolou, segurando no peito, segurando no local da agonia. Parecia com aquilo que aconteceu com ele na torre - uma dor forte e ardente - mas desapareceu mais rápido.

Tremendo, ele sentou, recuperando seus pensamentos rapidamente enquanto lutava para respirar. Olhou para ver onde a Irmã estava caso ela estivesse prestes a machucar ele de novo. O que ele viu quase fez parar sua respiração.

Enquanto a Irmã olhava para o céu novamente, a névoa escura em volta dela girava e acumulava gerando formas, as formas de espectros: figuras insubstanciais, agitadas, ondulando com a morte. As cabeças delas distorcidas com sombras instáveis que juntavam-se ao redor de olhos vermelhos formando rostos escuros - línguas de fogo ardendo com ódio, furiosas dentro da noite eterna.

Arrepios e formigações espalharam-se pelos ombros dele. Quando estava na casa dos espíritos e sentiu o screeling do outro lado da porta, quando havia sentido o homem prestes a matar Chandalen, e quanto tinha encontrado as Irmãs pela primeira vez,

tinha sentido uma inexplicável sensação de perigo devastadora. Sentiu aquele perigo agora.

Não havia a menor dúvida na mente dele que essas coisas eram parte da magia desse vale, e que aquela magia tinha finalmente encontrado um intruso. Ele.

“Verna!” ele gritou.

Ela olhou com raiva para ele. “Falei para você, Richard, deve se dirigir a mim como Irmã Verna.

“É isso que você faz com as pessoas por quem está encarregada? Machuca elas com seu poder?”

Ela pareceu assustada. “Mas eu...”

“Esse é o seu Paraíso eterno? Discutir com as pessoas? Machucá-las?” Ele caiu de joelhos rapidamente, observando as formas deslizantes em volta deles. “Irmã, temos que dar o fora daqui.”

“Eu quero ficar com Ele. Encontrei minha alegria.”

“Essa é a sua idéia de Paraíso ? Causar dor? Responda, Irmã Verna! É isso que o seu Criador quer de você? Machucar as pessoas pelas quais você é responsável?”

Ela olhou para ele de boca aberta, a agilidade rapidamente retornando aos seus movimentos quando ela correu até ele. “Eu machuquei você?” Ela agarrou os ombros dele. “Oh, criança, sinto muito. Eu não pretendia.”

Ele andou o resto do caminho e balançou ela.

“Irmã, temos que dar o fora daqui! Não sei como! Diga como dar o fora daqui antes que seja tarde demais!”

“Mas... eu quero ficar.”

Ela balançou a cabeça lentamente olhando para os lados, de uma forma escura até outra, e então para ele. “Richard...”

Richard apontou furioso para o céu. “Olhe, Irmã! Não é o Criador! É o Guardião.”

Ela olhou na direção em que ele apontou. Com um suspiro, seus dedos seguiram para a boca.

O brilho vermelho nos olhos de uma das formas escuras intensificou queimando como brasa. A sensação de perigo espalhou-se através da própria alma de Richard. A espada estava pronta num

piscar de olhos. O espectro vaporoso solidificou em ossos e músculos, garras e presas, transformando-se em uma besta aterradora coberta com uma escura pele rachada semelhante ao couro, cheia de horríveis feridas com pus. Ela desceu sobre ele com uma velocidade assustadora.

Com a espada nas duas mãos, Richard gritou com fúria, enfiando a espada no peito da besta quando ela corria até ele. Carne macia e osso rígido chiaram ao entrar em contato com a lâmina. O monstro escorregou da espada e bateu no chão como um monte de líquido, sua pela não sendo completamente capaz de conter seu conteúdo. Uma gota de sangue espirrou no braço de Richard, queimando através da camisa dele e penetrando em sua carne. De seu interior, a besta ferveu e espumou. Vermes brotaram das feridas purulentas.

Irmã Verna observou de olhos arregalados a massa fumacenta borbulhante. Ele segurou o cabelo dela e virou sua cabeça para que ela olhasse para as formas que estavam fechando o cerco. “Essa é a sua idéia de Paraíso ? Olhe! Olhe para eles!”

Ele arrastou-a para trás quando o sangue da besta explodiu, soltando uma fumaça oleosa negra ácida das chamas. Richard parou quando lembrou do que ela falou, sobre recuar para dentro de um perigo pior ainda. Sentiu o cheiro de carne queimando, percebendo que era a dele, batendo na dolorosa mancha de sangue da besta em seu braço.

Deu uma rápida olhada na área. Havia mais das formas logo atrás. Outra delas solidificou-se em uma besta, dessa vez com cascos partidos no meio e um largo focinho. Dentes afiados como navalha brotaram, crescendo e virando longas armas curvadas.

Bufando, ela avançou para cima deles. Richard levou sua espada através do crânio da coisa quando ela tentou acertar ele.

Com um berro, a besta caiu pesadamente. No momento em que o corpo massivo atingiu o chão, ele transformou-se em uma ondulante massa de serpentes. Elas se contorciam e rolavam, a pilha entrelaçada delas separando-se.

Centenas de olhos vermelhos brilharam na direção dele. Línguas vermelhas balançaram no ar enquanto os corpos listrados de

amarelo e preto deslizavam na direção deles.

Richard não achava que elas fossem meras ilusões imateriais; o local em seu braço onde a gota de sangue atingiu queimava dolorosamente. As serpentes sibilaram. Algumas se enrolaram para dar o bote, revelando presas gotejantes.

“Richard, temos que dar o fora daqui. Venha, criança.”

Eles viraram e correram, as formas flutuantes de olhos vermelhos seguindo logo atrás. Richard sentiu o ar espesso quando atravessou. O ar ao redor dele cintilou.

Irmã Verna gritou. Ele virou para ver que ela estava no chão diante das serpentes. Ela levantou depressa e tentou novamente, mas não conseguiu atravessar. Para ela, o ar estava sólido.

Ela parou em silêncio por um momento, ficando calma. Juntou as mãos. “Richard, estou presa nesse feitiço. Não consigo sair. Sou eu quem o feitiço capturou, e reconhece. É tarde demais para mim. Salve a si mesmo. Corra. Sem mim, você pode ter uma chance. Depressa. Vá.”

Parecia haver muito mais serpentes do que Richard tinha visto no início. O chão estava vivo com elas. Estavam cercando ele. Ele golpeava quando elas atacavam, e decapitou três que chegaram perto demais.

Os corpos sem cabeça contorceram e dividiram-se em centenas de grandes besouros com listras pretas e marrons. Eles se moveram em todas as direções. Alguns correram subindo pelas suas calças. Ele balançou as pernas freneticamente tentando derrubá-los. Cada picada parecia uma brasa em sua carne. Bateu os pés com força para se livrar deles. Do chão onde ele tinha morto as serpentes, brotavam mais besouros, os corpos cascudos rolando uns por cima dos outros, farfalhando como o som de folhas secas sendo sopradas pela terra árida.

Dançando entre os besouros que estalavam e entre as serpentes que se contorciam, ele caminhou de volta para dentro do ar cintilante.

“Sem você eu não tenho chance. Você vem comigo.”

Ele a envolveu com os braços e atirou-se contra a barreira cintilante, com a espada na frente. Primeiro a parede pareceu rígida,

mas então o ar perto dela explodiu em flashes brilhantes. Linhas de luz, como vidro quebrado, dispararam em todas as direções. O ar irrompeu em um estouro de centelhas e o estalar de um trovão. As centelhas diminuíram a velocidade e então caíram na terra, como flocos de neve, suas luzes apagando quando tocavam o solo. Os dois se moveram cruzando a barreira que desapareceu, livres do feitiço.

As formas escuras seguiram. As cobras seguiram. Besouros surgiam e eram esmagados debaixo das botas dele.

Richard apertou com mais força o cabo da espada. "Vamos dar o fora daqui."

Ela deu dois passos e então congelou.

"O que foi?"

"Não consigo sentir o caminho," ela sussurrou. "Richard, não consigo sentir as brechas." Virou para ele. "Você sente alguma coisa?" Ele balançou a cabeça. "Tente! Richard, tente sentir onde é menos perigoso."

Ele bateu os pés para tirar os besouros das pernas e deu uma pancada em um que chegou até o seu rosto. Serpentes ainda estavam brotando do chão onde o monstro tinha caído. Elas estavam jorrando como água de uma fonte. "Não consigo. Sinto perigo por toda parte. É a mesma coisa em todo lugar. Qual é o caminho!"

Ela segurou a saia com uma das mãos. "Eu não sei."

Richard escutou um grito. A voz familiar chamou sua atenção antes que ele pudesse resistir. Kahlan estava de pé onde as cobras brotavam do chão. Elas deslizavam subindo nela como se ela fosse uma rocha no meio de uma torrente viva de serpentes. Ela estava com os braços esticados para ele.

"Richard! Me ajude! Você disse que me amaria para sempre! Por favor, Richard! Não me abandone aqui! Me ajude!"

A própria voz dele saiu em um sussurro trêmulo. "Irmã Verna, o que você vê?"

"Jedidiah," ela respondeu devagar. Tem serpentes por cima dele. Ele quer minha ajuda. Que o Criador tenha piedade de nós."

"Porque ele começaria a ter piedade agora?"

"Não fale blasfêmia."

Ele se esforçou para virar o rosto. Segurando o braço da Irmã, ele levou-a embora. Andaram de lado enquanto observavam as formas deslizando em volta deles. Evitavam as serpentes, mas era impossível não pisar nos grandes besouros.

Ele sabia que mover-se para qualquer lugar sem saber para onde ir poderia ser mais perigoso do que ficar parado, agora que a magia tinha encontrado eles. Mesmo assim, não conseguia parar os seus pés. Finalmente eles alcançaram chão que estava livre de serpentes e besouros, por enquanto.

“Estamos ficando sem tempo. Ainda não sente nada? Ainda não sente o caminho?”

“Nada. Sinto muito, Richard. Eu falhei com minha obrigação, falhei com o Criador. Matei nós dois.”

“Ainda não.”

Richard assobiou para os cavalos. Eles vieram trotando, sendo ignorados pelas formas escuras. Bonnie encostou a cabeça nele, forçando-o a voltar um passo. Irmã Verna pegou a corda guia e começou a conduzir Jessup.

“Não!” Richard saltou em Bonnie. Ele derrubou dois besouros de sua perna. “Monte. Rápido.”

Irmã Verna ficou olhando para ele. “Richard, não podemos cavalgar. Eu já falei. Eles são animais estúpidos.”

“Ficarão assustados e nos levarão para dentro de uma tempestade de feitiços. Não podemos controlar eles sem freios!”

“Irmã, você falou que leu As Aventuras de Bonnie Day. Lembra quando os três heróis estavam levando as pessoas feridas para um lugar seguro, e eles chegaram ao rio envenenado que não podia ser atravessado? O que eles disseram? Disseram que as pessoas simplesmente deveria ter fé de que isso pudesse ser feito. Bonnie, Geraldine, e Jessup os levaram pelo rio. Tenha fé, Irmã. Monte. Depressa.”

“Você quer que eu faça algo que sei que irá nos matar por causa de alguma coisa tola que leu em um livro! Devemos caminhar!”

Bonnie balançou a cabeça e se agitou. Richard puxou as rédeas para manter ela no lugar. “Você não sabe o caminho. Eu não sei o

caminho. Se ficarmos aqui, morremos.”

“Então que bem vai fazer cavalgar!” Ela teve que dar um forte puxão para manter Jessup parado. Ele estava agitado por causa de Bonnie.

“Irmã, o que os cavalos estiveram fazendo o dia todo, sempre que deixávamos eles?”

“Pastando na grama que não existe. Eles estão enxergando visões!”

“Estão? Você tem certeza disso? E se o que estamos vendo for a ilusão? Talvez eles vejam o que realmente está aqui.”

“Agora vamos!”

As formas escuras estavam mais perto, seus olhos brilhando com um vermelho mais forte. Irmã Verna olhou para elas, e então subiu na sela. “Mas...”

“Tenha um pouco de fé, Irmã.” Bonnie empinou para o lado, ansiosa para partir. “Prometi a você que a salvaria, e pretendo fazer isso. Eu vou na frente. Não fique para trás.”

Richard deu uma leve pancada nas costelas da sua égua com os calcanhares enquanto gritava o comando. Ela saltou começando a correr. Os outros dois cavalos correram para acompanhar. Ele se inclinou para frente sobre as costas de Bonnie enquanto ela galopava. Deixou que ela corresse livre, sem dar a ela qualquer sugestão de direção. Concentrou-se nas orelhas dela, ao invés daquilo que estava adiante, não querendo influenciá-la.

“Richard!” Irmã Verna gritou logo atrás. “Pelo nome do Criador, olhe para onde está indo! Não está vendo para onde está levando esse cavalo!”

“Não estou guiando ela,” ele gritou mais alto do que o som dos cascos trovejantes. “Ela está fazendo seu próprio caminho.”

A Irmã galopou ao lado dele, suas sobranceiras unidas por causa da raiva. “Você está louco? Olhe para onde está indo!”

Richard deu uma olhada. Eles estavam correndo pela beira de um penhasco.

“Feche os olhos, Irmã.”

“Você perdeu o...”

“Feche os olhos! Isso é uma visão. Uma visão de medo que todos nós temos em comum - cair. Exatamente como nós dois vimos as serpentes.”

“As serpentes eram reais! Se você estiver errado estaremos mortos!”

“Feche seus olhos. Se estiver mesmo ali, os cavalos não irão correr além da beira de um penhasco.” Ele esperava ter razão sobre isso.

“A não ser que esteja realmente ali, e a magia mostre a eles uma visão de chão firme para nos matar!”

“Se ficarmos, nós morremos! Não temos escolha!”

Ele escutou uma praga que ela grunhiu quando puxou a rédea esquerda, tentando virar o cavalo, mas Jessup continuou com Bonnie. Bonnie estava conduzindo; Jessup e Geraldine não deixariam ela.

“Eu disse que destruir aqueles freios era tolice! Não conseguimos controlar eles! Estão fugindo sem rumo!”

“Eu falei que salvaria você. Destruir aqueles freios é o que vai te salvar. Meus olhos estão fechados. Se quer viver, feche os seus!”

Irmã Verna ficou em silêncio enquanto os três cavalos trovejavam. Os olhos de Richard estavam bem fechados. Quando julgou que estavam chegando perto, ele prendeu a respiração. Rezou para que os bons espíritos estivessem com ele dessa vez.

As pernas dele formigaram com a expectativa de mergulhar pela beira de um penhasco. Ele tentou não pensar em como seria durante a queda. Medo compartilhado, era só isso. Percebeu que estava segurando a crina de Bonnie com força. Relaxou os dedos mas continuou com os olhos fechados.

O mergulho não aconteceu.

Os três cavalos continuaram galopando. Ele não fez nada para reduzir a velocidade deles, deixando que eles corressem enquanto desejassem. Estavam com humor alegre por terem pastado o dia todo, e podia apostar que estavam gostando da corrida. Estavam correndo pela simples alegria de correr.

Depois de um tempo, Richard percebeu que o som dos cascos deles estava mudando. Não estava tão forte; tinha ficado mais

suave.

“Richard! Estamos fora do vale!”

Ele olhou para trás por cima do ombro para ver as nuvens de tempestade escura agitadas na margem do horizonte.

O sol dourado estava baixo no céu acima do chão gramado ondulante debaixo deles. Os cavalos diminuíram a velocidade para meio galope.

“Tem certeza? Tem que certeza que estamos longe daquilo?”

Ela assentiu. “Esse é o Mundos Antigo. Conheço esse lugar.”

“Mas ainda poderia ser uma ilusão, para nos dar confiança, e nos capturar antes que fiquemos livres.”

“Sempre tem que questionar o que eu digo? Posso sentir com o meu Han. Isso não é ilusão. Estamos seguramente fora do vale e longe de sua magia. Ela não pode nos alcançar agora.”

Por um momento Richard imaginou se ela ainda poderia ser uma ilusão. Mas também sentia que o perigo não estava mais ali. Ele se inclinou e deu um grande abraço no caloroso pescoço de Bonnie.

As colinas imensas onde eles estavam entrando estavam livres de árvores, cobertas com montes de grama e flores selvagens, os lugares baixos espalhados por toda parte com rochas cor de areia. O sol brilhava caloroso, mas não tostava mais a terra. Richard riu com o vento no rosto.

Ele sorriu para Irmã Verna, mas ela não estava sorrindo. A testa dela estava franzida com uma expressão de raiva enquanto ela estudava as colinas diante deles.

“Tire esse sorriso do rosto,” ela disparou.

“Só estou feliz que conseguimos. Estou feliz que você esteja viva, Irmã.”

“Se tivesse idéia do quanto estou zangada com você agora, Richard, não ficaria tão feliz que eu ainda esteja com você. Receba esse aviso com seriedade: estaria fazendo um grande favor a si mesmo, nesse momento, se mantiver essa sua língua quieta.”

Ele só conseguiu balançar a cabeça.

CAPÍTULO 33



“Você ter que cortar meu braço.”

Zedd baixou a manga do manto de cetim azul celeste no braço dela, cobrindo a ferida que não iria cicatrizar, e o leve brilho verde de sua carne.

“Não vou cortar o seu braço, Adie. Quanto vezes tenho que dizer isso?”

Ele colocou a lamparina de volta em uma mesa lateral incrustada de prata trabalhada em desenhos florais, perto da bandeja com pão e carne de carneiro parcialmente comida, e caminhou através dos tapetes para afastar um pouco as pesadas cortinas bordadas com um dedo fino. Ele olhou, sem enxergar, através da janela coberta de gelo, para a rua escura. O brilho do fogo na ante-sala lançava uma calorosa luz fraca pelas portas duplas abertas. As salas estavam relativamente tranqüilas, considerando o tamanho da multidão na sala de jantar.

O Chifre do Carneiro era um negócio agitado independente de ser o meio do inverno, ou talvez por causa disso. A estrada não era lugar para dormir com esse frio e a neve, e o comércio não poderia parar simplesmente por causa da estação. Mercadores, condutores, e viajantes de todo tipo enchiam essa hospedaria, assim como todas as outras em Penverro.

Ele e Adie tiveram sorte de encontrar alojamento. Ou talvez o dono da hospedaria tenha sido o sortudo, sortudo que alguém tivesse aparecido disposto a pagar o preço exorbitante que ele pedia pelos seus melhores quartos.

Mas os preços dos quartos não preocupavam Zedd; produzir o preço em ouro requerido não era problema para um Mago de Primeira Ordem. Entretanto, ele tinha verdadeiros problemas. A

ferida onde o skrin tinha cortado Adie com suas garras não estava cicatrizando. Na verdade, estava ficando pior. E não faria bem algum tentar usar mais magia para curar a ferida; a magia era o problema.

“Escute, velho.” Adie ergueu-se na cama, sobre um cotovelo. “É o único jeito de acabar com isso. Você tentou, e não condeno suas tentativas. Mas se não impedirmos isso, eu vou morrer. O que ser um braço, comparado com minha vida? Se você não ter coragem, então me dá uma faca. Eu mesma posso fazer o trabalho.”

Ele olhou com raiva por cima do ombro. “Disso, minha querida, eu não tenho dúvida. Mas temo que isso não fizesse bem algum.”

“O que você quer er dizer?” ela perguntou com voz rouca.

Ele tirou um pedaço de carneiro frio da bandeja com bordas douradas e enfiou na boca antes de levantar um pouco seu manto e sentar na beira da cama. Segurou a mão boa dela enquanto mastigava. Parecia fina e frágil, mas ele sabia que ela era mais forte do que ferro.

“Adie, você sabe de alguém com o conhecimento desse tipo de infecção?”

Ela ignorou a pergunta dele. “Porque diz er que não faria bem algum?”

Zedd deu um tapinha na mão dela. “Responda a pergunta. Conhece alguém que saiba alguma coisa sobre isso?”

“Poderia pensar em alguns, mas não achar que ainda tenha alguém vivo que ter esse conhecimento. Você ser um mago, quem poderia saber mais do que você? Magos ser curandeiros.” Ela puxou a mão. “E o que você quer er dizer quando afirma que cortar braço não faria bem algum?” Ela ficou em silêncio por um momento, e então os olhos dela arregalaram. “Quer er dizer que ser tarde demais...?”

Zedd levantou e se afastou dela. Colocou uma das mãos no quadril magro enquanto considerava as opções. Não havia muito a considerar.

“Pense nisso, Adie, e faça isso rápido. Isso está além do meu conhecimento, e é muito sério.”

Ele ouviu a cama ranger quando Adie caiu para trás sobre os travesseiros. Ela soltou um suspiro cansado.

“Então eu estar morta. Pelo menos meu espírito estará com meu Pell, finalmente. Você deve partir agora. Não gaste mais tempo. Eu já atrasei muito você, estar nessa cama por muitos dias. Você deve chegar em Aydindril.”

“Por favor, Zedd, não permita que eu ser responsável pelo que vai acontecer se você não chegar em Aydindril. Vá ajudar Richard, e deixar que eu encare o meu fim.”

“Adie, por favor faça o que eu peço, e pense. Quem poderia nos ajudar?”

Tarde demais, ele percebeu que tinha acabado de cometer um erro. Se encolheu e esperou pelo que já sabia que estava por vir.

Ele ouviu as molas da cama rangendo de novo. “Nos ajudar?”

“Apenas quero dizer...”

Ela agarrou a manga do manto dele e o fez virar. O rosto dela estava com expressão séria. Ela deu um puxão forte, forçando ele a sentar na cama perto dela. Os olhos dela pareciam mais rosados do que brancos sob a luz da lamparina, mesmo assim ele podia ver o suave brilho do verde neles.

“Nos ajudar?” ela repetiu. Dessa vez saiu em um rosnado rouco. “E você reclamar sobre pequenos segredos que uma feiticeira escolheria guardar para si mesma! Explique isso, ou farei com que se arrependa por me arrastar junto com você.”

Zedd soltou um suspiro cansado. Era melhor assim; de qualquer jeito, ele não poderia esconder isso dela por muito mais tempo. Ele levantou a manga escura de seu manto.

A carne na parte superior de seu braço, no mesmo lugar onde o braço dela tinha sido cortado, estava marcada por círculos negros com o tamanho aproximado de moedas de ouro, e tinha o mesmo leve brilho esverdeado que o braço dela. Ela olhou para aquilo sem mostrar reação.

“Magos usam a magia de empatia para curar as pessoas. Nós absorvemos a dor e a essência do problema, a doença ou ferimento. Nós passamos pelo teste da dor, então nisso, assim como em outras coisas, somos capazes de agüentar o que pegamos de outra pessoa. Usamos o dom para nos sustentar, e para dar força para a pessoa, permitindo que a magia cure o que está fora de ordem. A harmonia

dentro de nós corrige a desarmonia. A doença e o ferimento são aberrações, e a magia restaura os fluxos de poder em uma pessoa para que eles voltem a ser o que deveriam." Ele esfregou a mão dela. "Dentro dos limites, é claro. Não somos a mão da Criação. Mas a partir dela, temos o dom para usar quando for apropriado."

"Mas... porque seu braço está como o meu?"

"A completa transferência da doença ou ferimento é bloqueada. Só a dor e a desarmonia é absorvida, então podemos passar a força, curando, e a saúde para aquele que estamos ajudando." Ele segurou o bordado prateado no punho e baixou a manga sobre o braço. "De algum modo, a infecção do skrin atravessou a barreira."

A preocupação marcou os traços do rosto dela. "Então nós dois temos que perder os braços."

Zedd moveu a língua para molhar os lábios. "Não. Eu temo que isso não ajude. Quando tento curar alguém, posso sentir onde está o ferimento ou doença, a desarmonia." Ele levantou novamente, virando as costas para ela. "Embora o ferimento esteja no seu braço, a infecção da magia do skrin está evidente através do seu corpo." A voz dele baixou para um sussurro. "Agora também está espalhada dentro de mim."

Zedd podia escutar as risadas abafadas que vinham da sala de jantar lá embaixo. Música alegre pareceu deslizar através dos elegantes tapetes ricamente coloridos. Um bardo estava cantando a história grosseira sobre uma princesa disfarçada de prostituta. Seu pai e rei tinha prometido sua mão para um príncipe que ela detestava. Depois de expor o pretendente como um oportunista canalha e ganancioso, ela descobriu que, mesmo tendo que agüentar o seu traseiro sendo beliscado, preferia a ocupação de servir como uma prostituta do que a de princesa, e continuou a viver uma vida de canto e dança. A multidão rugiu sua aprovação, batendo suas canecas acompanhando o ritmo da melodia.

A voz de Adie surgiu suave atrás dele. "Nós te r grande problema mesmo, velho."

Ele assentiu distraidamente. "Certamente."

"Sentir muito, Zedd. Me perdoe pelo que eu causei para nós dois."

Ele descartou as desculpas dela balançando a mão. "O que está feito está feito. Não é culpa sua, minha querida. Na verdade, é minha, por não pensar antes de usar magia nisso; o preço de usar o seu coração antes da cabeça. O preço, também, por violar a Segunda Regra do Mago, ele pensou, mas não falou.

As pesadas dobras da seu manto rodopiaram quando virou para encarar ela. "Adie, pense. Tem que haver alguém que saberia a respeito dessa infecção, alguém que saiba sobre o skrin. tem alguém que você visitou quando buscava conhecimento do submundo que poderia saber alguma coisa? Mesmo que seja só um pouco, isso poderia me dar a pista que preciso para me livrar disso."

O peso dela afundou mais nos travesseiros enquanto ela pensava. Finalmente, a cabeça dela virou de um lado para o outro.

"Quando eu visitei as mulheres com o dom, eu ser jovem. Elas idosas, pelo menos mais velhas do que eu. Então agora todas dever estar mortas."

Zedd chegou mais perto. "Alguma delas tinha filhas ? Filhas com o dom?"

Os olhos de Adie encontraram os dele, as sobrancelhas dela levantadas, e um sorriso cresceu no rosto enrugado dela. "Sim! Uma que me ensinar algumas das coisas mais importantes sobre o skrin tinha filhas." Ela se ergueu no cotovelo bom. "Três filhas." O sorriso dela aumentou. "Todas ter o dom. Ser pequenas naquela época, mas ter o dom. Não ser nem tão velhas quanto eu. Se a mãe delas viveu tempo bastante, ter ensinado para elas o que sabia. Esse ser o costume de uma feiticeira."

Independente da leve dor de uma magia estranha em seus ossos, os passos de Zedd estavam vigorosos de excitação. "Então temos que ir até elas! Onde elas estão?"

Adie tremeu quando mergulhou novamente sobre os travesseiros. Ela puxou o cobertor até o peito. "Nicobarese. Elas estar em uma parte remota de Nicobarese."

"Danação." Zedd soltou um suspiro. "É um longo caminho na direção errada." Ele esfregou o dedão e o indicar nos lados de sua mandíbula lisa. "Consegue pensar em mais alguém?"

Adie sussurrou para si mesma enquanto, um de cada vez, levantou os dedos de uma das mãos que estava fechada. "Filhos," ela murmurou. "Ela só ter filhos." Levantou outro dedo. "Não, ela não sabia nada sobre os skrin."

Finalmente, ela levantou o último dedo. "Sem crianças." As mãos dela caíram para os lados. "Sinto muito, Zedd. As três irmãs são as únicas que devem saber alguma coisa, e elas estão em Nicobarese."

"E essa mulher, mãe delas, onde ela aprendeu essas coisas? talvez pudéssemos ir até lá."

Adie alisou o cobertor no estômago. A mão dela escorregou para repousar ao lado. "Só a luz sabe. O único lugar que eu conheço onde podemos ir procurar respostas é Nicobarese."

Zedd apontou um dedo magro para cima. "Então iremos até Nicobarese!"

Adie olhou para ele desconfiada. "Zedd, tem Sangue da Congregação em Nicobarese. Meu nome é lembrado lá. E não é lembrado com carinho."

"Isso foi em um tempo terrível há muito tempo, Adie. Dois Reis atrás."

"O tempo não significa nada para o Sangue da Congregação."

Ele esfregou o queixo enquanto pensava. "Bem, ninguém sabe quem nós somos; estivemos escondendo nossas identidades para permanecer fora da vista do Guardião. Simplesmente continuaremos a ser dois viajantes abastados." Ele olhou sério para ela. "Eu já estou usando essa roupa ridícula." Os mantos luxuosos que eles vestiam tinham sido ideia dela, e não era uma da qual ele gostava.

Adie encolheu os ombros. "Parece que não temos escolha. O que deve ser feito, deve ser feito." Ela grunhiu com o esforço de sentar na cama. "Devemos seguir nosso caminho."

Zedd balançou a mão e forma negativa. "Você está fraca e precisa de descanso. Vou providenciar transporte para nós. Está difícil demais andar nas costas de um cavalo. Vou alugar uma carruagem, ou algo assim." Ele levantou uma sobrancelha enquanto lançava um sorriso dissimulado para ela. "Afinal de contas, se vamos

usar essas roupas extravagantes, e fingir que somos ricos viajantes, seria melhor encenar o papel com uma carruagem.”

Ela observou enquanto ele examinava a si mesmo na frente do grande espelho. Ele segurou o manto, verificando seu volume. O manto era de um pesado tecido marrom, com mangas negras e capuz sobre os ombros.

Os punhos das mangas tinham três linhas de bordado prateado. Em volta do pescoço e descendo na frente havia faixas de bordado dourado costuradas em um desenho mais rudimentar. A cintura ficava segura por um brilhante cinto de cetim vermelho com uma fivela de ouro. O efeito completo era tão pomposo que fez ele soltar um grunhido.

Bem, o que era necessário era necessário. Zedd colocou o braço perto do estômago enquanto fazia uma reverência de modo dramático.

“Como eu pareço, minha querida?”

Adie arrancou um pedaço do pão marrom da bandeja. “Tolo.”

Ele endireitou o corpo depressa e finalmente balançou um dedo para ela. “Devo lembrá-la de que você escolheu isso!”

Ela encolheu os ombros. “Vingança. Você escolheu o meu. Pensei que isso merecia uma reparação.”

Ele caminhou pelos tapetes bufando, resmungando que tinha pensado que ela havia escolhido o melhor da barganha. “Você descansa um pouco. Vou providenciar nosso transporte.”

Adie arrancou um pedaço de pão com os dentes e falou com a boca cheia enquanto ele se dirigia até a porta.

“Não esqueça do seu chapéu.”

Zedd parou de repente. Girou nos calcanhares. “Danação o, mulher! Tenho que usar o chapéu também!”

Ela mastigou por um momento e então engoliu. “O homem que nos vendeu a roupa disse que essa é a mais nova moda entre os nobres.”

Zedd forçou um barulhento suspiro e então tirou o chapéu vermelho de cima do tampo de mármore da mesa ao lado das portas duplas que conduziam até a ante-sala. Ele enfiou sobre o seu cabelo branco. “Melhor ?”

“A pena está torta.”

Ele cerrou os punhos. Finalmente ele levantou a mão e arrumou o chapéu mole, endireitando a longa pena de pavão.

“Feliz?”

Ela sorriu - às custas dele, ele presumiu. “Zedd, eu disse que você parece tolo só porque é um homem tão bonito que as roupas elegantes parecem ficar estranhas ao tentar melhorar essa perfeição.”

Um sorriso voltou ao rosto dele. Ele fez outra rápida reverência. “Ora, obrigado, madame.”

Ela partiu o pedaço de pão no meio. “E Zedd, tenha cuidado.” Ele inclinou a cabeça com uma expressão de dúvida.

“Disfarçado nessa roupa, como a princesa da canção, você pode ter seu traseiro beliscado.”

Zedd lançou para ela uma piscada travessa. “Não vou permitir que nenhuma prostituta invada o seu território.”

Ele inclinou o chapéu formando um ângulo suave, murmurando uma melodia alegre, e cruzou as portas. Uma bengala, ele pensou. Talvez ele pudesse ter uma bengala. Uma ornamentada, é claro. Para ele parecia que um cavalheiro precisava ter uma bengala adequada.

CAPÍTULO 34



Ar quente subiu as escadas saindo da sala de jantar junto com o barulho da sala cheia. O aromas de carnes assando flutuava da cozinha para misturar-se do modo agradável com o doce cheiro forte da fumaça de cachimbo. Zedd esfregou o estômago enquanto descia as escadas, imaginando se ele poderia aproveitar o tempo para provar um prato. na plataforma entre as escadas estava uma grande cesta com três bengalas. Zedd puxou da cesta a mais enfeitada, uma bengala negra com uma cabeça elaborada trabalhada em prata. Ele bateu com a bengala exuberante na plataforma de madeira, testando seu comprimento e peso. Pareceu um pouquinho pesada, ele pensou, mas serviria como um acessório adequado.

O proprietário, Senhor Hillman, um homem gordo com suas mangas de camisa brancas enroladas acima de seus cotovelos e usando um avental branco brilhante, observou quando ele chegou no final dos degraus e imediatamente seguiu apressado pela sala, afastando homens de seu caminho. As bochechas rosadas redondas do homem engordaram mais ainda quando sua pequena boca abriu um sorriso familiar.

“Senhor Rybnik! Muito bom vê-lo novamente!”

Zedd quase virou para ver com quem o homem estava falando antes de lembrar que aquele era o nome que havia fornecido. Tinha falado para o dono da hospedaria que seu nome era Ruben Rybnik, e que o nome de Adie era Elda, dizendo que era sua esposa. Zedd sempre gostou do nome Ruben. Ruben. Ele avaliou o som com prazer em sua mente. Ruben.

“Por favor, Senhor Hillman, me chame de Ruben.”

A cabeça do homem balançou. “É claro, Senhor Rybnik. É claro.”

Zedd levantou a bengala. "Percebi que eu preciso de uma bengala, um pouco tarde. Eu poderia convencê-lo a desfazer-se dessa aqui?"

O homem abriu os braços com um gesto largo. "Para você, Senhor Rybnik, qualquer coisa. Meu sobrinho as faz, e deixo ele exibir aqui para meus convidados mais distintos. Mas essa é especial, e cara." Ele se adiantou quando viu a expressão cética de Zedd, levantando a bengala. Inclinou chegando mais perto para falar de modo confidencial. "Permita que eu demonstre, Senhor Rybnik. Não mostro isso para ninguém. Pode dar a impressão errada sobre o meu estabelecimento, você sabe. Aqui. Está vendo? Você gira, e aqui na faixa prateada, ela abre."

Ele separou as duas partes algumas polegadas para revelar uma lâmina cintilante. "Quase dois pés de aço Kelteano."

"Proteção discreta para um cavalheiro. Mas não estou certo se para os seus simples objetivos iria querer uma cara..."

Zedd afastou a fina lâmina e deu um giro, o mecanismo finamente trabalhado emitiu um suave clique quando as partes se uniram. "Vai servir perfeitamente. Gosto do visual dela. Não é chamativa demais. Some o preço dela na minha do quarto."

Cavalheiros ricos não deveriam perguntar o preço.

O Senhor Hillman balançou a cabeça para cima e para baixo. "É claro, Senhor Rybnik. É claro. Uma boa escolha, eu devo afirmar. Bastante arrojada." Ele esfregou suas limpas mãos carnudas na ponta do avental e então levantou um braço na direção da sala. "Posso oferecer uma mesa, Senhor Rybnik? Permita que eu limpe uma mesa para você. farei alguém mudar de lugar."

"Permita que eu cuide "

"Não, não." Zedd gesticulou com sua nova bengala. "Aquela vazia no canto, perto da cozinha, servirá muito bem."

O homem pareceu ficar preocupado com a direção que Zedd apontou. "Ali? Oh não, Senhor, por favor, permita que eu arrume uma mesa melhor. Talvez perto do bardo. Você gostaria de escutar uma canção ao vivo, tenho certeza. Ele conhece qualquer canção que você puder nomear. Diga qual a sua favorita e cuidarei para que ele cante para você."

Zedd se aproximou e deu uma piscada para o homem. "Prefiro muito mais os maravilhosos aromas que vem da sua cozinha do que a cantoria."

O Senhor Hillman ficou radiante de orgulho e então moveu os braços na direção da mesa vazia, conduzindo Zedd na direção dela. "Você me faz uma honra, Senhor Rybnik. Ninguém nunca elogiou tanto minha comida como você. Permita que eu traga um prato."

"Ruben, por favor. Lembra? E eu ficaria maravilhado ao provar um pedaço daquele assado do qual estou sentindo o cheiro."

"Sim, Senhor Rybnik, é claro." Puxando a ponta do seu avental, ele curvou sobre a mesa quando Zedd sentou encostado na parede. "Como está a Senhora Rybnik? Espero que ela esteja melhor. Rezo por ela todos os dias."

Zedd suspirou. "Do mesmo jeito, eu temo."

"Oh, nossa, oh, nossa. Sinto muito. Continuarei rezando por ela." Ele caminhou rapidamente na direção da porta da cozinha. "Deixe que traga aquele prato de assado."

Zedd encostou sua nova bengala contra a parede e tirou o chapéu depois que o homem saiu, jogando-o sobre a mesa. O bardo quase careca sentou em um banco em cima de uma pequena plataforma, encolhido sobre o seu alaúde como se estivesse permanentemente deformado em volta dele, tocando com vigor e cantando uma canção ardente sobre as aventuras de um condutor de carroça; sua jornada por estradas ruins de uma cidade ruim para outra com comida ruim e mulheres piores ainda, e como ele amava o desafio de colinas escarpadas e passagens ondulantes, chuva pesada e neve cegante.

Zedd observou um homem, sozinho em um pequeno compartimento encostado na parede do outro lado da sala, girar os olhos e balançar a cabeça enquanto escutava uma improvável aventura atrás da outra. Um chicote estava enrolado na mesa diante dele.

Outros homens, em mesas, consideravam a canção uma boa história, e batiam suas canecas enquanto cantavam. Alguns dos homens mais bêbados tentavam beliscar as garotas que serviam as mesas sorridentes que passavam, mas pegavam apenas o ar.

Em outras mesas sentavam homens e mulheres vestidos de forma elegante, provavelmente mercadores e suas esposas, conversando entre eles e ignorando a cantoria. Nobres com trajes bonitos, usando espadas cintilantes, sentavam em algumas mesas no lado mais calmo da sala. Em uma área vazia entre o bardo e o homem solitário no compartimento, casais dançavam; algumas eram garotas que serviam as mesas e homens que pagaram a elas. Zedd notou desgostoso que embora houvesse muitos homens com chapéus, todos os chapéus pareciam funcionais, e nenhum estava enfeitado com uma pena.

Zedd enfiou a mão no bolso para contar as moedas de ouro. Duas. Ele suspirou. Era caro fazer o papel de abastado. Ele nem mesmo sabia como os ricos agüentavam arcar com as despesas. Bem, simplesmente teria que fazer alguma coisa a respeito se teria que conseguir transporte por todo o caminho até Nicobarese. Não podia mais deixar Adie andar naquele cavalo; ela estava fraca demais.

Saltitando com os pés suaves, o Senhor Hillman saiu pela porta da cozinha. Ele colocou um prato branco com as bordas douradas cheio de carneiro assado na frente de Zedd, fazendo uma pausa antes de endireitar o corpo para colocar um dedo em cada ponta do prato para virá-lo. Puxando rapidamente uma toalha limpa, ele cobriu uma parte da mesa. Zedd decidiu que embora estivesse faminto, era melhor comer com cuidado, para evitar que o Senhor Hillman limpasse o queixo dele.

“Posso trazer uma caneca de cerveja, Senhor Rybnik? Por conta da casa?”

“Por favor, me chame de Ruben, esse é o meu nome. Um bule de chá seria esplêndido.”

“É claro, Senhor Rybnik, é claro. Mais alguma coisa que eu possa fazer? Além do bule de chá?”

Zedd se curvou um pouco em direção ao centro da mesa. O Senhor Hillman fez o mesmo. “Qual é a taxa atual para troca de ouro por prata?”

“Quarenta ponto cinco para um,” ele respondeu, soltando os números sem hesitação. Ele limpou a garganta. “Eu acredito. Pelo

menos, é assim que eu me lembro.” Ele sorriu de modo apologético. “Eu não fico acompanhando. Mas acredito que deve ser isso mesmo. Quarenta ponto cinco para um. Sim, acho que está certo.”

Zedd fingiu avaliar um pouco aquilo. Finalmente puxou uma de suas duas moedas de ouro e empurrou-a pela mesa com um dedo na direção do proprietário.

“Eu pareço estar com poucas moedas de menor valor. Se puder fazer a gentileza, trocaria isso para mim? E gostaria que fosse dividida em duas bolsas. De uma delas tire uma prata e troque por cobre, e coloque ele em uma terceira bolsa. E por favor fique com as pequenas sobras para a casa?”

O Senhor Hillman fez duas reverências rápidas. “É claro, Senhor Rybnik, é claro. E obrigado.”

Ele tirou a moeda da mesa tão rápido que Zedd mal conseguiu ver. Depois que ele saiu, Zedd mergulhou no carneiro assado, observando as pessoas e escutando a cantoria enquanto mastigava. Perto do fim da refeição, o Senhor Hillman estava de volta, colocando sua larga costa redonda entre Zedd e a multidão.

Ele colocou duas bolsas pequenas sobre a mesa. “A prata, Senhor Rybnik. Dezenove na marrom clara, e vinte na preta.” Zedd enfiou-as no manto enquanto o outro colocava uma bolsa verde mais pesada, empurrando-a pela mesa. E o cobre está nessa.”

Zedd agradeceu sorrindo. “E o chá?”

O grande homem bateu na testa. “Me perdoe. Cuidando da troca, eu esqueci.” Um dos cavalheiros estava balançando uma das mãos, tentando chamar sua atenção. Ele segurou o braço de uma das garotas que vinha da cozinha com uma bandeja cheia de canecas. “Julie! Traga um bule de chá para o Senhor Rybnik. E rápido, querida.” Ela deu um sorriso e balançou a cabeça para Zedd antes de seguir em frente apressada com sua bandeja. Sorrindo, Hillman virou de volta para ele. “Julie vai cuidar disso, Senhor Rybnik. Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer, por favor peça.”

“Claro, sim. Você poderia me chamar de Ruben.”

O Senhor Hillman riu distraidamente e assentiu. “É claro, Senhor Rybnik, é claro.” Ele correu na direção do cavalheiro.

Zedd cortou outro pedaço de carneiro e enterrou o garfo nele. Ele gostava do nome Ruben. Ele não deveria ter falado para o homem mais do que isso. Enquanto arrancava a carne do garfo com os dentes, ele observou Julie atravessar a sala, deslizando entre as mesas cheias.

Ele mastigou enquanto olhava ela colocar canecas em uma mesa de rudes todos vestindo longos casacos. Quando ela colocou a última na frente do último homem, ela disse algo para ela. Ela teve que se curvar para escutar nomeio do barulho. De repente os homens explodiram na gargalhada. Julie endireitou o corpo e bateu na cabeça do homem com sua bandeja. Enquanto ela se afastava, ele a beliscou. Ela gritou mas e andou mais rápido.

Quando passava pela mesa de Zedd, ela se inclinou na direção dele e sorriu. "Vou buscar o chá para você agora mesmo, Senhor Rybnik."

"É Ruben." Ele balançou um dedo na direção da mesa dos homens barulhentos. "Eu vi o que aconteceu. Você tem que aturar isso o tempo todo?"

"Oh, aquele é o Oscar. Ele é inofensivo, na maior parte do tempo. Mas ele tem a boca mais suja que eu já ouvi, e já ouvi bastante. Às vezes, eu gostaria que ele ficasse com soluço quando abrisse sua boca para vomitar um pouco da conversa suja dele para mim." Ela afastou um pouco de cabelo do rosto. "E agora ele quer outra caneca."

"Sinto muito. Eu falo demais. Vou buscar o seu chá, Senhor Ryb..."

"Ruben."

"Ruben." Ela mostrou para ele um belo sorriso antes de sair apressada.

Comendo enquanto esperava, Zedd observou a mesa dos homens barulhentos. Um pequeno desejo. Que mal poderia fazer? Julie voltou com o chá e uma xícara. Quando ela colocou na mesa, Zedd fez um sinal com o dedo, pedindo que ela chegasse mais perto.

Ela se inclinou, apertando a as tiras do avental nas costas enquanto fazia isso. "Sim, Ruben?"

O mago encostou um dedo gentilmente debaixo do queixo dela. "Você é uma mulher adorável, Julie. Oscar não deveria suar linguagem grosseira para fala com você, ou tocá-la novamente." A voz dele baixou para um suave sussurro poderoso que pareceu quase fazer o ar faiscar. "Quando entregar a ele a cerveja, fale o nome dele, e olhe nos olhos dele, como estou olhando nos seus agora, e você terá o seu desejo satisfeito da maneira que falou, mas você não lembrará de ter feito esse pedido, ou que eu o concedi."

Julie piscou quando levantou o corpo. "Sinto muito, Ruben, o que você disse?"

Zedd sorriu. "Eu disse obrigado pelo chá, e perguntei se alguém por aqui tem um punhado de cavalos, e talvez uma carruagem para alugar."

Ela piscou de novo. "Oh. Bem..." Ela olhou ao redor enquanto enfiava o lábio inferior entre os dentes. "Metade dos homens aqui dentro, bem, metade dos homens que não estão vestidos tão bem como você, são condutores. Alguns alugam. Alguns transportam carga e são clientes regulares, que estão só de passagem." Ela apontou para algumas mesas. "Eles... e eles, podem alugar."

"Se você puder deixá-los sóbrios."

Zedd agradeceu e ela foi buscar a cerveja. Ele observou enquanto ela levou a cerveja pela sala e colocou na frente de Oscar. Ele olhou atravessado para ela com um sorriso bêbado. Ela olhou nos olhos dele. Zedd viu ela falar o nome dele. Oscar abriu a boca para falar, mas ao invés disso soltou um soluço. Uma bolha saiu da sua boca, subindo no ar. Ela estourou. Todos na mesa começaram a rir. As sobrancelhas de Zedd se juntaram quando ele franziu a testa enquanto observava. Isso é bizarro, ele pensou.

Toda vez que Oscar abria sua boca para falar com Julie, ele soluçava, e bolhas flutuavam. Os homens começavam a rir, acusando-a de colocar sabão na cerveja dele. Todos concordaram que se ela tivesse feito, isso serviria muito bem para ele. Ela deixou os homens com suas gargalhadas quando o homem solitário na pequena tenda chamou sua atenção. Depois que ele pediu alguma coisa ela assentiu e então seguiu para a cozinha.

Julie fez uma pausa na mesa de Zedd, fazendo um movimento com a cabeça na direção do homem solitário. "Ele pode ter cavalos. Ele tem mais cheiro de cavalo do que de homem." Ela riu. "Isso não foi gentil. Me perdoe. É que não consigo fazer ele gastar qualquer dinheiro em cerveja. Ele quer que eu traga um pouco de chá."

"Eu tenho mais do que posso beber. Vou dividir o meu com ele." Piscou para ela. "Economize a viagem."

"Obrigada, Ruben. Então, aqui está outra xícara."

Zedd enfiou o último grande pedaço de assado na boca enquanto inspecionava a sala. Os homens tinham se acalmado, e Oscar parou de soluçar, quando todos escutavam o bardo cantando uma música triste sobre um homem que havia perdido seu amor.

Zedd pegou o bule de chá e as xícaras, e saiu andando de sua mesa. Ele soltou uma praga baixinho quando lembrou do seu chapéu, e o pegou, notando a bengala e pegou-a também. Ele passou perto de Oscar deliberadamente, olhando para ele cuidadosamente. Não conseguia imaginar porque ele tinha soluçado bolhas. Zedd afastou o pensamento de sua mente. Agora o homem parecia normal o bastante, no máximo um pouco bêbado demais.

O mago parou perto do compartimento com o homem. Ele levantou o bule e as xícaras.

"Eu tenho mais chá do que posso beber. Poderia dividir com você?"

O homem observou de cara feia com um olhar proibitivo por baixo das sobrancelhas grossas. Zedd sorriu. O homem realmente cheirava como um cavalo. Ele descruzou seus braços imensos, afastou o chicote enrolado para o lado da mesa, e apontou para que Zedd sentasse antes de cruzar os braços outra vez.

"Bem, encantado, obrigado. Eu sou... Ruben."

Zedd jogou o chapéu sobre a mesa e levantou as sobrancelhas em um convite para obter uma resposta.

"Ahern," ele disse, com uma forte voz ressonante. "O que você quer?"

Zedd colocou sua bengala entre os joelhos com uma das mãos e com a outra puxou o pesada manto quando sentou no banco,

tentando desfazer um embolado que estava debaixo de seu traseiro. "Bem, eu só queria dividir o meu chá, Ahern."

"O que você quer realmente?"

Zedd serviu o chá para o homem. "Pensei que talvez você pudesse precisar de um pouco de trabalho."

"Eu tenho trabalho."

Zedd serviu um pouco para si mesmo. "Verdade ? De que tipo?"

Ahern descruzou os braços e recostou-se no compartimento, avaliando os olhos de seu novo colega de mesa, e nada mais. Ele usava um longo casaco cobrindo seus ombros massivos, por cima de uma camisa de flanela verde escura. O cabelo espesso dele, a maior parte cinza, era comprido o bastante para quase cobrir suas orelhas, e parecia não ser incomodado com frequência por um pente. Seu rosto enrugado profundamente marcado pelo tempo estava manchado por inflamações rosadas causadas por exagerada exposição ao vento.

"Porque você quer saber?"

Zedd encolheu os ombros enquanto bebia um gole de chá. "Para poder comparar e descobrir se posso fazer uma oferta melhor." Zedd, é claro, poderia produzir qualquer quantidade de ouro que o homem pudesse pedir, mas julgou que esse não era o melhor caminho. Bebeu mais um gole de chá enquanto esperava.

"Eu transporto ferro de Tristen, até aqui para os ferreiros em Penverro. Às vezes até Winstead. Nós, Kelteanos, fazemos as melhores armas em toda Midlands, você sabe."

"Ouvi falar uma coisa diferente." A expressão de Ahern ficou mais sombria. Zedd cruzou as mãos sobre a parte prateada em cima da bengala. "Ouvi dizerem que elas são as melhores espadas em todas as três terras, não apenas em Midlands." O bardo começou uma nova canção sobre um rei que perdeu sua voz e tinha que comandar através de instruções escritas, mas nunca tinha permitido que seus subordinados aprendessem a ler, e então perdeu seu reino também. "Pesadas cargas para transportar, nessa época do ano."

Ahern mostrou uma leve sombra de sorriso. "É pior na primavera. Na lama. Essa é a época em que descobrimos quem

consegue conduzir, e quem consegue apenas dizer que faz isso.”

Zedd empurrou a xícara cheia algumas polegadas mais perto do homem. “Trabalho estável?”

Ahern finalmente pegou a xícara. “O bastante para me manter alimentado.”

Zedd levantou uma parte do couro enrolado. “Pensei que você parecia ser um homem familiarizado com o uso disso.”

“Tem diferentes maneiras de conseguir resultados de um grupo de cavalos.” Ele apontou com o queixo na direção da sala. “Esses tolos pensam que conseguem o que desejarem com o golpe do chicote.”

“E você não?”

Ahern balançou a cabeça. “Eu estalo meu chicote para conseguir a atenção deles, para fazer com que eles saibam o que eu quero, onde eles devem colocar as patas. Meu grupo trabalha para mim porque eu treinei eles, não porque recebem chicotadas. Se eu estiver em um lugar apertado, quero um grupo que entenda o que eu quero, não um que pule quando sente um chicote. Tem bastantes desfiladeiros cheios de ossos de homens e cavalos. Não quero juntar os meus a essa pilha.”

“Parece que conhece o seu trabalho.”

Ahern gesticulou com sua xícara para o manto adornado de Zedd. “Em que tipo de *trabalho* você está?”

“Pomares,” Zedd falou, apontando um dedo para cima. “As melhores frutas em todo o mundo, senhor!”

Ahern grunhiu. “Você quer dizer que possui terra, e outros trabalham para fazer crescer as melhores frutas em todo o mundo.”

Zedd deu risadas. “Você falou a verdade. Agora, pelo menos. Porém, isso não começou assim. Comecei sozinho, trabalhando, lutando, durante anos. Cuidando das minhas árvores dia e noite, tentando produzir as melhores frutas que alguém já havia provado.”

“Muitas árvores falharam. Muitas vezes eu falhei, e passei fome.

“Mas finalmente eu consegui fazer melhor. Poupei cada cobre, e comprei mais terra nos anos em que podia. Plantei, cuidei, colhi, transportei, e vendi tudo sozinho. Com o tempo, pessoas passaram a

conhecer minhas frutas como as melhores, e fui bem sucedido. Nos últimos anos, contratei pessoas para cuidar das coisas para mim. Mas ainda mantenho minha mão no trabalho, para que ele viva através daquilo pelo que as pessoas me conhecem. Você poderia esperar ter menos sucesso, em seu trabalho?”

Zedd sentou confortavelmente, sorrindo, orgulhoso da história que ele tinha acabado de inventar rapidamente. Ahern levantou sua xícara pedindo mais chá.

“Onde ficam essas pomares?”

“Em Westland. Mudei para lá antes que a fronteira se erguesse.”

“E porque está aqui agora?”

Zedd se inclinou para frente, baixando a voz. “Bom, você entende, minha esposa não está muito bem. Nós dois estamos velhos, e agora que a fronteira caiu, ela quer visitar sua terra natal. Ela conhece curandeiros lá que podem ser capaz de ajudá-la. Eu faria qualquer coisa para ajudar aquela mulher. Ela está doente demais para continuar viajando nas costas de um cavalo, ainda mais com esse clima, então eu gostaria e contratar alguém para nos levar até os curandeiros. Pagaria qualquer preço, qualquer preço que eu puder bancar, para levar ela até lá.”

O rosto de Ahern suavizou, um pouco. “Parece uma jornada bastante justa. Para onde vocês estão seguindo?”

“Nicobarese.”

Ahern bateu sua xícara na mesa. Um pouco do chá derramou. “O quê!” Ele baixou a voz e inclinou para frente, a beira da mesa pressionando perto de sua cintura. “Estamos no meio do inverno, homem!”

Zedd passou o dedo na beira da xícara. “Pensei que você tinha falado que a primavera era pior.”

Ahern grunhiu com um olhar desconfiado. “Isso fica voltando a noroeste, do outro lado das montanhas Rang'Shada.”

“Se vocês vieram de Westland, para ir até Nicobarese, porque cruzariam Rang'Shada primeiro? Agora você terão que atravessar de volta novamente.”

Zedd foi pego de guarda baixa, e teve que fazer um esforço para encontrar uma resposta. Finalmente ele conseguiu. "Sou lá de cima, perto de Aydindril. Estávamos seguindo até lá para visitar minha terra natal, antes de ir para Nicobarese na primavera."

"Pensei em cruzar as montanhas para o sul, então seguir para nordeste até Aydindril. Mas Elda, essa é a minha esposa, ela ficou doente, e eu decidi que, bem, seria melhor irmos ver os curandeiros dela."

"Vocês teriam feito muito melhor se tivessem ido até Nicobarese primeiro, antes de atravessarem as montanhas."

Zedd cruzou as mãos sobre a bengala. "Então, Ahern, você sabe como desfazer algo que foi feito de maneira errada, para que assim eu consiga reviver minha vida como você sugere?"

Ahern grunhiu uma risada. "Acho que não." Ele pensou por um momento, finalmente soltando um suspiro cansado. "Vou dizer a você, Ruben, é um longo caminho. Você está pedindo problemas. Não sei se quero fazer parte disso."

Zedd curvou uma sobrancelha. "Verdade?" Ele fez uma varredura da sala proposital. "Então diga-me, Ahern, se acha a tarefa tão formidável, qual desses homens aqui estaria apto para o serviço? Quais deles são melhores condutores do que você?"

Ahern observou a multidão com uma expressão irritada. "Não estou dizendo que sou o melhor que existe, mas esse monte tem mais fanfarras do que cérebros. Não pense que tem algum deles que pudesse fazer isso."

Zedd se mexeu inquieto em seu banco. Ahern, acho que você simplesmente está tentando subir o seu preço."

"E eu acho que você está tentando baixar ele."

Zedd deixou o seu mais leve sorriso aparecer no rosto. "Não acho que seja um trabalho tão difícil quanto você faz parecer."

A expressão sombria no rosto de Ahern retornou. "Você acha que é fácil?"

Zedd encolheu os ombros. "Agora você conduz no inverno. Apenas quero que faça isso em uma direção diferente, só isso."

Ahern chegou mais perto, os músculos do maxilar ficando tensos. "Bem, a direção que você quer seguir é problema! Primeiro,

tem rumores de guerra civil em Nicobarese. Pior, o caminho mais curto, a não ser que você queira passar semanas indo pelas passagens ao sul, é por Galea.”

A voz dele baixou. “Tem problema entre Galea e Kelton. Ouvi dizer que tem batalha espalhada pela fronteira.”

“Cidades Kelteanas foram saqueadas. As pessoas aqui em Penverro estão nervosas, por causa de estarem tão perto da fronteira com Galea. Essa é a conversa toda. Entrar em Galea é problema na certa.”

“Batalha ? Línguas que falam fofocas. A guerra terminou. As tropas D'Haran foram chamadas de volta para casa.”

Ahern balançou a cabeça lentamente. “Não são ataques D'Haran. Galeanos.”

“Tolice!” Zedd disparou. “Kelteanos pensam que é um ataque Galeano toda vez que um fazendeiro derruba uma lamparina e um celeiro pega fogo, e os Galeanos enxergam Kelteanos toda vez que um carneiro é levado por lobos. Eu gostaria de receber o valor de todas as flechas que foram lançadas nas sombras.” Ele balançou um dedo para o homem. “Se Kelton ou Galea atacassem uma a outra, o Conselho Central teria a cabeça daqueles que deram as ordens, não importa quem eles fossem!” Ele bateu sua bengala. “Isso não seria permitido!”

Ahern se encolheu um pouco. “Não sei nada sobre política, e menos ainda sobre aquelas terríveis Confessoras. Só sei que seguir através de Galea pode fazer um homem ficar cheio de flechas atiradas daquelas sombras. O que você quer não é tão fácil quanto pensa.”

Zedd estava ficando cansado do jogo. Não tinha tempo para isso. Algo que Adie falou estava incomodando no fundo de sua mente. Algo sobre luz. Decidindo resolver a discussão de um jeito ou de outro, bebeu sua xícara de chá de uma só vez.

“Obrigado pela conversa, Ahern. Mas posso ver que não é o homem capaz de me levar até Nicobarese.”

Ele levantou, se esticando para pegar o chapéu. Ahern colocou uma grande mão no braço de Zedd e fez ele sentar. Ele se contorceu em seu banco.

“Olha, Ruben, os tempos estão difíceis. A guerra com D'Hara atrapalhou o comércio. Kelton foi poupada da maior parte da guerra, mas muitos de nossos vizinhos não. É difícil negociar com pessoas mortas. Não tem muita carga como costumava ter, mas nós ainda temos homens mais do que suficiente querendo transporte.”

“Não pode culpar um colega por tentar conseguir seu melhor preço quando aparece uma oportunidade.” As sobrancelhas dele levantaram quando ele se inclinou um pouco mais. “Tentando conseguir o melhor preço pela melhor fruta, como você diria.”

“A melhor fruta com certeza.” Zedd balançou a mão na direção da sala, impaciente. “Qualquer um desses homens alegremente se ofereceria para o trabalho. Qualquer um deles pode me oferecer uma história tão boa quanto a sua, sobre como seriam os melhores condutores. Você está trabalhando para pedir preço mais alto. Isso é bastante justo, mas pare de fazer jogos comigo, Ahern. Quero saber porque eu deveria pagar isso.”

Com a ponta de um dedo grosso, Ahern empurrou a xícara para o centro da mesa, indicando que desejava uma recarga.

Zedd alisou suas mangas antes de servir. Ahern arrastou sua xícara para dentro da proteção de seus grandes braços enquanto se inclinava. Olhou ao redor da sala.

Todos estavam observando o bardo cantar uma canção de amor para uma das garotas que serviam. Ele estava segurando a mão dela, cantando palavras de devoção eterna. O rosto da garota estava vermelho. Ela segurava a bandeja nas costas com a outra mão enquanto olhava para os pés e sorria.

Ahern retirou uma corrente com um medalhão de prata de sua camisa de flanela verde. “O motivo para querer o preço mais alto é por causa disso.”

Zedd franziu o nariz diante da imagem majestosa no medalhão. Isso parece ser Galeano.”

Ahern assentiu apenas uma vez. “Na primavera e no verão, D'Hara montou cerco para Ebinissia. Os Galeanos estavam lentamente sendo sufocados até a morte, e ninguém ajudaria eles. Todos tinham seus próprios problemas, com os D'Harans, e não

queriam uma parte do problema deles. As pessoas ali precisavam de armas.

“Era necessário montes de armas, e alguns precisavam urgentemente de sal, lá em cima cruzando algumas das passagens mais isoladas. A guarda Galeana tinha se oferecido para escoltar qualquer um que arriscasse a viagem, mas poucos aceitavam a oferta. Aquelas passagens são traiçoeiras.”

Zedd levantou uma sobrancelha. “Muito nobre de sua parte.”

“Não tem nada de nobre nisso. Eles pagavam generosamente. Apenas não gostava de ver aquelas pessoas encurraladas daquele jeito. Especialmente sabendo o que os soldados D'Haran fazem com aqueles que conquistam. De qualquer modo, considerarei que algumas espadas Kelteanas poderiam dar uma chance melhor a eles de se defenderem, só isso. Como eu disse, nós fazemos as melhores.”

Zedd levantou uma das mãos de onde ela estava, sobre a bengala, e fez um gesto apontando para o medalhão, que agora estava de volta sob a camisa de Ahern. “Então, de que se trata tudo isso?”

“Depois que o cerco estava levantado, fui chamado perante a corte Galeana. A Rainha Cyrilla em pessoa entregou isso a mim. Ela falou que eu tinha ajudado o povo dela a se defender, e que eu sempre seria bem vindo em Galea.” Ele bateu no peito, onde o medalhão estava pendurado debaixo da camisa. “Esse é um passe real. Diz que eu posso ir a qualquer lugar que eu desejar em Galea, livremente.”

“E então agora,” Zedd falou, olhando por baixo das sobrancelhas, “você quer colocar um preço em algo que não tem preço.”

Os olhos de Ahern estreitaram. “O que eu falei foi uma pequena parte; eles suportaram a maior parte do sacrifício. Ajudei aquelas pessoas porque elas precisavam de ajuda, e porque fui bem pago. Não estou dizendo que sou um herói. Fiz pelas duas razões. Não teria feito apenas por uma delas. Agora eu tenho esse passe, e se isso vai me ajudar a ganhar a vida, bem, não vejo nada de errado nisso.”

Zedd inclinou-se para trás. “Você está certo, Ahern. Os Galeanos, depois de tudo, colocaram um preço em ouro para o seu trabalho. Eu também o farei, se eu puder. Diga seu preço para nos levar até Nicobarese.”

A xícara de chá parecia pequena nas mãos grandes de Ahern enquanto ele girava para frente e para trás. “Trinta moedas de ouro. Nada menos do que isso.”

Zedd curvou uma sobrancelha. “Nossa, nossa. Como nós estamos nos valorizando tanto.”

“Posso nos levar até lá, e esse é o meu preço. Trinta moedas de ouro.”

“Trinta agora, mais dez quando nos levar até Aydindril.”

“Aydindril! Você nunca falou nada sobre Aydindril. Não quero ter nada a ver com Aydindril, com os magos e Confessoras deles. Além disso, teríamos que atravessar Rang'Shada de novo!”

“Você terá que atravessar de qualquer jeito para voltar até aqui. Então você atravessa pelo norte. Fica malmente fora de nosso caminho. Se não gosta da oferta, então pagarei vinte para nos levar até Nicobarese, e tenho certeza de que posso encontrar alguém lá mais do que disposto a nos levar até Aydindril pelas outras dez, se realmente precisarmos da carruagem depois que minha esposa estiver curada. Se quiser todas as trinta, então eu assumirei esse compromisso agora, se você concordar em nos levar o caminho todo. Essa é minha oferta.”

Ahern girou a xícara dele para frente e para trás. “Está certo. Até Aydindril. Vinte agora, dez em Aydindril.” Ele apontou um dedo carnudo na direção de Zedd. “Mas você tem que concordar com uma condição.”

“Qual?”

O dedo de Ahern se moveu, para apontar para o chapéu vermelho de Zedd. “Não pode usar isso. Essa pena vai assustar os cavalos com certeza.”

As bochechas de Zedd se espalharam em um sorriso. “Uma condição minha, então.” Ahern inclinou a cabeça. “Você tem que dizer para minha esposa que essa é sua condição.”

Ahern sorriu de volta. "Feito." O sorriso dele desapareceu tão rápido quanto tinha aparecido. "Essa não vai ser uma jornada fácil, Ruben, subindo por aquelas montanhas. Tenho uma carruagem que comprei com meus ganhos de transporte para Ebinissia. Posso colocar corredores nela. Make easier going in the deep snow.' Ele bateu um dedo no lado da xícara. "Agora, o ouro?"

Os dedos do bardo dançaram pelas cordas, tocando uma melodia sem palavras cativante. Praticamente todos os pés na sala estavam se movendo no ritmo dela, adicionando um acompanhamento semelhante a uma bateria. Zedd enfiou a mão dentro do manto e pegou as duas bolsas de moedas de prata. Ele observou a sala sem prestar muita atenção.

E então o mago fez novamente o que teve que fazer com bastante frequência ultimamente: canalizou um caloroso fluxo de magia dentro das sacolas de moedas de prata - e transformou-as em ouro.

Mas que ele escolha ele tinha? Falhar nesse trabalho era ver o mundo dos vivos morrer. Esperava não estar simplesmente fornecendo a si mesmo uma justificativa para um ato que sabia ser perigoso.

"Nada é fácil," ele murmurou para si mesmo.

"O que foi isso?"

"Eu disse que sei que não é fácil, essa jornada." Ele jogou a bolsa de ouro marrom escura sobre a mesa. "Isso deve tornar a coisa possível. "Vinte agora, como combinado."

Ahern abriu e colou dois dedos grandes dentro da bolsa, contando, enquanto Zedd observava distraidamente as pessoas desfrutando da comida, bebida e música. Ele estava ansioso para ir até Nicobarese.

"Isso é algum tipo de piada?"

Zedd voltou sua atenção para Ahern. Com dois dedos, o grande homem tirou uma moeda da bolsa e lançou pela mesa. A moeda girou com uma cor escura antes de finalmente tombar, emitindo um som abafado.

Zedd olhou incrédulo.

A moeda parecia exatamente com uma moeda comum. A não ser que era de madeira ao invés de ouro.

“Eu... eu... bem...”

Ahern tinha derramado o resto das moedas de ouro em sua grande luva e agora estava deixando que elas caíssem de volta dentro da bolsa. “E só tem dezoito aqui. Você tem duas a menos. Não estou aceitando moedas de madeira.”

Zedd sorriu de modo indulgente quando tirou a bolsa marrom clara de seu manto. “Peço desculpas, Ahern.” Ele pegou a moeda de madeira da mesa. “Parece que entreguei a bolsa errada, aquela com minha moeda da sorte. Jamais entregaria isso, é claro. É mais valiosa para mim do que ouro.”

Ele olhou dentro da bolsa. Dezesete. E duas daquelas também eram de madeira. Deveria ter dezenove, no total. Sua mente rodopiou enquanto ele tentava entender. O Senhor Hillman poderia ter tentado enganá-lo?

Não, isso seria um roubo muito grosseiro. Além disso, para entalhar uma moeda na madeira, esperando que fosse considerada como ouro, seria tolice.

“Minhas outras duas moedas de ouro?”

“Oh, sim, sim.” Zedd tirou duas moedas de ouro da bolsa e empurrou-as pela mesa.

Ahern colocou-as na bolsa dele, apertou bem as tiras que a fechavam, e enfiou a bolsa marrom escura dentro de um bolso.

“Agora estou a seu serviço. Quando gostaria de partir?”

As moedas de prata que foram transformadas em madeira ao invés de ouro não preocupavam o mago; isso poderia ser explicado. De algum modo. Mas havia três moedas faltando. Desaparecidas. Isso não podia ser explicado. Isso realmente o preocupava. Preocupava até os ossos de seus dedos dos pés.

“Gostaria de partir tão cedo quanto possível. Imediatamente.”

“Quer dizer amanhã?”

Zedd pegou seu chapéu. “Não, quero dizer imediatamente.” Olhou para a expressão confusa do homem. “Minha esposa... não há tempo a perder. Ela precisa chegar aos curandeiros.”

Ahern encolheu os ombros. “Bem, acabei de voltar de Tristen. Precisarei dormir um pouco. Vai ser uma corrida longa e difícil.”

Relutante, Zedd concordou balançando a cabeça. “Primeiro colocarei os corredores na carruagem. Isso vai levar umas duas horas. Menos se eu conseguir que um desses colegas me ajude.”

Zedd bateu sua bengala. “Não! Não diga a ninguém o que está fazendo, ou para onde está indo. Nem mesmo diga a qualquer pessoa que você está partindo.” Ele fechou a boca quando viu a testa franzida de Ahern, e pensou que era melhor falar alguma coisa para aliviar a situação. “Aquelas sombras que você falou. Não faz sentido algum dizer a elas em que direção apontar uma flecha.”

Ahern olhou para ele com suspeita quando levantou ficando em sua altura total, arrumando seu longo casaco. “Primeiro você me fala para levá-lo até a terra maldita de magos e Confessoras, e agora isso. Acho que pedi pouco.” Ele juntou as pontas do casaco em um nó frouxo. “Mas uma barganha e uma barganha. Vou preparar a carruagem, e conseguir algumas provisões antes de fazer um cochilo. Encontro você aqui novamente três horas antes do amanhecer. Estaremos do outro lado da fronteira e dentro de Galea antes do meio-dia de amanhã.”

“Tenho um cavalo nos estábulos. Deveremos levar ela junto. Faça uma parada lá e pegue ela antes de vir nos encontrar.” Zedd despachou o homem com um balançar distraído de sua bengala. “Três horas antes do amanhecer.”

A mente dele estava disparando em outras direções. Isso era mais sério do que ele tinha pensado. Era imperativo que eles conseguissem ajuda tão cedo quanto possível. Talvez a mulher com as três filhas em Nicobarese tivesse estudado em algum lugar, talvez algum lugar mais perto. Talvez encontrassem o que precisavam sem seguir todo o caminho. Tempo era essencial.

Só a luz sabe, Adie havia falado, onde as mulheres tinham aprendido sobre o skrin. A “luz” era uma referência comum para o dom. Também era uma obscura referência a algo mais de forma geral. Ele bateu sua bengala no chão. Adie sempre tem falar usando enigmas de feiticeiras!

Enquanto Ahern dirigia-se até a porta, o mago levantou e dirigiu-se até as escadas.

CAPÍTULO 35



Zedd abriu a porta para ser confrontado por uma neblina feita por fumaça que cheirava a creosoto. A janela estava aberta, deixando entrar um vento gelado, e sair a fumaça. Adie estava sentada na cama, enrolada quase até o pescoço em um cobertor, penteando seu cabelo liso preto e cinza que chegava até a altura do queixo.

“O que está acontecendo? O que houve?”

Ela apontou com a escova de cabelo. “Estava com frio. Tentei fazer fogo.”

Zedd olhou para a lareira. “Você precisa de madeira, Adie. Não pode ter fogo sem madeira.”

Ele esperou uma olhar raivoso. Ao invés disso, foi um olhar de inquietação. “Tinha madeira. Eu usei magia, para tentar acender o fogo de onde eu estava na cama. Mas houve um grande monte de fumaça e centelhas. Abri a janela para deixar a fumaça sair. Quando olhei para a lareira, as lenha tinha sumido.”

Zedd chegou mais perto. “Sumido?”

Ela assentiu e voltou a pentear o cabelo. “Tem alguma coisa errada. Errada com o meu dom.”

Zedd passou uma das mãos no cabelo dela. “Eu sei. Eu tive um problema parecido. Deve ser a marca.” Ele sentou e tirou a escova da mão dela, colocando-a de lado. Adie, o que pode me falar sobre essa marca, sobre o skrin? Temos que encontrar respostas.”

“Eu já falei tudo que sei. O skrin é uma força na margem entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.”

“Mas porque a ferida não cicatriza? Porque minha magia não funciona para curá-la? O que fez a lenha desaparecer quando você usou magia?”

“O Skrin é dos dois mundos. Você não entende?” Ela balançou a cabeça com frustração. “Skrin tem magia, magia de ambos os mundos, então ela pode funcionar nos dois mundos. Aditiva e Subtrativa. Nós somos tocados por aquela força. A marca é subtrativa.”

“Você quer dizer que acredita que a marca da Magia Subtrativa está corrompendo nossa magia? Nosso dom?”

Ela assentiu. “É como se você tivesse acabado de tirar as cinzas da lareira com as próprias mãos nuas, e sem lavá-las tentar pendurar para secar lençóis brancos lavados recentemente. Suas mãos estão sujas por causa da cinza, e ela mancha os lençóis brancos limpos úmidos. Gruda neles.”

Zedd considerou o problema silenciosamente por algum tempo. “Adie,” ele sussurrou, “temos que limpar nossas mãos de algum jeito.”

“Remover a marca.”

“Você tem um talento para declarar o óbvio, velho.”

Zedd controlou sua língua e tomou uma direção diferente. “Adie, aluguei para nós uma carruagem para nos levar até Nicobarese, mas você está ficando mais fraca, e eu não estarei muito atrás de você. Não sei se podemos esperar. Se houver outro jeito, talvez outra pessoa mais perto que possa nos ajudar, eu preciso saber.”

“Não tem outro jeito. Não tem mais ninguém.”

“Bem, e quanto a essa mulher que teve as três filhas? Talvez tenha estudado em algum lugar mais perto para aprender algumas dessas coisas. Talvez pudéssemos ir até lá.”

“Isso não ajudaria.”

“Porque não?”

Adie estudou ele por um momento, e finalmente falou. “Ela estudou com as Irmãs da Luz.”

Zedd levantou num pulo. “O quê!” Andou para frente e para trás entre a cama e a lareira. “Danação e d upla danação! Eu sabia. Eu sabia!”

“Zedd, ela estudou com elas para aprender. Então voltou para casa. Ela não é uma Irmã. As Irmãs não são tão... irracionais...”

quanto você pensa.”

Ele parou para olhar para ela com um olho. “E como você saberia disso?”

Adie soltou um suspiro, resignada. “O osso redondo de skrin, aquele que foi entregue a mim pouco antes da mulher morrer, aquele que eu falei ser importante, aquele que perdemos na minha casa... a mulher dotada que deu ele para mim era uma Irmã da Luz.”

“E o que ela estava fazendo no Mundo Novo?” Zedd perguntou em um tom indiferente.

“Ela não estava no Mundo Novo. Eu estava no Mundo Antigo, na época.”

Zedd colocou os dois punhos nos quadris quando se inclinou na direção dela.

“Você atravessou o Vale dos Perdidos? Entrou no Mundo Antigo! Você está mesmo cheia de pequenos segredos.”

Adie balançou um dos ombros. “Falei que procurei mulheres com o dom, para aprender com elas o que eu pudesse. Algumas delas estavam no Mundo Antigo. Usei minha única viagem através do vale e de volta para aprender o que eu pudesse a respeito do que eu precisava saber.”

Adie apertou mais o cobertor em volta dos ombros. As Irmãs, algumas delas, me ensinaram as pequenas coisas que sabiam. Pequenas coisas importantes. As Irmãs consideram como sua ocupação saber a respeito do Guardião, o Sem Nome como elas o chamam, para evitar que almas caiam nas garras dele.

“Não fiquei muito tempo no Palácio delas; elas não permitiriam que eu ficasse a não ser que eu desejasse ser uma delas, mas durante algum tempo elas deixaram que eu estudasse com elas, estudasse coisas em suas câmaras. Tem Irmãs no Palácio nas quais eu não confiaria para preparar o meu café-da-manhã, mas houve algumas que eram de grande ajuda.”

Resmungando, Zedd começou a andar novamente. “As Irmãs da Luz são fanáticas mal orientadas. Elas fazem os homens do Sangue da Congregação parecerem racionais!” Ele parou de repente.

“E quando esteve lá, você viu algum dos garotos delas? Ao menos viu se tinham alguém com o dom?”

“Eu tinha que cuidar do meu próprio aprendizado. Não estava lá para discutir teologia com as Irmãs. Isso não é uma coisa sábia para fazer. Elas não me permitiam ter nada a ver com seus pupilos, se realmente elas tinham algum. Tenho certeza de que se tivessem algum garoto, eles seriam do lado delas.”

“Elas sabem muito bem que não devem arriscar a violação dessa trégua dessa trégua. Elas temem demais o que os magos desse lado fariam se elas o fizessem. Permitiram que eu aprendesse o que eu podia com elas, e deixaram que eu estudasse nas câmaras, mas nunca deixaram que eu visse algum garoto, nem me diriam se tivessem algum.”

“Bem, é claro que elas não estão com nenhum!” ele disparou. Quase nunca mais houve qualquer um nascido com o dom.”

“Magos demais foram mortos nas guerras. Somos uma raça em extinção.”

“E como Primeiro Mago eu jamais negaria ensinar alguém com o dom como aconteceu milhares de anos atrás. Nem qualquer mago que eu tenha ensinado o faria. E as Irmãs sabem disso! Elas conhecem as regras! Não podem pegar alguém dotado a não ser que todos os magos neguem ensiná-lo. Ir contra as regras só uma vez significaria uma sentença de morte para qualquer Irmã que cruzasse aquele vale novamente.”

“Elas sabem disso, Zedd. Elas levam essa ameaça a sério.”

“Bem, elas deveriam saber disso! Encontrei com uma delas uma vez, quando era jovem, e enviei minha advertência para a Prelada.” Ele flexionou os punhos enquanto olhava distraidamente. “Elas usam métodos bárbaros. São crianças ensinando cirurgia. Se eu soubesse como passar por aquelas torres malditas, Eu desceria lá e acabaria com o Palácio dos Profetas.”

“Zedd, naquela época do passado muitos com o dom morreram porque não havia ninguém para ensiná-los a controlar.”

“Aqueles com o poder eram possessivos a respeito dele, e não queriam treinar outros que um dia poderiam ser uma ameaça ao poder deles. Eles abandonaram aqueles que nasciam com o dom,

deixavam que morressem por causa do poder da coisa que com a qual nasciam mas não sabiam controlar. As Irmãs não queriam deixar aqueles garotos abandonados morrerem. Só estavam fazendo o que achavam melhor para ajudar as pessoas.”

Ele lançou um olhar seco para ela. “As Irmãs da Luz fazem apenas o que é melhor para as Irmãs da Luz.”

“Talvez, mas elas juraram seguir as regras, a trégua, assim como você, deixando-as em paz quando elas aparecem aqui.”

Ele ficou olhando, balançando a cabeça. “Deixar aqueles com o dom morrerem, apenas para o próprio benefício egoísta deles... Se eles tivessem cumprido com suas responsabilidades como magos, as Irmãs da Luz jamais existiriam. Jamais seriam necessárias.”

Com sua bota, ele empurrou uma brasa morta de volta para dentro da lareira. “Elas jamais pensariam em permitir que um mago ensinasse uma jovem feiticeira a usar o seu dom, e mesmo assim elas ousam ensinar a um jovem mago como usar o dele.”

“Zedd, acredito nisso assim como você, mas escute o que digo: causas mortas e enterradas e guerras não são nossa preocupação. O véu foi rasgado. A Pedra das Lágrimas está no mundo dos vivos. Essas são as nossas preocupações.”

“Fui até aquelas mulheres para aprender. Magia que aprendi ali, e ensinei a você, embora seja insuficiente para deter a marca, está sendo capaz de reduzir a sua velocidade. Temos que remover a marca antes que ela nos mate.”

O humor dele aliviou sob o exame dos olhos brancos dela. “Claro que você está certa, Adie. Temos problemas mais urgentes com os quais nos preocupar.”

Ela o confortou com um dos pequenos sorrisos dela. “Estou feliz que você seja sábio o bastante para ter bom senso.”

Ele esfregou a parte de trás dolorida do pescoço, comprimindo os músculos tensos. “Realmente acredita que essa mulher com as três filhas saberia algo sobre essa marca? É um longo caminho para seguir baseado em uma intuição e uma esperança.”

“Ela estudou com as Irmãs da Luz durante muitos anos. Elas gostavam dela e queriam que ela ficasse, que fosse uma Irmã.”

“Mas não acreditava do mesmo modo que elas, e então finalmente foi para casa. Não sei a extensão do conhecimento dela, mas se as Irmãs sabem alguma coisa sobre a marca, e ensinaram a ela, ela teria ensinado para as filhas. Mesmo que eu não goste da idéia, elas estão em Nicobarese.”

Quando Zedd viu Adie enrolando o cobertor em volta dos ombros, ele fechou a janela. Ajoelhando na lareira, colocou um punhado de gravetos na grade da lareira e colocou em cima madeira da cesta que estava ao lado. Ele estava prestes a usar magia para acender o fogo, mas pensou melhor e ao invés disso acendeu um graveto na lamparina. Se agachou, encostando a chama nos gravetos.

“Zedd, meu amigo,” Adie falou com uma voz calma e gentil, “Eu não sou uma Irmã da Luz. Sei que no que você está pensando. Não sou uma delas.”

Isso era exatamente o que Zedd estava imaginando.

“E se fosse,” ele perguntou sem virar, “você diria para mim?”

Ela ficou em silêncio. Ele olhou por cima do ombro para ver ela sorrindo para ele. “As Irmãs da Luz valorizam a honestidade acima de quase tudo. Mas para elas, mentir a serviço do Criador delas é uma virtude.”

O fogo começou bem. Zedd ficou diante dela, olhando sem retribuir o sorriso. “Para mim isso não é conforto algum.”

Ela segurou a mão dele, batendo levemente nela com a outra.

“Zedd, vou falar a verdade para você. Estou em dívida com algumas delas pelas coisas que fizeram por mim, mas fiz um juramento a você pela alma do meu Pell: Eu não sou uma Irmã da Luz. Jamais deixaria que elas tivessem um dos dotados do nosso lado, enquanto eu soubesse que havia um mago para ensiná-lo. Jamais deixaria que um garoto fosse levado e submetido aos costumes delas.”

Zedd desfez um vinco de um tapete com o pé. “Sei que você não é uma delas, minha querida. Apenas odeio o pensamento daquelas mulheres fazendo aquelas coisas com aqueles que possuem o dom, quando eu poderia mostrar a eles a alegria do seu talento. É um dom. Elas tratam isso como uma maldição.”

Com um polegar, ela esfregou a costa da mão dele. "Vejo que você arranhou uma bengala nova e elegante."

Zedd grunhiu. "Odeio pensar no que o Senhor Hillman está tramando para cobrar por ela."

"E você conseguiu um transporte para nós?"

Zedd assentiu. "Um homem chamado Ahern. Melhor tentarmos dormir um pouco. Ele estará aqui com uma carruagem três horas antes do amanhecer."

Ele lançou um olhar sério para ela. "Adie, até chegarmos a Nicobarese e conseguirmos nos livrar dessa marca, acho que seria melhor considerar as conseqüências muito cuidadosamente antes de usar magia."

* * *

"Estamos seguros aqui?"

Uma mão suave saiu do meio da luz turva, esfregando a bochecha dela, confortando-a.

"Você está segura aqui, Rachel. Vocês dois estão seguros. Agora, e sempre. Estão seguros."

Rachel sorriu. Ela sentia-se segura. Mais segura do que jamais sentira. Não apenas segura como sentia quando estava com Chase, mas segura como havia sentido ao estar nos braços da mãe dela. Antes ela não havia conseguido lembrar de sua mãe, mas agora lembrou, lembrou dos braços envolventes segurando-a contra um seio.

O medo terrível que ela compartilhara com Chase enquanto corriam para alcançar Richard estava desaparecendo. A forte preocupação se eles o alcançariam a tempo ou não estava dissipando. O terror das pessoas que tentaram impedir eles, as batalhas que Chase havia travado, o horror do sangue que ela viu, todo aquele sangue que tinha visto... estava tudo desaparecendo.

Quando ela ficou de pé diante do lago cintilante, as mãos aproximaram-se dela novamente. Aproximaram-se dela com os sorrisos gentis que transmitiam confiança. As mãos lhe ajudaram a desabotoar seu vestido sujo, suado, e removê-lo. Ela se encolheu

quando o vestido tocou no machucado em seu ombro, o machucado que ela ganhou quando um homem que os perseguia derrubou-a.

Os sorrisos transformaram-se em tristeza e preocupação por sua dor. As vozes gentis deram conforto a ela. As mãos brilhantes acariciaram seu ombro, e quando se afastaram, o machucado tinha desaparecido. A dor tinha desaparecido.

“Está melhor?”

Rachel assentiu. “Sim! Está muito melhor. Obrigada.”

As mãos removeram os sapatos dela e as meias. Ela sentou em uma pedra e balançou os pés na água tranqüila. Seria tão maravilhoso tomar banho e livrar-se da sujeira e do suor.

As mãos moveram-se até a pedra pendurada no colar em volta do pescoço dela. As mãos se afastaram, como se estivessem com medo.

“Não podemos tirar essa coisa. Você deve fazer isso sem a nossa ajuda.”

Através da calorosa sensação suave e da segurança da bela terra em volta dela, através do conforto da paz que ela havia encontrado, através do desejo de fazer como os murmúrios suaves pediam, uma voz ergueu-se em sua mente. Era a voz de Zedd, dizendo para ela que não deveria entregar a Pedra para ninguém, por razão alguma, dizendo a ela o quanto era importante guardá-la sempre.

Ela olhou para cima, dos círculos de ondas que os pés dela faziam na água, para os rostos gentis. “Não quero tirá-la. Não posso ficar com ela?”

Os sorrisos retornaram e ficaram mais largos.

“É claro que pode, Rachel, se é isso que você quer. Se isso a deixaria feliz.”

“Quero que ela fique onde está. Isso me deixaria feliz.”

“Então ela ficará. Agora, e para sempre, se você desejar.”

Ela deu um leve sorriso de paz e segurança enquanto deslizava para dentro da água calma. A sensação era tão boa. Ela flutuou e boiou. Sentiu todos os problemas sendo levados junto com a sujeira. Por um momento, pareceu que ela não podia se sentir mais segura

ou feliz, e então no momento seguinte ela sentiu, e depois mais ainda.

Ela moveu os braços através das águas douradas limpadoras, curativas, nadando na direção do outro lado do lago, onde ela lembrava ter deixado Chase. Ela o encontrou quase até o pescoço dentro da água, sua cabeça inclinada para trás, repousando sobre um macio tapete de grama na margem. Seus olhos estavam fechados e ele tinha um maravilhoso sorriso em seu rosto.

“Pai?”

“Sim, filha,” ele sussurrou sem abrir os olhos.

Ela nadou ao lado dele. Ele levantou um braço e ela deslizou sob ele. Pareceu tão bom ter o braço dele em volta dos ombros dela, confortando-a.

“Pai, algum dia teremos que sair desse lugar?”

“Não. Eles falam que podemos ficar para sempre.”

Ela encostou nele. “Estou tão feliz.”

Ela dormiu, dormiu de verdade, como não conseguia lembrar de ter dormido alguma vez antes, tão segura e protegida, ainda que não soubesse por quanto tempo. Quando ela se vestiu, suas roupas estavam limpas, e pareciam brilhar como novas. As roupas de Chase também, estavam limpas e brilhantes. Ela deu as mãos e dançou em círculos com outras crianças, crianças alegres, cujas vozes e risadas ecoavam. Isso fez ela rir também, rir com uma felicidade como nenhuma que já tinha sentido antes.

Quando ficou com fome, ela e Chase deitaram na grama, a neblina calorosa e os brilhantes rostos sorridentes em volta deles, e comeram coisas que eram doces e deliciosas. Quando ficou cansada, ela dormiu, sem nunca ter que se preocupar com o lugar onde estava dormindo, porque estava segura, segura finalmente. E quando ela quis brincar, as outras crianças vieram brincar com ela. Elas a amavam. Todos a amavam. Ela amava todos.

Às vezes ela caminhava sozinha. Leves raios de sol atravessavam entre as árvores. Campos iluminados estavam cheios de flores sob a brisa suave, brilhando com claras tonalidades coloridas.

Às vezes ela caminhava com Chase, segurando a mão dele. Estava tão feliz que agora ele estivesse contente também.

Nunca mais ele teria que lutar com ninguém. Também estava seguro. Ele tinha falado que estava em paz.

Algumas vezes ele a levava para caminhar, e mostrava a floresta onde, ele disse, havia crescido, onde, ele disse, tinha brincado quando era tão pequeno quanto ela. Ela sorria de alegria com o olhar de felicidade nos olhos dele. Amava ele e estava completamente convencida de que ele, como ela, tinha encontrado a paz, finalmente.

* * *

Ela olhou para cima, e um leve sorriso tocou seus lábios finos. Não tinha escutado som algum, e não precisava virar para olhar na escuridão ali perto. Sabia que ele estava lá, do outro lado da porta. Sabia quanto tempo ele estivera ali.

Com as pernas dela ainda cruzadas, ela se ergueu suavemente em um colchão de ar, flutuando sobre o chão coberto de palha. Os braços moles do garoto balançavam enquanto ficavam pendurados, como linhas de pescar sobrecarregadas. Desprovida de qualquer vida ou firmeza, sua costa curvou para trás, cobrindo o braço dela. Na outra mão dela estava a estátua.

Ela descruzou as pernas e esticou os pés até o chão, colocando seu peso sobre eles. Quando o garoto escorregou do braço dela, o peso morto da cabeça dele emitiu um som abafado ao bater no chão. Os braços e pernas dele caíram tortos para um lado. As roupas dele estavam imundas. Com nojo, ela limpou as mãos em sua saia.

“Porque você não entra, Jedidiah.” A voz dela ecoou na pedra fria. “Sei que você está aí. Não tente fingir que não está.”

A pesada porta rangeu abrindo lentamente e a figura nas sombras caminhou para dentro da luz de uma simples vela queimando em uma mesa bamba ali perto, que era a única mobília no quarto baixo. Ele ficou relaxado, observando silenciosamente, enquanto o brilho laranja desapareceu dos olhos dela e eles voltaram a exibir o azul pálido com manchas violeta.

O olhar dele desviou para a estátua na mão dela. "A dona me enviou para encontrar isso. Ela quer de volta."

O sorriso fino cresceu. "Agora ela quer?" Encolheu os ombros. "Bem, Estou cansada disso." Ofereceu a estátua para ele. "Por enquanto."

O rosto de Jedidiah era uma calma máscara quando ele pegou a estátua. "Ela não gosta quando você pega *emprestado* suas coisas."

Ela passou um dedo descendo pela bochecha dele. "Não é ela a quem eu sirvo. Realmente não me importo com o que ela gosta ou não."

"Seria sábio de sua parte se importar um pouco mais."

O sorriso dela brilhou. "Verdade? Eu poderia dar a ela o mesmo conselho." Ela girou, estendendo um braço na direção do corpo no chão. "Ele tinha o dom." Lentamente, os olhos frios dela voltaram a fixar os dele, o sorriso desapareceu, como se nenhum jamais tivesse tocado o rosto dela em toda sua vida. Sua voz surgiu em um sibilar venenoso. "Agora eu tenho ele."

A mais leve expressão de surpresa tocou o rosto frio dele.

"Acha que devemos fazer a cerimônia, Jedidiah? O ritual na Floresta Hagen?" Ela balançou a cabeça lentamente.

"Não é mais necessário. Aquilo só é feito na primeira vez, porque somos fêmeas, e o Han feminino não pode absorver o masculino."

A voz dela baixou para um sussurro sarcástico. "Não é mais necessário. Agora que tenho o dom de um macho, consigo aceitar outros sem o ritual."

O rosto dela se aproximou ficando a algumas polegadas do rosto dele. "Você também, Jedidiah," ela sussurrou. "Com o quillion, você também consegue. Poderia ensinar a você. É fácil demais. Simplesmente mostrei a ele o rito de união, para tentar mostra a ele o seu Han." A bochecha dela encostou na dele enquanto ela sussurrava em seu ouvido. "Mas ele não sabia como controlar o dom dele. Eu criei um vácuo no quillion." Ela se afastou para apreciar os olhos dele. "Isso sugou a vida a dele. Sugou o dom dele. Agora ele é meu."

Ele estudou os olhos dela por um tempo antes de olhar para o corpo. "Não lembro de já ter visto ele."

Ela continuou a sussurrar para ele de algumas polegadas de distância. "Não faça jogos comigo, Jedidiah. O que você realmente quer dizer é, onde eu o encontrei, e porque não as Irmãs, se ele tem o dom."

Ele encolheu os ombros de modo indiferente. "Se ele tinha o dom, porque não estava com a coleira?"

Ela inclinou a cabeça para o lado. "Porque ele é jovem demais. Seu Han é fraco demais para ser detectado pelas outras Irmãs." Ela moveu a cabeça para o outro lado. "Mas não por mim." Ela encostou o nariz no dele. "Ele estava bem aqui na cidade. Bem debaixo do nariz delas. Provavelmente o resultado de um namorico de um dos seus garotos desobedientes."

"Muito eficiente. Economiza a preocupação com relatórios. Evita questionamentos inoportunos."

Ela olhou para o corpo. "Seja um bom garoto, e livre-se dele para mim. Encontrei ele morando em Squalor, descendo perto do rio. Jogue ele de volta lá. Ninguém vai desconfiar de nada."

Ele levantou uma sobrancelha. "Você quer que eu limpe os seus rastros?"

Ela deslizou um dedo pelo pescoço dele seguindo até a garganta, pelo Rada'Han dele. "Você comete um sério erro, Jedidiah, se me considera como uma simples Irmã. Agora eu tenho o dom masculino, assim como você. E sei como usá-lo. Você não acreditaria no quanto o poder aumenta quando você adiciona o Han de outro."

"Parece que você está se tornando uma Irmã de considerável importância. Uma pessoa sábia tomaria muito cuidado com você."

Ela deu um tapinha na bochecha dele. "Garoto esperto, Jedidiah."

Ela fez uma careta quando deslizou as mãos até a cintura dele. "Você sabe, Jedidiah, pode pensar em si mesmo como sendo poderoso com o dom, mas acho que deveria se preocupar. Nunca teve alguém para desafiar suas habilidades, seu lugar por direito entre os magos aqui, mas alguém novo está vindo. Estará aqui em

breve, e você nunca viu alguém como esse antes. Acho que você poderá não ser mais o orgulho do Palácio.”

O semblante dele não mostrou reação alguma, mas seu rosto ficou vermelho lentamente. Ele levantou a estátua. “Bem, você disse que gostaria de me ensinar.”

Ela balançou um dedo na frente do rosto dele. “Uh, uh, uh. Ele é meu. Você pode pegar outro. Qualquer dom vai aumentar o seu poder, mas esse é meu.”

Ele sacudiu a estátua na frente do rosto dela. “Ela pode ter algo a dizer a respeito disso. Ela tem seus próprios planos. Planos para ele.”

Ela sorriu com um dos lados da boca. “Eu sei. E você vai me manter informada dos planos dela.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você tem planos para mim?”

O sorriso cresceu para os dois lados da boca. “Planos muito especiais.” As mãos dela desceram pelo lado das coxas dele, sentindo a firmeza dos seus músculos jovens por baixo do manto. “Você é bom com as mãos, bom em fazer coisas, fazer coisas com metal. Tenho algo que desejo que faça para mim. Algo coberto de magia. Ouvei dizer que esse é dos seus talentos com o dom.”

“Você quer uma adorno, um amuleto, talvez, de prata, ou ouro?”

“Não, não, meu querido. Vai fazer isso com aço. Deve juntar o aço de uma centena de pontas de espadas. Pontas de espadas muito especiais. Pontas de espadas do arsenal: antigas, aquelas que foram usadas. Aquelas que furaram a carne em combate.”

Ele curvou uma sobrancelha. “E o que você deseja que seja feito?”

Ela deslizou uma das mãos subindo por dentro da coxa dele. “Vamos conversar sobre isso mais tarde.”

Ela sorriu por causa do modo como ele reagiu tão rápido ao seu toque. “Você deve estar solitário, desde que Margaret foi embora. Tão solitário. Acho que precisa de uma amiga que o entenda. Você sabia, Jedidiah, que junto com o Han masculino vem uma compreensão única do macho? Agora entendo com uma nova luz o que os homens apreciam. Acho que seremos amigos muito

especiais. Como um amigo especial, você ganha o prêmio antes de realizar a tarefa.”

Ela lançou um fio de magia dentro dele, focando onde causaria mais prazer. O sorriso dela aumentou quando a cabeça dele girou. Seus olhos fecharam e ele soltou um gemido, e então suspirou. Ofegando, ele enfiou as mãos no traseiro dela, puxando-a para ele, e pressionou sua boca aberta na dela.

Ela chutou o corpo para fora do caminho enquanto deixava ele fazer com que ela deitasse no chão cheio de palha.

CAPÍTULO 36



O carcaju ficou maior na visão dele. A flecha esperou que a cabeça escura levantasse. Um rosnado baixo surgiu por trás do seu ombro esquerdo.

“Quieto!” Richard sussurrou.

O gar ficou em silêncio. A cabeça do carcaju levantou. Com um zip, a flecha disparou. Com as asas trêmulas, o pequeno gar pulou nas pontas dos pés, sua atenção voltada para o vôo da flecha.

“Espere,” ele sussurrou. O gar congelou.

Com um baque sólido, a flecha encontrou seu alvo. O gar gritou de alegria. As asas se abrindo e batendo, ele pulou mais alto e virou para ele. Richard se inclinou chegando mais perto e apontou um dedo para o nariz enrugado do gar. O gar observou ele atentamente.

“Tudo bem, mas traga de volta a minha flecha.”

Com a cabeça balançando concordando rapidamente, o gar saltou para o ar. Richard observou através da luz fraca da madrugada enquanto ele descia rodopiando sobre a caça morta, atacando como se ela estivesse prestes a escapar. Pêlo voou enquanto garras rasgavam. A silhueta escura abaixou, suas asas fechando contra as costas, quando ela se agachava sobre a presa, rosnando e despedaçando sua carne.

Richard afastou os olhos da cena e ao invés disso observou as mudanças de cores em nuvens contra o céu que clareava. Irmã Verna acordaria em breve. Ela ainda continuava com sua vigília independente da insistência dela de que isso não era necessário.

Ela finalmente havia cedido, mas ele sabia que ela estava com raiva porque ele não recuaria. Isso a deixava zangada.

O que não deixava? Ela ficou com mais raiva do que de costume desde que atravessaram o vale no dia anterior. Ela estava furiosa silenciosamente.

Richard olhou na direção do pequeno gar para ver se ele ainda estava comendo. Como havia conseguido seguir ele através do Vale dos Perdidos, não conseguia imaginar. Tinha pensado que era um erro continuar alimentando ele antes que chegassem até o vale, mas sentia-se responsável por ele. Toda noite enquanto montava guarda, ele aparecia, e tinha caçado comida para ele. Havia pensado que tinha visto ele pela última vez quando atravessaram entrando no Mundo Antigo, mas de algum modo, ela o havia seguido.

O pequeno gar ficava devotado a ele apaixonadamente quando ele estava de vigia. Comia com ele, brincava com ele, e dormia aos pés deles, quando não dormia em cima deles. Quando a vigília dele acabava, o gar não reclamava por ele estar partindo. Richard nunca viu o gar em qualquer outro momento. Parecia que ele sabia instintivamente que deveria ficar fora do caminho da Irmã, para evitar que ela o visse. Richard estava razoavelmente certo de que ela tentaria matá-lo. Talvez o gar soubesse disso.

Ele ficava continuamente surpreso pela inteligência da pequena besta peluda. Aprendia mais rápido do que qualquer animal que ele tinha visto. Kahlan disse que gars de cauda curta eram espertos. Agora ele sabia como ela estava certa.

Ele só tinha que mostrar alguma coisa uma vez ou duas para fazê-lo entender. Estava aprendendo a entender suas palavras, e tentava imitá-las, ainda que não tivesse a capacidade para a fala. Alguns sons pareciam estranhamente próximos.

Richard não sabia o que fazer a respeito do gar. Pensou que talvez ele começasse a fazer as coisas sozinho, aprendesse a caçar e sobreviver, mas ele não ia embora; continuava seguindo, fora de vista, onde quer que eles fossem, mesmo passando por perigo.

Talvez ele fosse jovem demais para se virar sozinho. Talvez enxergasse Richard como seu único modo de sobreviver. Talvez o enxergasse como uma mãe substituta.

Na verdade, Richard realmente não queria que ele fosse embora. Ele havia se tornado um amigo enquanto viajavam através

das terras.

Ele lhe fornecia amor incondicional, nunca o criticava, e nunca discutia com ele. Era uma sensação boa ter um amigo.

Como poderia negar a mesma coisa ao gar?

O bater de asas tirou ele de seus pensamentos. O gar pousou pesadamente diante dele. Havia ganhado bastante peso desde que Richard o viu pela primeira vez. Também poderia ter jurado que ele tinha crescido cerca de meio pé.

Os tendões debaixo da pele rosada de seu peito e da barriga ficaram firmes, e seus braços não eram mais apenas pele e osso, como antes, pois agora estavam grossos com músculos.

Estava com medo de pensar o quanto ele eventualmente cresceria. Esperava que até lá ele estivesse por sua própria conta. Caçar bastante comida para alimentar um gar de cauda curta totalmente crescido seria uma ocupação em tempo integral.

Depois de esfregar a seta em sua coxa coberta de pêlos para limpar o sangue, o gar lançou para Richard seu horrível sorriso ensanguentado e entregou a flecha. Richard apontou por cima do ombro.

“Não quero. Coloque de volta ao lugar onde ela pertence.”

O gar se esticou por cima do ombro de Richard e enfiou a flecha de volta dentro da aljava que estava encostada em um tronco. Ele fez uma careta, parecendo perguntar se tinha feito corretamente. Richard sorriu enquanto dava alguns tapinhas na barriga dele.

“Bom garoto. Você fez direito.”

O gar mergulhou feliz no chão aos pés dele, distraído em lamber o sangue de suas garras e do seu pêlo grosso. Quando acabou, ele colocou seus braços longos sobre o colo de Richard, e descansou sua cabeça sobre eles.

“Você precisa de um nome.” O gar olhou para cima, inclinando a cabeça para o lado. Suas orelhas peludas viraram na direção dele.

“Nome.” Ele bateu no peito. “Meu nome é Richard.” O gar se esticou e bateu no peito de Richard imitando-o. “Richard. Richard.”

Ele inclinou a cabeça para o outro lado. “Raaaa,” ele rosnou entre as presas afiadas, suas orelhas tremendo.

Richard assentiu. "Rich... ard."

Bateu no peito de Richard novamente. "Raaaa grrrrr," falou com seu grunhido, dessa vez mostrando menos dentes.

"Rich... ard."

"Raaaach aaarg."

Richard riu. "Essa chegou perto. Agora, como vamos chamar você?" Richard pensou naquilo, tentando imaginar algo apropriado. O gar sentou, sua testa mostrando rugas profundas, observando atentamente. Depois de um momento, ele pegou a mão de Richard e bateu com ela contra o peito dele.

"Raaaach aaarg," ele disse. Colocou a mão de Richard no seu próprio peito, batendo contra o pêlo. "Grrratch."

"Gratch?" Richard ficou espantado. "Seu nome é Gratch?" Ele bateu no gar outra vez. "Gratch?"

O gar assentiu e sorriu enquanto batia no próprio peito. "Grrratch. Grrratch."

Richard foi pego de surpresa; nunca lhe ocorreu que o gar pudesse ter um nome. Então, que seja Gratch." Ele bateu no próprio peito mais uma vez. "Richard." Ele sorriu e tocou no ombro do gar. "Gratch."

O gar abriu as asas e bateu no peito com suas patas abertas. "Grrrratch!"

Richard riu e o gar saltou em cima dele, soltando sua risada gutural enquanto derrubava ele no chão.

A paixão de Gratch pela luta ficava em segundo lugar apenas em comparação com sua paixão por comida. Os dois rolaram pelo chão, rindo e lutando para conseguir ser melhor do que o outro.

Nisso Richard era mais gentil do que Gratch. O gar colocava a boca em volta do braço de Richard, ainda que, felizmente, pelo menos ele nunca mordesse. Suas presas afiadas eram longas o bastante para facilmente atravessar o braço dele, e ele já tinha visto o gar estilhaçar ossos com aqueles dentes.

Richard colocou fim na disputa ao sentar no pedaço de tronco. Gratch sentou, braços, pernas e asas enroladas em volta dele. Ele tocou com o nariz no ombro de Richard. Gratch sabia que ao amanhecer Richard partia.

Richard viu um coelho no meio dos arbustos, a uma certa distância, e pensou que talvez Irmã Verna pudesse apreciar ter um pouco de carne para o café da manhã. “Gratch, preciso de um coelho.”

Gratch desceu do colo dele quando Richard pegou seu arco. Depois que a flecha foi disparada, ele disse para o gar trazer o coelho para ele, mas para não comê-lo. Gratch tinha aprendido a pegar, e ficava feliz em fazê-lo; sempre pegava o que sobrava depois que a caça era eviscerada e tinha sua pele removida.

Depois que Richard terminou e despediu-se de Gratch, ele caminhou de volta até o acampamento. Sua mente retornou até a visão de Kahlan que tivera na torre, e as coisas que ela falou. A visão dela sendo degolada o assombrava. Ele lembrou das palavras dela:

“Fale essas palavras se tiver que falar, mas não sobre essa visão. De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva quando a ameaça da sombra se erguer. Então surgirá a escuridão maior dos mortos. Pois para que exista uma chance para o laço da vida, essa de branco deve ser oferecida para o povo dela, para gerar a alegria deles.”

Ele sabia quem era *essa de branco*. Sabia o que significava *para gerar a alegria deles*.

Ele pensou também na profecia sobre a qual Irmã Verna tinha falado, aquela que dizia, *Ele é aquele que traz a morte, e assim ele nomeará a si mesmo*. Ela alegou que a profecia dizia que o dono da espada é capaz de invocar a morte, invocar o passado dentro do presente. Ele ficou pensando naquilo e ficou preocupado com o que isso poderia significar.

No acampamento, encontrou a Irmã Verna agachada perto do fogo, cozinhando pão caseiro. O aroma fez o estômago dele rosnar. O campo esparsamente coberto por árvores estava começando a ganhar vida com o som de animais e insetos anunciando o amanhecer. Grupos de pequenos pássaros escuros cantavam de cima das árvores altas com pouca folhagem, e esquilos perseguiam uns aos outros subindo e descendo pelos galhos delas.

Richard pendurou o espeto com a carne sobre o fogo enquanto Irmã Verna continuou a preparar o pão.

“Eu trouxe um pouco para o café da manhã. Pensei que você gostaria de um pouco de carne.”

Ela deu apenas um grunhido de agradecimento.

“Ainda está com raiva por eu ter salvo sua vida ontem?”

Ela enfiou cuidadosamente outro pequeno pedaço de galho no fogo. “Não estou com raiva de você por ter salvo minha vida, Richard.”

“Pensei que você tinha falado que o seu Criador odiava mentiras. Acha que ele acredita em você? Eu não.”

O rosto dela ficou tão vermelho que Richard pensou que o cabelo dela poderia pegar fogo. “Você não vai falar blasfêmia.”

“E mentir não é blasfêmia?”

“Você não entende, Richard, porque estou com raiva.”

Richard sentou no chão e, segurando os tornozelos, cruzou suas pernas para dentro. “Talvez eu entenda. Você deveria ser minha protetora. Não o contrário. Talvez você esteja sentindo que falhou. Mas eu não sinto que você tenha falhado.”

“Nós dois fizemos apenas o que tivemos que fazer, para sobreviver.”

“Fizemos o que tivemos que fazer?” Leves linhas surgiram ao redor dos olhos dela quando ela os estreitou. “Como eu me lembro do livro, quando Bonnie, Geraldine e Jessup conduziram o povo através do rio envenenado, algumas daquelas pessoas morreram.”

Richard sorriu para si mesmo. “Então você realmente leu.”

“Eu disse que li! Aquilo foi imprudente. Poderíamos ter morrido assumindo aquele risco.”

“Não tivemos opção.”

“Sempre há uma opção, Richard. Isso é o que estou tentando ensinar a você.” Ela sentou de novo sobre os calcanhares. “Os magos que criaram aquele lugar pensaram que não tinham opção alguma, mas eles deixaram as coisas piores. Você estava usando o seu Han lá atrás, e estava fazendo isso sem entender as conseqüências.”

“Qual era nossa opção?”

Com as mãos nos joelhos, ela se inclinou para frente. "Nós sempre temos opção, Richard. Você teve sorte, dessa vez, que o uso de sua magia não causou sua morte."

"Do que você está falando?"

Irmã Verna aproximou um alforje e começou a vasculhar dentro dele, finalmente retirando uma sacola de pano verde.

"Você recebeu um pouco de sangue daquela besta no seu braço. Algum dos besouros o picou?"

"Só nas minhas pernas."

"Mostre."

Richard levantou as pernas das calças e mostrou as picadas vermelhas inchadas. Ela balançou a cabeça e, sussurrando para si mesma, tirou primeiro uma e depois a segunda garrafa da sacola.

Com um graveto encontrado no chão ali perto, ela tirou uma pasta branca de uma garrafa e passou no lado da lâmina de uma faca. Jogou o graveto no fogo. Pegando outro graveto, ela tirou uma pasta escura da outra garrafa e misturou com a outra no lado da lâmina, então espalhou pela borda. Jogou o segundo graveto, com um pouco da pasta misturada nele, dentro do fogo. Richard se encolheu quando ele explodiu em uma bola de fogo branca que subiu na direção do céu, dissipando-se, girando em uma nuvem de fumaça negra.

Ela levantou a faca para mostrar uma pasta cinza espalhada pela lâmina. "Claro e escuro, terra e céu. Magia, para curar o que de outro modo mataria você até o anoitecer. Você tem uma grande habilidade para se machucar, Richard. Cada passo que você dá apenas deixa pior a sua situação. Agora, venha até aqui, mais perto."

Richard puxou os calcanhares e deu a volta ao redor do fogo. "Você estava tentando decidir se me ajudaria ou não?"

"Claro que não. Isso é feito com magia poderosa, magia construída, para aliviar o veneno injetado em você pelas criaturas conjuradas. Cedo demais, e a cura mataria você. Tarde demais, as picadas o matariam. Deve ser o tipo certo de magia, na hora certa. Eu estava simplesmente esperando pela hora certa."

Richard quis discutir com ela, mas ao invés disso ele falou, "Obrigado por me ajudar." Ela fez uma careta para ele antes de curvar sobre as picadas. "Irmã, como eu estava tornando as coisas piores?"

"Estava sendo descuidado. Usar magia é perigoso, não apenas para os outros, mas para aquele que a invoca também."

Richard se encolheu quando ela deslizou a ponta da faca por uma das picadas, primeiro para um lado, depois para o outro, cortando um X sobre ela. O corte deixou os olhos dele molhados.

"Como ela pode ser perigosa para mim?"

Ela se concentrou enquanto inclinava sobre a perna dele, sussurrando um encantamento enquanto passava a faca pela carne inchada dele. Ele tentou não pular quando ela cortou a picada seguinte. Estava fazendo apenas cortes leves, mas eles ardiam intensamente.

"É como iniciar um fogo no meio de uma substância inflamável em uma floresta. Você está no meio do fogo, no meio do que iniciou. O que você fez foi tolo e perigoso."

"Irmã Verna, eu estava tentando ficar vivo."

Ela colocou um dedo em uma das picadas dolorosas. "E veja o que aconteceu! Se eu não curar você, você morrerá." Ela terminou com as pernas dele e desviou sua atenção para o braço dele. "Quando fomos atacados por aquelas bestas, você pensou em nos salvar, mas tudo que fez apenas aumentou o perigo."

Quando terminou, ela segurou a lâmina da faca sobre o fogo. Uma fina linha de fumaça branca saiu do aço, consumindo a pasta restante. Ela segurou a lâmina no fogo até que a pasta e a chama branca desaparecessem.

"Se eu não tivesse agido, Irmã, estaríamos mortos."

Ela balançou a lâmina quente na direção dele. "Não falei que você estava errado em agir! Falei que agiu do modo errado! Usou o tipo errado de magia!"

"Usei a única coisa que eu tinha! A espada!"

Ela arremessou a faca. Com um som abafado, ela enterrou com firmeza em um pedaço de lenha. "Agir sem conhecer as conseqüências da magia que invoca é um comportamento perigoso!"

“Bem, nada que você estivesse fazendo estava ajudando!”

Irmã Verna voltou a ficar sobre os calcanhares, olhando para ele por um momento, e então virou para ocupar-se em colocar as garrafas de volta na sacola verde.

“Sinto muito, Irmã. Realmente não queria dizer aquilo. Não saiu do jeito que eu pretendia. Só queria dizer que você não estava conseguindo sentir o caminho, e eu sabia que se ficássemos ali, morreríamos.”

As garrafas emitiram um leve som quando ela as moveu dentro da sacola. Parecia estar tendo dificuldade em colocá-las do jeito que queria. “Richard, você pensa que controlar o dom, usando a magia, é o que você tem que aprender conosco. Essa é a parte fácil. Saber que tipo de magia usar, quanto usar, quando usar, e as conseqüências de usá-la, essa é a parte difícil. Isso é o sentido de tudo. Como, quanto, quando, e se - exatamente como a magia que eu coloquei em suas picadas.”

Ela olhou fixamente para ele com uma expressão mortalmente séria. “Sem o conhecimento, você é um homem cego balançando um machado no meio de uma multidão de crianças. Você não tem idéia do perigo que invoca quando usa magia. Nós tentamos lhe dar a visão, e algum sentido, antes que gire esse machado.”

Richard mexeu em um monte de grama com os pés. “Nunca pensei nisso desse jeito.”

“Talvez, no mínimo, eu devesse ficar zangada comigo mesma por ser tola. Não pensei que houvesse qualquer coisa poderosa o bastante para me atrair até uma armadilha. Estava errada. Obrigada, Richard, por me salvar.”

Ele enrolou um talo comprido de grama no dedo. “Eu estava tão aliviado por encontrar você... Pensei que estava morta.”

“Estou feliz que não esteja.”

Ela havia colocado todas as pequenas garrafas para fora da sacola e colocado no chão. “Eu poderia ter ficado perdido naquele feitiço para sempre. Eu deveria ter ficado.”

“O que você quer dizer?”

Para ele parecia haver mais garrafas do que poderia caber dentro da sacola, mas ele tinha visto todas elas saindo de lá. “Nós já

tentamos resgatar Irmãs. Vimos algumas, e suas cargas, perdidas naqueles feitiços de encantamento. Eu vi uma, na primeira vez que atravessei. Nunca fomos capazes de retirá-las de lá.”

“Irmãs morreram tentando.” Ela começou a recolocar as garrafas. “Você usou magia.”

“Usei a espada. A espada tem magia, você sabe.”

“Não. Você não usou a magia da espada. usou o seu Han, mesmo que não tenha percebido isso. Usar o seu Han através da vontade, sem sabedoria, é a coisa mais perigosa que você pode fazer.”

“Irmã, acho que foi apenas a magia da espada.”

“Quando tentou chamar por mim, eu escutei. Nós tentamos chamar outras, e elas nunca escutaram. Nenhuma vez.”

“Você simplesmente não sabia como. Também não conseguia me ouvir, até que eu atravessei algum tipo de parede cintilante que estava em volta de você . Então você conseguia me ouvir. Apenas tinha que atravessar aquela parede primeiro.”

Ela empurrou garras para cada lado para criar mais espaço enquanto falava suavemente. “Nós sabemos disso, Richard. Tentamos todos os tipos de magia, e nunca conseguimos atravessar ou quebrar a parede de um desses feitiços, ou chamar a atenção de alguém capturado por eles. Ninguém jamais foi retirado de um feitiço de encantamento.” Ela recolocou a última garrafa e finalmente virou para encarar ele. “Obrigada, Richard.”

Ele encolheu os ombros enquanto arrancava a grama do dedo. “Bem, era o mínimo que eu podia fazer para compensar pelo que eu fiz.”

“Pelo que você fez?”

Richard ocupou-se em baixar cuidadosamente as pernas das calças. “Bem, antes de salvar você, de certo modo, eu a matei.”

Ela se aproximou. “Você fez o quê ?”

“Você estava me machucando. Com sua magia. Com a coleira.”

“Sinto muito, Richard. Eu estava no feitiço e não percebia o que estava fazendo. Não pretendia ferir você.”

Ele balançou a cabeça. “Não dessa vez. Antes. Na torre branca.”

Ela se inclinou chegando mais perto ainda e cerrou os dentes. "Você entrou em uma torre? Está maluco? Eu falei o que são aquelas torres! Como você conseguiu ser tão..."

"Irmã. Eu não tive opção."

"Nós já discutimos a respeito de opção. Eu falei o quanto aquelas torres são perigosas. Falei para ficar longe delas!"

"Olha, tinha raios por toda parte. Estavam tentando me acertar. Eu... bem, não sabia o que mais poderia fazer. Então mergulhei através de um arco, para dentro da torre, buscando proteção."

"Nunca consegue seguir as instruções mais simples ? Sempre tem que agir como uma criança?"

Richard olhou por baixo das sobrancelhas. "Essas foram exatamente as suas palavras. Você entrou na torre. Tinha certeza que era você. Estava zangada comigo, assim como está agora, e usou exatamente essas palavras."

Ele cerrou os dentes quando colocou um dedo na coleira em seu pescoço. "Usou isso. Usou isso para me jogar contra a parede, e me prender ali. Essa coleira pode fazer isso, Irmã?"

Ela ficou bastante calma. "Sim. Não temos o poder de um mago, o Han masculino. A coleira amplifica nosso poder, assim podemos ser mais fortes do que aqueles que estão com ela. Para que possamos ensiná-los."

A voz dele estava cheia de raiva. "Então usou isso para me causar dor, como a dor que fez de verdade, quando estava sob o feitiço. Só que foi mais forte, e continuou e continuou. A coleira também pode fazer isso, Irmã?"

Ela puxou um monte de grama e começou a limpar as mãos, evitando o olhar dele. "Sim. Mas aquilo foi uma visão, Richard. Eu não estava fazendo aquilo de verdade."

"Falei para você parar ou eu faria parar. Você não ia parar, então invoquei a magia da espada e quebrei o laço de poder que me segurava. Você ficou furiosa. Disse que eu tinha cometido o meu último erro. Disse que iria me matar por ter lutado contra você. Iria me matar, Irmã."

"Sinto muito, Richard," ela sussurrou quando levantou o olhar, "que você teve de sofrer isso." A voz dela readquiriu parte de sua

força. "Então, o que você fez comigo... com a visão?" Ele se inclinou e encostou a ponta do dedo indicador no lado do ombro dela. "Cortei você ao meio com a espada. Bem aqui."

As mãos dela pararam; ela ficou imóvel. Um pouco de cor sumiu de seu rosto. Finalmente, ela recuperou a compostura.

Richard mexeu no monte de grama perto do seu pé novamente. "Não queria fazer isso, mas tinha certeza de que você iria me matar."

Ela jogou a grama para o lado. "Certamente você tinha certeza, Richard. Mas aquilo foi apenas uma visão. Se fosse de verdade, não acabaria desse jeito. Você não teria conseguido fazer o que fez."

"Quem você está tentando convencer, Irmã? Eu, ou a você mesma?"

Ela encarou o olhar dele. "As coisas que viu não eram do jeito que são no mundo real. Eram apenas ilusões."

Richard baixou os olhos. Girou a vara com o coelho para cozinhar do outro lado, e afastou o prato com o pão para deixar ele esfriar.

"De qualquer modo, quando eu vi você de novo, não sabia se era uma visão, ou real, mas realmente esperava que estivesse viva. Não queria matar você." Ele levantou o olhar e sorriu. "Além disso, eu prometi que você atravessaria o Vale dos Perdidos."

Ela assentiu. "Sim, você conseguiu. De fato, com mais desejo do que sabedoria."

"Irmã, eu só estava fazendo o que podia pensar para sobreviver. Para ajudar você a sobreviver também."

Ela suspirou e balançou a cabeça. "Richard, sei que está tentando fazer o melhor, mas deve entender que aquilo que pensar ser o melhor não é necessariamente certo. Você está chamando o seu Han sem saber o que está fazendo, ou ao menos perceber que está fazendo isso. Ao fazer isso, você mexe com perigo que não compreende."

"Como eu estava usando o meu Han?"

"Magos fazem promessas que o Han deles se esforça para manter. Você prometeu que me ajudaria a atravessar o vale - me salvar. Mas ao fazer isso, invocou uma profecia."

Richard fez uma careta. "Não fiz profecia nenhuma."

"Não apenas fez, mas usou o seu Han sem perceber, usou profecia sem conhecer a sua forma, para fazer algo no passado que o ajudaria no futuro."

"Do que você está falando?"

"Você destruiu os freios dos cavalos."

"Naquele momento eu falei porque fiz aquilo. Eles são cruéis."

Ela balançou a cabeça. "É disso que estou falando. Pensa que fez isso por uma razão, mas serviu a outro propósito. Sua mente consciente simplesmente está tentando racionalizar o que o seu Han está fazendo. Quando nós estávamos fugindo do vale, eu não acreditei no que você estava fazendo, e tentei virar meu cavalo. Porque ele não tinha um freio, eu não consegui."

"E daí?"

Ela chegou mais perto. "Destruir os freios no passado satisfaz a necessidade de uma promessa no futuro. Isso foi usar profecia. Você está girando o machado cegamente."

Richard mostrou uma expressão incrédula. "Isso é um exagero, Irmã. Até mesmo para você."

"Eu sei como o dom trabalha, Richard."

Richard pensou a respeito, e finalmente decidiu que não acreditava nela, mas decidiu, também, que não queria discutir isso com ela. Havia outras coisas que ele queria saber.

"O seu pequeno livro está cheio? Não tenho visto você escrever nele."

"Enviei uma mensagem ontem, dizendo que atravessamos o vale. Não tenho mais nada para escrever, isso é tudo."

"O livro é mágico. Com magia, nós apagamos mensagens antigas. Apaguei tudo a não ser duas páginas, mas com o que escrevi ontem, agora tem três páginas."

Richard arrancou um pedaço do pão quente. "Quem é a Prelada?"

"Ela comanda as Irmãs da Luz. Ela é..." Os olhos dela estreitaram. "Nunca falei sobre ela. Como sabe dela?"

Richard lambeu as migalhas dos dedos. "Li em seu livro."

A mão dela moveu até o cinto, procurando pelo livro. Ele estava lá, onde sempre esteve. “Você leu minhas anotações particulares! Não tem o direito! Eu vou...”

“Você estava morta naquele momento.” A boca dela fechou, e ele continuou. “Quando matei você, ou a ilusão, o livro caiu no chão. Eu li ele.”

A tensão deixou os músculos dela. “Oh. Bem, isso simplesmente faz parte da ilusão. Eu falei, não é do jeito que as coisas são na vida.”

Richard arrancou outro pedaço de pão. “Havia apenas duas páginas com escritas, exatamente como no livro real.”

Você não adicionou a terceira até que tivéssemos atravessado o vale. Naquele momento só havia duas.”

Ela observou ele comer o pão. “Ilusão, Richard.”

Ele levantou os olhos. “Uma página dizia: *Eu sou a Irmã responsável por esse rapaz. Essas diretrizes estão além da razão se não forem absurdas. Exijo saber o significado dessas instruções. Exijo saber sob a autoridade de quem elas são dadas. - Ao serviço da Luz, Irmã Verna Sauventreen.* A segunda dizia: *Você fará como foi instruída, ou sofra as conseqüências. Não atreva-se a questionar as ordens do Palácio novamente. - Por minha própria mão, A Prelada.*”

O rosto da Irmã estava sem cor. “Você não ler coisas que pertencem a outra pessoa.”

“Como eu disse, você estava morta naquele momento. Que instruções a meu respeito deram a você que a deixou tão zangada?”

A cor retornou ao rosto dela rapidamente. “Tem a ver com um detalhe técnico. Não é nada que você pudesse entender, e de qualquer modo, isso não é da sua conta.”

Richard levantou uma sobrancelha. “Não é da minha conta? Você diz que só está tentando me ajudar, e ainda assim me leva como prisioneiro, e dia que não é da minha conta? Tenho essa coleira no pescoço, e com ela você pode me ferir, talvez me matar, e diz que não é da minha conta? Você diz que devo fazer as coisas que manda, que devo ter fé nelas, embora essa fé seja abalada a cada coisa nova que eu descubro, mesmo assim não é da minha

conta? Você diz que a ilusão que eu vi não era como as coisas são no mundo real, mesmo assim eu descubro que era, e você diz que não é da minha conta?"

Irmã Verna estava em silêncio. Ela o observou sem mostrar emoção. Observou, ele pensou, como se ele fosse um inseto em uma caixa.

"Irmã Verna, você vai me dizer uma coisa sobre a qual estive pensando?"

"Se eu puder."

Ele ajeitou as pernas debaixo do corpo. Tentou evitar mostrar qualquer hostilidade no seu tom. "Quando você me viu pela primeira vez, ficou surpresa que eu estava crescendo. Pensou que eu seria jovem."

"Está certo. Nós temos algumas pessoas no Palácio que podem sentir alguém nascido com o dom. Mas você estava escondido de nós, então levou muito tempo para encontrá-lo."

"Mas você me falou outro dia que passou mais da metade de sua vida longe do Palácio, procurando por mim. Se passou cerca de vinte anos procurando por mim, como poderia esperar que eu fosse jovem? Você imaginaria que eu estivesse crescendo, a não ser que não soubesse que eu tinha nascido, e começasse a procurar por mim muito antes que qualquer um no Palácio pudesse sentir minha presença."

A resposta dela veio em uma voz suave e cautelosa. "É como você diz. Nunca tinha acontecido desse jeito antes."

"Então como você viria procurar por mim antes que qualquer um de vocês sentisse que alguém com o dom tinha nascido?"

Ela escolheu as palavras cuidadosamente. "Não sabíamos precisamente quando você nasceria, mas sabíamos que nasceria, então fomos enviadas para a busca."

"Como vocês sabiam que eu nasceria?"

"Você é citado em uma profecia."

Richard assentiu. Queria saber sobre essa profecia e porque eles pensavam que ele era tão importante, mas não queria desviar da trilha que estava seguindo no momento. "Então você sabia que poderia levar muitos anos antes de me encontrar?"

“Sim. Não sabíamos quando você nasceria. Só fomos capazes de reduzir isso a uma faixa de décadas.”

“Como são escolhidas as Irmãs que devem ser enviadas?”

“Somos selecionadas pela Prelada.”

“Você não tem voz nesse assunto?”

Ela ficou tensa, como se suspeitasse que poderia acidentalmente estar enfiando seu pescoço em um laço, mesmo assim era incapaz de evitar dar voz a sua fé. “Nós trabalhamos a serviço do Criador. Não teríamos razão alguma para nos opor. O propósito do Palácio é ajudar aqueles que tem o dom. Ser escolhida para salvar alguém com o dom é uma das maiores honras que uma Irmã pode receber.”

“Então, nenhuma das outras enviadas jamais teve que abrir mão de tantos anos das vidas delas para resgatar alguém com o dom?”

“Não. Nunca ouvi falar que isso tivesse levado mais de um ano. Mas eu sabia que essa missão poderia durar décadas.”

Richard sorriu para si mesmo de triunfo. Inclinou-se para trás, esticando os músculos. Deu um suspiro profundo. “Agora eu entendo.”

Os olhos dela estreitaram. “O que você entende?”

“Eu entendo, Irmã Verna, porque você me trata desse jeito. Entendo porque sempre estamos brigando, porque sempre estamos atacando a garganta um do outro. Entendo porque tem ressentimento. Porque você me odeia.”

Ela parecia alguém esperando que o alçapão abrisse debaixo de seus pés. “Não odeio você, Richard.”

Ele assentiu, e abriu a porta daquele alçapão. “Sim, você odeia. Você me odeia. E não culpo você. Eu entendo. Teve que desistir de Jedidiah por minha causa.”

Ela se encolheu como se um laço tivesse acabado de ser apertado em volta do pescoço. “Richard! Não vai falar comigo...”

“Tem ressentimento por causa disso. Não por causa do que aconteceu com as outras duas Irmãs. É por causa de Jedidiah. Se não fosse por minha causa, você estaria com ele. Estaria com ele pelos últimos vinte anos.”

“Teve que desistir do amor da sua vida para seguir em frente nessa busca maldita para me encontrar. Enviaram você. Não teve escolha; tinha que ir. É sua obrigação, e isso lhe custou o seu amor, e a criança que poderia ter. Foi isso que eu custei para você; é por isso que me odeia.”

Irmã Verna sentou e ficou olhando fixamente; não falou nem se moveu. Finalmente, ela disse, “O Seeker, com certeza.”

“Sinto muito, Irmã Verna.”

“Não precisa, Richard. Não sabe do que está falando.” Lentamente ela tirou o coelho do fogo, colocando no prato de ferro junto com o pão. Por um momento ela ficou olhando para o vazio. “É melhor terminarmos de comer. Temos que seguir nosso caminho.”

“Certo. Mas só quero que você considere, Irmã, que isso não foi por minha escolha. Não fiz isso com você. A Prelada fez.”

“Deveria estar com raiva dela, ou se é tão devota a sua obrigação, a seu Criador, como você diz, então deveria estar feliz em fazer o serviço Dele. De qualquer modo, por favor, pare de me culpar.”

Ela abriu a boca para falar, mas ao invés disso ficou mexendo na rolha do cantil, finalmente retirando-a, e deu um longo gole. Soltando fortes suspiros quando terminou, ela passou a manga nos lábios molhados.

O olhar firme dela concentrou-se no dele. “Logo, Richard, estaremos no Palácio, mas primeiro temos que cruzar a terra de um povo muito perigoso. As Irmãs possuem um acordo com eles, para receber permissão de passar. Você terá que realizar uma tarefa para eles. Você fará isso, ou haverá grandes problemas.”

“O que eu terei que fazer?”

“Terá que matar alguém para eles.”

“Irmã Verna, eu prometo a você, eu não vou...”

O dedo indicador dela levantou, pedindo silêncio. “Não ouse girar o machado dessa vez, Richard”, ela sussurrou. “Você não tem idéia alguma das conseqüências.”

Ela ficou de pé. “Prepare os cavalos. Devemos partir.”

Richard levantou. “Você não vai aproveitar o seu café da manhã?”

Ela ignorou a pergunta e se aproximou dele.

“É preciso dois para discutir, Richard. Você está sempre com raiva de mim, com tudo que eu digo. Está ressentido. Você me odeia, porque acha que eu fiz colocar essa coleira. Mas não fiz, e você sabe disso. Kahlan fez você colocar ela. É por causa dela que você usa o Rada'Han. Se não fosse por causa dela, você não estaria comigo. É isso que eu custei para você, e é por isso que me odeia.”

“Mas acho que deveria considerar, Richard, que não foi escolha minha. Não fiz isso com você. Kahlan fez. Deveria estar com raiva dela, ou se for tão devotado a ela, como diz, então fique feliz em satisfazer os desejos dela. Talvez ela tenha boas razões para eles. Talvez em seu coração ela esteja pensando no seu bem. De qualquer modo, por favor, pare de me culpar.”

Richard tentou engolir, mas não conseguia.

CAPÍTULO 37



A luz avermelhada do fim do dia fluía através dos esqueletos de árvores em fileira alinhadas no cume seguinte. Os olhos verdes dela desviaram dos lugares bem escondidos onde postos avançados de sentinelas estavam situados. Eles estavam afastados demais, ela observou, ou ela não teria passado despercebida no local onde estava. Ela contou os homens em fileira após fileira de tendas que marchavam subindo pelo vale logo abaixo. Cinco mil seria uma quantidade generosa, ela concluiu.

Cavalos estavam amarrados em estacas a esquerda dela, perto das carroças de suprimentos todas alinhadas de forma organizada. No lado mais afastado do vale, latrinas haviam sido cavadas na neve. Carroças que serviam de cozinha estavam estacionadas no meio dos homens e as carroças de suprimentos estavam sendo arrumadas para a noite. Coloridas bandeiras de batalha flutuavam sobre as tendas de comando. Provavelmente esse era o exército mais organizado que ela já tinha visto. Galeanos tinham uma propensão pela ordem.

“Eles parecem muito bem,” Chandalen falou com uma voz suave, “para homens que estão quase para ser massacrados.” Os dois irmãos concordaram soltando risadas nervosas.

Kahlan assentiu distraidamente. Naquela manhã, eles tinham visto o exército que esses homens estavam perseguindo. Eles não eram elegantes. Não eram organizados. Não eram bonitos. E as suas sentinelas não estavam posicionadas afastadas demais. Mesmo assim, Chandalen e os dois irmãos conseguiram levá-la perto o bastante para ver o que ela queria ver, e para fazer uma contagem.

Ela havia considerado que o número deles fosse de aproximadamente cinqüenta mil. E não era uma contagem generosa.

Ela soltou um longo suspiro, sua fumaça leve deslizando no ar frio. "Tenho que impedir isso." Colocou a mochila e o arco nas costas. "Vamos descer até lá."

Chandalen, Prindin, e Tossidin a seguiram enquanto ela descia com dificuldade pela encosta da colina coberta de neve. Levou mais tempo do que ela havia esperado para alcançar esses homens. Uma nevasca na Passagem Jara fez com que os quatro ficassem abrigados na abertura de um pinheiro caprichoso por dois dias. Pinheiros caprichosos sempre faziam Kahlan lembrar de Richard, e quando ela deitou em seu manto de pele, escutando o uivo do vento, tinha sonhado com ele enquanto dormia, e enquanto estava acordada.

Ela estava furiosa por ter pedido um tempo valioso no caminho até Aydindril para tirar esse exército de sua perseguição suicida das forças que destruíram Ebinissia, mas como a Madre Confessora não poderia permitir que cerca de cinco mil homens morressem sem propósito. Tinha que detê-los antes que chegassem perto do exército que tinha saqueado Ebinissia. Agora eles estavam perto demais. Certamente fariam contato no dia seguinte.

O exército entrou em alerta quando as quatro figuras com mantos de pele branca de lobo marchou na direção deles. Gritos irromperam, e foram repetidos através das fileiras. Tendias foram abertas e homens apareceram.

Espadas foram sacadas, espalhando o som do aço no ar frio do crepúsculo. Homens com lanças vieram correndo pela neve. Homens com arcos tomaram posições, preparando flechas. Uma parede de centenas de homens colocou-se entre ela e as tendas do comando. Mais vinham correndo, vestindo as roupas, gritando para outros que ainda estavam nas suas tendas.

Kahlan e os três homens com ela pararam. Ela ficou imóvel e altiva. Atrás dela, Chandalen, Prindin e Tossidin apoiavam-se preguiçosamente em suas lanças.

Um homem de alto posto saiu tropeçando da maior tenda enquanto colocava um pesado casaco marrom. Ele abriu caminho através da parede de homens, gritando para os arqueiros que segurassem suas flechas. Enquanto ele cruzava a linha de

defensores outros dois homens de alto posto se juntaram a ele. Ela reconheceu o posto dele quando ele se aproximava. Ele era o capitão. Os dois homens com ele, um de cada lado, eram tenentes.

Quando ele parou ofegante diante dela, ela deixou o capuz de seu manto cair. Seu cabelo longo espalhou-se pela pele branca.

“Qual é a...” De repente os olhos do capitão ficaram arregalados. Ele e os dois tenentes caíram sobre um joelho.

Cada homem, tão longe quanto ela podia enxergar, caiu de joelhos. Cada uma das cabeças abaixadas. O farfalhar de lã, o som do couro e o clangor do aço silenciaram. Os três homens com ela trocaram olhares de espanto; nunca tinham visto a Madre Confessora ser recebida por ninguém mais além do Povo da Lama. O único som era o suave barulho das galhos na brisa fria.

“Levantem, minhas crianças.”

Acompanhados pela agitação renovada do movimento, todos ficaram de pé. O capitão fez uma leve reverência. Ele se ergueu com um sorriso orgulhoso.

“Madre Confessora, que honra!”

Kahlan ficou olhando incrédula para a mandíbula quadrada dele, seu cabelo castanho claro ondulado, seus olhos azuis, seu belo rosto jovem.

“Você é uma criança,” ela sussurrou. Olhou em volta para as centenas, os milhares de olhos jovens brilhantes todos fixos nela. Ela piscou espantada para eles. Podia sentir o sangue subindo para seu rosto.

Os punhos fecharam bem apertados enquanto ela tremia de raiva. “Vocês são crianças! São todos crianças!”

O capitão olhou para seus homens com uma expressão envergonhada bem próxima da dor. “Madre Confessora, somos novos recrutas, mas somos todos soldados do exército Galeano.”

“São todos crianças,” ela sussurrou. “Crianças!”

O silêncio espalhou-se pelos recrutas reunidos. A maioria parecia ter quinze ou dezesseis anos. O capitão e seus dois tenentes trocaram o peso do corpo sobre as pernas e levantaram as cabeças. Alguns dos homens não conseguiam evitar olhar abertamente para

Chandalen, Prindin e Tossidin. Nunca tinham visto ninguém como eles.

Kahlan agarrou as lapelas do capitão e começou a arrastá-lo para longe. Ela rugiu para os dois tenentes. "Vocês dois, venham conosco." Olhou por cima das cabeças deles. "Todos voltem para o que estavam fazendo!"

Houve o som de espadas sendo colocadas de volta em suas bainhas e flechas em suas aljavas enquanto ela arrastava o capitão para fora do alcance dos ouvidos dos homens dele. Quando ela chegou perto das árvores, levou ele na direção de um toco e o soltou dando um empurrão zangado.

Kahlan sentou em um tronco coberto de neve como se ele fosse um trono. Cruzou os braços. Chandalen ficou em pé do lado direito dela, Prindin e Tossidin do lado esquerdo. Eles enterraram as partes de baixo das lanças e aguardaram em silêncio.

Ela cerrou os dentes. "Qual é o seu nome, Capitão?"

Ele mexeu em um botão de latão no seu casaco aberto. "Sou Bradley Ryan." Seus olhos azuis levantaram. "Capitão Bradley Ryan, Madre Confessora." Rapidamente olhou para o homem à sua direita. "Esse é o Tenente Nolan Sloan." Apontou para o outro lado. "Esse é o Tenente Flin Hobson."

"Quantas crianças estão com você, Capitão Ryan?"

Ele endureceu um pouco o corpo. "Madre Confessora, podemos ser mais jovens do que você, embora não muito, e pode não ter grande consideração por nós, mas somos soldados. Bons soldados."

"Bons soldados." Ela mal conseguia evitar começar a gritar com ele. "Se vocês são soldados tão bons assim, porque eu consegui andar, sem ser notada, pelas suas linhas de sentinelas?" O rosto dele ficou vermelho e ele fez um visível esforço para permanecer em silêncio. "E tem algum desses bons soldados, incluindo vocês três, que tenha mais do que dezoito?" Ele pressionou os lábios e balançou a cabeça. "Então eu repito, quantas crianças estão com você?"

"Tenho mil e quinhentos sob meu comando."

"E você sabe, Capitão Ryan, que estão prestes a tropeçar em uma força com dez vezes esse tamanho?"

O Capitão Ryan levantou uma sobrancelha, e um pequeno sorriso j ovial abriu-se de um lado a outro de sua boca. "Não estamos prestes a *tropeçar* em ninguém, Madre Confessora. Estamos quase alcançando eles. Estivemos perseguindo eles. Acho que pegaremos eles amanhã."

Ela cerrou os dentes outra vez. "Pegar eles ? Amanhã, se eu não tivesse alcançados vocês, juvenzinho, você e todos os seus *homens* estariam mortos. Não tem idéia do exército que está prestes a alcançar."

Ele levantou o queixo. "Sabemos o que estamos perseguindo. Temos batedores, você sabe. Eu tenho relatórios."

Kahlan levantou rapidamente, levantando o braço para a direita e apontando. "Tem cinqüenta mil homens logo depois daquela montanha!"

"Cinqüenta e dois mil, e uma centena." Ele balançou os ombros. "Não somos estúpidos. Sabemos o que estamos fazendo."

O braço dela baixou enquanto olhava para ele zangada. "Oh, vocês sabem, vocês sabem? E o que vocês iriam fazer uma vez que alcançassem eles?"

O Capitão Ryan sorriu e inclinou o corpo, chegando mais perto, certo de que poderia provar a ela que realmente sabia o que estava fazendo. "Bem, eles estão quase para chegar em uma encruzilhada na passagem. Vou enviar uma força lá para cima, dando a volta neles, para entrar por cada ramificação. Pensarão que estão sendo atacados por uma força maior. Vamos conduzi-los de volta por esse caminho, onde estaremos esperando por eles, depois daquela parte estreita logo ali na frente."

"Então, vamos recuar voltando por esse caminho, até a parte estreita, então separar o flanco, deixar eles entrarem, até que não tenham mais para onde ir. Os piqueiros estarão reunidos na área mais estreita; eles são chamados de Bigorna. Arqueiros nos lados manterão os inimigos no centro. A força conduzindo eles é chamada de Martelo." O sorriso dele aumentou.

"Esmagaremos eles no centro."

Ele balançou a mão de maneira casual enquanto endireitava um pouco o corpo. "É uma tática clássica. É chamada de Martelo e

Bigorna.”

Espantada, Kahlan olhou fixamente para ele. “Sei como é chamada, juvenzinho. O Martelo e Bigorna é uma manobra arrojada... sob as condições certas. Contra uma força com dez vezes o tamanho da sua é uma coisa que vai além da imprudência. Você é um texugo tentando engolir um boi inteiro.”

“Fomos ensina dos que na hora certa, e com determinação, uma pequena força de bons homens, em um lugar apertado, como esse vale...”

“Bons homens? Você acha que isso vai ser levado em consideração pelos espíritos? É isso que o seu orgulho e presunção faz você pensar!” Os olhos do capitão desceram até o chão. “Não pode empurrar uma rocha com um graveto! O único modo de fazer eles retornarem por esse caminho assustando eles para que recuem.” Ela esticou o braço, apontando outra vez na direção do inimigo. “Aqueles são homens experientes endurecidos pela batalha! Eles estiveram lutando e matando por um longo tempo. Acha que eles não sabem o que é um Martelo e Bigorna? Acha que só porque são os inimigos eles são estúpidos?”

“Bem, não, mas acho que...”

Ela enfiou um dedo no peito dele quando o interrompeu. “Quer que eu diga o que vai acontecer, Capitão? Você não tem homens o bastante para empurrar eles. Quando você mandar aquele destacamento dar a volta neles, eles o deixarão despreocupado e vão se mover um pouco, e quando o fizeram abrirão um pouco para deixar sua força entrar. Isso é chamado de Quebra-nozes. Acho que você sabe quem é a noz.”

“Então eles se moverão. Até sua Bigorna. Serão cães de caça atizados pelo cheiro de sangue. Depois que tiverem acabado com seu Martelo, não haverá nada para contê-los, nada para impedir que os flancos deles desviem enquanto entram. Possuem experiência de batalha e sabem exatamente o que fazer.”

“Eles vão dividir os seus piqueiros e os arqueiros deles, e afastá-los de seus espadachins de apoio. Um grupo em forma de cunha protegido por escudos penetrará no meio daqueles piqueiros. Arcos pelos lados vão encurralar eles em uma armadilha. A cavalaria

blindada deles atacará com toda força e varrerá seus grupos de arqueiros, que nesse momento não terão nenhum piqueiro para cortar o ataque deles. Todos vocês lutarão com bravura, mas estarão em menor número em cerca de vinte para um, porque já sacrificaram parte de sua força para ser o Martelo, e nesse momento todos eles estarão mortos.”

“Para lutar com uma força maior, você tem que dividi-los, e conquistá-los uma parte de cada vez. Ao invés disso, você terá feito o oposto. Vai dividir a si mesmo na metade para eles, então eles poderão matar a metade de cada vez. Conforme a vontade deles.”

O capitão manteve sua posição. “Nós podemos fazer um belo demonstração. Não sabe o quanto somos bons.”

“Não somos novatos.”

“Cada uma dessas crianças sob o seu comando morrerá! Já viu alguém morrer, Capitão? Não como um homem velho na cama, mas na batalha? Vocês serão atravessados por lanças, atingidos nos olhos por flechas.”

“Espadas cortarão braços, deixarão costelas expostas. Lâminas cortarão suas barrigas e espalharão suas entranhas pelo chão frio.”

“Rostos que você conhece, seus amigos, essas crianças, olharão para você em pânico enquanto sufocam no próprio sangue e vômito. Outros gritarão pedindo socorro enquanto seu inimigo se move através dos feridos no chão e eviscera eles, para fazer com que sofram uma morte terrível. Aqueles que se renderem serão executados enquanto seu inimigo dança e canta por causa da grande batalha que acabaram de vencer.”

A cabeça do Capitão Ryan finalmente levantou. Seus tenentes ainda olhavam para o chão. “Você parece o Príncipe Harold, Madre Confessora. Ele fez quase o mesmo discurso em diversas ocasiões.”

“Príncipe Harold é um soldado esperto.”

O Capitão Ryan abotoou dois dos botões de latão em seu casaco de lã marrom escuro. “Mas isso não muda minha decisão. De todas as nossas opções, o Martelo e Bigorna é a melhor chance que temos contra eles. Acredito que podemos fazer isso funcionar. Temos que fazer.”

Chandalen se inclinou na direção dela e falou em sua língua. "Madre Confessora, esses homens são os mortos ambulantes."

"Devemos ficar longe para não ficar no meio da tolice deles. Todos vão morrer."

O capitão fez uma careta. "O que ele disse?"

Kahlan aproximou-se do jovem capitão. "Ele diz que todos vocês morrerão amanhã."

O capitão Ryan olhou Chandalen dos pés até a cabeça. "O que ele sabe sobre batalhas? É apenas um selvagem da floresta."

Kahlan levantou uma sobrancelha. "Selvagem? Ele é um homem muito inteligente. Fala duas línguas. A dele, e a nossa."

O capitão Ryan engoliu em seco. "E ele lutou em batalhas. Matou homens. Quantos homens você matou, Bradley?"

Ele olhou para seus dois tenentes. "Bem, nenhum, eu acho. Olha, sinto muito, eu não quis ofender, mas eu sei sobre guerra."

"E o que você sabe sobre guerra, criança?" ela sussurrou.

"Somos todos voluntários. Eu mesmo, três anos atrás. Quase nenhum dos homens aqui tem menos de um ano. Treinamos duro. O próprio Príncipe Harold trabalhou conosco, ensinou táticas. vencemos batalhas simuladas contra ele muitas vezes. Podemos ser jovens mas temos experiência. Fomos enviados nessa missão como um teste final antes de nossas designações. Estivemos fora por quase um mês, praticando jogos de guerra e táticas de batalha. Sabemos do que somos capazes. Só porque somos jovens, não significa que não conseguimos lutar. Podemos ser jovens, mas isso também significa que somos fortes."

Chandalen riu. "Fortes? Vocês viajam como mulheres." Ele limpou a garganta quando Kahlan levantou uma sobrancelha para ele. "Bem, algumas mulheres. Não são tão fortes quanto pensam. Vocês são fracos. Usam carroças para carregar suas coisas. Isso deixa vocês fracos. Vocês vão morrer amanhã."

Kahlan virou de volta para os três soldados. "Meu amigo está errado. Vocês não vão morrer amanhã."

O capitão se animou. "Não vamos? Então, acredita em nós?"

Ela balançou a cabeça. "Vocês não vão morrer amanhã porque não vou permitir isso. Estou mandando vocês de volta."

“Vai levar sua divisão de volta para sua unidade de comando. Isso, Capitão, é uma ordem. Estou a caminho de Aydindril para cuidar disso. Colocarei fim naquele exército de assassinos.”

A expressão do Capitão Ryan endureceu. “Não temos comando para onde retornar. Eles foram destruídos em Ebinissia.”

“Era onde estávamos treinando, mas estávamos fora executando manobras. Temos o rastro daqueles que fizeram isso, e vamos atrás deles.”

“Aqueles soldados em Ebinissia estavam em número muitas vezes maior do que vocês, e foram esmagados pela força que você persegue.”

“Nós sabemos. Aqueles eram homens perto dos quais nós vivemos, comemos e dormimos. Eram nossos professores. Eram nossos irmãos, nossos pais. Eram nossos amigos e companheiros.” Ele moveu o corpo e limpou a garganta fazendo um esforço para manter a voz firme. “Deveríamos estar lá com eles. Deveríamos estar lá para resistir junto com eles.”

Kahlan virou a cabeça para os três soldados Galeanos. Colocou os dedos nas têmporas, fechando os olhos enquanto esfregava em pequenos círculos. Estava com dor de cabeça por causa da preocupação de que todos esses jovens fossem massacrados.

Ela sofria pelos amigos desses homens, amigos e companheiros que foram mortos defendendo a cidade deles. Os rostos das garotas flutuavam diante em sua mente.

Kahlan virou, olhando dentro dos olhos do jovem capitão. Olhos, ela percebeu, que tinham visto mais do que havia pensado inicialmente.

“Foram vocês,” ela sussurrou. “Foram vocês que fecharam as portas. Vocês fecharam as portas no Palácio. As portas dos quartos da Rainha e suas damas de companhia.” Ele engoliu em seco e então assentiu. Seus olhos azuis estavam molhados. O lábio inferior dele tremeu. “Porque eles faziam aquilo com aquelas pessoas?”

Kahlan respondeu com um tom delicado. “O objetivo de um soldado é induzir o seu inimigo a fazer coisas tolas. Deixando ele assustado demais, ou furioso demais, para pensar. Fazem isso para lançar o medo dentro dos seus corações, mas acima disso, para

deixar vocês com tanta raiva que farão algo tolo e assim eles poderão matá-los também.”

“Os homens que perseguimos são aqueles que fizeram isso. Não temos comando para o qual retornar. Agora depende de nós.”

“Essa é a coisa tola que eles querem que vocês façam. Não farão isso. Irão para outro comando. Não atacam aquele exército.”

“Madre Confessora, sou um soldado que jurou servir Galea e Midlands. Na minha vida, ainda que você a considere tão jovem, nunca considerarei a ideia e desobedecer meus comandantes, minha Rainha, ou a Madre Confessora.”

Capitão Ryan levantou o punho dela com o dedo indicador e o polegar e colocou a mão dela sobre o ombro dele. “Mas nisso, eu devo desobedecer suas ordens. Se desejar, pode me dominar com o seu poder, mas de outro modo não farei como você diz.”

O tenente Sloan falou pela primeira vez. “E então terá que me dominar, porque eu tomarei o lugar dele, e conduzirei nossos homens para a luta.”

O tenente Hobson deu um passo adiante. “E então terá que me dominar.”

“Depois de nós três,” falou o capitão Ryan, “terá que seguir pelos oficiais e então cada um dos homens. Se restar apenas um, ele atacará, e morrerá em batalha se for preciso.”

Ela afastou a mão. “Eu irei até o Conselho Central e cuidarei disso. O que vocês querem fazer é suicídio.”

“Madre Confessora, nós vamos atacar.”

“Pelo quê! Pela glória? Querem ser heróis vingando os que foram assassinados? Querem morrer em uma batalha gloriosa!”

“Não, Madre Confessora,” ele falou em um tom tranquilo. “Nós vimos o que aqueles homens fizeram em Ebinissia. Vimos o que fizeram com os soldados que capturaram. Vimos o que fizeram com as mulheres e crianças. Muitos dos homens sob meu comando tinham mães e irmãs ali. Nós todos vimos o que fizeram com elas, e o que fizeram com nossos pais e irmãos. Nosso povo.”

Ele levantou ereto e altivo enquanto olhava decido dentro dos olhos dela. “Não estamos fazendo isso por glória, Madre Confessora. Sabemos que é uma missão suicida. Mas somos todos solteiros; não

temos famílias para deixar sem pais. Estamos fazendo isso porque esses homens seguirão para outra cidade e farão o que fizeram em Ebinissia. Estamos fazendo isso para impedir eles, se pudermos.”

“Juramos proteger nosso povo com nossas vidas. Não podemos nos esquivar de nossa responsabilidade. Devemos atacar e tentar parar esses homens antes que matem mais pessoas inocentes. Rezo para os bons espíritos que você tenha sucesso em Aydindril, mas assim mesmo, isso vai levar tempo demais. Quantas cidades mais serão pilhadas antes que você consiga fazer com que Midlands cuide desses homens? Uma cidade já é demais. Somos os únicos em contato com esses assassinos. Nossas vida é tudo que está entre eles e suas próximas vítimas.

“Quando fiz o juramento para servir, jurei que não importava quais fossem as opções, não importava quais fossem as ordens, sempre colocaria a proteção de meu povo em primeiro lugar. É por isso que devo desobedecer suas ordens, Madre Confessora - não por glória, mas para proteger os indefesos. Gostaria de ter sua bênção nisso, mas tentarei parar esses homens com ou sem ela.”

Ela sentou na tora novamente, e ficou olhando para o horizonte, estudando os três soldados. Os seis homens aguardaram em silêncio. Crianças, com certeza. Eles eram mais velhos do que ela havia pensado. E tinham razão.

Ainda levaria algum tempo para chegar em Aydindril e mais tempo ainda para juntar exércitos para caçar esses assassinos. Nesse meio tempo eles continuariam matando. Quantos teriam que morrer esperando pela ajuda do Conselho Central?

Desejou ser qualquer pessoa menos quem ela era nesse momento. A Madre Confessora. Ignorou seus sentimentos e considerou o problema como a Madre Confessora deveria; pesou as vidas, aquelas perdidas, e aquelas poupadas.

Kahlan levantou e virou para Chandalen. “Devemos ajudar esses homens.”

Chandalen empurrou as mãos mais alto em sua lança e inclinou na direção dela. “Madre Confessora, esses homens são crianças tolas, e eles vão morrer. Se ficarmos com eles então vamos trazer uma tempestade de matança até nós. Vamos morrer junto com eles.

Eles vão morrer do mesmo jeito, e você não vai chegar até Aydindril.”

“Chandalen, esses garotos são como o Povo da Lama. Estão perseguindo os Jocopos deles. Se não ajudarmos, então mais vão morrer como vimos lá na cidade.”

Prindin se aproximou. “Madre Confessora, vamos fazer o que você quiser, mas não tem como ajudar esses garotos.”

“Somos apenas quatro.”

Tossidin assentiu. “E então você vai falhar em sua obrigação de chegar até Aydindril. Isso não é importante?”

“Claro que é.” Ela afastou um pouco de cabelo do rosto. “Mas e se o exército que matou todos naquela cidade for na direção do Povo da Lama em seguida? Você não iria querer que eu ajudasse se fosse o seu povo que eles fossem matar?”

Os três homens endireitaram os corpos. Eles giravam suas lanças enquanto pensavam, olhando por cima do ombro dela ocasionalmente, para os três soldados que também permaneciam em silêncio.

“O que vocês fariam para derrotar esse inimigo,” ela perguntou enquanto passava os olhos pelos três, “se tivessem que fazer isso?”

Finalmente Tossidin inclinou a cabeça. “Tem muitos. Não pode ser feito.”

Chandalen, zangado, empurrou o ombro de Tossidin. “Nós somos guerreiros do Povo da Lama! Somos mais espertos do que esses homens que andam em carroças e matam mulheres. Acha que eles são guerreiros melhores do que nós?”

Os dois irmãos arrastaram os pés enquanto desviavam os olhos. “Bem,” Prindin falou, “nós sabemos que do jeito que eles querem fazer só vai matar eles. Tem jeitos melhores.”

Chandalen sorriu. “Claro que tem. Os espíritos ensinaram meu avô como fazer essas coisas. Ele ensinou meu pai e meu pai me ensinou. Os números podem ser maiores, mas o problema é o mesmo. Sabemos o que fazer melhor do que esses homens.” Ele olhou nos olhos de Kahlan. “Você também, sabe melhor do que esses homens o que fazer.”

“Sabe que não deve lutar do jeito que o inimigo quer. Isso é o que esses homens estão quase para fazer.”

Kahlan sorriu para ele e assentiu. “Talvez possamos ajudar esses homens a proteger outras pessoas inocentes.”

Ela virou para o Capitão Ryan. Ele estava observando ela conversar em uma língua estranha com os três homens estranhos.

“Está certo, Capitão. Nós vamos atrás desse exército.”

Ele segurou os ombros dela. “Obrigado, Madre Confessora!” Ele recolheu as mãos, percebendo assustado que havia tocado nela. Ele esfregou as mãos. “Isso vai dar certo. Você verá. Vamos pular em cima deles. Pegar eles de surpresa e colocar todos em uma lança.”

Ela inclinou na direção dele. Ele recuou. “Surpreender eles? Surpreender eles!” Agarrou ele pelo colarinho e puxou seu rosto para perto. “Eles tem um mago, seu idiota!”

O rosto do capitão ficou pálido. “Um mago?” ele sussurrou.

Ela soltou o colarinho dele com um empurrão zangado. “Vocês estiveram em Ebinissia, não viram o buraco derretido na parede?”

“Bem... Acho que não prestei atenção. Só vi os mortos.” Os olhos deles moveram de um lado para o outro, como se os estivesse vendo agora.

“Estavam por toda parte.”

Ela esfriou ao ver a expressão de dor no rosto dele. “Entendo. Eram seus amigos e família. Posso entender porque não teria notado. Mas isso não é desculpa para um soldado. Um soldado deve notar tudo. Deixar passar detalhes pode matá-lo, Capitão. Esse é um bom exemplo de um pequeno detalhe que teria feito você cair.”

Ele engoliu em seco e então concordou. “Sim, Madre Confessora.”

“Quer matar os homens que destruíram Ebinissia?” Os três soldados disseram que queriam. “Então eu estou assumindo o comando dessa legião. Se querem deter os homens que estão ali em cima, então farão o que eu disser. E como Chandalen, Prindin, e Tossidin disserem.

“Podem saber sobre táticas de batalha, mas nós sabemos sobre matar pessoas. Isso não é uma batalha, Capitão, isso é matar pessoas. Só vamos ajudá-los se realmente quiserem deter aqueles

homens. Se estiverem interessados em ter uma batalha, então vamos deixá-los agora mesmo para que sejam massacrados.”

O capitão Ryan caiu sobre um joelho. Os dois tenentes seguiram o exemplo dele. “Madre Confessora, seria minha maior honra servir sob o seu comando. Você tem minha vida, e as vidas de cada um dos meus homens. Se souber como impedir aqueles homens de matar mais pessoas, faremos qualquer coisa que pedir.”

Ela assentiu para os três homens. “Isso não é nenhum jogo de guerra, Capitão. Para vencermos, cada homem deve fazer como for ordenado. Qualquer um que não fizer o que ordenamos está ajudando o inimigo. Isso é traição. Se quiserem deter esses homens, então todos terão que aceitar o meu comando, e não podem mudar de idéia se a tarefa ficar terrível. Você entendeu?”

“Sim, Madre Confessora. Eu entendi.”

Ela olhou para os outros dois. “E você?”

“Estou honrado em servir sob o seu comando, Madre Confessora.”

“Assim como eu, Madre Confessora.”

Kahlan fez sinal para que eles levantassem e então fechou o seu manto de pele. “Tenho que chegar até Aydindril. Isso é de extrema importância, mas ajudarei vocês a começar isso. Vamos dizer o que deve ser feito. Só posso lhes dar um dia ou dois; ajudaremos vocês a começar a matança, e então devemos seguir nosso caminho.”

“Madre Confessora, e quanto ao mago?”

Kahlan olhou para ele. “Deixe o mago comigo. Você entendeu? Ele é meu. Eu cuidarei dele.”

“Está certo. O que deseja que façamos primeiro?”

Kahlan caminhou entre o capitão e um dos tenentes. “A primeira coisa que deve fazer é conseguir um cavalo para mim.”

Chandalen deu um pulo e segurou o braço dela, fazendo ela andar mais devagar enquanto colocava sua cabeça perto da cabeça dela. Seu tom estava cheio de suspeita. “Porque você quer um cavalo? Para onde vai?”

Ela parou, soltando o braço dela. Dirigiu a palavra a todos os seis homens. “Você s tem alguma idéia do que estou prestes a

fazer? Estou prestes a escolher os lados. Eu sou a Madre Confessora. Se eu escolher lados, escolho por toda Midlands. Eu envolvo toda Midlands na guerra." Ela encarou os olhos de Chandalen. "Não posso fazer isso baseada na palavra desses homens."

Chandalen explodiu de raiva. "Que prova mais você precisa! Viu o que eles fizeram naquela cidade!"

"O que eu vi não importa. Tenho que saber porque. Não posso simplesmente declarar guerra. Tenho que saber quem são esses homens, por quem eles lutam." Havia outra razão para que ela fosse, uma razão mais importante, mas ela não falou.

"Eles são assassinos!"

"Você matou pessoas. Não gostaria que outros soubessem a razão antes que eles procurassem vingança?"

"Sua mulher tola!" Prindin colocou uma das mãos no braço de Chandalen como um aviso, tentando colocar um pouco de prudência nas palavras de Chandalen. Zangado, Chandalen afastou o braço dele. "Diz que esses homens são tolos, e eles tem milhares. Você é uma só! Não tem chance de escapar se eles decidirem matar você!"

"Eu sou a Madre Confessora. Ninguém deverá apontar uma arma para mim."

Ela sabia que esse era um pretexto absurdo, mas tinha que fazer isso, e não conseguia pensar em nenhuma outra justificativa para aliviar os medos dele. Chandalen estava zangado demais para falar. Finalmente ele se afastou com um rosnado. Ela sabia que no passado ele teria ficado com raiva porque se ela fosse morta ele não poderia voltar para casa; pensou que agora talvez ele estivesse verdadeiramente preocupado com ela.

Também não gostava da ideia, mas não tinha escolha. Era a Madre Confessora. Tinha uma obrigação com Midlands.

"Tenente Hobson, por favor consiga um cavalo para mim. Um branco ou cinza se tiver um." Ele assentiu e correu para fazer como ela pediu. "Capitão, quero que reúna todos os seus homens e diga a eles o que está acontecendo."

Chandalen ficou de costas para ela. Ela colocou uma das mãos na pele branca em cima do ombro dele, em cima da faca de osso do pai dele. "Agora você é um guerreiro de Midlands, não apenas do

Povo da Lama.” Ele soltou um grunhido zangado. “Enquanto eu estiver fora, quero que vocês três comecem a explicar para esses homens o que deve ser feito. Espero estar de volta antes do amanhecer.”

Quando ela viu Hobson voltando com o cavalo, os joelhos dela tentaram dobrar.

Queridos espíritos, no que ela havia se metido?

Virou para encarar o Capitão Ryan. “Se eu... Se alguma coisa...” Ela tomou fôlego e começou novamente. “Se eu me perder e não conseguir encontrar o caminho de volta, deve obedecer as ordens de Chandalen. Você entendeu? Deve fazer o que ele disser.”

“Sim, Madre Confessora,” ele falou com um tom calmo quando colocou o punho no coração em uma saudação. “Que os bons espíritos estejam com você.”

“Com minha experiência, ao invés disso, aceitarei um cavalo veloz.”

“Então você tem o que deseja,” disse o Tenente Hobson. “Nick é veloz, e ele é valente. Não vai desapontar você.”

O capitão juntou as mãos, ajudando-a a subir no grande cavalo de batalha. Ela olhou para baixo, para os homens, enquanto dava um tapinha no pescoço do cavalo cinzento. Nick bufou e balançou a cabeça. Antes que ela perdesse a coragem, deu meia volta no grande garanhão e fez ele seguir na direção das ladeiras, na direção de uma trilha que a conduziria fazendo a volta para entrar no acampamento inimigo pelo outro lado.

CAPÍTULO 38



As árvores cobertas de neve erguiam-se ao redor dela na luz fraca. A lua desceria em breve, mas por enquanto ela fazia a neve adquirir uma luminescência que deixava o caminho fácil de enxergar. Quando trotou com o cavalo para dentro do vale aberto, quase ficou feliz por estar livre das árvores que poderiam esconder qualquer um disposto a fazer uma emboscada.

Não fez nenhuma tentativa de esconder sua aproximação, e os sentinelas a viram, mas não fizeram movimento algum para deter um cavaleiro solitário .

Logo adiante, o acampamento do exército estava vivo com fogueiras, homens e barulho. Tão grande quanto uma pequena cidade, poderia ser avistado e ouvido a milhas de distância. Confiantes por causa de seu número, não temiam nenhum ataque.

Com o capuz de seu manto abaixado e apertado em volta do rosto, Kahlan cavalgou com Nick entre a confusão de homens, carroças, cavalos, mulas, tendas, roupas e fogueiras que estalavam. Ela sentava altiva em seu cavalo, e por cima do barulho podia quase escutar seu coração pulsando. O forte aroma de carne assando e fumaça enchia o ar. A neve tinha sido pisoteada e comprimida por milhares de pés, de homens e bestas, e por carroças de todo tipo.

Homens estavam reunidos ao redor de fogueiras, bebendo, comendo e cantando. Piques estavam empilhados de pé, em círculos, inclinados para o lado de dentro, com suas pontas repousando juntas em cones. Lanças estavam por toda parte, enterradas em bancos de neve, parecendo florestas de árvores jovens. Tendas espalhadas em todos os lugares sem qualquer ordem.

Homens vagavam longe e ali perto, perambulando de uma fogueira para outra para experimentar a comida, para juntarem-se a canções ao redor de homens com flautas, para apostar nos dados, ou para compartilhar a bebida. Dividir a bebida parecia ser o que ocupava a maioria deles.

Nenhum deles prestou qualquer atenção a ela. Pareciam preocupados demais para notá-la. Ela manteve o cavalo em um trote, e passou por aqueles que olharam para cima antes que tivessem a chance de observar, ou confirmar, o que tinham visto. O lugar todo parecia estar em um alvoroço de atividade. O cavalo de batalha dela não se abalou com o pandemônio ao redor.

De algumas tendas distantes ela escutou os gritos de mulheres, seguidos pelas risadas roucas de homens. Independente de sua tentativa de evitar, um calafrio percorreu sua espinha.

Kahlan sabia que exércitos como esse eram acompanhados por prostitutas que andavam nas carroças de suprimentos com outros seguidores do acampamento. Também sabia que exércitos como esse pegavam mulheres como parte de sua pilhagem, considerando-as como um simples privilégio de vitória, assim como tirar um anel de um homem morto, e valiam pouco mais que isso. Quaisquer que fossem as razões para os gritos, falso prazer ou verdadeiro terror, ela sabia que não podia fazer nada a respeito disso, e assim tentou não escutar, voltando sua atenção para os homens pelos quais ela passava.

No início ela viu apenas tropas D'Haran. Conhecia bem demais suas roupas de couro, armaduras e uniformes.

Cada um dos peitorais traziam uma letra R em alto relevo, da Casa de Rahl. Entretanto, logo ela conseguiu avistar Kelteanos entre os D'Harans. Viu um grupo com uma dúzia de homens de Westland, cada um com um braço em volta do ombro do companheiro seguinte enquanto dançavam em um círculo e ao mesmo tempo bebiam de canecas.

Também viu homens de outras terras; alguns de Nicobarese, alguns Sandarianos, e para o seu horror, um punhado de Galeanos. Talvez, ela pensou, fossem apenas D'Harans nos uniformes de homens que eles mataram. De certo modo, ela não acreditava nisso.

Brigas esporádicas estavam acontecendo através do acampamento. Homens discutiam por causa de uma rodada de dados, comida, barris, ou até mesmo garrafas de bebida. Algumas das disputas transformavam-se em lutas com os punhos e facas. Ela viu um homem esfaqueado no estômago, causando violentas risadas dos espectadores.

Finalmente ela avistou o que estava procurando: as tendas que pertenciam aos comandantes. Embora eles não tivessem se preocupado em colocar suas bandeiras, ela sabia o que elas eram pelo tamanho. Do lado de fora da maior, uma pequena mesa havia sido colocada perto de uma fogueira que tinha carne em um espeto sobre ela. Lamparinas em varas de madeira cercavam o grupo de homens reunidos ali.

Quando ela se aproximou, um grande homem sentado com seus pés em cima da mesa estava gritando, "...e eu quero dizer agora mesmo, ou vou arrancar sua cabeça! Um cheio! Traga um barril cheio ou vou colocar sua cabeça em uma lança!" Quando o soldado saiu depressa, os homens em volta da mesa explodiram na risada.

Kahlan levou seu grande cavalo de batalha até a beira da mesa. Ficou sentada ativa e imóvel enquanto avaliava aquela meia dúzia de homens sentados em volta da mesa. Quatro eram oficiais D'Haran; aquele que estava com as botas em cima da mesa era o homem que estava gritando; um era um comandante Kelteano usando um uniforme enfeitado desabotoado para mostrar uma camisa suja ensopada de vinho e fragmentos de carne; e um dos homens usava um manto liso cor de canela.

Com uma faca larga, o homem com os pés sobre a mesa cortou uma longa tira de carne de um osso. Jogou o osso por cima do ombro para um grupo de cães que rosnavam atrás dele. Partiu o pedaço de carne em dois com os dentes e apontou com a faca para a direita, para o jovem de manto liso, enquanto juntava um gole de uma caneca com a carne que já estava em sua boca. Ele falou de boca cheia.

"O mago Slagle aqui disse que sentiu o cheiro de uma Confessora." Ele olhou para cima com olhos injetados de sangue. "E

onde está o seu mago, Confessora? Huh?” Todos na mesa riram junto com ele. Cerveja desceu pela sua espessa barba loura. “Trouxe alguma coisa para beber, Confessora? Estamos quase no fim. Não? Bem, não importa.” Com a faca, ele apontou para o comandante Kelteano. “O Karsh aqui diz que tem uma bela cidade descendo as montanhas a mais ou menos uma semana daqui, e eles podem ter um pouco de cerveja para nós, rapazes sedentos, depois que nos deram as boas vindas em sua cidade e juraram lealdade.”

Os olhos de Kahlan desviaram para o mago. Foi por causa dele que ela veio. Ela calculou friamente se conseguiria ou não dar o pulo do cavalo até o mago e tocá-lo com seu poder antes que fosse atingida por aquela grande faca. O homem usando a faca não parecia ser capaz de reagir rápido demais. Mesmo assim, ela julgou que as probabilidades eram muito baixas. Estava disposta a dar sua vida na tarefa, mas apenas se pudesse ter razoável certeza de sucesso.

Mas foi por causa dele que ela veio. O mago era os olhos desse exército. Ele via coisas antes que eles pudessem, e coisas que eles não podiam, como ela. E os D'Harans temiam as coisas mágicas, e os espíritos. Um mago era a defesa deles contra magia e esses espíritos.

O olhar dela moveu-se dos olhos profundos e do bêbado sorriso falso do mago para o que ele estava fazendo com as mãos. Ele estava esculpindo. Sobre a mesa diante dele estava uma pilha de fragmentos. Ela lembrou das pilhas de fragmentos de madeira no Palácio em Ebinissia, do lado de fora dos quartos da garotas.

O mago sacudiu o pedaço de madeira que tinha esculpido. Pela primeira vez, ela notou o que era. Era um pênis enorme. O sorriso dele aumentou.

O homem com a faca apontou-a para o mago. “Slagle tem uma coisa para você, Confessora. Esteve trabalhando nisso durante duas horas, desde que percebeu que você vinha fazer uma visita.” Ele fez uma leve tentativa de segurar sua risada, mas ela veio aos poucos vencendo o seu controle e ele finalmente se entregou.

Duas horas. Eles acabaram de dizer a ela os limites do poder desse mago. Ela havia deixado os Galeanos quatro horas atrás, mas

quase uma hora daquelas tinha sido gasta na tarefa lá em cima nas montanhas. Isso significava que os garotos Galeanos não estavam ainda perto o bastante para que o mago soubesse deles, mas só estavam ocultos por uma margem perigosamente pequena. Um pouco mais perto, e o mago saberia a respeito da presença deles. Muito antes que pudessem fazer qualquer surpresa.

Ela esperou que as risadas dos homens D'Haran parassem antes de falar. "Vocês me pegaram em desvantagem."

"Ainda não! Mas vou pegar!" Os homens riram e assobiaram novamente.

A cada batida do coração, ela ficou mais calma. Puxou o capuz para trás. Estava usando a sua expressão de Confessora. "Qual é o seu nome, soldado?"

"Soldado!" Ele se inclinou para frente e enfiou a faca na mesa. "Não sou um soldado. Sou o General Riggs. Sou o comandante supremo de todas as nossas tropas. Todos os nossos homens, velhos jovens, respondem a mim."

"E em nome de quem está lutando, General Riggs?"

Ele balançou a mão. "Ora, a Ordem Imperial e fazer guerra em benefício daqueles que se juntarem a nós. Uma guerra contra todos os opressores. Contra todos que lutam contra nós. Aqueles que não se unem a nós estão contra nós, e serão esmagados. Nós lutamos para trazer ordem."

"Sob a Ordem Imperial, todos que se juntarem a nós encontrarão proteção, e em retorno eles ajudarão a proteger todos. Todas as terras vão se unir a nós, ou serão colocados de lado. É por uma nova ordem que nós lutamos. A Ordem Imperial. Eles comandam todas as terras, e eu os comando."

Kahlan franziu a testa, tentando entender o que estava escutando. "Eu sou a Madre Confessora, e eu comando Midlands, não você."

"Madre Confessora!" Ele deu um tapa na costa no mago. "Você não me falou que ela era a Madre Confessora!"

"Bem, você não parece com nenhuma Madre que eu tenha visto. Mas depois dessa noite, você será uma Madre com certeza. Tem a minha palavra!" Ele explodiu na risada.

“Darken Rahl está morto.” Isso fez a risada parar. “O novo Lorde Rahl declarou que a guerra terminou e chamou todas as tropas D'Haran de volta para casa.”

O General Riggs levantou. “Darken Rahl era um homem de visão limitada, um homem preocupado demais com sua magia antiga e pouco preocupado com a ordem. Estava preocupado demais com suas próprias missões, suas antigas religiões. Magia, até que seja erradicada, é uma ferramenta dos homens, não o mestre deles.

“Darken Rahl falhou em usar a oportunidade que teve. Nós não falharemos. O próprio Darken Rahl, no submundo, sabe disso, e se arrepende. Agora ele é aliado de nossa luta. Os bons espíritos declararam isso! Nós não prestamos reverência para casa de Rahl, mas eles, assim como todas as casas, distritos e reinos, prestam a nós. O novo Lorde Rahl vai se unir a nós também, ou esmagaremos ele e qualquer cão bárbaro que o seguir. Esmagaremos todos os cães bárbaros!”

“Em outras palavras, General, você não luta por ninguém mais a não ser você mesmo. Seu objetivo é simplesmente assassinar pessoas.”

“Não luto por mim mesmo! Esse é um objetivo maior do que um homem. Nós oferecemos a todos a oportunidade de se unir a nós. Se eles não se unem a nós, é porque estão aliados com nossos inimigos, e devemos matar eles!” Ele jogou as mãos para cima. “É inútil tentar explicar tais questões de estado e religião para uma mulher. Mulheres não possuem intelecto para governar.”

“Homens não possuem nenhum talento exclusivo para governar, General.”

“Baixar a cabeça pedindo proteção a uma mulher é uma profanação para os homens! Homens corretos preocupam-se apenas em entrar debaixo da saia de uma mulher, não se esconder atrás delas! As mulheres governam apenas os seus mamilos, oferecendo somente o seu leite para os bebês. Homens governam com seu punho. Eles criam e reforçam a lei. Eles cuidam e protegem.

“Cada rei e aristocrata receberá a chance de se unir a nós, para colocar sua terra e seu povo sob nossa proteção. Todas as Rainhas terão a chance de oferecer suas mercadorias em um bordel,

ou talvez de serem as humildes esposas de um fazendeiro, mas de um jeito ou de outro elas vão ter a utilidade adequada.”

Ele pegou a caneca dele da mesa e tomou alguns goles. “Não consegue ver, mulher? Você é tão estúpida assim, até mesmo para uma mulher? O que a sua aliança de Midlands conquistou sob o governo de mulheres?”

“Conquistou? A aliança não existe para conquistar nada a não ser permitir que todas os povos vivam em paz, deixando suas terras vizinhas para seus vizinhos, sabendo que as suas terras estão protegidas de mãos gananciosas, e que todos se levantarão para proteger cada uma delas, até mesmo as mais fracas e indefesas, para que ninguém fique sozinho e desprotegido.”

Ele riu triunfante enquanto olhava para seus colegas. “As tetas estão falando a verdade!”

Ele fez um gesto com desgosto. “Você não fornece liderança alguma, nenhuma lei; cada terra condena e se pronuncia como acha melhor. O que é um crime em um lugar, em outro é uma virtude. Sua aliança falha em trazer ordem para todos. Não são nada além de tribos fragmentadas, cada uma protegendo o que é seu de modo desconfiado, sem nenhum pensamento na união além daquilo que satisfaça sua própria ganância, e assim deixam todos fáceis de conquistar.”

“Você está errado, é exatamente para isso que serve o Conselho Central em Aydindril, para unir todas as terras para a defesa em comum. A defesa em comum contra assassinos como você. Essa não é uma união frágil, como você parece pensar, e sim uma coisa firme.”

“Um ideal nobre. Um, de fato, que eu compartilho, mas que você alimenta debilmente. Você os une apenas levemente, não sob um cânone em comum.” Ele estendeu a mão para ela, fechando o punho enquanto zombava dela. “Ao fazer isso, você deixa todas as terras prontas para serem espremidas. Vocês são almas perdidas a procura de verdadeira liderança e em desesperada necessidade de proteção.”

Tão logo as fronteiras caíram, vocês foram arruinados por Darken Rahl, e ele não estava muito entusiasmado ao fazer isso,

procurando apenas a magia dele! Se ele tivesse deixado os Generais do modo que desejassem, não teria sobrado nem um restinho dessa aliança de vocês.”

“E quem é esse do qual todos nós precisamos de proteção?”

Ele olhou para o vazio, sussurrando, quase para si mesmo. “Da horda que virá.”

“Que horda?”

Ele olhou para cima, como se tivesse acabado de acordar. “A horda falada nas profecias.” Ele fez uma careta para ela como se ela fosse irremediavelmente estúpida, e então levantou a mão apontando para o mago. “O bom mago aqui tem nos aconselhado sobre as profecias. Você é uma pessoa que passou sua vida com magos, e nunca procurou o conhecimento deles?”

“Seu belo discurso sobre querer unir os povos na paz e na lei são palavras nobres, General Riggs. Mas suas atrocidades em Ebinissia transformam elas em mentiras. Para sempre, Ebinissia carregará o testemunho mudo mas irrefutável de sua verdadeira causa. Você, e sua Ordem Imperial, são a horda.” Kahlan olhou zangada para o mago. “Qual é a sua participação nisso, Mago Slagle?”

Ele escolheu os ombros. “Ora, dar assistência e facilitar a união de todos os povos sob o governo da lei em comum.”

“A lei de quem?”

“A lei dos vitoriosos.” Ele sorriu. “Esses seriam nós. A Ordem Imperial.”

“Você tem responsabilidades como um mago. Essas responsabilidades são de servir, não de governar. Vai se reportar imediatamente para Aydindril, para assumir o seu lugar nesse serviço, ou vai responder a mim.”

“Você?” ele falou exibindo um olhar de desprezo. “Você exige que homens bons e decentes choraminguem na sua frente, e ao mesmo tempo permite cegamente que banelings corram livres pelas terras.”

“Banelings?” Ela olhou com raiva para Riggs. “Suponho que você seria tolo o bastante para procurar o conselho do Sangue da Congregação.”

“Eles já se juntaram a nós,” falou o General Riggs, imediatamente. “Nossa causa é a deles, e a deles é a nossa. Eles sabem como eliminar aqueles que serviriam ao Guardiã e desse modo aos nossos inimigos. Vamos limpar a terra de todos que servem ao Guardiã. A bondade deve triunfar.”

“Quer dizer a sua causa. Seria você quem governaria.”

“Está cega, Confessora? Eu governo aqui, agora, mas isso não é sobre mim; é sobre o futuro. Estou apenas ocupando o posto por enquanto, arando o campo para que ele possa produzir. Não sou eu quem está em foco.”

“Oferecemos a todos a chance de servir junto a nós, e cada homem comigo aceitou essa oferta. Outro se juntaram às nossas tropas em nossa batalha. Não somos mais tropas D'Haran. Eles não são mais tropas da terra natal deles. Nós todos somos a Ordem Imperial. Qualquer um que tenha a mente correta pode nos conduzir. Se eu cair em nossa nobre batalha, outro levantará para tomar meu lugar, até que todas as terras estejam unidas sob nosso governo conjunto, e a Ordem Imperial possa amadurecer.”

O homem estava bêbado demais para saber o que estava dizendo, ou estava louco. Ela olhou ao redor para os homens bêbados que cantavam e dançavam perto das fogueiras espalhadas por toda parte. Louco como os Bantak. Louco como os Jocopos.

“General Riggs.” Ele estava resmungando furioso, mas parou e olhou para ela. “Eu sou a Madre Confessora. Goste ou não, eu represento Midlands. Em nome de Midlands peço a você que pare essa guerra imediatamente e retornar a D'Hara, ou vá até o Conselho com suas reclamações. Você pode comunicar ao Conselho Central qualquer disputa que tenha para resolver, e isso será escutado, mas não pode lançar a guerra sobre meu povo. Não vai gostar das conseqüências se escolher não prestar atenção em minhas ordens.”

Ele olhou para ela com desprezo. “Não assumimos compromisso algum. Aniquilaremos todos que não se unirem a nós. Lutamos para colocar fim na matança, para acabar com o assassinato, como os bons espíritos nos pediram para fazer. Lutamos pela paz! Até que conquistemos a paz, teremos guerra!”

Ela franziu a testa. "Quem falou isso para você ? Quem disse que deveria lutar?"

Ele piscou para ela. "Isso é óbvio, sua vadia estúpida!"

"Não pode ser tão estúpida para pensar que os bons espíritos digam par a fazer guerra. Os bons espíritos não agem de maneira tão evidente."

"Ah, então muito bem, nós estamos discordando. Esse é o propósito da guerra, não é? Esclarecer tais questões? Os bons espíritos sabem que estamos certos, caso contrário eles simplesmente ficariam contra nós. Nossa vitória provará que eles estão do nosso lado ou poderíamos não vencer em nossa luta. O próprio Criador deseja ver o nosso triunfo, e nossa vitória será prova disso."

O homem era um lunático. Ela redirecionou sua atenção para o comandante Kelteano. "Karsh..."

"General Karsh."

"Você rebaixa o posto, General. Porque você massacrou o povo de Ebinissia?"

"Ebinissia recebeu a oportunidade de se juntar a nós, do mesmo jeito que todos receberão. Ebinissia escolheu lutar."

"Tivemos que fazer do povo pagão dela um exemplo, para mostrar a outros o que os espera se falharem em se unir a nós. Isso nos custou quase metade de nossos homens, mas foi um objetivo que valeu o preço. Agora mesmo, aqueles que foram perdidos estão sendo substituídos por outros se juntando a nós, e nossas fileiras crescerão para tomar todas as terras conhecidas."

"É isso que chama que liderança? Extorsão e assassinato?"

General Karsh bateu com a caneca na mesa. Seus olhos estavam em brasa. "Nós fizemos com eles o que fizeram com nosso povo! Eles atacaram nossas fazendas, nossas cidades nas fronteiras. Mataram Kelteanos como se nós fossemos insetos que deveriam ser esmagados!"

"Ainda assim oferecemos para eles a paz. Foram eles que escolheram não aceitar nossa misericórdia. Receberam uma chance de paz, uma chance de se unirem a nós; escolheram a guerra. Desse

jeito, escolheram nos ajudar; forneceram um exemplo para outros da tolice de lutar contra nós.”

“E o que você fez com a Rainha Cyrilla? Também assassinou ela, ou ela está ali atrás nas tendas das suas prostitutas?”

Todos eles riram. “Ela estaria,” Riggs completou, “se tivéssemos encontrado ela.” Kahlan quase suspirou de alívio.

Olhou de volta para Karsh, que estava tomando outro gole. “O que o Príncipe Fyren tem a dizer sobre isso?”

“Fyren está em Aydindril! Eu estou aqui!”

“Então, talvez a Coroa não fizesse parte disso. Talvez isso fosse pouco mais do que um bando de assassinos foras-da-lei que imaginaram ser mais do que isso.”

Kahlan conhecia o Príncipe Fyren, sabia que ele era um homem racional. Dos diplomatas Kelteanos designados para Aydindril, ele era aquele que mais tinha feito para levar Kelton avante dentro da aliança de Midlands através do Conselho Central. Ele bajulou e persuadiu sua mãe, a Rainha, para seguir o caminho da paz ao invés do conflito. O Príncipe Fyren era um cavalheiro, em todos os sentidos da palavra.

“Além de ser um assassino, General Karsh, você também é um traidor da sua própria terra e da Coroa. De sua própria Rainha.”

Ele martelou sua caneca de metal na mesa. “Eu sou um patriota! Um protetor do meu povo!”

Ela se inclinou para frente um pouquinho. “Você é um bastardo traiçoeiro e um fora-da-lei assassino sem consciência. Deixo para o Príncipe Fyren a honra de condená-lo à morte. Isso será, é claro, uma sentença póstuma.”

Karsh apertou o punho. “Os bons espíritos sabem de sua traição contra o povo de Midlands! Isso prova que as palavras deles são verdadeiras! Eles nos disseram que não podemos ser livres enquanto você estiver viva! Eles nos pediram para matar todos aqueles como você! Todos aqueles que blasfemam! Os bons espíritos não vão nos abandonar em nossa luta. Derrotaremos todos que fazem a vontade do Guardião.”

“Nenhum oficial de verdade,” ela falou, desdenhosamente, “escutaria as bobagens do Sangue da Congregação.”

O mago tinha feito uma bola de fogo líquido, e estava movimentando ela para frente e para trás lentamente entre suas mãos enquanto a observava. As chamas espirravam e chiavam, soltando pequenas fagulhas. O General Riggs arrotou e então colocou as mãos na mesa e inclinou na direção dela.

“Chega de conversa. Desça aqui, sua vagabundinha, para começarmos a festa. Nós, os bravos guerreiros da liberdade, precisamos de um pouco de diversão.”

General Karsh finalmente sorriu. “E então amanhã, ou talvez no dia seguinte, você será decapitada. Nossos homens, nosso povo, vai se alegrar com sua morte. Eles exultarão com nosso triunfo sobre a Madre Confessora, o símbolo da opressão pela magia.” O sorriso dele sumiu quando virou o rosto vermelho mais uma vez, “O povo deve assistir sua punição para saber que o bem pode prevalecer! Para ter esperança! Quando tivermos sua cabeça, nosso povo poderá se alegrar!”

“Se alegrar de que todos os seus bravos guerreiros da liberdade sejam fortes o bastante para matar uma simples mulher?”

“Não,” falou o General Riggs. Pela primeira vez ele pareceu sóbrio quando olhou para ela. “Você não entendeu o verdadeiro significado do que nós fazemos. Falhou em ver a sua significância.”

A voz dele baixou, seu tom suavizou. “Estamos entrando em uma nova era, Confessora. Uma era que não tem lugar para antigas religiões. A linha das Confessoras e seus magos está no fim.”

Havia um tempo, três mil anos atrás, quando quase todo mundo nascia com o dom. A magia tinha o poder sobre todas as coisas. Aquela magia era usada para competir por poder. Magos abusavam do poder deles. Em sua ambição, matavam uns aos outros. Matavam outro que tinham o dom, e assim poucos viveram para passar ele adiante. Com o passar do tempo, aqueles com o dom foram separados da raça dos homens.

“Mesmo assim, aqueles que restaram ainda lutavam para governar, e mais tarde reduziram as fileiras daqueles nascidos com o dom. As coisas mágicas, as outras criaturas da magia que eram de responsabilidade deles, como você, estão sendo continuamente afastados da proteção e fonte de magia deles. Hoje em dia não tem

mais quase ninguém nascido com o dom. A própria magia está morrendo com eles.”

“Eles tiveram sua chance para governar, assim como Darken Rahl teve com sua magia, e falharam. O tempo deles, o tempo dos magos, é passado.”

“A proteção deles contra o crepúsculo dos seres está acabando, e assim a era da magia está no fim. O tempo dos homens está sobre nós agora, e não há lugar nesse mundo para a antiga religião moribunda que vocês chamam de magia. Chegou a hora do homem tomar seu lugar como herdeiro do mundo. A Ordem Imperial está sobre o mundo, agora, e se não fossem eles, seria o homem com outro nome. Está na hora do homem governar, na hora da magia morrer.”

Kahlan sentiu um súbito vazio. Uma lágrima inesperada desceu pelo rosto dela. Uma sensação sufocante de verdadeiro pânico cravou as garras em sua garganta.

“Escutou isso, Slagle?” ela sussurrou de modo rouco. “Você tem magia. Aqueles que você ajuda vão colocar um fim em você também.”

Ele jogou a pequena bola de fogo para a outra mão, a luz de suas chamas dançando pelo rosto sinistro dele. “É como deve ser. Magia, boa ou má, é o canal do Guardião para esse mundo. Quando eu tiver ajudado a extinguir a magia em todas as suas formas, então eu também devo morrer. Desse jeito, eu servirei ao povo.”

Riggs olhou para ela, quase com tristeza, enquanto continuou.

“Nosso povo deve ver a última personificação viva dessa religião morrer. Você é o símbolo dela, a última criatura mágica criada por magos. Com a sua morte, eles ficarão cheios de esperança para o futuro, e serão encorajados a extinguir todas as formas restantes de corrupção e perversão que são a magia.

“Nós somos a lâmina do arado. Essas terras que agora estão infestadas de magia serão libertas de sua mácula, e poderão ser arrumadas por pessoas virtuosas. Então, finalmente, todos estaremos livres de seus dogmas, que não tem participação alguma na glória do futuro do homem.”

Ele endireitou o corpo, bebendo um gole de sua caneca. A crueldade retornou em sua voz. "Depois que acabarmos com você, então vamos dar um jeito em Galea, e no resto das terras." Ele bateu com a caneca. "Até a nossa vitória completa e total, nós fazemos guerra!"

A fúria cresceu dentro dela, banindo a momentânea sensação de perda e pânico, cresceu em nome de todos aqueles seres, os seres no crepúsculo, que dependiam dela para ter voz e proteção.

Ela assentiu lentamente enquanto encarava o olhar do general.

"Em minha posição como Madre Confessora, o mais alto posto de autoridade em Midlands, posição para a qual todos devem prestar reverência, eu concedo seu desejo." Ela se inclinou para frente e falou sussurrando. "Que a guerra seja feita. Por minha palavra e função, a nenhum de você será fornecida piedade."

O punho de Kahlan levantou na direção do mago. Foi por causa dele que ela veio.

O peito dela pulsou de cólera, e de horror com a loucura desses homens. Deixou a magia emergir dentro dela, pedindo para ser liberada, pedindo a morte desse mago.

Foi por causa dele que ela veio. Não deveria falhar. A Raiva de Sangue gritou através dela.

Ela invocou o relâmpago.

Nada aconteceu.

Por um instante ela congelou em pânico com a falha da magia. Então Riggs atirou-se para segurar a perna dela.

Kahlan puxou as rédeas. O feroz cavalo de batalha saltou. Ele relinchou quando empinou, chutando o ar com as pernas dianteiras. Kahlan agarrou a crina dele. Um dos cascos acertou Riggs no rosto, jogando-o para trás. Os cascos desceram batendo sobre a mesa, despedaçando-a. Homens em cadeiras caíram para trás. Os cascos dianteiros de Nick esmagaram a cabeça de um dos oficiais D'Haran, a perna de outro.

O cavalo girou e chutou os homens. Kahlan bateu com os calcanhares nele, e ele saltou em um galope enquanto o mago estava levantando. Homens surpresos atiravam-se para fora do caminho. Ela olhou rapidamente por cima do ombro para ver o mago

esticando os braços. Uma bola de fogo do mago ganhou vida diante dele, rodopiando no ar, aguardando o comando. Ele esticou os braços novamente, lançando o fogo na direção dela.

O cavalo de batalha saltou por cima de fogueiras e homens, chutando neve e madeira flamejante. Suas pernas bateram em cordas de tendas, derrubando-as. Kahlan avistou o que queria, o que queria mais do que a própria vida, e manobrou o cavalo na direção daquilo.

Podia ouvir o som do fogo do mago aproximando-se dela. Podia ouvir os gritos dos homens inesperadamente atingidos por ele. Deu mais uma olhada para ver a bola de chamas azul e amarela atravessando as tendas e homens, crescendo o tempo todo, fazendo um curso tão bêbado quanto o mago. Fogo do mago tinha que ser guiado, e nesse estado, o mago estava tendo dificuldade em controlar o que tinha criado. Se ele estivesse sóbrio, agora ela estaria morta.

Queridos espíritos, ela rezou, se eu tiver que morrer, primeiro permitam que eu tenha tempo bastante para fazer o que devo .

Kahlan atingiu seu objetivo. Quando passava galopando, arrancou uma lança de um banco de neve e deu meia volta no cavalo. Bateu com os calcanhares, e Nick disparou em frente a todo galope.

A bola de fogo chiou na direção dela, colocando fogo em tendas e homens. Ela cresceu e tremeu enquanto a distância reduzia.

A lança era inesperadamente pesada, feita para homens que tinham mais força muscular do que ela, e ela precisava carregá-la de ponta para cima para poupar sua força. O cavalo de batalha não se abalou enquanto galopava, nem com o barulho, a confusão, os homens correndo ou o fogo do mago. Ela virava para um lado e então para o outro, os cascos de Nick enterrando na neve. Ela desviou de obstáculos, seguindo caminho na direção do fogo do mago a toda velocidade. Na direção do mago.

Slagle tentou mudar o curso do fogo, para bloquear o avanço dela, toda vez que ela desviava em sua corrida.

As reações dele eram lentas, mas enquanto a distância diminuía, ela sabia que ele não precisaria ser rápido para acertá-la.

No último instante, ela desviou o cavalo para a direita. O fogo rugiu tão perto que ela conseguiu sentir o cheiro do ar queimando, e então ela estava correndo novamente.

Enquanto ela disparava com o cavalo adiante, o fogo do mago explodiu atrás, espalhando-se pelo chão como uma represa estourando. Os gritos de morte pavorosos de homens e bestas atingidos no incêndio encheram o ar da noite. Dúzias de homens, todos pegando fogo, rolavam pela neve, tentando apagar as chamas. Mas fogo do mago não era tão fácil de apagar; ele tinha um propósito para estar vivo.

Os uivos de dor causavam pânico naqueles ao redor que não sabiam o que estava acontecendo. Homens gritavam com medo de espíritos que pensavam estar atacando eles. Espadas eram sacadas e balançadas, atingindo alguns que corriam do fogo tentando salvar suas vidas. Batalhas surgiram do nada. Agora o ar carregava não apenas o sufocante odor de carne queimada, mas também o de sangue.

Ela ignorou os gritos e buscou o silêncio interior.

O mago recuou tropeçando e caiu. Ele levantou balançando os braços. Fogo surgiu no ar dentro do arco de seus dedos.

Embora houvesse confusão por toda parte, só uma coisa enchia sua visão. O mago.

Ela apoiou a lança, enfiando a base dela debaixo da axila direita, apertando sua pegada no cabo coberto de couro. Cerrando os dentes, ela usou toda sua força para levantar a pesada lança acima da cabeça de Nick, voltada para o lado esquerdo, de forma que não se desequilibrasse em cima da sela.

Nick seguiu a direção dela como se pudesse ler sua mente. Ela fez ele correr a toda velocidade, mas para ela parecia que cruzar as últimas dez jardas levava horas, uma corrida entre o seu ataque e o mago invocando o fogo.

O mago Slagle levantou os olhos para direcionar o fogo justamente quando a lança dela o atingiu no peito. O impacto fez a

lança em pedaços bem no centro e quase partiu o mago ao meio. Ela e o cavalo voaram através de um jato de sangue.

Kahlan girou o pedaço de lança para um homem que se atirava na direção dela, acertando-o na cabeça. O impacto arrancou a lança de sua mão. Ela deu meia volta no cavalo e inclinou-se para frente sobre o lombo dele enquanto galopava a toda velocidade de volta através da confusão em volta das tendas do comando. O coração dela batia tão rápido quanto os cascos do cavalo.

Um dos oficiais D'Haran da mesa estava de pé e gritando por um cavalo. Homens saltaram sobre as costas nuas de cavalos. Enquanto começava a colocar distância entre eles, ela podia ouvir ele gritar que se eles falhassem em capturá-la seriam arrastados e esquartejados. Uma rápida olhada mostrou cerca de três dúzias de cavaleiros se unindo na perseguição.

Longe das tendas de comando, de volta pelo caminho por que tinha vindo, homens não sabiam o que estava acontecendo, e viam um cavaleiro galopando simplesmente como parte das festividades bêbadas. Ninguém se moveu para detê-la. Homens, tendas, fogueiras e lanças enterradas de ponta para cima na neve, pilhas de piques, cavalos e carroças passavam rapidamente em um borrão.

Nick pulava tudo que não conseguia desviar. A ameaça dele não pular ou desviar fazia com que homens mergulhassem buscando proteção.

Homens que participavam de jogos caíam para fora do caminho, moedas e dados voando no ar. Tendas arrancadas quando as pernas de Nick engatavam nas cordas delas, voavam e formavam vagalhões logo atrás, atrapalhando os perseguidores dela. Cavalos e cavaleiros desmoronavam. Outros corriam por cima de seus próprios homens na sua frenética tentativa de não perdê-la de vista.

Kahlan avistou uma espada pendurada em uma bainha que estava amarrada ao lado de uma carroça, e quando passava correndo, arrancou-a. Ao passar galopando por estacas de sustentação, ela balançou a espada, cortando as cordas principais. Cortou o traseiro de um cavalo quando passou correndo. Ele começou a dar coices e gritar de medo e dor, assustando o resto dos

cavalos. Eles dispararam em todas as direções. Lanternas em estacas caíram em cima de tendas, colocando fogo nelas.

Os cavalos em perseguição hesitavam perto das chamas, empinando e pinoteando, jogando seus cavaleiros ao chão. Um homem pulou de repente no caminho dela, evitando os cascos de Nick e tentando agarrá-la. Kahlan enfiou a espada no peito dele enquanto passava voando. O cabo escapou da mão dela. Ela inclinou para frente e segurou firme enquanto Nick correu pelo acampamento sem fim. Os homens que a perseguiam não estavam tão perto, mas ainda continuavam vindo.

De repente, ela estava fora do acampamento, galopando pela neve em campo aberto. Kahlan seguiu seus próprios rastros sob a fraca luz da lua. O cavalo musculoso avançava através da neve quase como se ela não estivesse ali.

Finalmente ela alcançou as árvores, e antes de mergulhar entre elas e subir as ladeiras escapadas, ela olhou por cima do ombro.

Cerca de cinqüenta homens estavam a menos de três minutos atrás. Conseguiria abrir liderança enquanto subisse pela trilha na floresta, mas eles ainda alcançariam ela.

Ela iria certificar-se disso.

CAPÍTULO 39



“Calma agora,” ela avisou. Um casco hesitante escorregou. “Para trás, para trás, para trás. Vamos lá garoto, para trás.”

Descendo a ladeira logo atrás, ela podia ouvir os sons da perseguição; um homem, provavelmente um dos oficiais D'Haran, gritando furioso com toa força dos pulmões para que não deixassem ela fugir, e outros incitando seus cavalos subindo pela trilha íngreme. Quando eles alcançassem o terreno plano onde ela estava, eles entrariam em pleno galope novamente.

Kahlan puxou suavemente as rédeas. Nick levantou seu casco do gelo e recuou, dentro do espaço estreito entre os pinheiros carregados de neve, de volta pelos rastros dele.

Ela encontrou o galho comprido, com a ponta bifurcada que ela havia talhado em uma espécie de alavanca, enfiado de ponta para cima na neve onde ela o havia deixado ao lado dos troncos gêmeos de abetos. Ela o levantou, e começou a empurrar os pesados galhos carregados de neve. O ombro dela estava doendo por causa da lança que despedaçou quando a estava segurando debaixo de seu braço.

Enquanto fazia Nick recuar dentro das árvores, para fora da trilha dela, ela segurou a comprida alavanca por cima da cabeça dele, empurrando os galhos. Livres de suas cargas, eles levantaram, ocultando parcialmente a abertura entre as árvores. O mais importante, a neve caiu no chão, encobrendo os rastros dela. Ela empurrou um galho aqui, outro ali, derrubando sua neve por cima dos rastros de Nick, cobrindo-os, fazendo parecer algo natural, como se o vento simplesmente tivesse livrado os galhos de sua carga.

Ela agradeceu silenciosamente a Richard, por ter lhe ensinado sobre rastros. Ele havia dito que faria dela uma mulher da floresta.

Estava triste por Richard. Tinha certeza de que ele não aprovaria o risco desesperado que ela estava correndo com ajuda do que tinha lhe ensinado.

Mas não poderia permitir que esses homens seguissem os rastros dela até os Garotos Galeanos. Havia uma chance de que alguns voltassem para contar o que tinham visto, e então os Galeanos seriam massacrados. Se nenhum desses homens retornasse, levaria muito tempo até mais algum fosse enviado, se alguém fosse enviado.

Mesmo se fossem, nesse momento seria tarde demais; faria muito tempo que ela teria subido pelas passagens através quais tinha vindo, onde o vento rugia e derrubava neve constantemente, e eles perderiam os rastros dela. Não saberiam para onde ela teria seguido. A partir de lá, as montanhas e florestas continuavam em extensões de terra sem fim, e o rastro dela teria sido visto pela última vez conduzindo de modo constante para longe de seu verdadeiro destino.

Os que estavam lá no acampamento ficariam confiantes de que esses soldados a pegariam mais cedo ou mais tarde, e com a possibilidade de pilhagem a poucos dias de distância, eles voltariam sua atenção para isso.

O trovejar abafado pela neve dos cascos trouxe a mente dela de volta para o que estava fazendo. Os homens haviam chegado na área plana, e estavam correndo a plena velocidade novamente. De modo constante, ela abriu caminho de volta por entre as árvores, balançando galhos, cobrindo seus rastros, voltando na direção do caminho por onde veio dirigindo-se até o exército da Ordem Imperial. Os sons de perseguição estavam quase sobre ela.

Kahlan inclinou-se quase todo o caminho, acariciando com um braço o pescoço do cavalo. Ela sussurrou na direção das orelhas dele, e elas se moviam com o som da voz dela.

“Calma agora, Nick. Por favor não se mexa nem faça nenhum som.” Ela tocou no pescoço suado dele outra vez. “Bom garoto. Calma agora.”

Para ela parecia que qualquer um seria capaz de escutar claramente o coração dela batendo no peito.

Os perseguidores tinham alcançado ela. Enquanto disparavam seguindo o rastro, bem na frente dela, eles atravessaram pelas árvores a esquerda dela, a menos de dez jardas, a toda velocidade. Kahlan prendeu a respiração.

Ela escutou o som de cascos quando eles chegaram na inclinação gelada escondida sob as sombras geradas pela lua, um pouco adiante daquelas árvores, logo depois do rastro falso dela. Ela havia levado os rastros entre aquelas árvores, até a beira rochosa de uma riacho, onde sua água despencava, onde não estava congelado, acima de um penhasco.

Era uma corrente de água pequena, mas quando congelou, mais água tinha borbulhado e espumado por cima daquela que já estava congelada, transformando a área em um Palácio de gelo. A neve tinha sido levada pela água enquanto ela descia, fazendo com que os montes de gelo formassem um declive escorregadio.

Quando os homens cruzavam as árvores, não tinham nem vinte pés para deter sua corrida acelerada antes da beira do penhasco, antes que a rocha e o gelo terminassem, e apenas o ar estivesse adiante. E tinham que fazer isso em montes de gelo em cascata. Onde havia gelo bastante liso, como um lago, os cavalos poderiam enterrar suas ferraduras de aço, deslizando, e tentar parar. Mas não era plano, era formado por gelo polido pela água, e enquanto escorregavam, se debatiam e desciam em grande velocidade, eles não tinham chance.

Kahlan podia ouvir o som de pernas de cavalos partindo, quando milhares de músculos se movendo a plena velocidade não poderiam ser parados por cascos que engatavam em fendas. Os cavaleiros eram apenas passageiros impotentes.

Os homens davam gritos de encorajamento para suas montarias, e os que estavam atrás não reconheciam rápido o bastante a mudança de gritar com raiva para gritar com medo. Os que vinham atrás chocavam-se com os que estavam na frente, caindo uns por cima dos outros. Sem as selas, apenas cabrestos e nenhum freio de batalha agressivo, os cavaleiros não tinham o controle com o qual estavam acostumados, e eram carregados adiante indefesos.

Alguns pulavam de suas montarias quando saíam das árvores e conseguiam enxergar o que estava logo em frente, mas o impulso deles era grande demais, a distância curta demais, seu destino além do retorno. Os cavalos atrás, com os ossos de suas pernas partindo, caíam por cima daqueles que já estavam no chão, que procuravam desesperadamente por um ponto de apoio.

Não havia nenhum. Isso virou uma cachoeira de carne viva, despencando pela margem.

Kahlan ficou imóvel, exibindo sua expressão de Confessora, enquanto escutava os gritos de homens e cavalos misturados em um longo lamento enquanto eles desapareciam por cima do lado da montanha. No intervalo de meros segundos, estava acabado; mais de cinquenta homens e suas montarias tinham mergulhado para suas mortes.

Quando a noite tinha silenciado por algum tempo, ela desmontou e deu a volta, para manter seu falso rastro livre de qualquer outra marca, até a beira da geleira. Na luz fraca ela podia ver as manchas escuras de sangue sobre os montes de gelo. Sangue de pernas quebradas, sangue de crânios partidos. Não havia sobrado nenhum dos inimigos no penhasco.

Quando se virou para partir, escutou grunhidos baixos de desespero. Kahlan puxou sua faca e cuidadosamente seguiu na direção da origem dos sons, na direção da borda. Agarrando um galho robusto, ela se inclinou sobre a geleira. Detritos da floresta estavam congelados no gelo; gravetos e folhas tinham formado uma pequena represa na borda, sendo cobertos enquanto o gelo crescia. Isso deixava alguns galhos que se projetavam para fora da parede de gelo.

Em volta de um desses galhos estavam dedos. Um homem agarrado com a ponta os dedos no galho, suas pernas penduradas sobre uma queda de aproximadamente mil pés. Ele estava grunhindo com o esforço enquanto tentava firmar o seu pé no gelo, mas ele estava escorregadio demais para fornecer qualquer ponto de apoio.

Kahlan ficou na beira do abismo, segurando em um galho, enquanto observava ele tremendo. Filetes de água deslizavam sobre

o gelo, sobre o rosto dele, ensopando seu cabelo e o uniforme Kelteano. Os dentes dele batiam.

Ele olhou para cima para vê-la de pé acima dele sob a luz do luar. "Me ajude! Por favor, me ajude!" Ele não poderia ter idade maior do que a dela.

Ela olhou para ele sem mostrar emoção. Ele tinha grandes olhos, do tipo que mulheres jovens certamente adorariam. Mas as jovens em Ebinissia não teriam adorado quando viram esses olhos.

"Em nome dos bons espíritos, me ajude!"

Kahlan agachou-se, perto dele. "Qual é o seu nome?"

"Huon! Meu nome é Huon! Agora por favor me ajude!"

Kahlan deitou sobre o gelo, enfiando um pé em uma raiz retorcida, segurando bem firme em um galho forte com uma das mãos. Ela esticou um pouco a outra mão, mas não o bastante para Huon alcançar.

"Ajudarei você, Huon, com uma condição. Jurei que não haveria misericórdia, e ninguém a terá. Se você segurar minha mão, vou usar meu poder em você. Você será meu, agora e para sempre. Se tiver que viver, será como alguém tocado por uma Confessora. Se estiver pensando em me puxar junto com você antes que eu possa liberar minha magia, permita-me avisá-lo que não faria a oferta se houvesse essa chance. Já toquei com meu poder mais homens do que posso contar. Você não terá tempo. Será meu."

Ele piscou, água gelada escorrendo pelos seus olhos, balançou a cabeça para se livrar dela, e ficou olhando para ela.

Kahlan esticou a mão na direção dele. "De agora em diante, Huon, de um jeito ou de outro, sua antiga vida está acabada. Se viver, não será quem você é agora. Esse homem desaparecerá para sempre. Você será meu."

"Por favor," ele sussurrou, "só me ajude a subir. Não vou machucar você. Juro que vou deixar você seguir o seu caminho. Levaria horas para que eu voltasse até o acampamento a pé, e você terá partido há muito tempo nessa hora. Por favor, só me ajude a subir."

"Quantas pessoas em Ebinissia você escutou implorar por suas vidas? Por quantas você teve misericórdia?" As palavras saíram frias

como o gelo sobre o qual ela estava deitada. “Eu sou a Madre Confessora. Declarei guerra contra a Ordem Imperial sem piedade. O juramento permanece enquanto pelo menos um de vocês viver. Escolha, Huon. Morte, ou ser tocado pelo meu poder. De um jeito ou de outro, quem você é morre.”

“O povo de Ebinissia teve o que mereceu. Eu preferiria pegar a mão do próprio Guardiã do que ser tocado por sua magia imunda. Os bons espíritos nunca me aceitariam entre eles se eu fosse tocado por sua magia escura e profana.” O lábio dele se curvou em um tom de desprezo. “Para o Guardiã com você, Confessora!”

Huon abriu os braços e caiu silenciosamente dentro da escuridão.

* * *

Enquanto cavalgava de volta até os recrutas Galeanos, ela pensou sobre as coisas que Riggs, Karsh e Slagle disseram.

Também pensou nas criaturas mágicas que vivem em Midlands.

Pensou na bela terra dos fogos fátuos, com campos abertos mergulhados profundamente em florestas antigas remotas, onde os fogos fátuos se reuniam no crepúsculo para dançar juntos no ar sobre os gramados e flores, como vagalumes alegres. Ela havia passado muitas noites deitada no gramado enquanto eles flutuavam acima dela e falavam com ela sobre coisas comuns a todas as vidas: de sonhos e esperanças; de amores.

Pensou nas criaturas que viviam em Long Lake, coisas translúcidas difíceis de enxergar, parecendo quase feitas de vidro solúvel, ou da água que era o lar deles, com os quais ela nunca tinha falado, mas tinha observado emergir durante a noite para ficar sob a luz da lua em rochas e na praia; criaturas que não tinham voz, mas com as quais ela havia compartilhado compreensão, e a quais tinha prometido proteger.

Pensou no povo árvore sussurrante, com quem tinha falado em uma experiência assustadoramente bela, misteriosamente apavorante, mas de alguma forma suavemente pacífica ao mesmo tempo.

O povo árvore sussurrante estava todo unido como um só, através de suas raízes que se tocavam dentro da terra, e cada um deles falava como se fossem todos um só, como se não houvesse indivíduos; e ainda assim cada um tinha um nome para sussurrar a você se fizesse promessas de favores simples, uma comunidade que ao mesmo tempo reunia todos em um só. Cortar uma árvore ali causaria a dor da morte daquele indivíduo em todos; eles não podiam escapar do contato que sentiam uns com os outros. Se pessoas entrassem naquela terra e cortassem as árvores, seria uma tortura para todos. Kahlan já tinha visto eles sofrendo com a dor. Os seus lamentos poderiam fazer chorar as estrelas.

Também havia outras criaturas, que eram mágicas, e pessoas, que possuíam aquilo. Às vezes era difícil definir uma linha entre criaturas da floresta e pessoas. Algumas pessoas de Midlands eram parte criatura, ou talvez algumas criaturas fossem parte pessoa. Eles eram estranhos e agradáveis, e muito tímidos.

E assim continuava por toda parte com várias formas de magia, desde as coisas mais simples na Cavernas Uivantes que podiam permitir que você olhasse através da rocha sólida para ver seus ninhos, até pessoas como o Povo da Lama, que tinha apenas magia simples que faria apenas uma coisa.

Como Madre Confessora, todos esses, e muitos outros, eram de responsabilidade dela, e como Madre Confessora, ela comandava todos para proteger esses lugares mágicos, para que nenhum povo voltasse suas forças contra outros. Esse era um sistema estabelecido por Confessoras e magos que já durava milhares de anos.

Os seres no crepúsculo, assim Riggs os tinha chamado. Esse era o nome dado a essas criaturas mágicas pelo Sangue da Congregação, entre outros, porque muitos deles apareciam apenas durante a noite. Por essa razão, a Congregação os associava com a escuridão, e desse modo, por causa do medo, com a escuridão do Guardiã dos Mortos.

A Congregação considerava como magia a força através da qual o Guardiã estendia sua influência dentro desse mundo, dentro do mundo dos vivos. A Congregação era tão irracional e cabeça dura quanto qualquer homem vivo. E eles consideravam sua obrigação

mandar para a terra dos mortos qualquer um que eles pensavam servir ao Guardiã. Esses eram todos que discordavam de sua visão das coisas. Em algumas terras a Congregação era fora-da-lei, e em algumas, como Nicobarese, eram apoiados e pagos pela Coroa.

Talvez Riggs estivesse certo. Talvez ela devesse ter usado o domínio da lei para deter homens como esses. Mas essa nunca tinha sido a intenção do Conselho - fazer todos baixarem as cabeças de acordo com a vontade de uma pessoa. A força e beleza de Midlands estava em sua diversidade, mesmo que uma parte dessa diversidade fosse feia. O que era feio para um era belo para outro, e desse modo cada terra deveria ser deixada em paz para governar a si mesma, enquanto ela não decidisse levantar armas contra outra. Era um tolerante sofrimento com as coisas repugnantes para permitir o florescer de coisas belas. Às vezes era difícil e uma linha tênue sobre a qual manter o Conselho: forçar terras a trabalhar juntas em algumas coisas, mas permitir que fossem autônomas em outras.

Mas talvez Riggs estivesse certo. Povos de algumas terras sofriam com o governo cruel ou pobre de seus líderes ineficientes ou gananciosos, sem nenhuma esperança de que as coisas mudassem. Ainda que as terras sábias, mas menores, não tivessem que viver com medo de conquista exterior. Se o sofrimento do povo sob um governo menos afortunado pudesse ter fim com um sábio governo centralizado, será que as coisas não poderiam melhorar?

Mesmo quando todos vivessem sob o mesmo governo, cada uma das outras formas de existência fosse extinta, jamais tendo a chance de crescer, ainda que uma delas pudesse ter um caminho superior. O tipo de governo unificado que a Ordem Imperial representava era escravidão.

Kahlan ficou surpresa ao encontrar sentinelas Galeanos mais afastados do acampamento deles do que antes. Eles não estavam mais espalhados afastados demais, e estavam bem escondidos, aparecendo com arcos preparados e lâminas de aço quando ela estava quase em cima deles. Chandalen, Prindin e Tossidin obviamente estiveram trabalhando. Os sentinelas colocaram os punhos nos corações quando a reconheceram.

O amanhecer estava deixando o céu cinza escuro. Estava mais quente do que antes, com nuvens cobrindo a terra como uma colcha. Ela estava bastante cansada na sela quando Nick marchava pesadamente através da neve na direção do acampamento, mas quando ela avistou homens apressados ao redor, ficou alerta com os pensamentos sobre o que precisava ser feito.

Chandalen, Prindin, Capitão Ryan e o Tenente Hobson estavam falando com um grupo de homens quando viram ela cavalgando na direção do campo. Os quatro correram para encontrar com ela bem na margem da atividade. Homens estavam cozinhando, comendo, arrumando roupas, preparando armas e cuidando de carroças e cavalos. Ela avistou Tossidin, em sua pele de lobo branca, a uma certa distância com o Tenente Sloan, balançando os braços enquanto conversava com homens que permaneciam mudos, com suas lanças todas com as pontas para cima na neve, o grupo deles compacto parecendo um escuro porco-espinho em contraste com o chão branco.

Kahlan soltou um lamento cansado quando desmontou diante dos quatro homens que tinham vindo recebê-la. Outros homens ao redor continuaram com suas tarefas, mas se moviam mais lentamente enquanto a observavam com grande interesse. Os quatro na frente dela ficaram olhando fixamente de olhos arregalados. Nenhum falou uma só palavra.

“O que vocês estão olhando?” ela falou, um pouco irritada.

“Madre Confessora,” falou o Capitão Ryan, “você está coberta de sangue. Está ferida?”

Kahlan olhou para a pele branca de lobo de seu manto, ela não era mais branca. Pela primeira vez ela percebeu que a pele de seu rosto estava rígida por causa do sangue coagulado, seu cabelo duro por causa dele.

“Oh,” ela disse, em um tom suave. “Está tudo bem. Estou bem.”

Chandalen e Prindin suspiraram de alívio.

O Tenente Hobson, ainda com os olhos arregalados, engoliu em seco. “E quanto ao mago? Você viu ele?”

Ela levantou uma sobrancelha para ele. "O que você vê em cima de mim é o que restou dele."

Chandalen olhou para ela com um sorriso travesso. "E quantos mais você matou?"

Kahlan encolheu os ombros, cansada. "Eu estava muito ocupada. Não parei para contar, mas considerando todas as coisas, eu diria que, incluindo os das fogueiras, bem, mais ou menos cem. O mago está morto, isso é o que importa. Dois dos comandantes deles estão mortos também, e pelo menos mais dois estão feridos."

O Capitão Ryan e o Tenente Hobson ficaram pálidos.

O sorriso orgulhoso de Chandalen aumentou. "Estou surpreso que deixou alguns para os outros matarem, Madre Confessora."

Ela não retribuiu o sorriso dele. "Restaram muitos." Kahlan acariciou o nariz do cavalo dela. "Nick fez a maior parte do trabalho."

"Eu disse que ele não iria desapontar você, Madre Confessora," Hobson falou.

"Isso ele não fez. Foi uma ajuda melhor do que os bons espíritos. Ele me manteve viva hoje."

Kahlan desceu sobre um joelho na neve diante dos dois oficiais Galeanos. Ela baixou a cabeça.

"Acho que devo pedir o seu perdão." Ela segurou uma das mãos de cada um nas mãos dela. "Embora vocês não saibam como fazer o que deve ser feito, vocês colocaram sua obrigação com Midlands na frente de minhas ordens. Isso foi coragem do mais alto nível. Quero que todos vocês saibam que eu estava errada. Vocês agiram com intenção nobre." Ela beijou cada uma das mãos. "Eu enalteço os seus corações honrados. Mantiveram em mente sua obrigação acima de tudo mais. Peço que me perdoem."

Houve silêncio enquanto ela ficava abaixada sobre um joelho. Finalmente o Capitão Ryan sussurrou para ela.

"Madre Confessora, por favor. Levante. Todo mundo está olhando."

"Não até que vocês me perdoem. Quero que todos saibam que você s fizeram a coisa certa."

"Mas você não tinha percebido o que estávamos fazendo, ou porque. Só tinha a nossa segurança em mente." Kahlan esperou e

ele ficou em silêncio por um tempo maior, envergonhado. “Está bem. Eu perdôo você... Não vai fazer isso de novo?”

Ela ficou de pé, soltando as mãos deles e dando um pequeno sorriso sem graça. “Certifiquem-se de que esta seja a última vez que me desobedecem.”

Capitão Ryan assentiu, sério. “Farei isso.” Ele balançou a cabeça. “Quer dizer, não, não vou, quer dizer eu... Nós faremos como você manda, Madre Confessora.”

“Entendo o que você quer dizer, Capitão.” Ela soltou um suspiro cansado. “Temos muito trabalho a fazer antes de atacarmos aqueles homens.”

“Nós!” Chandalen gritou. “Só deveríamos ensinar algumas coisas para eles, e então *nós* seguiríamos nosso caminho até Aydindril! Não podemos nos envolver nessa batalha. Você já arriscou demais! Nós devemos...”

Kahlan interrompeu ele. “Devo falar com vocês três. Traga Tossidin. Capitão, por favor reúna os homens, incluindo os sentinelas. Quero falar com todos vocês juntos. Por favor aguarde com seus homens. Estarei com vocês em breve. E deixe uma tenda pronta para mim. Preciso de algumas horas de sono enquanto as coisas estão sendo preparadas.”

Ela caminhou se afastando um pouco, para fora do alcance dos ouvidos do acampamento, com Chandalen a reboque, enquanto Prindin procurava Tossidin.

Quando estavam todos juntos, ela virou para eles. Chandalen estava olhando com raiva, os outros dois esperavam sem demonstrar emoção.

“O Povo da Lama,” ela começou em um tom suave, “tem magia.”

“Não temos magia nenhuma,” Chandalen afirmou.

“Sim, vocês tem. Não consideram isso como magia porque nasceram com isso e é o único modo como conhecem.”

“Vocês não sabem a respeito de outros povos, dos costumes deles. O Povo da Lama pode falar com os espíritos dos seus ancestrais.”

“Conseguem fazer isso porque possuem magia. Você acha simplesmente que é assim que as coisas funcionam, mas isso não acontece em outros lugares, com outros povos. Sua habilidade para fazer essas coisas é magia. A magia não é alguma força poderosa e estranha, simplesmente é o modo como são alguns povos, algumas criaturas.”

“Outros podem falar com seus ancestrais, se quiserem,” Chandalen disse.

“Alguns podem, mas a maioria não. Para eles, isso é falar com os mortos, e isso é magia. Magia assustadora. Você, e eu, sabemos que ela não deve ser temida, mas você nunca vai convencer os outros que aquilo que você faz é bom. Eles sempre vão pensar que isso é mau. As pessoas acreditam no que foram criadas para acreditar, e elas foram criadas para acreditar que falar com os mortos é mau.”

“Mas os espíritos de nossos ancestrais nos ajudam,” Prindin falou. “Eles nunca fazem o mal. Só trazem ajuda.”

Kahlan colocou uma das mãos no ombro dele enquanto olhava nos seus olhos preocupados. “Eu sei. É por isso que eu ajudo a manter os outros longe de vocês, para que possam viver como quiserem. Tem poucos outros povos que falam com seus ancestrais, como vocês fazem, e eles também tem essa magia. Tem outros povos, e outras criaturas, que possuem magia diferente de vocês, mas ela é tão importante para eles como a sua é para vocês.” Ela olhou para cada um deles. “Vocês entendem.”

“Sim, Madre Confessora,” Tossidin falou.

Prindin assentiu. Chandalen grunhiu e cruzou os braços.

“A coisa importante, porém, não é se você acredita que aquilo que tem pode ser chamado de magia. O importante é você entender que outros acreditam que aquilo que você faz é magia. Muitos temem a magia. Pensam que você é mau porque pratica essa magia.”

Kahlan apontou na direção do exército da Ordem Imperial. “Aqueles homens, aqueles que perseguimos, aqueles que mataram todas as pessoas lá na cidade, estão unidos por uma causa. Desejam governar todas as pessoas de Midlands. Eles não querem

que ninguém viva da maneira que desejar, mas para fazer reverência ao governo deles.”

“Porque eles iriam querer governar o Povo da Lama?” Prindin perguntou. “Não temos nada que eles poderiam querer. Nós ficamos em nossas terras.”

Chandalen descruzou os braços e falou devagar. “Eles temem magia, e querem que nós paremos de falar com nossos ancestrais.”

Kahlan apertou o ombro dele. “Isso mesmo. Mais do que isso, eles pensam que é sua obrigação com os espíritos a devoção deles em matar todos vocês. Estão em uma missão para destruir todos os que possuem magia, porque pensam que a magia é ruim.”

“Eles acreditam que pessoas como vocês tem magia.” Ela encontrou os olhos de Chandalen. “Se eles não forem mortos até o último homem, como os Jocopos, mais cedo ou mais tarde, eles virão destruir o Povo da Lama, do mesmo jeito que destruíram a cidade de Ebinissia.”

Os três homens observaram o chão, pensativos. Ela esperou que eles pesassem as palavras dela. Finalmente Chandalen falou.

“E eles matariam as outras pessoas, aqueles que não querem ter estranhos entre eles, querem viver sozinhos, como o Povo da Lama?”

“Matariam. Falei com os homens daquele exército. São como homens loucos. Eles falam como se tivessem sido visitados por espíritos maus, como os Bantaks. Como os Jocopos. Não vão escutar a razão. Eles pensam que somos nós quem escutamos espíritos maus. Eles farão como prometeram. Vocês viram a cidade que eles destruíram e o tamanho do exército que a defendia; essa não é uma ameaça vazia.”

“Devo chegar até Aydindril para que eu possa juntar um exército para lutar contra esses homens. Os conselheiros já devem estar fazendo isso, mas eu tenho que chegar lá para ter certeza de que a extensão da ameaça seja conhecida, para ter certeza de que toda Midlands se una nisso.”

“Mas agora não tem força alguma por perto para combater esses homens, a não ser esses garotos. Tem cidades que serão

destruídas antes que ajuda possa chegar. Pior, a ameaça que esses homens propõem vai convencer alguns a se juntar a eles.”

“Alguns enxergam a honra como uma inconveniência e vão passar para o lado do exército que eles acham que vencerá. Isso vai aumentar suas fileiras.”

“Antes que Aydindril consiga enviar tropas para encontrar e derrotar esses homens, muitos morrerão. Temos que chamar esses garotos para entrar na luta agora, antes que mais inocentes sejam massacrados. Esses garotos foram voluntários para tornarem-se guerreiros, como você, para proteger o povo deles, o povo de toda Midlands. Devemos ajudá-los nisso. Não podemos deixar esse exército de homens maus escapar para vagar por Midlands, matando, destruindo, e atraindo mais pessoas para o lado deles.

“Devemos começar a batalha com esses garotos, ajudá-los, mostrar a eles, para ter certeza de que eles saberão como lutar, e para saber que vão continuar sem nós para conduzi-los. Devemos guiá-los na primeira batalha, para dar a eles confiança no jeito que os ensinamos, antes que possamos seguir nosso caminho até Aydindril.”

Chandalen olhou para ela desconfiado. “E você vai chamar o raio para nos ajudar?”

“Não,” Kahlan sussurrou. “Eu tentei noite passada, mas ele não veio. É difícil explicar para você, mas acredito que porque eu invoquei essa magia especial em benefício de Richard, ela não vai funcionar a não ser para protegê-lo. Sinto muito.”

Chandalen descruzou os braços. “Então como você matou tantos?”

Kahlan tocou no braço dele, onde estava a faca de osso. “Do mesmo jeito que seu avô ensinou a seu pai, e ele para você. Eu não fiz o que eles esperavam. Não lutei do jeito deles.” Os dois irmãos se inclinaram prestando bastante atenção enquanto ela falava. “Eles gostam de beber, e quando estão bêbados, não pensam muito bem, e são lentos.”

Tossidin apontou para trás com um polegar. “Aqueles homens também gostam de beber durante a noite. Tem uma carroça disso

entre os suprimentos deles. Nós não permitimos que eles bebessem. Alguns ficaram zangados. Disseram que era um direito deles.”

Kahlan balançou a cabeça. “Esses garotos também pensaram que seria certo marchar direto até um inimigo que os supera em número em dez para um e entrar em batalha em plena luz do dia. Devemos ajudá-los nisso. Devemos ensinar a eles o que fazer.”

“Eles não gostam de escutar.” Prindin olhou para trás por cima do ombro, para os homens que estivera tentando ensinar.

“Eles querem discutir sempre. Eles falam *esse é o jeito que isso deve ser feito e devemos fazer isso assim*. Eles só ficam satisfeitos com o jeito que foram ensinados, e não gostam que digam de outra maneira.”

“Mesmo assim, é isso que devemos fazer,” Kahlan falou. “Devemos guiá-los no caminho que vai funcionar. É por isso que preciso de vocês três. Preciso que me ajudem nisso, ou muitas pessoas, incluindo, logo depois, o Povo da Lama, irão morrer. Preciso da sua ajuda nisso. Devo liderar eles na batalha.”

Chandalen ficou mudo e imóvel. Os dois irmãos empurravam neve com os pés, pensando. Finalmente Prindin levantou os olhos.

“Nós ajudaremos. Meu irmão e eu faremos como você pede.”

“Obrigado, Prindin, mas não é você quem deve decidir. Quem deve concordar é Chandalen. A decisão é dele.”

Os dois irmãos olharam para ele enquanto ele ficava olhando para ela. Finalmente ele soltou um suspiro exasperado.

“Você é uma mulher teimosa. Você é tão teimosa que vai acabar sendo morta se nós três não estivermos lá para colocar algum juízo na sua cabeça. Nós vamos com você para matar esses homens maus.”

Kahlan suspirou aliviada. “Obrigada, Chandalen.” Ela se abaixou e encheu a mão de neve, usando-a para limpar o sangue coagulado do rosto. “Agora eu tenho que falar para aqueles garotos o que devem fazer.” Jogou a neve das mãos dela quando tinha acabado a limpeza. “Vocês três dormiram ontem a noite?”

“Um pouco,” Chandalen disse.

“Bom. Depois que eu falar com eles, preciso tirar algumas horas de sono. Vocês podem começar mostrando a eles como viajar

sem as carroças. Temos que ensinar eles a serem fortes, como vocês. Vamos começar a matança esta noite?"

Chandalen assentiu, desgostoso. "Esta noite."

CAPÍTULO 40



Kahlan subiu em cima de uma carroça diante dos homens reunidos. Eles estavam em pé, usando casacos de lã marrons, bem unidos na frente dela na luz cinza do amanhecer. Capitão Ryan, com seus dois tenentes ladeando ele, ficaram na frente dos homens. Ele encostou um braço na roda da carroça, esperando.

Kahlan observou todos os rostos jovens. Garotos. Ela estava prestes a pedir que garotos morressem. Mas que escolha tinha?

Querida mãe, ela pensou, essa é a razão pela qual escolheu Wyborn como meu pai? Para me ensinar o que estou prestes a fazer?

“Estou com medo de dizer que tenho poucas notícias boas para vocês,” ela começou com uma voz calma que flutuava pelo ar frio, por cima de todos os rostos que observavam, “e então vou falar isso primeiro, para dar a vocês coragem para as outras coisas que tenho para dizer.”

Kahlan tomou fôlego. “Sua Rainha não foi morta em Ebinissia, nem os homens que atacaram a cidade a encontraram ou capturaram. Ou ela estava longe quando o ataque aconteceu, ou escapou.”

“A Rainha Cyrilla está viva.”

Os garotos pareceram dar um suspiro profundo, como se estivessem esperando que ela não acrescentasse mais nada, e então eles explodiram em uma grande alegria. Jogaram os braços para o ar, balançando os punhos para o céu. Gritaram e assobiaram com felicidade e alívio.

Kahlan ficou parada em seu manto de lobo manchado de sangue, com as mãos para os lados, deixando que eles tivessem o seu momento de celebração e esperança. Alguns dos garotos,

esquecendo por um momento que eram soldados, abraçaram uns aos outros. Ela observou lágrimas de felicidade em muitos rostos enquanto homens pulavam e gritavam.

Kahlan sentiu-se pequena e insignificante enquanto a multidão de garotos expressavam sua adoração por sua meia-irmã.

Não conseguia ter forças para interromper a alegria deles.

Finalmente o Capitão Ryan subiu na carroça perto dela. Levantou os braços, pedindo por silêncio.

“Muito bem! Muito bem! Contenham-se! Parem de agir como um monte de crianças na frente da Madre Confessora! Mostrem a ela os homens que são!”

A comemoração finalmente morreu, para ser substituída por sorrisos e olhos brilhantes. O Capitão Ryan juntou as mãos e lançou para ela um olhar um pouco envergonhado antes de se afastar alguns passos em cima da carroça, para dar espaço a ela.

“O povo de Ebinissia,” ela continuou, com o mesmo tom suave, “não teve tanta sorte.”

O silêncio do inverno tornou-se pesado. Leves brisas sopraram galhos cheios de gelo nas árvores subindo pelas ladeiras em ambos os lados da passagem no vale que abrigava o acampamento deles. Os sorrisos murcharam.

“Cada um de vocês, pelo menos, tinha amigos que foram assassinados ali. Muitos de vocês tinham pessoas amadas, famílias, que morreram nas mãos dos homens algumas horas subindo essa passagem.” Kahlan limpou a garganta e engoliu em seco enquanto os olhos dela encontraram o chão. “Eu, também, conhecia pessoas que morreram ali.”

Os olhos dela levantaram. “Ontem a noite, fui até o acampamento deles, para descobrir quem eram, e se poderiam ser convocados para voltar para suas terras. Eles não possuem intenção de fazer mais nada a não ser conquistar todas as terras e colocá-las sob o governo deles. Juraram matar todo aquele que se recusar a juntar-se a eles. Ebinissia recusou.”

Os garotos gritaram e balançaram os punhos. Eles mesmos, eles disseram, colocariam um fim na ameaça.

Ela falou mais alto do que eles, fazendo com que ficassem em silêncio. “Os que massacraram aqueles homens e mulheres são chamados de Ordem Imperial. Eles não lutam em benefício de nenhuma nação ou terra.”

“Lutam para conquistar todas as terras, e governar todas as terras. Não respondem a governo algum, a nenhum Rei, a nobre algum, a nenhum Conselho. Acreditam que eles mesmos são a fonte da lei.”

“São formados na maioria por homens D'Haran, mas outros juntaram-se a eles. Eu vi Kelteanos entre eles.”

Ondas de sussurros furiosos espalharam-se entre a multidão. Kahlan deixou aquilo continuar por um momento. “Também vi, entre eles, homens de outras terras. E vi Galeanos.”

Dessa vez vozes surpresas e furiosas gritaram que não era verdade, e disseram que eles estava errada.

“Eu os vi com meus próprios olhos!” Mais uma vez eles ficaram em silêncio. Ela suavizou o tom. “Gostaria que não fosse verdade, mas eu os vi. Homens de muitas terras se juntaram a eles. Mais homens se juntarão se acreditarem que podem fazer parte da vitória, parte da nova lei, se acreditarem que podem participar da pilhagem e posições de autoridade e poder.

“A cidade de Cellion fica a menos de cinco dias adiante. A Ordem Imperial terá sua rendição e lealdade, ou a morte deles.

“Outras cidades, povoados e fazendas sofrerão com esses homens se eles não forem detidos. Eventualmente, todos estarão sob as espadas deles. Irei até Aydindril para organizar as forças de Midlands contra a Ordem Imperial, mas isso vai levar tempo. Durante esse tempo, os números deles crescerão com aqueles que pensarão estar do lado mais poderoso. Agora mesmo, não há ninguém capaz de impedir esses homens de matar todos no caminho deles que resistirem.”

“A não ser vocês.”

Kahlan endireitou as costas enquanto permitia que aquilo que falou fosse absorvido, e se preparava para o que diria em seguida. Deixou que o silêncio surgisse sobre o vale mais uma.

“Como a Madre Confessora de Midlands, e sem o luxo de poder consultar o Conselho Central, tive que fazer aquilo que nenhuma Madre Confessora teve que fazer durante mil anos ou mais. Com minha autoridade, sozinha, convoquei Midlands para a guerra. O exército da Ordem Imperial deve ser morto até o último homem. Nenhuma negociação ou compromisso será oferecido por Midlands. Sob nenhuma circunstância a rendição da Ordem será aceita.”

“Eu fiz um juramento em nome de Midlands que nenhuma clemência será concedida.”

Rostos admirados olhavam fixamente para ela.

“Seu eu viver ou morrer, esse decreto é irrevogável. Qualquer terra ou pessoa que por vontade própria juntar-se a Ordem Imperial lançará seu destino sob a sombra desse decreto.”

“Não é em nome de Galea que eu convoco vocês para lutar. Na função de Madre Confessora, convoco vocês para lutar por Midlands. Pois não é Galea que está sob ameaça, mas todas as terras e todos os povos livres.”

Houve um resmungar confiante de que eles estavam aptos para a tarefa. Alguns nas fileiras gritaram sua promessa de que eram os homens para fazer isso, que estavam do lado certo e que iriam triunfar.

Kahlan balançou a cabeça para todos eles. “Vocês acham mesmo? Quero que cada um de vocês olhe para os rostos ao redor.” A maioria deles ficou olhando para ela. “Façam o que eu digo! Olhem para todos os lados em volta! Olhem para seus colegas!”

Um pouco confusos, eles começaram a olhar ao redor, virando para ver aqueles que estavam dos lados e atrás, sorrindo e rindo entre si, como se fosse um jogo.

Quando eles pareciam ter acabado a tarefa, ela continuou. “Poucos de vocês lembrarão dos rostos para os quais olharam hoje. Lembrem, e sintam pesar. O restante de vocês, se entrarem nessa batalha, não estarão por perto para lembrar. Eles morrerão na luta.”

No frio silêncio, Kahlan ouviu o barulho distante de um esquilo, e então aquele som também morreu.

Todos os sorrisos finalmente tinham desaparecido quando ela falou novamente. “Esses homens, a Ordem Imperial, são conduzidos

por D'Harans e a maior parte de suas tropas são D'Haran. Soldados D'Haran são treinados desde a época em que estão com a metade da idade de vocês. Eles lutam em conflitos internos em sua terra, acabam com tumultos e rebeliões; eles não praticam simplesmente táticas de batalha, eles estão vivendo isso todos os dias. Conhecem apenas uma vida de lutas. Foram expostos a isso de todas as formas. Eu confessei muitos D'Harans. A maioria não conhecia o significado de paz.”

“Desde a primavera, quando Darken Rahl os enviou contra Midlands, estiveram envolvidos naquilo que fazem melhor: guerra.”

“Lutaram batalha após batalha. Todos os que ficaram diante deles caíram.”

“Eles saboreiam a luta. Sentem prazer nela. Eles estão tão perto de não sentir medo quanto um homem pode estar. Eles fazem competições, geralmente letais, para ganhar o direito de estar na dianteira da batalha, para ganhar o direito de ser o primeiro a desferir um golpe no inimigo, para ganhar o direito de ser o primeiro a cair.”

Ela avaliou os rostos jovens. “Vocês possuem confiança em seu treinamento, em suas táticas de batalha?” Os rostos assentiram, olhando uns para os outros, sorrindo para mostrar sua confiança.

Kahlan apontou para um, um sargento, pela aparência das faixas em seu casaco. “Diga-me então. Agora você está no campo de batalha, tendo perseguido esses homens, e aqui vem o inimigo, de volta para atacar. Você está no comando de piqueiros e arqueiros. Aqui vem eles. Milhares deles, gritando, correndo, vindo rasgar sua força em dois, para destruir o apoio do seu exército. Você vê que eles tem pesadas lanças, chamadas por eles de argônios, com longos espinhos finos. Se perfurarem você, será quase impossível removê-los. Eles causam terríveis ferimentos que quase sempre são fatais. Aqui vem eles, com seus argônios. Milhares de homens. Qual é a sua tática?”

O jovem levantou o queixo, confiante. “Reunir um conjunto compacto de piques em formação de uma caixa ou cunha para proteger os arqueiros. Os piqueiros levantam os piques e juntam os escudos, recebendo o inimigo com uma espessa parede

impenetrável. Os escudos protegem os piqueiros, que protegem os arqueiros. Os arqueiros derrubam eles antes que consigam chegar perto o bastante para usar os argônios. Os poucos que conseguirem caem sobre os piques. O ataque deles é repellido e, com toda certeza, eles perderam uma boa quantidade de homens no ataque frustrado, tornando outra tentativa menos provável.”

Kahlan assentiu, como se estivesse impressionada. “Bem colocado.” Ele sorriu. Os homens ao redor dele sorriam com orgulho pelo conhecimento de seu negócio. “Eu vi alguns dos exércitos mais experientes de Midlands usando essa mesma tática quando os D’Harans apareceram pela primeira vez, na última primavera, quando a fronteira caiu.”

“Bem, aqui está,” o homem disse. “Eles perdem o ataque contra os arqueiros e na ponta de nossos piques.”

Ela mostrou um pequeno sorriso para ele. “A diante ira D’Haran, aqueles homens sobre os quais eu falei, os maiores, os mais ferozes, aqueles que ganharam o direito de ser os primeiros a atacar você? Bem, eles criaram suas próprias táticas especiais, para usar contra os seus planos. Para começar, eles tem escudos contra as flechas, então enquanto se aproximam correndo, estarão protegidos da maior parte do ataque dos arqueiros.”

“E acho que esqueci de dizer outra coisa sobre aqueles argônios deles. Essas lanças tem setas de ferro na maior parte de sua extensão, e apenas um propósito. Enquanto o inimigo está se aproximando, a maioria não sendo afetados pelos seus arqueiros, enfiam seus argônios em vocês.”

“Nós temos escudos,” o homem afirmou. “Quando os argônios deles chegarem ao fim do caminho, estarão sobre a ponta de nossos piques.”

Ela cruzou os braços, balançando a cabeça para ele. “Os primeiros, os homens que ganharam o direito de formar a primeira onda, são homens grandes.”

“Duvido que o menor tenha braços com tamanho menor do que duas vezes os de vocês.”

“Os argônios são muito afiados. Lançados por aqueles braços poderosos, eles penetram e ficam presos em seus escudos. Os

longos espinhos evitam que eles sejam removidos.”

Os sorrisos confiantes estavam desaparecendo quando ela olhava cada um dos rostos enquanto prosseguia. “Agora você tem argônios enterrados firmemente em seus escudos. Vocês largam seus piques, sacando espadas para cortar fora as pesadas lanças. Mas os cabos são cobertos de ferro, e são resistentes. As lanças são pesadas, e as pontas inferiores arrastam no chão. D'Harans conseguem correr quase tão rápido quanto suas lanças voam. Agora, quando eles alcançam vocês, eles pulam em cima dos cabos das lanças enterradas nos seus escudos, derrubando-os no chão, deixando vocês de joelhos, e desprotegidos para seus pesados machados.”

De braços ainda cruzados, ela se inclinou na direção deles. “Eu vi homens sendo partidos quase ao meio por aqueles machados.”

Homens olharam uns para os outros, sua confiança abalada.

Ela assentiu de modo intimidador enquanto descruzava os braços. “Não estou fazendo conjecturas para vocês. Eu vi uma força D'Haran derrubar um exército experiente com quase dez vezes o tamanho deles exatamente dessa maneira. No espaço de uma hora, a batalha transformou-se da derrota dos D'Harans na derrota de seus inimigos.”

“Um ataque D'Haran com o argônio é quase tão devastador quanto um clássico ataque de cavalaria, a não ser pelo fato de que eles possuem números muito maiores do que qualquer cavalaria. E a própria cavalaria deles é qualquer coisa menos comum. Vocês não vão nem querer saber a respeito dela.”

“Eles perderam a metade de seu número no massacre de Ebinissia, e agora estão acampados, cantando e bebendo.”

“Se tivessem perdido alguns de vocês, vocês estariam com tão bom humor?”

“Sei que vocês acreditam que podem vencer uma batalha contra uma força com dez vezes o seu tamanho, e também sei que tal coisa pode ser feita. Mas são aquelas tropas experientes D'Haran que, em um campo de batalha, lutando com as táticas de guerra comuns, poderiam realizar uma façanha assim.”

“Por favor, acreditem em mim, não quero mostrar nenhum desrespeito pela bravura de vocês, mas no campo de guerra, não são páreo para eles. Ainda não. Não conseguiriam derrotar um exército da metade do tamanho deles se a batalha fosse travada do jeito que seu inimigo faria.”

“Isso não significa que não podem vencer. Significa apenas que devem fazer isso de outro jeito. Acredito que você podem vencer, e vou dizer o que devem fazer, e liderá-los no primeiro ataque, para iniciar vocês nisso. A Ordem Imperial não é invencível. Eles podem ser derrotados.”

“Deste dia em diante, nunca mais chamarei vocês de *garotos*. Deste dia em diante vocês são homens.”

“Vocês pensam em si mesmos como soldados de sua terra natal, Galea. Mas não são. Dessa vez, vocês não são. São soldados, homens, de Midlands. Pois não será apenas Galea que será conquistada, mas toda Midlands, se esses homens não forem impedidos. Convoco vocês para detê-los.”

A compacta multidão de soldados, estimulados pelo que tinham escutado, gritaram que fariam o trabalho.

Ela observou atentamente quando eles prometeram lutar até o fim. Houve suspiros furiosos de alguns na multidão, à direita dela. Homens estavam empurrando uns aos outros e discutindo. Alguns homens queriam falar, e outros estavam tentando impedir isso.

“Se vocês escolherem se juntar a essa batalha, seguirão ordens sem questionar,” ela disse. “Mas apenas dessa vez, podem falar livremente, sem punição. Se tem alguma coisa para dizer, então deixem que todos escutem agora, ou então levem para os seus túmulos.”

Um dos homens conseguiu soltar o seu braço que estava seguro por outro. Olhou para ela. “Somos homens. Não seguimos mulheres na batalha.”

Kahlan piscou para ele. “Vocês seguem a Rainha Cyrilla.”

“Ela é nossa Rainha, lutamos em nome dela. Ela não lidera nas batalhas. Isso é deixado para os homens.”

Kahlan estreitou os olhos. “Qual é o seu nome ?”

Ele olhou para os seus companheiros ao redor, e então manteve o queixo levantado. "Sou William Mosle. E fomos treinados pelo Príncipe Harold em pessoa."

"E eu," Kahlan falou, "fui treinada pelo pai dele, Rei Wyborn. Rei Wyborn também era meu pai. Sou meia-irmã de Rainha Cyrilla e do Príncipe Harold."

Houve murmúrios admirados entre a multidão. Sem tirar os olhos de Mosle, ela levantou uma das mãos para silenciá-los. "Mas isso não conta para comandar. Vocês são soldados. Sua obrigação é seguir as ordens de seus comandantes, e eles da Rainha, e ela deve seguir os comandos do Conselho Central de Midlands. O Conselho de Midlands segue as ordens da Madre Confessora."

"Por enquanto, eu assumo essa função. Meu nome de família é, como o da sua Rainha, Amnell, mas eu tenho sangue de Confessora, em primeiro lugar, e definitivamente. Sou a Madre Confessora de Midlands, e como tal, se eu disser a você para marchar dentro de um lago, então é sua obrigação marchar até que esteja respirando água e enxergando peixes. Isso deixa tudo claro o bastante para você, soldado?"

Alguns outros homens empurravam Mosle, encorajando-o a continuar com as reclamações deles. "Isso significa que pode nos dar ordens, não significa que sabe o que está fazendo."

Kahlan deu um suspiro e jogou para trás um pouco do seu cabelo duro de sangue, enfiando atrás de uma orelha. "Eu não tenho tempo, hoje, para contar sobre todo o treinamento que tive, ou todas as lutas contra as probabilidades impossíveis pelas quais passei, ou os homens que tive de matar nessas lutas."

"Vou dizer apenas que durante a noite passada, fui sozinha até o acampamento da Ordem Imperial para salvar suas vidas. Os homens da Ordem, D'Harans, temem as coisas da noite, espíritos, e para ter proteção contra isso e para ajudá-los, tinham um mago em sua companhia. Se vocês tivessem, em sua confiança no conhecimento de batalha, tentado atacar aqueles homens, aquele mago saberia o que estavam fazendo, e provavelmente usaria magia para matar todos vocês."

A expressão desafiante de Mosle não diminuiu, mas alguns dos outros começaram a sussurrar preocupados. Lutar contra o aço era uma coisa, lutar contra magia era outra bem diferente.

O Capitão Ryan deu um passo a frente. “A Madre Confessora matou o mago,” ele falou com orgulho. Houve suspiros de alívio entre os homens. “Se não fosse pela experiência dela, nós teríamos marchado para nossas mortes sem ter ao menos a chance de colocar aço contra aço. Eu, por exemplo, pretendo seguir aqueles para os quais jurei servir com minha vida: minha terra, minha Rainha, Midlands, e a Madre Confessora.”

“Vamos deter essa ameaça contra Midlands, e faremos isso seguindo aqueles aos quais juramos seguir. Entraremos em batalha sob o comando da Madre Confessora.”

“Sou um soldado do exército Galeano!” Mosle pareceu apenas ficar mais desafiador. “Não um soldado em qualquer exército de Midlands! Eu luto por Galea, não para proteger terras como Kelton!” Kahlan observou enquanto outros homens gritavam mostrando apoio. “Esse exército, a Ordem Imperial, ou seja lá como eles chamem a si mesmos, está marchando na direção da fronteira.”

“Cellion é uma cidade da fronteira, e a maior parte dela está do outro lado do rio, em Kelton! A maior parte de seus cidadãos são Kelteanos! Porque deveríamos morrer pelos Kelteanos?”

Homens na multidão estavam começando a discutir uns com os outros. O rosto do Capitão Ryan estava vermelho. “Mosle, você é uma desgraça para...!”

Kahlan levantou uma das mãos para silenciá-lo. “Não, o soldado Mosle apenas está falando aquilo em que acredita, como pedi que ele fizesse.”

“Vocês homens devem me entender. Não estou ordenando que façam isso. Estou pedindo a vocês que lutem pelas vidas de pessoas inocentes de Midlands. Dezenas de milhares de seus colegas soldados já morreram nessa batalha. Não pediria a vocês para arriscar suas vidas por algo no qual não acreditam. A maioria que entrar nessa guerra morrerá.”

“A decisão de ficar ou não é de vocês. Não estão recebendo um comando para ficar. Mas se escolherem ficar, será sob meu

comando. Não quero nenhum homem conosco que não acredite no que estamos fazendo.”

“Decidam agora, se estarão conosco ou não. Se não, então estão livres para partir, porque não servirão de ajuda alguma para seus colegas.”

A voz dela ficou tão fria quanto o ar da manhã. “Se decidirem entrar na guerra comigo, então seguirão as ordens de seus superiores. Em Midlands, não há ninguém com nível superior a mim. Seguirão minhas ordens sem questionar, ou sua punição será impiedosa. Coisas demais estão em risco para tolerar homens que não conseguem seguir ordens.”

“Se eu disser para fazerem algo, então vocês farão, mesmo se souberem que isso custará suas vidas, porque é para salvar muitas outras. Eu não dou ordem alguma sem uma boa razão, mas nem sempre terei tempo para explicá-las.”

“Seu dever é confiar em seus superiores e fazer como for ordenado.”

Ela esticou um dedo e passou lentamente apontando para eles. “Então escolham. Conosco, ou não. Mas escolham a partir de hoje, para sempre.”

Kahlan enfiou suas mãos dentro do quente manto de pele e esperou em silêncio enquanto homens discutiam e debatiam entre eles. Temperamentos esquentaram, e juramentos furiosos foram feitos. Homens juntaram-se em volta de Mosle, e outros se afastaram dele.

“Então estou partindo,” Mosle gritou para os outros. Ele balançou o punho no ar. “Não vou seguir nenhuma mulher na batalha, não importa quem seja ela! Quem vai comigo!”

Cerca de sessenta ou setenta homens reunidos perto dele gritaram mostrando seu apoio.

“Então, vão,” Kahlan comandou. “Antes que fiquem envolvidos em uma batalha na qual não acreditam.”

Tendo feito a escolha deles, Mosle e os homens com ele lançaram para ela olhares de desprezo. Ele se adiantou de modo arrogante.

“Partiremos tão logo consigamos juntar nossas coisas. Não vamos correr por causa de seu comando.” os homens na multidão se aproximaram. Antes que a briga começasse Kahlan levantou uma das mãos. “Parem! Deixem eles.”

“Fizeram sua escolha. Deixem que eles reúnam suas coisas e partam.”

Mosle virou e abriu caminho através da multidão, com seus novos homens a reboque. Enquanto eles deixavam os soldados reunidos, Kahlan contou seus números cuidadosamente. Sessenta e sete. Sessenta e sete que partiriam.

Ela olhou em todos os rostos. Mais alguém? Mais alguém deseja partir?” Ninguém moveu um músculo. “Então todos vocês querem juntar-se a essa luta?” Um grito unido ecoou. “Que assim seja. Gostaria de não ter que convocar vocês para fazer isso, mas não há mais ninguém a quem pedir. Meu coração sofre por aqueles de vocês que morrerão. Saibam que nenhum daqueles que viverem j amais esquecerá o sacrifício que vocês fazem por eles e o povo de Midlands.”

Com o canto dos olhos, ela observou os sessenta e sete homens movendo-se entre as carroças, pegando os suprimentos que achavam que precisariam. “E agora, vamos ao que deve ser feito.”

Lentamente, ela balançou a cabeça. “Vocês devem entender o que eu peço para fazerem. Não é nenhuma batalha gloriosa, como vocês pensam, onde vocês se movem como peças em um tabuleiro de jogo. Sem tática alguma para obter vantagem sobre um oponente em uma ação grandiosa. Não enfrentaremos eles no campo de batalha, mas vamos matá-los de outras maneiras.”

“Mas Madre Confessora,” alguém perto da frente falou timidamente, “é o código de honra dos soldados enfrentar um ao outro na batalha, para superar ele um uma luta justa.”

“Não tem nada de justo em ter que lutar na guerra. A única coisa justa seria viver em paz. O propósito da guerra é único: matar.”

“Todos vocês devem entender isso, pois isso é o mais importante para sua sobrevivência. Não há honra alguma em matar, não importa qual seja o método. Um morto é um morto. Matar o seu

inimigo na guerra é feito para proteger as vidas daqueles por quem vocês lutam.”

“As vidas deles não serão melhor protegidas ao matar seu inimigo espada contra espada do que massacrando ele enquanto dorme, apenas coloca mais risco nisso.”

“Não há glória nessa tarefa. É um feito oneroso. Não pretendemos dar a eles a chance de se engajar em uma batalha com determinação, para ver quem é melhor no jogo. Nosso trabalho é simplesmente matá-los.”

“Se tiverem dificuldade em enxergar a verdade nisso, então peço que avaliem a honra dos soldados contra os quais vocês lutam. Avaliem eles quando ficaram esperando em bandos para estuprar suas mães e irmãs. Avaliem o que suas mães e irmãs em Ebinissia pensaram da honra enquanto eram torturadas, estupradas e assassinadas.”

A frieza de suas palavras causou calafrios visíveis nos homens silenciosos como pedra. Kahlan teve que se controlar para evitar causar mais horror nos olhos deles, mas diante dela ainda flutuava a visão das jovens no Palácio.

“Se o inimigo estiver olhando para o outro lado, muito melhor, porque não vai enfiar uma faca em você. Se estiver a uma certa distância, com uma flecha, muito melhor, porque não terão a chance de empalar você em um argônio. Se for enquanto eles estiverem com a comida em suas bocas, muito melhor, porque não conseguiram dar um alarme. Se for enquanto eles estiverem dormindo, muito melhor, porque não terão a chance de cortar você com as espadas deles.”

“Ontem à noite, meu cavalo esmagou a cabeça de um dos comandantes D'Haran. Não houve glória alguma nisso, nenhuma honra, apenas o reconhecimento de que, talvez, aquele feito evite que alguns de vocês morram pelas mãos e inteligência dele.”

“Nisso, meu coração canta de alegria. Alegria de que talvez isso tenha salvo algumas das vidas preciosas de vocês.”

“O que fazemos é para salvar as vidas de homens e mulheres ainda vivos e daqueles que ainda não nasceram. Vocês viram o que fizeram com o povo em Ebinissia. Lembrem dos rostos daqueles

mortos. Lembrem do jeito como eles morreram, e do horror que sofreram antes. Lembrem daqueles soldados capturados, e degolados.”

“Depende de você evitar que isso aconteça com mais pessoas. Para fazer isso, devemos matar esses homens. Não há glória em fazer isso. Apenas sobrevivência.”

Lá no fundo, dos homens fizeram gestos obscenos para os que estavam em volta deles e caminharam até os homens de Mosle.

Sessenta e nove. Mas o restante continuou com firme decisão de encarar a luta.

“A hora chegou. Ela havia acabado com os inexperientes pensamentos de batalha gloriosa deles, e contou a eles a verdadeira natureza da tarefa. Tinha feito a maioria compreender a grande importância da batalha que estava adiante.

Falou para eles um pouco do que deveria ser feito. Transmitiu um entendimento mais focado da importância deles no esquema dessa luta.

A hora de colocar o fardo sobre eles irreversivelmente havia chegado, de transformá-los em um instrumento de vingança que poderia aniquilar a ameaça.

Kahlan abriu os braços para os homens diante dela, seu manto manchado de sangue pendurado.

“Estou morta,” ela gritou para o céu cinzento. Franzindo os rostos, todos eles se encolheram um pouco. “O que aconteceu com meus colegas - meus pais, filhos, mães e irmãs - me destruiu. A agonia do assassinato deles feriu mortalmente meu coração.”

Os braços dela se abriram mais ainda enquanto sua voz aumentava com a fúria.

“Somente a vingança pode me recuperar! Apenas a vitória pode fazer voltar a minha vida!”

Ela olhou dentro de todos os olhos arregalados que a observavam. “Eu sou a Madre Confessora de Midlands. Sou suas mães, suas irmãs, suas filhas que ainda não nasceram. Convoco vocês para morrerem comigo, e viver novamente apenas realizando minha vingança.”

Kahlan balançou uma das mãos. "Aqueles de vocês que se uniram a mim nisso estão mortos junto comigo. Nossas vidas só podem ser devolvidas através da vingança. Enquanto um dos nossos inimigos viver, nós estamos mortos. Não temos vida para perder nessa batalha, pois nossas vidas já estão perdidas, aqui, hoje, agora. Somente quando cada um dos destruidores de Ebinissia estiver morto nós poderemos viver mais uma vez. Até lá não temos vida."

Olhou para os rostos sérios dos homens reunidos diante dela, observando, esperando pelas palavras seguintes dela.

Na brisa calorosa, a pele de lobo manchada de sangue esfregou no rosto dela. Kahlan sacou sua faca e levantou-a para que todos pudessem ver. Encostou a arma sobre o coração.

"Façamos então um juramento, para as boas pessoas de Ebinissia que agora estão com os espíritos, e para as boas pessoas de Midlands!"

Quase todos os homens seguiram o exemplo dela, segurando suas facas sobre os corações. Sete não fizeram isso, mas, resmungando pragas, seguiram para se juntar a Mosle. Setenta e seis.

"Vingança sem misericórdia antes que nossas vidas nos sejam devolvidas!" ela jurou.

A voz sóbria de cada um dos homens diante dela repetiram o juramento, juntando-se a cada uma das outras em firme união.

"Vingança sem misericórdia antes que nossas vidas nos sejam devolvidas!" O som de suas vozes espalharam-se no ar da manhã.

Kahlan observou William Mosle lançar um olhar para ela por cima do ombro antes de se afastar com seus homens, de volta pela passagem.

Voltou sua atenção para os que estavam na frente dela. "Então vocês todos fizeram um juramento. Esta noite, começamos a matança dos homens da Ordem. Que seja feito sem piedade. Não fazemos nenhum prisioneiro."

Nenhum grito de alegria surgiu dessa vez. Os homens escutaram atentamente.

“Não devemos mais viajar como estiveram fazendo, com carroças para carregar o que precisam e suprimentos. Devemos levar apenas o que pudermos carregar. Precisamos ser capazes de viajar pela floresta, pelas menores passagens, para conseguir superar os homens que caçamos. Eu pretendo atacar eles de todas as direções e com determinação, como lobos em uma caçada. E como lobos, nós caçamos de modo coordenado, vamos controlar e direcionar eles, como lobos controlam e direcionam sua presa.”

“Vocês são homens dessa terra. Vocês conhecem a floresta e montanhas ao nosso redor. Vocês caçaram nelas desde que eram crianças. Usaremos o seu conhecimento. O inimigo está em território estranho, e fica nas passagens maiores com suas carroças e grandes números. Não ficaremos mais limitados como eles. Nos moveremos através do terreno em volta deles como fazem os lobos.”

“Vocês devem dividir o que tem nas carroças, e colocar o que puderem carregar em suas mochilas. Deixem as armaduras pesadas, é preciso esforço demais para carregá-las, e não vamos lutar desse jeito. Peguem apenas as armaduras leves que podem usar em uma marcha forçada. Levem a comida que puderem.”

“Não tomarão nenhum licor ou cerveja. Quando tiverem vingado o povo de Ebinissia, poderão beber tudo que quiserem. Até lá, não beberão. Quero todos alertas o tempo todo. Não vamos relaxar até que nosso inimigo esteja morto até o último homem.”

“Um pouco da comida que sobrar deve ser colocada em algumas das carroças menores, sem qualquer arma ou armadura. Precisaremos de voluntários para dar elas para o inimigo.”

Os homens resmungaram surpresos e confusos.

“A estrada divide-se ali na frente. Quando eles passarem pela bifurcação, e seguirem o caminho para Cellion, as carroças com a comida e toda a cerveja devem ser levadas pela outra estrada, e então pelas rotas menores, para chegar na frente deles. Vocês vão esperar com essas carroças até que a guarda avançada deles se aproxime, e então cruzarão o caminho deles para que possam enxergar vocês.”

“Quando a coluna da frente avistar vocês e persegui-los, devem abandonar as carroças e escapar. Deixar que eles fiquem

com a comida e a bebida.”

“A Ordem Imperial está quase sem cerveja, e esta noite eles vão celebrar a sorte. Espero que eles fiquem bêbados.”

“Quero que estejam bêbados quando atacarmos eles.”

Os homens gritaram de felicidade com aquela notícia.

“Saibam disso: somos como uma matilha de lobos, tentando derrubar um touro. Embora não sejamos fortes o bastante para fazer isso com um ataque apenas, vamos fazer ele ficar exausto, fazer ele cair, e matá-lo. Essa não será apenas uma batalha, mas uma mordida constante em sua pele, arrancando pequenos pedaços dele de cada vez, ferindo, enfraquecendo e sangrando ele o tempo todo, até que finalmente tenhamos a vantagem e possamos matar a besta.”

“Esta noite, sob a cobertura da escuridão, vamos rastejar para dentro do acampamento deles e fazer um ataque rápido. Essa deve ser uma ação disciplinada, não matança aleatória. Teremos uma lista de objetivos. Nosso propósito é enfraquecer o touro. Eu já ceguei ele parcialmente ao eliminar o mago.”

“Os sentinelas e vigilantes serão derrubados primeiro. Vamos vestir tantos homens quanto pudermos com as roupas deles. Esses homens entrarão no acampamento deles e localizarão nossos alvos.”

“Nossa primeira necessidade é deixar lenta a capacidade deles de contra-atacar. Não quero que eles corram para cima de nós com a cavalaria. Precisamos acabar com os cavalos deles. Não é necessário perder tempo matando eles; quebrar suas pernas é suficiente. Precisamos destruir a comida deles. Somos um exército pequeno o bastante para conseguir comida caçando, coletando e comprando de fazendas e vilas nas redondezas, mas um exército daquele tamanho precisa de mais. Se destruírmos a comida deles, eles ficarão enfraquecidos.”

“Precisamos matar os fabricantes de flechas e arcos deles, ferreiros, todos os artesãos que consigam fazer e reparar arcos, flechas, e outras armas. Eles terão sacos de asas de ganso para colocar penas nas flechas. Deverão ser roubados e queimados. Cada flecha não feita é uma que não pode nos matar. Cada um dos arcos precisam ser destruídos.”

“Destruam suas cornetas, se encontrarem elas, e os corneteiros. Isso vai ajudar a prejudicar a voz deles e sua coordenação.”

“As lanças deles, piques, e argônios estarão amontoados de ponta para cima. Cinco segundos e alguns golpes com um machado ou espada destruirá muitas lanças e piques. Machados pesados ou martelos irão ao menos amassar os argônios e deixá-los inúteis. Cada lança quebrada será uma que não poderá matar. Queimem as tendas deles, para expor eles ao frio, queimem suas carroças para que eles percam suprimentos.”

“Os mais importantes são os oficiais deles. Eu preferia matar um oficial esta noite do que mil homens. Se conseguirmos matar os oficiais deles, isso fará com que fiquem estúpidos e lentos, e será mais fácil levar este touro ao chão.”

“Se alguns de vocês conseguirem pensar em algo mais que os enfraqueça, tragam as ideias para mim ou o Capitão Ryan, ou para os outros oficiais. o objetivo esta noite não é primariamente matar soldados; eles são muitos. Nosso objetivo é desabilitar eles, deixar eles fracos, lentos; fazer com que fiquem menos confiantes.”

“Acima de tudo, nosso objetivo é colocar o medo em suas mentes. Esses homens não estão acostumados a ter medo. Quando homens estão com medo, cometem erros. Esses erros nos permitem matar eles. Pretendo aterrorizá-los. Mais tarde, vou dizer como.”

“Você tem algumas horas para preparar tudo, e então começamos a nos mover. Quero que os sentinelas fiquem o dobro da distância. Bem além deles, e quero observadores e batedores para manter contato com a Ordem. Quero saber onde eles estão o tempo todo. Quero relatórios constantes. Não quero ser surpreendida por nada. Quero saber de tudo que vocês enxergarem ou encontrarem, não importa o quanto pareça inocente. Se um coelho pular alto demais, quero saber. Assim como pretendo enganá-los, não quero que eles nos enganem. Não considerem nada como certo.”

“Que os bons espíritos estejam com vocês. Agora podem começar.”

Todos os homens começaram a se mover, o ar ganhando vida com o som dos pés e da conversa. Um dos dois tenentes ficou perto,

desabotoando seu casaco, dando ordens para alguns homens em volta dele.

“Tenente Sloan.” Ele levantou os olhos enquanto os homens que ele havia instruído foram para suas tarefas. “Providencie os sentinelas e os observadores imediatamente. Quero que todos aqueles dos seus homens que saibam como fazer tinta branca ou cal juntem os suprimentos que precisam. Precisaremos de alguns tipos de banheiras grandes. Quero que pedras sejam aquecidas, para esquentar o interior das tendas.”

Ele não questionou as estranhas instruções dela. “Sim, Madre Confessora.”

“Providencie que as carroças menores com a cerveja e comida estejam preparadas, mas segure elas até que eu dê a ordem para deixar eles partirem.”

Ele colocou o punho sobre o coração sem fazer comentários e marchou para fazer aquilo.

As pernas de Kahlan pareciam estar prestes a fraquejar a qualquer segundo. Estava tão cansada por não dormir, e por cavalgar durante a maior parte da noite, sem falar no trabalho que tinha feito e o medo que fazia seu coração bater forte, que mal conseguia focar seus olhos. O ombro dela estava doendo no local onde a lança estivera apoiada quando foi despedaçada. Os músculos da perna esquerda dela tremiam com o esforço para mantê-la de pé.

Ela também estava esgotada mentalmente. A ansiedade, não apenas por causa da grandiosidade de sua decisão de convocar toda Midlands para a guerra, mas também por causa de seu pedido apaixonado para que esses homens entregassem suas vidas ao seu comando, consumia sua força mais ainda. Independente do calor incomum do dia, ela tremia dentro do seu manto de pele.

O Capitão Ryan caminhou até ela. Chandalen, Prindin e Tossidin estavam parados na traseira da carroça, observando.

O Capitão Ryan mostrou um sorriso travesso para ela. “Gostei disso.”

Ele pulou até o chão e ofereceu sua mão para ela. Ela ignorou a mão e desceu pulando como ele tinha feito, e mais por sorte do que qualquer outra coisa, continuou de pé. Não podia aceitar a

oferta de ajuda dele, não agora, não com o que estava prestes a fazer.

“E agora, Capitão, tenho que dar a você uma ordem que não vai gostar.” Ela olhou para os olhos azuis dele. “Quero que mande homens atrás de Mosle e daqueles que partiram com ele. Mande o bastante para ter certeza de que a tarefa será cumprida.”

“Tarefa?”

“Eles devem ser mortos. Mande uma força com instruções de fingir que pretendem se juntar aos homens de Mosle, para que eles não se espalhem quando seus homens se aproximarem. Mande sua cavalaria por trás, mas fora de vista, para o caso deles conseguirem entrar na floresta. Quando estiverem cercados, mate-os. Tem setenta e seis. Conte os corpos para ter certeza de que todos estão mortos. Ficarei muito descontente se pelo menos um escapar.”

Os olhos dele estavam arregalados. “Mas, Madre Confessora...”

“Não tenho prazer algum nisso, Capitão. Você tem suas ordens.” Ela virou para os três do Povo da Lama. “Prindin, vá com os homens que ele escolher. Certifique-se de que aqueles que partiram sejam mortos até o último homem.”

Prindin assentiu para ela. Entendia a desagradável necessidade daquilo que ela estava fazendo.

O Capitão Ryan quase entrou em pânico. “Madre Confessora... conheço aqueles homens. Estiveram conosco durante muito tempo. Você disse que eles estavam livres para ir embora! Não podemos...”

Ela colocou uma das mãos sobre o ombro dele. De repente ele reconheceu a ameaça que aquilo representava. “Estou fazendo o devo fazer para salvar suas vidas. Você deu a sua palavra de que seguiria ordens.” Ela se inclinou chegando mais perto. “Não se coloque junto com aqueles setenta e seis.”

Finalmente ele balançou a cabeça e ela removeu a mão. Os olhos dele diziam tudo. O ódio irradiava dele.

“Não sabia que a matança começaria com nossos homens,” ele sussurrou.

“Não começa. Ela começa com o inimigo.”

O Capitão Ryan apontou zangado para a passagem. “Eles estão indo na direção oposta da Ordem!”

“E você acha que eles iriam até o inimigo bem na sua vista? Eles pretendem fazer a volta.” Ela virou e começou a andar na direção de uma tenda que tinha sido deixada para ela.

O Capitão Ryan, seguido por Chandalen, Prindin e Tossidin, foi atrás dela, negando-se a ceder. “Se estava tão preocupada, porque deixou eles irem! Porque não deixou os homens matá-los quando teriam feito isso!”

“Porque eu tinha que dar para aqueles que nos abandonariam e abandonariam seus colegas uma chance de fazê-lo.”

“O que a faz pensar que todos os *traidores* partiram? Poderia haver espiões, ou assassinos entre nós.”

“Sim, poderia. Mas não tenho evidência alguma disso no momento. Se eu descobrir que existe, então terei que lidar com eles.”

Kahlan parou diante da tenda. “Se acha que posso estar cometendo um erro a respeito daqueles homens, eu lhe garanto, não estou. Mas mesmo se estivesse, esse é um preço que deve ser pago. Se deixarmos eles partirem, e que pelo menos um nos traia, poderíamos ser mortos em uma armadilha esta noite. Se nós morrermos, não haverá ninguém para deter a Ordem Imperial durante um longo tempo. Quantos milhares morreriam então, Capitão? Se aqueles homens são inocentes, terei cometido um erro terrível, e setenta e seis homens inocentes morrerão. Se eu estiver certa, estarei salvando as vidas de incontáveis milhares de pessoas inocentes.”

“Você tem suas ordens. Execute-as.”

O Capitão Ryan tremeu de raiva. “Espero que jamais espere que eu a perdoe por isso.”

“Não, não vou esperar isso. Apenas espero que siga minhas ordens. Não me importo se você me odiar, Capitão. Só me preocupo que viva para fazê-lo.”

Ele cerrou os dentes em uma frustração muda.

Kahlan segurou na abertura da tenda. “Capitão, estou tão cansada que mal consigo ficar em pé. Preciso de umas duas horas de sono. Quero uma guarda posicionada em volta dessa tenda enquanto eu descanso.”

Ele olhou para ela. "E como pode ter certeza de que um deles não seja um inimigo? Eles poderiam matar você enquanto dorme."

"Essa é uma possibilidade. Mas se isso acontecer, um desse três homens vingaria meu assassinato."

O Capitão Ryan se encolheu e olhou para os três do Povo da Lama. Em sua raiva, tinha esquecido que eles estavam ali.

Chandalen levantou uma sobrancelha para ele. "Primeiro eu colocarei pedaços de madeira nos olhos dele, para manter eles abertos, para ter certeza de que ele vê o que eu faço."

O Tenente Hobson veio correndo, segurando uma tigela nas mãos. "Madre Confessora, eu trouxe um pouco de carne assada para você."

"Pensei que gostaria de comer alguma coisa. Alguma coisa quente."

Kahlan fez um esforço para sorrir. "Obrigada, Tenente, mas estou tão cansada que temo não conseguir comer. Poderia manter aquecida, para depois que eu estiver descansada?"

"Claro, Madre Confessora."

O Capitão Ryan lançou um olhar zangado para o seu sorridente Tenente. "Tenho um trabalho para você, Hobson."

"Duas horas," falou Kahlan, "e então me acorde. Enquanto isso, todos vocês devem ter bastante coisa para mantê-los ocupados."

Ela abriu a tenda e entrou, quase desmoronando na cama improvisada. Puxou um cobertor por cima das pernas, e colocou o manto sobre a cabeça, cortando a luz. Em sua pequena escuridão particular, ela começou a tremer.

Nesse momento, daria sua vida para ter Richard abraçando-a só por cinco minutos.

CAPÍTULO 41



Ela estava beijando Richard, segurando ele bem apertado em seus braços, sua mente não estava cheia de pensamento algum, a não ser paz e alegria, quando ela se espantou com o som de gritos. Richard tinha desaparecido. Os braços pesados dela estavam vazios.

Ela sentou, afastando o cobertor, frenética por um instante, sem saber onde estava e então lembrou. Sentiu como se estivesse quase para vomitar.

Desejou poder tomar um banho quente. Não conseguia lembrar de seu último banho. Esfregou os olhos quando o Capitão Ryan enfiou a cabeça dentro da tenda.

“Quanto tempo?” Kahlan resmungou. “Quanto tempo eu dormi?” Ela jogou o cobertor para o lado.

“Umás duas horas, mais ou menos. Tem alguém aqui fora para você.”

Do lado de fora da tenda um grupo de homens aguardava, um pálido Tenente Hobson entre eles. No meio deles estava Mosle, amarrado, amordaçado e seguro por cada um dos braços por soldados. Seus olhos dardejavam para todos os lados em pânico. Tentou gritar através da mordaça, mas não conseguia fazer com que alguém entendesse.

Kahlan olhou zangada para o Capitão Ryan.

Ele ficou parado com um dedo polegar enfiado no cinto. “Eu pensei, Madre Confessora, que você gostaria de executar esse homem você mesma. Uma vez que ele ofendeu você pessoalmente.” Ele estendeu sua faca na direção dela, com o cabo para frente.

Kahlan ignorou a faca e ao invés disso virou para os homens que seguravam Mosle. “Soltem ele, e fiquem longe.”

Ela sentiu como se ainda estivesse dormindo, ainda em um sonho. Mas não estava. Não havia escolha.

Quando eles se afastaram, ela se esticou e agarrou Mosle pelo braço. Ele congelou de medo por um instante, e então tentou recuar.

Mas não teve tempo para escapar. Agora ela estava tocando ele. Ele era dela. A sonolência dela desapareceu rapidamente quando o poder foi liberado. Ela não pensou no que estava prestes a fazer; não havia escolha.

Ela estava comprometida. Entregou-se completamente a isso.

Os sons do acampamento - o barulho de pregos, o ranger de caixas de madeira sendo arrastadas pelo piso de carroças, o estilhaçar de outras caixas sendo abertas, o chiado de rodas, o relinchar de cavalos, o som de milhares de pés arrastando, homens conversando, o ruído de cascos, o som de aço sendo afiado, o estalar da madeira em fogueiras, e o som do próprio coração dela batendo - todos desapareceram deixando apenas o silêncio.

No silêncio da mente dela, o poder era tudo. Conseguiu sentir os músculos de Mosle tensos sob a mão dela. Mas ele não teve chance. Ele era dela.

No silêncio, na calma, na paz da mente dela, como havia feito incontáveis vezes, ela liberou o poder dela, sua magia, dentro do homem diante dela.

Houve um violento impacto no ar quando o poder atingiu nele. Trovão sem o som. A neve ao redor dela e Mosle espirrou em um anel, voando e caindo, até que aquilo se dissipou e assentou novamente.

Mosle, que não era mais quem havia sido, caiu de joelhos na neve diante dela. Sua testa franziu com o pânico de que, por causa da mordada, não conseguisse pedir a ela que lhe ordenasse. Sugou o ar através do nariz, tentando respirar sentindo o terror de que pudesse desagradá-la. O acampamento em volta dela tinha silenciado, com o centro das atenções sendo ela. Kahlan arrancou a mordada da boca dele.

Lágrimas de alívio escorreram dos olhos dele. "Minha Senhora," ele sussurrou roucamente. "Por favor, minha Senhora, ordene."

"Por favor diga o que posso fazer para servir a você."

Com medo, centenas de rostos assustados ao redor dela observavam. Kahlan olhou para o homem de joelhos diante dela. Ela estava usando seu rosto de Confessora. "Eu ficaria muito feliz, William, se você falasse a verdade sobre o que planejava fazer depois de partir desse acampamento."

Ele ficou radiante de alegria, mais lágrimas desceram pelas bochechas dele, e ele teria se agarrado nas pernas dela de tanta gratidão se os seus braços não estivessem amarrados por trás das costas.

"Oh, sim, minha Senhora, por favor permita que eu conte a você."

"Então diga."

Tudo saiu em um balbuciar apressado. "Eu iria até o acampamento daqueles outros homens, você os chama de Ordem Imperial, e pediria para me juntar a eles. Levaria todos os meus homens comigo para que eles pudessem se juntar a eles também. Iria dizer a eles sobre a presença dos recrutas Galeanos, e de seus planos, assim eles ficariam satisfeitos, e permitiriam que nos juntássemos a eles. Pensei que eles tinham uma chance melhor do que vocês, e eu não queria morrer, então iria me juntar a eles. Pensei que ficariam agradecidos se eu levasse para eles homens para aumentar suas fileiras."

"Pensei que ficariam satisfeitos conosco se pudéssemos ajudá-los a esmagar vocês."

De repente ele começou a chorar. "Oh, por favor, minha Senhora, sinto muito ter pensado em fazer mal a você. Queria que eles matassem você. Oh, por favor, minha Senhora, sinto muito por tentar lhe causar mal. Por favor, minha Senhora, diga como posso ganhar seu perdão. Farei qualquer coisa. Por favor, ordene e isso será feito. Por favor, minha Senhora, o que você quer de mim?"

"Quero que você morra," ela sussurrou no silêncio gelado. "Agora mesmo."

William Mosle caiu para frente, nas botas dela, e debateu-se em fortes convulsões. Depois de alguns segundos longos e agonizantes, ele estava imóvel, seu último respirar saindo de seus pulmões.

Os olhos de Kahlan desviaram passando por um Capitão Ryan de olhos arregalados, até Prindin, parado atrás de um Tenente Hobson ainda pálido. Chandalen estava olhando para ele também. Ela falou na língua dele.

“Prindin, eu disse para ter certeza de que todos fossem mortos. Porque não fez como eu falei?”

Ele encolheu os ombros timidamente. “Eles decidiram fazer isso. O Capitão Ryan falou para eles matarem os outros mas trazer esse para você. Eu não sabia disso quando partimos, ou teria falado para você. Eles tinham duzentos homens a pé, e outros cem em cavalos. Como falei para você, eles decidiram fazer isso, e não achei que eu seria capaz de impedir, a não ser matando ele eu mesmo, então percebi que eles poderiam me matar por fazer isso, e então eu não poderia mais ficar perto de você, para proteger você. Além disso, eu sabia que você estava certa, e pensei que seria bom para eles aprenderem uma lição.”

“Algum deles escapou?”

“Não. Fiquei um pouco surpreso como eles fizeram o trabalho muito bem. Eles são bons homens. Fizeram uma coisa difícil, uma coisa que fizeram com sofrimento, mas fizeram bem. Nenhum escapou deles.”

Kahlan soltou um longo suspiro. “Eu entendo, Prindin. Você estava certo em fazer o que fez.” Ela lançou um olhar para Chandalen com o canto dos olhos. “Chandalen ficará satisfeito também.” Aquilo era uma ordem.

Prindin mostrou um sorriso de alívio. O olhar dela desviou para o Capitão Ryan.

“Satisfeito?”

Ele ficou imóvel, pálido e de olhos arregalados. “Sim, Madre Confessora.”

Ela lançou um olhar para todos os homens reunidos. “Todos estão satisfeitos agora?”

Partiu de todos eles um coro descoordenado de “Sim, Madre Confessora.”

Se antes havia alguém que não tinha medo dela, agora não havia nenhum que não tivesse. Todos eles pareciam que, se um

graveto fosse partido inesperadamente, sairiam correndo para as colinas como coelhos assustados. Provavelmente essa era a primeira vez que a maioria deles tinha visto magia, e não era magia bela, maravilhosa, mas sim magia feia e assustadora.

“Madre Confessora?” o Capitão Ryan sussurrou. Seu braço ainda estava esticado, congelado, a faca que ele tinha oferecido a ela ainda estava em sua mão. “O que vai fazer comigo por ter desobedecido suas ordens?”

Ela olhou para o rosto desprovido de sangue dele. “Nada. Esse é o seu primeiro dia sendo homem na guerra contra a Ordem.”

“A maioria de vocês não acreditou na importância daquilo que eu mandei fazer. Vocês não lutaram em uma guerra antes, e não entenderam a necessidade. Ficarei satisfeita que tenham aprendido alguma coisa com isso, e vamos deixar assim.”

O Capitão Ryan engoliu em seco. “Obrigado, Madre Confessora.” Com a mão trêmula ele enfiou a faca de volta na bainha. “Eu cresci com ele.” Ele levantou a mão na direção do corpo aos pés dela. “Nós morávamos a cerca de uma milha, na mesma estrada. Costumávamos caçar e pescar juntos o tempo todo. Ajudávamos um ao outro nas tarefas.”

“Em dia de festa, sempre fomos com nossos melhores casacos da mesma cor. Nós sempre...”

“Sinto muito, Bradley. Não há nada que possa aliviar a dor da traição, ou perda, a não ser o tempo. Como eu falei, a guerra não é justa. Se os homens da Ordem não estivessem fazendo guerra, talvez você estivesse pescando hoje, com seu amigo. Culpe a Ordem, e vingue ele também, junto com todos os outros.”

Ele assentiu. “Madre Confessora? O que teria feito se estivesse errada? O que teria feito se Mosle não fosse até o inimigo?”

Ela observou até que os olhos dele levantaram para encontrar com os dela. “Provavelmente eu teria pego aquela faca que ofereceu, e mataria você.”

Ela virou se afastando da expressão vazia dele e colocou uma das mãos no ombro do homem perto dele.

“Tenente Hobson, sei que teve uma tarefa difícil. Prindin falou que executou ela bem.”

Ele parecia estar quase chorando, mas ainda conseguiu manter a costa ereta com orgulho. Ela notou que a barba dele ainda não tinha começado a crescer. "Obrigado, Madre Confessora."

Ela olhou em volta para as centenas de homens que estavam nas proximidades, observando. "Acredito que todos vocês tem trabalho a fazer?"

Como se tivessem acabado de acordar, todos começaram a se mover novamente, lentamente no início, e então com acelerada urgência.

Hobson fez uma saudação com seu punho sobre o coração e foi cuidar de outros assuntos. Os homens que trouxeram Mosle ergueram seu corpo e o carregaram. Outros foram até Chandalen e os dois irmãos, pedindo instruções.

O Capitão Ryan ficou sozinho com ela, observando enquanto todos seguiam para fazer seus trabalhos.

As pernas dela pareciam moles e oscilantes, como as cordas de arcos deixadas na chuva durante a noite toda. Para uma Confessora, usar o seu poder quando estava descansada e alerta era cansativo. Usá-lo quando já estava cansada era perigosamente extenuante.

Ela mal conseguia se manter em pé.

Estivera extremamente cansada por cavalgar a noite toda até o acampamento inimigo e de volta, sem falar da luta com eles. Precisava dormir mais do que tinha conseguido, e usar o seu poder havia custado até mesmo o benefício daquele breve cochilo, e um pouco mais. Tinha usado a força que lhe restava para fazer algo que deveria ter sido feito sem ajuda dela.

Pensou que talvez pudesse ser por causa do frio, e viajar em condições tão difíceis, mas ultimamente ela estivera sentindo-se mais cansada do que o normal. Talvez pudesse pedir a Prindin para fazer mais um pouco de chá.

"Eu poderia falar com você um momento, Madre Confessora?" o Capitão Ryan perguntou.

Kahlan assentiu. "O que foi, Capitão?"

Ele abriu seu casaco de lã desabotoado, enfiando as mãos nos bolsos traseiros. Olhou para alguns homens que estavam enchendo

cantis a uma certa distância. "Só queria dizer que sinto muito. Eu estava errado."

"Está tudo bem, Bradley. Ele era seu amigo. É difícil acreditar em alguma coisa ruim sobre um amigo. Eu entendo."

"Não, não é isso. Meu pai sempre disse que um homem tinha que admitir seus erros antes que pudesse fazer algo certo nesse mundo."

Ele arrastou os pés e olhou ao redor, finalmente dirigindo seus olhos azuis na direção dela. "O erro que eu cometi foi acreditar que você queria Mosle morto porque ele não a seguiria. Pensei que estava sendo rancorosa porque ele não queria seguir você. Cometi um erro, e sinto muito. Sinto muito ter pensado isso de você. Estava tentando nos proteger, mesmo que soubesse que nós iríamos odiar você por causa disso. Bem, não odeio você. Espero que não me odeie. Estou honrado em seguir você nessa batalha. Espero que um dia eu tenha pelo menos a metade da sua sabedoria, e tenha a coragem que você tem, para usar essa sabedoria."

Ela soltou um leve suspiro. "Sou pouco mais velha do que você, mesmo assim você faz eu me sentir como uma mulher idosa. Estou aliviada que você entenda. É um pequeno prazer no meio de toda essa dor. Você é um bom oficial, e fará coisas certas nesse mundo."

Ele sorriu. "Estou feliz que estejamos bem de novo."

Um homem se aproximou, e recebeu um sinal com a mão do Capitão. "O que foi, Sargento Frost?"

O Sargento Frost fez uma saudação com o punho sobre o coração. "Nós enviamos alguns homens, e em um celeiro abandonado eles acharam um pouco de giz esmagado e outras coisas necessárias para fazer cal. Temos algumas banheiras de madeira nas quais podemos fazer a mistura. Você disse que desejava que isso fosse feito em alguma coisa grande. São grandes o bastante para banhar-se dentro delas."

"Quantas dessas banheiras você tem?" Kahlan perguntou.

"Uma dúzia, Madre Confessora."

"Coloque as banheiras perto umas das outras, e levante uma tenda ao redor de cada uma delas. Use as maiores tendas que tiver,

mesmo que sejam as tendas dos comandantes. Façam o cal com água quente, e coloquem as pedras aquecidas dentro das tendas, para manter lá dentro tão aquecido quanto possível. Me avisem quando tudo isso tiver sido feito.”

Mantendo suas óbvias perguntas para si mesmo, o Sargento fez uma saudação e correu para providenciar.

O Capitão Ryan fez uma expressão de curiosidade. “O que você pretende fazer com o cal?”

“Acabamos de voltar a nos entender; não vamos estragar isso. Explicarei depois que as coisas estiverem preparadas. As carroças estão prontas?”

“Devem estar.”

“Então eu tenho que dar uma olhada nelas. Você mandou os sentinelas e observadores?”

“Foi a primeira coisa que fiz.”

Enquanto caminhava pelo acampamento até as carroças, homens se aproximavam dela constantemente. “As rodas das carroças, Madre Confessora. Enquanto destruimos as coisas nós deveríamos despedaçar as rodas” e “Os estandartes de batalha deles, não deveríamos queimá-los, para que eles não pudessem reunir seus homens em volta deles?” e “Não poderíamos colocar fogo na bagagem deles para que, se o tempo ficar mais frio, eles congelem?” e “Se jogássemos estrume nos barris de água para beber deles, eles teriam que perder tempo derretendo neve,” e uma centena de outras idéias, desde as absurdas até as que valiam a pena. Ela escutou cada uma com atenção, dando sua opinião honesta, e, em alguns casos, suas ordens para que aquilo fosse executado.

O Tenente Hobson chegou trotando segurando uma tigela de metal. Aquilo era a última coisa que ela precisava.

“Madre Confessora! Guardei um pouco de carne assada quente para você!”

Sorrindo, ele entregou a tigela enquanto ela caminhava. Ela tentou agir de maneira agradecida. Ele caminhou ao lado dela, observando, rindo. Ela fez um esforço para comer uma colher, e para

dizer a ele como o gosto estava maravilhoso. Era tudo que ela podia fazer para manter aquela colher afastada.

Depois de usar o seu poder, uma Confessora precisava de tempo para se recuperar. Para algumas eram necessários dias; para ela, cerca de duas horas. Descanso, se ela pudesse conseguir, era a melhor coisa para uma Confessora depois de usar o poder dela. O breve descanso que ela conseguiu agora tinha sido gasto. Agora ela não poderia ter mais, e provavelmente também não teria nenhum esta noite.

A última coisa que uma Confessora precisava enquanto recuperava seu poder era comida. Isso desviava sua energia para a comida ao invés de recuperar sua força. Tinha que pensar em uma maneira de evitar comer a carne assada ou ela acabaria no chão, para o constrangimento de todos.

Felizmente, ela chegou até as carroças antes que tivesse de comer outra colher. Pediu ao Tenente Hobson para buscar Chandalen e os dois irmãos, e trazer eles para encontrar com ela.

Depois que ele foi embora, ela colocou a tigela sobre uma barra de madeira na carroça junto com os barris de cerveja e subiu.

Fez sinal para que o Capitão Ryan subisse na carroça enquanto contava. "Consiga alguns homens. Retire a carga das fileiras de cima para que possamos juntar todos. Arrume os barris na fileira de baixo, e tire as tampas." Enquanto fazia sinal para que os homens ajudassem com a tarefa, ela perguntou, "Chandalen pediu que vocês fizessem uma troga?"

Uma troga era um simples pedaço de corda robusto ou arame com um cabo de madeira em cada ponta, e comprido o bastante para que ao torcê-lo, formasse um laço que fosse do tamanho certo para deixar passar a cabeça de um homem. Era colocada por trás, e então as pontas com os cabos eram afastadas. Se fosse feita com arame, colocada no ponto correto do pescoço, e o homem que usasse ela tivesse braços grandes o bastante, sua troga poderia decapitar uma pessoa antes que a vítima tivesse a chance de emitir qualquer som. Mesmo se não fosse de arame, ou suas mãos não fossem tão fortes, a vítima não faria qualquer som antes que estivesse morta.

O Capitão Ryan enfiou a mão nas costas, debaixo do casaco dele, e retirou uma toga de arame, mostrando para ela. "Ele nos deu uma pequena demonstração. Ele foi gentil, mas ainda estou feliz por não ter sido a vítima em sua demonstração."

"Ele diz que ele, Prindin e Tossidin usarão essas coisas para derrubar os sentinelas e observadores. Não acho que ele acredite que nós podemos nos aproximar deles sorrateiramente como ele. Mas muito de nós passaram muito tempo caçando, e somos mais espertos..."

O Capitão Ryan deu um pulo soltando um grito. Chandalen acertou ele nas costelas, aparecendo por trás dele sem ter sido percebido.

O Capitão esfregou suas costelas e olhou de cara feia para um Chandalen sorridente. Prindin e seu irmão subiram para ajudar a descarregar os barris.

"Você quer alguma coisa, Madre Confessora?" Chandalen perguntou.

Kahlan estendeu a mão. "Entregue o seu bandu. Seu veneno dez passos."

Ele franziu a testa fazendo uma careta, mas enfiou a mão na bolsa que trazia na cintura e tirou a caixa de osso, entregando-a para ela. Os irmãos pegaram suas caixas também, e entregaram para ela.

"Qual a quantidade que conseguirei envenenar com isso ? Posso fazer veneno para quantos barris?"

Chandalen deu a volta passando pelo Capitão Ryan, equilibrando-se em cima dos lados dos barris arredondados. "Vai colocar isso nessa bebida?" Kahlan assentiu. "Mas então não teremos mais. Devemos ter isso. Podemos precisar."

"Vou deixar um pouco para emergências. Todos que pudermos matar desse jeito será um a menos para lutar."

"Mas eles podem descobrir que é veneno," o Capitão Ryan disse. "Então eles não ficarão nem bêbados."

"Eles tem cães," Kahlan falou. "É por isso que quero mandar comida para eles também. Vão jogar um pouco da carne para os cães, para ter certeza de que ela está boa. Espero que eles fiquem

despreocupados depois de testar a comida nos cães, e ansiosos o bastante para beber a cerveja que a idéia de ser envenenados não apareça em suas cabeças.”

Chandalen contou os barris silenciosamente, e então endireitou o corpo. “Tem trinta e seis. Vinte para cada um de nosso bandu.” Coçou a cabeça de cabelo negro enquanto ponderava. “Isso não vai matar eles, a não ser que bebam muito, mas vai deixar eles doentes.”

“Doentes quanto? O que isso vai fazer?”

“Vai deixar eles fracos. Vão ficar doentes do estômago. As cabeças deles vão girar por dentro. Talvez alguns morram em uns cinco dias por causa da doença do veneno.”

Kahlan assentiu. “Isso vai uma grane ajuda.”

“Mas isso dificilmente será o bastante para todos os homens deles,” falou o Capitão Ryan. “Apenas alguns vão beber isso.”

“Uma parte irá para a unidade que a roubou, e o resto será dividido primeiro entre os homens de alto posto, e o que sobrar irá para os soldados. São os homens de maior posto que eu quero.”

Todas as fileiras de cima estavam descarregadas, deixando apenas a fileira de baixo, sobra a qual estavam os homens e então as tampa poderiam ser retiradas.

“Porque seis desses barris são menores?”

“São de rum,” o Capitão falou.

“Rum? A bebida da nobreza?” Kahlan sorriu. “Os comandantes vão pegar o rum primeiro.” Ela levantou o corpo depois de olhar dentro de um dos barris abertos. “Chandalen, eles vão conseguir provar? O gosto vai dar um aviso para eles, se eu colocar mais em alguns?”

Ele enfiou um dedo em um barril de rum, e chupou. “Não. Isso é bastante amargo. Coisas amargas escondem o gosto do bandu.”

Kahlan usou a ponta da sua faca para dividir o velino das caixas de Chandalen em seis partes. Ela derrubou cada uma das seis partes da ponta da faca dentro da abertura arredondada de cada um dos barris menores - “essas são para o rum.”

Chandalen observou o que ela estava fazendo. “Essa quantidade, nos barris menores, provavelmente vai matar eles de

manhã, no dia seguinte com certeza. Mas agora você não tem nem um pouco para os outros seis.”

Kahlan devolveu a Chandalen a caixa de osso dele com um pouco do bandu que sobrou nos cantos e desceu da carroça. “Seis dos barris de cerveja não terão veneno para que possamos ter certeza de que o rum matará aqueles que o beberem.” Ela colocou uma ponta da faca com veneno da caixa de Tossidin dentro de cada um dos doze barris seguintes. “Coloquem todos os barris para cima. Não quero que o rum fique embaixo. Os comandantes poderão não ver eles e pegar a cerveja.”

Kahlan foi até os doze últimos e abriu a caixa de Prindin. Ela levantou os olhos. “Você não tem muito. O que fez com o seu?”

Prindin pareceu desejar que ela não tivesse feito aquela pergunta. Fez um gesto vago. “Quando partimos, eu não estava pensando muito bem. Você estava com pressa, e então eu esqueci de ver se a minha caixa de bandu estava cheia.”

Chandalen colocou os punhos na cintura e olhou para baixo zangado de cima da carroça. “Prindin, quantas vezes eu disse que esqueceria de levar os pés se conseguisse andar sem eles?”

“Não tem importância,” Kahlan falou. Prindin pareceu aliviado que ela tivesse interrompido o questionamento de Chandalen. “Isso vai deixar eles doentes. Isso é tudo que importa.”

Enquanto estava colocando aquilo nos barris, ouviu os homens a uma certa distância aclamando o seu nome. Quando tinha colocado o veneno no último barril, levantou os olhos para ver dois grandes cavalos trotando na direção dela. Ela ficou surpresa ao ver homens cavalgando sem as selas, e chamando por ela.

Os dois poderosos cavalos de carga pareciam confusos em suas cobertas espessas de cor parda, com penas brancas espessas em suas pernas. Usavam seus arreios e coleiras de pescoço, mas não estavam com as correias dos arreios. Muitas voltas de correntes estavam enroladas na parte interna de cada coleira dos cavalos. Todos os homens ao redor ficaram observando a estranha visão.

Quando os cavalos pararam diante dela, seus cavaleiros desenrolaram as correntes e jogaram elas ao chão. Então ela percebeu que aqueles cavalos estavam conectados por aquela

corrente, presos através dos ganchos em suas coleiras. Ela nunca tinha visto uma coisa assim. Os dois cavaleiros escorregaram até o chão.

“Madre Confessora!” Os sorrisos deles fizeram suas reverências parecerem um pouco engraçadas. Os dois eram altos e magros, com cabelo castanho curto. Nenhum deles parecia ter mais do que quinze anos. Seus casacos de lã estavam desabotoados no dia que esquentava, e encaixava neles como sacos de juta em pequenos cães. Os dois olharam ao redor para explodir de entusiasmo.

Eles pararam antes de chegar perto demais, mas até mesmo o medo que sentiam dela não conseguia reduzir a grande encanto deles.

“Quais são os seus nomes?”

“Eu sou Brin Jackson e esse é Peter Chapman, Madre Confessora. Nós tivemos uma idéia, e gostaríamos de mostrar a você. Achamos que isso fará o trabalho. Temos certeza que fará. Vai funcionar com certeza.”

Kahlan olhou de um rosto radiante para o outro. “O que vai fazer qual trabalho?”

Brin quase pulou de alegria com a pergunta. Ele levantou a corrente que estava na neve entre os dois grandes cavalos.

“Isso!” Ele puxou um punhado de corrente e mostrou a ela. “Isso vai fazer o trabalho, Madre Confessora. Nós mesmos pensamos nisso! Peter e me.” Ele jogou a pesada corrente no chão. “Mostre para ela, Peter. Afaste eles.”

A cabeça de Peter balançou enquanto ele sorria. Ele andou para o lado com seu cavalo até que a pesada corrente levantou da neve. A folga na corrente balançou para frente e para trás entre os ganchos das coleiras. Kahlan e todos os homens com ela fizeram caretas, tentando entender para o que aquilo serviria.

Brin apontou para a corrente. “Você falou que nós deixaríamos as carroças, e com certeza não queremos deixar Daisy e Pip para trás. São nossos cavalos - Daisy e Pip. Somos cocheiros. Nós estávamos querendo ajudar, e fazer bom uso de Daisy e Pip, então pegamos algumas das maiores correntes e pedimos para Morvan, ele é o ferreiro, pedimos a Morvan para soldar um par delas para

nós.” Ele balançou a cabeça na expectativa, como se isso explicasse tudo.

Kahlan moveu um pouco a cabeça na direção dele. “E agora que ele fez isso?”

Brin ficou com as mãos abertas de excitação. “Você falou que precisávamos derrubar os cavalos deles.” Ele não conseguia parar de sorrir. “É para isso que isso vai servir! Você disse que atacaríamos durante a noite. Os cavalos deles serão posicionados para formar fileira. Nós galopamos com Daisy e Pip passando pela fileira, um de cada lado, e a corrente vai quebrar as pernas deles! Derrubaremos toda a fileira com uma só varredura!”

Kahlan inclinou para trás e cruzou os braços. Olhou para Peter. Ele assentiu, também entusiasmado com a idéia. “Brin, ter cavalos acorrentados juntos desse jeito, em um galope, e arrastar uma corrente que vai engatar em coisas, coisas pesadas, parece bastante perigoso.”

Ele desanimou só um pouco. “Mas isso poderia derrubar os cavalos deles! Podemos fazer isso! Podemos derrubar eles para você!”

“Eles tem q uase dois mil cavalos.”

Peter desanimou mais. Brin fez uma careta quando olhou para o chão pela primeira vez. Ele coçou o ombro. “Dois mil,” finalmente ele sussurrou desapontado.

Kahlan olhou para o Capitão Ryan. Ele encolheu os ombros como se estivesse dizendo que não sabia se isso funcionaria ou não. Os outros homens que estavam ali perto coçaram os queixos e arrastaram os pés enquanto refletiam.

“Isso não vai funcionar,” Kahlan disse finalmente. Os ombros de Brin arriaram mais. “Tem muitos deles para vocês.”

“Vocês precisariam de mais cavalos preparados assim.” Os rostos de Brin e Peter levantaram, seus olhos arregalados. “Já que vocês dois sabem como fazer, quero que reúnam todos os cavalos adequados e seus cocheiros. Esse será o melhor uso das habilidades deles.”

“Usem todo equipamento ou correias retirados das carroças que precisarem. Não vamos levar eles mesmo. Preparem as

correntes imediatamente, e então quero que vocês pratiquem durante o resto do dia. Quero que preparem coisas para arrastar as correntes através delas. Coisas pesadas, para que assim os cavalos se acostumem com o que vocês vão fazer. Vocês precisam praticar para que cada equipe de homens e cavalos consiga trabalhar em conjunto.”

Peter se adiantou e ficou perto de um Brin sorridente. “Nós o faremos, Madre Confessora! Você verá! Podemos fazer!”

“Pode contar conosco!”

Ela lançou um olhar sério para cada um deles. “O que vocês querem fazer é perigoso. Mas se conseguirem, será um grande benefício para nós. Poderia salvar muitas de nossas vidas. A cavalaria deles é mortal.”

“Considerem suas coisas e seu treinamento com seriedade. Homens vão tentar matar vocês quando fizerem isso de verdade.”

Eles colocaram os punhos sobre os corações, dessa vez mantendo os queixos erguidos. “Vamos cuidar disso, Madre Confessora. Pode contar com os cocheiros. Não vamos desapontar você. Vamos derrubar os cavalos deles.”

Depois de receber o sinal de apoio dela, eles voltaram para os cavalos. Com as cabeças juntas, sussurrando animados, foram cuidar da tarefa deles. Kahlan observou um cavaleiro solitário, ao longe, galopando através do acampamento. Ele parou para perguntar alguma coisa a um grupo de homens. Eles apontaram na direção dela.

“Eles só estão conosco faz uns dois meses,” falou o Capitão Ryan. “São apenas garotos.”

Kahlan levantou uma sobrancelha para ele. “Eles são homens, lutando por Midlands. Quando vi você pela primeira vez, pensei em você do mesmo jeito que você os vê. Agora acho que parece um pouco mais velho.”

Ele suspirou. “Acho que você tem razão. Se eles realmente puderem fazer o trabalho, seria um feito brilhante.”

O cavaleiro se aproximou galopando e saltou do cavalo antes que ele parasse completamente. Ele fez uma reverência mecânica.

“Madre Confessora.” Ele engoliu um pouco de ar. “Eu sou Cynric, com os sentinelas.”

“O que foi, Cynric?”

“Você disse que queria saber a respeito de tudo, então achei melhor relatar. Estávamos posicionando os sentinelas a cerca de uma hora, entre aqui e o exército da Ordem, perto de uma estrada que cruza a Passagem Jara, e uma carruagem apareceu no cruzamento, vindo da direção de Kelton. Sabíamos que você não queria nada incomum acontecendo, então paramos a carruagem. Pensei que era melhor descobrir o que deseja que façamos.”

“Quem está na carruagem?”

“Um casal de velhos. Algum tipo de Mercadores abastados, ou assim eles se declaram. Alguma coisa sobre pomares.”

“O que você falou para eles? Não falou para eles sobre nós, falou? Não falou para eles que temos um exército aqui, falou?”

Ele balançou a cabeça veementemente. “Não, Madre Confessora. Falamos para eles que havia foras-da-lei na vizinhança, e que éramos uma pequena patrulha procurando por eles. Falamos para eles que não tinham permissão para atravessar até que eu verificasse com meu comandante. Falei que eles teriam que esperar até que eu voltasse.”

Kahlan assentiu. “Isso foi um pensamento rápido, Cynric.”

O nome do cocheiro é Ahern. Ele queria discutir conosco, e pensou em agitar as rédeas para seus cavalos, até que mostramos um pouco de aço para ele. Então o velho saiu voando da carruagem, nos acusando de tentar roubar ele. Ele começou a balançar a bengala dele na nossa direção, como se estivesse pensando que isso nos afastaria ou alguma coisa assim. De qualquer modo, preparamos flechas apontando para ele, e ele decidiu voltar para a carruagem.”

“Qual é o nome dele?”

Cynric jogou o peso do corpo para o outro pé e coçou a sobrancelha. “Robin, ou Ruben, ou alguma coisa parecida. Um sujeito bem mau-humorado. Ruben, eu acho. Ruben Rybnik, acho que é isso.”

Kahlan suspirou enquanto balançava a cabeça. Eles não parecem espiões. Mas se a Ordem pegar eles, e eles souberem de algo, vão contar tudo antes que os D'Harans acabem com eles." Ela levantou os olhos. "O que eles estão fazendo aqui?"

"O velho diz que sua mulher está doente, e estão levando ela para curandeiros em Nicobarese. Ela não parecia muito bem."

"Os olhos dela pareciam estar revirados em sua cabeça."

"Bem, já que estão na estrada indo para noroeste, seguindo pela Passagem Jara, isso não deve levar eles para qualquer lugar perto da Ordem." Ela afastou um pouco do seu longo cabelo do rosto. "Mas antes que eu arrisque deixar eles irem, é melhor eu ir falar com eles."

Antes que ela pudesse dar três passos, o Sargento Frost veio correndo atrás dela. "Madre Confessora! As banheiras com o cal estão prontas. As tendas estão aquecidas."

Kahlan soltou um forte suspiro. Olhou do Sargento Frost, para o sentinela Cynric, para outros homens esperando pacientemente para falar com ela ou pedir instruções. Soltou outro suspiro. "Olha, Cynric, não tenho uma hora para cavalgar até lá, e outra para cavalgar de volta. Sinto muito, mas simplesmente não tenho tempo."

Ele assentiu. "Sim, Madre Confessora. Eu entendo. O que você quer que seja feito?"

Ela reuniu forças para dar as ordens. "Mate-os."

"Madre Confessora?"

"Mate-os. Não podemos ter certeza se falam a verdade sobre quem são, e isso é importante demais para nos preocuparmos com estranhos correndo soltos por aí. Não podemos arriscar. Faça isso rápido, para que eles não sofram."

Ela virou se afastando na direção do Sargento Frost.

"Mas Madre Confessora..."

Ela olhou por cima do ombro.

Cynric juntou as rédeas. "O cocheiro, Ahern, ele tem um passe real."

Kahlan virou de volta e franziu a testa. "Tem o quê?"

"Um medalhão de passe real. É um medalhão que foi dado a ele pela própria Rainha Cyrilla. Isso diz que ele foi um herói para o

povo de Ebinissia durante o cerco, e em honra ao seu serviço ele deve receber passe livre para qualquer lugar em Galea.”

“A própria Rainha deu esse passe?”

Cynric assentiu. “Farei o que você manda, Madre Confessora, mas com esse medalhão a Rainha prometeu sua proteção a ele.”

Kahlan esfregou sua testa com a ponta dos dedos. Estava tão cansada que mal conseguia concentrar sua mente para pensar.

“Já que ele tem um passe dado pela Rainha, devemos honrá-lo.” Ela apontou um dedo para o sentinela. “Mas diga para ele que deve sair da área imediatamente. Repita para ele o que falou sobre haver foras-da-lei na vizinhança. Diga que está caçando esses foras-da-lei, e que se pegar Ahern e sua carruagem aqui de novo, você recebeu ordens para considerar que eles estão com os foras-da-lei, e que deve executá-los assim que os avistar. A estrada para Nicobarese vai para nordeste. Diga a eles para continuar nela e não parar antes que estejam a uma boa distância daqui.”

Cynric bateu com o punho sobre o coração quando ela virou para segurar o braço do Capitão Ryan e levar ele na direção das tendas com o cal. Atrás dela, escutou o sentinela galopar na direção da carruagem que tinha encontrado. Os outros homens aceitaram a dica de que não deveriam se aproximar, e foram cuidar de outros assuntos.

Ela soltou a tira de couro que mantinha o manto fechado. A temperatura havia subido acima do frio congelante, e as nuvens tinham baixado bem perto do chão. O ar parecia estar com bastante umidade.

“A neblina vai entrar esta tarde,” ele observou. “Toda essa passagem no vale vai ficar cheia dela esta noite.” Olhou para a expressão interrogativa dela. “Eu vivi nessas montanhas toda minha vida. Quando acontece um degelo como esse no inverno, a neblina toma conta das passagens durante pelo menos uns dois dias.”

Kahlan estudou os lados da montanha que subiam entrando nas nuvens cinzentas. “Isso vai nos servir muito bem. Especialmente para o que eu tenho em mente. Vai nos ajudar a levar o terror para nosso inimigo.”

“Então, você está pronta para dizer o que vamos pintar?”

Kahlan soltou um suspiro cansado. "Nós criamos vários planos para acertar alvos que devem ser destruídos."

"Esta noite vai ser nossa melhor chance de fazer essas coisas, porque eles serão pegos de surpresa. Não teremos chance de fazer uma surpresa como essa de novo. Depois dessa noite, estarão esperando nossos próximos ataques."

"Entendo. Os homens também sabem a importância disso. Eles vai fazer muito bem."

"Também não podemos perder nosso objetivo de vista. Nosso objetivo é matar esses homens. Esta noite, teremos a chance de fazer isso como em nenhum outro momento. Temos que aproveitar essa oportunidade."

"Quantos espadachins nós temos?"

Ele ficou em silêncio durante um momento enquanto avaliava os números em sua cabeça. "Quase dois mil são espadachins. Os arqueiros não chegam a oito mil, e o restante divide-se em piqueiros, lanceiros e cavalaria entre outros, incluindo o resto do que um exército precisa, desde cocheiros, flecheiros até ferreiros."

Kahlan assentiu. "Quero que você selecione aproximadamente mil espadachins. Escolha os mais fortes, os mais ferozes, os mais dispostos para a luta."

"E o que vamos fazer com esses homens?"

"Os homens vestidos com os uniformes dos sentinelas que matamos farão uma exploração do acampamento inimigo, e voltarão para nos dar as localizações dos nossos objetivos. Temos homens o bastante para realizar as tarefas que determinamos para atingir esses objetivos."

"Os espadachins deverão iniciar nosso objetivo principal. Matar o inimigo. Primeiro eles cuidarão dos comandantes do inimigo, caso eles não tenham sido envenenados, e então depois disso, eles matarão tantos homens quanto puderem no menor tempo possível."

Eles foram até as doze tendas erguidas bem próximas em um semi-círculo. Kahlan verificou dentro de cada uma delas para ter certeza de que estavam equipadas como tinha ordenado. Terminada a verificação, ela ficou do lado de fora da maior e encarou o Capitão Ryan.

“Então, agora você vai me dizer, o que nós vamos pintar?”

Kahlan balançou a cabeça, concordando. “Aqueles mil espadachins.”

Ele ficou olhando para ela, espantado. “Vamos pintar os homens ? Porque?”

“É simples. Os D'Harans temem os espíritos. Temem os espíritos dos inimigos que mataram, é por isso que eles arrastam os corpos dos colegas caídos para longe do local da batalha, como Ebinissia.

“Esta noite, seus medos vão aparecer para assombrar eles. Serão atacados pelas coisas que mais temem: espíritos.”

“Mas eles vão nos reconhecer como soldados, simplesmente com roupas brancas, não como espíritos.”

Kahlan olhou para o Capitão Ryan. “Eles não estarão usando roupas. Não terão nada além de suas espadas, pintadas de branco, exatamente como eles. Vão tirar as roupas pouco antes do ataque.”

Ele ficou de boca aberta. “O quê ?”

“Quero que junte os espadachins, agora, e traga eles aqui. Eles vão entrar nas tendas, tirar as roupas, e mergulhar no cal. Depois do mergulho, ele ficarão perto das rochas quentes até secarem. Não vai levar muito tempo. Então poderão colocar as roupas de volta. Até o ataque.”

O Capitão Ryan ficou chocado. “Mas é inverno. Eles vão congelar sem as roupas.”

“Tivemos um intervalo no frio mais forte. Além disso, o frio vai lembrar eles de entrar rápido e sair rápido. Não quero que eles fiquem dentro daquele acampamento por muito tempo. O inimigo vai se recuperar do susto rapidamente, e atacar qualquer invasor. Quero que nossos homens ataquem, matem D'Harans aterrorizados, e fujam.”

“Como eu disse, os D'Harans temem os espíritos. Quando avistarem o que, em um primeiro momento, pensarão ser o maior medo deles, ficarão abalados. O primeiro pensamento deles será correr, não lutar. Homens morrem mais facilmente com uma espada pelas costas do que pela frente. Alguns vão congelar no lugar, sem saber o que fazer. Mesmo aqueles que reconhecerem os invasores

como homens pintados de branco, e não espíritos, ficarão confusos por um momento.”

“Aqueles poucos segundos de confusão, enquanto atacamos cada novo grupo, são os segundos que precisamos para derrubar eles. Na batalha, a diferença entre matar e ser morto, geralmente é definida por um simples momento de indecisão.”

Os espadachins não devem entrar em combates. Se forem desafiados, devem correr para cima de outros. Tem mais do que o suficiente para matar; é um erro perder tempo engajado em batalha, se isso puder ser evitado. Eu simplesmente quero soldados inimigos mortos. Depois que os comandantes estiverem mortos, não importa quais sejam. Não quero nossos homens lutando a não ser que sejam forçados; isso apenas arrisca a vida deles desnecessariamente.”

“Entrar depressa, matar tantos homens quanto possível, e sair depressa. Essas são as ordens.”

O Capitão Ryan fez uma careta enquanto considerava. “Nunca pensei que diria isso, mas acho que essa parece que pode ser uma tática estranha muito bem sucedida. No início os homens não vão gostar, mas vão seguir as ordens. Vou explicar para eles, e então sei que vão aceitar melhor.”

“Nunca ouvi falar de uma coisa assim, e tenho certeza de que o inimigo também não.” Finalmente ele mostrou um sorriso manhoso. “Com certeza isso vai surpreender eles, não há dúvida.”

Kahlan estava aliviada que ele tivesse chegado a essa conclusão. “Bom. Estou feliz em ter o entusiasmo de um Capitão do exército Galeano. No exército de Midlands.”

“Agora, quero que você providencie para que a sela e as correias do meu cavalo sejam trazidos até aqui, e mergulhados no cal. E por favor, coloque alguns guardas do lado de fora dessa tenda, enquanto eu estiver lá dentro.”

Os olhos dele ficaram arregalados. “Sua sela ?... Você não... Madre Confessora... Não pode estar falando sério.”

“Não pediria a meus homens para fazer alguma coisa que eu mesma não faria. Eles precisam ter um comandante para seguir em sua primeira batalha. Eu pretendo liderar eles.”

O Capitão Ryan deu um passo para trás. Ele estava perplexo. Ele se recompôs. "Mas Madre Confessora... você é uma mulher. E de forma alguma uma mulher feia." Aparentemente de modo involuntário, ele olhou para ela dos pés até a cabeça. "Na verdade, você é... Madre Confessora, me perdoe." Ele ficou em silêncio.

"Eles são soldados com uma missão. Faça o seu comentário, Capitão."

O rosto dele ficou vermelho. "Eles são jovens, Madre Confessora. São... Bem, não pode esperar que..."

"Eles são jovens." A mandíbula dele se moveu enquanto tentava encontrar as palavras. "Eles não vão conseguir se controlar."

"Madre Confessora, por favor. Você vai ficar constrangida além do limite." Ele recuou, esperando que não tivesse que dar mais explicações.

Ela mostrou um leve sorriso para tentar aliviar o horror dele. "Capitão, já ouviu falar da lenda dos Shahari?" Ele balançou a cabeça. "Quando as tribos e terras agora chamadas D'Hara estavam sendo reunidas, o método de conquista e união era muito parecido com o da Ordem Imperial - junte-se a eles, ou seja conquistado. O povo Shahari recusou-se a se unir com D'Hara, e recusaram ser conquistados."

"Eles lutaram tão ferozmente que passaram a ser temidos pelas tropas D'Haran, que superavam eles em números muitas vezes. Os Shahari não amavam nada mais além de lutar. Estavam tão ferozes e excitados por entrar em uma guerra que seguiram nus para a batalha, bem... animados."

Kahlan levantou os olhos para ver o Capitão Ryan olhando fixamente, boquiaberto. Ela continuou. "Todos os D'Harans conheciam a lenda dos Shahari. Todos eles, até os dias de hoje, temem os Shahari." Ela limpou a garganta. "Se os homens entrarem na batalha, e... aquilo... acontecer, só vai causar mais medo nos homens da Ordem."

"Porém, eu não acho que os homens precisam ter medo de ficar envergonhados. Eles terão questões mais urgentes em suas mentes, como não serem mortos. E se isso acontecer, bem, então,

deveriam saber que isso me agrada porque vai colocar muito mais medo dentro dos corações de nosso inimigo.”

O Capitão Ryan finalmente olhou para o chão e empurrou neve com sua bota. “Me perdoe, Madre Confessora, mas ainda não gosto disso. Coloca você em risco por nada de tanto valor.”

“Isso não é verdade. Tem duas razões mais importantes para que eu faça isso. Primeiro, quando deixei o acampamento da Ordem ontem a noite eu estava sendo perseguida por cerca de cinquenta homens. Os D'Harans não tem dúvida alguma de que aqueles cinquenta homens iriam me capturar e matar.”

O Capitão ficou rígido. “Quer dizer que tem cinquenta homens andando por aí procurando você?”

“Não. Estão todos mortos. Até o último homem. Mas os homens naquele acampamento não sabem disso. Quando me enxergarem, toda branca, como um espírito, vão pensar que fui morta, como deveria ter sido, e que é meu espírito no meio deles. Isso só vai assustar eles mais ainda.”

“Todos os cinquenta...!” Ele olhou para ela. “E qual é a segunda razão?”

Kahlan olhou para ele por um momento. A voz dela saiu suavemente. “Quando aqueles homens da Ordem me avistarem, se eles pensarem que eu sou um espírito ou pensarem que sou uma mulher nua em cima de um cavalo na frente deles, vão ficar observando. Enquanto estiverem observando, não podem matar nossos homens. Mas nós podemos matar eles. Isso vai desviar a atenção deles dos homens, para mim.”

Ele ficou olhando para ela em silêncio enquanto ela continuava. “Eu estaria disposta a suportar qualquer constrangimento,” ela disse, “se isso salvar a vida de pelo menos um de nossos homens. Devo fazer isso para ajudá-los, e para mantê-los vivos.”

Ele olhou para o chão enquanto colocava as mãos nos bolsos.

“Nunca imaginei que a Madre Confessora fosse uma pessoa que se importava tanto assim com o seu povo,” ele sussurrou. “Nunca imaginei, que ela se importava pelo menos um pouco com o que acontecia com qualquer um de nós.” Finalmente ele levantou os

olhos. "Tem alguma coisa que eu possa dizer para fazer você desistir de fazer isso?"

Kahlan sorriu. "Só exist e um homem no mundo que poderia me impedir de fazer isso, e você não é ele."

Ela riu baixinho. "Na verdade, se ele soubesse o que eu estava prestes a fazer, tenho certeza que ele proibiria."

A curiosidade dele superou sua cautela. "Um homem ? Ele é o seu companheiro?" Ela balançou a cabeça. "Ele é aquele que você vai escolher como seu companheiro?"

Kahlan suspirou alegremente. "Não. Ele é aquele com quem vou me casar. Pelo menos eu espero me casar com ele. Ele me pediu em casamento." Ela sorriu ao ver a confusão no rosto dele. "O nome dele é Richard. Ele é o Seeker."

O Capitão Ryan ficou imóvel e sua respiração prendeu. "Se eu estiver perguntando algo que não deveria, pode falar, mas pensei que todas as Confessoras usavam seu poder... pensei, que sua magia iria... não pensei que Confessoras poderiam... casar."

"Não podem. Mas Richard é especial. Ele tem o dom, e meu poder não pode fazer mal a ele."

O Capitão Ryan sorriu finalmente. "Fico feliz. Fico feliz por você, Madre Confessora."

Kahlan levantou uma sobrancelha. "Mas se algum dia você encontrar com ele, não ouse contar sobre essa... coisa de fingir ser um espírito. Ele tem uma visão muito conservadora sobre essas coisas. Se contar para ele que deixou que eu corresse por aí nua com mil dos seus homens, provavelmente ele arrancaria sua cabeça."

Kahlan riu com a expressão assustada no rosto do Capitão.

"Capitão, preciso de uma espada."

"Uma espada! Agora você vai lutar também!"

Kahlan se inclinou na direção dele. "Capitão, se eu estiver sentada ali, nua, e um D'Haran desejar roubar minha honra, como vou me defender a não ser que eu tenha uma espada?"

"Oh. Bem, entendo o seu ponto de vista."

Ele pensou por um momento. Uma idéia iluminou seu rosto e ele sacou a própria espada da bainha. Segurou a arma com as duas

mãos. Era uma espada velha, com um desenho de lâmina feito no estilo antigo, usando ácido no sulco dela para exibir as dobras ondulantes do aço.

“Essa lâmina foi entregue a mim pelo Príncipe Harold quando eu me tornei um oficial. Ele disse que era do pai dele, que ela pertenceu ao próprio Rei Wyborn. Ele disse que uma vez o Rei Wyborn usou ela em batalha.” Ele encolheu os ombros, confiante. “É claro, um rei tem muitas espadas, e empunha muitas delas em batalha pelo menos uma vez, assim dirão que elas foram usadas por um Rei em defesa de seu reino. Então ela não é realmente valiosa, ou alguma coisa assim.” Olhou para ela na expectativa. “Mas eu ficaria honrado se você aceitasse ela. Parece ser a coisa certa, bem, já que você é a filha do Rei Wyborn, eu acho, que deveria usar a espada dele na batalha. Talvez ela possua magia, ou alguma coisa assim, e ajude a proteger sua vida.”

Kahlan pegou a espada das mãos dele cuidadosamente.

“Obrigada, Bradley. Isso significa muito para mim. Você está errado; ela é valiosa. Carregarei ela com honra. Mas não ficarei com ela. Quando eu terminar, e partir para Aydindril em cerca de dois dias, vou devolvê-la, e você terá uma espada empunhada não apenas por um Rei, mas também pela Madre Confessora.”

Ele sorriu com aquela idéia.

“Agora, poderia colocar um guarda do lado de fora dessa tenda? E então cuidar dos espadachins?”

Ele sorriu levemente e colocou o punho sobre o coração. “É claro, Madre Confessora.”

Quando Kahlan entrou na tenda aquecida, ele já estava retornando com três homens. Ele estava com uma expressão no rosto tão séria quanto a expressão que ela já tinha visto no rosto de qualquer oficial.

“E enquanto a Madre Confessora estiver em seu banho, vocês ficarão de costas para a tenda, e não deixem ninguém chegar perto.”

“Está claro!”

“Sim, Capitão,” os três soldados com olhos arregalados disseram juntos.

Do lado de dentro, no calor, Kahlan encostou a espada na banheira, tirou o manto de pele, e então as roupas. Estava tão cansada que sentia-se doente. O estômago dela parecia estar subindo e descendo em ondas. A cabeça girava tanto que tinha que lutar contra a náusea que crescia.

Passou a mão pelo cal. Estava quente, como uma água de banho maravilhosa. Mas isso não era água de banho. Levantou as pernas sobre a borda uma de cada vez, e mergulhou devagar dentro da água branca suave. Os seios dela pareciam flutuar na poça leitosa. Por alguns minutos, colocou os braços sobre os lados da banheira, fechou os olhos, e fingiu que aquilo era um banho quente. Queria tanto que aquele pudesse ser um banho quente. Mas não era.

Era algo que ela fazia para manter alguns homens vivos, e para matar outros. Ela usaria branco como a Madre Confessora sempre fez, mas não seria do vestido dela, como sempre.

Kahlan levantou a espada do pai dela e colocou o cabo entre os seios, com a lâmina percorrendo o seu corpo, encostada na barriga, e entre as pernas. Ela cruzou os tornozelos e manteve as pernas afastadas para não cortar as coxas na arma. Segurou o nariz com a outra mão, fechou bem os olhos, tomou fôlego, e então submergiu.

CAPÍTULO 42



Richard e Irmã Verna prosseguiram, através de um túnel verde escuro, úmido e sufocante, subindo a estrada levemente inclinada na direção do som murmurante, assustador de flautas distantes. Galhos suportavam não apenas suas próprias folhas, mas videiras de todo tipo espiralando em volta e sobre elas, e musgo pálido pendurado em finas cortinas, enchia as aberturas entre os troncos para os lados, e bloqueava quase toda luz que vinha de cima.

Pequenos muros de cada lado, que pareciam ter sido construídos em uma tentativa de conter o crescimento, ao invés disso estavam sendo envolvidos e lentamente engolidos dentro da esteira de vida rastejante que tentavam reter. Através das juntas no bloco de pedra, videiras brotavam, envolvendo e ocultando seções inteiras do muro, projetando-se em outros lugares, empurrando a rocha ocasionalmente fazendo com que ficasse pendurada em um ângulo bêbado, incapaz de cair no chão por causa da teia de tentáculos. Os muros pareciam presas, sendo engolidas por um lento predador.

Apenas uma parte dos muros estava intocada pela vida da floresta - os crânios humanos. Em cima dos muros de cada lado, eles estavam espaçados em intervalos de não mais do que três pés, cada um deles assentado em seu próprio pedaço de rocha manchado de líquen, cada um deles livres das coisas que cresciam, parecidos com muitos florões com as aberturas dos olhos e sorrisos cheios de dentes. Richard tinha perdido a conta do número de crânios.

Sua curiosidade, seu medo, falharam em superar o silêncio teimoso dele. Ele e a Irmã não tinha falado desde a última discussão deles. Ele nem ao menos tinha dormido no acampamento com ela,

preferindo ao invés disso fazer sua vigília, e durante o resto da noite, caçar e dormir com Gratch. Finalmente, desta vez, o silêncio da Irmã Verna não era páreo para o dele. Ele não tinha intenção alguma, dessa vez, de ser aquele que consertaria as coisas. Os dois se contentavam em olhar para qualquer coisa menos um para o outro .

Abrindo sob a luz do sol, a estrada alargava, dividindo a uma certa distância ao redor de uma pirâmide listrada. Richard franziu o rosto, tentando ver o que fazia ela parecer desse jeito - uma cor de canela pálida pontilhada, com faixas escuras em intervalos uniformes espaçados subindo pelos lados. Considerou que sua altura era de três vezes o nível dos seus olhos partindo de onde ele estava sentado em cima de Bonnie.

Enquanto eles se aproximavam, ele percebeu que o monte era feito inteiramente de ossos. Ossos humanos. As partes cor de canela pontilhadas eram crânios, e as faixas eram ossos de pernas e braços colocados em camadas. Ele achou que deveria haver dezenas de milhares de crânios no monte bem organizado. Ele ficou olhando enquanto passavam cavalgando; Irmã Verna não pareceu ter notado.

Depois da pilha de ossos, a estrada larga conduzia até uma praça de uma cidade escura e nebulosa no meio da floresta espessa.

Cada uma das árvores da superfície plana do topo do monte havia sido removida, assim como nos campos pelos quais eles tinham passado não fazia uma hora.

Os campos pareciam estar sendo preparados para plantação. O chão foi revirado recentemente, e havia espantalhos para assustar os pássaros quando as sementes fossem plantadas. Era inverno, e mesmo assim aqui, nesse lugar, as pessoas plantavam. Richard pensou que isso era espantoso.

Ao invés de parecer aberta, essa vasta cidade, com cada pedaço de verde que a cercava removido, parecia ainda mais fechada e escura do que o túnel na estrada. As construções eram quadradas, com telhados planos, cobertos com gesso escuro da cor de casca de árvore. Perto dos telhados, e ao nível do piso de cada andar, as pontas das madeiras de apoio projetavam-se das paredes engessadas. As janelas eram pequenas, nunca havia mais de uma

em uma parede. As construções variavam em altura, mas a maioria estava presa a blocos irregulares. A mais alta deveria ter quatro andares. Nenhuma delas tinha a mais leve variação no estilo, além de sua altura.

Neblina e fumaça escureciam o céu e as construções ao longe. A praça parecia simplesmente um lugar aberto em volta de um poço no centro, e era a única área aberta de qualquer tamanho. Ela terminava rapidamente em ruas escuras e estreitas com muros lisos erguendo-se de cada lado, criando fendas feitas pelo homem. Acima, muitas das construções formadas por blocos formavam pontes nas ruas, transformando-as em túneis escuros, e onde não havia nenhuma das construções com pontes acima, roupas estavam penduradas entre janelas opostas. Algumas ruas eram pavimentadas com pedras arredondadas, mas a maioria delas era lama pura, cortada por água fétida.

Pessoas com roupas escuras e folgadas que enchiam as ruas estreitas, caminhavam de pés descalços pela lama, ficavam parados com seus braços cruzados, observando ou estavam sentados em grupos nas portas. Mulheres carregando jarros de barro com água em cima das cabeças, equilibrando-se apenas com a ajuda de uma das mãos, moviam-se bem próximas das paredes para deixar espaço para os três cavalos.

Elas seguiam seu caminho indo e vindo até o poço em silêncio com indiferença quando Richard e Irmã Verna passaram.

Alguns homens mais velhos estavam sentados junto a portais largos, ou encostados em paredes. Os homens usavam chapéus sem bordas, com os lados lisos, arredondados, escuros, com a parte superior plana, com estranhas marcas em cores claras que pareciam ter sido pintadas com os dedos. Muitos dos homens fumavam cachimbos finos. A conversação silenciou enquanto Richard e Irmã Verna passavam, e todos observaram os dois estranhos e os três cavalos. Alguns mexiam preguiçosamente nos brincos compridos pendurados que usavam em suas orelhas esquerdas.

Irmã Verna guiou o caminho pelas ruas estreitas, levando-os mais fundo dentro do labirinto de construções sombrias.

Quando finalmente eles chegaram até uma rua de pedras arredondadas mais larga, ela parou, virou para ele e falou lentamente em tom de aviso.

“Essas pessoas são os Majendie. A terra deles é vasta, com uma crescente formação de florestas. Devemos viajar através da terra deles, todo o caminho até o extremo da terra deles. Eles cultuam os espíritos. Aqueles crânios que vimos lá atrás eram sacrifícios para os espíritos deles.

“Embora eles guardem crenças tolas que são censuráveis, não temos poder para mudá-los. Precisamos cruzar as terras deles. Você fará o que eles pedirem ou nossos crânios acabarão junto com todos os outros naquela pilha.”

Richard recusou-se a dar a ela a satisfação de uma resposta ou uma discussão. Ficou sentado com suas mãos cruzadas sobre o pomel de sua sela e sem demonstrar emoção observou-a até que ela finalmente virou e começou a se afastar mais uma vez.

Depois de passar por baixo de uma ponte baixa, eles entraram em uma praça aberta levemente abaulada. Talvez uns mil homens perambulavam ou se reuniam em pequenos grupos. Como os outros homens que ele tinha visto, todos esses usavam aquele brincos compridos pendurados, embora estivessem no lado direito ao invés do esquerdo. Eles também usavam espadas curtas e cintos negros. Diferente dos outros homens, nenhum desses usava chapéu em suas cabeças raspadas.

No centro, uma plataforma elevada continha um círculo de homens sentados com as pernas cruzadas, com os rostos voltados para o interior do círculo, em volta de um poste espesso. Aqui era a fonte da estranha melodia. Um círculo de mulheres vestidas de negro estava sentadas formando um anel, com os rostos voltados para o lado exterior, em volta dos homens.

Em pé, com as costas contra o poste, uma grande mulher em uma roupa negra ondulada deslizou a costa da mão dela subindo pelo poste e segurou um nó na ponta de uma corda pendurada em um sino. Enquanto observava Richard e a Irmã cavalgar para dentro da praça, ela tocou o sino uma vez. A Irmã fez eles pararem abruptamente quando o som agudo dos sinos espalhou-se através

da praça, apressando os homens, e encorajando os tocadores de flauta a emitir notas mais rápidas.

“Isso é um aviso,” Irmã Verna falou. “Um aviso para os espíritos dos inimigos deles. O sino também é uma convocação para os guerreiros presentes. São os homens aqui na praça. Os espíritos foram avisados, e os guerreiros convocados. Se ela tocar aquele sino outra vez, nós morremos.” Irmã Verna olhou a expressão calma dele. “Esse é um ritual de sacrifício, para acalmar os espíritos.”

Ela observou homens se aproximando e pegando as rédeas dos cavalos deles. O círculo de mulheres de preto levantou e começou a dançar e rodopiar ao som da música assustadora. Quando Irmã Verna olhou para ele novamente, Richard, com deliberado cuidado, verificou se a espada estava livre na bainha. Ela suspirou e então desmontou. Quando ela limpou a garganta mostrando aborrecimento, ele também desmontou.

Irmã Verna apertou sua capa quando falou com ele enquanto olhava para as mulheres de preto dançarem e rodopiarem em volta do poste e da mulher no centro.

“Os Majendie vivem em uma enseada em volta de uma terra de floresta pantanosa na qual vivem os inimigos deles. As pessoas que vivem no coração daquela terra hostil são um grupo selvagem, e não irão permitir que nenhum de nós atravesse sua terra, muito menos nos guiar. Mesmo se conseguíssemos evitar eles, ficaríamos perdidos em cerca de uma hora, e jamais encontraríamos a saída. O único jeito de chegar até o Palácio dos Profetas, que está logo depois desses selvagens, e contornar eles, pela enseada na terra que pertence aos Majendie. Nosso destino está entre a extremidade da enseada que pertence aos Majendie, e além dos selvagens no centro.”

Ela deu uma olhada, para ter certeza de que ao menos ele estivesse escutando, antes de continuar. “Os Majendie estão em guerra constante com os selvagens que vivem naquela floresta pantanosa. Para ter permissão de cruzar a terra Majendie, devemos provar que somos aliados deles e de seus espíritos, e não de seu inimigo.”

“Aqueles crânios que vimos são desses inimigos, que foram sacrificados para os espíritos Majendie. Para recebermos permissão de passar, devemos ajudar eles nesse sacrifício. Os Majendie acreditam que homens com o dom, como todos os homens, carregam a semente da vida e da alma, fornecida pelos espíritos. Mais do que isso, acreditam que alguém com o dom tem uma conexão direta especial com os espíritos. Um sacrifício feito com a ajuda de um jovem com o dom confere a graça da purificação dos espíritos deles para todo o seu povo. Acreditam que isso sopra vida, vida divina, no povo deles.”

Os Majendie exigem essa participação quando nós passamos com garotos pela primeira vez, acreditando que isso une seus espíritos com os dos Majendie. Essa cerimônia também garante que o povo com o qual eles estão em guerra odeie magos, porque eles ajudam os Majendie, e nunca vão cooperar com eles. Isso, os Majendie acreditam, nega ao seu inimigo um canal divino com o mundo espiritual.”

Todos os homens na praça sacara, suas espadas curtas. Colocando as espadas no chão com suas pontas na direção da mulher no centro, eles ajoelharam com as cabeças brilhantes abaixadas.

“A mulher que tocou o sino, aquela no centro, é a líder desse povo. A Mãe Rainha. Ela é aquela que tem ligação com os espíritos femininos. Representa os espíritos da fertilidade nesse mundo. Ela é a personificação do receptáculo da semente divina do mundo espiritual.”

As dançarinas de preto formaram uma fila e começaram a descer da plataforma na direção de Richard e da Irmã.

A Mãe Rainha está enviando suas representantes para levar você para a oferenda sacrificial.” Irmã Verna olhou para ele, então mexeu em um canto da sua capa. “Nós estamos com sorte. Isso significa que eles tem alguém para ser sacrificado. Se viéssemos até aqui e eles não tivessem, teríamos que esperar até que um dos inimigos deles fosse capturado.”

“Às vezes isso pode levar semanas, até meses.”

Richard não falou nada.

Ela virou as costas para as mulheres de preto que se aproximavam e encarou ele . “Você será levado até o lugar onde o prisioneiro está preso. Lá você receberá a chance de dar a sua bênção. Não dar a sua bênção significa que você deseja anteceder o prisioneiro no sacrifício. Se não der sua bênção, isso apenas vai garantir que você morra também.

“Você dá a sua bênção beijando a faca sagrada que eles vão oferecer a você. Não tem que matar a pessoa com sua própria mão. Só tem que beijar a faca para dar a sua bênção, para dar a bênção dos espíritos, e eles vão matar. Mas deve observar eles fazerem isso, para que os espíritos vejam o sacrifício através de seus olhos.” Ela olhou por cima do ombro para as mulheres de preto que se aproximavam. “As crenças desse povo são obscenas.”

Ela suspirou mostrando resignação e virou para encará-lo novamente. Richard cruzou os braços e olhou para ela.

“Sei que não gosta disso, Richard, mas isso tem mantido a paz entre nós e os Majendie durante três mil anos. Embora pareça um paradoxo, isso salva vidas, mais vidas do que custa. Os selvagens que são inimigos deles fazem guerra não apenas contra eles, mas contra nós também. O Palácio, e os povos civilizados do Mundo Antigo, estão sujeitas esporadicamente aos ataques ferozes e invasões deles.”

Isso não é surpresa, Richard pensou, mas não disse nada.

Irmã Verna deu um passo para o lado para ficar perto do ombro dele quando as mulheres de preto ficaram em posição formando um laço negro diante deles. Todas eram idosas, talvez na idade de avós. Todas eram corpulentas, e suas roupas negras cobriam os cabelos e tudo mais a não ser as suas mãos e rostos enrugados.

Com dedos retorcidos, uma delas apertou o tecido negro grosseiro até o queixo. Baixou a cabeça para Irmã Verna.

“Bem-vinda, mulher sábia. Nossos sentinelas nos avisaram de sua aproximação faz quase um dia. Estamos felizes em tê-la entre nós, pois chegou a hora do sacrifício da plantação. Embora não estivéssemos esperando sua presença, será uma grande homenagem aos espíritos ter a bênção no sacrifício.”

A velha, que chegava apenas na altura do esterno dele, olhou para Richard da cabeça aos pés, então falou novamente com Irmãs Verna.

“Esse é um homem mágico? Ele não é um garoto.”

“Nunca trouxemos alguém tão velho até o Palácio das mulheres sábias,” falou Irmã Verna. “Mas ele é um homem mágico, do mesmo jeito que os outros.”

A velha de preto olhou dentro dos olhos de Richard enquanto ele a observava sem demonstrar emoção. “Ele é velho demais para dar a bênção.”

Irmã Verna ficou tensa. “Ele ainda é um homem mágico.”

A mulher assentiu para a Irmã. “Mas ele ainda é velho demais para que outros realizem o sacrifício para ele. Deve fazer isso ele mesmo. Ele deve entregar nosso sacrifício aos espíritos através de sua própria mão.” Ela fez um gesto para que uma mulher lá atrás se adiantasse. “Leve ele até o local onde a oferenda aguarda.”

Com um balançar de cabeça, a mulher se adiantou e fez sinal indicando que ele deveria seguir. Irmã Verna puxou a manga dele. Richard podia sentir o calor da magia irradiando dos dedos dela, subindo pelos braços dele, terminando em uma desconfortável sensação de formigamento em seu pescoço sob o Rada'Han.

“Richard,” ela sussurrou, “não ouse balançar o machado dessa vez. Você não tem ideia daquilo que vai destruir.”

Richard encarou os olhos dela antes de se afastar sem dizer uma palavra.

A velha conduziu ele descendo por uma rua lamacenta, passando por homens velhos sentados na frente de portas, que observavam, e então levou ele descendo por um beco. No final ela inclinou-se através de um portal baixo. Richard teve que se curvar bastante para seguir atrás dela.

Do lado de dentro, tapetes com desenhos complexos mas cores pálidas cobriam o chão. Não havia móveis a não ser vários baús baixos cobertos de couro com lâmpadas a óleo. Quatro homens com as cabeças raspadas estavam agachados, quase sentando, nos tapetes, dois de cada lado de uma passagem com um pesado tapete pendurado na entrada ao invés de uma porta. Lanças curtas com

pontas afiadas em forma de folha repousavam sobre os joelhos deles. O teto inesperadamente alto guardava uma nuvem de fumaça de cachimbo.

Os homens levantaram e fizeram uma reverência para a velha. Ela balançou a cabeça para eles e, quando fez isso, puxou Richard adiante.

“Esse é o homem mágico. Já que ele é da idade de um homem, a Mãe Rainha ordena que os espíritos recebam o sacrifício através das mãos dele.”

Todos eles assentiram e mostraram concordar que essa era uma sábia decisão, e pediram que ela falasse para a Mãe Rainha que aquilo seria feito como ordenado. As mulheres de preto desejaram a eles sucesso na tarefa. Ela fechou a grosseira porta de abeto atrás dela depois de passar abaixada pela abertura. Quando ela foi embora, os homens começaram a rir. Todos deram tapas nas costas de Richard, como se mostrassem sua confiança nele. A parte de trás do pescoço raspado de um dos homens franziu formando dobras quando ele virou para olhar a passagem coberta pelo tapete. Colocou um braço em volta do ombro de Richard, dando um aperto nele com dedos poderosos.

“Você tem mesmo sorte, rapaz. Vai gostar do que temos para você.” O sorriso manhoso dele revelou que faltava um dente inferior. “Venha conosco. Vai gostar disso, rapaz. Podemos prometer a você, que vai gostar.” Ele deu uma forte risada. “Hoje você será um homem, se ainda não for.” Os outros três riram junto com ele.

Os três empurraram o tapete para o lado, levando uma das lamparinas com eles. O último homem bateu nas costas de Richard, fazendo ele seguir. Todos eles riram por causa da expectativa.

A sala seguinte era muito parecida com a primeira, sem a fumaça de cachimbo. Eles passaram por uma seqüência de salas, cada uma delas sem decoração a não ser alguns poucos tapetes espalhados. Os homens finalmente agacharam ao lado da última passagem coberta, colocaram as partes de baixo das lanças deles no chão, e com uma das mãos como apoio inclinaram na direção dele. Todos eles compartilhavam os mesmos sorrisos maliciosos.

“Cuidado agora, rapaz. Não fique ansioso demais. Mantenha sua cabeça no lugar, e terá algum tempo com essa selvagem.”

Eles deram risadas novamente com sua piada particular enquanto empurravam o tapete pendurado para o lado e entraram. Dentro, a pequena sala quadrada tinha um chão sujo. O teto ficava a pelo menos três níveis de altura. Uma janela perto da parte superior de uma parede lançava uma luz fraca na sala. O lugar tinha o cheiro do penico que estava jogado num canto.

Agachada na parede mais afastada estava uma mulher nua. Ela tentou se encolher mais ainda num quando viu os homens. Os braços em volta dos joelhos, ela os apertou com mais força.

Ela estava coberta por marcas de sujeira e manchas, cortes e machucados. A massa de cabelo comprido cacheado estava enrolada, emoldurando o rosto sujo dela. Seus olhos escuros estreitaram de ódio enquanto ela observava os quatro homens. Pelos sorrisos maliciosos deles, ela parecia conhecer muito bem as intenções deles.

Em volta do pescoço dela estava uma grossa coleira de ferro conectada a um grande pino na parede por uma pesada corrente.

Os homens espalharam-se pela sala, agachados, e apoiaram as costas contra as paredes. Seus punhos seguravam as lanças deles com as pontas para cima entre os joelhos. Richard imitou eles, agachando-se e encostando na parede do lado direito da mulher.

“Quero falar com os espíritos,” Richard falou. Os quatro homens piscaram para ele. “Eu devo perguntar como eles querem que isso seja feito.”

“Só tem um jeito de fazer isso,” o homem com o dente faltando disse. “Você deve cortar a cabeça dela fora. Agora que a coleira de ferro está no pescoço dela, é o único jeito de acabar com ela. A cabeça dela deve ser separada do corpo.”

“Mesmo assim, isso deve ser feito da maneira que os espíritos querem. Devo falar com eles. Eu tenho que saber exatamente como fazer isso... para agradá-los.”

Todos eles consideraram aquilo. O homem com o dente faltando empurrou a bochecha com a língua enquanto pensava. Finalmente o rosto dele se iluminou. “A Mãe Rainha e as mulheres

dela bebem juka para falar com os espíritos. Eu poderia trazer um pouco de juka, e então você também poderia falar com os espíritos.”

“Então traga essa juka, para que eu possa falar com os espíritos e fazer como eles ordenarem. Eu não iria querer cometer um erro, e estragar o sacrifício da plantação de vocês.”

Os homens concordaram que esse era um pedido sábio, considerando que Richard faria o sacrifício ele mesmo ao invés de simplesmente abençoá-lo. Um dos homens saiu apressado.

Os outros três aguardaram em silêncio, rindo para a mulher novamente. Ela juntou os pés para se cobrir enquanto encolhia no canto, e olhava de volta fixamente.

Um homem tirou um cachimbo fino e um comprido pedaço de madeira de um bolso. Ele acendeu o pedaço de madeira na chama da lamparina, e usou para acender seu cachimbo. Soprou fumaça enquanto observava a mulher, olhando para ela de um jeito íntimo. Com o queixo erguido de modo desafiador, a mulher encarou o olhar. A fumaça deslizou no ar enquanto suas baforadas firmes aceleravam.

Richard agachou, encostando na parede, com os braços cruzados no colo para esconder parcialmente sua mão direita posicionada casualmente perto do cabo da sua espada. O quarto homem finalmente voltou, carregando um pote de barro arredondado nas duas mãos. O pote tinha uma pequena abertura na parte de cima e símbolos brancos pintados nos lados.

“A Mãe Rainha e suas mulheres concordaram, e mandaram essa juka para que você possa chamar os espíritos. Quando beber isso, os espíritos visitarão você.” Ele colocou o pote na frente de Richard e então, tirando uma faca do cinto, ofereceu o cabo de malaquita verde. Entalhadas nele havia figuras em posições obscenas. “Essa é a faca sagrada, para ser usada no sacrifício.” Quando Richard pegou a faca e enfiou a lâmina robusta no cinto, o homem juntou-se aos colegas dele agachados encostados nas paredes.

O homem mais perto da mulher, do outro lado, parecia estar feliz que a Mãe Rainha tivesse mandado a juka.

Ele deu uma piscada para Richard. Então levantou a ponta da lança até o rosto da mulher.

“O homem mágico veio oferecer você para os espíritos.” Ele sorriu para Richard mostrando apoio. “Mas primeiro, ele gostaria de entregar a você o presente dos espíritos da semente dele.” Ela não se moveu. O sorriso dele transformou-se em desprezo quando ele bateu a parte inferior da lança no chão. “Não insulte os espíritos! Você vai aceitar a oferenda deles!” A voz dele baixou até virar um rosnado. “Agora.”

Sem jamais tirar os olhos dele, ela se desenrolou e obedientemente se deitou no chão, sobre as costas. Ela abriu as pernas e lançou um olhar desafiador para Richard. Obviamente ela conhecia as conseqüências de negar a esses homens o que eles queriam.

O homem deu um pulo para frente e enfiou sua lança no músculo da coxa dela. Ela deu um grito e se encolheu.

“Sabe muito bem que não deve fazer assim! Não vai nos insultar! Não somos estúpidos!” Ele ameaçou dar outro golpe. “Faça direito!”

Os dedos de Richard apertaram o cabo da espada, mas ele não se moveu. A mulher não tentou cuidar do corte que sangrava em sua perna, ao invés disso, virou obedientemente ficando sobre os cotovelos e joelhos, levantando o traseiro.

Os homens começaram a rir para Richard.

“Você não gostaria de deitar com essa cara a cara,” falou o homem com o dente faltando. “Ela morde.” Os outros assentiram mostrando certeza daquilo. “Monte nela desse jeito, e segure pelo cabelo. Desse jeito ela não vai conseguir morder, e poderá ter tudo o que quiser dela.”

Os homens esperaram. Nem Richard nem a mulher se moveram.

“Os tolos não conseguem ver?” a mulher falou. “Ele não quer montar em mim na frente de vocês como um cachorro!” Com o rosto encostado no chão, ela mostrou um sorriso zombeteiro para Richard. “Ele é tímido. Não quer que vocês vejam como a vara mágica dele é pequena.”

Todos os olhos estavam sobre ele. As articulações dos dedos de Richard estavam brancas em volta do cabo. Ele se esforçou para mostrar um rosto impassivo para esconder a fúria da magia que fluía através dele vindo da espada. Lutou para manter a razão.

Deixar a magia solta aqui dentro não adiantaria nada.

Um dos homens bateu com o cotovelo em um dos outros e riu. "Talvez ela esteja certa. Ele é jovem."

"Talvez não esteja acostumado que outros observem o prazer dele."

Os laços que envolviam o seu controle estavam quase partindo. Richard concentrou-se em manter sua mão livre firme e fazer com que ela se movesse graciosamente. Levantou o pote de barro com a juka, mostrando-o para eles. Fez um esforço grandioso para manter sua voz firme. "Os espíritos desejam falar comigo sobre assuntos importantes."

Todos os sorrisos murcharam. Eles o reconheciam como um homem mágico, mas não era um jovem como estavam acostumados a ver.

Não tinham ideia alguma do seu poder, mas obviamente estavam preocupados com isso, preocupados com a tranqüilidade demasiada dele.

"Devemos deixar ele cumprir sua obrigação," um dos homens falou. "Devemos deixar ele ficar com os espíritos, e conseguir o seu prazer da selvagem se ele quiser antes de entregar aos espíritos sua oferenda." Ele baixou sua cabeça brilhante para Richard. "Vamos deixar você com sua paz. Vamos esperar na sala em que você nos viu pela primeira vez."

Com os rostos sérios, os quatro saíram depressa. Depois que eles foram embora, e ela podia ter certeza de que eles estavam a uma boa distância, a mulher cuspiu nele.

Ela curvou as costas como uma gata no cio, levantando bem o traseiro. "Pode montar em mim agora, como o cão que você é. Vamos, homem mágico, prove que consegue montar em uma mulher quando ela está presa para você em uma corrente."

"Não pode fazer nada pior do que os outros cães." Ela cuspiu nele outra vez. "Todos vocês são cães."

Richard esticou sua perna e empurrou o quadril dela com um dos pés, fazendo ela virar. “Eu não sou como aqueles homens.”

Ela rolou sobre as costas. Abriu os braços e as pernas e lançou um olhar insolente para ele. “Entã o. Você deseja que eu fique assim, para provar que é melhor do que eles?”

Richard cerrou os dentes. “Pare. Não estou aqui para isso.”

Ela sentou. Levantou o queixo, mas os olhos dela estavam cheios de súbito terror. “Então, vai me sacrificar agora?”

Richard percebeu que sua mão ainda estava segurando o cabo. Tinha esquecido de manter uma expressão calma. Ele afastou a mão, deixando a magia recuar e sua fúria esfriar. Enquanto ela observava, ele derramou a juka no chão sujo.

“Vou tirar você dessa. Meu nome é Richard. Qual é o seu?”

Os olhos dela estreitaram. “Porque você quer saber?”

“Bem, se vou tirar você daqui, preciso saber como chamá-la. Não posso chamar você de *mulher*.”

Ela estudou ele silenciosamente por um momento. “Eu sou Du Chaillu.”

“Chamo você de Du? Ou Chaillu? Ou Du Chaillu?”

Ela franziu a testa, surpresa. “Du Chaillu. Esse é o meu nome.”

Richard deu um sorriso tranqüilizador. “Então está certo. Du Chaillu. Qual é o seu povo? Como eles são chamados?”

“Nós somos Baka Ban Mana.”

“E o que isso significa, Baka Ban Mana?”

O queixo dela levantou novamente. “Aqueles que não possuem mestres.”

Richard sorriu para si mesmo. “Acho que você é digna do seu povo. Não parece ser uma mulher que pode ser dominada.”

Com o queixo ainda levantado, ela estudou os olhos dele. “Você diz essas palavras, mas pretende montar em mim como os outros.”

Richard balançou a cabeça. “Não. Eu disse que não faria isso. Vou tentar tirar você daqui, e levar de volta ao seu povo.”

“Nenhum do meu povo capturado pelos Majendie jamais retorna.”

Richard inclinou na direção dela. “Então você será a primeira.”

Richard sacou sua espada. Du Chaillu recuou encostando na parede, levantando os joelhos até o peito, escondendo o rosto. Ele percebeu que ela havia interpretado mal sua ação e esperava o pior.

“Está tudo bem, Du Chaillu. Não vou machucar você. Apenas preciso tirar essa coleira.”

Ela se encolheu, afastando-se dele; então, pensando melhor em seu recuo vergonhoso, ela ergueu a cabeça e cuspiu nele. “Sim, tirando minha cabeça. Você não fala a verdade. Quer me matar agora, e só quer que eu ofereça meu pescoço sem resistência.”

Com a manga, Richard limpou a saliva da testa. Ele se esticou e colocou uma das mãos de maneira confortante no ombro dela. “Não. Não vou machucar você. Só preciso usar essa espada para tirar a coleira. De que outra maneira eu posso tirar você daqui? Vai ficar segura, você verá. Deixa eu tirar ela?”

“Espadas não podem cortar ferro!”

Richard levantou uma sobrancelha. “Magia pode.”

Ela fechou bem os olhos e prendeu a respiração enquanto ele colocou um braço em volta do ombro dela gentilmente e colocou o rosto dela no colo. Colocou a ponta da espada no lado do pescoço dela. Ele tinha visto a Espada da Verdade cortar o ferro antes, e ele sabia que a magia da espada poderia fazer o serviço. Ela ficou imóvel quando ele deslizou a espada na espessa faixa de ferro.

E então ela saltou nele. Em um piscar de olhos, ela estava segurando seu braço esquerdo. Os dentes dela fecharam-se em volta do antebraço dele, comprimindo os nervos.

Richard congelou. Sabia que se tentasse puxar o braço, os dentes dela provavelmente arrancariam o músculo do osso. Ele ainda estava com sua mão direita na espada. A fúria da magia pulsou através dele. Ele usou a raiva para bloquear a dor e permanecer firme.

Com a espada debaixo da coleira como estava, seria apenas uma questão de dar um giro e empurrar. Isso cortaria a garganta dela, se não a decapitasse, e ele estaria livre dos dentes dela. A dor da mordida dela era agonizante.

“Du Chaillu,” ele conseguiu falar através dos dentes cerrados. “Solte. Não vou machucar você. Se essa fosse minha intenção, eu

poderia cortar você com a espada agora mesmo para fazer você largar.”

Depois de algum tempo, tudo era silêncio a não pela respiração dele, ela relaxou a pressão dos dentes, mas não largou o braço dele.

Ela levantou a cabeça um pouco. “Porque?” Os olhos dela levantaram para observá-lo. “Porque você quer me aj udar?”

Richard olhou dentro dos olhos escuros dela. Aproveitou uma chance e tirou a mão da espada. Levantou a mão, e encostou os dedos na coleira de metal frio no pescoço dele.

“Eu, também, sou um prisioneiro. Eu, também, sei o que é ficar preso por uma coleira. Não gosto de coleiras. Ainda que eu não possa me libertar desse jeito, posso tentar libertar você.”

O aperto feroz no braço dele relaxou. Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto franzia a testa olhando para cima.

“Mas você é um homem mágico.”

“Foi por isso que eu virei prisioneiro. A mulher com quem eu estou está me levando para um lugar chamado Palácio dos Profetas. Ela diz que a magia vai me matar se eu não for até esse lugar.”

“Você está com uma das bruxas? Da grande casa de pedra das bruxas?”

“Ela não é uma bruxa, mas alguém que tem magia também. Colocou essa coleira em mim para me obrigar a ir com ela.”

Os olhos de Du Chaillu desviaram para a coleira no pescoço dele.

“Se você deixar que vá, os Majendie não vão permitir que atravesse a terra deles até a grande casa de pedra.”

Richard mostrou um leve sorriso. “Eu esperava que se ajudasse você a voltar para o seu povo, você nos permitiria passar pela sua terra, e que talvez você nos guiasse, para que cheguemos até o Palácio.”

Um sorriso manhoso surgiu nos lábios dela. “Nós poderíamos matar a bruxa.”

Richard balançou a cabeça. “Eu não mato pessoas a não ser que eu seja forçado. De qualquer jeito, isso não ajudaria em nada. Preciso ir até o Palácio para tirar minha coleira. Se eu não for até lá, vou morrer.”

Du Chaillu olhou para longe dos olhos dele. Richard esperou enquanto ela olhava em volta de sua prisão.

“Não sei se você fala a verdade, ou se pretende cortar minha garganta.” Ela esfregou o braço dele gentilmente no local onde tinha mordido. “Mas se você me matar, eu seria morta de qualquer jeito, e não tinha chance alguma, e pelo menos aqueles cães não vão montar mais em mim. Se você falar a verdade, então eu estarei livre, mas ainda temos que escapar. Nós ainda estamos na terra dos Majendie.”

Richard piscou. “Eu tenho um plano. Pelo menos podemos tentar.”

Ela fez uma careta para ele. “Você poderia fazer essa coisa comigo, e eles ficariam felizes, e poderia ir até o Palácio. Você estaria seguro. Não tem medo que eles matem você?”

Richard assentiu. “Mas tenho mais medo de viver o resto da minha vida vendo em minha mente os seus belos olhos e desejando ter ajudado você.”

Ela lançou um olhar desconfiado para ele. “Talvez você seja um homem mágico, mas não é um homem esperto. Um homem esperto iria querer ficar seguro.”

“Eu sou o Seeker.”

“O que é isso, o Seeker?”

“É uma longa história. Mas acho que isso significa que eu faço o melhor que posso para que a verdade prevaleça, para que a coisa certa seja feita. Essa espada tem magia, e ela me ajuda em minha busca. Ela é chamada de Espada da Verdade.”

Ela soltou um forte suspiro, e finalmente encostou a cabeça de volta no colo dele. “Então, tente, ou me mate. Eu estaria morta de qualquer jeito.”

Richard deu um leve tapinha de conforto na costa suja dela. “Fique parada.”

Ele enfiou a mão debaixo do pescoço dela e fechou os dedos na coleira, segurando bem firme. Com sua outra mão, a mão no cabo, a mão através da qual a magia estava fluindo para dentro dele, deu um poderoso puxão. Com um forte estalo, o ferro rachou. Fragmentos de metal quentes ricochetearam nas paredes. Um

grande pedaço girou no chão como uma tampa, finalmente quicando e caindo para um lado. O silêncio caiu sobre eles. Ele prendeu a respiração, esperando que nenhum dos estilhaços de metal tivesse cortado a garganta dela.

Du Chaillu sentou. Os olhos dela arregalados, verificou o pescoço. Não encontrando ferimento algum, ela abriu um grande sorriso.

“Saiu! Você tirou a coleira e minha cabeça ainda está no lugar!”

Richard fingiu um toque de indignação. “Eu disse que faria isso. Agora temos que dar o fora daqui. Vamos.”

Ele a levou de volta através das salas pelo caminho por que tinha entrado. Quando chegou na sala perto daquela onde os homens esperavam, colocou um dedo nos lábios e disse para ela ficar quieta e esperar que ele voltasse para buscá-la.

Ela cruzou os braços por baixo dos seios nus. “Porque ? Eu vou com você. Você disse que não me deixaria aqui.”

Richard soltou um suspiro exasperado. “Vou conseguir algumas roupas para você. Não podemos partir com você...” Com um gesto, ele indicou a condição nua dela.

Ela descruzou os braços e olhou para si mesma. “Porque? O que tem de errado comigo? Não estou com uma forma ruim de olhar. Muitos homens disseram...”

“Qual é o problema com essas pessoas!” ele sussurrou fervorosamente. “Eu tenho visto mais pessoas nuas desde que deixei minha terra natal no outono passado do que em toda minha vida! E nenhum de vocês parece estar nem um pouquinho...”

Ela sorriu. “Seu rosto está vermelho.”

Richard grunhiu através dos dentes cerrados. “Espere aqui!”

Com um sorriso forçado, ela cruzou os braços de novo. “Vou esperar.”

Na outra sala os quatro homens ficaram de pé rapidamente quando Richard entrou pela abertura coberta pelo tapete.

Ele não deu tempo algum para que eles fizessem perguntas.

“Onde estão as roupas da mulher?”

Confusos, eles olharam uns para os outros. “As roupas dela ? Porque você quer...”

Richard deu um passo ameaçador na direção do homem. “Quem é você para questionar os espíritos! Faça como eles dizem! Traga as roupas dela!”

Os quatro se encolheram, recuando. Olharam para ele por um momento e então seguiram até os baús menores. Colocaram as lamparinas de lado e abriram as tampas, remexendo nos baús, jogando as roupas.

“Aqui! Eu encontrei elas!” um deles falou. Ele segurava uma roupa que parecia ser de linho finamente costurado. Faixas de diferentes cores espalhavam-se em colunas pelo tecido marrom claro. “Isso é dela.” Ele levantou um cinto de pele. “E isso também.”

Richard arrancou as coisas da mão do homem. “Vocês vão esperar aqui.” Ele pegou um pedaço de tecido que os homens tinham jogado no chão quando estavam procurando pelo vestido.

Ele retornou pela abertura antes que houvesse tempo para perguntas. Du Chaillu esperava, seus braços cruzados. Quando viu o que ele segurava nas mãos, ela engasgou. Apertou o vestido contra o peito. Lágrimas encheram seus olhos escuros.

“Meu vestido de oração!”

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele e, erguendo-se nas pontas dos pés, começou a beijar todo o rosto dele.

Richard apertou a massa de cabelo negro contra os lados da cabeça dela enquanto a empurrava, para afastá-la.

“Está bem, está bem, vista isso. Depressa.”

Sorrindo para ele, ela passou o vestido por cima da cabeça, enfiado os braços pelas mangas compridas. Subindo pelo lado de fora de cada braço e pelos ombros havia uma fila de pequenas faixas de pano de cores diferentes. Cada uma delas estava amarrada passando por dentro de um pequeno buraco sob uma tira de corda. O vestido chegou até logo abaixo dos joelhos dela. Quando ela apertou o cinto na cintura, Richard notou o sangue que ainda estava descendo até o pé dela saindo da coxa onde o homem tinha ferido.

Ele se abaixou sobre um joelho na frente dela e fez um sinal com as mãos. “Levante. Levante o seu vestido.”

Du Chaillu baixou os olhos, olhando para ele. Levantou uma sobrancelha. “Acabei de me cobrir, e agora quer que eu descubra?”

Richard apertou os lábios. Balançou a tira de pano para ela. “Você está sangrando. Preciso colocar isso na ferida.”

Rindo, ela levantou a saia e esticou a perna, girando-a de um lado para o outro, exibindo-a de uma maneira provocante. Richard enrolou rapidamente o pano em volta da coxa dela, sobre o corte, e deu um nó bem apertado. Ela gritou de dor. Ele pensou que ela mereceu aquilo, mas pediu desculpas de qualquer modo.

Segurando a mão dela, ele a conduziu pelas outras salas. Quando passou pela última, rosnou para os quatro homens dizendo para eles ficarem onde estavam. Ainda segurando a mão de Du Chaillu bem firme, ele a levou de volta pelo beco e pelas ruas até a praça em campo aberto. Viu as cabeças dos três cavalos acima do mar de cabeças raspadas brilhantes. Abriu caminho através da multidão, na direção dos cavalos.

CAPÍTULO 43



Embora sua espada estivesse em sua bainha, ele já estava usando sua magia. A fúria ondulava dentro dele. Permitted que ela aumentasse ainda mais, deixando suas barreiras caírem diante de seu avanço.

Estava entrando em um mundo particular. Um mundo de forte compromisso com aquilo que ele era.

Aquele que traz a morte.

Irmã Verna ficou pálida quando o viu puxando Du Chaillu, ficando mais pálida ainda quando viu seu comportamento.

Sem dizer uma palavra para ela, Richard tirou seu arco do lado de sua sela. Ele grunhiu com o esforço de esticar a corda do arco rapidamente. Puxou duas flechas com lâmina de aço da aljava que estava pendurada na sela de Bonnie. Seu peito pulsava de cólera.

Toda a multidão tinha virado na direção dele. Rostos confusos pipocavam enquanto homens pulavam para conseguir ter uma visão melhor. Todas as mulheres de preto olharam na direção dele. A Mãe Rainha observava.

Agora o rosto da Irmã Verna estava vermelho. "Richard! O que você acha que...!"

Richard empurrou ela para trás. "Fique quieta."

Com o arco e flechas nas mãos, ele saltou na sela dele. O murmúrio silenciou.

Richard falou diretamente com a Mãe Rainha. "Eu falei com os espíritos!"

A costa da mão da Mãe Rainha começou a deslizar subindo pelo poste, na direção da corda do sino. Aquele era o sinal de que ele precisava. Ela havia recebido a chance de fazer uma escolha. A decisão irrevogável tinha sido feita.

Liberou a magia dentro dele.

Com um movimento ligeiro, Richard preparou uma flecha. Puxou a corda até a bochecha. Chamou o alvo. A flecha partiu.

O ar sibilou com o som da flecha voando. A multidão engasgou. Antes que a flecha atingisse o alvo, enquanto o ar ainda vibrava como som dela, Richard estava com a segunda flecha preparada e apontada para o alvo.

Com uma pancada surda, a primeira flecha bateu com firmeza, exatamente onde ele queria. A Mãe Rainha soltou um grito de surpresa e dor. Penetrando no espaço entre os dois ossos no pulso dela, a flecha prendeu o braço dela no poste, evitando que sua mão alcançasse a corda do sino. A outra mão dela começou a mover na direção da corda.

A segunda flecha permaneceu firme dentro do nó invisível no ar, na direção do alvo, esperando. "Tente alcançar o sino, e a próxima flecha vai atravessar seu olho direito!"

As mulheres de preto caíram de joelhos, gemendo. A Mãe Rainha ficou imóvel. Sangue descia pelo seu braço.

Internamente, tempestades de fúria trovejavam através dele. Do lado de fora, ele estava firme como rocha. "Você vai ouvir o que os espíritos ordenaram!"

Lentamente, a Rainha Mãe baixou a mão livre para o lado. "Então fale as palavras deles."

Richard ainda segurava a corda do arco perto da bochecha, e não tinha intenção alguma de deixar ela relaxar. Ainda que a flecha estivesse direcionada para uma pessoa, sua ira estava direcionada a todos.

A magia ardia nele com plena fúria. A força da raiva pulsava em suas veias. No passado, ela sempre tinha sido focada em um inimigo, alguém específico. Dessa vez era diferente. Era fúria sem limite, fúria contra todos os presentes, contra todos envolvidos em sacrifício humano. Essa era uma raiva que não era específica.

Isso deixava a coisa pior. Sugava mais magia.

Richard não sabia se era a grandiosidade da ameaça que sugava mais magia, ou se era por causa de todo treino que tinha feito com Irmã Verna, permitindo que ele focasse, mas seja lá qual

fosse a razão, ele estava invocando mais magia da espada do que já tinha feito antes, mais do que ele sabia que estava lá. A magia fervia com poder assustador. o próprio ar vibrava com ela.

Os homens ao redor deram um passo atrás. As mulheres que gemiam ficaram em silêncio. O rosto da Mãe Rainha estava branco em contraste com o vestido negro dela. Mil pessoas ficaram em silêncio sentindo o terror por causa de um.

“Os espíritos não querem mais sacrifícios! Isso não prova sua devoção a eles, apenas que podem matar! De agora em diante, devem mostrar seu respeito pelos espíritos mostrando respeito pelas vidas dos Baka Ban Mana. Se não fizerem isso, os espíritos lançarão sua ira destruindo vocês! Levem a ameaça deles a sério, ou eles vão trazer fome e morte para os Majendie!”

Ele falou com os homens enquanto eles se aproximavam. “Se algum de vocês fizer um movimento contra mim ou essas duas mulheres, a Mãe Rainha morre.” Todos eles olharam uns para os outros, buscando coragem. “Vocês podem pensar em me matar,” falou para eles, a mira não tremeu nem um pouquinho, “mas não podem fazer isso antes que a Mãe Rainha morra. Vocês viram a flecha que eu atirei. Minha mão é guiada por magia. Eu não erro.”

Os homens se afastaram.

“Deixem ele!” a Mãe Rainha gritou. “Escutem o que ele tem para dizer!”

“Eu falei o que os espíritos disseram! Vocês vão obedecer!”

Ela ficou em silêncio por um momento. “Nós mesmos vamos consultar os espíritos.”

“Vocês insultariam eles ? Estariam admitindo que não prestam atenção nas palavras deles, mas apenas nos seus próprios desejos terrenos!”

“Mas nós devemos...”

“Não estou aqui para barganhar em nome deles! Os espíritos ordenaram que eu entregasse a faca de sacrifício para essa mulher, então ela poderá levá-la de volta para seu povo, para mostrar a eles que os Majendie não vão mais caçar eles.”

“Os espíritos vão avisar vocês de sua ira tirando a semente que vocês plantam, e somente quando mandarem representantes até os

Baka Ban Mana e disserem a eles que concordam com os desejos dos espíritos vocês conseguirão fazer suas plantações. Se não atenderem os desejos dos espíritos, vão passar fome até a morte!”

“Estamos partindo agora. Terei sua palavra de que teremos a garantia para sair da sua terra em segurança, ou vai morrer agora mesmo.”

“Devemos considerar.

“Vou contar até três para que diga sua decisão! Um, dois, três!” A Mãe Rainha engoliu em seco.

As mulheres de preto gemeram. A multidão engasgou. “O que você decidiu!”

A Mãe Rainha levantou a mão livre, implorando que ele segurasse a flecha. “Vocês podem partir! Vocês tem a palavra da Mãe Rainha de que podem sair de nossa terra sem serem incomodados!”

“Uma decisão sábia.”

A mão dela fechou, com um dedo apontando na direção deles. “Mas isso é uma violação de nosso acordo com as mulheres sábias. O acordo está acabado. Vocês devem deixar nossa terra imediatamente. Vocês foram banidos.”

“Que assim seja,” Richard falou. “Mas mantenha sua palavra, ou vai receber a desgostosa recompensa de qualquer ação imprudente.”

Ele liberou a tensão no arco. Ficando de pé nos estribos, tirou a faca sagrada do cinto e segurou bem alto para que todos pudessem ver.

“Essa mulher vai levar isso de volta para o povo dela, e falará para eles sobre as palavras dos espíritos. Da parte deles, os Baka Ban Mana não devem mais fazer guerra com os Majendie. Vocês não devem mais fazer guerra com eles. Serão dois povos em paz! Nenhum deve ferir o outro! Prestem atenção nas palavras dos espíritos, ou enfrentem as conseqüências!”

A voz dele baixou virando um sussurro ameaçador, e mesmo assim a fúria da magia levou as palavras até os cantos mais distantes da praça, e no meio da calmaria, cada ouvido podia

escutá-las. “Prestem atenção em minhas ordens, ou sofram com o que lançarei sobre vocês. Vou arruinar vocês.”

A magia pairava sobre a praça como neblina em um vale, etérea e mesmo assim real, uma manifestação palpável da raiva dele que tocou todos os presentes, e todos tremeram com esse toque. Richard saltou do cavalo. Os homens recuaram mais alguns passos. Irmã Verna estava sem voz de tanta raiva. Ele nunca tinha visto ela nesse estado. Ela estava parada, como se estivesse paralisada, com os punhos na frente dela.

Richard desviou seu olhar, e sua fúria, para ela. “Suba no seu cavalo, Irmã. Estamos partindo.”

A mandíbula dela parecia prestes a despedaçar com a pressão de tanta força com a qual estava cerrada. “Você está louco! Não vamos...”

Richard moveu um dedo na direção dela. “Se quiser discutir com alguém, Irmã, pode ficar e discutir com esse povo. Tenho certeza de que vão convencer você. Vou até o Palácio para tirar essa coleira. Se quiser vir comigo, então suba no seu cavalo.”

“Não há caminho algum! Não podemos viajar no meio da terra dos Majendie! Nós fomos banidos!”

Richard apontou para Du Chaillu com o dedão. “Ela vai nos guiar até o Palácio dos Profetas, pela terra dos Baka Ban Mana.”

Du Chaillu cruzou os braços e lançou um sorriso satisfeito para a Irmã.

Irmã Verna olhou dela para Richard. “Você realmente está louco. Não podemos...”

Richard cerrou os dentes com um grunhido, a fúria da espada ainda estava com plena força. “Se quiser ir comigo até o Palácio, suba no seu cavalo! Estou partindo!”

Du Chaillu observou quando Richard enfiou a faca de cabo verde no cinto de pele dela. “Eu dei uma responsabilidade para você. Você vai cumprir ela. Agora, suba naquele cavalo.”

Du Chaillu descruzou os braços com repentina preocupação, olhando para o cavalo e de volta para ele. Ela cruzou os braços de novo e levantou o nariz. “Não vou cavalgar naquela besta. Ela fede.”

“Você também!” Richard gritou. “Agora suba naquele cavalo !”

Ela se encolheu. Com os olhos arregalados de medo do olhar dele, ela engoliu em seco, engolindo ar. "Agora eu sei o que é um Seeker."

Ela subiu desajeitada em Geraldine. A Irmã já estava em cima de Jessup. Richard saltou em Bonnie.

Com um último olhar de aviso para os homens reunidos, ele espremeu as costelas da égua e ela saiu correndo em galope.

Os outros dois cavalos seguiram atrás dele. Os homens se afastaram saindo do caminho.

A magia tinha sede de sangue, estava ansiosa por isso. Richard desejou que alguém tentasse deter ele. Ninguém tentou.

* * *

"Por favor," Du Chaillu falou, "está quase escuro. Podemos parar por favor, ou pelo menos permita que eu caminhe. Essa besta está me machucando."

Ela estava agüentando para continuar viva, balançando na sela enquanto Geraldine trotava. As pequenas faixas de tecido colorido no vestido dela estavam todas amassadas. Ele podia ouvir o cavalo de Irmã Verna trotando logo atrás, mas ele não olhou para ela.

Richard olhou para o sol que descia por trás do espesso amontoado de galhos. Sua fúria finalmente estava diminuindo junto com a luz. Por algum tempo, pareceu que ele nunca seria capaz de fazer ela acalmar.

Du Chaillu apontou com o queixo, para a direita dele, com medo de levantar a mão. "Tem um pequeno lago ali, atravessando os juncos, e um terreno gramado antes dele."

"Tem certeza de que estamos em terra dos Baka Ban Mana?"

Ela assentiu. "Já faz algumas horas. Essa é nossa terra. Conheço esse lugar."

"Está bem. Vamos parar e passar a noite."

Ele segurou o cavalo dela para enquanto ela descia. Com um grunhido, ela esfregou as mãos no traseiro. "Se me obrigar a cavalgar naquela besta de novo amanhã, vou morder você!"

Pela primeira vez desde que eles tinham deixado os Majendie, ele conseguiu sorrir. Enquanto Richard foi remover as selas dos cavalos, mandou Du Chaillu pegar água em um cantil feito de lona. Enquanto ela seguiu passando pelos juncos e foi depressa até o lago, Irmã Verna juntou lenha e usou sua magia para fazer uma fogueira. Quando ele acabou de cuidar dos cavalos, amarrou eles em cordas compridas para que pudessem pastar na grama.

“Acho que está na hora das apresentações,” Richard falou quando Du Chaillu voltou. “Irmã Verna, essa é Du Chaillu.”

“Du Chaillu, essa é a Irmã Verna.”

Irmã Verna pareceu ter esfriado, ou pelo menos cobriu sua raiva com uma máscara. “Estou feliz por você, Du Chaillu, pois não teve que morrer hoje.”

Du Chaillu olhou séria. Richard sabia que ela pensava que as Irmãs da Luz eram bruxas.

“Entretanto, realmente fico triste,” a Irmã complementou, “por todos aqueles que vão morrer em seu lugar.”

“Você não está feliz por minha causa. Queria que eu morresse. Queria que todos os Baka Ban Mana morressem.”

“Isso não é verdade. Não desejo que ninguém morra. Mas sei que não conseguiria convencê-la disso. Pense o que quiser.”

Du Chaillu tirou a faca de sacrifício do cinto e segurou o cabo na frente dos olhos de Irmã Verna. “Eles me deixaram presa naquela corrente por três luas.” Ela olhou para o cabo verde e apontou para um dos casais obscenos unidos que estavam entalhados nele. “Aqueles cães fizeram isso comigo.” Irmã Verna olhou para a faca enquanto Du Chaillu batia com o dedo em outra cena. “E isso. E isso também.”

Irmã Verna observou o peito da outra pulsando de raiva. “Não há jeito de convencê-la, Du Chaillu, do quanto eu abomino o que fizeram com você, e o que pretendiam fazer. Tem muitas coisas nesse mundo que eu abomino, mas sobre as quais não posso fazer nada, e em alguns casos, devo tolerar, para servir a um bem maior.”

Du Chaillu bateu no estômago. “Eu perdi meu fluxo da lua. Aqueles cães colocaram uma criança em mim! Agora tenho que ir até as parteiras e pedir a elas ervas para tirar o filho de um cão.”

Irmã Verna juntos as mãos. "Por favor, Du Chaillu, não faça isso. Uma criança é um presente do Criador. Por favor não rejeite o presente dele."

"Presente! Esse grande Criador tem um jeito terrível de conceder os presentes dele!"

"Du Chaillu," Richard disse, "até agora, os Majendie mataram cada um dos Baka Ban Mana que capturaram."

"Você é a primeira a ser libertada. Eles não vão matar mais. Pense nessa criança como um símbolo da nova vida entre os seus povos. Para que essa nova vida, para que todas as suas crianças, possam florescer, a matança tem que parar. Vai deixar a criança viver? Ela não fez mal algum."

"O pai dela fez!"

Richard engasgou. "Crianças não são necessariamente más, só porque o pai foi."

"Se o pai é mau, então a criança vai ser como ele!"

"Isso não é verdade," a Irmã falou. "O pai de Richard foi um homem mau que matou muitas pessoas, mesmo assim Richard procura preservar a vida. A mãe dele sabia que a culpa dos crimes não passam além daqueles que os cometem. Ela não economizou seu amor porque o pai de Richard a estuprou. Richard foi criado por pessoas boas que ensinaram a ele o que é certo. Por causa disso, você está viva hoje. Você pode ensinar a criança."

A fúria de Du Chaillu fraquejou quando olhou para Richard. "Isso é verdade? Sua mãe foi tratada como eu, por um cão mau?"

Richard só conseguiu confirmar balançando a cabeça.

Ela esfregou a barriga. "Vou considerar o que você diz antes que eu decida. Você devolveu minha vida; vou pesar suas palavras." melhor."

"Se ela viver tempo o bastante para decidir," Irmã Verna disse. "Você fez promessas e ameaças que não pode cumprir. Quando os Majendie fizerem suas plantações, e nada acontecer, vão perder o medo do que você falou para eles hoje. O que você fez não valerá de nada e mais uma vez eles irão fazer guerra com o povo dela."

"Para não falar do meu."

Richard tirou a tira de couro com o apito do Homem Pássaro por cima da cabeça. "Eu não diria exatamente que nada vai acontecer, Irmã. Alguma coisa vai acontecer mesmo." Ele pendurou o apito no pescoço de Du Chaillu. "Iso foi um presente para mim, e agora é meu presente para você, para que você possa impedir a matança." Ele segurou o osso entalhado. "Esse é um apito mágico. Ele chama pássaros. Mais pássaros do que você já viu em um só lugar antes. Conto com você para cumprir minha promessa."

"Você deve ir até os campos de plantação deles. Mantenha-se escondida. Então, no pôr-do-sol, sopra esse apito mágico. Você não vai escutar o som, mas os pássaros serão chamados pela magia. Na sua mente, fique concentre-se na imagem de pássaros. Pense em todas os pássaros que conhece quando soprar esse apito, e continue soprando até que eles venham."

Ela tocou no apito de osso entalhado. "Mágico ? Os pássaros virão mesmo?"

Ele sorriu para ela com o canto da boca. "Oh, sim, eles virão. Não há dúvida disso. A magia vai chamar eles. Nenhuma pessoa vai escutar o som, mas os pássaros escutarão. Os Majendie não saberão que é você que está chamando os pássaros. Os pássaros estarão famintos e vão devorar todas as sementes. Toda vez que os Majendie plantarem sementes, você chama os pássaros e tira deles."

Ela sorriu. "Os Majendie vão morrer de fome!"

Richard colocou o rosto perto do rosto dela. "Não. Esse é meu presente para você, para acabar com a matança, não um presente para aj udar a matar. Vai chamar os pássaros para roubar as sementes deles até que os Majendie concordem em viver em paz com vocês. Quando eles cumprirem a parte deles na barganha, vocês devem cumprir a parte de vocês, e concordar em viver em paz com eles."

Ele colocou o dedo indicador bem na frente do nariz dela. "Se você usar o meu presente de forma errada, eu voltarei e usarei outra magia contra o seu povo. Coloquei minha confiança em você para fazer a coisa certa. Não acabe com minha confiança."

Du Chaillu desviou os olhos. Ela deu uma leve fungada. "Vou fazer direito. Usarei o seu presente como você diz." Enfiou o apito

dentro do vestido. "Obrigada por ajudar a trazer paz para o meu povo."

"Essa é a minha grande esperança. Paz."

"Paz," Irmã Verna bufou. Ela direcionou um olhar ardente para Richard. "Acha que é tão simples? Acha que após três mil anos você pode simplesmente decretar que a matança vai parar? Acha que tudo que é necessário é apenas a sua mera presença, e os costumes do povo vão mudar? Você é uma criança ingênua. Embora os crimes do pai não passem para o filho, você tem uma maneira simplista de enxergar coisas que causam o mal do mesmo jeito."

"Se você acha, Irmã, que eu participaria de sacrifícios humanos por qualquer razão, está seriamente enganada."

Ele começou a se afastar, mas então virou de volta. "Que mal eu causei? Que matança eu comecei?"

Ela se inclinou na direção dele. "Bem, só uma coisa, se não ajudarmos aqueles que possuem o dom, como você, isso vai matá-los, assim como mataria você. Como você propõe que levemos aqueles garotos até o Palácio? Não podemos mais atravessar a terra dos Majendie." Ela olhou para Du Chaillu. "Ela só deu permissão a você para atravessar a terra dela."

"Ela não disse que podemos trazer outros." Ela endireitou o corpo. "Aqueles garotos vão morrer por causa do que você fez."

Richard pensou naquilo por um momento. Ele estava exausto. Usar a magia da espada havia esgotado ele como nunca tinha acontecido. Ele não queria mais nada a não ser dormir. Não estava com vontade de resolver problemas, ou discutir. Finalmente, olhou para Du Chaillu.

"Quando fizer paz com os Majendie, antes que diga a eles para plantar novamente, deve colocar mais uma condição. Deve dizer a eles que em honra da matança ter acabado, em honra da paz, eles permitirão que as Irmãs cruzem a terra deles." Ela observou os olhos dele por um momento antes de balançar a cabeça concordando. "Seu povo fará o mesmo."

Ele estreitou os olhos na direção da Irmã. "Satisfeita?"

"No vale, quando você derrubou uma besta, mil cobras saltaram do cadáver dela. Isso não é diferente."

“Seria impossível para mim,” ela disse, “lembrar com precisão de todas as mentiras que você contou hoje. Censurei você antes por mentir, e avisei para não fazer isso outra vez. Falei para não balançar o machado hoje, e você fez isso de qualquer jeito, independente do meu aviso. Mal posso contar todos os comandos que você conseguiu violar apenas hoje. O que você fez não acabou com a matança, apenas começou.”

“Nisso, Irmã, eu sou o Seeker, não seu aluno. Como Seeker, não tolero sacrifício humano. Nenhum.”

“As mortes de outros são um caso à parte. Não pode usar isso como motivo para justificar o assassinato. Não haverá compromisso algum nisso. E não acho que você queira me punir por acabar com algo que, eu apostaria, você gostaria que tivesse acabado há muito tempo.”

Os músculos no rosto dela relaxaram. “Como uma Irmã da Luz, não tenho poder para mudar as coisas, e sob a obrigação de salvar mais vidas, tive que sustentar a maneira como tinha sido por três mil anos. Mas admito que odiava isso, e de certo modo estou feliz que você tenha tirado isso das minhas mãos. Mas isso não nega o problema que isso causará, ou as mortes. Quando colocou o Ra-da'Han, você falou que segurar a correia dessa coleira seria pior do que usá-la. Suas palavras estão provando serem verdadeiras.”

As pálpebras inferiores dela ficaram molhadas. “Você transformou meu maior amor, minha vocação, em uma desgraça.”

“Faz muito tempo que desejo punir você por sua desobediência. Em alguns dias estaremos no Palácio, e finalmente vou terminar meu trabalho com você. Elas terão que cuidar de você.”

“Veremos como eles vão lidar com você quando você as deixar descontentes. Acredito que vai descobrir que elas não estão preparadas para ser tão tolerantes como eu tenho sido. Elas usarão a coleira. E quando o fizerem, também acho que vão se arrepender de segurar a sua correia mais do que eu. Acho que vão se arrepender de tentar ajudá-lo, como eu me arrependo.”

Richard colocou as mãos nos bolsos traseiros enquanto observava a espessa floresta de carvalhos e arbustos. “Sinto muito que sinta isso, Irmã, mas acho que posso entender. Embora eu

admita que tenho lutado contra o fato de ser seu prisioneiro, o que aconteceu hoje não foi sobre mim e você.

“Foi sobre o que é certo. Como alguém que gostaria de me ensinar, esperei que você compartilhasse essa postura moral. Esperei que as Irmãs não fossem querer ensinar o uso do dom para alguém que poderia facilmente dobrar as convicções dele de acordo com a circunstância.”

“Irmã Verna, eu não estava tentando fazer você ficar descontente. Simplesmente não poderia viver em paz comigo mesmo se tivesse permitido que um assassinato acontecesse debaixo do meu nariz, muito menos se eu tivesse participado disso.”

“Eu sei, Richard. Mas isso só deixa a coisa pior, porque dá no mesmo.” Ela separou as mãos e deu uma olhada na direção da fogueira e dos suprimentos, finalmente tirando um bloco de sabão de um alforje. “Vou fazer um cozido, e pão.” Ela entregou o bloco de sabão para ele. “Du Chaillu precisa de um banho.”

Du Chaillu cruzou os braços, zangada. “Enquanto eu estava acorrentada na parede, os cães que montavam em mim não me ofereceram água para que eu pudesse ficar com um cheiro bom para você.”

Irmã Verna agachou, retirando suprimentos. “Não queria ofender, Du Chaillu. Apenas pensei que você iria querer lavar de você a sujeira daqueles homens. Se fosse comigo, eu não iria querer nada mais do que tentar limpar a sensação das mãos deles da minha carne.”

A indignação de Du Chaillu fraquejou. “Bem, é claro que eu gostaria disso!” Ela pegou o bloco de sabão de Richard. “Você tem o cheiro daquela besta que você monta. Vai se lavar também, ou não vou querer ficar perto de você e vou mandar você se afastar para comer sozinho.”

Richard riu. “Se isso vai manter a paz com você, vou me lavar também.”

As Du Chaillu marchava na direção do lago, Irma Verna chamou ele discretamente. Ele esperou perto dela enquanto ela tirou um pote de um alforje.

“O povo dela matou todo homem mágico em que conseguiam colocar as mãos durante os últimos três mil anos. Não há tempo para dar a você lições de história.” Ela olhou nos olhos dele. “Velhos hábitos voltam para a mão tão facilmente quanto uma faca. Não dê as costas para ela. Mais cedo ou mais tarde, ela vai tentar matar você.”

O tom calmo dela inesperadamente causou arrepios em sua carne. “Vou tentar me manter vivo, Irmã, para que você possa me entregar no Palácio e finalmente ficar livre do seu fardo oneroso.”

Richard seguiu depressa até o lago e alcançou Du Chaillu quando ela estava caminhando pelos juncos. “Porque chama ele de seu vestido de oração?”

Du Chaillu esticou os braços, deixando a brisa sacudir as tiras de pano no vestido dela. “Essas são orações.”

“O que são orações? Quer dizer, as tiras de pano?”

Ela assentiu. “Cada uma é uma oração. Quando o vento sopra, e elas voam, cada uma delas manda uma oração para os espíritos.”

“E pelo que você faz oração?”

“Cada uma dessas orações é a mesma, vinda dos corações das pessoas que me deram as orações deles. Todas são orações para termos nossa terra de volta.”

“Sua terra? Mas você está em sua terra.”

“Não. Aqui é onde vivemos, mas não é nossa terra. Muitos anos atrás, nossa terra foi tomada por homens mágicos. Eles nos baniram para cá.”

Eles chegaram na margem do lago. Lufadas da brisa criavam ondulações em listras escuras. A margem era gramada com espessos conjuntos de juncos de cada lado, seguindo para dentro da água.

“Os homens mágicos tomaram sua terra? Que terra?”

“Tomaram nossa terra dos nossos ancestrais.” Ela apontou na direção do Vale dos Perdidos. “A terra do outro lado dos Majendie. Eu estava indo até a nossa terra, com nossas orações, para perguntar aos espíritos se eles nos ajudariam para que nossa terra fosse devolvida. Mas os Majendie me pegaram, e eu não consegui levar nossas orações até os espíritos.”

“Como os espíritos vão devolver sua terra para você?”

Ela encolheu os ombros. As antigas palavras só dizem que devemos mandar alguém todo ano até nossa terra, para rezar aos espíritos, e se fizermos isso, nossa terra será devolvida.” Ela soltou o cinto jogou ele no chão. Com graça inquietante, ela atirou a faca de cabo verde para o lado, enterrando-a na ponta arredondada de um galho em uma árvore.

“Como?”

Ela franziu a testa curiosamente. “Enviando para nós o nosso mestre.”

“Pensei que vocês fossem os Baka Ban Mana, aqueles que não possuem mestres.”

Ela encolheu os ombros. “Porque os espíritos ainda não nos enviaram um.”

Enquanto Richard estava confuso com aquilo, ela se abaixou, segurou a ponta do vestido, e tirou-o passando ele por cima da cabeça.

“O que pensa que está fazendo!”

Ela fez uma careta. “Sou eu que devo lavar, não meu vestido.”

“Bem, não na minha frente!”

Ela olhou para si mesma. “Você já me viu. Eu não fiquei nem um pouco diferente desde essa manhã.”

Ela levantou os olhos para ele. “Seu rosto está vermelho de novo.”

“Bem ali.” Ele apontou. “Vá até o outro lado dos juncos. Você fica de um lado e eu do outro.”

Ele virou as costas para ela.

“Mas temos só um sabão.”

“Bem, você pode jogar ele para mim quando tiver acabado.”

Ela deu a volta ficando na frente dele. Ele tentou virar de novo mas ela seguiu seu movimento, segurando nos botões dele.

“Não posso esfregar minha própria costa. E isso não é justo. Você me viu, então eu deveria ver você. É por isso que você está ficando vermelho, porque você não tem sido justo. Isso vai fazer você se sentir melhor.”

Ele afastou as mãos dela. "Pare. Du Chaillu, de onde eu venho isso não é correto. Homens e mulheres não tomam banho juntos. Simplesmente não fazemos isso." Ele virou as costas para ela outra vez.

"Nem mesmo o meu terceiro marido é tão tímido quanto você."

"terceiro! Você teve três maridos?"

"Não. Eu tenho cinco."

Richard ficou rígido. "Tem?" Ele virou para ela. "O que você quer dizer com *tem*?"

Ela olhou para ele como se ele tivesse perguntado se árvores cresciam na floresta. "Eu tenho cinco maridos. Cinco maridos e minhas crianças."

"E quantas crianças você tem?"

"Três. Duas garotas, e um garoto." Um sorriso melancólico surgiu nela. "Faz muito tempo desde que eu os abracei." O sorriso dela ficou triste. "Meus pobres bebês devem ter chorado toda noite, pensando que eu estou morta. Ninguém nunca voltou dos Majendie." Ela riu. "Meus maridos ficarão ansiosos para decidir quem será o primeiro a tentar me dar outra criança." O sorriso dela desapareceu e sua voz enfraqueceu. "Mas acho que um cão Majendie já fez isso."

Richard entregou a ela o sabão. "Vai ficar tudo bem. Você vai ver. Vá tomar banho. Eu vou até o outro lado dos juncos."

Ele relaxou na água fria, escutando o barulho que ela fazia na água, esperando que ela terminasse de usar o sabão. Uma névoa ficou espessa sobre o lago, espalhando-se lentamente, silenciosamente, pelas árvores ao redor.

"Nunca ouvi falar de uma mulher que tivesse mais de um marido. Todas as mulheres Baka Ban Mana tem mais de um marido?"

Ela riu. "Não. Só eu."

"Porque você?"

O barulho da água parou. "Porque eu uso o vestido da oração," ela falou, como se isso fosse algo óbvio.

Richard girou os olhos. "Bem, o que..."

Ela veio nadando pelos juncos na direção dele. "Antes que você ficar com o sabão, tem que lavar minha costa."

Richard soltou um suspiro irritado. “Está bem, se eu lavar sua costa, você vai voltar para o seu lado?”

Ela ofereceu as costas para ele. “Se você fizer um bom trabalho.”

Quando ela estava satisfeita, finalmente voltou para pegar seu vestido enquanto ele se lavava. Ela falou para ele mais alto do que o barulho dos insetos e das rãs que estava com fome. Ele estava vestindo as calças enquanto ela gritava pedindo para ele se apressar para que pudessem comer.

Ele jogou a camisa em cima do ombro e correu para alcançá-la enquanto ela seguia na direção do cheiro da comida.

Ela estava com aparência muito melhor limpa. O cabelo dela parecia com o de uma pessoa normal, ao invés de um animal selvagem. Não parecia mais com uma selvagem, mas alguém de certo modo nobre.

Ainda não estava escuro, mas estava perto disso. A névoa que havia se formado sobre o lago estava deslizando ao redor deles vindo por trás. As árvores estavam desaparecendo no nevoeiro que se formava.

Quando os dois pisaram dentro do anel de luz em volta do fogo, Irmã Verna ficou de pé. Richard estava colocando seu braço direito pela manga quando ele ficou imóvel ao ver os olhos arregalados no rosto da Irmã Verna. Ela estava olhando para o peito dele, para a coisa que ele nunca havia deixado ela ver.

Para a cicatriz. Para a marca da mão queimada ali. Para a marca da mão que era um lembrete constante de quem era seu pai.

Irmã Verna estava tão branca quanto um espírito. A voz dela estava tão baixa que ele teve que se esforçar para escutá-la. “Onde conseguiu isso?”

Du Chaillu também estava olhando para a cicatriz.

Richard fechou a camisa. “Eu já falei para você, Darken Rahl me queimou com sua mão. Você falou que eu estava apenas tendo visões.”

O olhar dela levantou lentamente para encontrar com o dele. Os olhos dela estavam cheios de algo que ele nunca tinha visto neles.

Pavor desenfreado.

“Richard,” ela sussurrou, “não deve mostrar para ninguém no Palácio o que tem sobre você. A não ser a Prelada. Ela deve saber o que fazer. Deve mostrar a ela. Mas para ninguém mais.” Ela chegou mais perto. “Você entendeu? Ninguém!”

Richard abotoou sua camisa lentamente. “Porque?”

“Porque, se fizer isso, vão matar você. Essa é a marca do Sem Nome.” A língua dela molhou os lábios. “Pecados do pai.”

De longe surgiu o uivo melancólico de lobos. Du Chaillu estremeceu e abraçou a si mesma enquanto olhava dentro do nevoeiro que se aprofundava.

“Pessoas vão morrer esta noite,” Du Chaillu sussurrou.

Richard franziu o rosto para ela. “Do que você está falando?”

“Lobos. Quando lobos uivam assim no nevoeiro, eles estão prevendo que pessoas vão morrer violentamente durante a noite, no nevoeiro.”

CAPÍTULO 44



Eles se materializaram surgindo da meio do nevoeiro, as presas brancas da morte. A presa assustada, no primeiro momento imobilizada pelo medo que congela os ossos, pulou para fugir diante da morte branca. Presas de brancas de aço penetraram rasgando neles sem misericórdia enquanto eles corriam para salvar suas vidas. Gritos de morte cortaram o ar da noite com o terror deles. A histeria fez eles correrem de maneira descuidada sobre o aço branco que esperava.

Homens destemidos sentiram o gosto do medo diante da morte.

O pandemônio espalhou-se com um alvoroço louco de sons. O barulho vibrante do aço, o despedaçar de madeira, o rasgar de lonas, o chiado de couro, o partir de ossos, o soprar do fogo, o bater de carroças, o som de carne e ossos batendo no chão, e os gritos de homens e bestas todos unidos em uma longa cacofonia de terror. A onda de morte branca conduziu o tumulto.

O forte cheiro de sangue espalhado pelo ar, sobre o doce aroma de madeira queimando, o cheiro acre de óleo de lamparina em chamas, o chiado fumacento de piche flamejante, e o sufocante fedor de pelo e carne queimando.

O que não estava úmido por causa do nevoeiro frio estava oleoso por causa do sangue quente.

As presas brancas de aço agora estavam cobertas de sangue; a neve branca tornou-se um encharcado de manchas vermelhas. O ar frio foi queimado por jatos de chamas que saltaram para deixar a neblina branca com uma cor laranja incandescente. Sinistras nuvens escuras de fumaça cobriam o chão enquanto o céu ardia logo acima.

Flechas passavam chiando, lanças arqueavam através do ar, lanças partidas desapareciam dentro do nevoeiro, e cabeças de piques danificadas giravam dentro da escuridão. Restos de tendas reviradas oscilavam e sacudiam como se tivessem sido atingidas por uma tempestade furiosa. Espadas erguiam-se e desciam em ondas, dirigidas por grunhidos que acompanhavam o esforço frenético.

Homens corriam em todas as direções, como formigas agitadas. Alguns caíam ao chão, espalhando suas vísceras pela neve. Um dos feridos, cego pelo sangue, cambaleou sem rumo certo até que uma sombra branca passou, um espírito da morte, cortando ele. Um roda de carroça passou quicando, seu progresso sendo rapidamente obscurecido de visão por cortinas escuras de fumaça acre que deslizavam.

Nenhum alarme havia sido dado; os sentinelas estavam mortos fazia muito tempo. Poucos no acampamento tinham percebido o que estava acontecendo até que estivesse sobre eles.

O acampamento da Ordem Imperial tinha sido ultimamente um lugar de barulho e celebração selvagem, e para muitos, em seu estado bêbado, era difícil dizer que alguma coisa de importante estivesse acontecendo. Muitos dos homens, envenenados pelo bandu na cerveja, jaziam doentes em volta das fogueiras. Muitos estavam tão fracos que ardiam queimando até a morte sem tentar escapar das tendas em chamas. Outros estavam tão entorpecidos pela bebida que na verdade sorriam para os homens que enfiavam espadas em suas entranhas.

Até mesmo aqueles que não estavam bêbados, ou que não estavam bêbados ao ponto da estupidez, não enxergavam exatamente o que estava acontecendo. O acampamento deles geralmente era um lugar de muito barulho e confusão. Fogueiras enormes rugiam através da noite, para aquecerem e servirem de lugares para reuniões. Na maioria das vezes elas eram os únicos pontos de referência no layout desordenado, então os fogos de destruição causaram pouca preocupação, a não ser na área próxima.

Entre os D'Harans, lutar nos acampamentos era simplesmente parte da farra, e homens gritando quando eram esfaqueados em brigas não era algo digno de atenção. O que alguém tinha era só

dele se fosse feroz o bastante para proteger isso de outros que sempre estavam prontos para tomar dele. Alianças entre os D'Harans eram areias movediças que poderiam durar uma vida inteira ou, de maneira mais comum, por menos do que uma hora, quando uma nova aliança tornava-se mais vantajosa ou lucrativa. A bebida, e o veneno, embotaram o entendimento deles sobre a direção e volume dos gritos.

Em batalha eles eram disciplinados, mas quando não estavam em batalha, eram desgovernados ao ponto da anarquia. O pagamento, para os D'Harans em expedições, era em grande parte uma divisão da pilhagem que tinham feito em Ebinissia, independente de toda a conversa deles sobre uma nova lei - e todo aquele novo saque os tornou talvez menos comprometidos em sua devoção com sua obrigação. Em batalha, ou com o primeiro som de um alarme, eles transformam-se uma máquina unificada de luta, quase uma entidade com apenas uma mente, mas no acampamento, sem o dominante objetivo da guerra, transformam-se em milhares de indivíduos, todos inclinados a servir aos seus próprios interesses.

Sem um alarme para avisá-los, eles prestaram pouca atenção ao barulho maior e os gritos. Acima do barulho de seus próprios assuntos, barganhas, histórias, risadas, bebedeiras, jogos, brigas e do sexo com prostitutas, a batalha inesperada a uma curta distância acontecia sem ser notada. Os oficiais os chamariam se fosse necessário. Sem aquele chamado para cumprir sua obrigação, suas vidas eram apenas deles mesmos, e os problemas de outras pessoas não eram da conta deles. Estavam despreparados quando a morte branca se materializou.

A visão de espíritos brancos aparecendo entre eles foi uma força paralisante. Muitos homens gritavam de medo dos espíritos Shahari. Muitos consideravam que a separação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos tinha evaporado. Ou que de algum modo eles haviam sido lançados repentinamente dentro do submundo.

Sem a cerveja, tanto a envenenada quanto a que não estava adulterada, não teria sido assim. Do jeito que estavam, a bebida, e

sua confiança em seus números e força, os deixou vulneráveis como jamais ficariam de novo. Mas nem todos estavam bêbados, ou entorpecidos. Alguns se ergueram com ferocidade.

Kahlan observou tudo isso de cima de seu cavalo de batalha que dançava. Em um mar de crua emoção desenfreada, ela exibia o seu rosto de Confessora.

Esses homens não tinham moral nem ética; eram animais que não viviam por regra alguma a não ser o poder. Tinham estuprado as mulheres no Palácio e assassinado impiedosamente o povo de Ebinissia, desde os mais velhos até os bebês recém-nascidos.

Um homem pulou através do anel de aço em volta dela, agarrando na sela dela para se apoiar. Ficou de boca aberta para ela, gritando uma oração pedindo misericórdia aos bons espíritos. Ela partiu o crânio dele.

Kahlan virou o cavalo dela para encarar o Sargento Cullen. “Nós capturamos as tendas de comando?”

O Sargento fez sinalizou, e um dos homens nus brancos correu para verificar enquanto eles seguiam mais fundo dentro do acampamento da Ordem. Quando avistou os cavalos, ela deu o sinal. De trás, ela ouviu o som de cascos galopando, e o barulhento agitar de correntes: a foice da morte, aparecendo para fazer uma colheita de pessoas vivas.

Com um som parecido com o de um garoto que passava correndo com uma varinha na mão encostando em uma cerca, as correntes sendo puxadas a toda velocidade seguiu quebrando ossos que estalavam alto. Os gritos das bestas e o barulho quando eles caíam no chão abafavam o som dos cascos galopando e ossos partindo.

Até os inimigos bêbados desviavam sua atenção dos espíritos brancos para observar o medonho espetáculo. Foi a última coisa que eles viram. Homens saíam cambaleando de suas tendas, para assistir sem entender o que estava acontecendo diante dos olhos deles. Outros perambulavam sem rumo, canecas nas mãos, como se estivessem em uma feira, olhando embriagados de um lado para outro. Havia tantos deles, alguns tinham que esperar um pouco pela sua vez de morrer.

Alguns não estavam bêbados e não enxergavam espíritos mas homens pintados de branco. Eles viram um ataque, e entenderam que lâminas bem afiadas se aproximavam deles. Um grupo feroz de contra-ataque foi cercado e esmagado, mas não sem custo. Kahlan reuniu seus homens e levou sua cunha de aço branco mais fundo no coração do acampamento inimigo.

Ela viu dois homens em grandes cavalos de carga - não conseguiu ver quem eram eles - depois de derrubar todos os cavalos que conseguiram encontrar, começaram a atacar uma fileira de tendas, arrastando tudo pelo caminho assim como homens impotentes. A corrente pegou alguma coisa tão sólida quanto rocha. Isso fez os cavalos realizarem uma curva brusca resultando em uma colisão brutal. Os cavaleiros caíram. Homens com espadas e machados saltaram em cima deles.

Um homem com uma espada na mão, e sóbrio, ela ficou alarmada ao notar isso, apareceu de repente perto da perna dela. Ele mostrou um olhar feroz. Os olhos penetrantes dele repentinamente fizeram ela sentir-se como nada além de uma mulher nua sentada em um cavalo.

Ele a observou da cabeça aos pés. "O que..."

Um pedaço de aço irrompeu do esterno dele, arrancando um grunhido dos seus pulmões.

"Madre Confessora!" O homem nu que estava atrás dele arrancou sua espada e apontou com ela. "As tendas do comando estão bem ali!"

Um movimento do outro lado chamou a atenção dela. Com um balançar da mão, acertou o lado do pescoço de um bêbado cambaleante.

"Vamos lá! Para as tendas do comando! Agora!"

Os homens dela abandonaram os inimigos que estavam dizimando para segui-la enquanto ela pulava com Nick por cima de homens, fogueiras e carroças despedaçadas. Enquanto seguiam, eles não paravam para matar os D'Harans confusos, assustados e bêbados que estavam por toda parte, mas cortavam aqueles que podiam se isso não atrapalhasse seu passo. Onde era necessário, eles se engajavam na resistência esporádica.

As grandes tendas do comando estavam cercadas pelos Galeanos brancos dela. Eles mantinham um pequeno grupo de cerca de cinqüenta homens na ponta das espadas. Diante deles jazia uma fila organizada de pelo menos trinta corpos deitados de costas na neve.

Outros dos homens dela estavam jogando estandartes de guerra e bandeiras em cima de uma enorme pilha que já ardia e derretia na fogueira. Barris vazios estavam espalhados na neve. Quando o exército deles ficou sob ataque, os comandantes não tinham emitido ordem alguma. O exército da Ordem Imperial estava sem o benefício do comando.

O Tenente Sloan apontou para a fileira de corpos com sua espada. "Esses oficiais já estavam mortos. O veneno fez seu trabalho. Esses ainda estavam vivos, embora não com a melhor saúde. Todos estavam jogados em suas tendas. Malmente conseguimos levantá-los. Eles nos pediram rum, se você conseguir acreditar nisso. Nós os mantivemos, como você mandou."

Kahlan examinou os rostos dos corpos na neve. Ela não viu o que queria. Olhou para os rostos dos oficiais capturados. Ele também não estava lá.

Direcionou o seu rosto de Confessora para um oficial Kelteano no final da fila. "Onde está Riggs?"

Ele olhou para ela com raiva, e então cuspiu. Kahlan desviou seu olhar para o homem que o segurava. Ela deslizou o dedo pela garganta. Ele não hesitou. O oficial desmoronou.

Ela olhou para o oficial seguinte. "Onde está Riggs?"

Os olhos dele se moveram rapidamente de um lado para o outro. "Não sei!"

Kahlan deslizou o dedo pela garganta. Quando ele caiu, ela olhou para o homem seguinte, um comandante D'Haran.

"Onde está Riggs?"

Os olhos dele estavam arregalados, mas não por causa dos dois corpos sangrando ao lado dele. O horror dele era por causa dela. Um espírito na frente dele. Ele molhou os lábios.

"Ele foi ferido; pela Madre Confessora. Quer dizer, por você. Antes." A voz dele tremeu. "Quando você estava... viva."

“Onde ele está!”

Ele recuou, balançando a cabeça vigorosamente. “Eu não sei, grande espírito! Ele estava ferido, seu rosto foi cortado pelo cavalo. Ele está sendo tratado pelos cirurgiões. Não sei onde são as tendas deles.”

“Quem sabe onde estão as tendas dos cirurgiões?”

A maioria tremeu enquanto balançavam as cabeças. Kahlan levou seu cavalo descendo pela fila de oficiais. Parou na frente de um que ela conhecia.

“General Karsh. Fico muito feliz em vê-lo novamente. Onde está Riggs!”

“Não falaria se eu soubesse.” Ele sorriu enquanto levantava os olhos olhando para ela. “Você parece melhor nua do que eu imaginava. Porque está se prostituindo para esse grupo? Nós poderíamos fazer melhor do que esses garotos.”

O homem que o segurava torceu o braço dele até que ele gritou. “Mostre respeito pela Madre Confessora, seu porco Kelteano!”

“Respeito! Por uma prostituta segurando uma espada? Nunca!”

Kahlan se inclinou na direção dela. “Esses *garotos* estão com você debaixo das lâminas deles. Qualquer um deles é um homem melhor do que você, eu diria.”

“Você queria guerra, Karsh. Seu desejo foi atendido. Agora você tem sua guerra. Uma guerra de verdade, não assassinato de mulheres e crianças, mas uma guerra liderada por mim - a Madre Confessora. Uma mulher. Guerra sem misericórdia.”

Ela sentou ereta na sela, deixando que os olhos dele contemplassem os seios dela. “Eu tenho uma mensagem, Karsh. Uma mensagem para o Guardiã. Você estará com ele em breve. Diga a ele que eu falei para abrir bastante espaço; estou enviando todos os discípulos dele para casa.”

O olhar dela deslizou pela fila de homens que seguravam os oficiais. Ela passou o dedo pela garganta em um rápido gesto. A resposta foi igualmente rápida.

Enquanto os corpos caíam, ela gritou, sua mão disparou até o pescoço. Uma dor aguda sacudiu ela. Foi exatamente no mesmo lugar...

Foi a dor dos lábios de Darken Rahl no pescoço dela, a dor que ela havia sentido quando ele apareceu para eles na casa dos espíritos, quando ele queimou Richard com sua mão. Quando ele beijou o pescoço dela e suavemente prometeu horrores inimagináveis.

Homens correram. "Madre Confessora! O que foi!"

Ela afastou a mão. Sangue cobria seus dedos brancos. Não podia explicar como sabia, mas sabia sem dúvida que o sangue foi derramado pelos perfeitos dentes brancos como neve de Darken Rahl.

"Madre Confessora! Tem sangue no seu pescoço!"

"Não é nada. Estou bem. Devo ter sido ferida de raspão por uma flecha, só isso." Ela reuniu seu controle e coragem. "Coloquem a cabeça de cada um dos oficiais em um poste, para que todos os homens deles vejam, para que eles saibam que estão sem líderes. E façam isso rápido."

Na hora em que a última cabeça gotejante tinha sido pendurada, D'Harans estavam surgindo de todos os lados. A maioria deles estavam bêbados, rindo como se isso não fosse mais do que uma disputa com bebida. Mas mesmo que estivessem ineficientes e descontrolados, seu número era alarmante. Eram como um enxame de abelhas; para cada um derrubado, dez tomavam seu lugar.

Os homens dela lutaram ferozmente, mas não eram páreo para os números impressionantes que estavam surgindo. Homens para os quais ela havia falado, transmitido segurança, dado inspiração, com os quais tinha gritado e para os quais sorriu estavam caindo com gritos de dor e terror. Eles ficaram aqui tempo demais.

Logo adiante, uma batalha feroz irrompeu. Os Galeanos estavam sendo obrigados a recuar. Se recuassem, não teriam chance de escapar. Não poderiam voltar pelo caminho que tinham vindo, recuando perante os homens que tiveram tempo de reconhecer o massacre ao redor deles, de recuperar seus sentidos e o espírito de luta.

Sem o fator surpresa, não eram mais do que um punhado de garotos nus e uma mulher. Se eles tentassem uma segunda vez o que tinha funcionado uma vez, todos morreriam. Precisavam abrir

caminho através da Ordem, até o outro lado do vale. D'Harans cortavam as formas brancas. O tornozelo dela foi agarrado por uma mão poderosa. Ela cortou-a e balançou o pé para derrubar a mão sem corpo.

Eles estavam correndo o risco de serem engolidos dentro da barriga dessa besta.

Ignorando os gritos de morte dos homens dela, ignorando sua promessa de não deixar o anel protetor dos espadachins Galeanos mais ferozes, ignorando a promessa de não se colocar em perigo deliberadamente, Kahlan lançou Nick dentro da maior concentração da batalha, e além - dentro do inimigo.

A espada dela golpeava para os dois lados, em um inimigo que estivesse perto o bastante. Dentes cerrados, ela cortava carne e osso.

O pulso dela latejava com os fortes impactos, e seu braço estava tão cansado que temia não ser capaz de levantar a espada por muito tempo.

Com medo de que ela pudesse ser derrubada, seus homens lançaram-se em frente, na direção dela, com determinação renovada. Eles arrastaram a onda negra para trás, passando por cima enquanto ela encorajava seu cavalo a seguir adiante dentro do mar de uniformes escuros de couro.

Ela ficou de pé nos estribos, segurando a espada bem alto. "Por Ebinissia! Por seus mortos! Por seu espírito!"

Aquilo teve o efeito desejado. Homens da Ordem que ficaram confusos com o inimigo branco, mas que apesar de tudo estavam determinados a esmagá-los, não importando o que eles fossem, pararam e observaram a mulher branca nua em cima de um cavalo que apareceu repentinamente no meio deles. A fé deles, de que o ataque fosse de homens e não espíritos, fraquejou. Eles olharam com grande assombro. Ela deslizou o olhar por todos os olhos que a observavam.

Ela balançou a espada em um círculo sobre a cabeça dela enquanto uma brisa balançou o seu cabelo branco por cima dos ombros. "Em nome dos espíritos, eu vim para vingá-los!"

Homens cobertos de couro caíram de joelhos, largando suas espadas, juntando as mãos como se estivessem fazendo uma oração. Eles levantaram as mãos para ela. Choramingaram pedindo proteção. Pediram por misericórdia. Choraram pelo perdão. Se eles estivessem sóbrios, ela imaginou, será que a ilusão teria sido tão convincente? Daquele modo, o efeito foi apocalíptico.

“Não fornecemos nenhuma piedade!”

Enquanto todos os rostos viraram na direção dela, enquanto olhos derramavam lágrimas de temor, com armas colocadas sobre eles, por trás.

A súbita e violenta onda impiedosa de aço os aterrorizou, convencendo-os de que os espíritos levariam todos. Eles perderam o controle e correram, largando armas, gritando com medo do submundo.

Tinham feito o que vieram fazer. Agora o tempo estava contra eles. Precisavam escapar.

Eles marcharam em frente, um mortal rio ligeiro que espalhou-se entre as tendas, fogueiras, carroças e homens, surpreendendo ainda mais o inimigo letárgico, matando tantos quanto podiam enquanto seguiam adiante. A morte branca moveu-se para dentro do nevoeiro novamente.

Kahlan olhou para trás, e viu o par de cavalos de carga, seus cavaleiros segurando as correntes entre eles.

Ela mergulhou entro da torrente branca, incentivando-os a seguir mais rápido. Eles começaram a tirar uma ponta da corrente dos ganchos na coleira de um cavalo e enrolar a corrente sobre o cabecote da sela no outro cavalo, para libertar cada um dos cavalos, agora que eles precisavam fazer uma fuga rápida.

Ao longe, do lado direito do nevoeiro, ela viu uma fila de cavalos em um cercado. Viu Brin e Peter se juntarem, prenderam a ponta da corrente no gancho novamente e colocarem Daisy e Pip em galope. Ela pensou em gritar para eles, para ordenar que continuassem junto com os outros, que eles não poderiam esperar que pegassem todos, que eles tinham feito o bastante e agora deveriam partir, que era tarde demais. Mas sabia que eles não a escutariam.

Brin jogou os laços de corrente. Eles afastaram os cavalos para arrastar o aço enquanto corriam na direção da fila de cavalos no cercado. Os cascos dos grandes cavalos trovejaram pelo chão. Ela deu uma última olhada para Brin e Peter, sabendo que essa seria a última vez que os veria nesse mundo, e então virou sua atenção para frente.

Apontou com a espada. "Ali estão as carroças de suprimentos que restaram!"

Os homens sabiam o que fazer. Enquanto ela passava com a coluna, as carroças foram banhadas com óleo de lamparina. Rodas foram quebradas e tochas atiradas. As carroças explodiram em chamas. Mais tochas colocaram fogo nas tendas. Os homens que acordaram com o barulho e o fogo encontraram lâminas balançando na direção deles. As fogueiras desapareceram em um brilho laranja na névoa atrás enquanto eles seguiam em frente dentro da neblina.

De repente eles estavam livres do acampamento, e estavam em terreno aberto na neve. Agora que estavam longes do acampamento, e suas fogueiras, a escuridão pressionava ao redor deles. Os homens na frente vacilaram, olhando ao redor enquanto corriam devagar.

"Batedores em frente!" ela gritou. "Onde estão os batedores!"

Dois homens deslizaram entre as fileiras, até a frente, apontando a direção da passagem que eles procuravam. Ela buscou pelos outros, virando de um lado para o outro. Ninguém apareceu. Galopou com Nick a carroça, atrás dos sentinelas.

"Onde estão os outros! Eles receberam ordens de ficar na liderança!"

Os redondos olhos molhados que olharam para ela responderam sua pergunta sem palavras.

"Está certo," ela falou, "vocês dois conhecem o caminho. Tirem-nos daqui."

Cinqüenta homens tinham feito o reconhecimento da passagem que eles queriam. Cinqüenta, para garantir que sobraria um bom número para mostrar o caminho. Restaram apenas dois.

Com um leve grunhido ela amaldiçoou os espíritos. Envergonhada, ela retirou a maldição. Pelo menos eles tinham

deixado aqueles dois; sem eles, eles ficariam vagando no nevoeiro, congelando e indefesos contra os homens da Ordem que os perseguiam.

Ela fez Nick parar ao lado da corrente de homens nus. Balançou o braço freneticamente.

“Mexam-se, mexam-se, mexam-se! Corram, maldição, corram! Logo eles estarão sobre nós!” Os homens sobre os cavalos de carga, Brin e Peter não estavam entre eles, ficaram ao lado dela. “Cocheiros! Fiquem de olho nos batedores em frente! Eles marcarão o caminho por onde seguir.” Eles balançaram as cabeças confirmando que lembrariam.

Homens em uniformes D'Haran, com pedaços de tecido branco costurados em suas dragonas para mostrar que de fato eram os homens Galeanos que tinham se infiltrado no acampamento inimigo nos uniformes dos sentinelas, passaram correndo. “Não se esqueçam de preparar os marcadores antes de subirem nos cavalos.”

Rapidamente eles subiram nos cavalos de carga e cavalgavam para um dos outros pequenos acampamentos levantados ao redor do inimigo. Mais cedo durante o dia, eles tinham feito marcas por todo o vale para que sem as varas enfiadas na neve para marcar a trilha correta, ninguém soubesse o caminho para aqueles acampamentos.

O rastro de todos os homens a pé pela neve seria facilmente seguido pelo inimigo. Mas eles tinham planos para cuidar disso.

Ao longe, de volta na direção da Ordem, ela viu a parte traseira da guarda engajada em uma batalha. O Tenente Sloan deveria ter impedido que isso acontecesse, e deveria manter a guarda em movimento. Pragujando mais uma vez, ela galopou de volta. Sem pausa, ela se atirou entre as duas forças, deu meia volta e atacou novamente, separando os dois lados. Os D'Harans vestidos em couro recuaram com a visão da mulher espírito sobre o cavalo branco.

Ela atravessou entre os Galeanos. “Qual é o problema com vocês! Conhecem as ordens! Corram, ou não vão conseguir!”

Os homens começaram a se mover, tentando arrastar um corpo com eles.

“Onde está o Tenente Sloan! Ele deveria estar de volta aqui!”

Os homens apontaram para o corpo que estavam arrastando. O lado da cabeça havia desaparecido, e ela podia ver o cérebro exposto. Era o Tenente Sloan. Os D'Harans atacaram novamente. Ela puxou as rédeas e Nick empinou. Os D'Harans recuaram mais uma vez.

“Ele está morto! Deixem ele! Corram! Corram, seus idiotas! Se algum de vocês parar novamente por qualquer motivo, vou fazer vocês lutarem o resto dessa guerra nus! Agora corram!”

Dessa vez eles partiram com determinação, espirrando neve, correndo para salvar suas vidas. Mais uma vez ela passou pela fileira de D'Harans bêbados, fazendo eles tropeçarem para trás e caírem uns sobre os outros em pânico. Ela precisava atrasar esses homens para dar a ela mesma tempo para abrir vantagem suficiente.

Ela correu com Nick através dos D'Harans, atropelando aqueles que entravam no caminho. Os homens se espalharam com medo momentâneo da mulher espírito, alguns pedindo proteção aos espíritos. Mas outros voltavam balançando armas. Se eles acertassem as pernas de Nick...

Ela abriu caminho de volta com sua espada e seu cavalo de batalha, enquanto eles se aproximavam ao redor dela. Os homens dela estavam desaparecendo no meio do nevoeiro. Corram, ela ordenou a eles, corram. Balançou a espada sobre homens que se esticavam. No momento seguinte em que ela olhou para trás, não viu nada a não ser o nevoeiro escuro e névoa. Estava perdendo seu senso de direção enquanto rodopiava com Nick, atacando os homens, tentando ganhar para seus o tempo que precisavam para escapar.

Ela tentou fugir, mas o inimigo formigava ao redor dela, com mais aparecendo o tempo todo. Alguns gritavam para os outros que ela era apenas uma mulher, e não um espírito, e que não deixariam uma mulher escapar. Ela sentiu-se mais nua do que tinha sentido a noite toda.

Homens atiravam-se em volta das pernas de Nick, e embora ele empinasse e soltasse coices, mais tomavam o lugar deles, comprimindo o grande cavalo com o peso deles. Kahlan golpeou os

homens furiosamente, decepando braços, despedaçando crânios e perfurando corpos.

Com um mar de homens em volta dela, de repente percebeu que a situação estava insustentável. Sabia que se eles a derrubassem do cavalo, seria o seu fim, e seu cavalo estava sendo dominado. Não importava o quanto tentasse, ela não conseguia afastar os homens.

Pela primeira vez naquela noite, ela realmente teve medo de que não fosse conseguir. Ela morreria, aqui, na neve, nesse vale mergulhado no nevoeiro. Nunca mais veria Richard novamente.

Sentiu uma abrupta dor gelada no pescoço. A mordida de Darken Rahl. Pensou ter escutado uma leve risada no ar.

Retalhou os homens que tentavam segurá-la. Dedos poderosos agarraram suas pernas. A dor que aqueles dedos causaram fizeram ela golpear loucamente. Nick tentou girar, os pés dos homens voavam, mas eles agüentaram firme.

Ela cortou e retalhou os braços. Outros seguraram o freio do cavalo dela, tirando dela o controle. Um cavalo era uma pilhagem valiosa, e não queriam ele morto, enquanto pensassem que estavam no controle da situação.

Um grande soldado segurou na sela dela, levantando o próprio corpo dele. "Não matem ela! É a Madre Confessora!"

"Não matem ela! Ela tem que estar viva quando for degolada!"

Ela cortou o lado do pescoço dele. Um jato de sangue quente jorrou pela coxa dela. Outro gritou, "Não matem ela! Façam a vadia descer!" gritos de animação explodiram dos homens que se aproximavam.

Ela girou nas mãos que tentavam agarrá-la. Dedos deslizavam em suas pernas. Olhos por toda parte a observavam. Ela golpeava freneticamente quando Nick caiu de lado, tentando libertar sua cabeça, mas os homens seguraram o freio dele com firmeza.

Um homem saltou por trás e segurou-a pelo cabelo. Ela soltou um grito quando ele puxou-a para fora da sela. Mãos agarraram ela enquanto caía ao chão. Todos formavam um monte debaixo dela. Mãos grandes a seguravam pelas pernas, pela cintura, pelos tornozelos e pelos seios.

Dedos se fecharam em volta da lâmina, tentando arrancar a espada dela. Ela girou o cabo, cortando os dedos.

Ela lutou e golpeou com ferocidade. Corpos a pressionaram contra o chão frio, arrancando o ar dos seus pulmões. Ela mordeu os dedos que cobriam sua boca. Um grande punho atingiu ela no queixo.

Finalmente eles prenderam os braços dela.

Havia muitos deles.

Querido Richard, eu te amo.

CAPÍTULO 45



Kahlan fez um esforço para respirar, mas com o peso dos homens em cima dela, não conseguiu. Lágrimas fizeram os olhos dela arderem.

Mais homens se juntaram. Um cotovelo carnudo enterrou na barriga dela, parecendo que a partiria em duas.

O bafo de bebida cobriu seu rosto.

A visão dela reduziu até um pequeno ponto. Tudo ao redor do centro dele estava ficando preto, e o centro estava encolhendo. Ela engoliu sangue. O dela mesma.

Ela ouviu o que pareceu ser o som distante de um trovão. No início, ela só conseguiu sentir a vibração nas costas dela contra o chão, mas então o som aumentou, foi ficando mais alto, agudo. Os gritos de homens chegaram aos seus ouvidos.

Alguns dos homens em cima dela olhavam para cima. O peso deles aliviou um pouco, e ela sugou o ar para dentro dos pulmões. Foi a respiração mais doce que ela já dera.

Quando o homem gigante em cima dela, aquele que tinha acertado o seu rosto, virou na direção do trovão, afastou seu olho ameaçador dela, ela viu que o outro tinha uma cicatriz através dele, e ela descia pela bochecha. Aquele olho vazio estava costurado. De algum modo, a mão esquerda dela soltou-se. Ela segurou a garganta dele.

Ela escutou um som metálico. O trovão, de repente ela percebeu, era o barulho de cascos de cavalos. Surgindo do meio do nevoeiro, Brin e Peter, em cima de Daisy e Pip, galopavam a toda velocidade descendo pela fila de D'Harans, ceifando eles com a corrente. Eles correram na direção dela como um deslizamento de terra derrubando árvores. Os homens observaram congelados pelo

choque. os dedos de Kahlan apertaram a garganta do homem de um olho só.

E então ela liberou seu poder.

A magia golpeou dentro dele.

O trovão sem o som sacudiu todas as cotas de malha.

O forte balanço fez com que os homens recuassem. Todos gritaram de dor por estarem tão perto quando a magia foi liberada. Um anel de neve levantou, girando em um círculo.

Nick estava parado perto dela, e ele também pulou com a dor. A pata traseira dele desceu na cabeça de um homem perto do ouvido dela. Osso foi esmagado debaixo do peso. Sangue espirrou no lado do rosto dela.

O olho do homem em cima dela virou em sua direção. "Minha Senhora!" ele sussurrou. "Por favor, ordene."

"Proteja-me!" ela gritou.

Ele levantou abruptamente, seus músculos enormes pulsando. Segurou o cabelo de um homem em cada punho. Jogou eles para trás como se fossem meras crianças.

O braço com a espada estava livre. Ela atingiu um homem do outro lado, a lâmina arruinou o rosto dele. O homem de um olho só rugiu enquanto jogava homens para o lado. Os cavalos de carga seguiram adiante a todo galope.

Ela estava livre das mãos. Levantou rapidamente. A corrente estava quase em cima deles.

"Me ajude a levantar meu cavalo!"

O homem de um olho só segurou o tornozelo dela em seu grande punho e, com um braço, colocou ela na sela.

De algum modo ela ainda tinha a espada na mão. Ela inclinou para frente e acertou com ela o homem que segurava o freio, mantendo seu prêmio. A ponta da espada abriu o lado do rosto dele e metade do seu braço. Ele recuou soltando um grito. Ela pegou as rédeas. O homem de um olho só rugia enquanto cortava cabeças e abria peitos com seu enorme machado de guerra.

"Vá, Senhora! Fuja! Orsk vai proteger você!"

"Estou indo! Corra, Orsk! Não deixe que peguem você!"

Os D'Harans abandonaram ela e o cavalo para cuidar de novas ameaças - Orsk e a corrente. Ela bateu nas costelas de Nick com os calcanhares, incitando ele a galopar bem no momento em que Brin e Peter alcançavam ela. Enfiou os pés descalços nos estribos enquanto os três corriam.

Ela avistou os rastros que centenas de pés tinham deixado na neve e os seguiu cruzando o vale, para dentro do nevoeiro, deixando que os homens do exército da Ordem se recuperassem do susto. Levou apenas alguns segundos. Eles partiram atrás dela. Havia mais do que o suficiente ainda vivos. Milhares.

Peter soltou a corrente que teve ter quebrado centenas de ossos e pescoços. A ponta da corrente caiu para trás saltando. Os dedos magros de Brin puxaram o peso oscilante que arrastava e enrolou na peça curva que ficava nos arreios.

Enquanto ela galopava dentro da noite, pensou que podia ouvir o som de uma leve risada desaparecendo lá atrás. Ela estremeceu com a lembrança do beijo que Darken Rahl deu em seu pescoço. Repentinamente ela sentiu-se nua outra vez.

Embora o nevoeiro estivesse frio como gelo, causando a sensação de que havia nela faíscas espalhando-se por todo o seu corpo, ela estava suando. Sangue corria de seu lábio inchado.

"Nunca imaginei que veria vocês dois novamente," ela gritou mais alto do que o som dos cavalos.

Brin e Peter, em suas capas compridas demais, sorriram na escuridão. "Não falamos que poderíamos fazer o trabalho," Brin disse.

Ela sorriu pela primeira vez naquela noite. "Vocês dois são maravilhosos."

Ela havia acabado de avistar os traseiros dos outros cavalos de carga desaparecendo dentro do nevoeiro. Ela apontou.

"Ali estão os seus homens. Boa sorte." Com um aceno de mão, eles se afastaram dela.

Ela continuou galopando sozinha e mais tarde, depois de uma curta distância, alcançou os homens que estavam a pé. Primeiro viu apenas um. Ele tinha um corte horrível na perna e tinha caído,

sendo deixado para trás. Sabia que deveria abandoná-lo. Sabia que deveria. Os D'Harans estavam logo atrás.

Quando ela chegou perto, ele levantou a cabeça enquanto se arrastava através da neve. Ele sabia que ela teria que deixá-lo. Aquelas foram as ordens. As ordens dela. Acompanhe o ritmo, ou seja deixado para trás. Sem exceções.

Quando passava por ele, ela se inclinou, esticando o braço para baixo. Eles juntaram os pulsos e ela o puxou com força colocando-o atrás dela.

“Segure firme, soldado.”

Ele esticou os braços para os lados, tentando se equilibrar enquanto o cavalo corria, com medo de tocar nela. “Mas... onde?”

“Em volta da minha cintura! Coloque os braços em volta da minha cintura!”

Ele ainda continuava com os braços esticados enquanto balançava. “Mas...”

“Você nunca colocou os braços em volta de uma mulher?”

“Sim... mas ela estava usando roupas,” ele falou.

“Faça isso, ou vai cair, e não voltarei para buscar você.”

Relutante, com muito cuidado, ele passou os braços na cintura dela, tentando manter eles longe de qualquer coisa importante, ou pouco familiar. Kahlan deu um tapinha tranquilizador nas mãos dele. “Quando for se gabar disso, não transforme em algo maior do que é.” Ele soltou um leve grunhido de preocupação que fez ela sorrir.

Enquanto eles cavalgavam, ela podia sentir o sangue quente dele descendo pela costa da perna dela, pingando de seus dedos do pé no estribo. Podia ouvir os gritos dos inimigos em perseguição logo atrás.

Ele estava perdendo muito sangue. Exausto, ele encostou a cabeça atrás do ombro dela. Se eles não costurassem bem a ferida, ele sangraria até a morte em pouco tempo. Ela estava nua, e não tinha nada para usar como uma bandagem, mesmo se eles tivessem tempo para parar.

“Mantenha a ferida fechada com uma das mãos,” ela disse.

“Mantenha ela fechada o mais forte que conseguir. E segure firme em mim com o outro braço. Não quero que você caia.”

Ele tirou um braço da cintura dela e segurou a ferida enquanto ela cavalgava bem nos calcanhares dos homens na última fila. Eles estavam com frio e cansados. Os homens da Ordem não estavam muito longe. Quando olhou para trás, eles entraram no campo de visão. Ela ficou chocada com a quantidade deles. Eles assoviavam e gritavam.

“Corram! Corram ou vão nos pegar!”

Uma parede rochosa, com árvores crescendo desordenadamente de rachaduras e fendas, surgiu diante deles. Subiram correndo a passagem estreita como se as vidas deles dependessem disso. E dependiam.

Enquanto eles começavam a subir pela abertura, ela bateu o lado da espada três vezes na rocha, dando o sinal.

Um homem na frente virou para trás enquanto corria. “Ainda não chegamos lá! Está cedo demais! Vamos ser atingidos junto com o inimigo!”

“Então é melhor correr mais rápido! Se esperarmos demais, eles vão atravessar também!”

Ela bateu na parede rochosa mais três vezes, o som ecoando no ar escuro e úmido. Ela esperava que isso funcionasse; não houve, é claro, nenhum jeito de fazer um teste. Os homens na frente se espalharam subindo a trilha.

Os cascos de Nick escorregavam em alguns locais na rocha coberta de neve.

No início, ela só conseguiu sentir, em estrondo bem fundo em seu peito, baixo demais para escutar, mas poderoso demais para não ser sentido.

Olhou para cima na direção da rocha que desaparecia no alto dentro do nevoeiro escuro. Ainda não conseguia ver, mas conseguia sentir.

Esperava que o homem estivesse enganado, que não fosse cedo demais. Quando escutou os gritos de batalha dos homens que vinham atrás, ela soube que não tinham escolha.

E então conseguiu ouvir: um rugido retumbante, como se o próprio chão estivesse se movendo. Conseguiu escutar os troncos de

árvores partindo. O rugido trovejante reverberou nas paredes das montanhas ao redor. O chão vibrou.

“Corram! Não conseguem correr mais rápido? Querem ser enterrados vivos?”

Corram!”

Sabia que eles estavam correndo o mais rápido que podiam, mas eles estavam a pé, e de cima do cavalo dela, aquilo parecia dolorosamente lento. Mortalmente lento.

Acima, o rugido ficou mais alto enquanto incontáveis toneladas de neve desciam na direção deles. Ela estava contente que os homens lá em cima tivessem conseguido em começar uma avalanche ao receber o comando; mas também estava apavorada que tivesse dado o comando cedo demais.

Um punhado de neve atingiu seu rosto; outro acertou o ombro. Pequenos fragmentos de terra passaram através das árvores acima deles e saltaram por cima da margem. Um nuvem de flocos de neve cobriu o rosto dela. O rugido era ensurdecedor.

Uma corrente branca trovejante deslizou sobre a plataforma acima. Eles mergulharam através dela, como se corressesem por uma cachoeira. Atrás dela, um tronco de árvore pulou sobre a trilha, rodopiando sobre o precipício. Eles tinham acabado de chegar na beira do monte de neve.

Os homens da Ordem Imperial logo atrás não tiveram tanta sorte. A neve que mergulhava, avançou com troncos e pedras, descendo em cascata ganhando cada vez mais poder. Eles foram arrastados no meio da morte branca.

A fúria do som abafou os gritos de homens que ela carregava, fazendo com que eles girassem dentro do deslizamento esmagador, enterrando-os vivos.

Kahlan relaxou sentindo alívio. Agora não poderiam seguir eles. A passagem estava enterrada.

Os homens ofegantes reduziram o passo, mas eles não poderiam reduzir demais, ou eles congelariam. Seus passos os mantinham aquecidos.

Os pés deles, ela sabia, independente de estarem enrolados em pano branco para ter um pouco de proteção, não estavam

quentes. Eles deram a ela o melhor que podiam. Deram a Midlands o melhor que podiam. Muitos deram suas vidas.

Kahlan estava tão cansada por não dormir, assim como por causa da fadiga da batalha, juntamente com o esgotamento emocional por causa do medo, e pelo esforço necessário para usar seu poder, que mal conseguia ficar ereta. Em breve, falou para si mesma, ela poderia descansar. Em breve.

Ela deu um tapinha na mão que estava sobre o estômago dela. "Conseguimos soldado. Agora estamos seguros."

"Sim, Madre Confessora," ele sussurrou meio grogue. "Madre Confessora, sinto muito."

"Por quê?"

"Eu só matei dezessete. Sinto muito. Prometi a mim mesmo que pegaria vinte. Só peguei dezessete," ele resmungou.

"Eu sei de heróis de batalha, homens condecorados, que não conquistaram nem a metade desse número em combate. Você me deixou orgulhosa. Você deixou Midlands orgulhosa. Sinta apenas orgulho soldado."

Ele resmungou algo que ela não conseguiu entender.

Ela tocou na mão dele outra vez. "Você receberá ajuda em breve. Agüente firme. Você vai ficar bem."

Ele não respondeu. Ela olhou para trás, descendo pela trilha, e viu apenas branco, e escutou apenas o silêncio. Ao longe, montanhas escuras, um lobo uivou.

* * *

Pouco tempo depois, em um alto platô, eles chegaram ao acampamento. Os homens na frente da fila já estavam enrolados em cobertores enquanto tremiam em volta de fogueiras, aquecendo os pés. Alguns estavam vestindo as roupas debaixo dos cobertores. Mais homens colocavam cobertores nos homens que chegavam diante dela e cuidavam dos feridos. Alguns dos feridos estavam gemendo de dor, sentindo aquilo pela primeira vez, agora que o furor emocionante do combate e da fuga tinha evaporado. Ela começou a sentir o lábio latejando.

Na luz bruxuleante de pequenas fogueiras, ela conseguia ver Prindin e Tossidin, a uma certa distância, correndo de um lado para outro procurando entre os recém chegados. Quando avistaram ela no cavalo, os dois suspiraram aliviados, mostrando para ela sorrisos gêmeos.

O Capitão Ryan, vestindo um uniforme D'Haran e com uma atadura em volta da mão esquerda, veio correndo. Outros homens seguraram as rédeas, e outros esticaram as mãos para pegar o homem atrás dela enquanto ela o segurava por um cotovelo, descendo a forma flácida.

Prindin correu para encontrar com ela, com o manto dela na mão. Ele ficou parado, segurando-a aberta para ela, esperando ela desmontar para que pudesse colocá-la em volta de seus ombros. Ele sorriu para ela.

Sem se mover da sela, ela esticou a mão lentamente. "Eu já tive olhos o bastante sobre minha carne para o resto da minha vida. Jogue isso aqui!"

Prindin encolheu os ombros confiante e atirou o manto para ela. Tossidin bateu na parte detrás da cabeça de seu irmão. O silêncio caiu sobre os homens reunidos. Todos afastaram os olhos, envergonhados quando ela colocou o manto nos ombros e amarrou.

Ela desceu, descobrindo que suas pernas mal conseguiam realizar a tarefa de agüentar seu peso. Usou a espada que ainda estava em sua mão como uma bengala. Teve que ficar parada durante um momento até que tudo parasse de girar. Olhou para o homem deitado na neve aos pés dela.

"Porque não tem alguém ajudando esse homem? Não fiquem parados aí, ajudem ele!" Ninguém se moveu. "Eu disse, ajudem ele!"

O Capitão Ryan aproximou-se dela. Ele manteve os olhos no chão. "Sinto muito, Madre Confessora. Ele está morto."

A mão dela se fechou apertando com força. "Ele não está morto! Eu estava falando com ele!" Ninguém se moveu. Ela bateu com a mão livre no peito dele. "Ele não está morto! Não está!"

Todos desviaram os olhos. Ninguém falou nada. Finalmente ela olhou para os homens ao redor das pequenas fogueiras, para todas as cabeças abaixadas. A mão dela baixou.

“Ele matou dezessete deles,” ela falou para o Capitão Ryan. “Ele matou dezessete deles,” ela falou bem alto, para o resto deles.

O Capitão Ryan assentiu. “Ele fez muito bem. Estamos todos orgulhosos dele.”

Ela observou os rostos quando finalmente eles levantaram. “Me perdoem. Todos vocês, por favor me perdoem. Todos fizeram um bom trabalho.” A fúria tinha desaparecido dela. “Todos me deixaram orgulhosa. Vocês são heróis, aos meus olhos, e aos olhos de Midlands.”

Os homens se animaram um pouco. Alguns voltaram a comer, enquanto outros começaram a passar em frente pequenas tigelas e tiravam feijões das panelas no fogo. Alguns arrancaram pedaços de pão para mergulhar dentro do feijão.

“Onde está Chandalen?” ela perguntou enquanto enfiava os pés dentro das botas que Tossidin entregou a ela.

“Ele foi junto com os arqueiros. Imagino que provavelmente ele está atirando flechas nos D'Harans agora mesmo.” O Capitão Ryan inclinou na direção dela, quando os irmãos de afastavam, e baixou a voz. “Estou feliz que esses três estejam do nosso lado. Deveria ter visto eles derrubando os sentinelas. Prindin, especialmente, é como a própria morte, com aquele troga dele. Foi estranho, a maneira como primeiro eles estavam aqui, e então ali, e nunca dava para ver eles se moverem. Nunca escutei nada. Eles simplesmente apareciam com os uniformes dos sentinelas.”

“Você tinha que ver eles fazendo aquilo em terreno aberto, em plena luz do dia.” Kahlan olhou para ele da cabeça aos pés.

Ela mostrou um leve sorriso. “Muito bonito. Fica bem em você.”

Ele mexeu no ombro. “Não sei como eles usam essa armadura pesada o tempo todo.” Apontou para um corte no couro. “Mas fiquei feliz por ter usado ela.”

“Como foram as coisas? Quantos homens você perdeu?”

“Conseguimos quase tudo que procurávamos. Nesses uniformes, não tivemos que lutar muito. Quase ninguém notou nossa presença, a não ser aqueles que matamos. Perdemos poucos homens.” Olhou para trás por cima do ombro.

“Parece que você ficou com a pior parte. Fiz uma rápida contagem quando vocês chegaram. Nós perdemos cerca de quatrocentos dos mil espadachins que entraram.”

Ela olhou além dele, para os homens em volta das fogueiras. “Estivemos perto de perder todos.” Ela desviou sua atenção de volta para o Capitão. “Mas eles ficaram orgulhosos deles mesmos. Os cocheiros também.”

Ele balançou a mão enfaixada. “Daqueles com os quais eu falei, não acho que muitos derrubaram menos do que dez homens do inimigo, e muitos mataram muito mais. Nós arrancamos um belo pedaço da pele da Ordem.”

Kahlan engoliu em seco. “Eles arrancaram um belo pedaço da nossa.”

“Os homens fizeram como eu falei?” ele perguntou. “Eles mantiveram o problema longe de você?”

“Eles seguraram os inimigos tão longe de mim que eu não poderia dizer qual era a aparência deles. Tenho medo de não ter sido capaz de adicionar muita honra na sua espada, ainda que tenha sido um conforto estar com ela. Rezo para que ao menos você receba a honra por eu ter carregado ela na batalha.”

Ele fez uma careta, inclinando para o lado, tentando conseguir uma visão melhor do rosto dela na luz do fogo. “Parece que seu lábio está cortado.” Ele olhou para o cavalo de batalha enquanto os homens estavam retirando as correias dele. “Aquele cavalo está coberto de sangue. Você está coberta de sangue também, não está?” Aquilo era uma acusação, não uma pergunta.

Kahlan olhou para uma fogueira. “Algum bêbado atirou alguma coisa em mim. Isso cortou meu lábio. Aquele soldado ferido que eu estava trazendo sangrou até a morte em cima do meu cavalo e em mim.” os olhos dela deslizaram pelos rostos jovens ao redor das fogueiras. “Gostaria de ter conseguido fazer tão bem a metade do que eles fizeram. Eles foram magníficos.”

Ele grunhiu, desconfiado. “Só estou aliviado em ver você.”

“Tudo mais está em ordem? Os arqueiros, a cavalaria? Temos que fazer o melhor uso de nossa oportunidade enquanto eles estão bêbados e doentes por causa do veneno. Também temos que

aproveitar ao máximo esse clima. Não podemos dar trégua nem um momento. Um raio atacando atrás do outro. Sem compromisso. Ataque ligeiros, sempre de um lugar diferente.”

“Todos conhecem suas tarefas, e estão esperando sua vez. Os arqueiros devem acabar logo, a cavalaria e então os piqueiros. Estamos prontos para os sentinelas deles, quando eles os enviarem. Nossos homens vão dormir em turnos, mas de agora em diante, a Ordem Imperial não vai dormir.”

“Bom. Esses homens precisam descansar. De manhã, será a vez deles novamente.” Ela levantou um dedo para o Capitão.

“Lembre da coisa mais importante.” Ela reproduziu as palavras do pai, *“A arma que a maioria dos conquistadores conhece é o terror e a violência.* Não esqueça disso. Essa é a ferramenta que eles usam, e agora devemos usar isso contra eles.”

Prindin voltou a entrar na luz da fogueira. “Madre Confessora. Meu irmão e eu fizemos um abrigo, enquanto esperamos pela sua volta. Colocamos suas roupas lá, e água quente, para que você possa se lavar se quiser.”

Ela tentou não mostrar o quanto estava ansiosa para lavar o cheiro da guerra. “Obrigada, Prindin.”

Ele esticou o braço, mostrando a ela o caminho até a pequena clareira. Os irmãos construíram um abrigo espaçoso de galhos com folhas de bálsamo cobertos por neve. Ela engatinhou pela abertura baixa e encontrou velas lá dentro. O chão cheio de neve também estava coberto com um tapete de galhos, dando ao abrigo o agradável aroma de bálsamo. Um balde com água fumegante havia sido colocado perto de pedras quentes posicionadas no centro. Ela aqueceu os dedos sobre as pedras.

Os irmãos fizeram para ela um abrigo aconchegante para passar a noite. Ela podia ter chorado com a demonstração de consideração deles.

Sua mochila estava lá, e suas roupas dobradas em uma pilha organizada. Kahlan tirou o colar, aquele que Adie deu para ela, aquele com o osso arredondado. Foi a única coisa que tinha usado durante a batalha. Encostou ele na bochecha por um momento antes de lavar. Ele fazia lembrar daquele que sua mãe lhe dera.

Mergulhou a cabeça toda no balde, lavou o cabelo, e então lavou metodicamente o resto do corpo. Foi apenas um banho com esponja, mas ainda parecia maravilhoso lavar o sangue, e a sensação do toque das mãos.

Teve que se esforçar para pensar em outras coisas enquanto se lavava, para evitar ficar doente. Pensou em Richard, pensou no sorriso jovial dele que nunca falhou em fazer ela sorrir, pensou nos olhos dele que podiam enxergar dentro dela. Quando acabou de se lavar, se abaixou, secando o cabelo nas pedras.

Ela precisava dormir desesperadamente. Ainda não tinha recuperado seu poder de Confessora desde que tinha usado no homem de um olho só, Orsk. Podia sentir o vazio no estômago dela, um vazio no lugar ao qual o poder pertencia.

Iria demorar um pouco mais para que ele fosse restaurado. Porém, ela não conseguiria acabar com o cansaço até que dormisse.

Ela queria deitar em sua cama e dormir. Fazia tanto tempo, e ela estava com tanto sono. Mas não podia. Ainda não.

Colocou o colar de volta por cima de sua cabeça e então vestiu as roupas com muito esforço. De sua mochila ela pegou um unguento e espalhou no lábio cortado. Quando colocou de volta, viu a faca de osso que Chandalen deu para ela, e amarrou ela no braço novamente.

Ela estava tão cansada que mal conseguiu fazer esforço para levantar, mas tinha algo a fazer antes de dormir; tinha que ficar com seus homens. Não podia deixar que eles pensassem que ela não considerava os interesses deles como prioridade em seu coração. Eles tinham oferecido suas vidas; o mínimo que podia fazer era mostrar seu apreço, em nome de Midlands.

Limpos, seus longos cabelos estavam volumosos e brilhantes mais uma vez, e vestida ao menos com camadas de roupas quentes e seu manto, ela caminhou entre as fogueiras do acampamento. Escutou com séria atenção as histórias de alguns, e as palavras suaves e breves de outros. Falou com todos que tinham perguntas, deu sorrisos de apoio, e fez com que todos soubessem o quanto estava orgulhosa do que eles tinham feito. Ajoelhou-se junto aos feridos, verificando se estavam bastante aquecidos, e colocou as

mãos em seus rostos, oferecendo conforto, e desejou a eles boa saúde e recuperação rápida. Ela também sentia alívio quando eles eram acalmados por seu toque.

Em uma fogueira rodeada por dez soldados silenciosos, um jovem estava tremendo, mas ela não achou que fosse por causa do frio.

“Como você está? Você está bem? Está se aquecendo?”

A presença dela surpreendeu e alegrou ele. “Sim, Madre Confessora.” Um tremor repentino fez ele bater os dentes. “Nunca pensei que seria assim.” Ele se recompôs, e apontou para os outros. “Esses são meus amigos.”

“Seis não voltaram.”

Ela segurou seu manto fechado com uma das mãos e afastou o cabelo da testa com a outra. “Sinto muito. Eu também sinto pesar por eles. Só queria que vocês soubessem que me deixaram orgulhosa. Foram tão bravos quanto qualquer outro soldado que eu já vi.”

Ele riu com nervosismo. “Nós todos estaríamos mortos se não fosse por sua causa. Estávamos sendo forçados a recuar, cortados em pedaços, e então você avançou direto no meio do inimigo, sozinha. Todos voltaram sua atenção para você, e então, enquanto estavam confusos, nós contra-atacamos. O que você fez nos salvou.”

Ele balançou a cabeça. “Gostaria de ter eliminado metade dos homens que vi você matar essa noite.” Todos mostraram que concordavam calorosamente. Ele esfregou dedos trêmulos pelo rosto. “Obrigado, Madre Confessora. Se não fosse pelo que você fez, nós todos estaríamos mortos também.” Ela mostrou um leve sorriso. “Se eu tivesse opção, eu escolheria seguir você em batalha ao invés do próprio Príncipe Harold.”

“Ela é muito boa com uma espada, não é?”

Ela tomou um susto ao escutar a voz. O soldado virou para ver o Capitão Ryan parado atrás dela.

“Acho que ela poderia ensinar a um espadachim uma coisa ou duas. Você não acreditaria no que ela...”

Kahlan tocou no ombro dele. “Você comeu alguma coisa?”

Ele apontou para a panela com feijões no fogo. “Você compartilharia conosco, Madre Confessora?”

Ela quase perdeu o controle de seu estômago embrulhado. “Vocês podem comer. Precisam de força. Obrigada pelo convite, mas primeiro tenho que ver os outros.”

O Capitão Ryan seguiu atrás dela. “Tinha pensado que você pudesse ter enfrentado alguma dificuldade manuseando uma espada. Os homens que tiraram os arreios do seu cavalo disseram que encontraram mãos e dedos presos na correia do cinturão, e em alguns outros lugares.”

Kahlan sorria para os homens pelos quais passava. Eles levantavam uma das mãos ou baixavam as cabeças como saudação. “Você esqueceu quem era meu pai? Ele me ensinou a usar uma espada.”

“Madre Confessora, isso não significa...”

“O Tenente Sloan foi morto.”

Ele ficou em silêncio por um momento. “Eu sei. Eles me disseram.” Colocou uma das mãos debaixo do braço dela quando ela tropeçou. “Você não parece muito bem. Alguns daqueles homens que foram envenenados pareciam melhor que você.”

“É que não durmo faz muito tempo.” Não falou para ele que também tinha usado seu poder novamente. “Estou muito cansada.”

De volta do lado de fora do abrigo dela, Tossidin lhe ofereceu uma tigela de feijões. Os dedos dela cobriram sua boca enquanto seus olhos se fecharam. Ela pensou que poderia desmaiar ao ver e sentir o cheiro de comida. Tossidin pareceu entender e afastou a tigela.

Prindin colocou uma das mãos debaixo do outro braço dela. “Madre Confessora, precisa comer, mas precisa muito mais descansar.”

Ela assentiu. “Fiz um pouco de chá para você; pensei que poderia ser um conforto.” Ele apontou com o queixo para o abrigo. “Está lá dentro.”

“Sim, chá deve ajudar a acalmar meu estômago.” Ela deu um aperto no braço do Capitão. “Me acorde de manhã, quando for hora do próximo ataque. Eu vou com os homens.”

“Se tiver descansado bastante. Apenas de...” Ela o interrompeu com um olhar. “Sim, Madre Confessora. Eu mesmo acordarei você.”

Dentro do abrigo aconchegante, ela bebeu o chá quente, e tremeu. Sua cabeça estava girando. Só conseguiu dar alguns goles antes de cair na cama. Ela ficaria melhor, disse para si mesma, quando estivesse descansada.

Finalmente conseguiu sentir seu poder ganhando vida, crescendo com sua força familiar dentro de seu peito.

Enrolou-se debaixo de seu manto de pele, pensando nas milhares de coisas de que precisava cuidar. Estava preocupada com os homens que estavam atacando nesse momento, e com aqueles que atacariam em seguida. Ela temia por todos eles. Eram tão jovens.

Estava preocupada com o que tinha começado. Guerra.

Mas ela não tinha começado aquilo. Apenas recusou abandonar as vidas de pessoas inocentes para a morte certa.

Não teve escolha. Com a Madre Confessora, tinha uma responsabilidade com o povo de Midlands. Se a Ordem Imperial não fosse detida, incontáveis milhares morreriam nas mãos deles, e aqueles que vivessem viveriam como escravos da Ordem.

Ela pensou nas jovens no Palácio em Ebinissia. Os rostos delas flutuavam e giravam em sua mente. Estava cansada demais para chorar por elas. Quando fossem vingadas, haveria bastante tempo para isso.

Ela ferveu com o desejo de vingança. Decidiu que caçaria o exército da Ordem Imperial até os túmulos deles. De manhã, mais uma vez ela conduziria seus homens contra o inimigo. Iria garantir isso. Iria garantir que aquelas garotas, e todos os outros, fossem vingados.

Se a Ordem Imperial não fosse detida, não apenas as pessoas inocentes seriam massacradas, mas todas as coisas mágicas, boas e más, todas as criaturas de magia, iriam perecer.

Richard tinha magia.

Sua mente desviou para Richard. E então ela chorou, chorou com a esperança de que ele não a odiaria pelo que ela tinha feito. Rezou para que ele fosse capaz de entender e perdoar. Tinha feito o

melhor para ele, para salvá-lo, para salvar os vivos. Suas lágrimas diminuíram, finalmente parando em um gemido.

Os pensamentos em Richard varreram as imagens confusas, complexas que dançavam em sua cabeça. A mente dela focalizou, pela primeira em dias, assim pareceu, em outras coisas além de lutar e matar.

Focou em quem ela era, quem era Richard. Focou em assuntos importantes flutuando no nevoeiro no fundo se sua consciência.

Pensar em Richard trouxe de volta as coisas que eram importantes, mas que ela pareceu ter esquecido. Havia outras coisas além da Ordem que eram importantes. Muito importantes. Pareceu como se essa guerra tivesse desviado sua atenção de obrigações maiores, daqueles assuntos importantes.

Pensou em Darken Rahl. Darken Rahl havia marcado Richard. As Irmãs da Luz tinham levado ele.

Ela deveria seguir até Aydindril, para ajudar Richard, para buscar Zedd para ajudar Richard...

Richard had to stop the Keeper.

Kahlan fez uma careta na escuridão debaixo do manto. O véu para o submundo ainda estava rasgado. Ela não deveria estar correndo por aí, balançando uma espada para tropas D'Haran.

Ela lembrou da risada de Darken Rahl.

Tocou seu pescoço, e sentiu a pele inchada, machucada. Aquilo tinha sido real. Ele riu do quanto ela era tola.

Kahlan sentou. O que ela estava fazendo? Tinha que ajudar a deter o Guardiã. Shota falou que o véu estava rasgado; assim como Darken Rahl e Denna falaram. Kahlan tinha visto um screeling, uma criatura vinda diretamente do submundo. Ela falou com Denna. Denna havia tomado o lugar de Richard com o Guardiã para que ele pudesse viver para consertar o rasgo no véu.

Kahlan deveria estar procurando Zedd. Não deveria estar correndo por aí brincando de soldado.

Mas se a Ordem Imperial não fosse detida...

Mas se o véu fosse rasgado completamente.

Tinha que chegar até Aydindril. Tinha que chamar Zedd. Esses homens poderiam lutar uma guerra sem ela. Esse era o trabalho

deles. Ela era a Madre Confessora. Não deveria estar perambulando tolamente arriscando sua vida, quando - o mundo dos vivos - estava em perigo.

Era disso que Darken Rahl estava rindo: de sua tolice.

Pegou a xícara de chá que Prindin tinha feito para ela e segurou-a nas mãos, deixando que ela aquecesse os seus dedos.

Era a líder de Midlands e tinha que agir como uma líder, e cuidar das coisas mais importantes acima de todo o resto, das coisas que ela, e somente ela, poderia fazer. Bebeu o resto do chá, fazendo uma careta por causa do gosto amargo.

Kahlan deitou novamente, segurando a xícara de chá sobre o estômago. Os rostos das mulheres mortas flutuaram diante dos olhos dela novamente. "*A arma que domina a razão mais rapidamente é o terror e a violência.* Não esqueça disso. Essa é a ferramenta que eles usam, e agora devemos usar isso contra eles." *A arma que domina a razão mais rapidamente é o terror e a violência;* era isso que o inimigo tinha feito com ela - o horror do que eles fizeram havia dominado sua razão.

Naquele mesmo dia, ela e seus homens poderiam ter se perdido se todos os batedores tivessem sido mortos. Sem aqueles guias, ficariam perdidos, e vulneráveis ao inimigo.

Era isso que ela era: uma guia. Era uma guia para Midlands. Seu lugar era em Aydindril, guiando o Conselho, unindo todos contra a ameaça. Sem aquela liderança, eles ficariam ignorantes, e perdidos no nevoeiro do que estava acontecendo.

Também era guia de Richard, para ajudar naquilo que ele precisava. Dependia dela conseguir a ajuda de Zedd. Sem essa ajuda, Richard, e todos os vivos, estavam perdidos.

Ela sentou, observando a chama da vela.

Não de espantar que Darken Rahl estivesse rindo dela. Ela estivera permitindo que o inimigo conquistasse sua razão. Quase tinha se desviado de suas obrigações, e dado ao Guardião tempo para trabalhar em seus planos.

Agora ela sabia o que deveria fazer. Tinha feito o bastante para iniciar esses homens, havia mostrado a eles sua responsabilidade, e

como agüentar o peso dela. Agora eles possuíam o conhecimento que precisavam para conquistar o inimigo.

O que ela fez foi correto, mas agora eles tinham seus trabalhos, e ela os dela.

Agora esse exército sabia o que fazer. Ela precisava chegar até Aydindril.

Tomando sua decisão, pareceu como se um grande peso fosse retirado de cima dela, mas ao mesmo tempo ela sentiu que estava cheia de motivação. Richard, mesmo que não estivesse com ela, tinha ajudado a encontrar a verdade no meio de toda aquela confusão, e ajudado ela a enxergar sua verdadeira obrigação.

Olhou dentro da xícara de chá, mas tinha bebido ele, e a xícara estava vazia. A cabeça dela ficou confusa. Seus olhos não conseguiam permanecer abertos. Estava tão cansada que não conseguia mais ficar sentada.

Quando caiu para trás, ficou pensando no que Richard estava fazendo, onde ele estaria. Provavelmente com as Irmãs, aprendendo como controlar o dom. Rezou aos bons espíritos que elas o ajudassem a perceber o quanto ela o amava.

O braço dela, repentinamente pesado demais para manter levantado, caiu para o lado, e a xícara se afastou rolando.

O sono foi tão vazio de sonhos quanto a morte.

CAPÍTULO 46



Ela mergulhou em um vácuo, uma desolação de brutal escuridão privada de todos os sentidos de tempo ou consciência de espaço.

Estava perdida para o mundo. O vazio escuro estava além da compreensão, ou do conforto.

Deslizando nas profundezas daquele vácuo, ela sentiu alguma coisa. Que houvesse algo para sentir acendeu uma esperança nela, esperança de escapar desse lugar algum abandonado. Com aquela leve sensação, ela se agarrou desesperadamente em uma substância, como se agarrasse uma rocha em um vasto rio escuro. Tentar combater a sufocante escuridão trouxe a sensação para seu corpo.

Ela flutuou de volta, sua cabeça latejando com uma leve dor e, entorpecida, tentou entender o que estava acontecendo com ela. Alguém chamava por ela. Madre Confessora, eles gritavam. Não, aquele não era o nome dela.

Ela pensou. Kahlan. Aquele era seu nome. Mãos a sacudiram. Alguém estava chamando, e sacudindo ela.

Retornou de uma grande distância.

Os olhos de Kahlan abriram, e o mundo girou. O Capitão Ryan estava segurando seus ombros, balançando ela, chamando-a.

Ela deu uma forte respirada de ar frio que entrou em seus pulmões. Afastou os braços dele, mas então teve que colocar as mãos no chão para conseguir apoio. A preocupação ficou visível na expressão dela.

“Madre Confessora, você está bem?”

“Eu... Eu...” Ela olhou ao redor. Tossidin também estava lá. Ela sentou e colocou os dedos frios na testa. “Minha cabeça... que

horas?”

“A luz vai aparecer em breve.” Com aparência de preocupação, ele olhou para trás, por cima do ombro, para Tossidin. “Viemos acordá-la, como você pediu para fazer. Os espadachins estão prontos para partir.”

Kahlan afastou o manto. “Estarei pronta em um momento, e nós poderemos...”

Lembrou da decisão de ir para Aydindril. Tinha que encontrar Zedd. Tinha que conseguir ajuda para Richard. Se fosse verdade que o véu estava rasgado...

“Madre Confessora, você não parece bem. Passou por muita coisa, não dormiu durante dias, e só consegui algumas horas de sono. Acho que precisa de mais.”

Sim, ela precisava. Embora pudesse sentir que seu poder estava de volta, definitivamente não estava sentindo-se recuperada. Ela colocou uma das mãos no braço dele.

“Capitão, eu devo partir para Aydindril. Preciso...”

Ele deu um leve sorriso. “Você descansa. Não descansou o bastante para viajar. Fique aqui e descanse. Quando nós voltarmos, você estará descansada e poderá partir.”

Ela assentiu, ainda segurando a manga dele para se apoiar. “Sim. E então eu devo partir. Pensei nisso noite passada. Tenho que chegar até Aydindril. Vou descansar até que vocês retornem, mas então eu devo partir.” Ela olhou ao redor. Apenas Tossidin estava ali com o Capitão. “Onde está Chandalen, e Prindin?”

“Meu irmão foi verificar os sentinelas deles, para ter certeza de que não colocaram nenhum,” Tossidin falou, “para que nosso ataque chegue sem aviso.”

“Chandalen está atacando com os piqueiros,” Capitão Ryan disse. “Devo encontrar ele junto com os espadachins para o próximo ataque.”

Kahlan passou a mão no lábio machucado. “Tossidin, diga a Chandalen que quando seu ataque tiver acabado, nós devemos partir.”

“Tenham cuidado vocês três. Precisam me levar até Aydindril.” Ela mal conseguia manter os olhos abertos. Mal conseguia juntar

forças para falar. Sabia que ainda não estava pronta para viajar. "Vou descansar até que vocês voltem."

O capitão Ryan suspirou de alívio que ela não fosse com eles, que ela ficasse em segurança, aqui. "Vou deixar alguns homens para montar guarda enquanto você descansa."

Ela fez um gesto com a mão. "Esse acampamento está bem escondido. Estou segura aqui em cima."

Ele se inclinou para frente, insistindo. Dez ou doze homens não vão fazer qualquer diferença para nós, e eu conseguiria concentrar mais a minha mente em nossa tarefa se não estivesse me preocupando com você sozinha aqui."

Ela não tinha energia para discutir. "Está bem..."

Ela caiu para trás. Com um rosto preocupado, Tossidin colocou o manto sobre ela. Ela estava mergulhando de volta na escuridão quando os dois saíram agachados pela abertura. Ela tentou evitar entrar naquele lugar sem sensações, mas foi arrastada sem conseguir resistir.

O peso esmagador do vácuo fechou-se ao redor dela. Ela tentou escapar de suas garras, tentou subir novamente, mas a escuridão era espessa demais, era como estar envolto na lama. Estava presa, sendo sugada ainda mais fundo. Sentiu uma explosão de pânico.

Tentou pensar, mas não conseguia juntar os pensamentos em conceitos coerentes. Tinha a sensação de que algo estava errado, mas não conseguia fazer com que sua mente se concentrasse na solução.

Dessa vez, ao invés de render-se, concentrou toda sua força nos pensamentos em Richard, em sua necessidade de ajudá-lo, e então a escuridão não era mais um vácuo total. Ela teve um leve referencial de tempo, sentindo seu passo incremental.

Ela sentiu como se estivesse dormindo durante todo o tempo de sua vida enquanto manteve de modo persistente Richard em seus pensamentos.

A preocupação dela com ele, e sua ansiedade por causa da forma estranha da profundidade do sono, abandonou-a lentamente,

metodicamente, abriu seu caminho de volta. Mesmo assim pareceu ter levado horas.

Arfando desesperadamente, ela acordou. Sua cabeça girava com uma dor pulsante. Todo o seu corpo formigava com pequenas pontadas de dor. Levantou-se com esforço, para sentar, observando seu abrigo escuro. A vela tinha queimado quase toda. A calmaria zuniu em seus ouvidos.

Pensou que talvez precisasse de ar frio para despertar. Os braços e pernas dela pareceram espessos e pesados quando ela rastejou pela abertura do abrigo. Do lado de fora, estava anoitecendo. Olhou para cima, para as primeiras estrelas piscando através das árvores. Sua respiração formou jatos de fumaça diante do rosto enquanto ela ficou de pé sobre pernas trêmulas.

Kahlan deu um passo, e imediatamente tropeçou em alguma coisa, caindo de cara na neve. Com sua bochecha ainda no chão, abriu os olhos. A pioletada de distância, olhos vidrados estavam olhando para ela. O rosto de um jovem estava deitado na neve, perto do rosto dela. Foi na perna dele que ela tropeçou. Parecia que os ossos dela queriam saltar de sua pele e correr.

A garganta dele estava aberta, seu pescoço quase partido em dois, deixando sua cabeça inclinada para trás no seu corpo em um ângulo impossível. Ela podia ver a abertura de sua traquéia cortada. Sangue coagulado cobria a neve. Um jato de bile subiu até a garganta. Ela engoliu, forçando ele a voltar.

Levantando sua cabeça lentamente, viu as formas escuras de outros corpos. Todos eram Galeanos. Cada uma das espadas ainda repousava em sua bainha. Eles morreram sem ter a chance de revidar.

As pernas de Kahlan ficaram rígidas, querendo correr, mas ela se esforçou para ficar imóvel. No meio do nevoeiro da sonolência ela poderia cair, ela lutou para pensar. Sua mente parecia estar atolada em um estupor semelhante a um sonho, incapaz de se concentrar.

Alguém matou esses homens, e ainda poderia estar por perto; de algum modo ela precisava se esforçar para pensar.

Encostou os dedos na mão do soldado morto. Ainda estava quente. Aquilo deve ter acontecido recentemente. Talvez tenha sido

isso que a fez acordar.

Olhou para cima, entre as árvores. Homens se moviam nas sombras. Eles tinham avistado ela, e estavam se movendo para dentro da clareira em volta dela. Eles começaram a rir e assoviar enquanto se aproximavam, e ela viu quem eram eles - aproximadamente uns doze D'Harans, e um par de Kelteanos. homens da Ordem Imperial. Arfando, Kahlan levantou rapidamente.

Um homem, que estava mais perto, tinha um ferimento inchado vermelho descendo pelo lado esquerdo de seu rosto, de sua têmpora até a mandíbula, onde a para de Nick havia atingido ele. Uma costura irregular mantinha sua carne negra e vermelha fechada. Ele deu um sorriso de escárnio com o lado bom de sua boca. Era o General Riggs.

"Bem, bem, finalmente encontrei você, Confessora."

Kahlan se encolheu junto com o resto dos homens quando uma forma escura soltando um grito de batalha pulou do meio dos arbustos. Quando os homens se viraram, Kahlan correu para o outro lado.

Antes de se virar, tinha visto a luz fraca cintilar em um enorme machado de guerra. A lâmina em forma de arco derrubou dois homens com um só golpe. Era Orsk. Ele também deveria estar procurando por ela, para que pudesse protegê-la.

Alguém tocado por uma Confessora jamais desiste.

As pernas dela pareciam pesadas, e formigavam como se tivesse dormido em cima delas, mas ela correu o mais rápido que podia. Gritos irromperam atrás dela. Aço batendo contra aço. Orsk rugiu quando mergulhou no meio dos homens atrás dela.

Galhos de abeto golpearam seu rosto enquanto ela passava pelo meio das árvores. Galhos mortos e arbustos roçavam nas calças e na camisa dela. Tonta, ela seguiu tropeçando. Neve espirrava contra o seu rosto enquanto ela atravessava entre ramos inclinados. Não conseguia fazer suas pernas correrem rápido o bastante.

O homem no calcanhar dela grunhiu quando mergulhou para alcançá-la. Os braços dele seguraram as pernas dela e ela caiu. Ela cuspiu neve enquanto chutava e lutava para escapar. O homem

subiu pelas pernas, segurando no cinto dela e atirando-se em cima dela.

O rosto vermelho com o ferimento descendo por um lado flutuou logo acima do rosto dela. Triunfante, ele sorriu com maldade.

Lá atrás, através das árvores, ela podia ouvir os sons da batalha furiosa. Ela e Riggs estavam sós enquanto ela lutava para escapular.

Um punho agarrou seu cabelo e segurou sua cabeça no chão. O outro bateu nela do lado, arrancando o ar de seus pulmões. Ele bateu nela outra vez. A náusea espalhou-se nela em uma onda quente enquanto lutava para recuperar o fôlego.

“Peguei você agora, Confessora. Não vai fugir de novo. Tem que reconhecer e aceitar isso.”

Ele estava sozinho. O que ele estava pensando? Ele encostou uma das mãos no peito dele. Parecia algo estranho para ela que um homem sozinho pudesse pensar que poderia dominar uma Confessora.

“Você não tem ninguém, Riggs,” ela conseguiu falar debaixo do peso dele. “Está perdido. Você é meu.”

“Eu acho que não.” Ele zombou. “Ele disse que você não pode usar seu poder agora.”

Levantou a cabeça dela e bateu no chão. A visão dela ficou turva. Ela tentou se concentrar no que precisava fazer. Ele levantou a cabeça dela novamente para bater com ela no chão. Embora estivesse confusa com o que ele havia falado, tinha que fazer isso agora, antes que ele a deixasse inconsciente, antes que fosse tarde demais. Agora, quando o tempo era dela.

No silêncio de sua mente, quando ele levantava a cabeça dela, ela deixou seu poder de Confessora fluir através dela. Liberou sua barreira.

Houve um trovão sem o som. O impacto do poder, da magia, fez Riggs se encolher. Galhos de árvores ao redor balançaram com o solavanco. Neve caiu, espalhando-se nas costas dele e no rosto dela.

Os olhos dele ficaram arregalados, sua mandíbula frouxa. “minha Senhora!

Ordene.”

Com suas últimas forças, ela conseguiu perguntar, “Quem disse que meu poder não poderia ferir você!”

“Senhora, foi...”

A ponta cheia de sangue de uma flecha explodiu atravessando a protuberância na frente da garganta dele. A larga ponta de aço parou a cerca de uma polegada do queixo dela. Seus olhos lacrimejaram quando a boca dele se moveu e o sangue espumou, mas nenhuma palavra saiu. Enquanto o ar deixava seus pulmões, ele começou a cair em cima dela.

Um punho agarrou o ombro dele e afastou Riggs. Primeiro, ela pensou que seria Orsk, mas não era.

“Madre Confessora!” Um Prindin preocupado olhou para ela. “Você está ferida? Ele feriu você?”

Rapidamente ele rolou o General para o lado, tirando-o de cima dela e ofereceu sua mão para ajudá-la a levantar, enquanto seus olhos deslizavam observando todo o corpo dela deitado na neve. Ela ficou olhando para ele, mas não pegou sua mão. Usar o seu poder tinha deixado ela exausta e mole como nunca.

Seu sorriso costumeiro espalhou-se no rosto dele enquanto ele colocava o arco no ombro. “Posso ver que não está ferida. Você parece muito bem.”

“Não precisava matar ele. Já tinha usado meu poder nele. Ele era meu. Ele estava prestes a me dizer quem tinha falado que eu não poderia ferir...”

Todo o corpo dela formigou de apreensão com o modo que os olhos dele a observaram. O sorriso familiar dele fez correr um calafrio nos braços dela e atrás de seu pescoço, fazendo os pequenos cabelos levantarem.

Orsk saiu do meio das árvores. “Senhora! Você está segura?”

Ela podia ouvir outros se aproximando na floresta por trás dele. Escutou a voz de Chandalen. Prindin preparou uma flecha rapidamente. Orsk levantou seu machado com um grande punho. “Prindin! Não! Não machuque ele!” Prindin baixou o arco.

“Orsk! Corra!”

O grande homem virou sem fazer perguntas e correu de volta para dentro dos arbustos. Uma flecha o seguiu. Ela ouviu a flecha

bater em algo sólido. Conseguiu ouvir Orsk rolar através dos pequenos arbustos, quebrando galhos e plantas. O estalar dos galhos cessou, e então ela escutou ele bater no chão.

Ela tentou ficar em pé, mas caiu fraca. Parecia como se ela não tivesse ossos e seus músculos estivessem derretendo. Sua força desapareceu. A escuridão estava tentando sugá-la novamente. Prindin virou o seu sorriso de volta para ela enquanto colocava seu arco no ombro mais uma vez.

Kahlan fez um esforço para reunir a força para falar. A voz saiu em um leve sussurro. "Prindin, porque fez isso?"

Ele encolheu os ombros. "Para que pudéssemos ficar sozinhos." O sorriso dele aumentou. "Antes que eles arranquem a sua cabeça."

Prindin. Prindin tinha falado para Riggs que o poder dela não o machucaria, para que ela gastasse o poder nele, e não sobrasse nada. Suas pernas tremeram com o esforço para tentar levantar. Ela caiu para trás novamente enquanto ele observava.

Uma voz saiu das árvores. Era um Chandalen ofegante, chamando por ela. Em outra direção, ela escutou Tossidin chamando. Tentou gritar para eles. Apenas um fraco e rouco gemido saiu de sua garganta.

A escuridão apertava dentro dela.

Talvez ainda estivesse dormindo, ela pensou. Mal conseguia falar, mal conseguia se mover, exatamente como um pesadelo. Queria que fosse isso.

Mas ela sabia que não era um sonho.

Prindin virou na direção dos gritos insistentes. Kahlan mergulhou os calcanhares na neve e, com um poderoso esforço, conseguiu virar o corpo. Sua mão caiu em cima de um galho robusto que estava no chão.

Prindin correu na direção dela. Ela concentrou todo o seu medo, seu temor, sua dor e horror no que estava acontecendo, na ação. Foi preciso tudo que tinha. Prindin se aproximou dela.

Kahlan levantou girando o galho. Prindin esquivou e agarrou sua clava improvisada, arrancando-a de sua mão. Ele a fez girar aproximando-a e passou o braço em volta da cabeça dela, por cima da sua boca, quando ela tentou avisar Chandalen. Embora ele não

fosse grande, ela sabia que Prindin era incrivelmente forte, mas de qualquer modo, em seu estado atual, até uma criança poderia dar conta dela.

Chandalen correu por trás deles, com uma faca na mão. Kahlan mordeu o braço de Prindin. Ela gritou quando Prindin girou com velocidade e força impossíveis, acertando Chandalen no lado de sua cabeça com o galho. O som da pancada foi horrível. O golpe atirou Chandalen no meio dos galhos de um abeto. Quando virou tentando escapar das garras de Prindin, ela viu sangue na neve em volta de Chandalen.

Tossidin, ofegante, saiu do meio das árvores. "O que está acontecendo! Prindin!"

Ele os viu e parou de repente. Olhou para Chandalen e então para Prindin.

Prindin olhou para seu irmão por cima do ombro, falando em sua própria língua. "Chandalen tentou nos matar!"

"Cheguei aqui justamente quando ele tentava matar a Madre Confessora. Me ajude. Ela está ferida."

Kahlan caiu de joelhos, gritando. "Não... Tossidin... não..."

Tossidin correu na direção deles. "Qual é o problema que Chandalen me falou? Qual é o problema com você, irmão?"

"O que você fez?"

"Me ajude! A Madre Confessora foi ferida!"

Tossidin segurou o ombro do seu irmão e fez ele virar. "Prindin! O que você..."

Prindin enterrou uma faca no peito do irmão dele. Os olhos de Tossidin ficaram arregalados de espanto. Sua boca abriu mas nenhuma palavra saiu. Com um suspiro, suas pernas dobraram e ele caiu no chão. Kahlan gritou. Ele tinha sido esfaqueado no coração.

Chandalen sentou soltando um leve grunhido. Colocou as mãos no escalpo que sangrava. Mantendo um olho no homem ferido, Prindin tirou uma caixa de osso de sua bolsa na cintura. Ele tinha uma caixa cheia de bandu. Não tinha dado a ela todo o veneno dele.

Incapaz de impedir ele, Kahlan viu Prindin passar uma generosa quantidade de veneno na ponta da flecha. Confuso, Chandalen segurava sua cabeça com as mãos enquanto tentava

recuperar seu raciocínio. Prindin esticou a corda do arco até a bochecha.

Ela sabia que ele estava mirando na garganta de Chandalen. No exato momento em que Prindin soltou a flecha, ela conseguiu se jogar contra as pernas dele, fazendo a flecha desviar de seu alvo. Ela ainda acertou Chandalen no ombro.

A costa do punho dele no rosto dela fez ela se esparramar. Energizada por absoluto terror, Kahlan começou a rastejar de quatro para longe. A neve estava congelando seus dedos. As calças dela no joelho estavam ensopadas e frias como gelo. Ela se concentrou no frio para tentar reviver. Olhou por cima do ombro enquanto se afastava rastejando.

Prindin puxou outra flecha de sua aljava, e esfregou ela no veneno enquanto observava o esforço dela. Como tinha observado Chandalen. Um grito saiu da garganta dela quando ficou em pé, cambaleante, e correu. Um pesadelo. Tinha que ser um pesadelo.

A flecha pareceu uma clava atingindo a parte de trás da sua perna esquerda. Ela gritou e caiu de cara. Sua perna queimava em uma dor ardente.

Uma sensação formigante espalhou-se pelo músculo. A dor queimou através do osso, dentro do seu quadril.

De repente Prindin estava sobre ela. Ele se ajoelhou e segurou a flecha enterrada na perna dela. Colocou sua outra mão no traseiro dela para mantê-la parada, e arrancou a flecha. Kahlan podia sentir o formigamento do veneno subindo na perna dela.

“Não se preocupe, Madre Confessora, não usei muito veneno em sua flecha, como na de Chandalen, só o bastante para garantir que não vai me causar problema. Ele estará morto daqui a mais um minuto. Você vai viver o bastante para ter sua cabeça arrancada.” A mão dele bateu no traseiro dela. “Se eles não esperarem demais.” Prindin se inclinou sobre ela. “Está frio demais aqui fora. Vamos voltar.”

Ele agarrou o pulso dela e começou a arrastá-la pela neve. Em sua mente, Kahlan enfrentou ele; lutou, gritou, bateu, mas não conseguia fazer o seu corpo obedecer. Estava tão mole quanto uma

boneca de pano sendo arrastada sobre a neve. Ela podia sentir o veneno se espalhando pelas costelas.

Lágrimas desceram pelas bochechas dela. Orsk. Tossidin. Chandalen. Ela. Como Prindin poderia fazer uma coisa assim? Ela gemeu enquanto seu rosto deslizava na neve. Como poderia? Seu próprio irmão. Tinha esfaqueado seu próprio irmão como se isso não significasse nada. Quem poderia fazer tal coisa? Como alguém poderia uma coisa dessas? Como alguém poderia a não ser um Baneling.

Ela ofegou ao perceber. Nunca tinha acreditado totalmente em banelings, antes. Magos disseram a ela que eles eram reais, mas nunca acreditou que eles sabiam com certeza. Sempre pensou que poderia ser besteira supersticiosa que fazia as pessoas caçarem coisas no escuro, coisas do submundo, coisas ligadas aos próprios sussurros sombrios do Guardião.

Mas agora ela sabia. Estava nas garras de um baneling. Queridos espíritos, como ninguém poderia saber? Ele tinha ajudado ela tantas vezes. Tinha se tornado amigo dela.

Assim ele poderia ficar perto dela, e ficar de olho nela para o Guardião. Ele era um baneling. Darken Rahl riu dela. Porque ela foi tão estúpida.

Agora ela sabia, sem dúvida - o véu estava rasgado. Darken Rahl tinha prometido essas coisas para ela. Ele tinha vindo para rasgar o resto do véu, e ela tolamente tinha pensado que estava no controle do que estava fazendo, mas o tempo todo Darken Rahl, e o Guardião, estiveram observando ela através dos olhos de Prindin.

Mas porque esperar até agora? Porque deixar ela lutar nessa guerra, deixar todas essas pessoas morrerem, antes que ele a capturasse?

Kahlan sabia porque. O Guardião era do mundo dos mortos. Trazer a morte para o mundo era o que ele queria. Ele sentia-se ofendido pelos vivos. Era por isso que ele queria o véu rasgado - para que pudesse trazer a morte para o mundo dos vivos.

Ele cobijava o suspiro de vida desse mundo. Sentia prazer em ver as pessoas morrendo. Não queria parar isso cedo demais, parar com o sofrimento, o medo, a dor.

Pareceu como se o seu braço pudesse ser arrancado do lugar enquanto Prindin puxava ela através do arbusto, e sobre uma tora meio coberta pela neve. O formigamento do veneno tinha se espalhado pelo peito dela.

A perna esquerda dela ficou dormente. Pelo menos, ela pensou, não poderia sentir o quanto o ferimento da flecha machucava. A ponta de ferro arredondada havia atingido o osso, e Prindin não tinha sido delicado ao arrancá-la. Pelo menos ela estava dormente, agora.

Quando eles chegaram ao abrigo, ela podia ver corpos por toda parte, não apenas os homens Galeanos, mas também os homens da Ordem Imperial que Orsk matou. Em breve, quando Prindin tivesse acabado com ela, ele a entregaria ao exército da Ordem, e ela seria degolada. Tudo estaria acabado, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir. Ela não conseguia nem resistir. Nunca mais veria Richard. Queridos espíritos, ele jamais saberia o quanto ela o amava.

Prindin arrastou-a por campo aberto até o abrigo e colocou-a sobre os galhos que cobriam o chão. Enquanto ele acendia mais duas velas usando aquela que já estava quase totalmente queimada, ela lutou para respirar, para continuar consciente.

“Gostaria de poder ver você,” ele explicou com um sorriso libidinoso. “Você é muito bonita para olhar. Gostaria de ver você toda.”

Ela sempre gostou do sorriso dele. Agora não gostou dele.

Prindin tirou seu manto de pele e jogou para o lado. Seu sorriso desapareceu. Os olhos dele estavam arregalados. Não falou mais na língua dela, apenas na dele.

“Tire as suas roupas. Gostaria de olhar você, primeiro. Para ficar estimulado vendo você.”

Mesmo se ele tivesse segurado uma faca na garganta dela, ela não conseguiria obedecer; não conseguia mover os braços.

“Prindin,” ela conseguiu sussurrar, “os homens voltarão logo. Vão pegar você aqui.”

“Eles estarão ocupados. Estão lutando como nunca esperavam.” O sorriso dele voltou. “Eles não voltarão logo, de jeito

nenhum.” O sorriso mudou num instante para uma expressão distorcida de fúria. “Eu falei, tire suas roupas!”

“Prindin, você é meu amigo. Por favor. Não faça isso.”

Ele rastejou para cima dela, puxando o cinto dela. “Então vou fazer isso para você!”

Lágrimas, por causa de sua impotência, por causa da perda de um amigo para essa loucura, por causa do Guardiã, rolaram pelas bochechas dela.

“Prindin, porque?”

Ele sentou, como se estivesse surpreso com a pergunta. “O grande espírito falou que eu poderia ter você antes que ele levasse o seu espírito para o submundo. Ele disse que eu devo ganhar uma recompensa, pelo trabalho que fiz. O grande espírito está feliz comigo por entregar você para ele.”

A mordida no pescoço dela ardeu com uma dor formigante. Ela tremeu de tristeza por Tossidin e Chandalen. Tremeu por causa de sua própria situação desoladora e desesperadora. O formigamento do veneno tinha se espalhado pelos ombros dela. Podia sentir a leve dor de seu primeiro toque movendo-se por sua garganta.

Ele a comprimiu debaixo dele quando beijou o lugar no pescoço dela onde os lábios de Darken Rahl estiveram, onde estava a mordida. A dor, as visões, enviaram um grito silencioso através dela.

“Prindin... por favor... depois que terminar... você pode deixar que eu vá?” Esperava que ouvir suas palavras na língua dele significasse mais para ele. “Por favor?”

Ele levantou a cabeça, olhando nos olhos dela. “Não faria bem nenhum para mim deixar você partir. Você foi envenenada, pelo chá, e pela flecha. de qualquer jeito vai morrer logo. Você deve ter a cabeça cortada antes de morrer com o veneno. Será melhor. Não vai sofrer o fim com o veneno. Essa é minha piedade para você.”

Prindin sorriu quando começou a se curvar sobre ela novamente, beijando o pescoço dela. Lágrimas desceram pelas bochechas dela.

“Odeio você,” ela gemeu. “Você e o seu grande espírito.”

Ele ficou de pé rapidamente, o melhor que podia no pequeno abrigo, com os punhos na cintura enquanto olhava para ela.

“Você deve ser minha! Eu recebi a promessa! Eu terei você! Seu poder não pode me ferir, tenho certeza disso. Ele está fraco por enquanto. Você deve ser minha! Se não se entregar para mim, vou forçar você! Você trouxe sua magia detestável até o meu povo, seus costumes detestáveis! Você é má, e vou tomar você, para conquistar sua maldade!”

“O grande espírito falou que deveria ser assim!”

Prindin tirou sua camisa de pele por cima da cabeça, tirou a camisa de seu corpo magro e musculoso. Pulou em cima dela, pousando com um grunhido. Seu rosto estava logo acima do rosto dela.

Eles olharam um para o outro surpresos.

Ele não teve idéia do que tinha acontecido. Ela sabia o que tinha acontecido, mas não tinha idéia de como.

Conseguiu sentir o sangue quente dele deslizando sobre o punho dela. As pupilas dele se expandiram. Ele tossiu, espirrando pequenas gotas de sangue pelo rosto dela. Com um lento e longo gorgolejo, ele caiu mole enquanto seu último sopro de ar deixava seus pulmões.

Lágrimas desceram pelo rosto de Kahlan. Não tinha força para retirar ele de cima dela; mal conseguia respirar debaixo do peso dele.

E então ela ficou imóvel, sentindo o sangue dele escorrer sobre a mão dela, entre os seios dela, e ensopar sua camisa. O formigar do veneno tinha subido pelo pescoço dela.

CAPÍTULO 47



No meio da escuridão, o lábio dela estava doendo. Alguma coisa estava tocando no corte, fazendo ele latejar. Alguma coisa estava em sua boca. Ela pensou que parecia um dedo, entrando na sua boca.

“Engula!”

Kahlan fez uma careta na escuridão, no meio da sonolência.

“Engula! Está me ouvindo? Engula!”

Fazendo uma careta, ela atendeu o comando. O dedo enfiou mais das coisas secas dentro de sua boca.

“Engula de novo!”

Ela engoliu, esperando que a voz a deixasse em paz agora. Ela deixou. Ela mergulhou outra vez dentro do vácuo. Deslizou pela terra de lugar algum, inconsciente. Não tinha conceito algum de tempo, nenhuma idéia de quanto tempo ela flutuou.

Arfando, seus olhos abriram. Ela piscou olhando em volta pelo abrigo. As velas estavam queimadas pela metade.

Ela estava coberta pelo seu manto de pele.

Chandalen se inclinou sobre ela, observando-a. Um largo sorriso espalhou-se nos lábios dele. Ele soltou um longo suspiro de alívio.

“Você voltou,” ele disse. “Agora está segura.”

“Chandalen?” Ela tentou entender o que estava vendo. “Estou no submundo ou você não está morto?”

Ele riu suavemente. “É difícil matar Chandalen.”

Ela moveu a língua, tentando umedecer sua boca seca. Ela estava acordada, acordada de verdade, pela primeira vez em muito tempo desde que podia lembrar. Parecia que tinha esquecido como era estar acordada, como aquilo parecia vibrante.

Mesmo assim, ela não se moveu, com medo de que a escuridão voltasse.

“Mas, Prindin acertou você com uma flecha dez passos. Eu vi.”

Ele virou um pouco, olhando para longe com desgosto. Ela podia ver que seu cabelo negro estava coberto de sangue seco. Ele balançou a mão, como se estivesse desconfortável por ter que explicar.

“Lembra quando eu falei que nossos ancestrais comiam *quassin doe* antes de ir para batalha, para que se eles fossem feridos com uma flecha dez passos, o veneno não matasse eles?” Ela assentiu. Ele verificou suavemente seu escalpo ferido. “Bem, em honra aos meus ancestrais, meus ancestrais guerreiros, eu comi um pouco das folhas de *quassin doe* antes de ir para a batalha. A *quassin doe* que você me devolveu naquela cidade.” As sobrancelhas dele levantaram, como se considerasse que uma justificativa era necessária. “Foi para honrar meus ancestrais.”

Kahlan sorriu calorosamente quando colocou uma das mãos no braço dele. “Você deixou seus ancestrais orgulhosos.”

Ele ajudou ela a sentar. Na luz fraca, ela viu Prindin deitado de costas perto dela.

A faca de osso, a faca de osso feita com os ossos do avô de Chandalen, aquela que ela usou no braço dela, projetava-se do peito de Prindin. As penas negras balançavam em volta da ponta do cabo, ondulando sobre a ferida mortal. De algum modo, ela conseguiu colocar aquela faca entre eles quando Prindin saltou em cima dela. De algum modo.

Ela lembrou de seus desespero dormente e sua impotência. Lembrou da sensação de formigamento do veneno, e que não conseguia se mover. Lembrou do seu terror. Lembrou de Prindin pulando em cima dela.

Mas não lembrou de ter puxado a faca.

A voz dela tremeu. “Sinto muito, Chandalen.” Os dedos dela cobriram a boca. “Sinto muito por matar seu amigo.”

Chandalen olhou para o corpo. “Ele não era meu amigo. Meus amigos não tentam me matar.” Colocou uma das mãos no ombro

dela de maneira confortadora. "Ele foi enviado pelo grande espírito escuro dos mortos. Seu coração foi dominado pela maldade."

Kahlan agarrou a manga dele. "Chandalen, aquele grande espírito escuro dos mortos está tentando escapar de trás do véu. Ele quer levar todos nós para trás do véu, dentro do mundo dos mortos."

Os olhos castanhos dele estudaram os dela. "Acredito em você. Devemos levar você até Aydindril, para que você possa ajudar a impedir ele."

Ela ficou aliviada. "Obrigada, Chandalen. Obrigada por entender, e por me salvar com a *quassin doe*." Kahlan agarrou o braço dele. "Os homens! Prindin armou uma armadilha para eles! Que horas?"

Ele fez um som confortador para acalmá-la. "Quando o Capitão Ryan veio falar comigo e Tossidin antes do ataque, perguntei onde você estava. Sabia que você gostaria de estar com eles. Ele falou que você estava doente. Que não conseguia acordar. Para mim isso pareceu como bandu."

"O Capitão Ryan falou que você não comeu, e só tomou o chá que Prindin fez para você. Então eu entendi o que estava acontecendo. Sabia que você foi envenenada, e a única coisa que tomou foi o chá.

"Eu e Tossidin ficamos muito preocupados com você. Verificamos para ver se o inimigo tinha mudado de posição. Vimos que eles estavam esperando pelo ataque onde planejamos que ele acontecesse na primeira vez. Fiz os homens mudarem o ataque, e entrar por um lugar diferente do que era esperado. Logo que dei as novas ordens, nós corremos até aqui."

"Eu sabia que Prindin tinha nos traído, mas Tossidin pensou que deveria ter alguma outra explicação. Ele confiava no irmão e não queria pensar mau dele. Ele pagou pela confiança, pelo erro, com a vida dele."

Kahlan olhou para longe na calmaria inquietante. Ela franziu a testa olhando de volta para ele. "E a flecha? E o ferimento na sua cabeça? Temos que cuidar dos seus ferimentos."

Chandalen puxou a sua camisa de pele para o lado, revelando um curativo em cima do ombro esquerdo dele. "Os homens voltaram durante a noite. Eles costuraram minha cabeça. Não está tão mau quanto parece. Eles também tiraram a flecha."

Ele se encolheu quando colocou a camisa de volta em cima do ombro. "Ensinei Prindin muito bem. Ele usou uma flecha com lâminas de metal."

"Flechas com lâminas fazem mais estrago saindo do que entrando. Um dos homens, aquele que cortou e costurou a ferida, cortou fora a flecha, e me costurou. A flecha bateu no osso, então ela não entrou demais. Meu braço ainda está duro, e não vou conseguir usar ele por algum tempo."

Kahlan verificou sua perna. Havia um curativo debaixo das calças dela. "Ele costurou minha perna também?"

"Não. Ela não precisou ser costurada, somente enrolada; Eu fiz isso. Prindin usou uma ponta redonda em você. Não foi como eu ensinei para ele. Não sei porque ele faria isso."

Kahlan podia sentir a presença do corpo perto dela. "Ele queria que fosse possível tirar ela de mim, depois que me acertasse com o veneno," ela falou devagar. "Querida ela fora do caminho. Ele queria me estuprar antes de me entregar para o inimigo."

Chandalen observou o corpo, não querendo olhar para ela, e falou que estava feliz que aquilo não tivesse acontecido.

Ela tocou na mão esquerda dele. "E eu estou feliz que foi seu ombro, e não a sua garganta."

Ele franziu a testa. "Ensinei Prindin como atirar. Ele nunca poderia errar minha garganta daquela distância. Porque ele não atirou na minha garganta?"

Ela balançou o ombro, fingindo não saber. Ele grunhiu desconfiado.

"Chandalen, porque o corpo dele ainda está aqui? Porque você não arrastou ele para fora?"

Ele mexeu o braço ferido dele com o outro, colocando ele em uma posição mais confortável. "Porque a faca do espírito do avô ainda está nele." Olhou para ela com uma expressão séria. "Você usou a ajuda dos ossos do avô, do espírito dele, para se proteger,

para tirar outra vida. Agora o espírito do avô em uma ligação com você. Agora ninguém mais deve tocar a faca de osso dele. Ela é sua, e só você pode tocar nela. Você deve tirar ela.”

Por um momento Kahlan imaginou se poderia ou não apenas deixar a faca onde estava, e enterrá-la com o corpo. Pensou que talvez a faca de osso tivesse que ser colocada para descansar também. Mas descartou o pensamento.

Para o Povo da Lama essa era uma poderosa magia do espírito. Ela insultaria Chandalen se rejeitasse a faca.

Também pensou que talvez insultasse o espírito do avô de Chandalen se não pegasse de volta a faca. Ela não estava totalmente certa de que não teria sido o espírito na faca de osso que matou Prindin para salvá-la. Não sabia como a faca foi parar em sua mão.

Kahlan se esticou e fechou os dedos em volta da ponta que projetava-se do peito de Prindin. Ela emitiu um som de sucção quando ela a retirou do corpo. Limpou-a esfregando nos ramos de bálsamo que cobriam o chão.

Kahlan levou o cabo arredondado até os lábios e beijou suavemente. “Obrigada, espírito avô, por salvar minha vida.” De algum modo, pareceu a coisa certa a fazer.

Chandalen sorriu enquanto ela enfiava a faca de osso na faixa em seu braço. “Você é uma boa Pessoa da Lama. Sabia o que fazer sem que eu falasse. O espírito do avô vai tomar conta de você sempre.”

“Chandalen, temos que chegar até Aydindril. O véu para o submundo está rasgado. Nós fizemos o que poderíamos para ajudar esses homens. Agora devo fazer meu trabalho.”

“Quando encontramos esses homens pela primeira vez, eu não queria ficar com eles. Queria ficar longe da luta deles para que você ficasse em segurança.” Ele olhou para o vazio. “De algum jeito, esqueci aquele pensamento, e tudo o que eu queria fazer era lutar e matar o inimigo.”

“Eu sei,” ela sussurrou, “isso aconteceu comigo também. Esqueci tudo sobre o que eu deveria estar fazendo. É quase como se

nós também estivéssemos escutando o grande espírito escuro. O véu está rasgado. Talvez seja por causa dele que ficamos distraídos.”

“Você acha que esse véu está rasgado, e por causa disso esquecemos o que deveríamos fazer, e só tivemos vontade de matar?”

“Chandalen, não sei as respostas para essas coisas. Tenho que chegar até Aydindril. O mago saberá o que fazer. Richard precisa de ajuda. Já passamos tempo bastante aqui. Não devemos mais perder tempo. Devemos falar com os homens, e então seguir nosso caminho. Eles estão lá fora?” Ele assentiu. “Então vamos lá.”

Ela começou a levantar, mas ele colocou a mão boa no ombro dela e fez ela parar. “Eles ficaram esperando do lado de fora do seu abrigo a noite toda. Eu não deixaria eles entrarem.”

Ele afastou a mão enquanto parecia procurar pelas palavras certas. “Tive muito medo que você morresse esta noite. Não sabia se dei a você o *quassin doe* em tempo. Prindin estava dando veneno a você sem nosso conhecimento, por um longo tempo. Você quase foi para o mundo dos espíritos.

“Se você morresse, eu nunca poderia voltar para o meu povo. Mas não é por isso que estou feliz que você sobreviveu. Estou feliz porque você é uma boa Pessoa da Lama. Você é uma protetora de nosso povo, do mesmo jeito que Chandalen.”

“Cada um de nós lutamos do nosso jeito.” Ele levantou uma sobrancelha. “Ultimamente, você esteve lutando demais como as lutas de Chandalen. Você é boa nisso, mas deveria deixar isso comigo, e lutar do jeito que deveria lutar.”

Kahlan sorriu. “Você está certo. Obrigada por ficar sentado comigo a noite toda. Foi bom ter você por perto. Sinto muito que você tenha sido ferido.”

Ele encolheu os ombros. “Algum dia, quando eu encontrar uma mulher para mim, terei cicatrizes para mostrar, assim ela poderá ver como Chandalen é bravo.”

Kahlan riu. “Tenho certeza de que ela vai ficar impressionada com sua bravura quando atiraram uma flecha em você.”

Chandalen lançou um olhar torto para ela. “Isso não prova que eu fui bravo porque recebi uma flechada.”

“Qualquer um poder receber uma flechada.” Ele levantou o queixo. “Eu sou bravo porque não gritei quando a flecha foi arrancada de mim.”

Algum dia, Kahlan pensou, alguma mulher de sorte terá suas mãos cheias com esse aqui. “Estou feliz que os bons espíritos cuidem de você, e que você esteja comigo.”

Ele estreitou os olhos quando olhou para ela. “Não sei o que aconteceu, mas acho que Prindin errou minha garganta porque você estava tomando conta de mim também.”

Ela apenas sorriu. Quando olhou para o corpo, o sorriso dela murchou. Ela passou a mão acariciando o pelo de seu manto. “Pobre Tossidin. Ele amava seu irmão. Vou sentir saudade dele.”

Chandalen olhou para o corpo. “Conheço eles desde que eram garotos. Os dois me seguiam por todo lugar, implorando para ensinar eles. Implorando para ser um dos meus homens.” Ele baixou a cabeça em silêncio. Finalmente, voltou sua atenção para ela. “Os homens estão muito preocupados com você. Eles estão esperando.”

Kahlan seguiu atrás quando ele saiu rastejando. Ela arrastou a espada com ela. Do lado de fora, na luz, houve um barulho súbito quando os homens levantaram.

O Capitão Ryan avançou rapidamente, mas um grande homem, com um dos braços em uma faixa de pano, colocou seu braço bom no peito do Capitão, fazendo ele parar. Ele segurava um monstruoso machado de guerra em seu punho.

“Orsk? Você está vivo também?”

Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Kahlan lembrou do modo como seu pai havia chorado quando a mãe dela, a Senhora dele, estava doente.

“Senhora!” Lágrimas surgiram novamente em seus olhos. “Você está bem! O que você deseja?”

“Orsk, esses homens são todos meus amigos. Nenhum deles vai me ferir. Não precisa manter eles afastados. Estou segura. Eu ficaria muito feliz se você apenas ficasse sentado por enquanto.”

Imediatamente, ele sentou no chão. Kahlan fez uma expressão questionadora para Chandalen.

Chandalen encolheu os ombros. “Eu vi ele lutar para proteger você, e Prindin queria matar ele, então eu dei *quassin doe* para ele. Os homens arrancaram a flecha da costa dele. Não tenho certeza se o ferimento dele é muito grave; ele não tem nenhum interesse no seu ferimento, só em você. Só consegui manter ele fora do abrigo dizendo que você precisava ficar sozinha ou poderia não conseguir se recuperar, mas ele não queria deixar esse lugar enquanto você continuasse lá dentro.”

Kahlan suspirou quando olhou para o rosto medonho que observava silenciosamente. Ela mal suportava olhar para a cicatriz branca irregular, e para o olho que estava fechado pela costura. Ela voltou sua atenção para um Capitão Ryan impaciente, e as centenas de rostos atrás dele.

“Como vai a guerra?”

“A guerra! Que se dane a guerra! Você está bem? Você nos deixou muito assustado!” Ele lançou um olhar sério para Chandalen, e então para Orsk sentado na neve. “Esses dois não deixariam que eu desse nem uma olhadinha em você, para ver como você estava.”

“Esse é o trabalho deles,” Kahlan falou. Mostrou um sorriso caloroso para eles. “Obrigada a todos vocês pela sua preocupação. Chandalen me salvou.”

“Bem, o que aconteceu? Esse lugar estava uma bagunça. Os doze homens que deixei aqui foram mortos. Por uma troga.”

“Prindin e Tossidin estão mortos. E havia homens da Ordem mortos. Ficamos com medo que eles tivessem assassinado você.”

Kahlan percebeu que Chandalen não tinha falado nada para eles. “Um dos homens mortos, seguindo naquela direção, é o General Riggs, da Ordem Imperial. O Orsk aqui,” ela apontou para o homem com um olho só, “matou a maioria dos homens da Ordem. Eles vieram aqui para me capturar. Prindin matou nossos guardas, e o irmão dele, e tentou me matar.”

Sussurros e exclamações de espanto espalharam-se entre os homens.

Os olhos do Capitão Ryan pareciam estar prestes a saltar da cabeça dele. “Prindin! Não o Prindin. Queridos espíritos, porque?”

Ela esperou até que o silêncio tomasse conta dos homens. Falou com um tom calmo. "Prindin era um baneling."

O silêncio foi tudo que ela escutou por um momento, e então os sussurros preocupados da palavra *baneling* espalharam-se nas fileiras.

"Vocês estão fazendo um bom trabalho. Mas agora devem continuar lutando sem mim. Tenho que chegar até Aydindril." Murmúrios desapontados encheram o ar. "Não deixaria vocês se não soubesse que estavam prontos para assumir a tarefa. Todos vocês provaram seu valor e seu coração na batalha. Vocês são homens guerreiros."

Os homens ficaram um pouco mais eretos. Escutaram atentamente, como se estivessem ouvindo seu General.

"Estou orgulhosa de cada um de vocês. Vocês são heróis de Midlands. Esse exército da Ordem Imperial, embora seja uma ameaça, é uma amostra de uma ameaça muito maior para Midlands, para o mundo dos vivos. O fato do Guardião mandar um baneling para me deter é uma prova disso."

"Acredito que a Ordem Imperial está trabalhando junto com o Guardião. Agora eu devo direcionar minha atenção para essa ameaça. Sei que continuarão lutando, como juraram, e não terão nenhuma compaixão com o inimigo. Sei que os dias da Ordem estão contados."

Kahlan percebeu que seu pescoço não estava doendo. encostou os dedos na mordida. Ela sumiu. De repente ela sentiu que talvez tivesse escapado das garras do Guardião em mais de uma maneira.

Com uma conduta séria, ela observou os rostos jovens que olhavam para ela atentamente. "Embora vocês continuem lutando sem misericórdia, não devem permitir que vocês mesmos se transformem naquilo que estão combatendo. O inimigo luta para matar, e não para escravizar. Vocês lutam pela vida, e liberdade. Mantenham isso sempre em primeiro lugar em seus corações."

"Não permitam que se transformem naquilo que odeiam. Eu sei como é fácil fazer isso. Quase aconteceu comigo."

Kahlan levantou um dedo no ar. "Prometo nunca esquecer nenhum de vocês. Prometam para mim que quando isso acabar, tanto a ameaça da Ordem Imperial, quanto a do Guardião, que um dia todos vocês irão até Aydindril, para que então Midlands possa honrar o seu sacrifício."

Todos os homens levantaram um punho como um juramento. Um grito se elevou.

"Capitão Ryan, por favor transmita minhas palavras para os homens nos outros acampamentos. Gostaria de poder falar com eles eu mesma, mas devo partir imediatamente."

Ele garantiu que isso seria feito. Kahlan levantou a espada nas duas mãos, entregando-a.

"O Rei Wyborn empunhou essa espada em batalha para proteger sua terra. A Madre Confessora empunhou em defesa de Midlands. Agora eu a coloco em mãos capazes."

Os dedos do Capitão Ryan receberam a espada das mãos dela cuidadosamente. Ele a segurou como se estivesse segurando a própria coroa de Galea.

Um sorriso iluminou seu rosto.

"Vou carregá-la com orgulho, Madre Confessora. Obrigado por tudo que nos ensinou. Quando nos encontrou pela primeira vez, éramos garotos. Obrigado por nos transformar em homens. Você nos ensinou não apenas a lutar melhor mas, o mais importante, o que significar sermos soldados, e sermos os protetores de Midlands."

Ele segurou o cabo e levantou a espada para o céu quando virou para os seus homens.

"Três vivas para a Madre Confessora!"

Enquanto escutava aquela aclamação, Kahlan percebeu que nunca em toda sua vida tinha ouvido ninguém aclamar a Madre Confessora. Teve que se esforçar para não mostrar sua surpresa. Ela deu um beijo nos dedos dela e agradeceu a todos.

"Capitão Ryan, eu gostaria de levar Nick, e também precisarei de mais dois cavalos."

Chandalen deu um passo em frente. "Agora, porque precisa de cavalos!"

Ela levantou uma sobrancelha para ele. "Chandalen, eu tenho um ferimento de flecha na minha perna. Mal consigo ficar em pé, muito menos caminhar. Preciso cavalgar, se eu quiser chegar até Aydindril. Espero que você não me considere fraca por causa disso."

A testa dele franziu. "Bem, não. É claro que você não deve caminhar." Os olhos dele ficaram zangados de novo. "Mas porque você quer outros dois cavalos?"

"Se eu cavalgar, você também deve cavalgar."

"Chandalen não precisa cavalgar! Eu sou forte! "

Ela se inclinou chegando mais perto e falou na língua dele. "Chandalen, eu sei que o Povo da Lama não anda em cavalos. Não poderia esperar que você soubesse como fazer isso. Vou ensinar. Você vai ficar bem. Quando voltar para seu povo, terá uma nova habilidade que nenhum deles tem. Eles ficarão impressionados. As mulheres verão que você é valente."

Ele grunhiu desconfiado enquanto fazia uma careta. Então porque precisamos do terceiro cavalo?"

"Vamos levar Orsk."

"O quê!"

Kahlan encolheu os ombros. "Você não pode usar um arco até que o seu braço fique bom. Como vai me proteger? Orsk pode usar um machado com seu braço bom, e você pode atirar uma lança com o seu."

Ele revirou os olhos. "Não vou conseguir fazer você desistir, vou?"

"Não," ela falou com um leve sorriso. "Agora, é melhor juntarmos as nossas coisas e seguir nosso caminho."

Kahlan olhou para os homens uma última vez. Seus homens. Fez uma saudação para eles com o punho sobre o coração. Todos responderam a saudação em silêncio. Ela havia perdido muito junto com esses homens. Tinha ganho muito. "Tomem cuidado. Cada um de vocês."

CAPÍTULO 48



“Então, quando vamos encontrar com o seu povo, aqueles que vão guiar Irmã Verna e eu até o Palácio?”

Du Chaillu olhou para trás por cima do ombro, afastando seu cabelo negro para observar ele. Ela estava conduzindo seu cavalo. Richard ficou cansado das reclamações dela, e quando finalmente ela se recusou a continuar cavalgando, ele decidiu não fazer disso uma discussão e deixou ela caminhar. O próprio Richard decidiu caminhar por algum tempo. Irmã Verna cavalgava atrás deles, observando Du Chaillu de cima do seu cavalo como uma coruja.

“Em breve.” A expressão calma e distante dela o perturbou. “Muito em breve.”

O comportamento havia mudado lentamente desde que eles deixaram a terra dos Majendie, enquanto entravam mais fundo na dela. Ela não estava mais falante e aberta, mas tinha ficado cada vez mais arrogante e distante. Irmã Verna raramente tirava os olhos de Du Chaillu, e Du Chaillu, em resposta, não perdia um movimento que a Irmã fazia. Elas estavam como duas gatas com o pelo eriçado, silenciosas e imóveis, mas preparada para saltar. Não seria uma surpresa para ele se daqui a pouco ele visse as duas mostrando os dentes.

Richard tinha a sensação de que as duas estavam constantemente testando uma a outra, mas de maneiras que ele não conseguia ver. Pelo comportamento da Irmã, ele não achava que ela estivesse contente com o que estava descobrindo. Richard poderia dizer, pela sua experiência, quando a Irmã estava tocando o Han dela. Ele reconheceu o véu sobre os olhos dela. Ela estava tocando ele agora.

Na escuridão que aumentava, Du Chaillu desviou de repente da larga trilha na floresta, conduzindo eles em um caminho estreito através da espessa mata fechada. Água escura com densas aglomerações de juncos e plantas de folhas largas com flores cor-de-rosa e amarelas em forma de trombeta espalhavam-se pelos lados. Os olhos de Richard sondavam as sombras entre as árvores.

Du Chaillu parou na margem de uma área aberta arenosa. Ela ofereceu as rédeas do cavalo dela para Richard. "Os outros vão nos encontrar nesse lugar. Espere aqui, homem mágico."

O termo que ela usou para dirigir-se a ele causou um arrepio. Ele pegou as rédeas. "Richard. Meu nome é Richard. Sou aquele que salvou o seu pescoço. Lembra?"

Du Chaillu olhou para ele pensativa. "Por favor nunca pense que eu não valorizo o que fez por mim, para o meu povo. Sua gentileza estará sempre em meu coração." Os olhos dela pareceram sair de foco, e a voz dela suavizou com tristeza. "Mas você ainda é um homem mágico." A costa dela ficou ereta. "Esperem aqui."

Ela virou e começou a entrar na floresta em volta da clareira. Richard ficou observando ela desaparecer enquanto Irmã Verna desmontou. Ela pegou as rédeas dos três cavalos.

"Ela vai tentar matar você agora," ela falou, como se estivesse dizendo que achava que choveria amanhã.

Richard olhou para ela zangado. "Eu salvei a vida dela."

Irmã Verna começou a levar os cavalos até a árvore. "Para esse povo você é um homem mágico. Eles matam homens mágicos."

Richard não queria acreditar nela, mas acreditava. "Então use o seu Han para evitar isso, Irmã, para preservar a vida, como falou para Du Chaillu que ela deveria fazer com sua nova criança."

Irmã Verna acariciou o queixo do cavalo dela. "Ela também usa o Han dela. É por isso que as Irmãs sempre evitaram esse povo; alguns deles podem usar o seu Han, mas de um jeito que nós não entendemos."

"Tentei fazer pequenas coisas nela, para testá-la. Os feitiços que eu lancei desapareceram como pedrinhas atiradas em um poço."

"E eles não passaram despercebidos. Du Chaillu sabe o que eu tentei fazer, e se algum modo é capaz de anular. Eu falei para você,

esse povo é perigoso. Lutei a cada passo do caminho para evitar isso. Avisei você para não balançar o machado. Você considerou meus esforços de forma incorreta.”

Richard cerrou os dentes. Sua mão esquerda segurou o cabo da espada. Podia sentir as protuberâncias da palavra Verdade trançada nos fios de metal, e através dela o calor de sua fúria.

“Não tenho intenção alguma de matar ninguém.”

“Bom. Mantenha a fúria da espada sob controle. Vai precisar se quiser sobreviver. Eles estão nos cercando enquanto falamos; isso o meu Han pode dizer.”

Richard sentiu como se de repente as coisas estivessem girando fora do controle dele. Não queria ferir ninguém. Não tinha salvo Du Chaillu só para ter que lutar contra o ovo dela. “Então eu sugiro que invoque o seu Han, Irmã Verna. Eu sou o Seeker, não um assassino. Não vou matar seus inimigos para você.”

Ela deu alguns passos na direção dele. Sua voz estava firme e controlada. “Eu falei, o meu Han não poderá ajudar. Eu acabaria com a ameaça se eu pudesse, mas não posso. Du Chaillu tem poder contra magia. Estou implorando, Richard, defenda-se.”

Os olhos dele estreitaram. “Talvez você apenas não queira ajudar. Está com raiva porque eu estraguei o arranjo que as Irmãs tinham com os Majendie. Você planeja observar, como sempre faz, só para ver o que eu vou fazer.”

Ela balançou a cabeça lentamente com frustração. “Você realmente acha, Richard, que eu passaria metade da minha vida em minha tarefa de encontrar você e trazê-lo em segurança até o Palácio dos Profetas, só para observar você morrer quando estamos bem na porta da minha casa? Acredita mesmo que eu não impediria isso se eu pudesse? A sua opinião sobre mim é tão baixa assim?”

O impulso dele foi de discutir, mas ao invés disso ele considerou as palavras dela. O que ela disse fazia sentido.

Richard balançou a cabeça como um pedido de desculpas, e então olhou rapidamente dentro das sombras. “Quantos são?”

“Talvez trinta.”

“Trinta.” Frustrado, ele cruzou os braços. “Como vou me defender contra trinta, sozinho?”

Ela olhou dentro da escuridão por um momento, então lançou as mãos para frente. Um vento se ergueu, carregando um monte de areia e detritos para dentro da escuridão. Isso vai atrasar eles por algum tempo, mas não detê-los.”

Ela virou os olhos castanhos para ele mais uma vez. “Richard, eu usei o meu Han para buscar uma resposta. A única coisa que o meu Han diz é que você deve usar a profecia para sobreviver. Você nomeou a si mesmo aquele que traz a morte, como a profecia previa. A profecia é sobre você.”

“Você deve usar a profecia se quiser derrotar tantos. A profecia diz que o dono da espada é capaz de invocar a morte, invocar o passado no presente. De algum modo, é isso que você deve fazer para sobreviver - invocar a morte, invocar o passado no presente.”

Richard descruzou os braços. “Estamos prestes a ser atacados por trinta pessoas que você diz que vão tentar me matar, e você dá enigmas? Irmã, eu falei que não sei o que isso significa. Se quiser ajudar, então diga alguma coisa que eu possa usar.”

Ela virou, caminhando de volta na direção dos cavalos. “Eu disse. Às vezes as profecias podem ajudar aquele ao qual se refere fornecendo auxílio através do tempo, dando uma chave que pode abrir uma porta para o esclarecimento. Acredito que essa profecia é algo assim. Essa profecia é sobre você; você deve encontrar sua utilidade. Não sei o significado dela.”

Ela parou e virou para olhar para trás por cima do ombro. “Você esqueceu, eu tentei nos manter fora das mãos desse povo. Você falou que nesse assunto, não era meu aluno, mas o Seeker. Como o Seeker, deve usar essa profecia. Foi você quem nos colocou nisso. Só você pode nos tirar.”

Richard ficou olhando para ela enquanto ela acalmava os animais nervosos. Tinha pensado a respeito dessa profecia, imaginando, desde que ela falou para ele, o que poderia significar. Às vezes ele achava que estava perto da compreensão, mas a sensação sempre escapava dele antes de fornecer o resultado esperado.

Ele tinha usado a espada muitas vezes, e conhecia suas capacidades. Também conhecia suas próprias limitações. Contra um,

a espada era virtualmente invencível, mas ele era de carne e osso. Não era um espadachim experiente; no passado sempre dependeu da magia da espada para fazer a diferença. Mas era apenas um homem, e eles eram muitos. A espada só podia estar em um lugar de cada vez.

“Eles são bons guerreiros?” ele perguntou.

Os Baka Ban Mana são inigualáveis. Possuem guerreiros especiais, mestres da lâmina, que treinam desde o nascer até o pôr do sol, todos os dias. E então eles treinam sob a luz da lua. Lutar é quase uma religião para eles.

“Quando era jovem, eu vi um mestre da lâmina Baka Ban Mana que tinha entrado na guarnição em Tanimura matar quase cinquenta soldados bem armados antes que fosse derrubado. Eles lutam como se fossem espíritos invencíveis. Algumas pessoas acreditam que eles sejam.”

“Isso é maravilhoso,” ele falou entre os dentes cerrados.

“Richard,” ela falou, sem olhar para ele, “Sei que não conseguimos nos entender. Poderíamos olhar para a mesma coisa e enxergar coisas diferentes. Somos de mundos diferentes, nós dois somos teimosos, e nenhum de nós gosta muito do outro.”

“Mas quero que saiba que não estou tentando ser rebelde nisso. Você fala a verdade quando fala que isso diz respeito a você como o Seeker, não como aluno. De certo modo eu não entendo, isso também está envolvido pela profecia. Você está sobre uma onda nos eventos. Eu sou apenas uma espectadora nesse caso. Entretanto, se você morrer eu também vou morrer.”

Finalmente ela levantou os olhos. “Não sei como ajudar você, Richard. Tem pessoas fechando o cerco ao nosso redor, para ver o que vai acontecer, e sei que se eu tentar interferir, serei morta por eles. Isso é sobre a profecia, você, e os Baka Ban Mana. Não tenho parte alguma nisso, a não ser morrer, se você morrer.”

“Não sei o que a profecia significa, e percebo que você também não, mas tenha isso em mente, e talvez a sua aplicação apareça quando você precisar dela. Tente usar o seu Han, se puder.”

Richard ficou parado com as mãos nos quadris. “Está bem, Irmã, vou tentar. Apenas sinto muito não ser muito bom em

enigmas. E se eu morrer, bem, obrigado por tentar me aj udar.”

Ele olhou para o céu, para o fino véu de nuvens que escurecia a lua. A escuridão aj udava aqueles que se aproximavam. Não havia razão alguma para que ela não pudesse ser usada em sua vantagem também.

Richard era um guia florestal, em seu lar, na escuridão da floresta. Tinha passado horas incontáveis em jogos como esse, com outros guias. Esse também era seu elemento, não apenas deles. Ele não precisava fazer do jeito deles.

Agachando, ele se afastou, para longe da Irmã e dos cavalos, e tornou-se um só com as sombras da lua.

Encontrou o primeiro deles olhando para o lado errado. Parado e em silêncio, ele observou a forma escura enrolada em roupas largas, agachado sobre um joelho, observando a Irmã. Segura com firmeza em um punho estava uma lança curta, sua parte inferior enterrada na areia. Mais duas lanças estavam no chão.

Richard concentrou-se em controlar sua respiração para evitar fazer algum som enquanto deslizava chegando mais perto. Movendo-se, parando, movendo-se novamente, ele chegou cada vez mais perto. Suas mãos esticaram. Algumas polegadas da lança, ele congelou quando a cabeça virou.

A figura levantou rapidamente, mas Richard estava perto o bastante. Ele arrancou a lança. Enquanto o homem virava, Richard girou a lança e acertou ele no lado da cabeça. Ele caiu antes que tivesse a chance dar o alarme.

Um derrubado, Richard pensou enquanto endireitava o corpo, e sem ter que matá-lo. Pelo menos, ele esperava que não ele não estivesse morto.

Saindo da escuridão, uma figura surgiu. Do lado, outra. E então outra. Richard olhou ao redor e viu mais aparecendo. Antes que pudesse se afastar, ele estava cercado.

As formas estavam enroladas em roupas frouxas da cor de árvore para que pudessem se misturar com o terreno em volta.

Panos enrolados em volta de suas cabeças escondiam tudo a não ser os olhos escuros deles, que brilhavam com terrível determinação.

Não havia para onde correr. Richard andou para o lado na clareira enquanto o círculo de formas se movia junto com ele.

Mais estavam se aproximando por toda parte. Richard virou, observando enquanto eles formavam dois anéis em volta dele.

Talvez ainda conseguisse resolver isso sem matar. “Quem fala por vocês?”

O anel interior de figuras abaixaram seus escudos arredondados e enfiaram suas lanças reserva no chão, com as pontas na direção de Richard. Cada um deles agarrou sua lança restante nas duas mãos como um cajado. Os olhos deles nunca desviavam dele. O anel de guerreiros exterior colocaram seus escudos e todas as suas lanças no chão e colocaram as mãos no cabo das espadas, mas não sacaram elas.

Um suave canto rítmico começou, e os dois círculos começaram a se mover lentamente em direções opostas.

Richard andou para trás fazendo um pequeno círculo, tentando ficar de olho em todos eles. “Quem fala por vocês!”

O canto lento continuou em compasso com os passos deles para o lado.

Uma figura enrolada da cabeça aos pés como os outros subiu em uma rocha atrás fora do círculo exterior.

“Eu sou Du Chaillu. Eu falo pelos Baka Ban Mana.”

Richard mal podia acreditar que isso estivesse acontecendo. “Du Chaillu, eu salvei sua vida. Porque você poderia querer nos matar?”

“Os Baka Ban Mana não estão aqui para matar vocês. Estamos aqui para executá-los por roubarem nossas terras sagrada.”

“Du Chaillu, eu nunca vi a sua terra. Não tenho nada a ver com seja lá o que aconteceu.”

“Homens mágicos tiraram nossas terras de nós. Eles quebraram nossas leis. Você é um homem mágico. Você carrega os pecados daqueles homens mágicos antes de você. Você até carrega a marca deles, para provar isso. Você deve fazer como todos, que nós conseguimos pegar, fizeram antes. Deve enfrentar o círculo. Deve morrer.”

“Du Chaillu, eu falei que a matança deve parar.”

“É fácil proclamar que a matança deve parar, quando você é aquele que está quase para morrer.”

“Como ousa falar isso para mim! Arrisquei minha vida para acabar com a matança! Arrisquei minha vida por você!”

Ela falou suavemente. “Eu sei, Richard. Por isso eu sempre vou honrar você. Eu teria os seus filhos, se você tivesse pedido isso. Entregaria minha vida por você. Por causa do que fez, você continuará vivendo como um herói para o meu povo. Vou colocar uma oração no meu vestido, para que os espíritos recebam você com carinho em seus corações.”

“Mas você é um homem mágico. A antiga lei diz que devemos praticar todo dia, e ser melhores com uma lâmina do que qualquer outra pessoa nascida. Disseram para nós que devemos matar todo homem mágico que conseguirmos pegar, ou o espírito do Escuro vai lançar o mundo dos vivos na escuridão.”

“Não podem continuar matando homens mágicos, ou qualquer outro! Isso tem que parar!”

“A matança não pode parar por causa do que você fez. Só pode parar quando os espíritos dançarem conosco.”

“O que isso significa?”

“Significa que devemos matar você ou o que foi falado vai acontecer - o Espírito Escuro vai escapar da prisão dele.”

Richard apontou com a lança. “Du Chaillu, não quero matar nenhum de vocês, mas vou me defender. Por favor pare agora, antes que alguém mais seja ferido. Não me obrigue a matar algum de vocês. Por favor.”

“Se tivesse tentado correr, nós teríamos jogado lanças em suas costas, mas já que decidiu ficar, ganhou o direito de nos enfrentar. Vai morrer de qualquer jeito, assim como todos que nós capturamos antes. Se não lutar contra nós, isso será feito rápido, e não vai sofrer. Você tem a minha palavra.”

Ela girou a mão no ar e o canto começou outra vez. Os homens do anel exterior sacaram suas longas espadas - armas longas de cabo negro, cada uma delas com um anel no pomel prendendo uma corda que passava pelo pescoço dos espadachins

para evitar que a espada fosse perdida em batalha. Cada uma das lâminas era curvada, alargando na direção da ponta cortada.

Os homens giraram as espadas, passando elas da mão direita para a esquerda, e de volta outra vez. As lâminas nunca paravam de girar. Os dois anéis começaram a se mover em direções opostas novamente. O círculo de homens interno começou a girar as lanças como se fossem cajados.

Richard conheceu guias que carregavam cajados. Ninguém jamais incomodou um guia com um cajado. Essas pessoas eram melhores do que qualquer guia que ele já tinha visto. Os cajados de madeira formavam um borrão sob a luz da lua, as pontas de aço um círculo reflexivo.

Richard quebrou a lança no joelho e sacou sua espada. O som do aço ecoou mais alto do que o som das lanças assoviando e das lâminas.

“Não faça isso, Du Chaillu! Pare com isso agora, antes que mais alguém seja ferido!”

“Não lute contra nós, homem bruxo, e vamos conceder a você uma morte rápida. Devo a você pelo menos isso.”

O peito de Richard tufou; os músculos em sua mandíbula flexionaram quando ele cerrou os dentes. A velocidade do canto aumentou, e os círculos de homens se moveram mais rápido.

Richard olhou furioso para Du Chaillu enquanto ela ficava parada em cima da pedra. “Eu não assumo a responsabilidade pelo que vai acontecer, Du Chaillu. Foi você quem me obrigou. O que acontecer é sua responsabilidade. Você causou isso!”

Ela falou suavemente, sua voz cheia de pesar. “Nós somos muitos. Você apenas um. Sinto muito, Richard.”

“Só um tolo teria confiança nessa vantagem, Du Chaillu. Eles não são o que parecem. Não podem atacar todos de uma vez. Só um pode atacar, ou dois, ou no máximo três de uma só vez. A vantagem não é aquilo que parece ser aos seus olhos.” Por um momento Richard imaginou de onde vieram suas próprias palavras.

Ele conseguiu ver o sinal dela sob a luz do luar. “Você entende a dança da morte, homem bruxo.”

“Não sou um homem bruxo, Du Chaillu! Sou Richard, o Seeker, aquele que busca a verdade. Não estou acompanhando essa Irmã para aprender a ser um homem bruxo por minha escolha. Sou um prisioneiro. Você sabe disso. Mas vou me defender.”

Du Chaillu observou ele na luz da lua. “Os espíritos sabem que eu sinto muito por você, Seeker Richard, mas você deve morrer.”

“Não sinta, Du Chaillu. Sinta por aqueles de vocês que vão morrer esta noite, sem nenhuma boa razão.”

“Você não viu os Baka Ban Mana lutarem. Não seremos tocados. Só você vai provar o aço. Deixe de lado sua preocupação; nós estamos seguros. Você não vai ter que lamentar a matança.”

Richard liberou a magia da espada, a fúria.

Os dois círculos se moveram e cantaram mais rápido, girando suas armas com mais velocidade. A tempestade da fúria da espada trovejou através do Seeker. Mesmo nas garras da fúria, com a perversa necessidade de matar, ele sabia que não seria suficiente. Eles eram muitos. E ele nunca tinha visto alguém manusear armas do jeito que essas pessoas faziam.

De modo descontrolado, ele sugou mais da magia para ele. Sugou até que a ausência de compaixão do ódio pulsou em sua cabeça e quase o deixou doente. Ele lançou aquilo dentro das profundezas de sua alma.

Richard permaneceu imóvel no centro dos círculos em movimento. Encostou a lâmina cintilante em sua testa. O aço estava frio contra sua pele quente, contra o suor dele.

“Lâmina, seja verdadeira nesse dia.”

Ele invocou a magia. Antes que ao menos percebesse o que estava fazendo, arrancou a camisa e jogou para o lado, para ficar livre de qualquer obstáculo ao seu movimento. Porque ele pensaria em fazer aquilo? Pareceu a coisa certa a fazer, mas não tinha idéia alguma de onde o pensamento tinha vindo. Levantou a espada na frente dele. Seus músculos flexionados e tensos, brilhando de suor.

Encontrou o centro dele mesmo, aquele lugar de tranquilidade, de foco. Procurou o seu Han dentro do caloroso núcleo branco de sua fúria.

Use o que você tem, uma voz falou dentro dele. Use o que está lá. Libere isso.

Na calmaria de sua mente, Richard lembrou da época em que ficava na pedra do mago de Zedd, para usar sua magia para esconder a nuvem que Darken Rahl tinha enviado para rastreá-lo. A pedra tinha sido usada por muitos magos antes de Zedd. Enquanto Richard ficou em cima dela, invocando a magia, deixando que ela fluísse através dele, tinha sentido a essência daqueles que vieram antes. Lembrou de como foi ter a sensação das coisas que eles sentiram, de saber as coisas que eles conheceram. Isso tinha dado uma ampla visão dentro daqueles que uma vez usaram a magia.

De repente, ele soube o que a profecia significava.

Ele ficou imaginando como foi possível ter usado a espada antes sem ter ver isso, sem ver o que a magia guardava. Exatamente como a pedra do mago.

Outros tinham usado a magia da Espada da Verdade, e na barganha, a magia guardou a memória de seus talentos na luta, de cada movimento que tinha sido usado. O talento de incontáveis centenas que empunharam essa lâmina, homens e mulheres, estava ali para pegar. A habilidade tanto dos bons quanto dos malignos estava contida dentro da magia.

Em sua quietude, ele viu o primeiro vir da esquerda.

Seja uma pena, não uma rocha. Flutue no vento da tempestade.

Richard liberou a magia e girou com o ataque, deixando ele passar. Ele não atacou, mas deixou a si mesmo flutuar com o impulso do golpe. Deixou que a espada o guiasse. O atacante caiu no chão quando não fez o contato esperado.

Instantaneamente, outro veio, rodopiando sua lança. Richard girou novamente, e quando o atacante passou, usou a espada para cortar a lança ao meio. Uma ponta de lança seguiu na direção dele. Sem parar, ele deslizou passando por ela e levantou a espada, cortando a lança no meio. Outro ataque veio de trás. Ele o recebeu com um pé no peito, jogando o homem para trás.

Richard entregou-se para a magia da espada, e para a paz dentro dele mesmo. Coisas que ele nem ao menos entendia, estava

fazendo sem pensar.

Ele controlou a fúria para evitar matar. Usou a parte achatada da lâmina para golpear atrás de uma cabeça aqui, usou seu pé para impedir um avanço ali. Quanto mais rápido eles ficavam, mais rápido ele reagia, a magia exaurindo a energia deles. De modo fluido, ele deslizou entre os atacantes, despedaçando lanças quando podia, tentando desarmar os Baka Ban Mana sem matá-los.

“Du Chaillu! Pare com isso antes que eu seja obrigado a ferir eles!”

Gritar para ela foi um erro. Isso o distraiu. Permitiu que uma lança atravessasse sua defesa. Ele teve uma chance enquanto a fúria explodiu instantaneamente com a ameaça. Poderia matar o atacante, ou fazer apenas o que era necessário para deter ele.

A espada dele girou, sua ponta assoviando através do ar, e amputou a mão que golpeava com a lança. Sangue e fragmentos de osso encheram o ar. O grito foi de uma mulher.

Alguns dos Baka Ban Mana eram mulheres, ele percebeu. Isso não tinha importância. Eles o matariam se ele não se defendesse. Perder uma das mãos era melhor do que perder a cabeça. O sangue fresco aumentou a fúria, a necessidade de matar, fervendo dentro dele, quente e sedenta por mais.

Ele combateu os atacantes e combateu as coisas dentro dele mesmo que deseja aumentar a força do ataque contra aqueles em volta dele. Ele não queria aumentar a força do ataque. Só queria que eles parassem. Mas eles não paravam...

Quando quebrou as lanças deles, eles pegavam outras e lançaram-se sobre ele novamente. Ele deslizava entre eles como um fantasma, conservando sua energia enquanto deixava que eles se desgastassem.

O anel externo, que tinha continuava a girar enquanto o interior tinha atacado, parou, e então, espadas rodopiaram, começando a avançar. Aqueles que estavam com as lanças - aqueles que ainda estavam de pé - recuaram através do anel externo enquanto ele avançava.

Espadas giraram no ar. Ao invés de esperar que eles se aproximassem, Richard avançou até eles. Eles hesitaram, ficando

surpresos quando a Espada da Verdade despedaçou duas das lâminas cintilantes.

“Du Chaillu! Por favor! Não quero matar nenhum de vocês!”

Aqueles com as espadas eram mais rápidos do que aqueles com as lanças. Rápidos demais. Falando, e tentando desarmá-los sem matar, era uma distração perigosa. Richard sentiu uma dor quente disparar pela carne sobre as costelas dele.

Ele nem tinha visto a lâmina chegando, mas se moveu por instinto e recebeu um corte superficial ao invés de um corte mortal.

O próprio sangue dele sendo derramado invocou a magia da espada em sua defesa - a fúria, a habilidade daqueles que a empunharam antes dele. A essência deles espalhou-se através dele, e ele não conseguiu conter. Não havia mais escolha. Isso superou o seu controle. Ele deu todas as chances. Agora ele estava além do ponto de retorno.

Aquele que traz a morte.

Os espadachins avançaram em uma onda mortal.

Ele libertou a magia com uma vingança. O bloqueio acabou. As barreiras cederam, agora ele dançava com a morte.

A noite explodiu em uma nuvem de sangue. Ele escutava a si mesmo gritando enquanto sentia o seu movimento; viu homens e mulheres caindo, enquanto cabeças decepadas rolavam pelo chão. O prazer daquilo rugiu através dele.

Nenhuma lâmina o tocou novamente. ele reagiu a cada ataque como se já tivesse visto ele mil vezes, como se já soubesse o que fazer. Cada ataque resultava em uma morte certa e rápida para o atacante. Fragmentos de ossos e sangue explodiam através do ar noturno. Pedacos espalhados pelo chão. O horror de tudo isso mesclado em uma longa imagem da matança.

Aquele que traz a morte.

Ele só percebeu que estava com sua faca na mão esquerda e sua espada na direita quando dois vieram de lados opostos ao mesmo tempo. Ele passou o braço em volta do pescoço daquele que estava na esquerda e cortou sua garganta ao mesmo tempo em que atravessava o da direita com a espada. Os dois desabaram enquanto Richard ficou de pé, ofegante.

O silêncio ecoou ao redor dele. Não houve movimento algum, a não ser daquele sobre um dos joelhos, apoiando-se em uma das mãos. A outra mão estava faltando. Ela levantou, ficando em pé, puxando uma faca do cinto.

Com seu olhar furioso, Richard viu a determinação nos olhos dela. Ela correu na direção dele soltando um grito. Richard ficou imóvel parecendo a morte em um casulo frio de magia. A fúria pulsava enquanto ele observava ela se aproximar. Ela levantou a faca.

A espada de Richard levantou e empalou ela através do coração. O peso morto dela baixou a espada enquanto ela escorregava até o chão, seu último suspiro saiu quando os dedos dela agarraram a espada, deslizando por sua lâmina vermelha de sangue enquanto ela escorregava para as mãos da morte.

Aquele que traz a morte.

Richard ergueu seu olhar ardente para a mulher que estava em cima da pedra. Du Chaillu desceu, desenrolando sua cabeça, deixando a longa faixa de tecido pendurada, e caiu sobre um joelho fazendo uma saudação.

Richard, com sua ira fervendo, caminhou até ela. levantou o queixo de Du Chaillu com a ponta da espada.

Os olhos escuros dela observando fixamente os dele. "O Caharin chegou."

"Quem é o Caharin?"

Du Chaillu olhou dentro dos olhos dele com firmeza. "Aquele que dança com os espíritos."

"Dança com os espíritos," Richard repetiu com um tom distante. Ele entendeu. Tinha dançado com os espíritos daqueles que empunharam a espada antes dele. Tinha invocado a morte, dançou com os espíritos deles. Ele quase riu.

"Nunca vou perdoar você, Du Chaillu, por me obrigar a matar essas pessoas. Salvei a sua vida porque abomino a matança, e você colocou o sangue de trinta em minhas mãos."

"Sinto muito, Caharin, que deva carregar esse fardo. Mas apenas através do sangue de trinta Baka Ban Mana a matança poderia terminar. Apenas desse jeito podemos servir aos espíritos."

“Como matar é servir aos espíritos!”

“Quando os homens mágicos roubaram nossa terra, eles nos baniram para esse lugar. Colocaram sobre nós a responsabilidade de ensinar o Caharin a dançar com os espíritos. Somente o Caharin pode impedir que o Espírito Escuro domine o mundo dos vivos. O Caharin é entregue ao mundo como um bebê recém nascido, que deve ser ensinado. Parte de sua obrigação é colocada sobre nós - ensinar ele a dançar com os espíritos. Você aprendeu alguma coisa esta noite, não aprendeu?”

Richard concordou de modo amargo.

“Eu sou a guardiã das leis de nosso povo. Era nosso objetivo ensinar isso para você. Se nós ignorássemos o que as palavras antigas dizem que devemos fazer, então o Caharin não aprenderia o que está dentro dele, e ficaria indefeso contra as forças da morte. No final, a morte abraçaria todos.”

“Os Majendie nos sacrificam, para nos lembrar sempre de nossa obrigação com os espíritos, e para nos lembrar de praticar com as lâminas. As mulheres bruxas do outro lado ajudam os Majendie, para que nós fiquemos cercados, sem ter como escapar, e sem lugar para ir, para que fiquemos sempre na ameaça, e incapazes de esquecer jamais nossa obrigação.”

“É proclamado que o Caharin vai anunciar sua chegada dançando com os espíritos, e derramando o sangue de trinta Baka Ban Mana, uma façanha que ninguém além do escolhido poderia realizar somente com a ajuda dos espíritos. Dizem que quando isso acontecer, nós sermos dele para governar. Não somos mais um povo livre, mas ligados aos desejos dele. Aos seus desejos, Caharin.

“As antigas palavras dizem que se a cada ano aquela que usa o vestido da oração seguir até a nossa terra, para entregar nossas orações para os espíritos, então um ano, eles vão mandar o Caharin, e se nós fizermos nossa obrigação, então ele vai devolver nossa terra para nós.”

Richard ficou imóvel, como se estivesse sonhando, olhando para a mulher. “Vocês tomaram algo precioso de mim esta noite, Du Chaillu.”

Ela ficou de pé, ajeitando o corpo na frente dele. “Não fale para mim sobre sacrifício, Caharin. Meus cinco maridos, que eu amei, que minhas crianças amaram, que não me viram desde que eu fui capturada, estavam entre os trinta que você acabou de matar.”

Richard ficou de joelhos. Sentiu como se estivesse ficando doente. “Du Chaillu, me perdoe pelo que eu fiz esta noite.”

Ela colocou uma das mãos suavemente na cabeça abaixada dele. “è minha honra ser a mulher espírito de nosso povo quando o Caharin chegou, ser aquela que usa o vestido da oração e levá-lo para o seu povo. Agora você deve cumprir sua obrigação, e devolver nossa terra, como as palavras antigas falam.”

Richard levantou a cabeça. “E as palavras antigas falam como eu devo realizar essa tarefa?”

Ela balançou a cabeça lentamente. “Apenas que devemos ajudar você, e que você vai fazer isso. Somos seus para comandar.”

No escuro, Richard sentiu uma lágrima rolar pelo sua bochecha. “Então eu digo que a matança deve parar. Você vai fazer como eu já falei. Vai usar o apito dos pássaros para fazer paz com os Majendie. Enquanto estiver fazendo isso, vai fazer aquilo que prometeu, e providenciar alguém para nos guiar até o Palácio dos Profetas.”

Sem levantar os olhos, Du Chaillu estalou os dedos. Richard percebeu, pela primeira vez, que pessoas nas sombras cercavam a clareira sangrenta. Todos estavam de joelhos, e cabeça baixa na direção dele. Com o estalar dos dedos dela, vários deles avançaram.

“Guiem eles até a grande casa de pedra.”

Richard ficou de pé na frente dela, olhando dentro dos seus olhos escuros. “Du Chaillu, sinto muito por matar seus maridos. Implorei a você para acabar com isso, mas sinto muito.”

Os olhos dela carregavam o olhar distante que ele tinha visto nos olhos de outras; Irmã Verna, Shota, a feiticeira, e Kahlan. Agora ele sabia que aquilo que estava vendo era o dom. Um leve sorriso apareceu nos lábios dela. Ele não sabia como ela poderia sorrir em um momento como esse.

“Eles lutaram bravamente como qualquer Baka Ban Mana já lutou. Tiveram a honra de ensinar o Caharin.”

“Eles entregaram suas vidas pelo povo deles. Eles ganharam honra para si mesmos, e viverão nas lendas.”

Ela se esticou e colocou a mão no peito nu dele. Em cima da marca da mão. “Agora vo cê é meu marido.”

Os olhos de Richard ficaram arregalados. “O quê ?”

Ela franziu a testa de maneira curiosa. “Eu uso o vestido da oração. Sou a mulher espírito do nosso povo. Você é o Caharin. Essa é a lei antiga. Você é meu marido.”

Richard balançou a cabeça. “Não, eu não sou. Eu já tenho...”

Ele pretendia dizer que já tinha um amor. Mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Kahlan mandou ele para longe.

Ele não tinha nada.

Ela encolheu os ombros. “Poderia ser pior para você. A última que usou o vestido da oração era velha e enrugada. Não tinha dentes. Espero que pelo menos eu traga algum prazer aos seus olhos, e talvez algum dia uma música para o seu coração, mas eu pertenco ao Caharin. Não sou eu, ou você, quem decide.”

“É sim!” Ele olhou ao redor e então pegou sua camisa. Quando a vestiu, ele viu Irmã Verna na margem da clareira, observando ele, como um besouro em uma caixa. Ele virou para Du Chaillu.

“Você tem um trabalho a fazer. Você vai fazer isso. A matança terminou. A Irmã e eu devemos seguir até o Palácio para que eu possa tirar essa coleira.”

Du Chaillu inclinou e beijou a bochecha dele. “Até que eu o veja novamente, Richard, Seeker, Caharin, marido.”

CAPÍTULO 49



Richard e Irmã Verna montaram nos cavalos, criando longas sombras finas, enquanto olhavam para baixo pela elevação gramada. Árvores serpenteavam pelos lugares baixos entre alguns das colinas, e cobriam outros de verde escuro. A vasta cidade abaixo jazia em um mar de neblina cor de palha que mesclava as cores em uma suave monotonia. Os telhados distantes cintilavam sob os raios do sol poente como pontos de luz em um lago.

Richard nunca tinha visto tantas construções dispostas de uma maneira tão organizada. Perto das bordas elas eram menores, mas na direção do centro elas pareciam crescer, tanto em tamanho quanto em esplendor. Os sons distantes de milhares de pessoas, cavalos e carroças flutuavam todo o caminho chegando até eles sobre a colina, carregados pela suave brisa salgada.

Um rio fluía através da coleção de incontáveis construções, dividindo a cidade, com a parte no lado mais afastado duas vezes maior. Na margem da cidade, docas espalhavam-se pelos bancos na boca do rio majestoso. Barcos de todos os tamanhos não estavam apenas atracados ali, mas também enchiam o rio de pontos, suas velas brancas cheia de ar. Alguns dos barcos, só conseguia perceber levemente, tinham três mastros. Richard nunca tinha imaginado que barcos tão grandes pudessem existir.

A despeito de estar ali contra sua vontade, Richard percebeu que estava fascinado pela cidade, por todas as pessoas e todas as visões que ela deveria guardar. Nunca tinha visto um lugar assim. Ele pensou que provavelmente uma pessoa poderia caminhar durante dias e dias, e não ver nem a metade de tudo aquilo.

Além, cintilando com brilhos e reflexos dourados, jazia o mar, espalhando-se até uma linha em forma de ponta de faca no

horizonte.

Dominando a cidade, perto do centro, erguendo-se como uma ilha, estava um vasto Palácio, sua imponente parede oeste com ameias banhada pelos raios dourados do sol. Paredes exteriores, muradas, torres, seções e telhados, todos de design magníficos, mesclavam-se em uma complexa estrutura que guardava pátios com árvores labirínticos, ou grama, ou lagos. O Palácio parecia estar se esticando com braços de pedra, tentando abraçar toda a ilha sobre a qual ele estava de maneira ciumenta.

Visto dessa distância, com as ruas finas como linhas que saíam radiando da ilha no centro da cidade, e pontes que pareciam fios de cabelo atravessando o rio por toda parte, o Palácio fazia Richard lembrar muito de uma aranha gorda sentada no centro de sua teia.

“O Palácio dos Profetas,” Irmã Verna disse.

“Prisão,” Richard falou sem olhar para ela.

Ela ignorou o comentário. A cidade é Tanimura, e através dela, o Rio Kern. O Palácio fica sobre a Ilha Halsband.”

“Halsband.” Os pelos do pescoço dele eriçaram. “Isso é algum tipo de piada cínica?”

“O que você quer dizer? Halsband tem alguma significância?”

Richard levantou uma sobrancelha. “Uma halsband é uma coleira usada para lançar um falcão de caça para o ataque.”

Ela encolheu os ombros com desinteresse. “Você enxerga significado demais nas coisas.”

“É mesmo? Veremos.”

Ela soltou um leve suspiro enquanto levantava as coxas, incentivando seu cavalo a descer a colina, e mudou o assunto. “Faz muitos anos desde que eu estive em casa, mas parece como sempre foi.”

Os dois homens Baka Ban Mana que os guiaram através da floresta pantanosa sem trilhas durante os últimos dois dias tinham deixado eles naquela manhã, uma vez que a Irmã Verna estava em território familiar. Embora ele nunca tenha perdido o seu senso de direção, Richard conseguiu perceber facilmente como as pessoas poderiam ficar desorientadas ali. Mas ele estava em casa nesses

lugares de vasta desolação, e era mais como ficar perdido em uma construção do que em densa floresta.

Os dois homens falaram pouco durante aqueles dois dias. Embora eles fossem espadachins tão ferozes quanto aqueles contra os quais Richard lutou, eles estavam com pavor dele. Richard teve que gritar para que eles parassem com toda aquela reverência. Porém, nenhum grito poderia fazer eles pararem de chamá-lo de Caharin.

Uma noite, antes que ele fosse montar sua vigília de costume, Irmã Verna falou para ele, com um tom suave, que sentia muito por ele ter que matar aquelas trinta pessoas. Um pouco surpreso pela sinceridade dela e a aparente falta de outro sentido além daquele que ela demonstrava, e assombrado pela lembrança, ele tinha agradecido a ela por entender.

Richard observou as colinas e vales férteis. "Porque está terra não é cultivada ? Com todas aquelas pessoas, eles devem precisar plantar comida."

Irmã Verna levantou uma das mãos segurando as rédeas e apontou para a terra do outro lado da cidade. "Fazendas cobrem a terra daquele lado do rio. Desse lado, não é seguro para homens nem bestas." Inclinando a cabeça para trás, ela apontou para a terra atrás. "Os Baka Ban Mana são uma ameaça constante."

"Então eles não cultivam aqui porque tem medo dos Baka Ban Mana?"

Ela lançou um olhar para a esquerda dela. "Você vê aquela floresta escura?" Ela observou enquanto ele olhava a extremidade daquele denso emaranhado no vale seguinte . Enormes árvores antigas retorcidas estavam bem juntas, cobertas por videiras e musgo, e abrigando uma grande escuridão. "Esse margem corre por muitas milhas na direção da cidade. É a Floresta Hagen."

"Fique longe dela. Todos que deixam o sol descer sobre eles na Floresta Hagen morrem. Muitos que colocaram os pés ali morreram antes que tivessem a chance de esperar o sol descer. É um lugar de magia maligna."

Enquanto cavalgavam, ele continuou olhando na direção da Floresta Hagen. Sentia um desejo de estar naquele lugar opressivo,

como se ele complementasse o seu humor sombrio; como se ele pertencesse àquele lugar. Descobriu que era difícil afastar os olhos de lá.

Mais perto, as ruas de Tanimura não eram o lugar ordenado que pareciam de longe. As margens da cidade eram uma confusão de pobreza. Homens empurrando ou puxando carroças com cargas de sacas de arroz, tapetes, lenha, peles, ou até mesmo lixo, serpenteavam e passavam uns entre os outros, às vezes obstruindo o caminho.

Seguindo a linha da estrada estavam vendedores ambulantes de todo tipo, vendendo tudo desde frutas, vegetais e tiras de carne cozida em pequenos espetos sobre fogueiras fumacentas improvisadas com pedras, ervas e amuletos, até botas e colares. Pelo menos a comida fornecia um pequeno alívio do fedor do couro.

Grupos de homens usando roupas velhas e sujas gritavam excitados ou explodiam em gargalhadas em volta de jogos de cartas e dados. Ruas laterais e becos estreitos estavam cheias de pessoas e alinhadas com barracas desorganizadas de tecido e metal. Crianças nuas corriam e brincavam entre os frágeis abrigos, espirrando lama em poças e perseguindo umas as outras em brincadeiras de *pegar a raposa*. Mulheres estavam agachadas ao redor de baldes, lavando roupas e conversando entre si.

Irmã Verna resmungou para si mesma que não lembrava da sujeira e da grande quantidade de sem teto. Richard pensou que, independente da condição deles, eles pareciam mais felizes do que deveriam estar.

A despeito de ter vivido fora de casa, e estar um pouco suja e amarrotada, Irmã Verna, comparada a essas pessoas, parecia da realeza. Qualquer um que chegava perto fazia reverência para a Irmã, e ela rezava pelas bênçãos do Criador sobre eles em retorno.

As construções desgastadas pelo tempo, algumas cobertas de gesso desbotado e quebradiço, algumas com madeira escurecida pela idade, estavam tão comprimidas quanto as ruas. Roupas coloridas estavam penduradas nas grades de ferro de quase todas as pequenas sacadas. Algumas tinham vasos com flores ou ervas. Risos e o barulho de conversa vinham das tavernas e hospedarias. Um

açougue exibia carcaças cobertas de moscas na frente voltada para a rua. Outras lojas vendiam peixe seco, grama ou óleos.

Quanto mais longe ele e a Irmã seguiam, mas limpa a cidade ficava. A rua alargou, até mesmo as ruas laterais eram mais largas, e nenhuma tinha barracas encostadas nas construções. As lojas tinham janelas maiores com persianas pintadas e mercadorias com melhor aparência, muitas exibiam tapetes coloridos feitos na região. Na hora em que a rua larga ficou alinhada com as árvores, as construções estavam grandiosas. As hospedarias pareciam elegantes, com porteiros de uniformes vermelhos diante delas.

Na ponte de pedra sobre o Kern, homens estavam acendendo lamparinas penduradas em postes para mostrar o caminho na escuridão que aumentava. No rio, debaixo da ponte, pescadores em pequenos barcos com lanternas remavam através da água escura. Soldados de uniformes enfeitados com camisas brancas costuradas com fios de ouro e mantos vermelhos, e carregando piques, patrulhavam cada lado do rio. Quando os cascos dos cavalos ecoavam pelas pedras do pavimento, Irmã Verna finalmente falou.

“É um grande dia, no Palácio, quando alguém novo com o dom chega.” Lançou para ele um breve olhar com o canto dos olhos.

“É um evento raro e alegre. Ficarão felizes em ver você, Richard, por favor, lembre disso. Para elas, isso é um evento de nota em seu trabalho. Ainda que você enxergue de forma diferente, os corações delas serão aquecidos pela sua visão.”

“Elas vão querer que você sinta-se bem-vindo.”

Richard pensava o contrário. “Vá direto ao ponto.”

“Acabei de fazer isso. Elas ficarão felizes.”

“O que você está dizendo, em outras palavras, é que você gostaria que eu não assustasse elas.”

“Eu não disse isso.” Ela olhou para os soldados guardando a ponte fazendo uma leve careta. Finalmente olhou de volta para ele. “Estou simplesmente pedindo que perceba que essas mulheres vivem para essa coisa.”

Richard ficou olhando para frente enquanto cavalgava passando por mais guardas trajando uniformes. “Uma pessoas sábia, uma pessoa que eu amo, me falou uma vez que todos podemos ser

apenas quem somos, nada mais, e nada menos.” O olhar dele desviou para o topo do muro adiante, notando os soldados ali, e que armas eles carregavam. “Eu sou aquele que traz a morte, e não tenho nada pelo que viver.”

“Isso não é verdade, Richard,” ela falou com um tom calma. “Você é um homem jovem, e tem muito pelo que viver. Tem uma longa vida pela sua frente. E ainda que tenha se auto proclamado de aquele que traz a morte, não vi você fazer nada a não ser tentar parar com a matança. Às vezes você não vai escutar, e vai deixar as coisas piores, mas é por causa da ignorância, não malícia.”

“Já que você abomina mentiras, Irmã, tenho certeza que você não iria querer que eu fingisse me sentir de uma forma diferente do que realmente me sinto.”

Ela suspirou quando eles atravessavam um enorme portão na espessa parede exterior, os cascos dos cavalos ecoando dentro da longa abertura arqueada. Além dali, a estrada serpenteava entre pequenas árvores espalhadas. Janelas nas construções que se erguiam por toda parte estavam iluminadas com suave luz amarela. Muitas das construções estavam conectadas por colunatas cobertas, ou corredores estreitos com aberturas arqueadas cobertas por treliças. Bancos pontilhavam o lado mais afastado do pátio, contra uma parede com um friso entalhado de figuras sobre cavalos.

Através de arcos com portões pintados de branco, eles seguiram até os estábulos. Cavalos pastavam em um campo logo adiante.

Garotos usando uniforme bem arrumados, com coletes negros sobre camisas cor de canela, vieram segurar os cavalos quando ele e a Irmã desmontaram. Richard coçou o pescoço de Bonnie e então começou a recolher seus pertences.

Irmã Verna esfregou os amassados em sua saia partida para cavalgada e alisou sua capa. Ela remexeu no cabelo cacheado. “Não precisa fazer isso, Richard. Alguém virá buscar suas coisas.”

“Ninguém toca nas minhas coisas a não ser eu,” ele falou.

Ela suspirou e balançou a cabeça, e então falou para o garoto para providenciar que as coisas dela fossem levadas para dentro. Ele

fez uma reverência para ela, e então colocou uma corda guia em Jessup. Ele deu um forte puxão na corda. Jessup empacou.

O garoto bateu com um chicote no traseiro de Jessup. "Mexa-se, sua besta estúpida!"

Jessup relinchou quando ele tentou puxar a cabeça dele.

A próxima coisa que Richard viu, foi o garoto voando pelo passadiço. Ele bateu contra uma frágil parede de madeira e caiu sentado, enquanto uma Irmã Verna crescia sobre ele.

"Não ouse chicotear aquele cavalo! Qual é o problema com você? O que você acharia se eu fizesse isso com você?" Em choque, o garoto balançou a cabeça. "Se eu ouvir você chicoteando um cavalo novamente, vai ficar sem emprego, depois que eu chicotear o seu traseiro magro."

O garoto de olhos arregalados assentiu e pediu desculpas. Irmã Verna olhou zangada por mais um momento e então voltou, assoviando para seu cavalo. Quando Jessup trotou, ela coçou debaixo do queixo dele, confortando e acalmando-o. Ela o conduziu até um estábulo e certificou-se de que ele tivesse água e feno. Richard tomou cuidado para que ela não visse o seu sorriso.

Enquanto caminhavam pelo pátio, ela falou, "Apenas lembre, Richard, não tem uma Irmã aqui, ou até mesmo uma noviça, que, ao mesmo tempo em que estivesse bocejando, não conseguisse atirar você pela sala daquele jeito com o seu Han."

Dentro de um corredor com painéis de madeira e longos carpetes amarelos e azuis passando por baixo de mesas com laterais ornamentadas, três mulheres esperavam. Elas ficaram todas agitadas ao avistar Irmã Verna. Irmã Verna era uma cabeça menor do que ele, e nenhuma dessas três mulheres era tão alta quanto ela. Elas alisaram suas saias cheias cor pastel, e puxaram os espartilhos brancos.

"Irmã Verna!" uma delas gritou quando as três se aproximavam rapidamente. "Oh, querida Irmã Verna, é muito bom vê-la finalmente."

Uma lágrima ou duas desceram pelos rostos rosados delas. os sorrisos delas pareciam prestes a estourar suas bochechas. Cada

uma delas parecia muito mais jovem do que Irmã Verna. Ela observou os grandes olhos molhados.

Irmã Verna acariciou suavemente o rosto diante dela. "Irmã Phoebe." Ela tocou na mão da outra.

"E Irmã Amélia, e Irmã Janet. É tão bom ver vocês novamente. Realmente faz muito tempo."

As três riram excitadas, e depois finalmente recuperaram a compostura. O rosto redondo da Irmã Phoebe olhou ao redor, passando por Richard.

"Onde ele está? Porque não trouxe ele para dentro com você?"

Irmã Verna levantou a mão na direção de Richard. "Esse é ele. Richard, essas são minhas amigas. Irmãs Phoebe, Amélia, e Janet."

Os sorrisos se transformaram em olhares surpresos. Elas piscaram enquanto avaliavam seu tamanho e idade. Observaram fixamente com franca admiração antes de finalmente atropelarem as palavras umas das outras para dizer o quanto estavam felizes em conhecer ele.

Desviaram os olhos dele e voltaram sua atenção para Irmã Verna.

"Mais da metade do Palácio está esperando para receber vocês dois," Irmã Phoebe falou. "Todos ficaram tão excitados desde que recebemos notícia de que chegariam hoje."

Irmã Amélia alisou seu cabelo castanho claro, jogando para trás as pontas que malmente encostavam nos seus ombros. "Nenhum outro foi trazido desde que você foi atrás de Richard. Todos esses anos, e nenhum outro. Todos estão tão ansiosos para conhecer ele. Acho que eles estão prestes a ter *uma grande surpresa*," ela falou ficando com o rosto vermelho, olhando de lado para ele. "Especialmente algumas das Irmãs mais jovens. Uma agradável surpresa, eu diria. Meu Deus, mas ele é grande."

Richard lembrou de um tempo, quando era pequeno, em que ficou preso em sua casa por uma chuva torrencial. Sua mãe recebeu a visita de algumas amigas para ajudar a fazer uma colcha, e para passar o tempo conversando. Enquanto ficavam sentadas costurando e ele brincava no chão, elas falavam a respeito dele como se ele não estivesse ali, conversando sobre como ele estava

crescendo, e sua mãe tinha falado sobre o quanto ele comia, e como ele era bom na leitura. Agora, com semelhante desconforto, Richard ajeitava sua mochila no ombro.

Irmã Phoebe virou para ele e apenas sorriu. Ela se esticou e tocou o braço dele. "Olhem para nós tagarelando! Não deveríamos falar sobre você como se não estivesse aqui. Seja bem-vindo, Richard. Bem-vindo ao Palácio dos Profetas."

Richard observou silenciosamente as três Irmãs piscando para ele. Irmã Amélia riu, e falou para Irmã Verna, "Ele não fala muito não é mesmo."

"Ele fala o bastante," Irmã Verna disse. Suspirando, ela adicionou, "Agradeça ao Criador que ele esteja quieto por enquanto."

"Bem," Irmã Phoebe falou, com uma voz alegre. "Podemos ir?"

Irmã Verna fez uma careta para ela. "Irmã Phoebe, que tropas são aquelas que eu vi, aquelas com uniformes estranhos?"

A Irmã Phoebe franziu a testa por um momento, pensativa, então seus olhos levantaram. "Oh, aquelas tropas." Ela fez um gesto de desprezo balançando a mão. O governo foi derrubado, faz alguns anos. Acho que deve ter sido enquanto você estava longe. O Mundo Antigo tem um novo governo, novamente. Agora temos um imperador, ao invés de todos aqueles reis." Ela olhou para Irmã Janet. "Como é que eles se chamam?"

Ela ficou pensativa, os olhos da Irmã Janet desviaram na direção do teto. "Oh, sim," ela falou com uma voz séria. A Ordem Imperial. E você está certa, Irmã Phoebe; eles tem um imperador." Ela assentiu. "Sim, a Ordem Imperial, conduzida por um imperador."

Irmã Phoebe balançou a cabeça admirada. "Que tolice. Governos aparecem, e governos desaparecem, mas o Palácio dos Profetas permanece. A mão do Criador nos abriga. Podemos ir encontrar com as outras?"

Seguindo atrás das três, eles passaram através de passagens e corredores decorados calorosamente. Tanto quanto Richard poderia considerar, ele estava em território hostil. Ameaça sempre fazia com que a magia da Espada da Verdade tentasse fluir dentro dele, para protegê-lo. Ele permitiu que ela entrasse devagar, mantendo a fúria

em uma chama baixa. Irmã Verna olhava para o lado de vez em quando, como se estivesse medindo sua raiva através do olhar dele.

Finalmente, eles cruzaram um par de grossas portas de nogueira que conduziam até uma vasta câmara. Tiveram que passar debaixo de um teto baixo e entre colunas brancas com letras capitais douradas, antes de entrar em um enorme domo abobadado pintado com cenas imensas de pessoas com mantos em volta de uma figura brilhante. Dois níveis de sacadas com corrimões de pedra ornamentados formavam um anel ao redor da sala circular. Janelas com vitrais iluminavam a sacada superior por trás.

O chão da sala era coberto por pequenos quadrados de madeira claros e escuros dispostos em um padrão em zigue zague. O som de mais de cem vozes ecoou pela câmara.

Mulheres estavam em grupos no chão e outras estavam alinhadas nas sacadas. Espalhados entre as mulheres no segundo nível estavam alguns homens e garotos. As mulheres, todas Irmãs da Luz, ele presumiu, estavam vestidas com roupas elegantes. Parecia não haver padrão algum; os vestidos delas eram de todas as cores, com modelos indo do conservador ao revelador. Os garotos e homens estavam vestidos em sua maioria com mantos simples e casacos tão bem trabalhados quanto Richard imaginou que qualquer lorde ou príncipe usaria.

O barulho de conversa morreu quando todos começaram a voltar sua atenção para os recém chegados. Quando a sala ficou em silêncio, aplausos começaram, crescendo até virar um rugido.

Irmã Phoebe deu alguns passos na direção do centro da sala, levantando uma das mãos, pedindo por silêncio. Os aplausos silenciaram.

“Irmãs,” Irmã Phoebe falou, sua voz tremendo de excitação, “por favor recebam em casa Irmã Verna.” Os aplausos rugiram novamente e, após alguns momentos, a mão fez eles silenciarem mais uma vez. “E eu devo apresentar nosso mais novo estudante, nossa mais nova criança do Criador, nossa mais nova responsabilidade.” Ela virou, estendendo a mão, balançando os dedos, indicando que ela queria que Richard se aproximasse. Ele deu três passos até ela, Irmã Verna seguindo junto com ele.

Irmã Phoebe se inclinou chegando mais perto e sussurrou. "Richard...? Você tem mais alguma coisa no seu nome?"

Richard hesitou por um momento. "Cypher."

Ela virou para a multidão. "Por favor recebam Richard Cypher ao Palácio dos Profetas."

As palmas começaram novamente. Richard olhou sério enquanto todos os rostos observavam ele. Mulheres próximas chegaram mais perto, para dar uma olhada melhor nele. Havia mulheres de todas as idades e descrições na multidão, desde algumas que pareciam velhas o bastante para serem avós até algumas que malmente eram velhas o bastante para serem chamadas de mulheres, com aquelas de todas as idades intermediárias a essas. Eram desde gorduchas até magrelas, com cabelos tão diferentes quanto seus vestidos, com todas as cores desde loiro até negro. Seus olhos também eram de todas as cores.

Ele notou uma mulher que estava perto dele. Ela exibia um sorriso caloroso em seus finos lábios vermelhos, e estranhos olhos azuis claros com manchas violetas neles. Ela estava olhando para ele como se ele fosse um antigo amigo querido, que ela amava, e não tinha visto durante anos. Ela estava aplaudindo de maneira entusiasmada, e batendo com o cotovelo em uma mulher arrogante perto dela para que batesse palmas, até que a outra finalmente o fez.

Richard ficou parado com seus braços do lado do corpo enquanto estudava o layout da sala, notando saídas, passagens, e posicionamento de guardas. Quando os aplausos terminaram, uma jovem usando um vestido com mesmo tom de azul do vestido de casamento de Kahlan abriu caminho através da multidão. O vestido azul tinha um pescoço arredondado, decorado com um laço branco que descia até a cintura fina e combinava com os que estavam nos punhos.

Ela se aproximou, parando bem na frente dele. Talvez cinco anos mais jovem do que ele, e uma cabeça menor, tinha volumoso cabelo castanho claro que chegava até os ombros, e grandes olhos castanhos.

Ela ficou observando ele. Com cada lenta respiração, o peito dela pulsava sob o laço. Sua mão flutuou. Seus dedos delicados tocaram no rosto dele, e ela acariciou sua barba. Ela parecia maravilhada enquanto olhava para ele, acariciando sua barba.

“Realmente o Criador ouviu minhas preces,” ela sussurrou para si mesma.

Repentinamente ela pareceu lembrar de onde estava e afastou sua mão. O rosto dela ficou vermelho.

“Eu... Eu,” ela gaguejou. Recuperou a compostura, seu rosto voltando a mostrar uma suave expressão. Juntou as mãos diante dela e virou, como se nada tivesse acontecido, para falar com Irmã Verna. “Eu sou Pasha Maes, noviça, do terceiro nível. Eu sou a próxima na fila para ser nomeada. Eu fui designada para ficar encarregada de Richard.”

Irmã Verna lançou para ela um leve sorriso. “Acho que lembro de você, Pasha. Fico feliz em ver que estudou bastante e fez bem. Agora Richard passa das minhas mãos, para as suas. Que o Criador guarde vocês dois com carinho em suas mãos.”

Pasha sorriu orgulhosa e então virou para Richard. Olhou para ele da cabeça aos pés. Levantou os olhos, piscou para ele, e deu um caloroso sorriso.

“Estou feliz em conhecer você, jovem. Meu nome é Pasha. Você foi designado para mim. Eu devo ajudar a ensiná-lo, ajudar com qualquer outra coisa que puder precisar em seus estudos. Sou uma guia de todos os tipos. Quaisquer problemas ou perguntas que tiver devem ser trazidas para mim, e eu farei o melhor que puder para ajudá-lo. Você parece um garoto inteligente; tenho certeza que vamos nos dar muito bem.”

O sorriso dela vacilou sob o calor do olhar sério dele. Ela sorriu novamente e continuou. “Bem, para começar, Richard, não permitimos que garotos carreguem armas aqui no Palácio dos Profetas.” Ela esticou as mãos, as palmas voltadas para cima.

“Eu fico com sua espada.”

As gotas de fúria da magia haviam se transformado em uma torrente. “Fique a vontade para pegar minha espada, quando eu não estiver mais respirando.”

O olhar de Pasha desviou para Irmã Verna. A Irmã balançou a cabeça levemente como um sério aviso.

Os olhos de Pasha retornaram para Richard e sua expressão de espanto transformou-se em um sorriso.

“Bem, conversaremos sobre isso mais tarde.” As sobrancelhas dela quase juntaram. “Mas você precisa aprender a ter um pouco de educação, juvenzinho.”

A voz de Richard com um tom que tirou uma parte da cor do rosto de Pasha. “Qual dessas mulheres é a Prelada?”

Pasha deu uma leve risada. “A Prelada não está aqui. Ela fica ocupada demais para...”

“Leve-me até ela.”

“Você não encontra com a Prelada quando quer. Ela encontra com você quando ela tem uma razão para vê-lo. Mal posso acreditar que Irmã Verna não tenha ensinado a você que não permitimos que nossos garotos...”

Richard colocou a mão no ombro dela e empurrou-a para o lado enquanto dava outro passo dentro da sala, redirecionando seu olhar para as centenas de olhos que observavam.

“Tenho algo a dizer.”

A vasta sala ficou em silêncio. De dois lugares diferentes em sua mente, o mesmo pensamento surgiu ao mesmo tempo. Ele reconheceu a origem de cada um. Um era As Aventuras de Bonnie Day, o livro que seu pai tinha dado a ele, e o outro era a magia da espada, o conhecimento da espada, dos espíritos que dançaram com ele.

A lembrança e a mensagem eram a mesma: Quando estiver em menor número, e a situação for desesperadora, você não tem escolha - deve atacar.

Ele sabia para o que servia a coleira. Sua situação era desesperadora. Ele não tinha opções. Deixou o silêncio na câmara continuar até que isso ficasse desconfortável.

Seus dedos tocaram no Rada'Han. “Enquanto vocês mantiverem essa coleira em mim, são meus captores, e eu sou o seu prisioneiro.” Murmúrios ecoaram no ar. Richard deixou eles desaparecerem antes de continuar. “Uma vez que não cometi

nenhuma agressão contra vocês, isso nos torna inimigos. Estamos em guerra.”

“Irmã Verna fez uma promessa de que serei ensinado a controlar o dom, e quando tiver aprendido o que for exigido, eu serei libertado. Nesse momento, enquanto vocês mantiverem essa promessa, nós temos uma trégua. Mas há condições.”

Richard levantou o cilindro de couro vermelho que estava em seu pescoço, o Agiel. Além da fúria da magia, o Agiel era apenas um leve formigar de dor. “Já recebi uma coleira antes. A pessoa que colocou a coleira em mim causou dor, para me punir, para me ensinar, para me dominar.”

“Esse é o único objetivo de uma coleira. Você coloca uma coleira em uma besta. Coloca uma coleira em seus inimigos.”

“Fiz a ela uma oferta parecida com a que estou fazendo para vocês. implorei a ela para me libertar. Ela não faria isso. Fui forçado a matá-la.

“Nenhuma de vocês jamais poderia esperar ser boa o bastante para lambar as botas dela. Ela fez o que fez porque foi torturada e dominada, ficando louca o bastante para usar uma coleira para ferir pessoas. Ela fez isso contra sua natureza.”

“Vocês,” olhou em todos os olhos, “vocês fazem isso porque pensam que é seu direito. Escravizam em nome do seu Criador. Não conheço seu Criador. O único além desse mundo que eu sei que faria o que vocês fazem é o Guardião.” A multidão engasgou. “Até onde eu sei, vocês podem muito bem ser discípulos do Guardião.”

“Se fizerem como ela, e usarem essa coleira para me causar dor, a trégua vai acabar. Vocês podem pensar que seguram a correia dessa coleira, mas prometo a vocês, se a trégua acabar, vocês vão descobrir que aquilo que seguram é um relâmpago.”

Silêncio total pairou na sala. Richard enrolou sua manga esquerda. Ele sacou a Espada da Verdade. O som inconfundível do aço rasgou o silêncio.

“Os Baka Ban Mana são meu povo. Eles concordaram em viver em paz com todos os povos de agora em diante. Qualquer um que machucar algum deles vai responder a mim. Se não aceitarem isso,

não deixarem os Baka Ban Mana viverem em paz, nossa trégua acaba.”

Ele apontou para trás com a espada. “Irmã Verna me capturou. Lutei contra ela a cada passo dessa jornada. Ela fez tudo que podia para evitar que eu morresse e tivesse que colocar meu corpo em cima de um cavalo para me trazer até aqui. Ainda que ela, também, seja minha captora e inimiga, tenho certas dívidas com ela. Se alguém colocar um dedo nela por minha causa, vou matar essa pessoa, e a trégua vai terminar.”

Com o canto dos olhos, Richard conseguiu ver os olhos de Irmã Verna fechados. As mãos dela cobriram seu rosto pálido.

A multidão tomou um susto quando Richard passou sua espada na parte interna do braço. Ele a girou, passando ambos os lados no sangue, até que ele pingasse pela ponta.

As articulações de seus dedos estavam brancas em volta do cabo, ele levantou a espada no ar.

“Faço a vocês um juramento de sangue! Machuquem os Baka Ban Mana, machuquem Irmã Verna, ou machuquem a mim, e a trégua vai acabar, e prometo que nós entraremos em guerra! Se entrarmos em guerra, vou espalhar a destruição no Palácio dos Profetas!”

Da sacada mais distante, onde Richard não conseguiria ver a origem, uma voz zombeteira falou mais alto que a multidão. “Completamente sozinho?”

“Pode arrisque duvidar de mim se quiser. Eu sou um prisioneiro; não tenho nada pelo que viver. Sou a carne da profecia. Sou aquele que traz a morte.”

Nenhuma resposta surgiu no meio do silêncio. Ele enfiou sua espada na bainha.

Richard manteve os braços esticados enquanto fazia uma graciosa reverência. Levantou sorrindo. “Agora que nos entendemos, entendemos a trégua, as senhoras podem voltar para a celebração de minha captura.”

Virou as costas para a multidão estupefata. A cabeça da Irmã Verna estava baixa, suas mãos cobrindo o rosto.

Os lábios de Pasha estavam cerrados com tanta força que estavam ficando azuis.

Uma mulher de rosto sério passou na frente dele, parando diante de Irmã Verna. A mulher manteve o nariz levantado até que Irmã Verna levantasse a cabeça e endireitasse o corpo.

“Irmã Verna. Está óbvio que você não tem o talento nem habilidade para ser uma Irmã da Luz. Sua falha está além do limite mínimo. Nesse momento, você está rebaixada a noviça, primeiro nível. Vai servir como noviça até que, se assim o Criador desejar, você mereça o título de Irmã da Luz.”

Irmã Verna levantou o queixo. “Sim, Irmã Maren.”

“Noviças não falam com Irmãs a não ser que isso seja solicitado! Não pedi que falasse!” Levantou uma das mãos.

“Entregue a sua Dacra.”

Irmã Verna moveu sua mão, a faca prateada apareceu de sua manga. Girou ela, oferecendo o cabo para a outra mulher, e então ficou em silêncio, seus olhos para frente.

“Ao amanhecer, amanhã, você irá se apresentar nas cozinhas. Vai lavar panelas até que seja considerada merecedora de tentar algo que exija mais de sua inteligência. Você entendeu!”

“Sim, Irmã Maren. Eu entendi.”

“E se você demonstrar ao menos um leve sinal de que vai falar comigo, serão os estábulos ao invés das cozinhas, limpando as baias e carregando estrume!”

“Nesse caso, Irmã Maren, vou me apresentar diretamente aos estábulos, ao invés das cozinhas, e poupar seus ouvidos daquilo que eu iria falar.”

O rosto da Irmã Maren ficou vermelho. “Muito bem, noviça. Que sejam os estábulos.”

Irmã Maren fez uma pausa na frente de Richard, lançando para ele um sorriso forçado. “Acredito que isso não quebre a sua trégua.” Levantou o queixo e saiu andando depressa.

A sala estava em silêncio. Richard olhou para Irmã Verna, mas a Irmã ficou olhando para frente. Pasha, com uma expressão de raiva no rosto, de repente colocou-se entre eles.

“Verna não é mais preocupação sua. Seu braço está sangrando. Já que você é minha responsabilidade, vou cuidar disso.”

Ela se acalmou soltando um suspiro enquanto cruzava os dedos na frente da cintura. “Tem um grande banquete, de boas vindas para você, começando na sala de jantar. Talvez você sinta-se melhor a respeito de nós depois do banquete.”

“Todos estão ansiosos por isso. Todos querem uma chance de dar as boas vindas a você pessoalmente.” Ela balançou um dedo para ele. “E você vai se comportar direitinho, juvenzinho!”

Tendo guardado a espada, tinha reduzido a maior parte da fúria. A maior parte, mas não toda. “Não estou com fome. Mostre a minha cela, criança.”

Os punhos dela apertaram com força em cima da saia azul. Com um olhar sombrio, ela estudou ele por um momento. “Muito bem. Faça do seu jeito. Você pode simplesmente ir para cama sem jantar, como uma criança mimada.” Ela girou nos calcanhares. “Siga-me.”

CAPÍTULO 50



Irmã Verna colocou a mão na placa de metal. A sala estava protegida. Deu um suspiro controlado e então bateu.

Uma voz abafada atrás da pesada porta respondeu. “Entre.”

A proteção desapareceu. Ela abriu o lado direito das portas duplas e entrou. Duas mulheres estavam sentadas, cada uma delas em sua própria mesa, de cada um dos lados da porta além. As duas estavam escrevendo em livros. Nenhuma delas levantou os olhos.

“Sim,” a da esquerda falou enquanto continuava escrevendo, “o que foi?”

“Eu vim devolver o livro de viagem, Irmã Ulicia.”

Irmã Ulicia molhou o dedo e virou uma página. “Sim, coloque em cima da mesa. Não deveria estar no banquete em honra ao seu retorno? Eu poderia pensar que você gostaria de reencontrar velhos amigos.”

Irmã Verna juntou as mãos. “Tenho assuntos mais importantes do que banquetes para cuidar. Gostaria de entregar o livro de viagem para a Prelada, pessoalmente. E quero falar com ela, Irmã Ulicia.”

As duas levantaram os olhos. “Bem,” Irmã Ulicia disse, “a Prelada não quer falar com você, Irmã Verna.”

“Ela é uma mulher ocupada. Não pode ser incomodada com assuntos sem importância.”

“Sem importância! Isso não é assunto sem importância!”

“Não levante a voz nesse escritório, Irmã Verna,” a outra avisou. Ela mergulhou sua pena em um tinteiro e curvou-se voltando a escrever.

Irmã Verna deu um passo adiante. O ar entre as mesas, diante da porta além, cintilou de repente com um poderoso escudo que

chiou e estalou como um aviso.

“A Prelada está ocupada,” Irmã Ulicia falou. “Se ela considerar que o seu retorno tem importância, vai mandar chamar você.” Ela puxou uma vela mais perto e curvou-se sobre o seu livro. “Apenas coloque o livro de viagem em cima da minha mesa. Vou providenciar para que ele seja devolvido para ela.”

Irmã Verna controlou a voz enquanto cerrava os dentes. “Eu fui rebaixada para noviça.” As duas levantaram os olhos. “Rebaixada para noviça, porque segui as ordens daquela mulher. Independente das minhas opiniões e apelos, ela me proibiu de fazer meu trabalho, minha obrigação, e por causa disso, eu sou punida! Punida por fazer como a Prelada ordenou! Pelo menos quero ouvir as razões!”

Irmã Ulicia encostou para trás na cadeira e então virou para a outra mulher. “Irmã Finella, por favor mande um relatório para a diretora das noviças. Informe a ela que a noviça Verna Sauventreen veio até o escritório da Prelada sem autorização ou convite, e mais tarde, ela começou um discurso inconveniente de uma noviça esperando um dia ser uma Irmã da Luz.”

Irmã Finella moveu-se inquieta enquanto olhava para Irmã Verna. “Minha nossa, noviça Verna, seu primeiro dia em sua busca de um objetivo superior, e você já conseguiu uma carta de reprimenda.” Ela estalou a língua. “Eu espero que você realmente aprenda a se comportar, se um dia espera ser uma Irmã da Luz.”

“Isso é tudo, noviça,” Irmã Ulicia disse. “Você está dispensada.”

Irmã Verna girou nos calcanhares. Ouviu o estalar de dedos. Olhou para trás, por cima do ombro, para Irmã Ulicia batendo no canto da mesa ela.

“O livro de viagem. E não acredito que essa seja a maneira que uma noviça parte quando é dispensada por uma Irmã. Não é mesmo, noviça?”

Irmã Verna tirou o pequeno livro preto do cinto e colocou gentilmente no canto da mesa.

“Não, Irmã, não é.” Ela fez uma reverência. “Obrigada, Irmãs, pelo seu tempo.”

Irmã Verna suspirou enquanto fechava a porta atrás dela. Ficou imóvel por um instante, avaliando a situação.

Com os olhos voltados para o chão diante dela, seguiu seu caminho através do Palácio, passando por corredores abertos e fechados, de pedra e com painéis, por chão com tapetes e com ladrilhos. Fazendo a curva em uma esquina, de repente ela encontrou alguém. Olhou para um rosto que esperava não encontrar.

Ele sorriu de uma maneira familiar. "Verna! Que bom ver você!"

Seu rosto jovem, de mandíbula quadrada parecia não ter mudado. Seu cabelo castanho estava um pouco mais longo do que antes sobre as orelhas, e seus ombros estavam mais largos do que ela lembrava. Ela teve que se conter para não tocar no rosto dele, para não cair em seus braços.

Ela baixou a cabeça. "Jedidiah." Olhou para cima, dentro dos olhos castanhos dele. "Você parece em forma. Parece... do mesmo jeito que sempre pareceu. Você aproveitou bem o tempo."

"Você parece... eu acho..."

"A palavra que você está procurando é velha. Eu pareço velha."

"Ah, Verna. Algumas rugas..." Ele olhou para o corpo dela. "alguns quilos, não diminuem uma beleza como a sua."

"Vejo que sua língua ainda está em boa forma com as mulheres." Ela olhou para o manto liso, cor de canela dele. "E posso ver que tem sido um bom aluno, como de costume, e conseguiu ser promovido. Estou orgulhosa de você, Jedidiah."

Ele encolheu os ombros colocando o elogio de lado e juntou os dedos. "Fale sobre o novato que você trouxe."

Os olhos dela estreitaram. "Você não me vê faz vinte anos, desde que eu levantei da sua cama para continuar minha jornada, e essa é a pergunta que você faz para mim? Não, como foi minha viagem? Não, como eu me sinto depois de todo esse tempo? Não, o seu coração encontrou outro? Bem, acho que o choque de ver o quanto eu envelheci fez essas perguntas sumirem da sua cabeça."

O sorriso manhoso permaneceu nos lábios dele. "Verna, você não é uma garota tola. Certamente deve perceber que ao passar tanto tempo, nenhum de nós poderia esperar..."

"É claro que sei disso! Não tinha ilusões sobre nós. Simplesmente esperava retornar e ser tratada com um pouco de tato

e sensibilidade.”

Ele encolheu os ombros novamente. “Sinto muito, Verna. Sempre pensei em você como uma mulher que apreciava a sinceridade, alguém que não usava jogos de palavras.” Os olhos dele ficaram fora de foco. “Acho que aprendi muito sobre... a vida... desde aquela época, quando eu era tão jovem.”

Ela desviou o olhar o belo rosto dele e começou a se afastar. “Boa noite, Jedidiah.”

“E a minha pergunta?” Sua voz saiu com um tom desagradável. Ele suavizou. “Como é o novato?”

Ela parou, mas não virou. “Você estava lá. Viu ele. Richard é do jeito que você viu.”

“Também vi o que aconteceu com você. Estou ganhando um pouco de influência entre algumas das Irmãs. Talvez eu possa fazer alguma coisa para ajudar com a situação.” Ele fez um gesto vago com a mão. “Se você for sincera comigo, e satisfizer minha curiosidade, talvez eu possa ajudá-la a sair da sua situação infeliz.”

Ela começou a andar novamente. “Boa noite, Jedidiah.”

“Vou encontrar com você em algum lugar do Palácio, Verna. Pense nisso.”

Ela não conseguiu acreditar no quanto tinha sido tão ignorante todos aqueles anos. Lembrava de um Jedidiah atencioso e sincero. Talvez sua memória estivesse falhando.

Talvez estivesse apenas pensando nela mesma, e não tivesse dado a ele uma chance para ser gentil. Ela deveria estar com uma aparência horrível.

Poderia ter se lavado, colocado um belo vestido, pelo menos arrumado o seu cabelo rebelde, antes de ver Jedidiah. Mas ela não teve chance.

Talvez se tivesse tocado em seu rosto, ele tivesse lembrado da centelha de alguma coisa, talvez lembrasse das lágrimas que derramou quando partiu, e da promessa que ele tinha feito. Promessas que ela soube, no momento em que deixou os lábios dele, que seriam quebradas antes que o eco delas desaparecesse, muito tempo atrás.

Ela chegou ao corredor que conduzia até os aposentos das noviças. Ficou parada olhando para as portas. Estava cansada. Do nascer do sol até o pôr do sol nos estábulos seria cansativo. Ao invés disso, ela virou para outro lado. Tinha que fazer uma coisa antes de dormir.

* * *

Pasha parou diante de um portal com as bordas de pedra, entalhada para mostrar algo parecido com videiras. Aninhado no centro das videiras de pedra havia uma larga porta de carvalho escura com a parte de cima arredondada.

Pasha levantou uma sobrancelha para ele. "Sua ce la."

"Não tem fechadura do lado de fora da porta. Como vai me trancar lá dentro?"

Ela pareceu ficar surpresa com a pergunta. "Nós não trancamos nossos garotos. Você está livre para ir e vir quando desejar."

Richard franziu a testa. "Quer dizer que estou livre para perambular por esse lugar?"

"Não. Está livre para ir onde desejar. Pode ir quase a todo lugar no Palácio, ou dentro da cidade, se quiser. A maioria dos garotos passam boa parte de seu tempo na cidade."

O rosto dela ficou um pouco vermelho com a última coisa que falou, e ela afastou os olhos do rosto dele.

"E quanto ao campo em volta da cidade?"

Ela encolheu os ombros, e então levantou um pouco o ombro de seu vestido azul. "É claro. Não sei porque você poderia querer entrar na área rural, nenhum dos outros garotos faz isso, mas nada o impede de sair tanto do Palácio quanto da cidade."

Uma expressão preocupada apareceu no rosto dela. "Mas deve ficar longe da Floresta Hagen. Ela é extremamente perigosa. Você foi avisado a respeito da Floresta Hagen? Você viu onde ela fica enquanto viajava até o Palácio?"

Richard assentiu. "Até que distância eu posso ir dentro do campo?"

“O Rada'Han vai impedir que vá longe demais; nós temos que conseguir encontrar você, mas o limite é um bom número de milhas em um raio ao redor do Palácio dos Profetas.”

“Quantas milhas?”

“Mais longe do que você poderia querer. Eu suponho que quase todo o caminho até a terra dos selvagens.”

“Você quer dizer dos Baka Ban Mana.”

Ela assentiu. “Quase tão longe, eu diria.”

“Sem guardas?”

Ela colocou as mãos nos quadris dele. “Você está designado para mim. Vou acompanhá-lo na maioria dos lugares que você for, por enquanto. Depois que nossos garotos ficam mais experientes, eles podem sair sozinhos quando querem.”

“Sempre que eu quiser, posso simplesmente perambular por aí?”

“Bem, você vive aqui, no Palácio, é claro. E deve ficar por perto para ter suas lições. Darei suas aulas, e assim farão várias Irmãs. Vamos ensiná-lo a tocar o seu Han, e então logo que estiver capaz de fazer isso, vamos começar a ensinar como controlar ele.”

“Porque diferentes Irmãs? Porque não só uma, ou você?”

“Porque às vezes o Han de certas pessoas trabalham melhor juntos. Além disso, as Irmãs possuem mais experiência do que eu, possuem mais conhecimento. Pode haver uma ou várias de nós que sejam mais capazes de aj udá-lo, e então diferentes Irmãs dão aulas a você, até descobrirmos com quem você trabalha melhor.”

“Irmã Verna vai ser uma delas?”

Pasha olhou para ele por baixo das sobrancelhas. “Verna não é mais uma Irmã. Não tem mais o direito de receber essa tarefa. Agora ela é uma noviça, e deveria ser chamada apenas de Verna. Noviças, além daquela designada a você - que sou eu - não recebem permissão para dar aulas. Noviças do primeiro nível, como Verna, não recebem permissão para ter nenhum relacionamento com nossos garotos. A obrigação de uma noviça é aprender, não ensinar.”

Richard não imaginou que pudesse pensar em Irmã Verna apenas como Verna. Soava estranho demais para ele.

“Quando ela será Irmã de novo?”

“Ela deve servir como noviça, e avançar como qualquer outra noviça. Eu comecei lavando panelas nas cozinhas quando era pequena. Levou todo esse tempo para receber essa chance. Um dia, se Verna trabalhar tão duro quanto eu tenho trabalhado, então ela também terá chance de ser uma Irmã da Luz. Até lá, Verna é uma noviça.”

Richard sentiu raiva ao pensar na Irmã Verna sendo rebaixada por causa dele. Quando ela fosse uma Irmã novamente, ela seria uma velha. Ele mudou de assunto. “E porque nós temos permissão de perambular por aí?”

“Porque não são uma ameaça para o povo. Algum dia, quando aprender a controlar o seu Han, então começará a ter limites a respeito de onde pode ir. As pessoas na cidade ficam com medo de garotos que podem usar o poder - incidentes infelizes aconteceram no passado - e então assim que um garoto ganha habilidade no uso do seu Han, ele fica isolado da cidade. Enquanto os garotos avançam como magos, eles ficam sob mais restrições, até que perto do fim, e de sua liberação, quando estão confinados a certas áreas do Palácio.”

“Mas por enquanto, você está livre para ir quase a qualquer lugar que desejar. Vou saber onde você está o tempo todo, através do seu Rada'Han.”

“Quer dizer que qualquer Irmã pode me encontrar através dessa coisa maldita?”

“Não, só aquela que deu isso a você, porque ela o controla e reconhece o seu poder, e uma vez que estou encarregada de você, devo ser capaz de saber onde você está o tempo todo, então precisarei permitir que o meu Han reconheça a energia única do seu Rada'Han.”

Ela abriu a porta e entrou na sala escura. Com um balanço do braço dela, lamparinas colocadas ao redor de toda a sala acenderam.

“Você precisa me ensinar esse truque,” ele murmurou.

“Não é um truque. É apenas o meu Han. E essa é a coisa mais simples de muitas coisas que vou ensinar a você.”

O teto da enorme sala estava pintado nas bordas com diferentes linhas coloridas em padrões intrincados.

As paredes tinham painéis de uma cor cereja calorosa. Janelas altas com ricas cortinas azuis moiré destacavam na noite. Havia uma lareira, com uma coluna branca de cada lado. A maior parte do chão de madeira estava coberto por grossos tapetes. Cadeiras e poltronas de aparência confortável estavam na sala, posicionadas na frente da lareira.

Richard pensou que a casa dele inteira caberia duas vezes dentro da sala. Tirou a mochila da costa e encostou ela na parede perto da lareira. Colocou a aljava e o arco ao lado dela.

Ele foi para a direita, até um conjunto de portas duplas feitas de painéis de vidro e cobertas com cortinas cor de creme. Além das portas estava uma extensa sacada que fornecia uma visão ampla da cidade. Urnas de pedra cheias de flores estavam dispostas pelo chão com ardósia da sacada. Colocou os dedos nos corrimões de mármore enquanto olhava para a direita, depois das luzes cintilantes da cidade, para as colinas de onde tinha vindo.

“O pôr-do-sol é lindo dessa sacada,” Pasha disse.

Richard não estava interessado no pôr-do-sol. Ele estudou o pátio abaixo, os portões, as ruas, os soldados que patrulhavam, e as pontes até a cidade e as colinas depois. Tentou fixar um mapa de tudo aquilo em sua cabeça.

Voltou para dentro e marchou até o outro lado da sala, até o portal ali. Além dali estava um quarto quase tão grande quanto a primeira sala. Tinha a maior cama que ele já tinha visto, coberta com uma colcha púrpura. Outro par de portas com vidros conduzia até outra sacada, mas essa estava voltada para o sul, mostrando o mar.

“É uma bela vista,” Pasha falou. “Uma vista romântica.” Ela viu que ele estava olhando para as seções do Palácio abaixo. Ela apontou. “Do outro lado daquele pátio estão alguns dos aposentos das mulheres, onde ficam a maioria dos aposentos das Irmãs.” Ela balançou o dedo para ele. “Você vai ficar longe deles, juvenzinho!” Ela virou. “A não ser que uma Irmã o convide para o quarto dela,” ela adicionou baixinho. “Como chamo você,” ele perguntou.

“Irmã Pasha?” Ela riu. “Não. Sou uma noviça, embora eu tenha esperança de ser uma Irmã se eu provar que mereço com você.”

“Até lá, sou apenas Pasha.”

Richard virou para ela, direcionando o olhar para os olhos dela. “Meu nome é Richard. Você tem dificuldade em lembrar disso?”

“Preste atenção, você está designado a mim e...”

“Se isso for difícil demais para você lembrar, jamais terá chance de ser uma Irmã, porque se você insistir em tentar me rebaixar me chamando por outro nome que não seja o meu, vou garantir que falhe rapidamente em seu teste.” Ele se inclinou enquanto olhava zangado para os olhos arregalados dela. “Você entendeu, Pasha!”

Ela engoliu em seco. “Você não vai levantar sua voz para mim, jovem...” Ela levantou o queixo um pouco. “Você não vai levantar sua voz para mim, Richard.”

“Assim está melhor. Obrigado.” Ele esperava que ela deixasse a coisa assim; não estava com humor para ser gentil se ela não fosse.

Ele se afastou. Essa sacada tinha uma vista muito menor das coisas nas quais ele estava interessado, e então ele voltou para dentro do quarto.

Ela seguiu no calcanhar dele. “Preste atenção, Richard, você vai aprender a ter um pouco de educação caso contrário eu vou...”

Aquilo foi o fim de sua paciência. Ele virou para ela. Ela parou de repente, quase colidindo com ele.

“Você nunca ficou encarregada de ninguém antes, ficou?” ela não se moveu. “Eu diria que essa é a primeira vez que você recebeu a responsabilidade, e está com um medo terrível de estragar tudo. Já que não tem experiência, acha que agir como uma tirana vai enganar as pessoas para que elas pensem que sabe o que você está fazendo.”

“Bem, eu...”

A voz dela foi desaparecendo enquanto ele chegava mais perto, colocando o rosto perto do rosto dela.

“Não deveria ficar com medo de permitir que eu veja que não tem experiência em comandar pessoas, Pasha.”

“O que deveria temer é que eu mate você.”

Os olhos dela ficaram cerrados de indignação. “Não ouse me ameaçar.”

“Isso é um jogo para você. Uma maneira de cumprir algumas regras arcanas saltitando por aí, arrastando seu pequeno bichinho pela coleira, e treinando ele para lambar sua mão, para que você possa ganhar um novo nível.”

Ele cerrou os dentes enquanto baixava a voz. “Para mim isso não é um jogo, Pasha. É uma questão de vida ou morte. Eu sou um prisioneiro, preso em uma coleira, como uma besta, ou um escravo. Eu só tenho tanto controle da minha vida quanto vocês permitirem. Eu sei que serei torturado por vocês como uma maneira de quebrar minha força de vontade.

“Você está errada, Pasha, se pensa que estou fazendo uma ameaça. Não estou. Estou fazendo uma promessa.”

“Não sou aquilo que você pensa de mim, Richard,” ela falou baixinho. “Quero ser sua amiga.”

“Você não é minha amiga. Você é minha captora.” Ele levantou um dedo na frente do rosto dela. “Nunca dê as costas para mim, porque vou matar você, assim como matei a última pessoa que me aprisionou com uma coleira.”

Ela piscou para ele. “Richard, não sei o que aconteceu com você, mas não somos assim. Só quero ser uma Irmã da Luz para ajudar as pessoas a enxergar a bondade do Criador.”

Richard estava perigosamente perto de deixar a magia escapar de seu controle. Fez um esforço para manter-se firme.

Ele tinha outras coisas para fazer. “Não estou interessada em sua teologia. Apenas lembre do que eu falei para você.”

Ela sorriu. “Vou lembrar. Peço desculpas por deixar você zangado chamando por outro nome. Por favor, me perdoe. Eu nunca fiz isso. Só estava fazendo como achava que deveria, seguindo as regras, como eu fui treinada.”

“Esqueça as regras. Seja apenas você mesma, e vai ter menos problemas na vida.”

“Se isso ajudar você a acreditar que só estou tentando ajudá-lo, então será isso que farei.” Ela apontou. “Aqui.”

“Sente na ponta da cama.”

“Porque?”

Embora ela não tenha feito movimento algum, ele sentiu um suave empurrão. Ele caiu para trás, sentando na ponta da cama. “Não...”

Ela ficou entre as pernas dele, bem perto.

“Calma. Deixe que eu faça meu trabalho. Eu falei para você, devo permitir que o meu Han conheça o seu Rada'Han, assim vou saber onde você está o tempo todo.”

Colocou as mãos dos lados do pescoço dele, sobre a coleira. Ela fechou os olhos. Os seios dela estavam bem na frente do rosto dele, movendo-se a cada respiração. Ele sentiu uma leve sensação de formigamento que desceu até os dedos dos pés dele e então subiu de volta. Foi levemente desconfortável, mas não desagradável, e na verdade quanto mais tempo durava, melhor ficava.

Quando ela afastou as mãos, a ausência da sensação foi uma agonia por um momento. O mundo pareceu zumbir e girar. Ele balançou a cabeça.

“O que você fez?”

“Simplesmente deixei meu Han conhecer o seu Rada'Han.” Ela pareceu um pouco impressionada. Ela engoliu em seco enquanto uma lágrima descia pelo seu rosto. “E alguma coisa do seu Han, sua essência.”

Ela se afastou. Richard ficou imóvel.

“Isso significa que agora sempre vai saber onde eu estou? Através da minha coleira?”

Ela assentiu levemente enquanto caminhava devagar pelo quarto. A voz dela recuperou o controle. “Qual é sua preferência, para comida? Suas condições especiais?”

“Eu não como carne.”

Ela parou no meio do caminho. “Essa foi uma coisa que nunca ouvi.”

“E acho que também não gosto mais de queijo.”

Ela pensou por um momento, e então continuou andando. “Vou transmitir as suas condições especiais para as cozinheiras.”

Um plano estava se formando na cabeça dele, e ela não era parte dele. Precisava se livrar dela.

Pasha foi até um alto guarda roupa de pinheiro. Ele estava cheio de roupas elegantes. Havia calças de bons tecidos, pelo menos umas doze camisas, a maior parte brancas, algumas com franzidos, e casacos de toda cor.

“Essas são suas,” ela falou.

“Se todo mundo ficou surpreso que eu estivesse crescido, porque elas são do tamanho de um homem adulto?”

Ela inspecionou os vários itens, sentido o tecido, retirando alguns e segurando para dar uma olhada melhor.

“Alguns deveriam saber. Verna deve ter contado para eles.”

“Irmã Verna.”

Ela colocou um casaco preto de volta. “Sinto muito, Richard, mas agora é apenas Verna.” Tirou uma camisa branca. “Você gosta dessa?”

“Não. Eu ficaria parecendo idiota usando roupas finas como essas.”

Ela sorriu de modo faceiro. “Acho que você ficaria muito bonito nela. Mas se ela não lhe agrada, tem moedas na mesa bem ali. Vou mostrar algumas lojas na cidade, e poderá comprar o que você mais gostar.”

Richard olhou para a mesa com tampo de mármore. Havia uma tigela com moedas de prata, e perto dela, uma tigela dourada cheia de moedas de ouro. Se ele trabalhasse durante toda sua vida como guia, jamais ganharia nem a metade de todo aquele ouro.

“Isso não é meu.”

“Claro que é. Você é um convidado do Palácio, e o Palácio fornece qualquer coisa que nossos convidados solicitem. Se usar tudo aquilo que está na tigela, ela será substituída por outra.” Tirou um casaco vermelho com bordados de ouro nos ombros e punhos. Os olhos dela brilharam. “Richard, isso ficaria simplesmente magnífico em você.”

“Mesmo que você cubra uma coleira com pedras preciosas, ela ainda continua sendo uma coleira.”

“Isso não tem nada a ver com seu Rada'Han. O que você está vestindo é nojento. Parece algum selvagem da floresta.” Ela segurou o casaco vermelho aberto. “Aqui, experimente isso.”

Ele arrancou o casaco das mãos dela e jogou em cima da cama. Agarrando ela pelo braço, ele marchou levando-a até a porta na sala anterior.

“Richard! Pare! O que está fazendo!”

Ele abriu a porta. “Estou cansado, foi um longo dia. Boa noite, Pasha.”

“Richard, só estou tentando ajudar você a ficar com aparência melhor. Você não parece civilizado nessa roupa. Parece algum tipo de grande besta.”

Ele ficou calmo quando observou o vestido azul dela, azul da cor do vestido de casamento de Kahlan.

“Essa cor não combina com você,” ele disse. “Não combina com você de modo algum.”

Ela ficou no corredor, olhando para ele com grandes olhos castanhos. Ele fechou a porta batendo com força.

Esperou alguns minutos, e então verificou o corredor. Não havia sinal dela. Ele foi até sua mochila, ao lado da lareira, e começou a retirar coisas. Não precisaria de tudo aquilo. Não precisava carregar suas roupas extras.

Quando ele estava esticando a corda do arco, houve uma batida suave na porta. Ele deslizou pelos tapetes, escutando. Talvez ela fosse embora se ele não respondesse. Não precisava dela por perto, dizendo para ele o que deveria vestir. Tinha coisas importantes para fazer.

Escutou a batida suave outra vez. Talvez não fosse Pasha. Richard sacou a faca. Abriu a porta rapidamente.

“Irmã Verna.”

“Acabei de ver Pasha, chorando no corredor, indo embora depressa. Estou surpresa com você, Richard.” Ela levantou uma sobancelha.

“Não pensei que você levaria tanto tempo. Estava escondida virando um corredor, com medo que me pegassem enquanto esperava.” Um véu cobria seu cabelo cacheado e espalhava-se sobre os ombros dela. “Você tinha que fazer ela chorar?”

“Ela tem sorte que eu não tive que fazer ela sangrar.”

Ela levantou o véu da cabeça e colocou em volta dos ombros. Um leve sorriso apareceu em seus lábios. "Posso entrar?" Ele esticou um braço fazendo um convite. "E é somente Verna," ela falou quando passou pela porta. "Não sou uma Irmã."

Ele colocou a faca de volta. "Sinto muito, mas não acho que conseguiria chamá-la de outro modo. Para mim, você é Irmã Verna."

"Não é adequado me chamar de Irmã." Ela olhou pelo quarto enquanto ele fechava a porta. "Como estão as acomodações?"

"Não causariam vergonha em um rei. Irmã Verna, sei que não vai acreditar em mim, mas realmente sinto muito a respeito do que aconteceu. Eu não pretendia causar problemas para você."

Um largo sorriso surgiu no rosto dela. "Você tem sido um problema constante para mim, Richard, mas, pelo menos uma vez, esse problema não foi causado por você. Outra pessoa jogou esse problema em cima de mim."

"Irmã, sei que fiz você ser rebaixada para noviça. Não queria fazer isso. Mas a parte de ser enviada para trabalhar nos estábulos, aquilo foi por sua conta."

"As coisas nem sempre são como parecem, Richard." Ela piscou o olho. "Odeio lavar panelas. Quando era noviça, quando era jovem, odiei aquilo mais do que tudo. Não fico feliz em uma cozinha, e muito menos com minhas mãos em água escaldante."

"Gosto muito de cavalos. Eles não respondem, ou discutem comigo. Gosto de estar perto de cavalos. Mais ainda, desde que você destruiu os freios e eu fiz amizade com Jessup. Irmã Maren pensou que segurava as rédeas, como pareceu, mas ela estava fazendo o que eu queria."

Richard sorriu com um lado da boca. "Você é uma mulher esperta, Irmã Verna. Estou orgulhosa de você."

"Mas ainda sinto muito que você tenha sido colocada de volta como novata por minha causa."

Ela encolheu os ombros. "Estou aqui para servir ao Criador. Não importa como. E isso não foi culpa sua; as ordens da Prelada fizeram com que eu fosse rebaixada para noviça."

"Quer dizer, as ordens que ela escreveu no livro? Ela proibiu você de usar o seu poder em mim, não foi?"

“Como você sabe disso?”

“Eu imaginei isso. Você estava sempre furiosa o bastante para cuspir fogo em mim, mas nunca usou seu poder para me deter. Não acho que isso teria acontecido a não ser que você tivesse ordens para observar mas não interferir. Afinal de contas, se o Ra-da'Han é usado para controlar, porque motivo você não usaria esse controle?”

Ela balançou a cabeça. “Você é uma pessoa muito esperta, Richard. Você sabia disso faz quanto tempo?”

“Desde que li o livro na torre. Porque você está aqui, Irmã?”

“Queria ver se você estava bem. A partir de amanhã, não terei chance novamente. Pelo menos não por um longo tempo - não até que eu seja promovida a Irmãs da Luz outra vez. Noviças de primeiro nível não tem permissão para ter qualquer relação com jovens magos. A penalidade é bastante severa.”

“Seu primeiro dia como noviça, e já está quebrando as regras. Não deveria estar aqui. Vai ser colocada até os cotovelos em água escaldante e panelas sujas se pegarem você.”

Ela encolheu os ombros. “Algumas coisas são mais importantes do que regras.”

Richard fez uma careta ao notar o olhar distante nos olhos dela. “Porque não senta?”

“Não tenho tempo. Só vim para cumprir uma promessa.” Ela tirou alguma coisa de um bolso. “E para trazer isso.”

Levantou a mão dele e colocou algo nela, então fechou os dedos dele em volta daquilo.

“Quando Richard abriu os dedos e olhou, seu joelhos quase dobraram.

“Era o tufo de cabelo de Kahlan que ele tinha jogado fora.

Irmã Verna juntou as mãos. “Na primeira noite, a primeira noite em que estivemos juntos, encontrei isso.”

Sem levantar os olhos, ele sussurrou, “O que você quer dizer com, você encontrou isso?”

Ela se inclinou para trás e olhou para o teto. “Depois que você dormiu, depois que decidi não me matar, fui dar uma caminhada, e encontrei.”

Os olhos dele se fecharam. "Não posso aceitar isso," ele fez um esforço para dizer. "Eu deixei ela livre."

"Kahlan fez um grande sacrifício para salvar a sua vida. Prometi a ela que não deixaria você esquecer que ela te ama."

A força de Richard havia desaparecido. Os músculos em suas pernas fraquejaram. Sua mão tremeu.

"Não posso aceitar isso. Ema me mandou embora. Eu a deixei livre."

Irmã Verna falou suavemente. "Ela ama você, Richard. Por favor, como um favor para mim, aceite. Violei as regras para trazer isso para você. Fiz uma promessa para Kahlan de me certificar de que você saiba que ela te ama. Hoje fui lembrada novamente sobre como o amor verdadeiro é uma coisa rara."

Richard sentiu como se todo o peso do Palácio tivesse caído sobre ele.

"Está bem, Irmã. Como um favor para você. Mas eu sei que ela não me quer. Se você ama alguém, não pede para ele colocar uma coleira no pescoço; não manda ele embora. Ela quer ficar livre. Eu a amo, e então deixei ela ficar livre."

"Algum dia, Richard, espero que você perceba o quanto ela sacrificou, e a verdade do amor dela. O amor é uma coisa preciosa, e não deveria ser esquecido. Não sei o que a vida guarda para você, mas algum dia vai encontrar o amor novamente."

"Mas, acho que nesse momento você precisa de um amigo mais do que qualquer outra coisa. Estou sendo sincera na minha oferta, Richard."

"Vai tirar essa coleira de mim?"

Ela ficou em silêncio por um momento. A voz dela saiu cheia de tristeza. "Não posso, Richard. Isso faria mal a você. Tenho a obrigação de preservar a sua vida. Você deve continuar com a coleira."

Ele assentiu. "Não tenho amigos. Estou em território inimigo, em mãos inimigas."

"Isso não é verdade. Mas eu temo que, como uma noviça, não terei a chance de convencê-lo do contrário. Pasha parece uma jovem

excelente. Tente fazer amizade com ela, Richard. Você precisa de um amigo.”

“Não posso fazer amizade com alguém que posso ter que matar. Falei sério em cada palavra que disse hoje, Irmã.”

“Eu sei, Richard,” ela sussurrou. “Eu sei. Mas Pasha é quase da sua idade. Às vezes, é mais fácil fazer amizade com aqueles da sua própria idade. Acho que ela gostaria de ser sua amiga.”

“Para uma noviça, esse é um momento importante assim como para um jovem mago. O relacionamento entre uma noviça e o mago para o qual ela foi designada é único. A ligação que vai crescer é muito especial, e vai durar por toda a vida de cada um.”

“Ela também está assustada. Durante toda sua vida, ela foi uma estudante, uma noviça. Agora, pela primeira vez, ela é a professora. Não são apenas os garotos que aprendem, as garotas também. Os dois estão entrando em uma nova vida. É uma coisa muito especial, para ambos.”

“Escravo e mestre. Essa é a única ligação.”

Ela suspirou. “Duvido que qualquer noviça já tenha enfrentado uma tarefa como a que Pasha terá. Tente ser compreensivo com ela, Richard. Pasha terá suas mãos cheias com você. O Criador sabe que a Prelada ficaria com as mãos dela cheias com você.”

Richard ficou olhando para o vazio. “Você já matou alguém que amava, Irmã?”

“Bem, não...”

Richard levantou o Agiel em seu punho. “Denna me prendeu através da magia, assim como as Irmãs. Ela manteve uma coleira no meu pescoço, assim como as Irmãs.

“Eles a torturaram até que ela ficasse bastante louca para fazer o mesmo comigo. Eu entendi como ela conseguiu fazer isso, porque eu teria feito qualquer coisa que ela mandasse, para evitar que ela me machucasse ainda mais.”

Ele malmente percebia a dor que o Agiel espalhava através dele.

“Eu a entendi, e amei ela.” Uma lágrima desceu pelo seu rosto. “Essa foi a única maneira pela qual eu consegui escapar.”

“Ela controlou a fúria da espada. Porque fui capaz de amá-la, eu consegui deixar a lâmina da Espada da Verdade branca.”

“Querido Criador,” Irmã Verna sussurrou, com os olhos arregalados, “você fez a lâmina da espada ficar branca?”

Richard fechou os olhos e assentiu. “Eu tive que colocar o amor dela dentro do meu coração. Só então consegui deixar a lâmina branca. Só então consegui atravessá-la com a espada enquanto ela olhava com paixão dentro dos meus olhos. Somente porque amei ela, consegui matá-la, e escapar.”

“Enquanto eu viver, jamais conseguirei me perdoar.”

Irmã Verna abraçou ele de maneira protetora. “Querido Criador,” ela sussurrou, “o que você fez com sua criança?”

Richard afastou-a. “Vá, Irmã, antes que tenha problemas.” Ele enxugou os olhos. “Estou sendo um idiota.”

Ela agarrou os ombros dele. “Porque não falou isso antes?”

Ele esfregou a manga da camisa no nariz. “Não é algo de que eu tenha orgulho. E você é o inimigo, Irmã.” Olhou nos olhos molhados dela. “Falei a verdade para você, hoje eu falei a verdade para as outras Irmãs; Vou matar qualquer um que tiver de matar.”

“Irmã, Eu consigo matar qualquer um. Sou aquele que traz a morte. Sou um monstro. Por isso Kahlan queria me mandar embora.”

Ela afastou o cabelo dele do rosto. “Ela ama você, Richard. Estava tentando salvar sua vida. Algum dia vai enxergar isso.” Ela suspirou. “Sinto muito. Tenho que ir. Você vai ficar bem?”

O sorriso dele estava vazio. “Acho que não, Irmã. Acho que vai ter guerra. Acho que vou acabar matando Irmãs. Espero que você não seja uma delas.”

Ela passou os dedos na bochecha dele. “Nunca sabemos o que o Criador reserva para nós.”

“Se esse seu Criador tiver algum poder, acho que você será promovida a Irmã muito mais cedo do que pensa, Irmã.”

“Tenho que ir. Boa sorte, Richard. Tenha fé.”

Logo que ela saiu ele jogou a capa nos ombros e colocou sua mochila. Tinha que agir agora, enquanto ainda estavam com medo dele, enquanto ainda estavam inseguros. Verificou e sua espada

estava livre em sua bainha. Pendurou a aljava na mochila e o arco no ombro enquanto seguia para a sacada.

Com um nó corredeço, Richard prendeu a corda no corrimão de pedra. Colocou sua faca entre os dentes, e então deslizou por cima da borda, para dentro da escuridão, para dentro do seu elemento.

CAPÍTULO 51



A noite não parecia reduzir o número de pessoas nas ruas de Tanimura. As pequenas fogueiras cozinhando carne em espetos ainda queimavam, e os vendedores ambulantes ainda efetuavam um trabalho ligeiro. Homens o convidaram para jogar dados. Logo que viam sua coleira, pessoas tentavam seduzi-lo para que comprasse tudo desde comida até colares de conchas para a sua dama. Falou para eles que não tinha moedas. Ele riram, dizendo que o Palácio pagaria por qualquer coisa que ele desejasse. Richard encolheu os ombros e continuou andando.

Mulheres vestidas com finas roupas reveladoras se esfregavam nele, rindo e sorrindo enquanto passavam as mãos nele, tentando enfiar os dedos nos bolsos dele. Fizeram ofertas que ele mal podia acreditar. Empurrá-las não as afastava. Seu olhar zangado sim.

Richard ficou aliviado ao deixar a cidade para trás, ao deixar as luzes de tochas, lamparinas, velas e fogueiras para trás, ao deixar para trás os odores e o barulho. Respirou com mais calma quando estava dentro do campo iluminado pela luz do luar. Olhou por cima dos ombros para as luzes cintilantes enquanto subia pelas colinas.

Estava pensando constantemente na coleira em seu pescoço, e ficava imaginando o que aconteceria se fosse longe demais, embora, pelo que Pasha havia dito, isso ficasse a muitas milhas mais do que ele pretendia ir. Mesmo assim, ficava preocupado que ela pudesse estar errada, e que a folga em sua corrente pudesse ficar de repente bem apertada.

Finalmente, ele chegou até um local satisfatório. Inspecionou a elevação gramada que fornecia uma vista geral da cidade ao longe. Em uma área um pouco mais ao lado, conseguia ver as formas

escuras de árvores erguendo-se sob a luz da lua. Sombras negras como a morte espreitavam nos espaços entre elas.

Richard olhou fixamente para aquela escuridão ameaçadora durante algum tempo, tomado por uma leve vontade de seguir para dentro das garras que esperavam em sua noite . Algo nele estava ansioso para entrar ali, e chamar a magia. Algo nele desejava invocar a fúria, deixar ela liberar sua ira, liberar a ira dele.

Parecia como se a sua frustração por ser mantido contra sua vontade, sua fúria por ser um prisioneiro impotente, seu medo por não saber o que aconteceria com ele, e a sua dor por Kahlan, precisassem ser colocadas para fora, como um punho batendo contra a parede quando você está com raiva. De algum modo, aquela floresta prometia a ele essa liberdade.

Finalmente Richard afastou os olhos da Floresta Hagen e começou a juntar lenha. Com sua faca, ele cortou uma pilha de fragmentos dentro de um buraco que tinha cavado com sua bota. Batendo aço contra pedra, ele fez os fragmentos começarem a arder, e assim que eles estavam com uma boa chama, colocou um pouco de madeira. Logo que o fogo estava queimando bem, colocou uma panela, derramou um pouco de água nela, e começou a preparar arroz e feijões. Enquanto esperava cozinhar, terminou de comer um pequeno pedaço de pão que havia sobrado.

Sentou, com os braços em volta dos joelhos, e observou a floresta escura, a Floresta Hagen. Observou a cidade cintilando ao longe. O céu acima era uma abóbada brilhante de estrelas. Também observou o céu esperando ver uma forma familiar escurecer um grupo de estrelas.

Depois de algum tempo, ouviu um barulho suave atrás dele. Ele riu quando os braços peludos o agarraram e derrubaram no chão. Gratch gorgolejou com sua risada gutural, seus braços, pernas e asas tentando envolver seu oponente. Richard fez cócegas nas costelas dele, e Gratch rugiu soltando uma risada rouca. A luta finalmente terminou com Gratch por cima, abraçando Richard com os braços e asas. Richard abraçou o pequeno gar bem apertado.

“Grrratch luuug Raaaach aaarg.”

Richard apertou ele mais forte. “Também amo você, Gratch.”

Gratch encostou um nariz enrugado no de Richard. Seus brilhantes olhos verdes olharam para baixo, e ele soltou uma risada rouca.

Richard enrugou o nariz. "Gratch! Seu hálito está horrível!" Ele sentou, segurando o gar em seu colo. "Você pegou alguma comida sozinho?" Gratch assentiu entusiasmado. Richard abraçou ele de novo.

"Estou muito orgulhoso de você! E fez isso sem moscas de sangue. O que você pegou?" Gratch inclinou a cabeça para o lado. Suas orelhas peludas viraram para frente.

"Pegou uma tartaruga?" Richard perguntou. Gratch riu e balançou a cabeça. "Pegou um cervo?" Gratch se encolheu com o grunhido triste. "Pegou um coelho?" Gratch pulou e balançou a cabeça, adorando o jogo.

"Eu desisto. O que você comeu?"

Gratch cobriu os olhos com as garras, espiando entre deles.

"Um racum? Você pegou um racum?"

Gratch assentiu com um sorriso cheio de dentes, então jogou a cabeça para trás e rugiu enquanto batia no peito.

Richard deu alguns tapinhas nas costas da besta. "Bom para você! Muito bom!"

Gratch soltou uma risada gorgolejante e então tentou empurrar Richard para que voltasse a lutar. Richard estava aliviado que o gar estivesse capaz de caçar sua própria comida. Fez Gratch sentar e ficar quieto enquanto ele verificava o arroz e os feijões. Ele ofereceu a panela.

"Quer comer um pouco do meu jantar junto comigo?"

Gratch inclinou-se chegando mais perto e cheirou a panela cuidadosamente. Sabia que ela estava quente. Tinha se queimado antes e agora era cuidadoso quando Richard cozinhava coisas. Ele enrugou o nariz para o arroz e feijões. Fez um som como um grasnado e encolheu os ombros. Richard sabia que aquilo significava que ele não estava animado, mas se em breve não encontrasse outra coisa ele comeria um pouco.

Richard colocou um pouco para ele em uma tigela. "Sopre. Está quente."

Gratch segurou a pequena tigela perto do rosto e franziu os lábios. Ele soprou ar e cuspiu entre suas presas enquanto tentava esfriar o sua refeição. Richard comeu com uma colher enquanto observava o gar tentando lamber o arroz e os feijões da tigela. Finalmente, Gratch deitou de costas e, segurando a tigela com as garras e os pés, derramou o conteúdo dela na boca. Em três goles ele terminou.

Gratch sentou e bateu as asas. Ele correu se aproximando. Com um murmúrio tristonho, ele esticou a tigela para Richard. Richard mostrou a panela vazia para ele.

“Acabou.” Os olhos de Gratch murcharam. Ele colocou uma garra na tigela de Richard e deu um leve puxão. Richard afastou sua tigela e virou de costas. “É meu. É o meu jantar.”

Gratch conformou-se em esperar pacientemente enquanto Richard acabava de comer. Quando Richard levantou os joelhos e colocou os braços em volta deles enquanto observava a cidade, Gratch agachou e tentou imitar a pose.

Richard tirou o tufo de cabelo do seu bolso. Girou ele sob a luz da lua, olhando fixamente enquanto ele girava. Gratch esticou uma garra. Richard afastou-a com o cotovelo.

“Não,” ele falou com uma voz baixa. “Pode tocar, mas apenas se tiver cuidado.”

Gratch esticou-se, lentamente, tocando cuidadosamente com uma garra no tufo de cabelo. Levantou seus olhos verdes brilhantes, estudando. Tocou no cabelo de Richard com a garra.

Gratch tocou na bochecha de Richard. Tocou em uma lágrima que descia. Richard fungou e engoliu em seco. Colocou o tufo de cabelo de volta no seu bolso.

Gratch colocou um braço magro ao redor do ombro de Richard e encostou a cabeça nele. Richard colocou o braço em volta de Gratch, e eles observaram a noite por algum tempo.

Finalmente decidindo que era melhor dormir um pouco, Richard encontrou um lugar com grama espessa sobre o qual esticou um cobertor. Deitou com Gratch enrolado ali perto, e ambos dormiram.

Richard acordou quando a lua havia descido quase totalmente. Sentou e esticou-se. Gratch fechou os punhos e imitou Richard, adicionando asas ao espreguiçar bocejante. Richard esfregou os olhos. O amanhecer chegaria em uma hora ou duas.

Estava na hora.

Ele levantou, Gratch levantando ao lado dele. “Quero que me escute, Gratch. Tenho algumas coisas importantes para fazer. Está escutando?”

Gratch assentiu, seu rosto enrugado com uma expressão séria. Richard apontou para o céu.

“Vê aquele lugar, com todo aquele fogo, toda a luz? Vou morar ali por algum tempo.” Richard bateu no peito e então apontou para a cidade. “Eu virei até aqui. Mas não quero que você vá até lá. Tem que ficar longe. É um lugar perigoso para você. Você fica longe.” Gratch observou o rosto de Richard. “Vou subir até aqui para visitar você. Está bem?” Gratch pensou por um momento, e então assentiu.

“Fique longe da cidade. E vê o rio ali embaixo? Você sabe o que é um rio; eu mostrei a água para você. Você fica desse lado da água. Desse lado. Entendeu?”

Richard não queria o gar caçando os animais nas fazendas do outro lado do rio. Isso certamente causaria problemas. Gratch olhou do rosto de Richard para a cidade, e então de volta. Ele emitiu um som bem do fundo de sua garganta para expressar sua compreensão.

“E Gratch, se enxergar qualquer pessoa,” Richard bateu no peito e apontou para a cidade, “pessoas como eu, não coma.” Colocou um dedo na frente do rosto de Gratch. “Pessoas não são comida. Não coma nenhuma pessoa.”

“Entendeu?”

Gratch grunhiu desapontado, e então concordou balançando a cabeça. Richard colocou um braço em volta dos ombros do gar e virou ele na direção da Floresta Hagen.

“Agora escute. Isso é importante. Está vendo aquele lugar ali embaixo? Aquela floresta?”

Um rosnado baixo ameaçador saiu da garganta do gar. Seus lábios afastaram mostrando suas presas. O brilho em seus olhos

verdes ficou mais intenso.

“Fique longe dali. Não quero você entrando naquele lugar. Estou falando sério, Gratch. Fique longe.” Gratch observou a floresta, o rosado ainda em sua garganta. Richard agarrou o pelo dele e sacudiu o gar. “Fique longe dali. Entendeu?”

Gratch deu mais uma olhada e finalmente assentiu.

“Tenho que entrar ali, mas não pode me seguir. É perigoso para você ali dentro. Fique do lado de fora.”

Com um choro triste, Gratch colocou um braço em Richard e puxou ele um passo para trás.

“Vou ficar bem; Eu tenho a espada. Lembra da espada? Mostrei minha espada para você. Ela vai me proteger. Mas você não pode entrar comigo.”

Richard esperava que estivesse certo sobre a espada; Irmã Verna tinha falado que a Floresta Hagen era um lugar de magia maligna. Mas ele não tinha escolha. Era o único plano no qual ele conseguiu pensar.

Richard deu um abraço apertado no gar. “Seja um bom garoto. Vá caçar mais comida para você. Virei aqui em cima para ver você, e vamos lutar. Está bem?”

Gratch sorriu com a referência a lutar. Ele puxou animado o braço de Richard. “Agora não, Gratch. Tem algo que preciso fazer. Mas voltarei outra noite e lutarei com você.”

As orelhas de Gratch murcharam outra vez. Seus longos braços envolveram Richard em um abraço de despedida. Richard juntou suas coisas e, com um aceno final, seguiu na direção da floresta. Gratch observou enquanto a floresta escura engoliu ele.

Richard caminhou por quase uma hora. Precisa estar fundo o bastante dentro da Floresta Hagen para ter certeza de que o seu plano funcionaria. Galhos cheios de musgo e videiras pareciam braços esticando para agarrá-lo. Sons flutuavam no meio das árvores - ruídos guturais e longos assovios baixos. Um pouco mais longe, coisas pisavam em água parada por causa de sua aproximação.

Quente, e ofegante pelo esforço da caminhada, ele chegou a uma pequena clareira, alta o bastante para estar seca, e aberta o

bastante para permitir que ele tivesse uma visão de um pequeno caminho de estrelas. Não havia nenhuma pedra ou lenha na clareira, então ele sentou do lado de sua mochila sobre um monte de grama, cruzando as pernas. Ele fechou os olhos e respirou profundamente.

Richard pensou em casa e na Floresta Hartland. Ele deseja estar de volta em sua floresta. Pensou nos amigos dos quais sentia tanta falta, Chase, e Zedd. O tempo todo ele havia crescido com o velho, Richard nunca soube que Zedd era seu avô. Mas sabia que ele era seu amigo, e que eles amavam um ao outro. Ele achou que aquilo era o que importava. De qualquer modo, que diferença isso poderia ter feito? Richard não poderia ter amado ele mais, e Zedd não poderia ter sido mais amigo. fazia tanto tempo desde que tinha visto Zedd. Ainda que tivesse visto ele no Palácio do Povo, em D'Hara, realmente não teve muito tempo para conversar com ele, para colocar os assunto em dia. Não deveria ter partido tão cedo. Queria poder falar com Zedd agora, para buscar sua ajuda e compreensão.

Richard não tinha ideia alguma se Kahlan procuraria Zedd. Porque ela faria isso? Estava livre de Richard, e isso era o que ela queria.

Desejou com todo seu coração que não fosse assim.

Sentia falta do sorriso dela, dos seus olhos verdes, do suave som de sua voz, da sua inteligência e bom senso, do seu toque. Ela deu vida ao mundo para ele. Ele teria entregue sua vida naquele momento só para abraçá-la por cinco minutos.

Mas ela sabia o que ele era, e tinha mandou ele embora.

E ele a deixou livre.

Era para o seu bem. Ele não era bom o bastante para ela.

Antes que percebesse o que estava fazendo, estava procurando a paz dentro de si mesmo, procurando o seu Han, como Irmã Verna tinha ensinado. Tinha praticado quase todo dia quando estivera com ela, e embora nunca tivesse sentido o seu Han, seja lá o que ele fosse, sempre pareceu prazeroso procurar por ele. Era relaxante, e trazia paz.

Pareceu bom fazer aquilo agora. Deixou sua mente encontrar aquele lugar de paz, e deixou suas preocupações desaparecerem.

Em sua mente, como sempre fez, ele imaginou a Espada da Verdade, flutuando no espaço em sua mente. Viu cada detalhe dela, sentiu cada detalhe dela.

Em sua paz, em sua meditação, sem abrir os olhos, Richard sacou sua espada. Não tinha muita certeza do porque, mas pareceu a coisa certa a fazer. O som inconfundível do aço ecoou no ar da noite, anunciando a chegada da lâmina para a Floresta Hagen.

Colocou a espada em cima dos joelhos. A magia dançou com ele no lugar de paz. Se alguma coisa aparecesse, ele estaria pronto.

Agora, tinha que esperar. Levaria algum tempo, ele tinha certeza, mas ela viria.

Quando percebesse onde ele estava, ela viria.

Enquanto ficava sentado imóvel e quieto, a noite retornou à sua atividade normal ao redor dele. Enquanto ele se concentrava na imagem da espada, Richard estava levemente consciente dos gorgolejos e zumbidos de insetos, do baixo e constante coaxar das rãs, e do ruído de ratos e pequenos roedores no meio dos detritos secos no chão da floresta. O ar zunia ocasionalmente com um morcego. Uma vez, ele ouviu um guincho quando uma coruja pegou seu jantar.

E então, enquanto estava sentado imaginando a espada no meio do nevoeiro semelhante a um sonho, a noite ficou imóvel.

Em sua mente, viu a forma escura atrás dele.

Com um movimento ágil, Richard estava de pé e girando, a ponta da espada assoviando através do ar. A forma elástica recuou, e saltou novamente quando a espada passou. Richard sentiu medo de que tivesse errado, de que isso não terminaria tão cedo, de que pudesse dançar com os espíritos, de que pudesse libertar a fúria.

Aquilo se movia como uma capa no vento, escura com a morte, e tão rápida quanto ela.

Eles rodopiaram pela clareira, a espada cintilando na fraca luz da lua, a lâmina cortando o ar, as garras semelhantes a lâminas da forma escura passava como um flash. Richard mergulhou na magia da espada, em sua ira, na sua própria ira. Libertou sua raiva e frustração para unir-se com a própria fúria da espada, excitado na dança com a morte.

Através da clareira eles giraram, como folhas em uma ventania, um evitando a lâmina, o outro, as garras. Saltando e esquivando, eles usavam as árvores como defesa e ataque. Richard deixou os espíritos da espada dançarem com ele. Mergulhou na habilidade da magia, deixou que seu corpo fizesse o que os espíritos aconselhavam, e ele observava, quase em um estado distante, enquanto eles o giravam desse modo e daquele, faziam ele deslizar pelo chão, esquivar para direita e então para a esquerda, saltar e golpear.

Ele estava ansioso para aprender a dança.

Me ensine.

Conhecimento, como a memória, fluía adiante, forjado pela sua vontade em completar a conexão.

Ele tornou-se não o usuário da espada, da magia, dos espíritos, mas mestre deles. A lâmina, a magia, os espíritos, e o homem eram um só.

A forma escura deu o bote.

Agora. Com um golpe firme, a lâmina partiu a forma em duas. Um jato de sangue atingiu as árvores próximas. Um urro de morte deslocou o ar, e então tudo ficou em silêncio.

Richard ficou imóvel ofegante, quase triste que tivesse acabado. Quase.

Havia dançado com os espíritos da morte, com a magia, e ao fazer isso, tinha encontrado a liberdade que buscava; liberdade não apenas de alguns de seus sentimentos de impotência e frustração, mas liberdade também das necessidades mais sombrias que estavam bem fundo dentro dele mesmo que ele não entendia.

* * *

O sol tinha aparecido fazia quase duas horas quando escutou ela se aproximando. Ela estava cambaleando pelo mato, bufando de modo indignado para galhos que esbarravam em suas roupas. Ele podia ouvir gravetos estalando enquanto subia balançando. Soltando sua saia de um espinho, ela tropeçou ao chegar diante dele na clareira.

Richard estava sentado de pernas cruzadas, com seus olhos fechados e a espada descansando sobre os joelhos. Ela parou na frente dele ofegando.

“Richard!”

“Bom dia, Pasha.” Ele abriu os olhos. “Lindo dia, não é?”

Ela segurava sua longa saia marrom um pouco levantada nas mãos. A camisa branca dela estava úmida de suor. Os cabelos dela estavam com carrapichos.

Pasha soprou alguns fios de cabelo do rosto. “Você tem que sair daqui imediatamente. Richard, essa é a Floresta Hagen.”

“Eu sei. Irmã Verna me falou. Lugar interessante; eu até gosto daqui.”

Ela piscou para ele. “Richard, esse lugar é perigoso! O que você está fazendo aqui!”

Richard sorriu para ela. “Esperando você.”

Ela olhou ao redor, para as árvores e sombras escuras. “Alguma coisa aqui está com um cheiro terrível,” ela murmurou.

Pasha agachou na frente dele, mostrando um leve sorriso como uma pessoa faria para uma criança, ou para alguém que considerasse insana. “Richard, você já teve sua diversão, a sua bela caminhada no campo; agora, me dê a sua mão e vamos dar o fora daqui.”

“Não vou até que Verna seja promovida a Irmã de novo.”

Pasha levantou depressa. “O quê!”

Richard segurou a espada e levantou na frente dela. “Não vou sair daqui até que Verna seja devolvida ao nível de Irmã, o mesmo que tinha antes. O Palácio deve escolher o que é mais importante - minha vida; ou manter Irmã Verna como uma noviça.”

Pasha ficou de boca aberta. “Mas a única que pode remover a punição de Verna é Irmã Maren!”

“Eu sei.” Ele encostou o dedo no nariz dela. “É por isso que você vai até lá dizer para Irmã Maren que ela deve vir até aqui, em pessoa, e fazer uma promessa solene de que Verna é uma Irmã novamente, e concorda com meus termos.”

“Não pode estar falando sério. Irmã Maren não vai fazer isso.”

“Não vou deixar esse lugar a não ser que ela faça.”

“Richard, vamos voltar e ver se a Irmã Maren vai discutir isso, mas você não pode ficar aqui. Não vale a pena morrer por isso!”

Ele olhou para ela com uma expressão indiferente. “Isso é problema meu.”

A língua dela molhou os lábios. “Richard, não sabe o que está fazendo. Esse é um lugar perigoso. Sou responsável por você. Não posso permitir que fique aqui!”

“Se você não for embora comigo, então terei que usar a coleira e obrigá-lo a vir comigo, e sei que você não quer isso.”

Richard aumentou a força do aperto no cabo da espada. “Irmã Verna está sendo punida em retaliação contra mim. Fiz um juramento a mim mesmo de restaurar a posição de Verna como Irmã. Não posso permitir que a punição continue. Farei o que for necessário, morro aqui se tiver que morrer.”

“Se usar a coleira para me machucar, ou me arrastar, vou lutar com você, com tudo que tenho. Não sei quem vai vencer, mas se isso acontecer, tenho certeza de uma coisa: um de nós vai morrer. Se for você, então a guerra terá começado. Se eu morrer, então o seu teste para tornar-se uma Irmã vai terminar no primeiro dia. Irmã Verna ainda será uma noviça, mas é assim que ela está agora. Pelo menos eu terei feito o melhor que podia.”

“Estaria disposto a morrer? Por causa disso?”

“Sim. Isso é muito importante para mim. Não vou permitir que Irmã Verna seja punida por causa do que eu fiz. Isso foi injusto.”

A testa dela franziu. “Mas... Irmã Maren é a diretora das noviças. Eu sou uma noviça. Não posso ir falar com ela e dizer que deve reverter a ordem - ela vai arrancar minha pele!”

“Eu sou a causa do problema; você é apenas uma mensageira. Se ela punir você, eu não aceitaria isso, mais do que aceitaria o que fizeram com Irmã Verna. Se Irmã Maren deseja começar uma guerra, então vamos começar. Se ela quiser manter minha trégua, então ela terá que vir até mim, aqui, e concordar com meus termos.”

Pasha olhou fixamente para ele. “Richard, se estiver aqui quando o sol descer, vai morrer.”

“Então eu sugiro que você vá depressa.”

Ela virou, esticando o braço na direção da cidade. “Mas... eu tenho que fazer todo o caminho de volta. Levou horas para chegar aqui. Vai levar horas para voltar, e então tenho que encontrar Irmã Maren, e então convencê-la de que você fala sério, e mesmo se eu conseguir que ela concorde em voltar comigo, ainda teremos que voltar aqui.”

“Você deveria ter usado um cavalo.”

“Mas eu corri até aqui logo que percebi onde você estava! Não estava pensando em um cavalo, ou em qualquer outra coisa! Sabia que havia problema e simplesmente vim atrás de você!”

Ele lançou para ela um olhar indiferente. “Então você cometeu um erro, Pasha. Deveria ter pensado antes de agir.”

Pasha colocou uma das mãos no peito enquanto engolia ar. “Richard, mal dá tempo...”

“Então é melhor se apressar, ou o seu novo desafio vai ficar sentado aqui, na Floresta Hagen, quando o sol descer.”

Os olhos dela umedeceram com tanta frustração e preocupação. “Richard, por favor, você não entende. Isso não é um jogo.”

“Esse lugar é perigoso.”

Ele virou e apontou com a espada. “Sim, eu sei.”

Pasha deu uma olhada em volta dele, para as sombras, e engoliu em seco. Hesitante, ela caminhou até a coisa perto das árvores.

Richard não seguiu atrás dela. Sabia o que estava ali; duas metades de uma criatura nascida de um pesadelo, as entranhas dela espalhadas pelo chão.

Sua cabeça sinuosa, parecida com algo metade homem misturada com uma serpente, ou lagarto, era uma imagem de perversidade; coberta por uma pele negra lustrosa, descendo lisa até a base do pescoço grosso onde começava a mudar para escamas. O corpo flexível tinha a forma muito parecida com a de um homem. A criatura toda parecia ter sido feita para ter velocidade e agilidade mortal.

Ela usava peles cobertas com cabelo negro curto, e uma capa negra com capuz. O que Richard havia considerado como garras não

eram garras, mas facas de três lâminas, uma em cada mão membranosa, com o cabo seguro de maneira invertida no punho. Extensões de aço subiam por cada lado do pulso para dar apoio no momento de um ataque.

Pasha ficou chocada. Richard finalmente caminhou para ficar ao lado dela, olhando para as duas metades da coisa.

Fosse lá o que fosse, ela sangrava, do mesmo modo que qualquer outra criatura. E fedia, como tripas apodrecendo sob o sol.

Pasha ficou tremendo enquanto olhava para coisa. “Querido Criador,” ela sussurrou. “É um mriswith.” Ela deu um passo para trás. “O que aconteceu com ele?”

“O que aconteceu com ele ? Eu matei essa coisa, foi isso que aconteceu. Que tipo de coisa é um mriswith?”

Os grandes olhos castanhos dela desviaram para ele. “O que você quer dizer com, matou ele? Não pode matar um mriswith. Ninguém jamais matou um mriswith.”

O rosto dela era uma imagem de consternação.

“Bem, agora alguém matou um.”

“Você matou durante a noite, não foi?”

“Sim.” Richard franziu a testa. “Como sabe disso?”

“Mriswith raramente são vistos fora da Floresta Hagen, mas houve informes durante os últimos mil anos. Informes fornecidos por pessoas que de algum modo conseguiram viver tempo o bastante para contar o que viram. Os mriswith sempre assume a cor do que está ao redor deles. Em um informe, um levantou no meio da maré, e era da cor de lama. Uma vez, nas dunas de areia, ele estava da cor da areia. Um informe dizia que na luz de um raio de sol, o mriswith estava dourado. Quando eles matam durante a noite, nunca são vistos, porque estão negros, como a noite. Nós achamos que eles possuem a habilidade, talvez a magia, para assumir a cor do que está ao redor deles. Uma vez que esse é negro, imaginei que você matou ele durante a noite.”

Richard segurou o braço dela, afastando-a gentilmente. Ela parecia hipnotizada pela visão da criatura. Ele podia sentir ela tremendo em sua mão.

“Pasha, o que eles são?”

“Coisas que vivem na Floresta Hagen. Não sei o que eles são. Ouvei dizer que na guerra que separou o Mundo Novo do Antigo, os magos criaram exércitos de mriswith. Algumas pessoas acreditam que os mriswith são enviados pelo Sem Nome.

“Mas a Floresta Hagen é o lar deles. E o lar de outras coisas. É por causa deles que ninguém mora no campo desse lado do rio. Às vezes, eles saem da floresta, e caçam pessoas. Eles nunca devoram o que matam, parece que eles matam simplesmente pelo prazer de matar. Mriswith estripam suas vítimas. Alguns vivem tempo bastante para dizer o que os pegou; é assim que sabemos disso.”

“Quanto tempo faz que a Floresta Hagen, as criaturas, estão aqui?”

“Tanto quanto eu sei, pelo menos tanto tempo quanto o Palácio dos Profetas, quase três mil anos.”

Ela segurou na camisa dele. “Durante todo esse tempo, ninguém, nenhuma vez, matou um mriswith. Cada uma das vítimas disse que nunca enxergava até que aquilo o cortava. Algumas daquelas vítimas eram Irmãs, e magos, e nem mesmo o Han deles os avisou. Eles disseram que ficavam cegos para a chegada daquilo, como se tivessem nascido sem o dom. Como é que você conseguiu matar um mriswith?”

Richard lembrou de ter visto aquilo se aproximando em sua mente. Tirou a mão dela da camisa dele. “Talvez eu simplesmente tive sor te.”

“Alguém acabaria pegando um deles mais cedo ou mais tarde. Talvez esse tivesse apenas metade da inteligência.”

“Richard, por favor, venha comigo. Essa não é a maneira de fazer um teste de determinação com o Palácio. Isso poderia matar você.”

“Não estou testando a determinação de ninguém, estou assumindo a responsabilidade por minhas ações. É culpa minha que Irmã Verna tenha sido rebaixada; Tenho que consertar isso. Estou assumindo uma posição pelo que é certo. Se não fizer isso, então eu não s ou nada.”

“Richard, se o sol descer com você na Floresta Hagen...”

“Está desperdiçando um tempo precioso, Pasha.”

CAPÍTULO 52



Já era final da tarde quando escutou elas se aproximando. Escutou o som de apenas um cavalo, e a voz de Pasha gritando a direção. Finalmente elas entraram na clareira.

Richard colocou sua espada na bainha. "Bonnie!" Ele coçou o pescoço da égua. "Como vai, garota?"

Bonnie tocou o peito dele com o focinho. Richard colocou os dedos nos lados da boca da égua e sentiu os freios enquanto Irmã Maren franzia a testa para ele.

"Estou feliz de ver que você usa um bridão, Irmã."

"Os cavaleiros disseram que não conseguiam achar os *spade bits*." Ela olhou para ele desconfiada. "Parece que eles desapareceram. Misteriosamente."

"É mesmo?" Richard encolheu os ombros. "Não posso dizer que sinto muito."

Pasha estava ofegando por causa do esforço de acompanhar a Irmã no seu cavalo. A blusa branca dela estava molhada de suor. Ela tentava inutilmente arrumar o cabelo. A Irmã deve ter feito Pasha andar, como punição. Irmã Maren, em seu vestido liso marrom abotoado até o pescoço, parecia fresca e confortável em cima do cavalo dela.

"Então, Richard," Irmã Maren falou, quando desmontou, "Estou aqui, como você pediu. O que você quer?"

Ela sabia muito bem o que ele queria, mas Richard decidiu falar novamente com um tom agradável. "É muito simples."

"Irmã Verna deve retornar a ser Irmã. Imediatamente. E você também vai entregar a ela a sua Dacra."

Ela fez um gesto desdenhoso. "E eu aqui pensei que você queria algo que não fosse razoável. Isso é simples. está feito. Verna

voltará a ser Irmã. Isso não faz diferença para mim.”

“E quando ela perguntar porque, não quero que você fale para ela sobre esse acordo comigo. Diga apenas que reconsiderou, ou algo assim, e decidiu reintegrá-la. Se desejar, pode dizer a ela que rezou pela orientação de seu Criador, e chegou a conclusão que ela deveria permanecer uma Irmã.”

Ela passou a mão afastando um pouco do cabelo cor de areia do rosto. “Isso seria adequado para mim. Está satisfeito? Tudo está como você gostaria?”

“Faria isso terminar, e manteria nossa trégua.”

“Bom. Agora que os assuntos insignificantes estão resolvidos, mostre esse urso morto. Pasha deixou metade do Palácio em grande agitação com alguma bobagem a respeito de você matar um mriswith.” Pasha olhava para o chão quanto Irmã Maren direcionou uma careta zangada na direção dela. “A criança tola nunca colocou os pés calçados em qualquer coisa que não tivesse sido varrido, esfregado ou polido. A única vez em que ela colocou a cabeça fora de casa foi para ver os mais novos tecidos rendados que chegaram em Tanimura. Ela não saberia diferenciar um coelho de uma raposa, e certamente não reconheceria um... Que cheiro é esse?”

“Tripas de urso,” Richard falou.

Ele esticou o braço, mostrando o caminho para ela. Pasha se afastou respeitosamente. Irmã Maren alisou o vestido nos quadris e marchou na direção das árvores. Pasha deu uma espiada nele, e quando eles ouviram a exclamação de susto da Irmã Maren, ela levantou a cabeça completamente e sorriu.

Quando Irmã Maren caminhou de volta, o rosto dela branco como lençol de cama, Pasha voltou a observar o chão.

Os dedos trêmulos de Irmã Maren levantaram o queixo de Pasha. “Você falou a verdade,” ela sussurrou. “Me perdoe, criança.”

Pasha fez uma reverência. “Claro, Irmã Maren. Obrigada por aproveitar o tempo para verificar o que eu falei.”

A atitude arrogante de Irmã Maren tinha desaparecido, sendo substituída por sincera preocupação. Ela virou para Richard.

“Como essa criatura morreu?” Richard levantou a espada tirando-a da bainha até um certo ponto e depois enfiou de volta.

Então o que Pasha disse é verdade? Você a matou?"

Richard encolheu os ombros. "Passei grande parte do meu tempo fora de casa. Sabia que não era um coelho."

Irmã Maren voltou até a criatura, resmungando para si mesma. "Eu devo estudá-la. Essa é uma oportunidade sem precedentes."

Pasha olhou para Richard e enrugou o nariz com nojo quando a Irmã passou o dedo sobre uma boca sem lábios, tocou nos buracos dos ouvidos, e passou as mãos na pele negra lustrosa. Ela remexeu nas roupas de pele, puxando-as para um lado e para outro enquanto inspecionava.

Ela levantou, observando as tripas. Finalmente, virou para Richard.

"Onde está a capa? Pasha disse que tinha uma capa."

Quando o mriswith havia dado o bote, e ele tinha cortado ele em dois, a capa tinha levantado e desse modo ficou intacta. Enquanto Richard estivera esperando que Pasha voltasse com a Irmã, tinha aprendido acidentalmente a coisa impressionante que a capa podia fazer. Depois disso, limpou ela do sangue, pendurando-a sobre galhos para secar, e então guardou-a em sua mochila. Não tinha nenhuma intenção de entregar aquela capa.

"É minha. É um prêmio de batalha. Vou ficar com ela."

Ela pareceu perplexa. "Mas, as facas... os homens não gostam de coisas desse tipo como prêmios de batalha? Porque você iria querer uma capa ao invés das facas?"

Richard tocou no cabo da espada. "Tenho minha espada. Porque eu iria querer facas que provaram serem inferiores em comparação com minha espada?"

"Eu sempre quis uma longa capa preta, e essa é muito boa, então vou ficar com ela."

A expressão de raiva voltou ao rosto dela. "Essa é outra condição de sua trégua?"

"Se for necessário."

O rosto dela suavizou. Ela suspirou. "Acho que isso não importa. A criatura que é o importante, não sua capa."

Ela virou novamente para o cadáver fedorento. "Devo estudar isso."

Enquanto ela se curvava outra vez sobre o mriswith, Richard pendurou o seu arco, aljava e mochila na frente da sela. Colocou o pé no estribo e subiu em Bonnie.

“Não fique depois que o sol descer, Irmã Maren.”

She glanced over her shoulder. 'My horse. You can't have my horse.'

Richard sorriu como um pedido de desculpas. “Eu torci o meu tornozelo lutando com o mriswith. Tenho certeza que você não gostaria que o mais novo pupilo do Palácio fosse mancando todo o caminho de volta para casa, gostaria? Posso cair e partir o meu crânio.”

“Mas...”

Richard se abaixou e segurou o braço de Pasha. Ela ficou surpresa quando ele a levantou, colocando-a sentada atrás dele em cima de Bonnie. “Por favor não espere o sol descer enquanto estiver aqui, Irmã. Ouvi dizer que é perigoso ficar na Floresta Hagen depois de escurecer.”

Pasha escondeu o rosto do campo de visão da Irmã, e ele conseguiu sentir ela rindo suavemente nas costas dele.

“Sim, sim,” Irmã Maren falou, seus olhos já estavam perdidos sobre o mriswith, “Está bem. Vocês dois podem voltar. Fizeram bem, os dois. Eu devo estudar essa criatura antes que os animais acabem com ela.”

Pasha abraçou ele com tanta força que ele mal conseguia respirar. Sentir os seios firmes dela comprimidos nas costas dele causava distração. Os dedos dela apertavam o peito dele, tentando segurar da melhor forma, como se ela estivesse com medo de cair a qualquer momento.

Quando eles ficaram livres da floresta, e entraram em colinas abertas, ele diminuiu a velocidade de Bonnie para uma caminhada e afastou as mãos de Pasha.

Ela colocou as mãos de volta rapidamente. “Richard! Eu posso cair!”

Ele soltou as mãos dela outra vez. “Você não vai cair. Apenas fique calma, e deixe os seus quadris moverem-se junto com o

cavalo. Use o seu equilíbrio; não precisa agarrar em mim como se estivesse com medo de morrer.”

Ela segurou nos lados dele. “Bem, vou tentar.”

O céu estava ficando dourado quando eles desciam as colinas arredondadas na direção da cidade. Richard balançava junto com os passos de Bonnie enquanto ela passava sobre pedras e por pequenas ravinas, e pensou a respeito do mriswith, e seu desejo de lutar contra ele. A vontade de voltar para dentro da Floresta Hagen ainda ardia no fundo de sua mente.

“Seu tornozelo não está machucado de verdade, está?” Pasha perguntou depois de uma longa cavalgada em silêncio.

“Não.”

“Você mentiu para uma Irmã. Richard, você deve aprender que mentir é errado. O Criador odeia mentiras.”

“A Irmã Verna falou isso.”

Decidiu que não queria mais cavalgar com ela segurando nele, então ele desmontou e conduziu Bonnie pelas rédeas. Pasha deslizou para frente na sela.

“Então porque fez se sabia que isso é errado ?”

“Porque eu queria fazer a Irmã Maren voltar caminhando. Ela fez você caminhar o caminho todo até lá como punição por algo que não era culpa sua.”

Pasha escorregou descendo de Bonnie e foi caminhar ao lado dele. Ela passou os dedos entre os cabelos, tentando arrumar eles até ficar satisfeita.

“Isso foi muito gentil de sua parte.” Ela colocou uma das mãos no braço dele. “Acho que vamos nos tornar bons amigos.”

Richard fingiu virar e olhar ao redor enquanto caminhava e assim o braço dela escorregou. “Você pode tirar essa coleira ?”

“O Rada'Han? Bem, não. Somente uma Irmã consegue remover um Rada'Han. Eu não sei como.”

“Então não vamos ser amigos. Você não tem utilidade para mim.”

“Você enfrentou um grande risco pela Irmã Verna. Ela deve ser sua amiga. Uma pessoa só faz coisas assim por amigos. Você desviou do seu caminho para garantir que eu tivesse um cavalo para

cavalgar de volta. Deve ter esperança de que possamos nos tornar amigos.”

Richard observou o campo adiante enquanto caminhava. “Irmã Verna não é minha amiga. Eu fiz o que fiz apenas porque o que fizeram com ela foi culpa minha e era injusto. Essa é a única razão.”

“Quando eu decidir retirar essa coleira, somente aqueles que me ajudarem serão meus amigos. Irmã Verna deixou claro que ela não vai ajudar a retirar a coleira. Ela planeja que ela continue em mim. Quando a hora chegar, se ela ficar no meu caminho, vou matá-la, do mesmo modo como vou matar qualquer outra Irmã que tentar me impedir. Do mesmo modo como vou matar você, se ficar no meu caminho.”

“Richard,” ela brincou, “você é um simples estudante; não deveria gabar-se tanto dos seus poderes. Isso é impróprio para um jovem. Não deveria nem brincar com essas coisas.” Ela segurou o braço dele novamente. “Não acredito que você machucaria uma mulher...”

“Então o que você acredita está errado.”

“A maioria dos jovens tem problemas para se ajustar no início, mas você vai começar a confiar em mim. Vamos nos tornar amigos, tenho certeza disso.”

Richard afastou o braço e virou para ela. “Isso não é um jogo, Pasha. Se você entrar no meu caminho quando eu decidir que a hora chegou, vou cortar sua linda garganta.”

Ela olhou para ele com um sorriso envergonhado. “Você acha mesmo que eu tenho um pescoço lindo?”

“Eu falei apenas em sentido figurado,” ele grunhiu.

Ele continuou, levando Bonnie adiante. Pasha acelerou o passo para acompanhar. Ela caminhou em silêncio por algum tempo, ocupando-se em tirar pequenos nós e carrapichos do cabelo.

Richard não estava com humor para ser agradável. Matar o mriswith havia dado a ele uma estranha sensação de satisfação, mas agora isso estava desaparecendo, e sua frustração com a sua situação estava retornando, e isso trouxe junto a raiva.

O rosto de Pasha se iluminou. Ela abriu um sorriso agradável.

“Não sei nada sobre você, Richard. Porque não me fala sobre você?”

“O que você quer saber?”

“Bem, o que você fazia... antes de vir para o Palácio? Você tem algum tipo de habilidade? Uma profissão na qual trabalhava?”

Richard arrastou suas botas na terra. “Eu era um guia florestal.”

“Onde?”

“Onde eu cresci, em Hartland, em Westland.”

Pasha puxou a camisa branca, afastando-a do peito, tentando secar ela. “Eu temo não saber onde fica isso. Não sei a respeito do Mundo Novo. Algum dia, quando eu for uma Irmã, talvez eu seja escolhida para ir até lá, e ajudar um garoto.”

Richard não falou nada, então ela continuou. “Então você era um guia florestal. Isso deve ter sido assustador, estar lá fora na floresta o tempo todo. Você não ficava com medo dos animais? Eu ficaria com medo dos animais.”

“Porque? Se um coelho pulasse de um arbusto, você poderia simplesmente transformar ele em cinzas com o seu Han.”

Ela riu. “Eu ainda ficaria assustada. Gosto mais da cidade.” Ela afastou um pouco de cabelo do rosto e olhou para ele enquanto caminhavam. Tinha um jéito engraçado de franzir o nariz dela. “Você tem uma... bem, você sabe, uma garota, um amor, ou algo assim?”

Richard foi pego de surpresa pela pergunta. Sua boca abriu, mas nenhuma palavra saiu. Ele a fechou rapidamente. Não estava disposto a conversar com ela sobre Kahlan.

“Eu tenho uma esposa.”

Pasha perdeu um passo. Ela acelerou para voltar a acompanhar o ritmo. “Uma esposa!” Ela pensou por um momento. Agora a voz dela estava sem alegria. “Qual é o nome dela?”

Richard manteve os olhos voltados para frente enquanto caminhava. “O nome dela é Du Chaillu.”

Pasha enrolou um pouco de cabelo no dedo. “Ela é bonita ? Como ela parece?”

“Sim, ela é bonita. Tem cabelo negro, um pouco mais comprido do que o seu. Tem seios atraentes, e o resto do corpo dela também é muito bonito.”

Com o canto do olho ele podia ver o rosto de Pasha ficar vermelho. Ela segurou na ponta dos fios de cabelo dela. Sua voz saiu lenta e fria, independente da vontade dela em tentar mostrar indiferença no assunto.

“Quanto tempo faz que você a conheceu?”

“Alguns dias.”

A mão dela afastou do cabelo. “O que você quer dizer com, alguns dias? Como você pode conhecer ela apenas alguns dias?”

“Quando Irmã Verna e eu fomos até a terra dos Majendie, alguns dias atrás, eles a mantinham acorrentada. Queriam sacrificá-la para os espíritos deles, e queriam que eu a matasse. Irmã Verna disse que eu deveria fazer como os Majendie queriam, para que pudéssemos atravessar pela terra deles.

“Ao invés disso, eu desobedeci Irmã Verna, e atirei uma flecha na Mãe Rainha deles, pregando o braço dela em um poste. Eu falei para eles que se não deixassem Du Chaillu partir, e fizessem paz com os Baka Ban Mana, eu atravessaria a cabeça da Mãe Rainha com a próxima flecha. Eles sabiamente concordaram.”

“Ela é uma das selvagens?”

“Ela é Baka Ban Mana. Uma mulher sábia. Não é uma selvagem.”

“E ela casou com você porque você foi o herói dela? Porque resgatou ela?”

“Não. Irmã Verna e eu tivemos que passar pela terra dela, para chegar até aqui. Quando estivemos lá, eu matei os cinco maridos dela.”

Pasha agarrou ele pelo braço. “Eles são mestres das lâminas! Você conseguiu matar cinco deles?”

Richard começou a andar novamente. “Não, eu matei trinta.” Pasha engoliu em seco. “Os cinco maridos dela estavam entre os trinta. Du Chaillu é a mulher espírito deles, e falou que agora eu era o líder do povo dela. Falou que uma vez que ela era a mulher espírito, e eu o líder deles, seu Caharin, agora eu era marido dela.”

O sorriso de Pasha retornou. "Então você não é realmente o marido dela. Ela estava apenas contando alguma das besteiras selvagens... alguma das besteiras espirituais Baka Ban Mana dela."

Richard não falou coisa alguma. O sorriso de Pasha evaporou. Sua expressão de confusão voltou. "Então como você sabe como são os seios e o resto do corpo dela?" Ela olhou para o outro lado e deu um suspiro. "Imagino que ela o recompensou pelo seu heroísmo."

"Eu sei porque quando eles mandaram que eu entrasse para matá-la, ela estava com uma coleira no pescoço e estava acorrentada a uma parede. Ela estava presa nua naquela coleira para que os homens pudessem estuprá-la sempre que eles desejassem." Pasha afastou os olhos outra vez. "Agora ela está com uma criança, de um daqueles homens. Acho que porque as pessoas que serão sacrificadas ficam presas em uma coleira, as Irmãs nunca pensaram em colocar um fim nisso. Acredito que as Irmãs não se importam muito com o que acontece com alguém que está em uma coleira."

"As Irmãs se importam," Pasha falou baixinho.

Richard não discutiu. Ele continuou caminhando em silêncio. Pasha pareceu estar com frio quando cruzou os braços debaixo dos seios. O céu estava ficando púrpura, mas não estava ficando frio; ainda estava quente.

Após algum tempo, O passo de Pasha recuperou um pouco de seu entusiasmo. Ela deu uma espiada, o sorriso de volta.

"Então, e quanto a você? Você tem o dom. O seu pai tinha o dom também? Foi dele que você herdou?"

O humor de Richard afundou como uma pedra em um poço. "Sim, meu pai tinha o dom."

Ela levantou os olhos esperançosa. "Ele ainda está vivo?"

"Não. Ele foi morto faz algum tempo."

Pasha alisou a frente da saia dela. "Oh. Sinto muito, Richard."

As mãos de Richard apertaram as rédeas com mais força. "Eu não. Fui eu quem matou ele."

Ela congelou. "Matou o seu pai ? O seu próprio pai?"

O olhar zangado de Richard concentrou-se nela. "Ele tinha me capturado, e colocou em mim uma coleira para que eu fosse

torturado. Matei a bela jovem que segurava a correia da coleira, e então matei ele.”

Ela não teve dificuldade em reconhecer a ameaça na voz, nas palavras, ou nos olhos dele.

O lábio inferior dela começou a tremer, e então Pasha explodiu em lágrimas, virou, e correu. Levantando a saia nos punhos, ela deu a volta em uma rocha que projetava-se do chão e seguiu sobre a borda da colina.

Richard soltou um longo suspiro enquanto amarrava as rédeas num pedaço de granito. Deu um tapinha no pescoço de Bonnie.

“Seja uma boa garota. Espere por mim aqui.”

Ele encontrou Pasha sentada em uma pedra com os braços enrolados ao redor dos joelhos enquanto chorava. Richard deu a volta para ficar cara a cara com ela, mas ela afastou o rosto. Os ombros dela tremiam enquanto ela soluçava.

“Vá embora!” Ela encostou a testa nos joelhos enquanto gemia. “Ou você veio para me cortar em pedaços?”

“Pasha...”

“Você só está preocupado em matar pessoas!”

“Isso não é verdade. Não quero nada mais do que acabar com a matança.”

“Oh, claro,” ela gritou, “é por isso que você não fala em outra coisa!”

“Só faço isso porque...”

“Estive rezando por esse dia quase a minha vida toda! Tudo que eu sempre quis foi ser uma Irmã da Luz. As Irmãs ajudam pessoas. Queria ser uma delas!” Ela entregou-se às lágrimas. “Agora não vou ser uma Irmã.”

“É claro que vai.”

“Não se dependa de você! Pelo que continua dizendo, você pretende matar nós todas! Desde o primeiro momento, tudo que você tem feito é nos ameaçar!”

“Pasha, você não entende.”

O rosto manchado de lágrimas dela levantou. “Não entendo? Fizemos um grande banquete para fazer você se sentir bem-vindo, maior ainda do que o banquete da colheita. Eu tive que ir sem você

e dizer a todos que você estava doente. Todos ficaram olhando para mim! As outras noivas pegaram garotos que desejam aprender. Minhas amigas já vieram falar comigo reclamando que os jovens delas levavam para elas um sapo ou um besouro no bolso. Você traz para mim um mriswith!”

“Irmã Maren falou que fizemos bem hoje. É muito difícil ela falar isso. Não é uma coisa que ela faça a não ser que esteja falando sério.”

“Você foi cruel com Irmã Maren. Ela tem sido a diretora das noivas desde que eu vim para cá. Ela é rígida, mas isso porque ela se importa conosco. Ela toma conta de nós.”

Pasha soltou um soluço. “Quando eu era pequena, no primeiro dia quando vim ao Palácio, eu estava com medo. Nunca tinha ficado longe de casa. Irmã Maren fez um pequeno desenho para mim. Ela disse que era uma imagem do Criador.”

“Colocou ela no meu travesseiro e me falou que Ele tomaria conta de mim durante a noite, então eu ficaria em segurança.”

Pasha tentou conter as lágrimas, mas não conseguiu. “Sempre guardo aquela imagem. Queria dar para o meu garoto na primeira noite dele, então ele não ficaria com medo. Ela estava comigo ontem. Quando avistei você, vi que era adulto, sabia que não poderia entregar ela para você. Não queria deixar você constrangido.”

“E quando vi você, eu pensei, Bem, Pasha, ele não é um garoto, como todas as outras noivas receberam, mas o Criador entregou a mim o homem mais bonito que eu já tinha visto. Eu estava tão feliz que estava usando o meu vestido mais bonito, o que eu estava guardando para aquele dia.” Ela fez uma pausa para respirar. “E então você diz que eu estou feia!”

Os olhos de Richard fecharam. “Pasha, sinto muito.”

“Não, você não sente!” ela gritou. “Você não é nada além de um brutamontes! Nós estávamos com tudo preparado para você. Demos a você um dos melhores quartos no Palácio. Você nem se importou. Providenciamos dinheiro para qualquer coisa que pudesse precisar ou querer, e você age como se fosse um insulto. Preparamos belas roupas novas, e você torceu o nariz para elas!”

Ela enxugou as lágrimas, mas outras tomaram o lugar delas. "Eu seria a primeira a admitir que tem algumas Irmãs que se acham importantes demais, mas a maioria delas é tão gentil que não pisariam em um inseto. E você segura uma espada sangrenta na frente delas e jura que vai matá-las!"

Levantou os punhos segurando a saia e cobriu o rosto enquanto tremia com soluços. Richard colocou uma das mãos no ombro dela mas ela afastou a mão dele.

Richard não sabia o que fazer com suas mãos. "Pasha, eu sinto muito. Sei que deve parecer como..."

"Não, você não sente! Não sente nem um pouco! Quer tirar o Rada'Han, mas esse é o meu trabalho, ensiná-lo a usar o seu dom para que você consiga tirar a coleira. Mas você não vai deixar que eu faça isso! Sem a coleira, você teria morrido."

"Duas Irmãs entregaram suas vidas por você. Elas nunca mais voltarão para casa, para suas amigas. Aquelas amigas choraram em segredo, e colocaram um sorriso no rosto para receber você. Em troca por tentarmos ajudá-lo, tentamos salvar sua vida, você ameaça que vai nos matar!"

Richard colocou a mão suavemente na cabeça dela. "Pasha..."

"Eu nunca vou ser uma Irmã. Ao invés de pegar um garoto que quer aprender, eu peguei um homem louco com uma espada. Vou ser eternamente objeto de risadas no Palácio. Vão dizer para as garotinhas que elas devem se comportar ou vão acabar como Pasha Maes, e serão colocadas de lado como ela foi. Meus sonhos acabaram em ruína."

Vê-la soluçando com tanta dor e tristeza fez ele sofrer. Richard segurou ela nos braços. No início ela lutou, tentando afastá-lo, mas quando puxou-a contra o corpo dele e colocou a cabeça dela em seu ombro, ela amoleceu e chorou com mais força. Richard abraçou-a bem apertado e acariciou a costa dela enquanto ela tremia e chorava. Balançou ela suavemente em seus braços.

"Eu só queria ajudar você, Richard," ela soluçou. "Só queria ensinar você."

Ele tentou acalmá-la. "Eu sei. Eu sei. Vai ficar tudo bem."

Ela balançou a cabeça no ombro dele. "Não, não vai."

“Sim, vai sim. Você vai ver.”

Finalmente, as mãos dela levantaram, agarrando a camisa dele enquanto ela chorava. Richard não tentou impedir as lágrimas dela, apenas continuou abraçando-a, tentando dar conforto.

“Você realmente acha que poderia me ensinar a usar o dom, e que então as Irmãs poderiam tirar a coleira?”

Ela fungou. “Esse é o meu trabalho. Foi para isso que fui treinada. Eu queria tanto mostrar para você a beleza do Criador, do presente que ele deu a você. É tudo que eu queria.”

Os braços dela o envolveram. Ela se pendurou nele, como se tentasse obter apoio. Ele acariciou o cabelo dela.

“Richard, quando toquei você ontem, quando toquei o seu Rada'Han, e senti um pouco do seu Han, senti um pouco dos seus sentimentos. Sei que está machucado por dentro. Isso me fez sofrer só por sentir um pouco.”

A mão dela deslizou para o lado do pescoço dele, como que para confortá-lo. “Não sei de muitas coisas que possam causar tanto sofrimento. Richard, não estou pedindo para tomar o lugar dela.”

Os olhos de Richard fecharam quando ele baixou a cabeça no ombro dela. Ele engoliu a dor. Ela passou os dedos pelo cabelo dele e segurou sua cabeça perto da cabeça dela.

Depois de algum tempo, ele recuperou sua voz. “Usar algumas daquelas roupas de vez em quando talvez não me machuque.”

Ela se afastou um pouco, olhando para cima entre as lágrimas. “Talvez só na sala de jantar, com as Irmãs?”

Ele encolheu os ombros. “Essa seria uma boa utilidade para elas, eu acho. Você pode escolher uma que gostaria que eu vestisse. Não sei nada sobre roupas elegantes.” Ele mostrou um leve sorriso. “Sou apenas um guia florestal.”

O rosto dela se iluminou. “Você ficaria muito bonito no casaco vermelho.”

Richard se encolheu. “O vermelho? Tem que ser o vermelho?”

Ela desceu o dedo até o Agiel pendurado no pescoço dele. “Não, não tem que ser aquele. Eu só achei que ele ficaria bem nos seus ombros largos.”

Richard suspirou. "Vou me sentir idiota com qualquer um. Pode muito bem ser o vermelho."

"Não vai ficar idiota; você vai ficar muito bonito." Pasha sorriu. "Você vai ver. Todas as mulheres vão piscar para você." Ela levantou o Agiel. "Richard, o que é isso?"

"É só um tipo de amuleto de boa sorte. Está pronta para voltar? Acho que você precisa começar a me ensinar. Quando mais cedo você começar, mais cedo eu tiro essa coleira. Então nós dois seremos felizes; você será uma Irmã, e eu estarei livre."

Ele colocou o braço em volta dos ombros dela e ela colocou o dela na cintura dele enquanto caminhavam de volta até Bonnie.

CAPÍTULO 53



Na ponte para a Ilha Halsband, em uma área iluminada embaixo de uma lamparina, uma multidão de garotos e homens jovens aglomerava-se em volta deles. Muitos estavam vestidos com roupas elegantes, alguns usavam mantos, e cada um deles tinha um Rada'Han em volta do pescoço.

Todos estavam excitados fazendo perguntas ao mesmo tempo, querendo saber se era verdade que Richard matou um mriswith, e qual era a aparência dele. Queriam dizer os seus nomes para Richard, e pediam a ele que sacasse a sua espada e mostrasse com tinha derrotado o monstro lendário.

Pasha falou com o garoto mais persistente que estava perto do seu quadril. "Sim, Kipp, é verdade que Richard matou um mriswith. Irmã Maren está estudando ele agora, e se ela considerar apropriado, vai falar a vocês sobre a natureza dele. Mas posso dizer que é realmente uma besta de aparência assustadora. Agora, caiam fora todos vocês. Está quase na hora do jantar."

Independente do desapontamento deles sobre o fato de que mais nenhuma informação seria fornecida, eles estavam excitados com o que tinham escutado. Eles correram em grupo para contar aos outros.

Após deixar Bonnie nos estábulos, Richard caminhou com Pasha descendo por corredores e através de vastas câmaras, tentando memorizar o layout. Ela apontou para os salões de jantar dos garotos, e o salão de jantar onde as Irmãs e alguns dos jovens com maior idade comiam. Ela também o levou pelas cozinhas, onde os aromas de comida flutuavam pelos corredores próximos.

Pasha apontou, através de uma passagem com uma forma de arco coberta por ripas cruzadas, para um gracioso muro de pedra

que corria sob os galhos de árvores espalhados. Em alguns pontos o muro estava cheio de videiras. Grandes flores brancas pontilhavam o verde.

“Aquele é o escritório da Prelada, e o aposento dela,” Pasha falou.

“Ela estará no jantar esta noite?”

Pasha riu suavemente. “Não, é claro que não. A Prelada não tem tempo para jantar conosco.”

Richard virou saindo do corredor e descendo por um passadiço na direção de um portão no muro.

“Richard! O que você está fazendo? Aonde você vai?”

“Quero falar com a Prelada.”

“Não pode simplesmente visitar ela!”

“Por que?”

Ela alcançou ele depressa. “Bem, ela é uma mulher ocupada. Não pode ser perturbada. Eles não vão deixar que você fale com ela. Os guardas não vão deixar nem que passemos do portão.”

Ele encolheu os ombros. “Pedir não vai machucar, vai? Então, mais tarde, você pode escolher uma roupa para mim, e nós vamos jantar com as Irmãs. Está bem?”

A oferta de deixar ela escolher a roupa dele fez ela hesitar. Pasha gaguejou que imaginava não fazer mal algum apenas pedir e fez um esforço para acompanhar ele enquanto marchava na direção do guarda. O guarda deu um passo diante do portão de ferro, afastou os pés, e enfiou os dedões no cinto com armas quando Richard caminhou diretamente até ele.

Richard colocou uma das mãos no ombro do homem. “Sinto muito. Perdoe-me. Por favor? Não causei a você nenhum problema, causei? Espero que não. Ela ainda não saiu para gritar com você, eu espero.”

O homem franziu a testa confuso enquanto Richard se inclinava chegando mais perto. “Olha... qual é o seu nome?”

“Espadachim Andellmere. Kevin Andellmere.”

“Olha, Kevin, ela disse que mandaria o guarda no portão oeste me buscar se eu estivesse atrasado ao menos um minuto.”

“Provavelmente ela esqueceu de mandar você. Não é culpa sua. Prometo que não vou mencionar o seu nome. Espero que você não esteja com raiva de mim.”

Richard colocou as costas para Pasha e chegou ainda mais perto do guarda. “Você entende.” Ele desviou os olhos na direção de Pasha e então piscou para o homem. Kevin olhou para Pasha enquanto ela mexia no cabelo. “Hum ? Você entende, eu tenho certeza. Olha, Kevin, diga que vai deixar que eu pague uma cerveja. Não vai? É melhor eu entrar lá antes que você tenha problemas, mas antes que eu vá, promete que vai deixar eu pagar uma cerveja, para acertar as coisas com você?”

“Bem, acho que eu poderia deixar você me lagar uma cerveja...”

Richard bateu no ombro de Kevin. “Aqui está um bom homem.”

Pasha estava bem nos calcanhares de Richard quando ele avançou depressa passando pelo guarda e pelo portão. Ele virou e acenou para Kevin dando um sorriso.

Pasha chegou perto dele. “Como fez isso? Ninguém passa pelos guardas da Prelada.”

Richard segurou a porta de entrada aberta para ela. “Apenas dei a ele muito no que pensar, e uma preocupação que ele temia que pudesse ser verdadeira.”

Quando ela recebeu uma resposta, após ter batido na porta, eles entraram em um quarto fracamente iluminado com duas escrivaninhas, e duas Irmãs.

Pasha fez uma reverência. “Irmãs. Eu sou a noviça Pasha Maes, e esse é o nosso novo estudante, Richard Cypher. Ele estava pensando se poderia encontrar com a Prelada.”

As duas Irmãs olharam zangadas para ela. A do lado direito falou. “A Prelada está ocupada. Dispensada, noviça.”

Um pouco pálida, Pasha fez outra reverência. “Obrigada por seu tempo, Irmãs.”

Richard fez uma leve reverência. “Sim, obrigado, Irmãs. Por favor transmitam para a Prelada os meus cumprimentos.”

“Eu disse que ela não iria nos receber,” Pasha falou no caminho da saída.

Richard levantou a mochila um pouco mais alto no ombro. “Bem, nós fizemos nossa melhor tentativa. Obrigado por deixar que eu tentasse.”

Ele sabia que Pasha estava certa, que a Prelada não iria recebê-los, mas tinha visto o que queria ver. Só estava interessado em conhecer o layout do lugar e dos arredores para futura referência.

Richard não havia mudado sua opinião a respeito do seu cativo, mas decidiu tentar uma abordagem diferente por algum tempo. Ele aguardaria pelo momento certo, e veria o que elas poderiam lhe ensinar. Nada poderia agradá-lo mais do que ficar livre da coleira sem ter que ferir ninguém.

Na construção onde ficava seu quarto, Gillaume Hall, que recebeu o nome de um profeta, Richard aprendeu, um homem jovem saiu hesitante das sombras no nível inferior, diante dos largos degraus de mármore. O cabelo louro encaracolado em sua cabeça estava cortado baixo dos lados. Suas mãos estavam enfiadas nas mangas opostas de seu manto violeta.

Bordados prateados circundavam os punhos e o pescoço. Ele parecia menor do que era realmente por causa do modo como se curvava.

A cabeça dele baixou levemente para Pasha enquanto seus olhos azuis procuravam por um lugar seguro para fixar. “Seja abençoada, Pasha,” ele falou suavemente. “Você parece adorável esta noite. Rezo para que esteja bem.”

Pasha deu uma olhada para ele, pensativa. “Warren, não é?” A cabeça dele balançou, ficou surpreso que ela soubesse o seu nome. “Estou bem, Warren. Obrigada por perguntar. Esse é Richard Cypher.”

Warren sorriu para Richard com timidez. “Sim, vi você diante das Irmãs, ontem.”

“Suponho que você também quer saber sobre o mriswith,” Pasha disse soltando um suspiro.

“Mriswith?”

‘Richard matou um mriswith. Não era sobre isso que você queria perguntar?’

“Verdade? Um mriswith? Não...” Ele virou de volta para Richard. “Eu queria perguntar se você se importaria em descer até as câmaras alguma hora dessas, e dar uma olhada nas profecias comigo.”

Richard não queria embaraçar o jovem, mas não tinha interesse algum em profecias. “Estou honrado com a oferta, Warren, mas temo que eu não seja muito bom com enigmas.”

Warren desviou os olhos para o chão. “É claro, eu entendo. Entre os outros também não tem muitos que estejam interessados nos livros. Só pensei que talvez, bem, só pensei que uma vez que mencionou aquela profecia em particular ontem, que talvez desejasse conversar a respeito dela. É algo muito especial. Mas eu entendo. Sinto muito ter incomodado você.”

Richard franziu a testa. “Que profecia?”

“Aquela que você mencionou no final. A respeito de ser, bem...” - Warren engoliu em seco - “aquele que traz a morte. Apenas não acho que eu já tenha conhecido alguém que esteja nas profecias.” Ele piscou assustado. “Já que você está nas profecias, eu pensei, bem, pensei que talvez...” A voz dele desapareceu. Olhou para o chão quando começou a se afastar. “Mas eu entendo. Sinto muito ter...”

Richard segurou no braço de Warren gentilmente e fez ele virar. “Como eu disse, não sou muito bom com enigmas.”

“Mas talvez você possa me ensinar alguma coisa sobre eles, assim eu não seria tão ignorante. Eu gosto de aprender.”

O rosto de Warren se iluminou. O corpo todo dele pareceu crescer. Quando ele ficou ereto, estava quase tão alto quanto Richard.

“Eu gostaria disso. Realmente gostaria de conversar com você sobre aquela profecia. Ela é um verdadeiro enigma. Até hoje, as discussões a respeito dela não terminaram. Talvez com sua ajuda...”

Um homem de ombros largos com um manto liso, e usando um Rada'Han, aproximou-se silenciosamente, segurou o manto de Warren no ombro, e afastou-o para o lado. Seus olhos estavam concentrados em Pasha o tempo todo. Mostrou um leve sorriso para ela.

“Boa noite, Pasha. Será hora do jantar em breve. Eu decidi acompanhar você.” Os olhos dele deslizaram pelo corpo dela da cabeça até os pés e então subiram novamente. “Se você puder se lavar. E fizer alguma coisa com seu cabelo. Você está horrível. É melhor fazer isso imediatamente.”

Ele começou a se afastar. Pasha colocou o braço dela no braço de Richard.

“Acho que já tenho outros planos, Jedidiah.”

Jedidiah lançou um rápido olhar para Richard. “O quê, esse garoto do campo? Os dois vão cortar lenha, ou talvez tirar a pele de coelhos?”

“Foi você,” Richard falou. “Eu lembro da sua voz. Foi você quem gritou da sacada, ontem, perguntando, *Completamente sozinho?*”

O sorriso condescendente de Jedidiah parecia surgir com facilidade. “Uma pergunta apropriada, você não acha?”

Pasha levantou o queixo. “Richard matou um mriswith.”

As sobrancelhas de Jedidiah levantaram com falso espanto. “Bem, que ato corajoso do garoto do campo.”

“Você nunca matou um mriswith,” Warren falou.

Jedidiah mostrou um olhar intimidante para Warren. Warren se encolheu. “O que você está fazendo aqui em cima, Toupeira?” Virou para Pasha outra vez. “E você viu ele matar? Eu apostaria que ele estava sozinho quando afirmou ter feito isso. Provavelmente ele encontrou um mriswith que havia morrido por causa da idade avançada, atravessou ele com sua espada, e então gabou-se disso para vocês, para tentar impressioná-los.” Ele redirecionou um sorriso forçado para Richard. “Não foi desse jeito que aconteceu, garoto do campo?”

Richard sorriu. “Você me pegou. Está certo mesmo.”

“Como eu pensei.” Ele mostrou um sorriso repentino para Pasha. “Me procure mais tarde, criança, e vou mostrar a você um pouco da verdadeira magia. A magia de um homem.”

Jedidiah afastou-se de modo altivo e desapareceu fazendo a curva em um corredor. Pasha encostou os punhos nos lábios.

“Porque falou isso! Porque deixou ele pensar aquilo!”

“Fiz isso por você,” Richard falou. “Pensei que você queria que eu parasse de causar problemas e agisse como um cavalheiro.”

Ela cruzou os braços, inquieta. “Bem, eu quero.”

Richard virou para Warren, ainda encolhido contra o pilar de mármore da escada. “Se ele fizer alguma coisa com você, Warren, quero que diga para mim. Eu sou o espinho nas calças dele. Se ele descontar em você, deve me contar.”

Warren ficou animado. “Verdade ? Obrigado, Richard. Mas não acredito que ele se preocuparia comigo. E vou encontrar você lá embaixo nas câmaras, quando você tiver tempo.” Lançou um sorriso tímido para Pasha. “Boa noite, Pasha. É muito bom vê-la novamente. Você está adorável esta noite. Boa noite.”

Ela sorriu. “Boa noite, Warren.” Observou ele descer o corredor apressado. “Que jovem estranho. Quase não consegui lembrar o nome verdadeiro dele. Todos chamam ele de Toupeira. Ele quase nunca sai das câmaras debaixo do Palácio para vir aqui em cima.”

Olhou de lado para Richard. “Bem, esta noite você fez um amigo que não pode servir de ajuda alguma, e um inimigo que pode ferir você. Fique longe de Jedidiah. Ele é um mago experiente, que está quase para ficar livre. Até que você aprenda a se defender com o seu Han, ele pode ferir você. Pode matá-lo.”

“Pensei que fossemos uma grande família feliz.”

“Existe uma hierarquia entre os magos. Os magos com o poder mais forte competem pelo domínio. Às vezes isso fica bastante perigoso. Jedidiah é o orgulho do Palácio, e não aceita muito bem a ideia de que outro possa desafiar a sua supremacia.”

“Não sou desafio algum para o poder de um mago.”

Pasha levantou uma sobrancelha. “Jedidiah nunca matou um mriswith, e todos sabem disso.”

Sentindo-se decididamente desconfortável no casaco vermelho que Pasha tinha escolhido, Richard tentou mostrar que estava gostando do mingau de lentilhas que eles prepararam especialmente para ele. Pasha vestia um maravilhoso vestido verde escuro que fazia mais para revelar sua figura do que para cobrir. Richard achou que ele mostrava os seios dela mais do que era prudente. Os homens jovens que estavam ali como convidados das Irmãs ou de

suas noviças comiam pouco, e observavam bastante. Não perdiam nenhum movimento que Pasha fazia.

Muitos dos jovens com coleiras aproximaram-se e se apresentaram a Richard, dizendo que desejavam conhecer ele melhor. Prometeram mostrar a ele a cidade e algumas de suas vistas mais interessantes. O rosto de Pasha ficou vermelho com aquela última oferta.

Richard perguntou se eles sabiam onde os guardas procuravam cerveja, e eles prometeram levar ele até lá sempre que ele quisesse.

Irmãs de todas as idades, formas, e tamanhos cumprimentavam ele. Todas agiam como se os eventos da noite anterior nunca tivessem ocorrido. Quando Richard perguntou a Pasha porque, ela disse que todas as Irmãs entendiam a dificuldade que um homem jovem tinha em se adaptar com sua chegada ao Palácio. Falou que elas estavam acostumadas a essas explosões de emoções, e não levavam a sério. Richard manteve o pensamento de que dessa vez elas deveriam.

Algumas das Irmãs sorriram e disseram que gostariam de receber a oportunidade de trabalhar com ele, e algumas fizeram cara feia e prometeram que ficariam de olho nele, e prometeram não ser tolerantes com qualquer coisa menor do que os melhores esforços dele. Richard sorriu e falou que não faria menos do que o melhor que pudesse. Ficou pensando consigo mesmo com o que estaria se comprometendo.

Perto do fim da refeição, duas jovens atraentes, uma suando um vestido de cetim rosa, a outra de amarelo, andavam apressadas, parando em várias mesas, falando em sussurros com outras jovens. Finalmente elas chegaram ao canto onde Richard e Pasha estavam sentados.

Uma se inclinou perto de Pasha. "Você já soube?" Pasha mostrou um olhar vazio. "Jedidiah caiu nas escadas." Os olhos dela brilharam ao contar a fofoca. Ela chegou mais perto ainda, excitada com o que falaria a seguir. "Quebrou a perna."

Pasha tomou um susto. "Não! Quando? Nós falamos com ele faz pouco tempo."

A mulher riu e assentiu. “Sim, é verdade. Aconteceu agorinha mesmo, não faz mais do que alguns minutos. As curandeiras estão com ele agora. Não há motivo para preocupação; ele ficará bom pela manhã.”

“Como isso aconteceu?”

A mulher encolheu os ombros. “Ele foi desajeitado. Tropeçou no tapete e caiu.” Ela baixou a voz. “Ele ficou tão furioso que transformou o tapete em cinzas.”

“Fogo do mago!” Pasha sussurrou, incrédula. “Dentro do Palácio? É um grande crime...”

“Não, não, não foi fogo do mago, é claro que não, garota tola. Nem mesmo Jedidiah é tão insolente. Apenas fogo comum. Mas era um dos tapetes mais velhos no Palácio. As Irmãs não estão felizes com a exibição de temperamento explosivo dele. Elas ordenaram que o osso, e a dor, não fossem curadas até de manhã, como punição.”

Com a fofoca finalmente terminada, os olhos e sorrisos das duas jovens desviaram para Richard. Pasha apresentou-as como duas amigas dela, Celia e Dulcy, duas noviças que tinham seus próprios pupilos. Richard foi educado, elogiando os belos vestidos delas, e o modo como o cabelo delas estava arrumado. Os sorrisos delas aumentaram.

Segurando o braço dele quando finalmente foram embora, Pasha agradeceu.

“Pelo quê?”

“Eu nunca tive permissão para comer com as Irmãs, ou com as noviças que estão com um jovem para treinar. Essa foi a primeira vez que jantei como se eu fosse uma Irmã. Você foi gentil e atencioso com todos; fiquei tão orgulhosa em ter você ao meu lado. E você ficou muito bonito com as roupas.”

“Naquele vestido, eu poderia imaginar que você poderia conseguir facilmente alguém muito melhor do que eu como companhia para o jantar.”

Richard abriu o colarinho do casaco elegante. “Nunca usei uma camisa tão enfeitada assim, ou branca. Nem um casaco tão vermelho. Acho que pareço idiota.”

Um sorriso de satisfação surgiu no rosto de Pasha. "Posso garantir a você que Celia e Dulcy não acham você parece idiota. Estou surpresa que você não tenha enxergado como elas ficaram radiantes. Pensei até que elas poderiam decidir sentar no seu colo."

Richard pensou que se Celia e Dulcy gostaram tanto do casaco vermelho, poderiam ficar com ele, mas guardou o pensamento para si mesmo. "Porque um mago importante como Jedidiah não usa roupas elegantes?"

"Apenas magos iniciantes usam roupas assim, e recebem permissão de entrar na cidade. Em um certo momento no progresso de um mago, ele muda para um tipo especial de roupa. Quanto maior for o progresso de um mago, mais modesta é sua roupa. É por isso que Jedidiah usa um manto simples cor de canela, porque ele quase chegou ao fim de seu treinamento."

"Qual é o objetivo de uma regra tão estranha?"

"Ensinar humildade. Aqueles que usam as roupas mais elegantes, os que possuem mais liberdade, e dinheiro ilimitado, são os que possuem menos poder. Ninguém respeita eles por causa dessas coisas. Isso é feito para ensinar aos homens jovens que a maestria vem do interior, não de enfeites no exterior."

"Então, usar essas coisas é uma forma de mostrar o meu baixo nível. Eu já estava usando roupas humildes."

"Você ainda não recebeu autorização de usar mantos humildes. Pode usar suas próprias roupas de vez em quando, se quiser. Porém, se elas fossem mantos simples, isso não seria permitido."

"As pessoas na cidade conhecem as habilidades e o poder de um mago pela sua roupa. Nenhum mago que usa mantos simples tem permissão para entrar na cidade." Ela sorriu. "Algum dia, quando tiver avançado bastante, você terá permissão de vestir os mantos de um mago."

"Não gosto de mantos. Gosto das roupas que eu estava usando."

"Quando sua coleira for removida, e você deixar o Palácio, poderá usar o que desejar. É claro, a maioria passam a respeitar os mantos de sua profissão, e usam elas pelo resto de suas vidas."

Richard mudou de assunto. "Quero falar com Warren. Diga-me como descer até lá."

"Agora? Esta noite? Richard, foi um longo dia, e eu devo ensinar a você a sua primeira lição ainda esta noite."

"Apenas diga como descer até lá. Warren estará lá embaixo tão tarde?"

"Não sei de alguma vez em que ele tenha sido visto em qualquer outro lugar. Acho que ele deve dormir sobre os livros. Fiquei surpresa em vê-lo aqui em cima no Palácio hoje. Só isso já seria assunto para focar se manas."

"Não quero que ele pense que esqueci dele. Só me diga como chegar lá embaixo."

"Bem," ela suspirou, "se você insiste em ir, iremos juntos. Eu devo escoltá-lo aonde quer que você vá dentro do Palácio dos Profetas. Por enquanto, pelo menos."

CAPÍTULO 54



No centro do Palácio dos Profetas, eles começaram sua descida até as câmaras. As escadas nos níveis superiores eram elegantes. Ao descer, as escadas tornaram-se simples, com seus corrimões desgastados e lisos. As serviçais que ele tinha visto nos níveis superiores não podiam ser avistadas em lugar algum.

Paredes com painéis de madeira davam lugar a rocha. Em alguns lugares ele tinha que se abaixar sob grandes vigas. Lamparinas não estavam mais colocadas nas paredes, mas, ao invés disso, tochas amplamente espaçadas iluminavam o caminho. Os sons da vida no Palácio foram deixados para trás, para serem substituídos por completo silêncio. Alguns dos corredores estavam molhados por água que gotejava.

“O que tem nessas câmaras?” Richard perguntou.

“Os livros de profecia. Livros de história, e os registros do Palácio também são mantidos aqui.”

“Porque eles ficam aqui embaixo?”

“Por proteção. Profecias são perigosas para mentes não treinadas. Todas as noviças estudam livros de profecias, mas apenas certas Irmãs tem permissão para ler eles todos, e trabalhar com eles. Jovens magos que mostram que o dom deles lhes fornece uma aptidão para a profecia são ensinados por essas Irmãs.

“Tem poucos homens jovens que trabalham e estudam nas câmaras, mas Warren é para as câmaras o que Jedidiah é para outras formas de magia. Cada mago tem uma especialidade. Vamos trabalhar com você para descobrir qual é a sua habilidade natural. Até que possamos aprender isso, será difícil levar o seu treinamento muito longe.”

“Irmã Verna falou alguma coisa sobre isso. Então, qual você acha que é o meu talento?”

“Geralmente, conseguimos dizer pela personalidade do garoto. Alguns gostam de trabalhar com as mãos, e terminam construindo coisas através da magia. Alguns gostam de ajudar os doentes ou feridos, e tornam-se curandeiros. Coisas assim. Geralmente conseguimos dizer.”

“Então, e quanto a mim?”

Ela olhou brevemente na direção dele. “Nenhuma de nós tinha visto alguém como você. Ainda não temos idéia alguma.” O rosto de Pasha se iluminou. “Mas vamos descobrir.”

Uma enorme porta de pedra arredondada, tão espessa quanto a altura de Richard, estava aberta na escuridão. Além dela estavam salas entalhadas no leito rochoso sobre o qual o Palácio estava apoiado. Lamparinas conseguiam fazer pouco para iluminar o lugar. Havia um bom número de mesas desgastadas compridas com livros e papéis espalhados sobre elas, e prateleiras em fileiras que estendiam-se ao longe para cada um dos lados. Duas mulheres estavam sentadas em mesas, tomando notas enquanto liam sob a luz de velas colocadas perto.

Uma delas levantou os olhos e dirigiu-se a Pasha. “O que você está fazendo aqui embaixo, criança?”

Pasha fez uma reverência. “Viemos para ver Warren, Irmã.”

“Warren? Porque?”

Naquele momento, Warren saiu rapidamente do meio da escuridão. “Está tudo bem, Irmã Becky. Eu pedi que viessem.”

“Bem, da próxima vez, por favor me avise.”

“Sim, Irmã, avisarei.”

Warren entrou no meio dos dois e segurou os braços deles, levando eles até as prateleiras. Quando percebeu que estava tocando em Pasha ele afastou a mão e ficou vermelho.

“Você parece... deslumbrante, Pasha.”

“Ora, obrigada, Toupeira.” Ela ficou vermelha. Colocou uma das mãos no ombro dele. “Sinto muito, Warren... Não queria chamar você assim. Pretendia chamá-lo de Warren.”

Ele sorriu. "Tudo bem, Pasha. Sei que as pessoas me chamam de Toupeira. Pensam que isso é pejorativo, mas eu considero um elogio. Você entende, uma toupeira pode encontrar o caminho no escuro, onde outros ficam cegos. Isso é muito parecido com o que eu faço; encontro o caminho onde outros não enxergam nada."

Pasha suspirou aliviada. "Fico feliz, Warren. Toupeira, você sabia que Jedidiah caiu nas escadas e quebrou a perna?"

"Verdade?" Ele buscou os olhos dela. "Talvez o Criador estivesse tentando ensiná-lo que quando você mantém o nariz empinado demais, não consegue enxergar para onde vai."

"Não acredito que Jedidiah preste qualquer atenção nas lições do Criador," Pasha falou. "Ouvi dizerem que ele estava com tanta raiva que transformou um tapete muito estimado em cinzas."

Warren ainda encarava os olhos dela. "Você é quem deveria ficar com raiva, não Jedidiah. Ele disse coisas cruéis para você."

"Ninguém deveria dizer coisas cruéis para você."

"Geralmente ele é gentil comigo, mas eu admito, eu realmente estava horrível."

"Alguns desses livros parecem horríveis para as pessoas, mas o que está dentro deles é o que importa, não a poeira em suas capas."

Pasha corou. "Ora, obrigada, Toupeira... Eu acho."

Warren olhou para Richard. "Eu não sabia se você realmente viria. A maioria das pessoas dizem que virão, mas nunca aparecem. Estou muito contente que tenha vindo. Venha por aqui. Pasha, sinto dizer que você deve esperar aqui."

"O quê!" Ela se inclinou para frente, e Richard pensou que talvez os seios dela pudessem saltar se ela não endireitasse o corpo. "Eu vou também."

Os olhos de Warren ficaram arregalados. "Mas eu tenho que levar ele para dentro de uma das salas dos fundos. Você é uma noviça. Noviças não tem permissão."

Ela sorriu calorosamente quando levantou o corpo. "Toupeira, se uma noviça não tem permissão, como um aluno novo tem?"

Os olhos de Warren estreitaram. "Ele está nas profecias. Se os profetas acharam adequado escrever sobre ele, dificilmente eles

poderiam planejar que ele não visse.”

Warren pareceu consideravelmente mais confiante aqui embaixo em seu elemento do que havia sido lá em cima no Palácio.

Ele defendia sua posição com confiança. Pasha esfregou o ombro dele. Ele olhou para a mão dela.

“Warren, você é o Toupeira; você mostra para outros o caminho. Eu sou responsável por Richard; eu mostro o caminho para ele. Eu estaria negligenciando minha obrigação se permitisse que ele fosse a algum lugar sem mim tão cedo. Tenho certeza que você pode abrir uma exceção para mim. Não pode, Warren? Isso é para ajudar Richard, para ajudar a entender a profecia e como ele deve servir ao Criador. O importante não é isso?”

Finalmente Warren afastou os olhos dela e pediu que eles esperarem. Ele foi até as duas Irmãs e conversou com elas com um tom calmo. Ele voltou exibindo um sorriso.

“Irmã Becky falou que poderia ser permitido. Falei para ela que você entende um pouco de Alto D'Haran. Caso ela pergunte, diga que sim.”

“O que é Alto D'Haran? Warren, você quer que eu minta para uma Irmã!”

“Tenho certeza que ela não vai perguntar.” Warren virou o rosto para longe. “Eu menti por você, Pasha, para que não tivesse que fazer isso.”

Ela se inclinou chegando mais perto dele. “Warren, se você for pego contando mentiras sobre essas coisas, sabe o que elas vão fazer.”

Ele mostrou um leve sorriso assustado. “Eu sei.”

“O que elas vão fazer?” Richard perguntou, ficando desconfiado repentinamente.

Warren balançou a mão com impaciência. “Não se preocupe. Venham comigo.”

Eles tiveram que seguir depressa atrás dele enquanto ele corria para dentro da escuridão. Eles passaram por filas de prateleiras colocadas bem unidas, terminando em uma sólida parede de pedra. Warren colocou sua mão em uma placa de metal, e parte da parede se afastou, revelando outra câmara atrás. Dentro da pequena sala

havia uma mesa e talvez uma doze fileiras de prateleiras. Quatro lamparinas pareciam deixar claro ali dentro, em comparação.

Dentro, Warren tocou em outra placa e a seção da parede fechou, sepultando eles nas pedras e no silêncio. Puxou uma cadeira para Pasha e fez Richard sentar do lado direito dela. Finalmente, ele tirou um livro coberto de couro das prateleiras e colocou-o cuidadosamente na frente de Richard.

“Por favor não toque nele,” Warren falou. “É muito antigo e frágil. Ultimamente, ele tem sido utilizado mais do que o normal.”

“Permita que eu vire as páginas.”

“Quem tem usado ele?” Richard perguntou.

“A Prelada.” Um sorriso contorceu os lábios de Warren. “Sempre que ela está para vir aqui embaixo, suas duas guardas enormes aparecem primeiro e fazem todos irem embora. Elas esvaziam as câmaras, para que a Prelada possa ter o lugar só para ela, e as pessoas não fiquem sabendo o que ela lê.”

“As guardas enormes dela?” Pasha perguntou. “Você quer dizer as duas Irmãs na frente do escritório dela?”

“Sim,” Warren disse. “Irmã Ulicia, e Irmã Finella.”

“Vimos as duas hoje,” Richard falou. “Elas não pareceram tão grandes para mim.”

Warren baixou sua voz de modo significativo. “Se algum dia você as deixar nervosas, vai pensar o contrário. Elas vão parecer muito grandes, com certeza.”

Richard fez uma pausa observando a expressão de Warren. “Se o lugar fica vazio, como você sabe que ela esteve lendo esse livro?”

“Eu sei.” Ele virou para o livro sobre a mesa. “Eu sei. Ela esteve fazendo a maior parte de sua leitura nesta sala, ultimamente. Eu vivo com esses livros. Posso dizer quando alguém os toca. Está vendo essa marca na poeira? Não é minha. É da prelada.”

Warren abriu a capa cuidadosamente e, com as duas mãos dando apoio, virou as páginas amarelas.

Richard não reconheceu nenhuma das palavras, nem mesmo alguma das letras, na verdade. Em uma das páginas que Warren virou, Richard pensou ter reconhecido algo: um desenho. Aquilo estimulou uma lembrança que estava enterrada profundamente.

Warren virou mais páginas, finalmente parando. Ele se inclinou sobre o ombro de Richard, apontando.

“Essa é a profecia da qual você falou.” Warren deu a volta na direção do lado direito da mesa. “Essa é a original, das mãos do próprio profeta. Poucas já viram isso. Você entende Alto D'Haran?”

“Não. Para mim isso parece apenas rabiscos.” Richard deu uma olhada na escrita sem sentido. “Você disse que havia discussão a respeito do significado dela.”

Os olhos de Warren tinham um intenso brilho. “E tem. Você percebe, essa é uma profecia muito antiga, talvez tão velha quanto o Palácio, talvez mais antiga. Essa é a profecia original. Está em Alto D'Haran, como tudo nesta sala. Poucas pessoas entendem Alto D'Haran.”

Richard assentiu. “Então as pessoas só leram tr aduções, e há razões para acreditar que essas traduções possam não estar precisas.”

“Você entende,” Warren sussurrou. Seus movimentos tornaram-se mais vivos. “Sim, sim, você enxerga o problema.”

“A maioria não enxerga. A maioria pensa que uma coisa em uma língua deve significar uma coisa exata em outra. Procurando completar a tradução, eles usam uma interpretação que combine com sua visão do significado, mas fazendo isso, eles criam um sentido geral que pode ou não ser o significado da profecia.”

“Mas isso não leva em conta possíveis significados diferentes,” Richard falou. “Então, quando eles traduzem, dão a ela apenas uma versão. Eles não podem traduzir sua ambigüidade.”

Warren atirou-se para frente, excitado. “Sim! Você entendeu! É isso que eles não entendem, e então discutem as várias traduções, como se houvesse um jeito certo e um jeito errado de fazer isso. Mas isso é Alto D'Haran...”

As palavras de Warren desapareceram. Richard estava olhando fixamente para a página. As imagens ali estavam atraindo ele. Era quase como se elas estivessem murmurando para ele. Nunca tinha visto esse tipo de palavras, mas de algum modo elas ecoavam em algo bem fundo dentro dele.

A mão dele esticou lentamente, atraída por uma das palavras. O dedo dele repousou sobre ela.

“Essa aqui,” Richard sussurrou, como se estivesse em transe. Os traços das letras pareceram levantar da página, como se estivessem vivas, e enrolar em volta do dedo dele, as linhas escuras acariciando, afagando, com íntima familiaridade. Diante dos olhos dele também flutuava a imagem da Espada da Verdade.

O rosto pálido de Warren levantou do livro. “*Drauka*,” ele sussurrou. “Essa é a palavra que é o centro da controvérsia. *Fuer grissa ost drauka* - aquele que traz a morte.”

Pasha se inclinou. “Então qual é a controvérsia? Você quer dizer que essas palavras podem ser traduzidas de modo diferente?”

Warren fez um gesto vago com a mão. “Bem, sim, e não. Essa é a tradução literal das palavras.”

“É o significado delas que está gerando a disputa.”

Richard afastou a mão. Ele baniu a imagem da espada. “Morte. Ela tem diferentes significados.”

Warren praticamente deitou na mesa quando se curvou. “Sim! Você entende!”

“Morte é morte,” Pasha falou.

Warren endireitou o corpo e esfregou as mãos. “Não, Pasha. Não em Alto D'Haran. A arma que as Irmãs carregam, a Dacra, seu nome vem dessa palavra. Drauka significa morte, assim como morto, como se eu falasse *o mriswith que Richard matou está morto*. Drauka. Morto. Mas também tem outros significados. Drauka também é uma palavra que representa as almas dos mortos.”

Pasha inclinou-se franzindo a testa. “Você está dizendo que drauka, nesse sentido, pode deixar o significado como *aquele que traz as almas*?”

“Não,” Richard falou. Ele sussurrou o segundo significado da palavra. “Espíritos. Aquele que traz os espíritos.”

“Sim,” Warren falou com uma voz suave. “Essa é a segunda interpretação.”

“Quantos são os significados diferentes para drauka?” Pasha perguntou.

Três, Richard pensou.

“Três,” disse Warren.

Richard conhecia o terceiro. “O submundo,” ele sussurrou enquanto olhava para a palavra drauka na página. “O lugar dos mortos. Esse é o terceiro significado de drauka.”

Pálido como um espírito, Warren curvou-se na direção dele. “Mas você não entende D'Haran?” Richard balançou lentamente sua cabeça, seus olhos fixos na página. A língua de Warren molhou os lábios dele. “Por favor, diga que você não tem sangue D'Haran.”

“Meu pai era Darken Rahl,” Richard falou lentamente. “Ele era o mago que governou D'Hara, e antes dele, meu avô, Panis.”

“Querido Criador,” Warren sussurrou.

Pasha colocou uma das mãos no braço de Richard enquanto ela se aproximava dos dois. “Submundo? Como poderia significar submundo?”

“Porque,” Warren disse, “o submundo é o mundo dos mortos.”

As sobrancelhas dela levantaram. “Mas como poderia significar *aquele que traz o submundo*? Como você pode trazer o submundo?”

Richard ficou olhando para o vazio. “Você rasga o véu.” O silêncio ecoou ao redor da sala de pedra. Pasha olhou de um rosto para o outro. Finalmente ela quebrou o silêncio. “Mas eu fui ensinada que para uma palavra estrangeira em uma profecia que tivesse diferentes matizes de significado, você teria apenas que interpretá-la no contexto. Deveria ser apenas uma simples questão de ver como ela é usada para decifrar seu significado.”

Warren levantou uma sobrancelha. “A discussão é justamente a respeito disso. Você percebe, nessa profecia, ela fala de coisas que poderiam fazer parte de cada um dos três significados possíveis da palavra drauka. Dependendo de qual significado foi planejado, isso muda o significado da profecia. É por isso que ela não pode ser interpretada com certeza. É como um cão perseguindo o próprio rabo. Quanto mais você tenta, mas você acaba girando em círculos.”

“É por isso que estou tão ansioso para saber o significado pretendido da palavra drauka. Se eu conseguisse saber, então eu poderia ser capaz de decifrar o resto da profecia de forma exata pela primeira vez. Eu seria o primeiro em três mil anos a entendê-la.”

Richard empurrou sua cadeira para longe da mesa. "Bem, como eu falei, não sou muito bom com enigmas." Ele forçou um sorriso. "Mas prometo pensar nisso."

Warren ficou animado. "Vai mesmo? Eu ficaria muito agradecido se você conseguisse me ajudar."

Richard apertou os ombros de Warren. "Você tem minha palavra."

Pasha levantou. "Bem, acho que é melhor nós voltarmos para a lição de Richard. Está ficando tarde."

"Obrigado a vocês dois por virem. Raramente tenho visitantes."

Com Pasha na frente, os três seguiram na direção da porta.

Quando ela passou pela porta, Richard bateu com a mão na placa de metal na parede.

A porta fechou. Pasha bateu com os punhos na pedra, quando a abertura tinha ficado pequena demais para que ela voltasse para dentro. Ela gritou para que eles abrissem a porta. Quando a pedra fechou, suas palavras foram cortadas, deixando Richard e Warren no silêncio.

Warren ficou olhando fixamente para a placa de metal. "Como fez isso? Você é apenas um mago iniciante. Não deveria ser capaz de ativar um escudo com o seu Han durante um longo tempo."

Richard não tinha a resposta para aquela pergunta, então ele a ignorou. "Diga-me o que você queria dizer a respeito de saber o que as Irmãs fariam com você se o pegassem contando aquele tipo de mentira."

A mão de Warren moveu-se até a coleira dele. "Bem, elas me machucariam."

"Quer dizer que elas usariam a magia da coleira para lhe causar dor?"

Warren assentiu enquanto segurava um nó de seu manto.

"Ela fazem isso com frequência? Nos causam dor com a coleira?"

Warren torceu o nó em seu manto. "Não, não com frequência. Mas para ser um mago, você deve passar em um teste de dor. Elas aparecem de vez em quando e causam dor com o Rada'Han, para ver se você aprendeu o bastante para passar no teste da dor."

“E como você passa no teste?”

“Bem, só posso imaginar que apenas quando você consegue suportar a dor sem implorar para que elas parem, você passa. Elas nunca dizem o que deve ser feito para passar.” O rosto dele ficou pálido. “Nunca consegui evitar de implorar que elas parem. Uma vez que você aprende a suportar o que elas fazem, elas fazem mais.”

“Eu imaginei que deveria ser alguma coisa assim. Obrigado por me contar.” Richard coçou a barba. “Warren, preciso de sua ajuda.”

Warren levantou a manga do seu manto e enxugou os olhos molhados. “Que ajuda eu posso fornecer?”

“Você disse que tem profecias sobre mim. Quero que estude tudo sobre mim que você conseguir encontrar. E sobre as Torres da Perdição, o Vale dos Perdidos. Também preciso saber tudo que eu puder sobre o véu.” Richard apontou para o livro sobre a mesa. Havia um desenho algumas páginas antes que você parasse na profecia. Tinha a forma de uma lágrima. Você sabe o que é isso?”

Warren foi até o livro e virou as páginas de volta. “Isso?”

“Sim. É isso.” Ele lembrou de ter visto aquilo em volta do pescoço de Rachel, quando teve a visão dela e Chase no Vale dos Perdidos. Uma imagem de Zedd surgiu na mente de Richard. Seu coração bateu mais depressa. “Isso parece com a coisa que eu vi. O que é isso?”

Warren lançou para ele um olhar de surpresa. “A Pedra das Lágrimas. O que você quer dizer com, a coisa que viu?”

“O que é a Pedra das Lágrimas?”

“Bem, não tenho certeza. Teria que estudar sobre isso, mas acredito que ela deve ter alguma coisa a ver com o véu, se podemos entender que drauka tem alguma relação com o submundo. O que você quer dizer quando fala que viu?”

Richard ignorou a pergunta pela segunda vez. “Warren, também preciso saber a respeito da Pedra das Lágrimas, e tudo que você puder encontrar sobre as pessoas que costumavam viver no Vale dos Perdidos. Os Baka Ban Mana.”

“O nome deles significa *aqueles que não possuem mestres*. E sobre alguém que eles chamam de Caharin.”

Warren ficou olhando para ele confuso. "Tudo isso é um bocado de trabalho."

"Você vai me ajudar, Warren?"

Warren baixou os olhos, remexendo em seu manto. "Com uma condição. Eu nunca saio desse lugar. Não que eu não goste de trabalhar com as profecias, você entende, mas as pessoas pensam que eu não tenho interesse em mais nada. Gostaria de ver o campo em volta do Palácio - a floresta, as colinas."

Ele cruzou os dedos. "Tenho medo de lugares grandes. O céu é tão grande. Essa é a outra razão pela qual eu fico aqui embaixo, porque parece seguro. Mas estou cansado de viver como uma toupeira. Gostaria de tentar sair e ver. Você poderia, bem, me mostrar o campo? Para mim você parece alguém acostumado com o lado de fora. Acho que me sentiria seguro se fosse comigo."

Richard sorriu calorosamente. "Procurou a pessoa certa, Warren. Eu era guia florestal, antes disso começar. Ainda não conheço todo o campo ao redor do Palácio, mas com certeza pretendo conhecer. Realmente teria prazer em guiá-lo. Seria como nos velhos tempos."

A expressão de Warren se iluminou. "Obrigado, Richard. Estou ansioso para ver lugares abertos. Preciso de um pouco de aventura na minha vida. Vou começar a cuidar das coisas que você quer, mas as Irmãs me dão trabalho, então devo pesquisar quando tiver tempo. E temo que eu deva ser honesto; vai levar bastante tempo. Tem milhares de volumes aqui. Vai levar meses, só para começar."

"Warren, isso deve ser a coisa mais importante que já estudou. Talvez consiga economizar tempo se começar lendo tudo que a Prelada esteve lendo."

Um sorriso dissimulado apareceu nos lábios de Warren. "Pensei que você tivesse falado que não era bom com enigmas. Era nisso que eu estava pensando." O sorriso dele transformou-se em uma expressão de preocupação. "Porque você quer saber essas coisas?"

Richard estudou os olhos azuis do outro por um bom tempo. "Eu sou *fuer grissa ost drauka*. Warren, sei o que isso significa."

Warren agarrou a manga do casaco vermelho de Richard. "Sabe? Sabe qual é a tradução correta?" Os dedos dele tremeram.

“Você me diria?”

“Se prometer não contar para mais ninguém, por enquanto.” Warren assentiu avidamente. “Ninguém conseguiu descobrir qual das três é a verdadeira tradução porque ao tentar justificar uma, eles invalidavam o todo.”

Warren franziu a testa. Richard se inclinou na direção dele. “Todas são verdadeiras, Warren.”

“O quê?” ele sussurrou. “Como isso é possível?”

“Eu matei pessoas com essa espada. Sou aquele que traz a morte nesse sentido. Esse é o primeiro significado de drauka.”

“Para prevalecer contra probabilidades que de outro modo seriam impossíveis, como derrotar o mriswith, eu usei a magia da espada para invocar os espíritos daqueles que a usaram antes de mim. Invoquei os mortos, invoquei o passado dentro do presente. Desse modo, eu sou aquele que traz os espíritos. Esse é o segundo significado de drauka.”

“Quanto ao terceiro significado, invocar o submundo, tenho razão para acreditar que posso ter, de algum modo, rasgado o véu. Esse é o terceiro significado de drauka.”

Warren engasgou.

“É muito importante que você encontre a informação que eu pedi. Acho que eu não tenho muito tempo.”

Warren assentiu. “Vou tentar. Mas acho que você deposita fé demais em mim.”

Richard levantou uma sobrancelha. “Eu tenho fé em um homem capaz de quebrar a perna de Jedidiah.”

“Não fiz nada com Jedidiah. Jedidiah é um mago poderoso. Jamais ousaria a alguém com os poderes dele.”

“Oh, vamos lá, Warren. Tem cinzas do tapete queimado no seu ombro.”

Warren esfregou o ombro freneticamente. Não tem cinza nenhuma. Não vejo cinza alguma.”

Richard esperou que Warren levantasse os olhos. “Então porque está esfregando seu manto?”

“Bem, eu... eu estava... eu só...”

Richard colocou uma das mãos nas costas de Warren. “Está tudo bem, Warren. Eu acredito na justiça. Acho que Jedidiah teve o que merecia. Não vou contar para ninguém. E você não deve contar para ninguém nada sobre isso.”

“Devo avisá-lo, Richard, você fez uma coisa muito perigosa ontem quando falou para todas as Irmãs que era aquele que traz a morte. Essa é uma profecia muito conhecida e debatida fervorosamente. Algumas Irmãs acreditam que isso significa que você é aquele que mata. Elas tentarão confortá-lo. Outras acham que significa que você vai invocar os mortos, chamar os espíritos. Elas vão querer estudar sobre você.” Ele chegou um pouco mais perto. “Outras pensam que isso significa que você vai rasgar o véu, e trazer o Sem Nome para nos engolir. Elas poderão tentar matá-lo.”

“Eu sei, Warren.”

“Então porque você permitiria que elas soubessem que você é aquele da profecia?”

“Porque eu sou *fuer grissa ost drauka*. Quando a hora chegar, vou matar qualquer uma delas que for necessário para conseguir tirar essa coleira. Primeiro eu tinha que dar um aviso, dar a elas a chance de viver.”

Warren encostou os dedos no lábio inferior. “Mas você não machucaria Pasha. Não a Pasha.”

“Espero não machucar ninguém, Warren. Com a informação que eu conseguir com sua ajuda, talvez eu não tenha que ferir ninguém. Odeio ser *fuer grissa ost drauka*, mas é isso que sou.”

Os olhos de Warren lacrimejaram. “Por favor, você não machucaria Pasha.”

“Warren, eu gosto dela. Acho que ela é pessoa adorável, por dentro, como você disse. Só mato para proteger minha vida, ou as vidas de pessoas inocentes. Não acredito que Pasha daria motivos para isso, mas você deve entender que se eu estiver certo, e o véu estiver rasgado, então tem mais coisa em jogo do que a vida de uma pessoa. A minha, a sua, ou a de Pasha.”

Warren assentiu. “Eu li as profecias. Eu entendo. Vou procurar as coisas que você precisa.”

Richard tentou tranquilizá-lo com um sorriso caloroso. "Vai ficar tudo bem, Warren. Eu sou o Seeker; Vou fazer o melhor que puder. Não quero ferir ninguém."

"Seeker? O que é um Seeker?"

Richard bateu com a mão na placa de metal. "Falarei sobre isso mais tarde."

Warren olhou para a placa enquanto a porta abria. "Como você consegue fazer isso?"

Pasha estava imóvel, esperando, seu rosto fazendo esforço para não mostrar sua raiva.

"E o que foi tudo isso?"

Richard passou através do portal. "Conversa de rapazes."

Pasha fez ele parar colocando uma das mãos no braço dele. "O que você quer dizer, conversa de rapazes?"

Richard olhou dentro dos olhos castanhos dela. "Eu estava dobrando o braço de Warren, obrigando ele a me contar sobre o teste da dor. Você esqueceu de mencionar isso, então eu tive que perguntar a ele. Ou você estava planejando esperar até que chegasse a hora de fazer isso, antes de me contar?"

Pasha esfregou os braços, como se tentasse aquecê-los. "Eu não faço isso, Richard. Sou apenas uma noviça. Apenas Irmãs devem fazer."

"Porque não me contou sobre isso?"

Lágrimas apareceram nos olhos dela. "Não gosto de ver pessoas feridas. Não queria assustá-lo com aquilo que pode não acontecer por um longo tempo. Às vezes a espera pode ser pior do que a própria experiência. Não queria que você tivesse que esperar sentindo medo."

"Oh." Richard soltou um longo suspiro. "Bem, acho que essa é uma boa razão. Peço desculpas, Pasha, pelo que eu estava pensando de você."

Acima do chão novamente, eles passaram por corredores e através de várias construções até que finalmente chegaram a Guillaume Hall, onde ficava o quarto dele. O tecido do vestido de Pasha emitia um som farfalhante enquanto eles subiam a larga

escadaria de mármore. As paredes e colunas eram de mármore em diversos tons cor de canela.

Era um lugar lindo com quartos elegantes, mas não era tão impressionante quanto Palácio do Povo, em D'Hara.

Se não tivesse visto aquela construção magnífica antes, ele teria ficado surpreso com a opulência desse lugar.

Agora, ele apenas notava mais o seu layout para ter referência do que qualquer outra coisa. No andar superior, enquanto eles seguiam por outro largo corredor com tapetes, ele viu diversos outros homens jovens usando Rada'Han. Finalmente eles chegaram ao quarto dele.

Richard segurou o pulso dela quando ela se esticava para pegar na maçaneta da porta. Olhou para ele, confusa.

“Tem alguém lá dentro,” ele disse.

CAPÍTULO 55



“É meu trabalho tomar conta de você,” Pasha disse.

Ela usou o Han, fazendo ele soltar o seu pulso e jogando ele para o lado como se fosse empurrado por uma mão invisível, e então atravessou a porta. Richard rolou, ficando de pé, sacou a espada, e atirou-se atrás dela.

Apenas as chamas baixas da lareira forneciam luz para o quarto que de outra forma estaria escuro. Os dois ficaram imóveis na semi-escuridão.

Uma voz surgiu de uma cadeira ao lado do fogo. “Estava esperando um mriswith, Richard?”

“Irmã Verna!” Richard enfiou sua espada de volta na bainha. “O que está fazendo aqui?”

Ela ficou de pé e moveu sua mão na direção de uma lâmparina, fazendo o pavio acender. “Não sabia se você já tinha ouvido.” O rosto dela estava ilegível. “Eu sou uma Irmã da Luz novamente.”

“Verdade?” Richard falou. “Isso é uma ótima notícia.”

Irmã Verna juntou as mãos de maneira relaxada. “Já que sou uma Irmã, outra vez, queria falar com você em particular por um momento.” Deu uma olhada para Pasha. “Sobre alguns assuntos inacabados que Richard e eu temos.”

Pasha olhou da Irmã para Richard. “Bem, acho que esse vestido não é, bem, a coisa mais confortável para dar aulas. Porque eu não poderia me trocar.” Fez uma reverência para Irmã Verna. “Boa noite, Irmã. Fico muito feliz por você; você deveria ser uma Irmã. E Richard, obrigado por ser um cavalheiro esta noite. Voltarei depois que me trocar.”

Richard ficou encarando a porta logo que fechou-a atrás de Pasha.

“Cavalheiro,” Irmã Verna disse. “Estou contente em ouvir isso, Richard. Eu também gostaria de agradecer, pelo meu retorno como Irmã. Irmã Maren contou o que aconteceu.”

Richard riu quando virou na direção dela. “Esteve perto de mim por tempo demais, Irmã. Mas precisa de mais prática em contar mentiras; ainda não está totalmente convincente.”

Ela não conseguiu impedir que um leve sorriso surgisse em seus lábios. “Bem, Irmã Maren me falou que tinha rezado por orientação, e decidiu que eu serviria melhor ao Criador se eu fosse uma Irmã, por causa de minha experiência.” Ela levantou uma sobrancelha. “Pobre Irmã Maren; mentir parece ter ficado contagioso desde que você chegou aqui.”

Ele encolheu os ombros. “Irmã Maren fez o que era certo. Acho que o seu Criador ficaria feliz com o resultado.”

“Ouvi falar que você matou um mriswith. As notícias se espalham pelo Palácio como fogo pela grama.”

Richard caminhou até a lareira. Ele se apoiou na prateleira de granito escuro sobre a lareira e ficou olhando para as chamas. “Bem, eu não tive escolha.”

Irma Verna passou uma das mãos suavemente pelo cabelo dele. “Você está bem, Richard? Como você está?”

“Estou bem.” Richard passou o boldrié por cima da cabeça e colocou de lado junto com a espada. Jogou o casaco vermelho sobre uma cadeira. “Eu me sentiria melhor se não tivesse que usar essas roupas idiotas. Mas acho que é um preço pequeno a pagar pela paz.”

“Por enquanto. Sobre o que você queria falar comigo, Irmã?”

“Não sei o que você fez, como conseguiu fazer que eu voltasse a ser uma Irmã, mas agradeço, Richard. Isso significa que gostaria que fossemos amigos?”

“Apenas se você tirar essa coleira de mim.” Ela afastou os olhos. “Algum dia, Irmã, você terá que fazer sua escolha. Eu espero que quando a hora chegar, você escolha ficar do meu lado. Depois de tudo que passamos, eu odiaria ter que matá-la, mas você sabe

do que eu sou capaz. Sabia qual seria minha resposta; certamente, veio aqui por mais do que isso.”

“Falei para você como está usando o seu Han sem saber o que está fazendo, lembra?”

“Sim, mas não acho que esteja usando o meu Han.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Richard, você matou um mriswith. Tanto quanto eu sei, isso não foi feito nos últimos três mil anos. Você teve que usar o seu Han para fazer isso.”

“Não, Irmã, usei a magia da espada para matá-lo.”

“Richard, tenho observado você, e aprendi um pouco sobre você e sua espada. A razão pela qual ninguém nunca conseguiu matar um mriswith é porque nunca sabiam quando ele estava vindo. Mesmo o Han de Irmãs e magos não conseguiram sentir sua aproximação. Sua espada pode ter acabado com o mriswith, mas o seu Han permitiu que você soubesse que ele estava vindo. Está invocando o seu dom, mas sem controle.”

Richard estava cansado. Não estava com vontade de discutir, então não discutiu.

Atirou-se em uma cadeira estofada. Lembrou do modo como tinha enxergado o mriswith em sua mente, tinha visto ele chegando. “Não entendo o que estou fazendo, Irmã. O mriswith veio, e eu me protegi.”

Ela sentou em uma cadeira na frente dele. “Veja isso dessa maneira, Richard; você matou uma besta mais mortal do que qualquer coisa que anda por essa terra, mesmo assim aquela garotinha com grandes olhos castanhos, e com poder tão comparável ao seu quanto um pardal a um falcão, acabou de usar o Han dela para jogar você no corredor. Espero que você estude bastante para conseguir aprender a controlar o seu Han. Precisa fazer ele ficar sob o seu controle.”

Ela olhou para ele atentamente. “Porque você entrou na Floresta Hagen, depois que eu falei que era perigoso?”

“A verdadeira razão. Não as justificativas, mas a razão bem lá no fundo. Por favor, fale a verdade, Richard.”

Richard se espreguiçou, olhando para o teto. Finalmente ele respondeu com um sinal da cabeça. “Foi como se alguma coisa

estivesse me atraindo. Foi uma necessidade. Uma fome. Foi como se eu precisasse bater com meu punho contra uma parede, e aquela fosse a maneira de fazer isso.”

Ele pensou que ela começaria um sermão, mas ela não fez isso. O tom dela foi simpático.

“Richard, estive conversando com algumas amigas minhas. Nenhuma de nós sabe tudo sobre a magia do Palácio, e especialmente sobre a Floresta Hagen, mas há uma razão para acreditar que a Floresta Hagen foi colocada especificamente ali por certos magos.”

Richard estudou a expressão calma dela, as rugas em seu rosto, a sinceridade em seus olhos. “Você está dizendo, Irmã, que se eu precisar bater o meu punho contra a parede, que talvez eu devesse fazer isso?”

Ela ergueu as sobrancelhas levemente. “O Criador nos deu fome para que nós coméssemos, porque comer é necessário.”

“Qual seria o propósito de uma fome como a minha?”

Ela balançou a cabeça. “Não sei. Pela segunda vez em tantos dias, a Prelada recusou meu pedido para uma audiência.”

“Mas vou tentar encontrar algumas respostas. Enquanto isso, apenas não deixe o sol descer sobre você na Floresta Hagen.”

“É isso que veio dizer, Irmã?”

Ela olhou para longe, e fez uma pausa, esfregando sua testa com dois dedos. Pareceu estar em dúvida. Ele nunca tinha visto ela assim. “Richard, tem coisas acontecendo que eu não entendo, e elas estão conectadas a você; eventos não estão ocorrendo como deveriam.” Ela viu o olhar curioso dele. “Ainda não posso falar sobre eles.”

Ela limpou a garganta. “Richard, não quero que você confie em todas as Irmãs.”

Richard levantou uma sobrancelha. “Irmã, eu não confio em nenhuma de vocês.”

Aquilo fez surgir um breve sorriso no rosto dela. “Por enquanto, seria melhor assim. Era isso que eu queria dizer.”

“Eu vou encontrar as respostas, mas por enquanto, bem, vamos apenas dizer que eu sei que vai fazer o que deve fazer para

ficar em segurança.”

Depois que Irmã Verna saiu, Richard pensou no que ela havia dito, e sobre as coisas que Warren falou.

Na maior parte do tempo, pensou na Pedra das Lágrimas.

Era um mistério para ele que a magia no Vale dos Perdidos mostrasse uma visão de algo que ele nunca tinha visto, e colocasse isso no pescoço de Rachel. As outras visões pareceram estar ancoradas em seus desejos e medos. Talvez porque ele sentisse falta de ver seu amigo, Chase, ele enxergou a visão de Rachel, também; ela estaria com Chase. Mas porque a visão colocaria no pescoço dela algo que ele nunca tinha visto, que mostrou ser parecido com um desenho em um livro?

Talvez não fossem a mesma coisa. Disse a si mesmo que não poderiam ser, mas uma sensação inquietante dentro dele dizia o contrário.

Independente do quanto sentisse falta de Chase e Rachel, foi a pedra no pescoço de Rachel que tinha chamado sua atenção. Foi como se Rachel estivesse trazendo ela enviada por Zedd, e Zedd estivesse ali com ele, encorajando-o a pegar a pedra.

A batida de Pasha na porta arrancou ele de suas reflexões. Ela estava usando um vestido liso cinza acastanhado com pequenos botões de tecido cor de rosa na parte superior da frente dele, subindo até o seu pescoço. Embora ele não mostrasse a quantidade de carne que o vestido verde mostrava, era costurado de modo a revelar quase cada detalhe das formas dela. O fato dele cobrir tudo apenas tornava o que cobria muito mais intrigante. A cor de algum modo lembrava a suavidade do cabelo castanho dela.

Pasha sentou no chão de pernas cruzadas, sobre o tapete azul e amarelo na frente da lareira. Ajeitou o vestido cuidadosamente sobre os joelhos e então olhou para cima. “Aqui. Sente como eu, na minha frente.”

Richard sentou no chão e cruzou as pernas. Ela fez sinal para que ele chegasse mais perto até que seus joelhos se tocaram. Pegou as mãos dele e as segurou suavemente enquanto elas repousavam sobre os joelhos de ambos.

“Irmã Verna não fazia isso quando eu praticava.”

“Porque o Rada'Han tinha que estar dentro do círculo de influência da magia do Palácio antes que pudéssemos praticar desse jeito. Até agora, quando você treinava tocar o seu Han, fazia isso sozinho.”

“De agora em diante na maior parte do tempo, eu, ou uma Irmã, usaremos nosso Han para ajudá-lo.” Ela sorriu. “Isso vai ajudar a progredir mais rápido, Richard.”

“Está bem. O que você quer que eu faça?”

“Ela disse como tentar alcançar o seu Han? Como se concentrar em encontrar aquele lugar dentro de você mesmo?”

Richard assentiu. “É isso que eu quero que você faça. Enquanto busca por aquele lugar, vou usar o meu Han, através do Rada'Han, para tentar guiá-lo.”

Richard contorceu um pouco, arrumando uma posição mais confortável. Pasha afastou uma das mãos e abanou o rosto. Esse vestido parece tão quente, depois de ter usado o outro.” Ela desabotoou os cinco botões superiores do vestido e então esticou a mão novamente. Richard olhou para o fogo, para verificar a lenha, então ele sabia quanto tempo teria passado quando abrisse os olhos novamente. Parecia que ele nunca conseguia avaliar o tempo enquanto buscava pelo seu Han. Sempre parecia meros minutos, mas geralmente era pelo menos uma hora.

Richard fechou os olhos. Invocou a imagem da Espada da Verdade sobre um fundo vazio. Enquanto a calma tomava conta dele, enquanto buscava a paz interior, sua respiração reduziu a velocidade. Deu um suspiro profundo, e então deixou-se mergulhar no centro da tranquilidade.

Estava consciente das mãos de Pasha segurando as dele, dos joelhos dela tocando os dele, e da respiração regular dela entrando em harmonia com a dele. Pareceu muito bom que ela estivesse segurando as mãos dele. Não estava sentindo-se isolado do jeito que sempre havia sentido. Não sabia se ela realmente estava usando a magia da coleira dele para ir junto com ele, mas sentiu que estava espiralando mais fundo do que estivera antes.

Ele deslizou no lugar atemporal sem pensar, sem fazer esforço ou se preocupar. Seja lá o que fosse o seu Han, ele não viu ou sentiu

qualquer coisa que não tivesse visto ou sentido antes. A não ser pela sensação mais relaxada do que antes, e a sensação confortadora de ter Pasha com ele, aquilo não era diferente. Estava levemente consciente de seu corpo começando a ficar rígido, e do calor do fogo. O aço frio da espada parecia ser um núcleo de gelo no calor.

Finalmente, ele abriu os olhos. Pasha os dela junto com ele. Richard olhou para o fogo. A lenha estava reduzida a carvão. Duas horas, ele julgou.

Uma gota de suor desceu pelo pescoço de Pasha. "Nossa, mas como está quente hoje."

Ela desabotoou botões. Vários botões. Estava mostrando mais do que tinha mostrado no vestido verde.

Richard fez um esforço para olhar dentro dos olhos dela. Pasha lançou para ele um leve sorriso confiante.

"Não senti nada," Richard falou. "Não senti meu Han. Ainda que eu não saiba o que eu deveria sentir."

"Eu também não, e eu deveria ter sentido. Estranho." Ela suspirou com uma expressão de confusão. O rosto dela se iluminou. "Mas isso exige prática. Você sentiu meu Han? Isso ajudou em alguma coisa?"

"Não," ele admitiu. "Não senti nada."

Ela fez um leve movimento com a boca enquanto franzia a testa. "Não sentiu nada de mim?" Ele balançou a cabeça.

"Bem, feche os olhos e tente novamente."

Estava tarde, e Richard não queria mais praticar; isso era cansativo. Mas decidiu fazer como ela queria.

Fechou os olhos. Ele se concentrou em tentar trazer a espada de volta.

De repente ele sentiu os lábios de Pasha contra os dele. Seus olhos abriram quando ela se espremeu contra ele. Os olhos dela estavam fechados, as sobrancelhas dela curvaram. Ela agarrou o rosto dele.

Richard segurou os ombros dela e afastou-a. Ela abriu os olhos e lambeu os lábios.

Ela sorriu timidamente. "Sentiu isso?"

"Senti."

Ela passou um braço em volta do pescoço dele. "Aparentemente, não o bastante."

Richard colocou uma das mãos nela gentilmente quando ela tentou se aproximar. Não queria deixar ela constrangida, então tentou manter sua voz agradável. "Pasha, não."

Ela esfregou a mão livre no estômago dele. "Está tarde. Não vai ter ninguém aqui perto. Se isso o deixar mais confortável, vou colocar uma barreira na porta. Não deveria ficar preocupado."

"Não estou preocupado. Eu só... não quero."

Ela pareceu um pouco magoada. "Não acha que eu sou bonita o bastante?"

Richard não queria ofendê-la, e não queria deixar ela com raiva. Mas também não queria encorajá-la.

"Não é isso, Pasha. Você é muito atraente. Só que..."

Ela desabotoou outro botão. Richard segurou a mão dela para fazer com que ela parasse. Percebeu que a situação estava ficando perigosa. Ela era sua professora. Se deixasse ela zangada ou humilhada, as coisas poderiam ficar perigosamente complicadas. Ele tinha coisas a fazer, e não podia transformá-la em sua inimiga.

Ela levantou o vestido mostrando as pernas e colocou a mão dele na coxa. "Você gosta mais assim?" perguntou com uma voz suave.

Richard congelou com a sensação de sentir a carne firme dela. Lembrou do que Irmã Verna tinha falado, que logo ele encontraria outro par de pernas bonitas. Essas certamente eram assim, e Pasha estava dando sinais preciosos para sua imaginação. Afastou as mãos dela. "Pasha, você não entende. Acho que você é uma jovem muito bonita..."

Os olhos dela fixaram no rosto dele enquanto passava os dedos na sua barba. "Acho que você é o homem mais bonito que eu já vi."

"Não, você não..."

"Adoro a sua barba. Nunca raspe ela. Acho que um mago deveria usar barba."

Richard lembrou da vez em que Zedd tinha usado Magia Aditiva para fazer crescer uma barba e ensinar a ele uma lição, e então tinha raspado ela, explicando que não poderia fazer ela desaparecer

com magia porque para isso seria necessário Magia Subtrativa, e magos não possuem Magia Subtrativa. Magia Subtrativa era do submundo.

Ele segurou o pulso dela e afastou sua mão do rosto. Para Richard, sua barba era um símbolo de sua prisão. Significava que era um prisioneiro. Prisioneiros não raspam a barba, foi isso que ele falou para Irmã Verna. Mas não achava que agora fosse hora de explicar isso para Pasha.

Ela beijou o pescoço dele. De algum modo, ele não conseguia impedir. Os lábios dela eram tão suaves, e ele podia ouvir a respiração insistente perto de seu ouvido. Parecia como se os beijos estivessem fluindo através dele, descendo até os dedos dos pés, alguma coisa parecida com a sensação que teve quando ela havia colocado as mãos no Rada'Han dele. A formigação adormecia o seu cérebro. Por dentro, ele gemia. Sua resistência estava sendo dissolvida pelos beijos dela

Quando estava preso por uma coleira por Denna, não teve escolha - nem mesmo a morte conseguiu salvá-lo de qualquer coisa que Denna desejasse - mas ainda senti vergonha pelo que tinha feito.

Ele estava em uma coleira outra vez, e Pasha estava usando algum tipo de magia nele, mas sabia que dessa vez tinha uma escolha no assunto. Fez um esforço para mover a cabeça e afastar os lábios dela. Empurrou-a para trás gentilmente.

“Pasha, por favor...”

Ela levantou um pouco o corpo. “Qual é o nome dela, dessa garota que você ama?”

Richard não queria falar o nome de Kahlan para ele. Era a vida dele. Era particular. Essas pessoas eram seus captores, não seus amigos. “Isso não tem importância. Essa não é a questão.”

“O que ela tem que eu não tenho? Ela é mais bonita do que eu?”

Você é uma garota, Richard pensou, e ela é uma mulher. Mas não poderia dizer aquilo. Você é uma vela bonita, ele pensou, e Kahlan é o nascer do sol. Mas também não poderia dizer isso.

Se ele rejeitasse Pasha, teria guerra m suas mãos. Tinha que sair dessa sem fazer ela sentir-se ofendida ou rejeitada.

“Pasha, estou honrado, estou lisonjeado, realmente estou, mas você só me conhece a um dia. Na verdade acabamos de nos conhecer.”

“Richard, o Criador nos deu desejos, e o prazer de agir para satisfazê-los, para conhecermos a beleza Dele através de Sua criação. Não tem nada errado nisso. É uma coisa maravilhosa.”

“Ele também nos deu uma mente para decidir o que é certo e o que é errado.”

O queixo dela levantou um pouco. “Certo, e errado? Se ela o amasse, estaria com você; não teria deixado você partir. Errado é isso. Ela acha que você não é bom o bastante. Deve querer ficar livre de você; se ela se importasse teria ficado com você. Ela se foi. Eu estou aqui e me importo. Lutaria para ficar com você. Ela lutou?”

A boca de Richard abriu, mas nenhuma palavra saiu através da dor. Ele sentiu como se a vontade de seguir em frente tivesse sido drenada dele, não deixando nada a não ser apenas uma concha vazia.

Pasha tocou na bochecha dele. “Vai ver que eu me importo, Richard. Eu me importo mais do que ela. Você vai ver. Isso é certo se uma pessoa se importa como eu.” A testa dela franziu de preocupação. “A não ser que você ache que não sou atraente. É isso? Você já viu muitas mulheres, e acha que comparada a elas, eu sou feia?”

Richard encostou uma das mãos no lado do rosto dela. “Pasha... você é encantadora. Não é isso.” Ele engoliu em seco, tentando fazer as suas palavras soarem sinceras. “Pasha, poderia me dar apenas algum tempo? É simplesmente cedo demais. Você consegue entender? Poderia realmente se importar com um homem que esqueceria seus sentimentos tão facilmente? Poderia apenas me dar algum tempo?”

Ela passou os braços em volta dele e encostou a cabeça no peito dele. “Eu tive certeza ontem, quando você me abraçou com tanta ternura, que era outro sinal de que o Criador tinha enviado você para mim. Nesse momento eu soube que nunca iria querer

outro. Já que serei sua para sempre, eu posso esperar. Não temos quase nada a não ser tempo. Nós temos todo o tempo que você poderia querer. Vai ver que eu sou a pessoa certa para você. Basta dizer quando estiver pronto e eu serei sua.”

* * *

Richard suspirou enquanto fechava a porta atrás dela. Encostou as costas na porta, pensando. Não gostou de enganar Pasha, deixando ela acreditar que com o tempo ele poderia sentir-se de forma diferente em relação a ela, mas ele teve que fazer alguma coisa. O quanto poderia ser superficial a compreensão de Pasha sobre as pessoas, para ela pensar que alguém poderia conquistar o amor através do desejo sexual?

Ele pegou o tufo de cabelo de Kahlan, girando-o em seus dedos enquanto observava ele. As coisas que Pasha falou sobre Kahlan não lutar por ele deixaram ele com raiva. Pasha jamais poderia saber as lutas pelas quais ele e Kahlan tinham passado; as dificuldades que tiveram que superar, a angústia que tiveram que sofrer juntos, as batalhas que eles tiveram que lutar juntos. Pasha provavelmente não conseguiria imaginar uma mulher com a inteligência, força e coragem de Kahlan.

Kahlan pretendia lutar por ele. Mais de uma vez ela arriscou sua vida por ele. O que Pasha poderia saber sobre os terrores que Kahlan tinha bravamente encarado, e vencido? Pasha não era mulher o bastante para servir chá para Kahlan.

Enfiou o tufo de cabelo de volta no bolso dele. Ele forçou os pensamentos sobre Kahlan a desaparecerem de sua mente. Não conseguiria suportar a dor. Tinha outras coisas para fazer.

Entrando no quarto, ele posicionou o grande espelho com moldura de freixo, e então pegou sua mochila do canto. Richard tirou a capa negra do mriswith. Jogou ela sobre os ombros, e ficou observando sua imagem no espelho.

Parecia uma capa normal. Pensou que ela era bem bonita, na verdade. O corte e o comprimento era certo; o mriswith era aproximadamente da altura dele. O tecido pesado tinha cor de tinta

negra, quase tão negra quanto a pedra da noite que Adie deu a ele para ajudar na travessia da passagem, quase tão negra quanto as Caixas de Orden. Quase tão negra quanto a morte eterna.

Mas o corte agradável da capa não era o que lhe intrigava.

Richard moveu-se para trás contra a parede castanho-claro. Levantou o capuz, arrumando ele em volta do rosto, e fechou a capa. Enquanto observava sua imagem no espelho, concentrou-se na parede na qual estava encostado. No intervalo de uma respiração, a imagem dele desapareceu. A capa tinha ficado da cor da parede, a um nível que apenas se ele olhasse fixamente, concentrando-se nas bordas da capa, poderia distinguir a si mesmo contra a parede. Se ele se movesse, era apenas levemente mais fácil distinguir sua forma contra a parede. Embora seu rosto estivesse exposto, de algum modo a magia da capa, ou possivelmente a magia da capa juntamente com a dele mesmo, servia para mascará-lo também, para envolvê-lo de alguma forma na cor do disfarce.

Isso explicava porque o mriswith parecia ter cores diferentes.

Richard moveu objetos atrás dele, para descobrir que efeito eles tinham. Ele ficou na frente da parede e parcialmente na frente de uma cadeira com seu casaco vermelho jogado sobre ela. A capa produziu uma mancha vermelha que fez um bom trabalho em imitar a cor e forma atrás. Ainda que não fosse tão impecável quanto era se ele ficasse na frente de uma parede plana, seria fácil não enxergá-lo se ele ficasse parado.

O movimento distorcia as imagens complicadas, enquanto a capa mudava para acomodar as novas condições, embora ainda enganasse os olhos, mas se ele ficasse parado, virtualmente desaparecia na frente de qualquer coisa.

O efeito, às vezes, poderia ser estonteante para observar. Quando ele parava de se concentrar, a capa ficava preta novamente.

Isso, ele pensou enquanto olhava no espelho para si mesmo em uma simples capa negra, seria útil.

CAPÍTULO 56



Enquanto as semanas passavam, Richard estava constantemente ocupado.

Lembrou que Kahlan e Zedd disseram que não havia restado nenhum mago com o dom em Midlands. Não era surpresa; parecia que todos eles estavam no Palácio dos Profetas. havia aproximadamente mais de cem garotos e homens jovens no Palácio. Pelo que Richard conseguiu descobrir, um grande número dos mais velhos, pelo menos, eram de Midlands, com até mesmo alguns de D'Hara.

Matar um mriswith deu a Richard um status de celebridade entre os garotos mais jovens. Dois deles, Kipp e Hersh, eram os mais persistentes. Eles o seguiam por toda parte, implorando para ouvir histórias de suas aventuras. Algumas vezes eles mostravam a maturidade, quase sabedoria, de idosos. Outras vezes, como todos os garotos, pareciam não estar interessados em nada mais do que travessuras.

O alvo das travessuras deles geralmente era uma Irmã. Os garotos pareciam não se cansar nunca de pensar em novos truque para usar com elas. A maioria das peças que eles aplicavam pareciam envolver água, lama ou répteis. As Irmãs explodiam zangadas apenas de vez em quando eram vítimas das brincadeiras dos garotos, e mesmo quando isso acontecia, elas rapidamente os perdoavam.

Tanto quanto Richard poderia dizer, os garotos nunca ganhavam mais do que um sério sermão.

No começo, os garotos pensaram em incluir Richard entre os seus alvos. Richard tinha coisas para fazer, e não tinha tempo nem paciência para isso. Quando os garotos aprenderam que Richard não

era bobo nem lento com a disciplina, eles rapidamente desviaram para outros alvos com seus baldes de água.

O fato de Richard ter definido limites fez Kipp e Hersh gostarem ainda mais dele. Eles pareciam famintos pelo companheirismo masculino de maior idade. Richard os recompensava com histórias de aventuras, ou algumas vezes, quando ele estava indo de um lugar para outro, e a presença deles não impediria seu progresso, ele os ensinava sobre a floresta, rastros, e animais.

Eles desejavam permanecer nas boas graças de Richard, então quando ele queria ou precisava ficar sozinho, e fazia um sinal com um dedo ou com a cabeça, eles desapareciam. Richard deixava eles ficarem por perto com frequência quando ele estava com Pasha, já que de qualquer modo não poderia executar tarefas mais importantes. Frustrada, porque não conseguia encontrar tempo para ficar a sós com ele, Pasha ficou um pouco mais tranqüila quando Richard a excluiu da lista de alvos dos garotos. Ela ficou feliz em não ter seus belos vestidos ensopados ou ter que se preocupar em encontrar uma cobra em sua manta.

Ocasionalmente Richard pedia a Kipp e Hersh para realizar pequenas missões, apenas para testá-los. Tinha planos para os talentos deles.

Os outros homens jovens queriam mostra a cidade para Richard. Dois, Perry e Isaac, que viviam em Gillaume Hall com ele, levaram ele até a cidade e mostraram a taverna onde muitos dos guardas bebiam, e logo ele pagou ao Espadachim Kevin Andellmere a cerveja que tinha prometido.

Richard descobriu que a maior parte dos homens jovens passavam suas noites longe do Palácio, ficando em diversas hospedarias pela cidade. Não foi preciso muito tempo para Richard descobrir porque. Eles recebiam dinheiro, do mesmo jeito que ele, e estavam treinados em gastá-lo. Eles compravam roupas decoradas, vestiam-se como príncipes, e em seus pernoites eles escolhiam as melhores acomodações.

Não havia escassez de mulheres esperando para compartilhar essas acomodações. Mulheres espantosamente belas.

Quando Perry e Isaac o lavaram até a cidade, eles rapidamente ficavam cercados por mulheres atraentes.

Richard nunca tinha visto mulheres tão bronzeadas. Toda noite, cada um dos dois homens selecionava uma mulher, às vezes várias, e comprava presentes para elas, talvez um vestido ou uma bugiganga, e então partiam para os seus quartos.

Os dois falaram que se ele não desejasse se incomodar em perder tempo comprando presentes, poderia simplesmente ir até qualquer uma das casas de prostituição, mas garantiram que aquelas mulheres não eram tão jovens, ou tão bonitas, quanto aquelas que se aproximavam deles nas ruas. Porém, eles admitiram que às vezes procuravam as prostitutas quando não estavam dispostos a perder tempo sendo sociáveis pois queriam apenas copular.

Quando ele era avistado com a coleira, Richard atraia mulheres do mesmo jeito que Perry e Isaac. Richard estava começando a ver com uma nova luz o aquilo que a Irmã Verna estava querendo dizer sobre ele encontrar em breve outro par de pernas bonitas.

Os outros homens pensaram que Richard era louco por recusar todas as ofertas. Algumas vezes, Richard ficava imaginando se eles não poderiam estar certos.

Richard perguntou a Perry e Isaac se eles não tinham medo que o pai de uma das mulheres partisse seus crânios. Eles riram e disseram que às vezes os pais levavam sua filhas para eles. Richard levantou os braços e perguntou se eles não ficavam preocupados em deixar grávida alguma mulher que eles nem conheciam. Eles explicaram que se uma mulher ficasse grávida, o Palácio sustentaria ela e a criança, até mesmo toda sua família.

Quando Richard tinha perguntado a Pasha o que estava por trás de um costume tão bizarro, ela cruzou os braços debaixo dos seios e mostrou as costas para ele enquanto explicava que os homens tinham desejos incontroláveis, e esses desejos seriam uma distração ao aprenderem a usar o Han deles, então as Irmãs encorajavam os homens a satisfazerem suas necessidades. Era por isso que ela não acompanhava ele até a cidade durante a noite. Ela estava impedida de interferir com as suas... necessidades.

Havia implorado para ele que a procurasse com suas necessidades, dizendo que garantiria que ele não tivesse desejo algum de procurar outras mulheres, ou se ele fosse até a cidade, que pelo menos permitisse que ela fosse uma das mulheres com quem ele dormia. Disse que poderia satisfazer ele melhor do que qualquer outra mulher, e se ofereceu para provar isso.

Richard ficou surpreso com aquela conversa, para não falar nada sobre o comportamento. Ele falou a Pasha que só queria ir até a cidade para apreciar a vista. Tendo crescido na floresta, nunca tinha perambulado em uma cidade. Disse que de onde ele veio não era certo tratar mulheres desse jeito.

Prometeu que se algum fosse dominado pela necessidade, procuraria primeiro por ela. Ela estava tão feliz em ouvir aquilo que não se importou quando ele lembrou que ainda não estava pronto. Ela não tinha idéia de que algumas vezes ele se sentia tão solitário que ficava dolorosamente tentado a entregar-se a ela. Ela era inquestionavelmente atraente, e às vezes era difícil para ele mantê-la ao alcance de seus braços.

Richard pediu a Pasha para mostrar tudo que ela podia do Palácio. Pediu que ela mostrasse um pouco da cidade, e o levasse em uma excursão pelas docas, para ver os grandes barcos. Ela disse que eles eram chamados de navios, porque entravam no mar. Richard nunca tinha visto nada tão grande flutuando. Ela falou que eles traziam mercadorias de cidades do Mundo Antigo descendo pela costa.

Pasha foi com ele até o mar, e eles sentaram durante horas, observando as ondas, ou exploraram as lagoas formadas pela maré.

Richard ficou impressionado em aprender que o mar subia e descia, com as marés. Ela afirmou que isso não era resultado da magia do Palácio, mas que aquilo ocorria em toda parte. Richard ficou encantado pelo oceano.

Pasha estava contente em apenas ficar sentado com ele. Mas Richard não podia se dar ao luxo de ficar sentado e observar o oceano com frequência demais.

Tinha coisas para fazer.

Pasha não tinha permissão para ir junto com ele até a cidade durante a noite, caso ele escolhesse ficar com uma mulher. Ele precisava garantir a ela constantemente que não era por causa disso que saía durante a noite. Já que era verdade que não estava dormindo com nenhuma das mulheres, ele não tinha dificuldade alguma em ser sincero e convencê-la. Não contou a verdade, entretanto, sobre o que ele estava realmente fazendo.

Richard decidiu que uma vez que o Palácio queria lhe fornecer dinheiro, permitiria que eles financiassem sua própria ruína. Gastou o dinheiro do Palácio em tudo que pudesse ajudá-lo. Tornou-se presença regular nas tavernas e estalagens que os guardas freqüentavam. Sempre que ele estava por perto, eles nunca pagavam por uma bebida.

Richard se esforçou para aprender todos os nomes deles. Durante a noite, escrevia o nome de qualquer guarda novo que conheceu, e tudo que podia descobrir sobre ele ou qualquer um dos outros guardas. Prestava mais atenção naqueles que guardavam o local onde estava a Prelada, e qualquer outro lugar que ele descobria ser de acesso proibido.

Ele parava nos postos deles sempre que estava no Palácio, e questionava sobre as vidas deles, sua namoradas, suas esposas, seus pais, suas crianças, suas comidas, seus problemas.

Richard comprou caros chocolates especiais para Kevin que a garota dele preferia, mas que Kevin dificilmente poderia bancar com seu salário. Os chocolates garantiam a Kevin muita generosidade de sua namorada. Kevin sempre ficava animado com a aproximação de Richard, mesmo quando parecia bastante cansado por causa da generosidade dela.

Richard emprestava dinheiro para qualquer guarda que pedia, sabendo que nunca seria pago. Quando alguns deles apresentavam justificativas para não ter o dinheiro para efetuar o pagamento, Richard não ouvia suas razões, dizendo para eles que entendia e que ficaria sentindo-se mal se eles ficassem preocupados com isso.

Dois dos mais durões, que guardavam uma área restrita no lado oeste do Palácio, deixariam ele comprar cerveja, mas não dariam moleza. Richard aceitou isso como um desafio. Finalmente

teve a idéia de alugar os serviços de quatro prostitutas - duas para cada um, só para chamar a atenção deles. Eles quiseram saber porque. Richard falou para eles que o Palácio fornecia o dinheiro e não entendia porque só ele deveria aproveitar. Disse que uma vez que eles precisavam ficar em pé o dia todo guardando o Palácio, pensou que seria apenas justo que o Palácio pagasse para colocar uma mulher debaixo deles quando eles se deitassem.

A oferta era boa demais para que eles resistissem. Logo eles estavam piscando secretamente para ele quando ele passava.

Assim que eles ficaram receptivos com suas ofertas, ele providenciou para que eles tivessem razões para dar as piscadelas de gratidão com mais freqüência.

Como Richard sabia que eles fariam, os dois guardas começaram a se gabar de suas aventuras. Quando alguns dos outros homens descobriram que Richard estivera disposto a fornecer para aqueles dois os serviços de mulheres, disseram a Richard que não era justo com os outros que eles fossem excluídos. Richard reconheceu que enxergava a lógica daqueles argumentos. Logo ele percebeu que não tinha tempo para cuidar de pedidos individuais, então lhe ocorreu uma idéia.

Encontrou a dona de um bordel aberta a um inventivo arranjo de negócio. Ele alugou o estabelecimento, deixando ele aberto apenas para seus "amigos." Calculou que dessa maneira ele estava na verdade economizando o dinheiro do Palácio, ao invés de pagar por serviços individualmente.

Queria que os homens lembrassem a quem eles deviam sua gratidão, então pediu que eles usassem a frase código *um amigo de Richard Cypher* antes que eles fossem recebidos. Não havia nenhuma outra restrição. Richard deu para a dona um generoso aumento no aluguel quando ela reclamou que o negócio estava mais constante do que ela havia antecipado.

Richard tranqüilizou a sua consciência sobre a ética daquilo que ele estava fazendo lembrando a si mesmo que não poderia mudar o que as pessoas escolhiam fazer, e isso poderia evitar que ele tivesse que matar os guardas quando a hora chegasse.

Sob essa luz, isso fez sentido.

Um dia quando estava com Pasha, e um homem piscou para ele, ela perguntou porque. Ele falou que era porque ele estava com a mulher mais atraente do Palácio. Ela ficou sorrindo durante uma hora.

Richard acostumou os guardas a vê-lo com a capa negra do mriswith. Manteve Pasha feliz quando estava com ela usando com freqüência o casaco vermelho que ela mais gostava. Às vezes ele usava os outros: o preto, o azul escuro, o marrom, ou o verde. Pasha gostava mais de levar ele até a cidade, mas ela fez caminhadas nos campos pelas redondezas para tentar compartilhar dos interesses dele.

Richard aprendeu que os guardas eram soldados na Ordem Imperial, em um destacamento especial para o Palácio.

A Ordem Imperial governava todo o Mundo Antigo, mas parecia ter uma política de não interferir com o Palácio dos Profetas. Eles nunca interferiram com qualquer uma das Irmãs, ou qualquer um dos homens usando um Rada'Han.

Os guardas foram colocados no Palácio para cuidar de todas as pessoas que vinham para a Ilha Halsband. Todos os dias, pessoas se amontoavam nas pontes para vir até o Palácio. Irmãs recebiam petições de todos os tipos. Alguns pediam caridade, alguns intervenção em disputas, e alguns queriam ser guiados pela sabedoria do Criador.

Outros vinham para fazer cultos nos pátios espalhados pela ilha. Eles consideravam o Palácio onde as Irmãs da Luz viviam como um lugar sagrado.

Richard aprendeu que a cidade de Tanimura, mesmo que fosse tão grande, era meramente um posto avançado do Mundo Antigo, na extremidade do império. Aparentemente, o imperador da Ordem Imperial tinha um acordo com o Palácio para fornecer guardas, mas não lei. Richard suspeitou que os guardas eram os olhos do imperador em uma área do império onde o domínio dele era negado. Richard ficou imaginando o que o imperador recebia em troca por esse acordo.

Richard também aprendeu que em pelo menos uma das áreas restritas, as Irmãs tinham um *convidado especial* que nunca saía,

mas ele não conseguiu descobrir mais.

Richard começou a testar a lealdade dos guardas a ele com pedidos simples e inocentes. Falou para Kevin que queria uma rosa especial para Pasha que crescia apenas no terreno da Prelada. Richard enfatizou algo sobre desfilas com Pasha, usando a rosa amarela, passando por Kevin. Kevin sorriu com orgulho.

Em outras áreas restritas, Richard usou a desculpa da flor, ou disse que queria ter uma vista do mar de cima de um muro em particular. Certificou-se de ficar ao alcance da visão todas as vezes, para tranquilizar os guardas e entorpecer o senso de cautela deles.

Não demorou muito para que todos os guardas estivessem acostumados com as incursões dele. Depois de um tempo, ele estava indo e vindo quase de acordo com sua vontade. Era amigo deles - um amigo confiável e valioso.

Já que estava coletando tantas flores raras das áreas restritas, usou-as como uma vantagem - entregou-as de presente para as Irmãs que praticavam com ele. Elas ficavam confusas sobre o motivo pelo qual ele daria flores de áreas restritas. Ele explicava que considerava especiais as Irmãs que o treinavam, e assim não queria que elas recebessem flores comuns, mas apenas aquelas que fossem especiais, e obtidas astuciosamente.

Além de fazer elas ficarem ruborizadas, essa explicação também desarmava uma inevitável suspeita por ele freqüentar áreas restritas.

Embora, até onde Richard poderia dizer, houvesse quase duzentas Irmãs, apenas seis trabalhavam com ele.

Irmãs Tovi e Cecilia eram mais velhas, e tão gentis quanto avós carinhosas. Tovi sempre levava biscoitos ou alguma outra guloseima para suas lições. Cecilia insistia em afastar o cabelo dele para trás, tirando ele da testa com os dedos e dando um beijo ali antes de partir. As duas ficavam bastante vermelhas quando ele dava flores raras. Richard teve dificuldade em pensar nelas como possíveis inimigas.

Na primeira vez em que Irmã Merissa apareceu na porta dele, Richard quase engoliu a língua. O cabelo negro dela e o modo com ela preenchia seu vestido vermelho fez ele tropeçar nas palavras

como um tolo. Irmã Nicci, que nunca usava qualquer cor a não ser preto, tinha o mesmo efeito sobre ele. Quando Irmã Nicci travava os olhos azuis dela em cima dele, ele sentia dificuldade em lembrar como respirar.

Irmãs Merissa e Nicci eram mais velhas que Pasha - da idade dele, ou talvez no máximo uns dois anos mais velhas. Elas andavam com confiança e lenta graciosidade. Embora Merissa fosse morena, e Nicci loura, elas pareciam ter sido cortadas do mesmo tecido raro.

O poder do Han irradiava de cada uma delas, fazendo com que elas quase brilhassem. Às vezes Richard pensava que podia quase ouvir o ar estalando ao redor delas. Nenhuma delas caminhava. As duas deslizavam - como cisnes, serenas e indiferentes.

Ainda que ele tivesse certeza que ambas poderiam derreter minério de ferro com seus olhares serenos.

Nenhuma delas sorria. Elas exibiam leves esboços de sorriso. E apenas quando olhavam para ele nos olhos. Richard podia sentir o coração batendo mais depressa quando elas faziam isso.

Uma vez, ele ofereceu para Irmã Nicci uma de suas flores raras de uma área restrita. Sua explicação a respeito de onde ela veio e a história do motivo pelo qual ele estava dando aquilo para ela escapou de sua mente. Ela pegou a rosa branca cuidadosamente com o indicador e o polegar, como se aquilo pudesse sujar sua mão, e enquanto o olhar dela penetrava o dele, lançou um de seus leves sorrisos e falou com um tom indiferente, "Nossa, obrigada, Richard." O que Pasha tinha falado sobre garotos levando rãs para as Irmãs surgiu em sua mente. Nunca mais ele deu uma flor para a Irmã Nicci ou para Merissa. Qualquer coisa menor do que jóias caríssimas pareciam um insulto.

Nem convidou-as para sentar no chão para suas lições. Na verdade, a simples ideia das Irmãs Merissa e Nicci sentarem no chão pareceu ridícula. As Irmãs mais velhas, Tovi e Cecilia, sentavam no chão, assim como Pasha, e isso parecia perfeitamente natural. As Irmãs Merissa e Nicci sentavam em cadeiras, e seguravam as mãos dele em cima de uma pequena mesa. De algum modo aquilo parecia uma experiência erótica. Fazia ele suar.

As duas falavam com uma calma economia de palavras que adicionava um ar de nobreza ao comportamento delas. Enquanto nenhuma delas jamais tenha feito uma clara oferta, de algum modo elas conseguiram colocar na mente de Richard sem dúvida alguma que estavam disponíveis para passar a noite com ele. Richard nunca conseguia destacar nada específico no que elas diziam para confirmar essa impressão, mas ele não tinha dúvida. Suas palavras indiretas deixavam espaço para que ele fingisse não perceber sua intenção, e também não permitiam saber com clareza o que diziam.

Ele rezava para que elas jamais fizessem a oferta de forma mais explícita, porque se fizessem, sabia que teria que morder a língua para evitar dizer *sim*. As duas faziam ele lembrar do que Pasha tinha falado sobre os homens possuírem necessidades incontroláveis. Ele nunca tinha ficado perto de alguém que pudesse fazer ele gaguejar, ficar atrapalhado e de um modo geral parecer um tolo como aquelas duas fizeram. As Irmãs Merissa e Nicci eram a materialização da pura luxúria.

Quando Pasha descobriu que as Irmãs Merissa e Nicci eram duas de suas professoras, ela encolheu os ombros, e disse que eram Irmãs muito talentosas, e que tinha certeza de que elas o ajudariam a alcançar o seu Han. Mas as bochechas dela ficaram manchadas de vermelho.

Quando Perry e Isaac ficaram sabendo a respeito das Irmãs Merissa e Nicci, os dois quase desmaiaram.

Disseram que desistiriam de todas as mulheres da cidade, para sempre, só para ter uma noite com cada uma delas. Disseram que se Richard tivesse a oportunidade, deveria aproveitar, e contar para eles cada detalhe. Richard garantiu a eles que mulheres com o gosto daquelas duas jamais ficariam interessadas em um guia florestal como ele.

Ele não ousou falar em voz alta que a oferta tinha sido feita.

A quinta Irmã, Armina, era mais velha, uma mulher madura que era bastante agradável, mas totalmente focada no trabalho. Quando ele não teve mais sorte em encontrar o seu Han com ela do que tinha com as outras, ela disse que isso viria com o tempo, e para que não ficasse desapontado, mas talvez ele devesse tentar se

esforçar mais. Com o tempo, ela ficou mais calorosa com ele, e sorriu mais. Ficou surpresa e lisonjeada com as flores especiais. Ficou ruborizada do seu próprio modo. Richard gostou da personalidade sincera dela.

A última Irmã, Liliana, era a favorita de Richard. O sorriso fácil dela era irresistível, seu visual esbelto de alguma forma encantador por causa de sua natureza aberta e amigável. Ela tratava Richard como um confidente. Richard sentia-se relaxado com ela, às vezes gastando mais tempo do que deveria, conversando com ela até tarde da noite, simplesmente porque gostava de sua companhia. Embora ele não tivesse nenhum amigo entre seus captores, ela tornou-se mais próxima do que qualquer outra pessoa.

Quando Richard deu a ela a flor especial, ela prendeu um pouco de seu cabelo castanho atrás de uma orelha e se inclinou.

Ela ficou com os olhos arregalados, querendo saber como ele tinha conseguido passar pelos guardas. Ela riu quando ele contou a história que inventou sobre rastejar por trás das costas deles. Ela enfiava cada uma das rosas em uma casa de botão orgulhosamente, e ficava com ela até que murchasse ou ele desse outra.

Quando ela o tocava de uma maneira amigável, parecia uma coisa natural. Ele percebeu que colocava uma das mãos no braço dela da mesma maneira quando contava para ela histórias sobre quando tinha sido um guia. Eles riam bastante juntos, segurando as costelas e derramando lágrimas.

Irmã Liliana contou para ele como ela cresceu em uma fazenda, e adorava o campo. Muitas vezes Richard convidou-a para um piquenique nas colinas. Ela ficava confortável e feliz no campo. Não se importava se ficava com o vestido sujo. Richard não conseguia imaginar as Irmãs Merissa ou Nicci colocando um pé na terra, mas a Irmã Liliana deitaria no chão junto com ele.

Ela nunca se ofereceu para dormir com ele. Só isso já deixava ele mais tranquilo. Nunca mostrou qualquer pretensão; parecia gostar genuinamente do tempo que passava com ele. Quando ele abriu os olhos depois de uma sessão com ela e admitiu que não sentiu o Han, ela apertava as mãos dele e dizia que estava tudo bem, e que tentaria se esforçar mais na próxima vez para aj udá-lo.

Richard percebeu que contava coisas para ela que não contava para nenhuma das outras. Quando falou o quanto queria tirar o Rada'Han, ela colocou uma das mãos no braço dele enquanto dava uma piscada, e falou que ele tivesse o seu desejo atendido, que quando a hora chegasse, ela mesma faria isso. Disse que podia entender os sentimentos dele, e para que ele tivesse fé.

Prometeu que um dia se ele estivesse no fim de sua tolerância, e realmente não conseguisse mais suportar, ajudaria ele, removeria a coleira. Mas ela queria que soubesse que tinha fé nele, e queria que ele fizesse o seu melhor esforço para aprender a controlar o seu Han antes mesmo de ter considerado aquilo.

Ela falou que outros homens jovens tentaram esquecer suas coleiras deitando com toda mulher que estivesse disposta. Disse que podia entender as necessidades, mas esperava que se ele escolhesse dormir com uma mulher que fosse porque gostava dela, e não porque estava tentando esquecer a coleira. Falou para que não procurasse as prostitutas porque elas eram sujas e ele poderia pegar alguma doença.

Richard disse a ela que estava apaixonado por alguém, e não queria ser infiel a ela. Ela sorriu, deu tapinhas nas costas dele e falou que estava orgulhosa dele. Richard não contou para ela que Kahlan tinha mandado ele embora, mas queria contar. Sabia que algum dia, se não conseguisse mais suportar, poderia contar para Liliana e ela escutaria e entenderia.

Porque ficava tão confortável perto dela, sentiu que se alguém pudesse ajudá-lo a encontrar o seu Han, seria ela. Esperava que fosse ela. Richard só teve um irmão, e não sabia como seria ter uma irmã, mas imaginava que se tivesse uma, ela seria como Liliana. Para ele, o nome Irmã Liliana tinha um significado diferente do planejado. Ela parecia sua alma gêmea.

Ainda assim, não poderia se abrir completamente com ela. As Irmãs eram suas captoras, não suas amigas. Eram o inimigo, por enquanto. Mas ele sabia que quando a hora chegasse, Liliana ficaria do lado dele.

As lições de Richard com as Irmãs consumiam mais de duas horas por dia. Um desperdício de duas horas de acordo com a

opinião dele. Não estava mais perto de tocar o seu Han do que estivera na primeira vez em que Irmã Verna tinha feito ele tentar.

Quando Richard conseguia ficar sozinho, explorava a terra ao redor do Palácio, e descobriu os limites de sua corrente invisível. Quando atingiu a distância que a coleira permitia, pareceu como se tentasse caminhar através de uma parede de lama com dez pés de espessura sobre rocha sólida. Era frustrante conseguir enxergar além, sem obstrução, e ainda assim não conseguir continuar caminhando.

Isso acontecia, tanto quanto ele conseguiu avaliar, a uma mesma distância do Palácio em qualquer direção. Era um bom número de milhas, mas uma vez que encontrava o limite, seu mundo parecia realmente muito pequeno.

No dia que encontrou sua fronteira, os limites de sua prisão, ele foi até a Floresta Hagen, e matou um mriswith.

Seu único consolo verdadeiro era Gratch. Richard passava a maior parte das noites com o gar. Lutava com seu amigo peludo, comia com ele, e dormia perto dele. Richard caçava comida para Gratch, mas o gar estava aprendendo a caçar sozinho. Richard estava aliviado em saber disso; ele não tinha tempo para ficar com ele todas as noites. Faminto ou não, Gratch sempre ficava inquieto quando Richard faltava uma noite.

Richard ficava preocupado que Pasha soubesse para onde ele ia o tempo todo, através de sua coleira, mas por acidente ele descobriu algo mais que a sua capa de mriswith fazia - ela mascarava sua localização de Pasha. Quando ele usava a capa, ela não conseguia encontrá-lo pelo seu Rada'Han, pelo seu Han.

Ela ficava confusa por causa das falhas em sentir onde ele estava, mas não parecia preocupada demais, imaginando que talvez aquilo tivesse uma explicação que ela descobriria algum dia. Ela pareceu pensar que isso fosse uma deficiência da parte dela. Richard nunca mostrou a solução.

Ele percebeu que essa era a razão pela qual ninguém com o dom nunca sabia quando um mriswith estava se aproximando. Richard ficou imaginando porque ele conseguiu ver a besta em sua mente. Talvez fosse como Irmã Verna disse, que ele estivesse

usando o seu Han. Mas Irmãs e magos sabiam como usar o Han deles, e não conseguiam detectar o mriswith.

Richard tinha um momento mais tranqüilo quando podia ir aonde queria, e sabia que Pasha não saberia onde ele estava; isso acabava com o trabalho de pensar em explicações. Ele ficava preocupado de que se ela descobrisse a razão, destruiria sua capa, então ele escondeu uma segunda para essa contingência.

Gratch parecia estar maior cada vez que Richard o via. No final do primeiro mês de Richard no Palácio, o gar estava uma cabeça maior do que Richard, e significativamente mais forte. Quando eles lutavam, Gratch aprendeu a ser cuidadoso para não machucá-lo.

Richard também passava a maior parte do seu tempo com Warren, fazendo ele se acostumar a sair. Primeiro ele levou Warren até os pátios durante a noite. Warren falou que o tamanho do céu e da paisagem assustavam ele, então Richard concluiu que a noite mostraria menos da paisagem, pelo menos no começo.

Warren disse que as Irmãs mantiveram ele lá embaixo durante tanto tempo que ele pensou simplesmente que tinha se acostumado a ficar em lugar fechado, mas estava cansado daquilo. Richard sentia pena dele, e queria ajudá-lo. Realmente gostou de Warren. Ele era tão esperto quanto qualquer pessoa que Richard tinha conhecido. Parecia não haver nada de que Warren não soubesse pelo menos um pouco.

Warren estava nervoso por ficar longe da segurança do Palácio, mas sentia-se confiante com a presença de Richard, e com o modo como Richard nunca ridicularizava seus medos. Richard era sempre compreensivo, nunca levando Warren mais longe do que ele sentia confortável. Richard disse para ele que aquilo era simplesmente como se você estivesse ferido e tivesse deitado por um período: levava tempo para esticar os velhos músculos.

Após algumas semanas de suas investidas durante a noite, Richard começou a levar Warren para fora na luz do dia, primeiro apenas acima dos muros para olhar a vastidão do céu e do oceano. Warren ficava sempre perto de uma escadaria que levava de volta para dentro do Palácio, então ele ficava tranqüilo por ter uma rota de fuga por perto se sentisse que precisava voltar para dentro.

Algumas vezes ele voltou, e Richard sempre o acompanhava, e falava sobre outras coisas para afastar a mente dele da sensação desconfortável. Richard fez Warren levar para fora um livro junto com ele, para que assim ele pudesse ficar distraído pela leitura. Deixar Warren esquecer a respeito do tamanho do céu ajudou.

Em um brilhante dia ensolarado, depois que Warren tinha ficado acostumado em estar fora de casa, Richard decidiu tentar levar ele até as colinas. No começo Warren ficou um pouco tonto, mas quando eles sentaram em uma pedra alta nas colinas, com uma vista ampla do campo e da cidade, Warren disse que sentia como se tivesse dominado seu medo. Disse que ainda sentia-se desconfortável, mas sentia que o medo estava sob controle.

Ele sorriu para a vasta paisagem que se espalhava logo abaixo, aproveitando a visão que seus medos negaram por tanto tempo.

Richard falou que estava feliz por ter sido ele quem conseguiu guiá-lo para fora de seu buraco de toupeira.

Warren riu.

Warren disse que precisava de aventura em sua vida, e esse parecia o começo.

Tão longe quanto a busca por informações de Warren estava seguindo, ele tinha conseguido encontrar pequenas preciosidades. Até agora havia descoberto apenas algumas referências em livros antigos que falavam sobre o Vale dos Perdidos, e os Baka Ban Mana, mas o que ele encontrou era intrigante. A informação fazia referência ao poder que magos deram aos Baka Ban Mana em compensação por tomar suas terras, para que algum dia eles pudessem ter sua terra devolvida. Ela dizia que quando a conexão completa estivesse unida com esse poder investido na mulher espírito deles, as torres cairiam.

Richard pensou em Du Chaillu dizendo que ele era o Caharin, e que agora eles eram marido e esposa. Aquilo era um tipo de conexão. Ficou imaginando se durante esse tempo o significado dessa união não poderia ser interpretado com o significado de casamento, ao invés do que foi pretendido originalmente.

Enquanto eles ficavam sentados observando a paisagem, Warren disse, "A Prelada tem lido profecias e histórias que falam

sobre *a pedra no lago.*”

Os ouvidos de Richard ficaram atentos. Ele lembrou de Kahlan cantando uma canção sobre screeplings que mencionava *a pedra no lago.* Warren não havia estudado aquelas profecias antes, e ainda não foi capaz de perceber sua importância.

“Você sabe qual é a Segunda Regra do Mago?” Richard perguntou.

“Segunda Regra? Magos tem regras? Qual é a primeira?”

Richard ficou observando. “Lembra daquela noite em que Jedidiah quebrou a perna, e eu falei que tinha cinza de tapete em você? E você tentou limpar? Eu estava usando a Primeira Regra do Mago.” Warren franziu a testa. “Pense nisso, Warren, e me diga o que descobre. Enquanto isso, é importante que você acelere a procura pela informação que eu pedi.”

“Bem, será um pouco mais fácil, agora que a Irmã Becky fica doente toda manhã, e não vai ficar olhando por cima do meu ombro. Ela está grávida,” ele falou como resposta para a expressão de confusão de Richard.

“Muitas Irmãs tem crianças?”

“Com certeza,” Warren disse. “Com todos os jovens magos que não podem mais ir até a cidade. As Irmãs ajudam com suas necessidades, para que eles consigam estudar.”

Richard lançou um olhar desconfiado para Warren. “A criança de Irmã Becky é sua?”

Warren ficou vermelho. “Não.” Ele manteve os olhos na cidade. “Estou esperando por aquela que amo.”

“Pasha,” Richard falou.

Warren assentiu. Richard olhou para o Palácio dos Profetas, e para a cidade que o rodeava. Necessidades.

“Warren, todas as crianças de homens com o dom herdam isso?”

“Oh, não. Dizem que muitos milhares de anos atrás, antes que o Mundo Antigo e o Novo fossem separados, muitos tinham o dom. Mas com o passar do tempo aqueles que estavam no poder mataram metodicamente jovens com o dom, então eles não teriam ninguém para ameaçar o domínio deles. Eles também impediram o

treinamento necessário. Os pais costumavam ensinar seus filhos, mas quanto menos nasciam com o dom, e ele pulava mais e mais gerações, aqueles que conheciam os caminhos guardavam seu conhecimento de maneira egoísta. Essa foi a razão para a criação do Palácio dos Profetas - para ajudar aqueles que tem o dom, que não tinham professor.

“Enquanto o tempo passava, o dom foi removido da raça dos homens, do mesmo modo que você elimina uma característica de um animal. Isso deu aos magos que detinham o poder menos e menos oposição o tempo todo.

“Agora que essa característica ficou tão distante, alguém nascido com o dom é incrivelmente raro. Talvez apenas uma criança entre mil com pai mago nasce com o dom. Somos uma raça em extinção.”

Richard olhou para a cidade novamente, então para o Palácio.

Seus olhos fixaram no Palácio, Richard levantou lentamente. “Elas não estão vendo nossas necessidades,” ele sussurrou, “estão nos usando como reprodutores.”

Warren levantou. Sua testa franzida. “O quê ?”

“Estão usando o Palácio, os homens jovens no Palácio, para gerar magos.”

A testa de Warren franziu mais ainda. “Porque ?”

Os músculos da mandíbula de Richard flexionaram. “Não sei, mas pretendo descobrir.”

“Bom,” Warren falou com um sorriso. “Preciso de uma aventura.”

Richard lançou um olhar frio para ele. “Sabe o que é uma aventura, Warren?”

Warren assentiu, com o sorriso ainda no rosto. “Uma experiência excitante.”

“Aventura é sentir medo da morte, e não saber se vai viver ou morrer, ou se aqueles que você ama vão viver ou morrer. Aventura é se meter em problemas dos quais não sabe como sair.”

Warren remexeu nas fitas em sua manga. “Nunca pensei nisso dessa maneira.”

“Bem, pense nisso,” Richard disse, “porque eu estou prestes a começar uma aventura.”

“O que você vai fazer ?”

“Quanto menos você souber, com menos aventura vai ter que se preocupar. Apenas descubra as coisas que eu preciso saber.”

“Se o véu estiver rasgado, nós todos vamos ter uma aventura sem fim.”

“Bem,” Warren disse com uma piscadela, “Então, eu descobri pelo menos uma coisa que pode ajudar.”

“A Pedra das Lágrimas ?”

Warren assentiu com um sorriso. “Descobri que não haveria jeito de você ter visto ela. Ela está trancada por trás do véu. De certo modo, ela é parte do véu.”

“Tem certeza ? Tem certeza de que eu não poderia ter visto?”

“Positivo. A Pedra das Lágrimas é o selo que mantém o Sem Nome trancado em sua prisão dos mortos, no submundo. Ele pode governar as almas dos mortos que estão lá com ele, mas não pode ver para esse mundo. A Pedra das Lágrimas sela ele ali.”

“Bom,” Richard disse com um suspiro de alívio. “Isso é ótimo, Warren. Bom trabalho.” Segurou gentilmente o manto de Warren e puxou-o para mais perto. “Você tem certeza. Não tem jeito da Pedra das Lágrimas estar nesse mundo.”

Warren balançou a cabeça de maneira confiante. “Nenhum. Isso é impossível. O único jeito da Pedra das Lágrimas estar nesse mundo seria ela ter passado através do portal.”

Richard sentiu a sua carne começar a formigar. “Portal ? O que é o portal?”

“Bem, o portal é o que o nome implica. Uma passagem. Nesse caso, uma passagem entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. É magia dos dois mundos, uma passagem construída por magia. O portal só pode ser aberto através da Magia Aditiva em conjunto com a Subtrativa. O Sem Nome só tem a Subtrativa, já que ele está no submundo, então ele não pode abrir o portal. Do mesmo modo que alguém nesse mundo não poderia abrir, porque só temos a Magia Aditiva.”

Os braços de Richard estavam começando a ficar arrepiados. “Mas alguém nesse mundo, alguém com as duas magias, poderia abrir o portal?”

“Bem, certamente,” Warren gaguejou. “Se tivesse o portal. Mas ele está perdido faz mais de três mil anos.”

“Está perdido.” Lançou um sorriso confiante para Richard. “Estamos seguros.”

Richard não estava sorrindo. Agarrou o manto de Warren com as duas mãos e puxou o rosto dele bem perto. “Warren, diga-me que o portal não se chama Magia de Orden. Diga-me que o portal não é formado pelas três Caixas de Orden.”

Os olhos de Warren arregalaram lentamente ficando do tamanho de moedas de ouro. “Onde você ouviu esse nome?” ele sussurrou com um tom preocupado. “Eu sou o único no Palácio além da Prelada e das duas outras Irmãs que tem permissão de ler os livros que chamam o portal por esse antigo nome.”

Richard cerrou os dentes. “O que acontece se uma das caixas for aberta?”

“Elas não podem ser abertas,” Warren insistiu. “Não podem. Eu falei, precisa dos dois tipos de magia, Aditiva e Subtrativa, para abrir uma caixa.”

Richard balançou ele. “O que acontece!”

Os olhos dele continuavam arregalados, Warren engoliu em seco. “Então o portal entre os dois mundos abre. O véu é violado. O selo do Sem Nome é removido.”

“E a Pedra das Lágrimas estaria nesse mundo?” Warren assentiu enquanto Richard apertava com mais força.

“E se a caixa fosse fechada, isso fecharia o portal? Elaria a brecha?”

“Não. Bem, sim, mas ela só pode ser fechada por alguém com o dom. É preciso o toque da magia para fechar o portal.”

“Mas se alguém com o dom fecha a caixa, o portal, então isso gera uma ruptura no equilíbrio, porque ele só tem Magia Aditiva, e o Sem Nome escapa do submundo. Para ser mais correto, esse mundo seria engolido pelo mundo dos mortos.”

Então como a caixa pode ser fechada para manter os mundos separados!”

“Do mesmo jeito que o portal é aberto. Com as duas magias, Aditiva e Subtrativa.”

“E quanto a Pedra das Lágrimas?”

“Não sei. Eu teria que estudar.”

“Então é melhor você estudar bem rápido.”

“Por favor,” Warren gemeu, “você não está querendo dizer que sabe onde estão as caixas. Você não encontrou elas, encontrou?”

“Encontrei? Da última vez que vi as caixas, uma estava aberta, prestes a sugar o meu pai bastardo para dentro do submundo.”

Warren desmaiou.

CAPÍTULO 57



Debaixo dos raios de sol impotentes da tarde, uma velha estava espalhando cinzas de madeira sobre o gelo que cobria a vasta extensão de degraus. Kahlan passou caminhando, aliviada porque a mulher não levantou os olhos para ver que a pessoa nas roupas pesadas, manto de pele branca, e carregando uma mochila e um arco era a Madre Confessora retornando para Aydindril.

Ela não estava com humor para uma celebração esta noite. Estava exausta. Antes de chegar ao Palácio já tinha subido até a Fortaleza do Mago sobre o lado da montanha, mas a Fortaleza estava fria como rocha e escura como a morte. Os escudos estavam nos seus lugares, embora uma Confessora pudesse entrar, mas não havia ninguém lá dentro.

Zedd não estava ali.

A Fortaleza agora estava como tinha visto fazia muitos anos, quando ela partiu para encontrar o grande mago desaparecido. Tinha encontrado ele e ajudado a deter a ameaça de Darken Rahl, mas agora ela precisava do grande mago novamente.

Desde que deixou o exército Galeano quase um mês antes, ela estivera lutando para chegar até Aydindril, e até Zedd.

Tempestades explodiram durante dias. Passagens ficaram impossíveis de atravessar por causa do clima e da neve, forçando eles a recuar e encontrar rotas alternativas. Foi uma jornada frustrante e cansativa, mas o desespero em alcançar seu objetivo e não encontrar Zedd foi devastador.

Kahlan tinha seguido através de ruas laterais, evitando Kings Row. Os Palácios em Kings Row abrigavam dignitários, empregados, e guardas das terras que eram representadas em Aydindril. Os reis, Rainhas e governantes daquelas terras ficavam nos seus Palácios

quando vinham falar com o Conselho. Os Palácios eram uma questão de orgulho para cada terra, e cada um deles era magnífico, embora nenhum pudesse ser comparado ao Palácio das Confessoras.

Kahlan tinha evitado Kings Row porque seria reconhecida ali, e não queria ser reconhecida agora; queria apenas encontrar Zedd e, se falhasse nisso, falar com o Conselho, então seguiu na direção da área de serviço ao lado, perto das cozinhas.

Chandalen estava na floresta. Não quis entrar em Aydindril; o tamanho da cidade e a grande quantidade de pessoas deixavam ele inquieto, ainda que ele negasse isso, e afirmava apenas que ficava mais confortável dormindo lá fora.

Kahlan não poderia culpá-lo; depois de ficar sozinha nas montanhas por tanto tempo, ela também estava desconfortável entrando na cidade, mesmo que tivesse crescido nesse lugar e conhecesse suas ruas e construções majestosas tão bem quanto Chandalen conhecia as planícies ao redor da vila do Povo da Lama. As pessoas por toda parte faziam ela sentir-se isolada como nunca.

Chandalen quis ir para casa, para o seu povo, agora que ela foi entregue em Aydindril com segurança. Ela conseguiu entender o desejo dele de ir embora, mas pediu para ele descansar durante a noite, e despedir-se dela de manhã.

Tinha falado para Orsk passar a noite junto com Chandalen. Sua presença chamava atenção; seu único olho seguindo ela por toda parte, seu costume de pular para ajudá-lo com tudo, sua prontidão constante para obedecer uma ordem dela com a menor indicação. Era como ter um cãozinho no calcanhar continuamente. Ela precisava de uma noite longe daquilo.

Chandalen pareceu entender. Ela não sabia o que fazer com Orsk.

Uma lufada de ar quente sufocante atingiu-a quando ela passou pela entrada da cozinha. Com o som da porta, uma mulher magra com um avental branco brilhante virou para ela.

“O que você está fazendo aqui dentro! Cai fora daqui, sua mendiga!”

Quando a mulher levantou sua colher de madeira de uma maneira ameaçadora, Kahlan puxou o capuz de sua manta para trás.

A mulher engasgou. Kahlan sorriu.

“Senhora Sanderholt. Estou tão feliz em vê-la novamente.”

“Madre Confessora!” A mulher caiu de joelhos, juntando as mãos. “Oh, Madre Confessora, me perdoe! Não reconheci você. Oh, louvados sejam os bons espíritos, é mesmo você?”

Kahlan ajudou a mulher a levantar. “Senti muita saudade de você, Senhora Sanderholt.” Kahlan estendeu os braços. “Me dá um abraço?”

A Senhora Sanderholt caiu nos braços de Kahlan. “Oh, criança, e tão bom ver você!” Ela se afastou, com lágrimas descendo pelo rosto. “Nós não sabíamos o que tinha acontecido com você. Estávamos tão preocupados. Pensei que talvez nunca mais encontrasse com você novamente.”

“Tem sido um tempo longo e difícil. Não posso dizer o quanto é bom ver o seu rosto outra vez.”

A Senhora Sanderholt começou a puxar Kahlan na direção de uma mesa. “Venha. Você precisa de uma tigela de sopa. Eu tenho um pouco aqui, se esses tolos que mal sabem cozinhar não tiverem estragado ela colocando pimenta e mais.”

O monte de cozinheiros e ajudantes ouviram as palavras e baixaram as cabeças, voltando a concentrar sua atenção nas tarefas. Os sons de ovos sendo batidos e colheres em tigelas acelerou. Homens pegavam sacos e se afastavam apressados.

Escovas trabalhavam em panelas com maior entusiasmo. Manteiga chiava em frigideiras quentes, e pão em fornos e carne em espetos repentinamente precisavam ser checados.

“Não tenho tempo, nesse momento, Senhora Sanderholt.”

“Mas tenho coisas que devo dizer a você. Coisas importantes.”

“Eu sei. Também tenho coisas para dizer a você. Mas agora eu devo encontrar o Conselho. É urgente. Estive viajando por um longo tempo, e eu estou exausta, mas devo ver o Conselho antes de descansar. Vamos conversar amanhã.”

A Senhora Sanderholt não conseguiu resistir e deu outro abraço. “É claro, criança. Descanse bem. Conversaremos amanhã.”

Kahlan pegou a rota mais curta, através do imenso corredor usado para cerimônias importantes e celebrações.

O fogo em grandes lareiras magníficas dispostas pela sala entre colunas decoradas lançavam sombras dela espiralando enquanto ela cruzava o chão verde com ardósia. Agora a sala estava vazia, permitindo que os passos dela ecoassem lá em cima nas abóbadas com intrincadas liernes ondulantes que pareciam costelas. O pai dela costumava colocar milhares de nozes e bolotas, representando tropas, pelo chão desta sala, para ensinar a ela táticas de batalha.

Ela virou descendo o corredor no lado mais afastados, na direção do corredor que levava até a câmara do Conselho. Na galeria particular das Confessoras, grupos de quatro colunas de mármore lustrosas de cada lado suportavam uma série de arcos de diversas cores. no final, diante da câmara do Conselho, estava um panteão arredondado com dois andares de altura dedicado à memória de heroínas: as Madres Confessoras fundadoras. Os retratos delas, em pinturas entre os sete pilares massivos, que alcançavam até a clarabóia, eram duas vezes o tamanho de uma pessoa.

Kahlan sempre sentia como se fosse uma impostora naquele posto diante da presença dos sete rostos sérios que observavam a sala toda. Sentia como se elas falassem, *E quem é você, Kahlan Amnell, para pensar que poderia ser a Madre Confessora?* Conhecer as histórias dessas heroínas apenas fazia ela sentir-se ainda mias inadequada.

Segurando nos dois puxadores de metal, ela abriu as altas portas de mogno e marchou para dentro da câmara do Conselho.

Um grande domo cobria a sala enorme. No canto mais distante, a câmara principal estava decorada com uma pintura celebrando a glória de Magda Searus, a primeira Madre Confessora. Os dedos dela estavam tocando a costa da mão do mago dela, Merritt, que tinha dado sua vida para protegê-la. Juntos, agora, o tempo todo na pintura colorida, os dois supervisionavam as Madres Confessoras que os seguiam e sentavam na Primeira Cadeira, e seus magos.

Entre as colossais letras capitais de ouro das colunas que erguiam-se ao redor da sala, estavam sinuosos corrimões polidos de mogno nas margens de sacadas com ampla vista da câmara elegante. As aberturas arqueadas, dispostas em intervalos pela sala

e conduzindo para cima até as sacadas, estavam decoradas com estuques esculpidos com cenas heróicas. Mais adiante, havia janelas mostrando os pátios. Janelas arredondadas em volta da margem inferior do domo também deixavam a luz entrar na câmara cintilante. No lado mais afastado estava o balcão semi-circular onde os conselheiros sentavam, por trás de uma mesa curva enfeitada. A opulenta Primeira Cadeira no centro era a mais alta.

Um grupo de homens estava reunido ao redor da Primeira Cadeira. Pelos números, Kahlan julgou que metade do Conselho estivesse presente. Enquanto ela caminhava através dos feixes de luz do sol sobre o chão de mármore decorado, as cabeças começaram a seguir seu avanço.

Alguém estava sentado na Primeira Cadeira. Embora não fosse muito cobrado nas épocas recentes, era uma grande ofensa que um conselheiro sentasse na Primeira Cadeira, pois isso era considerado equivalente a uma declaração de revolução. A conversação silenciou quando ela se aproximou.

Era o Alto Príncipe Fyren, de Kelton, sentado na cadeira. Seus pés estavam sobre a mesa, e ele não retirou enquanto observava ela se aproximar. Os olhos dele estavam sobre ela, mas ele estava escutando um homem de cabelo negro liso e barba, com algumas listras de tom cinza, que estava inclinado sussurrando para ele. As mãos do homem estavam enfiadas nas mangas de seu manto. Estranho, ela pesou, que um conselheiro se vestisse dessa forma, como um mago.

O Príncipe Fyren levantou as sobrancelhas parecendo animado. "Madre Confessora!" Com cuidado deliberado ele baixou as suas botas polidas e ficou de pé. Colocou as mãos na mesa e se inclinou, olhando para baixo. "É tão bom ver você!"

Antes, Kahlan sempre tivera um mago; agora, não tinha nenhum. Nenhuma proteção. Não poderia se dar ao luxo de parecer tímida ou vulnerável.

Olhou para o Príncipe Fyren com firmeza. "Se algum dia eu encontrar você na cadeira da Madre Confessora, vou matá-lo."

Ele endireitou o corpo e mostrou um sorriso falso. "Usaria o seu poder contra um conselheiro?"

“Cortarei sua garganta com minha faca, se eu tiver que fazer isso.”

O homem no manto liso observava com olhos escuros imóveis. Os outros conselheiros ficaram pálidos.

O Príncipe Fyren abriu o seu casaco azul escuro e descansou uma das mãos no quadril. “Madre Confessora, não pretendia ofender. Você esteve fora por muito tempo. Todos nós pensamos que estivesse morta. Não tem nenhuma Confessora no Palácio durante... o que?” Olhou para alguns dos outros homens. “Quatro, cinco, seis meses?” Com a mão ainda no quadril, ele esticou a outra e fez uma reverência. “Não queria ofender, Madre Confessora. Sua cadeira está sendo devolvida, é claro.”

Kahlan encarou cada um dos homens restante. “Está tarde. O Conselho se reunirá para uma sessão de manhã.”

“Todos os membros do Conselho estarão presentes. Midlands está em guerra.”

O Príncipe Fyren levantou uma sobrancelha. “Guerra ? Com autoridade de quem? Nós não discutimos esse assunto tão grave.”

Kahlan lançou um olhar sobre os conselheiros, para finalmente pousar os olhos no Príncipe Fyren. “Por minha autoridade como a Madre Confessora.” Sussurros irromperam entre os homens. O Príncipe Fyren não afastou os olhos dos olhos dela. Quando ela dirigiu um olhar furioso para os homens que estavam sussurrando, lançou faíscas. “Quero cada um dos membros aqui, como prioridade ao amanhecer. estão dispensados, por enquanto, senhores.”

Kahlan girou nos calcanhares e marchou saindo da sala.

Não reconheceu nenhum dos guardas que viu pelo Palácio, mas não poderia; Zedd falou como a maioria da Guarda Doméstica tinha sido morta na queda de Aydindril perante D'Hara. Sentiu saudade dos velhos rostos.

O centro do Palácio das Confessoras em Aydindril era dominado por uma monumental escadaria com oito ramificações, iluminada, a partir de quatro andares acima, por luz natural que vinha através do teto de vidro. A vasta praça era cercada por corredores com arcos, suas aberturas arqueadas ficavam separados por colunas polidas de mármore com diversos tons de dourado e

verde apoiadas sobre blocos quadrados, cada um decorado com um medalhão de um governante passado de uma das terras de Midlands. As centenas e mais centenas de balaústres cintilantes com forma de vaso tinham sido feitos a partir de uma delicada pedra amarela que parecia emitir um brilho de seu interior. Os pilares de apoio dos degraus, feitos de granito marrom escuro, eram quase tão altos quanto ela, e cada um estava coberto por uma lamparina com folhas douradas.

Entalhes floridos na rocha cobriam os extensos painéis debaixo de complexas moldados em forma de dentes que espalhavam-se nas faixas sobre a parte superior das letras capitais. A plataforma central guardava estátuas de oito Madres Confessoras.

Kahlan tinha visto Palácios modestos que caberiam dentro do espaço que a escadaria ocupava.

A escadaria monumental e a sala onde ela estava consumiram quarenta anos para serem construídas, com os custos todos pagos por Kelton, como um pagamento parcial devido sua oposição na união das terras em Midlands, e pela guerra que isso causou. Também havia sido decretado que nenhum líder de Kelton jamais poderia ser honrado com um medalhão na base das colunas. A escadaria era dedicada ao povo de Midlands, e deveria honrar a eles, não aqueles que a construíram como uma punição. Agora Kelton era uma poderosa terra de Midlands com boa posição, e Kahlan pensou que era tolice penalizar um povo por algo que seus ancestrais tinham feito séculos atrás.

Quando ela alcançou a plataforma central e virou subindo o segundo lance de escadas na direção do quarto dela, viu um grupo de servos esperando no topo da escada. Todos fizeram reverência ao mesmo tempo quando os olhos dela pousaram sobre eles. Ela pensou que aquilo deveria parecer absurdo - quase trinta pessoas penteadas e arrumadas usando uniformes limpos e bem cuidados, todos fazendo reverência para uma mulher suja com pele de lobo, carregando um arco e uma pesada mochila. Bem, isso só poderia significar uma coisa: a notícia de sua chegada já tinha se espalhado por todo o Palácio. Não deveria haver um só jardineiro na estufa

mais distante que agora não soubesse que a Madre Confessora estava em casa.

“Levantem, minhas crianças,” Kahlan disse quando chegou ao topo da escada. Eles recuaram para abrir caminho para ela.

E então começou. A Madre Confessora gostaria de um banho, a Madre Confessora gostaria de uma massagem, a Madre Confessora que seu cabelo fosse lavado e escovado, a Madre Confessora gostaria que suas unhas fossem tratadas, a Madre Confessora se importaria em receber alguns petiçãoários, a Madre Confessora gostaria de falar com algum conselheiro, a Madre Confessora gostaria que alguma carta fosse escrita, a Madre Confessora gostaria, deseja, quer, precisa, ou solicita uma grande lista de coisas.

Kahlan falou com a supervisora dos empregados. “Bernadette, eu gostaria de um banho. Nada mais. Só um banho.”

Duas mulheres foram apressadas providenciar o banho.

Os olhos da Senhora Bernadette fizeram um movimento involuntário para as roupas de Kahlan. “A Madre Confessora gostaria que alguma de suas roupas fosse costurada ou lavada?”

Kahlan pensou no vestido azul em sua mochila. “Acho que tenho algumas coisas que precisam de lavagem.” Pensou em todo o resto de suas roupas, a maioria manchada de sangue de uma batalha ou outra. “Acho que tenho um monte de coisas que precisam ser lavadas.”

“Sim, Madre Confessora. E você gostaria que eu preparasse o seu vestido branco para esta noite?”

“Esta noite?”

A Senhora Bernadette ficou vermelha. “Mensageiros já foram enviados até Kings Row, Madre Confessora.”

“Todos vão querer receber a Madre Confessora em casa.”

Kahlan grunhiu. Ela estava cansada demais. Não queria receber pessoas, apenas para dizer para mulheres como os cabelos delas estavam bonitos todos presos e enfeitados, ou para homens como era bom o corte de seus casacos, ou escutar pacientemente pedidos que invariavelmente envolviam a distribuição de fundos e sempre procuravam mostrar que o solicitante não estava de maneira alguma

buscando vantagem, mas apenas alívio da situação injusta na qual ele estava envolvido.

A Senhora Bernadette lançou para ela um olhar corretivo, como tinha feito quando Kahlan era pequena, como se estivesse dizendo, "Olhe aqui, juvenzinha, você tem obrigações, e eu espero que não tenha nenhum problema com isso."

O que ela falou, entretanto, foi "Todos estavam muito preocupados com o retorno da Madre Confessora em segurança. Seria muito bom para os corações deles verem você segura e bem."

Kahlan duvidou daquilo. O que a Senhora Bernadette realmente queria dizer era que seria muito bom para Kahlan lembrar ao povo que a Madre Confessora ainda estava viva e no comando. Kahlan suspirou. "É claro, Bernadette."

"Obrigada por lembrar que as pessoas estiveram comigo em seus corações e ficaram preocupados."

Senhora Bernadette sorriu quando baixou a cabeça. "Sim, Madre Confessora."

Enquanto o restante dos servos se afastava depressa, Kahlan se aproximou da Senhora Bernadette. "Eu lembro quando você dava uma palmada nas minhas costas por ter me esquecido das coisas."

O sorriso da Senhora Bernadette voltou. "Acho que agora você está esperta demais para isso, Madre Confessora." Ela esfregou uma mancha invisível na costa de sua mão.

"Madre Confessora... trouxe alguma das outras Confessoras para casa junto com você? Alguma das outras vai voltar em breve?"

A expressão de Kahlan transformou-se no rosto de Confessora, como a sua mãe tinha lhe ensinado. "Sinto muito, Bernadette, pensei que você soubesse. Elas estão todas mortas. Eu sou a última Confessora viva."

Os olhos da Senhora Bernadette ficaram cheios de lágrimas enquanto ela sussurrava uma prece. "Que os bons espíritos estejam sempre com elas."

"Porque eles começariam a se importar agora," Kahlan falou simplesmente. "Eles não se importaram em estar com Dennee no dia em que o quad pegou ela."

As lareiras nos aposentos dela estavam todas acesas, como ela sabia que estariam, e teriam ficado durante todos os dias em que ela esteve longe, mês após mês. As lareiras nos aposentos da Madre Confessora jamais deveriam apagar no inverno, para o caso dela retornar. Havia uma bandeja de prata sobre uma mesa, com um pedaço fresco de pão, um bule com chá, e tigela de sopa temperada fumegante. A Senhora Sanderholt sabia que a sopa temperada era sua favorita.

Agora, a sopa temperada fazia Kahlan lembrar de Richard. Lembrava de ter preparado para ele, e para ela.

Depois de colocar sua mochila e o arco no chão, Kahlan caminhou através dos tapetes felpudos e entrou na sala seguinte.

Ela ficou parada, esfregando os dedos lentamente em uma das grandes colunas polidas ao pé de sua cama, observando, lembrando que deveria estar aqui com Richard. No dia em que chegassem a Aydindril eles já deveriam estar casados. Tinha prometido a ele essa cama grande.

Kahlan lembrou da alegria em seu coração no dia em que eles conversaram sobre casar e vir para Aydindril como marido e esposa. Sentiu uma lágrima rolar pela sua bochecha. Deu um profundo suspiro com a forte dor que ardia em seu peito, e enxugou a lágrima com a ponta dos dedos.

Kahlan foi até as portas envidraçadas, abrindo-as para entrar no grande sacada. Colocou os dedos trêmulos na ampla grade fria e ficou parada no ar frio, olhando para o lado da montanha, para a Fortaleza do Mago, suas escuras paredes de pedra destacando-se sob os últimos raios dourados do pôr-do-sol.

“Onde você está, Zedd?” ela sussurrou. “Preciso de você.”

* * *

Acordou arfando quando escorregou e bateu a cabeça. Ele sentou, piscando. Uma mulher idosa de cabelo liso preto e branco que chegava até a mandíbula estava sentada do lado oposto, encolhida em um canto. Os dois estavam dentro de uma carruagem. Ela balançou repentinamente, jogando ele para o outro lado. A

mulher estava olhando em sua direção. Ele piscou para ela surpreso. Os olhos dela estavam completamente brancos.

“Quem é você?” ele perguntou.

“Quem é você?” ela respondeu perguntando.

“Eu perguntei primeiro.”

“Eu...” Ela apertou sua capa em volta do seu refinado vestido verde. “Não sei quem eu sou. Quem é você?”

Ele levantou um em direção ao céu. “Eu sou... Eu sou...” Ele soltou um leve suspiro. “Acho que também não sei quem eu sou. Eu não pareço com alguém que você reconheça?”

Ela apertou mais um pouco a sua capa. “Não sei. Eu sou cega. Não posso ver sua aparência.”

“Cega ? Oh. Bem, sinto muito.”

Ele esfregou a cabeça no local que havia batido no lado da carruagem. Baixando os olhos, viu que estava usando roupas elegantes; um manto marrom com mangas pretas que tinham três linhas de bordados prateados ao redor delas. Bem, ele pensou, pelo menos eu devo ser rico.

Pegou uma bengala negra que estava no chão, dando uma olhada em seu acabamento prateado. Virou-a e bateu com ela no teto, na direção em que o condutor deveria estar sentado, lá em cima. A mulher deu um pulo tomando um susto.

“Que barulho foi esse!”

“Oh, sinto muito. Eu estava tentando chamar a atenção do condutor.”

O condutor deve ter escutado. A carruagem foi diminuindo a velocidade até parar, e então balançou quando alguém desceu. Quando a porta abriu e ele viu o tamanho do homem com um casaco comprido que envolvia seu rosto castigado pelo vento, ele agarrou sua bengala e recuou.

“Quem é você?” ele perguntou, balançando a bengala.

“Eu ? Sou apenas um grande tolo,” o homem enorme grunhiu. Seu rosto profundamente marcado suavizou com um sorriso. “Meu nome é Ahern.”

“Bem, Ahern, o que está fazendo conosco? Você nos seqüestrou? Estamos sendo mantidos como prisioneiros por um

resgate?”

Ahern riu. “Seria mais ou menos o contrário, eu diria.”

“O que você quer dizer? Quanto tempo nós estivemos dormindo? E quem somos nós?”

Ahern olhou para o céu. “Queridos espíritos, como eu me envolvo nessas coisas?” Soltou um suspiro. “Você s dois estiveram dormindo desde ontem à tarde. Dormiram a noite toda, e o dia todo hoje. Seu nome é Ruben. Ruben Rybnik.”

“Ruben?” Ele disse de modo pomposo. “Ruben. Bem, esse é um belo nome.”

“E quem sou eu?” a mulher perguntou.

“Você é Elda Rybnik.”

“O nome dela é Rybnik também?” Ruben perguntou. “Nós somos parentes?”

Ahern hesitou. “Sim e não. São marido e mulher. Mais ou menos.”

Ruben inclinou-se na direção do grande homem. “Acho que isso precisa de explicação.”

Ahern suspirou, e assentiu. “Seu nome é Ruben, e o dela é Elda. Mas esses não são os seus nomes verdadeiros. Você disse que por enquanto, seria melhor se eu não falasse para vocês os seus nomes verdadeiros.”

“Você nos seqüestrou! Bateu em nossas cabeças e nos levou!”

“Fique calmo, e eu vou explicar.”

“Então explique, antes que eu bata em você com minha bengala.”

“Isso não vale a pena,” Ahern resmungou para si mesmo. “Como eu sempre me meto nessas coisas? Ouro, é assim,” respondeu para si mesmo.

Ahern entrou na carruagem, sentando perto de Ruben. Fechou a porta para evitar a neve que voava com o vento.

“Bem, simplesmente convide-se para entrar,” Ruben disse.

Ahern limpou sua garganta. Está bem, agora, vocês dois me escutem. Os dois estavam doentes. Pediram que eu os levasse para ver três mulheres.” Ele chegou mais perto de Ruben e fez uma careta. “Três feiticeiras.”

“Feiticeiras!” Ruben gritou. “Não fico surpreso que não saibamos quem somos! Você nos levou para feiticeiras e colocou um feitiço sobre nós!”

Ahern colocou uma das mãos nele para acalmá-lo. “Fique quieto e escute. Você é um mago.” Ruben ficou observando Ahern com um olhar bobo. Ahern virou para Elda. “E você é uma feiticeira.”

Ruben balançou os braços fazendo um floreio. “Não, eu não sou,” ele disparou, finalmente, “ou você teria sido transformado em uma sapo.”

Ahern balançou a cabeça soltando um resmungo. “O seu poder sumiu.”

“Bem,” Ruben perguntou enquanto endireitava as costas, “eu era um mago talentoso?”

“Foi bom o bastante para colocar esses seus dedos malditos no lado de minha cabeça dura e botar em minha mente que eu deveria ajudá-los. Disse que magos às vezes precisavam usar pessoas, para fazer o que deveria ser feito. O fardo de um mago, você chamou isso. Disse que ajudá-lo seria algo que eu teria feito de qualquer jeito, que apenas estava invocando a *bondade* dentro de mim para fazer eu me apressar a pensar assim. De qualquer modo, isso, e mais ouro do que eu já tinha visto, convenceram-me a fazer uma coisa sobre a qual eu deveria ter pensado bem antes de me envolver. Certamente não gosto de nada que tenha algo a ver com magos e magia.”

“E eu sou uma feiticeira?” Elda perguntou. “Uma feiticeira cega?”

“Bem, não, madame. Você era cega, mas podia usar o seu dom para enxergar - enxergar melhor do que eu posso com os meus olhos.”

“Então porque estou cega agora?”

“Os dois estavam doentes. Doentes com algum tipo de magia maligna. As três feiticeiras concordaram em ajudar vocês, mas para curá-los, elas tiveram que... bem, tiveram que dar para vocês algo que faria sua magia, o seu dom, desaparecer. Vocês pediram que eu esperasse do lado de fora, então eu não sei o que elas fizeram. Sei

apenas o que você me falou antes de voltar lá dentro pela última vez para que isso fosse feito.”

Ruben se aproximou. “Você está inventando isso.”

Ahern ignorou ele e continuou. “A doença que vocês dois tiveram estava se alimentando de sua magia boa. Não sei de que jeito a magia funciona, e os espíritos sabem que eu não desejo saber, sei apenas o que você disse, do jeito que explicou para mim, quando você saiu e me convenceu a ajudá-lo. Disse que para ajudar vocês, as três feiticeiras tinham que dar alguma coisa para fazer a sua magia desaparecer. Apenas desse jeito vocês dois poderiam se curar. A magia maligna não iria diminuir e morrer, e suas feridas não poderiam sarar, enquanto ela tivesse magia boa na qual se agarrar, para se alimentar.”

“Então agora não temos magia alguma?”

“Bem, eu não sei como tudo isso funciona, mas do jeito que eu entendo, você não consegue realmente se livrar da sua magia. O que as três mulheres fizeram foi vocês esquecerem tudo sobre vocês mesmos, então não saberiam que tinham qualquer magia, assim a magia maligna também não saberia que ela estava lá. Então é por isso que nenhum de vocês sabe quem é, ou como usar magia. É por isso que Elda está cega.”

Ruben girou os olhos. “Porque as feiticeiras concordariam em nos ajudar?”

“Em maior parte por causa de Elda. Disseram que ela era uma lenda entre as feiticeiras de Nicobarese. Alguma coisa sobre o que ela fez quando era jovem e costumava morar aqui.”

Ruben ficou olhando para o grande homem. “Isso tem que ser verdade.” Virou para Elda. “Tem que ser verdade. Ninguém conseguiria inventar uma história tão absurda. O que você acha?”

“Acho o mesmo que você. Acho que ele está dizendo a verdade.”

“Bom,” Ahern disse. “Agora vem a parte que vocês não vão gostar.”

“E quanto a nossa magia? Quando ela volta? Quando lembrarmos quem nós somos?”

Ahern passou os dedos carnudos no cabelo cinzento despenteado. “Essa é a parte que vocês não vão gostar. As três mulheres disseram que duvidavam que vocês dois algum dia conseguissem recuperar ela. Talvez nunca se lembrem. Talvez nunca recuperem sua magia.”

O silêncio ecoou na carruagem. Ruben finalmente falou. “Porque concordaríamos com uma coisa assim?”

Ahern cruzou os dedos. “Porque não tiveram escolha. Os dois estavam doentes. Muito doentes, Elda mais do que você. Agora ela estaria morta, e você depois de mais um dia ou dois, no máximo. Não tiveram escolha. Era o único jeito.”

Ruben cruzou as mãos sobre a cabeça prateada de sua bengala. “Bem, se for assim mesmo, então tivemos que fazer isso. Se nunca mais lembrarmos, simplesmente teremos que aprender a sermos Ruben, e Elda, e começar de novo nossas vidas.”

Ahern balançou a cabeça. “Tem um problema nisso. Você falou que as três mulheres disseram que se a magia maligna finalmente deixasse vocês, então poderiam conseguir recuperar as suas memórias, e suas magias. Você disse que era imperativo que a recuperasse. Falou que havia um grande problema no mundo com o qual você tinha que ajudar. Disse que era uma questão de grande importância para todas as pessoas vivas. Você falou que tinha alguma coisa que deveria fazer.”

“Que problema? O que eu devo fazer?”

“Você não me falou. Disse que eu não entenderia.”

“Bem, como conseguimos recuperar nossas memórias, nossa magia?” Ahern olhou para cada um deles. “Pode ser que não voltem. As três mulheres não sabiam se algum dia voltariam, mas se puderem voltar, será apenas com um choque. Um grande impacto emocional, ou choque.”

“Um choque emocional? Como o quê?”

“Talvez como fúria. Talvez se ficarem com bastante raiva.”

Ruben franziu a testa. “Então... e daí? Você tem que me bater, para me deixar zangado?”

“Não. Você disse que não sabia como, mas alguma coisa assim não funcionaria. Disse que era preciso um grande choque emocional,

mas não sabia qual seria, ou como fazer acontecer. Também disse que se alguma coisa acendesse a fúria, seria violenta, e terrível, por causa da magia. Porém, falou que não tinha escolha, porque morreria se não fizesse isso.”

Ruben e Elda ficaram sentados em silêncio e pensaram enquanto Ahern observava. “Então, para onde está nos levando? Porque estamos nessa carruagem?”

“Aydindril.”

“Aydindril? Nunca ouvi falar. Onde fica? Qual a distância?”

“Aydindril é o lar das CONFessoras, do outro lado das Montanhas Rang'Shada. É uma longa jornada: semanas, talvez um mês. Será quase o solstício de inverno, a noite mais longa do ano, antes de chegarmos lá.”

“Parece um longo caminho para seguir,” Ruben falou. “Porque eu quis que você nos levasse até lá?”

“Você falou que tinha que ir até a Fortaleza do Mago. Disse que era preciso magia para entrar, mas agora você não tem magia alguma, então falou como colocá-lo lá dentro. Parece que você era uma criança problema, e tinha um jeito secreto de entrar e sair sorrateiramente da Fortaleza sem disparar a magia.” Ruben passou o indicador e o polegar no seu queixo liso. “E você diz que eu falei que isso era urgente?”

Ahern balançou a cabeça confirmando de modo desgostoso.

“Então é melhor seguirmos nosso caminho.”

* * *

Da mesma maneira que estivera sorrindo para as pessoas desde o início da noite, Kahlan sorriu para a mulher usando um vestido azul escuro diante dela. A mulher estava relatando o quanto todos estiveram preocupados com a Madre Confessora.

Sua falta de sinceridade era tão evidente quanto a hipocrisia de todos os outros. Kahlan tinha passado toda a sua vida escutando pessoas de duas caras tentando mascarar sua natureza avarenta com palavras de altruísmo e amizade. Isso a deixava doente.

Kahlan desejou que ao menos uma vez, um desses povos com os quais ela vivia e trabalhava tivesse a honestidade de admitir o quanto a odiavam e como o fato de que ela não permitisse que violassem Midlands e seu povo para os seus próprios benefícios os enfurecia. Ela dizia para si mesma que eles não eram todos assim.

Kahlan ficava imaginando distraidamente, enquanto escutava parcialmente, o que essa honrada esposa de um embaixador pensaria se ao invés de ver uma Madre Confessora diante dela em seu vestido branco brilhante, usando um colar de jóias que tem o valor da metade do reino dela, estivesse enxergando ela em cima de um cavalo, nua, pintada de branco e ensopada de sangue, enquanto golpeava o rosto de homens que tentavam matá-la com uma espada. Kahlan concluiu que a mulher provavelmente desmaiaria.

Quando a mulher finalmente fez uma pausa para respirar, Kahlan agradeceu-a por sua preocupação, e se afastou. Estava ficando tarde e ela estava cansada. Tinha uma reunião logo cedo com o Conselho. Vendo a si mesma quando passava na frente de um espelho, Kahlan sentiu como se estivesse sonhando por um longo tempo, e tivesse acordado, do mesmo jeito que antes, a Madre Confessora, em seu vestido branco de Confessora, no Palácio das Confessoras em Aydindril.

Mas ela não era a mesma como da última vez que esteve aqui. Sentia-se cem anos mais velha. Ela sorriu; pelo menos o banho tinha sido maravilhoso. Não conseguia se lembrar de ter achado um banho tão luxuriante. Quase havia esquecido o que era estar limpa.

Perto da porta, outra dama finamente vestida se aproximou. A testa de Kahlan começou a franzir levemente. O cabelo cor de areia da mulher pareceu curto demais - não combinava com o visual do cabelo das outras mulheres, que chegava aos ombros. Mas o vestido dela certamente combinava; era um vestido negro de aparência cara, mostrando os ombros dela e o cintilante colar de esmeraldas.

A mulher bloqueou a porta pouco antes de Kahlan passar por ela. Fez uma reverência apressada, seus olhos azuis movendo-se rápido para todos os lados quando ela levantou.

“Madre Confessora, preciso falar com você. É urgente.”

“Sinto muito, mas temo não reconhecer você.”

Os olhos azuis da mulher nunca levantavam; eles estavam constantemente checando as outras pessoas. "Você não me conhece. Temos um amigo em comum..."

Quando a mulher avistou o rosto amargo de uma mulher mais velha olhando na direção delas, ficou de costas para ela.

"Madre Confessora, você veio para Aydindril sozinha, ou trouxe mais alguém com você?"

"Eu tenho um amigo, Chandalen, que veio comigo, mas ele vai passar a noite na floresta ao sul. Porque?"

"Esse não é o nome que eu estava esperando escutar." Ela olhou nos olhos de Kahlan. "Você deve..."

As palavras dela sumiram. Seus intensos olhos azuis ficaram arregalados lentamente. Ela ficou imóvel como se fosse transformada em pedra.

"O que foi?" Kahlan perguntou.

A mulher pareceu ter visto fantasmas. "Você... você..."

A cor tinha sido sugada dela com uma velocidade incrível. A mulher assustada recuou um passo. A brancura súbita em seus ombros contra o tecido negro da roupa fez ela parecer um espírito em um vestido. O queixo dela tremeu quando ela tentou colocar as palavras para fora sem sucesso. O rosto dela era uma máscara de horror.

Seus olhos azuis rodopiaram. Tarde demais, Kahlan tentou segurá-la. A mulher desabou no chão, flácida.

As pessoas que estavam perto engoliram em seco. Kahlan, junto com outras, curvou-se sobre a mulher. Homens e mulheres se amontoaram, murmurando uns para os outros sobre vinho demais.

A mulher de rosto amargo abriu caminho até a frente. "Jebra! Pensei que fosse Jebra!"

Kahlan olhou para cima. "Conhece essa mulher? E quem é você?"

De repente a mulher percebeu com quem estava falando. Mostrou um rápido sorriso e fez uma reverência desajeitada. "Eu sou Lady Ordith Condatith de Dackidvich, Madre Confessora. Estou feliz em conhecê-la, finalmente. Estava querendo falar..."

Kahlan interrompeu. "Quem é essa mulher ? Conhece ela?"

“Conheço ela?” A expressão amarga dela voltou. “Ela é minha serva pessoal. Seu nome é Jebra Bevinvier. Vou providenciar para que a garota preguiçosa seja castigada!”

“Serva pessoal?” um homem falou. “Acho que não. Jantei com Lady Jebra, e posso assegurar, ela é uma lady.”

Lady Ordith fungou. “Ela é uma impostora.”

“Então você deve pagá-la muito bem,” o homem falou de modo sarcástico. “Ela fica nas hospedarias mais requintadas, e paga com ouro.”

Lady Ordith fungou novamente de modo arrogante para o homem e segurou no braço de um guarda. “Você! Leve essa garota para os meus aposentos. Estou instalada no Palácio Kelteano. Vou chegar ao fundo disso.”

Kahlan levantou e lançou um olhar frio para Lady Ordith. “Você não vai fazer isso. A não ser que esteja ousando dizer para a Madre Confessora o que ela deve fazer em seu próprio Palácio?”

Lady Ordith gaguejou um pedido de desculpas. Kahlan tocou um sino que estava ali perto enquanto olhava nos olhos de Lady Ordith. Guardas apareceram rapidamente.

Kahlan virou. “Leve a Lady Jebra para um quarto de convidados. Diga para um dos servos levar um pouco de chá de gengibre para ela, toalhas frias para sua cabeça, e qualquer outra coisa que ela queira. Não quero que ela seja incomodada por ninguém, e isso inclui Lady Ordith. Estou saindo para dormir, e também não quero ser perturbada por ninguém. Tenho uma reunião cedo com o Conselho. Depois que eu encontrar com o Conselho, quero que Lady Jebra seja trazida até mim.”

Os guardas fizeram uma saudação e curvaram-se para recolher Lady Jebra.

Quando Kahlan chegou ao quarto, foi retirada de seus pensamentos tumultuados pela visão de dois guardas Kelteanos, do Palácio Kelteano, nas portas do seu quarto. Quando os guardas a viram, um deles bateu com frieza na porta com a parte inferior de sua lança. Alguém estava no quarto dela. Kahlan olhou com seriedade para os guardas impassivos enquanto caminhava atravessando as portas.

Ninguém estava na sala externa. Entrou rapidamente no quarto. Quando viu ele, ela congelou parando repentinamente.

Príncipe Fyren estava em pé sobre a cama dela, de costas para ela.

Mostrou um sorriso falso para ela por cima do ombro enquanto urinava no meio da cama.

Quando terminou, Príncipe Fyren virou enquanto abotoava as calças.

“Em nome dos espíritos, o que pensa que está fazendo?” ela sussurrou.

Levantou uma sobrancelha para ela quando passava, arrogante. “Apenas garantindo que a Madre Confessora saiba o quanto nós todos estamos por tê-la em casa.” Seu casaco estava aberto. Ele alisou os enfeites na frente de sua camisa branca quando fez uma pausa na porta. “Dur ma bem, Madre Confessora.”

Kahlan puxou seis vezes a corda do sino. Seis empregadas sem fôlego encontraram com ela quando estava caminhando apressada no corredor.

“Queria alguma coisa, Madre Confessora?”

Kahlan cerrou os dentes. “Leve o meu colchão e as colchas da minha cama para fora, até o pátio, e queime.”

A garota piscou. “Madre Confessora?”

“Arraste o colchão da minha cama, junto com todas as colchas, para fora, até o pátio debaixo da minha sacada, e coloque fogo.” Kahlan cerrou os punhos. “Que parte você não entendeu!”

As seis recuaram um passo. “Sim, Madre Confessora.” Elas ficaram tremendo, seus olhos arregalados. “Agora, Madre Confessora?”

“Se eu quisesse que isso fosse feito amanhã, chamaria vocês amanhã!”

Kahlan alcançou as escadas sobre a grande entrada bem a tempo de ver o Príncipe Fyren se juntar ao homem de manto liso que esperava por ele. Os olhos escuros dele encontraram com os dela por um longo tempo.

“Guardas!” Ela gritou descendo na direção das portas. Os homens de uniforme olharam para cima enquanto vinham correndo.

“Privilégio diplomático está suspenso! Se eu enxergar aquele porco Kelteano ou qualquer um da sua guarda pessoal neste Palácio antes da sessão do Conselho amanhã de manhã, vou arrancar a pele de vocês pessoalmente depois que eu matar ele!”

Eles fizeram uma saudação. Kahlan viu Lady Ordith no corredor que conduzia até a entrada, observando tudo que acabara de acontecer.

“Lady Ordith.” Lady Ordith já estava olhando para cima. “Acredito que você disse que era uma convidada no Palácio Kelteano.”

“Saia do meu.”

Ela estava gaguejando suas despedidas quando Kahlan girou nos calcanhares e seguiu para o quarto. Juntou um grupo de guardas pelo caminho.

Do lado de fora dos seus aposentos, ela esperou até que eles estivessem em fila diante das portas. “Se alguém entrar no meu quarto esta noite, é melhor que seja por cima dos cadáveres de vocês. Vocês entenderam?”

Fizeram uma saudação para indicar que sim. Lá dentro, Kahlan jogou o manto branco por cima dos ombros e saiu para a sacada, no meio da noite fria. Ficou parada com a costa ereta, perto da grade, enquanto olhava para baixo, observando o pátio.

Queria correr, mas não podia. Era a Madre Confessora. Tinha que fazer o que todas as Madres Confessoras antes dela fizeram - proteger Midlands. Estava sozinha, e não tinha ninguém para ajudá-la com sua obrigação.

Lágrimas desceram por suas bochechas enquanto olhava as chamas saltarem da sua cama; a cama que tinha prometido a Richard.

CAPÍTULO 58



As reflexões da Madre Confessora, em seu vestido branco, rodopiaram ao redor das colunas negras polidas enquanto ela marchava descendo a galeria, a entrada particular da Madre Confessora até a câmara do Conselho. Kahlan estava uma hora adiantada. Planejava estar sentada na Primeira Cadeira enquanto observava todos os conselheiros chegarem. Não queria conversando entre si antes que ela estivesse presente.

Ela congelou quando abriu as portas. A sala estava lotada. Cada uma das cadeiras do Conselho estava ocupada.

As galerias estavam todas cheias de pessoas - não apenas oficiais, administradores, empregados, e nobres, mas também pessoas comuns: fazendeiros, lojistas, mercadores, cozinheiros, negociante, condutores de carruagem e trabalhadores. Homens e mulheres de todo tipo. Cada olho pousou sobre ela enquanto ficava ali parada diante das portas.

Através da enorme sala, todos os conselheiros estavam sentados em suas cadeiras. Nenhum deles emitiu um som. Alguém estava sentado na Primeira Cadeira. De longe, ela não conseguiu ver quem era, mas ela sabia.

Kahlan encostou os dedos no colar de osso em sua garganta e rezou aos bons espíritos pedindo proteção e força. Sua botas ecoaram no mármore enquanto caminhava através dos feixes de raios do sol. Havia alguma coisa no chão diante balcão, mas ela não conseguia dizer o que era.

Quando Kahlan alcançou a mesa curvada, o homem sentado na Primeira Cadeira não era aquele que ela esperava.

Esticado sobre uma liteira na frente do balcão estava o corpo do Príncipe Fyren. Sua pele estava pálida. Os braços cruzados, as

mãos jaziam sobre a sua camisa ensopada de sangue. A espada dele estava atravessada em seu corpo. A garganta do Príncipe Fyren tinha sido cortada quase até a sua coluna vertebral.

Kahlan observou os solenes olhos escuros que estavam olhando para ela. Ele saiu de trás da Primeira Cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa. Uma rápida olhada revelou o que ela não havia notado: um anel de guardas ao redor da sala.

Ela olhou para os homens de cabelo e barba negras. "Saia da minha cadeira, ou vou matar você eu mesma."

A sala reverberou com o som de espadas sendo sacadas. Sem afastar os olhos escuros dela, o homem fez um gesto balançando a mão. Todas as espadas retornaram de modo hesitante para suas bainhas.

"Você não vai mais matar pessoas, Madre Confessora," ele falou com uma voz tranqüila. "Príncipe Fyren foi a sua última vítima."

Kahlan franziu a testa. "Quem é você?"

"Neville Ranson." Seus olhos ainda não desviavam dela quando ele virou a mão para cima. Uma bola e fogo surgiu acima de sua palma. "Mago Neville Ranson."

Seus olhos continuavam fixos nela quando ele atirou a bola de fogo para cima. Ela flutuou obedientemente na direção da abóbada, onde ela estourou, emitindo um som, em ilhares de centelhas. Murmúrios admirados encheram a sala.

O Mago Ranson inclinou para trás e abriu um pergaminho. "Nós temos muitas acusações, Madre Confessora."

"Por onde gostaria de começar?"

Sem virar a cabeça, os olhos de Kahlan observaram tudo que podiam ver da sala. Não havia chance de escapar. Nenhuma. Mesmo se o homem diante dela não fosse um mago.

"Já que todas elas serão inventadas, acho que não importa. Porque simplesmente não dispensa a zombaria, e apenas prossegue com a execução."

A sala permaneceu em silêncio. O Mago Ranson não sorriu. Suas sobrancelhas levantaram.

"Oh, não são uma zombaria, Madre Confessora, mas sérias acusações. Estamos aqui para descobrir a verdade sobre elas."

Diferente das Confessoras, eu me recuso a condenar à morte uma pessoa inocente. Antes que terminemos hoje, todos aqui conhecerão a verdade sobre a sua traição. Quero que as pessoas saibam toda a extensão de sua vil tirania.”

Kahlan juntou as mãos enquanto permanecia com a costa ereta. Estava usando o seu rosto de Confessora. Todas as pessoas se inclinaram para frente um pouco.

“Já que é uma longa lista,” Ranson disse, “será melhor começarmos pela acusação mais grave.” Olhou para baixo.

“Traição.”

“E desde quando defender o povo de Midlands é traição?”

O Mago Ranson bateu o punho na mesa quando levantou rapidamente. “Defender o povo de Midlands! Jamais em minha vida escutei tamanha obscenidade sair da boca de uma mulher!” Ele alisou o seu manto cor de canela sobre o estômago e então sentou novamente. “A sua *defesa* do povo foi mergulhar eles na guerra. Condenaria milhares à morte, para aplacar o seu temor de que outra pessoa assumisse o poder. E governasse com o consentimento unânime do Conselho, eu devo adicionar.”

“Difícilmente seria unânime discordar da Madre Confessora.”

“Discordar dos próprios motivos egoístas dela.”

“E quem você colocaria para governar Midlands? Kelton? Você mesmo?”

“Os salvadores de todos os povos. A Ordem Imperial.”

Uma sensação de formigação subiu pelas pernas dela. Kahlan sentiu como se todo a abóbada acima estivesse desabando sobre ela. Sua cabeça girou. Pensou que vomitaria bem ali, na frente de todos. Fez um esforço para controlar o seu estômago.

“A Ordem Imperial! A Ordem Imperial massacrou Ebinissia! Eles esmagaram toda a oposição para roubar o governo para si mesmos!”

“Mentiras. A Ordem Imperial é dedicada ao governo benevolente. Eles simplesmente querem colocar um fim em suas intenções assassinas.”

“Benevolente! Eles estupraram e mataram o povo de Ebinissia!”

Ranson riu. “Vamos lá, vamos lá, Madre Confessora. A Ordem Imperial não assassinou ninguém.” Ele virou para um homem que Kahlan não reconheceu. “Conselheiro Thurstan, a sua coroa foi prejudicada por alguém?”

O homem de mandíbula saliente pareceu surpreso. “Acabei de chegar da bela cidade de Ebinissia faz dois dias, e eles não sabem nada sobre o massacre.”

A multidão riu junto com ele. Ranson sorriu para ela, petulante.

“Você não esperava, Madre Confessora, que nós tivéssemos testemunhas para expor as suas histórias absurdas?”

“Isso é apenas uma ficção com o propósito de inflamar os medos das pessoas, e fazer eles entrarem em guerra.”

Ranson estalou os dedos. Uma mulher com roupas velhas se aproximou e ficou ao lado dele. Ranson falou gentilmente para ela que não ficasse com medo, e contasse a sua história. A mulher contou como as suas crianças tiveram que ir para cama com fome, porque ela não tinha dinheiro. Falou que foi forçada a se prostituir para alimentar suas crianças. Kahlan sabia que era mentira. Não havia escassez de pessoas caridosas e grupos que ajudariam qualquer um que realmente estivesse precisando.

Durante a hora seguinte, uma testemunha após a outra foi colocada para desfilas, e cada uma delas contou uma história de fome e necessidade, e como o Palácio não dava dinheiro para se alimentarem e se vestir, sem se importar se as crianças passavam fome. O povo nas sacadas escutou com grande atenção as histórias tristes, alguns chorando junto com as testemunhas.

Kahlan reconheceu algumas das pessoas testemunhando. Lembrou da Senhora Sanderholt oferecendo trabalho para eles no passado. Ela havia dito a Kahlan que no momento em que eles entraram para trabalhar, reclamavam das coisas que pediam que eles fizessem. A Senhora Sanderholt acabou tendo que fazer muitas das tarefas ela mesma.

O Mago Ranson levantou, depois que a última testemunha havia contado sua história triste, e virou para cada um dos lados, falando com as pessoas reunidas. “A Madre Confessora tem um vasto tesouro, e pretendia usá-lo para financiar uma guerra contra o

povo de Midlands que desejaria ficar livre do governo dela. Primeiro ela retira a comida de suas bocas, e das bocas de suas crianças, e então, para evitar que pensem na fome que consome suas entranhas, inventa um inimigo, e começa uma guerra como o dinheiro conquistado com sacrifício de vocês, que ela roubou para os amigos dela que já são ricos.”

“Enquanto vocês ficam famintos, ela come bem! Enquanto vocês precisam de roupas, ela compraria armas! Enquanto seus filhos sagrariam até a morte na batalha, ela senta no colo da luxúria! Quando os membros da sua família são acusados de crimes injustamente, ela usa sua magia para fazer eles confessarem crimes que não cometeram para silenciar os protestos contra a tirania dela!”

Pessoas estavam gemendo. Alguns choravam de angústia com a última parte. Mais ainda pediam justiça.

Kahlan começou a duvidar que seria decapitada. Essa multidão provavelmente rasgaria ela em pedaços antes que ela chegasse até o bloco.

Ranson manteve os braços abertos para o povo reunido. “Como um representante da Ordem Imperial, eu digo que o povo deve receber o que realmente precisa. O tesouro de Aydindril terá uso melhor. Vai ser devolvido aos oprimidos. Digo que a cada família será conferida uma peça de ouro por mês, para roupas e alimentar suas crianças. Não haverá fome sob o governo da Ordem Imperial.”

Gritos animados irromperam no grande salão. Os aplausos furiosos e gritos de *viva* continuaram sem pausa por cerca de cinco minutos. Ranson sentou e ficou tamborilando com os dedos enquanto escutava a celebração. Ele nunca desviava os olhos de Kahlan, nem ela dele.

Kahlan sabia que as dificuldades da vida não seriam erradicadas de forma tão simples. Sabia que aparente bondade poderia ser cruel na verdade. Calculou que os pagamentos levariam, no máximo, seis meses para esvaziar o tesouro.

Ela imaginou o que aconteceria no mês seguinte, quando o dinheiro tivesse acabado, e as pessoas já tivessem parado de trabalhar, ou plantar, para sustentar a si mesmos. Então certamente haveria fome e morte - como resultado da generosidade.

Finalmente o barulho cessou. Ranson inclinou-se para frente.

“Não tem jeito de dizer quantas pessoas ficaram famintas, morreram de fome, ou morreram na guerra, sob o seu comando, Madre Confessora. É óbvio que você é culpada de traição contra o povo de Midlands. Não vejo razão alguma para mostrar as evidências, como poderíamos fazer, durante semanas.” Todos os outros conselheiros gritaram seu apoio. Ranson bateu com a mão na mesa. “Então você é culpada da primeira acusação: traição.”

O povo gritou outra vez. Kahlan continuou com sua postura ereta, exibindo o seu rosto de Confessora. Ranson leu acusações que ela mal conseguiu acreditar que poderiam ser lidas com o rosto erguido. Testemunhas se apresentaram e testemunharam atrocidades das quais Kahlan pensou que qualquer um com bom senso poderia rir. Ninguém riu.

Pessoas que ela nunca tinha visto relataram seu conhecimento íntimo daquilo que as Confessoras fizeram em segredo. Um bolo subiu pela garganta de Kahlan enquanto escutava o que as pessoas pensavam dela. Pessoas repetiam medos irracionais e rumores de todo tipo de horror cometido por Confessoras, e pela Madre Confessora em particular.

Por toda sua vida ela havia sacrificado tudo, assim como as outras Confessoras, para proteger essas pessoas, e ao invés disso eles acreditaram nessas monstruosidades. Kahlan pensou, quando ouviu uma testemunha afirmar que para manter o seu poder mágico as Confessoras tinham que comer carne humana regularmente no jantar, que haveria risadas daquela acusação. Ao contrário, pessoas arregalaram os olhos e ficaram admiradas. Ele teve que fazer um esforço para não explodir em lágrimas, não porque estava sendo acusada dessas coisas, mas porque as pessoas realmente acreditavam nelas.

Kahlan finalmente parou de escutar. Enquanto Ranson listava as acusações, apresentava testemunhas, e o Conselho a considerava culpada de uma acusação atrás da outra, ela pensou em Richard. Tentou lembrar de todos os momentos que havia passado com ele, todas as vezes que ele sorriu, todas as vezes que ele a tocou. Tentou lembrar de cada beijo.

“Você acha que isso é divertido!” Ranson rugiu.

Kahlan levantou os olhos. Percebeu que estava sorrindo. “O quê?”

Uma mulher estava parada ao lado, chorando em um lenço. Kahlan piscou quando viu, e então olhou para Ranson.

“Sinto muito, acho que eu perdi a atuação dela.”

A multidão resmungou zangada. Ranson inclinou para trás em sua cadeira balançando a cabeça de modo desgostoso.

“Culpada, de praticar sua magia de Confessora em crianças.”

“O quê? Você está louco? Crianças?”

Ranson levantou uma das mãos na direção da mulher, que começou a chorar sem controle. “Ela acabou de afirmar que sua criança desapareceu, e contou como as crianças de outras mulheres desapareceram também, e como é de conhecimento comum que as crianças são levadas para que as Confessoras possam praticar sua magia nelas. Como um mago, eu posso verificar a verdade sobre isso.” A multidão rugiu furiosa.

Kahlan ficou piscando para ele. “Estou com dor de cabeça. Porque simplesmente não corta logo minha cabeça.”

“Desconfortável, Madre Confessora? É desconfortável que as pessoas recebam a chance de encarar a opressora delas, e escutem a extensão dos crimes odiosos dela?”

Kahlan manteve a expressão de Confessora para evitar chorar. “Sinto muito apenas por ter entregue toda a minha vida ao povo de Midlands. Se eu soubesse que eles seriam tão mal-agradecidos, e ao invés disso acreditariam nessas coisas obscenas depois de tudo o que sacrifiquei por eles, eu teria sido egoísta e os deixaria entregues à verdadeira tirania.”

Ranson olhou com raiva para ela. “Durante toda sua vida você trabalhou para o Guardião.” A multidão ficou assustada novamente.

“Ele é aquele a quem você serve. É para ele que você trabalha. Oferece as almas do seu povo para o seu mestre, o Guardião, no submundo.”

As pessoas nas sacadas gemeram de terror. Gritos de fúria e por vingança ecoaram na abóbada.

Balançando os punhos, a multidão no andar principal tentou avançar, mas os guardas abriram os braços e fizeram eles recuarem. Ranson levantou as mãos, pedindo que ficassem calmos e em silêncio.

Kahlan moveu os olhos pelas pessoas em todos os lados.

“Entrego você para a Ordem Imperial,” ela gritou bem alto. “Não trabalho mais para salvá-los. Serão punidos por sua aceitação irracional ao acreditarem nessas mentiras. Punidos por aquilo que os seus próprios desejos egoístas lançará sobre vocês. Vão se arrepender do tormento no qual vocês mesmos entraram. Fico feliz que estarei morta, então não sofrerei com a tentação de ajudá-los. Só lamento por algum dia ter derramado uma lágrima com o seu sofrimento.”

“Que todos vocês fiquem com o Guardiã!”

Kahlan olhou furiosa para um Mago Ranson sorridente. “Acabe logo com isso! Corte minha cabeça! Estou enojada com essa falsa verdade! Você e a sua Ordem Imperial venceram. Mate-me, assim poderei ficar livre dessa vida, e irei para o mundo espiritual, onde não terei que sofrer para ajudar ninguém. Eu confesso tudo. Faça a minha execução. Sou culpada de tudo.”

Olhou para o corpo aos seus pés. “Menos de matar esse porco Kelteano. Agora eu gostaria de ter acabado com ele, mas infelizmente, não posso receber o crédito por isso.”

Ranson levantou uma sobrancelha. “Uma mentira no final, Madre Confessora; não consegue ao menos admitir a verdade desse assassinato.”

Lady Ordith apareceu, seu nariz empinado, e testemunhou que ouviu Kahlan ameaçar o Príncipe Fyren na noite anterior. Todos do Conselho disseram que eles também ouviram ela ameaçar cortar a garganta dele.

“Essa é a sua prova?” Kahlan perguntou.

Ranson fez um gesto para o lado. “Tragam a testemunha. Está vendo, Madre Confessora, nós sabemos a verdade. Uma de suas velhas amigas quis ajudar a esconder a verdade sobre os seus costumes, e tivemos que usar de medidas extremas para fazer ela cooperar, mas no final, ela cooperou.”

Uma trêmula Senhora Sanderholt foi conduzida até a câmara. Guardas permaneceram de cada um dos lados de sua forma magra curvada. O rosto dela estava pálido, seus olhos vermelhos pesados com bolsas escuras. Sua vitalidade familiar havia desaparecido.

Balançando levemente, parecia que ela mal conseguia ficar de pé sem ajuda.

A Senhora Sanderholt mantinha suas mãos deformadas esticadas, com medo que elas tocassem em alguma coisa. Todas as suas unhas foram arrancadas com tenazes. Bile subiu na garganta de Kahlan.

Um Neville Ranson de rosto severo olhou para a mulher. "Digam-nos o que sabe sobre esse assassinato."

A Senhora Sanderholt olhou para ele sem piscar. Mordeu o lábio inferior. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Era óbvio que não queria falar.

Ranson bateu com o punho na mesa. "Fale! Ou vamos considerar você culpada de ajudar a assassina!"

"Senhora Sanderholt," Kahlan falou suavemente. Os olhos da mulher viraram para ela. "Senhora Sanderholt, eu sei a verdade, e você sabe a verdade; isso é tudo que importa.

Essas pessoas vão fazer o que estão planejando, com ou sem a sua ajuda. Não quero que sofra por minha causa. Por favor, diga o que eles querem ouvir."

Lágrimas rolaram pelo rosto dela. "Mas..."

Kahlan manteve a costa ereta. "Senhora Sanderholt, como Madre Confessora, ordeno que testemunhe contra mim."

A Senhora Sanderholt mostrou um esboço de sorriso. Virou o rosto para o Conselho. "Eu vi a Madre Confessora se esgueirar por trás do Príncipe Fyren. Ela cortou a garganta dele antes que ele soubesse que ela estava ali. Não ofereceu a ele nenhuma chance de se defender."

Ranson sorriu e assentiu. "Obrigado, Senhora Sanderholt. E você era amiga dela, mas se apresentou e concordou em testemunhar, porque deseja que o Conselho, e o povo, saibam a verdade?"

Mais lágrimas rolaram. "Sim. Embora eu a amasse, tinha que contar ao povo a verdade sobre os costumes assassinos."

Depois que ela foi levada embora, e o Conselho havia unanimemente considerado Kahlan culpada, Ranson levantou, levantando a mão para pedir silêncio antes de falar com o povo.

"A Madre Confessora foi considerada culpada de todas as acusações!" Todos assoviaram e gritaram mostrando satisfação.

Eles gritaram pedindo uma execução imediata. "A Madre Confessora será executada, mas não hoje." Ele manteve a mão levantada contra os protestos. Eles se acalmaram. "Ela cometeu crimes contra todas as pessoas."

"Eles devem receber uma chance de ouvir que a justiça está sendo feita. Devem receber a chance de assistir a decapitação. Será feito em alguns dias, quando todos aqueles prejudicados por essa criminosa tiver a chance de observar ela sendo executada."

Neville Ranson caminhou e deu a volta no balcão. Ficou parado diante dela, olhando nos seus olhos. Falou tranquilamente para ela, e não com a multidão.

"Você pensaria em usar o seu poder em mim, Madre Confessora?"

Era exatamente isso que ela estava pensando, usar o poder sabendo que morreria no processo.

Mas ela não falou nada.

O sorriso de Ranson era frio e cruel. "Não vai ter chance. Vou tirar três coisas de você."

"Primeiro, seu poder e o símbolo dele. Segundo, sua dignidade. Terceiro, sua vida."

Kahlan atirou-se contra ele. Ele ficou imóvel, suas mãos fechadas, e observou enquanto ela conseguiu se mover apenas algumas polegadas antes que ficasse presa no ar espesso que apertou-a com firmeza. Ela lutou sem sucesso contra o incrível poder que a segurava.

O mago levantou as mãos. Kahlan viu um clarão. Gritou enquanto sentia um choque frio fluindo através de seu corpo. Pareceu como se ela fosse atirada nua em um rio gelado. Ela tremeu violentamente. A dor causada pelo frio extremo fez surgir lágrimas

em seus olhos. A dor fria parecia não ser capaz de ficar pior, de ferir mais, mas então piorou.

Pareceu que suas entranhas estavam rasgando, como se o seu coração estivesse sendo arrancado do peito. Ela gritou de dor. Desnorteada pelo choque, ela percebeu que estava de joelhos. Ranson estava com as mãos esticadas, sobre a cabeça dela.

Quando a dor se foi, ela sentiu pânico.

Seu poder desapareceu.

Onde sempre havia sentido que ele estava, sem ao menos estar consciente disso a maior parte do tempo, agora ela sentiu um vazio desesperador.

Muitas vezes ela havia desejado ficar livre dele, mas nunca percebeu como seria ficar sem a sua magia. Ela gritou novamente. Lágrimas rolaram por suas bochechas com a desamparada desolação do vazio. Sentiu-se nua diante de todas aquelas pessoas.

Fez um esforço para conter as lágrimas. Não permitiria que essas pessoas vissem a Madre Confessora chorar. Não - não permitiria que essas pessoas vissem Kahlan Amnell chorar.

Ranson sacou a espada do Príncipe Fyren da bainha. Caminhou para trás dela. Segurou o cabelo dela e puxou com firmeza enquanto ela ficava ajoelhada sobre o chão frio.

Com a espada, cortou o cabelo dela, curto, bem próximo da nuca. O corte pareceu quase tão chocante quanto ter o seu poder removido. O cabelo que Richard tanto adorava. Ela segurou as lágrimas.

Neville Ranson levantou o monte de cabelo cortado em meio aos gritos animados. Kahlan ficou sobre um dos joelhos, olhando para o vazio, enquanto soldados amarravam seus pulsos atrás das costas. Ranson agarrou o braço dela, debaixo do ombro, e puxou-a para que ficasse de pé.

“A primeira parte, Madre Confessora. Você foi desprovida de seu poder, e do que ele representa. Como eu prometi. Agora o resto.”

Kahlan estava em silêncio - não havia nada a dizer - enquanto Ranson e um grupo de guardas sorridentes levavam ela através do Palácio. Ela não prestou atenção para onde ela estava sendo levada.

Estava pensando em Richard, desejando que ele lembrasse de seu amor por ele. Ela se perdeu nas lembranças dele. Deixou que o mundo ao redor dela desaparecesse. Em breve ela também desapareceria do mundo dos vivos. Os bons espíritos tinham lhe abandonado.

Estava adormecida para o que estava acontecendo. O vazio de estar sem o seu poder fazia ela sentir-se como se já estivesse morta. Nunca soubera o quanto significava para ela, o quanto a magia era uma parte dela, até que ela se foi. Ficou imaginando se essa desolação era o modo como as pessoas sem o poder sentiam-se o tempo todo. Não conseguia imaginar viver sem a magia.

Agora ela desejava a morte, para acabar com essa sensação terrível. Apenas Richard aceitou-a com seu poder. Ela mesma nunca aceitou isso completamente, mas Richard sim. Agora era tarde demais. Sofria mais com a perda da magia do que com a de sua vida. Ela sabia, agora, o que as outras criaturas de magia sentiriam, quando isso acontecesse com elas. Sofreu por elas.

A mão de Ranson em seu ombro fez ela parar, fez ela recobrar a consciência, diante de uma porta de ferro em um corredor escuro. Um dos guardas remexeu em uma fechadura enferrujada na porta de ferro. Kahlan reconheceu a porta. Havia tomado confissões aqui embaixo.

“E agora, a minha segunda promessa, Madre Confessora,” Ranson disse com desprezo. “Você perderá sua dignidade.”

Kahlan arfou quando o punho dele agarrou o que restara de seu cabelo e inclinou sua cabeça para trás. Enquanto ela estava impotente, com seus pulsos amarrados dolorosamente atrás das costas, e seu cabelo no punho dele, Ranson beijou seu pescoço.

Bem no local onde Darken Rahl havia beijado.

Os mesmos horrores cruzaram sua mente quando Darken Rahl tinha feito isso. Ela estremeceu de repulsa, com o terror das visões. Em sua mente, viu as mulheres jovens em Ebinissia, só que dessa vez, era uma delas.

“Eu mesmo poderia estuprar você,” Ranson sussurrou no ouvido dela, “mas acho o seu senso de honra repugnante.”

A abriu rangendo, e sem qualquer outra palavra, Ranson atirou ela através do portal, dentro do buraco.

CAPÍTULO 59



Kahlan arfou com a sensação de cair através do espaço, mas antes que tivesse chance de imaginar totalmente o que aconteceria quando atingisse o solo, mãos ásperas a seguraram. Elas a colocaram no chão de pedra frio. Ela viu a luz do portal acima desaparecer quando a porta fechou. Na luz de uma tocha que soltava faíscas em um suporte, ela viu homens sorridentes por toda parte, aproximando-se dela.

A corda cortava seus pulsos. Seus sentimentos de terror e desamparo deram lugar a uma ação desesperada. Kahlan chutou um dos homens na virilha. Ela estava de costas no chão, então teve apoio para causar dano. Golpeou com o calcanhar no rosto de outro homem que se inclinava sobre ela. Ele caiu para trás soltando um grito. Chutou freneticamente todos os outros.

As mãos seguraram seus tornozelos. Ela balançou as pernas mas os homens seguravam firme. Rolou para o lado, livrando-se das garras, e rastejou até um canto. Sua liberdade foi apenas momentânea. Eles agarraram suas pernas novamente.

No fundo de sua mente, enquanto lutava, Kahlan tentou desesperadamente pensar. Uma centelha de pensamento tentou chamar sua atenção. Era alguma coisa sobre Zedd, mas ela não conseguia pensar claramente.

O homem que lutava para se aproximar dela levantou o vestido branco dela. Mãos tocavam nas suas coxas. Grandes dedos carnudos seguraram sua roupa de baixo, arrastando-a por suas pernas e tirando pelos pés dela. Ela sentiu mãos ásperas e o ar frio em sua carne. Lutou contra os homes, e ao mesmo tempo, contra o seu próprio pânico.

Dois homens estavam no chão; um segurando a virilha, o outro esparramado, sangue jorrando do seu rosto destruído. Seu nariz estava esmagado. Havia dez outros, todos tentando alcançá-la ao mesmo tempo. Eles empurravam uns aos outros para trás, lutando para conseguir ficar em cima dela, o maior estava abrindo caminho. Kahlan não conseguia recuperar o fôlego.

Com esforço frenético, a centelha de pensamento surgiu. Lembrou de ter perguntado para Zedd se ele poderia remover o seu poder. Ela queria ficar livre dele para que pudesse ficar com Richard. Zedd falou que não era possível livrar uma Confessora de seu poder, que ela nasceu com a magia, e que isso não poderia ser separado dela enquanto ela estivesse viva.

Como Ranson poderia ter removido o seu poder? Zedd era um mago de Primeira Ordem; não havia mago algum com poder maior que o de um mago de Primeira Ordem. Porque Ranson não queria estuprá-la primeiro? Ele disse que sentia nojo dela. Mas falou que queria acabar com a dignidade dela. Porque ele não iria querer fazer isso?

A não ser que estivesse com medo.

Com medo que ela percebesse. Percebesse o quê?

A resposta surgiu para ela. A Primeira Regra do Mago.

As pessoas acreditam em qualquer coisa, se quiserem acreditar. Ou se estiverem com medo que seja verdade. Ela estava com medo que fosse verdade que ele tivesse retirado o seu poder. Talvez ele tivesse usado magia para causar dor e mascarar a sua habilidade de sentir a sua própria magia, tentando enganá-la para que acreditasse naquilo que ela temia.

Enquanto os homens tentavam alcançá-la, ela tentou alcançar o poder. Tentou encontrar a calmaria, o lugar onde ficava sua magia, mas simplesmente não estava lá. Tudo que ela sentiu foi o vazio. No local em que ela sempre sentiu o pulsar da magia, agora sentia um vazio dormente.

Queria gritar com a sensação das mãos dos homens nas suas pernas, e no meio delas, mas não poderia perder o controle, sua única chance. Mesmo tentando o máximo que podia, não conseguia encontrar a magia, não conseguia invocá-la. Ele simplesmente havia

desaparecido. Ela queria desesperadamente que suas mãos estivessem livres.

“Esperem!” ela gritou.

Todos os homens pararam por um momento, seus rostos recuando, olhando para ela. Ela se esforçou para recuperar o fôlego.

Fale, ela ordenou a si mesma, *enquanto ainda tem chance*. “Vocês estão fazendo tudo errado!”

Eles riram. “Achamos que vamos descobrir como fazer,” um deles falou.

Kahlan lutou para controlar o medo, e pensar. Eles fariam o que eram bons em fazer, e ela não poderia impedir. Lutar com eles desse jeito não adiantaria nada, a não ser alimentar o seu pânico. Tinha apenas uma chance, e essa era usar a sua cabeça. Tinha que acalmar eles e ganhar tempo para pensar.

“Se fizerem desse jeito, estarão apenas negando a vocês mesmos toda a satisfação.”

Eles fizeram caretas. “O que você quer dizer?”

“Se todos vocês ficarem brigando uns com os outros, e comigo, não vão conseguir realmente aproveitar o que eu tenho a oferecer como mulher. Vocês não aproveitariam melhor se eu cooperasse?”

Eles olharam uns para os outros. Um deles falou. “Ela tem razão. A Rainha não estava tão boa depois que ficou entorpecida.”

“Rainha?” Kahlan perguntou. “Que Rainha? Vocês estão apenas se gabando. Não tiveram nenhuma Rainha.”

“Rainha Cyrilla,” outro homem falou. “Ela desmaiou, então ficou toda mole. Ficou ali deitada o tempo todo, como um peixe morto. Mas nós usamos ela de qualquer jeito, usamos uma Rainha. Ainda...”

Kahlan lutou para conter o grito, lutou para manter o sentido daquilo que acabara de aprender para não começar a chutar novamente. Isso só faria ela acabar do mesmo jeito que Cyrilla.

Sua única chance era usar sua cabeça. Precisava de tempo para procurar sua magia, e se de algum modo encontrasse, precisava que os homens estivessem separados. Caso contrário, nove homens dominariam aquele único. Tinha que organizar as coisas primeiro, para o caso da magia funcionar. E, precisava escolher o mais forte.

Por um instante, ela abandonou sua ideia, temendo que isso não a salvasse, e pior, temendo que não tivesse coragem para fazer isso. Mas então ela percebeu com tristeza que mesmo se isso não funcionasse, não teria importância. Eles a estuprariam de um jeito ou de outro. Sua única chance foi tentar. Não tinha nada a perder.

“É isso que eu quero dizer. Vocês não preferiam ter minha cooperação? Vou ficar aqui embaixo durante dias. Vocês todos terão sua parcela de tempo comigo mais do que suficiente. Não achariam melhor que eu ajudasse? Desse jeito, todos vocês poderiam ter o que querem.” Eça pensou que poderia vomitar.

“Continue falando,” o homem maior disse com uma voz rouca.

Kahlan reforçou a sua decisão. “Eu nunca... tive um homem.” Todos riram de felicidade. Esperou até que os olhares deles voltassem para ela. Combateu a vontade de gritar com as expressões naqueles olhos. “Como eu disse, nunca tive um homem. Sei que vocês vão me possuir, e não posso impedir. Se isso vai ser feito de qualquer maneira, é melhor que eu... aproveite.”

Os sorrisos famintos deles cresceram. “É mesmo? Bem, do que você acha que gostaria mais, pequena dama?”

“Se vocês fizessem um de cada vez. Não seria melhor para vocês também? Se não estivessem lutando uns com os outros, se esperassem a sua vez, então poderiam se concentrar em aproveitar tudo que uma mulher de verdade tem para oferecer.”

Dois homens seguraram as pernas dela, afastando-as. Grunhiram dizendo que teriam o que queriam do jeito deles. O maior, aquele com a voz rouca, puxou eles para trás, jogando um contra a parede. A cabeça dele bateu fazendo barulho.

“Deixa ela falar! Ela tem razão!” Virou os olhos cruéis para ela. “Vamos ouvir a sua oferta.”

Kahlan tentou fazer a sua voz sair mais lenta, e fazer parecer que poderia estar intrigada pela ideia. Tentou soar confiante enquanto encolhia os ombros.

“Se fizerem do meu jeito, Vou dar o que vocês quiserem. Vou garantir que aproveitem do jeito que gostarem.”

Alguns dos homens riram. Os olhos do grande homem mostraram suspeita. “Porque ? E como sabemos que você fala

sério?”

“Porque desse jeito eu poderei aproveitar também.” Kahlan engoliu seu medo. “Desamarre minhas mãos, e vou mostrar que falo sério.”

Ela se inclinou para frente enquanto ele desamarrava suas mãos, outro homem aproveitou a oportunidade para acariciar os seios dela. Ela continuou imóvel. Finalmente, suas mãos estavam desamarradas. Esfregou os punhos doloridos e então sorriu para o grande homem enquanto passava os dedos pela bochecha dele.

Ele afastou a mão dela. “Você está ficando sem tempo. É melhor mostrar que fala sério.”

Kahlan reuniu forças enquanto se encostava na parede. Levantou o vestido acima da cintura, levantou os joelhos, e abriu as pernas. Olhou para o grande homem. “Toque em mim.”

Três dos outros homens tentaram tocar nela. Ela afastou as mãos deles. “Eu disse um de cada vez!” Olhou nos olhos do grande homem, quando eles levantaram. Ele cresceu na frente dos outros homens. “Qual é o seu nome?”

“Tyler.”

“Um de cada vez. Você primeiro, Tyler. Toque em mim.”

As paredes de pedra ecoaram com o som da respiração pesada. O grande homem se esticou e tocou-a. Foi preciso toda sua força para manter os joelhos afastados. Fez um esforço para respirar. Rezou para que ele não percebesse que ela estava tremendo.

Um sorriso abriu no seu rosto grosseiro enquanto suas mãos ásperas tocavam nela. Ela afastou a mão dele timidamente e juntou os joelhos.

“Está vendo? Não é melhor do que alguma mulher delicada que desmaia no primeiro toque e fica deitada no chão como um peixe morto?”

Os outros homens concordaram que realmente era melhor. Tyler lançou para ela um olhar desconfiado.

“Você parece com uma das Confessoras.”

Kahlan soltou uma risada. “Confessora!” Mostrou um punhado de cabelo curto. A sensação de perceber o quanto ele estava curto

quase fez ela chorar de angústia. “Isso faz parecer como se eu fosse uma Confessora?”

“Não... mas esse vestido...”

“Bem,” Kahlan disse, “ela não estava usando, então peguei emprestado.”

“Pelo que eu ouvi, eles não degolam pessoas por roubar um vestido. O que você fez para ser jogada aqui?”

Ela manteve o queixo erguido. “Não fiz nada. Eu sou inocente.”

Os homens riram. Disseram que eles também eram inocentes. Tyler não estava rindo com eles. Estava com uma expressão perigosa em seus olhos. Ela sabia que tinha de fazer alguma coisa, e rápido.

Com o coração batendo tão forte que ela pensou que poderia sair do peito, ela segurou a mão de Tyler com as duas mãos, e colocou de volta entre as suas pernas, apertando-a com as coxas.

A risada de Tyler fez desaparecer a cautela do seu rosto. “Então o que você quer que nós façamos?” ele perguntou.

“Eu vou ficar disponível aqui, e o resto de vocês vão para lá, enquanto eu fico com cada um por vez. Desse jeito vou me sentir bastante segura para aproveitar, e tranqüila o bastante para ter certeza que vocês também aproveitem.” Olhou novamente para o grande homem lambeu os lábios enquanto sorria. “E eu tenho outra condição. Quero você primeiro. Sempre quis um homem realmente grande.”

Ela tremeu com o olhar dele. Disse a si mesma que era a Madre Confessora; tinha que manter o controle. Lambeu os lábios de novo enquanto rebojava na mão dele.

Tyler começou a rir. Os outros riram com ele nervosamente. “Vocês, damas arrogantes, podem se comportar melhor do que todo mundo, mas quando a hora chega, são apenas umas vadias como todas as outras.”

O sorriso dele desapareceu de um jeito que fez o coração dela pular. “Eu torci o pescoço da última vadia que agia como se fosse melhor do que eu, e decidi fazer ela mudar de idéia. Aquele mago disse o que ele faria se nós matarmos você, mas isso não significa que não vamos fazer você se arrepender se der para trás com sua

palavra." Kahlan só conseguiu mostrar um sorriso e balançar a cabeça. "Vamos lá."

Um movimento do braço dele afastou os outros para o outro lado do buraco, enquanto ela estava tentando desesperadamente sentir a magia. Ele falou que eles poderiam decidir entre eles quem seria o próximo. E então virou para ela. Ele começou a soltar a fivela das calças.

Kahlan buscou freneticamente em sua mente uma maneira de atrasá-lo. Precisava de tempo para descobrir como encontrar seu poder. "Que tal um beijo primeiro?"

"Eu não preciso beijar," ele grunhiu. "Abra as pernas, como antes. Eu gosto disso."

"Bem, é que um beijo de um belo homem grande faz uma mulher ficar pronta para agradá-lo."

Ele fez uma pausa, então colocou seu braço direito em volta dos ombros dela e jogou-a no chão ao lado dele.

"É melhor você ficar pronta bem rápido, antes que eu perca minha paciência."

"Eu prometo. Apenas me beije um pouco primeiro."

Tyler apertou os lábios contra os dela. Ela arfou quando sua outra mão subiu de repente entre as suas pernas, mas dessa vez com forçada insistência, ao invés de um toque gentil como antes. Ele pensou que ela estivesse cooperando, e apertou os lábios dele contra os dela com mais força. Ela passou os braços em volta do pescoço dele. O cheiro dele quase fez ela vomitar.

Kahlan tentou concentrar-se em encontrar a calma, como sempre fizera antes quando usava seu poder. Não conseguia encontrar o lugar. Ela procurou desesperadamente a magia, mas não encontrou nada.

A falha trouxe lágrimas de frustração. A respiração de Tyler estava ficando violenta. Ele apertava tanto que estava machucando os lábios dela em seus dentes. Ela fingiu estar saboreando aquilo.

Era quase impossível se concentrar com o terror do que a mão dele estava fazendo entre as pernas dela, mas ela não ousava fazer ele parar. O pânico subiu em sua garganta enquanto se esforçava para manter as pernas abertas para ele. Os calcanhares dela

apertavam com mais força no chão e os pés dela tremiam dentro das botas.

Kahlan censurou a si mesma. Era a Madre Confessora. Havia usado seu poder incontáveis vezes. Tentou novamente, mas nada aconteceu. Sua lembrança das jovens mulheres em Ebinissia estava impedindo que ela fosse capaz de focar.

E então ela pensou em Richard. Quase gemeu com a falta que sentia dele. Se queria ter algum dia uma chance de ver Richard novamente, tinha que usar a sua magia. Tinha que ser forte. Tinha que fazer isso por ele.

Nada aconteceu. Percebeu que estava choramingando de frustração na boca de Tyler. Ele entendeu aquilo como paixão.

O rosto dele afastou algumas polegadas. "Abra mais as suas pernas, assim eles verão o quanto uma bela dama deseja Tyler."

De modo obediente ela aproximou os calcanhares de si mesma e afastou mais os joelhos. Todos os homens gritaram mostrando sua aprovação. Ela podia sentir os ouvidos queimando. Lembrou do que Ranson falou sobre tirar a sua dignidade.

Tyler apertou os lábios contra os dela outra vez. Lágrimas desceram dos cantos dos olhos dela.

Não estava funcionando. Não conseguia encontrar o poder - se ele ainda estivesse lá. Não tinha chance alguma. Teria que continuar com aquilo que ofereceu aos homens. Falhar em fazer isso agora apenas faria com que ela apanhasse. Não havia escapatória.

Pensou nas pobres mulheres em Ebinissia. Era aquilo que aconteceria com ela. Não havia esperança. Em sua mente, ela desistiu. Entregou-se ao que aconteceria.

Alguma coisa que o seu pai falou surgiu em sua mente - *Se algum dia você desistir, Kahlan, estará perdida.*

Lute com cada suspiro. Até o último, se for preciso, mas não desista. Jamais. Não entregue a eles a vitória. Lute com tudo que você tem até o último suspiro. Ela não estava fazendo isso. Estava desistindo.

Tyler sentou. "Chega de beijo. Você está pronta."

O tempo dela tinha acabado. Ficou imaginando se Richard a odiaria por isso. Não. Ele saberia que ela não teve escolha. Ele

ficaria desapontado apenas se ela sentisse vergonha por ser uma vítima. Ele sofreu dor inimaginável antes que Denna tivesse feito o que ela queria. Ele sabia o que significava estar impotente. Ela não o culpava por aquilo que ele foi forçado a fazer. Ele não a culparia. Ele a confortaria.

Se não funcionasse com esse homem, ela disse a si mesma, então funcionaria com o próximo. Continuaría tentando com cada um deles. Não desistiria. Continuaría tentando encontrar o seu poder com cada um deles.

"Mantenha suas pernas abertas," Tyler grunhiu enquanto abria as calças. Ela percebeu que tinha fechado as pernas de modo inconsciente. Abriu-as obedientemente outra vez enquanto uma lágrima descia pelo lado do seu rosto.

Queridos espíritos, ela pediu, ajudem-me.

Não. Os bons espíritos nunca ajudaram ela antes. Nunca vieram em seu auxílio, independente de seus esforços em nome deles, independente de seus pedidos. Eles não viriam agora.

Que o Guardiã fique com os espíritos inúteis.

Não chore, garota, ela falou para si mesma. Lute com eles. Até o seu último suspiro se for preciso.

"Por favor," ela disse. "Só mais um beijo?"

"Você já teve beijo bastante. Hora de fazer como você disse. Agora está na minha hora."

Kahlan aproximou os calcanhares, abriu as pernas o máximo que podia, e rebolou enquanto ele observava. "Por favor? Seus beijos são os melhores que eu já tive. Só mais um? Por favor?" Ela olhou o peito dele pulsando. "Então vou dar mais prazer a você do que qualquer outra mulher já deu. Só mais um beijo."

Ele deitou sobre ela, no meio das pernas. Seu peso tirou o ar dos pulmões dela. "Mais um, e então você vai dar o que eu quero."

Ele encostou o rosto barbudo no dela. Estava fora de controle. Seus lábios estavam cortando os dela contra os dentes.

Ela tentou ignorar o calor ardente dele apertando dolorosamente contra ela.

Kahlan colocou as mãos nos lados do pescoço musculoso dele. Os pulmões dela ardiavam pedindo ar. Essa era sua última chance. Seu

último suspiro. *Lute*, ela disse a si mesma. *Lute*.

Por Richard.

Como tinha feito incontáveis vezes, ela liberou seu controle, ainda que não sentisse nenhum poder lutando contra ele.

Foi como saltar em um escuro buraco sem fundo.

Houve um trovão, mas nenhum som.

O impacto violento no ar lançou uma chuva de fragmentos de pedras.

Todos os homens gritaram de dor por estarem tão perto quando o poder foi liberado.

Kahlan quase gritou de alegria. Conseguiu sentir sua magia dentro dela novamente. Estava fraca, por acabar de ser usada, mas ela conseguia sentir outra vez. Estava de volta. Nunca havia desaparecido; Ranson usou magia para fazer ela acreditar em uma mentira.

A mandíbula de Tyler ficou frouxa quando ele recuou, olhando dentro dos olhos dela. "Minha Senhora!" ele sussurrou.

"Ordene."

Os outros homens estavam cambaleando na direção deles.

"Proteja-me!"

Cabeças partiram contra as paredes, lançando jatos de sangue nas pedras. Tyler quebrou o braço de um homem.

Gritos de dor ecoaram pelo buraco. Houve uma furiosa batalha por alguns minutos, até que Kahlan conseguiu direcionar Tyler para conseguir o que ela queria - uma trégua.

Não queria que ele lutasse com todos os homens; se eles conseguissem vencê-lo, então ela estaria acabada.

Queria que eles ficassem separados, os homens mantendo distância, e Tyler protegendo ela. Essa era sua melhor chance de sobrevivência até que conseguisse recuperar seu poder.

Ela gritou ordens para os homens, assim como para Tyler. Restaram seis de pé, em condições de luta, e furiosos.

Um estava retorcido no chão, gritando de dor, um osso quebrado saltava se seu antebraço, e os outros quatro, incluindo aquele que ela chutou no rosto, não estavam se movendo.

Kahlan falou que manteria Tyler afastado enquanto eles ficassem no canto deles. Relutantes, eles foram para o lado oposto, arrastando os outros com eles. Os gritos convenceram eles que deveria esperar algum tempo antes de atacar o homem grande com os olhos arregalados. Ela fez eles entregarem sua roupa de baixo, ameaçando mandar Tyler buscar.

Kahlan sentou em um canto, suas costas contra a parede. Tyler ficou na frente dela, meio agachado, dançando nas pontas dos pés, seus braços esticados e prontos. Os homens observavam enquanto descansavam encostados na outra parede. Kahlan sabia que essa trégua perturbadora não poderia continuar durante dias. Mais cedo ou mais tarde, Tyler ficaria sem energia. Então eles o derrubariam. Então chegariam até ela. Os homens também sabiam disso.

CAPÍTULO 60



A noite passou, com os homens observando, e Tyler protegendo-a. Ela teve alguns momentos de sono inquieto de vez em quando. Kahlan não tinha ideia de que horas seriam, mas ela julgou que seria entre meia noite e próximo da madrugada.

Embora estivesse com medo, e soubesse que eles cortariam sua cabeça mais cedo ou mais tarde, ela estava feliz que seu poder estava de volta, e que tivesse vencido eles com aquela quantidade dele. Os bons espíritos não tinham ajudado ela; ela ajudou a si mesma. Sentiu satisfação com o que tinha feito. Não havia desistido.

E os bons espíritos a deixaram sozinha, como sempre fizeram. Kahlan estava furiosa com os bons espíritos. Ainda que tivesse vivido toda sua vida se esforçando para que os ideias deles fossem mantidos, eles nunca ajudaram nenhuma vez.

Bem, agora chega. estava farta dos bons espíritos, assim como estava farta de tentar ajudar as pessoas ingratas de Midlands. O que ela conseguiu com isso? Aprendeu na câmara do Conselho o que ela conseguia com isso. Havia conseguido o ódio imortal do seu povo. O mesmo povo pelo qual ela lutou pensava que ela machucava crianças. As pessoas não gostavam de Confessoras, e tinham medo delas por várias razões, mas ficou surpresa em descobrir o que as pessoas realmente pensava dela.

De agora em diante, preocuparia-se consigo mesma, seus amigos, e Richard, e que todo o resto fosse para o Guardião. Poderia ficar com todos eles. Estava cansada de tudo isso.

Não era mais a Madre Confessora. Era Kahlan.

A tocha apagou, lançando o buraco na escuridão.

“Obrigada de novo, bons espíritos!” ela gritou com toda força dos pulmões. Suas palavras ecoaram no buraco. “Que o Guardião

fique com vocês!”

Os homens atacaram Tyler no escuro. Kahlan não sabia o que estava acontecendo. Podia ouvir grunhidos, gritos e barulhos de golpes.

Ela ouviu o eco de um som. Não conseguiu entender o que era. E então escutou uma voz abafada chamando seu nome. A voz familiar estava vindo lá de cima.

“Chandalen! Chandalen! Estou aqui embaixo! Abra a porta!”

“Madre Confessora!” surgiu a voz por trás da porta. “Como eu abro a porta!”

Kahlan soltou um grito quando uma mão agarrou-a pelo tornozelo e puxou-a. Chandalen chamou seu nome ao escutar o grito dela. Tyler segurou os dedos que estavam no tornozelo dela e torceu eles até que estalaram. O homem gritou no escuro.

“Chandalen! Você precisa de uma chave! Use a chave!”

“Chave? O que é essa chave!”

“Chandalen!” Ela empurrou uma cabeça da sua cintura. “Chandalen! Lembra quando estávamos na cidade com as pessoas mortas? Lembra que o quarto da Rainha estava trancado? Lembra que mostrei a você uma chave para abrir a porta? Chandalen, um desses guardas aí em cima tem um anel de metal no cinto! Tem uma chave nele! Depressa!”

Kahlan reconheceu o grunhido de Tyler quando ele bateu contra a parede. Conseguiu ouvir o som dos punhos dele contra ossos. Conseguiu ouvir um som metálico lá em cima.

“Madre Confessora! Ela não gira!”

Então é a chave errada! Tente outra!”

Alguém chocou-se contra ela, derrubando-a no chão. Ela enfiou os dedos nos olhos dele. Ele deu um soco no estômago dela.

Um súbito feixe de luz desceu no buraco. Tyler viu o homem em cima dela e derrubou ele. Uma escada desceu.

“Tyler! Mantenha eles longe da escada!”

Kahlan atirou-se na escada e subiu. Os homens se amontoaram sobre Tyler. Ela ouviu ele grunhir e então o seu pescoço estalando. O pé dela escorregou um degrau quando um punho atingiu a sua panturrilha. Mãos agarraram seu tornozelos. Kahlan chutou o rosto

do homem logo atrás e então subiu. Ele caiu para trás, levando os outros junto. Eles atacaram de novo rapidamente.

Kahlan esticou-se para alcançar a mão na abertura. Chandalen segurou no pulso dela e puxou-a através do portal. Ele apunhalou o homem que estava logo atrás dela. Quando o homem caiu, Chandalen bateu a porta, fechando-a. Ofegante, ela caiu nos braços dele.

“Vamos, Madre Confessora. Temos que sair desse lugar.”

Havia guardas mortos por toda parte, todos foram mortos silenciosamente, por trás, pela troga de Chandalen. Ele segurou a mão dela enquanto corriam através dos corredores úmidos escuros e subindo escadas. Ficou imaginando como Chandalen tinha conseguido encontrar o caminho aqui embaixo. Alguém deve ter mostrado o caminho para ele.

Dobrando uma esquina, eles avistaram o resultado de uma batalha sangrenta. Corpos estavam espalhados por toda parte. Apenas um homem estava de pé. Orsk. Seu grande machado de batalha pingava sangue. Orsk quase pulou de alegria quando a viu. Ela quase ficou animada ao ver o seu rosto marcado.

“Fiz ele esperar,” Chandalen explicou enquanto a conduzia através da bagunça sangrenta. “Falei para ele que iria trazer você, se ele esperasse e montasse guarda nesse corredor.”

Chandalen franziu a testa para ela. Kahlan percebeu que ele estava olhando para o seu cabelo, ou o que sobrou dele. Porém, ele não falou nada, e ela ficou feliz com isso. Parecia mais do que estranho não sentir o peso de seu cabelo; era doloroso. Ela adorava o seu cabelo; assim como Richard.

Kahlan abaixou e pegou um machado de um dos guardas mortos. Ainda não tendo recuperado seu poder, senti-se melhor com uma arma nas mãos.

Chandalen, arrastando Kahlan pela mão, com Orsk protegendo a retaguarda, atravessou por uma porta. Diretamente do lado de fora, o capitão dos guardas estava com uma mulher espremida contra a parede. Os braços dela estavam em volta do pescoço dele enquanto ela o beijava; as mãos dele estavam subindo por seu vestido.

Enquanto eles passavam correndo, e o assustado capitão levantou os olhos, Chandalen enfiou a sua longa faca nas costelas do homem.

“Vamos!” ele disse para a mulher. “Encontramos ela!”

A mulher entrou na fila com eles enquanto eles corriam subindo através do Palácio. Confusa, Kahlan olhou para trás. A mulher na capa com capuz era a mulher que tinha desmaiado - Jebra Bevinvier.

“O que está acontecendo?” Kahlan perguntou a Jebra.

“Perdoe-me, Madre Confessora, por desmaiar. Tive uma visão de você sendo degolada. Fiquei tão horrorizada que desmaiei. Eu sabia que deveria ajudar, para que a visão não se tornasse realidade.

“Você disse que tinha um amigo na floresta. Eu fui até lá e encontrei ele.”

Todos se encostaram em uma parede e esperaram que uma patrulha passasse por uma sala adjacente. Quando os ecos dos passos dele desapareceram, Chandalen virou com um olhar zangado para Jebra.

“O que você estava fazendo com aquele homem!”

Ela piscou, surpresa. “Era o capitão dos guardas. Estava fazendo a ronda com todo um destacamento. Convenci ele a mandar os guardas para longe por algum tempo. Fiz a única coisa que consegui pensar para evitar que cinqüenta homens encontrassem vocês lá embaixo.”

Chandalen resmungou que talvez isso fizesse sentido. Enquanto eles seguiam em frente, Kahlan falou para Jebra que ela fez uma coisa corajosa, e que entendia quanta coragem era preciso para fazer aquilo. Jebra protestou dizendo que não era nenhuma heroína, e não queria ser.

Em uma interseção com um corredor de teto curvado, a Senhora Sanderholt estava esperando. Soltando um grito, Kahlan jogou os braços em volta da mulher. A Senhora Sanderholt manteve as mãos enfaixadas estendidas.

“Agora não, Madre Confessora. Você deve escapar. Este caminho está livre.”

Enquanto os outros correram na direção que a Senhora Sanderholt indicou, Kahlan foi por outro caminho. Todos viraram e correram atrás dela.

“O que você está fazendo!” Chandalen gritou. “Temos que fugir!”

“Tenho que pegar uma coisa no meu quarto.”

“O que poderia ser mais importante do que escapar!”

“A faca do avô,” ela disse enquanto corria.

Quando eles perceberam que não conseguiriam fazer ela mudar de ideia, todos a seguiram enquanto ela os conduzia através do labirinto de corredores menores e menos patrulhados. Muitas vezes eles encontraram guardas. Orsk fez eles em pedaços com ferocidade quando eles corriam atrás dela.

Quando ela fez a curva no topo de uma escadaria, um guarda surpresa virou na direção dela. Com toda sua força, Kahlan enterrou o machado no meio do peito dele. A espada dele deslizou pelo chão enquanto ele caía para trás.

Enquanto ele se espalhava no chão, Kahlan colocou um dos pés no estômago dele e tentou arrancar o machado.

Bolhas de ar e sangue espumaram, mas o machado estava preso firmemente em seu osso esterno, então ela pegou a espada Kelteana dele. Chandalen levantou uma sobrancelha. Antes que eles chegassem ao quarto dela, ela teve motivo para usar a espada, e com similar efeito mortal.

Os outros esperaram na sala externa, recuperando o fôlego, enquanto ela entrava rapidamente no quarto. Congelou quando viu seu vestido azul de casamento. Agarrou ele e apertou contra o peito. Era atrás disso que ela estava. Não queria deixá-lo; não voltaria nunca mais a esse lugar. Kahlan derramou uma lágrima sobre o vestido, enrolou ele bem apertado, e enfiou em sua mochila.

Todas as outras roupas da sua mochila estavam limpas também, e preparadas para ela. Colocou-as na mochila depois de amarrar a faca de osso em seu braço esquerdo. Jogou o manto sobre os ombros. Rapidamente, ela colocou a corda do arco.

Ela seguiu para a sala exterior, com sua mochila e aljava nas costas, e o arco em seu ombro. Estava com tudo que queria. Tudo

que significava alguma coisa para ela. Fez um uma pausa durante um momento, olhando para o seu quarto pela última vez enquanto girava distraidamente o osso arredondado em seu colar, e então levou os outros para fora e descendo por um caminho nos fundos, correu até uma porta exterior.

Perdeu a conta de quanto homens Chandalen derrubou com sua troga ou a faca. Quando um guarda enorme atacou saindo de um corredor lateral e tentou derrubá-los, Kahlan atravessou ele com a espada. Os quatro eram como a própria morte se movendo através do Palácio. Os sinos de alarme tocaram freneticamente na torre.

Na plataforma que conduzia até a grande escadaria, Orsk cortou a cabeça de um guarda. O corpo desceu rolando as escadas, deixando um rastro de sangue, como se estivesse desenrolando um tapete vermelho para eles. O homem sem cabeça parou de rolar ao bater na estátua de Magda Searus, a primeira Madre Confessora.

Eles desceram os degraus de pedra, o som ecoava na vasta câmara. Perto da parte inferior da escada, um súbito golpe de dor tirou o chão debaixo dos pés de Kahlan. Ela caiu nos últimos degraus. Os outros gritaram e correram até ela, querendo saber porque ela caiu. Ela falou que tinha tropeçado.

Ela não havia tropeçado.

Kahlan tirou o arco do ombro e apontou com ele. “Desçam aquele corredor. Todos vocês, desçam por aquele corredor.”

“Virem à direita no fim. Eu alcançarei vocês. Vão.”

“Não vamos deixar você!” Chandalen insistiu.

“Eu disse vão!” Kahlan levantou resistindo contra a forte dor em suas pernas. “Orsk, faça eles se moverem, agora. Eu alcanço vocês. Vou ficar muito desapontada com você se falhar em tirar eles daqui.”

Orsk levantou o machado e rosnou. Os outros dois recuaram na direção do corredor enquanto imploravam a ela. Reclamaram que tinham arriscado suas vidas para resgatá-la, e não deixariam ela agora.

“Orsk! Tire eles daqui!”

“Porque!” Chandalen e Jebra gritaram juntos.

Kahlan apontou com o arco. Do outro lado da grande câmara, lá em cima em uma das distantes arcadas, estava uma figura nas sombras. "Porque ele vai matar vocês."

"Temos que escapar! Ele vai matar você também!"

"Se ele viver, vai nos caçar, com magia, e vai matar todos nós."

Um raio de luz amarela arqueou através da grande sala. Várias pedras caíram, quase fechando a abertura onde estavam os outros.

Kahlan tirou uma das flechas com lâminas de Chandalen da sua aljava.

"Madre Confessora!" Chandalen gritou. "Não vai conseguir acertar! Eu não conseguiria! Você tem que correr!"

Ela não falou para eles que o mago estava enviando fragmentos de dor aguda dentro dela, e não podia correr. Tudo que ela podia fazer era ficar em pé. "Orsk! Tire eles daqui! Agora! Vou alcançar vocês!"

Outro raio de luz jogou pedras voando para todos os lados e os três correram descendo o corredor, Orsk empurrando eles.

Kahlan colocou um joelho no chão para obter apoio enquanto preparava a flecha. Puxou a corda até a bochecha.

A lâmina da flecha estava horizontal em sua linha de visão. Mal conseguia ver Ranson, ele estava tão longe, e a dor estava borrando a visão dela.

Mas conseguia ouvir ele rindo enquanto lançava violentos golpes de magia rasgando dentro dela. Soava como a risada de Darken Rahl. Ela se esforçou para agüentar a dor, contendo o grito que estava tentando sair. Não conseguia segurar os gemidos irregulares.

"Uma arqueira, Madre Confessora?" ele gritou de longe. Sua risada ecoou nas pedras ao redor dela.

"A sua liberdade foi breve, Madre Confessora. Espero que tenha valido a pena. Você vai passar um longo tempo no buraco, pensando nisso."

Ele estava longe demais. Ela nunca havia lançado uma flecha tão longe assim. Richard sim. Tinha visto ele fazer isso.

Por favor, Richard, me ajude. Mostre-me como, como fez naquele dia. Me ajude.

Vinhas de pedra saltaram do painel perto dela e enrolaram eu sua cintura, apertando. A dor fez ela gemer.

Levantou o arco novamente. Com seu último suspiro, se for preciso, ela disse a si mesma. Seus braços tremeram. Mal conseguia ver o mago. Ele estava longe demais. As vinhas apertavam. Ela não poderia correr, mesmo se desejasse.

Me ajude, Richard.

Outra onda de dor brutal atravessou suas pernas e suas entranhas. Lágrimas ardentes desciam por suas bochechas enquanto ela tremia e gemia. Não conseguiria manter o arco levantado.

Um relâmpago arqueou pela grande escadaria. O som foi ensurdecedor. Pedacos de pedra passaram assoviando. Nuvens de pó levantaram quando uma coluna desmoronou com um estrondo.

Ela escutou as palavras de Richard em sua mente: *Você tem que conseguir atirar não importa o que esteja acontecendo. Só você e o alvo, isso é tudo que existe. Nada mais importa. Tem que ser capaz de bloquear todo o resto. Não pode pensar em como está com medo, ou o que vai acontecer se errar. Tem que conseguir atirar sob pressão.*

Lembrou de como ele sussurrou para ela, sussurrou para ela chamasse o alvo.

Com um salto, o alvo veio até ela, como se o mago estivesse bem na sua frente. Podia ver o brilho da luz líquida saltando das pontas dos dedos dele.

Ela conseguiu ver o alvo - o volume na garganta dele subindo e descendo enquanto ele ria. Ela deixou sua respiração fluir, como Richard havia ensinado. A fecha encontrou o ponto no ar.

Tão suavemente quanto o respirar de um bebê, a flecha deixou o arco.

Ela viu as penas passando pelo arco. Viu a corda bater em seu pulso. A vinha de pedra enrolou em sua garganta. Manteve os olhos no alvo. Observou as penas da flecha enquanto ela voava. A dor que rasgava seu interior aumentou junto com a risada dele.

A risada do mago foi interrompida bruscamente. Kahlan ouviu o som da lâmina atingindo sua garganta. Quando a vinha de pedra caiu subitamente, ela caiu para frente ficando de quatro, lágrimas

em seu rosto, enquanto ela esperava que a dor desaparecesse. Ela se foi com misericordiosa suavidade.

Kahlan ficou de pé. "Vá para o Guardião você também, Mago Neville Ranson!"

Houve um estalo ensurdecido, como o de um raio, mas ao invés de um flash de luz, uma onda de completa escuridão tomou conta da sala. Os braços dela ficaram arrepiados. As lamparinas acenderam novamente.

Kahlan sabia - o Guardião realmente tinha levado o Mago Neville Ranson.

Escutou um grunhido, e virou bem a tempo de ver um guarda descendo os degraus e pulando na direção dela. Kahlan se esquivou e pulou em cima dele quando ele pousou. Usou o impulso para lançar ele por cima do corrimão, dentro do espaço logo abaixo.

Ele tentou agarrar nela quando estava caindo, mas seu dedos pegaram apenas o seu colar. Ele foi arrancado dela, e caiu junto com ele. Kahlan curvou-se sobre o corrimão, vendo ele bater no chão de pedra, três andares abaixo. Viu o colar cair da mão dele quando ele bateu, e deslizar pelo chão.

"Que os bons espíritos sejam amaldiçoados," ela rosou.

Kahlan começou a andar na direção dos degraus para recuperar seu colar de ossos, mas parou imediatamente e levantou os olhos ao escutar o som de botas na pedra. Mais guardas estavam vindo. Ela hesitou por um momento, olhando para baixo, e então correu na direção do corredor. Os espíritos não ajudaram ela; que bem um colar faria? Não valia a pena arriscar sua vida por ele.

Kahlan alcançou os outros quando eles chegavam até as portas de saída. Todos suspiraram aliviados ao vê-la, e por saber que o mago não viria atrás deles. Kahlan liderou quando eles saíram correndo dentro da noite. Os quatro desceram por degraus até o som contínuo dos sinos de alarme. Ela seguiu para o sul - a distância mais curta até a floresta.

Uma Jebra sem fôlego segurou o braço dela, fazendo-a parar. "Madre Confessora...!"

"Não sou mais a Madre Confessora. Eu sou Kahlan."

"Kahlan então. Mas tem que me escutar. Não pode fugir."

Kahlan virou novamente para o caminho através do pátio. "Estou cheia desse lugar."

"Zedd precisa e você."

Kahlan deu meia volta. "Zedd? Você conhece Zedd? Onde ele está?"

Jebra engoliu ar. "Zedd me enviou até Aydindril. No dia depois que você partiu de D'Hara. Disse que tinha que buscar uma mulher chamada Adie, e então ele viria até a Fortaleza do Mago. Ele me enviou aqui para ajudar você e Richard, e fazer você esperar. Zedd precisa de você."

Kahlan agarrou os ombros de Jebra. "Preciso de Zedd. Preciso muito dele."

"Então tem que deixar que eu ajudo e. Não deve partir. Eles estarão esperando que você corra, e vão procurar pelo campo. Não esperam que você fique em Aydindril."

"Ficar? Ficar em Aydindril?"

Ela pensou durante um momento. Ela era conhecida em Aydindril. Não, não exatamente. O longo cabelo dela era conhecido. As pessoas que não fossem conselheiros, embaixadores, empregados, e nobres raramente viram a Madre Confessora de perto, e quando viram olhavam mais para o cabelo dela. Ela não tinha mais aquele cabelo.

O pensamento de sua perda fez as suas entranhas darem um nó. Não sabia o quanto seu poder, e seu longo cabelo, significavam para ela - até que eles se foram.

"Pode funcionar, Jebra. Mas onde nos esconderíamos?"

"Zedd me deu ouro. Ninguém sabe do meu envolvimento em sua fuga. Vou alugar quartos e esconder você, todos vocês."

Kahlan considerou aquilo por um momento, então sorriu. "Poderíamos ser os seus servos. Uma lady como você teria servos."

Jebra se encolheu. "Madre Confessora, eu não conseguiria fazer isso. Eu mesma não sou nada além de uma serva. Zedd pediu que eu fingisse ser uma lady. Mas não conseguiria fingir isso. Você é uma lady de verdade."

"Ser uma serva não faz você ter menos valor do que eu. Todos nós podemos ser apenas quem somos, nem mais, nem menos."

Kahlan começou a liderar eles novamente, na direção de uma parte de Aydindril com hospedarias isoladas e exclusivas. "E é assustador aprender o que você pode fazer quando precisa. Faremos o que for necessário. Mas se continuar me chamando de Madre Confessora, vai matar todos nós."

"Vou fazer o melhor que puder... Kahlan. Tudo que sei é que devemos esperar até que Zedd volte para Aydindril." Ela puxou insistentemente na manga de Kahlan. "Madre Confessora, onde está Richard! Isso é vital!" A voz dela baixou com desconforto. "Sem ofensa, e juro que não é minha intenção, mas o importante é Richard. Zedd precisa de Richard."

"É por isso que preciso de Zedd," Kahlan falou.

CAPÍTULO 61



Richard segurou um braço de cada um dos garotos. “Devagar,” ele falou com uma voz baixa. “Eu falei, tenho que ir primeiro.”

Kipp e Hersh suspiraram impacientes. Richard olhou em uma esquina para checar, olhando o corredor, e então empurrou os dois garotos na parede. Rãs pularam nos bolsos deles.

“Isso é sério. Escolhi vocês dois porque sei que são os melhores. Agora, façam como eu falei, do jeito que nós planejamos. Fiquem aqui, com suas costas na parede, e contem até cinqüenta. Não façam nada além de espiar na esquina até contarem cinqüenta. Estou contando que vocês façam isso direito.”

Eles sorriram. “Somos os seus homens,” Kipp falou. “Vamos colocar eles para fora de lá.”

Richard agachou e colocou um dedo perto do rosto de cada um por vez. “Isso é uma coisa séria. Não é apenas algum jogo. Dessa vez vocês podem se meter em problemas de verdade. Estão certos de que querem fazer isso?”

Kipp colocou as mãos nos bolsos, sentindo as rãs. “Você procurou os homens certos. Podemos fazer isso. Queremos fazer isso, Richard.”

Eles estavam excitados porque nunca tinham passado pelos guardas. Esse era um terreno desconhecido para aplicar a especialidade deles. Richard sabia que eles não gostavam nem um pouco dos perigo envolvido, e odiava ter que usá-los desse jeito, mas era a única coisa na qual conseguiu pensar.

“Então está bem, comecem a contar.”

Richard deu a volta na esquina e desceu o corredor, sua capa de mriswith balançando ao vento. Quando chegou até a porta certa, ficou parado encostado na parede de mármore branco que ficava de

frente para as portas duplas e cobriu a cabeça com o capuz. Fechou bem a capa e concentrou-se no mármore atrás dele.

Ficou imóvel. Os garotos apareceram vindo da esquina, gritando com toda força de seus pulmões enquanto corriam descendo o corredor. Pararam na frente das portas duplas, olhando para os dois lados. Não viram ele parado logo atrás deles, e ele sabia que estavam imaginando onde ele estava escondido.

Como foram orientados, abriram as portas, rindo de excitação, começaram a tirar as rãs dos bolsos e jogar dentro da sala. As duas Irmãs ficaram congeladas de surpresa apenas por um instante. Richard observou enquanto as duas saíram correndo de suas mesas, uma pegando uma vara. Os garotos largaram suas últimas rãs dando um grito e correram em direções opostas, gritando para provocar "Você não me pega! Você não me pega!"

As Irmãs Ulicia e Finella pararam escorregando no chão de mármore polido do lado de fora das portas. Elas quase escorregaram para cima dele, e ficaram apenas algumas polegadas de distância. Richard prendeu a respiração.

As Irmãs viram os garotos dobrando nas esquinas opostas nas duas extremidades do corredor. Elas esticaram as mãos. Quadros caíram no chão quando raios de luz cintilantes derrubaram eles das paredes, mas não acertaram os garotos. Grunhindo de raiva, as Irmãs separaram-se, cada uma seguindo atrás de um garoto.

Richard esperou até que elas dobrassem nas esquinas, e então afastou-se da parede, relaxando sua concentração, deixando que a capa voltasse a ficar negra. Ficou imaginando como pareceria se alguém visse aquilo acontecendo, visse uma pessoa aparentemente materializar-se aparecendo do ar.

A sala externa estava vazia. Diante da porta entre as mesas, o ar parecia cintilar e zunir.

Para testar, Richard colocou a mão naquilo. O ar estava espesso, mas não pareceu ter nenhum efeito nocivo. Atravessou o ar cintilante e passou pela porta logo após.

O interior da sala, não tão grande quanto a sala externa, estava fracamente iluminado, e tinha ricos painéis de madeira escura. No centro havia uma pesada mesa de nogueira cheia de

papéis e livros, e três velas. Ocupando toda a extensão das paredes de cada um dos lados havia estantes cheias de livros, e alguns outros objetos estranhos.

Uma velha, uma das pessoas da equipe de limpeza, com um grosso vestido de trabalho cinza escuro, estava em pé sobre um banco, tirando a poeira de uma prateleira superior. Ela virou, surpresa, quando ele parou. Olhou para a porta, e então de volta para ele.

“Como você...”

“Sinto muito, madame. Não queria assustar você. Só vim para ver a Prelada. Ela está por aqui?”

A mulher se agachou, seu pé procurando o chão. Richard ofereceu a mão para ela. Ela sorriu mostrando agradecimento enquanto afastava uma mecha de cabelo cinza do rosto. A maior parte dele estava amarrado em um nó frouxo atrás da cabeça. Assim que ela ficou de pé no chão, o topo da cabeça dela só chegava até a parte inferior do esterno dele. Seu corpo era bem largo, como se um dia ela tivesse sido mais alta, e um gigante tivesse colocado sua mão na cabeça dela e esmagado.

Ela levantou os olhos, mostrando uma expressão de curiosidade. “As Irmãs Ulicia e Finella deixaram você entrar?”

“Não,” Richard enquanto olhava a confortável sala desordenada. “Elas saíram.”

“Mas elas teriam deixado um escudo...”

“Madame, preciso falar com a Prelada.” Do outro lado da sala, Richard viu portas abertas que conduziam até um pátio. “Ela está por aqui?”

“Você tem uma audiência marcada?” ela perguntou com uma voz suave.

“Não,” ele admitiu. “Tentei conseguir uma durante dias. Aquelas duas não ajudariam, então eu providenciei minha própria audiência.”

Ela colocou um dedo no lábio inferior. “Entendo. Mas você deve ter uma audiência marcada. Essas são as regras. Sinto muito.”

Richard caminhou na direção das portas abertas. Estava ficando impaciente, mas manteve sua voz calma, pois não queira

assustar a velha empregada. "Olha, madame, preciso ver a Prelada, ou nós todos teremos uma audiência com o Guardiã em pessoa."

As sobrelhas dela levantaram com espanto. "Verdade." Ela estalou a língua. "O Guardiã, é mesmo. Nossa, nossa, nossa."

Richard parou de repente. Ele recuou e soltou um grunhido. Girou sobre os calcanhares.

"Você é a Prelada, não é?"

Um sorriso travesso surgiu no rosto dela, seus olhos piscaram.

"Sim, Richard, acho que sim."

Ela riu. "Oh, sim, eu sei."

Richard suspirou. "Então é você quem governa esse lugar?"

Ela riu mais alto. "Como já ouvi falarem, parece que agora você está governando ele. Está aqui não faz um mês, e já tem metade do lugar girando conforme a sua vontade. Estive pensando em solicitar uma audiência para falar com você."

Richard mostrou uma expressão amigável. "Eu teria atendido seu pedido."

"Estava ansiosa para conhecer você." Ela bateu no braço dele.

"De agora em diante, você pode vir falar comigo sempre que desejar."

"Então porque não me deixou entrar antes?"

Ela cruzou as mãos debaixo dos grandes seios arredondados.

"Um teste, meu rapaz. Um teste." Sorriu para ele. "Estou impressionada. Esperava que levasse mais seis ou oito meses."

As portas abriram repentinamente. Richard deu um pulo, arrastado para trás por sua coleira, e bateu contra a parede. Estava bem preso, o ar escapou de seus pulmões. Duas Irmãs iradas estavam paradas bem na entrada com os punhos nos quadris.

"Agora, agora," a prelada falou, "parem com isso, vocês duas. Soltem o garoto."

Richard bateu no chão, olhando com raiva para as duas Irmãs.

"Fui eu quem pedi que os dois garotos fizessem aquilo. O que eles fizeram é culpa minha. Se houver alguma vingança, é melhor que seja contra mim, não contra eles. Se machucarem eles, vão responder a mim."

Uma das Irmãs deu um passo na direção dele. “A punição deles já foi ordenada. Dessa vez, pelo menos uma vez, eles aprenderão uma lição.” Ela apontou com raiva uma vara para ele. “Você vai ter que se preocupar com a sua própria punição.”

“Sim, Irmã Ulicia,” a Prelada disse, “Acho que a punição já está definida.” A Irmã mostrou um sorriso satisfeito para Richard. “A de vocês,” a Prelada falou.

Irmã Ulicia ficou de boca aberta. “Prelada Annalina?”

“Não dei a vocês ordens específicas para não deixar Richard entrar aqui?”

As duas Irmãs ficaram de costas eretas. “Sim, Prelada Annalina.”

“E aqui está ele. Parado no meu escritório.”

Irmã Ulicia apontou para a porta. “Mas... nós deixamos um escudo! Ele não poderia...”

“Ah? Não poderia?” A mão da Irma baixou ao ver a testa franzida da Prelada. “Parece que estou vendo ele de p é bem aqui. Não estou, Irmãs?”

“Sim, Prelada Annalina,” as duas falaram como se fossem uma só.

“E agora a sua ideia é recompensar sua própria falha voltando aos seus postos, como se nada tivesse acontecido, e punir o sucesso deles?” A Prelada estalou a língua. “Vocês duas receberão a punição que ordenaram para os dois garotos.”

As Irmãs ficaram pálidas. “Mas Prelada...” a outra sussurrou. “Não pode fazer isso com uma Irmã.”

“Pal madas nos traseiros... em público... amanhã de manhã, depois do café.”

“Isso parece justo. Vocês duas vão tomar o lugar deles.”

“Mas Prelada,” Irmã Ulicia sussurrou, surpresa. “Somos Irmãs da Luz. Isso seria humilhante.”

“Aprender a ter humildade nunca machucou ninguém. Somos todos humildes perante o Criador. Por sua falha, vocês receberão as palmadas no lugar deles.”

Irmã Ulicia endureceu. “E se não aceitarmos nos submeter, Prelada Annalina?”

A Prelada sorriu. "Então estarão dizendo para mim que não merecem mais confiança, e mais, que não desejam mais ser Irmãs da Luz."

As duas fizeram reverência. Quando a porta fechou atrás delas, Richard levantou uma sobrancelha para a Prelada.

"Espero nunca enfrentar o seu lado ruim, Prelada Annalina."

Ela riu. "Por favor, me chame de Ann. É assim que meus velhos conhecidos me chama."

"Eu ficaria honrado em chamá-la de Ann, Prelada, mas eu não sou um velho conhecido."

"Acha que não?" Ela sorriu. "Nossa, que rapaz bem instruído. Bom, não importa. De qualquer modo, me chame de Ann. Você sabe porque eu as puni? Porque você assumiu a responsabilidade por suas ações. Elas não reconhecem a importância disso. Você está aprendendo a ser um mago."

"O que você quer dizer?"

"Sabia que era perigoso passar pelas duas, não sabia?" Richard assentiu. "Mesmo assim usou aqueles dois garotos, sabendo que havia possibilidade de que eles se machucassem."

"Sim, mas eu tinha que fazer isso. É muito importante, e foi a única coisa em que consegui pensar."

"O fardo de um mago. É assim que isso é chamado. Usar pessoas. Um mago sábio entende que não pode fazer tudo sozinho, e que se o assunto for importante o bastante, ele deve usar outras pessoas para realizar o que deve ser feito. Mesmo que isso custe a vida dessas outras pessoas. É uma habilidade rara, e vital para ser um bom mago. Talvez, para ser uma Prelada também."

"Ann, isso é urgente. Preciso falar com você."

"Urgente, é mesmo? Bem, então, porque não vamos dar uma caminhada no meu jardim, e poderemos conversar sobre esse assunto urgente."

Ela colocou o braço em volta do braço dele, e caminhou com ele através da porta aberta. Do lado de fora, sob a luz da lua, havia um grande pátio, com árvores, trilhas, montes de flores, áreas abertas, e um lago adorável. A beleza do jardim não ficou registrada na mente de Richard. Ele mal tinha comido ou dormido desde que

teve sua conversa com Warren. Se o Guardiãõ escapasse, ele dominaria todos, incluindo Kahlan. Richard tinha que fazer alguma coisa.

"Ann, tem um grande problema no mundo. Preciso de sua ajuda. Preciso tirar essa coleira para que eu possa sair para ajudar."

"É para isso que estou aqui, Richard. Para ajudar. Qual é o problema?"

"O Guardiãõ..."

"O Sem Nome," ela corrigiu.

"Que diferença faz?"

"Chamar ele pelo nome atrai sua atenção."

"Ann, é só uma palavra. É o significado da palavra que importa, não um arranjo de letras. Acha que quando você chama ele o Guardiãõ de Sem Nome, isso o enganaria fazendo pensar que não estava falando dele? É um erro considerar que seus inimigos são ignorantes, e você é esperto."

Uma forte risada saiu vindo do peito dela. "Estive esperando muito tempo que alguém percebesse isso."

Ela fez uma pausa com ele na margem do lago, e ele perguntou, "O que é *a pedra no lago*?"

Ela observou a superfície da água. "Você é uma, Richard."

"Você quer dizer que tem mais de uma?"

Uma pequena pedra flutuou no ar, subindo até a palma da mão dela.

"Todos causam um efeito nos outros. Algumas pessoas inspiram outras a fazer grandes coisas. Algumas arrastam pessoas para o crime com elas. Aqueles que possuem o dom afetam as pessoas ao redor muito mais. Quanto mais forte o Han, mais forte o efeito."

"O que isso tem a ver comigo? O que isso tem a ver com *uma pedra no lago*?"

"Está vendo todas as lentilhas d'água flutuando na superfície? Digamos que eles sejam as outras pessoas, o mundo dos vivos, e esta pedra seja você." Ela atirou a pedra dentro do lago. "Está vendo o que acontece? As ondas causadas por você afetam todos os outros. Sem você, todas aquelas ondas não aconteceriam."

“Então elas flutuam subindo e descendo, nas ondas. Mas a pedra afundou.”

Ela mostrou um sorriso sem humor. “Jamais esqueça isso.”

A resposta causou uma pequena pausa. “Acho que você coloca fé demais em mim. Não sabe nada sobre mim.”

“Talvez mais do que você pensa, criança. E o que está preocupando você a respeito do Guardiã?”

“Alguma coisa deve ser feita. Ele está prestes a escapar. Uma das caixas de Orden foi aberta, o portal está aberto. A Pedra das Lágrimas está neste mundo. Preciso fazer alguma coisa.”

“Ahh.” Ela sorriu quando parou de caminhar. “Então você, que acabou de ser jogado contra uma parede pelo Han de uma simples Irmã, quer entrar em batalha com o Guardiã em pessoa?”

“Mas aconteceram coisas. Algo deve ser feito.”

“Vejo que esteve falando com Warren. Um homem brilhante, Warren. Porém, ele ainda é jovem.”

“Às vezes ele precisa de direção. Orientação.” Ela puxou um galho. “Ele estuda muito, e ama aqueles livros. Acho que deve conhecer cada mancha neles.”

Ela estava inspecionando uma flor no galho. Enquanto ele observava ela sob a luz da lua, decidiu que poderia ter pensado que ele mesmo era mais esperto do que era. Warren também.

“Então, e quanto ao Guardiã? E a Pedra das Lágrimas?”

Ela colocou um braço em volta do braço dele novamente e continuou caminhando. “Se o portal está aberto e a Pedra das Lágrimas está neste mundo, Richard, porque o Guardiã não nos dominou? Hum?”

“Talvez ele esteja prestes a nos engolir a qualquer momento.”

“Ahh. Então você acha que talvez ele esteja ocupado com seu jantar, e quando terminar, e limpar o queixo, ele vai aparecer para engolir o mundo dos vivos, assim você quer sair correndo e fechar o portal antes que ele tire o guardanapo do colo dele? Você acha que é desse jeito que os mundos além do nosso funcionam? Nos mesmos termos desse mundo?”

Richard passou os dedos pelos cabelos nervosamente. “Não sei. Não sei como isso tudo funciona, mas Warren disse...”

“Warren não sabe tudo. Ele não é nada mais do que um estudante. Tem um talento para profecias, mas tem muito a aprender.

“Você sabe porque mantemos as profecias aqui embaixo nas câmaras, e restringimos aqueles que podem ler elas? Pela mesma razão que estamos tendo essa conversa. Porque profecias são perigosas para a mente não treinada, e às vezes até para a mente treinada. Tem mais coisas do que você consegue enxergar, ou o Guardiã já teria todos nós.”

“Está dizendo que não estamos em perigo?”

Ela mostrou um leve sorriso. “Sempre estamos em perigo, Richard. Enquanto houver um mundo dos vivos, haverá perigo. Toda vida é mortal.”

Ela bateu levemente no braço dele outra vez. “Você é uma pessoa importante, uma pessoa na profecia, mas se agir tolamente, pode causar mais dano do que bem. Apenas a presença da Pedra das Lágrimas neste mundo não poder permitir ao Guardiã escapar através do portal. A Pedra é um meio para esse fim.”

“Espero que você esteja certa,” ela falou enquanto caminhavam.

Ela levantou os olhos. “Como está sua mãe?”

Richard olhou para o vazio dentro da escuridão. “Ela morreu quando eu era pequeno. Em um incêndio.”

“Sinto muito, Richard. E o seu pai?”

“Qual deles,” ele murmurou.

“Seu pai adotivo, George.”

Richard limpou sua garganta. “Ele foi morto por Darken Rahl.” Lançou um olhar desconfiado para ela. “Como você conhece meu pai adotivo?”

Ela mostrou um daqueles olhares vazios que ele tinha visto em outras; em Adie, Shota, Irmã Verna, Du Chaillu, e Kahlan. “Sinto muito, Richard. Não sabia que ele tinha morrido. George Cypher era um bom homem.”

Ele parou de repente, sua carne arrepiada. “Você,” ele sussurrou. “Foi com você que meu pai conseguiu aquele livro.” Ele

deixou a afirmação vaga o bastante para que ela tivesse que fornecer detalhes para confirmá-la.

Um pouco do sorriso dela retornou. "Com medo de falar em voz alta ? O Livro das Sombras Contadas, é desse livro que você está falando." Ela fez um gesto apontando para um banco de pedra. "Sente-se, Richard, antes que você caia."

Richard desabou no banco. Olhou para cima enquanto ela ficava parada, em pé, diante dele. "Você? Você deu aquele livro para o meu pai?"

"Na verdade, ajudei ele a pegar. Está vendo, Richard, como eu falei, você e eu somos velhos conhecidos. É claro, da última vez que o vi, você estava quase estourando sua cabeça de tanto chorar. Só tinha alguns meses."

Ela sorriu de modo distraído. "Se a sua mão pudesse vê-lo agora. Ela estava cheia de orgulho de você. Disse que você era uma bênção para o equilíbrio da maldição. Está vendo, Richard, no mundo dos vivos tudo depende do equilíbrio."

"Você é uma criança de equilíbrio. Tenho muito investido em você."

A língua de Richard pareceu estar presa no céu de sua boca. "Porque?"

"Porque você é uma *pedra no lago*." Os olhos dela pareceram sair de foco. "Cerca de três mil anos atrás, magos tinham Magia Subtrativa. Desde então nenhum deles nasceu com ela. Estivemos esperando, mas nenhum, até agora, havia surgido nessa vida. Alguns tinham uma vocação, mas não esse dom. Você tem o dom tanto para a Magia Aditiva quanto para a Magia Subtrativa."

Richard levantou de repente. "O quê! Você está maluca!"

"Sente-se, Richard."

O suave poder de sua voz , seu olhar penetrante , sua presença, fez ele cair no banco. Por alguma razão, de repente ela parecia estar enorme. Estava do mesmo tamanho de antes, mas parecia que ela crescia sobre ele. A voz dela também ficou imponente.

"Agora, me escute. Você está me causando muitos problemas. É como um touro que fica derrubando cercas e pisoteia as

plantações. Tem muita coisa em risco para que você fique agindo sem saber o que está fazendo. Sei que acha que está fazendo o que é certo, mas o touro também pensa o mesmo. O seu problema é a falta de conhecimento. Pretendo dar a você educação.

“Embora você não acredite em parte do que tenho para dizer, é melhor começar a aceitar, ou vai ficar com essa coleira bastante tempo, porque ela não pode ser removida até que aceite a verdade.”

“Disseram que as Irmãs retiram a coleira.”

A expressão nos olhos dela fizeram com que ele desejasse ter ficado com a boca fechada, ou poderia trocar de lugar com as duas Irmãs que receberiam as palmadas em público.

“Apenas quando você aceitar a si mesmo, aceitar a sua habilidade, o seu verdadeiro poder, ela será retirada. Você colocou o Rada'Han em volta do próprio pescoço. Não temos o poder para retirar ela até que você consiga nos ajudar, com o seu próprio poder.”

“A única maneira para que você possa fazer isso é aprender, e aceitar ser quem você é.”

“Agora, antes de tudo, deve entender sobre o Guardião, e o Criador, e sobre a natureza desse mundo. O seu problema, o problema que a maioria das pessoas tem, o problema que Warren tem, é que você tenta entender os mundos além nos termos desse mundo.”

“O Bem e o Mal, o Criador e o Guardião, são o caos dividido em duas forças opostas. Embora cada uma abomine a outra, elas são interdependentes, e não podem existir uma sem a outra. Elas definem uma a outra.”

“A batalha, nossa batalha nesse mundo, é manter o equilíbrio.”

Ainda que Richard continuasse com a boca fechada, ele não conseguia esconder a expressão de desconfiança em seu rosto.

“Da sopro de vida do Criador, a alma da vida. Ela floresce nesse mundo. Sem o Guardião, sem a morte, não poderia existir vida. Sem a morte, a vida seria ilimitada.”

“Você consegue ao menos imaginar um mundo no qual ninguém jamais morresse? Onde cada criança nascida vivesse? Para sempre? Onde cada planta que brota florescesse? Onde cada árvore

vivesse para sempre, e cada muda brote e cresça para virar uma árvore?”

“O que aconteceria? Como conseguiríamos comer, se não pudéssemos matar nenhum animal, ou fazer colheita, se tudo vivesse para sempre e não pudesse morrer? Uma vida sem fim de tormento, de voracidade faminta? O mundo dos vivos seria consumido pelo caos, e destruiria a si mesmo eternamente.”

“A Morte, o submundo como alguns a chamam, é eterna. Você pensa nisso nos termos dessa vida. Na eternidade, o tempo não tem significado algum, nenhuma dimensão. Para o Guardião, um segundo, ou um ano, não possui sentido.”

“É através daqueles neste mundo, que o servem, que o Guardião recebe a dimensão de tempo. É a persistência deles que guia o esforço dele, porque eles entendem o tempo. Ele precisa dos vivos para ter sucesso. Suas promessas para aqueles que o ajudam são sedutoras, e eles anseiam pelo triunfo dele.”

“Então que parte os vivos assumem nisso?”

“Nós dividimos e definimos o caos e a ordem, e mantemos eles separados: luz e escuro; amor e ódio; bem e mal. Nós somos o equilíbrio.”

“Nós somos como a lentilhas d'água flutuando na superfície do lago. O ar acima é o Criador, a profundidade abaixo, é o Guardião. As almas dos vivos, que desceram do Criador, desabrocham para a vida nesse lugar, e quando morrem, elas seguem para o mundo dos mortos.”

“Mas isso não significa que ele seja mau. Mau é um julgamento que nós relacionamos com ele. O Guardião é como lama no fundo do lago. Os espíritos dos mortos residem em qualquer lugar nas profundezas daquele caos e ódio, perto do Guardião, perto dos vivos, perto da luz do Criador. A esperança dos vivos é passar a eternidade no calor dessa luz.”

“Somos nós, os vivos, que separamos, e definimos os mundos de cada um dos lados da vida. A magia é o elemento que dá ao mundo o poder para fazer isso. A magia é o ponto de equilíbrio.”

“O Guardião gostaria de engolir o mundo dos vivos, de triunfar. Para fazer isso, ele deve eliminar a magia. Mas ao mesmo tempo,

para triunfar, ele deve usar magia para interferir no equilíbrio.”

Richard se esforçou para manter sua cabeça acima das águas turvas da confusão. “E magos tem poder para influenciar nesse equilíbrio?”

Ela ainda estava inclinada sobre ele. Levantou um dedo. “Sim. Você temos os dois lados da magia.” O sorriso dela evaporou de um jeito que tirou o fôlego dele. “Isso faz de você uma pessoa extremamente perigosa, Richard.”

“Você tem os dois lados do dom; você tem o poder para consertar, ou destruir o véu. Tem boas pessoas que, se soubessem do seu poder, matariam você num piscar de olhos por medo de que possa destruir a todos nós, se não intencionalmente, por acidente.”

“E você? É uma dessas pessoas?”

“Se eu fosse, não teria ajudado o seu pai a conseguir o Livro das Sombras Contadas. O seu envolvimento deteve a ameaça imediata, mas também alimentou a magia do portal, e criou a possibilidade de um perigo maior no futuro. Foi um risco que tive que correr, porque as conseqüências de não fazer isso teriam sido desastrosas. Mas se o que aconteceu não for corrigido, no final será um grande desastre do qualquer modo.”

“O que é o véu? Onde ele está?”

Ela se esticou e tocou na testa dele. “O véu está dentro daqueles de nós que possuem magia. Nós temos a custódia dele.”

“É por isso que o equilíbrio significa tanto para aqueles que possuem o dom. Quando o véu é rasgado, o equilíbrio é balançado. Quando mais ele balança, mais o véu rasga.”

“O Criador governa em seu domínio, o Guardiã, o dele. O Guardiã precisa do Criador para alimentá-lo com vida, o Criador precisa do Guardiã para permitir que ela seja renovada. O véu mantém o equilíbrio.”

O rosto dela estava amargo. “Essa visão seria considerada blasfêmia por muitos. Eles enxergam o Guardiã apenas como um mal que deve ser destruído. Mas no final das contas, fazer isso resultaria no oposto - toda a vida sendo varrida como um banco de areia em uma inundação de um rio.”

“Apenas fazendo uma suposição, e se eu tivesse mesmo esses dois tipos de magia? Para que serve o meu poder?”

“A maioria dos magos tem um talento que se inclina em uma direção particular. Alguns são curandeiros, alguns fazem coisas com magia, raros são profetas. Mais raros ainda são magos guerreiros. Nenhum deles nasceu durante três mil anos. Até você nascer.”

Richard esfregou as palmas suadas nas calças. “Não gosto do som disso.”

“Magos guerreiros possuem duas capacidades que equilibram uma a outra, como em todas as coisas mágicas. A primeira capacidade é que eles podem rasgar o véu, trazer a destruição e a morte - guerra. E a segunda é que eles possuem a magia necessária para combater os poderes do Guardião. Ser um mago guerreiro não significa que você é mau, Richard. Muitos que lutam fazem isso para proteger aqueles que estão indefesos. Significa que você tem a capacidade de se importar o bastante para lutar, para defender o inocente.”

“Apenas aquele que nasceu verdadeiro pode lutar pelo laço da vida. E esse está marcado; ele é a pedra no lago.”

Richard citou.

Ela levantou uma sobrancelha. “Para alguém que alega desprezar a profecia, você parece conhecer algumas das suas passagens mais importantes. Se eu não estiver completamente enganada, imagino que você tenha sido marcado.”

Richard podia sentir a cicatriz em seu peito quando assentiu. “Está dizendo que minha vida já está delineada?”

“Que simplesmente devo viver assim, como foi pré-definido?”

“Não, Richard. A vida não é pré-determinada. As profecias significam apenas que você tem o potencial. Tem a habilidade para influenciar os eventos. É por isso que aprender é tão importante para você.”

“O mais importante é que aprenda a aceitar a si mesmo. Se não fizer isso, vai prejudicar a parte mais vital de si mesmo: seu livre arbítrio. Se agir sem entender, poderia lançar a si mesmo no caos.”

“Deixei você viver quando nasceu porque tem o potencial para fazer o bem. Dentro de você está a esperança da vida. Mas até que

aceite verdadeiramente ambos os lados de sua magia, você é um perigo para todas as coisas vivas.”

Richard quis desesperadamente mudar o assunto. Sentiu como se o mundo estivesse esmagando ele. “O que é a Pedra das Lágrimas?”

Ela encolheu os ombros. “No mundo dos mortos, ela existe como uma força. Neste mundo, ela existe como um objeto com poder, representando aquela força.”

“A Pedra das Lágrimas é como um peso que segura o Guardiã nas profundezas infinitas de seu mundo, de onde sua influência aqui fica reduzida ao ponto de equilíbrio.”

“Então se ela estiver aqui, separada dele, ele fica livre de sua prisão.”

“Se isso fosse verdade, todos nós estaríamos mortos. Hum?” Ela ergueu uma sobrancelha de modo questionador, mas Richard não disse nada. “É um dos selos que tranca o Guardiã além. Tem outros, que ainda resistem. A magia ajuda a mantê-lo afastado, por enquanto.”

“A Pedra das Lágrimas tem o poder, entretanto, para destruir o equilíbrio, para rasgar o véu e libertar o Guardiã, se ela for usada neste mundo, por alguém como você, do jeito errado. Você entende, a Pedra tem o poder de banir qualquer alma para as profundezas infinitas do submundo. Mas se ela for usada desse jeito, através do ódio, através do egoísmo, isso alimentaria o poder daquele lado, e poderia destruir o véu.”

“O véu só pode ser restaurado por alguém com o dom para os dois lados da magia. A pedra deve ser colocada de volta ao local onde ela pertence.”

“Devemos nos esforçar para manter os outros selos intactos até o dia em que alguém como você possa restaurar esta fechadura enquanto ainda há tempo. Enquanto isso, o Guardiã ganha força aqui. Os servos dele lutam para quebrar os outros selos. Há outras maneiras de libertar o Guardiã.”

“Humm... tem certeza sobre mim? Talvez...”

“Você acabou de provar isso esta noite, ao caminhar através daquele escudo. Nossos escudos são feitos de Magia Aditiva. O único

jeito de você atravessar ele é usando a Subtrativa de seu Han.”

“Talvez o meu Han, minha Magia Aditiva, apenas seja mais forte.”

“Quando você cruzou o Vale dos Perdidos, você teria sido atraído até as torres. Até as duas torres.

“Estou certa?”

“Eu poderia simplesmente ter cruzado com elas acidentalmente.”

Ela soltou um suspiro cansado. “As torres foram criadas por magos que possuíam os dois tipos de poder. Na torre branca, tem areia branca. Areia de feiticeira. Eu duvido que você teria pego um pouco dela.”

“Isso não prova nada. E o que é areia de feiticeira?”

“Areia de feiticeira é extremamente valiosa, quase não tem preço. Ela só pode ser obtida por acaso na torre. Areia de feiticeira são os ossos cristalizados dos magos que deram suas vidas dentro das torres. É uma espécie de magia destilada. Dá poder aos feitiços realizados com ela - bons, e maus. Os feitiços corretos escritos com a areia de feiticeira podem invocar o Guardião.”

“Ao invés disso, você pegou um pouco da areia negra, não pegou?”

“Bem, sim. Eu queria só um pouco, foi isso.”

Ela balançou a cabeça. “Só um pouco. Richard, desde que as torres foram construídas nenhum mago conseguiu pegar areia negra de feiticeira. Ela não pode ser recolhida de uma torre por ninguém a não ser aqueles com Magia Subtrativa. Guarde essa areia negra com sua vida. Ela é mais valiosa do que você pode imaginar.”

“Porquê? O que ela vai fazer?”

“Areia negra de feiticeira é o oposto da branca. Elas se anulam. A negra, apenas um grão dela, vai contaminar um feitiço feito para invocar o Guardião. Vai destruir o feitiço. Uma colher dela é uma arma que tem o valor de impérios.”

“Mesmo assim,” ele disse, “poderia ser apenas que...”

“Os últimos magos nascidos com os dois tipos de magia banharam o Palácio dos Profetas com sua magia. Os profetas daquela época sabiam que outro com os dois lados da magia

nasceria de novo, um mago guerreiro, e então eles criaram também a Floresta Hagen, e o mriswith. Alguém nascido com a Subtrativa seria atraído para aquele lugar. Atraído para lutar ali.”

“A coleira impede que o dom Aditivo mate você. A Floresta Hagen concede uma saída para o outro lado do seu poder. Isso é algo que as Irmãs não podem fornecer.”

“Mas eu usei a Espada da Verdade.” A sua voz soou para ele como um apelo em uma tempestade. “Foi a espada.”

“A Espada da Verdade também foi criada por magos com o dom para os dois lados da magia. Apenas alguém nascido com a mesma capacidade poderia chamar todo o poder de sua magia. Apenas você pode usar todo o potencial da espada. E ainda não fez isso.”

“Ela serve de auxílio, mas ainda assim, não precisa dela para matar o mriswith. O seu do é o bastante. Se não acredita em mim, deixe a sua espada, e entre na Floresta Hagen apenas com sua faca. Ainda vai conseguir matar o mriswith.”

“Outros usaram essa espada. Eles não tinham o dom, muito menos a Magia Subtrativa.”

“Não estavam realmente usando a magia da espada. A lâmina foi feita para você. Serve como ajuda, do mesmo modo que a profecia, do mesmo modo que o mriswith, enviado através do tempo.”

“Não acho que eu poderia ser um desses magos guerreiros.”

“Você come carne?”

“O que isso tem a ver?”

“Você é uma criança do equilíbrio. Magos devem equilibrar a si mesmos, as coisas que fazem, seu poder. Magos guerreiros raramente comem carne. Sua abstinência é um equilíbrio para a matança que às vezes eles precisam fazer.”

“Sinto muito, Ann, mas simplesmente não consigo acreditar que tenho Magia Subtrativa.”

“É por isso que você é um perigo. Toda vez que você encontra magia, o seu Han aprende mais sobre como protegê-lo, servi-lo, mas você não está consciente que ele esteja aprendendo. O Rada'Han

ajuda ele a crescer, ainda que você não esteja consciente do processo.”

“Você faz coisas sem saber a importância delas, ou a razão, como quando você foi atraído para a areia negra de feiticeira e pegou ela, ou quando pegou um osso arredondado de skrin de Adie.”

A testa de Richard ficou franzida. “Também conhece Adie?”

“Sim, ela ajudou seu pai e eu a cruzar a passagem, para que pudéssemos recuperar o Livro das Sombras Contadas.”

“De que osso arredondado você está falando?”

Richard viu uma leve expressão de alarme nos olhos dela.

“Adie tinha um osso arredondado, todo entalhado com bestas. É um objeto de grande poder. A sua magia Magia Subtrativa levaria você até ele.”

Richard lembrou de ver o osso arredondado em uma prateleira alta. “Eu vi uma coisa assim na casa dela, mas não peguei. Não pegaria alguma coisa que não fosse minha. Talvez isso signifique que eu realmente não tenho Magia Subtrativa.”

Ela ficou com o corpo ereto. “Não, você notou ele. O fato de não pegar ele significa apenas que uma vez que ainda não tinha o Rada'Han, o seu poder não estava desenvolvido bastante para levá-lo até o osso de skrin, o jeito que ele levou até a areia negra.”

Richard hesitou. “Isso é algum tipo de problema?”

Ela sorriu. Para ele, pareceu um sorriso forçado. “Não. Adie protegeria aquele osso com sua vida. Ela sabe o quanto ele é importante. Você pode recuperá-lo no futuro.”

“O que ele faz?”

“Ajuda a proteger o véu. Quando usado por um mago guerreiro, como você, com os dois poderes, ele invoca o skrin. Os skrin são uma força que ajuda a manter os mundos separados. Você pode dizer que eles são guardiões da fronteira entre os mundos.”

“E se a pessoa errada colocar as mãos nele? Uma pessoa desejando ajudar o Guardião?”

Ela puxou a camisa dele, fazendo ele levantar. “Você se preocupa demais, Richard. Tenho trabalho a fazer. Agora você deve me deixar com ele. Faça o melhor que puder, criança, e estude.”

Aprenda a tocar o seu Han, a controlar ele. Deve aprender se tiver que servir de alguma ajuda ao Criador.”

Richard virou novamente para ela. Ela estava olhando para o vazio.

“Hum, porque o Guardiã quer o mundo dos vivos? O que ele ganha com isso? Qual é o objetivo dele?”

A resposta dela saiu com uma voz distante, suave. “A morte é a antítese da vida. O Guardiã existe para consumir os vivos. Seu ódio da vida não tem limite. Seu ódio é tão eterno quanto sua prisão de morte.”

CAPÍTULO 62



Richard estava absorto em um mundo todo seu enquanto seguia para a ponte de pedra. Estivera enclausurado em seu quarto durante dias, pensando. Quando as Irmãs apareciam para dar suas lições, ele se esforçava apenas parcialmente. Agora temia tocar o seu Han.

Warren estava ocupado dia e noite nas câmaras, checando o que Richard falou para ele e buscando mais informações. Tinha que haver pelo menos alguma verdade no que a Prelada disse - porque outro motivo o Guardião ainda não teria usado o portal, se ele pudesse.

Precisava sair para dar uma caminhada. Parecia que sua cabeça estava prestes a explodir. Só queria ficar longe do Palácio por algum tempo.

Pasha apareceu de repente ao seu lado. "Estive procurando você."

Ele ficou olhando para frente enquanto andava. "Porque?"

"Só queria ficar com você."

"Bem, vou dar uma caminhada pelo campo."

Ela encolheu os ombros. "Eu não me importari a em fazer uma caminhada. Posso ir com você?"

Richard olhou para ela. Ela estava usando seu fino vestido marrom, aquele com o corte em V no pescoço. O dia estava frio. Pelo menos ela estava com uma capa violeta que aparentava ser muito útil. Ela estava usando grandes brincos de ouro em forma de aro. O cinto combinava com o colar, com os mesmos tipos de medalhões de ouro. Ela parecia sedutora naquela roupa, mas elas não eram exatamente roupas para usar no campo.

"Você está usando aquelas sandálias inúteis?"

Ela esticou um dos pés para mostrar suas botas de couro. "Pedi que elas fossem feitas de maneira especial, para que eu pudesse sair para caminhadas com você."

"Feitas especiais", ele resmungou para si mesmo. Richard lembrou como ela ficou magoada naquela vez em que ele falou que o vestido azul não combinava com ela. Não queira ferir os seus sentimentos mandando ela embora. Ela estava apenas tentando agradá-lo. Talvez, ele pensou, a companhia de um rosto sorridente fizesse bem para ele.

"Bom, então está bem. Acho que pode vir comigo, enquanto não pensar que vou entreter você com muito bate papo."

Ela sorriu e segurou o braço dele. "Ficaria feliz apenas em caminhar com você."

Pelo menos ter Pasha no braço dele manteve a maioria das mulheres longe enquanto eles atravessavam a cidade.

Aquelas que se aproximavam audaciosamente recebiam o olhar zangado de Pasha. Aquelas que enfrentavam seu olhar ganhavam algo mais: um toque do seu Han. Elas gritavam com o beliscão invisível e se afastavam.

Agora Richard entendia, porque o Palácio estava criando magos. Estavam tentando conseguir alguém com a Magia Aditiva e Subtrativa.

E agora tinham um.

Eles caminharam silenciosamente subindo colinas banhadas na luz dourada do sol da tarde. Richard sentiu-se melhor nas colinas rochosas que exibiam uma visão geral da cidade. Embora fosse uma ilusão, ele sentiu-se livre. De repente ele desejou que Pasha não estivesse por perto. Não havia saído para ver Gratch fazia dias. Gratch provavelmente estava frenético.

Ele estava confuso em decidir o que deveria fazer em seguida. Não sabia se tudo que a Prelada falou era verdade, e não sabia o que temia mais - que fosse mentira, ou a verdade.

A mão de Pasha no braço dele apertou de um jeito que tirou ele de seus pensamentos e fez com que parasse. Ela olhou ao redor nervosamente. Pelo modo com que ela respirava pela boca ele podia dizer que ela estava com medo.

“Qual é o problema?” ele sussurrou.

O olhar dela procurou na rochas ao redor. “Richard, tem alguma coisa aqui. Por favor, vamos voltar.”

Richard sacou a espada. O som dela encheu o ar da tarde. Ele não sentia nada, nenhuma sensação de perigo, mas o Han de Pasha obviamente sentiu algo que deixou ela assustada.

Pasha soltou um leve gemido. Richard virou. A cabeça de Gratch apareceu em cima de uma pedra. Pasha recuou.

“Está tudo bem, ele não vai machucar você.”

Gratch deu um esboço de sorriso, mostrando as presas, quando levantou ficando em sua altura completa.

“Mate ele!” ela gritou. “É uma fera! Mate ele!”

“Pasha, fique calma. Ele não vai machucar você.”

Ela recuou mais um pouco. Gratch ficou olhando de Richard para Pasha, sem saber o que fazer. Richard percebeu que ela poderia usar o poder dela para ferir o gar, então colocou-se entre os dois.

“Richard! Afaste-se! Ele deve ser morto! É uma fera!”

“Não vai machucar você. Eu conheço ele. Pasha...”

Ela virou e correu, sua capa violeta esvoaçando. Richard grunhiu enquanto observava ela saltar de cima de uma pedra para outra, descendo pela colina. Ele lançou um olhar zangado para Gratch.

“Qual é o problema com você! Tinha que assustar ela! O que está fazendo mostrando a cara para as pessoas!”

As orelhas de Gratch murcharam. Os ombros dele encolheram, e ele começou a gemer. Quando as asas dele começaram a tremer, Richard se aproximou.

“Bem, agora é tarde demais para se arrepender. Vamos lá, me dê um abraço.” Gratch virou os olhos para o chão. “Vai ficar tudo bem.”

Ele passou os braços em volta da grande criatura peluda. Gratch finalmente respondeu. Jogou os braços e asas ao redor de Richard, gorgolejando sua felicidade. Em um momento, ele empurrou Richard da pedra e lutou com ele no chão. Richard

acertou as costelas dele e lutou até que Gratch estava rindo de alegria.

Depois que eles terminaram, Gratch colocou a ponta de uma garra no bolso em que Richard guardava o tufo cabelo de Kahlan.

Olhou para Richard debaixo de suas pesadas sobrancelhas. Richard finalmente entendeu o que Gratch queria dizer.

“Não. Não, aquela não é a mesma mulher. É uma pessoa diferente.”

Gratch franziu a testa. Ele não entendeu. Richard não estava com vontade de tentar explicar que o tufo de cabelo para o qual ele sempre estava olhando não era de Pasha. Ao invés disso, com o incentivo de Gratch, ele começou a lutar com seu amigo peludo.

Já era crepúsculo quando Richard voltou para o Palácio. Teria que encontrar Pasha e explicar que Gratch era seu amigo, e não uma fera perigosa. Porém, antes que ele fosse longe, Irmã Verna o encontrou.

“Você alimentou aquele bebê gar lá atrás naquela terra selvagem, aquele que eu disse para matar? Deixou aquela besta nos seguir!”

Richard olhou fixamente para ela. “Ele estava indefeso, Irmã. Não poderia matar algo que não era uma ameaça para mim. Nos tornamos amigos.”

Resmungando, ela passou uma das mãos no rosto. “Tão absurdo quanto isso pareça, acho que posso entender; você precisava de algum companheirismo, e certamente não queria isso de mim.”

“Irmã Verna...”

“Mas porque deixou Pasha ver ele!”

“Não deixei. Ele simplesmente mostrou a cabeça. Não sabia que ele estava ali. Pasha viu ele antes que eu percebesse.”

Ela soltou um suspiro exasperado. “As pessoas por aqui temem bestas; elas as matam. Pasha foi até as Irmãs gritando que havia uma besta nas colinas.”

“Vou explicar para elas. Farei entenderem...”

“Richard! Me escute!” Ele recuou um passo e ficou em silêncio enquanto esperava que ela continuasse. “O Palácio acredita que

bichos de estimação são um obstáculo para que você aprenda a usar o seu Han. Elas acreditam que isso desvia os sentimentos, para a criatura. Acho que elas estão sendo tolas, mas essa não é a questão.”

“Qual é a questão? Está dizendo que vão tentar impedir que eu veja ele de novo?”

Ela colocou uma mão impaciente no braço dele. “Não, Richard. Pensam que é uma criatura má que pode se voltar contra você. Acham que você está em perigo. As Irmãs estão reunindo um grupo de buscas enquanto conversamos. Elas pretendem caçá-lo e matá-lo, para o seu próprio bem.”

Richard observou a expressão de preocupação dela apenas por um segundo, e então estava correndo. Ele passou pela ponte e entrou novamente na cidade. Pessoas ficavam de bocas abertas quando ele passava em disparada. Pulou por cima de carrinhos que não saíam do caminho rápido o bastante. Ele derrubou uma banca que vendia amuletos. Pessoas gritaram para ele, mas ele continuou correndo.

As batidas do coração pulsavam em seus ouvidos enquanto ele corria pelas colinas. Muitas vezes ele tropeçou em valas ou pedras, mas rolava ficando em pé outra vez, tentando recuperar o fôlego, e continuava correndo. Na escuridão, ele saltou de pedra em pedra enquanto cruzava ravinas.

Em cima de uma colina com o topo arredondado perto de onde tinha visto Gratch, ele gritou, enquanto ofegava.

Com os punhos no lado do corpo, jogou a cabeça para trás e gritou o nome de Gratch. Sua voz ecoou nas colinas ao redor. Apenas o silêncio respondeu quando os ecos morreram.

Exausto, Richard caiu de joelhos. Elas chegariam em breve. As Irmãs usariam o Han delas para encontrar o gar. Gratch não saberia o que elas pretendem. Mesmo se ele mantivesse distância, a magia delas poderia alcançá-lo e matá-lo. Poderiam derrubá-lo do ar, ou colocar fogo nele.

“Graaaatch! Graaaatch!”

Uma forma escura escureceu algumas estrelas. O gar pousou e dobrou as asas. Inclinou a cabeça para um lado e soltou um

gorgolejo.

Richard agarrou o pêlo de Gratch.

“Gratch! Escute. Você tem que ir embora. Não pode mais ficar aqui. Estão vindo para matá-lo. Tem que ir embora.”

Gratch soltou um lamento questionador que foi aumentando gradativamente. Suas orelhas moveram para frente. Ele tentou colocar os braços em volta de Richard.

Richard empurrou ele. “Vá! Você entende, sei que entende! Vá! Quero que vá embora! Elas vão matar você! Vá embora e não volta mais!”

As orelhas de Gratch murcharam quando ele virou a cabeça para o outro lado. Richard deu um soco no peito do gar. Ele apontou para norte.

“Vá embora!” Abriu os braços e apontou novamente. “Quero que vá embora e nunca mais volte!”

Gratch tentou colocar os braços em volta de Richard novamente. Richard afastou eles de novo. As orelhas de Gratch encostaram em sua cabeça.

“Grrratch luuug Raaaach aaarg.”

Richard queria mais do que tudo abraçar seu amigo e dizer que também amava ele. Mas não podia. Tinha que fazer ele ir embora para salvar sua vida.

“Bem, eu não amo você! Vá embora e não volte mais!”

Gratch olhou para a colina pela qual Pasha desceu correndo. Olhou de volta para Richard. Seus olhos verdes estavam cheios de lágrimas. Se esticou para alcançar Richard.

Richard o empurrou. Gratch ficou com os braços esticados. Richard lembrou da primeira vez que teve que abraçar a besta peluda. Naquele momento ele estava tão pequenino. Agora estava tão grande. Mas assim como ele havia crescido, sua amizade e seu amor também cresceram.

Era o único amigo de Richard, e somente Richard poderia salvá-lo. Se Richard realmente o amava, tinha que fazer isso.

“Vá embora! Não quero mais você por perto! Não quero que você volte mais! Você é apenas um estúpido monte de pelo! Vá

embora! Se realmente me ama, então vai fazer o que estou pedindo, e vai embora!”

Richard queria continuar gritando, mas o bolo em sua garganta roubou suas palavras. Ele se afastou. Gratch pareceu encolher no ar frio da noite. Ele esticou os braços novamente com um triste choramingo desamparado. Ele gritou chorando, soltando um alto lamento.

Richard deu mais um passo para trás. Gratch deu um passo na direção dele. Richard pegou uma pedra e jogou no gar. Ela quicou no peito enorme dele.

“Vá embora!” Richard gritou. Jogou outra pedra. “Não quero mais você por perto! Vá embora! Não quero mais ver você!”

Lágrimas desceram dos olhos verdes cintilantes, por cima das rugas em suas bochechas. “Grrratch luuug Raaaach aaarg.”

“Se realmente me ama então vai fazer isso! Vá!”

O gar olhou de novo para a colina que Pasha desceu correndo, virou, e abriu as asas. Com um último olhar por cima do ombro, ele saltou no ar e saiu voando no meio da noite.

Quando ele não podia mais enxergar a forma escura contras as estrelas, ou escutar o bater de asas, Richard desabou no chão. Seu único amigo foi embora.

“Também amo você, Gratch.”

Ele chorou soluçando. “Queridos espíritos, porque fizeram isso comigo? Ele era tudo que eu tinha. Odeio vocês. Cada um de vocês.”

* * *

Ele estava a meio caminho de volta quando aquilo lhe ocorreu. Ele congelou, sua boca aberta. Na calmaria da noite, os dedos trêmulos dele tocaram em seu bolso.

As luzes da cidade tremularam ao longe. Telhados cintilavam sob a luz da lua. Sons distantes vindos da cidade chegavam até na margem das colinas.

Tirou o tufo de cabelo de Kahlan.

Se realmente me ama, ela falou, você vai fazer isso. Foi isso que ele disse para Gratch. Num flash de entendimento, tudo isso lhe

ocorreu. O golpe da compreensão tirou o seu fôlego.

Kahlan não estava mandando ele embora, estava salvando a sua vida. Tinha feito por ele o que ele acabou de fazer por Gratch.

A dor de ter duvidado dela deixou ele de joelhos. Aquilo deve ter partido o coração dela. Como poderia ter duvidado?

A coleira. Estava com tanto medo da coleira que ficou cego para isso. Ela o amava. Não queria ficar livre, queria apenas salvar a vida dele.

Ela o amava.

Esticou os braços e levantou o rosto para o céu.

“Ela me ama!”

Ajoelhou, olhando para o tufo de cabelo que ela deu para ele para lembrá-lo de seu amor. Em toda sua vida, nunca tinha sentido uma sensação de alívio tão grande assim. O mundo voltou a vida para ele.

A mente de Richard girou em uma confusão de emoções conflitantes. Estava arrasado por ter mandado Gratch embora, que Gratch pensasse que Richard não queria mais ele por perto, mas ao mesmo tempo, ele sentia uma enorme alegria pelo fato de Kahlan amá-lo.

No final, a alegria venceu. Decidiu que algum dia Gratch poderia entender, como ele tinha feito, que aquilo foi necessário. Algum dia, ele retiraria a coleira, encontraria Gratch, e acertaria as coisas com ele.

E mesmo se não conseguisse, o gar ficaria melhor vivendo como um gar deveria viver, caçando e procurando outros da sua espécie. Ele encontraria sua própria felicidade, assim como Richard.

Embora desejasse mais do que tudo jogar os braços em volta de Kahlan, abraçá-la bem apertado, e dizer quanto a amava, ele não podia. Ainda era um prisioneiro das Irmãs, mas ele estudaria, aprenderia, e conseguiria tirar a coleira. Ele removeria a coleira, e voltaria para Kahlan. Sabia sem dúvida que ela estaria esperando por ele. Ela disse que sempre o amaria.

* * *

Quando encontrou com o grupo de buscas das Irmãs perto de Tanimura, falou para elas que não precisariam se preocupar, que descobririam que a besta tinha ido embora. Elas não acreditaram nele, e seguiram para as colinas. Richard não se importou.

Gratch foi embora. Seu amigo estava seguro.

Richard comprou um colar de ouro de um vendedor ambulante na rua. Não sabia se realmente era de ouro, mas não se importava, parecia muito bonito. Foi trotando o resto do caminho até o Palácio.

Pasha estava subindo e descendo pelo corredor do lado de fora do quarto dele.

“Richard! Richard, eu estava tão preocupada. Sei que agora está furioso comigo, mas vai perceber com o tempo que...”

Ele sorriu. “Não estou com raiva, Pasha. na verdade, trouxe um presente para você, para agradecer.”

Ela sorriu com leve surpresa quando ele ofereceu o colar. “Para mim? Porque?”

“Por sua causa, eu descobri que ela me ama, e sempre me amou. Eu só estava sendo um tolo cego. Você me ajudou a enxergar isso.”

Ela lançou um olhar gelado para ele. “Mas agora você está aqui, Richard. Com o tempo, vai esquecer dela. Vai ver que sou melhor para você.”

Ele sorriu para ela todo feliz. “Pasha, sinto muito. Não tenho nada contra você. Você é uma jovem linda. Com o tempo, vai encontrar alguém para você. Pode ter quase qualquer um dos homens. Todos gostam de você. Mas eu não sou a pessoa certa para você. Talvez se eu viver para chegar aos cem anos, ou a menos do que isso...”

O sorriso dela voltou. “Então vou esperar.”

Ele beijou a testa dela antes de passar pela porta. Ele achava que não conseguiria dormir enquanto estivesse tão excitado, mas toda a caminhada e a correria deixou ele exausto. Seus últimos pensamentos antes que ele apagasse foram em Kahlan. Formou a imagem dela em sua mente, como se ela estivesse ali com ele: seu sorriso especial, seus profundos olhos verdes, e o cabelo radiante dela. Ele mergulhou no melhor sono que teve durante meses.

Nos dias seguintes, Richard sentiu como se os seus pés mal tocassem o chão. Todos estavam confusos com seu bom humor. No começo elas olharam para ele com estranheza, mas eventualmente foram envolvidas em sua alegria. Algumas das Irmãs riram quando ele falou que elas pareciam tão bonitas quanto um dia ensolarado.

Ele incentivava as Irmãs que praticavam com ele a se esforçarem mais, para ajudá-lo a alcançar o seu Han. Fez com que elas ficassem mais tempo do que o normal. As Irmãs Tovi e Cecilia ferviam de entusiasmo, Merissa e Nicci mostravam leves sorrisos de prazer,

Armina estava cautelosamente satisfeita, e Liliana encantada. Ele queria tirar a coleira, e até que ele conseguisse fazer o que elas queriam, sabia que continuaria com ela.

Não tendo visto Warren por algum tempo, ele finalmente desceu até as câmaras para ver como estava sua busca.

A Irmã Becky tinha saído para vomitar, e a outra Irmã riu quando ele piscou para ela.

Warren ficou agradavelmente surpreso quando o viu e estava feliz com algumas das coisas que encontrou. Mal podia esperar para contar a Richard. Quando a porta para uma das salas dos fundos fechou, ele começou a abrir volumes sobre a mesa.

“O que você falou foi de grande ajuda. Olhe aqui.” Warren apontou para palavras que Richard não conseguiu entender.

“Exatamente como você falou. Isso diz que apenas o fato da Pedra das Lágrimas estar nesse mundo não liberta o Guardião.”

“Então que importância ela tem?”

“Bem, parece que tem um certo número de trancas na porta da prisão dele, e essa gira a chave de uma, mas não liberta ele. Tem muitas maneiras dela ajudar ele, uma quantidade de objetos mágicos que ajudam. A Pedra das Lágrimas deve ser usada por alguém deste mundo, alguém com o dom tanto para a Magia Aditiva quanto para a Magia Subtrativa, para libertar o Guardião. Aqueles apenas com o dom para a Aditiva podem causar danos, rasgar mais o véu, mas não libertar ele.

“Eu acho,” Warren disse com uma piscadela, “que estamos seguros com aquela pedra negra neste mundo enquanto tivermos

cuidado.”

“Ela não é negra. Nunca disse que ela era negra. Só descrevi a forma e o tamanho.”

Warren encostou um dedo no lábio inferior dele. “Não é negra ? Então qual é a cor dela?”

“Âmbar.”

Warren bateu com as mãos dele no peito dando um grunhido de alívio. Graças ao Criador.” Ele soltou um grito de alegria que não era de seu costume. “Essa é a melhor notícia que eu ouvi no ano todo! Âmbar significa que ela foi tocada pelas lágrimas de um mago. Isso repele o Guardiã. Do mesmo modo que carne podre cheia de pus para nós. Os agentes dele não tocarão nela!”

O sorriso de Richard aumentou. Tinha que ser Zedd quem fez isso. Foi por isso que sentiu Zedd na pedra.

Isso, além da descoberta a respeito de Kahlan, era demais. Ele não conseguia conter a felicidade.

“Warren, tenho outras notícias boas. Estou apaixonado. Eu vou casar.”

Warren soltou outro grito, mas então o sorriso dele murchou. “Não é Pasha, não é? Se for, está tudo bem, eu vou entender. Vocês dois formariam um belo...”

Richard tocou suavemente no ombro de Warren. “Não, não é Pasha. Vou contar sobre ela outra hora. Ela é a Madre Confessora. Não queria interromper você. E quanto as outras coisas?”

“Bem.” Ele abriu outro livro na mesa. “Tem preciosas referências ao osso arredondado que você falou, e sobre o skrin. Uma delas está em uma profecia ramificada que tem a ver com um solstício de inverno surgindo em cerca de duas semanas. É uma junção de ramificações e cruzamentos. Apenas recentemente aprendemos que a profecia sobre aquela mulher e o seu povo é descendente de uma ramificação verdadeira...”

Sempre que Warren começava com aquela conversa dele sobre ramificações e junções, Richard sempre começava a ficar perdido. A única coisa sobre a qual ele entendeu foi o solstício de inverno.

“O que o solstício de inverno tem a ver com toda essa coisa?”

Warren levantou os olhos. "Solstício de inverno. O dia mais curto do ano. O dia mais curto, a noite mais longa. Entende o que eu quero dizer?"

"Não. O que isso tem a ver com o skrin?"

"A noite mais longa do ano. Noite mais longa, mais escura. Você percebe, o Guardiã tem certos momentos em que pode exercer maior ou menor influência nesse mundo. Dele é o mundo da escuridão, e quando nós estamos no período da escuridão mais longa, o véu está mais fraco. É quando ele consegue causar mais danos."

"Então estaremos em perigo em poucas semanas, no solstício de inverno."

As sobrancelhas de Warren levantaram de prazer. "Sim. Mas você deu uma informação para solucionar uma profecia que está prestes a acontecer, junto com que sabemos agora ser a ramificação verdadeira envolvida com ela. Você entende, com esse solstício de inverno, tem uma profecia sobre o perigo para o mundo dos vivos.

"O Guardiã tem que ter um certo número de elementos no lugar para que essa seja uma ramificação verdadeira, assim como um portal aberto, mas ele precisa de um agente nesse mundo..." Warren inclinou-se para frente, cheio de felicidade.

"...e em contra partida ele precisa do skrin. Se ele tiver o osso de skrin que você falou, pode invocar o guardião, e destruí-lo. Se o guardião for destruído, o Guardiã pode passar através do portal."

"Warren, para mim isso parece bastante assustador."

Warren levantou uma das mãos balançando-a de modo indiferente. "Não, não. Muitas profecias soam ameaçadoras, como essa. Mas raramente todos os elementos estão nos lugares, então elas acabam sendo ramificações falsas, como acontece com a maioria. Os livros estão cheios de ramificações falsas, porque..."

"Warren, vá direto ao ponto."

"Oh, sim. Bem, você entende, você falou que sua amiga tem o osso que pode invocar o skrin. E o Guardiã precisaria de um agente, mas ele não tem um. Sem o osso do skrin, e com a ramificação que está por vir que nós sabemos que deverá acontecer

de forma correta, e acreditamos que vai, essa é apenas mais uma ramificação falsa, então estamos em segurança!”

Richard sentiu um leve arrepio de apreensão, mas a confiança de superou aquilo. Ele ficou envolvido pelo entusiasmo de Warren. Deu um tapinha nas costas do jovem.

“Bom trabalho, Warren. Agora posso me concentrar em aprender a usar o meu Han.”

Warren ficou radiante. “Obrigado, Richard. Estou muito feliz por que você conseguiu me ajudar. Fiz mais progresso do que jamais pensei que faria antes de conhecer você.”

Ainda sorrindo, Richard balançou a cabeça admirado. “Warren, nunca conheci ninguém que fosse tão inteligente, e ainda assim tão jovem.”

Warren riu como se aquela fosse a coisa mais engraçada que já tinha ouvido.

“O que é tão engraçado?”

“A sua piada,” Warren falou, enxugando as lágrimas dos olhos.

“Que piada?”

A risada de Warren foi diminuindo. “Sobre eu ser jovem. Isso foi engraçado.”

Richard continuou com o seu sorriso educado. “Warren, porque isso é engraçado?”

A risada de Warren transformou-se em um sorriso. “Porque eu tenho cento e cinqüenta e sete anos.”

A pele de Richard ficou arrepiada. “Agora você está fazendo uma piada. Isso é uma piada. É uma piada, Warren, não é?”

O bom humor de Warren evaporou. Ele piscou. “Richard... você sabe, não sabe. Elas devem ter falado para você.”

“Eu tinha certeza de que agora elas já teriam falado para você...”

O braço de Richard empurrou os livros para o lado. Ele arrastou sua cadeira para mais perto. “Falado o quê? Warren, não fale algo assim e depois fique em silêncio. Você é meu amigo, fale para mim.”

Warren limpou sua garganta e então molhou os lábios com a língua. Ele se inclinou um pouco. “Richard, sinto muito. Pensei que você soubesse, ou eu mesmo teria falado faz muito tempo. Eu teria.”

“Falado o quê!”

“A magia. A magia do Palácio dos Profetas. Ela possui elementos Aditivos e Subtrativos nela que estão conectados com outros mundos. Isso faz o tempo fluir de maneira diferente aqui.”

“Warren,” Richard falou com voz rouca, “quer dizer que ela afeta todos nós? Todos que usam a coleira?”

“Não... todos no Palácio. As Irmãs também. Esse lugar está enfeitado. Enquanto as Irmãs viverem no Palácio, elas envelhecem do mesmo jeito que nós. O feitiço nos faz envelhecer mais lentamente; faz o tempo parecer diferente para nós.”

“O que você quer dizer com, *diferente*?”

“O feitiço deixa lento o nosso processo de envelhecimento. Para cada ano que envelhecemos, aqueles que estão lá fora envelhecem entre dez e quinze anos.”

A cabeça de Richard estava girando. “Warren, isso não pode ser verdade. Não pode.” Ele tentou desesperadamente encontrar uma prova de seu argumento .

“Pasha. Pasha poderia apenas...”

“Richard, eu conheço Pasha faz mais de cem anos.”

Richard arrastou a cadeira para trás e levantou. Passou os dedos pelo cabelo. “Isso não faz sentido algum. Tem que ser algum tipo de... Porque funcionaria desse jeito?”

Warren segurou o braço de Richard e fez ele sentar. Colocou a sua própria cadeira mais perto. Falou com uma suave voz preocupada, como alguém faria quando transmitia novidades assustadoras para alguém.

“Leva muito tempo para treinar um mago. Do lado de fora, no resto do mundo, mais de vinte anos se passaram antes que eu pelo menos conseguisse tocar o meu Han. Mas porque eu vivo aqui, envelheci menos de dois anos. Vinte anos tinham passado aqui também, mas eu envelheci só dois. Se o Palácio não deixasse nosso envelhecimento mais lento, todos morreríamos de velhice antes de conseguir ao menos acender uma lamparina com nosso Han.”

“Nunca ouvi falar que isso levasse menos de duzentos anos para treinar um mago. Normalmente, leva quase trezentos anos, e às vezes até mais do que quatrocentos.”

“Os magos que criaram esse lugar sabiam disso, e então eles ligaram a magia daqui aos mundos além, onde o tempo não tem significado. Não sei como isso funciona, apenas que funciona.”

“As mãos de Richard tremeram. “Mas... tenho que tirar essa coleira. Tenho que encontrar Kahlan. Não posso esperar tanto tempo.”

Warren, me ajude. Não posso esperar tanto tempo.”

Warren olhou para o chão. “Sinto muito, Richard. Não sei como retirar nossas coleiras, e não sei como passar pela barreira que nós prende aqui. Porém, sei como você está se sentindo. Ela me manteve dentro das câmaras durante os últimos cinquenta anos. Alguns dos outros parecem não se importar, e dizem que isso apenas lhes dá mais tempo com as mulheres.”

Richard levantou lentamente. “Não posso acreditar nisso.”

Warren levantou o rosto. “Richard, por favor me perdoe por dizer isso. Sinto muito por ser aquele que causou essa dor.”

“Você sempre esteve...”

Richard colocou uma das mãos no ombro de Warren. “Não é culpa sua. Você não fez isso. Simplesmente me falou a verdade.”

A voz dele pareceu vir do fundo de um poço. “Obrigado por falar a verdade, meu amigo.”

Tudo em que ele conseguia pensar, enquanto seus pés se arrastavam na direção da porta, era que todos os sonhos dele estavam morrendo. Se ele não conseguisse tirar a coleira, tudo estaria perdido.

As Irmãs Ulicia e Finella levantaram quando ele atravessou as portas. Elas se afastaram, assim como os guardas fizeram, quando viram a expressão no rosto dele. Um escudo cintilante levantou na frente da porta. Ele passou através dele sem diminuir a velocidade. A porta além abriu para ele, sem que ele a tocasse, parte da sua borda estilhaçando. De algum modo, não lhe ocorreu usar a maçaneta.

A Prelada estava sentada com as mãos cruzadas sobre a pesada mesa de nogueira. Seus olhos solenes observaram ele se aproximar. Richard encostou na mesa, crescendo sobre ela.

“Devo admitir, Richard,” ela falou com um tom sombrio, “que não estava ansiosa por essa visita.”

A voz tensa dele explodiu. “Porque a Irmã Verna não me falou?”

“Ordenei que ela não o fizesse.”

“E porque você não falou?”

“Porque primeiro queria que você aprendesse algumas coisas importantes sobre si mesmo, assim você estaria mais capacitado para entender sua importância. O fardo de um mago, e também o de uma Prelada.”

Richard caiu de joelhos diante da mesa dela. “Ann,” ele sussurrou, “por favor, me ajude. Tenho que tirar o Rada'Han. Eu amo Kahlan. Preciso dela. Preciso voltar para ela. Fiquei longe por muito tempo. Por favor, Ann, me ajude.”

“Tire a coleira.”

Ela fechou os olhos por algum tempo. Quando eles abriram, estavam repletos de tristeza.

“Falei a verdade, Richard. Não podemos tirar o Rada'Han até que aprenda o bastante para nos ajudar. Isso vai levar tempo.”

“Por favor, Ann, me ajude. Não tem outro jeito?”

Lentamente, com os olhos fixos nele, ela balançou a cabeça. “Não, Richard. Com o tempo, você vai acabar aceitando.”

“Todos aceitam. É mais fácil para os outros, porque eles chegam aqui como garotos, sem entender, e só ficam conscientes disso com o tempo. Nunca tivemos que contar isso a alguém crescido, como você, que poderia entender a importância disso.”

Richard não conseguia pensar claramente. Parecia como se ele estivesse tateando no escuro. “Mas, vamos perder tanto tempo juntos. Ela estará velha. Todos que eu conheço estarão velhos.”

Ann alisou o cabelo dela para trás enquanto evitava os olhos dele. “Richard, na hora em que você estiver treinado e partir daqui, os bisnetos dos bisnetos de todos que você conhece estarão mortos pela velhice e enterrados por mais de cem anos.”

Ele piscou para ela, tentando compreender a matemática das gerações envolvidas, mas tudo ficava misturado em sua mente. De

repente ele lembrou sobre aquilo que Shota avisou - uma armadilha no tempo. Essa era aquela armadilha.

Tudo havia sido retirado dele por esse povo. Tudo que ele amava se foi. Nunca veria Zedd novamente, ou Chase, ou qualquer um que ele conhecia. Nunca mais abraçaria Kahlan. Nunca mais ele conseguiria dizer que a amava, que entendia o sacrifício que ela fez por ele.

CAPÍTULO 63



Richard olhou de onde estava sentado no chão para ver Warren na porta. Não tinha ouvido ele bater.

Quando ele não falou nada, Warren caminhou e agachou-se ao lado dele.

“Escute, Richard, algo que você disse me fez pensar. Você disse que casaria com a Madre Confessora.”

A mente de Richard saiu do entorpecimento e de repente seus olhos levantaram. “A profecia é sobre ela, não é?”

“A profecia que você falou que aconteceria no solstício de inverno.”

“Acho que pode ser. Mas não sei o bastante sobre ela, sobre as Confessoras, para afirmar. A Madre Confessora veste branco?”

“Sim. As Confessoras nasceram para encontrar a verdade. Ela é a última.”

“Richard, acho que isso é uma boa notícia. Acho que ela encontrará a felicidade, e vai transmitir isso para o povo dela, no solstício de inverno.”

Richard lembrou da visão que teve na Torre da Perdição. Lembrou do horror do que tinha visto. As palavras que Kahlan falou estavam gravadas em sua memória. Ele citou-as para Warren.”

“De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva quando a ameaça da sombra se erguer. Então surgirá a escuridão maior dos mortos. Pois para que exista uma chance para o laço da vida, essa de branco deve ser oferecida para o povo dela, para gerar a alegria deles.”

“Sim! É isso! Acredito que a escuridão maior significa tanto o Guardião, quanto o solstício de inverno. Acho que significa... Richard, onde você leu essa profecia?”

“Eu não li. Ela surgiu para mim em uma visão dela.”

Os olhos de Warren ficaram arregalados, do jeito que costumavam fazer quando ele ficava impressionado. “Você teve uma visão da profecia ?”

“Sim, ela falou as palavras para mim, e também mostrou uma visão do que elas significavam.”

“O que elas significam?”

Richard esfregou a mão na perna. “Não posso contar para você. Ela disse que eu poderia falar as palavras, mas não da visão.”

“Sinto muito, Warren, mas não ouse violar aquele aviso sem conhecer as conseqüências. Mas posso dizer que o resultado dessa profecia se tornar realidade não seria feliz para ela, ou para mim.”

Warren considerou aquilo por um momento. “Sim. Você está certo.” Ele olhou com o canto dos olhos. “Richard, tem uma coisa sobre profecia que acho que deveria falar para você. Dificilmente alguém sabe disso, mas as palavras nem sempre refletem o verdadeiro objetivo.”

“O que você quer dizer?”

“Bem, algumas vezes quando eu li profecias, eu tive uma visão. A visão mostrou- se verdadeira, e assim a profecia, mas não da maneira que você pensaria ao ler ela. Acredito que o verdadeiro modo pelo qual a profecia deve ser entendida é através do dom, através das visões.”

“As Irmãs sabem disso ?”

“Não. Acho que isso é o que significa ser um profeta. Richard, se você teve essa visão, ouviu as palavras, e viu o significado, talvez signifique que você é um profeta.”

De acordo com a Prelada, eu tenho um talento diferente. Se ela estiver certa, então ter a visão pode ser apenas parte da minha habilidade como aquilo que eu sou realmente.”

“Que é?”

“A Prelada disse que eu sou um mago guerreiro.”

Os olhos dele arregalaram novamente. “Richard, magos guerreiros possuem o dom para os dois tipos de Magia. Ninguém que tenha também o dom para Subtrativa nasceu em... em centenas de anos. Talvez a Prelada esteja errada.”

“Espero que esteja, mas isso explicaria algumas coisas. Pelo que um amigo meu falou, a Magia Aditiva usa o que existe, adicionando algo, multiplicando, alterando; fazendo coisas. A Magia Subtrativa é o contrário, ela desfaz as coisas.”

“Todos os escudos foram colocados pelas Irmãs. Elas só possuem Aditiva. Mesmo aqueles com o dom não conseguem passar por eles facilmente, ou quebrá-los, porque eles também só tem Aditiva. Poder contra poder. Mas de algum modo eu consigo caminhar através dos escudos por aqui sem fazer nenhum esforço.”

“A Magia Subtrativa explicaria isso. A Subtrativa anularia a Aditiva dos escudos; desfazendo eles.”

“Mas você disse que tentou passar pela barreira que nos impede de partir. Ela também é um escudo. Então porque não consegue passar por esse escudo, se você realmente tem a Subtrativa?”

Richard levantou uma sobrancelha e inclinou, aproximando-se. “Warren, quem colocou aqueles escudos?”

“Bem, aqueles que colocaram o resto da magia do Palácio, os magos do antigo...”

“Aqueles que você disse que tinham Magia Subtrativa. Esse escudo é o único colocado por eles. É o único que eu não consigo atravessar. É o único que minha Magia Subtrativa, se eu realmente a tenho, não anularia. Entende o que eu quero dizer?”

Warren sentou sobre os calcanhares. “Sim...” Ele esfregou o queixo enquanto pensava. “Bem, isso faria sentido. Isso pode combinar com algumas das profecias sobre você. Se você realmente for um mago guerreiro, e for aquele nascido verdadeiro.”

“E essas profecias dizem que eu vencerei?”

Warren hesitou. Deu uma olhada para a Espada da Verdade jogada no chão ali perto. “Se eu falasse em *lâmina branca*, isso significaria alguma coisa para você?”

Richard soltou um forte suspiro com aquela lembrança. “Eu consigo deixar a lâmina da minha espada branca, através da magia.”

Warren passou a mão pelo rosto. “Então acho que podemos estar com problemas. Tem uma profecia que diz, *Caso as forças da perdição sejam liberadas, o mundo cairá nas sombras de cobiça*

ainda mais sombria através daquilo que foi rasgado. Então, a esperança de salvação será tão fina quanto a lâmina branca daquele nascido verdadeiro."

"*Através daquilo que foi rasgado. O portal aberto,*" Richard falou.

"Isso faria *cobiça ainda mais sombria* ser o Guardião."

"Warren, tenho que fazer alguma coisa a respeito da profecia. Aquela sobre a mulher de branco. É importante. Você tem alguma ideia?"

Warren observou ele, como se tentasse decidir algo. "Tenho. Não sei se vai ajudar." Colocou o peso do corpo sobre as mãos enquanto esfregava elas nas coxas. "Elas tem um profeta aqui, no Palácio. Nunca vi ele. Eu quero, mas elas não deixam. Elas dizem que é muito perigoso que eu fale com ele até que eu aprenda mais. Elas prometeram que quando eu aprender o bastante, vão permitir que eu converse com ele."

"Aqui no Palácio? Onde?"

Warren tirou uma parte de seu manto debaixo dos joelhos. "Eu não sei. Teria que ser em uma das áreas restritas, mas eu não sei qual, e não sei como poderemos descobrir."

Richard levantou. "Eu sei."

* * *

Richard soube que procurou o guarda certo quando o Espadachim Kevin Andellmere ficou branco como um espírito com a menção do Profeta. Ele ficou relutante, no começo fingindo ignorância, mas quando Richard gentilmente fez ele lembrar de todos os seus favores, Kevin sussurrou a localização.

A área que Kevin tinha revelado era uma das mais fortemente guardadas. Richard sabia onde todos os guardas estavam posicionados porque tinha colhido rosas brancas ali, e esteve em cima do muro, para *observar o mar*. Também conhecia todos os guardas. Eram visitantes constantes das prostitutas que ele forneceu.

Ele não reduziu a velocidade no portão exterior, apenas fez um sinal com a cabeça como resposta para a piscadela dos guardas. Os guardas no baluarte foram consideravelmente mais reticentes, balbuciando algo e levantando uma das mãos para barrar sua passagem. Ele balançou a mão, fingindo ter pensado que essa era a intenção deles. Finalmente eles suspiraram e voltaram aos postos enquanto ele marchava se afastando, sua capa de mriswith esvoaçando aberta.

No final do baluarte havia uma pequena coluna, e depois dela, uma escada espiralada que conduzia até os aposentos do Profeta. Os guardas na porta que ele queria eram os dois com os quais ele teve dificuldades em conquistar no início, e os primeiros a receberem os presentes das companhias femininas. Eles ficaram de prontidão quando avistaram ele.

Richard caminhou até a porta entre eles de maneira casual. "Walsh, Bollesdun, como estão?"

Eles cruzaram suas lanças na frente da porta. "Richard, o que está fazendo aqui embaixo? As rosas nascem lá em cima."

"Olha, Walsh, eu tenho que falar com o profeta."

"Richard, não nos coloque nessa situação. Sabe que não podemos deixar você entrar. As Irmãs arrancariam nossas peles."

Richard encolheu os ombros. "Não vou contar para elas que vocês permitiram minha entrada. Vou dizer que enganei vocês. Se alguém descobrir, mas sei que ninguém vai, apenas digam que eu consegui entrar, e que não sabiam até que eu estava saindo. Vou confirmar sua história."

"Eu já fiz alguma coisa para causar problemas? Já fiz alguma coisa além de ajudar todos vocês homens? Compro bebida, empresto dinheiro quando precisam, permito que tenham livre acesso com as garotas, e isso nunca custa nenhuma moeda de cobre. Eu já pedi alguma coisa em troca?"

Richard estava com a mão no cabo da espada. De um jeito ou de outro, ele passaria por aquela porta.

Walsh empurrou uma lasca de pedra com a bota. Com um forte suspiro, primeiro um deles, e depois o outro, recolheram suas lanças. "Bollesdun, vá fazer sua ronda. Eu vou ao banheiro."

Richard tirou a mão da espada e deu um tapinha no ombro do homem. "Obrigado, Walsh. Agradeço muito por isso."

A meio caminho descendo pelo corredor interno, Richard sentiu camadas de resistência, escudos, como aqueles que estavam do lado de fora da porta da Prelada, mas eles apenas fizeram ele seguir um pouco mais devagar. O quarto lá dentro era tão espaçoso quando o dele, mas talvez tivesse mobília mais elegante. Uma parede tinha tapetes largos, e outras prateleiras extensas. A maioria dos livros, porém, pareciam estar espalhados por toda parte, sobre cadeiras, poltronas e cobrindo os tapetes de cor azul e amarela no chão.

Richard conseguia ver as costas de um homem na cadeira ao lado da lareira fria.

"Precisa me dizer como faz isso," o homem falou com uma voz poderosa. "Eu ficaria muito interessado em aprender esse truque."

"Faço o quê?" Richard perguntou.

"Caminhar através de escudos como se eles não estivessem ali. Queima minha carne se eu tentar."

"Se algum dia eu mesmo descobrir, avisarei para você. Meu nome é Richard. Se não estiver ocupado, gostaria de conversar com você."

"Ocupado!" Os ombros do homem tremeram quando ele começou a rir. Quando levantou, Richard ficou um pouco surpreso ao ver como ele era alto. Seu longo cabelo branco tinha feito Richard pensar que ele deveria ser velho e encolhido. Velho, ele era, encolhido não. Pareceu forte e cheio de vitalidade. O sorriso dele era acolhedor e ameaçador ao mesmo tempo. Ele usava um Rada'Han, do mesmo jeito que Richard.

"Meu nome é Nathan, Richard. Estava ansioso para conhecer você. Não esperava que encontrasse um jeito de entrar sozinho."

"Queria vir sozinho para que pudéssemos conversar livremente."

"E sabe que eu sou um profeta?"

"Não vim aqui para aprender a assar pão."

O sorriso de Nathan aumentou, mas ele não riu. As sobrancelhas dele juntaram-se como as de um falcão. A voz ganhou

um som sibilante. "Gostaria que eu falasse sobre a sua morte, Richard? Como você vai morrer?"

Richard desabou na poltrona e colocou os pés sobre uma mesa. Ele devolveu o olhar e o sorriso ameaçador. "Certamente. Adoraria ouvir tudo sobre isso. E quando terminar, vou dizer como você vai morrer."

Nathan levantou uma sobrancelha. "E você é um profeta?"

A expressão dele mudou para curiosidade. "Verdade. Então diga."

Richard pegou uma pêra de uma tigela em cima da mesa, esfregou ela na calça, e deu uma mordida. Falou enquanto mastigava. "Você vai morrer bem aqui, nesta sala, de velhice, sem nunca ver o lado de fora novamente."

As rugas no rosto de Nathan ficaram mais destacadas. "Parece que é um profeta, meu rapaz."

"A não ser que me ajude. Se me ajudar, talvez eu consiga voltar aqui e ajudá-lo a sair também."

"E o que você quer?"

"Quero tirar essa coleira."

Um sorriso manhoso surgiu no rosto de Nathan. "Parece que compartilhamos um interesse em comum, Richard."

"Mas as Irmãs afirmam que eu morrerei sem ela."

O sorriso aumentou. "Elas exigem honestidade dos outros, mas elas mesmas raramente se incomodam em aplicá-la."

"As Irmãs possuem os próprios objetivos delas, Richard. Tem mais de um caminho na floresta."

"As Irmãs dizem que devo aprender a usar o meu Han, para conseguir tirar ela. Elas não parecem estar ajudando muito nisso."

"Seria mais fácil ensinar um pedaço de tronco a cantar do que uma simples Irmã ensiná-lo a usar o seu Han. Você tem Magia Subtrativa. Elas não podem ajudá-lo."

"Você pode me ajudar, Nathan?"

"Talvez." Nathan sentou em sua cadeira, inclinando para frente com bastante atenção. "Diga-me, Richard, você já leu As Aventuras de Bonnie Day?"

me ajudar a usar o meu poder?”

“Pense, Richard. As Irmãs não aplicaram dor em você com a coleira, aplicaram?”

“Não. Mas elas vão fazer isso.”

“Ao lutar na última guerra, Richard. O que Bonnie Day falou para as tropas Warwick que guardavam as terras pantanosas? Que o inimigo não viria do mesmo jeito que antes. Que eles estavam desperdiçando sua energia tolamente tentando lutar a última guerra.” Nathan levantou uma sobrancelha. “Parece que você perdeu essa lição. Só porque alguma coisa aconteceu a você de uma maneira, não significa que vai acontecer novamente. Pense adiante, Richard, não para trás.”

Richard hesitou. “Eu... tive uma visão em uma das torres. Uma visão de que Irmã Verna usava a coleira para me ferir.”

“E isso fez surgir a raiva.”

Richard assentiu. “Invoquei a magia e matei ela.”

Nathan balançou a cabeça lentamente, desapontado. “A visão foi a sua própria mente tentando dizer algo, tentando mostrar que poderia se defender se elas fizessem aquilo, que poderia derrotá-las. Era sua mente e seu dom trabalhando juntos, tentando ajudá-lo. Você estava ocupado demais lutando na última guerra para prestar atenção na mensagem.”

Desgostoso, Richard manteve a boca fechada. Havia se preocupado que elas o ferissem, excluindo todo o resto. Havia ignorado o verdadeiro significado daquilo que Kahlan tinha feito, porque estava com medo demais que o passado ganhasse vida novamente. Pense na solução, não no problema; foi isso que Zedd ensinou a ele.

Ele esteve cego para o futuro por causa do passado.

“Entendo o que você quer dizer, Nathan,” ele admitiu. “O que estava querendo dizer quando falou sobre as Irmãs não me causarem dor com a coleira?”

“Ann sabe que você é um mago guerreiro, falei para ela antes do seu nascimento. Falei para ela faz quase quinhentos anos.”

“Ela teria dado ordens para as Irmãs. Causar dor em um mago guerreiro é como chutar o traseiro de um texugo.”

“Quer dizer que essa dor de algum modo é o segredo para meu poder?”

“Não. O resultado da dor. Raiva.” Ele gesticulou apontando para a espada na cintura de Richard. “Você usa a espada desse jeito.”

A raiva invoca a magia. Na verdade, você invoca a magia, ela traz a raiva, e então a magia funciona. Gostaria que eu mostrasse como tocar o seu Han?”

Richard chegou mais perto rapidamente. “Sim. Nunca pensei que diria isso, mas, sim. Preciso conseguir sair daqui.”

“Levante a palma da mão. Bom.” Ele parecia lançar uma aura de autoridade em volta de si mesmo. “Agora, observe atentamente dentro dos meus olhos.”

Richard olhou fixamente nos escuros e profundos olhos azuis. O olhar absorveu ele. Richard sentiu como se estivesse caindo no céu azul. Sua respiração estava irregular, não por sua própria vontade. Sentiu as palavras de comando de Nathan mais do que escutava.

“Invoque a raiva, Richard. Invoque a fúria. Invoque o ódio e a fúria.” Richard sentiu aquilo, exatamente como sentia quando sacava a espada; como sentia seu fôlego sendo sugado, sentiu a raiva sendo sugada. “Agora, sinta o calor da fúria. Sinta as chamas dela. Bom. Agora concentre esses sentimentos na palma de sua mão.”

Richard canalizou a fúria da magia para sua mão, direcionou o seu fluxo, sentindo sua força. Apertou os dentes sentindo aquele poder.

“Olhe para sua mão, Richard. Veja isso ali. Veja o que está sentindo.”

Os olhos de Richard moveram-se lentamente para sua mão. Uma bola de fogo azul e amarela girava lentamente acima de sua palma esticada. Podia sentir a energia fluindo de si mesmo, para dentro do fogo. Aumentou o fluxo da fúria, e a bola de fogo cresceu.

“Agora, atire a fúria, o ódio, a raiva, o fogo, na lareira.”

Richard moveu sua mão. A esfera de chamas que girava lentamente continuou em sua mão. Olhou para a lareira, concentrando a fúria no exterior, projetando-a para longe de si mesmo.

O líquido rugiu levemente quando disparou na direção da lareira, explodindo ali com um estalo, como o de um raio.

Nathan sorriu com orgulho. “É assim que se faz, meu rapaz. Duvido que as Irmãs pudessem ensinar isso a você em cem anos. Você tem um talento natural. Não há dúvida nisso. Você é um mago guerreiro.”

“Mas Nathan, eu não senti o meu Han. Não senti nada diferente. Tudo que senti foi raiva, do mesmo jeito quando eu uso a espada. Na verdade, da mesma maneira quando eu aperto meu dedo em uma porta.”

Nathan balançou a cabeça. “É claro que não. Você é um mago guerreiro. Outros possuem apenas um lado do dom. Usam o que está ao redor deles; o ar, calor, frio, fogo, água, qualquer coisa que for preciso.”

“Magos guerreiros não são como os outros. Ao invés disso eles retiram o núcleo do poder do interior deles mesmos. Você não direciona seu Han, você direciona seus sentimentos. As Irmãs ensinam a *maneira* como tudo é feito. Isso é irrelevante para o seu poder. Para você, resultado é tudo que importa, porque suga o poder do seu interior. É por isso que as Irmãs não podem ensinar você.”

“O que você quer dizer com *é por isso que elas não podem me ensinar?*”

“Você já viu uma costureira errar uma alfineteira? As Irmãs querem que você olhe para sua mão, o alfinete, e para a alfineteira. É desse jeito que os outros magos usam sua magia. Magos guerreiros não ficam observando, simplesmente fazem.”

“O Han deles age instintivamente.”

“Aquilo era... fogo do mago?”

Nathan riu. “Aquilo representava para um fogo do mago o mesmo que uma traça irritada representa para um touro enfurecido.”

Richard tentou de novo, mas o fogo não apareceu. A raiva não apareceu. Poderia sugar a raiva da espada, mas não era do mesmo tipo que tinha feito com Nathan, de dentro de si mesmo.

“Não funciona. Porque não consigo fazer de novo?”

“Porque eu estava ajudando, mostrando com o meu próprio poder qual é a sensação. Você ainda não é capaz de fazer isso sozinho.”

“Porquê?”

Nathan se esticou e tocou na cabeça de Richard. “Porque isso tem que vir daqui. Ainda tem que aceitar a si mesmo, quem você é. Você não acredita. Ainda luta contra o que você é. Até aceitar a si mesmo, até acreditar, não será capaz de invocar o seu Han, o seu poder, a não ser quando estiver com muita raiva.”

“E as dores de cabeça causadas pelo meu dom? As Irmãs falam que sem a coleira elas me matariam.”

“As Irmãs ficam mordiscando em volta da verdade como se ela fosse cartilagem em um pedaço de carne. Só comem ela se estiverem famintas.”

“Elas nos querem como prisioneiros para nos obrigar a seguir seus costumes.”

“O que elas tentam fazer quando treinam com você é aquilo que eu acabei de fazer. As dores de cabeça são perigosas, mas apenas se um jovem mago for deixado sozinho com seu poder. Quando sentia as dores de cabeça, alguma vez conseguiu fazer elas desaparecerem?”

“Sim. Às vezes, quando eu me concentrava em atirar flechas, ou quando alguma coisa lá dentro me avisava sobre perigo, ou quando eu estava com raiva e usava a magia da espada, então elas desapareciam por algum tempo.”

“Isso acontecia porque você estava colocando o dom em harmonia com sua mente. A única coisa necessária para impedir que o dom machuque você é um pouco de instrução - como acabei de dar a você.”

“Ensinar magos deveria ser trabalho de um mago. Para um mago, colocar sua mente em harmonia com seu dom é uma questão simples, porque é o dom masculino ensinando o dom masculino. O que acabei de fazer com você é suficiente para impedir que o dom machuque você por um longo tempo - sem o Rada'Han.”

“No futuro, juntar-se a um mago vai levá-lo para o próximo nível, e protegerá você até que alcance o nível seguinte. Só é

importante ter ajuda disponível quando precisar dela. As Irmãs precisam de cem anos para mostrar a você aquilo que acabei de fazer.”

“Elas usam a coleira como uma desculpa para nos fazer prisioneiros para os seus próprios objetivos. Elas possuem suas próprias ideias a respeito do treinamento de magos. A ideia delas é controlar magos.”

“Porque?”

“Elas acham que os magos são responsáveis por todo o mal que abateu-se sobre a humanidade, e se colocarem uma coleira no poder, controlando-o, e doutriná-lo, elas espalharão a luz de sua teologia para as pessoas. São fanáticas que acreditam que são as únicas a conhecer o verdadeiro caminho para a recompensa eterna na luz do Criador. Elas sentem que possuem uma justificativa para usar qualquer meio para obter esse fim.”

“Está dizendo que aquilo que acabou de mostrar, com o meu poder, é suficiente para impedir que o dom me mate, sem a coleira?”

“É suficiente para evitar que o dom mate você, mas seriam necessárias muito mais lições para ensiná-lo a ser um mago de verdade. Tudo o que eu fiz foi puxar o freio do garanhão, assim ele derrubaria você. Seria preciso muito mais trabalho para ensiná-lo a cavalgar com elegância.”

Richard podia sentir a contração dos músculos em seu rosto. “Se isso é verdade, então eles estão chutando o traseiro de um texugo. Obrigado, por me ajudar.” Richard esfregou os dedos. “Nathan, tem um grande problema se aproximando. Vai acontecer em breve. Preciso saber algumas coisas. Você conhece a Segunda Regra do Mago?”

“Claro. Mas deve aprender a primeira, antes de conhecer a segunda.”

“Já sei a primeira. Matei Darken Rahl com a primeira. Ela diz que é possível fazer as pessoas acreditarem em qualquer mentira, seja porque elas querem acreditar que é verdade, ou porque estão com medo de que seja verdade.”

“Como evitar isso?”

“O segredo é que não dá para evitar. Devo ficar sempre vigilante, sabendo que eu também sou vulnerável, e nunca acreditar de modo arrogante que estou imune. Devo estar sempre consciente do fato de que posso me tornar uma presa.”

“Muito bom.”

“E a Segunda Regra?”

As sobrancelhas brancas de Nathan escureceram seus olhos azuis. “A Segunda Regra envolve resultados não desejados.”

“Então, qual é?”

“A Segunda Regra é que a pior coisa pode resultar das melhores intenções. Parece um paradoxo, mas a bondade e boas intenções podem ser um caminho traiçoeiro para a destruição. Às vezes, fazer o que parece certo está errado, e pode causar danos. A única maneira de evitar isso é com o conhecimento, sabedoria, premeditação, e compreensão da Primeira Regra. Até mesmo assim, nem sempre isso é o bastante.”

“Boas intenções, ou fazer o certo, pode causar dano? De que tipo?”

Nathan encolheu os ombros. “Poderia parecer bom dar doce para uma criança pequena, porque elas gostam muito. Conhecimento, sabedoria, e premeditação nos dizem que isso deixaria a criança doente se continuássemos com essa *bondade* no lugar de uma boa alimentação.”

“Isso é óbvio. Qualquer um saberia disso.”

“Digamos que uma pessoa machuca sua perna, e você leva comida para ela enquanto ela se recupera, mas depois de algum tempo ela ainda não quer levantar, porque dói no começo. Então, você continua a ser bom e continua dando comida para ela. Com o passar do tempo, a perna dela pode atrofiar, e será mais doloroso ainda levantar, então você é bonzinho e continua dando comida. No final, ela estará presa a uma cama, incapaz de andar novamente, por causa de sua bondade. Suas boas intenções causaram dano.”

“Não acho que isso aconteça com tanta frequência para ser um problema.”

“Estou tentando dar exemplos óbvios, Richard, assim você conseguirá ficar mais preparado para explorar problemas mais

difíceis, e entender um princípio obscuro.”

“Boas intenções, ser bonzinho, pode encorajar a preguiça, e motivar mentes sadias a tornarem-se indolentes. Quanto mais ajuda você dá, de mais ajuda elas precisam. Enquanto sua bondade não tiver limites, elas nunca ganham disciplina, dignidade, ou auto-confiança. Sua bondade empobrece a humanidade delas.”

“Se der uma moeda para um pedinte porque ele diz que sua família está faminta, e ele usar para ficar bêbado, e então matar alguém, a culpa é sua? Não. Ele matou, mas se tivesse dado comida para ele ao invés do dinheiro, ou se fosse até a família dele e desse a comida, a matança não teria acontecido. Essa foi uma boa intenção que resultou em dano.”

“A Segunda Regra do Mago: os maiores danos podem resultar das melhores intenções. A violação dela pode causar tudo desde o desconforto, desastre, até a morte.

“Alguns líderes pregaram a paz, dizendo que até mesmo a auto-defesa é errada. Evitar a violência parece ser a melhor das intenções. No final, isso geralmente conduz a um massacre, onde inicialmente o medo da violência deles teria evitado o ataque, e não resultaria em nenhuma violência. Eles colocam suas boas intenções acima da realidade da vida. Acusam guerreiros de serem sedentos por sangue, quando na verdade os guerreiros teriam evitado o derramamento de sangue.”

“Está tentando dizer que eu não deveria sentir vergonha alguma de ser um mago guerreiro?”

“Não faz bem algum para a ovelha pregar os benefícios de uma dieta de grama, se os lobos possuem uma opinião diferente.”

Richard sentiu como se estivesse conversando com Zedd. “Mas a bondade não pode ser errada sempre.”

“Claro que não. É nesse momento que entra a sabedoria. Você deve ser sábio o bastante para prever as conseqüências de suas ações.”

“Mas o problema da Segunda Regra é que nem sempre você pode dizer com certeza se está violando ela, ou simplesmente fazendo o certo. Pior, a magia é perigosa. Quando você adiciona a

magia nas boas intenções, a violação da Segunda Regra pode levar a uma catástrofe.”

“Usar a magia é fácil. Saber quando usar a magia é a parte difícil. Toda vez que usa, pode trazer a inesperada ruína.”

“Você sabe, Richard, que é o peso de um floco de neve que pode ser demais, e causar uma avalanche? Sem aquele último floco, a catástrofe não aconteceria. Quando usar magia, deve saber qual é aquele floco de neve que ultrapassará o limite antes de aplicar o peso dele. A avalanche será totalmente fora da proporção que você pensa que o peso daquele floco poderia gerar.”

Richard esfregou o polegar no cabo da espada. “Nathan, acho que posso ter rasgado o véu porque violei a Segunda Regra do Mago.”

“Isso mesmo.”

“O que eu fiz?”

“Usou sua magia, através da Primeira Regra do Mago, para vencer. Ao fazer isso, alimentou a magia das caixas, do portal, rasgando o véu. Fez isso pela ignorância. Não sabia que o resultado indesejado de fazer o que parecia ser o certo poderia ser a destruição de toda a vida. Um floco de neve com certeza. A magia é perigosa.”

“Como eu posso consertar?”

“A Pedra das Lágrimas deve ser colocada de volta no Guardião. A fechadura, o selo, deve ser restaurado. A Pedra das Lágrimas deve ser enviada de volta para o seu devido lugar, no submundo, onde ela servirá para inibir o poder do Guardião nesse mundo. Para fazer isso será necessário os dois poderes.”

“Então a chave deverá ser girada na fechadura, por assim dizer, ao fechar o portal. Isso também requer as duas Magias. Fazer qualquer uma dessas coisas com apenas um lado da magia rasgaria o véu, então um mago com o dom apenas para Aditiva, assim como eu mesmo, não seria de ajuda alguma. Apenas algum como você pode realizar essa tarefa.”

“Até que isso seja feito, estamos em terrível perigo. Se você agir de forma errada, usar a Pedra por suas próprias razões, você

tem o poder para destruir o equilíbrio e rasgar o resto do véu, lançando todos nós dentro da noite eterna.”

Richard olhou fixamente para a mesa enquanto pensava. “Você sabe o que é um *agente*?”

“Ah. Deve estar falando do problema com o solstício de inverno que se aproxima. Um agente é alguém que troca favores com o Guardião, favores como as almas inocentes de crianças, em troca do conhecimento do uso da Magia Subtrativa.”

Lançou um olhar sombrio para Richard. “Mas isso não seria um problema, porque você mandou Darken Rahl para o submundo, onde ele não tem poder algum aqui. Darken Rahl está no submundo, não está?”

Richard sentiu uma forte dor na boca do estômago. Ele não havia apenas rasgado o véu, mas ao violar a Segunda Regra novamente, ao tentar ajudar fazendo uma reunião, tinha trazido um agente, Darken Rahl, de volta para esse mundo onde ele poderia agir para rasgar o véu. Isso era culpa de Richard. Ele sentiu calor e tontura. Pensou que poderia passar mal a qualquer momento.

“Nathan, tenho que tirar essa coleira.”

Nathan encolheu os ombros. “Não posso ajudar nisso.”

Richard veio aqui por uma razão específica. Decidiu que tinha de tentar conseguir a resposta. Ele limpou a garganta.

“Nathan, tem alguém muito importante para mim. Ela está em perigo, e eu preciso ajudar. Tem uma profecia escrita sobre ela, mas ela também surgiu para mim em uma visão.”

“Que profecia?”

“De todos que haviam, apenas uma pessoa nascida da magia para fazer surgir a verdade permanecerá viva quando a ameaça da sombra se erguer...”

Com sua voz poderosa, Nathan completou a profecia. *“Então surgirá a escuridão maior dos mortos. Pois para que exista uma chance para o laço da vida, essa de branco deve ser oferecida para o povo dela, para gerar a alegria deles.”*

“Então você conhece ela. Nathan, eu vi o significado da profecia. Recebi o aviso para não contar a visão, mas pelo que posso afirmar ela não tem um resultado feliz.”

“Ela é decapitada,” Nathan falou com uma voz suave. “Esse é o verdadeiro significado dessa profecia.”

Richard colocou um dos braços no estômago. Aquilo era o que ele tinha visto na visão. O mundo dele começou a girar novamente.

“Nathan, eu tenho que sair daqui. Tenho que impedir que isso aconteça.”

“Richard, olhe para mim.” Richard levantou os olhos, tentando conter as lágrimas. “Richard, tenho que dizer a verdade.”

“Se essa profecia não acontecer, não há nada além. Todos nós morreremos. Vai ser o fim de toda a vida. O Guardiã terá todos nós.”

“Se usar o seu poder para impedir, vai rasgar o véu em pedaços e permitirá que o Guardiã engula o mundo dos vivos.”

Richard levantou rapidamente. “Porque! Porque ela teria que morrer para salvar os vivos! Isso não faz sentido!” O punho dele apertou no cabo da espada. “Tenho que impedir isso! É apenas um enigma estúpido! Não vou deixar ela morrer por causa de um enigma!”

“Richard, chegará um momento em que terá que fazer uma escolha. Estive esperando por um longo tempo que quando a hora chegar, você consiga ser sábio o bastante para tomar a decisão certa. Você tem o poder de destruir todos nós se escolher errado.”

“Não vou ficar parado aqui enquanto você diz que eu tenho que deixar ela morrer. Os bons espíritos não fizeram nada para ajudar. Eu tenho que fazer. Eu farei.”

Richard saiu da sala agitado. Rachaduras correram pelas paredes ao lado dele enquanto marchava descendo o corredor.

Fragmentos de gesso choviam atrás dele quando ele passava. Richard notou aquilo vagamente, mas isso aliviava o humor dele.

Quando passou pelo escudo, as pinturas nas paredes ao lado queimaram e ficaram retorcidas.

Os pensamentos de Richard corriam loucamente em todas as direções ao mesmo tempo. Agora ele sabia que sua visão era o que aconteceria se ele não impedisse. Ela se tornaria verdadeira se ele não conseguisse sair do Palácio. Talvez esse fosse o significado da

profecia, que ele ficaria prisioneiro ali, não conseguiria ajudar, e Kahlan morreria.

No pátio abaixo, Richard viu uma agitação. Guardas estavam correndo de toda parte. Quando chegou perto, ele viu um dos mestres da lâmina Baka Ban Mana. Deveria ter cerca de cem guardas com aparência preocupada cercado ele em um anel, mantendo distância. O homem com roupas frouxas, no centro do anel parecia calmo.

Richard abriu caminho no meio da multidão. "O que está acontecendo?"

O homem fez uma reverência para Richard. "Caharin. Eu sou Jiaan. Sua esposa, Du Chaillu, me enviou para entregar uma mensagem."

Richard decidiu não discutir a parte da esposa. "Qual é a mensagem?"

"Devo informar a você que ela seguiu as instruções do marido dela. Nós fizemos paz com os Majendie. Não fazemos mais guerra com eles, ou com o povo daqui."

"Essas são ótimas notícias, Jiaan. Diga que estou orgulhoso dela, e de seu povo."

"De seu povo," Jiaan corrigiu. "Ela quer que você saiba que ela decidiu carregar a criança. E ela também envia a mensagem de que estamos prontos para retornar para nossa terra natal. Ela quer saber quando você irá nos levar para lá."

Richard olhou para o povo ao redor. Não eram apenas guardas que estavam reunidos, mas Irmãs também. Reconheceu algumas de suas professoras observando: Irmãs Tovi, Nicci, e Armina. Pasha estava ali perto. No final da multidão ele viu Irmã Verna. Sobre uma sacada afastada, além dos muros, viu a figura atarracada da Prelada.

Richard virou novamente para Jiaan. "Diga a ela para ficar pronta, que será em breve."

Jiaan fez uma reverência. "Obrigado, Caharin. Estaremos prontos."

Richard falou com os guardas em círculo ao redor deles. "Esse homem veio em paz. Devem permitir que ele vá em paz."

Jiaan se afastou, despreocupado, como se estivesse sozinho fazendo uma caminhada, mas o anel de guardas moveu-se junto com ele, como Richard sabia que fariam até que ele fora da cidade. A multidão começou a dispensar.

A cabeça de Richard estava latejando. Havia trazido seu pai de volta do submundo ao violar a Segunda Regra do Mago pela segunda vez na casa dos espíritos; tentou fazer a coisa certa e ao invés disso causou danos. Warren disse que o Guardiã precisava de um agente para escapar, e Richard havia fornecido um.

Sua mente girou. Tinha acabado de descobrir que Kahlan o amava e a vida parecia boa novamente, apenas para descobrir que ficaria preso aqui por centenas de anos, se não conseguisse escapar, Kahlan morreria no solstício de inverno. Os pensamentos dele rodopiaram e rodopiaram em uma confusão desesperada.

Precisava fazer alguma coisa. O tempo estava acabando. Decidiu procurar a única pessoa que poderia ser capaz de ajudá-lo.

CAPÍTULO 64



Ela escutou as vozes no escritório exterior, e desejou que fosse quem ela estava pensando. Não estava ansiosa por isso, mas estava ficando sem tempo. Agora Richard com certeza já teria encontrado um jeito de falar com Nathan, e Nathan teria feito sua parte. Agora chegou a hora de fazer a dela.

Não poderia confiar totalmente em Nathan, mas nesse caso, ele teria feito o que era necessário. Ele sabia as conseqüências da falha. A tarefa dele foi uma que ela não invejava - adicionar o peso daquele floco de neve.

Com um movimento dos seus dedos, a porta se abriu. Precisava mandar os carpinteiros consertarem a moldura da porta.

Richard havia despedaçado ela com seu Han, sem nem ao menos estar consciente do que tinha feito. E isso foi antes mesmo que ele fosse até Nathan.

A conversa foi interrompida quando a porta abriu, e os três rostos olharam para dentro, esperando instruções.

“Irmã Ulicia, Finella, está tarde; porque vocês duas não vão para seus escritórios e cuidam do seu trabalho com os papéis. Eu falarei com ela. Irmã Verna, por favor, entre.”

Ann levantou quando Irmã Verna entrou. Gostava de Verna. Abominava o que teria que fazer com ela, mas estava ficando sem tempo. Centenas de anos para a preparação, e agora o tempo e os eventos estavam escorregando através de seus dedos.

O mundo estava na beira do abismo.

Verna curvou a cabeça. “Prelada Annalina.”

“Por favor, Verna, sente-se. Faz tanto tempo.”

Verna puxou uma cadeira para perto, do lado oposto da mesa. Sentou com a costa ereta e as mãos cruzadas no colo. “Que

gentileza sua ceder um pouquinho do seu precioso tempo para me receber.”

Ann quase sorriu. Quase. *Querido Criador, obrigada por enviá-la para me irritar; embora isso não torne o meu trabalho menos oneroso, certamente tornará mais fácil.*

“Estive ocupada.”

“Eu também,” Verna disparou. “Durante os últimos vinte anos.”

“Aparentemente não ocupada o bastante. Parecemos ter dificuldades com um garoto que você recolheu, que você deveria ter colocado na tarefa antes mesmo que ele chegasse.”

O rosto de Verna ficou escarlate. “Se não tivesse me proibido de fazer minha obrigação, usar minhas habilidades, eu teria feito isso.”

“Oh? Você tem tão poucos recursos, Verna, que não conseguiria trabalhar com pequenas restrições?”

“Pasha, uma simples noviça, parece estar tendo mais sucesso, e ela trabalha sob as mesmas restrições.”

“Acha mesmo? Acha que ele está sob controle?”

“Ele não matou ninguém desde que Pasha assumiu.”

Verna endireitou o corpo. “Acho que conheço um pouco sobre Richard. Aconselharia que a Prelada tivesse cautela em sua confiança.”

Ann baixou os olhos, remexendo em alguns papéis, como se estivesse prestando atenção em palavras que não estava enxergando. “Levarei o seu conselho em consideração. Obrigada por vir, Verna.”

“Não terminei! Nem comecei ainda!”

Os olhos dela levantaram lentamente. “Se levantar sua voz para mim de novo, vai terminar, Verna.”

“Prelada Annalina, por favor perdoe o meu tom, mas tem questões de grande importância que simplesmente tenho de levantar.”

Ann suspirou, fingindo impaciência. “Sim, sim, então por favor vá direto ao ponto. Tenho muito trabalho a fazer.” Cruzou as mãos sobre a mesa e lançou um olhar vazio para Verna. “Continue então.”

“Richard cresceu com seu avô...”

“Que bom para ele.”

Aborrecida com a interrupção Verna fez uma pausa. “O avô dele é um mago. Um mago de Primeira Ordem. O avô dele queria ensiná-lo.”

“Bem, nós vamos cuidar do ensino dele. Isso é tudo?”

Os olhos de Verna ficaram estreitos. “Não preciso lembrar a Prelada de que tirar um garoto de um mago que o ensinaria é uma violação direta da trégua. Disseram para mim que não havia sobrado mago algum no Mundo Novo para ensinar garotos. Eu fui enganada. Fui usada. Estivemos roubando garotos. Você fez com que eu tomasse parte nisso.”

Ann sorriu de maneira indulgente. “Irmã, nós servimos ao Criador, para que assim todos possam aprender a viver na sua luz. Agora, em comparação com nossa obrigação com o Criador, o que é uma trégua com magos pagãos?”

Verna ficou sem palavras.

Querido Criador, eu gosto muito dessa mulher. Por favor me dê forças para convencê-la. Nathan teve que adicionar o seu floco de neve, ela tem que adicionar o dela.

“Eu fui enviada numa busca de vinte anos, sem saber a razão, eu fui enganada, minhas duas companheiras morreram, uma delas em meus braços, fui proibida de usar meu poder para fazer meu trabalho...”

“Você acha que eu proibi de usar seus poderes caprichosamente? É isso que está incomodando você, Verna? Muito bem, se precisa saber a razão, foi para salvar sua vida.”

Verna ficou rígida, desconfiada. “Se eu lembro de minhas lições nas câmaras, só existe uma razão pela qual essa restrição salvaria minha vida.”

Por dentro, Ann sorriu. Verna queria ouvir em voz alta. “Certamente. Richard tem Magia Subtrativa.”

“Você sabia disso? Você mandou botar a coleira em alguém com Magia Subtrativa? Arriscaria fazer isso? Faria ele ser trazido até aqui, ao Palácio?” As mãos delas afastaram e ela inclinou para frente um pouco. “Porque ?”

Ann encarou o olhar da outra. "Porque tem Irmãs do Escuro no Palácio."

Ela não tremeu. Ela sabia. Pelo menos, ela suspeitava. Seja abençoada, Verna, você é alguém iluminada. Perdoe-me pelo que eu devo fazer.

"Esta sala está protegida?" Verna perguntou em um tom firme.

"Claro." Ela não falou que o escudo dela não protegeria contra essas Irmãs.

"Tem prova dessa acusação, Prelada?"

"Não preciso de prova, agora, porque essa conversa é restrita. Não vai falar a respeito disso. A não ser que você planeje trazer pupilos. Se quiser fazer isso, certamente negarei, e direi que uma Irmã amargurada estava tentando acusar a Prelada de blasfêmia para ganho pessoal. E então teríamos que enforcar você. Nenhuma de nós quer isso, quer?"

Verna ficou sentada imóvel. "Não, Prelada. Mas o que isso tem a ver com trazer Richard aqui?"

"Quando a sua casa está cheia de ratos, a única coisa que você pode fazer é colocar dentro dela um gato."

"Esse gato enxerga nós todas como gatos. Talvez com razão. Alguns poderiam dizer que talvez você não estivesse trazendo um gato para os seus ratos, mas uma isca. Richard é uma boa pessoa. Não gostaria de pensar que ele está sendo sacrificado."

"Você sabe porque foi escolhida para ir atrás de Richard?"

"Pensei que fosse por causa do seu voto de confiança."

Ann encolheu os ombros. "De certo modo, foi. Embora eu não tenha certeza se há Irmãs do Escuro dentro do Palácio, e não tenha ideia alguma de quem são elas se isso for verdade, eu tive que assumir que se isso for verdade, então já que Grace e Elizabeth estavam no topo da lista, elas seriam Irmãs do Escuro. Eu sei através de profecia, que apenas meus olhos viram, que Richard provavelmente tem Magia Subtrativa, e que depois, ele recusaria as duas primeiras ofertas. Eu sabia que as duas primeiras Irmãs morreriam."

"Se as discípulas do Sem Nome soubessem de alguma coisa sobre isso, elas desejariam que o terceiro nome na lista fosse o de

uma delas também. Eu usei minha prerrogativa como Prelada para escolher a Terceira Irmã.”

“Você me escolheu, porque tinha fé que eu não fosse uma delas?”

O que Ann queria dizer era: *Conheço você desde criança, Verna. Conheço sua mente veloz, seu coração, e sua alma. Você, de todas as Irmãs, foi aquela na qual eu confiei o destino do mundo. Sabia que Richard estaria seguro em suas mãos.*

Mas não poderia dizer aquilo.

“Escolhi você, Verna, porque estava bem abaixo na lista, e porque, entre todas, você não tem destaque algum.”

O silêncio dominou a sala por um momento. Verna engoliu em seco. “Entendo.”

Ann simulava objetividade desapaixonada. Por dentro, seu coração estava partido.

“Duvidei que fosse uma delas. Você é uma pessoa de pouca expressão. Tenho certeza de que Grace e Elizabeth abriram caminho para o topo da lista porque qualquer um que dirija as Irmãs do Escuro as considera dispensáveis. Eu dirijo as Irmãs da Luz. Escolhi você pela mesma razão.”

“Tem Irmãs que são valiosas para nossa causa; não poderia arriscar uma delas nessa tarefa. O rapaz deve provar ser valioso para nós, mas ele não é tão importante quanto outros assunto no Palácio. Ele pode ser de grande ajuda. Foi simplesmente uma oportunidade que eu pensei em aproveitar.”

“Se houvesse algum problema, e nenhuma de vocês retornasse, bem, tenho certeza que pode entender que um general não gostaria de perder suas melhores tropas em uma missão de baixa prioridade.”

A respiração de Verna parecia forçada. Sua voz soava forçada. “É claro, Prelada Annalina.”

Ann remexeu nos papéis com impaciência. “Tenho que voltar a tratar de assuntos importantes. Tem mais alguma coisa, Irmã?”

“Não, Prelada.”

Quando a porta fechou, Ann enfiou o rosto em suas mãos trêmulas. Lágrimas pingaram sobre os papéis dela.

* * *

Ela observou os olhos dele por um momento. Richard não sabia se ela diria sim ou não, mas teve que contar para ela muito do que tinha aprendido apenas para fazer ela concordar em escutar o pedido dele. Ele não poderia se dar ao luxo de falhar.

Precisava de ajuda. Tinha que confiar em alguém.

“Tudo bem, Richard. Vou ajudar. Se metade do que você diz é verdade, Eu devo ajudar você.”

Richard suspirou de alívio enquanto fechava os olhos. “Obrigado, Liliana. Nunca vou esquecer você por isso. Você é a única por aqui que vai escutar a razão. Podemos fazer agora? O tempo é crítico.”

“Agora?” ela sussurrou rapidamente. “Aqui? Richard, se o que você diz sobre ter Magia Subtrativa for verdade, não será uma simples questão de remover o seu Rada'Han. Precisarei pegar um objeto de magia que as Irmãs guardam. É uma coisa que ajuda, usada para amplificar o poder. Talvez com isso, e sua ajuda, seja o bastante para tirar a coleira.”

“Não apenas isso, mas se o Sem Nome está envolvido, não há como dizer quais ouvidos, ou Han, podem estar prestando atenção.”

“Então quando ? Onde? Tem que ser logo.”

Ela passou os dedos por cima dos olhos enquanto pensava. “Bem, acho que consigo pegar o objeto antes do anoitecer, então poderíamos tentar de noite. Mas onde? Não pode ser dentro do Palácio. Seria perigoso demais.”

“Na Floresta Hagen,” Richard disse. “Todos evitam a Floresta Hagen.”

Liliana levantou os olhos. “Richard, não pode estar falando sério. É perigoso ali.”

“Não para mim. Eu já falei como posso saber se um mriswith está se aproximando. Estaremos bastante seguros, e não teremos que nos preocupar com nenhuma Irmã, ou Pasha, perambulando por aí enquanto tentamos tirar essa coisa maldita do meu pescoço .”

Ela soltou um suspiro de frustração. Finalmente colocou uma das mãos no ombro dele e, dando um aperto, sorriu. "Está bem. Então será na Floresta Hagen."

Com um olhar sério, ela segurou os ombros dele e manteve ele na distância de seus braços esticados. "Estou violando um monte de regras fazendo isso. Sei que é importante, e a coisa certa a fazer, mas se nos pegarem antes de conseguirmos fazer, vão ter certeza de que eu jamais chegue perto o bastante de você para tentar novamente."

"Estou pronto agora, vamos lá."

"Não. Tenho que tentar pegar aquilo primeiro." Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto franzia a testa. "E acabei de pensar em mais uma coisa. Elas ficam dizendo para não deixar que o sol desça sobre você quando estiver ali. Porque?"

Richard encolheu os ombros. "Porque é perigoso."

"E depois de tudo que aprendeu, acredita nelas? Confia nelas? Richard, e se elas não querem que deixe o sol descer sobre você ali porque você poderia aprender algo útil? Você falou que a Floresta Hagen foi colocada ali por magos antigos que tinham Magia Subtrativa, para ajudar aqueles como você. E se as Irmãs não quiserem que você tenha essa ajuda? Se estiverem apenas tentando deixar você com medo, para que não descubra?"

A Primeira Regra do Mago. Elas estariam tentando enganá-lo? Ele estaria acreditando em uma mentira? "Você pode ter razão. Iremos antes do pôr-do-sol."

"Não. Não queremos ser vistos juntos. E vai levar algum tempo para pegar a coisa. Sabe onde fica a comprida rocha partida na corrente que segue para o lado sudoeste da Floresta Hagen?"

"Conheço o lugar."

"Bom. Você vai até lá antes do pôr-do-sol; você é aquele para quem a magia foi feita. Entre na floresta perto da rocha partida."

Amarre tiras de panos em galhos para que eu possa seguir por onde você foi, e encontrá-lo. Encontrarei com você lá, na floresta, quando a lua estiver a duas mãos no céu. E Richard, não ouse contar a ninguém sobre isso, ou estará arriscando não apenas a minha vida e a sua, mas a de Kahlan também."

Richard assentiu com um sorriso de agradecimento. "Tem a minha palavra. Esta noite, então."

Ele caminhou até o quarto dele depois que ela partiu. Estava ansioso para acabar com isso, e ir embora. O tempo dele estava se esgotando. Se Darken Rahl tivesse o osso do skrin, eles já não tinham mais tempo. Mas isso era tolice. Como ele conseguiria? Era um espírito. Talvez fosse como Warren disse, que raramente todos os elementos estivessem no lugar.

Era com Kahlan que ele estava preocupado. Tinha que ajudá-la.

Uma batida na porta tirou ele de seus pensamentos. Pensou que poderia ser Liliana de volta, mas quando abriu a porta, um Perry nervoso entrou correndo no quarto.

"Richard! Preciso da sua ajuda." Ele mostrou um manto. "Veja isso! Elas me promoveram!"

Richard observou o manto simples marrom. "Parabéns. Isso é muito bom, Perry."

"É um desastre! Richard, preciso da sua ajuda!"

Richard fez uma careta. "O quê é um desastre?"

Perry jogou os braços no ar, como se isso fosse óbvio para qualquer um. "Porque eu não poderei entrar na cidade! Com esse manto eu ficarei isolado! Não terei permissão para atravessar a ponte!"

"Bem, sinto muito, Perry, mas não vejo como poderei ajudar você."

Perry deu um forte suspiro para se acalmar. Levantou os olhos começando a implorar. "Tem uma mulher na cidade... Estive visitando ela bastante ultimamente. Richard, realmente gosto dela. Tenho que encontrar com ela esta noite. Se eu não aparecer, para conseguir explicar, se eu não aparecer nunca mais, ela pensará que não me importo com ela."

"Perry, ainda não consigo ver o que eu posso fazer a respeito."

Perry agarrou ele pela camisa. "Elas levaram todas as minhas roupas. Richard, você poderia me emprestar alguma das suas. Então ninguém me reconheceria, e eu poderia entrar na cidade, e

encontrar com ela. Por favor Richard, me empresta alguma das suas roupas?”

Richard pensou um momento. Não se importava se estava violando alguma regra obscura do Palácio, isso parecia insignificante comparado ao que ele estava fazendo, mas ainda ficava preocupado com Perry.

“Todos os guardas me conhecem. Eles vão perceber que é você com as minhas roupas e contarão para as Irmãs. Então você vai se meter em problemas.”

Perry olhou para longe, pensando freneticamente. “Noite. Vou esperar até a noite, e então eu vou. Eles não verão claramente quem é durante a noite. Por favor, Richard? Por favor?”

Richard suspirou. “Por mim está tudo bem, Perry, se você quer arriscar. Só tenha cuidado para não ser pego. Odiaria saber que ajudei você a se meter em problemas.” Ele apontou para o quarto, para onde estava o guarda-roupa. “Vá em frente. Pegue o que gostar. Você não é exatamente do meu tamanho, mas acho que chega perto o bastante.”

Perry mostrou um sorriso ao olhar para ele com o canto dos olhos. “O casaco vermelho? Posso pegar o casaco vermelho? Ela vai gostar de me ver nele.”

“Claro.” Richard levou o eufórico Perry na direção do quarto. “Se você gosta dele, pegue. Fico feliz que alguém goste de vestir o casaco vermelho.”

Perry revirou o guarda-roupa, procurando um par de calças e uma camiseta que ele pensou que combinaria.

“Eu vi a Irmã Liliana saindo do seu quarto, pouco antes de vir aqui.” Ele tirou uma camiseta branca com folhos. “Ela é uma das suas professoras?”

“Sim. Eu gosto dela. Ela é a melhor de todas.”

Perry levantou a camiseta na frente dele. “Como isso fica em mim?”

“Melhor do que em mim. Você conhece Liliana?”

“Na verdade não. Ela apenas sempre me deu arrepios. Aqueles estranhos olhos dela.”

Richard pensou nos olhos azuis pálidos de Liliana marcado por manchas violeta. Ele encolheu os ombros. “Também achei que eles fossem estranhos, no início. Mas ela é tão animada e amigável que nem presto mais atenção neles. Ela tem um sorriso caloroso que deixa difícil ver qualquer outra coisa.”

* * *

Ela avaliou o Capitão parado diante da mesa dela. Ele estava pedindo um preço excessivo. Mas afinal de contas, o que o ouro do Palácio significava para ela? Antes que sentissem falta dele, ela estaria longe.

Como ela havia temido, o rapaz estava provando ser difícil de domar. Estava começando a ficar importante cultivar outras opções. Havia outras maneiras de atender aos desejos do Guardião, outras maneiras de manter seu juramento.

“Concordo com o seu preço. Na verdade, pagarei o dobro, só para garantir sua

Ela empurrou a bolsa através da mesa. O Capitão Blake lambeu os lábios enquanto observava ela se aproximando. Finalmente ele se esticou e pegou-a, testando o seu peso antes de enfiar ela no casaco.

“Muito generoso de sua parte, Irmã. É uma mulher que sabe como conquistar a lealdade de um homem.”

“Não vai contar, Capitão?”

Os olhos frios dele não foram tocados pelo sorriso humilde dela. “Sim, Irmã, contarei quando voltar para Lady Sefa. Quando você planeja navegar?”

Ainda havia alguns assuntos, algumas pontas soltas, para cuidar. “Breve. Paguei a você mais do que o suficiente para que esteja de prontidão, até que eu esteja pronta.”

“Sim, Irmã, você pagou por isso.” Ele coçou o queixo sujo. “Estou contente em sentar um pouco. Não estou com muita pressa em sair navegando para onde você quer ir.”

Ela se inclinou para frente. “Tem certeza de que consegue fazer a viagem.”

“Sim, Irmã. O Lady Sefa já fez a viagem antes, e pode fazer de novo. Mesmo assim, Não tenho desejo de entrar naquelas águas até que seja necessário.” Ele esticou seu casaco velho. “Quantas moças você vai levar?” Um leve sorriso apareceu no rosto castigado dele. “Preciso providenciar as acomodações adequadas.”

Encostando na cadeira, ela cerrou os dentes novamente ao lembrar de Liliana baixando o capuz no ritual da união.

Liliana permitiu que todas as outras Irmãs soubessem a sua identidade ao fazer aquilo. Pior, ela foi avisada. Isso foi mais do que um erro; foi arrogância. Liliana estava perigosamente provando não ser digna de confiança. Como o poder que ela estava recebendo, não havia como dizer o que ela faria em seguida. Certamente não havia razão alguma para levar Liliana.

Quanto as outras, porque levar todas elas? A Prelada cometeu um erro ao falar em voz alta de suas suspeitas, pensando que um escudo de Magia Aditiva a protegeria. A Prelada teria motivos para suspeitar de seis Irmãs, mas se a Prelada morresse, não haveria razão alguma para alguém, até mesmo Liliana, suspeitar das outras. Porque levá-las, quando elas poder ser úteis aqui?”

No momento ela estava gostando mais desse plano. “Eu mesma e cinco outras.”

“Importa-se se eu perguntar porque moças tão refinadas querem sair navegando ao redor da grande barreira. O Mundo Antigo não é do seu agrado?”

Ela lançou um olhar ameaçador para o homem na sua frente. “Eu comprei o seu navio, sua tripulação, e você, pelo tempo que eu desejar, e para qualquer objetivo que eu queira. Responder perguntas não fazia parte da barganha.”

“Não, Irmãs. Só pensei...”

“O seu silêncio fazia.” Sem desviar os olhos dele, ela girou o pulso e uma faca surgiu em sua mão. “Sempre achei a morte uma lição curta demais. Eu acredito em lições demoradas. Se eu suspeitar que você violou sua parte na barganha, qualquer parte dela, encontrarão você ainda respirando, mas sem nenhum pedaço de pele em todo o seu corpo. Estamos entendidos?”

O Capitão Blake olhou fixamente para o tapete azul e amarelo debaixo de seus pés. "Sim, Irmã."

"Então isso é tudo, Capitão. Encontrarei você em breve. Esteja pronto para navegar no instante que avistar seis Irmãs se aproximando."

Depois que ele foi embora, ela tirou uma Dacra reserva de uma gaveta e, encostando um cotovelo sobre a mesa, observou ela girando em seus dedos enquanto pensava. Ela não gostava de arriscar a sorte com alguns assuntos. Era melhor cuidar de todas as pontas soltas.

Alguém teria que eliminar Richard Rahl. Alguém que não fosse junto com elas. Ela sorriu. Alguém dispensável.

CAPÍTULO 65



Richard estava sentado tranqüilamente com as pernas cruzadas e a espada em cima dos joelhos. Usava sua capa de mriswith para que Pasha e Irmãs Verna não soubessem onde ele estava. Não queria que nenhuma delas soubesse que permitiu que o sol descesse sobre ele na Floresta Hagen. Ambas certamente viriam atrás dele se soubessem o que ele estava fazendo.

Tinha encontrado uma pequena clareira, alta bastante para estar seca, e ficou esperando ali desde que o sol desceu.

Podia enxergar a lua cheia através do grande emaranhado de galhos, e julgou que ela estava a duas mãos de altura. Não sabia o que deveria acontecer na Floresta Hagen quando o sol desce com você ali, mas até agora pareceu a mesma coisa que antes quando esteve ali antes do anoitecer.

Respondeu ao chamado de Liliana, e ela apareceu saindo de trás de um carvalho grosso. Olhou ao redor pela floresta. Não foi um olhar de cautela, mas uma observação confiante para reconhecimento.

Sentou diante dele, cruzando as pernas. "Eu peguei. A coisa sobre a qual falei."

Richard sorriu aliviado. "Obrigado, Liliana."

Ela retirou de sua capa. Sob a luz do luar, ele conseguiu ver que era uma pequena estátua de um homem segurando alguma coisa parecida com vidro. Ela levantou aquilo, mostrando para ele.

"O que é isso?"

"O cristal, essa parte clara aqui, tem o poder de amplificar o dom. Não tenho o poder para retirar o seu Rada'Han, se for verdade que você possui Magia Subtrativa, porque eu só tenho Aditiva. Vai segurar isso no seu colo. Quando juntarmos nossas mentes isso vai

ajudar a amplificar o seu poder, assim eu poderei usá-lo, e conseguirei quebrar o fecho.”

“Bom. Vamos começar.”

Ela afastou a estatueta. “Não até que eu diga o resto.”

Ele olhou dentro dos olhos azuis pálidos dela, para as manchas escuras neles. “Então diga.”

“A razão pela qual você não consegue ajudar a tirar a coleira é que não tem o treinamento para usar o seu dom. Não sabe como direcionar o poder. Isso vai superar essa deficiência. Eu espero.”

“Está tentando arrumar um jeito de me avisar sobre alguma coisa.”

Ela balançou a cabeça uma vez. “Você não sabe como controlar o fluxo, então estará dependente dessa coisa. Mas ela não entende a dor. Simplesmente faz o que deve fazer. O que eu preciso.”

“Então está dizendo que ela pode machucar. Estou preparado para agüentar a dor. Vamos começar.”

“Não *pode* machucar. Ela levantou um dedo avisando. “Richard, isso é perigoso. Vai machucar você. Vai parecer como se a sua mente estivesse sendo feita em pedaços. Sei que você quer fazer isso, mas não quero enganar você. Isso vai fazer você pensar que está morrendo.”

Ele sentiu um fio de suor descer pelo pescoço.

“Isso deve ser feito.”

“Estarei direcionando o meu Han para tentar quebrar o fecho da coleira. A estátua estará retirando poder de você, para fazer o que eu preciso para vencer o Rada'Han. Isso vai ferir você.”

“Liliana, posso suportar o que for necessário. Tem que ser feito.”

“Escute, Richard. Eu sei que deseja fazer isso, mas escute. Estarei arrancando o dom de você, para ajudar a quebrar a coleira. Sua mente vai sentir como se eu estivesse tentando arrancar a sua própria vida. Seu inconsciente vai interpretar que eu estarei tentando sugar o dom, a sua vida, de você.”

“Vai ter que suportar a sensação de ter sua vida arrancada. Terá que suportar até que a coleira quebre. Se você tentar parar

quando meu poder estiver em você, tentando fazer o que eu preciso...”

“Então o que está dizendo é que se for demais, e eu quiser parar, não conseguirei. Se eu tentar parar o fluxo da minha magia, isso vai me matar.”

“Sim. Você não deve resistir. Se fizer isso, vai morrer.” A expressão dela estava tão séria quanto ele sempre tinha visto. “Deve confiar em mim, e não tentar parar o que estiver acontecendo com você, ou vai morrer, e então Kahlan vai morrer. Tem certeza que consegue fazer isso?”

“Liliana, eu faria qualquer coisa, suportaria qualquer coisa, para salvar Kahlan. Confio em você. Vou colocar minha vida em suas mãos.”

Finalmente ela assentiu e colocou a estatueta no colo dele. Ela olhou dentro dos olhos dele por um momento, e então beijou o dedo. Encostou o dedo na bochecha dele.

“Para dentro do vácuo, então, juntos. Obrigado por sua confiança, Richard. Jamais saberá o que isso significa para mim.”

“Nem para mim, Liliana. O que eu devo fazer?”

“O mesmo que sempre fizemos antes. Apenas tente tocar o seu Han, como de costume, e eu farei o resto.”

Ela se aproximou até que os joelhos deles estivessem juntos. Eles deram as mãos, deixando elas repousarem sobre os joelhos. Cada um deu um forte suspiro, e fechou os olhos.

No começo, aconteceu do jeito que sempre foi, apenas profundo relaxamento enquanto ele se concentrava na imagem da Espada da Verdade. A dor, no início, era apenas um formigamento desconfortável. Ela espiralou mais fundo, repousando na base da espinha dele, parecendo como uma fisgada nos músculos. A dor subiu pelas costas dele.

De repente, ela espalhou para toda parte de uma só vez, algo parecido com a dor do Agiel; uma dor quente percorrendo através de seus ossos. Denna tinha ensinado ele a suportar a dor. Ele agradeceu Denna silenciosamente, pelo que ela fez. Talvez fosse o que ele precisava para suportar isso, para salvar Kahlan.

A tortura tirou seu fôlego. Suas costas ficaram rígidas. O suor molhou seu rosto instantaneamente. Os pulmões dele ardiam pedindo ar. Ele respirava com grande esforço.

Uma dor terrível explodiu por sua mente, lançando ele em um lugar de agonia despedaçadora sem fim.

Ele se esforçou para manter a espada em sua mente. Lágrimas desceram pelo seu rosto. Tinha que fazer isso.

Parecia que cada nervo em seu corpo estivesse exposto e sendo queimado. Pensou que seus olhos poderiam explodir.

Pensou que seu coração poderia explodir. Encolheu-se com cada golpe agonizante de dor. Era tortura além do limite da resistência.

E então pareceu como se o que ele havia sentido não tivesse sido nem o começo. Não conseguia gritar, respirar, se mover. Pareceu que sua própria alma estava sendo arrancada dele.

Como Liliana avisou, parecia como se a própria vida dele estivesse sendo arrancada. Sentiu um turbilhão de pânico que isso estivesse matando. Sentiu a morte sombria mergulhando dentro do vácuo deixado pelo que estava sendo removido dele. Teve uma leve sensação de que isso não estava certo. O terror floresceu bem fundo dentro dele, e então isso também foi lançado dentro da torrente irrompendo para fora.

Não queria nada mais do que gritar, como se de algum modo isso aliviasse a agonia. Mas não conseguia. Seus músculos pareciam estar perdendo sua vida junto com o resto dele. Não conseguia respirar, ou pelo menos manter sua cabeça erguida.

Por favor, Liliana, por favor, depressa. Por favor.

Ele se esforçou para não resistir ao que ela estava fazendo. Jurou que não lutaria contra ela. Tinha que chegar até Kahlan. Ela precisava dele.

Seus olhos estavam abertos, ele percebeu, quando reconheceu a estatueta em seu colo. Sua cabeça estava pendurada. O cristal estava começando a emitir um leve brilho laranja. Uma pequena parte dele pensou que deveria significar que aquilo estava funcionando, fazendo seu trabalho. A cabeça dele parecia estar se

desfazendo. Ele esperava ver sangue pingando, mas viu apenas o brilho laranja aumentando.

Por favor, Liliana, depressa.

A escuridão estava envolvendo ele. Até mesmo a dor insuportável estava começando a parecer distante. Sentiu a vida escapulindo dele. Sentiu um vazio caindo sobre ele que era mais pavoroso do que qualquer coisa que ele pensava ser possível.

Nos profundos recessos de sua mente, ele sentiu uma presença.

Mriswith.

Sentiu que eles estavam perto. Seu nível de alarme aumentou. Estavam em volta dele, fechando o cerco.

E então ele escutou, como se estivesse a uma grande distância, a voz de Liliana. "Esperem, meus bichinhos. Poderão ficar com o que sobrar, quando eu acabar com ele. Esperem."

Podia ver levemente o mriswith em sua mente, como sempre via quando eles se aproximavam dele. Quando Liliana falou, eles se afastaram.

Porque ela diria aquilo? Porque os mriswith se afastariam ao seu comando? O que ela queria dizer? Talvez a dor tivesse deixado ele louco, e isso fosse apenas uma ilusão maluca.

Sentiu uma presença nas suas costas. Não um mriswith. Pior. Era mais horrível do que dez deles. Sentiu sua respiração fétida em seu pescoço.

A voz de Liliana surgiu com um tom sibilante ameaçador. "Eu disse para esperar." A presença recuou um pouco, mas não tanto quanto os mriswith.

O que ela queria dizer, eles poderia ficar com o que sobrasse? Ele estava morrendo, era isso que ela queria dizer. Podia sentir. Ele estava morrendo.

Não. Liliana disse que ele pensaria isso. Estava apenas acontecendo como ela falou, isso era tudo. Ele tinha que ser forte por Kahlan. Mas ele tinha tão pouco tempo. Estava morrendo. Sabia que estava. A estatueta em seu colo estava brilhando mais forte.

A respiração quente voltou ao seu pescoço. Ouviu um rugido baixo da coisa repugnante. Ele queria muito que aquilo ficasse

longe.

A voz ameaçadora de Liliana voltou. "Esperem. Vou acabar em um momento, e então poderão ficar com o corpo dele."

"Esperem."

Naquele instante, algo bem fundo dentro dele disse que se ele queria salvar a si mesmo, essa era a última chance. Tinha que ser agora. A decisão de agir foi um desespero súbito.

Bem lá no fundo, do núcleo de sua mente, do núcleo do seu ser, do núcleo de sua alma, ele arrancou seu desejo de agir, e com a força de sua vontade, com esforço frenético colossal, invocou seu poder, sua vida - ele mesmo - de volta.

Um golpe trovejante ecoou, e um impacto espalhou-se no ar, separando os dois. Richard pousou de costas em uma ponta da clareira, Liliana na outra. A Espada da Verdade estava no centro.

Os mriswith e a outra criatura desapareceram dentro da escuridão entre as árvores.

Richard arfou buscando por ar. Ele sentou e balançou a cabeça. A estatueta estava jogada no chão, perto da espada. O brilho laranja havia desaparecido.

Liliana levantou flutuando suavemente sem esforço. Pareceu como se uma mão invisível tivesse colocado ela de pé. Aquela visão arrepiou os cabelos atrás do pescoço dele.

Ela sorriu maldosamente. Richard nunca pensou que Liliana fosse capaz de mostrar um sorriso tão maligno. Isso fez os dedos dele encolherem dentro das botas.

"Oh, Richard, eu estava tão perto. Nunca experimentei algo como isso. Não tem ideia alguma da glória do que você tem. Mas ainda vou ter isso."

Richard olhou para os lados, tentando decidir para qual lado correr. Sentiu-se como um tolo, e ao mesmo tempo foi dominado por uma sensação de grande perda. "Liliana, eu confiei em você. Pensei que se importava comigo."

Ela ergueu uma sobrancelha. "Pensou?" O leve sorriso retornou. "Talvez eu me importasse. Talvez fosse por isso que eu estava fazendo da maneira mais fácil. Agora nós faremos do modo difícil."

Richard piscou. “O que você quer dizer com isso, do modo difícil?”

“O quillion teria sido o modo fácil. Eu tirei o dom de muitos machos. Mas você resistiu onde eles não conseguiram. Agora eu preciso arrancar a sua pele vivo para ter o seu dom. Primeiro, terei que desabilitar você. Vai ficar deitado indefeso, enquanto eu faço isso.”

Ela estendeu uma das mãos. Uma espada flutuou de trás de um grande carvalho, saindo da escuridão, e foi até a mão dela.

Soltando um grito, ela deslizou pela clareira na direção dele. A espada dela brilhou na luz da lua.

Sem pensar, Richard levantou uma das mãos, invocando sua espada e sua magia. A resposta foi imediata. A fúria inundou ele. Sentiu o cabo bater na sua palma quando Liliana girava a espada. A espada, a magia, os espíritos, estavam com ele. Levantou a lâmina, bloqueando o ataque dela.

Vagamente, Richard imaginou porque sua espada não estilhaçou a dela. Mas então ele estava se movendo. A dança com os mortos havia começado.

Ele defendeu os golpes dela, e ela os dele. Evitou ataques que deveriam ter acertado ele, e ela esquivou-se de ataques que deveriam ter atingido ela. Ela rodopiava como o vento, afastando-se no último instante. Ele sentiu como se estivesse lutando contra uma sombra. Nenhum ser humano poderia se mover do jeito que ela se movia. Ele não poderia se mover do jeito que ela se movia.

Atrás dele, sentiu a súbita presença repugnante. Ele esperou o golpe da lâmina dela, e girou, dando a volta com a espada na velocidade de um raio. Por um instante, ele viu um conjunto de presas, e um olhar malicioso, e então a espada fez um sólido contato, e o que estava ali tornou-se irreconhecível enquanto desintegrava.

Sentiu a lâmina dela chegando, e mergulhou por cima da coisa caída no chão. Rolando no chão e levantando, ele devolveu o ataque. O ar da noite ecoou repetidas vezes com o som de aço contra o aço.

Richard percebeu que de algum modo a lâmina dela deveria ser como a dele. Ela possuía uma arma que se igualava com a Espada da Verdade. Além disso, tinha domínio da magia que ele só conseguia imaginar. Não teve que imaginar por muito tempo.

Enquanto a batalha seguia pela clareira, cada um deles se esforçando com toda fúria que conseguiam, ela saltou recuando, e lançou um raio de fogo na direção dele. Ele esquivou no último instante, e ele passou voando, atingindo uma árvore. O tronco explodiu em uma chuva de fragmentos. O topo da árvore caiu perto dele, alguns de seus galhos derrubaram ele.

Liliana atravessou cortando galhos tão grossos quanto os braços dele para alcançá-lo. Eles despedaçaram da mesma maneira que o troco. Richard saiu debaixo deles e continuou lutando com ela dentro da floresta.

Enquanto eles se chocavam de novo e de novo descendo por uma colina íngreme, ele começou a estudar as táticas dela. Ela lutava ferozmente, mas sem graça - como um soldado em combate entre as fileiras. Ele não sabia como percebeu aquilo, exceto que deveria ter surgido dos espíritos da magia de sua espada.

Do jeito que ela atacava, golpeando e girando, deixava abertura para um rápido contra-ataque. Richard forçou aquele ataque nela, mas quando finalmente conseguiu golpear no meio do corpo dela, o ataque que deveria ter encontrado seu alvo desviou para o lado. Ela estava protegida, de algum modo. Tinha controlava o uso da magia que ele não entendia.

Richard estava exausto, e estava lutando apenas com puro ódio e fúria da magia. Ela nem parecia cansada. "Não pode vencer, Richard. Terei você."

"Porquê! Não poderá vencer no final!"

"Terei a minha recompensa."

Ele mergulhou atrás de uma árvore, escapando por pouco de um golpe que lançou pedaços da madeira. "Se ajudar o Guardião a escapar, ele vai engolir toda a vida!"

"Acha mesmo? Está errado. Ele vai recompensar aqueles que o serviram. Vai me dar coisas que o Criador jamais poderia."

Ele acertou um golpe nela, mas a espada deslizou para o lado. "Ele está mentindo para você!"

A lâmina dela assoviou perto do rosto dele. Os ataques calmos e deliberados dela eram implacáveis. "Nós temos um acordo. Meu juramento selou isso."

"E você acredita que ele vai cumprir a parte dele?"

"Una-se a nós, Richard, e mostrarei a glória que aguarda aqueles que o servem. Você pode viver para sempre."

Richard saltou para cima de uma pedra. "Nunca!"

Ela olhou para cima com frio desprezo. "Pensei que isso seria agradável, mas descobri que estou ficando entediada."

Liliana esticou uma das mãos. Um relâmpago saiu de sua mão serpenteando, mas não era como nenhum relâmpago que ele já tinha visto.

Era um relâmpago negro.

Ao invés de um disparo de luz e calor, ele era um vácuo ondulante, tão escuro quanto a pedra da noite, tão escuro quanto as caixas de Orden, tão escuro quanto a morte eterna. A cena levemente iluminada pela luz do luar parecia um dia ensolarado em comparação com aquilo.

Richard sabia: estava vendo Magia Subtrativa.

Liliana passou o relâmpago negro pela rocha abaixo dos pés dele. Ele atravessou um pedaço da pedra facilmente. A parte restante sobre a qual ele estava desmoronou sobre a parte inferior. Árvores que estavam atrás a uma boa distância, cortadas da mesma maneira, pelo mesmo raio negro, caíram fazendo grande barulho.

Richard perdeu o equilíbrio e caiu para trás na ladeira, rolando pela colina. Esticou os braços para conseguir parar quando chegou ao local plano abaixo, e imediatamente rolou para ficar de costas para o chão. Olhou para cima e engasgou.

Liliana em pé logo acima dele, sua espada erguida nas duas mãos. Pela direção em que ela estava olhando, soube que ela pretendia cortar as pernas dele. Ele congelou ao ver a espada dela iniciar sua descida.

O que ele estava fazendo não funcionava. Tinha que fazer mais alguma coisa, ou morreria.

A lâmina dela era um borrão sob a luz do luar. Ele liberou a si mesmo, liberando seu eu interior, seu dom. Ele se entregaria ao que estava ali, ou morreria. Essa era sua única chance. Encontrou a calma em seu interior, e atendeu a sua vontade.

Viu a Espada da Verdade disparar para cima. As juntas de seus dedos estavam brancas por causa do esforço. A espada cintilava branca na luz fraca.

Com toda sua força, ele atravessou a lâmina branca sibilante em Liliana, embaixo das costelas. Quando a ponta partiu a coluna dela, saindo nas costas dela entre as omoplatas, ela ficou mole. Apenas a espada e sua força mantinham ela em pé.

A boca dela ficou aberta. Sua espada caiu, enterrando no chão ao lado. Os olhos pálidos arregalados dela permaneceram fixos nele.

“Eu perdôo você, Liliana,” Richard sussurrou.

Os braços dela balançaram de uma maneira descoordenada. O terror encheu os seus olhos. Tentou falar, mas apenas sangue brotou de sua boca.

Houve um estalo ensurdecedor, como o de um relâmpago, mas ao invés de um brilho de luz, um rastro de completa escuridão espalhou-se pela floresta. Seu toque fez o coração dele bater fora de ritmo. Quando ele sumiu, a luz da lua pareceu cegante, e Liliana estava morta.

Richard sabia - o Guardiã tinha levado ela.

Antes, ele tinha invocado a magia branca da espada sabendo muito bem o que ela significava. Dessa vez, tinha feito como Nathan falou, e permitido que seu instinto, seu dom, invocasse ela. Foi uma surpresa para ele, tanto o instante em que chamou a magia branca, quanto o fato de não ter feito aquilo de modo consciente.

Algo dentro dele soube que aquilo era necessário para enfrentar o ódio do Guardiã que inundava Liliana.

Richard estava assustado com o que aconteceu. Olhou para Liliana enquanto retirava sua espada. Tinha confiado nela. Tinha acreditado nela.

Percebeu que ainda estava onde havia começado - com a coleira em volta do pescoço, e sem ideia alguma de como tirar ela. Com ou sem coleira, tinha que atravessar a barreira que o prendia

aqui. Decidiu que pegaria suas coisas no Palácio, e então encontraria um jeito de passar pela parede invisível.

Enquanto limpava a espada nas roupas dela, lembrou como ela estava no meio da clareira, a uma boa distância dele. De algum modo ele a chamou, junto com a magia. A espada voou pelo ar, e foi até a sua mão.

Colocou a espada no chão, e experimentou invocar sua magia. A raiva, a fúria, encheu ele, como sempre. Ele esticou a mão e desejou que a lâmina viesse até ele. Ela continuou no chão imóvel como rocha. Não importa o quanto ele tentasse, ela nem tremia.

Frustrado, colocou ela de volta na bainha. Pegou a espada de Liliana do chão e quebrou a lâmina sobre o joelho. Quando jogou ela para o lado, notou alguma coisa branca ali perto.

Ossos brancos cintilando sob a luz da lua era a maior parte de tudo que havia sobrado do corpo ressecado. Apenas a parte superior estava ali. Concluiu que animais deveriam ter levado o resto, mas então encontrou a bacia e pernas, um pouco mais adiante. Restos esfarrapados de um vestido que combinavam com a parte superior ainda envolviam os ossos das pernas.

Richard ajoelhou, inspecionando a parte superior do corpo. Animais não tocaram nela. Não havia nem uma marca de dente em qualquer um dos ossos. Eles estavam ali da mesma maneira que estavam quando caíram.

Com uma expressão de espanto, viu que os ossos da base da coluna estavam despedaçados. Nunca tinha visto ossos fragmentados dessa maneira. Era como se a mulher tivesse explodido, enquanto ainda estava viva.

Ele abaixou silenciosamente, observando, pensando. Alguém matou essa mulher. De algum modo, ele sabia: magia matou essa mulher.

“Quem fez isso com você?” ele sussurrou para o corpo.

Lentamente, um braço esquelético levantou na direção dele sob a luz da lua. Os dedos esticaram. Uma fina corrente caiu, pendurada nos ossos de um dedo.

Richard, com a sensação de que seus cabelos estavam querendo ficar em pé, retirou a corrente dos dedos. Havia um objeto

na corrente. Levantou ele na luz e viu que era uma granulosa peça de ouro, com a forma de uma letra J.

“Jedidiah,” Richard sussurrou, sem saber o que fez ele dizer isso.

CAPÍTULO 66



Enquanto Richard se aproximava, percebeu uma agitação na ponte de pedra. Uma multidão estava alinhada de um lado, todos olhando para o rio lá embaixo. No centro, seguiu lentamente na direção da baixa mureta. Quando fez isso, também avistou Pasha na multidão, inclinando sobre as pedras, olhando para baixo.

“O que está acontecendo?” ele perguntou quando chegou por trás dela.

Pasha virou ao escutar sua voz. Ela se encolheu quando viu ele. “Richard! Eu pensei...” Ela olhou de novo por cima da mureta, para o rio lá embaixo, e então de novo para ele.

“Pensou o quê?”

Ela passou os braços em volta da cintura dele. “Oh, Richard! Pensei que você estava morto! Graças ao Criador!”

Richard afastou os braços dela e curvou sobre a mureta, olhando para o rio escuro lá embaixo. Vários barcos pequenos, cada um com um lanterna, estavam rebocando um corpo enrolado em suas redes. Na luz amarela bruxuleante, ele conseguiu ver o casaco vermelho.

Richard passou sobre a ponte e desceu pelos bancos, chegando até a margem quando os homens estavam encostando os barcos.

Agarrando a rede das mãos de um homem, puxando ela e sua carga para cima do banco gramado.

Havia um pequeno buraco arredondado nas costas do casaco vermelho. Ele virou o corpo e olhou nos olhos mortos de Perry. Richard grunhiu.

A Segunda Regra do Mago. Perry morreu porque Richard tinha violado ela. Tentou fazer algo bom, com a melhor das intenções, e

isso causou dano. Aquela Dacra estava direcionada para Richard. Era ele que pensavam estar matando.

Pasha estava parada atrás dele. "Richard, estava com tanto medo. Pensei que fosse você." Ela começou a chorar. "O que ele estava fazendo com seu casaco vermelho?"

"Emprestei para ele." Ele deu um rápido abraço nela. "Tenho que ir, Pasha."

"Você não está falando do Palácio. Não estava falando sério sobre partir. Sei que não estava. Não pode ir embora, Richard."

"Estava falando sério cada palavra. Boa noite, Pasha."

Ele deixou os homens com sua tarefa horrível e seguiu para o quarto. Alguém queria matar ele, e não foi Liliana. Alguém mais estava tentando matar ele.

Quando estava enfiando as coisas dele na mochila, escutou uma batida na porta. Ele congelou, uma camisa meio dobrada estava em suas mãos. Então ouviu a voz da Irmã Verna atrás da porta, perguntando se podia entrar.

Richard abriu a porta, preparando-se para começar uma discussão, mas a expressão no rosto dela prendeu as palavras em sua garganta. Ela estava com um jeito estranho, olhando para o nada.

"Irmã Verna, qual é o problema?" Segurou o braço dela e levou-a para dentro do quarto. "Aqui, sente-se." mãos.

"Irmã Verna, qual é o problema?"

"Estava esperando você voltar." Os olhos vermelhos inchados dela finalmente buscaram os dele. "Richard," ela falou com uma voz desanimada, "Um amigo seria muito bom nesse momento. Você é o único que apareceu em minha mente."

Richard hesitou, ela sabia da condição dele, embora agora ele soubesse que ela não poderia retirar a coleira.

"Richard, quando as Irmãs Grace e Elizabeth morreram, transferiram o dom delas para mim. Eu tenho mais poder do que qualquer uma das Irmãs no Palácio, qualquer Irmã comum. Sei que não vai acreditar nisso, mas duvido que até mesmo isso seja o bastante para remover a sua coleira. Mas eu gostaria de tentar."

Richard sabia que ela não conseguiria remover. Pelo menos disseram para ele que ela não conseguiria. Talvez Nathan estivesse enganado.

“Está bem. Tente.”

“Tem dor envolvida...”

Richard fez uma careta desconfiada. “Porque não acho isso uma surpresa?”

“Não para você, Richard. Para mim.”

“O que você quer dizer?”

“Descobri que você tem Magia Subtrati va.”

“O que isso tem a ver?”

“Você fechou o Rada'Han em si mesmo. Ele fecha usando a magia daquele no qual é colocado. Só tenho Magia Aditiva. Não acho que seja suficiente para quebrar a ligação.”

“Não tenho poder algum sobre a sua Magia Subtrativa. Ela vai combater o que vou tentar fazer, e isso vai me ferir. Mas não fique assustado. Não vai machucar você.”

Richard não sabia o que fazer, no que acreditar. Ela colocou as mãos no pescoço dele, nos lados da coleira.

Antes que ela fechasse os olhos, ele viu um olhar vazio que reconheceu. Ela estava tocando seu Han.

Com os músculos tensos, a mão no cabo da espada, ele esperou, preparado para reagir se ela tentasse ferir ele.

Não queria acreditar que a Irmã Verna o machucaria, mas do mesmo jeito, também não pensou que Liliana fosse machucá-lo.

As sobancelhas dela curvaram. Richard sentiu apenas um caloroso e agradável formigamento. O quarto vibrou com um zumbido abafado. As pontas dos tapetes enrolaram. Janelas vibraram em suas molduras. Irmã Verna tremia por causa do esforço.

O grande espelho no quarto despedaçou. Painéis de vidro nas portas explodiram quando as portas para a sacada abriram violentamente. As cortinas ondulavam para fora como se fossem sopradas pelo vento. Gesso caiu do teto, e um armário alto tombou fazendo grande barulho.

Um grunhido de dor saiu da garganta dela enquanto a carne no rosto dela tremia.

Richard segurou os pulsos dela e tirou as mãos da coleira. Ela caiu para frente.

“Oh, Richard,” ela falou com uma voz triste, sinto muito. Não consigo.”

Richard segurou ela nos braços e abraçou-a. “Tudo bem. Acredito em você, Irmã. Sei que tentou. Você encontrou um amigo.”

Ela apertou com força. “Richard, você tem que sair desse lugar.”

Ela apoiou as costas na cadeira enquanto passava os dedos debaixo dos olhos. Richard sentou sobre os calcanhares. Diga o que aconteceu.”

“Tem Irmãs do Escuro no Palácio.”

“Irmãs do Escuro? O que isso significa?”

“As Irmãs da Luz trabalham para trazer a glória da luz do Criador para os vivos. As Irmãs da Escuro servem ao Guardião. Nunca foi provado que elas existem. A acusação, sem provas, é um crime.”

“Richard, sei que não vai acreditar em mim. Sei que isso soa como se eu estivesse apenas...”

“Matei Irmã Liliana esta noite. Acredito em você.”

Ela piscou. “Você fez o quê?”

“Ela falou que removeria minha coleira. Pedi que encontrasse com ela na Floresta Hagen. Irmã Verna, ela tentou roubar o meu dom, para si mesma.”

“Ela não pode fazer isso. Uma fêmea não pode receber o dom de um macho, ou o contrário. Isso não é possível.”

“Ela falou que tinha feito isso muitas vezes. Para mim pareceu possível quando ela estava tentando. Consegui sentir ela sugando a vida, o dom, de mim. Ela quase conseguiu. Cheguei perto da morte.”

Ela passou a mão no cabelo. “Mas não vejo como...”

Richard mostrou a estatueta. “Ela estava usando isso. O cristal começou a emitir um brilho laranja quando ela estava fazendo. Sabe o que é isso?”

Irmã Verna balançou a cabeça. “Acho que já vi isso antes, em algum lugar, mas não consigo lembrar. Faz muito tempo. Antes que eu deixasse o Palácio. O que aconteceu então?”

“Quando isso não funcionou, porque usei meu poder para impedir, ela invocou uma espada das sombras. Queria me ferir. Disse que arrancaria minha pele enquanto eu ainda estivesse vivo, e então roubaria o meu dom. Tentou cortar minhas pernas. De algum modo, acertei ela primeiro.”

“Irmã Verna, ela possuía Magia Subtrativa. Vi ela usando. Não apenas isso, mas alguém mais está tentando me matar. Emprestei meu casaco vermelho para Perry. Acabaram de tirar o corpo dele do rio. Foi esfaqueado nas costas com uma Dacra.”

Ela fez uma careta. “Oh, querido Criador.” Cruzou os dedos sobre o colo. “O Palácio sabe que você tem Magia Subtrativa. Estão usando você para tentar acabar com os discípulos do Guardião.” Ela pegou a mão dele. “Richard, eu fiz parte disso. Faz muito tempo eu deveria ter questionado coisas que estavam erradas, mas não fiz isso. Ao invés disso fiz o que achava certo.”

“Questionado o quê?”

“Me perdoe, Richard. O Rada'Han nunca deveria ter sido colocado no seu pescoço. Não era necessário. Disseram que não havia magos no Mundo Novo para ajudar os garotos. Pensei que você morreria sem nossa ajuda.”

“Sem amigo, Zedd, poderia impedir que o dom machucasse você. A Prelada sabia que havia magos que poderiam ajudar você. Ela permitiu que você fosse afastado de seus amigos e pessoas queridas pelas próprias razões egoístas dela. Você não precisava do Rada'Han para salvar sua vida.”

“Eu sei. Falei com Nathan. Ele falou isso.”

“Você falou com o Profeta? O que mais ele disse?”

“Que eu tenho mais poder do que qualquer mago nascido em três mil anos. Mas não tenho ideia alguma de como usar. E que eu tenho Magia Subtrativa. Ele falou que as Irmãs não poderiam remover a coleira.”

“Sinto muito ter causado isso a você, Richard.”

“Irmã Verna, você foi enganada, assim como eu. Você é uma vítima também. Nós dois fomos usados.”

“Tem problema pior ainda. Tem uma profecia que diz que no solstício de inverno, Kahlan vai morrer. Tenho que impedir que isso aconteça. E Darken Rahl, meu pai, um agente do Guardiã, está neste mundo. Você viu a marca que ele queimou em mim. Ele é um agente que pode rasgar o véu se tiver todos os elementos no lugar, embora eu duvide que ele tenha.”

“Irmã Verna, tenho que fugir daqui. Tenho que atravessar a barreira.”

“Vou ajudar. De algum jeito, vou ajudar você a atravessar a barreira. O seu problema será o Vale dos Perdidos. Não acredito que você consiga cruzar o vale novamente. Agora que a coleira ajudou a sua Magia Subtrativa a crescer, vai atrair os feitiços sobre você. A magia o encontrará, dessa vez.”

“Se eu tiver uma chance. Preciso tentar.”

Irmã Verna pensou durante um momento. “O Guardiã gostaria de impedir você, se houver uma possibilidade para que essa profecia sobre o agente dele aconteça. As Irmãs do Escuro trabalharão para deter você. Tenho certeza que Liliana não era a única.”

“Quem colocou ela como minha professora?”

“O escritório da Prelada determina as professoras. Mas provavelmente a Prelada não teria feito isso ela mesma. Esses assuntos geralmente são tratados pelas administradoras dela.”

“Administradoras dela?”

“Irmãs Ulicia e Finella.”

“Pensei que elas fossem guardas dela.”

“Guardas? Não. Talvez em um sentido burocrático. A Prelada tem mais poder do que elas. Ela não precisa de guardas. Alguns dos garotos acham que elas são guardas, porque sempre são afastados da porta da Prelada pelas duas Irmãs. Elas fazem uma parte do trabalho delas no escritório da Prelada, e possuem os próprios escritórios onde cuidam de diversos assuntos administrativos.”

“Talvez as Irmãs do Escuro que vieram atrás de mim, tivessem decidido que deveriam agir agora, porque foram descobertas.”

“Não. A Prelada disse que ninguém além dela sabe.”

“Não. Ela protegeu a sala.”

Richard se inclinou. “Irmã Verna, Liliana tinha Magia Subtrativa. O escudo da Prelada não funcionaria contra isso. Uma daquelas duas administradoras designou a Irmã Liliana para mim.”

Ela soltou um suspiro repentino. “E as outras cinco. Se uma delas ou as duas do lado de fora do escritório escutou o que a Prelada sabe, então a Prelada... O escritório da Irmã Ulicia - foi lá que eu vi aquela estátua!”

Richard agarrou o pulso dela e puxou-a da cadeira.

“Vamos lá! Se elas tentaram me matar, podem tentar matar a Prelada antes que ela avise mais alguém!”

Os dois correram descendo as escadas e saíram do Gillaume Hall. Atravessaram os gramados na escuridão, correram pelos corredores e através de passagens. Kevin não estava lá, outro guarda estava de serviço, mas ele não os impediu, pois ele também conhecia Richard, e as Irmãs não tinham restrições.

Richard soube que era tarde demais quando viu as portas chamuscadas para o escritório da Prelada com as dobradiças quebradas. Ele parou escorregando no chão de mármore liso do corredor. Papéis e livros estavam espalhados no corredor.

Irmã Verna ainda estava correndo no corredor quando ele entrou no escritório com sua espada em punho. Parecia que uma tempestade aconteceu ali dentro. O que restava de Irmã Finella jazia no chão por trás de sua mesa.

O resto dela estava espalhado na parede. Ele ouviu Irmã Verna gemer quando chutou a porta do escritório da Prelada.

Quando a porta abriu Richard mergulhou através dela e rolou levantando com a espada nas duas mãos. A sala da Prelada estava uma bagunça pior do que a sala externa. Papéis cobriam a maior parte do chão. Parecia como se todos os livros das estantes tivessem explodido, jogando páginas por toda parte. A pesada mesa de noqueira estava despedaçada contra a parede mais distante. A sala estava quase na escuridão. Apenas o portal atrás e as portas abertas para o jardim iluminado pela lua forneciam alguma luz.

Irmã Verna acendeu uma chama em sua palma. Com a iluminação repentina, ele viu uma forma no canto mais afastado da sala perto da mesa virada. A cabeça levantou lentamente. Os olhos encontraram os dele. Era Irmã Ulicia.

Richard mergulhou para o lado quando um raio azulado explodiu pela sala, abrindo a parede atrás.

Irmã Verna respondeu o ataque com um jato de chamas amarelas ondulantes. Irmã Ulicia mergulhou no pátio através do portal para escapar do fogo. Richard foi atrás dela. Irmã Verna correu até a mesa despedaçada virada, afastando os pedaços.

“Abaixe!” Richard gritou para ela.

Um relâmpago negro rasgou através das paredes logo acima dele quando ele deitou no chão.

Estantes cortadas caíram. Ele podia ver dentro da outra sala através da abertura feita pelo relâmpago negro, e das salas seguintes. Gesso, ripas, e pedras caíram, levantando nuvens de poeira.

Furioso, sem pensar, Richard levantou quando o relâmpago negro cessou, e correu para fora. Viu uma forma escura correndo pelo caminho.

Novamente, o relâmpago negro serpenteou vindo das sombras. O raio ondulante atingiu o pátio. Árvores tombaram, com os galhos estalando e estilhaçando. Um muro de pedra desmoronou quando foi cortado em dois. O barulho era ensurdecedor.

Quando aquilo parou, Richard levantou novamente. Ele estava prestes a correr atrás dela, quando uma mão invisível o segurou, puxando ele para trás.

“Richard!” O rugido de Irmãs Verna foi mais forte do que ele já tinha escutado. “Entre aqui!”

Ele voltou para a sala da Prelada, ofegante quando parou perto da Irmã Verna. “Tenho que ir...”

Ela levantou rapidamente e agarrou a camisa dele com suas mãos verdadeiras. “Ir fazer o quê! Ser morto? Quem bem isso vai fazer?”

“Isso vai aj udar Kahlan? Irmã Ulicia é mestra em poderes que você nem consegue imaginar!”

“Mas ela pode fugir.”

“Pelo menos você estará vivo quando ela fizer isso. Agora venha me ajudar com essa mesa. Acho que a Prelada ainda está viva.”

A esperança ganhou vida nele. “Tem certeza?”

Richard começou a afastar pedaços quebrados, jogando eles para trás. Encontrou o corpo debaixo dos destroços. Irmã Verna estava certa. A Prelada estava viva, mas parecia gravemente ferida.

Irmã Verna usou o seu poder para levantar pedaços pesados da mesa e estantes enquanto Richard retirava cuidadosamente pedaços menores de cima da pequena mulher. Ela estava presa na prateleira inferior contra a parede, e coberta de sangue.

Ela grunhiu quando Richard colocou as mãos em volta dela gentilmente e arrastou-a. Ele não acreditava que ela conseguisse suportar muito tempo.

“Temos que conseguir ajuda,” ele falou.

As mãos da Irmã Verna tocaram no corpo da Prelada. “Richard, isso é muito sério. Posso sentir alguns dos ferimentos dela. Estão além dos meus limites. Não sei se alguém conseguirá ajudar.”

Richard levantou Ann nos braços. “Não posso deixar ela morrer. Se alguém pode ajudar, é Nathan. Vamos lá.”

Guardas e Irmãs vieram correndo, pois escutaram o rugido ensurdecedor do poder que a Irmã Ulicia havia liberado. Richard não parou para dar explicações enquanto seguia para os aposentos de Nathan. Ele tentou segurar Ann gentilmente enquanto corria, mas sabia pelos grunhidos que estava machucando ela.

Nathan veio do pátio quando ouviu eles gritando. “O que foi todo aquele barulho? O quê é isso? O quê aconteceu?”

“É Ann. Ela está ferida.”

Nathan conduziu ele para o quarto. “Sabia que essa mulher teimosa estava pedindo para ter problemas.”

Richard colocou Ann na cama suavemente e ficou perto enquanto Nathan deslizava os dedos acima dela. Irmã Verna esperou, observando da porta.

Nathan levantou as mangas. “Isso é sério. Não sei se consigo ajudá-la.”

“Claro que tenho, rapaz.” Ele fez um movimento com as mãos, mandando eles se afastarem. “Vocês dois vão esperar lá fora. Isso vai levar algum tempo. Pelo menos uma hora ou duas antes que eu saiba se o que eu posso fazer será o bastante. Permitam que eu cuide disso sozinho. Vocês não podem ajudar.”

Irmã Verna sentou com as costas rígidas enquanto Richard andava de um lado para outro.

“Richard, porque se importa tanto com o que vai acontecer com a Prelada? Ela mandou buscar você quando não deveria ter feito isso.”

Richard passou os dedos no cabelo. “Acho que é porque ela teve chance de me pegar quando eu era pequeno, e não fez isso. Deixou que eu crescesse com meus pais. Permitiu que eu tivesse o amor deles. O que há de mais importante na vida, além da chance de ser criado com amor. Ela poderia ter feito isso, mas não fez.”

“Então estou feliz, que você não tenha ressentimento.”

Richard andava e pensava. Ele não ficou caminhando muito tempo.

“Irmãs, não posso ficar aqui sentado sem fazer nada. Vou falar com os guardas. Precisamos saber de onde são aquelas minhas professoras, e o que estão fazendo. Os guardas vão descobrir para mim.”

“Suponho que isso não poderia fazer mal. Vá conversar com os guardas. Isso fará o tempo passar mais rápido.”

Richard caminhou rapidamente pelos escuros corredores de pedra, mergulhado em pensamentos. Precisava descobrir onde estavam as Irmãs Tovi, Cecilia, Merissa, Nicci e Armina. Qualquer uma delas - ou todas - poderiam ser Irmãs do Escuro. Quem saberia o que elas planejavam fazer em seguida. Elas poderiam estar procurando por ele. Poderiam estar...

Uma dor enorme lançou ele para trás. Pareceu como se ele fosse atingido no rosto por uma clava. Ele levantou assustado, o mundo estava girando e balançando. Ele procurou sangue, mas não havia nenhum.

Outro golpe atingiu atrás da cabeça dele. Ele levantou apoiando sobre mãos, tentando decifrar onde estava. Seus

pensamentos estavam confusos e lentos. Fez um esforço para entender o que estava acontecendo.

Uma sombra escura estava sobre ele. Com esforço, e movimentos hesitantes, ficou em pé novamente. Tateou procurando a espada, mas não conseguia lembrar qual das mãos usar. Não conseguia se mover rápido o bastante.

“Saindo para dar uma caminhada, garoto do campo?”

Richard olhou para um Jedidiah com sorriso falso, imóvel com as mãos enfiadas nas mangas. Richard encontrou o cabo da espada. Ele trabalhou lentamente para tirá-la da bainha. Ele recuou enquanto lutava para invocar a magia.

Quando a fúria fluiu dentro do cérebro nebuloso dele, Jedidiah tirou as mãos das mangas. Ele tinha uma Dacra. O braço dele levantou, a faca prateada em seu punho. Richard imaginou o que deveria fazer, e se isso era real. Talvez acordasse e descobrisse que era apenas um sonho.

No ápice do golpe dele, pareceu que uma luz saiu dos olhos de Jedidiah. Lentamente no começo, e então com crescente velocidade, Jedidiah tombou para frente, batendo primeiro com o rosto no chão de pedra.

Uma onda de escuridão espalhou-se pelo corredor.

Quando a luz da tocha voltou, Irmã Verna estava parada perto do local onde Jedidiah estava. Ela estava com uma Dacra na mão. Richard caiu de joelhos, ainda tentando recuperar o raciocínio.

Irmã Verna correu, colocando as mãos nos lados da cabeça dele. A mente dele ficou alerta bruscamente. Quando levantou, ele olhou para o corpo, vendo um pequeno, furo arredondado nas costas.

“Pensei que era melhor eu ir falar com algumas das Irmãs,” ela explicou. “Percebi que quanto mais pessoas souberem sobre as Irmãs do Escuro, melhor.”

“Era ele, não era? Era aquele que você amava.”

Ela enfiou a Dacra de volta em sua manga. “Ele não era o Jedidiah que eu conheci. O Jedidiah que eu conheci era um bom homem.”

“Sinto muito, Irmã Verna.”

Ela assentiu distraidamente. "Vá falar com os guardas. Eu falarei com as Irmãs. Me encontre no quarto de Nathan quando terminar. Acho que será melhor se tivermos algumas horas de sono lá, ao invés de nossos quartos."

"Acho que você está certa. Podemos pegar nossas coisas quando for dia, e então partir."

* * *

Quando ele escutou Nathan entrar no quarto, Richard endireitou o corpo na cadeira e esfregou os olhos. Irmãs Verna levantou mais rápido ainda do sofá. Richard piscou, tentando afastar a nebulosidade do sono.

Os levantaram tarde. O Palácio todo estava alvoroçado. O que aconteceu no escritório da Prelada era prova bastante das míticas Irmãs do Escuro. Quem duvidava precisava apenas dar uma olhada nas aberturas rasgadas através de uma dúzia de paredes, ou nas árvores e pedras partidas, para saber que nada além de Magia Subtrativa tinha sido usado.

Richard enviou os guardas para procurar discretamente pelas seis Irmãs: Irmã Ulicia e suas cinco professoras. As Irmãs também estavam procurando. Ele também foi conversar com Warren, para contar o que aconteceu.

Richard esticou as pernas quando levantou. "Como ela está? Ela vai se recuperar?"

Nathan parecia cansado. "Ela está descansando de maneira mais confortável, mas é cedo demais para dizer. Quando ela tiver descansado, poderei fazer mais."

"Obrigado, Nathan. Sei que Ann não poderia estar em mãos melhores do que as suas."

Ele adicionou um grunhido na sua expressão amarga. "Está me pedindo para curar minha carcereira."

"Ann ficará agradecida. Talvez ela pense novamente a respeito de manter você preso. Se não fizer isso, eu voltarei e verei o que posso fazer."

"Voltará? Vai para algum lugar, meu rapaz?"

“Sim, Nathan, e preciso da sua ajuda.”

“Se ajudar você, você pode enfiar na sua cabeça dura a ideia para destruir o mundo.”

Nathan soltou um suspiro cansado. “O que você quer?”

“Como posso passar pela barreira ? Minha coleira me impede.”

“O que faz você pensar que eu saberia?”

Richard deu um passo furioso na direção do velho mago. “Nathan, não faça joguinhos comigo. Não estou com humor para isso e é importante demais. Você conseguiu atravessar. Foi pegar o livro da Fortaleza do Mago em Aydindril com Ann. Lembra?”

Ele alisou as mangas. “É uma simples questão de colocar um escudo no Rada'Han. Ann me ajudou a atravessar; Irmã Verna pode fazer a mesma coisa para você. Vou explicar a ela como fazer.”

“E quanto ao Vale dos Perdidos? Posso voltar passando por ele?”

Nathan, seus olhos repentinamente atentos com uma aparência sombria, balançou a cabeça. “Você ganhou poder demais. A coleira ajudou ele a crescer. Você também vai atrair os feitiços. Irmã Verna não pode atravessar de novo; ela já atravessou duas vezes. Além disso, agora ela tem poder demais. Ao ter passado duas vezes, e absorvido o dom das outras duas Irmãs, ele ficou presa aqui.”

“Então como você atravessou três vezes ? Você é de D'Hara, isso foi uma. Você foi para o Mundo Novo outra vez com Ann, e voltou. Assim foram três vezes. Como fez isso, se não pode ser feito?”

Um sorriso manhoso apareceu nos lábios dele. “Não passei pelo vale três vezes. Apenas uma.” Ele levantou uma das mãos para silenciar os argumentos de Richard. “Ann e eu não passamos pelo vale. Passamos ao redor do obstáculo. Navegamos ao redor do limite dos feitiços, bem distante no mar, finalmente desembarcando nas áreas mais ao sul de Westland. É uma longa jornada, e não é realizada de modo fácil, mas nós fizemos a travessia. Não são muitos que fazem.”

“Pelo mar!” Richard olhou para a Irmã Verna. “Não tenho esse tempo. Não falta nem uma semana para o solstício de inverno.

Tenho que passar através do vale.”

“Richard,” Irmã Verna falou com voz suave, “Posso entender como você está se sentindo, mas vai levar quase o mesmo tempo para chegar até o Vale dos Perdidos. Mesmo que encontrasse uma maneira de atravessar, não há tempo para chegar onde você deseja ir.”

Richard controlou sua raiva. “Sou um mago inexperiente. Não posso contar com meu dom. Na verdade, não me importo se algum dia vou aprender a usá-lo.

“Mas também sou o Seeker. Nisso, Irmã Verna, não sou inexperiente. Nada vai me deter.”

“Nada. Fiz uma promessa para Kahlan de que se eu tiver que ir até o submundo e lutar com o próprio Guardiã, para protegê-la, eu farei isso.”

A expressão de Nathan ficou sombria. “Eu avisei, Richard. Se aquela profecia for impedida de acontecer, o Guardiã terá todos nós. Você não deve tentar impedir isso. Você tem o poder de entregar o mundo dos vivos ao Guardiã.”

“Isso é apenas um enigma sem sentido,” Richard rosnou, frustrado, embora soubesse muito bem o significado daquilo.

O olhar raivoso de Nathan era o de um Rahl, o olhar que Richard tinha herdado. “Richard, a morte faz parte da vida.”

“O Criador também fez ela. Se fizer a escolha errada, todos os vivos pagarão o preço de sua teimosia.”

“E Richard, não esqueça do que eu falei sobre a Pedra das Lágrimas. Se fizer uso inadequado dela para banir uma alma para as profundezas do submundo, vai destruir o equilíbrio entre tudo.”

“Pedra das Lágrimas?” Irmã Verna falou com um tom que mostrava suspeita. “O que Richard tem a ver com a Pedra das Lágrimas?”

Richard virou para Irmã Verna. “Estamos ficando sem tempo. Vou até o meu quarto pegar minhas coisas. Precisamos seguir nosso caminho.”

“Richard,” Nathan falou, “Ann colocou sua fé em você. Permitiu que tivesse o amor de sua família, para que assim talvez você

tivesse uma melhor compreensão do significado da vida. Por favor, considere isso quando a hora da escolha estiver sobre você.”

Richard olhou para Nathan por um momento. “Obrigado por sua ajuda, Nathan, mas não vou deixar aquela que eu amo morrer por causa de um enigma em um livro velho. Espero ver você novamente. Nós temos muita coisa para conversar.”

* * *

Richard jogou a tigela cheia de moedas de ouro no fundo da mochila dele antes de enfiar o resto das coisas.

Ele concluiu que se isso ajudasse a salvar Kahlan, então seria o mínimo que o Palácio poderia fazer, depois de tudo que fizeram com ele.

O ouro era uma gentileza que fazia o resto dos homens jovens no Palácio ficarem acostumados com a preguiça. Prejudicava a humanidade deles, como Nathan falou. Talvez fosse por isso que Jedidiah aceitou as promessas do Guardião.

Richard duvidava que qualquer um dos jovens magos, a não ser Warren, tivesse trabalho um dia desde que chegaram aqui e tiveram acesso a ouro ilimitado, mas nenhum conhecimento sobre o valor dele. Apenas mais um jeito através do qual o Palácio dos Profetas destruiu vidas. Ficou imaginando quantas crianças de jovens magos aquele ouro tinha gerado.

Richard saiu até a sacada para dar uma olhada antes de partir. Guardas estavam patrulhando as áreas. Irmãs também, estavam procurando diligentemente cada construção e corredor coberto. De algum jeito as Irmãs teriam que cuidar daquelas seis. Certamente ele não tinha ideia alguma sobre como conter o poder delas.

Quando escutou a porta na sala da frente, ele considerou que seria Irmã Verna. Eles precisavam ir embora.

Quando virou e olhou, não teve tempo para reagir.

Pasha estava correndo pelo quarto na direção dele. Ela jogou as mãos para cima. As portas explodiram de suas dobradiças e voaram por cima da grade da sacada, caindo trinta pés até o pátio pavimentado com pedras abaixo.

O impacto da sólida parede de ar jogou ele para trás. Apenas a grade evitou que ele fosse lançado junto com as portas despedaçadas. O ar foi arrancado de seus pulmões, e uma forte dor no lado dele impediu que respirasse outra vez.

Enquanto se afastava assustado da beira da sacada, outro golpe jogou ele para trás mais uma vez, dessa vez fazendo ele bater a cabeça no corrimão de pedra. Ele viu um jato de sangue atingir a pedra antes que o chão o recebesse.

Pasha estava gritando de raiva. No início, as palavras dela não eram nada além de um zumbido incoerente em sua mente. Ele se esforçou para levantar usando as mãos. Sangue estava escorrendo da cabeça dele. Uma poça estava espalhada debaixo dele.

Cambaleando, ele virou para o lado.

Ele conseguiu sentar e encostar na grade. "Pasha, o que..."

"Mantenha sua boca suja fechada! Não vou escutar mais nada!"

Ela estava parada no portal, com os punhos nos lados do corpo. Um dos punhos segurava uma Dacra. Lágrimas desciam pelas bochechas dela.

"Você é uma cria do Guardião! Você é um obsceno discípulo do Guardião! Não faz nada além de machucar as pessoas!"

Richard colocou as mãos na cabeça. Elas ficaram cobertas de sangue. Ele estava tão tonto que precisou se esforçar para não vomitar.

"Do que você está falando?" ele conseguiu resmungar.

"Irmã Ulicia falou! Ela falou que você serve ao Guardião! Falou como você matou Irmã Liliana!"

"Pasha, Irmãs Ulicia é uma Irmãs do Escuro..."

"Ela disse que vocêalaria isso! Disse como você usou a sua magia odiosa para matar Irmã Finella e a Prelada! Era por isso que sempre estava querendo ir até o escritório da Prelada! Assim você poderia matar nossa líder na Luz! Você é sujo!"

O mundo ondulava diante dos olhos dele. Ele enxergava duas imagens dela, girando e girando uma ao redor da outra. "Pasha... isso não é verdade."

“Apenas os truques do Guardião salvaram você ontem. Você deu para outras pessoas aquele casaco que eu adorava, para me humilhar!”

“Irmã Ulicia falou como o Guardião sussurra no seu ouvido!”

“Deveria ter acabado com você quando encontrei na ponte; então nada disso teria acontecido. Mas pensei tolaemente que poderia salvar você das garras do Guardião! Aquelas Irmãs, e a Prelada, estariam vivas agora se eu tivesse terminado o trabalho. Falhei com o Criador quando você me enganou para que eu matasse Perry, mas isso não vai salvá-lo de novo. Seus truques desprezíveis do submundo não vão salvá-lo de novo!”

“Pasha, por favor, me escute. Você está sendo enganada. Por favor escute. A Prelada não está morta. Posso levar você até ela.”

“Você quer me matar também! Nas suas conversas isso é tudo que fala - matar! Você profana todas nós! E pensar que eu poderia ter achado que amava você!”

Ela levantou a Dacar e, com um grito, correu para cima dele. De algum jeito Richard conseguiu puxar a espada, tentando decidir confusamente qual das imagens dela tentaria deter. A fúria, a magia da espada, transmitiu força para os braços dele. Levantou a espada quando ela mergulhou em cima dele, com a Dacra no punho. As duas imagens dela se uniram.

A espada jamais a tocou. Com um grito, ela foi projetada por cima da grade acima dele. Ela gritou durante todo o percurso. Os olhos de Richard fecharam com força quando ele ouviu o grito dela silenciar no momento em que bateu no chão.

Richard abriu os olhos para ver um Warren assustado parado no portal. Ele lembrou da queda de Jedidiah nas escadas.

“Oh, queridos espíritos, não,” Richard sussurrou.

Ele levantou e deu uma rápida olhada por cima da grade. Pessoas corriam de várias direções até o corpo. Warren estava se arrastando desajeitadamente na direção da grade. Richard parou ele no meio do caminho.

“Não, Warren, não olhe.”

Lágrimas encheram os olhos de Warren. Richard colocou os braços em volta do amigo. *Porque você fez aquilo*, ele pensou, *eu*

poderia ter feito. Eu faria aquilo. Você não precisava.

Por cima do ombro de Warren, Richard viu Irmã Verna parada no quarto.

“Ela matou Perry,” Warren falou. “Ouvi ela admitir isso. Ela mataria você.”

Eu poderia ter feito, Richard pensou, você não precisava fazer. Mas ao invés disso ele falou, “Obrigado, Warren. Você salvou minha vida.”

“Ela mataria você,” ele gritou no ombro de Richard. “Porque ela faria isso?”

Irmã Verna colocou uma das mãos nas costas de Warren. “Ela foi enganada pelas Irmãs do Escuro. O Guardião encheu a mente dela com mentiras. Ela escutou os sussurros da escuridão. O Guardião pode fazer até mesmo os bons escutarem seus sussurros. Você fez uma coisa muito corajosa, Warren.”

“Então porque me sinto tão envergonhado ? Eu a amava, e matei ela.”

Richard simplesmente segurou ele enquanto chorava.

Irmã Verna levou eles de volta para o quarto. Fez Richard curvar para enquanto examinava sua cabeça.

Sangue estava pingando no chão todo.

“Isso deve ser tratado. Não consigo consertar um dano tão sério.”

“Eu consigo,” Warren disse. “Sou muito bom em curar. Deixe que eu faça.”

Quando Warren tinha acabado, Irmã Verna fez Richard colocar a cabeça sobre uma bacia enquanto derramava uma jarra de água sobre ele, lavando o sangue. Warren sentou na ponta de uma cadeira, com a cabeça dele nas mãos.

Richard pensou que precisaria da bacia.

A cabeça de Warren levantou quando a Irmã Terminou. “Entendi a regra que você falou. As pessoas acreditarão em uma mentira porque desejam acreditar que é verdade, ou porque estão com medo que seja. Exatamente como Pasha acreditou em uma mentira. Estou certo?”

Richard sorriu. “Está, Warren.”

Warren conseguiu mostrar um fraco sorriso. "Irmã Verna, você consegue tirar essa coleira de mim?"

Irmãs Verna hesitou. "Você teria que passar pelo teste da dor, Warren."

"Irmã," Richard falou. "O que acha que ele acabou de fazer?"

"O que você quer dizer?"

"Os jovens magos enviados de volta através do vale conseguem passar porque não possuem poder suficiente para atrair os feitiços, eles ainda não são magos completos. Zedd falou que os magos precisam passar por um teste de dor.

"Durante o milênio, as Irmãs tem relacionado isso com fazer eles suportarem dor física. Acho que elas estão erradas. Acho que o teste que Warren acabou de passar tem mais dor do que as Irmãs poderiam causar. Estou certo, Warren?"

Ele assentiu, seu rosto ficando pálido novamente. "Nada que elas já fizeram machucou como isso."

"Irmã, lembra quando eu falei como eu fiz a lâmina da espada ficar branca, e matei aquela mulher por amá-la? Talvez aquilo também fosse um tipo de teste de dor. Sei muito bem como aquilo machucou."

Ela afastou as mãos com pavor. "Realmente acha que alguém com o dom deve matar alguém que ama para passar no teste? Richard, isso não pode ser verdade."

"Não, Irmã, eles não precisam matar alguém que amam. Mas devem provar que podem tomar a decisão certa."

"Devem provar que possuem o que é necessário para escolher o bem maior. Alguém com o dom seria um bom servo para esse seu Criador, para a esperança da vida, se conseguissem agir apenas por necessidades egoístas?"

"Causar alguma dor, como as Irmãs fazem, não prova nada exceto que a vítima não morre. Servir a luz da vida, e amar a vida, não exigiria que a pessoa provasse ao invés disso que por meio de seu próprio livre arbítrio ela escolheria o certo, escolheria essa luz da vida e o amor por todas as pessoas?"

"Querido Criador," ela sussurrou, "será que nós interpretamos errado todo esse tempo?" A mão dela cobriu sua boca por um

momento.

“E nós pensamos que estávamos trazendo a Luz do Criador para esses garotos.”

A Irmã Verna ficou com as costas eretas ao decidir. Ficou parada na frente de Warren, colocando as mãos nos lados do Rada'Han dele. Enquanto ela permanecia com os olhos fechado, suas mãos na coleira, houve uma vibração no ar. Depois de um momento, o silêncio tomou conta do quarto, e então Richard escutou um estalo. O Rada'Han partiu e caiu.

Warren pareceu confuso com a visão da coleira partida. Richard queria que pudesse ser tão fácil assim para ele.

“O que vai fazer agora, Warren?” Richard perguntou. “Vai abandonar o Palácio?”

“Talvez. Mas primeiro eu gostaria de estudar os livros mais um pouco, se as Irmãs permitirem.”

“Elas permitirão,” Irmã Verna falou. “Eu cuidarei disso.”

“Então, talvez eu gostasse de viajar para Aydindril, até a Fortaleza do Mago, e estudar os livros e profecias que você falou que estão guardadas lá.”

“Isso parece um plano sábio, Warren. Irmã, eu tenho que ir.”

“Warren,” ela falou, “porque não vem junto até que eu chegue ao vale? Agora você está livre.” Ela olhou para a sacada. “Acho que seria bom para você ficar longe daqui por algum tempo, e pensar em outras coisas. E alguma ajuda poderia ser útil quando chegarmos ao vale, se Richard fizer o que acho que ele está pensando fazer.”

“Verdade ? Eu gostaria disso.”

Quando os três carregavam suas coisas na direção dos estábulos, três guardas - Kevin, Walsh, e Bollesdun - avistaram eles e correram para alcançá-los.

“Podemos ter encontrado elas, Richard,” Kevin falou.

“Podem ter encontrado? O que você quer dizer? Onde elas estão?”

“Bem, noite passada, o Lady Sefa levantou velas. Conversamos com algumas pessoas lá nas docas que disseram ter visto algumas mulheres, talvez as Irmãs, subirem a bordo. A maioria concorda que

viram seis mulheres subirem a bordo na escuridão, pouco antes do barco navegar.”

“Navegar!” Richard grunhiu. “O que é o Lady Sefa?”

“Um navio. Um grande navio. Elas partiram com a maré de ontem, tarde da noite. Elas estão com uma boa dianteira, e pelo que eu ouvi, não existe navio algum no porto que consiga alcançar o Lady Sefa, ou ir tão longe no mar.”

“Não podemos ir atrás delas, e fazer a sua outra tarefa,” Irmã Verna falou.

Richard ajeitou sua mochila, inquieto. “Você tem razão. Se forem elas realmente, elas foram embora por enquanto, mas sei para onde elas estão seguindo. Teremos que cuidar delas depois. Pelo menos o Palácio dos Profetas está seguro. Temos coisas mais importantes para cuidar no momento. Vamos pegar os cavalos, e seguir nosso caminho.”

CAPÍTULO 67



Kahlan correu pelos corredores escuros de pedra e através da câmaras semelhantes a tumbas. Os primeiros raios de luz lançaram feixes dourados pela parede de granito cinzento do lado oposto das janelas enquanto ela corria subindo por uma escadaria leste. O coração dela pulsava acelerado com o esforço. Não parou de correr desde que Jebra falou que tinha visto uma luz na Fortaleza do Mago: que Zedd estava de volta.

Lembrou como era correr com o cabelo longo: o peso dele, o modo como ele se espalhava para trás, ondulando com os passos dela. Agora não sentia nada daquilo. Mas isso não importava; ela sentia apenas desesperado entusiasmo que Zedd estivesse de volta. Ela estivera esperando tanto tempo. Gritou o nome dele enquanto corria.

Entrou correndo na sala de leitura bagunçada e parou repentinamente, ofegante. Zedd estava em pé atrás de uma mesa com livros e papéis espalhados em cima dela, exatamente como ela lembrava da última vez que tinha visto aquilo, meses atrás. Velas em suportes forneciam para a sala um leve brilho. A sala de leitura tinha apenas uma janela, voltada para o céu escuro do oeste.

Um homem grande com sobrancelhas grossas, com a maior parte do cabelo cinzento, e um rosto marcado maltratado pelo tempo levantou os olhos de uma bengala que estava inspecionando. Adie estava sentada em uma cadeira de um lado, sua cabeça se movia rapidamente na direção dos sons. Zedd inclinou a cabeça exibindo uma expressão curiosa.

"Zedd!" Ela engoliu ar. "Oh, Zedd, estou tão aliviada em ver você."

“Zedd?” Ele virou na direção do homem grande. “Zedd?” O homem grande assentiu. “Mas eu gosto de Ruben.”

“Zedd! Preciso da sua ajuda!”

“Quem está aí?” Adie falou de sua cadeira.

“Adie, sou eu. Kahlan.”

“Kahlan?” Ela virou a cabeça para Zedd. “Quem é Kahlan?”

Zedd encolheu os ombros. “Uma bela garota com o cabelo curto. Parece que ela nos conhece.”

“Do que você está falando! Zedd, preciso de ajuda! Richard está com problemas! Preciso de você!”

A testa de Zedd franziu de confusão. “Richard. Conheço esse nome. Eu acho...”

Kahlan estava frenética. “Zedd, qual é o problema! Não está me reconhecendo? Por favor Zedd, preciso de você. Richard precisa de você.”

“Richard...” Ele esfregou o queixo liso enquanto olhava fixamente para a mesa, pensativo. “Richard...”

“O seu neto! Queridos espíritos, não conhece o seu próprio neto!”

Ele ficou olhando para a mesa, pensando. “Neto... parece que me lembro... não, não posso dizer que lembro.”

“Zedd! Escute! As Irmãs da Luz estão com ele! Elas levaram ele!”

Kahlan ficou parada, em silêncio, recuperando o fôlego. Os olhos cor de avelã de Zedd levantaram lentamente para observar os dela. O rosto dele perdido na curiosidade enquanto as sobrancelhas se juntavam para obscurecer o seu olhar. “As Irmãs da Luz estão com Richard?”

Kahlan tinha visto magos zangados, mas nunca tinha visto uma expressão como a dos olhos de Zedd nos olhos de nenhum mago.

“Sim,” ela falou. Esfregou as palmas das mãos molhadas nos quadris enquanto observava uma rachadura que subia na parede de pedra atrás dele. “Elas vieram e levar am ele.”

Zedd colocou as articulações dos dedos na mesa e inclinou na direção dela. “Isso não é possível. Elas não poderiam levá-lo a não

ser que ele tivesse uma das malditas coleiras delas no pescoço. Richard não colocaria uma coleira no pescoço dele.”

Os joelhos de Kahlan estavam começando a tremer. “Ele colocou.”

A expressão irada dele parecia ser capaz de colocar fogo no próprio ar. “Porque ele colocaria a coleira delas no pescoço, Confessora?”

“Porque,” ela falou com uma voz fraca, “eu fiz ele colocar.”

As velas sobre um dos suportes perto dele derreteram subitamente, derramando a cera delas e formando poças ardentes no chão. Os braços de ferro que seguravam as velas murcharam, como uma planta precisando de água. O homem grande recuou na direção da parede com estantes.

A voz de Zedd brotou em um sussurro ameaçador. “Você fez o quê, Confessora?”

A sala ecoou com o silêncio enquanto ela ficava tremendo. “Ele não queria. Tive que fazer isso. Falei para ele que precisava colocar ela para provar que me amava.”

Kahlan pensou ter sentido que havia batido na parede. Não conseguia entender porque estava deitada no chão. Com esforço ela começou a levantar com braços trêmulos. Ela arfou quando foi levantada repentinamente e lançada contra a parede novamente.

Zedd, com os olhos furiosos, estava bem na frente dela. “Você fez aquilo com Richard!”

A cabeça de Kahlan girou. A própria voz dela soava distante. “Você não entende. Eu tive que fazer. Zedd, preciso da sua ajuda.”

“Richard pediu para encontrar você, e contar o que eu tinha feito. Por favor Zedd, ajude ele.”

Furioso, Zedd bateu com a costa da mão no rosto dela. Ela arranhou as mãos no chão de pedra quando caiu. Ele a levantou do chão e bateu com ela na parede mais uma vez.

“Não posso ajudá-lo! Ninguém pode! Sua tola!”

Lágrimas rolaram pelo rosto dela. “Porquê? Zedd, temos que ajudar ele!”

Ela levantou os braços na frente do rosto para se proteger quando ele levou a mão para trás novamente. Isso não ajudou. A

cabeça dela bateu na parede de novo. A sala girou. Todo o corpo dela estava tremendo. Nunca tinha visto um mago com tanta raiva fora de controle. Kahlan sabia que ele a mataria por causa daquilo que tinha feito com Richard.

“Sua tola. Sua tola traíçoeira. Agora ninguém pode ajudá-lo.”

“Por favor, Zedd. Você pode. Por favor, ajude ele.”

“Nem mesmo eu. Ninguém pode chegar até ele. Não posso passar pelas torres. Richard está perdido. Tudo que me restava está perdido.”

“O que você quer dizer com, está perdido?” Com dedos trêmulos, ela limpou o sangue do canto da boca. Não enxugou as lágrimas. “Ele vai voltar. Ele tem que voltar.”

Os olhos de Zedd não se afastaram dos olhos dela quando balançou a cabeça lentamente. “Não enquanto algum de nós estivermos vivos. O Palácio dos Profetas está dentro de um feitiço de tempo. Richard estará lá durante os próximos trezentos anos enquanto elas o treinam. Nunca o veremos novamente. Ele está perdido para esse mundo.”

Kahlan balançou a cabeça. “Não. Queridos espíritos, não. Não pode ser. Nós veremos ele. Não pode ser verdade!”

“Verdade, Madre Confessora. Você colocou ele além de qualquer ajuda. Nunca mais verei meu neto. Você nunca mais verá. Richard não voltará para esse mundo durante trezentos anos. Por sua causa.”

“Porque fez ele colocar aquela coleira para provar que ama você.”

Ele virou as costas para ela. Kahlan caiu de joelhos. “Nãoooo!” Ela bateu com os punhos no chão. “Queridos espíritos, porque fizeram isso comigo!” Ela gritou no meio de soluços. “Richard, meu Richard.”

“O que aconteceu com seu cabelo, Madre Confessora?” Zedd perguntou com um tom ameaçador, ainda de costas para ela.

Kahlan sentou em cima dos calcanhares. “O que isso importa. O Conselho me acusou de traição. Recebi a sentença de execução. De ser degolada. Todas as pessoas comemoraram com o pronunciamento da sentença.”

“Todos queriam ver isso. Mas escapei.”

Zedd assentiu. “O povo terá seu desejo atendido.” Ele agarrou o que restava do cabelo dela e começou a arrastá-la da sala. “Pelo que você fez, você será degolada.”

“Zedd!” ela gritou. “Zedd! Por favor, não faça isso!”

Ele usou magia para arrastá-la pelo corredor como um saco de penas.

“Amanhã, no festival do solstício de inverno, o povo terá o seu desejo atendido. Eles verão a Madre Confessora ser degolada. Como Primeiro Mago, vou cuidar disso. Providenciarei para que seja feito.”

Kahlan ficou mole. O que importava? Os bons espíritos abandonaram ela. Eles retiraram tudo dela que importava.

Pior, ela mesma condenou Richard a trezentos anos da coisa que ele mais temia.

Ela queria morrer. A morte não poderia vir rápido o bastante para ela.

* * *

Richard ficou parado com as mãos na cintura enquanto observava as nuvens escuras formadas pelos feitiços ao longe, no Vale dos Perdidos. Elas pareciam lindas ao nascer do sol, com bordas douradas e faixas de raios cintilantes.

Mas ele sabia que elas eram mortais.

Du Chaillu colocou uma das mãos carinhosamente no braço dele. “Meu marido me deixa orgulhosa hoje. Ele devolve nossa terra para nós, como as antigas palavras previram.”

“Já expliquei para você uma dúzia de vezes, Du Chaillu; eu não sou o seu marido. Simplesmente você interpretou errado as antigas palavras. Elas apenas significam que devemos fazer isso juntos. E ainda não fizemos. Gostaria que você viesse comigo sem trazer todos os outros. Nem sei se isso vai funcionar. Poderíamos morrer.”

Ela bateu levemente no braço dele, de maneira tranquilizadora. “O Caharin veio. Ele pode fazer qualquer coisa. Ele vai devolver nossa terra.” Ela o deixou com seus pensamentos e começou a retornar para o acampamento. “Todo o nosso povo deveria estar

conosco. É um direito deles.” Ela parou e virou. “Vamos partir em breve, Caharin?”

“Breve,” Richard falou distraidamente.

Ela começou a se afastar novamente. “Estarei com nosso povo quando você estiver pronto para mim.”

Toda a nação Baka Ban Mana estava acampada atrás deles. Milhares e milhares de tendas estavam espalhadas pelas colinas, com cogumelos depois de um mês de chuva. Ele não conseguiu ser capaz de falar para que não viessem, de convencer eles a esperar, então estavam todos aqui, com ele.

Richard suspirou. Que diferença fazia? Se ele estivesse errado, e isso falhasse, não tinha razão para se preocupar que todos os Baka Ban Mana ficassem desapontados com ele. Ele estaria morto.

Warren e Irmã Verna aproximaram-se devagar.

“Richard,” Warren disse, “podemos falar com você?”

Richard continuou a observar as tempestades. “Claro, Warren.” Deu uma olhada para trás. “O que está em sua mente?”

Warren enfiou as mãos nos lados opostos das mangas de seu manto. Quando ele fez aquilo, Richard pensou que isso fazia ele parecer muito com um mago. Warren algum dia acabaria se transformando na ideia que Richard tinha sobre como um mago deveria ser: sábio, misericordioso, e cheio de um conhecimento que Richard só poderia ficar maravilhado. Quer dizer, se eles todos não morressem.

“Bem, Irmã Verna e eu estávamos conversando. Sobre o que acontece depois que você passa pelo vale. Richard, eu sei o que você quer fazer, mas o nosso tempo acabou. Nunca houve tempo o bastante para começar. Amanhã é o solstício de inverno. Isso não pode ser feito.”

“Só porque não sabe como fazer algo, não significa que não pode ser feito.”

“Eu não entendo.”

Richard sorriu para eles. “Vai entender. Vai entender em poucas horas.”

Warren olhou na direção do vale. Coçou o nariz preguiçosamente. “Se você diz,

Richard.”

Irmã Verna não falou nada. Richard ainda estava tentando se acostumar com o fato dela não discutir sempre que ele dizia alguma coisa oblíqua. Ele não tinha certeza se ela não queria discutir.

“Warren, sobre a profecia, aquela sobre o portal e o solstício de inverno. Tem certeza que é sobre esse solstício de inverno?” Warren assentiu. “E se houvesse um agente, com uma caixa de Orden aberta, e o osso do skrin, esses seriam os únicos elementos necessários para abrir o portal, para rasgar o véu?”

Uma brisa quente agitou o cabelo de Warren. “Sim... mas você falou que Darken Rahl está morto. Não existe agente algum.”

Aquilo soou mais como uma pergunta preocupada do que uma afirmação.

Warren jogou o peso do corpo para o outro pé. “Bem, não necessariamente, eu acho. Se ele fosse chamado de volta a este mundo de algum modo, mas não vejo como isso poderia ser feito, mas se fosse feito, isso seria tudo que era preciso.”

Richard suspirou de frustração. “E então esse agente espírito poderia fazer as coisas que o agente vivo teria feito?”

A suspeita se espalhou no rosto de Warren. “Bem, sim e não. Isso exigiria outro elemento. Um espírito não pode realizar as coisas físicas necessárias para completar o pacto. Ele precisaria de um auxiliar.”

“Você está querendo dizer que o espírito não poderia realizar algumas das tarefas necessárias, então precisaria de mãos que fariam o trabalho nesse mundo.”

“Sim. Com um ajudante, um espírito poderia fazer o que fosse preciso. Mas como um agente poderia ser chamado de volta para este mundo? Não consigo ver como isso poderia ser feito.”

Irmã Verna olhou para longe. “É melhor contar para ele.”

Richard levantou a camisa e mostrou para Warren a cicatriz. “Darken Rahl me queimou com sua mão, quando sem querer chamei ele de volta para este mundo. Ele falou que estava aqui para rasgar o véu.”

Os olhos de Warren ficaram arregalados. O olhar preocupado disparou na direção da Irmã, e então de volta para Richard. “Se

Darken Rahl for um agente, como você disse, e ele tiver alguém para ajudá-lo, então estamos apenas a um elemento de distância da destruição - o osso do skrin. Precisamos saber."

Richard jogou a capa do mriswith sobre o ombro. "Irmã Verna, você me ajudaria?"

"O que você gostaria que eu fizesse?"

"Na primeira vez que você me falou como tocar o meu Han, eu decidi me concentrar em uma imagem mental da minha espada. Mas daquela vez, na primeira vez, usei um fundo para colocar ela. Foi algo do livro de magia sobre o qual falei. O Livro das Sombras Contadas."

"Quando tentei tocar o meu Han, com a espada sobre aquele fundo, alguma coisa aconteceu. De algum modo eu estava em D'Hara, no Palácio do Povo, onde as caixas estão. Eu vi Darken Rahl. Ele me viu também, e falou comigo."

"Ele disse que estava esperando por mim."

As sobrancelhas de Irmã Verna levantaram. "Isso aconteceu alguma outra vez?"

"Não. Isso me assustou demais. Nuca mais usei aquela imagem de fundo. Acho que se eu usar aquele fundo agora, talvez eu consiga ver o que está acontecendo lá."

Ela cruzou as mãos na frente do corpo. "Nunca ouvi falar de uma coisa assim. Mas deve ter alguma coisa a ver com a Magia de Orden. Essa não seria a primeira coisa sobre você que me surpreende. Poderia ser real, ou apenas um medo, como um sonho."

"Preciso tentar. Você pode sentar comigo? Tenho medo de não conseguir retornar."

"Claro, Richard." Ela sentou no chão e levantou uma das mãos. "Venha. Estarei com você."

Richard colocou a capa do mriswith em volta dele enquanto sentava, dobrando as pernas. "Essa coisa esconde o meu Han, talvez ela funcione para impedir que Darken Rahl me veja dessa vez."

Richard relaxou quando segurou as mãos da Irmã Verna. Concentrou-se na imagem mental da espada contra o quadrado negro com uma borda branca, como tinha feito na primeira vez.

Enquanto ele se concentrava, buscando o centro de calma, algo começou a acontecer.

A espada, o quadrado negro, e a borda branca todos começaram a tremular como se fossem vistos através de ondas de calor, do mesmo jeito que na primeira vez. A forma sólida da espada suavizou, tornando-se transparente, e então desapareceu. O fundo dissolveu. Mais uma vez, Richard estava olhando dentro do Jardim da Vida, no Palácio do Povo.

Ele procurou na imagem translúcida, vendo ossos brancos onde antes tinha visto corpos queimados. Lembrou deles jogados por cima dos muros baixos, em arbustos, e espalhados sobre a grama. A maioria estava nos lugares que ele lembrava, só que agora a maioria havia se transformado em ossos expostos.

Richard viu a cintura branca cintilante de Darken Rahl, mas ele não estava diante do altar de pedra, diante das três Caixas de Orden. Estava perto do círculo que estava com areia branca. A areia não estava lá na última vez que ele teve essa visão.

Uma mulher com uma longa saia marrom e camisa branca ajoelhou aos pés de Darken Rahl, curvada sobre o círculo de areia.

Richard chegou mais perto. Ela estava desenhando linhas na areia de feiticeira cintilante. Richard lembrou de alguns dos símbolos que ela estava desenhando; Darken Rahl havia desenhado eles quando abriu a caixa.

Richard observou a mão dela movendo lentamente, cuidadosamente, enquanto ela desenhava as linhas de feitiços. A mão direita dela, ele notou, estava sem o dedo mínimo.

No centro do círculo, no meio da areia de feiticeira, estava um objeto arredondado. Richard chegou mais perto. Estava todo entalhado com imagens de bestas, exatamente como a Prelada descreveu.

Richard queria gritar de fúria.

De repente, Darken Rahl levantou o rosto, e olhou bem dentro dos olhos de Richard. Um sorriso apareceu nos seus lábios lentamente.

Richard não sabia se Darken Rahl estava realmente olhando para ele ou não, mas não esperou para descobrir. Com esforço

desesperado, forçou de volta a imagem da espada em sua mente, como se fechasse uma porta, ao mesmo tempo banindo o fundo preto e branco.

Arfando, Richard abriu os olhos. Seu peito pulsava.

Os olhos da Irmã Verna abriram também. "Richard, você está bem? Ficou assim durante uma hora. Senti você tentando retornar, então ajudei você. O que aconteceu? O que você viu?"

"Uma hora?" Richard ainda estava tentando recuperar o fôlego. "Eu vi Darken Rahl, e o osso do skrin. Tinha uma mulher lá, ajudando ele a desenhar feitiços na areia de feiticeira."

Warren inclinou por cima do ombro de Richard. "Talvez fosse apenas uma visão de medo. Pode não ter sido real."

"Warren poderia estar certo," Irmã Verna falou. Ela encostou o lábio inferior nos dentes enquanto pensava. "Qual era a aparência da mulher?"

"Cabelo castanho ondulado na altura do ombro, talvez da sua altura. Ela estava curvada, desenhando na areia, então não consegui ver os olhos dela." Richard encostou os dedos na testa enquanto pensava. "A mão dela. Faltava o dedo mínimo na mão direita."

Warren grunhiu. Os olhos de Irmã Verna fecharam.

"O que foi? Qual é o problema?"

"Irmã Odette," ela falou. "Essa é a Irmã Odette."

Warren assentiu confirmando. "Ela ficou fora por quase seis meses. Pensei que tivesse saído para buscar um garoto."

"Malditos espíritos," Richard falou nervoso. Levantou num pulo. "Warren, corra e vá buscar Du Chaillu. Diga a ela que devemos partir agora mesmo."

Ele cerrou os dentes com força de tanta frustração. Havia pensado que tinha todo o tempo que precisava. Bem, ainda tinha tempo bastante, se ele se apressasse.

* * *

Du Chaillu parecia estar em transe enquanto Richard puxava ela pela mão. Com a Espada da Verdade na outra mão, Richard também estava mergulhado em um mundo só dele. Sua fúria

trovejante enfrentava as raivosas nuvens negras. Os feitiços da magia circulavam em volta deles como um grupo de cães ao redor de um porco-espinho, raivosas e insistentes, mas mantendo distância enquanto procuravam por uma abertura.

Filetes de luz emergiam da escuridão e rodopiavam em torno deles, descendo em espiral para desaparecerem em uma aura que cercava Du Chaillu. Ela parecia estar absorvendo a magia, como Irmã Verna falou que ela fez antes. Juntos, eles formavam o a completa ligação que Warren falou que os livros afirmavam que conteriam o poder e derrubaria as torres.

Através das ondas de calor e da névoa fervente, Richard viu a primeira torre. Ele puxou Du Chaillu para frente, na direção da parede negra cintilante que desaparecia dentro da escuridão adiante. Poeira e detritos levantavam em volta deles enquanto corriam na direção da abertura arqueada na parede. Feitiços tentavam tocar neles, mas suas luzes eram sugadas para Du Chaillu.

Richard agiu sem pensar, sem saber o que conduzia ele adiante, e sem tentar impedir. Para ter sucesso, para salvar Kahlan, tinha que deixar essas coisas dentro dele o guiarem. Tinha que acreditar que se realmente tivesse o dom, ele reagiria por instinto, como Nathan falou, e faria o que fosse necessário.

Du Chaillu pareceu não perceber a areia negra brilhante sobre a qual eles estavam no centro da torre. Ela parecia perdida em um feitiço particular, no poder transferido para ela por aqueles que construíram as torres e tomaram a terra do seu povo. Até agora, ela havia feito sua parte do que era necessário; havia protegido ele. Agora Richard tinha que fazer sua parte.

Por instinto, segurando a mão dela bem apertado, ele levantou a espada bem alto na outra, apontando para cima. Ele ficou perdido na fúria da magia, deixando que ela tomasse conta dele. Sentiu o calor dela no centro de calma que sempre havia buscado. Deixou a fúria preencher o vazio.

Relâmpagos explodiram da espada, arqueando para dentro da escuridão logo acima, pulando de uma parede para a outra, banhando todos em luz líquida. O barulho era ensurdecedor.

Fogo correu através da rocha negra até que toda a torre brilhou, a pedra ficando branca no calor da descarga luminosa.

Richard sentiu como se os relâmpagos estivessem passando através dele também. Aquecia ele com seu poder, irrompendo para o exterior, e para cima através da espada. Apenas a sua fúria permitia que ele suportasse a ferocidade da força arrebatadora que vinha de seu interior.

Teias de raios ondulantes desciam em cascata pelas paredes e pela areia negra, até que tudo estava vivo com eles. A areia negra ficou branca, como as paredes ficaram, e o mundo ardeu com fogo pulsante e luz.

Subitamente, aquilo parou. O relâmpago desapareceu, o fogo apagou, e o rugido parou, deixando o silêncio zumbindo em seus ouvidos. A pedra negra polida da torre ganhou um brilho branco cegante.

Du Chaillu ainda parecia não notar o que estava ao redor dela, e Richard puxou-a para frente, para completarem a tarefa para a qual os dois nasceram.

Na torre branca, enquanto ele segurava a espada para cima, ele esperou o flash de calor e luz novamente, mas isso não aconteceu. Ao invés disso, o contrário, o equilíbrio, explodiu.

Uma concussão rasgou o ar, ameaçando arrancar a carne dos ossos, quando um relâmpago negro disparou para cima, um vácuo na luz. Como o relâmpago de antes, Richard sentiu a força do poder irrompendo do seu interior, como se a sua própria alma estivesse lançando adiante. O vácuo ondulante na luz raspou as paredes, e, com um rugido trovejante, abriu um buraco na escuridão acima.

Enquanto o relâmpago negro serpenteou dentro da escuridão acima, sombras desceram pelas paredes brancas, fazendo parecer como se elas estivessem derretendo nas profundezas da noite eterna. A escuridão alcançou o chão e fluiu na direção deles, mergulhando na areia branca, deixando ela negra.

Richard não pensou em tentar escapar da noite invasora. Quando ela os alcançou, ele sentiu como se eles fossem atirados dentro de água gelada. Du Chaillu, com os olhos fechados, tremeu com o toque dela. Richard notou aquilo, mas através da fúria na

magia da espada, foi apenas uma distante sensação que apenas alimentou a raiva.

Pareceu que o mundo todo havia desaparecido para sempre dentro da obscuridade. Luz, e visão, estavam além da própria lembrança.

Richard sentiu o cordão ondulante da luz negra, o vácuo no mundo dos vivos, desaparecer. Repentinamente o silêncio tomou o lugar da cacofonia. Ele podia ouvir a sua própria respiração pesada. Ele conseguia ouvir Du Chaillu fazendo o mesmo. Luz, vida e calor emergiu do vazio gelado.

Do lado de fora, através dos arcos na pedra, agora negra lustrosa onde uma vez foi branca, Richard podia ver luz passando através da névoa. O chão que antes estava queimado e árido agora estava verde e exuberante.

Ainda de mãos dadas, ele e Du Chaillu ficaram parados na abertura em forma de arco, observando o nevoeiro e a fumaça subir em um mundo que ninguém tinha visto em mil anos.

De mãos dadas, eles caminharam saindo no ar frio, pela grama espessa, e por feixes de luz do sol. As tempestades de feitiços desapareceram, as nuvens escuras que eles geravam evaporavam enquanto subiam. O ar estava com um cheiro fresco e limpo. A sensação de vida vibrou ao redor deles.

O vale até a pálida linha azul das montanhas ao longe estava rico e verde. Bosques com árvores estavam reunidos em lugares próximos a correntes sinuosas. Plantas se erguiam umas sobre as outras em diferentes tonalidades de verde.

Richard podia entender porque os Baka Ban Mana queriam sua terra de volta. Era um lugar que simplesmente parecia com um lar. Esse era um lugar de luz e esperança que teria ficado nos corações de um povo através de todos os séculos sombrios. Esse não era um lugar que pertenciam a eles - eles é que pertenciam a esse lugar.

"Você fez, Caharin!" Du Chaillu falou. "Você devolveu nosso lar além da névoa."

Richard viu algumas pessoas espalhadas em vários lugares ao longe, aqueles que estiveram presos nos feitiços durante incontáveis

anos. Eles vagavam sem rumo e confusos. Ele precisava encontrar dois que conhecia.

Irmã Verna e Warren galoparam na direção deles, trazendo o cavalo dele. Antes que tivessem parado completamente, Richard estava em cima de Bonnie. Du Chaillu levantou uma das mãos. Ela queria ir com ele. Relutantemente, ele puxou-a para cima.

“Richard,” Warren disse, “isso foi incrível! Como fez isso?”

“Não tenho a menor ideia, Warren. Estava esperando que você pudesse explicar para mim.”

Richard galopou levando Bonnie na direção que lembrava ter visto Chase e Rachel quando passou pelo vale na primeira vez. Warren e Irmã Verna seguiram atrás. Não levou muito tempo até que ele os encontrasse sentados sobre um banco na beira de um riacho. Chase, com o braço em volta dos ombros de Rachel, e sua costumeira aparência de tolerância forçada com lugar algum em evidência, parecia confuso.

Richard passou a perna por cima do pescoço de Bonnie e desceu. “Chase! Você está bem?”

“Richard? O que está acontecendo? Onde nós estamos? Viemos buscar você. Não pode entrar...” Ele olhou ao redor.

“Não pode entrar no vale. Zedd precisa de você. O véu está rasgado.”

“Eu sei.” Richard entregou as rédeas para Irmã Verna e rapidamente apresentou todos. “Meus amigos explicarão tudo a você.” Ele colocou um joelho no chão na frente de Rachel. A escura Pedra das Lágrimas, cor de âmbar, pendurada no pescoço dela, exatamente como ele lembrava. “Rachel, você está bem? Como está se sentindo?”

Ela piscou para ele. “Eu estava em um lugar bom, Richard.”

“Esse é um lugar bom também. Agora você vai ficar bem. Rachel, Zedd deu essa pedra para você?”

Ela assentiu. “Ele falou que você poderia querer ela, e que eu deveria guardar para você, até que você viesse buscar ela.”

“É por isso que estou aqui, Rachel. Posso ficar com ela?”

Ela sorriu e tirou ela passando por cima da cabeça. Richard abriu o fecho da corrente e tirou a Pedra. Segurando-a em sua mão,

ele podia sentir o seu calor, e a presença de Zedd.

A corrente era pequena demais para ele. Devolveu ela para Rachel, dizendo que ficaria mais bonita nela do que nele, e então amarrou a Pedra em uma tira de couro que havia preparado.

Ele pendurou a Pedra das Lágrimas no pescoço, junto com o Agiel e o dente de dragão. Com o canto do olho, ele observou o ponto distante crescendo no céu.

"Richard," Warren falou, "depois de ver o que acabei de ver, com as torres, não tenho dúvida que você consegue fazer o que diz que pode fazer, mas não há tempo para chegar onde você precisa ir. Amanhã, o mundo vai terminar se você não chegar lá. O que você vai fazer?"

"Onde nós iremos, meu marido?" Du Chaillu perguntou.

"Nós não estamos indo a lugar algum, Du Chaillu. Você vai ficar aqui, com o seu povo."

"Marido?" Chase disse, com uma expressão zangada finalmente começando a surgir em seu rosto.

"Não sou marido dela. É apenas alguma ideia tola que ela botou na cabeça." Richard observou a forma vermelha crescendo, bem alto no céu. "Olha, eu não tenho tempo para explicar. Irmã Verna e Warren podem falar para você sobre isso."

Irmã Verna, com desconfiança estampada no rosto, deu um passo na direção dele. "O que você vai fazer? Warren estava certo, você não tem tempo."

Ao longe, as asas vermelhas abriram quando o dragão vermelho desceu dando um mergulho. Richard tirou sua mochila do Bonnie, pendurando-a em suas costas. Deu um abraço de despedidas no pescoço de Bonnie. Pendurou a aljava, e enfiou o arco no ombro. Com o canto do olho, ele viu o dragão mergulhando.

"Eu terei tempo. Preciso deixar você agora, Irmã."

"O que você quer dizer com isso? Como?"

No último instante o dragão desviou do mergulho. Seu longo pescoço esticou. Com as asas bem abertas, ela disparou na direção deles com incrível velocidade, planando logo acima do chão.

"Só tenho uma chance para alcançar meu objetivo a tempo. Preciso voar."

“Voar!” Warren e Irmã Verna gritaram juntos.

Scarlet passou rugindo. Todos os outros viram ela pela primeira vez. Asas imensas bateram para reduzir a velocidade do dragão.

As roupas deles agitaram com a súbita explosão de ar. A grama ao redor achatou com os jatos. Warren, Irmã Verna, e Du Chaillu recuaram surpresas. Scarlet pousou no chão quando seu movimento para frente foi interrompido com as batidas de suas asas.

“Richard,” Irmã Verna falou balançando a cabeça lentamente, “você tem os animais de estimação mais estranho de todos que eu já vi.”

“Dragões vermelhos não são animais de estimação de ninguém, Irmã. Scarlet é uma amiga muito querida.”

Richard trotou na direção do enorme dragão vermelho cintilante sob a luz do sol. Scarlet bufou uma pequena nuvem de fumaça cinzenta.

“Richard! Que bom ver você novamente. Uma vez que me chamou de modo tão urgente com o meu dente, presumo que esteja metido em problemas de novo. Como de costume.”

“Problema com certeza, minha amiga.” Richard deu um tapinha em uma lustrosa escama vermelha. “Senti saudade de você, Scarlet.”

“Bem, eu já comi. Acho que ao invés disso eu poderia levar você para dar um passeio no céu para estimular meu apetite. Então vou devorar você.”

Richard riu. “Onde está o seu pequenino?”

As orelhas delas agitaram. “Fora, caçando. Gregory não é mais tão pequenino. Ele sente saudade de você, e gostaria de vê-lo.”

“Também gostaria de ver Gregory. Mas estou com uma pressa terrível nesse momento. Meu tempo está acabando.”

“Richard!” Du Chaillu correu na direção dele. “Tenho que ir também. Tenho que ir onde meu marido for!”

Richard inclinou na direção do ouvido de Scarlet enquanto ela baixou sua cabeça e olhou para ele com um olho amarelo. “Uma pequena chama, Scarlet,” ele sussurrou. “Só para assustar. Não machuque ela.”

Du Chaillu saltou para trás com um grito quando um jato de chamas queimou a grama aos pés dela.

“Du Chaillu, a sua terra foi devolvida ao seu povo. Deve ficar com eles. Você é a mulher dos espíritos deles; precisam de você. Precisam de sua orientação. Eu pediria mais uma coisa para você: proteja as torres que estão em sua terra. Não sei se elas podem causar algum mal, mas como o Caharin, ordeno que ninguém jamais entre nelas.”

“Coloquem guardas nelas, e mantenham todos os outros fora também.”

“Vivam em paz com outros que viveriam em paz com vocês, mas continuem a praticar com as lâminas para que sejam capazes protegerem a si mesmo.”

Du Chaillu ficou ereta e altiva. As pequenas tiras de tecido no vestido de oração dela flutuaram com a brisa, junto com seu cabelo espesso negro.

“Você é sábio, Caharin. Vou providenciar para que seja feito como você diz, até que volte para sua esposa e para seu povo.”

“Richard,” Irmã Verna disse. Seu rosto mostrava uma expressão séria. “Sabe onde Kahlan está?”

“Aydindril. Ela iria para lá; a profecia acontece diante do povo dela. Ela estará em Aydindril.”

“A hora de fazer a escolha está sobre você, Richard. Para onde você vai agora?”

Ele observou os olhos firmes dela por um longo tempo.

“D'Hara.”

Depois de avaliar ele silenciosamente por um momento, ela finalmente deu um abraço caloroso nele. Ela beijou a bochecha dele.

“E então?”

Richard passou os dedos pelo cabelo. “De algum modo vou impedir o poder acontecer em D'Hara, e então terei que chegar em Aydindril antes que seja tarde demais. Cuide-se, minha amiga.”

Ela assentiu. “Warren e eu vamos cuidar do povo aqui que foi libertado dos feitiços. Eles vão precisar de orientação. Tenho sido uma Irmã da Luz por quase duzentos anos. Tudo o que eu sempre quis foi ajudar pessoas que precisavam. Mas você teve ajuda. Não há desculpa por ter levado você, ou outros. Quero tentar consertar um pouco disso.”

Warren deu um abraço firme em Richard. "Obrigado, Richard. Por tudo. Estou ansioso para encontrar com você novamente."

Richard piscou. "Tente não se meter em nenhuma aventura."

"Irei com você," Chase falou.

"Não." Richard passou uma das mãos sobre o rosto. "Não, vá para casa, Chase. Leve Rachel para sua nova mãe, e seus irmãos e irmãs. Emma deve estar muito preocupada. Ela não viu vocês faz muito tempo. Vá para casa, para sua esposa e família. Eu também precisarei voltar para casa em breve."

Richard virou para Irmã Verna. "Temos que fazer alguma coisa sobre aquelas seis Irmãs. Elas estão navegando para Westland. O povo de lá não tem proteção alguma contra magia. Em Westland, aquelas Irmãs serão como falcões em uma chocadeira."

"Acho que essa jor nada delas vai levar algum tempo. Você tem bastante tempo para elas, Richard."

"Bom. Kahlan vai querer casar diante do Povo da Lama. Então posso precisar voltar e conseguir alguns conselhos sobre como lidar com aquelas seis. Converse com Nathan, e Ann. Então poderemos decidir o que fazer."

"Tenha cuidado," Warren disse. Ele ficou parado estoicamente com suas mãos nos lados opostos das mangas da seu manto. "E não estou falando apenas com você mesmo. Não esqueça das coisas que Nathan e eu falamos para você. Não esqueça que todos os outros estão em perigo de acordo com o que você fizer com a Pedra das Lágrimas. Ainda não acho que a hora da sua escolha chegou."

"Farei o melhor que puder."

Scarlet abaixou para que ele pudesse subir nos ombros dela. Ele segurou nos espinhos de ponta negra e ergueu o corpo. Richard deu um tapinha em uma escama vermelha.

"Para D'Hara, minha amiga. De novo."

Com um rugido de chamas, Scarlet saltou para o céu.

CAPÍTULO 68



Ao longe, antes da luz da aurora, ele podia ver o brilho verde. Ele se erguia do Palácio do Povo, através do teto de vidro do Jardim da Vida, como um farol. Richard tinha visto aquele tom de cor verde apenas em um lugar. O submundo.

O vento gelado agitava sua roupas enquanto as asas de Scarlet com uma cadência firme. Ela havia colocado grande esforço no vôo até D'Hara. Ela entendia o perigo representado pelo Guardião. O submundo levaria ela também. E ela odiava Darken Rahl. Ele tinha roubado seu ovo e usado ele para escravizá-la.

Quando ela iniciou sua descida, olhou para trás, suas orelhas virando na direção dele. "Haverá tempo suficiente, Richard. Ainda podemos chegar até Aydindril. Ainda é apenas madrugada."

"Sei que vai me levar até lá, Scarlet. Tentarei não dar a você tempo demais para descansar."

Scarlet girou para a esquerda, direcionando sua descida para o pátio onde estiveram antes.

Era um local onde o enorme dragão poderia pousar no escuro com espaço de sobra. A vasta confusão de telhados e muros corriam na direção deles com assustadora velocidade. Os dedos dos pés de Richard formigaram com a sensação de descer das costas dela quando ela descia.

De repente, do meio da escuridão abaixo, um flash cegante de um raio explodiu ao redor deles. Isso deixou linhas amarelas de em sua visão. Antes que Richard pudesse se recuperar, veio outro flash.

Scarlet rugiu de dor e virou para a esquerda. Eles caíram em uma espiral em direção ao chão. Richard agarrou os espinhos dela enquanto o enorme dragão tentou se recuperar.

Nos largos degraus girando lá embaixo, ele viu a mulher iluminada pela luz do raio seguinte que ela disparou das mãos. Mais uma vez, Scarlet rugiu de dor. Ele não conseguia ver a mulher na escuridão quando o raio apagou.

Scarlet se esforçou para deter a descida descontrolada.

Richard sabia que outro disparo do raio acabaria com ela. Tirou o arco de suas costas e pegou uma flecha da aljava.

“Scarlet! Lance fogo para que eu possa enxergar ela!”

Quando Richard puxou a corda até a sua bochecha, Scarlet soltou um feroz grito de dor e fúria. Neste brilho vermelho, ele viu a mulher levantar os braços de novo. Antes que pudesse chamar o alvo, a espiral tirou-a de seu campo de visão.

“Scarlet! Cuidado!”

Scarlet recolheu sua asa direita, e eles desviaram para outro lado. O raio amarelo passou estalando pela esquerda, errando por pouco. O chão estava se aproximando rapidamente.

No meio da luz vermelha cintilante do disparo de fogo do dragão, Richard viu ela erguer as mãos outra vez. Ele puxou a corda do arco e balançou o corpo acompanhando o movimento deles para mantê-la em seu campo de visão.

Antes que ela pudesse desaparecer novamente, ele chamou o alvo. No instante em que chegou até ele, a flecha estava voando.

“Vire!”

Scarlet bateu sua asa direita, fazendo eles tremerem no ar quando o raio amarelo passou, entre o pescoço do dragão e a asa. Quase antes de ter começado, o raio desapareceu.

Uma onda de completa escuridão os envolveu. A flecha havia encontrado o seu alvo. Agora o Guardiã estava com Irmã Odette.

Com um solavanco, eles bateram no chão. Richard foi jogado, e rolou pelo chão. Ele sentou e balançou a cabeça, então levantou rapidamente.

“Scarlet! Você está muito ferida? Está viva?”

“Vá,” ela grunhiu com uma poderosa voz vibrante. “Depressa. Pegue ele antes que domine a nós todos.” Ela manteve sua asa esquerda trêmula esticada.

Richard tocou no focinho dela. “Eu voltarei. Agüente firme.”

Richard sacou a espada quando subia correndo a escadaria na colina. Não precisou invocar a fúria; ela já estava com ele antes que tocasse o cabo da espada. Correu com uma fúria cega na direção das portas entre as colunas colossais.

Enquanto corria através das portas, um grupo de soldados correu da escuridão. Sem pausa, Richard abriu caminho cortando eles. Sua lâmina brilhou na luz das tochas que vinha dos vastos corredores lá dentro. Richard dançou com os espíritos. Sua lâmina deslizava com fluidez entre os soldados.

O primeiro, ele cortou ao meio, com armadura e tudo. Cada ataque era recebido com ácido veloz. Em uma questão de momentos, os quinze homens jaziam espalhados pelo chão ensangüentado, e então Richard estava se movendo outra vez.

Por causa de sua recepção ao voltar. Lembrou do exército D'Haran jurando sua lealdade a ele na última vez que estivera aqui, quando matou Darken Rahl. Talvez eles simplesmente não soubessem quem era ele. Mas provavelmente, eles soubessem muito bem quem ele era.

Richard escolheu um corredor que conduzia até o Jardim da Vida. Três níveis de sacadas forneciam vista para o corredor. A maioria das tochas estavam apagadas. Não viu nenhuma pessoa quando passou correndo por uma praça de devoção com a areia branca espalhada em círculos em volta de uma pedra perfurada.

De uma escadaria ao lado, meia dúzia de Mord-Sith desceram correndo na direção dele. Cada uma delas usava seu uniforme de couro vermelho, e cada uma tinha um Agiel na mão. Através da fúria, ele percebeu que não poderia usar a espada contra elas, ou elas o capturariam pela magia dela. Ele estava furioso. Precisava chegar até Darken Rahl. Não precisava ter que lidar com essas mulheres mortais.

Relutantemente, Richard embainhou sua espada e sacou a faca. Uma vez Denna falou que se ele tivesse apenas usado a sua faca ao invés da espada, ele a venceria. Ele não conseguira escapar delas; teria que matá-las.

A maior, uma mulher loura na frente, levantou as mãos quando ele correu para atacá-la. "Lorde Rahl, não!"

As outras cinco pararam atrás dela. Richard desferiu um golpe nela, mas ela recuou agachando com as mãos esticadas para os lados.

“Lorde Rahl! Pare! Estamos aqui para ajudá-lo!”

Embora tivesse guardado a espada, a sua própria raiva não havia reduzido. Tinha que chegar até Darken Rahl se queria chegar até Kahlan. “Ajude-me na vida após a morte - vocês estarão lá em breve!”

“Não, Lorde Rahl! Eu sou Cara. Estamos aqui para ajudá-lo. Não pode seguir por aquele caminho. Aquele corredor não é seguro.”

Richard ficou imóvel, ofegando, com a faca na mão. “Não acredito em você. Quer me capturar. Sei muito bem o que as Mord-Sith fazem com seus prisioneiros.”

“Eu conheci Denna, sua senhora. Você carrega o Agiel dela. As Mord-Sith não vivem mais para ferir os seus prisioneiros. Você nos libertou. Nunca poderíamos ferir aquele que nos libertou. Nós respeitamos você.”

“Quando eu parti, falei para os soldados queimarem todos esses uniformes e dar a vocês novas roupas. Ordenei que o Agiel fosse tirado de vocês. Se vocês me respeitam, porque não seguiram minhas ordens?”

Um leve sorriso tocou os lábios dela quando ela levantou uma sobrancelha sobre um frio olho azul. “Porque você não pode nos libertar apenas para nos tornar prisioneiras em uma vida que você escolher. Somos livres para escolhermos por nós mesmas. Você tornou isso possível.”

“Escolhemos lutar para proteger nosso Lorde Rahl. Nós juramos entregar nossas vidas por você, se for necessário. Não apenas os homens da Primeira Fileira podem proteger você. Nós escolhemos ser as suas guarda-costas. Nem mesmo a Primeira Fileira ousou discutir conosco. Não recebemos ordens de ninguém a não ser Lorde Rahl.”

“Então ordeno a vocês que me deixem em paz!”

“Sinto muito, Lorde Rahl, mas não podemos seguir essa ordem.”

Richard não sabia no que acreditar. Isso poderia ser apenas uma armadilha. “Estou aqui para deter Darken Rahl. Tenho que chegar até o Jardim da Vida. Se não saírem do meu caminho, terei que matar vocês.”

“Sabemos para onde vai,” Cara falou. “Levaremos você, mas não deve seguir por aquele caminho. Não dominamos todo o Palácio. Aquele caminho não é seguro. Na verdade, toda esta seção do Palácio está nas mãos dos insurgentes. A Primeira Fila teria perdido mil homens para descer até aqui. Falamos para eles que nós viríamos, que seria menos arriscado para você. Apenas por esse motivo eles concordaram.”

Richard começou a dar a volta nas mulheres. “Não acredito em você, e não posso arriscar por causa do que você faria se estiver mentindo. Isso é importante demais. Se tentarem me impedir, terei que matar vocês.”

“Se for por aquele caminho, Lorde Rahl, você morrerá. Por favor, deixe que eu sussurre uma mensagem secreta no seu ouvido.” Cara entregou o Agiel para uma mulher atrás dela. “Pode encostar sua faca em mim. Eu estou desarmada.”

Richard agarrou o cabelo dela com uma das mãos, e encostou a faca afiada na garganta dela. Se ela ao menos tremesse, ele pretendia cortar a garganta dela. Cara colocou a boca perto do ouvido dele.

“Nós estamos aqui para ajudá-lo Lorde Rahl,” ela sussurrou. “Isso é... tão verdadeiro quanto sapos assados.”

Richard ficou rígido. “Onde você escutou isso?”

“Você sabe o significado disso? O Comandante General Trimack disse que é uma mensagem codificada do Primeiro Mago Zorander, para que soubesse que somos leais a você. Ele disse para não falar para ninguém a não ser você.”

“Quem é General Trimack?”

O comandante geral, Primeira Fileira da guarda do Palácio. Eles são leais a você. A Primeira Fileira é o anel de aço em volta de Lorde Rahl. O Mago Zorander disse ao General Trimack para proteger o Jardim da Vida a qualquer custo.”

“Dois dias atrás aquela mulher mágica veio. Ela matou quase trezentos de nossos homens entrando no Jardim da Vida. Tentamos impedir, mas não conseguimos. Não temos magia alguma contra ela. Ela matou quase cem quando saiu, esta noite.”

“Seguimos ela até a saída, e observamos de uma janela no terceiro andar. Vimos ela atirar raios para derrubar seu dragão do céu. Vimos quando você a matou. Somente o verdadeiro Lorde Rahl poderia fazer isso.”

“Por favor, Lorde Rahl, coisas terríveis estão acontecendo no Jardim da Vida. Permita que levemos você até lá, para que você possa deter o espírito maligno.”

Richard não tinha tempo a perder. Elas deveriam ter recebido aquela mensagem de Zedd. Tinha que confiar nelas.

“Está bem, vamos lá. Mas estou com pressa.”

Sorrisos apareceram em cada uma das mulheres. Cara pegou de volta o seu Agiel e segurou na camisa dele em um dos ombros. Outra Mord-Sith segurou no outro ombro dele. Começaram a correr, levando ele junto com elas.

Cara sussurrou dizendo que ele deveria ficar tão quieto quanto possível. As outras quatro espalharam-se na frente, explorando o caminho.

Elas o levaram rapidamente, mas silenciosamente, por pequenos corredores laterais e salas escuras. Enquanto as batedoras deslizaram subindo as estreitas escadas dos criados, Cara e a outra encostaram ele na parede, colocando um dos dedos nos lábios, esperando até que escutassem um curto assovio, então subiram as escadas, puxando ele pela camisa.

No topo da escada, ele quase tropeçou no corpo de uma das quatro Mord-Sith que seguiram na frente.

O rosto dela havia sido aberto por uma espada. Oito homens D'Haran com armaduras estavam espalhados em posições contorcidas descendo o corredor, sangue escorrendo de seus ouvidos. Richard reconheceu a morte causada por um Agiel.

Uma das mulheres de couro vermelho no final do corredor fez sinal para que eles seguissem em frente. Cara puxou ele fazendo a volta em um canto onde a mulher apontou, e subindo outra escada.

Ele sentiu-se como um saco de roupas por causa do modo como elas puxavam ele de um lado para outro, encostando ele contra paredes e em alguns cantos enquanto outras providenciavam um caminho livre.

Ele mal conseguia acompanhar o ritmo delas enquanto desciam por corredores, ainda segurando em cada um dos ombros dele, arrastando ele. Richard perdeu a noção do caminho que estavam seguindo enquanto subiam escadas e passavam por incontáveis salas.

Algumas das salas tinham janelas, e ele podia ver que o sol estava subindo.

Richard estava ofegante quando finalmente reconheceu o largo corredor no qual eles entraram. Centenas de homens de uniformes com armaduras brilhantes abaixaram sobre um dos joelhos quando viram ele. A batida de todas as armaduras e armas deles ecoou descendo o corredor largo. Cada um dos homens colocou um punho sobre o coração. Quando eles levantaram, um deu um passo adiante.

“Lorde Rahl. Eu sou o Comandante General Trimack. Estamos perto do Jardim da Vida. Levarei você até lá.”

“Eu sei onde fic a.”

“Lorde Rahl, você deve se apressar. Os generais rebeldes lançaram um ataque. Não sei se conseguiremos manter essa posição por muito tempo, mas nós resistiremos até o último homem enquanto você estiver do outro lado.”

“Obrigado, General. Apenas mantenha eles afastados enquanto eu mando aquele bastardo Darken Rahl de volta para o submundo.”

O general fez uma reverência com o punho sobre o coração quando Richard começou a andar. Ele desceu por um corredor de granito polido que lembrava. Ele o levou até as grandes portas cobertas de ouro do Jardim da Vida.

Quase em um transe de fúria, Richard cruzou as portas, para entro do jardim. O sol estava alto. Seus primeiros raios iluminaram o topo das árvores no jardim. Richard marchou por um caminho, passando por muros curtos, cobertos de videiras, e saindo na grama.

No centro do jardim estava um círculo de areia branca - areia de feiticeira. O osso arredondado de skrin estava no centro, com linhas complexas desenhadas na areia que circulavam ao redor dele. Além, estava o altar com as três Caixas de Orden - o portal para outro mundo. Cada uma delas era completamente negra, parecendo tentar sugar a luz da sala.

Da caixa aberta, uma coluna de luz verde brotava, subindo através do teto de vidro, e para dentro do céu.

Seja lá o que Darken Rahl estivesse fazendo estava abrindo o portal. Luz cintilante, azul, amarela, e vermelha, espiralava ao redor da coluna de luz verde.

A forma branca brilhante de Darken Rahl observou ele caminhar pela grama. Richard parou diante do círculo de areia de feiticeira, do lado apostado a ele. Um leve sorriso apareceu nos lábios de Darken Rahl.

“Bem-vindo, meu filho,” surgiu a voz sibilante dele.

Richard sentiu o calor na cicatriz da queimadura em seu peito. Ele ignorou a dor. Os olhos azuis brilhantes de Darken Rahl moveram-se para a Pedra das Lágrimas pendurada no pescoço de Richard.

O olhar de Darken Rahl travou no de Richard. “Eu gerei um grande mago. Gostaríamos que se juntasse a nós, Richard.”

Richard não falou nada. Ele fervia de cólera enquanto observava o sorriso de Darken Rahl crescer. Através da fúria da raiva, da cólera pulsante da magia, ele observou, e também procurou o centro de calma interior.

“Podemos oferecer o que ninguém mais pode, Richard. O que o próprio Criador não pode oferecer. Somos maiores do que o Criador. Gostaríamos que se juntasse a nós.”

“O que você poderia me oferecer?”

Darken Rahl abriu seus braços brilhantes. “Imortalidade.”

Richard estava furioso demais para rir. “Quando você teve a ilusão de que eu acreditaria em qualquer coisa que você teria para dizer?”

“É verdade, Richard,” ele sussurrou. “Nós temos o poder para fornecer isso.”

“Só porque você conseguiu fazer algumas da Irmãs acreditarem em suas mentiras, isso não significa que eu acreditaria.”

“Nós somos o Guardião do submundo. Controlamos a vida, e a morte. Temos o poder de fornecer qualquer as duas, especialmente para alguém com a sua magia. Você pode ser o mestre do mundo dos vivos. Como eu teria sido, antes de você... interferir.”

O sorriso cruel de Darken Rahl cresceu. As sobancelhas dele levantaram. “Oh, sim, meu filho,” ele sibilou. “Oh, sim.”

Ele esticou a mão, passando ela por cima da areia.

A luz cintilante assumiu a forma de uma pessoa ajoelhada. A luz coalesceu em uma forma reconhecível.

Kahlan.

Ela estava usando o vestido branco de Confessora, ajoelhada. O cabelo dela estava curto, exatamente como na visão que ele teve na torre. Uma lágrima caiu dos olhos fechados dela quando seu rosto encostou no bloco. Ela falou o nome dele, e que ela o amava. O coração de Richard bateu violentamente.

“O dragão está ferido, Richard. Ela não pode levar você até Aydindril. O seu tempo acabou. Não sobrou nenhuma opção para você a não ser nos deixar ajudá-lo.”

“O que você quer dizer com, *ajudar?*”

O sorriso de Rahl voltou. “Eu falei, nós temos o poder sobre a vida e a morte. Sem nossa ajuda, esta tarde, diante do povo dela, isso é o que vai acontecer.”

A mão brilhante dele passou novamente. A borda da lâmina cintilou no ar acima dela. O machado desceu, enterrando no bloco de madeira, lançando um jato de sangue. Richard se encolheu.

A cabeça de Kahlan caiu rolando. O sangue escorreu debaixo dela, ensopando a areia, o vestido branco, enquanto seu corpo tombava para o lado.

“Nãoooo!” Richard gritou, seus punhos nos lados do corpo. “Nãoooo!”

Darken Rahl passou a mão por cima do corpo, e ele ondulou no meio da luz cintilante e desapareceu.

“Da mesma maneira como afastei a visão do que vai acontecer hoje, nós podemos deter a realidade. Podemos oferecer a

imortalidade não apenas para você, mas se juntar-se a nós, para ela também.”

Richard ficou impressionado. Isso entrou em sua cabeça lentamente, realmente entrou, pela primeira vez. Scarlet estava ferida. Não poderia voar com ele até Aydindril. Esse era o solstício de inverno. Kahlan morreria hoje, e ele não tinha como chegar até ela. A respiração dele saiu em soluços.

O mundo estava acabando para ele.

Esse era o significado da profecia. Se ele aceitasse essa oferta, se escolhesse impedir a morte dela, então o mundo acabaria para todos.

Pensou em Chase, levando Rachel para encontrar com sua nova mãe em casa. Pensou em toda a felicidade que ela teria naquela vida cercada de amor. Pensou na sua própria vida, com seu pai e sua mãe, no amor, nos momentos felizes juntos, até mesmo nos tempo que não foram tão felizes, e o quanto isso havia significado para ele.

Pensou no tempo que passou com Kahlan, e na alegria de estar apaixonado por ela, e em todas as outras pessoas que devem ter vivido esse tipo de alegria, e viveriam no futuro. Se houvesse um futuro.

“Você poderá andar de mãos dadas com ela, Richard. Para sempre.”

Os olhos de Richard desviaram da areia branca. “De mãos dadas através das cinzas da morte. Para sempre.”

O que isso faria com Kahlan, com seu amor por ele, se ele oferecesse a ela um destino tão egoísta. Ela ficaria horrorizada. Então sempre que olhasse para ele, na verdade veria um monstro. Para sempre.

Ele viveria para sempre com a repulsa dela, não com seu amor. Dessa forma, ao tentar salvá-la, destruiria não apenas todos os outros, mas o coração dela também.

O preço era alto demais, até mesmo para o amor dele.

Mas isso acabaria com sua vida, com seu amor também.

Richard estava consumido pela fúria e calmo ao mesmo tempo. Olhou dentro dos olhos brilhantes do maligno. “Você envenenaria

nosso amor com sua mancha de ódio. Você nem conhece o significado do amor.”

A cólera transformou-se em uma violenta tempestade dentro dele. Pelo menos, ele conseguiria cobrar seu preço por isso. Sua vingança.

Richard levantou a Pedra das Lágrimas em uma das mãos. Darken Rahl recuou um passo.

“Richard, pense no que você está fazendo.”

“Você pagará por isso.”

Richard tirou um punhado de areia negra de feiticeira do bolso e jogou sobre o círculo de areia branca.

Darken Rahl abriu os braços. “Não! Seu tolo!”

A areia branca contorceu, como se estivesse viva, como se estivesse com dor. Os símbolos desenhados nela deformaram, contorcendo-se em volta de si mesmos. O chão tremeu. Fissuras fumegantes correram pelo chão gramado.

Relâmpagos subiram da areia branca brilhante, chicoteando pelo Jardim da Vida. A sala trovejou com uma confusão de barulhos e luz cegante. A areia de feiticeira derreteu virando uma piscina líquida de fogo azul. O ar tremeu com violentas concussões.

Darken Rahl balançou os punhos para o céu. “Não!”

A cabeça dele baixou, e quando viu Richard aproximando-se dele lentamente, com a Pedra das Lágrimas em seu punho esticado, ele ficou imóvel. Sua mão levantou de modo proibitivo.

Richard parou assustado, a dor da cicatriz no peito dele estava roubando o seu ar. A agonia atravessou ele. Do seu interior, ele invocou a determinação e continuou seu movimento independente do tormento. Cada passo apenas aumentava a dor. Sentiu como se a carne fosse arrancada de seus ossos e a própria medula estivesse fervendo. Na calmaria no meio da tempestade de raiva, ele conseguiu ignorar aquilo.

Richard levantou a Pedra das Lágrimas acima da cabeça. Segurava a tira de couro em sua mão, a Pedra das Lágrimas pendurada diante do rosto de Darken Rahl. Rahl recuou.

“Você vai usar isso nas profundezas da morte. Para sempre.” Richard chegou mais perto. “Ajoelhe.”

A forma brilhante caiu de joelhos. Os olhos cintilantes fixos na Pedra no ar logo acima. Richard baixou a tira de couro, para deixar ela pendurada acima da cabeça do espírito de seu pai. Ele parou.

Por cima da cabeça de Darken Rahl, atrás dele, viu o altar que estava com as Caixas. A Caixa aberta estava no centro, viva com coisas além do conhecimento, estava lançando sua luz verde para cima em uma coluna.

Richard lembrou do que Ann, Nathan, e Warren falaram. Se ele usasse a Pedra por razões egoístas, por ódio, isso rasgaria o véu. Queria mais do que tudo enviar Darken Rahl para as profundezas do submundo, para Puni-lo para sempre pelo que ele tinha feito. Mas isso apenas resultaria no que ele já havia decidido estar além do preço a ser pago .

Além disso, ele mesmo tinha causado isso. O fato de não ter feito isso intencionalmente não fazia diferença. A vida não era justa, ela simplesmente existia. Se você pisasse acidentalmente em uma cobra venenosa, levaria uma mordida. As intenções eram irrelevantes.

“Eu causei o meu próprio sofrimento,” Richard sussurrou. “Devo sofrer as conseqüências de minhas próprias ações. Não posso fazer outros pagarem pelo que eu causei, intencionalmente ou não.”

Richard pendurou a Pedra das Lágrimas em volta de seu próprio pescoço. Darken Rahl levantou assustado.

“Richard... não sabe o que está dizendo. Tem que me punir. Pendure a pedra no meu pescoço. Consiga sua vingança!”

Richard virou parcialmente na direção do centro do Jardim da Vida e esticou a mão. O osso de skrin, na poça de fogo azul, voou até a palma dele. Sua magia o protegeu.

Segurou o osso de skrin bem alto. Com a força da fúria, com a força da calma, ele invocou o poder. Ele irrompeu de seu punho.

Um relâmpago, amarelo e quente, atingiu Darken Rahl.

Um relâmpago, negro e frio, atingiu Darken Rahl.

Eles ondularam juntos na fúria livre do skrin.

Uma onda de completa escuridão espalhou-se através da sala, e quando ela se foi, o relâmpago, e Darken Rahl, desapareceram. O osso de skrin estava frio em sua mão.

A luz verde da Caixa brilhou com mais força, fazendo a sala zunir. Richard tirou a Pedra das Lágrimas do pescoço. A tira de couro caiu quando a Pedra ficou negra em sua mão.

Richard esticou a mão. A Pedra das Lágrimas voou até a luz verde, flutuando nela por um momento, girando no feixe de luz. A luz verde perdeu a cor enquanto a Pedra das Lágrimas mergulhava na direção da Caixa, tornando-se transparente, até que deixou de existir. O feixe de luz verde desapareceu, mergulhando o Jardim da Vida no silêncio.

Richard levantou o osso de skrin, e mais uma vez os relâmpagos gêmeos irromperam, trovejando ao longe. Flashes de luz branca quente e escuridão fria espalharam-se sobre ele. Quando aquilo terminou, e o silêncio ecoou em seus ouvidos mais uma vez, as três Caixas continuavam sobre o altar.

Todas estavam fechadas.

Richard sabia que elas não poderiam ser abertas outra vez sem o livro, e o livro existia apenas em sua cabeça. As Caixas de Orden, e a passagem que elas representavam, permaneceriam fechadas para sempre.

Richard ouviu um som metálico. Sentiu algo raspar em seu pescoço, sentiu algo cair aos seus pés.

Olhou para baixo e viu a coleira, o Rada'Han, no chão. Estava fora de seu pescoço. Estava livre dele.

A dor também sumiu. Ele tocou no peito. A cicatriz havia desaparecido.

Em meio ao silêncio, Richard ficou parado, surpreso. Não tinha certeza do que tinha acabado de acontecer. Não sabia como tinha feito aquilo.

Estava acabado.

Para ele, tudo tinha acabado.

Kahlan morreria nesse dia.

E então ele estava correndo. O dia ainda não tinha terminado.

Quando ele emergiu das portas do Jardim da Vida, as cinco Mord-Sith o cercaram. Ele ignorou elas enquanto corria. No corredor adiante, um suado, e sujo General Trimack esperava com centenas

de homens com a mesma aparência suja. Muitos estavam cheios de sangue.

Com uma cacofonia do som de armaduras e armas, os homens, tantos quantos ele conseguia ver descendo o corredor fumacento, caíram de joelhos, com os punhos nos corações. General Trimack levantou. Quando ele deu três passos longos na direção de Richard, Cara moveu-se para a frente dele de maneira protetora.

“Saia do meu caminho mulher!”

Cara não se moveu. “Ninguém toca em Lorde Rahl.”

“Eu sou a proteção dele tanto quanto...”

“Parem com isso, vocês dois.”

Cara relaxou e deu um passo para o lado. General Trimack segurou Richard pelos ombros. “Lorde Rahl, você conseguiu. Levou muito tempo, mas você conseguiu.”

“Consegui o quê? O que você quer dizer com levou muito tempo?”

As sobrelanceiras dele levantaram. “Você esteve ali dentro a maior parte do dia.”

A respiração de Richard falhou. “O quê?”

“Nós lutamos com eles ferozmente durante horas, mas estávamos sendo forçados a recuar. Estávamos em menor número em uma proporção de dez ou quinze para um. Então você enviou o relâmpago. Nunca vi uma coisa como aquela.”

“O Mago Zorander falou que o Palácio é um enorme feitiço de poder desenhado no chão do planalto, feito para proteger e dar poder ao Lorde Rahl. Nunca acreditei até que vi com meus próprios olhos. Todo o Palácio estava vivo com o relâmpago. Ele cintilava através de cada uma das paredes no Palácio.

“Cada um daqueles generais bastardos que eram leais a Darken Rahl foram derrubados pelo relâmpago. As tropas deles que continuavam lutando também foram destruídas. Aqueles que jogaram as armas e tinham se unido a nós não foram feridos.”

Richard não sabia o que dizer. “Estou feliz, General, mas não posso levar o crédito por isso. Eu estava lá dentro o tempo todo. Não tenho nem certeza do que fiz lá dentro, muito menos do que acontecia aqui fora.”

“Nós somos o aço contra o aço. Você fez a sua parte. Você foi o Lorde Rahl, a magia contra a magia. Nós todos estamos orgulhosos de você.” General Trimack deu uma tapa no ombro de Richard. “O que quer que tenha feito, você escolheu certo.”

Richard colocou os dedos na testa, tentando pensar. “Que horas são?”

“Como eu disse, você esteve ali dentro a maior parte do dia, enquanto lutávamos aqui fora. É quase fim da tarde.”

Richard colocou a mão no peito. “Tenho que ir.”

Começou a correr. Todos foram atrás dele. Em pouco tempo, ele ficou confuso com os enormes corredores convergentes. Ele parou escorregando no chão de mármore liso e virou para Cara que estava ao lado dele.

“Qual é o caminho!”

“Para onde, Lorde Rahl?”

“Para onde eu entrei! O caminho mais rápido!”

“Siga-nos, Lorde Rahl.”

Richard correu atrás das cinco Mord-Sith. Atrás dele vinha o que parecia ser todo o exército do Palácio.

A confusão de todas as armaduras e botas ecoava nas paredes e nos tetos altos lá em cima. Colunas, arcos, escadarias, praças de devoção, e interseções de corredores passavam voando. Eles correram descendo corredores e degraus.

Richard estava ofegante quando, quase uma hora mais tarde, passou pelas portas entre as colunas gigantes e saiu no ar frio. Soldados apareceram em uma torrente logo atrás. Ele desceu quatro degraus de cada vez.

Scarlet estava deitada de lado na neve, as escamas vermelhas lustrosas subindo e descendo com a respiração difícil dela.

“Scarlet! Você ainda está viva!” Richard acariciou o focinho dela. “Eu estava tão preocupado.”

“Richard. Vej o que conseguiu sobreviver. Não deve ter sido tão difícil quanto você pensava.” Ela se esforçou para mostrar um sorriso de dragão. Ele desapareceu. “Sinto muito, meu amigo, mas não consigo voar. Minha asas está ferida. Eu tentei, mas até que ela esteja curada, acho que ficarei presa no chão.”

Richard derramou uma lágrima no focinho dela. “Eu entendo, minha amiga. Você me trouxe até aqui. Você salvou o mundo dos vivos.”

“Você é uma heroína mais nobre do que qualquer outra na história. Você vai ficar bem? Vai conseguir voar novamente?”

Ela soltou uma risada fraca. “Eu voarei novamente. Mas não por um mês ou algo assim. Vou me recuperar. Não é tão ruim quanto parece.”

Richard virou para os oficiais logo atrás. “Scarlet é minha amiga. Ela salvou todos nós. Quero que tragam comida para ela. Qualquer coisa que ela precisar, até que esteja recuperada. Protejam ela como protegeriam a mim.”

Punhos encostaram sobre corações.

Richard segurou o braço do General. “Preciso de um cavalo, um cavalo forte. Agora mesmo. E preciso saber como chegar até Aydindril.”

O General virou. “Tragam um cavalo forte, agora! Peguem mapas para Aydindril para Lorde Rahl!”

Homens começaram a correr. Richard virou para o dragão.

“Sinto muito que esteja sofrendo, Scarlet.”

A risada de Scarlet trovejou em sua garganta. “O ferimento não é tão doloroso. Olhe bem ali, no lado.”

A cabeça dela, no final de seu longo pescoço, seguiu ele virando. Richard ficou surpreso ao ver um ovo aninhado em uma curva da cauda dela.

Um grande olho amarelo olhou para ele. “Acabei de dar a luz. A maior parte da minha fraqueza é por causa disso. Assim como a necessidade de ficar no chão.”

Ela atirou fogo sobre o ovo. Suavemente, ela passou as garras sobre ele. Enquanto Richard observava, pensou na beleza da vida, e como estava feliz que outros pudessem continuar a ter isso.

Mas a visão do machado descendo ficava repetindo em sua mente. Não conseguia impedir o horror que ela causava. Sua mãos tremeram. Poderia estar acontecendo nesse exato momento. Sua respiração estava irregular.

Finalmente um homem entrou correndo com um mapa. Ele o mostrou e apontou. "Aqui, Lorde Rahl, fica Aydindril. Essa é a rota mais rápida. Mas ainda assim vai levar várias semanas."

Richard enfiou o mapa em sua camisa enquanto outro soldado galopava com o cavalo. Richard pegou sua mochila e o arco da neve onde eles tinham caído quando Scarlet desceu.

General Trimack segurou as rédeas do cavalo musculoso enquanto Richard amarrava suas coisas na sela.

"Tem comida nos alforjes. Quando você voltará, Lorde Rahl?"

A mente de Richard estava no meio de um nevoeiro, correndo em mil direções ao mesmo tempo. Tudo que ele conseguia ver era o machado caindo.

Ele pulou na sela. "Eu não sei. Quando eu puder. Cuide de tudo até lá. E continuem protegendo o Jardim da Vida. Não deixem ninguém entrar lá."

"Volte em segurança, Lorde Rahl. Nossos corações estão com você."

Punhos encostaram nos corações quando ele fez o cavalo galopar e correr a toda velocidade através dos grandes portões que estavam abertos para ele.

CAPÍTULO 69



Richard soltou uma praga quando o cavalo caiu morto embaixo dele. Ele levantou, quando parou de rolar pela neve, e começou a retirar suas coisas da besta sem vida. Sentiu muita tristeza pelo cavalo; ele deu tudo que podia.

Havia perdido a conta de quantos cavalos morreram debaixo dele. Alguns simplesmente paravam trêmulos e se recusavam a se mover novamente. Alguns começavam a caminhar e não voltavam mais a correr. Alguns davam tudo até que seus corações falhavam.

Richard sabia que estava sendo duro demais com eles, e havia tentado aliviar o ritmo com eles, mas simplesmente não conseguia seguir devagar o bastante. Quando um cavalo morria, ou desistia de correr, ele encontrava outro. Alguns donos ficavam relutantes em vender, pensando que teriam que barganhar com ele. Richard jogava um punhado de ouro em cima deles, e levava o cavalo.

Ele mesmo estava quase morto de exaustão. Tinha dormido e comido pouco. Às vezes caminhava enquanto sua montaria se recuperava. Quando precisava encontrar um novo cavalo, tinha que correr.

Richard pendurou a mochila nas costas e começou a andar rápido. Fazia duas semanas desde que deixou D'Hara. Sabia que deveria estar perto de Aydindril.

O fato de que fazia duas semanas depois do solstício de inverno de algum modo não parecia tão importante quanto sua pressa para alcançar Kahlan. De alguma forma parecia que se ele conseguisse seguir rápido o bastante, isso a salvaria, que se ele se esforçasse ao máximo, de algum jeito isso faria o tempo esperar por ele. Não conseguia aceitar que era tarde demais.

Ele parou bufando no topo de uma elevação na estrada. Adiante, sob a luz cintilante do sol, estava Aydindril. Na cadeia de montanhas no lado mais distante da cidade ele podia ver as paredes cinzentas da Fortaleza do Mago. Richard correu pela neve.

As ruas estavam cheias de pessoas, pessoas apressadas no ar frio da tarde, e pessoas paradas, batendo os pés para se manterem aquecidas enquanto vendiam sua mercadorias. Richard passou correndo por todos. Quando percebeu que as pessoas estavam olhando fixamente para ele por causa da Espada da Verdade, ele a cobriu com a capa de mriswith.

Um vendedor logo adiante estava parado ao lado da estrada com uma vara curta encostada no chão. Tinha um travessão com algumas coisas finas penduradas. Quando Richard percebeu o que ele estava gritando, saiu do seu nevoeiro mental repentinamente.

“Cabelo de Confessora!” o homem gritava bem alto. “Pegue um tufo do cabelo da Madre Confessora! Diretamente de sua cabeça odiosa! Não tem muito sobrando! Mostrem para suas crianças o cabelo da última Confessora!”

Os olhos de Richard travaram no cabelo longo. Era o cabelo de Kahlan. Ele pegou todo ele da vara e enfiou em sua camisa. Quando o homem pensou em brigar, Richard bateu ele contra a parede. Agarrou a camisa do homem, e levantou ele do chão.

“Onde você conseguiu isso!”

“O... o Conselho. Comprei deles para vender. Comprei logo depois que eles cortaram. Ele me pertence.” Ele gritou pedindo ajuda. “Ladrão! Ladrão!”

Quando uma multidão raivosa se juntou para defender o homem, a espada apareceu. As pessoas dispersaram. O vendedor correu para salvar a vida.

A fúria de Richard estava crescendo independente dele ter guardado a espada enquanto seguia até o Palácio das Confessoras. Viu ele erguendo-se nos vastos terrenos adiante. Lembrou de Kahlan falando sobre o quanto ele era magnífico. Ele o conhecia quase como se já tivesse visto.

Lembrou também de Kahlan falando sobre uma mulher dali, uma cozinheira. Não, a cozinheira chefe. Qual era o nome dela?

Sand alguma coisa. Sanderholt, era isso. Senhora Sanderholt.

O aroma da comida o levou até a entrada da cozinha. Ele atravessou a porta. Uma sala cheia de pessoas que trabalhavam recuou ao ver ele. Era óbvio que ninguém queria fazer parte de qualquer coisa que ele pretendesse fazer.

“Sanderholt!” ele gritou. “Senhora Sanderholt! Onde ela está!”

Pessoas apontaram nervosamente para um corredor. Antes que ele tivesse andado mais de doze passos descendo o corredor, uma mulher magra veio correndo da outra direção.

“Qual é o problema! Quem está me chamando?”

“Eu estou,” Richard falou.

A expressão de curiosidade dela transformou-se em preocupação. “O que posso fazer por você, meu jovem,” ela falou com uma voz inquieta.

Richard se esforçou para não exibir o tom de ameaça em sua voz. Não achou que estivesse conseguindo ter muito sucesso. “Kahlan. Onde posso encontrá-la?”

O rosto dela ficou quase tão branco quando o avental dela. “Você deve ser Richard. Ela me falou de você. Você parece como ela descreveu.”

“Sim! Onde ela está!”

A Senhora Sanderholt engoliu em seco. “Sinto muito, Richard,” ela sussurrou. “O Conselho sentenciou ela à morte. A sentença foi executada no festival do solstício de inverno.”

Richard ficou olhando fixamente para a mulher magra. Estava tendo dificuldade em decidir se eles estavam falando sobre mesma pessoa.

“Acho que você está enganada,” ele conseguiu dizer. “Estou falando da Madre Confessora. Madre Confessora Kahlan Amnell.”

“Você deve estar falando de outra pessoa. Minha Kahlan não pode estar morta. Eu vim o mais rápido que podia. Juro que vim.”

Os olhos dela estavam enchendo de lágrimas. Tentou segurá-las enquanto olhava para ele. Lentamente, ela balançou a cabeça.

Ela colocou uma das mãos enfaixadas no braço dele. “Venha, Richard. Parece que você precisa de uma refeição. Deixe que eu sirva uma tigela de sopa.”

Richard largou a mochila, o arco e a aljava no chão.

“O Conselho Central sentenciou ela à morte?”

Ela confirmou balançando a cabeça levemente. “Ela escapou, mas foi capturada. O Conselho Central repetiu a sentença diante do povo durante a decapitação... a execução. E então todos os membros do Conselho ficaram sorrindo enquanto o povo gritava de satisfação para eles.”

“Talvez ela tenha escapado de novo. Ela é uma mulher cheia de recursos.

“Eu estava lá,” ela falou com uma voz trêmula, lágrimas rolando por seu rosto. “Por favor não me obrigue a dizer o que eu vi. Conheci Kahlan desde que ela nasceu. Eu a amava.”

Talvez houvesse um jeito de voltar de algum modo, e chegar aqui em tempo. Tinha que haver um jeito. Ele sentiu-se quente e tonto.

Não. Ele chegou tarde demais. Kahlan estava morta. Teve que deixar ela morrer para impedir o Guardião. A profecia tinha vencido ele.

Richard cerrou os dentes. “Onde está o Conselho.”

Finalmente ela conseguiu tirar os olhos dele. Apontou a mão enfaixada para o corredor e deu as orientações para ele.

Ela virou para trás. “Por favor, Richard, eu também a amava. Agora nada pode ser feito. Você não pode fazer nada.”

Mas ele já estava em movimento, a capa de mriswith voando atrás dele enquanto ele seguia pelo corredor. Ele viu apenas o bastante do que estava ao redor dele enquanto seguia as direções que ela forneceu. Ele caminhou na direção da câmara do Conselho do mesmo jeito que suas flechas voavam para o alvo quando ele o chamava.

Guardas estavam por toda parte, mas ele não prestou atenção neles. Não fazia ideia alguma se eles prestaram atenção nele, nem se importava.

Seguiu decidido na direção de seu alvo. Ouviu o movimento de soldados em volta dele, nos corredores laterais. Mal notou eles nas sacadas.

No final de um corredor ladeado por várias colunas estavam as portas da sala do Conselho. Enquanto ele marchava pelo corredor, homens se moviam na frente das portas. Ele percebeu levemente a presença deles. Viu apenas as portas.

Sua espada ainda não havia deixado a bainha em sua cintura, mas a magia estava fluindo através dele com toda fúria. Os soldados apertaram a fileira diante das portas. Ele não diminuiu a velocidade, a capa negra esvoaçando aberta, sua expressão mostrando um olhar raivoso, enquanto continuava em movimento.

Eles fizeram sinal para que ele parasse. Richard continuou marchando. Queria que eles ficassem fora do caminho. O poder veio por instinto, sem consciência ou esforço. Ele sentiu a concussão. Em sua visão periférica ele viu sangue atingir o mármore branco.

Sem perder um passo, ele emergiu da bola de chamas em um grande buraco que era duas vezes o tamanho que o portal tivera. Grandes pedaços de pedras voaram pelo ar, soltando fumaça. Detritos choveram ao redor dele. Uma das portas espiralou através do ar em um arco; a outra girou como uma tampa enquanto deslizava pelo chão da câmara do Conselho junto com pedaços de armaduras e armas despedaçadas.

No lado mais afastado da sala, homens que estavam atrás de uma mesa curvada levantaram rapidamente com raiva. Enquanto ele avançava de modo inflexível, Richard sacou a espada. O som inconfundível do aço ecoou na sala enorme.

“Eu sou o Supremo COnselheiro Thurstan!” disse aquele que estava no centro, na cadeira mais alta. “Exijo saber o significado dessa intrusão!”

Richard ainda estava se aproximando. “Tem algum de vocês que não votou para sentenciar a Madre Confessora à morte?”

“Ela foi sentenciada à morte por traição! De modo legal, e unânime, sentenciada por este Conselho! Guardas!”

“Removam esse homem!”

Homens vieram correndo pelo chão vasto, mas Richard já estava perto de seu alvo. Os conselheiros sacaram facas.

Richard pulou em cima da mesa com um grito de fúria. A lâmina partiu Thurstan ao meio, desde o ouvido até o meio das

pernas. Um giro para cada um dos lados cortou cabeças. Muitos dos homens tentaram esfaquear ele. Não chegaram nem perto de serem rápidos o bastante. A espada acertou cada uma das figuras de manto, inclusive aqueles que tentaram correr. Estava acabado em segundos, antes que os guardas estivessem na metade do caminho.

Richard saltou novamente e cima da mesa. Estava dominado pela ira desenfreada, segurando a espada com as duas mãos.

Ele esperou que eles viessem. Queria que eles viessem.

“Eu sou o Seeker! Esses homens assassinaram a Madre Confessora! Eles pagaram o preço do assassinato!”

“Decidam se querem ficar no lado das gargantas cotadas ou no lado do que é certo!”

O anel de homens diminuiu seu avanço, olhando uns para os outros. Finalmente eles pararam. Richard ficou parado, ofegante.

Um homem olhou para trás, para o buraco na parede onde as portas estiveram, e então deu uma olhada nos detritos espalhados pelo chão. “Você é um mago?”

Richard encarou os olhos do homem. “Sim. Acho que sou.”

O homem colocou a espada na bainha. “Isso é assunto de magos. Não é nossa obrigação desafiar magos. Não vou morrer por algo que não seja minha obrigação.”

Outro guardou sua espada. Logo, a sala ecoou com o som do aço sendo devolvido para suas bainhas. Eles começaram a se afastar, a sala vibrou com o som das suas botas. Em uma questão de momentos, a vasta câmara do Conselho estava vazia, a não ser por Richard.

Ele desceu da mesa e observou a grande cadeira no centro. Era a única coisa que não estava manchada de sangue. Aquela deveria ser a cadeira da Madre Confessora, a cadeira de Kahlan. Ela deve ter sentado naquela cadeira.

De modo inexpressivo, Richard guardou sua espada na bainha. Estava acabado. Tinha feito tudo que havia para fazer.

Os bons espíritos o abandonaram. Eles abandonaram Kahlan. Ele tinha sacrificado tudo para ver o que era certo ser feito, e os bons espíritos não tinham feito nada para ajudar.

Que o Guardiã ficasse com o bons espíritos.

Richard caiu de joelhos. Pensou na Espada da Verdade. Ela possuía magia; mas ele decidiu que não poderia contar que ela ajudasse no que ele precisava agora.

Ao invés disso, ele sacou a espada em seu cinto.

Tinha feito tudo que havia para fazer.

Richard colocou a ponta da faca no peito.

Com fria precisão, ele olhou para baixo, para ter certeza de que ela estava apontada para seu coração. O cabelo de Kahlan, o cabelo que ele tinha tomado do vendedor, estava em sua camisa. Richard tirou do bolso o tufo que ela deu para ele.

Havia dado isso para ele para que lembrasse que ela sempre o amaria. Ele queria apenas acabar com sua agonia incontrolável.

* * *

“Ela está acordada,” o Príncipe Harold falou. “Ela está esperando por você.”

Kahlan finalmente afastou os olhos das chamas na lareira. Lançou um olhar frio para o mago sentado perto de Adie em um banco de madeira. Embora Zedd tivesse recuperado sua memória, Adie não tinha. Ela ainda pensava em si mesma como Elda, e ainda estava cega.

Kahlan cruzou a escura sala de jantar. Quando eles chegaram, a hospedaria estava deserta, assim como o resto da cidade, por causa do medo do avanço das forças Kelteanas. A cidade vazia era um bom lugar para descansar em sua fuga de Aydindril. Duas semanas fugindo fez eles precisarem de um descanso, e um pouco de calor.

Uma semana fora de Aydindril, o pequeno grupo deles, Zedd, Adie, Ahern, Jebra, Chandalen, Orsk, e Kahlan, havia sido interceptado por uma pequena força liderada pelo Príncipe Harold. Príncipe Harold e vários homens dele tinham escapado do massacre das suas forças em Aydindril, e estiveram esperando. Quando a Rainha Cyrilla foi levada para ser decapitada, ele fez uma incursão ousada, e no meio da confusão de pessoas que vieram assistir a execução, ele arrancou sua irmã do homem do machado.

Quatro dias depois de juntarem-se ao Príncipe Harold, eles encontraram o Capitão Ryan e seus novecentos homens restantes.

Eles varreram a Ordem Imperial até o último homem. Tinha custado muito para eles, mas executaram sua missão.

Até mesmo o orgulho que ela sentia por eles falhou em fortalecer o espírito dela, embora ela se recusasse a demonstrar isso para aqueles homens.

Depois que ela torceu um pano dentro de uma bacia, Kahlan sentou na beira da cama de sua meia-irmã. Cyrilla estava consciente, como ficava de vez em quando, mas sempre voltava ao estado de torpor depois de pouco tempo. Quando ela estava naquele estado, não enxergava nada, não ouvia nada, e não falava nada. Apenas ficava olhando fixamente.

Agora Kahlan estava animada em ver as lágrimas dela, uma vez que isso significava que ela estava acordada. Quando estava alerta, apenas Kahlan conseguia falar com ela. A visão de homens fazia ela começar a gritar ou voltar ao torpor.

Cyrilla agarrou o braço de Kahlan enquanto Kahlan passava o pano frio em sua testa. "Kahlan, você pensou no que eu disse?"

Kahlan afastou o pano. "Não quero ser a Rainha de Galea. Você é a Rainha, minha irmã."

"Por favor, Kahlan, nosso povo precisa de um líder. Agora eu não estou em condições de fazer isso." Ele apertou o braço de Kahlan com mais força. Lágrimas derramaram. "Kahlan, precisa fazer isso por mim, por eles."

Kahlan enxugou as lágrimas com o pano. "Cyrilla, as coisas vão ficar bem, você verá."

Ela colocou um braço em cima do estômago. "Não posso liderar, agora."

"Cyrilla, eu entendo. Entendo mesmo. Ainda que eles não tenham feito comigo o que fizeram com você, eu estive naquele buraco. Eu entendo."

"Mas você vai se recuperar. Você vai, eu prometo."

"E você será a Rainha? Por nosso povo?"

"Se eu concordar, seria apenas temporário. Somente até que você tenha recuperado sua força."

“Não...” ela resmungou. Fungou, escondendo o rosto no travesseiro. “Não... Por favor. Queridos espíritos, me ajudem.”

“Não...”

E então ela se foi novamente. Perdeu-se nas visões. Ficou mole, parada como se estivesse morta, olhando para o teto.

Kahlan beijou a bochecha dela.

Príncipe Harold esperava na escuridão do lado de fora da porta. “Como está minha irmã?”

“Do mesmo jeito, estou com medo. Mas tenha fé. Ela vai se recuperar.”

“Kahlan, você deve fazer o que ela pede. Ela é a Rainha.”

“Porque você não pode ser rei? Isso faria mais sentido.”

“Devo continuar lutando por nosso povo, por toda Midlands. Não posso me concentrar na luta se estiver carregando também a preocupação de ser rei. Sou um soldado, e desejo servir da maneira que sei. Eu fui treinado para isso. Você é uma Amnell, filha do Rei Wyborn; você deve ser a Rainha de Galea.”

Kahlan começou a empurrar seu longo cabelo para trás, por cima do ombro, mas ele não estava lá. Era difícil esquecer os hábitos de toda uma vida, lembrar que o cabelo dela havia sido cortado bem curto.

“Vou pensar nisso,” ela falou, enquanto começava a se afastar.

Ela ficou parada na frente da lareira mais uma vez, a única fonte de luz na sala de jantar, olhando dentro das chamas, observando as coisas que uma vez estiveram vivas transformarem-se em cinzas. Todos a evitavam, e a deixavam sozinha.

Depois de um tempo, ela percebeu que Zedd estava ao lado dela. Somente agora estava começando a se acostumar com ele naquelas roupas enfeitadas.

Ele levantou sua xícara. “Porque não toma um pouco de chá com especiarias.”

Ela não desviou os olhos das chamas. “Não, obrigada.”

Ele girou a xícara nas mãos. “Kahlan, não pode continuar se culpando. Não é culpa sua.”

“Você mente muito mal, mago. Vi a expressão em seus olhos quando falei o que eu tinha feito. Lembra?”

“Eu já expliquei aquilo. Você sabe que eu estava sob o feitiço lançado pelas três feiticeiras, e somente um grande choque emocional poderia quebrá-lo. A raiva poderia fazer o trabalho, mas uma vez que a raiva começa, é preciso permitir que ela exploda descontroladamente para quebrar o feitiço. Já falei como sinto muito pelo que fiz com você.”

“Vi o olhar em seus olhos. Você queria me matar.”

Ele observou debaixo de suas grossas sobrancelhas. “Tive que fazer aquilo, Madre Confessora...”

“Kahlan. Eu falei, não sou mais a Madre Confessora.”

“Chame a si mesma como desejar, mas você é quem você é. Negar o nome não faz isso ser verdadeiro. E como eu disse, eu tive que fazer aquilo também. Para executar um feitiço da morte, a pessoa que será enfeitiçada tem que estar convencida de que vai morrer, ou não funcionará.”

“Uma vez que a raiva trouxe de volta minha memória, sabia que tinha que usar um feitiço da morte, então simplesmente usei o que estava acontecendo para fazer o que tinha que ser feito. Foi um ato de desespero. Se não tivesse sido feito daquele jeito, as pessoas não acreditariam que tinham visto você decapitada.”

Kahlan tremeu com a lembrança da magia. Enquanto ela vivesse, jamais esqueceria o gélido toque do feitiço da morte.

“Ao invés disso, você deveria ter usado magia para destruir aquele Conselho do mal. Deveria ter me salvado matando aqueles homens.”

“E então todos saberiam que você ainda estava viva. Todos ali estavam sob a loucura do ódio.”

“Se eu tivesse feito isso, então teríamos o exército inteiro, e dezenas de milhares das pessoas, correndo atrás de nós.”

“Desse jeito, ninguém nos persegue. Agora podemos continuar com o que deve ser feito.”

“Você pode continuar. Eu desisti da causa dos bons espíritos.”

“Kahlan, você sabe o que aconteceria se nós acabássemos desistindo. Foi você mesma, no outono passado, que veio até Westland para me encontrar e falar exatamente isso. Você ajudou a me convencer que se abandonarmos o lado da magia, do certo, se

deixarmos de ajudar aqueles que estão impotentes, então o inimigo receberá uma incontestável vitória.”

“Os espíritos acharam melhor me deixar sem ajuda. Eles ficaram de lado quando eu entreguei Richard nas mãos das Irmãs da Luz; eles permitiram que eu o ferisse, deixaram ele ser levado de mim para sempre. Os bons espíritos escolheram o lado deles, e não é junto comigo.”

“Não é trabalho dos bons espíritos governar o mundo dos vivos. Esse é o nosso trabalho, o trabalho dos vivos, de cuidar de nosso próprio mundo.”

“Diga isso para alguém que se importa.”

“Você se importa. Apenas ainda não percebeu isso nesse momento. Eu também perdi Richard, mas sei que não posso permitir que isso me desvie do caminho certo. Acha que Richard amaria você se fosse realmente o tipo de pessoa que poderia abandonar aqueles que precisavam de sua ajuda?”

Ela não falou nada, então ele reforçou o ataque.

“Richard ama você em parte por causa de sua paixão pela vida. Ama você porque você luta por isso com tudo que tem, com o mesmo ardor que ele. Você já provou isso.”

“Ele era a única coisa que eu realmente queria na vida, a única coisa que eu pedi aos bons espíritos. E olha o que eu fiz com ele. Ele acha que eu o traí. Fiz ele colocar uma coleira em volta do pescoço, a coisa que ele temia mais do que a morte. Não sou a pessoa certa para ajudar ninguém. Eu só causo prejuízo.”

“Kahlan, você tem magia. Falei para você, que não devemos permitir que a magia morra. O mundo dos vivos precisa da magia. Se a magia acabar, toda a vida vai empobrecer, e poderia até mesmo ser destruída.”

“Ninguém sabe as forças que temos. Iremos até Ebinissia, ninguém vai esperar por isso, e juntaremos as forças de Midlands de lá para contra-atacar. Ninguém saberá que trouxemos Ebinissia de volta das cinzas da morte.”

“Está bem! Se isso vai conter a sua língua, eu serei a Rainha. Mas somente até que Cyrilla esteja melhor.”

O fogo estalou e chiou. Zedd falou com suave advertência. "Você sabe que não é isso que eu quero dizer, Madre Confessora."

Kahlan não falou nada. Mordeu a parte interna da bochecha para evitar chorar. Não permitira que ele a visse chorar.

"Os magos da antiguidade criaram as Confessoras. Você tem uma magia rara. Ela possui elementos que nenhuma outra magia tem, nem mesmo a minha. Kahlan, você é a última Confessora. Não podemos permitir que a sua magia morra com você."

"Richard está perdido para nós. É desse jeito. Devemos continuar em frente. A vida, e a magia, devem continuar."

"Você deve escolher um companheiro e dar ao mundo essa magia para o futuro."

Ela ainda continuava olhando para as chamas.

"Kahlan," ele sussurrou, "deve fazer isso como prova ao amor e a fé de Richard em você."

Lentamente, ela virou para a sala atrás. Orsk estava sentado com as pernas cruzadas no chão, ao lado de Chandalen. Só ele olhava para ela, com seu único olho, a cicatriz que atravessava o outro parecendo branca e horrível na luz do fogo. Ele observava cada movimento que ela fazia. Cada um dos outros na sala tentava parecer furiosamente engajado em seus próprios assuntos.

"Orsk," ela chamou.

O homem enorme levantou rapidamente e atravessou a sala. Ficou encolhido diante dela, esperando uma ordem para buscar uma xícara de chá, ou matar alguém.

"Orsk, suba até o meu quarto e espere por mim."

"Sim, Minha Senhora."

Depois que ele subiu as escadas, ela atravessou a sala lentamente. Ela conseguiu ouvir a cama chiar quando ele sentou nela, para esperar.

Quando ela colocou a mão no pilar central da escadaria, Zedd colocou a mão dele em cima, fazendo ela parar. "Madre Confessora, não precisa ser ele. Certamente você pode encontrar alguém mais adequado ao seu gosto."

"Não faz diferença. Eu já toquei ele com meu poder. Porque prejudicar outro, para nada mais além disso?"

“Kahlan, não estou dizendo que tem de ser agora. Não tão cedo. Estou dizendo apenas que você deve começar a aceitar isso, e que em algum ponto isso deve ser feito.”

“Hoje, amanhã, no próximo ano. O que importa? Daqui a dez anos será do mesmo jeito que hoje. Magos estiveram usando Confessoras por milhares de anos. Porque eu deveria ser diferente? Posso muito bem acabar logo com isso para que você fique satisfeito.”

O olhar triste dele continuou fixo no dela. “Kahlan, não é desse jeito. Isso é a esperança da vida.”

Ela sentiu uma lágrima rolar pela bochecha. Podia ver a dor nos olhos dele, mas não mostrou misericórdia para ele por causa disso.

“Chame como desejar. Não vai mudar o que é. É um estupro. Meus inimigos não conseguiram fazer isso; será preciso meus amigos para me estuprar.”

“Eu sei, minha querida. Eu sei muito bem.” impediu.

“Kahlan, por favor, faça apenas uma coisa para mim primeiro? Vá dar uma caminhada para pensar nas coisas, e peça orientação aos espíritos. Reze aos bons espíritos, procure o direcionamento deles.”

“Não tenho nada para dizer aos bons espíritos. São eles que desejam isso; eles enviaram você, para me oferecer *orientação*.”

A mão fina dele acariciou o cabelo curto dela. “Então faça isso por Richard.”

Ela ficou parada olhando para ele. Finalmente, olhou para a porta dos fundos, para o pequeno jardim congelado nos fundos da hospedaria. Já estava noite lá fora.

Kahlan desceu os degraus. “Por Richard.”

CAPÍTULO 70



Richard sentou na cadeira alta de Kahlan, acariciando os longos tufos de cabelo dela. Tirou eles da camisa, não querendo esfaquear a si mesmo através do cabelo dela. Não sabia quanto tempo ficou sentado ali, tocando o cabelo dela, perdido nas lembranças, mas notou que estava começando a escurecer do lado de fora pelas janelas.

Richard depositou o cabelo cuidadosamente sobre o braço da cadeira, e pegou a faca mais uma vez. Em um turbilhão de angústia, colocou a ponta no coração. As articulações dos dedos estavam brancas em volta do cabo.

Estava na hora.

Finalmente aquilo acabaria. A dor acabaria.

A testa dele franziu. O que foi mesmo que a Senhora Sanderholt disse? Kahlan falou sobre ele? Imaginou se Kahlan falou para Senhora Sanderholt mais alguma coisa. Talvez uma última mensagem para ele, antes que morresse. Que mal faria perguntar? Então ele poderia morrer.

Richard puxou a Senhora Sanderholt da cozinha, para dentro de uma pequena despensa cheia de provisões. Ele fechou a porta.

“O que você fez, Richard?”

“Matei os assassinos.”

“Bem, não posso dizer que sinto muito por isso. Aqueles homens não pertenciam ao Conselho. Permite que eu sirva alguma coisa para comer?”

“Não. Eu não quero nada. Senhora Sanderholt, você disse que Kahlan falou sobre mim. Não foi mesmo?”

Ela não parecia querer remexer nas lembranças, mas finalmente soltou um profundo suspiro e assentiu.

“Ela veio para casa, mas as coisas tinham mudado aqui. Kelton tinha...”

“Não me importo com o que aconteceu aqui, só me fale sobre Kahlan.”

“O Príncipe Fyren foi assassinado. Ela foi acusada, incorretamente, desse crime e de uma lista de outros, incluindo traição. O mago no comando deu a sentença para que ela fosse... executada.”

“Decapitada,” Richard disse.

Ela assentiu relutante. “Ela escapou, com a ajuda de alguns de seus amigos, matando o mago quando fez isso, então se escondeu. Mas ela mandou recado para mim, e eu fui visitá-la. Nessas visitas, ela me contou todas as coisas que passou. Contou tudo sobre você. Ela não gostava de falar mais de outra coisa.”

“Porque ela não fugiu? Porque não correu?”

“Disse que tinha de esperar por um mago chamado Zedd. Para ajudar você.”

Os olhos de Richard fecharam quando a dor apertou em seu peito. “E então pegaram ela enquanto esperava.”

“Não. Não foi isso que aconteceu.” Richard olhou fixamente para as trilhas de grama no chão de madeira enquanto ela continuava.

“O mago que ela esperava voltou. Foi ele quem a entregou.”

A cabeça de Richard levantou. “O quê? Zedd veio aqui? Zedd não entregaria Kahlan para ser executada.”

A costa dela endureceu. “Ele a entregou. Ele estava na plataforma diante da multidão agitada e ordenou que aquilo fosse feito. Eu assisti quando aquele homem cruel deu o sinal para o homem do machado.”

A mente de Richard girou de confusão. “Zedd? Um velho, magro, com longo cabelo branco desgrehado?”

“Esse mesmo. O Primeiro Mago Zeddicus Zu'l Zorander.”

Pela primeira vez, uma centelha de esperança acendeu nele. Não sabia tudo sobre Zedd, mas sabia que ele era capaz de coisas parecidas. Poderia ser?”

Ele agarrou ela pelos ombros. “Onde ela está enterrada ?”

A Senhora Sanderholt levou ele para fora na noite, até o pátio isolado onde as Confessoras estavam enterradas.

Ela disse que o corpo de Kahlan havia sido queimado em uma pira funerária, com a supervisão do Primeiro Mago. Então deixou ele sozinho com a imensa lápide sobre as cinzas dela.

Richard passou os dedos sobre as letras gravadas no granito cinza.

KAHLAN AMNELL.

MADRE CONFESSORA.

ELA NÃO ESTÁ AQUI, MAS SIM NOS CORAÇÕES DAQUELES QUE A AMARAM.

“Ela não está aqui,” ele falou bem alto, citando o que estava na lápide. Poderia ser uma mensagem? Ela poderia estar viva? Teria sido um truque de Zedd para salvar a vida dela? Porque ele faria isso? Talvez, talvez, para evitar que eles fossem atrás dela.

Richard caiu de joelhos na neve diante do monumento. Ele deveria ousar ter esperança, só para ter suas esperanças despedaçadas?

Juntou suas mãos trêmulas e baixou a cabeça.

“Queridos espíritos, sei que fiz coisas terríveis, mas sempre tentei fazer o que é certo. Tenho lutado para ajudar pessoas e defender seus princípios de honestidade e do que é certo.”

“Por favor, queridos espíritos, me ajudem.”

“Nunca rezei para vocês com tanto fervor. Não desse jeito. Nunca pedi nada assim. Por favor, se não me ajudarem nunca mais, me ajudem apenas dessa vez.”

“Por favor, queridos espíritos, não posso continuar se não souber. Desisti de tudo para ver a coisa certa ser feita. Por favor me concedam isso. Permitam que eu saiba se ela está viva.”

A cabeça dele abaixada, lágrimas escorrendo do seu rosto, ele viu luz tremulando no chão diante dele.

Richard olhou para cima. Um espírito cintilante se erguia sobre ele.

Quando reconheceu quem era, ele ficou rígido.

* * *

Kahlan havia caminhado pelo jardim incontáveis vezes. Parte de sua hesitação era por causa da possibilidade de que ela confirmasse o seu medo. Finalmente, ela ajoelhou e uniu as mãos sobre uma pedra na frente dela. Baixou a cabeça.

“Queridos espíritos, sei que não sou digna, mas por favor me atendam nisso. Preciso saber se Richard está bem. Se ele ainda me ama.”

Ela engoliu a sensação ardente em sua garganta. “Preciso saber se algum dia o verei novamente.”

“Fui desrespeitosa, eu sei, e não tenho desculpa a não ser minha própria falha como uma boa pessoa. Se me concederem isso, farei qualquer coisa que os bons espíritos pedirem.”

“Mas por favor, queridos espíritos, preciso saber se verei meu Richard outra vez.”

A cabeça dela ficou abaixada enquanto chorava. Lágrimas pingavam de seus rosto. Na frente dela, sobre o chão, luzes dançavam.

Kahlan olhou para cima, para o rosto do espírito brilhante acima dela. Ela sentiu o calor do sorriso tranquilo do rosto que ela conhecia.

Lentamente, involuntariamente, Kahlan levantou.

“É mesmo... você?”

“Sim, Kahlan, sou eu, Denna.”

“Mas... você foi para o Guardiã. Levou a marca que Darken Rahl colocou em Richard. Foi para o Guardiã no lugar de Richard.”

O sorriso cintilante de paz encheu o coração de Kahlan de alegria.

“O Guardiã teve repulsa por causa daquilo que eu fiz. Ele me rejeitou. Ao invés disso, eu fiquei com aqueles que você chama de bons espíritos.”

“Da mesma maneira que aquilo que fiz me forneceu uma paz que jamais esperei, os sacrifícios que você e Richard fizeram pelos outros de modo abnegado, e um pelo outro, conquistou o ganho dessa paz para vocês dois.”

“Porque cada um de vocês possui os dois lados da magia, e estão conectados a mim por feitos que realizaram, antes que eu vá para além do véu recebi o poder para juntar vocês, por um breve período de tempo, em um lugar entre os mundos.”

Denna, envolvida em longo manto ondulante, abriu os braços. Os feixes luminosos desceram dos braços dela até o chão.

“Venha, criança. Venha para meus braços, e levarei você até Richard.”

Tremendo, Kahlan caminhou até os braços de Denna.

* * *

Richard ficou parado sob a luz do braço de Denna enquanto ele o envolveu suavemente. O mundo desapareceu dentro do brilho. Ele não sabia o que esperar, apenas que queria ver Kahlan mais do que a própria vida.

A poderosa chama branca suavizou até ficar apenas com um leve brilho.

Kahlan surgiu diante dele. Ela arfou, e então atirou-se nos braços dele. Gemeu falando o nome dele enquanto se agarrava.

Eles ficaram abraçados, sem palavras, apenas sentindo a presença um do outro. Ele sentiu o calor dela, sua respiração, seu tremor. Não queria largar ela nunca mais.

Eles se abaixaram no suporte suave abaixo deles. Ele não sabia o que era aquilo, e não se importava; era sólido o bastante para suportar o peso deles. Ele queria os braços dela em volta dele para sempre. Finalmente ela parou de gemer, e aninhou a cabeça no ombro dele enquanto ele a abraçava com força.

Depois de algum tempo, ela olhou para o rosto dele, seus belos olhos verdes observando profundamente dentro dos dele. “Richard, sinto muito fazer você colocar essa no coleira no seu...”

Richard colocou o dedo nos lábios dela. “Foi tudo por uma razão. Levou tempo até que eu entendesse como estava sendo tolo, e o quanto você foi corajosa. Isso é tudo que importa. Isso me faz amar você ainda mais, porque sacrificou suas próprias necessidades para me salvar.”

Ela balançou a cabeça. "Meu Richard. Como você chegou aqui?"

"Rezei para os bons espíritos. Denna apareceu."

"Eu também. Denna fez um sacrifício por você também. Ela tirou o poder da marca, para que você pudesse viver. Denna devolveu sua vida de volta para mim. Agora ela está em paz."

"Eu sei." Passou a mão na cabeça dela, no cabelo curto dela. "O que aconteceu com seu cabelo?"

"Um mago cortou."

"Um mago. Bem, então acho que um mago terá que recuperar ele para você."

Richard passou a mão carinhosamente no cabelo dela. Lembrou do modo como Zedd passou a mão em seu próprio queixo para fazer a barba crescer. Parecia que por ter visto Zedd fazer aquilo, ele também sabia como fazer.

Com cada toque de sua mão, o cabelo dela crescia. Richard continuou a retirar energia do centro de calma dentro dele, e o cabelo dela continuou a crescer. Quando estava do mesmo jeito que antes, ele parou.

Kahlan levantou um longo tufo do cabelo dela, olhando para ele maravilhada. "Richard, como fez isso?"

"Eu tenho o dom, lembra?"

Ela ficou radiante com o seu sorriso especial, o sorriso de cumplicidade que não oferecia para mais ninguém. Kahlan passou a mão na bochecha dele.

"Sinto muito, Richard, mas eu não gosto da sua barba. Prefiro você do jeito que era."

Ele levantou uma sobrancelha. "Verdade? Bem, então já que fizemos você voltar ao que era certo, teremos que fazer o mesmo comigo também."

Richard passou a mão em sua mandíbula, novamente usando o poder do centro de calma.

Kahlan ficou surpresa. "Richard! Ela sumiu! Sua barba sumiu! Fez ela desaparecer! Como fez isso!"

Ela piscou assustada. "Magia Subtrativa? Richard, isso é real, ou estou apenas sonhando?"

E então ele a beijou, durante longo tempo e profundamente.

“Parece real para mim,” ele falou sem fôlego.

“Richard, estou com medo. Você está com as Irmãs. Nunca mais poderei ficar com você. Não posso continuar se você for levado de...”

“Não estou com as Irmãs. Estou em Aydindril.”

“Aydindril!”

Ele assentiu. Deixei o Palácio dos Profetas. Irmãs Verna me ajudou. Então eu tive que ir para D'Hara.”

Richard falou para ela tudo que havia acontecido desde que a deixou, e ela contou tudo pelo que tinha passado. Richard mal podia acreditar nas coisas que ela fez.

“Estou muito orgulhoso de você,” ele disse. “Você realmente é a Madre Confessora. É a maior Madre Confessora que já viveu.”

“Volte até o salão diante da câmara do Conselho, e verá grandes pinturas de Confessoras que foram maiores do que eu jamais serei.”

“Disso, meu amor, eu duvido.”

Ele a beijou novamente. Um beijo quente e apaixonado. Ela o beijou em retorno, desesperadamente, como se ela não precisasse de nada na vida tanto quanto estar nos braços dele, beijando-o. Ele beijou a bochecha dela, suas orelhas e o pescoço. Ela gemeu encostada nele.

“Richard, a cicatriz, a marca de Darken Rahl, realmente sumiu?”

Ele levantou a camisa para mostrar.

A mão dela tocou no peito dele. “É mesmo verdade,” ela sussurrou.

Carinhosamente, ela beijou o peito dele. Passou a mão sobre ele, beijando onde a marca estivera. Deu um beijo no mamilo dele.

“Isso não é juto,” ele falou sem fôlego. “Tenho que beijar tudo em você que você beijar em mim.”

Kahlan olhou nos olhos dele enquanto desabotoava a camisa dela. “Barganha aceita.”

Ela começou a tirar a roupa enquanto ele dava beijos molhados na carne suave dela. A respiração dele acelerava com cada beijo.

“Kahlan,” ele conseguiu falar quando se afastou, “os bons espíritos podem estar nos observando.”

Ela agarrou nas costas dele e o beijou. “Se eles forem bons espíritos, irão virar de costas.”

A sensação da carne quente dela fez a cabeça dele girar. A sensação das formas dela fez ele gemer de desejo.

Em volta deles, a luminosidade suave pulsava junto com a respiração. Parecia ser uma extensão do calor deles.

Richard rolou para cima dela. Olhou para baixo, dentro dos olhos verdes dela. “Amo você, Kahlan Amnell. Agora, e para sempre.”

“E eu amo você, meu Richard.”

Enquanto eles juntavam seus lábios, ela colocou os braços em volta do pescoço dele, e suas pernas macias nas dele.

Em um vácuo entre mundos, no brilho suave de um lugar indiferente ao tempo, eles eram um só.

CAPÍTULO 71



Kahlan caminhou de volta para dentro da hospedaria. Ficou parada nas sombras no fim do corredor que conduzia até a sala de jantar. Ainda sentia a luminosidade, o calor, a alegria que entorpecia a mente e a satisfação. Todos olharam quando escutaram os passos dela.

Zedd levantou rapidamente. "Kahlan! Danação, garota, onde você esteve durante a noite toda! Está quase amanhecendo! Você desapareceu desde o anoitecer! Estivemos procurando por você na cidade a noite toda! Aonde você foi?"

Ela virou e esticou a mão. "Para o pequeno jardim, ali atrás."

Zedd andou nervoso pela sala. "Você não estava no jardim!"

Ela sorriu de maneira sonhadora. "Bem, foi para lá que eu fui, mas deixei aquele lugar. Encontrei com Richard. Zedd, ele escapou das Irmãs. Está em Aydindril."

Zedd reduziu o passo, até que parou. "Kahlan, sei que você teve momentos difíceis, mas simplesmente teve uma visão de algo que desejou."

"Não Zedd. Rezei para os bons espíritos. Ela veio e me levou até Richard. Para ficar com ele em um lugar entre os mundos."

"Kahlan, isso simplesmente não..."

Kahlan deu um passo saindo das sombras, entrando na luz da lareira. Os olhos de Zedd ficaram arregalados.

"O que... o que aconteceu com seu cabelo?" o mago sussurrou. "Ele está comprido outra vez."

Kahlan sorriu. "Richard consertou ele. Agora ele tem o dom, você sabe." Ela mostrou o Agiel pendurado no pescoço. "Ele me deu isso. Disse que não precisava mais dele."

"Mas... tem que haver alguma outra explicação..."

“Ele deixou uma mensagem para entregar a voc ê. Disse para agradecer a você por não fechar a Caixa de Orden que estava aberta. Ele falou que estava feliz que seu avô fosse sábio o bastante para não violar a Segunda Regra do Mago.”

“Seu avô...” Lágrimas rolaram no rosto enrugado dele. “Você viu ele! Realmente viu ele! Richard is safe!”

Ela jogou os braços em volta dele. “Sim, Zedd. Agora tudo vai ficar bem. Ele devolveu a Pedra das Lágrimas para o lugar ao qual ela pertence, e fechou a Caixa de Orden. Ele chamou de portal. Disse que é preciso tanto a Magia Aditiva quanto a Subtrativa para fazer isso ou toda a vida seria destruída.”

Ele agarrou os ombros dela. “Richard tem Magia Subtrativa? Impossível.”

“Ele tinha uma barba, e fez ela desaparecer. Disse para lembrar você da lição que deu para ele, que apenas a Subtrativa poderia fazer isso.”

“Maravilha das maravilhas.” O rosto dele chegou mais perto. “Você está toda suada, garota.” Ele colocou uma das mãos magras na testa dela. “Não está com febre. Porque está suando?”

“Estava... quente, naquele outro mundo. Bastante quente.”

Ele ficou olhando para o cabelo dela. “Seu cabelo está todo desarrumado. Que tipo de mago faria crescer cabelo todo desarrumado? Eu teria feito ele crescer liso. Aquele garoto tem muito que aprender. Ele não fez direito.”

Os olhos de Kahlan saíram de foco. “Acredite, ele fez direito.”

Ele virou a cabeça, estudando ela com um olho. “O que estiveram fazendo a noite toda? Você desapareceu a noite toda. O que vocês dois estiveram fazendo?”

Kahlan podia sentir suas orelhas esquentarem. Ela estava feliz que seu cabelo estivesse longo novamente. “Bem, eu não sei. O que você e Adie fazem quando ficam juntos a noite toda?”

Zedd ficou rígido. “Bem...” Limpou a garganta. “Bem, nós...” Levantou o queixo e apontou um dedo para cima. “Nós conversamos. É isso que fazemos, nós conversamos.”

Kahlan encolheu os ombros. “Foi isso que fizemos também. Exatamente como você e Adie fazem durante a noite toda. Nós

conversamos.”

Um leve sorriso surgiu no rosto dele. Abraçou-a bem apertado em seus braços magros, dando tapinhas nas costas dela. “Fico muito feliz por você, minha querida.”

Zedd segurou as mãos dela e dançaram pela sala. Ahern sorriu e tirou uma pequena flauta, tocando uma melodia alegre. “Meu neto é um mago! Meu neto será um grande mago! Do mesmo jeito que seu avô!”

A celebração continuou por alguns minutos, com todos rindo juntos. Todos bateram palmas acompanhando as notas enquanto Zedd dançava com ela pela sala.

Kahlan viu uma pessoas que não estava participando. Adie estava sentada em uma cadeira de balanço em um canto. Tinha um leve sorriso triste no rosto enquanto virava o ouvido para acompanhá-los.

Ela se aproximou da velha e ajoelhou diante dela. Kahlan segurou as mãos frágeis.

“Estar feliz por você, criança,” Adie falou.

“Adie,” Kahlan falou com uma voz suave, “os espíritos mandaram uma mensagem para você.”

Ela balançou a cabeça tristemente. “Sinto muito, criança, mas isso não significaria nada para mim. Não lembrar de ser essa mulher Adie.”

“Prometi entregar a mensagem. É importante para alguém distante que você a receba. Vai escutar a mensagem?”

“Diga então, ainda que eu deva pedir desculpas por não entender o significado.”

“É uma mensagem de alguém chamado Pell.”

A sala estava silenciosa atrás dela. O balanço de Adie parou. Ela endireitou um pouco o corpo. Seus olhos se encheram de lágrimas.

As mãos de Adie apertaram as de Kahlan. “De Pell? Uma mensagem do meu Pell?”

“Sim, Adie. Ele quer que você saiba que ele te ama, e que está em um lugar de paz. Pediu para falar que sabe que você nunca o traiu. Sabe o quanto você o ama, e sente muito porque você teve

que sofrer. Pediu para dizer a você que fique em paz, sabendo que tudo está bem entre os seus espíritos.”

Adie virou a cabeça e olhou para Kahlan com seus olhos brancos. Lágrimas desceram por suas bochechas.

“Meu Pell sabe que eu não o traí?”

Kahlan assentiu. “Sim, Adie. Ele sabe, e ele ama você como sempre.”

Adie segurou Kahlan nos braços enquanto chorava. “Obrigada Kahlan. Nunca saberá o quanto isso significa para mim. Você me devolveu tudo. Você devolveu o sentido da vida.”

“Sei o quanto ela significa, Adie.”

Adie acariciou a cabeça de Kahlan enquanto segurava ela bem perto. “Sim, criança, talvez você saber.”

Jebra e Chandalen preparavam o café-da-manhã enquanto o resto deles conversava e planejava. Embora fosse um trabalho terrível limpar Ebinissia de todos os corpos, pelo menos ainda era inverno, e a tarefa não seria feita na primavera.

De Ebinissia, eles reuniriam Midlands novamente.

Kahlan disse para eles que Richard falou que tentaria encontrar com eles na cidade de Coroa Galeana, e que ele falou que então poderia precisar levar Zedd de volta até Westland, para cuidar das Irmãs do Escuro. Mas por enquanto, elas estavam seguramente no mar.

Depois de uma boa refeição, cheia de alegria e conversas felizes que durante muito tempo fizeram falta, eles começaram a arrumar as coisas deles. Chandalen, com uma expressão inquieta, puxou Kahlan para um canto.

“Madre Confessora, quero perguntar uma coisa. Não perguntaria para você, se eu conhecesse alguma outra pessoa para perguntar.”

“O que é, Chandalen?”

“Como você fala *seios* em sua língua?”

“O quê?”

“Qual é a palavra para seios ? Quero dizer para Jebra que ela tem seios bonitos.”

Kahlan balançou os ombros intencionalmente. "Chandalen, sinto muito, mas tenho que conversar sobre isso com você. Acho que com tudo que aconteceu, nunca cheguei a falar direito no assunto."

"Então fale agora. Quero dizer para Jebra com eu gosto dos seis bonitos dela."

"Chandalen, com o Povo da Lama, isso é uma coisa certa para falar sobre uma mulher. É um elogio. Mas em outros lugares, não é considerado como um elogio, mas uma coisa imprópria. Muito imprópria, até que duas pessoas se conheçam."

"Eu conheço ela bem."

"Não bem o bastante. Vai confiar em mim nesse assunto? Se realmente gosta dela, então não deve falar isso para ela, ou ela não vai gostar de você."

"Mas, as mulheres por aqui não gostam de ouvir a verdade?"

"Não é tão simples. Você diria para uma mulher em sua aldeia que gostaria que a lama fosse lavada do cabelo dela, mesmo que isso seja verdade?"

"Você gosta de outras coisas nela?"

Ele assentiu com bastante entusiasmo. "Sim. Gosto de tudo nela."

"Então diga que gosta do sorriso dela, ou do cabelo, ou dos olhos."

"Como eu sei que é a coisa certa para fazer elogio?"

Kahlan suspirou. "Bem, por enquanto, apenas use qualquer parte que não esteja coberta por roupas, e vai ficar em segurança."

Ele concordou, pensativo. "Você é sábia, Madre Confessora. Fico que feliz que você tem Richard de volta como seu companheiro, ou com certeza escolheria Chandalen."

Kahlan riu e deu um abraço nele. Ele devolveu o abraço calorosamente.

Do lado de fora, ela viu os homens: Capitão Ryan, Tenente Hobson, Brin e Peter, e outros que conhecia. Todos estavam contagiados com o sorriso e o bom humor dela.

Nos estábulos ela deu uma olhada em Nick. Chandalen tinha roubado ele de volta quando partiram de Aydindril. O grande cavalo

de batalha relinchou suavemente com a aproximação dela.

Kahlan acariciou o focinho cinzento dele enquanto ele encostava a cabeça nela. "Como você está, Nick?" Ele bufou. "Gostaria de levar a Rainha de Galea até o Palácio em Ebinissia?"

Nick balançou a cabeça, pois estava ansioso para sair dos estábulos e galopar no dia claro.

Água pingava dos pingentes de gelo que derretiam na beira do telhado do estábulo. Kahlan olhou para fora, para as colinas. Esse seria um raro dia quente no inverno. Mas em breve seria primavera.

* * *

A Senhora Sanderholt ficou surpresa quando Richard pegou outra tigela de sopa e um pedaço de pão.

"Senhora Sanderholt, você faz a melhor sopa do mundo, depois da minha."

Na cozinha mais adiante, os ajudantes estavam bastante ocupados cuidando dos preparativos para o café-da-manhã. Ela fechou a porta.

"Fico feliz que você esteja muito melhor. Estava preocupada que fizesse alguma coisa terrível noite passada, você estava tão triste. Mas essa é uma mudança muito grande. Alguma coisa deve ter acontecido para fazer você mudar de humor de modo tão repentino."

Olhou para ela enquanto mastigava. Engoliu o pão. "Vou contar se prometer manter em segredo, por enquanto. Poderia causar sérios problemas se contasse para alguém."

"Então eu prometo."

"Kahlan não está morta."

Ela ficou olhando para ele, inexpressiva. "Richard, você está pior do que pensei. Eu mesma vi..."

"Sei o que você viu. O mago que viu é o meu avô. Ele usou um feitiço para fazer todos pensarem que ela foi executada, para que eles não fossem caçados, para que pudessem escapar. Ela está em segurança."

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele. “Oh, queridos espíritos sejam louvados!”

“Com certeza,” Richard falou com um sorriso.

Richard levou a tigela de sopa para fora, para observar o amanhecer. Estava animado demais para ficar preso lá dentro.

Sentou nos largos degraus, olhando em volta para o magnífico Palácio erguendo-se ao redor dele. Torres, picos e telhados brilhavam sob a luz do amanhecer.

Enquanto tomava sua sopa, observava um gárgula em cima da borda de um enorme friso suportado por colunas ali perto. As nuvens rosadas estavam começando a brilhar atrás dele, destacando a silhueta da grotesca forma agachada.

Richard tinha acabado de colocar um colher de sopa na boca quando pensou ter visto o gárgula dar um profundo suspiro. Richard colocou a tigela no chão. Levantou rapidamente, seu olhos não desviando nunca da forma escura. Ela se moveu novamente, só um leve tremor.

“Gratch! Gratch, é você!”

A forma não se moveu. Talvez fosse apenas a sua imaginação. Richard esticou os braços bem abertos.

“Gratch! Por favor, se for você, me perdoe. Gratch, senti saudade de você!”

Demorou apenas um momento, e então as asas se abriram. Ele saltou do canto da construção e deslizou descendo na direção dele. Com um bater de asas, o enorme gar pousou sobre os degraus a uma curta distância.

“Gratch! Oh, Gratch, senti saudade de você!” O gar observou com brilhantes olhos verdes. “Não sei se consegue entender, mas eu não estava falando sério. Só estava tentando salvar a sua vida. Por favor, me perdoa? Richard ama Gratch.”

As asas sacudiram. Uma nuvem da respiração dele saiu por entre as longas presas. Suas orelhas levantaram.

“Grrratch luuug Raaaach aaarg.”

O gar foi pulando até os braços de Richard, derrubando ele nos degraus. Richard abraçou a besta peluda, e Gratch envolveu ele em

braços e asas. Cada um deles bateu nas costas do outro, e cada um deles sorriu da sua própria maneira.

Quando eles finalmente sentaram, Gratch se agachou, olhando para o rosto de Richard de modo curioso. Com a parte de trás de uma pata enorme, ele tocou na mandíbula de Richard.

Richard tocou no rosto liso dele enquanto sorria. "Ela se foi. Não vou mais ficar com uma barba."

O nariz de Gratch enrugou mostrando aversão. Soltou um grunhido gorgolejante de desgosto.

Richard riu. "Vai se acostumar com isso." Eles ficaram sentados ali, na calmaria do amanhecer. "Você sabe, Gratch, que eu sou um mago?"

Gratch soltou uma risada gutural e franziu o rosto como se estivesse duvidando. Richard ficou imaginando como um gar poderia saber o que era um mago.

Gratch nunca falhou em surpreendê-lo com o que sabia, com o que conseguia captar.

"Não, verdade. Eu sou. Veja, deixa eu mostrar; vou fazer fogo."

Richard esticou a palma da mão. Chamou o poder do centro de calmaria. Não importa o quanto tentasse, nada aconteceu. Não conseguiu fazer mais do que uma centelha. Ele suspirou enquanto Gratch soltava uma risada que mais parecia um rugido, suas asas agitando com a piada.

Uma lembrança repentina lhe ocorreu - algo que Denna falou. Ele havia perguntado para ela como tinha feito todas aquelas coisas com magia. Ela olhou para ele com aquele sorriso que mostrava paz, e disse, fique orgulho por ter feito as escolhas certas, Richard, as escolhas que permitiram que acontecesse o que aconteceu, mas não deposite arrogância no seu coração acreditando que tudo que aconteceu foi um feito seu.

Richard ficou imaginando onde estaria o sentido. Percebeu que havia muito para aprender antes que se tornasse um verdadeiro mago. Ele nem tinha certeza se queira ser um mago, mas agora ele aceitava quem era - alguém nascido com o dom, nascido para ser *a pedra no lago*, filho de Darken Rahl, mas sortudo o bastante para ter

sido criado por pessoas que o amavam. Sentiu o cabo da espada no cotovelo. Ela havia sido feita para ele.

Ele era o Seeker. O verdadeiro Seeker.

Os pensamentos de Richard tocaram novamente o espírito que havia trazido para ele mais felicidade do que havia causado dor em vida. Estava profundamente contente que Denna tivesse encontrado paz. Não poderia querer algo mais para ela, para alguém que amou.

Ele saiu de seus pensamentos e bateu no braço do gar. "Espere aqui um minuto, Gratch. vou buscar uma coisa para você."

Richard correu para a cozinha e pegou uma perna de carneiro. Quando ele voltou descendo os degraus, Gratch dançou pulando de um lado para outro de animação. Juntos, eles sentaram nos degraus, Richard tomando sua sopa, e Gratch rasgando a carne com suas presas.

Quando eles acabaram - Gratch tinha comido até o osso - Richard tirou do bolso um longo tufo do cabelo de Kahlan.

"Isso é da mulher que eu amo." Gratch observou, então levantou os olhos enquanto esticava o braço lentamente. "Quero que fique com ele. Falei para ela sobre você, e o que significa para mim. Ela amará você do mesmo jeito que eu, Gratch. Nunca vai mandar você embora. Pode ficar conosco sempre que quiser, pelo tempo que quiser. Aqui, devolva ele um instante."

Gratch entregou o cabelo. Richard tirou a correia que segurava o dente de Scarlet. Ele não serviria para mais nada; já tinha chamado ela com ele. Ele amarrou o tufo de cabelo na correia, e então passou a coisa toda por cima da cabeça de Gratch.

Com uma garra, Gratch tocou no longo cabelo. O sorriso dele enrugou seu nariz e mostrou o tamanho de suas presas.

"Irei me encontrar com ela agora. Gostaria de ir comigo?"

Gratch assentiu mostrando entusiasmo, sua cabeça subindo e descendo, suas orelhas balançando, e suas asas batendo.

Richard olhou para a cidade. Tropas estavam se movendo. Várias tropas. Tropas da Ordem Imperial. Não demoraria muito até que eles tivessem coragem de investigar a morte do Conselho, mesmo se aquilo tivesse sido feito pelas mãos de um mago.

Richard sorriu. “Então acho que é melhor eu encontrar um cavalo, e poderemos seguir nosso caminho. Acho que seria melhor ficar bem longe daqui.”

Ele observou o dia clareando. Uma brisa com um toque de calor sacudiu sua capa de mriswith. Daqui a pouco seria primavera.

Fim